Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda

Sir Thomas Malory

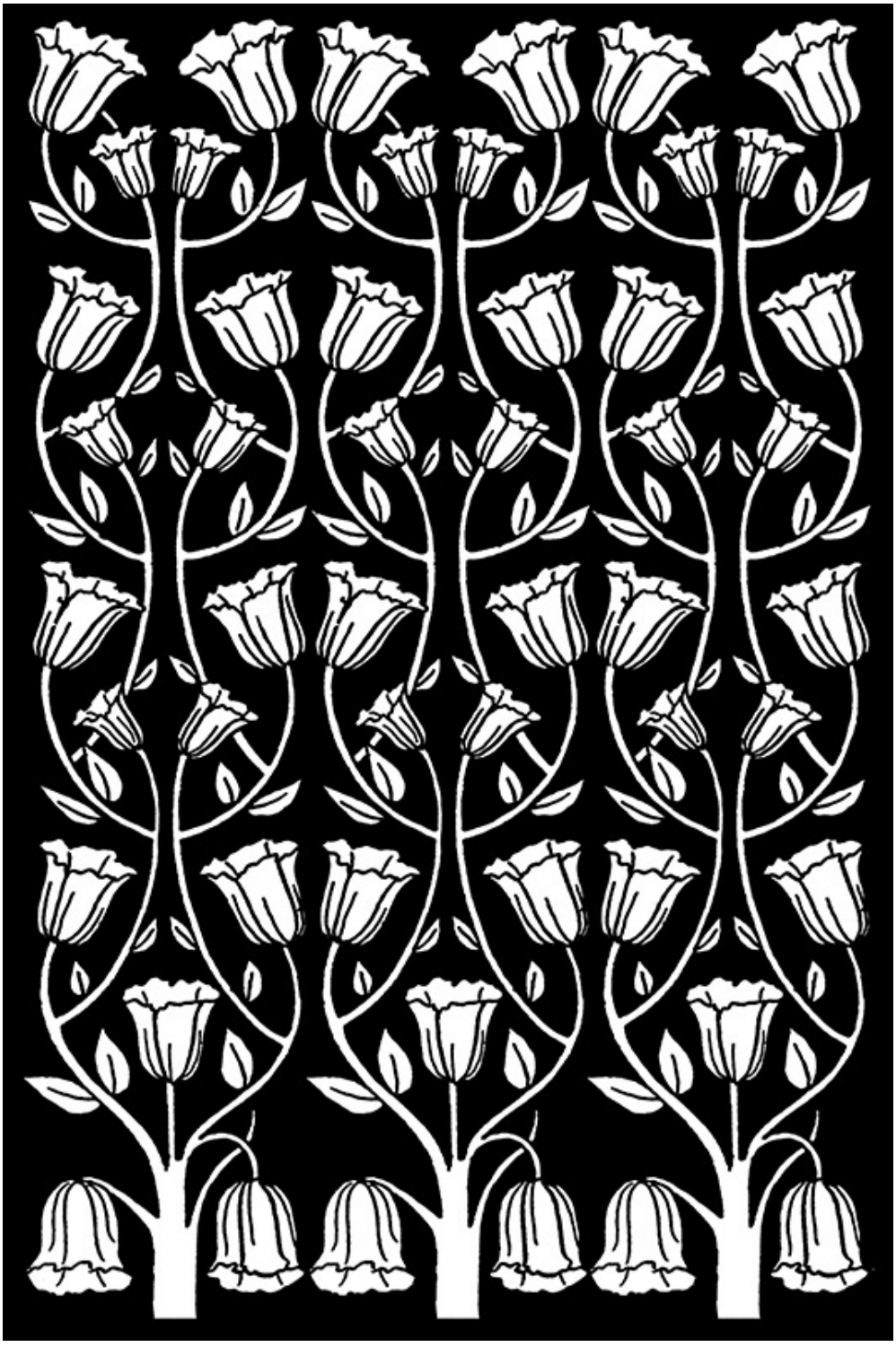


ILUSTRAÇÕES Aubrey Beardsley PREFÁCIO William Caxton TRADUÇÃO Maria Helena Rouanet

EDITORA NOVA FRONTEIRA

A morte de Arthur

VOLUMES 1 & 2



A morte de Arthur

VOLUMES 1 E 2

Sir Thomas Malory

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA





VOLUME 1

Prefácio de Caxton à edição de MDCCCXLV
Súmula das rubricas do conteúdo dos capítulos
Livro I
Livro II
Livro III
Livro IV
Livro V

Livro VI
Livro VII
Livro VIII
Livro IX

VOLUME 2

Livro X
Livro XI
Livro XII
Livro XIII
Livro XIV
Livro XV
Livro XVI
Livro XVII
Livro XVIII
Livro XIX
Livro XX
Livro XXI



A morte de Arthur

VOLUME 1

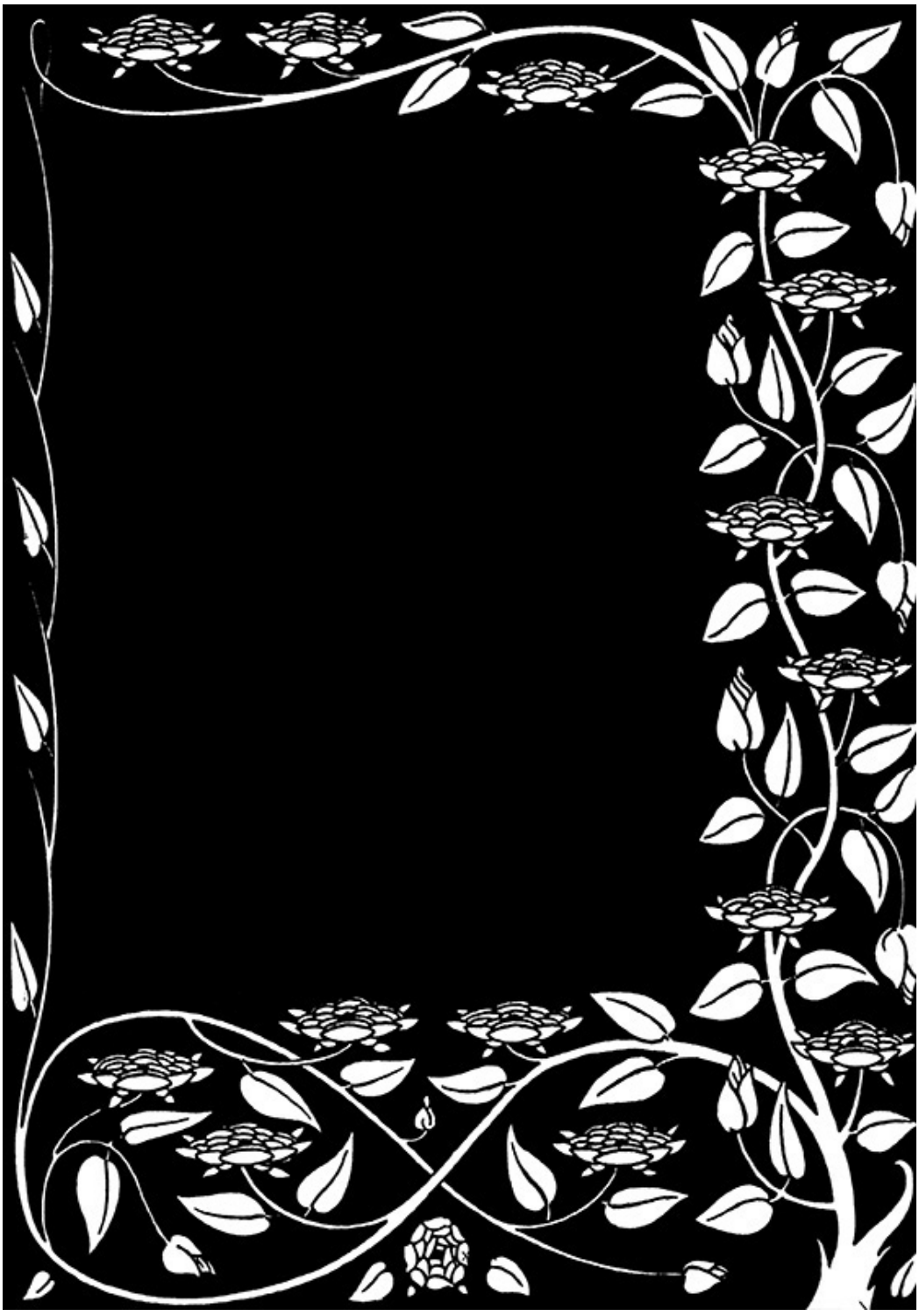
Sir Thomas Malory

ILUSTRAÇÕES
Aubrey Beardsley

PREFÁCIO
William Caxton

TRADUÇÃO
Maria Helena Rouanet

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



PREFÁCIO DE CAXTON À EDIÇÃO DE MDCCCXLV

epois que realizei e concluí diversas narrativas, bem como me debrucei sobre outros feitos históricos e mundanos de grandes conquistadores e príncipes, além de certos livros exemplares e de doutrina, vários nobres e cavalheiros da Inglaterra vieram me perguntar, muitas e repetidas vezes, por que eu não havia feito e dado à impressão a nobre história do Santo Graal e do mais célebre rei cristão, o primeiro e o principal dos três melhores cristãos valorosos, o distinto Rei Arthur, que deveria ser lembrado por nós, ingleses, encabeçando a lista de todos os outros reis cristãos. Pois é notório que foram nove os melhores e mais valorosos homens que jamais existiram em todo o mundo, a saber: três pagãos, três judeus e três cristãos. Quanto aos pagãos, que existiram antes da Encarnação de Cristo, o primeiro foi Heitor de Troia, cuja história é contada tanto em balada quanto em prosa; o segundo foi Alexandre, o Grande; e o terceiro, Júlio César, imperador de Roma, cujas histórias são registradas e bem conhecidas. O primeiro dos três judeus, também eles anteriores à Encarnação de Nosso Senhor, foi o duque Josué, que conduziu os filhos de Israel até a Terra da Promissão; o segundo foi David, rei de Jerusalém; o terceiro foi Judas Macabeu, e todos os três têm seus nobres feitos e histórias narrados na Bíblia. E, depois da referida Encarnação, existiram três eminentes cristãos considerados e admitidos por todo o mundo entre esses nove homens melhores e mais valorosos. O primeiro deles foi o nobre Arthur, cujos feitos igualmente nobres tenho por propósito escrever no livro que se segue. O segundo foi Carlos Magno, ou Carlos, o Grande, cuja história se encontra em várias obras, tanto em francês quanto em inglês. E o terceiro e último foi Godofredo de Bouillon, sobre cujos atos e vida fiz um livro dedicado ao excelente príncipe e Rei Eduardo IV, de ilustre memória.

Os referidos cavalheiros logo me pediram que imprimisse o volume sobre o nobre e conquistador Rei Arthur e seus cavaleiros, contando a história do Santo Graal e relatando a morte e o fim do dito Arthur. Todos afirmavam que eu deveria

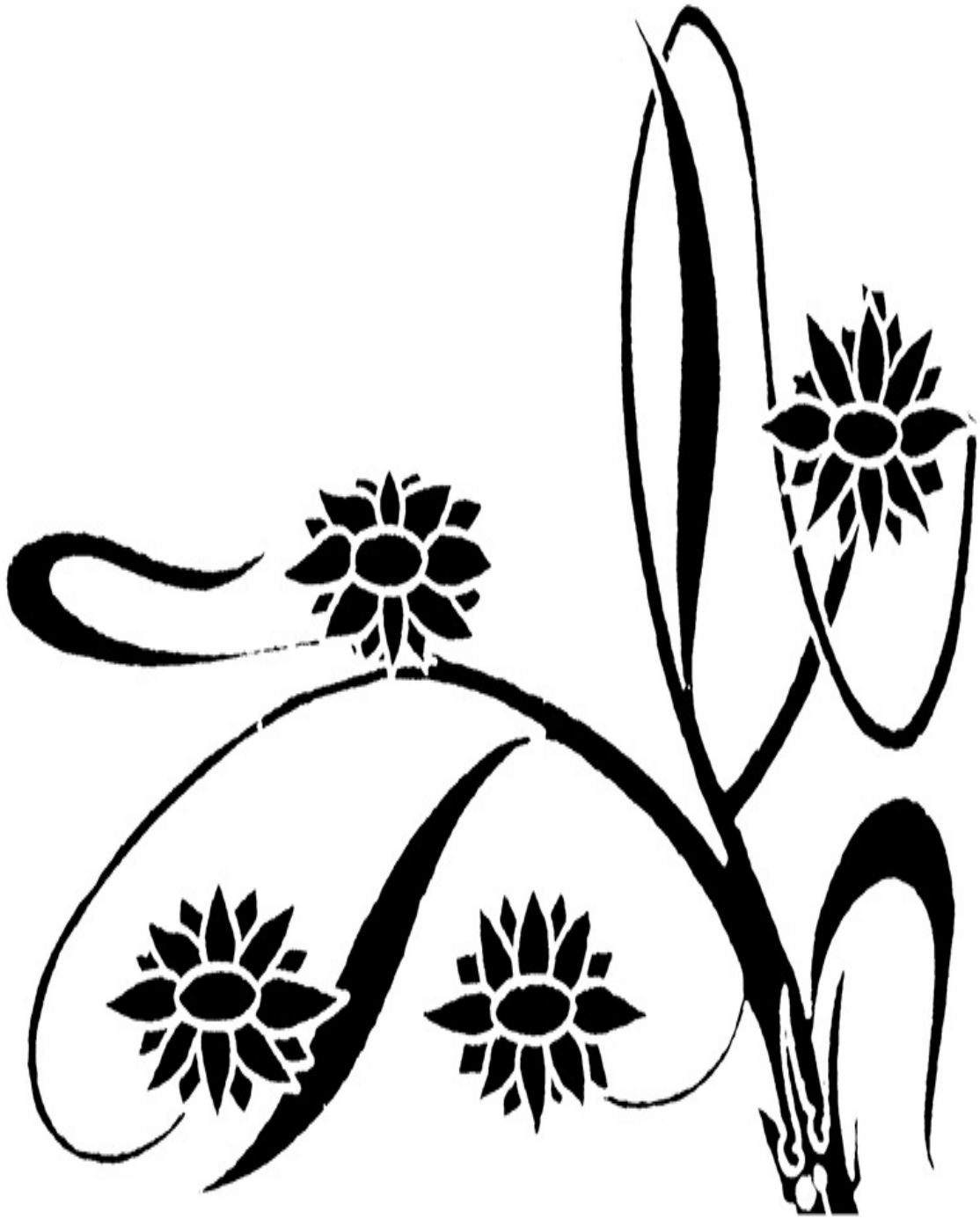
imprimir os seus atos e feitos antes dos de Godofredo de Bouillon ou de qualquer outros dos oito, considerando-se que ele era um homem nascido neste reino e que foi seu rei e imperador; e que já existiam em francês diversos tomos relatando tanto seus atos quanto os dos seus cavaleiros. Respondi a tais requisições dizendo que muitos homens eram de opinião que tal Arthur jamais existira e que todos esses livros a seu respeito não passavam de fábulas e invencionices, já que algumas crônicas não fazem menção a ele, nem recordam nada a seu respeito ou acerca dos seus cavaleiros. Ao que todos retrucaram e um deles, em especial, disse que aquele que afirmasse que nunca existiu um rei chamado Arthur poderia perfeitamente ser taxado de tolo ou de cego, uma vez que havia tantas evidências do contrário e, antes de mais nada, pode-se encontrar a sua sepultura no Monastério de Glastonbury. Ademais, no *Polychronicon*, livro quinto, capítulo seis, e no livro sétimo, capítulo vinte e três, registra-se onde o seu corpo foi sepultado e, depois, encontrado e trasladado para o referido monastério. Também se pode ver na história de Bocaccio, *De Casu Principum*, parte dos seus feitos grandiosos bem como sua queda. Há ainda Galfridus, que, no seu livro britânico, relata a sua vida e, em diversos locais da Inglaterra, existem lembranças desse rei e de seus cavaleiros que hão de durar eternamente. Primeiro, na Abadia de Westminster, na capela de Santo Eduardo, onde ainda se pode ver a marca do seu selo em cera vermelha encerrado num cristal de berilo e contendo a inscrição PATRICIUS ARTHURUS, BRITANNIE, GALLIE, GERMANIE, DACIE, IMPERATOR. Também no castelo de Dover se encontram o crânio de Gawaine e o manto de Craddock; em Winchester, a Távola Redonda; em outros lugares, a espada de Lancelote e outras coisas mais. Considerando-se todas essas peças, nenhum homem razoável pode negar que houve nesta terra um rei chamado Arthur. Pois em todas as paragens, cristãs ou pagãs, ele é famoso e incluído entre os nove valorosos, e apontado como o primeiro dos três cristãos. E fala-se mais dele do outro lado do oceano; existem mais livros sobre os seus nobres feitos do que na Inglaterra, seja em holandês, em italiano, em espanhol, em grego e em francês. Existem ainda, como testemunho de sua existência, na cidade de Camelot, em Gales, as grandes pedras e os magníficos trabalhos em ferro que se encontram sob o solo, bem como as abóbadas reais que foram vistas por muitos que ainda vivem. É, portanto, espantoso que ele não seja mais célebre em seu país, a não ser segundo a palavra de Deus, que diz que ninguém é admitido como profeta na sua própria terra.

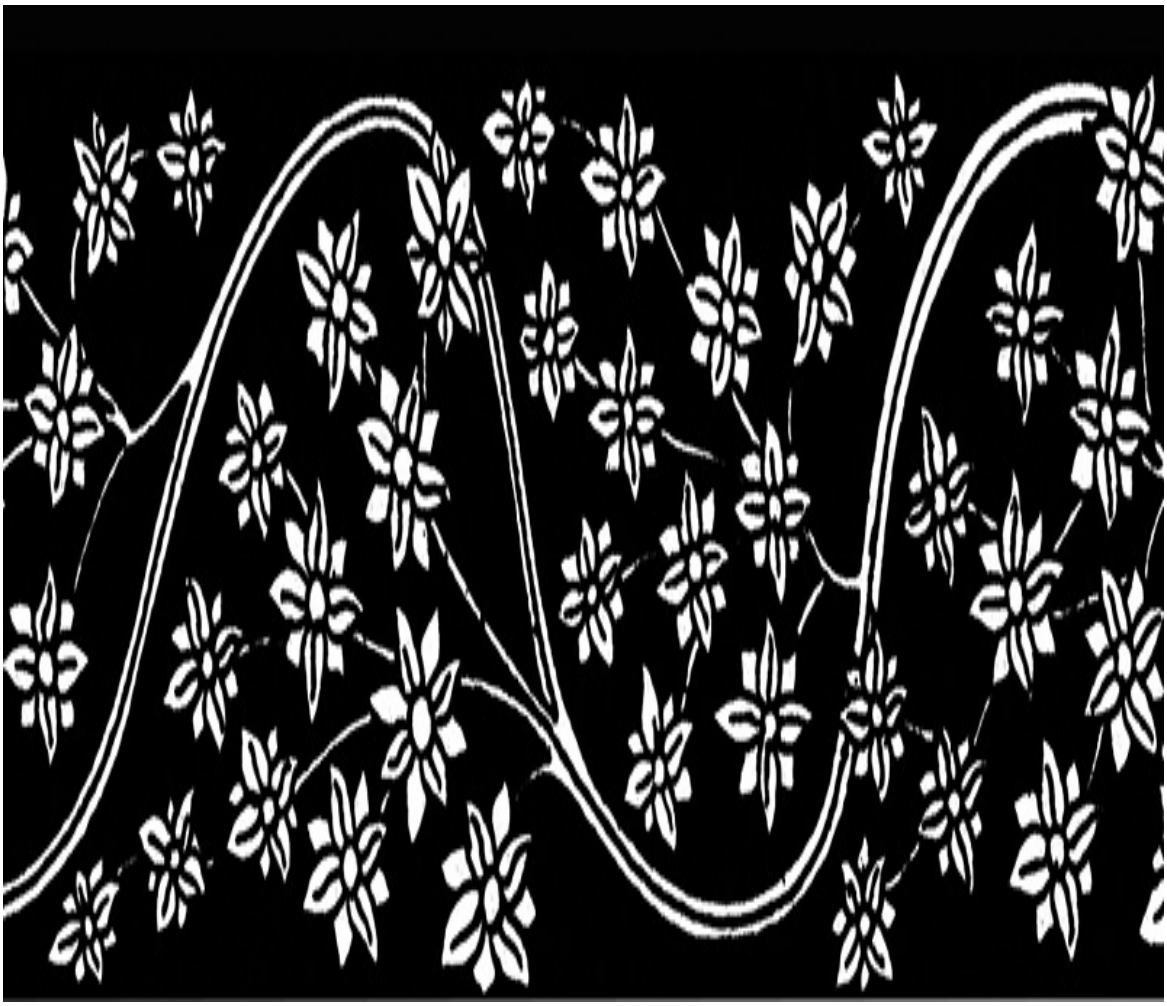
Assim, diante de tudo o que foi anteriormente alegado, eu não podia negar que existiu tal valoroso rei chamado Arthur, considerado um dos nove maiores, e o primeiro e principal entre os cristãos; e que vários volumes ilustres foram compostos a seu respeito bem como a respeito dos seus cavaleiros em francês, textos que vi e li além-mar e que não existem em nossa língua materna, mas em galês e também em francês, e apenas uns poucos relatos em inglês, nada além

disso. E, como há pouco alguns foram passados para o inglês, resolvi, com as modestas habilidades que Deus me concedeu, e graças ao favor e à colaboração de todos aqueles ilustres senhores e cavalheiros, dar ao prelo um livro contando as nobres histórias do referido Rei Arthur e de alguns de seus cavaleiros, a partir de um manuscrito que me foi entregue, manuscrito este que Sir Thomas Malory extraiu de certos livros franceses e traduziu para o inglês. E eu, de acordo com o meu exemplar, o fiz imprimir no intuito de dar a ver e a conhecer àqueles dignos varões os nobres feitos da cavalaria; as gentis e virtuosas façanhas que certos cavaleiros realizavam naquele tempo e graças as quais alcançaram honra; como os malvados foram punidos e como tantas vezes recaíram sobre eles a vergonha e a censura; rogando humildemente a todos os senhores e senhoras, bem como aos demais estados, seja qual for o seu grau ou condição, que vierem a ver e a ler este livro que se lembrem sempre das boas e honestas ações e sigam os seus exemplos. Todos poderão encontrar aqui diversas histórias alegres e agradáveis, nobres e célebres atos de humanidade, de gentileza e de espírito cavalheiresco. Poderão encontrar aqui a nobre cavalaria, a cortesia, a humanidade, a amistosidade, a bravura, o amor, a amizade, a covardia, o crime, o ódio, a virtude e o pecado. Segui o exemplo do bem e deixai de lado o mal, e isso vos levará ao bom nome e ao reconhecimento. E, para passar o tempo, este livro será de leitura agradável, mas tendes toda liberdade quanto a acreditar que os feitos aqui relatados sejam verdadeiros. Tudo, porém, foi escrito visando à nossa doutrina e a nos alertar para não trilharmos o caminho do mal ou do pecado, e sim exercitarmos e praticarmos a virtude através da qual podemos alcançar o bom nome e o reconhecimento nesta vida e, depois desta vida breve e transitória, ser admitidos na eterna bem-aventurança do céu, graça que nos é concedida por quem ali reina, a Santíssima Trindade. Amém.

Dando, pois, seguimento a este livro, dirijo-me a todos os nobres príncipes, senhores e senhoras, cavalheiros e damas que desejem ler ou ouvir a ilustre e prazerosa história do grande conquistador e excelente rei que foi Arthur, aquele que, em outros tempos, reinou sobre este nobre reino então chamado Bretanha, eu, William Caxton, pessoa modesta, apresento o livro que aqui tendes e que decidi imprimir e que trata dos valorosos atos, das façanhas em armas da cavalaria, das proezas, da bravura, da humanidade, do amor, da cortesia e da gentileza, com várias histórias e aventuras. E para dar a entender de forma breve o conteúdo deste volume, eu o dividi em vinte e um livros, cada um deles dividido em capítulos, como se verá a seguir, com a graça de Deus. O primeiro livro contará como Uther Pendragon gerou o nobre conquistador Arthur e contém vinte e oito capítulos. O segundo trata do valoroso cavaleiro Balin e contém dezenove capítulos. O terceiro relata o casamento do Rei Arthur com a Rainha Guinevere, bem como alguns outros assuntos, e contém quinze capítulos. O quarto livro trata de como Merlin se

apaixonou perdidamente e da guerra que se travou contra o Rei Arthur, e contém vinte e nove capítulos. O quinto livro relata a conquista de Lucio, o imperador, e contém doze capítulos. O sexto livro trata de Lancelote e Leonel e de suas magníficas aventuras, e contém dezoito capítulos. O sétimo livro trata de um nobre cavaleiro chamado Sir Gareth, a quem Sir Kay denominou Beaumains, e contém trinta e seis capítulos. O oitavo livro narra o nascimento de Sir Tristão, o nobre cavaleiro, e de seus feitos, e contém quarenta e quatro capítulos. O nono livro trata de um cavaleiro que Sir Kay denominou La Cote Mal Taillée, e também de Sir Tristão, e contém quarenta e quatro capítulos. O décimo livro trata de Sir Tristão e outras aventuras maravilhosas, e contém oitenta e oito capítulos. O décimo primeiro livro trata de Sir Lancelote e de Sir Galahad, e contém quatorze capítulos. O décimo segundo livro trata de Sir Lancelote e de sua loucura, e contém quatorze capítulos. O décimo terceiro livro relata como Sir Galahad chegou pela primeira vez à corte do Rei Arthur e o início da demanda do Santo Graal, e contém vinte capítulos. O décimo quarto livro narra a demanda do Santo Graal e contém dez capítulos. O décimo quinto livro trata de Sir Lancelote e contém seis capítulos. O décimo sexto livro trata de Sir Bors e de Sir Leonel, seu irmão, e contém dezessete capítulos. O décimo sétimo livro trata do Santo Graal e contém vinte e três capítulos. O décimo oitavo livro trata de Sir Lancelote e da rainha, e contém vinte e cinco capítulos. O décimo nono livro trata da Rainha Guinevere e de Lancelote, e contém treze capítulos. O vigésimo livro relata a lamentável morte de Arthur e contém vinte e dois capítulos. O vigésimo primeiro livro relata a sua última viagem e como Sir Lancelote veio a vingar sua morte, e contém treze capítulos. O resultado são vinte e um livros, contendo ao todo quinhentos e sete capítulos, como se verá mais claramente a seguir.





SÚMULA DAS RUBRICAS DO CONTEÚDO DOS CAPÍTULOS

Sumário do primeiro livro do Rei Arthur

Como Uther Pendragon mandou chamar o Duque da Cornualha e sua esposa Igraine, e a súbita partida de ambos.

Como Uther Pendragon declarou guerra ao Duque da Cornualha e como, graças aos sortilégios de Merlin, deitou-se com a duquesa e Arthur foi concebido.

Do nascimento do Rei Arthur e de sua criação.

Da morte do Rei Uther Pendragon.

Como Arthur foi escolhido rei e as maravilhas e os prodígios de uma espada retirada da pedra pelo dito Arthur.

Como o Rei Arthur retirou a espada da pedra repetidas vezes.

Como o Rei Arthur foi coroado e como nomeou seus oficiais.

Como o Rei Arthur ofereceu, em Gales, no dia de Pentecostes, um grande banquete e que reis e nobres compareceram a tal festividade.

Da primeira guerra travada pelo Rei Arthur e de como ele venceu no campo de batalha.

Como Merlin aconselhou o Rei Arthur a convocar os Reis Ban e Bors, e o conselho de guerra por eles realizado.

Do grande torneio organizado pelo Rei Arthur e os dois reis Ban e Bors, e como eles se fizeram ao mar.

Como onze reis se uniram em uma grande hoste contra o Rei Arthur.

De um sonho do Rei dos Cem Cavaleiros.

Como os onze reis e suas hostes combateram Arthur e seu exército, e muitas grandes façanhas da guerra.

Ainda a mesma batalha.

Mais sobre a mesma batalha.

Ainda mais sobre a mesma batalha e de como Merlin pôs fim a ela.

Como os reis Arthur, Ban e Bors resgataram o Rei Leodegrance, e outros incidentes.

Como o Rei Arthur cavalgou até Carlion e sobre seu sonho, e como ele viu a Besta Ladradora.

Como o Rei Pelinore pegou o cavalo de Arthur para perseguir a Besta Ladradora, e como Merlin se encontrou com Arthur.

Como Ulfius acusou a Rainha Igraine, mãe de Arthur, de traição, e como surgiu um cavaleiro desejando vingar a morte de seu senhor.

Como Griflet foi sagrado cavaleiro e enfrentou outro cavaleiro em uma justa.

Como doze cavaleiros chegaram de Roma e quiseram cobrar tributos da terra de Arthur, e como Arthur enfrentou um cavaleiro.

Como Merlin salvou a vida de Arthur e lançou um feitiço sobre o Rei Pellinore, fazendo-o adormecer.

Como Arthur, com o auxílio de Merlin, conseguiu sua espada, Excalibur, com a Dama do Lago.

Como chegaram aos ouvidos do monarca as notícias de que o Rei Rience havia derrotado os onze reis e desejava ornar seu manto com a barba de Arthur.

Como se ordenou que procurassem todas as crianças nascidas em primeiro de maio e como Mordred se salvou.

O livro segundo

De uma donzela que veio trazendo uma espada à cinta e tentava encontrar um homem tão virtuoso que fosse capaz de sacá-la de sua bainha.

Como Balin, trajado como um pobre cavaleiro, sacou da espada que viria a ser a causa de sua morte.

Como a Dama do Lago pediu a cabeça do cavaleiro que conquistara a espada ou, então, a cabeça da donzela.

Como Merlin narrou a aventura de tal donzela.

Como Balin foi perseguido por Sir Lanceor, cavaleiro da Irlanda, e como eles se enfrentaram e Balin o matou.

Como uma donzela, que estava apaixonada por Lanceor, matou-se por amor e como Balin encontrou Balan, seu irmão.

Como um anão censurou Balin pela morte de Lanceor, e como o Rei Marcos da Cornualha encontrou os dois corpos e erigiu um sepulcro para eles.

Como Merlin profetizou que dois dos melhores cavaleiros do reino se enfrentariam naquele local; esses dois eram Sir Lancelote e Sir Tristão.

Como Balin e seu irmão, seguindo o conselho de Merlin, capturaram o Rei Rience e o levaram à presença do Rei Arthur.

Como o Rei Arthur travou uma batalha contra Nero e o Rei Lot, de Orkney; como este último foi iludido por Merlin e como doze reis acabaram mortos.

Do sepultamento dos doze reis e da profecia de Merlin, e como Balin daria o golpe doloroso.

Como um cavaleiro desconsolado se apresentou perante Arthur; como Balin foi buscá-lo e como esse cavaleiro foi assassinado por um cavaleiro invisível.

Como Balin e a donzela encontraram um cavaleiro que havia sido morto da mesma forma e como tal donzela foi sangrada de acordo com o costume de um castelo.

Como Balin enfrentou o cavaleiro chamado Garlon em uma festividade e o matou ali mesmo, usando seu sangue para curar o filho de seu anfitrião.

Como Balin combateu o Rei Pellam; como sua espada se quebrou e como ele conseguiu uma lança com a qual desferiu o Golpe Doloroso.

Como Balin foi libertado por Merlin e salvou um cavaleiro que pretendia matar-se por amor.

Como esse cavaleiro matou sua amada e um cavaleiro que estava deitado a seu lado, e, depois, matou-se com a própria espada, e como Balin cavalgou até um castelo onde perdeu a vida.

Como Balin enfrentou seu irmão Balan e como um matou o outro sem terem se reconhecido, a não ser quando já estavam mortalmente feridos.

Como Merlin enterrou ambos em uma sepultura, e da espada de Balin.

Seguem-se os capítulos do livro terceiro

Como o Rei Arthur encontrou uma esposa e se casou com Guinevere, filha de Leodegrance, rei da terra de Cameliard, de quem recebeu a Távola Redonda.

Como os cavaleiros da Távola Redonda foram sagrados e seus assentos, abençoados pelo Bispo de Canterbury.

Como um pobretão montando uma égua esquálida pediu que o Rei Arthur fizesse de seu filho um cavaleiro.

Como Sir Tor foi reconhecido como filho do Rei Pellinore e como Gawaine foi sagrado cavaleiro.

Como, durante o banquete do casamento do Rei Arthur com Guinevere, surgiu no salão um cervo branco seguido por trinta pares de cães de caça, e como uma cadela alcançou o cervo e foi levada embora.

Como Sir Gawaine saiu cavalgando para trazer de volta o cervo, e como dois irmãos lutaram entre si pelo animal.

Como o cervo foi perseguido até o interior de um castelo e morto ali dentro, e como Sir Gawaine matou uma donzela.

Como quatro cavaleiros enfrentaram Gawaine e Gaheris; como estes foram derrotados e tiveram a vida salva a pedido de quatro damas.

Como Sir Tor cavalgou em perseguição ao cavaleiro com a cadela e suas aventuras durante sua jornada.

Como Sir Tor foi encontrar a cadela com uma dama e como um cavaleiro o atacou por causa do referido animal.

Como Sir Tor derrotou o cavaleiro e como este perdeu a cabeça a pedido de uma dama.

Como o Rei Pellinore saiu em perseguição à dama e ao cavaleiro que a levara embora; como a dama desejou ajuda e como ele enfrentou dois cavaleiros por essa dama, matando um deles com o primeiro golpe.

Como o Rei Pellinore se apoderou da dama e a levou até Camelot, para a corte do Rei Arthur.

Como, durante o trajeto, enquanto dormia à noite em um vale, ele ouviu dois cavaleiros que relatavam suas aventuras.

Como, ao chegar de volta a Camelot, jurou sobre um livro que contaria a verdade sobre a sua demanda.

Seguem-se os capítulos do livro quarto

Como Merlin se deixou seduzir e se apaixonou por uma das damas do lago, e como ele foi encerrado sob uma pedra e ali morreu.

Como cinco reis vieram até aquelas terras para guerrear contra o Rei Arthur e que conselho lhes deram para enfrentá-lo.

Como o Rei Arthur enfrentou, derrotou e matou os cinco reis fazendo com que os demais debandassem.

Como terminou a batalha antes de sua chegada, e como o Rei Arthur mandou erigir uma abadia no local onde se travou o combate.

Como Sir Tor foi sagrado cavaleiro da Távola Redonda, e como Bagdemagus ficou irritado com isto.

Como os reis Arthur e Uriens e Sir Accolon de Gaula perseguiram um cervo e suas maravilhosas aventuras.

Como Arthur decidiu lutar para se libertar da prisão e também para libertar vinte cavaleiros que estavam encarcerados.

Como Accolon se viu junto de um poço e resolveu combater o Rei Arthur.

Da batalha entre o Rei Arthur e Accolon.

Como a espada com a qual lutava o Rei Arthur se quebrou e como ele recuperou a própria espada, Excalibur, e derrotou o inimigo.

Como Accolon confessou a traição da Fada Morgana, irmã de Arthur, e como ela queria vê-lo morto.

Como Arthur reconciliou os dois irmãos e libertou os vinte cavaleiros, e como morreu Sir Accolon.

Como Morgana tentou matar o marido, Sir Uriens, e como seu filho, Sir Uwaine, o salvou.

Como a Rainha Morgana, a Fada, lamentou profundamente a morte de Accolon e como roubou a bainha da espada de Arthur.

Como Morgana, a Fada, salvou um cavaleiro que ia ser afogado, e como Rei Arthur voltou para casa.

Como a Donzela do Lago salvou Arthur de um manto que o teria queimado.

Como Sir Gawaine e Sir Uwaine encontraram doze formosas donzelas e como elas se queixaram de Sir Marhaus.

Como Sir Marhaus enfrentou Sir Gawaine e Sir Uwaine em uma justa, e derrotou ambos.

Como Sir Marhaus, Sir Gawaine e Sir Uwaine encontraram três donzelas e cada qual ficou com uma delas.

Como um cavaleiro e um anão se enfrentaram por uma dama.

Como o Rei Pelleas se deixou aprisionar porque, assim, poderia avistar a sua dama, e como Sir Gawaine lhe prometeu conseguir para ele o amor de tal dama.

Como Sir Gawaine foi procurar Lady Ettard e como Sir Pelleas os encontrou dormindo.

Como Sir Pelleas deixou de amar Lady Ettard graças aos artifícios da Donzela do Lago, que ele passou a amar para todo o sempre.

Como Sir Marhaus saiu cavalgando com a donzela e como chegou ao Duque das Terras do Sul.

Como Sir Marhaus enfrentou o duque e seus quatro filhos e fez com que todos a ele se rendessem.

Como Sir Uwaine cavalgou com a donzela de sessenta anos de idade e como ganhou o prêmio de um torneio.

Como Sir Uwaine enfrentou e derrotou dois cavaleiros.

Como, no final do ano, os três cavaleiros e suas três donzelas se encontraram junto à fonte.

Do livro quinto seguem-se os capítulos

Como doze anciãos, embaixadores de Roma, vieram cobrar do Rei Arthur tributos pela Bretanha.

Como reis e nobres prometeram suporte e ajuda ao Rei Arthur contra os romanos.

Como o Rei Arthur convocou um Parlamento em York e determinou como o reino seria governado durante sua ausência.

Como o Rei Arthur, deitado na cama do navio em que havia embarcado, teve um sonho maravilhoso e sua explicação.

Como um homem da região lhe falou sobre um gigante assombroso e como ele o enfrentou e venceu.

Como o Rei Arthur enviou Sir Gawaine e outros homens até Lucius, e como eles foram atacados e conseguiram escapar com honra.

Como Lucius enviou certos espiões em emboscada para recapturar seus homens que haviam sido feitos prisioneiros, e como eles foram impedidos de fazê-lo.

Como um senador relatou ao imperador a derrota de suas tropas e também da grande batalha travada entre Arthur e Lucius.

Como Arthur, depois de concluída a batalha contra os romanos, adentrou a Germânia e também a Itália.

De uma batalha travada por Sir Gawaine contra um sarraceno que, depois, se rendeu e se tornou cristão.

Como os sarracenos saíram de um bosque para resgatar suas feras e a grande batalha que se sucedeu.

Como Sir Gawaine voltou para a corte do Rei Arthur com seus prisioneiros e como o rei conquistou uma cidade e foi coroado imperador.

Seguem-se os capítulos do livro sexto

Como Sir Lancelote e Sir Leonel partiram da corte e como este último deixou o primeiro dormindo e acabou sendo capturado.

Como Sir Hector saiu à procura de Sir Lancelote e acabou capturado por Sir Turquine.

Como quatro rainhas encontraram Sir Lancelote dormindo, e como, por meio de um encantamento, ele foi transportado para um castelo.

Como Sir Lancelote foi libertado graças ao auxílio de uma donzela.

Como um cavaleiro encontrou Sir Lancelote dormindo na cama de sua amante, e como Sir Lancelote lutou contra tal cavaleiro.

Como Sir Lancelote foi recebido pela filha do Rei Bagdemagus e como se queixou ao pai da moça.

Como Sir Lancelote se saiu em um torneio e como encontrou Sir Turquine, que conduzia Sir Gaheris.

Como Sir Lancelote e sir Turquine se enfrentaram.

Como Sir Turquine foi morto, e como Sir Lancelote mandou que Sir Gaheris libertasse todos os prisioneiros.

Como Sir Lancelote saiu cavalgando com uma donzela, matou um cavaleiro que importunava todas as damas e também um aldeão que protegia uma ponte.

Como Sir Lancelote matou dois gigantes e libertou um castelo.

Como Sir Lancelote cavalgou disfarçado com a armadura de Sir Kay e como feriu um cavaleiro.

Como Sir Lancelote enfrentou quatro cavaleiros da Távola Redonda em uma justa e venceu todos.

Como Sir Lancelote seguiu uma cadela até um castelo onde encontrou um cavaleiro morto, e como, depois, uma donzela lhe rogou que curasse o seu irmão.

Como Sir Lancelote entrou na Capela Perigosa e, lá dentro, retirou um pedaço de tecido e uma espada de um cadáver.

Como, a pedido de uma dama, Sir Lancelote recuperou um falcão e como foi enganado.

Como Sir Lancelote derrotou um cavaleiro que perseguia a esposa para matá-la e em que termos se dirigiu a ele.

Como Sir Lancelote chegou à corte do Rei Arthur e como seus nobres feitos e façanhas foram ali relatados.

Seguem-se os capítulos do livro sétimo

Como Bellesmains se apresentou à corte do Rei Arthur e lhe fez três reivindicações.

Como Sir Lancelote e Sir Gawaine ficaram furiosos porque Sir Kay zombou de Bellesmains, e como apareceu uma donzela à procura de um cavaleiro para combater em nome de uma dama.

Como Bellesmains se ofereceu para o confronto, o que lhe foi concedido, e como ele desejou tornar-se um cavaleiro de Sir Lancelote.

Como Bellesmains partiu, como obteve de Sir Kay uma lança e um escudo, e como enfrentou Sir Lancelote em uma justa.

Como Bellesmains disse a Sir Lancelote como se chamava, como foi por este sagrado cavaleiro e, depois, seguiu a donzela.

Como Bellesmains enfrentou e matou dois cavaleiros em uma estreita passagem.

Como Bellesmains enfrentou o Cavaleiro das Terras Negras e lutou até seu adversário cair morto.

Como o irmão do cavaleiro que foi morto enfrentou Bellesmains e lutou com este até se render.

Como a donzela voltou a censurar Bellesmains, dizendo-lhe que jamais o aceitaria em sua mesa e chamando-o de ajudante de cozinha.

Como o terceiro dos irmãos, denominado Cavaleiro Vermelho, justou e lutou com Bellesmains, mas não saiu vencedor.

Como Sir Bellesmains recebeu duras críticas da donzela e as aceitou pacientemente.

Como Bellesmains enfrentou Sir Persant da Índia e o obrigou a se render.

Da conversa amistosa que travaram Sir Persant e Bellesmains e como este lhe revelou que seu nome era Sir Gareth.

Como a dama cujo castelo estava sitiado recebeu notícias da irmã dizendo-lhe que havia trazido um cavaleiro para lutar por ela, e que batalhas ele havia travado.

Como a donzela e Bellesmains chegaram ao local sitiado e se detiveram junto a uma figueira. Ali, Bellesmains fez soar uma trombeta e, então, o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas se apresentou para lutar com ele.

Como os dois cavaleiros se encontraram, as palavras que trocaram e como começou o combate.

Como, depois de uma longa luta, Bellesmains derrotou o cavaleiro e o teria matado, mas, a pedido dos senhores, poupou a sua vida e o obrigou a render-se à dama.

Como o cavaleiro se rendeu, e como Bellesmains o fez ir à corte do Rei Arthur para implorar por clemência a Sir Lancelote.

Como Bellesmains foi ao encontro da dama, mas, ao chegar ao castelo, deu com os portões fechados, e em seguida o relato do que lhe disse a tal dama.

Como Sir Bellesmains partiu para salvar o seu anão e chegou ao castelo onde ele se encontrava.

Como Sir Gareth, também chamado Bellesmains, se apresentou à sua dama, e como eles se conheceram, e do amor que nasceu entre os dois.

Como, durante a noite, apareceu um cavaleiro armado que lutou com Sir Gareth e este, seriamente ferido na coxa, decepou a cabeça de tal cavaleiro.

Como o referido cavaleiro voltou na outra noite e foi mais uma vez decapitado, e como, no banquete de Pentecostes, todos os cavaleiros que Sir Gareth havia derrotado se apresentaram para se render ao Rei Arthur.

Como o Rei Arthur os perdoou e indagou do paradeiro de Sir Gareth.

Como a rainha de Orkney compareceu a tal banquete e Sir Gawaine e seus irmãos foram lhe pedir a bênção.

Como o Rei Arthur mandou buscar Lady Liones e como ela anunciou a realização de um torneio em seu castelo ao qual compareceriam muitos cavaleiros.

Como o Rei Arthur compareceu a tal torneio com seus cavaleiros, como a dama o recebeu com todas as honras, e como os cavaleiros se enfrentaram.

Como se portaram os cavaleiros no combate.

Ainda o referido torneio.

Como Sir Gareth foi descoberto pelos arautos e como escapou do local dos combates.

Como Sir Gareth chegou a um castelo onde encontrou abrigo e como enfrentou um cavaleiro e o matou.

Como Sir Gareth lutou com um cavaleiro que mantinha trinta damas aprisionadas em seu castelo e como o matou.

Como Sir Gareth e Sir Gawaine se enfrentaram e como se reconheceram por intermédio da donzela Linet.

Como Sir Gareth confessou ao Rei Arthur que amava Lady Liones e era correspondido, e como se marcou seu casamento.

Da grande realeza, quais oficiais foram designados durante os banquetes e as justas realizadas na ocasião.

Seguem-se os capítulos do livro oitavo

Como nasceu Sir Tristão de Liones; como sua mãe morreu no parto e, por este motivo, lhe deu o nome de Tristão.

Como a madrasta de Sir Tristão encomendou veneno para envenená-lo.

Como Sir Tristão foi mandado para a França, onde foi criado por um homem chamado Gouvernail e aprendeu as artes da harpa, da falcoaria e das caçadas.

Como Sir Marhaus veio da Irlanda até a Cornualha para cobrar tributos e recebeu como resposta que teriam que lutar por isso.

Como Tristão assumiu a tarefa de lutar pelo tributo da Cornualha e como foi sagrado cavaleiro.

Como Sir Tristão chegou à ilha para participar da batalha contra Sir Marhaus.

Como Sir Tristão combateu Sir Marhaus e venceu a batalha, e como Sir Marhaus se refugiou em seu navio.

Como, depois de chegar de volta à Irlanda, Sir Marhaus morreu em consequência do ferimento causado por Sir Tristão, e como este foi ferido.

Como Sir Tristão foi entregue aos cuidados da Bela Isolda para ter seu ferimento tratado.

Como Sir Tristão venceu um torneio na Irlanda e obrigou Palamedes a não usar armadura por um ano.

Como a rainha descobriu que Sir Tristão havia matado o seu irmão, Sir Marhaus, com sua espada, e como ele se viu ameaçado.

Como Sir Tristão se despediu do rei e da Bela Isolda, deixando a Irlanda para regressar à Cornualha.

Como Sir Tristão e o Rei Marcos se feriram mutuamente pelo amor da esposa de um cavaleiro.

Como Sir Tristão se deitou com a dama e como o marido desta o enfrentou.

Como Sir Bleoberis foi em busca da mais bela dama da corte do Rei Marcos, levando-a consigo, e como foi combatido.

Como Sir Tristão enfrentou dois cavaleiros da Távola Redonda.

Como Sir Tristão lutou contra Sir Bleoberis por uma dama, e como foi dada a ela a possibilidade de escolher com qual dos dois queria partir.

Como a dama desdenhou de Sir Tristão e ficou com Sir Bleoberis, e como desejou voltar para o marido.

Como o Rei Marcos enviou Sir Tristão para a Irlanda, em busca da Bela Isolda, e como este acabou chegando à Inglaterra.

Como o Rei Agwisance, da Irlanda, foi convocado à corte do Rei Arthur sob a acusação de traição.

Como Sir Tristão resgatou um escudo das mãos de um cavaleiro e como Gouvernail lhe falou do Rei Agwisance.

Como Sir Tristão lutou por Sir Agwisance, vencendo o seu adversário, e como este jamais se rendeu.

Como Sir Blamore desejou que Sir Tristão o matasse; como este último o poupou, e como entraram em um acordo.

Como Sir Tristão pediu a Bela Isolda em nome do Rei Marcos, e como o casal bebeu a poção do amor.

Como Sir Tristão e Isolda foram aprisionados; como ele lutou por sua beldade e como decapitou outra dama.

Como Sir Tristão enfrentou Sir Breunor e, finalmente, lhe cortou a cabeça.

Como Sir Galahad enfrentou Sir Tristão, e como este acabou se rendendo e jurando amizade a Sir Lancelote.

Como Sir Lancelote encontrou Sir Carados, que havia capturado Sir Gawaine e o levava consigo, e o resgate de Sir Gawaine.

O casamento do Rei Marcos com a Bela Isolda e o que aconteceu depois envolvendo sua dama de companhia Bragwaine e Sir Palamedes.

Como Palamedes exigiu a Rainha Isolda; como Lambegus os perseguiu para salvá-la, e como Isolda escapou.

Como Sir Tristão cavalgou em perseguição a Palamedes, como o encontrou e o enfrentou, e como o combate teve fim graças à intercessão de Isolda.

Como Sir Tristão trouxe a Rainha Isolda de volta para casa e do embate travado entre ele e o Rei Marcos.

Como Sir Lamorak justou contra trinta cavaleiros, e como Sir Tristão, a pedido do Rei Marcos, derrubou seu cavalo.

Como Sir Lamorak enviou um corno ao Rei Marcos, por despeito a Sir Tristão, e como este último foi conduzido a uma capela.

Como Sir Tristão foi auxiliado por seus homens; como a Rainha Isolda foi encerrada em um leprosário, e como Tristão foi ferido.

Como Sir Tristão serviu ao Rei Howel da Bretanha em uma guerra e matou seu adversário no campo de batalha.

Como Sir Suppinabiles contou a Sir Tristão que ele estava difamado na corte do Rei Arthur e o que aconteceu com Sir Lamorak.

Como Sir Tristão e sua esposa chegaram a Gales e como ele encontrou ali Sir Lamorak.

Como Sir Tristão combateu Sir Nabon e o venceu, e tornou Sir Segwarides senhor da ilha.

Como Sir Lamorak se despediu de Sir Tristão; como se encontrou com Sir Frol e, mais tarde, com Sir Lancelote.

Como Sir Lamorak matou Sir Frol e do combate cortês que teve com Sir Belliance, seu irmão.

Seguem-se os capítulos do livro nono

Como um mancebo chegou à corte do Rei Arthur e como, por pura zombaria, Sir Kay o apelidou de La Cote Mal Taillée.

Como chegou à corte uma donzela pedindo um cavaleiro que assumisse uma demanda, solicitação que foi aceita por La Cote Mal Taillée.

Como La Cote Mal Taillée venceu Sir Dagonet, o bobo do rei, e a repreensão que recebeu da donzela.

Como La Cote Mal Taillée combateu uma centena de cavaleiros e como escapou graças à intervenção de uma dama.

Como Sir Lancelote chegou à corte e lhe falaram sobre La Cote Mal Taillée; como ele partiu em seu encalço, e como La Cote Mal Taillée foi feito prisioneiro.

Como Sir Lancelote enfrentou seis cavaleiros e, depois, também lutou com Sir Brian, e como libertou os prisioneiros.

Como Sir Lancelote encontrou a donzela chamada Maledisant e a denominou donzela Bem-Pensante.

Como La Cote Mal Taillée foi feito prisioneiro e, mais tarde, libertado por Sir Lancelote, e como este último derrotou quatro irmãos.

Como Sir Lancelote tornou La Cote Mal Taillée senhor do castelo de Pendragon, e, mais tarde, cavaleiro da Távola Redonda.

Como a Bela Isolda enviou cartas a Sir Tristão, por intermédio de sua dama Bragwaine, e das diversas aventuras de Sir Tristão.

Como Sir Tristão encontrou Sir Lamorak de Gális, como os dois combateram e, depois, combinaram que nunca mais voltariam a se enfrentar.

Como Sir Palamedes perseguiu a Besta Ladradora e derrubou Sir Tristão e Sir Lamorak com uma única lança.

Como Sir Lamorak encontrou Sir Meliagaunce e os dois se enfrentaram pela beleza da Lady Guinevere.

Como Sir Meliagaunce explicou o motivo da luta e como, em seguida, Sir Lamorak justou com Rei Arthur.

Como Sir Kay encontrou Sir Tristão e, depois das coisas vergonhosas que disse acerca dos cavaleiros da Cornualha, ambos se enfrentaram em uma justa.

Como o Rei Arthur foi levado para a Floresta Perigosa, e como Sir Tristão lhe salvou a vida.

Como Sir Tristão procurou a Bela Isolda; como Kehydius se apaixonou por ela, e de uma carta encontrada por Tristão.

Como Sir Tristão deixou Tintagel; como sofreu e permaneceu tanto tempo em uma floresta que acabou perdendo o juízo.

Como Sir Tristão empurrou Dagonet para um poço; como Palamedes enviou uma donzela para procurar por Tristão e encontrou o Rei Marcos.

Como circularam rumores sobre a morte de Tristão, e como a Bela Isolda quase se matou.

Como o Rei Marcos encontrou Tristão nu e mandou que o levassem de volta a Tintagel, e como ele foi reconhecido por uma cadela.

Como o Rei Marcos, seguindo recomendação de seu Conselho, baniu Sir Tristão da Cornualha por um período de dez anos.

Como uma donzela chegou em busca de reforços para auxiliar Sir Lancelote contra trinta cavaleiros, e como Sir Tristão os enfrentou.

Como Sir Tristão e Sir Dinadan chegaram a uma estalagem onde precisaram justar contra dois cavaleiros.

Como Sir Tristão enfrentou Sir Kay e Sir Sagramore, o Desejoso, em uma justa, e como Sir Gawaine conseguiu afastar Sir Tristão da Fada Morgana.

Como Sir Tristão e Sir Gawaine partiram para enfrentar os trinta cavaleiros, mas estes não ousaram sair de seu esconderijo.

Como Lady Bragwaine encontrou Tristão dormindo junto a um poço e como ela lhe entregou as cartas que a Bela Isolda lhe escrevera.

Como Sir Tristão sofreu uma queda infligida por Sir Palamedes, e como Sir Lancelote derrubou dois cavaleiros.

Como Sir Lancelote derrotou Palamedes em uma justa e, depois, foi atacado por doze cavaleiros.

Do desempenho de Sir Tristão no primeiro dia do torneio e como foi declarado vencedor.

Como Sir Tristão se voltou contra o grupo do Rei Arthur por ter visto Palamedes em meio aos seus homens.

Como Sir Tristão encontrou Palamedes junto a um poço e o levou para o local onde estava hospedado.

Como Sir Tristão derrotou Sir Palamedes, como enfrentou o Rei Arthur em uma justa e outras façanhas.

Como Sir Lancelote feriu Sir Tristão, e como, mais tarde, Sir Tristão derrubou Sir Palamedes.

Como o prêmio do terceiro dia foi concedido a Sir Lancelote e este o deu a Sir Tristão.

Como Sir Palamedes chegou ao castelo onde se encontrava Sir Tristão e a busca por este último realizada por Sir Lancelote com outros dez cavaleiros.

Como Sir Tristão, Sir Palamedes e Sir Dinadan foram capturados e levados para a prisão.

Como o Rei Marcos lamentou a boa fama de Sir Tristão e como alguns dos cavaleiros do Rei Arthur enfrentaram cavaleiros da Cornualha em uma justa.

Da traição do Rei Marcos e como Sir Gaheris derrotou tanto ele quanto seu sobrinho Andred.

Como, depois de terem passado um longo período na prisão, Sir Tristão, Sir Palamedes e Sir Dinadan foram libertados.

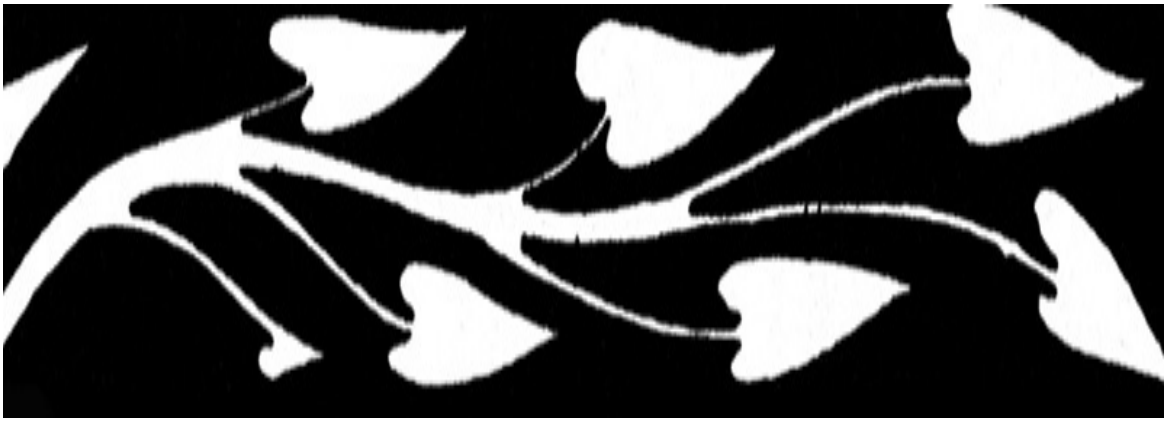
Como Sir Dinadan salvou uma dama das mãos de Sir Breuse Saunce Pitié e como Sir Tristão recebeu um escudo da Fada Morgana.

Como Sir Tristão levou consigo tal escudo e também como matou o amante da Fada Morgana.

Como a Fada Morgana sepultou seu amante e como Sir Tristão louvou Sir Lancelote e sua família.

Como Sir Tristão usou, em um torneio, o escudo que a Fada Morgana tinha lhe entregado.

Fim do sumário



LIVRO I





CAPÍTULO I

Como Uther Pendragon mandou chamar o Duque da Cornualha e sua esposa Igraine, e a súbita partida de ambos.

conteceu nos tempos em que Uther Pendragon, quando este era rei de toda a Inglaterra e como tal reinava, que um poderoso duque na Cornualha vinha travando uma longa guerra contra o monarca. E esse nobre era chamado Duque de Tintagel. Através de um intermediário, o Rei Uther mandou chamar esse duque, encarregando-o de trazer consigo sua esposa, que tinha a fama de ser uma dama formosa e muito modesta, e se chamava Igraine.

Assim, quando o duque e sua esposa chegaram, com o auxílio de grandes senhores, foram ambos levados à presença do rei. Este se encantou com a dama e deu ao casal excelente acolhida e desejou se deitar com a moça. A duquesa, porém, era uma mulher muito virtuosa e rechaçou os avanços do rei. Então, contou tudo ao duque, seu esposo, e disse: creio que nos fizeram vir até aqui para me desonrar; portanto, meu esposo, proponho que partamos deste local o mais depressa possível. Podemos passar a noite cavalgando até chegar a nosso castelo. Dito e feito: ambos se foram sem que nem o Rei Uther nem seu conselho fossem alertados dessa partida. Assim que o monarca teve notícia do ocorrido, ficou terrivelmente furioso. Convocou então seus conselheiros mais próximos e lhes falou da súbita partida do duque e de sua esposa.

Diante disso, todos retrucaram, pedindo ao rei que mandasse buscar o casal sob alguma acusação séria. Se eles não obedecerem a tal convocação, deveis fazer o que achares melhor; tereis motivo para lhe declarar guerra. E foi o que aconteceu, mas a resposta que receberam os mensageiros foi breve: nem o duque nem sua esposa voltariam à corte.

O rei ficou extremamente irado. Enviou então ao nobre uma mensagem bem clara, intimando-o a se preparar, munir-se dos apetrechos e das provisões necessárias, pois, em um prazo de quarenta dias, ele seria privado do maior castelo que possuísse.

Quando o duque recebeu tal advertência, ordenou de imediato que fossem abastecidos e guarnecidos dois castelos fortes de sua propriedade, um dos quais se chamava Tintagel e o outro, Terrabil. Assim, sua esposa, Lady Igraine, foi instalada no castelo de Tintagel enquanto ele se instalou em Terrabil, construção dotada de muitas saídas e poternas. Logo chegou Uther acompanhado de um grande exército e sitiou o castelo de Terrabil, desfraldando ali muitos pavilhões. Travaram-se combates terríveis e muitos morreram, de ambas as partes. Depois, por pura raiva e por grande amor pela bela Igraine, o Rei Uther caiu doente. Apresentou-se então a ele um nobre cavaleiro, Sir Ulfius, que lhe perguntou por que ele estava doente. Devo dizer-vos, respondeu o rei, que adoeci por raiva e por amor pela bela Igraine, e posso não me recuperar. Bom, meu senhor, disse Sir Ulfius, vou procurar Merlin, e ele vos dará algum remédio que vai agradar a vosso coração. Ulfius então partiu e encontrou por acaso Merlin envergando trajes de mendigo. Este lhe perguntou por quem o cavaleiro procurava, e Ulfius lhe respondeu que não tinha nada a lhe dizer. Ora, disse Merlin, sei por quem procuras: procuras por Merlin. Portanto, não procures mais, pois aqui estou, e se o Rei Uther concordar em me recompensar bem e jurar satisfazer minha vontade, o que trará mais honra e benefício a ele próprio do que a mim, todos os seus desejos se realizarão. Prometo tudo isso, replicou Ulfius, pois não há nada mais razoável do que teres teus pedidos satisfeitos. Pois bem, disse Merlin, ele alcançará seu propósito e seu desejo. Põe-te, portanto, a caminho, pois não tardarei a te seguir.

CAPÍTULO II

Como Uther Pendragon declarou guerra ao Duque da Cornualha e como, graças aos sortilégios de Merlin, deitou-se com a duquesa e Arthur foi concebido.

Ulfius ficou muito alegre e disparou em seu cavalo até chegar diante do Rei Uther Pendragon. Contou-lhe então que havia encontrado Merlin. Onde está ele?, perguntou o rei. Majestade, respondeu Ulfius, ele não há de tardar. Foi quando percebeu que Merlin estava de pé na porta do pavilhão. Mandou-se então que ele se apresentasse ao rei. Assim que o Rei Uther o viu, deu-lhe as boas-vindas. Majestade, disse Merlin, conheço cada recanto de vosso coração; portanto, se me jurais, como verdadeiro rei ungido que sois, realizar o meu desejo, tereis o vosso também realizado. O rei então jurou pelos quatro Evangelistas. Senhor, prosseguiu Merlin, este é o meu desejo: na primeira noite em que dormirdes com Igraine, engendrareis um filho e, quanto este nascer, deverá ser entregue a mim para que eu o crie como bem entender; pois será para a vossa honra e o menino terá grande valor, na medida dos seus méritos. Farei isso de bom grado, retrucou o rei; que seja como quiseres. Agora, tratai de vos preparar, disse Merlin, pois esta noite mesmo estareis na cama com Igraine no castelo de Tintagel e tereis a aparência do duque, seu esposo. Ulfius terá a aparência de Sir Brastias, um dos cavaleiros dos duques, e eu, a de Sir Jordans, outro de seus cavaleiros. Deveis, porém, cuidar para não fazerdes muitas perguntas, nem a ela nem aos seus homens; dizei simplesmente que estais adoentado e apressai-vos em vos deitar. Pela manhã, não vos levanteis até que eu venha vos chamar, pois o castelo de Tintagel fica a apenas dez milhas daqui. Assim fizeram, como havia sido planejado. Mas, nessa noite, ao perceber que o rei havia deixado o cerco a Terrabil, o Duque de Tintagel saiu do seu castelo por uma poterna no intuito de dar combate às hostes do monarca. Foi então que, graças a essa saída, o duque acabou morto antes mesmo que o rei chegasse ao castelo de Tintagel.

Assim, pois, o Rei Uther se deitou com Igraine mais de três horas depois da morte do duque, e, nessa noite, Arthur foi concebido. Ao amanhecer, Merlin veio chamar o rei, dizendo-lhe que se aprontasse. Este, então, beijou Lady Igraine e logo partiu. Quando, porém, a duquesa recebeu a notícia de que o marido, segundo todas as testemunhas, havia morrido antes que o Rei Uther chegasse, ficou espantadíssima, perguntando-se quem poderia ter se deitado com ela sob a aparência de seu senhor. Lamentou-se então secretamente e não disse nada. De comum acordo, todos os varões vieram pedir ao rei permissão para pôr fim à

discórdia entre ele e Lady Igraine. O rei concordou, pois queria muito estar em paz com ela. Confiou, então, a Ulfius a tarefa de entabular as negociações e, finalmente, o rei e a duquesa se reconciliaram. Agora, disse Ulfius, devemos trabalhar bem: nosso rei é um homem solteiro e vigoroso, e Lady Igraine é uma dama belíssima; seria uma grande alegria para todos nós que o rei quisesse fazer dela sua rainha. Estando todos de acordo, foram à procura do rei. Este, por certo, como varão vigoroso que era, concordou de bom grado, e logo os dois se casaram em uma manhã, com grande alegria e júbilo.

O Rei Lot, de Lothian e de Orkney, desposou Margawse, mãe de Gawaine, e o Rei Nentres, das terras de Garlot, desposou Elaine. Tudo isso se realizou a pedido do Rei Uther. E a terceira irmã, a Fada Morgana, foi mandada para estudar num convento de freiras, onde aprendeu tanto que se tornou grande mestra em necromancia, e, mais tarde, casou-se com o Rei Uriens, das terras de Gore, pai de Sir Ewain, o Blanchemains.



CAPÍTULO III

Do nascimento do Rei Arthur e de sua criação.

A Rainha Igraine engordava mais a cada dia e, ao cabo de meio ano, o Rei Uther, que estava deitado ao seu lado, lhe perguntou, pela fé que ela lhe devia, quem era o pai da criança que crescia no seu ventre. A rainha sentiu-se então muito perturbada por ter que responder àquela pergunta. Por mais tristeza que isso possa vos causar, diga-me a verdade e vos dou a minha palavra de que vos amarei mais ainda. Senhor, replicou ela, vou dizer-vos a verdade. Na mesma noite em que meu esposo morreu, na hora exata da sua morte, como atestaram seus cavaleiros, entrou em meu castelo de Tintagel um homem que tinha a aparência e a voz de meu senhor. Estava acompanhado por dois cavaleiros que tinham a mesma aparência de Sir Brastias e Sir Jordans. Então, eu me deitei com ele, como era meu dever para com meu esposo, e foi nessa mesma noite, como hei de responder diante de Deus, que esta criança foi concebida. É verdade o que dizeis, retrucou o rei, pois fui eu que entrei em vosso castelo com tal aparência, e, portanto, quer isto a deixe triste ou não, eu sou o pai de vosso filho. E lhe contou como tudo aconteceu, de acordo com os conselhos de Merlin. A rainha ficou então muito alegre por saber quem era o pai de seu filho.

Pouco depois, Merlin procurou o rei e lhe disse: Majestade, deveis prover a criação de vosso filho. Como quiseres, respondeu o rei, que assim seja. Pois bem, prosseguiu Merlin, conheço um senhor que vive em vossas terras e que é um homem honesto e fiel. É ele que vai se encarregar de criar vosso filho. Chama-se Sir Hector e possui grande quantidade de terras em diversas partes da Inglaterra e de Gales. Mandai, pois, chamar esse senhor para que venha conversar convosco e pedi a ele, pelo amor que tem por vós, que entregue o próprio filho para ser criado por outra mulher e que a sua esposa crie o vosso. Quando a criança nascer, fazei com que ela me seja entregue por aquela poterna secreta, antes de batizá-la. E tudo se fez como Merlin havia determinado. No momento em que Sir Hector se apresentou perante o rei, prometeu que criaria o menino exatamente como Sua Majestade o desejava. O rei, então, lhe concedeu grandes recompensas. Quando a rainha deu à luz, o rei ordenou que dois cavaleiros e duas damas pegassem a criança, envolvessem-na em uma manta de ouro e a entregassem ao mendigo que encontrariam junto às grades da poterna do castelo. Assim, pois, o menino foi entregue a Merlin, e este o levou até Sir Hector, que pediu a um homem santo que o

batizasse e lhe desse o nome de Arthur. E a esposa de Sir Hector o amamentou em seu próprio seio.

CAPÍTULO IV

Da morte do Rei Uther Pendragon.

Dois anos mais tarde, o Rei Uther Pendragon foi acometido por uma grave enfermidade. Nesse meio-tempo, seus inimigos usurparam suas terras, deflagraram uma grande guerra contra seus homens e mataram muitos dos seus súditos. Majestade, disse-lhe Merlin, não podeis ficar aí deitado; deveis ir para o campo de batalha nem que seja carregado numa liteira puxada por cavalos, pois jamais saireis vencedor se não estiverdes ali pessoalmente. Só assim obtereis vossa vitória. E assim foi feito, de acordo com o que Merlin havia sugerido: levaram o rei à presença de seus inimigos numa liteira puxada por cavalos e acompanhado de grandes hostes. E, em St. Albans, eles enfrentaram um grande exército do Norte. Nesse dia, Sir Ulfius e Sir Brastias realizaram grandes façanhas com as armas, e os homens do Rei Uther venceram a batalha do Norte, matando muitos soldados e pondo os demais em fuga. O rei então regressou a Londres e celebrou sua vitória com grande alegria. Seu estado de saúde, porém, se agravou seriamente e, por três dias e três noites, ele não disse nada, o que fez com que todos os varões sentissem grande pesar. Perguntaram, então, a Merlin qual seria o melhor a fazer. Não há nenhum outro remédio, respondeu este, senão a vontade de Deus. Mas tratai de estar todos diante do Rei Uther pela manhã, e Deus e eu o faremos falar. De manhã, todos os varões se postaram diante do rei juntamente com Merlin. Este, então, disse em voz alta, dirigindo-se ao Rei Uther: Senhor, vosso filho Arthur será rei ao cabo de vossos dias, rei deste reino com todos os seus direitos? Uther Pendragon virou-se então para ele e disse, alto o bastante para que todos pudessem ouvir: Dou a ele a bênção de Deus e a minha, e peça-lhe que reze pela minha alma e reclame justa e dignamente a coroa que é sua, sob pena de perder a minha bênção. Dizendo isto, rendeu o espírito a Deus e foi sepultado com as honras dignas de um rei. O ocorrido causou grande tristeza à rainha, a bela Igraine, e a todos os varões do reino.

CAPÍTULO V

Como Arthur foi escolhido rei e as maravilhas e os prodígios de uma espada retirada da pedra pelo dito Arthur.

Por muito tempo, o reino correu grandes perigos, pois cada senhor que possuísse muitos homens se sentia poderoso o bastante para pensar em se proclamar rei, e vários deles o fizeram. Merlin, então, procurou o Arcebispo de Canterbury e o aconselhou que fizesse saber a todos os nobres do reino e a todos os cavalheiros de armas que eles deveriam ir a Londres na época do Natal, sob pena de serem amaldiçoados, porque, Jesus, que nasceu naquela noite, por Sua grande misericórdia, revelaria um milagre, ele que viera para ser rei da humanidade, indicaria, por esse milagre, quem deveria ser o legítimo rei daquele reino. E, seguindo o conselho de Merlin, o arcebispo convocou todos os nobres e cavalheiros de armas para estarem em Londres na véspera do Natal. E muitos deles purificaram a própria vida para que as suas preces parecessem mais aceitáveis aos olhos de Deus. Assim pois, na maior igreja de Londres, embora o livro francês não mencione se era ou não a Catedral de Saint Paul, todos os estados se reuniram antes do amanhecer para rezar. E, quando terminaram as matinas e a primeira missa, todos viram no átrio do templo, defronte ao altar-mor, uma grande pedra quadrada, semelhante a um bloco de mármore, no meio da qual havia uma bigorna de metal com pouco menos de meio metro de altura. Ali estava fincada a ponta de uma bela espada em cuja lâmina estavam gravadas letras de ouro dizendo: *Aquele que retirar esta espada desta pedra e desta bigorna será o legítimo rei de toda a Inglaterra*. Os presentes, então, ficaram deslumbrados e foram contar o acontecido ao arcebispo. Ordeno, declarou o religioso, que permaneceis dentro da igreja e continueis rezando para Deus; que nenhum homem toque nessa espada até que a missa principal esteja terminada. Depois, então, de se terem realizado todas as missas, os senhores foram examinar a pedra e a espada e, quando leram o que estava escrito na lâmina, alguns tentaram extraí-la dali desejosos de se tornarem reis. Mas ninguém conseguiu puxar a espada ou sequer movê-la. Aquele que há de retirar a espada não está aqui, disse o Arcebispo, mas não duvideis de que Deus nos mostrará quem ele é. Eis o meu conselho, acrescentou o religioso, vamos reunir dez cavaleiros de boa fama para protegerem a espada. E foi isto que ficou acertado. Mas o clamor geral era de que qualquer um que assim o desejasse poderia tentar extrair a espada da pedra, e os varões decidiram promover um torneio e justas para o dia de Ano-Novo. Todos os

cavaleiros poderiam participar, e ficou decidido que não haveria diferença entre nobres e plebeus, já que o Arcebispo tinha fé que Deus lhes daria a conhecer aquele que ganharia aquela arma.

Portanto, no dia do Ano-Novo, depois de se realizar o serviço religioso, os varões dirigiram-se para a liça, uns para justar, outros para tornear, e aconteceu que Sir Hector, que tinha uma grande propriedade próximo a Londres, cavalgou para o local das justas acompanhado do filho, Sir Kay, que havia sido sagrado cavaleiro no ano anterior, por ocasião da festa de Todos os Santos, e de seu irmão de criação, o jovem Arthur. Enquanto os três cavalgavam para a liça, Sir Kay se deu conta de que estava sem sua espada, pois a havia deixado na casa de seu pai. Pediu, então, ao jovem Arthur que fosse buscá-la. De muito bom grado, respondeu o garoto, e saiu cavalgando para cumprir essa missão, mas, quando chegou ao seu destino, viu que a senhora e todos os demais tinham ido assistir às justas. Contrariado, Arthur disse consigo mesmo: vou até o átrio da igreja e levarei aquela espada que está fincada na pedra, pois meu irmão Sir Kay não pode ficar sem a sua arma em um dia como hoje. Assim, ao chegar ao átrio da igreja, apeou do cavalo diante do pórtico e se dirigiu para a tenda armada ali. Não encontrou nenhum cavaleiro, uma vez que todos haviam seguido para a competição. Segurou então a espada pelo punho, e, de um único puxão, a arrancou da pedra. Montou novamente em seu cavalo, cavalgou até encontrar o irmão e lhe entregou a arma. Assim que Sir Kay viu a espada, percebeu que era aquela que estava fincada no bloco de pedra. Correu então à procura do pai e lhe disse: Senhor, aqui está a espada da pedra, portanto, devo me tornar rei desta terra. Quando Sir Hector viu a arma, voltou até a igreja. Lá chegando, os três apearam e entraram no templo. Mandou então que Sir Kay lhe dissesse, jurando sobre a Bíblia, como havia conseguido aquela espada. Senhor, disse Sir Kay, foi meu irmão Arthur que a trouxe para mim. Como retiraste a espada?, perguntou Sir Hector, dirigindo-se a Arthur. Vou lhe contar tudo, Senhor, retrucou o jovem. Quando voltei para buscar a espada de meu irmão, não encontrei ninguém em casa que pudesse ir pegá-la para mim. Pensando que meu irmão não podia ficar desarmado, voltei o mais depressa que pude e retirei a espada da pedra sem a menor dificuldade. Havia algum cavaleiro junto dela?, indagou Sir Hector. Não, disse Arthur. Agora entendo, observou o homem, dirigindo-se ao jovem, deves tornar-te rei destas terras. Eu?, perguntou Arthur. E por que razão? Porque Deus assim o deseja, disse-lhe Hector, pois nenhum homem teria conseguido retirar esta espada da pedra a não ser o legítimo rei destas terras. Agora, mostra-me se podes devolver a espada ao local onde ela estava antes e tirá-la de lá outra vez. Isso não exige nenhuma destreza especial, replicou Arthur. E, dizendo isto, enfiou a espada na pedra novamente. Em seguida, Sir Hector tentou retirá-la dali e não conseguiu.



Merlin recebe o menino
Arthur sob sua guarda.

CAPÍTULO VI

Como o Rei Arthur retirou a espada da pedra repetidas vezes.

Tenta agora tu, disse Sir Hector a Sir Kay. Este puxou a espada com toda a força, mas não conseguiu retirá-la. E agora, tentai vós, disse o homem, dirigindo-se desta vez a Arthur. Pois não, retrucou o rapaz. E a tirou de lá com a maior facilidade. Ao ver isto, Sir Hector e Sir Kay se ajoelharam aos seus pés. Por Deus, por que estais de joelhos diante de mim, pai e irmão?, perguntou Arthur. Não, não, meu senhor!, exclamou Sir Hector, isto não é verdade. Não sou vosso pai e não tenho vosso sangue, mas agora vejo que sois de muito mais alta linhagem do que eu imaginava. Então Sir Hector lhe contou toda a história: como ele lhe havia sido entregue para ser criado, por ordem de quem e que Merlin havia sido responsável por tal entrega.

Arthur se entristeceu muitíssimo ao saber que Sir Hector não era seu pai. Senhor, disse-lhe Sir Hector, quereis ser meu bom e clemente soberano quando fordes rei? Se não fosse assim, retrucou Arthur, eu seria digno de reprovação, pois se há alguém no mundo a quem muito devo sois vós e à boa senhora minha mãe, vossa esposa, que me acolheu e criou como se eu fosse seu próprio filho. E se porventura for da vontade de Deus que eu me torne rei, como dizeis, podeis me pedir tudo que eu possa fazer e não vos decepcionarei. Que Deus permita que eu jamais vos decepcione, disse Sir Hector. Tudo que vos peço, Senhor, é que façais de meu filho, Sir Kay, vosso irmão de leite, senescal de todas as vossas terras. Assim será, respondeu Arthur; mais que isto, prometo, por minha fé, que ninguém senão ele ocupará esse cargo enquanto nós dois vivermos. Foram então os três à procura do Arcebispo para lhe contar como a espada havia sido retirada da pedra e por quem. E, no décimo segundo dia, todos os varões se acercaram daquele local, e quem quis experimentar pode fazê-lo. Mas, diante de todos, só Arthur foi capaz de tal feito, o que deixou muitos nobres aborrecidos, dizendo que era uma grande afronta para eles e para o reino serem governados por um rapaz que não nascera de alta linhagem. Foi tamanha a disputa que se resolveu adiar a decisão até a Missa das Candeias, quando todos os nobres voltariam a se reunir naquele mesmo local. Ficou decidido também que os dez cavaleiros continuariam vigiando a espada dia e noite e, para tanto, mandaram erguer uma tenda por cima da pedra e, dentro dela, cinco homens ficariam de guarda. No dia marcado, muitos senhores poderosos acudiram ao local para extrair a espada da pedra. Nenhum deles, porém, foi bem-sucedido. E, exatamente como fizera no dia de Natal, Arthur

retirou a espada sem qualquer dificuldade. Mais uma vez, os varões ficaram ofendidíssimos e resolveram adiar a decisão para a grande festa da Páscoa. Exatamente como acontecera antes, Arthur voltou a arrancar a espada naquela ocasião e, como alguns nobres ainda estavam indignados pela perspectiva de aquele jovem tornar-se rei, resolveram adiar a decisão até o dia de Pentecostes.

Então, o Arcebispo de Canterbury, a conselho de Merlin, mandou chamar os melhores cavaleiros que pudesse encontrar: aqueles de quem Uther Pendragon mais gostava e nos quais mais confiava. Daí em diante, até a festa de Pentecostes, Arthur viveu cercado por Sir Baudwin da Bretanha, Sir Kay, Sir Ulfius, Sir Brastias e muitos outros que o protegiam dia e noite.

CAPÍTULO VII

Como o Rei Arthur foi coroado e como nomeou seus oficiais.

Nos festejos de Pentecostes, homens de todos os estados tentaram extrair a espada da pedra, mas nenhum deles conseguiu fazê-lo, a não ser Arthur, que a retirou dali diante de todos os senhores e plebeus que haviam comparecido ao local. Por este motivo, o povo todo gritou a uma só voz: Arthur será o nosso rei! Não vamos esperar mais, pois vemos que é a vontade de Deus que ele seja nosso rei, e mataremos quem quer que se oponha a tal decisão. Em seguida, todos se puseram de joelhos, tanto os ricos quanto os pobres, pedindo perdão a Arthur por haverem adiado aquele momento por tanto tempo. Arthur os perdoou e, pegando a espada com ambas as mãos, ofereceu-a sobre o altar diante do qual estava o Arcebispo e, então, sagrou cavaleiros os melhores homens que ali estavam. Pouco depois, realizou-se a coroação, e Arthur jurou aos seus nobres e plebeus que seria um verdadeiro rei e que faria imperar a justiça enquanto vivesse. Também convocou todos os senhores que governavam terras da Coroa a virem prestar contas, como era de seu dever. Muitas foram as queixas apresentadas ao novo rei com relação às grandes injustiças cometidas desde a morte do Rei Uther; de muitas terras que haviam sido subtraídas a nobres, cavaleiros, damas e gentis-homens. Ao ouvir isto, o Rei Arthur ordenou que tais terras fossem devolvidas a seus legítimos proprietários.

E, assim, depois de restabelecer a ordem em todos os territórios ao redor de Londres, o rei nomeou Sir Kay senescal da Inglaterra. Sir Baudwin da Bretanha foi feito condestável, Sir Ulfius, mordomo-mor, e Sir Brastias, governador, encarregado de proteger o Norte, a partir de Trent, pois era dali que vinha naquele tempo a maior parte dos inimigos do rei. No entanto, poucos anos depois, Arthur já havia conquistado todo o Norte do país, a Escócia e a todos que lhe prestavam vassalagem. E também Gales, que, em parte, se levantou contra Arthur, mas o rei a todos venceu, como fez com os demais, graças a suas próprias proezas e às de seus cavaleiros da Távola Redonda.

CAPÍTULO VIII

Como o Rei Arthur ofereceu, em Gales, no dia de Pentecostes, um grande banquete e que reis e nobres compareceram a tal festividade.

O rei, então, se instalou em Gales e mandou anunciar que haveria grandes festejos por ocasião de Pentecostes, logo depois de sua coroação na cidade de Caerleon. À festa compareceu o Rei Lot de Lothian e Orkney, com quinhentos cavaleiros. Veio também o Rei Uriens de Gore, acompanhado por quatrocentos cavaleiros. E ainda o Rei Nentres de Garlot, com uma cavalaria composta por setecentos homens. Esteve também presente ali o rei da Escócia, com seiscentos cavaleiros, e esse monarca era muito jovem. Outro conviva foi o monarca conhecido como o rei dos Cem Cavaleiros, mas ele e seus homens estavam muito bem aparelhados sob todos os aspectos. Compareceu também o rei de Carados, trazendo consigo quinhentos cavaleiros. E o Rei Arthur se alegrou por eles estarem ali, pois acreditava que todos aqueles reis e cavaleiros tinham vindo por amor e para lhe prestar homenagem em sua festa. Por este motivo, em demonstração de sua alegria, enviou a todos grandes presentes. Os reis, porém, não quiseram aceitá-los; pelo contrário, rechaçaram afrontosamente os mensageiros reais, declarando que não lhes agradava absolutamente receber presentes de um rapaz imberbe originário de uma classe inferior. Além disso, mandaram dizer ao rei que não aceitariam qualquer de seus presentes e que, na verdade, eles é que tinham vindo lhe dar presentes, com espadas rígidas entre o pescoço e os ombros. Deixaram, pois, bem claro para os mensageiros o motivo de sua presença: todos consideravam uma grande afronta ver tal mancebo governar um reino tão nobre quanto as terras em que viviam. Os mensageiros partiram, então, para transmitir aquela resposta ao Rei Arthur. Aconselhado por seus nobres, este foi se instalar numa torre fortificada levando consigo quinhentos bons homens. Todos os referidos reis trataram de cercar essa torre, mas Arthur estava bem provido de alimentos. Ao cabo de quinze dias, Merlin chegou à cidade de Caerleon. Os reis se alegraram muito e lhe perguntaram: Por que motivo esse rapazinho Arthur se tornou nosso rei? Senhores, retrucou Merlin, vou dizer-vos por quê. Porque ele é filho do Rei Uther Pendragon, nascido enquanto Igraine ainda era esposa do Duque de Tintagel. Então é um bastardo!, exclamaram todos. Não, replicou Merlin. Arthur foi concebido mais de três horas depois da morte do duque, e, treze dias mais tarde, o Rei Uther desposou Igraine. Portanto, declaro que não se trata de um bastardo, e, a despeito de quem contestar tal declaração, ele será rei e há de

derrotar todos os seus inimigos. Até a sua morte, será rei de toda a Inglaterra e terá a obediência de Gales, da Irlanda, da Escócia e de outros reinos que não preciso mencionar agora. Alguns dos reis se maravilharam ao ouvir as palavras de Merlin e se convenceram de que tudo aconteceria como ele havia dito; outros, porém, zombaram daquele discurso, como foi o caso do Rei Loth. Outros ainda o chamaram de bruxo. Mas acabaram concordando com Merlin quanto ao fato de que o Rei Arthur deveria ir falar com os reis, garantindo que o jovem sairia e voltaria incólume. Assim, pois, Merlin foi procurar o Rei Arthur e lhe contou o que havia sido combinado; rogou-lhe que nada temesse e que apenas saísse com toda a sua bravura para ter com eles; acrescentou que o monarca não deveria poupá-los, mas se impor a eles como seu rei e comandante. Pois os vencereis a todos, concluiu Merlin, queiram eles ou não.



CAPÍTULO IX

Da primeira guerra travada pelo Rei Arthur e de como ele venceu no campo de batalha.

O Rei Arthur saiu então de sua torre usando, por baixo do manto, uma cota de malha dupla, e com ele estavam o Arcebispo de Canterbury, Sir Baudwin da Bretanha, Sir Kay e Sir Brastias, ou seja, o rei se fazia acompanhar dos homens de maior honra. Quando ambas as partes se encontraram, não houve qualquer cordialidade; pelo contrário, as palavras que trocaram foram bem fortes. O Rei Arthur replicou tudo que lhe foi dito e declarou que, enquanto vivesse, faria com que todos eles se curvassem perante sua autoridade. Os nobres se despediram furiosos, mas Arthur lhes rogou que se cuidassem bem, e todos fizeram o mesmo com relação ao monarca. O rei voltou então à sua torre e armou-se, bem como a todos os seus cavaleiros. O que pretendeis fazer?, perguntou Merlin aos outros monarcas. Melhor seria renunciardes a vossos desígnios, pois não podereis vencer, mesmo que fôsseis em número dez vezes maior. Achais que devemos temer alguém que interpreta sonhos?, indagou o Rei Lot. Nesse momento, Merlin desapareceu e foi ter com o Rei Arthur, dizendo-lhe que os atacasse ferozmente. Nesse meio-tempo, trezentos bons homens, alguns dos melhores, bandearam-se para o lado do Rei Arthur, o que lhe deu mais confiança. Majestade, disse-lhe Merlin, não luteis com a espada que obtiverdes milagrosamente até perceberes que estais a ponto de ser derrotado. Só então sacai de vossa espada e dai o melhor de vós. Assim, pois, Arthur os atacou em suas propriedades. Sir Baudwin, Sir Kay e Sir Brastias saíram matando a torto e a direito enquanto o monarca, sempre a cavalo, empunhava a espada realizando tamanhos prodígios que muitos dos reis se regozijaram com suas proezas e sua bravura.

De repente, com força total, o Rei Lot os atacou pela retaguarda, juntamente com o rei dos Cem Cavaleiros e o Rei Carados. O Rei Arthur voltou-se, então, com seus cavaleiros, para revidar tal ataque, mantendo-se sempre na dianteira, até que seu cavalo caiu morto sob seu corpo. Nesse momento, o Rei Lot o acertou com um golpe. Mais que depressa, seus quatro cavaleiros vieram resgatá-lo e o puseram sobre outro cavalo. Foi então que ele sacou da espada Excalibur, mas esta era muito resplandecente aos olhos de seus inimigos, irradiando uma luz equivalente à de trinta tochas. Com isto, fez com que seus adversários recuassem e matou muita gente. Então, o povo de Caerleon surgiu, armado de clavas e cajados, e deu cabo de inúmeros cavaleiros. Os reis, porém, juntamente com seus

cavaleiros que haviam sobrevivido, partiram em fuga. Merlin, então, foi falar com Arthur, aconselhando-o a não persegui-los.

CAPÍTULO X

Como Merlin aconselhou o Rei Arthur a convocar os Reis Ban e Bors, e o conselho de guerra por eles realizado.

Depois da festa e da viagem, o Rei Arthur dirigiu-se a Londres e, seguindo sugestão de Merlin, convocou os seus varões para realizarem um conselho, porque Merlin lhe havia dito que os seis reis que haviam se sublevado contra ele não tardariam a atacá-lo, bem como suas terras, como represália. O monarca, então, pediu conselhos a todos, e nenhum soube aconselhá-lo, mas lhe disseram que eram fortes o bastante. Pois que seja, retrucou o Rei Arthur, e vos sou grato por vossa bravura, mas por que todos vós, que me quereis bem, não ides falar com Merlin? Bem sabeis o quanto ele fez por mim e do quanto ele sabe. E, quando ele estiver diante de vós, quero que lhe peçais seus melhores conselhos. Todos os varões replicaram que assim fariam e, então, mandaram chamar Merlin e lhe suplicaram que os aconselhasse da melhor maneira possível. É o que vou fazer, disse Merlin, mas devo alertar-vos, pois vossos inimigos são muito mais fortes que vós. Trata-se dos melhores homens de armas que existem na Terra e, a esta altura, já conseguiram mais quatro reis aliados, além de um duque poderosíssimo. E, a menos que nosso rei tenha a maior cavalaria que possa reunir dentro dos limites do próprio reino e contar com eles em batalha, será derrotado e morto. Qual a melhor atitude a tomar neste caso?, indagaram todos os nobres. Vou dar-vos o meu conselho, retrucou Merlin: além-mar, existem dois irmãos; ambos são reis excepcionalmente bons e esforçados. Um deles é o Rei Ban, de Benwick, e o outro, o Rei Bors, de Gaula, que é a França. Os dois estão combatendo um senhor poderoso que lhes declarou guerra: o Rei Claudas, que disputa um de seus castelos, e grandes batalhas têm sido travadas entre eles. Esse Claudas, porém, é tão poderoso em termos de bens que consegue excelentes cavaleiros e quase sempre vence os reis irmãos. Eis portanto o meu conselho: que o nosso rei e senhor soberano mande chamar os reis Ban e Bors por intermédio de dois cavaleiros de confiança portando cartas bem ponderadas, informando-lhes que, se eles vierem se unir ao Rei Arthur e sua corte a fim de ajudá-lo em suas guerras, este jura acorrer em seu auxílio na luta contra Claudas. Então? O que dizeis deste conselho? Ao que os nobres e o rei responderam: É sem dúvida um bom conselho.

E assim designaram, imediatamente, os dois cavaleiros que levariam a mensagem aos dois reis e escreveram as cartas com toda a cortesia, segundo o desejo do Rei Arthur. Ulfius e Brastias foram escolhidos para serem os

mensageiros e logo partiram, com boas montarias e bem armados, como era costume na época. Atravessaram o mar e cavalgaram até a cidade de Benwick. Nos arredores da cidade, foram avistados por oito cavaleiros que, numa passagem mais estreita, acorreram ao seu encontro no intuito de prendê-los. Estes então lhes disseram que precisavam passar porque estavam ali como mensageiros, trazendo cartas para os reis Ban e Bors, da parte do Rei Arthur. É justamente por isso que morrereis ou sereis feitos prisioneiros, retrucaram os oito homens, pois somos cavaleiros do Rei Claudas. Dizendo isto, dois deles brandiram suas lanças. Ulfius e Brastias fizeram o mesmo e partiram para o ataque, conseguindo quebrar as armas dos oponentes e derrubá-los das selas. Os mensageiros, então, deixaram os homens de Claudas caídos ali e seguiram adiante. Os outros seis cavaleiros, no entanto, foram até outro passo estreito para voltar a atacar os forasteiros, mas Ulfius e Brastias também os derrubaram e prosseguiram seu caminho. Em uma quarta garganta, toparam com os dois restantes e os deixaram caídos por terra e, assim, nenhum dos oito cavaleiros saiu desse confronto sem ferimentos mais ou menos graves. Finalmente, os dois homens chegaram a Benwick e tiveram a ventura de encontrar ali tanto o Rei Ban quanto o Rei Bors.

Quando os reis foram informados de que haviam chegado mensageiros, enviaram ao seu encontro dois cavaleiros de confiança; um deles era Lionses, senhor das terras de Payarne, e o outro, Sir Phariance, um nobre cavaleiro. Estes logo perguntaram aos viajantes de onde eles vinham, ao que Ulfius e Brastias responderam que estavam ali em nome do Rei Arthur, rei da Inglaterra. Todos então se abraçaram e não pouparam efusões de alegria. Logo depois, porém, quando os reis souberam que se tratava de mensageiros de Arthur, não quiseram tardar em recebê-los: foram de imediato falar com os cavaleiros, dando-lhes uma calorosa acolhida e dizendo que eram muito bem-vindos, mais do que mensageiros de qualquer outro rei vivo. Beijaram, então, as cartas antes de as entregá-las, e, assim que compreenderam o teor daquelas missivas, a acolhida que Ulfius e Brastias receberam foi ainda mais calorosa. Em função da premência do assunto, os dois reis lhes deram a seguinte resposta: ambos cumpririam os desejos expressados por Arthur em suas cartas, e Ulfius e Brastias poderiam permanecer ali pelo tempo que quisessem, pois receberiam o melhor tratamento daquelas paragens. Então os dois cavaleiros contaram aos reis a aventura dos quatro passos com os oito cavaleiros. Há! Há!, exclamaram Ban e Bors, eram bons amigos meus. Se tivéssemos tomado conhecimento disto antes, não teriam se safado tão facilmente. Assim, pois, Ulfius e Brastias foram muito bem recebidos e ganharam ricos presentes, tantos quantos poderiam transportar em sua viagem, e partiram levando como resposta, tanto verbalmente quanto por escrito, que aqueles dois reis iriam se unir a Arthur o mais depressa possível. Então, os dois cavaleiros seguiram viagem, cruzaram o mar e se apresentaram a seu senhor para lhe contar

como tudo havia transcorrido, o que deixou o Rei Arthur bem satisfeito. Quando credes que os dois reis estarão aqui?, perguntou o rei. Majestade, responderam os dois, antes da Festa de Todos os Santos. Então o rei ordenou que começassem os preparativos para um grande festim e mandou anunciar a realização de grandes justas. E, por ocasião da referida festa, os dois reis atravessaram o mar com trezentos cavaleiros bem aparelhados tanto para a paz quanto para a guerra. O Rei Arthur deixou Londres e percorreu dez milhas para ir ao seu encontro, e foi a maior alegria que se pôde conceber. No dia de Todos os Santos, durante o banquete, estavam sentados no salão os três reis, e as atividades foram comandadas por Sir Kay, o Senescal, Sir Lucas, o mordomo, que era filho do Duque Corneus, e Sir Griflet, filho de Cardol. Esses três foram os responsáveis por todo o serviço apresentado aos monarcas. Mais tarde, depois de se lavarem e deixarem a mesa, todos os cavaleiros que desejavam justar foram se preparar e, quando todos já estavam prontos e montados em seus cavalos, formaram um pelotão de setecentos homens. Arthur, Ban e Bors, juntamente com o Arcebispo de Canterbury e Sir Hector, pai de Sir Kay, instalaram-se num palanque coberto com um toldo de ouro que mais parecia um salão, acompanhados ainda por damas e donzelas, para ver quem sairia vencedor e decidir quem seria o campeão.

CAPÍTULO XI

Do grande torneio organizado pelo Rei Arthur e os dois reis Ban e Bors, e como eles se fizeram ao mar.

O Rei Arthur e os dois outros monarcas ordenaram que os setecentos cavaleiros se dividissem em dois grupos. E trezentos cavaleiros dos reinos de Benwick e de Gaula puseram-se do lado oposto. Muitos valorosos cavaleiros ergueram, então, seus escudos e começaram a baixar suas lanças. Griflet foi o primeiro a enfrentar um adversário, um tal Ladinas, e o fizeram com tamanho ímpeto que todos os presentes se assombraram. O confronto foi tão feroz que ambos os escudos se quebraram, e tanto os cavalos e cavaleiros caíram por terra. O inglês e o francês ficaram ali estirados por tanto tempo que todos já estavam achando que estavam mortos. Quando Lucas, o mordomo, viu Griflet deitado ali no chão, tratou de repô-lo sobre a montaria, e os dois realizaram prodígios com as armas, juntamente com vários outros jovens cavaleiros. De repente, Sir Kay surgiu como em uma emboscada, acompanhado de seis cavaleiros, e, juntos, derrubaram seis dos seus adversários. Naquele dia, porém, Sir Kay realizou façanhas incríveis com as armas, e ninguém se saiu tão bem quanto ele. Em seguida, entraram na liça Ladinas e Gracian, dois cavaleiros da França, e justaram com tanta destreza que todos os elogiaram.

Depois foi a vez de Sir Placidas, um bom cavaleiro, enfrentar Sir Kay, e derrubou tanto o homem quanto o cavalo, o que deixou Sir Griflet muito aborrecido. Este travou então um combate tão acirrado com Sir Placidas que o cavaleiro caiu por terra levando junto sua montaria. Mas, quando os cinco outros cavaleiros souberam que Sir Kay havia caído, ficaram tão indignados que cada um deles tratou de derrubar um adversário. Quando o Rei Arthur e seus dois convidados perceberam que começava a crescer a fúria de ambas as partes, pularam em seus cavalos e mandaram anunciar que todos os homens deveriam retornar às suas tendas. Assim foi feito e todos se desarmaram, preparando-se para o serviço de vésperas e para o jantar. Enquanto isso, os três reis dirigiram-se a um jardim e decidiram que os prêmios seriam dados a Sir Kay, a Lucas, o mordomo, e a Sir Griflet. Reuniram-se, então, em conselho, e a eles vieram juntar-se um sábio clérigo, Gwenbaus, irmão de Sir Ban e de Sir Bors, e também Ulfius, Brastias e Merlin. E, depois de concluído o conselho, todos foram dormir. Pela manhã, assistiram à missa, almoçaram e, em novo conselho, muito se discutiu sobre a melhor atitude a ser tomada. Finalmente, chegaram à conclusão de que Merlin

deveria partir, levando consigo, em penhor do Rei Ban, um anel que seria apresentado aos seus homens bem como aos do Rei Bors. Gracian e Placidas deveriam voltar para proteger os castelos e suas terras, por (pavor do Rei Claudas) ordem do Rei Ban de Benwick e do Rei Bors de Gaula, e, portanto, todos eles cruzaram o mar e rumaram para Benwick. Quando o povo viu o anel do Rei Ban e também os cavaleiros Gracian e Placidas, houve grande regozijo. Todos queriam saber como estavam os seus reis, e muito se alegraram ao saber que ambos passavam bem. Obedecendo então às ordens de seus senhores soberanos, os homens de guerra trataram de se preparar o mais depressa possível, e logo tinham-se reunidos quinze mil deles, a cavalo e a pé, munidos de grande quantidade de provisões que Merlin lhes havia fornecido. Gracian e Placidas, porém, permaneceram na cidade para abastecer e proteger os castelos, temendo algum ataque do Rei Claudas. De imediato, Merlin preparou-se para atravessar o mar, com boa provisão de víveres, tanto por água quanto por terra. Mas, ao chegar à costa, mandou que todos os homens a pé regressassem e só levou consigo dez mil cavaleiros, em sua maioria, homens de armas. Todos então embarcaram e cruzaram o mar rumo à Inglaterra, desembarcando em Dover. Com toda a sua astúcia, conduziu o exército para o Norte, através do caminho mais isolado que conhecia, até chegarem à floresta de Bedegraine, onde os alojou secretamente em um vale.

Feito isto, cavalgou ao encontro do Rei Arthur e dos dois outros reis para lhes contar o que havia feito. Os três ficaram maravilhados ao ver que uma criatura terrena fosse capaz de ir e voltar tão depressa. Merlin lhes disse que havia deixado, na floresta de Bedegraine, dez mil homens bem armados sob todos os aspectos. Não havendo, pois, mais nada a dizer, as hostes de Arthur montaram em seus cavalos, como o rei havia determinado anteriormente, e, assim, um grupo de vinte mil homens partiu cavalgando dia e noite. Mas Merlin dera ordens para que ninguém, a pé ou a cavalo, seguisse por algum campo deste lado do rio Trent, a menos que recebesse algum sinal específico do Rei Arthur, e, por este motivo, nenhum dos inimigos do rei ousou passar por tais terras para espionar como faziam antes.

CAPÍTULO XII

Como onze reis se uniram em uma grande hoste contra o Rei Arthur.

Em pouco tempo, chegaram os três reis ao castelo de Bedegraine, encontrando ali agradável companhia, com tudo bem preparado, o que os deixou bem felizes. E não lhes faltavam víveres. Esta era a causa das hostes do Norte: sublevaram-se em função da afronta e da reprimenda que os seis reis haviam sofrido em Caerleon. Esses seis reis conseguiram a adesão de cinco outros e, então, trataram de reunir sua gente.

Uma vez juntos, juraram não se separarem, nem por bem, nem por mal, até terem destruído o Rei Arthur. Procederam então aos juramentos. O primeiro foi o Duque de Cambenet, que jurou levar consigo cinco mil homens de armas, todos devidamente aprestados em seus cavalos. Depois foi a vez do Rei Brandegoris de Stranggore, que jurou se fazer acompanhar por cinco mil homens de armas a cavalo. Em seguida, o Rei Clariance de Northumberland jurou três mil homens de armas. O rei dos Cem Cavaleiros, que era um jovem bastante bom, jurou que traria quatro mil homens a cavalo. Veio então o Rei Lot, cavaleiro bem hábil e pai de Sir Gawaine, que jurou levar cinco mil homens de armas a cavalo. Jurou também o Rei Urience das terras de Gore, pai de Sir Uwaine, contribuindo para aquele exército com seis mil homens de armas a cavalo. Em seguida, o Rei Indres da Cornualha jurou levar consigo cinco mil homens de armas a cavalo. E o mesmo fizeram o Rei Cradelmas, o Rei Agwisance da Irlanda, o Rei Nentres e o Rei Carados. Assim, pois, aquela hoste se compunha de um total de cinquenta mil homens de armas a cavalo e mais dez mil deles a pé. Tão logo se viram prontos, montaram em seus cavalos e mandaram que a sua vanguarda seguisse em frente. Em sua marcha, esses onze reis montaram um cerco ao redor do castelo de Bedegraine e, então, seguiram em busca de Arthur, deixando apenas uns poucos homens no local, e partiram com a maioria ao encontro do Rei Arthur, pois era seu o referido castelo e eram seus os homens que ali estavam.

CAPÍTULO XIII

De um sonho do Rei dos Cem Cavaleiros.

Então, a conselho de Merlin, foi enviado um pelotão de reconhecimento para observar o terreno, e esses homens se defrontaram com os cavaleiros de vanguarda do Norte e os obrigaram a revelar por que caminho vinha o seu exército. O pelotão relatou tudo ao Rei Arthur, que, aconselhado pelos reis Ban e Bors, mandou que deixassem queimar e destruir todos os campos por onde o inimigo deveria passar.

O Rei dos Cem Cavaleiros teve um sonho bem estranho duas noites antes da batalha: sonhou que soprava um forte vento que derrubava seus castelos e suas cidades e, depois, vinha a água que varria tudo embora. Todos os que tiveram notícia de tal sonho disseram que se tratava do presságio de uma grande batalha. Então, seguindo um conselho de Merlin, quando ficaram sabendo por que caminho as hostes dos onze reis estavam se aproximando e onde iam acampar aquela noite, surgiram à sua frente à meia-noite, quando todos estavam em suas tendas. Mas as sentinelas deram o alarme, gritando: Às armas, senhores! Pois o inimigo está aqui!

CAPÍTULO XIV

Como os onze reis e suas hostes combateram Arthur e seu exército, e muitas grandes façanhas da guerra.

O Rei Arthur, o Rei Ban e o Rei Bors, com seus bons e leais cavaleiros, lançaram-se sobre eles com tamanho ímpeto que derrubaram as tendas sobre a cabeça de seus ocupantes, mas os onze reis, demonstrando grandes proezas de armas, resistiram bravamente. De madrugada, jaziam ali os corpos de dez mil homens. Abriu-se, pois, uma grande brecha naquele exército, embora eles ainda contassem com cinquenta mil dos seus bravos soldados. O dia começava a clarear. Agora, deveis seguir meu conselho, disse Merlin, dirigindo-se aos três monarcas: o Rei Ban e o Rei Bors, acompanhados de dez mil homens, devem postar-se em um bosque dos arredores, ficar escondidos ali até surgir a luz do dia e não fazer qualquer movimento até que vós e vossos cavaleiros tenhais lutado por um longo período. Quando raiar o dia, exibi vossos homens diante do inimigo na passagem mais estreita, para que, quando eles virem que sois apenas vinte mil, tornem-se mais ousados e permitam que vos aproximeis de tal passagem. Os três reis e todos os demais nobres concordaram que Merlin lhes fizera uma proposta bem razoável e decidiram agir como ele havia sugerido. Assim, pela manhã, quando um dos exércitos avistou o outro, o do Norte se sentiu mais tranquilo. Ulfius e Brastias receberam então três mil homens de armas e atacaram a passagem com ferocidade, matando a torto e a direito, em um combate prodigioso.

Ao verem tão poucos homens realizando semelhantes façanhas, os onze reis ficaram constrangidos e investiram sobre eles com um ímpeto arrasador. Embora o cavalo que Sir Ulfius montava tenha sido morto sob o corpo do cavaleiro, este se saiu magnificamente bem lutando no chão. Mas o Duque Eustáquio de Cambenet e o Rei Clariance de Northumberland não cessavam de atacá-lo e, quando Brastias viu o companheiro assim acossado, investiu contra o duque com sua lança, derrubando por terra tanto o homem quanto sua montaria. Diante disto, o Rei Clariance se voltou para Brastias, e um derrubou o outro, ficando ambos caídos por terra, meio atordoados, com os joelhos de seus cavalos fraturados até a medula. Surgiu então Sir Kay, o Senescal, acompanhado de seis homens, e todos se portaram com muita bravura. Nesse momento, chegaram os onze reis, e tanto Griflet quanto Lucas, o mordomo, bem como seus cavalos, foram derrubados pelos Reis Brandegoris, Idres e Agwisance. Travou-se então uma luta acirrada por ambas as partes. Quando Sir Kay viu que Griflet estava desmontado, atacou o Rei

Nentres, derrubou-o, apoderou-se de seu cavalo e o entregou a Griflet. Com a mesma lança, Sir Kay desmontou também o Rei Lot e acabou por feri-lo gravemente. Vendo isto, o Rei dos Cem Cavaleiros investiu contra Sir Kay e, depois de desmontá-lo, pegou seu cavalo e o entregou ao Rei Lot, que ficou muito grato por tal gesto. Quando Griflet viu que Sir Kay e Lucas, o mordomo, estavam a pé, pegou uma lança afiada, grossa e de ponta achatada, e atacou Pinel, um bom homem de armas; conseguiu desmontá-lo e reergueu o animal, entregando-o a Sir Kay. Ao ver o Rei Nentres desmontado, o Rei Lot atacou Melot de la Roche, derrubando cavalo e cavaleiro, e entregou a montaria a seu aliado. O Rei dos Cem Cavaleiros também viu o Rei Idres no chão; investiu então contra Gwinas de Blois, derrubando-o, então o Rei Idres pôde montar outra vez. Assim também fez o Rei Lot, derrubando Clariance de la Forest Savage para dar o seu cavalo ao Duque Eustáquio. E, quando todos já estavam a cavalo, os onze reis se reuniram e prometeram vingar o estrago que haviam sofrido naquele dia. Nesse ínterim, chegou Sir Hector com um ávido contingente e viu Ulfius e Brastias a pé, correndo grande risco de morrer sob as patas dos cavalos.

Nesse momento, como um leão, o Rei Arthur investiu contra o Rei Cradelment de Gales do Norte, atacando-o pelo flanco esquerdo e derrubando assim tanto o homem quanto sua montaria. Pegou então o animal pelas rédeas, entregou-o a seu amigo, dizendo: Toma este cavalo, meu velho amigo, pois precisas muito dele. Muito vos agradeço, replicou Ulfius. Em seguida, Arthur se saiu tão bem com as armas que todos ficaram impressionados. O Rei dos Cem Cavaleiros, vendo o Rei Cradelment a pé, atacou Sir Hector, pai de Sir Kay, derrubando-o juntamente com sua montaria, e entregou então o cavalo ao rei seu aliado, que pôde montar novamente. Quando o viu sobre o cavalo de Sir Hector, o Rei Arthur se enfureceu e, usando a espada, desfechou tamanho golpe sobre seu adversário que lhe arrancou um quarto do elmo e também do escudo. A lâmina penetrou no pescoço do animal que caiu, levando consigo o rei. Sir Kay derrubou Sir Morganor, senescal do Rei dos Cem Cavaleiros, e apoderou-se do seu cavalo, que entregou a Sir Hector, seu pai. Este investiu contra um cavaleiro chamado Lardans e o derrubou. Pegou então seu cavalo e o levou até Sir Brastias, que já havia sido bastante pisoteado e precisava muito de uma montaria. Quando Brastias viu que Lucas, o mordomo, jazia feito morto sob as patas dos animais e que Sir Griflet combatia incessantemente quatorze cavaleiros que cercavam o mordomo no intuito de resgatá-lo, Brastias desfechou um tremendo golpe no elmo de um desses adversários, fazendo com que a lâmina penetrasse até seus dentes. Depois, atacou um segundo cujo braço voou pelo campo de batalha. Em seguida, atacou um terceiro no ombro, e braço e ombro saíram voando pelo campo. Ao ver a chegada de reforços, Griflet acertou outro homem na altura das têmporas, derrubando por terra tanto seu elmo quanto sua cabeça. Pegou então a montaria desse adversário,

entregou-a a Sir Lucas, dizendo-lhe que montasse e vingasse seus ferimentos, pois Brastias havia matado antes outro cavaleiro e lhe dado o cavalo.



CAPÍTULO XV

Ainda a mesma batalha.

Lucas avistou então o Rei Agwisance, que quase havia matado Moris de la Roche algum tempo antes. Correu em sua direção com uma excelente lança curta e lhe desfechou tamanho golpe que o cavalo caiu. Viu ainda que Bellias de Flandres e Sir Gwinas, dois bravos cavaleiros, também estavam a pé. Foi tomado então de tal fúria que matou dois jovens cavaleiros e lhes entregou suas montarias. A essa altura, a batalha se tornava cada vez mais acirrada por ambas as partes, mas Arthur estava feliz por ver seus cavaleiros montados outra vez e lutando com tamanho empenho que o ruído e o estrondo ressoavam pelo rio e pelo bosque. Diante disto, o Rei Ban e o Rei Bors prepararam-se para o combate, envergando seus escudos e seus arneses, e mostraram-se tão corajosos que muitos dos inimigos se espantaram e se puseram a tremer de ansiedade. Enquanto isto, Lucas, Gwinas, Briant e Bellias de Flandres travavam uma luta acirrada contra seis reis, a saber: o Rei Lot, o Rei Nentres, o Rei Brandegoris, o Rei Idres, o Rei Uriens e o Rei Agwisance. Com o auxílio de Sir Kay e de Sir Griflet, os referidos monarcas foram de tal forma acossados que não lhes restavam forças para se defender. Quando, porém, Arthur percebeu que a batalha não chegava a um fim, enfureceu-se como um leão e, dirigindo seu cavalo de um lado a outro, para a esquerda e para a direita, só parou depois de ter matado vinte cavaleiros. Ainda feriu gravemente o Rei Lot no ombro, obrigando-o a abandonar o campo de batalha, pois, juntos, o Rei Arthur, Sir Kay e Sir Griflet realizavam grandes feitos com as armas. Então Ulfius, Brastias e Sir Hector lançaram-se ao ataque contra o Duque Eustáquio, o Rei Cradelment, o Rei Clariance de Northumberland, o Rei Carados e o Rei dos Cem Cavaleiros. Reis e cavaleiros se enfrentaram, e estes últimos obrigaram os primeiros a abandonar a batalha. O Rei Lot lamentou-se profundamente pelos danos sofridos por si mesmo e por seus companheiros, e disse a seus dez aliados: a menos que façais o que vou sugerir, seremos mortos e destruídos. Que venham comigo o Rei dos Cem Cavaleiros, o Rei Agwisance, o Rei Idres e o Duque de Cambenet, e nós, os cinco reis, seremos acompanhados de quinze mil homens de armas. Vamos nos afastar enquanto vós seis seguireis lutando com um contingente de doze mil homens. Quando virmos que já haveis lutado por muito tempo, atacaremos ferozmente, pois jamais os venceremos se não for dessa forma. Assim foi feito, e seis dos reis fizeram frente a Arthur e sustentaram a batalha por horas a fio.

Foi então que os reis Ban e Bors saíram de sua emboscada, tendo Lionses e Phariance na vanguarda dos seus homens. Estes dois cavaleiros enfrentaram o Rei Idres e seu exército, e começou então uma grande confusão em que lanças se partiam, espadas se chocavam, homens e cavalos caíam mortos e o Rei Idres estava prestes a ser derrotado.

Vendo tal cena, o Rei Agwisance acossou Lionses e Phariance e estava prestes a matá-los, pois o Duque de Cambenet acudiu com um numeroso contingente, e os dois cavaleiros se viram em grande risco de vida e tiveram que retroceder. Foram porém maravilhosamente resgatados, tanto eles quanto seus homens. Quando o Rei Bors viu aqueles cavaleiros recuando, ficou muito abalado e foi prestar socorro tão depressa e com tantos soldados que sua companhia parecia escura como índigo. Ao avistá-lo, o Rei Lot logo o reconheceu e bradou: Ó Jesus! Defendei-nos da morte e das terríveis amputações! Pois vejo que nossa vida corre grande perigo. Eis que se aproxima um rei, um dos homens mais honrados e um dos melhores cavaleiros do mundo, cuja amizade todos procuram. Quem é ele?, indagou o Cavaleiro dos Cem Cavalos. É o Rei Bors de Gaula, respondeu o Rei Lot. Muito me espanta que tenha vindo até este reino sem que nenhum de nós o tenha percebido. Foi a conselho de Merlin, esclareceu o cavaleiro. Já o Rei Carados declarou: pois quero enfrentá-lo e vireis em meu socorro caso seja necessário. Pois ide, disseram todos, faremos o que estiver em nosso alcance. E, assim, o Rei Carados e seu exército se puseram em marcha lenta até chegarem à distância de um tiro de arco da hoste do Rei Bors. Então, os dois exércitos puseram seus cavalos para correr o mais rápido que podiam. Bleoberis, afilhado do Rei Bors, portava o estandarte principal e era um bom cavaleiro. Agora veremos, exclamou o Rei Bors, se esses bretões sabem usar as armas. E investiu contra um cavaleiro, atravessando-o com sua lança e fazendo-o cair por terra, morto. Depois, sacou da espada e realizou grandes feitos, deixando ambos os grupos assombrados. Seus cavaleiros não falharam; pelo contrário, fizeram sua parte, e o Rei Carados foi derrubado no chão. Nesse momento, surgiu o Rei dos Cem Cavaleiros e resgatou seu aliado pela força das armas, já que esse rei era bom cavaleiro apesar de ainda muito jovem.

CAPÍTULO XVI

Mais sobre a mesma batalha.

Nessa hora, o Rei Ban adentrou o campo de batalha, feroz como um leão, ostentando as cores verde e dourado. Ah, ah!, exclamou o Rei Lot, agora vamos ser derrotados, pois vejo chegar o cavaleiro mais valente do mundo e o homem mais célebre, porque não existem irmãos como os Reis Ban e Bors. Por isso, não temos outro remédio senão bater em retirada, ou vamos morrer. A menos que façamos um esforço prudente para recuar, não podemos esperar outra coisa que não seja a morte. Quando o Rei Ban entrou na batalha, o fez com tamanho ímpeto que seus golpes ressoavam pelo bosque e pelo rio, levando o Rei Lot a chorar de lástima e aflição ao ver o fim de tão valorosos cavaleiros. No entanto, a grande força do Rei Ban fez com que os dois exércitos do Norte que se haviam dividido voltassem a se reunir enquanto os três reis e suas hostes continuavam matando. Dava pena ver aquela multidão de gente que fugia. Mas o Rei Lot, o Rei dos Cem Cavaleiros e o Rei Morganor, no espírito cavaleiresco, foram unir-se a seus homens e realizaram grandes façanhas com as armas, aguentando firme por um dia inteiro de batalha.

Quando o Rei dos Cem Cavaleiros se deu conta dos grandes danos que o Rei Ban havia provocado, investiu contra o seu cavalo e desferiu sobre seu elmo um golpe tão forte que o deixou atordoado. O monarca então enfureceu-se e, impiedoso, seguiu em seu encalço. O outro, percebendo sua manobra, ergueu o escudo e esporeou o cavalo, mas o golpe desferido pelo Rei Ban partiu uma quina de seu escudo, resvalou pela sua cota de malha na altura do ombro, cortou a manta que cobria o animal e o partiu em dois, derrubando a espada. Então, com destreza, o Rei dos Cem Cavaleiros evitou o corpo morto da montaria de seu adversário e, com a espada, golpeou repetidas vezes o animal. Mais que depressa, o Rei Ban saltou do cavalo morto e atacou seu oponente com tanta fúria, golpeando-o no alto do elmo, que o derrubou. No mesmo ímpeto, derrubou o Rei Morganor, e houve grande mortandade de bons cavaleiros e de muita gente. Foi quando o Rei Arthur entrou na luta e encontrou o Rei Ban de pé em meio a homens e animais mortos, lutando como um leão bravio, de tal forma que ninguém conseguia se aproximar dele sem ser atingido por golpes mortais, mas por fim levou um triste golpe, o que deixou o Rei Arthur bem penalizado. Ele próprio estava tão ensanguentado que não se podia reconhecê-lo senão por seu escudo, pois sua espada estava coberta de sangue e de miolos. Olhando ao seu redor, viu um cavaleiro montando um

excelente cavalo; correu então em sua direção, desferiu-lhe tamanho golpe no elmo que a lâmina penetrou até os dentes, e o cavaleiro caiu morto. Arthur tratou de tomar o animal pela rédea para entregá-lo a seu aliado, dizendo-lhe: Meu bom irmão, tomai este cavalo, pois tendes muita necessidade de uma montaria e muito lamento todos os vossos ferimentos. Logo estarei vingado, retrucou o Rei Ban, pois tenho confiança em Deus que minha fortuna vai fazer com que muitos deles se arrependam amargamente do que fizeram. Que assim seja, disse Arthur, pois vi o vosso esforço em combate; no entanto, eu podia não ter tido a oportunidade de vir socorrer-vos desta vez.

Quando o Rei Ban estava novamente sobre um cavalo, teve início um novo confronto, duro e cruel, que provocou muitas mortes. Usando toda a sua força, os reis Arthur, Ban e Bors comandaram um ligeiro recuo de seus cavaleiros. Os onze reis e sua cavalaria, porém, jamais retrocederam. Assim, pois, refugiaram-se em um pequeno bosque, atravessaram um regato até um local onde puderam descansar, já que, durante a noite, não haveria trégua no campo de batalha. Os onze reis e seus exércitos reuniram-se sobre uma colina, todos bem juntos, amedrontados e sobressaltados. Nem um único homem poderia passar entre eles, de tão cerrados que estavam, tanto pela frente como pela retaguarda, e o Rei Arthur se maravilhou com suas façanhas com as armas e se enfureceu. Ah, Sir Arthur!, exclamaram o Rei Ban e o Rei Bors, não os culpeis, pois estão fazendo o que devem fazer os homens bons. Por minha fé, acrescentou o Rei Ban, eles são os melhores guerreiros e os cavaleiros mais hábeis que já conheci, e esses onze reis são homens de muita honra. Se fossem vossos aliados, não haveria rei sobre a Terra que tivesse onze cavaleiros iguais e de tanto mérito. Reservo-me o direito de não amá-los, retrucou Arthur, pois que pretendem me destruir. Bem o sabemos, disseram os dois irmãos; sabemos que são vossos inimigos mortais, como já demonstraram em outras ocasiões. E, no dia de hoje, fizeram a sua parte, e sua obstinação é uma grande lástima.

Todos os onze reis se reuniram e, então, o Rei Lot propôs: Senhores, deveis agir de outra maneira, caso contrário, sofreremos uma grande derrota. Vede quanta gente já perdemos e que bons homens já se foram. Porque estamos sempre contando com a infantaria e, para salvar cada um deles, perdemos dez cavaleiros. Eis pois minha sugestão: deixemos os homens a pé a boa distância de nós, pois começa a anoitecer e o nobre Arthur não investirá contra eles e, assim, poderão estar a salvo, uma vez que o bosque fica bem perto. Nós ficaremos próximos dos ginetes e cada um de vós cuidará de ordenar que ninguém abandone a formação sob pena de morte. Qualquer um que veja um homem preparando-se para fugir deve matá-lo de imediato, pois é melhor matar um covarde do que deixar que nos matem a todos por um covarde. O que tendes a dizer? Respondei-me todos. Parece-me uma decisão acertada, disse o Rei Nentres e o mesmo disseram o Rei

dos Cem Cavaleiros, o Rei Carados, o Rei Uriens, o Rei Idres, o Rei Brandegoris, o Rei Cradelment, o Duque de Cambenet, o Rei Clariance e o Rei Agwisance. Juraram, então, jamais faltar para com tal compromisso, nem pela vida, nem pela morte. E acontecesse o que acontecesse, quem quer que fugisse seria morto. Repararam então seus arneses, recompuseram seus escudos, pegaram novas lanças, ajustando-as sobre as coxas, e se mantiveram tão imóveis quanto um aglomerado de troncos.

CAPÍTULO XVII

Ainda mais sobre a mesma batalha e de como Merlin pôs fim a ela.

Quando Sir Arthur e os reis Ban e Bors os viram, juntamente com todos os seus cavaleiros, muito elogiaram sua nobre atitude cavaleiresca, pois eram os mais empenhados guerreiros que haviam visto. Nesse momento, aproximaram-se quarenta nobres cavaleiros dizendo aos três reis que poriam fim àquela batalha. Eram eles: Lionses; Phariance; Ulfius; Brastias; Hector; Kay; Lucas, o mordomo; Griflet, Le Fise de Dieu; Mariet de la Roche; Gwinas de Bloi; Briant de la Forest Savage; Bellaus; Morians do castelo das Donzelas; Flannedrius do castelo das Damas; Annecians, afilhado do Rei Bors, um nobre cavaleiro; Ladinas de la Rouse; Emerause; Caulas; Graciens, le Castlein; um tal Blois de la Case e Sir Colgrevaunce de Gorre. Todos esses cavaleiros avançaram, com as lanças apoiadas nas coxas, e esporearam com força suas montarias para que os animais corressem o mais depressa possível. E os onze reis, com parte de sua cavalaria, também investiram com suas lanças, esporeando os animais com toda a força, e, de ambas as partes, realizaram-se incríveis façanhas com as armas. Então, Arthur, Ban e Bors entraram também naquela luta acirrada, matando a torto e a direito com ambas as mãos, a tal ponto que seus cavalos andavam sobre sangue até acima dos cascos. Mas os onze reis e suas hostes continuavam fazendo frente ao Rei Arthur. Ban e Bors estavam assombrados com toda aquela matança, mas acabaram obrigados a recuar para o outro lado do riacho. Foi quando surgiu Merlin montando um grande cavalo negro, e disse a Arthur: Ainda não terminastes? Já não fizestes o bastante? Dos sessenta mil homens que tínheis só vos restam vivos quinze mil. É hora pois de dar um basta, uma vez que Deus está furioso por ver que nunca vos dais por satisfeito. Além disso, não é dessa vez que os onze reis sairão derrotados, portanto, se continuardes a combatê-los, Ele há de vos abandonar à própria sorte e aumentará a deles. Retirai-vos para vosso acampamento. Ide descansar o mais rápido possível e tratai de recompensar vossos bons cavaleiros com ouro e prata, pois eles fizeram por merecê-lo, e nenhuma riqueza será demais para esses homens, uma vez que, para a pouca quantidade que tendes, nunca outros realizaram tantas façanhas quanto eles o fizeram hoje, quando se igualaram aos melhores guerreiros do mundo. Isto é verdade, disseram os reis Ban e Bors. E também retirai-vos para onde desejardes, pois nos próximos três anos ouso garantir que não vos causarão dano algum. Ao cabo desse prazo, recebereis mais notícias. E acrescentou, dirigindo-se a Arthur: Esses onze reis têm mais com que

se preocupar do que eles mesmos imaginam, já que os sarracenos desembarcaram em suas terras. São mais de quarenta mil e têm queimado e matado por todo lado, sitiaram o castelo de Wandesborow e andam causando grande destruição. Portanto, nada tendes a temer nos próximos três anos. Mandai também, Senhor, que sejam recolhidos todos os bens conquistados nessa batalha, deixai que sejam vasculhados, e, quando os tiverdes em mãos, ofertai tudo generosamente a estes dois reis, Ban e Bors, para que eles possam assim recompensar seus cavaleiros. Isto tornará os estrangeiros mais dispostos a acudir em vosso auxílio sempre que necessário. E vossos próprios cavaleiros poderão ser recompensados com vossos bens na hora em que quiserdes. Sábias palavras, observou Arthur, e tudo será feito segundo teu conselho. Quando os bens conquistados foram entregues a Ban e Bors, estes os deram a seus cavaleiros tão generosamente quanto os haviam recebido. Merlin se despediu então de Arthur e dos reis para visitar seu mestre Bleise, que morava em Northumberland. O mestre muito se alegrou com sua chegada. Merlin lhe contou como Arthur e os dois reis haviam travado uma grande batalha e de como esta teve seu fim; citou nominalmente cada um dos reis e cavaleiros de mérito que dela haviam participado. Bleise então registrou por escrito aquela narrativa, palavra por palavra, exatamente como seu discípulo lhe havia contado: como começou, pela ação de quem, como terminou e quem saiu vencido. Merlin pedia a seu mestre Bleise que registrasse todas as batalhas travadas na época do Rei Arthur e também que deixasse por escrito todos os combates de que cada cavaleiro valoroso daquela corte houvesse participado.

Depois, Merlin se despediu de seu mestre e voltou ao encontro do Rei Arthur, que estava no castelo de Bedegraine, um dos que possuía na Floresta de Sherwood. E apresentou-se tão disfarçado que o monarca não o reconheceu, pois estava envergando uma pele de ovelha negra, um grande par de botas, uma tosca veste parda e trazia arco, flechas e uns gansos silvestres nas mãos. Isso aconteceu no dia seguinte à festa das Candeias, mas o Rei Arthur não o reconheceu. Majestade, disse Merlin, dirigindo-se ao monarca, quereis conceder-me um dom? E por que haveria eu de conceder-te um dom, camponês?, retrucou o rei. Meu senhor, prosseguiu Merlin, mais vale conceder-me um dom que não está em vossas mãos do que perder grandes riquezas, pois aqui, neste exato local onde se travou a grande batalha, há um tesouro escondido sob a terra. Quem lhe disse isso, camponês?, indagou Arthur. Merlin, respondeu o homem. Foi então que Ulfius e Brastias o reconheceram e sorriram. Majestade, disseram os dois cavaleiros, é Merlin quem vos fala. O Rei Arthur ficou então bastante perturbado e maravilhado com o que via. O mesmo aconteceu com os reis Ban e Bors, e todos riram muito dele. Nesse meio-tempo, chegou uma donzela que era filha de um conde. Esse conde se chamava Sanam, e sua filha, uma jovem muito formosa, Lionors. Estava ali para render homenagens ao rei, como tantos outros nobres haviam feito depois

da grande batalha. E o Rei Arthur se enamorou dela, sentimento que foi recíproco; os dois se deitaram juntos, e ela concebeu um filho que recebeu o nome de Borre. Tempos depois, Borre veio a ser um bom cavaleiro e integrou a Távola Redonda. Chegou então a notícia de que o Rei Rience, de Gales do Norte, estava em guerra contra o Rei Leodegrance, de Cameliard, o que deixou o Rei Arthur bastante aborrecido, já que amava muito este último e odiava o Rei Rience, que sempre se levantava contra ele. Por ordem dos três reis, foram enviados de volta a Benwick todos que desejassem partir por temor ao Rei Claudas: Phariance, Antemes, Gratian e Lionses de Payarne, juntamente com os líderes dos grupamentos que deveriam proteger as terras dos dois reis irmãos.

CAPÍTULO XVIII

Como os reis Arthur, Ban e Bors resgataram o Rei Leodegrance, e outros incidentes.

Então, os reis Arthur, Ban e Bors partiram com seu exército de vinte mil homens e, em seis dias, chegaram ao país de Cameliard, onde resgataram o Rei Leodegrance, matando muitos dos homens do Rei Rience, uns dez mil, e obrigando esse monarca a bater em retirada. Os três reis foram muito bem recebidos pelo monarca local, que ficou muito grato pela sua bondade e por vingá-lo de seu inimigo. Foi ali que Arthur viu, pela primeira vez, Guinevere, filha do rei de Cameliard, e, desde esse momento, jamais deixou de amá-la. Depois, os dois se casaram, como se narra no livro. E, para concluir brevemente, Ban e Bors se despediram para voltar a seus países, pois o Rei Claudas havia infligido grande destruição a suas terras. Então, disse Arthur, vou convosco. Não, retrucaram os dois irmãos, desta vez não, pois tendes muito a fazer nestas terras. Partiremos e, com os grandes bens que ganhamos neste país graças à vossa doação, pagaremos bons cavaleiros e resistiremos às manobras do Rei Claudas, com a graça de Deus. Se houver necessidade, pediremos vosso auxílio, e se precisardes, mandai-nos chamar e, por nossa fé, não tardaremos em acorrer. Estes dois reis não precisarão voltar aqui para guerrear, disse Merlin, embora o Rei Arthur não vá passar muito tempo sem vos rever, pois, dentro de um ou dois anos, enfrentareis grande dificuldade e, então, ele vos vingará de vossos inimigos, exatamente como fizestes com os dele. Um dia, todos aqueles onze reis morrerão graças à força e à proeza de armas de dois bravos cavaleiros (como se contará mais adiante) chamados Balin, o Selvagem, e Balan, seu irmão, pois ambos estão entre os melhores que existem neste mundo.

Voltemos então aos onze reis que regressaram a uma cidade chamada Sorhaute, localizada nas terras do Rei Uriens. Ali, refrescaram-se como puderam, mandaram que os médicos lhes curassem as feridas e lamentaram profundamente a morte de seus homens. Chegou então um mensageiro relatando que suas terras haviam sido invadidas por gente sem lei, bem como por sarracenos, uns quarenta mil deles, que saíram queimando e matando sem piedade todos que encontraram pelo caminho, além de haverem sitiado o castelo de Wandesborow. Ai, lamentaram-se os onze reis, é tristeza sobre tristeza. Se não houvéssemos guerreado contra Arthur, como fizemos, ele não tardaria em vir nos ajudar, como acorreu em auxílio do Rei Leodegrance, que ama Arthur mais do que nós, dando

muito trabalho ao Rei Rience, já que cercaram o seu castelo. Concordaram então em unirem-se para defender todas as fronteiras da Cornualha, de Gales e do Norte. Primeiramente, puseram o Rei Idres na cidade de Nauntes, na Bretanha, para que, com quatro mil homens de armas, vigiasse a terra e o rio. Também puseram o Rei Nentres de Garlot na cidade de Windesan, com quatro mil cavaleiros, para que a vigiassem por água e por terra. Mandaram ainda mais de oito mil soldados para reforçar a guarda de todas as fortalezas das fronteiras da Cornualha. E outros tantos cavaleiros guarnecendo todas as fronteiras de Gales e da Escócia, com inúmeros homens de armas. Assim permaneceram por três anos, sempre aliados a poderosos reis, duques e senhores. A eles se uniram o Rei Rience de Gales do Norte, que possuía um grande exército, e Nero, igualmente poderoso em termos de exército. Durante todo esse tempo, mantiveram as fronteiras guarnecidas e os homens devidamente abastecidos com armas, víveres, todo tipo de apetrechos de guerra para vingar-se da batalha de Bedegraine, como se contará no livro de aventuras que se segue.

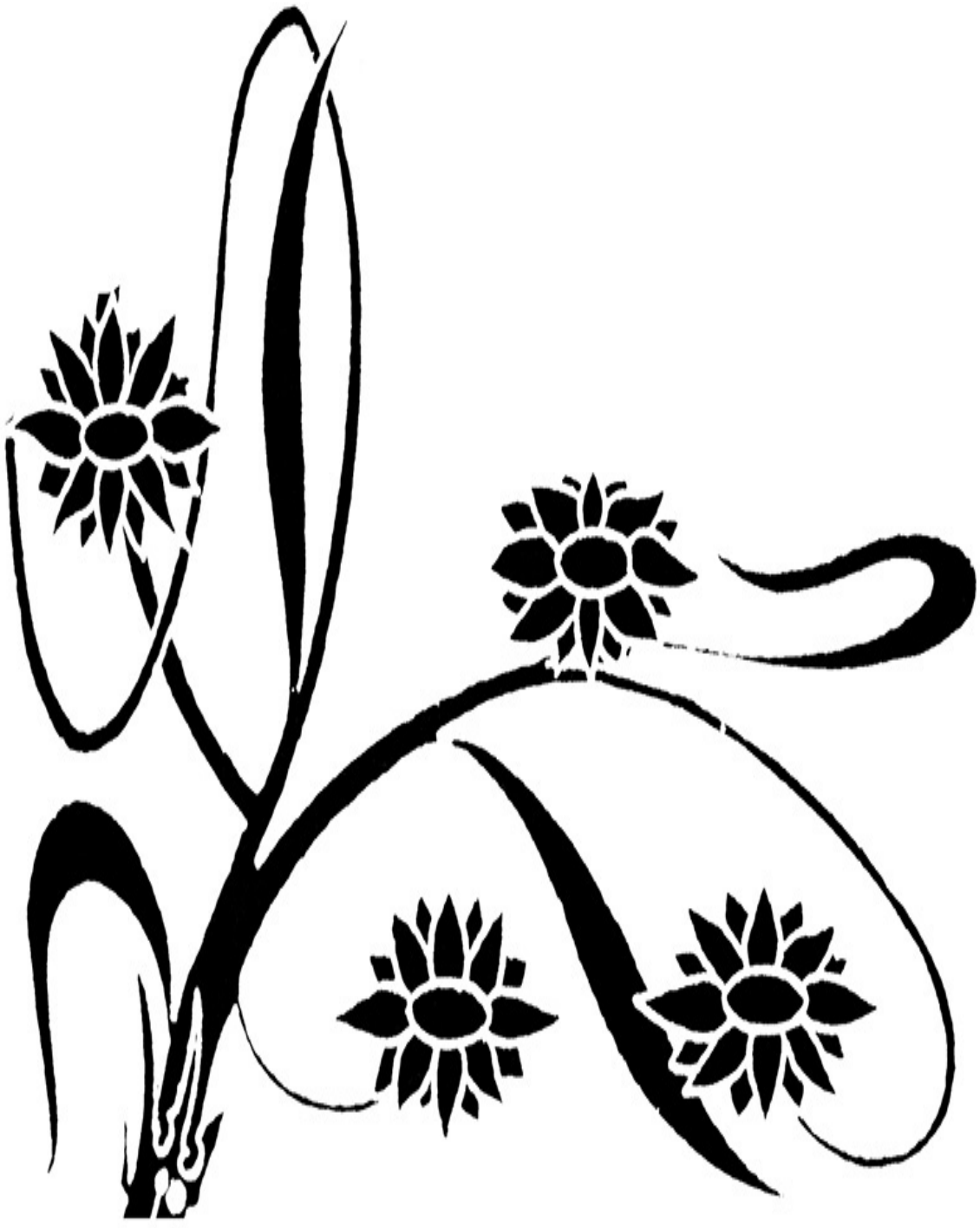
CAPÍTULO XIX

Como o Rei Arthur cavalgou até Carlion e sobre seu sonho, e como ele viu a Besta Ladradora.

Depois que os reis Ban e Bors partiram, o Rei Arthur rumou para Carlion. Foi recebido ali pela esposa do Rei Lot de Orkney, que, à guisa de embaixadora, estava na verdade encarregada de espionar a corte do Rei Arthur. Apresentou-se ricamente trajada e acompanhada de seus quatro filhos: Gawaine, Gaheris, Agravain e Gareth, além de vários outros cavaleiros e damas. Como se tratava de uma dama muito formosa, o monarca logo se enamorou e desejou deitar-se com ela. Ambos concordaram, e assim foi concebido Mordred. Acontece, porém, que ela era sua irmã por parte de mãe, Igraine. Os dois permaneceram juntos por um mês, até que o rei partiu. Arthur teve então um sonho prodigioso que o deixou extremamente assombrado (embora, durante todo esse tempo, não soubesse que a esposa do Rei Lot era sua irmã). Eis o sonho de Arthur: viu chegarem àquelas terras grifos e serpentes que queimavam e matavam a todos; depois, viu-se lutando contra eles e recebendo sérios ferimentos que eram muito dolorosos. Mas, afinal, conseguiu matá-los. Ao despertar, o rei sentiu-se muito afetado por tal sonho e, para afastá-lo de sua mente, preparou-se para sair em uma caçada com muitos outros cavaleiros. Assim que chegou à floresta, viu surgir a sua frente um grande cervo. Hei de segui-lo, disse o Rei Arthur. E, esporeando seu cavalo, correu atrás do animal por muito tempo, estando por diversas vezes a ponto de alcançá-lo. Mas a perseguição foi tão longa que sua montaria perdeu o fôlego e caiu morta. Mandou então que um serviçal lhe trouxesse outro cavalo.

Ao ver o cervo emboscado e seu cavalo morto, o rei sentou-se junto a um poço e ficou ali, mergulhado em pensamentos profundos. Enquanto estava naquele local, teve a impressão de ouvir latidos, como se houvesse uns trinta cachorros. Foi então que viu surgir a besta mais estranha que já vira ou de que tivesse ouvido falar. A criatura se aproximou do poço para beber água, e o ruído que lhe saía do ventre era como o ganido de uns trinta pares de cães. Mas, enquanto ela bebia, não se ouvia ruído algum. Logo a seguir, a besta se foi fazendo muito barulho, e o rei ficou assombrado. Continuou ali, pensativo, e acabou por pegar no sono. Pouco depois, apareceu um cavaleiro a pé e lhe disse: Cavaleiro absorto e sonolento, não vistes porventura uma besta estranha passar por aqui? Vi, sim, respondeu o rei, não deve estar a mais de duas milhas daqui. O que quereis com ela? Ao que o homem respondeu: faz tempo que a persigo, Senhor, e meu cavalo acabou morrendo.

Quisera Deus eu tivesse outra montaria para prosseguir com a minha missão. Nesse instante, chegou alguém trazendo um cavalo para o rei e, quando o cavaleiro o viu, implorou ao rei que lhe cedesse o animal: pois faz um ano que venho nessa busca e ou consigo concluí-la ou derramo por ela o melhor sangue de meu corpo. Pellinore, rei naquele período, perseguia a Besta Ladradora e, depois de sua morte, Sir Palamedes deu continuidade à missão.



CAPÍTULO XX

Como o Rei Pelinore pegou o cavalo de Arthur para perseguir a Besta Ladradora, e como Merlin se encontrou com Arthur.

Senhor cavaleiro, disse o rei, abandone essa busca e permiti que eu a assuma, e seguirei com ela por um ano. Ah, seu tolo, retrucou o cavaleiro, em vão o desejais, pois ela só poderá ser concluída por mim ou por alguém da minha linhagem. Dito isto, saltou no animal, instalou-se em sua sela e exclamou: Muito obrigado, porque, agora, este animal será meu. Pois bem, disse o rei, podeis tomar minha montaria à força, mas gostaria de ver demonstrado se sois melhor a cavalo do que eu. E a resposta foi: Procurai-me quando quiserdes, sempre me encontrareis perto deste poço. E seguiu seu caminho. Arthur ficou sentado ali, pensativo, e mandou que seus homens lhe trouxessem outro cavalo o mais depressa possível. Logo acercou-se dele Merlin sob a aparência de um garoto de quatorze anos que saudou o rei e lhe perguntou por que estava tão absorto. Tenho bons motivos para estar assim, respondeu o monarca, pois tive a visão mais maravilhosa de toda a minha vida. Sei disso tão bem quanto vós, retrucou Merlin, e conheço todos os vossos pensamentos. Mas é tolice ficares pensando tanto, pois isso não vai vos corrigir. Também sei quem sois, quem foi vosso pai e em quem fostes engendrado: vosso pai foi Uther Pendragon e fostes gerado por Igraine. Tudo mentira, retrucou Arthur. Como podeis saber disso se não tens idade para ter conhecido meu pai? Pois bem, disse Merlin, sei disso melhor do que vós e que qualquer outro ser vivo. Não acredito, replicou o rei, aborrecendo-se com o garoto. Então, Merlin partiu e voltou aparentando ser um velho de oitenta anos, o que deixou Arthur muito contente, porque o ancião parecia muito sábio.

Então, o recém-chegado lhe perguntou: por que estais tão triste? Tenho bons motivos para estar triste, respondeu Arthur. Ainda agora passou por aqui um garoto que me disse muitas coisas que, em minha opinião, devia ignorar, já que não tinha idade para ter conhecido meu pai. Sim, retrucou o ancião, o garoto vos disse a verdade e teria dito ainda mais coisas se tivésseis permitido. Pois, recentemente, fizestes algo que deixou Deus muito descontente convosco: vós vos deitastes com vossa irmã, e ela concebeu um filho que vos destruirá, a vós e a todos os cavaleiros de vosso reino. Quem sois?, perguntou o rei. E por que vindes me trazer tais notícias? Sou Merlin, e também era eu sob a aparência de um garoto. Ah, exclamou Arthur, és um homem prodigioso, mas muito me assombram tuas palavras de que devo morrer em batalha. Não vos assombreis, retrucou Merlin,

pois é a vontade de Deus que vosso corpo seja castigado por vossas ações desonestas. Eu, sim, é que tenho motivo para estar triste, já que terei uma morte vergonhosa e em breve estarei debaixo da terra. Em contrapartida, vós tereis uma morte honrosa. Enquanto mantinham esse diálogo, chegou alguém com um cavalo para o rei. Este montou no animal; Merlin montou em outro, e ambos seguiram para Carlion. Lá chegando, o monarca logo perguntou a Hector e a Ulfius como ele havia sido concebido, ao que os dois responderam que seu pai fora Uther Pendragon, e sua mãe, a Rainha Igraine. Arthur, então, dirigiu-se a Merlin, dizendo: Quero que tragam minha mãe à minha presença, pois desejo lhe falar. Se ela disser que assim foi, acreditarei. Mais que depressa, mandaram buscar a rainha, que chegou trazendo consigo a Fada Morgana, sua filha, que era uma das damas mais formosas do reino, e o rei dispensou a Igraine uma excelente acolhida.

CAPÍTULO XXI

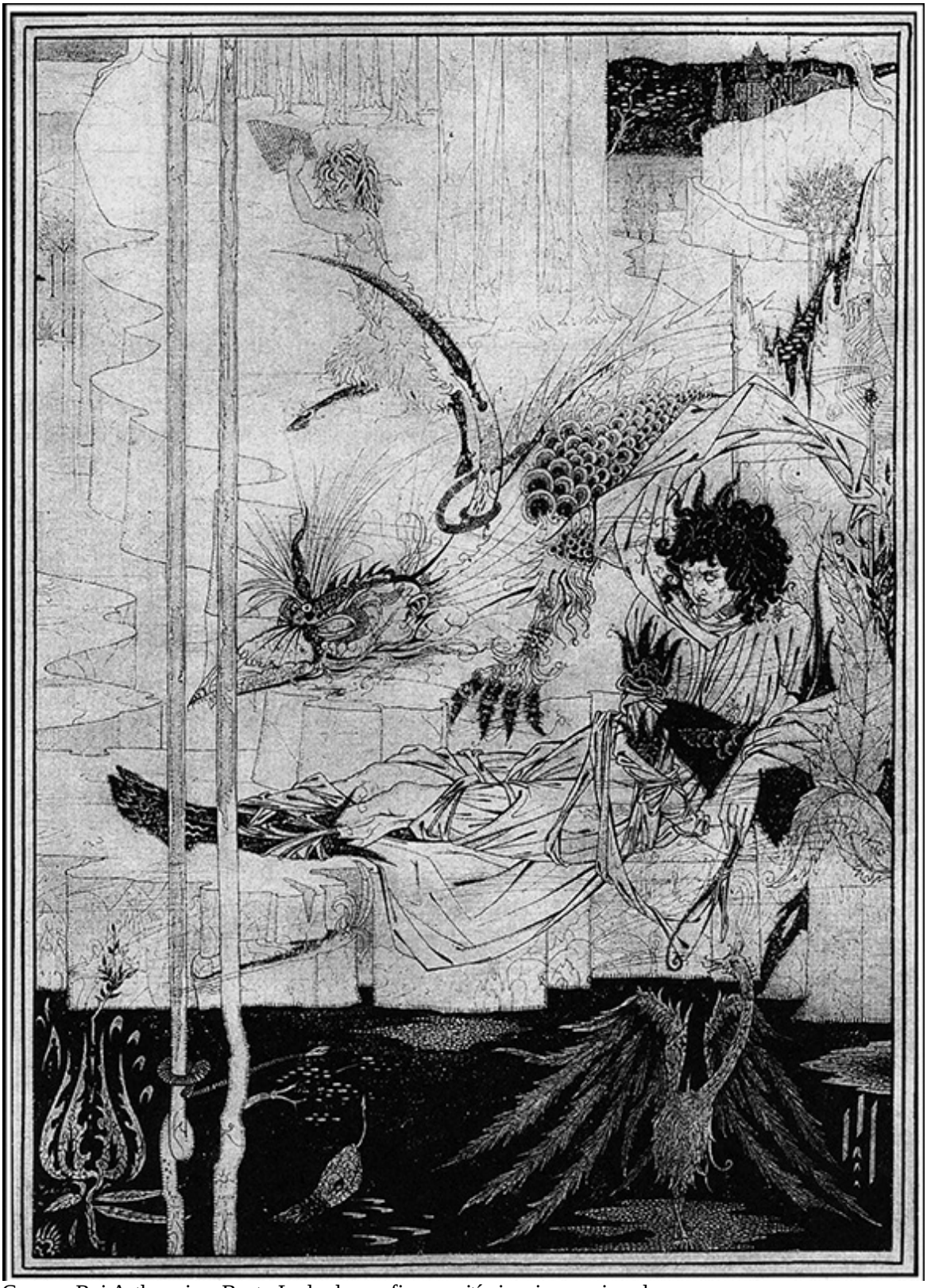
Como Ulfius acusou a Rainha Igraine, mãe de Arthur, de traição, e como surgiu um cavaleiro desejando vingar a morte de seu senhor.

Pouco depois chegou Ulfius e declarou abertamente, de forma que o rei e todos os que estavam sentados à mesa pudessem ouvi-lo: Sois a dama mais falsa do mundo e a maior traidora da pessoa do rei. Cuidado, atalhou Arthur, pois a acusação que fazeis é muito séria! Sei muito bem o que digo, replicou Ulfius, e aqui está a minha luva para provar tal declaração contra qualquer um que afirme o contrário. A Rainha Igraine é a causadora de todos os danos que haveis sofrido e da vossa grande guerra, pois, se ela houvesse explicado, ainda em vida do Rei Uther Pendragon, a vossa verdadeira origem e como fostes concebido, jamais teríeis enfrentado tantas guerras mortais. A maior parte dos varões de vosso reino ignorava de quem éreis filho ou por quem fostes gerado, e ela, que vos pariu de seu próprio corpo, deveria ter dado a conhecer publicamente tais circunstâncias, em justificativa de sua honra e da vossa, bem como a de todo o reino. É por esta razão que afirmo que ela é falsa para com Deus, para convosco e para com todo vosso reino. E provarei o que digo sobre o corpo de quem disser o contrário.

Então Igraine tomou a palavra. Sou mulher e não posso lutar, disse ela. Antes porém de ser desonrada, haverá algum homem de bem disposto a assumir essa disputa em meu nome. Ademais, Merlin bem sabe, e vós também, Sir Ulfius, como o Rei Uther veio até meu castelo de Tintagel sob a aparência de meu senhor, que havia morrido três horas antes, e foi assim que gerou um filho em mim naquela noite. No décimo terceiro dia depois do ocorrido, o Rei Uther se casou comigo e, por ordem sua, assim que o menino nasceu foi entregue a Merlin e criado por ele. Eu mesma nunca mais vi esse filho e nem sequer soube qual era o seu nome, porque, até o dia de hoje, jamais tinha posto os olhos nele. Retrucou, então, Ulfius: Merlin é mais culpado do que vós. Sei perfeitamente, prosseguiu a rainha, que dei à luz um filho de meu senhor, o Rei Uther, mas ignoro o que foi feito dele. Então, Merlin tomou o rei pela mão, dizendo: Esta é vossa mãe. A seguir, Sir Hector deu seu testemunho, declarando que havia criado o menino obedecendo a ordens de Uther. Diante disso, Arthur abraçou e beijou a Rainha Igraine, sua mãe, e ambos choraram assim abraçados. E o rei mandou celebrar uma festa que se estendeu por oito dias.

Algum tempo depois, chegou à corte um escudeiro a cavalo trazendo, à sua frente, um cavaleiro mortalmente ferido. Contou, então, que havia um cavaleiro na

floresta que armara sua tenda junto a um poço. Foi ele que matou meu senhor, disse o homem, um bom cavaleiro cujo nome era Miles. Peço-vos, pois, que meu senhor possa ser enterrado e que algum cavaleiro vingue a sua morte. Logo todos na corte comentavam a morte de Miles, e cada qual tinha sua opinião a respeito. Nesse momento apareceu Griflet, que, na ocasião era apenas um escudeiro bem jovem, da idade de Arthur, e pediu ao rei que o sagrasse cavaleiro em nome de todos os serviços que lhe havia prestado.



Como o Rei Arthur viu a Besta Ladradora e ficou muitíssimo impressionado.

CAPÍTULO XXII

Como Griflet foi sagrado cavaleiro e enfrentou outro cavaleiro em uma justa.

Sois muito jovem, disse Arthur, ainda de tenra idade para assumir tão elevado grau. Majestade, retrucou Griflet, suplico-vos que me tornais cavaleiro. Meu senhor, interveio Merlin, seria uma grande lástima perder Griflet, pois ele se tornará um excelente homem quando for maior de idade e permanecerá a vosso lado enquanto viver. E, caso se aventure contra tal cavaleiro do poço, correrá grande risco de jamais regressar, pois ele é um dos melhores cavaleiros do mundo e o mais forte homem de armas que existe. Pois bem, replicou Arthur. E, satisfazendo o desejo de Griflet, o sagrou cavaleiro. Agora, disse-lhe Arthur, que vos tornei cavaleiro, deveis me conceder um dom. O que quiserdes, disse o rapaz. Prometei-me que, por vossa fé, depois de teres justado com o cavaleiro do poço, estejais a pé ou a cavalo, voltareis diretamente à minha presença, sem qualquer discussão. Tendes a minha promessa, disse Griflet. Tomou então seu cavalo bem depressa, abraçou seu escudo, passou a mão em uma lança e saiu a galope até chegar ao poço. Ali perto viu uma rica tenda, e junto dela, coberto com um pano, um formoso cavalo, com sela e arreios, e, apoiado em uma árvore, um escudo de diversas cores e uma grossa lança. O rapaz derrubou o escudo com a ponta de trás de sua lança. Nesse instante, um cavaleiro saiu da tenda perguntando: Gentil cavaleiro, por que haveis derrubado meu escudo? Porque quero justar convosco, respondeu Griflet. Melhor não fazer isso, retrucou o outro, pois sois demasiado jovem, recém-sagrado cavaleiro, e vossa força não é nada diante da minha. Apesar disto, insistiu o rapaz, quero vos enfrentar em uma justa. Embora a contragosto, disse o cavaleiro, vejo-me obrigado a ir me preparar. De onde sois? Da corte do Rei Arthur, Senhor, respondeu Griflet. Então, os dois cavaleiros se puseram a correr, e a lança do jovem se estraçalhou. Seu adversário perfurou seu escudo e penetrou em seu flanco esquerdo, quebrando a lança cuja ponta ficou enfiada no corpo do rapaz. Com isso, cavaleiro e montaria caíram por terra.

CAPÍTULO XXIII

Como doze cavaleiros chegaram de Roma e quiseram cobrar tributos da terra de Arthur, e como Arthur enfrentou um cavaleiro.

Quando o cavaleiro viu o rapaz assim, estirado no chão, apeou da montaria bem entristecido, pois julgou que o havia matado. Tratou então de soltar-lhe o elmo para que ele pudesse respirar e, com o pedaço da lança, colocou-o sobre seu cavalo, o reanimou e o entregou nas mãos de Deus. Disse que ele tinha um coração forte e que, se sobrevivesse, demonstraria ser um ótimo cavaleiro. Foi assim que Sir Griflet voltou à corte, onde todos lamentaram muito a sua condição. Mas, graças à intervenção de bons médicos, ele foi tratado e acabou se salvando. Pouco depois, chegaram doze cavaleiros já bem idosos que vinham, em nome do imperador de Roma, cobrar tributos por o reino de Arthur sob pena de serem destruídos, tanto o rei quanto as suas terras. Sois mensageiros, disse Arthur, e, por isso, tendes liberdade para dizer o que quiserdes. Se não fosse este o caso, morreríeis por tais palavras. Esta porém é minha resposta: não devo nem quero dever nenhum tributo ao imperador, a não ser que este seja pago em campo aberto, e será com uma lança afiada ou com uma espada. E juro, pela alma de meu pai, Uther Pendragon, que não tardarei a fazê-lo. Os tais mensageiros partiram então bem enfurecidos, deixando o Rei Arthur muito irado também, pois aqueles homens tinham chegado em péssima hora, em que os ânimos já estavam aflorados por conta dos ferimentos de Sir Griflet. Mandou então que um de seus camareiros providenciasse, ainda durante a madrugada, seu melhor cavalo e sua melhor armadura, com tudo o que cabia à sua pessoa, e esperasse por ele fora da cidade antes do alvorecer. Assim, pois, o dia ainda não havia surgido quando o rei foi ao encontro de seu criado e de seu cavalo, montou, ajeitou o escudo diante do corpo, pegou sua lança e ordenou que seu camareiro o aguardasse ali até que estivesse de volta. Saiu cavalgando tranquilamente até que, ao amanhecer, avistou três camponeses perseguindo Merlin com a intenção de matá-lo. O rei se aproximou, gritando: Fugi, campônios! Ao ver um cavaleiro, os três ficaram com medo e saíram correndo. Ah, Merlin, disse Arthur, apesar de todas as suas artes, eles o teriam matado aqui mesmo se não fosse pela minha chegada. Não, retrucou Merlin. As coisas não teriam acontecido assim, pois eu poderia salvar-me se quisesse fazê-lo. Já vós estais muito mais perto da morte do que eu, porque rumais direto para ela, e Deus pode não estar a seu lado.

Enquanto conversavam, chegaram ao poço e à rica tenda ao lado. Então, o Rei Arthur avistou um cavaleiro armado sentado em uma cadeira. Senhor cavaleiro, disse ele, por que estais aqui de forma que nenhum outro possa passar por este caminho sem vos enfrentar em uma justa? Aconselho que deixeis esse hábito. Já o tenho usado, retrucou o cavaleiro, e voltarei a fazê-lo contra quem diga que não. E se este meu hábito desagrada a alguém, que esta pessoa venha corrigi-lo. É o que farei, replicou Arthur. Pois vou impedi-lo, disse o cavaleiro. De imediato, pegou seu cavalo, abraçou o escudo, pegou uma lança, e os dois se atacaram com tamanha fúria que ambas as lanças se fizeram em pedaços. Arthur sacou então da espada. Não, isso não!, exclamou seu adversário. É mais justo voltarmos a nos enfrentar com lanças afiadas. Aceitaria isso de bom grado, respondeu Arthur, se tivesse mais lanças comigo. Pois eu tenho, em quantidade suficiente, disse o cavaleiro. Surgiu então um escudeiro trazendo duas boas lanças. Arthur escolheu uma delas, e o cavaleiro, a outra. Esporearam seus cavalos e se lançaram um contra o outro com todas as suas forças, fazendo com que as armas se partissem na altura de suas mãos. Mais uma vez, Arthur sacou da espada. Não, atalhou o cavaleiro, melhor será, já que sois o melhor justador de todos quantos enfrentei antes, que, por amor à alta ordem da cavalaria, justemos novamente. De acordo, assentiu o rei. Mais que depressa, trouxeram-lhes lanças bem grossas, e cada um pegou uma delas. Ao se atacarem, a arma de Arthur se despedaçou completamente. Mas a do outro cavaleiro o atingiu com tal força no meio do escudo que homem e montaria caíram no chão. Arthur, então, irritado, sacou da espada dizendo: vou provar-vos, a pé, senhor cavaleiro, que perdestes vossa honra a cavalo. Continuarei montado, retrucou o outro. Furioso, o rei ergueu o escudo em sua direção com a espada desembainhada. Quando viu tal gesto, seu adversário apeou, pois pensou que nenhuma honra teria um cavaleiro que levasse tamanha vantagem, estando a cavalo contra alguém no chão, e, assim que desmontou, ergueu seu escudo na direção de Arthur. Nesse momento, teve início uma batalha com muitos grandes golpes, ambos manejando a espada de tal forma que chegavam a saltar faíscas no campo. E ambos estavam sangrando tanto que toda a terra ao seu redor ficou ensanguentada. Os dois ficaram lutando assim por muito tempo, fazendo algumas pausas para descansar e retomando o combate. Um e outro investiam contra o adversário como dois carneiros e, assim, caíam no chão. Por fim, atacaram-se com tanta força que suas armas se chocaram, mas a espada do cavaleiro fez a do Rei Arthur em pedaços, o que o deixou consternado. Então, o cavaleiro lhe disse: Estais à minha mercê. Posso decidir se quero vos perdoar ou vos matar. E, a menos que vos rendais e vos deis por vencido, morrereis. Quanto à morte, replicou Arthur, ela será bem-vinda quando chegar, mas quanto a dar-me por vencido, prefiro morrer a admitir semelhante afronta. E saltou sobre Pellinore, segurou-o pela cintura, derrubou-o e lhe arrancou o elmo. Ao ver isto, o cavaleiro

se enfureceu, pois era muito corpulento e forte. Em segundos, estava por cima de Arthur, arrancando-lhe também o elmo, decidido a lhe cortar a cabeça.

CAPÍTULO XXIV

Como Merlin salvou a vida de Arthur e lançou um feitiço sobre o Rei Pellinore, fazendo-o adormecer.

Nesse momento, apareceu Merlin e disse: cavaleiro, contende esta mão, pois se matardes vosso adversário estareis causando ao reino o maior dano que qualquer outro reino jamais sofreu. Este cavaleiro é o homem de maior mérito que poderíeis imaginar. Como? Quem é ele?, indagou o outro. É o Rei Arthur. O cavaleiro então ergueu a espada, querendo matar o monarca por medo de sua cólera, e, nesse instante, Merlin lhe lançou um feitiço fazendo-o cair por terra tomado por um sono irresistível. O mago então levantou Arthur, o fez montar o cavalo de seu adversário e partiu com ele. Ai, que fizeste, Merlin? Mataste aquele bom cavaleiro com tuas artes? Não existe nenhum outro tão digno quanto ele. Preferia desterrar-me por um ano inteiro contanto que ele continuasse vivo. Não vos preocupeis, replicou Merlin, pois vosso adversário está em melhores condições do que vós. Está apenas adormecido e despertará dentro de três horas. Eu vos disse quem era aquele cavaleiro, e teríeis morrido se não fosse pela minha presença. Ademais, não conheço nenhum outro tão corpulento quanto ele e, no futuro, vos prestará muitos bons serviços. Chama-se Pellinore e terá dois filhos, ambos excelentes homens. Com uma única exceção: não haverá quem os iguale em proezas e em vida virtuosa. Seus nomes serão Percival de Gales e Lemorak de Gales, e ele vos dirá o nome do filho que gerastes em vossa irmã e que será a destruição de todo este reino.

CAPÍTULO XXV

Como Arthur, com o auxílio de Merlin, conseguiu sua espada, Excalibur, com a Dama do Lago.

Os dois partiram e foram ao encontro de um eremita que era um homem santo e um excelente médico. O eremita curou o rei de todas as suas feridas e lhe deu bons bálsamos. Arthur permaneceu ali por três dias e, quando todos seus ferimentos estavam curados e ele já podia andar e cavalgar, retomaram viagem. Enquanto cavalgavam, o rei disse: Não tenho mais espada. Pouco importa, retrucou Merlin. Perto daqui há uma espada que, se tudo der certo, será vossa. Prosseguiram cavalgando até chegaram às margens de um lago extenso e de águas límpidas. No meio desse lago, Arthur avistou um braço vestido de brocado branco que segurava uma bela espada na mão. Veja, disse Merlin, ali está a espada a que me referi. Nesse momento, viram uma donzela que andava sobre as águas. Quem é essa donzela?, perguntou Arthur. É a Dama do Lago, respondeu Merlin. Dentro dele, há um grande rochedo e, sobre ele, um palácio formoso e ricamente adornado como não existe nenhum outro na Terra. Esta donzela logo estará aqui à vossa frente. Deveis lhe falar gentilmente para que ela queira vos dar essa espada. Pouco depois, a moça se aproximou, saudou Arthur, que respondeu ao seu cumprimento. Donzela, indagou o rei, que espada é aquela empunhada pelo braço saindo da água? Quisera que fosse minha, pois não tenho espada. Senhor Rei Arthur, replicou a donzela, aquela espada é minha e, se vos dignais me conceder um dom quando eu vos pedir, ela será vossa. Por minha fé, disse Arthur, eu vos concederei o que me pedirdes. Pois bem, prosseguiu a Dama do Lago, entrai naquela barca, remai até onde está o braço e tomai a espada juntamente com sua bainha. Eu vos pedirei o que desejo quando chegar a hora. Então, Merlin e Arthur desmontaram, amarraram os cavalos cada um a uma árvore e subiram na embarcação. Ao chegarem junto ao braço, Arthur pegou pelo punho a espada que ele segurava e a levou consigo. Nesse instante, o braço e a mão desapareceram da superfície do lago. Os dois voltaram à terra firme e retomaram sua viagem. Pouco depois, Arthur viu uma rica tenda. Que significa aquela tenda ali? É a tenda de Sir Pellinore, respondeu Merlin, o cavaleiro contra o qual lutastes pouco tempo atrás. Mas ele se foi. Não está mais lá. Enfrentou um de vossos cavaleiros, de nome Egglame. Os dois lutaram, mas este último acabou fugindo, caso contrário teria sido morto. O outro o perseguiu até Carlion, e logo, logo toparemos com ele neste mesmo caminho. Pois muito bem, exclamou Arthur. Agora que tenho uma espada, quero enfrentá-lo e me

vingar. Majestade, não deveis fazer isso, recomendou Merlin, pois o cavaleiro está cansado de lutar e perseguir, e essa luta não vos traria honra alguma. Ademais, ele não será vencido facilmente por nenhum cavaleiro existente nesta terra e, por isso, o meu conselho é que o deixeis passar, pois, em breve, ele vos prestará bons serviços assim como seus filhos, depois que ele morrer. Tampouco tardará o dia em que tereis imenso prazer em lhe dar a mão de vossa irmã em casamento. Quando o vir, disse Arthur, seguirei teu conselho.



A Dama do Lago fala a Arthur
sobre a espada Excalibur.

Voltou então os olhos para sua espada e a admirou. De que mais gostais?, perguntou Merlin. Da espada ou da bainha? Da espada, respondeu Arthur. Sois muito pouco sensato, retrucou Merlin. Essa bainha vale bem umas dez espadas, pois, enquanto a tiverdes convosco, não perdereis nenhum sangue nem sofrereis ferimento grave. Assim, pois, trazei sempre a bainha convosco. Seguiram cavalgando até Carlion e, durante o trajeto, encontraram Sir Pellinore, mas, graças aos artifícios de Merlin, este não viu o rei e passou sem dizer uma palavra. Muito me espanta que o cavaleiro não tenha dito nada, observou Arthur. Ele não vos viu, meu Senhor; caso contrário, não teríeis podido seguir caminho tão facilmente. Chegaram então a seu destino, e todos os cavaleiros do rei muito se alegraram. Quando tomaram conhecimento de suas aventuras, ficaram assombrados ao ver que ele havia arriscado a vida assim, sozinho. No entanto, todos os homens de mérito disseram que era uma grande alegria estar sob o comando de semelhante capitão; alguém que se lançava em aventuras exatamente como faziam os outros pobres cavaleiros.

CAPÍTULO XXVI

Como chegaram aos ouvidos do monarca as notícias de que o Rei Rience havia derrotado os onze reis e desejava ornar seu manto com a barba de Arthur.

Nesse meio-tempo, chegou um mensageiro do Rei Rience de Gales do Norte, de toda a Irlanda e de muitas ilhas. Depois das saudações ao Rei Arthur, cumprindo as normas da polidez, a mensagem dizia que o Rei Rience havia desbaratado e vencido onze reis, e cada um deles lhe havia rendido uma homenagem, a saber: entregaram-lhe suas barbas recém-cortadas. E o mensageiro vinha pedir a barba do Rei Arthur, pois o Rei Rience havia mandado ornar um manto com todas as que recebera e deixado um espaço vazio para a de Arthur. Em caso de recusa, ele invadiria suas terras, matando e incendiando, e o reino não teria trégua até que aquele monarca obtivesse a cabeça e a barba de seu rei. Pois bem, disse Arthur, já me transmitiste tua mensagem, que é a mais abominável e grosseira que jamais vi enviarem a um monarca. Também podes ver que minha barba ainda é demasiado jovem para que se possa enfeitar com ela a orla de um manto. Mas vai dizer isto a teu rei: nem eu nem qualquer de meus nobres lhe deve nenhuma homenagem e, por minha fé, não tardará muito para que ele venha me render homenagem com ambos os joelhos por terra ou perderá a cabeça, pois essa foi a mensagem mais vergonhosa que jamais ouvi. Pelo que percebo, teu rei ainda não se defrontou com homens valorosos, mas diz a ele que terei sua cabeça se ele não vier me render homenagem. O mensageiro então tomou o caminho de volta.

Há alguém aqui que conheça o Rei Rience?, perguntou Arthur. Quem respondeu foi um cavaleiro chamado Naram: Conheço bem esse rei, Majestade. É um homem corpulento como poucos e muito orgulhoso. Não tenhais dúvida, meu senhor, de que ele nos há de declarar guerra com uma hoste poderosa. Pois bem, retrucou o rei, tratarei de dar ordens para que possamos recebê-lo dentro em breve.

CAPÍTULO XXVII

Como se ordenou que procurassem todas as crianças nascidas em primeiro de maio e como Mordred se salvou.

Depois disso, o Rei Arthur mandou que lhe trouxessem todos os meninos nascidos em primeiro de maio, gerados por senhores e paridos por damas, pois Merlin lhe havia dito que aquele que haveria de destruí-lo nasceria nesse dia. Ordenou, portanto, que fossem buscar todos eles, sob pena de morte. Vários filhos de nobres foram encontrados e levados à presença do rei, inclusive Mordred, enviado pela esposa do Rei Lot, e todos foram embarcados em um navio e lançados ao mar. Algumas dessas crianças tinham quatro semanas de vida, outras até menos. Por infortúnio, a embarcação foi lançada de encontro a um castelo e ficou quase totalmente destroçada. A maior parte das crianças morreu, à exceção de Mordred, que foi lançado por terra e foi encontrado por um santo homem que o criou até seus quatorze anos. Nessa época, então, ele o levou até a corte, como se contará adiante, mais para o final de *A morte de Arthur*. Muitos senhores e nobres do reino não gostaram de perder assim os próprios filhos, e vários deles culparam mais a Merlin do que a Arthur. Todos, porém, se calaram; alguns por medo, outros por amor. Quando, porém, o mensageiro se apresentou ao Rei Rience, este ficou furiosíssimo. Tratou de reunir uma grande hoste, como está relatado no livro de Balin, o Selvagem, que vem logo a seguir: como, por fortuna, Balin conseguiu a espada.

Explicit liber primus
Incipit liber secundus

LIVRO II





CAPÍTULO I

De uma donzela que veio trazendo uma espada à cinta e tentava encontrar um homem tão virtuoso que fosse capaz de sacá-la de sua bainha.

epois da morte de Uther Pendragon, subiu ao trono Arthur, seu filho. Este enfrentou uma guerra acirrada durante o seu reinado para manter a Inglaterra inteira em suas mãos, pois havia inúmeros reis naquelas terras, bem como em Gales, na Escócia e na Cornualha. Certa feita, quando Arthur estava em Londres, chegou um cavaleiro trazendo notícias de que o Rei Rience de Gales do Norte havia reunido um grande contingente e invadido suas terras, queimando e matando fiéis vassalos do rei. Se for verdade, exclamou o monarca, seria imensa vergonha para meu estado não opor forte resistência ao invasor. É verdade, replicou o cavaleiro, pois vi o exército com meus próprios olhos. Pois bem, disse Arthur, que se convoquem todos os senhores, cavaleiros e homens de armas. Estes deveriam se apresentar a um castelo na época denominado Camelot, onde o rei mandaria celebrar um conselho geral e uma grande justa.

Quando o rei e sua corte ali chegaram e se instalaram como melhor lhes pareceu, apareceu uma donzela trazendo uma mensagem da grande dama Lile de Avelion. Ao se postar diante do Rei Arthur, a jovem anunciou da parte de quem vinha e por que motivo havia sido enviada até ele com uma mensagem. Dizendo isso, ela deixou cair o manto ricamente adornado, e viu-se que trazia uma nobre espada presa à cinta. Assombrado, o rei perguntou: Donzela, por que trazeis assim esta espada? A arma não combina absolutamente convosco. Pois vou explicar-vos por quê, respondeu a moça. Esta espada que trago presa à cinta me causa muita aflição e transtorno, pois só um cavaleiro pode livrar-me dela. Mas é preciso que seja um homem valoroso por suas mãos e por seus feitos, inteiramente desprovido de maldade, falsidade e traição. Se eu encontrar um cavaleiro que possua todas essas virtudes, ele poderá sacar da espada desta bainha. Acontece, porém, que estive na corte do Rei Rience, onde, segundo me haviam dito, existem excelentes cavaleiros, e todos eles tentaram, mas ninguém foi capaz de me libertar. Se é verdade o que dizeis, exclamou Arthur, é maravilhoso. Eu mesmo tentarei tirar a

espada, não por ter a pretensão de ser o melhor cavaleiro, mas porque desejo dar início à prova e servir de exemplo a todos os meus homens, para que, depois de mim, cada um deles tente fazê-lo. Então, pegou a espada pela bainha e pelo punho e puxou com força. A arma porém nem se moveu.

Não é preciso puxar assim tão forte, Senhor, disse a donzela, porque o que conseguir tirá-la daí vai fazê-lo sem nenhum esforço. Tendes razão, replicou Arthur. Agora, tentai vós, meus varões. Mas cuidem de não estar maculados pela vergonha, pelo engano ou pela traição; caso contrário, tudo será em vão, prosseguiu a jovem, pois há de ser um cavaleiro sem qualquer mácula e de nobre linhagem, tanto por parte de pai quanto por parte de mãe. Quase todos os varões da Távola Redonda que ali se encontravam no momento tentaram a façanha, mas ninguém teve sucesso. Diante disto, a donzela muito se entristeceu e disse: Ai! Eu acreditava que nesta corte estivessem os melhores cavaleiros, isentos de falsidade, incapazes de atos de traição. Por minha fé, disse Arthur, a meu ver, aqui estão bons cavaleiros como não existem outros no resto do mundo, mas nenhum de nós tem a boa fortuna de poder ajudá-la, o que me causa grande pesar.

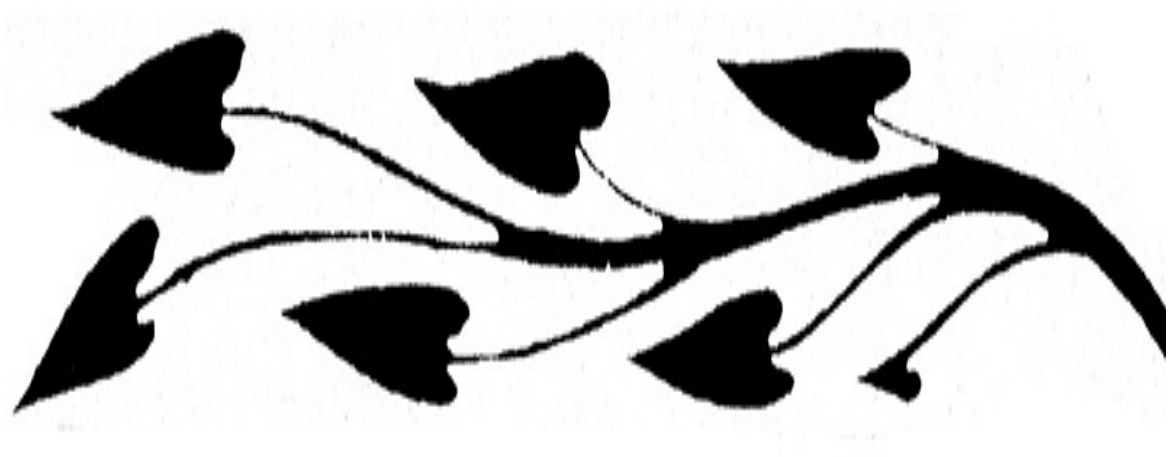
CAPÍTULO II

Como Balin, trajado como um pobre cavaleiro, sacou da espada que viria a ser a causa de sua morte.

Naquela época, havia, com o Rei Arthur, um pobre cavaleiro que fora seu prisioneiro por mais de meio ano pelo assassinato de um cavaleiro que era primo do monarca. Ele se chamava Balin, era natural de Northumberland e, graças à intervenção dos varões do reino, viera a ser libertado, pois tinha fama de ser um bom homem de armas. Balin entrou furtivamente na corte e, ao deparar com semelhante aventura, sentiu o coração pular de entusiasmo e quis tentar retirar aquela espada como os demais. Como, porém, era pobre e estava pobremente vestido, misturou-se à multidão, mas, no fundo do coração, estava convencido de que, mais do que qualquer outro ali presente, conseguiria tal proeza, se a sorte o ajudasse. Quando a donzela já havia se despedido de Arthur e dos varões da corte e estava de partida, o tal cavaleiro Balin a chamou, dizendo: Donzela, rogo à vossa cortesia que me deixeis tentar também, como fizeram esses senhores. Embora esteja pobremente trajado, em meu coração sou tão determinado quanto eles e creio que posso conseguir. A jovem fitou o humilde cavaleiro e viu que se tratava de um homem de boa aparência, mas, em razão de seus míseros trajes, achou que não deveria ter os méritos que procurava nem ser isento de maldade e traição. Disse-lhe, então: Senhor, não me causeis mais sofrimento e trabalho, pois não me parece que possais ter sucesso quando todos os outros fracassaram. Ah, gentil donzela, insistiu Balin, a honra, as boas qualidades e os grandes feitos não estão apenas nos trajes. Na verdade, a hombridade e a honra se escondem na pessoa, e existem muitos cavaleiros dignos que não são conhecidos por todos, o que mostra que a honra e a bravura não estão nas roupas que usamos. Por Deus, retrucou a donzela, é bem verdade o que dizeis e, portanto, podeis tentar mostrar do que sois capaz. O jovem, então, segurou a espada pelo punho e pela bainha e a retirou dali com toda a facilidade. Ao ver a espada, encantou-se com ela. O rei e todos os varões se maravilharam ao ver que Balin havia vencido aquela prova, e muitos cavaleiros sentiram grande rancor por ele. Na verdade, disse a donzela, este aqui é um ótimo cavaleiro; o melhor que jamais conheci; o que tem mais mérito e é isento de qualquer falsidade, traição ou vilania. E ele realizará muitos prodígios. Agora, gentil e cortês cavaleiro, devolvei-me a espada. Não, retrucou Balin, pois ficarei com ela, a menos que alguém queira tomá-la de mim à força. Bem, disse a donzela, não estais sendo sensato em ficar com a minha espada, pois,

com ela, matareis vosso melhor amigo e o homem que mais amais no mundo. Ademais, esta arma será vossa destruição. Assumirei a aventura que Deus quiser me mandar, disse o jovem, mas, por minha fé, não tereis a espada de volta. Em breve, estareis arrependido, prosseguiu a moça, pois, se quis recuperá-la, foi mais pelo vosso bem do que pelo meu. Lamento muito por vós, já que não quereis acreditar que esta espada será vossa ruína, e isso é uma grande lástima. Tendo dito isso, a donzela se foi em meio a muitos lamentos.

Balin logo tratou de mandar buscarem seu cavalo e sua armadura e quis partir da corte, pedindo então permissão ao Rei Arthur. Não, disse o monarca. Espero que não desejeis partir assim tão depressa. Creio que estais aborrecido pelo desamor que demonstrei. Não me culpeis tanto, pois havia sido mal informado a vosso respeito e não imaginei que fosseis um cavaleiro de tanta honra e tantas proezas. Se quiserdes permanecer nesta corte, junto com todos os meus homens, sereis muito bem acolhido. Que Deus agradeça Vossa Alteza, replicou Balin. Nenhum homem conseguirá vos fazer a devida justiça ao louvar vossa generosidade e vossa dignidade, mas, nesse momento, devo partir suplicando sempre vossas boas graças. Decerto, disse o rei. Muito me aborrece vossa partida. Rogo-vos que não tardeis em voltar e sereis muito bem recebido por mim e por meus varões, e tratarei de reparar todo o mal que vos causei. Que Deus vos abençoe por isso, Alteza, disse Balin, e logo se preparou para partir. Então, a maioria dos cavaleiros da Távola Redonda declarou que o jovem não havia vencido aquela prova apenas por força, mas sim por bruxaria.



CAPÍTULO III

Como a Dama do Lago pediu a cabeça do cavaleiro que conquistara a espada ou, então, a cabeça da donzela.

Enquanto o cavaleiro se preparava para partir, apareceu na corte uma dama conhecida como a Dama do Lago. Veio a cavalo, ricamente trajada, saudou o Rei Arthur e exigiu o dom que este lhe havia prometido quando ela lhe deu a espada. É verdade que vos fiz tal promessa, assentiu Arthur, mas esqueci o nome da espada que me destes. Ela se chama Excalibur, disse a dama, que significa Aço Afiado. Pois bem, replicou o rei, agora podeis pedir o que quiserdes e o tereis, se estiver em meu poder concedê-lo. O que desejo, disse a dama, é a cabeça do cavaleiro que conquistou a espada, e, se não for possível, a cabeça da donzela que a trouxe até aqui, embora não me fosse desagradável ter ambas, já que aquele homem matou meu irmão, um bom e verdadeiro cavaleiro, e aquela jovem foi a causadora da morte de meu pai. Na verdade, retrucou o monarca, não posso vos conceder de forma honrosa nem a cabeça de um nem a de outro. Assim, pois, pedi qualquer outra coisa, e satisfarei vosso desejo. Não quero pedir outra coisa, disse a dama. Quando Balin estava pronto para partir, viu a Dama do Lago por intermédio de quem havia matado sua mãe. Fazia três anos que procurava por ela e, ao ser informado de que a mulher havia pedido sua cabeça ao Rei Arthur, aproximou-se e lhe disse: Maldita sejais. Pedis a minha cabeça e, por isso mesmo, haveis de perder a vossa. E, com sua espada, cortou-lhe a cabeça diante do monarca. Que afronta!, exclamou Arthur. Por que fizestes tal coisa? Haveis afrontado a mim e a toda minha corte, pois eu tinha empenhado minha palavra a essa dama, e ela veio até aqui protegida por meu salvo-conduto. Jamais vos perdoarei por esta ofensa. Majestade, disse Balin, lamento por vosso aborrecimento, mas esta era a dama mais desleal do mundo e, por meio de encantamentos e feitiçaria, destruiu muitos bons cavaleiros e, com sua falsidade e traição, fez com que minha mãe fosse queimada. Fossem quais fossem vossos motivos, prosseguiu Arthur, deveríeis vos ter contido em minha presença. Tende, pois, certeza de que lamentareis este ato, pois nunca se viu desaire como este em minha corte. Assim, pois, tratei de abandonar este local o mais depressa possível.

Balin recolheu a cabeça da dama, levou-a para seus aposentos e ali encontrou seu escudeiro. Este ficou entristecido ao saber que o cavaleiro havia causado desgosto ao Rei Arthur, e ambos deixaram a cidade. Agora, disse Balin, devemos nos separar. Pega esta cabeça, leva-a até meus amigos e conta o que aconteceu.

Diz a todos eles que minha maior inimiga está morta. Conta-lhes também como saí da prisão e que aventura me valeu a conquista desta espada. Ai!, lamentou-se o escudeiro. Mereceis muita reprovação por haver contrariado o Rei Arthur. Quanto a isto, replicou Balin, galoparei depressa ao encontro do Rei Rience para destruí-lo ou morrer tentando. E, se tiver a boa fortuna de vencê-lo, o Rei Arthur será meu bom e gracioso senhor. Onde vos poderei encontrar?, perguntou o jovem. Na corte do Rei Arthur, respondeu Balin. E, na ocasião, os dois se separaram. Então, o Rei Arthur e toda a corte se puseram de luto e se envergonharam pela morte da Dama do Lago. E o monarca mandou que ela fosse enterrada com grandes cerimônias fúnebres.

CAPÍTULO IV

Como Merlin narrou a aventura de tal donzela.

Naquele tempo, havia um cavaleiro, filho do rei da Irlanda, cujo nome era Lanceor. Esse cavaleiro era orgulhoso e se considerava um dos melhores da corte. Guardava profundo rancor por Balin haver conquistado a espada e por lhe atribuírem mais bravura e proezas. Pediu então ao Rei Arthur permissão para ir ao encalço de Balin e vingar a injúria que este havia cometido contra a corte. Fazei como bem entenderes, replicou o monarca. Muito me desagrada que ele tenha partido sem sofrer qualquer punição pelo desaire que perpetrou contra mim e minha corte. Diante disso, Lanceor dirigiu-se a seus aposentos para aprontar-se. Nesse meio-tempo, Merlin chegou à corte do Rei Arthur, e lhe contaram tanto a aventura da espada quanto a morte da Dama do Lago. Pois devo dizer-vos, replicou Merlin, que tal donzela que chegou aqui a pé trazendo a espada é a criatura mais falsa de todo o mundo, e vou contar-vos o motivo de sua vinda. O que dizeis?, exclamaram muitos dos presentes. Ela tem um irmão, um cavaleiro honrado e muito habilidoso, e a donzela amava outro cavaleiro que era seu amante. O bom cavaleiro, seu irmão, enfrentou seu amante e o matou com a força de suas mãos. Quando essa falsa donzela recebeu a notícia do ocorrido, procurou a senhora Lile de Avelion suplicando sua ajuda para se vingar do próprio irmão.

CAPÍTULO V

Como Balin foi perseguido por Sir Lanceor, cavaleiro da Irlanda, e como eles se enfrentaram e Balin o matou.

Então essa senhora Lile de Avelion pegou a espada que trazia consigo e declarou que ninguém conseguiria retirá-la de sua bainha a menos que fosse um dos melhores cavaleiros deste reino, um homem corajoso e esforçado e que, com essa arma, mataria o irmão da donzela. Foi por isto que ela veio a esta corte. Sei disso tão bem quanto vós. Quisera Deus que não tivesse vindo, pois não o fez em honrosa fraternidade para o bem, mas sim para causar grandes males. O jovem que conquistou tal espada há de morrer por ela, o que será lamentável, já que não existe cavaleiro de maior proeza, e é alguém que vos proporcionará, meu Senhor Arthur, grande honra e cortesia. É uma pena que vá viver tão pouco tempo, pois não sei de outro igual em força e bravura.

Assim pois o cavaleiro da Irlanda se armou dos pés à cabeça, ajeitou o escudo no ombro, montou em seu cavalo, pegou sua lança e saiu ao encalço de Balin, fazendo sua montaria correr o mais depressa possível. Não tardou muito a ver o outro em uma montanha e gritou alto e bom som: Esperai, cavaleiro, pois tereis que esperar querendo ou não, e de nada vos valerá o escudo que trazeis à sua frente. Ao ouvir aqueles brados, Balin virou o cavalo, decidido, e disse: Gentil cavaleiro, o que quereis? Acaso desejais justar comigo? Sim, respondeu o irlandês. É por esse motivo que venho vos seguindo. Melhor teria sido ficardes em casa, já que muitos julgam poder censurar seu inimigo e, quase sempre, são eles mesmos que saem desonrados. De que corte sois enviado? Venho da corte do Rei Arthur, respondeu o cavaleiro da Irlanda. E venho para vingar vossa desconsideração para com o rei e sua corte hoje mais cedo. Bem vejo que devo vos enfrentar, declarou Balin. Lamento ter cometido tal desacato ao Rei Arthur ou a qualquer outro de sua corte, e vossa querela comigo é bem simples, pois a dama que morreu me causou grande dano. Se não fosse assim, encontraríeis o cavaleiro mais indigno do mundo, por ser aquele que matou uma dama. Preparai-vos, disse Lanceor, e investi contra mim, já que um de nós vai ficar aqui neste campo. Lanças em riste, puseram-se ambos a correr com todo ímpeto. O cavaleiro irlandês acertou Balin no escudo e, com isso, sua lança se despedaçou inteiramente. Seu adversário perfurou seu escudo e sua cota de malha e traspassou tanto seu corpo quanto a garupa do cavalo. Logo tratou de se voltar e sacou a espada sem saber se o havia matado, mas o viu estendido no chão como um cadáver.

CAPÍTULO VI

Como uma donzela, que estava apaixonada por Lanceor, matou-se por amor e como Balin encontrou Balan, seu irmão.

Olhou então ao seu redor e avistou uma donzela que se aproximava tão depressa quanto seu formoso palafrém permitia. Ao ver que Lanceor estava morto, a jovem foi tomada de terrível dor e disse: Ah, Balin, mataste dois corpos e um coração, dois corações em um corpo e puseste a perder duas almas! Dizendo isto, pegou a espada de seu amado que jazia morto e caiu por terra, desvanecida. Quando voltou a si, seu sofrimento foi tão comovente que Balin ficou muito tocado. O cavaleiro se aproximou para lhe tirar a espada das mãos, mas a donzela a segurou com tanta firmeza que seria impossível pegar a arma sem feri-la. De repente, ela apoiou o punho da espada no chão e se lançou sobre a lâmina, que atravessou seu corpo de um lado a outro. Balin sentiu-se imensamente entristecido e envergonhado ao ver que aquela formosa donzela tirara a própria vida por amor àquele que ele havia matado. Ai, exclamou ele, como me arrependo da morte deste cavaleiro por causa do amor que esta jovem sentia por ele, pois o amor que os unia era muito grande e verdadeiro. Tamanha foi sua aflição que não conseguiu continuar a fitá-los, e virou então seu cavalo, voltando os olhos para uma grande floresta. Pelas armas, reconheceu seu irmão Balan. Quando se aproximaram, ambos retiraram os elmos, beijaram-se e choraram de alegria e piedade. Sequer poderia imaginar que toparia convosco nesta súbita aventura, disse Balan. Muito me alegra que estejais livre de vossa sofrida prisão, pois um homem, no castelo das Quatro Pedras, me disse que havíeis sido libertado e que ele vos tinha visto na corte do Rei Arthur. Foi por isto que vim até este país, supondo que poderia vos encontrar. De imediato, Balin pôs o irmão a par da aventura da espada e da morte da Dama do Lago, dizendo-lhe também como o Rei Arthur ficara irritado com ele. Por este motivo, mandou este cavaleiro que jaz aqui morto ao meu encalço, e estou muito entristecido com a morte dessa donzela. Também me entristeço com isso, retrucou Balan, mas deveis aceitar a aventura que Deus quiser vos enviar. Na verdade, prosseguiu Balin, estou muito pesaroso por saber que meu senhor Arthur está descontente comigo, pois ele é o mais digno dos cavaleiros que hoje governam sobre a Terra, e quero conquistar seu amor ou lançar minha vida em aventuras. Como o Rei Rience está sitiando o castelo de Terrabil, devemos nos dirigir para lá sem mais tardar para provarmos ali nosso mérito e nossas proezas. Aceito de bom grado, disse Balan. Irei convosco e nos ajudaremos mutuamente, como devem fazer os irmãos.



CAPÍTULO VII

Como um anão censurou Balin pela morte de Lanceor, e como o Rei Marcos da Cornualha encontrou os dois corpos e erigiu um sepulcro para eles.

Agora, vamo-nos daqui, disse Balin, e alegremo-nos por nos termos reencontrado. Enquanto conversavam, surgiu um cavalo correndo a toda, trazendo um anão da cidade de Camelot. Viu os dois cadáveres e se lamentou profundamente, descabelando-se de tanta aflição. Disse, então: Quem de vós fez isto?, perguntou. Por que esta pergunta?, replicou Balan. Porque quero saber, respondeu o anão. Fui eu, respondeu Balin. Fui eu que matei esse cavaleiro para me defender, pois ele estava a me perseguir, de modo que apenas um de nós sairia vivo; e essa donzela tirou a própria vida por amor ao morto, o que muito me entristece e, por ela, deverei a todas as mulheres o melhor de meu amor. Ai, exclamou o anão, grande mal causaste a ti mesmo, pois aquele que ali jaz morto era um dos homens mais valentes deste mundo, e podes ter certeza, Balin, que a linhagem desse cavaleiro te perseguirá pela terra inteira até conseguir dar cabo de ti. Tal perspectiva não me causa temor algum, retrucou Balin, mas sinto imenso pesar por ter aborrecido meu senhor, o Rei Arthur, com a morte desse cavaleiro. Nesse meio-tempo, chegou a cavalo um rei da Cornualha que se chamava Marcos. Quando viu os dois corpos e soube, pelos dois referidos cavaleiros, como haviam morrido, muito se lamentou pelo amor verdadeiro que existia entre ambos e disse: Não partirei sem ter erigido sobre esta terra um sepulcro. Instalou então ali as suas tendas e saiu por aquelas terras à procura de uma sepultura. Em uma igreja, encontraram uma que era rica e formosa, então o rei mandou que os dois jovens fossem enterrados com o tal sepulcro sobre eles. Na lápide, mandou gravar os nomes de ambos e o seguinte texto: Aqui jaz Lanceor, filho do rei da Irlanda, que, segundo seu próprio desejo, morreu pelas mãos de Balin, e também sua senhora e amada, Colombe, que, tomada de sofrimento e dor, se matou com a espada de seu amado.

CAPÍTULO VIII

Como Merlin profetizou que dois dos melhores cavaleiros do reino se enfrentariam naquele local; esses dois eram Sir Lancelote e Sir Tristão.

Enquanto tudo isto estava acontecendo, Merlin apareceu diante do Rei Marcos e, ao ver o que ele havia feito, disse: Aqui, neste mesmo lugar, ocorrerá o maior confronto que jamais se viu ou jamais se verá entre dois cavaleiros, ambos os mais fiéis amantes. No entanto, nenhum dos dois matará o outro. E escreveu sobre a pedra, com letras de ouro, os nomes daqueles que ali lutariam: Lancelote do Lago e Tristão. Sois um homem prodigioso, disse o Rei Marcos a Merlin, a falar de tais maravilhas. Dizeis isto por ser um presunçoso ou um idiota? Como vos chamais? Nesta ocasião, respondeu Merlin, não vos direi nada, mas, no momento em que Sir Tristão estiver preso com sua dama soberana, aí então ouvireis e tomareis conhecimento de meu nome. E, então, recebereis notícias que não vos agradarão. E acrescentou, dirigindo-se em seguida a Balin: Causaste grande dano a ti mesmo por não salvar essa jovem que tirou a própria vida. Poderias tê-la salvado se tivesses querido. Por minha fé, retrucou Balin, juro que não pude salvá-la, já que o seu gesto foi inesperado. Muito lamento o ocorrido, disse Merlin, já que, pela morte dessa dama, darás o mais duro golpe que homem algum jamais recebeu, a não ser aquele que sofreu Nosso Senhor. Ferirás o cavaleiro mais conceituado e o homem mais honrado que vive neste mundo e, em razão desse golpe, três reinos sofrerão grande pobreza, miséria e infortúnios durante doze anos; e o cavaleiro não há de se curar de tal ferida por muitos e muitos anos. Despediu-se então de Balin, que disse: Se eu tivesse certeza de que o que dizes é verdade, que cometerei esse ato tão perigoso, agora mesmo me mataria para fazer de ti um mentiroso. Ao ouvir tais palavras, o mago desapareceu subitamente. Restou a Balan e a seu irmão se despedirem do Rei Marcos. Antes de partir, disse o rei, dizei-me como vos chamais. Senhor, respondeu Balan, podeis ver que ele carrega duas espadas e, portanto, podeis chamá-lo de Cavaleiro das Duas Espadas. O Rei Marcos dirigiu-se a Camelot, onde estava o Rei Arthur, e Balin tomou o caminho das terras do Rei Rience com o irmão. Enquanto cavalgavam, encontraram Merlin disfarçado e, por isso, não o reconheceram. Aonde vais?, perguntou Merlin. Isso não é de tua conta, responderam os dois. Mas e tu, como te chamas?, indagou Balin. Neste momento, não responderei, retrucou Merlin. O que bem demonstra que não és um verdadeiro homem, disseram os cavaleiros, já que não queres declinar teu nome. Podeis pensar o que quiseres, replicou o mago, mas posso dizer por que haveis tomado

este caminho. Estais à procura do Rei Rience, mas tal busca de nada vos valerá se não seguirdes meu conselho. Ah, exclamou Balin, sois Merlin, e seguiremos vosso conselho de bom grado. Vinde comigo, prosseguiu Merlin, e conquistareis grande honra, mas tratai de agir como cavaleiros, pois tendes grande necessidade disso. Quanto a isso, nada tendes a temer, disse Balin. Faremos tudo com o máximo empenho.

CAPÍTULO IX

Como Balin e seu irmão, seguindo o conselho de Merlin, capturaram o Rei Rience e o levaram à presença do Rei Arthur.

Merlin então os instalou em um bosque, entre as folhagens próximas à estrada e, pegando as rédeas de seus cavalos, levou-os para pastar, deixando que os irmãos se deitassem e descansassem até por volta da meia-noite. Nesse momento, mandou que os dois se levantassem e se preparassem, porque o rei estava bem perto, já que havia se afastado secretamente de seu exército levando umas três vintenas de seus melhores cavaleiros, e vinte deles iam à frente para avisar à Senhora de Vance que o rei estava a caminho, pois se deitaria com ela naquela noite. Qual deles é o rei?, perguntou Balin. Esperai, respondeu Merlin, pois, como este caminho é estreito, logo toparão com ele, disse, indicando-lhes por onde o monarca estava vindo.

Sem mais tardar, Balin e seu irmão enfrentaram o rei, derrubando-o e ferindo-o gravemente. Deixaram-no estendido ali no chão e, golpeando a esmo, mataram mais de quarenta dos seus homens e puseram os demais para correr. Retornaram então ao local onde estava o Rei Rience e o teriam matado se este não se houvesse rendido e se posto à mercê de ambos. Cavaleiros destacados em tantas proezas, não me mateis, porque, com minha vida, podereis ganhar, mas, com minha morte, nada ganhareis. Tendes razão, replicaram os dois cavaleiros e o puseram em uma liteira puxada por cavalos. Merlin então desapareceu e foi procurar o Rei Arthur para lhe contar como seu maior inimigo havia sido preso, e seu exército, desbaratado. Por quem?, perguntou o monarca. Por dois cavaleiros que queriam agradar à Vossa Alteza, respondeu Merlin. Amanhã sabereis quem são eles. Pouco depois, chegaram o Cavaleiro das Duas Espadas e seu irmão, Balan, trazendo consigo o Rei Rience de Gales do Norte. Entregaram o prisioneiro aos porteiros, que saberiam o que fazer com ele e, sem mais, foram-se embora ao alvorecer. O Rei Arthur foi então ao encontro do Rei Rience e lhe disse: Seja bem-vindo, Senhor. Por que aventura chegastes até aqui? Senhor, respondeu o Rei Rience, foi uma aventura de peso que aqui me trouxe. Quem vos venceu? O Cavaleiro das Duas Espadas e seu irmão, ambos magníficos cavaleiros de muitas proezas. Não os conheço, replicou Arthur, mas lhes sou profundamente grato. Pois vos direi quem são, atalhou Merlin. Balin, aquele que conquistou a espada, e seu irmão Balan, um bom cavaleiro, pois não há outro no mundo que a ele se iguale em honra e em façanhas, e todos lamentarão como nunca a sua perda, já que não viverá

muito. Ai!, exclamou Arthur, que grande lástima, pois lhe sou muito grato e não fiz por merecer tal gentileza. Não, retrucou Merlin, ele fará ainda muito mais por vós, como não tardareis a ver. Mas, senhor, tendes todas as provisões necessárias? Porque amanhã mesmo as hostes de Nero, irmão do Rei Rience, virão vos atacar antes do meio-dia, e são muitos os seus homens. Por isso, deveis vos preparar, pois não estarei aqui convosco.



CAPÍTULO X

Como o Rei Arthur travou uma batalha contra Nero e o Rei Lot, de Orkney; como este último foi iludido por Merlin e como doze reis acabaram mortos.

Ao saber disto, o Rei Arthur dividiu o seu exército em dez batalhões. Nero havia sido avistado em campo, diante do castelo de Terrabil, com uma grande hoste composta por dez batalhões muito mais numerosos que os de Arthur. Ele próprio comandava a vanguarda com a maior parte de seus homens. Merlin foi então ao encontro do Rei Lot da Ilha de Orkney e o manteve entretido com a narrativa de uma profecia enquanto Nero e seus soldados eram destruídos. Nos combates, Sir Kay, o Senescal, saiu-se tão bravamente que a honra o acompanhou por todos os dias de sua vida. Sir Hervis de Revel realizou magníficas proezas ao lado de Arthur e, nesse dia, o rei matou vinte cavaleiros e deixou quarenta outros bastante feridos. Nessa ocasião, chegaram o Cavaleiro das Duas Espadas e seu irmão Balan, e ambos realizaram tamanhas façanhas que o rei e todos os cavaleiros ficaram maravilhados, e aqueles que os observavam diziam que deviam ser anjos enviados do Céu ou demônios enviados do Inferno. O próprio Arthur disse que aqueles dois eram os melhores cavaleiros que jamais vira na vida, pois distribuíam golpes tão poderosos que deixavam todos assombrados.

Nesse ínterim, alguém se apresentou diante do Rei Lot e lhe disse que, enquanto ele tardava a participar do combate, Nero havia sido destruído e morto juntamente com todo o seu exército. Oh, exclamou o Rei Lot, quanta vergonha sinto, pois é por minha culpa que tantos homens dignos foram mortos. Se eu estivesse com eles não haveria exército sob o céu capaz de se comparar conosco. Foi esse embusteiro que me enganou com aquela sua profecia. Tudo aquilo havia sido obra de Merlin, pois ele bem sabia que, se o Rei Lot e seu exército tivessem participado daquela primeira batalha, Arthur teria sido morto, e todos os seus homens, destruídos. E Merlin também sabia que um daqueles dois reis morreria nesse dia e, embora não desejasse a morte nem de um nem de outro, preferia ver morto o Rei Lot do que o Rei Arthur. O que será melhor fazer agora?, perguntou o Rei Lot de Orkney. Negociar com o Rei Arthur ou combatê-lo? Porque a maior parte dos nossos homens está morta ou destruída. Senhor, disse um cavaleiro, atacai Arthur, pois eles estão cansados e esgotados pelo combate, e nós estamos repousados. Quanto a mim, declarou Lot, quero que cada cavaleiro cumpra sua parte como vou cumprir a minha. Hastearam então os pavilhões, avançaram contra os adversários e destruíram suas lanças. E as hostes de Arthur, com o auxílio do

Cavaleiro das Duas Espadas e de seu irmão Balan, derrotaram o Rei Lot e seu exército. Este se manteve sempre na linha de frente, realizando magníficas proezas com as armas e fazendo com que todos os seus homens seguissem o seu exemplo, resistindo a todos os cavaleiros inimigos. Infelizmente, porém, aquilo não durou muito. Foi uma grande lástima ver um cavaleiro tão valoroso como ele ser vencido; ele que, pouco tempo antes, havia sido um dos homens de Arthur e estava casado com uma das irmãs do rei. Mas, como Arthur dormiu com a esposa do Rei Lot, e também sua irmã, e gerou Mordred, seu cunhado acabou se tornando seu inimigo. Havia ali um cavaleiro a quem todos chamavam Cavaleiro da Estranha Besta, cujo verdadeiro nome era Pellinore, homem de muita proeza. Este desfechou um poderoso golpe no Rei Lot, que lutava com todos os seus adversários, mas errou e atingiu o pescoço do cavalo, que caiu derrubando o rei que o montava. Pellinore, então, abriu uma grande fenda no elmo do Rei Lot, partindo-lhe a cabeça até a altura das sobrancelhas. Diante da morte de seu comandante, todo o exército de Orkney se pôs em fuga, e muitas mães perderam seus filhos ali mesmo. Entretanto, o Rei Pellinore carregou para sempre a pecha de ter matado o Rei Lot, e, dez anos depois de ter sido sagrado cavaleiro, Sir Gawaine vingou a morte do pai matando o Rei Pellinore com as próprias mãos. Também sucumbiram nessa batalha doze reis aliados ao Rei Lot com Nero. Estes foram sepultados na igreja de Santo Estêvão de Camelot, ao passo que os demais cavaleiros e homens de armas foram enterrados em um grande penhasco.



CAPÍTULO XI

Do sepultamento dos doze reis e da profecia de Merlin, e como Balin daria o golpe doloroso.

Compareceram ao sepultamento a esposa do Rei Lot, Margawse, acompanhada dos quatro filhos: Gawaine, Agravaine, Gaheris e Gareth. Também estiveram presentes o Rei Uriens, pai de Sir Ewaine, e sua esposa, a Fada Morgana, irmã do Rei Arthur. Todos participaram das cerimônias fúnebres. Arthur mandou erigir uma rica tumba para esses doze monarcas e, para o Rei Lot, mandou que se erguesse um sepulcro à parte. Depois, ordenou que fossem fundidas doze efígies em cobre e latão, folheadas a ouro, que representavam os doze reis e, diante de cada uma delas, havia um círio aceso dia e noite. Por cima deles, foi erguida uma imagem do Rei Arthur de pé, com uma espada na mão, e as doze figuras tinham a atitude de homens derrotados. Tudo isso foi feito graças às artes sutis de Merlin, que ali mesmo declarou ao rei: Quando eu morrer, esses círios se apagarão e, pouco depois, hão de se apresentar a vós as aventuras do Santo Graal que terão de ser realizadas. E acrescentou ainda que Balin, o esforçado cavaleiro, desfecharia o Golpe Doloroso que haveria de acarretar grande vingança. Ah, onde estão Balin, Balan e Pellinore?, perguntou o Rei Arthur. Muito em breve, Pellinore lutará convosco; já Balin não ficará por muito tempo longe de vós, mas o outro irmão vai partir e não voltareis a vê-lo. Por minha fé, exclamou o monarca, são dois magníficos cavaleiros, especialmente Balin, que demonstra mais proeza do que qualquer outro que já conheci. E eu lhe devo muito. Queira Deus que permaneça comigo. Senhor, disse Merlin, tratai de guardar bem a bainha de Excalibur, pois não perdereis sangue algum enquanto a tiverdes convosco, apesar de receberdes todos os ferimentos possíveis. Depois disso, com toda a confiança, Arthur entregou a bainha de sua espada a sua irmã, a Fada Morgana. Esta, porém, amava outro cavaleiro muito mais do que a seu marido, o Rei Uriens, e que a seu irmão, o Rei Arthur, e ainda desejava que este fosse morto. Assim, pois, usando de encantamentos, criou uma bainha igual à original e entregou a de Excalibur a seu amante. Este cavaleiro se chamava Accolon e, mais tarde, ele esteve prestes a matar o Rei Arthur. Em seguida, Merlin profetizou que haveria uma grande batalha perto de Salisbury e que seu próprio filho, Mordred, estaria contra ele. Disse-lhe ainda que Bagdemagus era seu primo e parente próximo do Rei Uriens.

CAPÍTULO XII

Como um cavaleiro desconsolado se apresentou perante Arthur; como Balin foi buscá-lo e como esse cavaleiro foi assassinado por um cavaleiro invisível.

Um ou dois dias mais tarde, estando o Rei Arthur meio adoentado, mandou armarem sua tenda em um prado e ali se deitou sobre um catre para dormir um pouco, mas não conseguia conciliar o sono. Pouco depois, ouviu o ruído de um cavalo. Dirigiu-se à entrada da tenda e viu um cavaleiro que vinha em sua direção lamentando-se profundamente. Esperai, gentil senhor, disse o monarca, e dizei-me por que estais tão desconsolado. Pouco podeis fazer por mim, replicou o cavaleiro, e seguiu seu caminho rumo ao castelo de Meliot. Em seguida, chegou Balin, que, ao ver o Rei Arthur, apeou-se, aproximou-se a pé e lhe fez uma reverência. Por Deus, disse Arthur, sede bem-vindo, senhor. Agora mesmo passou por este caminho um cavaleiro que se lamentava profundamente e não sei por que razão. Podeis me fazer a cortesia e a gentileza de trazê-lo até mim de bom grado ou à força? Farei mais que isso por Vossa Majestade, retrucou Balin. E partiu a todo galope. Encontrou o cavaleiro com uma donzela em uma floresta e lhe disse: Senhor cavaleiro, deveis vir comigo para se apresentar diante do Rei Arthur e lhe contar o motivo de vosso sofrimento. Não farei isto, replicou o cavaleiro, pois tal atitude haveria de me ferir imensamente e de nada vos valerá. Senhor, insistiu Balin, rogo-vos que vos prepareis, pois deveis vir comigo ou teremos que lutar, e eu vos levarei à força, o que não me agradaria absolutamente. Se quiserdes ser meu protetor, disse o cavaleiro, eu vos acompanharei. Decerto que sim, replicou Balin, ou morrerei por esta causa. O cavaleiro então se preparou para partir com Balin e deixou a donzela ali onde ela estava. Quando já estavam diante da tenda do Rei Arthur, chegou alguém invisível e, com uma lança, traspassou de lado a lado o corpo do homem que cavalgava com Balin. Ai de mim!, exclamou ele, morro sob vossa proteção pelas mãos de um cavaleiro chamado Garlon. Tomai, pois, o meu cavalo, que é melhor do que o vosso, ide ao encontro da donzela e prossegui com a empreitada em que eu estava empenhado. Ela vos guiará. E, quando puderes, vingai a minha morte. Assim farei, disse Balin, e lhe dou a minha palavra de cavaleiro. Despediu-se então do outro com grande tristeza. O Rei Arthur mandou que tal cavaleiro fosse sepultado com toda a pompa e, sobre sua tumba, dizia-se como Herlews le Berbeus havia sido morto e quem havia cometido aquela traição: o cavaleiro Garlon. Mas a donzela carregou para sempre consigo o pedaço da lança que havia matado Sir Herlews.

CAPÍTULO XIII

Como Balin e a donzela encontraram um cavaleiro que havia sido morto da mesma forma e como tal donzela foi sangrada de acordo com o costume de um castelo.

Assim, pois, Balin e a donzela se embrenharam em uma floresta e ali encontraram um cavaleiro que andava caçando. Este perguntou ao recém-chegado por que estava tão acabrunhado. Não me compraz vos contar, disse Balin. Pois, se eu estivesse armado como estais, retrucou o cavaleiro, lutaria convosco. Não é necessário chegar a tanto, replicou Balin. Não tenho temor algum em vos narrar o acontecido. E foi o que fez. Ah, exclamou o cavaleiro, é só isso? Pois vos prometo, por minha fé, nunca me separar de vós enquanto viver. Foram então até a hospedaria, armaram-se e partiram cavalgando juntos. Quando chegaram a uma ermida que ficava bem diante de um cemitério, surgiu o cavaleiro Garlon, invisível, e traspassou com a lança o companheiro de viagem de Balin, Perin de Mountbeliard. Ai!, exclamou este último, estou morrendo pelas mãos desse cavaleiro traidor que cavalga invisível. Ai, exclamou Balin, esta não é a primeira afronta que ele me faz. Então Balin e o eremita enterraram o cavaleiro sob uma rica lápide em uma tumba real. E, pela manhã, encontraram escrita ali, em letras de ouro, a seguinte frase: SIR GAWAINE VINGARÁ A MORTE DE SEU PAI, O REI LOT, MATANDO O REI PELLINORE. Pouco depois, Balin e a donzela seguiram cavalgando até chegarem a um castelo. O cavaleiro desmontou, e ambos entraram no lugar. Mal haviam cruzado o portão, as grades se fecharam às suas costas e muitos homens cercaram a donzela com o intuito de matá-la. Ao ver tal cena, Balin sentiu-se ultrajado, pois nada podia fazer para ajudá-la. Subiu então na torre, pulou da muralha para dentro do fosso sem sofrer dano algum, sacou a espada e se preparou para lutar com eles. Os homens, porém, lhe disseram que não desejavam lutar, uma vez que se limitavam a cumprir o velho costume daquele castelo e lhe contaram que sua senhora estava enferma, acamada havia muitos anos, e só poderia se curar se tivesse uma vasilha de prata cheia do sangue de uma donzela pura e filha de rei. Portanto, acrescentaram, esta donzela não passará por este caminho a menos que dê uma quantidade de sangue capaz de encher uma vasilha de prata. Pois bem, replicou Balin, podeis sangrá-la o quanto for possível, mas, enquanto eu viver, ela não perderá a vida. Assim, com o consentimento da moça, Balin permitiu que eles a sangrassem, mas seu sangue não ajudou a senhora do castelo. Os dois então descansaram ali a noite inteira, tendo sido muito bem acolhidos. Quando amanheceu, seguiram viagem. E, como se conta mais adiante, no relato do Santo

Graal, a irmã de Sir Percival ajudou tal senhora com seu sangue, o que provocou a sua morte.

CAPÍTULO XIV

Como Balin enfrentou o cavaleiro chamado Garlon em uma festividade e o matou ali mesmo, usando seu sangue para curar o filho de seu anfitrião.

Cavalgaram por três ou quatro dias sem topar com nenhuma aventura e tiveram a sorte de encontrar abrigo na propriedade de um gentil homem que era rico e tinha muitos bens. Quando estavam à mesa jantando, Balin entreouviu uns tristes lamentos que vinham de um aposento próximo. O que são esses lamentos?, perguntou. Na verdade, respondeu seu anfitrião, vou contar o que se passa. Bem recentemente, participei de uma justa e enfrentei um cavaleiro que é irmão do Rei Pellam. Por duas vezes, consegui derrubá-lo, e ele prometeu vingar-se através de meu melhor amigo. Feriu então meu filho, que só poderá se curar quando eu tiver o sangue desse cavaleiro que cavalga sempre invisível, mas não sei como se chama. Ah, eu o conheço, replicou Balin. Ele se chama Garlon e matou dois de meus cavaleiros da mesma forma. Por esta razão, mais do que todo o ouro deste reino, o que desejo é enfrentá-lo pela afronta que me fez. Pois devo dizer-vos, disse seu anfitrião, que o Rei Pellam de Listineise mandou anunciar por todo este país que haverá uma grande festa a ser realizada dentro de vinte dias e que nenhum cavaleiro poderá participar de tal festejo se não estiver acompanhado da esposa ou da amante. Nesse dia, vereis tal cavaleiro, vosso inimigo e meu também. Então, replicou Balin, eu vos prometo parte de seu sangue para curar vosso filho. Amanhã mesmo haveremos de nos pôr a caminho, disse seu anfitrião. Dito e feito. Na manhã seguinte, partiram os três atrás de Pellam e viajaram por quinze dias até chegar a seu destino, bem quando começava a festa. Apearam-se, levaram seus cavalos para o estábulo e se dirigiram para o castelo. No entanto, o anfitrião de Balin não pôde entrar, porque não estava acompanhado de nenhuma dama, já Balin foi muito bem recebido, levado a um aposento e retiraram-lhe a armadura. Trouxeram-lhe roupas do seu agrado e quiseram que entregasse sua espada. Não, disse Balin, isso é algo que não farei, pois, em meu país, é costume que um cavaleiro porte sempre consigo sua arma e quero respeitar tal costume, caso contrário, vou-me embora como cheguei. Permitiram, então, que ele mantivesse a espada e, dentro do castelo, indicaram-lhe um lugar junto dos outros cavaleiros valorosos e instalaram sua dama bem à sua frente.

Não demorou muito e ele perguntou a um dos convivas: Nesta corte não existe um cavaleiro chamado Garlon? Ali está ele, respondeu o outro. É aquele com o rosto escuro. Trata-se do cavaleiro mais fabuloso do mundo, pois derrota vários

bons cavaleiros aproveitando-se do fato de andar por aí invisível. Ah!, exclamou Balin, é esse mesmo! E pensou: “Se eu matá-lo aqui dentro, não escaparei. Se não fizer nada, talvez não me veja em outra ocasião como esta e ele continuará causando muitos danos enquanto viver.” Neste ínterim, Garlon percebeu que Balin o estava fitando. Aproximou-se, então, e deu um tabefe com as costas da mão no rosto de Balin, e perguntou: Por que me olhas assim, cavaleiro? Decerto por vergonha. Come tua carne e faz o que vieste fazer. É bem verdade o que dizes, retrucou Balin. Esta não é a primeira afronta que me fazes, e, portanto, farei o que vim fazer. Levantou-se, em fúria, e lhe abriu a cabeça até a altura dos ombros. Dai-me o pedaço da lança com que ele matou vosso cavaleiro, disse Balin, dirigindo-se à donzela. Ela obedeceu, pois sempre carregava aquela lança consigo. E, com ela, Balin atravessou o corpo de seu adversário, dizendo em voz alta: Com este pedaço de lança que agora está fincado em teu corpo, mataste um bom cavaleiro. Chamou então seu anfitrião e declarou: Agora, podeis levar um pouco desse sangue para curar vosso filho.

CAPÍTULO XV

Como Balin combateu o Rei Pellam; como sua espada se quebrou e como ele conseguiu uma lança com a qual desferiu o Golpe Doloroso.

De imediato, todos os cavaleiros que estavam à mesa se levantaram para atacar Balin, e o próprio Rei Pellam também se pôs de pé, furioso, e disse: Cavaleiro, por que matastes meu irmão? Morrereis por isso antes de ir embora. Pois bem, retrucou Balin, então que seja por vossas mãos. Decerto, disse o monarca. Ninguém além de mim vai se haver convosco, pelo amor de meu irmão. Dizendo isso, pegou uma arma assustadora e atacou seu adversário. Este, porém, ergueu a própria espada e conseguiu aparar o golpe, mas sua arma se partiu. Vendo-se desarmado, Balin correu até outro aposento procurando algo com que lutar e continuou assim, de aposento em aposento, sem conseguir encontrar arma alguma e tendo sempre o Rei Pellam em seu encalço. Finalmente, entrou em uma câmara magnificamente adornada, com uma cama recoberta com um tecido de ouro dos mais caros que se pudesse imaginar. Sobre tal leito, havia alguém deitado e, ali ao lado, uma mesa de ouro puro com quatro colunas de prata. Nessa mesa, encontrava-se uma lança deslumbrante, estranhamente lavrada. No instante em que colocou os olhos na arma, Balin tratou de apossar-se dela, voltou-se para o Rei Pellam e o feriu com tamanha gravidade que o monarca desmaiou. Foi então que o teto e as paredes do castelo ruíram, e Balin caiu de tal forma que não podia mover nem os pés nem as mãos. O castelo, quase inteiramente derrubado pelo Golpe Doloroso, soterrou Pellam e Balin por três dias.

CAPÍTULO XVI

Como Balin foi libertado por Merlin e salvou um cavaleiro que pretendia matar-se por amor.

Então Merlin apareceu, resgatou Balin, deu-lhe um bom cavalo, pois o seu havia morrido, e mandou que ele fosse embora daquele país. Gostaria de levar minha donzela, disse Balin. Pois veja, retrucou o mago, ali jaz ela, morta. E o Rei Pellam passou muitos anos gravemente ferido, sem conseguir melhorar, até que foi curado por Galahad, o Príncipe Altivo, durante a demanda do Santo Graal, pois naquele local estava parte do sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, que José de Arimateia havia trazido para estas terras, e era ele que jazia naquele rico leito. E aquela lança era a mesma com que Longinus traspassara o coração de Nosso Senhor. O Rei Pellam era parente próximo de José e o homem mais digno que vivia na época. Seus ferimentos foram uma grande lástima, uma vez que o golpe desferido provocou muita dor, consternação e desventura. Merlin se despediu então de Balin, dizendo-lhe: Não voltaremos a nos encontrar neste mundo. O cavaleiro percorreu belos países e cidades, e, por todo lado, encontrou gente morta e povos massacrados. Os que estavam vivos gritavam ao vê-lo: Ah, Balin! Grande dano causaste a estas terras! Em razão do Golpe Doloroso que desferiste no Rei Pellam, três países foram destruídos. Mas não tenhas dúvida de que, mais dia, menos dia, a vingança recairá sobre ti. Ao deixar para trás tais regiões, Balin se alegrou muitíssimo.

E cavalgou durante oito dias sem deparar com qualquer aventura. Finalmente, entrou em uma bela floresta localizada em um vale. Avistou uma torre e, junto dela, um grande cavalo de guerra amarrado a uma árvore. Ali perto, sentado no chão, estava um garboso cavaleiro que se lamentava profundamente, e tratava-se de um homem formoso e bem-apessoado. Que Deus vos guarde!, disse Balin. Por que estais sofrendo tanto? Dizei-me o porquê e tentarei remediar vossa dor na medida das minhas possibilidades. Senhor cavaleiro, replicou o outro, vós me causais grande pesar, pois estava eu imerso em pensamentos alegres, e, agora, meu sofrimento é ainda maior. Balin se afastou um pouco para observar o cavalo e, então, o ouviu dizer: Ah, formosa senhora, por que quebraste a promessa que me fizeste? Pois prometeste vir me encontrar aqui ao meio-dia. Agora, posso maldizer-te por me ter dado esta espada, uma vez que, com ela, tirarei minha própria vida. E, dizendo isto, sacou a arma. Balin logo se lançou sobre ele e segurou a sua mão. Soltai minha mão, exclamou o cavaleiro, ou vos matarei. Isso

não será necessário, retrucou Balin, pois vos prometo minha ajuda para que obtenhais vossa dama, se quiseres me dizer onde ela está. Qual é vosso nome?, perguntou o cavaleiro. Meu nome é Balin, o Selvagem. Ah, senhor, eu vos conheço muito bem. Sois o Cavaleiro das Duas Espadas e o homem de maiores proezas com as mãos que existe no mundo. E qual é vosso nome?, indagou Balin. Meu nome é Garnish do Monte. Sou filho de um homem pobre, mas, por minhas proezas e por minha bravura, um duque me sagrou cavaleiro e me deu algumas terras. Trata-se do Duque Hermel, e sua filha é a mulher que amo, bem como ela a mim, creio eu. A que distância daqui ela se encontra?, perguntou Balin. A apenas seis milhas, respondeu o outro. Concordaram, então, em se pôr a caminho e cavalgaram bem depressa até chegarem a um formoso castelo bem amuralhado e cercado por um fosso. Entrarei no castelo para ver se ela está lá, disse Balin. Foi o que fez, e andou de aposento em aposento. Encontrou sua cama, mas a moça não estava ali. Olhou então para um pequeno jardim e a viu deitada à sombra de um loureiro, sobre uma manta de brocado, tendo, nos braços, um cavaleiro. Os dois estavam bem abraçados e sob a cabeça de ambos havia relva e plantas. Quando Balin a viu assim deitada com o cavaleiro mais torpe que conhecia, sendo ela uma bela dama, voltou pelo mesmo caminho por onde viera para dizer ao cavaleiro que a havia encontrado adormecida. E o levou ao local onde ela dormia.

CAPÍTULO XVII

Como esse cavaleiro matou sua amada e um cavaleiro que estava deitado a seu lado, e, depois, matou-se com a própria espada, e como Balin cavalgou até um castelo onde perdeu a vida.

Quando Garnish a viu assim deitada, a dor que sentiu foi tamanha que começou a sangrar pelo nariz e pela boca. Com a espada, cortou a cabeça de ambos e, então, lamentando profundamente, disse: Oh, Balin, quanta dor me trouxestes, pois, se não me houvesses mostrado esta cena, eu teria sido poupado de muito sofrimento. Na verdade, replicou Balin, fiz isso com a intenção de vos devolver a coragem para que, vendo a falsidade dessa dama, deixásseis de amá-la. Deus sabe que fiz apenas o que gostaria que tivésseis feito por mim. Ai!, exclamou Garnish, agora a minha dor é duas vezes maior, e por isso não posso continuar vivendo, tendo matado aquela a quem mais amei na vida. E, de súbito, lançou-se sobre a própria espada, enterrando-a no corpo até o punho. Vendo isto, Balin tratou de ir embora para que não dissessem que ele os havia matado e seguiu seu caminho. Três dias depois, chegou diante de uma cruz onde havia, gravadas em letras de ouro, as seguintes palavras: NENHUM CAVALEIRO SOZINHO DEVE CAVALGAR ATÉ ESTE CASTELO. Viu aproximar-se então um cavalheiro idoso e encanecido, que lhe disse: Balin, o Selvagem, estás ultrapassando teus limites ao trilhar este caminho. Volte, pois, e só terás a lucrar. E desapareceu. Nesse momento, ouviu-se o toque de uma corneta como que anunciando a morte de um animal. Esse toque é para mim, disse Balin, pois sou a presa embora ainda não esteja morto. Em seguida viu uma centena de damas e inúmeros cavaleiros, que o receberam com muitos sorrisos e o levaram para dentro do castelo. Houve danças, música e todo tipo de divertimentos. Então, a senhora do castelo disse: Cavaleiro das Duas Espadas, tendes que nos enfrentar e justar com um cavaleiro que guarda uma ilha perto daqui, pois nenhum homem pode passar por este caminho sem participar antes de uma justa. Triste costume este, retrucou Balin, que nenhum cavaleiro possa passar por aqui sem justar. Bastará que enfrenteis um cavaleiro, disse a dama.

Pois bem, replicou Balin, já que tenho que fazer isto, estou pronto. Mas os viajantes estão geralmente cansados e seus cavalos também e, embora meu corcel esteja fatigado, meu coração não está. De bom grado enfrentarei meu adversário, mesmo que esteja indo ao encontro da morte. Senhor, disse-lhe um cavaleiro, creio que vosso escudo não é o ideal. Vou emprestar-vos outro, maior, e suplico-vos que o aceiteis. Balin pegou então o escudo desconhecido, deixando o seu ali, e cavalgou até a ilha, onde o puseram, juntamente com seu cavalo, dentro de uma

grande embarcação. Quando chegou do outro lado, encontrou uma donzela que lhe disse: Oh, cavaleiro Balin, por que deixastes vosso escudo? Com isto, estais correndo grande perigo, pois, por vosso escudo, teríeis sido reconhecido. Lamento muito a vossa perda, mais do que a de qualquer outro cavaleiro, porque não existe mais ninguém no mundo dotado de tamanha proeza e bravura. E eu lamento haver pisado neste país, disse Balin, pois, agora, não posso voltar atrás sem me envergonhar, e seja qual for a aventura que se me apresente, seja a vida ou a morte, haverei de enfrentá-la. Verificou então a armadura, percebeu que estava bem aparelhado, fez o sinal de cruz e montou em seu cavalo.



CAPÍTULO XVIII

Como Balin enfrentou seu irmão Balan e como um matou o outro sem terem se reconhecido, a não ser quando já estavam mortalmente feridos.

Balin viu então sair do castelo um cavaleiro. Tanto ele quanto sua montaria estavam inteiramente vestidos de vermelho. Quando este viu Balin, achou que devia ser seu irmão, por causa das duas espadas, mas, como não reconheceu o seu escudo, convenceu-se de que não era ele. Ambos apontaram as lanças, investiram com velocidade assombrosa e acertaram o escudo um do outro. Mas sua rapidez foi tamanha e seus golpes tão fortes que homens e cavalos caíram por terra e os dois cavaleiros perderam o sentido, jazendo estendidos no chão. Balin, porém, ficou bem machucado com a queda do cavalo, pois estava cansado da viagem, e Balan foi o primeiro a se pôr de pé, sacando a espada. Investiu contra o adversário, que se levantou e revidou o ataque. Mas Balan feriu Balin primeiro. Este ergueu o escudo, e o golpe o partiu, cortando-lhe também o elmo. Então, foi a vez de Balin atingir seu adversário com aquela maldita espada, por pouco não matando seu irmão. Ficaram os dois lutando assim até que perderam as forças. Então, Balin ergueu os olhos para o castelo e viu as torres repletas de damas. Os dois retomaram o combate, ferindo-se gravemente e fazendo inúmeras pausas para recuperar o fôlego. A batalha prosseguiu assim, deixando o solo onde estavam lutando inteiramente tingido de sangue. A essa altura, já haviam infligido um ao outro pelo menos sete grandes ferimentos, os menores dos quais poderiam ter causado a morte do mais poderoso gigante deste mundo.

Mais uma vez, recomeçaram a lutar, e era uma luta tão magnífica que chegava a assustar, tanto era o sangue derramado, tantos eram os rasgos nas cotas de malha, a tal ponto que os adversários já estavam quase nus. Finalmente, Balan, o irmão mais moço, se retraiu um pouco e caiu. Disse então Balin, o Selvagem: Quem és tu, cavaleiro? Pois, até hoje, nenhum outro havia sido um rival à minha altura. Chamo-me Balan, respondeu ele, e sou irmão do grande cavaleiro Balin. Ai!, exclamou Balin, como lastimo ter visto este dia, e caiu de costas, desmaiado. Balan então se aproximou rastejando, tirou o elmo do irmão, mas não conseguiu reconhecê-lo, pois seu rosto estava coberto de cortes e de sangue, mas, quanto este voltou a si, disse: Oh, Balan, meu irmão, tu me mataste, e eu a ti. E, por todo este vasto mundo, haverão de falar de nós dois. Oh, lamentou-se Balan, como lastimo ter visto este dia em que, por infelicidade, não consegui reconhecê-lo. Bem que vira as duas espadas, mas, como tinhas outro escudo, julguei que se tratasse de outro cavaleiro.

E tudo por culpa daquele infortunado cavaleiro do castelo, retrucou Balin, que me fez deixar meu próprio escudo para nossa destruição. Se eu pudesse sobreviver, destruiria aquele lugar por seus costumes cruéis. Farias muito bem, disse Balan, pois nunca recebi permissão para deixar esse local desde que aqui cheguei, já que precisava matar o cavaleiro que guardava a ilha e, então, não pude mais partir. E tu tampouco poderás, irmão, se porventura me matares, como já fizeste, e escapares com vida.

Nesse instante, chegou a senhora da torre acompanhada de quatro cavaleiros, seis damas e seis criados, e todos ficaram ouvindo as lamentações dos irmãos. De uma mesma tumba saímos, que foi o ventre de uma mãe, e em uma mesma fossa jazeremos. Balan pediu então à dama, em nome dos leais serviços que lhe havia prestado, que ela os enterrasse ali mesmo, no local onde se travara a batalha. Chorando, ela respondeu que faria isso e da melhor maneira possível. Podereis mandar buscar um capelão para recebermos nosso sacramento e o bendito corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo?, pediu Balan. Pois não, disse a senhora. Assim se fará. E mandou trazerem um capelão que lhes concedeu os sacramentos. Quando estivermos enterrados em uma sepultura, disse Balin, e sobre ela se relate como dois irmãos mataram um ao outro, não haverá homem de bem nem bom cavaleiro que, diante de nossa tumba, não reze por nossas almas. Então, todas as damas e donzelas choraram de dó. Poucos instantes depois, Balan morreu. Seu irmão, porém, só veio a falecer depois da meia-noite. Os dois foram enterrados, e a senhora mandou que se fizesse menção a Balan, que morreu ali pelas mãos do próprio irmão, mas ela não sabia o nome de Balin.

CAPÍTULO XIX

Como Merlin enterrou ambos em uma sepultura, e da espada de Balin.

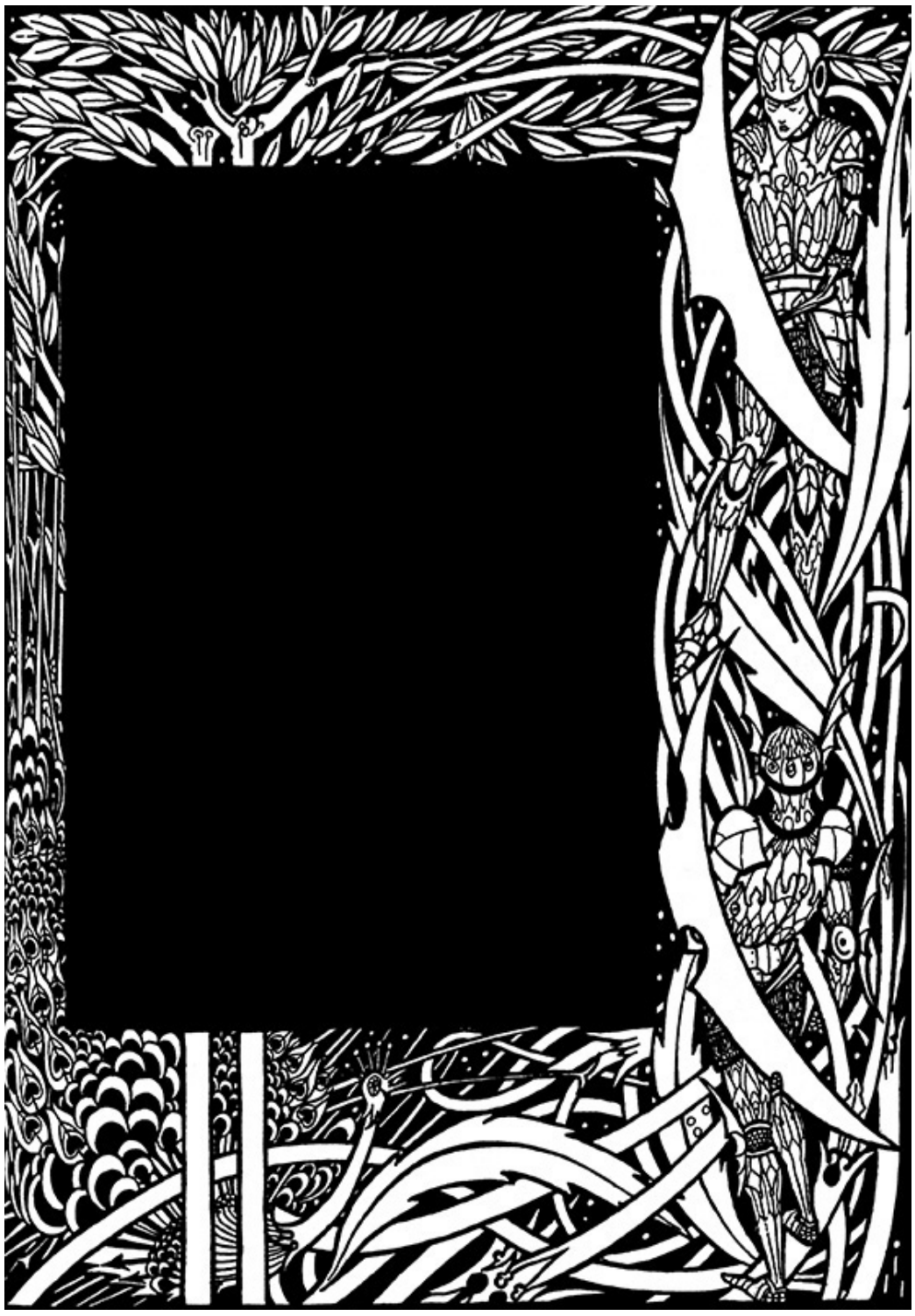
Pela manhã, Merlin chegou e escreveu o nome de Balin na sepultura com letras de ouro: AQUI JAZ BALIN, O SELVAGEM, O CAVALEIRO DAS DUAS ESPADAS QUE DESFERIU O GOLPE DOLOROSO. Merlin providenciou também um leito no qual homem algum jamais deveria se deitar sob pena de enlouquecer, mas, por sua nobreza, Lancelote do Lago viria a destruir tal leito. Logo depois da morte de Balin, Merlin pegou sua espada, retirou seu punho e o substituiu por outro. Pediu então a um cavaleiro ali perto que segurasse aquela espada: ele tentou, mas não conseguiu. Merlin riu. Por que estais rindo?, perguntou o cavaleiro. Eis o porquê: nenhum homem jamais deverá empunhar esta espada, a não ser o melhor cavaleiro do mundo, e este será Sir Lancelote, ou então Sir Galahad, seu filho, e, com ela, Lancelote há de matar a criatura que mais ama nesta terra, a saber, Sir Gawaine. E deixou tudo isto escrito no punho da espada. Então, criou uma ponte de ferro e aço que levava à ilha e que tinha apenas uns poucos palmos de largura. Por tal ponte, ninguém deveria sequer tentar atravessá-la, a não ser um homem de bem e um bom cavaleiro desprovido de maldade e traição. Merlin deixou a bainha da espada de Balin no chão, antes de ponte, para que Galahad pudesse encontrá-la. E, graças a suas artes sutis, fez com que aquela espada fosse fincada num grande bloco de mármore erguido como se fosse uma pedra de moinho, pedra esta que ficou flutuando sobre a água. Passaram-se assim muitos anos, até que ela acabou descendo a corrente até a Cidade de Camelot, ou seja, até Westminster. Nesse mesmo dia, Galahad, o príncipe altivo, ali chegou com o Rei Arthur e levou consigo a bainha da espada. Assim, conseguiu se apoderar da espada que estava fincada no bloco de mármore flutuando na água. E, no domingo de Pentecostes, conquistou aquela espada como se narra no livro do Santo Graal.

Pouco depois de tal evento, Merlin veio procurar o Rei Arthur e lhe relatou o Golpe Doloroso que Balin havia desferido contra o Rei Pellam, e como Balin e Balan travaram a mais assombrosa batalha de que se tem notícia e, por fim, contou o sepultamento de ambos na mesma tumba. Lamentável, disse o Rei Arthur, sinto o maior pesar em saber do destino desses dois cavaleiros, pois nunca vi outros iguais no mundo. E assim se encerra a história de Balin e Balan, dois irmãos, ótimos cavaleiros, nascidos em Northumberland.

Sequitur III liber

LIVRO III





CAPÍTULO I

Como o Rei Arthur encontrou uma esposa e se casou com Guinevere, filha de Leodegrance, rei da terra de Cameliard, de quem recebeu a Távola Redonda.

os primeiros tempos, Arthur foi coroado rei por fortuna e por graça, pois a maior parte dos varões do reino não sabia que ele era filho de Uther Pendragon até Merlin lhes relatar toda a história. Mesmo assim, muitos reis e nobres lhe declararam guerra por este motivo, mas Arthur os venceu a todos e, durante praticamente toda a vida, guiou-se pelos conselhos de Merlin. Aconteceu então que, um dia, o Rei Arthur disse a seu conselheiro: meus varões não me darão descanso, mas preciso encontrar uma esposa e, para isso, preciso de teus conselhos e de tua opinião. Tendes toda razão em querer tomar uma esposa, replicou Merlin, pois um homem de vossa posição e nobreza não deveria permanecer solteiro. Existe alguma mulher de tua preferência? Sim, respondeu o Rei Arthur. Amo Guinevere, filha do Rei Leodegrance das terras de Cameliard, aquele que possui em sua residência a Távola Redonda, a mesma que diz ter ganhado de meu pai Uther. Essa donzela é a mais valorosa e bela que jamais vi na vida ou que jamais verei. Senhor, disse Merlin, se, quanto à beleza e à delicadeza, ela é uma das mais bem-dotadas do mundo; se vós a amais como dizeis amar… Eu deveria encontrar para vós uma donzela rica em beleza e boas qualidades de quem gostásseis e que vos agradasse se vosso coração não estivesse decidido, mas, quando o coração de um homem já fez sua escolha, não há como voltar atrás. É bem verdade, assentiu o Rei Arthur. Apesar de tudo, Merlin alertou discretamente o monarca, dizendo-lhe que Guinevere não era a esposa ideal para ele e que Lancelote viria a amá-la e esse amor seria correspondido, e, assim, passou a lhe falar das aventuras do Santo Graal.

O sábio então solicitou ao rei que lhe cedesse alguns homens que pudessem acompanhá-lo para ir pedir a mão de Guinevere, e Arthur lhe concedeu o que ele pedia. Merlin partiu rumo à corte do Rei Leodegrance de Cameliard e lhe falou do desejo do monarca em tomar sua filha Guinevere por esposa. Para mim, replicou

Leodegrance, esta é a melhor notícia que jamais recebi, saber que um rei tão valoroso, de tanta bravura e nobreza, vai se casar com minha filha. Quanto a minhas terras, dar-lhe-ei de bom grado tudo que ele desejar, mas o Rei Arthur tem muitas terras e não precisa de novas. Por outro lado, posso lhe enviar um presente que vai ser muito mais do seu agrado: a Távola Redonda, que me foi ofertada por Uther Pendragon e que, quando completa, acomoda cento e cinquenta cavaleiros. Pessoalmente, tenho cem bons cavaleiros; faltam-me, porém, cinquenta, uma vez que tantos deles foram mortos durante o meu reinado. Assim pois, Leodegrance entregou a Merlin sua filha Guinevere e a Távola Redonda juntamente com os cem cavaleiros. E todos partiram, com grande pompa, por terra e por água, até chegarem a Londres durante a noite.

CAPÍTULO II

Como os cavaleiros da Távola Redonda foram sagrados, e seus assentos, abençoados pelo Bispo de Canterbury.

Quando teve notícias da chegada de Guinevere e dos cem cavaleiros com a Távola Redonda, o Rei Arthur manifestou grande alegria tanto pela noiva, quanto pelo rico presente, e declarou, alto e bom som: Esta formosa dama é muito bem-vinda à minha corte, pois há muito tempo que a amo e, portanto, nada poderia me ser mais caro. E esses cavaleiros com a Távola Redonda me dão muito mais prazer do que grandes riquezas. Mandou que começassem imediatamente os preparativos para o casamento e a coroação, e que tudo fosse feito da forma mais honrosa que se pudesse imaginar. Agora, Merlin, disse o monarca, vai procurar por todas estas terras os cinquenta cavaleiros de maior bravura e mérito que puderes encontrar. Em pouco tempo, Merlin havia encontrado vinte e oito cavaleiros com tal perfil, mas não conseguiu achar mais nenhum. Mandaram chamar então o Bispo de Canterbury para benzer os assentos com grande solenidade e devoção, e, em tais assentos, sentaram-se os vinte e oito cavaleiros. Feito isto, Merlin declarou: Gentis senhores, deveis todos vos levantar e render homenagem ao Rei Arthur. Assim, ele terá mais vontade de vos manter junto a si. Então, todos se levantaram e renderam homenagem ao monarca. Depois que deixaram o local, Merlin percebeu em cada uma daquelas cadeiras, gravado em letras de ouro, o nome de cada cavaleiro que havia sentado ali. Duas, porém, estavam vazias. Pouco mais tarde, chegou o jovem Gawaine e pediu que o rei lhe concedesse uma dádiva. Pedi, disse Arthur, e vos concederei o que pedirdes. Senhor, replicou o mancebo, peço-vos que me sagrais cavaleiro no dia em que desposardes a formosa Guinevere. Farei isto de muito bom grado, disse o monarca, e vos farei todas as honras possíveis, já que sois meu sobrinho, filho de minha irmã.

CAPÍTULO III

Como um pobretão montando uma égua esquálida pediu que o Rei Arthur fizesse de seu filho um cavaleiro.

Nesse momento, chegou à corte um homem pobre que trazia consigo um formoso mancebo de dezoito anos. Cavalgava uma égua esquálida e ia perguntando a todos que encontrava: Onde posso encontrar o Rei Arthur? Lá está ele, responderam os gentis-homens. Quereis algo de nosso rei? Sim, respondeu o pobretão. Foi por isso que vim até aqui. Ao chegar diante do monarca, o homem o saudou e disse: Ó, Rei Arthur, flor de todos os cavaleiros e reis, rogo a Jesus que vos guarde! Senhor, disseram-me que, por ocasião de vosso casamento, outorgaríeis a qualquer um o dom pedido, contanto que fosse algo razoável. É verdade, replicou o rei. Mandei que isso fosse anunciado e manterei minha promessa, desde que ela não venha a depreciar nem meu reino nem minhas terras. Dizei-o bem e com toda graça, Senhor, prosseguiu o pobretão. Tudo que vos peço é que sagreis este meu filho cavaleiro. Não me pedes pouca coisa, replicou o monarca. Como te chamas?, perguntou. Senhor, chamo-me Aries, o vaqueiro. Esta ideia foi tua ou de teu filho?, indagou o rei. Senhor, respondeu Aries, esse desejo vem de meu filho e não de mim, pois devo dizer-vos que tenho treze meninos, e todos fazem o trabalho que lhes destino e se comprazem em realizar tais afazeres. Este aqui, porém, não quer trabalhar para mim, por mais que minha mulher e eu tenhamos tentado. Na verdade, está sempre a lançar ou atirar dardos, gosta de ver batalhas e cavaleiros e, dia e noite, vive me pedindo para se tornar um deles. Qual é o teu nome?, perguntou o rei, dirigindo-se ao jovem. Chamo-me Tor, Senhor. Arthur o fitou atentamente e pôde ver que ele tinha um belo rosto e era bem desenvolvido para a idade. Pois bem, disse então, dirigindo-se ao vaqueiro, traz todos os teus filhos à minha presença para que eu possa vê-los. Foi o que fez o pobretão, e todos eram bem parecidos com ele, à exceção de Tor, que se distinguia dos demais tanto em termos de traços quanto de compleição, pois era muito mais do que qualquer um de seus irmãos. Bem, disse o Rei Arthur, dirigindo-se ao pai, onde está a espada com a qual ele há de ser sagrado cavaleiro? Cá está ela, disse Tor. Saca-a da bainha e pleiteia que eu o sagre cavaleiro, ordenou o rei.

O mancebo apeou então de sua égua, sacou a espada, ajoelhou-se e pediu que o rei condescendesse em fazer dele um cavaleiro, e que pudesse ser um dos cavaleiros da Távola Redonda. Cavaleiro sereis e, dizendo isto, bateu no ombro do rapaz com a espada. Sede um bom cavaleiro, prosseguiu, como rogo a Deus que

o sejais, e, se tiverdes bravura e merecimento, sereis cavaleiro da Távola Redonda. Agora, Merlin, acrescentou Arthur, diz se este Tor será bom cavaleiro ou não. Sim, Senhor, ele será bom cavaleiro, pois nasceu do homem mais bondoso que existe no mundo e tem sangue real. Como assim?, exclamou o rei. Já vos digo tudo, replicou Merlin. Este pobretão, Aries, o vaqueiro, não é seu pai, nem tem qualquer parentesco com ele, pois este rapaz é filho do Rei Pellinore. Creio que não, disse o vaqueiro. Traz tua mulher à minha presença, acrescentou Merlin, e ela não negará tal fato. E assim se fez. A mulher, uma formosa dona de casa, respondeu à pergunta de Merlin e contou ao rei que, quando era donzela e foi ordenhar as vacas, encontrou um cavaleiro muito sério que “meio à força” a deflorou, gerando, na ocasião, um filho, Tor. Depois, o cavaleiro se foi levando consigo o galgo que ela possuía na época e disse que guardaria aquele cão por amor a ela. Ah!, exclamou o vaqueiro. Eu nem sequer desconfiava disto, mas não duvido, pois o menino nunca teve nada de mim. Senhor, disse Tor, dirigindo-se a Merlin, não desonreis minha mãe. Senhor, replicou Merlin, tal fato vos traz mais honra do que mácula, pois vosso pai é um bom homem e um bom rei, e pode fazer muito bem a vós e à vossa mãe, já que fostes gerado antes que ela se casasse. Isto é verdade, disse a mulher. E, portanto, é menos ultraje para mim, acrescentou o vaqueiro.

CAPÍTULO IV

Como Sir Tor foi reconhecido como filho do Rei Pellinore e como Gawaine foi sagrado cavaleiro.

Pela manhã, o Rei Pellinore chegou à corte do Rei Arthur, que o recebeu com grande alegria e lhe falou de Tor, que era seu filho, e que ele havia sagrado cavaleiro a pedido do vaqueiro. Quando Pellinore contemplou Tor, ficou muito satisfeito. O rei sagrou então também Gawaine, mas foi com Tor que ele conversou primeiro durante os festejos. Por que motivo, perguntou Arthur, de haver dois lugares vazios entre essas cadeiras? Senhor, respondeu Merlin, ninguém há de sentar-se nesses lugares a não ser aqueles que tiverem mais méritos. Mas na Cadeira Perigosa só um homem poderá se sentar, e qualquer um que fosse tão ousado a ponto de tentar fazê-lo seria destruído, pois aquele que haverá de se sentar nela não terá rival. Em seguida, Merlin tomou o Rei Pellinore pela mão e, ao chegar ao local em que estavam as duas cadeiras e a Cadeira Perigosa, disse, alto o bastante para que todos o ouvissem: Este lugar é vosso, e sois mais digno de vos sentar aqui do que qualquer um dos presentes. Ao ouvir isso, Sir Gawaine sentiu grande inveja e disse a seu irmão Gaheris: Grande honraria é concedida a esse cavaleiro, coisa que me causa muita dor, já que ele matou nosso pai, o Rei Lot, e, por isso, eu o matarei, acrescentou, com a espada que me foi enviada e que é extremamente afiada. Não o fareis agora, retrucou Gaheris, pois sou um simples escudeiro e, quando for cavaleiro, hei de me vingar dele. Portanto, irmão, é melhor que aguardeis outra ocasião em que pudermos enfrentá-lo fora da corte, já que, se o fizéssemos aqui, causaríamos grande transtorno nessas festividades. Pois que assim seja, disse Gawaine. Como quiserdes.

CAPÍTULO V

Como, durante o banquete do casamento do Rei Arthur com Guinevere, surgiu no salão um cervo branco seguido por trinta pares de cães de caça, e como uma cadela alcançou o cervo e foi levada embora.

Quanto tudo estava pronto para o grande banquete em Camelot, o rei desposou Lady Guinevere na Igreja de Santo Estêvão, em clima de grande solenidade. Como todos os homens estavam sentados de acordo com sua condição, Merlin se aproximou dos cavaleiros da Távola Redonda e mandou que permanecessem em seus lugares e que ninguém deixasse o salão, pois vereis uma estranha e maravilhosa aventura, disse. Estando todos sentados, entrou correndo um cervo branco e uma cadela branca que o perseguia. Mais atrás, vinham trinta pares de cães negros, fazendo grande algazarra. O cervo correu ao redor da Távola Redonda. Ao passar perto das outras mesas, a cadela branca lhe deu uma mordida no lombo, arrancando-lhe um pedaço da carne. Ferido, o cervo deu um grande salto, derrubando um cavaleiro sentado mais na ponta de uma das mesas. Este então logo se levantou, pegou a cadela, saiu com ela da sala, montou em seu cavalo e se foi levando consigo o animal. Pouco depois, apareceu uma dama montando um palafrém branco e, aos brados, dirigiu-se ao monarca: Senhor, não permiti que me seja feita tal afronta, pois a cadela que aquele cavaleiro levou embora era minha. Nada posso fazer a este respeito, replicou Arthur.

Nesse momento, chegou um cavaleiro envergando sua armadura e montado em um cavalo bem grande e levou a dama à força. Esta, porém, continuou a gritar e a se lamentar. Quando ambos se foram, o rei muito se alegrou, pois ela fizera um grande escândalo. Não, disse Merlin, não deveis deixar de lado assim tão prontamente semelhantes aventuras, porque elas devem ser concluídas; caso contrário, lançariam desonra para Vossa Alteza e para vossa festa. Desejo que tudo se faça segundo teu conselho, replicou o rei. Então, prosseguiu Merlin, mandai chamar Sir Gawaine para que traga de volta o cervo branco. Deveis também mandar chamar Sir Tor, pois ele deve trazer de volta a cadela e aquele cavaleiro, ou matá-lo se ele se recusar. E mandai chamar ainda o Rei Pellinore, para que este traga a dama e o cavaleiro que a levou, ou matá-lo se ele se recusar. Estes três cavaleiros realizarão aventuras maravilhosas antes de voltar. Foram então chamados os três referidos personagens, e cada qual assumiu sua tarefa e se armou com toda a segurança. Mas, como Sir Gawaine foi o primeiro a ser solicitado, começarei por ele.

CAPÍTULO VI

Como Sir Gawaine saiu cavalgando para trazer de volta o cervo, e como dois irmãos lutaram entre si pelo animal.

Sir Gawaine partiu a galope acompanhado por Gaheris, seu irmão, que lhe servia de escudeiro. Durante o trajeto, depararam com dois cavaleiros que lutavam, montados, com grande fúria. Os dois viajantes se aproximaram e lhes perguntaram por que motivo lutavam assim. Um deles respondeu: lutamos por uma simples razão. Somos irmãos, gerados e nascidos do mesmo homem e da mesma mulher. Ai, exclamou Sir Gawaine, mas por que lutar? Senhor, respondeu o mais velho, hoje passou por aqui um cervo branco seguido por muitos cães e com uma cadela branca sempre em seu encalço. Percebemos que devia tratar-se de uma aventura programada para a grande festa do Rei Arthur, e eu queria perseguir o animal para ser condecorado. Mas meu irmão mais moço, que aqui está, disse que ele é que iria atrás do cervo, pois era um cavaleiro melhor do que eu. Discutimos muito e decidimos provar qual dos dois é melhor cavaleiro. Bem simples motivo, retrucou Sir Gawaine. Devíeis enfrentar estranhos e não lutar entre si. Portanto, se não vos importais em seguir meu conselho, lutarei com ambos, vós vos rendereis a mim. Assim, ireis à presença do Rei Arthur e podereis lhe render homenagem. Senhor cavaleiro, disseram os dois irmãos, estamos cansados de lutar e perdemos muito sangue por nossa persistência, por isto não gostaríamos de vos enfrentar. Então, fazei o que vos digo, insistiu Sir Gawaine. Aceitamos fazer como desejais, mas por quem diremos que fomos enviados até lá? Podeis dizer que foi o cavaleiro que segue a demanda do cervo branco. E como vos chamais?, indagou Gawaine. Sorlouse da Floresta, respondeu o mais velho. E eu, Brian da Floresta, disse o mais moço. Partiram então rumo à corte do Rei Arthur, ao passo que Sir Gawaine seguiu seu caminho.

Conseguindo acompanhar o rastro do cervo graças aos latidos dos cães, Gawaine viu, à sua frente, um grande rio que o cervo se pôs a cruzar nadando. Quando Gawaine estava prestes a segui-lo, viu, na outra margem, um cavaleiro que lhe disse: Senhor Cavaleiro, não venhais atrás deste animal, ou tereis que justar comigo. Não deixarei de fazê-lo, replicou Sir Gawaine, para prosseguir com a tarefa que me incumbe. E, dizendo isto, fez seu cavalo entrar na água. De imediato, os dois baixaram suas lanças e investiram um contra o outro, mas Sir Gawaine derrubou seu adversário e, virando-se, mandou que ele se rendesse. Não, retrucou o outro, não farei isto, embora me tenhais vencido a cavalo. Rogo-vos, valente

cavaleiro, que apeeis para que possamos nos enfrentar com a espada. Qual é vosso nome?, perguntou Sir Gawaine. Alardin das Ilhas, respondeu o outro. Então, os dois ajeitaram seus escudos e partiram para o confronto. Gawaine, porém, desfechou um golpe tão violento que cortou o elmo e atingiu o cérebro do oponente. E o cavaleiro caiu morto. Ah!, exclamou Gaheris, que poderoso golpe desferido por tão jovem cavaleiro…



CAPÍTULO VII

Como o cervo foi perseguido até o interior de um castelo e morto ali dentro, e como Sir Gawaine matou uma donzela.

Gawaine e Gaheris partiram velozmente atrás do cervo branco e soltaram, em seu encalço, três pares de cães que o perseguiram até o interior de um castelo e, no pátio principal, o mataram. Sir Gawaine e seu irmão chegaram logo depois. Nesse momento, um cavaleiro saiu de um dos aposentos empunhando uma espada. Matou dois dos cachorros diante de Sir Gawaine e saiu em perseguição aos restantes, sempre com a espada na mão, para fora dos muros do castelo. Ao regressar, disse: Ah, meu cervo branco. Muito lamento que o tenhais matado, pois me foi dado pela minha senhora soberana e vos guardo rancor por isso, mas, se eu viver, haveis de pagar caro, com a morte. Dizendo isso, entrou em um aposento, vestiu sua armadura, saiu enfurecido e foi confrontar Sir Gawaine. Por que haveis matado meus cães?, perguntou este. Eles só fizeram o que era de sua natureza, e preferia mil vezes que houvésseis vingado a vossa raiva em mim do que em um animal que nada pode dizer. Tendes razão, retrucou o cavaleiro. Já me vinguei em vossos cães e, agora, cuidarei de vós antes de partires. Sir Gawaine desceu então da montaria, armou-se do escudo e ambos investiram um contra o outro com todo o furor. Fenderam-se os escudos, amassaram-se os elmos, rasgaram-se as cotas de malha, a tal ponto que os dois sangravam até os pés.

Por fim, Sir Gawaine desfechou um golpe tão forte em seu adversário que este caiu por terra e lhe pediu clemência. Rendeu-se e lhe rogou que, como cavaleiro e gentil-homem que era, poupasse sua vida. Morrereis, disse Gawaine, por haver matado meus cães. Hei de reparar meu erro como puder, disse o cavaleiro. Sir Gawaine não quis lhe conceder tal mercê e tirou o elmo de seu adversário para lhe cortar a cabeça. Foi então que surgiu uma dama, saindo de um aposento, e atirou-se sobre ele. Por desventura, Gawaine acabou cortando-lhe a cabeça. Ai, exclamou Gaheris, cometeste uma ação terrível e vergonhosa. Nunca te livrarás de tal vergonha. E devias conceder o perdão àqueles que te pedem, pois um cavaleiro sem misericórdia é desprovido de honra. Sir Gawaine ficou tão transtornado com a morte da formosa dama que não soube o que fazer. Voltou-se então para o cavaleiro e disse: Levantai-vos. Tendes minha misericórdia. Não, não, retrucou o outro. Agora não me importa vossa misericórdia, pois matastes meu amor e minha senhora, a quem eu amava mais do que qualquer outra coisa nesta terra. Tal fato me causa profundo pesar, replicou Gawaine, porque pretendia

desferir o golpe contra vós. Agora, porém, ireis à presença do Rei Arthur para lhe relatar vossa aventura e lhe dizer que fostes vencido pelo cavaleiro da demanda do cervo branco. Pouco me importa viver ou morrer, disse o cavaleiro, mas, por temor à morte, juro ir à presença do Rei Arthur. E Gawaine mandou que ele levasse um cão morto à sua frente sobre o cavalo e outro atrás de si. Antes de nos separarmos, disse Sir Gawaine, quero saber vosso nome. Meu nome é Ablamore do Pântano, respondeu o outro. E partiu rumo a Camelot.

CAPÍTULO VIII

Como quatro cavaleiros enfrentaram Gawaine e Gaheris; como estes foram derrotados e tiveram a vida salva a pedido de quatro damas.

Sir Gawaine entrou no castelo com a intenção de passar a noite ali e começou a se desarmar. O que vais fazer?, perguntou Gaheris. Queres te desarmar neste país? Não te esqueças que tens aqui muitos inimigos. Mal tinha terminado a frase quando chegaram quatro cavaleiros bem armados e logo atacaram Sir Gawaine, dizendo: Vós, recém-sagrado cavaleiro, fizestes grande afronta à vossa ordem, pois um cavaleiro sem misericórdia é um cavaleiro sem honra. Matastes também uma formosa dama, vergonha que carregará até o fim do mundo. Podeis ter certeza de que precisareis de clemência antes de poderdes partir daqui. Um dos quatro então desferiu sobre ele um golpe violento que quase o derrubou por terra. Por seu turno, Gaheris atingiu esse homem com força, e prosseguiram assim, golpeando-se de parte a parte, e os dois irmãos logo perceberam que corriam perigo de vida. Um dos homens, armado com um arco, atingiu o braço de Sir Gawaine ferindo-se gravemente. Quando estavam a ponto de serem mortos, chegaram quatro formosas damas e suplicaram aos cavaleiros que poupassem a vida dos forasteiros. Prontamente, diante do pedido das damas, os quatro concederam a Sir Gawaine e a Gaheris a graça da vida e ordenaram que se rendessem como prisioneiros. Os dois irmãos começaram então a se lamentar profundamente. Ai, exclamou Sir Gawaine, meu braço me dói muito. Vou decerto ficar aleijado. E continuou se queixando.

De manhã, bem cedo, aproximou-se dele uma das quatro damas que havia ouvido seus lamentos e lhe perguntou: Como estais, senhor cavaleiro? Nada bem, respondeu ele. A culpa é toda vossa, pois haveis cometido uma ação terrível ao matar uma dama, coisa que lançará sobre vós grande desonra. Mas não sois da linhagem do Rei Arthur? É verdade, disse Gawaine. Como vos chamais?, prosseguiu ela. Deveis me dizer vosso nome antes de partirdes. Chamo-me Gawaine, filho do Rei Lot de Orkney, e minha mãe é irmã do Rei Arthur. Ah, sois seu sobrinho, exclamou a dama. Vou interceder por vós para que obtenhais um salvo-conduto para ir ao encontro de vosso tio, por amor a ele. Afastou-se então e foi contar aos quatro cavaleiros que seu prisioneiro era sobrinho do Rei Arthur e se chamava Sir Gawaine, filho do Rei Lot de Orkney. Ao saber disso, os quatro lhe deram a cabeça do cervo, já que este era o motivo de sua demanda e, em seguida, o libertaram impondo-lhe uma condição. Sir Gawaine deveria levar consigo a dama morta, da seguinte maneira: a cabeça dela pendurada no pescoço

dele e o resto do corpo deitado à sua frente, sobre a crina do cavalo. E foi assim que ele tomou o caminho de Camelot. Mal chegou, Merlin pediu ao Rei Arthur que fizesse Sir Gawaine jurar que lhe contaria todas as suas aventuras, como havia matado aquela dama, como havia se negado a conceder misericórdia ao cavaleiro, ato que acabou levando à morte da dama. Então, o rei e a rainha ficaram muito aborrecidos com Gawaine por este haver cometido tal crime. Por ordem da rainha, reuniu-se um grupo de damas para julgar Sir Gawaine, e sua sentença foi que, enquanto ele vivesse, deveria estar a favor de todas as damas e defendê-las em suas querelas; e deveria sempre ser cortês e jamais negar misericórdia a quem lhe pedisse. Assim pois Gawaine jurou sobre os Quatro Evangelhos que nunca se poria contra uma dama ou uma donzela, a menos que estivesse lutando por uma delas, e seu adversário, por outra. E assim se encerra a aventura vivida por Sir Gawaine por ocasião das bodas do Rei Arthur. Amém.

CAPÍTULO IX

Como Sir Tor cavalgou em perseguição ao cavaleiro com a cadela e suas aventuras durante sua jornada.

Quando estava pronto, Sir Tor montou em seu cavalo e saiu em busca do cavaleiro que levara consigo a cadela. No caminho, encontrou de repente um anão, que atingiu sua montaria na cabeça com uma clava e, com o golpe, Sir Tor recuou toda a extensão de sua lança. Por que fizeste isto?, perguntou. Porque não passareis por este caminho, respondeu o anão, a não ser que justeis com os cavaleiros que estão naquelas tendas. Só então Sir Tor percebeu duas tendas e, junto delas, duas grossas lanças fincadas no chão e dois escudos pendurados em árvores. Não posso me deter, disse Sir Tor, pois tenho uma incumbência que devo cumprir. Não passareis, insistiu o anão e, em seguida, tocou a corneta que levava. Surgiu então um homem de armadura, a cavalo, que ergueu o escudo e arremeteu contra Sir Tor. O jovem partiu para o ataque e o fez com tamanha força que derrubou seu adversário da montaria, e este se rendeu a sua misericórdia. Mas, senhor, disse o homem derrotado, tenho um companheiro naquela outra tenda, e ele logo virá lutar convosco. Pois será muito bem-vindo, retrucou Sir Tor. Viu então que outro cavaleiro se aproximava velozmente, e foi maravilhoso ver o combate que travaram. Mas o recém-chegado acertou Sir Tor no meio do escudo com tanta força que sua lança se fez em pedaços. Nesse momento, Sir Tor lhe atravessou o escudo por baixo e perfurou seu flanco, embora não o tenha matado com tal golpe. Apeou-se imediatamente e lhe desfechou um tremendo golpe no elmo, e o cavaleiro logo se rendeu e lhe suplicou misericórdia. Farei isso de bom grado, replicou Sir Tor, mas vós e vosso companheiro deveis vos apresentar perante o Rei Arthur e vos oferecer como prisioneiros. Por quem diremos que somos enviados? Pelo cavaleiro que segue em busca daquele que levou consigo a cadela, respondeu o jovem. E, agora, dizei-me como vos chamais. Eu me chamo Felot de Langduk, respondeu um deles. E eu, Sir Petipase de Winchelsea, disse o outro. Ide, pois, declarou Sir Tor, e que Deus vos proteja e a mim também. O anão então se aproximou e disse: Rogo-vos que me concedais um dom. De bom grado, replicou Sir Tor. Pede. Tudo que peço é que me tomeis a vosso serviço, pois não quero mais servir a cavaleiros covardes. Toma um cavalo e vem comigo, acrescentou Sir Tor. Sei que ides atrás do cavaleiro que se apoderou da cadela branca e posso levar-vos até ele, disse o anão. Saíram então cavalgando por uma floresta até

avistarem duas tendas armadas perto de um priorado. Junto delas, havia dois escudos: um de cor branca, e o outro, vermelho.

CAPÍTULO X

Como Sir Tor foi encontrar a cadela com uma dama e como um cavaleiro o atacou por causa do referido animal.

Sir Tor logo tratou de apear. Pegou com o anão a sua espada larga, aproximou-se da tenda branca e viu três donzelas deitadas dormindo sobre uma enxerga. Dirigiu-se então à outra tenda e viu outra dama que ali dormia. Junto dela, porém, estava a cadela branca, que começou a latir, fazendo com que a dama e todas as suas donzelas acorressem. Mas, assim que viu a cadela branca, Sir Tor se apoderou dela à força e a entregou ao anão. Como assim?, exclamou a dama. Quereis tirar de mim a minha cadela? Sim, respondeu Sir Tor. Venho procurando por ela desde a corte do Rei Arthur até aqui. Pois bem, cavaleiro, não ireis longe com ela sem que alguém os enfrente e ataque. Aceitarei a aventura que me vier pela graça de Deus, disse o jovem, e, montando seu cavalo, tomou o caminho de Camelot. Como, porém, já era quase noite, não pôde se afastar muito. Conheces alguma estalagem?, perguntou. Nenhuma, respondeu o anão. Mas perto daqui existe um eremitério onde podereis encontrar pousada. Em poucos instantes, chegaram ao eremitério e lhes deram alojamento, além de capim, aveia e comida para os cavalos. Logo depois lhes foi servida uma refeição bem frugal, mas os dois puderam descansar a noite inteira. Pela manhã, assistiram à missa com devoção, despediram-se do eremita, e Sir Tor lhe pediu que rezasse por eles. O eremita disse que assim faria e os entregou nas mãos de Deus. O cavaleiro montou então seu cavalo e empreendeu um longo trajeto até Camelot.

De repente, ouviram um homem que vinha atrás deles dizendo em altos brados: Cavaleiro! Parai e devolvei a cadela que roubastes de minha senhora! Sir Tor se virou e viu um cavaleiro bem aparelhado, com boa montaria e bem armado sob todos os aspectos. Ergueu então seu escudo e tomou a lança nas mãos enquanto o outro corria ao seu encontro. Com o choque, homens e cavalos caíram por terra. Os dois cavaleiros se levantaram rapidamente e sacaram das espadas, sôfregos como leões, protegeram-se com seus escudos e desfecharam tantos golpes no metal que saltavam fagulhas de ambos os lados. Também atingiram o elmo um do outro, e o sangue quente lhes escorria pelo rosto. Cortaram e rasgaram ainda as espessas malhas de suas cotas, de tal forma que o sangue lhes jorrava, e ambos já estavam muito feridos e muito cansados. Quando, porém, Sir Tor percebeu que seu adversário estava a ponto de desfalecer, lançou-se sobre ele, redobrou a força de seus golpes até fazê-lo cair de costas no chão. Mandou então que ele se rendesse.

De forma alguma, disse Abelleus, enquanto tiver vida e minha alma continuar dentro de meu corpo, a menos que queirais me entregar a cadela. Não farei isso, retrucou Sir Tor, pois minha tarefa é voltar com ela, ou convosco, ou com ambos.

CAPÍTULO XI

Como Sir Tor derrotou o cavaleiro e como este perdeu a cabeça a pedido de uma dama.

Nesse momento, chegou uma dama cavalgando um palafrém. Vinha a todo galope e, aos brados, chamava por Sir Tor. O que quereis de mim?, perguntou o jovem. Suplico-vos, respondeu a mulher, pelo amor do Rei Arthur, que me concedais um dom. É o que vos peço, cavaleiro, como gentil-homem que sois. Pois bem, replicou Sir Tor, pedi e vos concederei o que desejais. Fico-vos muito grata, disse a dama. O que vos peço é a cabeça desse falso cavaleiro Abelleus, pois trata-se do homem mais vil que existe sobre a terra e do mais infame dos assassinos. Reluto em vos conceder tal dom, retrucou Sir Tor. Permiti que ele vos ofereça reparação pela ofensa que vos fez. Impossível, disse ela, pois, diante de meus próprios olhos, ele matou meu irmão, que seria agora um cavaleiro melhor do que ele se houvesse sido digno de misericórdia. Passei meia hora de joelhos no barro a seus pés, tentando salvar a vida de meu irmão, que não lhe havia feito mal algum a não ser enfrentá-lo em uma aventura de armas. Apesar de tudo, porém, ele lhe abriu a cabeça. É por este motivo que vos peço, como verdadeiro cavaleiro que sois, que me concedais tal dom ou tratarei de vos envergonhar perante a corte do Rei Arthur, já que esse homem é o cavaleiro mais falso do mundo e um grande destruidor de bons cavaleiros. Ao ouvir isto, Abelleus ficou ainda mais assombrado e se rendeu a Sir Tor, pedindo-lhe misericórdia. Agora não posso fazê-lo, respondeu o jovem, pois faltaria com minha promessa, pois, quando vos ofereci misericórdia, vós vos recusastes a pedi-la, impondo-me a condição de que vos devolvesse a cadela que eu estava buscando. Dizendo isto, retirou-lhe o elmo, mas o homem fugiu. Sir Tor então correu atrás dele e lhe decepou a cabeça.

Senhor, disse-lhe a dama, já está anoitecendo. Rogo-vos que venhais à minha morada, que fica bem perto daqui, e vos ofereceremos hospedagem. Aceito de bom grado, replicou Sir Tor, uma vez que tanto ele quanto seu cavalo mal tinham podido descansar desde que haviam deixado Camelot. Seguiu então a dama e foi muito bem recebido tanto por ela quanto por seu marido, um velho cavaleiro muito gentil que acolheu a ele e a seu cavalo. Pela manhã, assistiu à missa, fez uma refeição e se despediu de seus anfitriões, que lhe pediram que lhes dissesse seu nome. Na verdade, disse o jovem, chamo-me Sir Tor e fui sagrado cavaleiro recentemente. Esta é a primeira demanda de armas que realizo: devolver o que aquele cavaleiro Abelleus levou da corte do Rei Arthur. Oh, gentil cavaleiro,

disseram a dama e seu marido, se voltardes por essas plagas, vinde visitar nossa pobre morada, que estará sempre à vossa disposição. Sir Tor partiu então e chegou a Camelot por volta do meio-dia do seu terceiro dia de viagem. O rei, a rainha e toda a corte muito se alegraram com sua chegada e fizeram grande alvoroço ao ver que conseguira regressar, pois havia partido com poucos recursos, já que seu pai, o Rei Pellinore, lhe dera apenas um velho corcel, e o Rei Arthur, uma armadura e uma espada. Fora isso, não tinha mais nada que pudesse ajudá-lo, pois cavalgava sozinho. Então, a conselho de Merlin, os monarcas o fizeram jurar que contaria suas aventuras, e assim ele fez, dando provas de seus feitos anteriormente referidos, coisa que alegrou muitíssimo ao rei e à rainha. Não, não, disse Merlin. Tudo isto não é nada comparado ao que ele ainda fará, pois demonstrará ser um nobre cavaleiro de coragem, tão bom quanto qualquer outro no mundo, e também gentil, cortês, dotado de boas qualidades, muito fiel a suas promessas e que jamais cometerá injúria alguma. Graças a essas palavras de Merlin, o Rei Arthur lhe deu um condado de terras que doravante lhe pertenceriam. E aqui termina a aventura de Sir Tor, filho do Rei Pellinore.

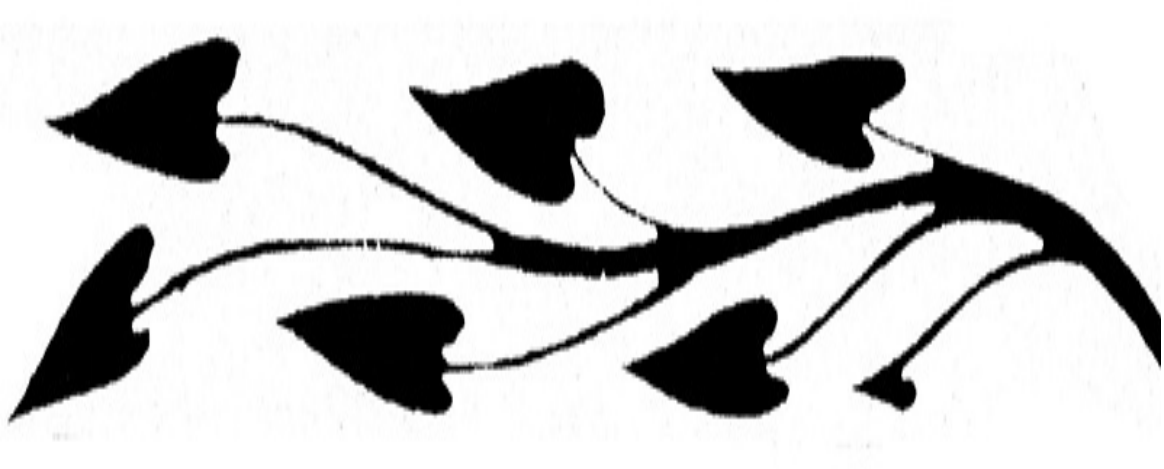
CAPÍTULO XII

Como o Rei Pellinore saiu em perseguição à dama e ao cavaleiro que a levara embora; como a dama desejou ajuda e como ele enfrentou dois cavaleiros por essa dama, matando um deles com o primeiro golpe.

Então, o Rei Pellinore se armou, montou seu cavalo e saiu a todo galope em perseguição à dama que o cavaleiro havia levado. Ao embrenhar-se por uma floresta, viu, em um vale, uma donzela sentada junto a um poço tendo, nos braços, um cavaleiro ferido. Pellinore a saudou, e, ao vê-lo, ela gritou: Socorrei-me, cavaleiro, Rei Pellinore, pelo amor de Cristo! O monarca, porém, não quis se deter, ansioso que estava em realizar sua incumbência, muito embora a jovem gritasse mais de cem vezes pedindo ajuda. Percebendo que ele não ia parar, a donzela pediu a Deus que lhe enviasse tanta necessidade de ajuda quanto a que ela tinha naquele momento e que ele pudesse senti-la antes de morrer. Como narra o livro, ali morreu o cavaleiro ferido, e a donzela, por puro sofrimento, matou-se com a espada dele. Prosseguindo seu caminho por aquele vale, o Rei Pellinore deparou com um homem pobre, um lavrador. Não viste um cavaleiro que cavalgava carregando uma dama?, perguntou-lhe o rei. Sim, respondeu o homem, vi tal cavaleiro e tal dama, que se lamentava muitíssimo. Mais adiante, em um vale, vereis duas tendas. Um dos cavaleiros dessas tendas disputava a dama com o homem que procurais, dizendo que ela era sua prima próxima e que o outro não a levaria mais longe. Os dois se enfrentaram por essa disputa, um deles dizendo que ficaria com a dama à força, o outro, que a resgataria, já que era parenta sua, e a levaria para sua família. Quando me afastei, estavam os dois lutando. Se cavalgais bem depressa, lutando os encontrareis, e a dama estava guardada pelos dois escudeiros daquelas tendas. Que Deus lhe agradeça, disse o Rei Pellinore.

Saiu cavalgando a todo galope até avistar as tais tendas e os dois cavaleiros em combate. Dirigiu-se imediatamente às tendas, viu a dama que estava buscando e lhe disse: Gentil senhora, deveis vir comigo para a corte do Rei Arthur. Senhor cavaleiro, retrucaram os dois escudeiros que a guardavam. Aqueles dois cavaleiros estão lutando por esta dama. Ide apartá-los, entrai em acordo com eles e, então, podereis levá-la como pretendeis. Tendes razão, disse o monarca. Cavalgou até o local da contenda, separou os dois adversários e lhes perguntou por que motivo estavam lutando. Senhor cavaleiro, disse um deles, devo dizer que esta dama é próxima a mim, filha de minha tia, e, ao ouvi-la queixar-se dizendo que estava indo com este homem contra sua vontade, decidi enfrentá-lo. Senhor cavaleiro, disse o outro cujo nome era Hontzlake de Wentland, ganhei esta dama

hoje, por minha proeza com as armas na corte do Rei Arthur. Não dizeis a verdade, retrucou o Rei Pellinore, pois chegastes ali subitamente, quando estávamos festejando, e levastes esta dama antes que alguém vos pudesse impedir de fazê-lo. Esta é pois a tarefa que me incumbe: levá-la de volta comigo, e a vós também, e um de nós cairá neste campo. Assim sendo, a dama irá comigo ou morrerei aqui, pois trata-se da promessa que fiz ao Rei Arthur. Não deveis prosseguir lutando, já que nenhum dos dois ficará com ela nesta ocasião, e se desejais lutar por ela, que seja comigo, pois hei de defendê-la. Pois bem, disseram ambos, preparai-vos então, pois vamos atacá-lo com toda a nossa força. E, quando o Rei Pellinore quis afastar seu cavalo daquele local, Sir Hontzlake traspassou o animal com sua espada e disse: Agora estais a pé como nós dois. Ao ver seu cavalo morto, o monarca saltou imediatamente, sacou a espada, ergueu o escudo e declarou: Cavaleiro, protegei bem vossa cabeça, pois sofrereis um revés por haver matado meu cavalo. Dizendo isso, desfechou tamanho golpe no elmo de seu adversário que lhe cortou a cabeça até o queixo e ele caiu morto.



CAPÍTULO XIII

Como o Rei Pellinore se apoderou da dama e a levou até Camelot, para a corte do Rei Arthur.

O Rei Pellinore voltou-se então para o outro cavaleiro, que estava bem ferido. Este, porém, ao ver o destino daquele que fora seu adversário, não quis lutar, preferindo ajoelhar-se e dizer: Levai minha prima, como desejais, e rogo-vos, como perfeito cavaleiro que sois, que não a deixeis sofrer afronta nem maldade. Ora, pois não quereis lutar por ela?, perguntou o monarca. Não, senhor, respondeu o cavaleiro. Não hei de enfrentar um cavaleiro tão bravo quanto vós. Boa escolha fizestes, replicou o Rei Pellinore. Eu vos prometo que, de minha parte, ela não sofrerá qualquer ato torpe, como verdadeiro cavaleiro que sou. Mas, agora, estou sem cavalo e, por isso, vou levar a montaria de Hontzlake. Não será necessário, replicou o outro. Posso vos dar um cavalo que vos agradará se quiserdes ser meu hóspede, pois já é quase noite. De bom grado, disse o Rei Pellinore, passarei a noite convosco. Recebeu ali excelente acolhida, comeu bem e bebeu do melhor vinho, e se divertiu a noite inteira. Pela manhã, assistiu à missa, comeu e, então, trouxeram-lhe um formoso cavalo baio já envergando sua própria sela. Dizei-me como devo vos chamar, perguntou o cavaleiro, já que estais levando minha prima que viestes buscar? Sou o Rei Pellinore das Ilhas e também cavaleiro da Távola Redonda. Pois muito me alegro ao ver que minha prima esteja a cargo de homem tão nobre. E vós?, perguntou Pellinore. Rogo-vos que me digais vosso nome. Senhor, chamo-me Meliot de Logres, e esta dama, minha prima, chama-se Nimue. Já o cavaleiro que estava na outra tenda é meu irmão por juramento, Brian das Ilhas, um excelente cavaleiro. Trata-se de alguém muito avesso às injustiças e muito pouco propício a lutar contra quem quer que seja, a menos que haja grande insistência, pois, nesse caso, por vergonha não poderia se negar. Muito me espanta que não queira se haver comigo, disse Pellinore. Senhor, ele não enfrentará ninguém, a não ser que se veja forçado a fazê-lo. Levai-o à corte um dia desses, disse Pellinore. Iremos juntos, senhor. Pois sereis muito bem-vindos à corte do Rei Arthur, replicou o monarca, e muito louvados por vossa vinda. Partiu então, levando a dama para Camelot.

Quando passavam por um vale cheio de pedras, a montaria da dama tropeçou e a derrubou. Esta machucou seriamente o braço e chegou quase a perder os sentidos de tanta dor. Ai de mim, senhor, disse ela, meu braço está bem machucado e preciso realmente descansar. Pois que assim seja, disse o Rei Pellinore. Apeou

sob uma árvore cercada de grama fresca, deixou ali seu cavalo e, deitando-se aos pés da árvore, dormiu até quase o cair da noite. Ao acordar, quis seguir viagem. Senhor, disse a dama, está tão escuro que não saberíeis se estais indo ou voltando. Permaneceram então naquele local para esperar o amanhecer. Sir Pellinore retirou a armadura. Pouco antes da meia-noite, ouviram o trote de um cavalo. Ficai calada, disse o Rei Pellinore, pois alguma aventura se aproxima.

CAPÍTULO XIV

Como, durante o trajeto, enquanto dormia à noite em um vale, ele ouviu dois cavaleiros que relatavam suas aventuras.

Mais que depressa, envergou sua armadura. A pouca distância, à sua frente, viu dois cavaleiros se encontrarem e se saudarem. Um deles vinha de Camelot, e o outro, do Norte. Que novas trazeis de Camelot?, perguntou este último. Ora, pois, disse o outro, estive na corte para observar o Rei Arthur, e os laços que os unem são tão fortes que jamais se romperão. Quase todos estão com Arthur, pois ali está a flor da cavalaria. É por isto que estou rumando para o Norte: para informar a nossos capitães sobre essa situação. Para isso, disse seu interlocutor, trago comigo o melhor dos remédios, o veneno mais poderoso de que jamais ouvistes falar. Vou levá-lo a Camelot, pois temos lá um amigo próximo de Arthur, muito estimado pelo rei, que o envenenará como prometeu a nossos capitães e recebeu grandes recompensas por esse feito. Tomai cuidado com Merlin, disse o que voltava da corte, porque ele sabe de tudo por meio de artes diabólicas. Nem por isso vou deixar de cumprir minha missão, retrucou o outro. E os dois se separaram. Pouco depois, Pellinore e a dama se prepararam e rumaram para Camelot. Quando passaram junto ao poço onde estavam o cavaleiro ferido e a dama, encontraram o homem caído e a mulher comida por algum leão ou outro animal selvagem que lhe havia deixado apenas a cabeça. O cavaleiro então muito se lamentou e chorou amargamente, dizendo: Ai, eu poderia ter salvado sua vida; ia, porém, tão ansioso para realizar minha incumbência que não quis parar. Por que vos lamentais assim?, perguntou sua acompanhante. Não sei, respondeu Pellinore, mas meu coração sofre muito por sua morte, pois era uma dama jovem e formosa. Quereis seguir meu conselho?, perguntou ela. Pegai o corpo desse cavaleiro e mandai que seja enterrado em um eremitério. Depois, levai convosco a cabeça da dama para o Rei Arthur. O Rei Pellinore ergueu então o cavaleiro sobre os ombros, levou-o a um eremitério e deixou o cadáver a cargo do eremita para que fossem oficiados serviços por sua alma. E podeis ficar com seus arreios por vosso trabalho, disse o monarca. Assim será, replicou o eremita, como haverei de responder diante de Deus.

CAPÍTULO XV

Como, ao chegar de volta a Camelot, jurou sobre um livro que contaria a verdade sobre a sua demanda.

Os dois partiram logo em seguida rumo ao local onde jazia a cabeça da dama com os belos cabelos dourados. O Rei Pellinore sentiu profunda dor ao contemplá-la, pois aquele semblante comovia imensamente seu coração. Era por volta do meio-dia quando chegaram a Camelot, e o rei e a rainha muito se alegraram com sua volta à corte. Ali o fizeram jurar sobre os Quatro Evangelhos que contaria toda a verdade sobre sua demanda, do princípio ao fim. Ah, Sir Pellinore, exclamou a Rainha Guinevere, muita reprovação mereceis por não haver salvado a vida dessa dama. Senhora, replicou Pellinore, grande reprovação mereceríeis se, podendo, não salvásseis vossa própria vida. Mas, se me permitis, eu estava tão ávido por realizar minha incumbência que não quis me deter, coisa que me pesa e me pesará enquanto eu viver. Na verdade, acrescentou Merlin, isto vos há de pesar ainda mais, pois esta dama era vossa filha, concebida pela Dama das Regras, e o cavaleiro morto era seu amado, que estava para desposá-la. Era muito jovem e excelente cavaleiro, e haveria de provar ser também um bom homem. Chamava-se Sir Miles das Landes e estava se dirigindo a esta corte quando foi atacado pelas costas por um cavaleiro com sua lança. O nome deste cavaleiro é Loraine, o Selvagem, e trata-se de um falso cavaleiro, muito covarde. A jovem se chamava Elaine e se matou com a espada do amado por não suportar tanto sofrimento e tanta dor. Como não quisestes ajudá-la, vosso melhor amigo vos abandonará na situação mais difícil em que jamais vos encontrareis. Esta é a penitência que Deus vos reserva por esse ato: aquele em quem mais confiais em todo este mundo permitirá que vos matem. Lamento que isso vá me acontecer, replicou o Rei Pellinore, mas Deus pode perfeitamente desfazer o destino.

Concluída assim a aventura do cervo branco, que coube a Sir Gawaine; a da cadela, que coube a Sir Tor, filho do Rei Pellinore, e a da dama que foi levada pelo cavaleiro, que, na ocasião, coube ao Rei Pellinore, o rei convocou todos os seus cavaleiros, dando terras aos que não as possuíam em quantidade e recomendando-lhes que jamais cometessem qualquer crime ou ultraje; que evitassem sempre a traição; que não fossem cruéis em hipótese alguma; que concedessem sua misericórdia a quem a pedisse, sob pena de perder a honra e o senhorio do Rei Arthur para todo o sempre. Recomendou-lhes também que sempre socorressem damas, donzelas e senhoras; que nenhum homem travasse combate

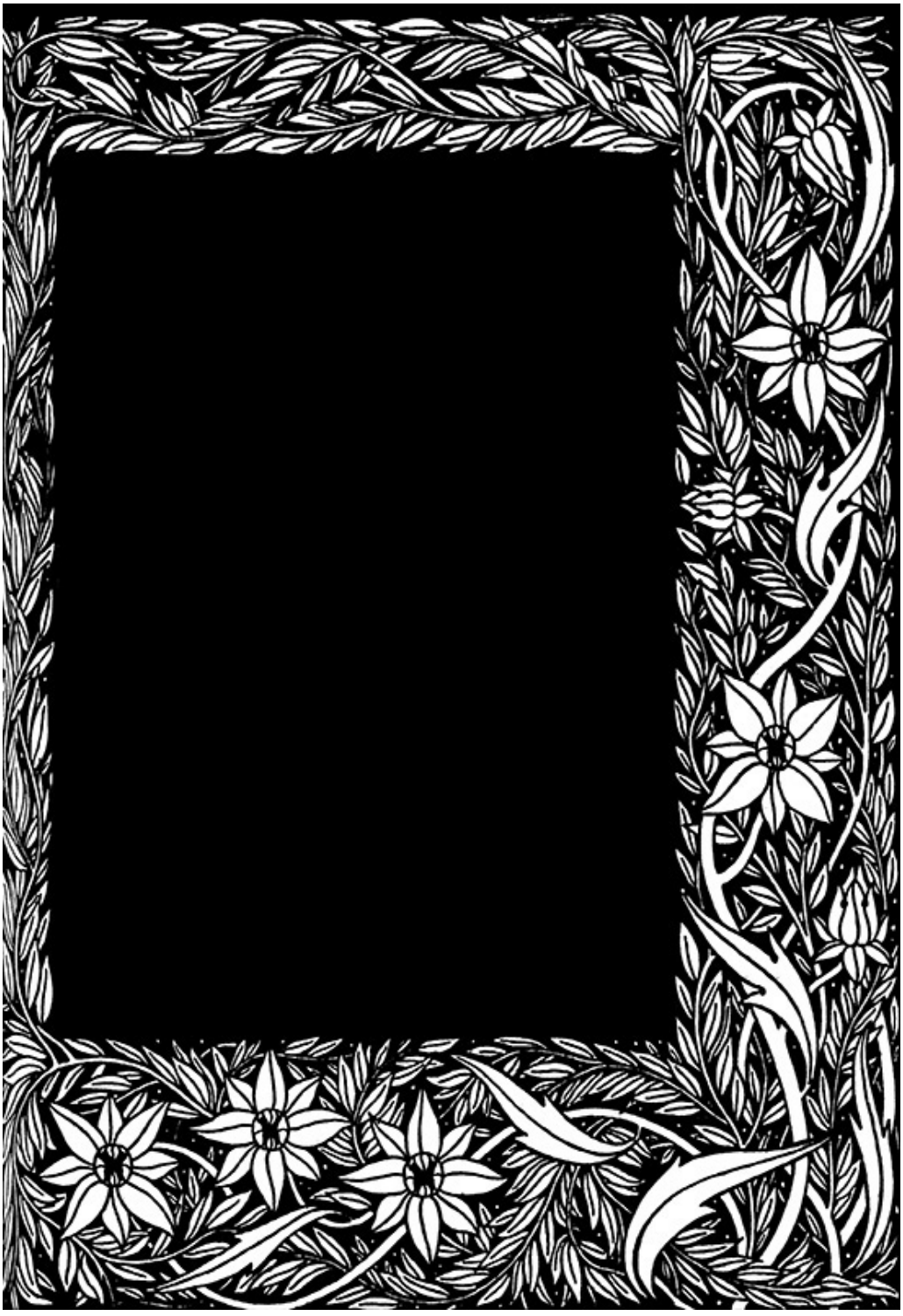
algum envolvendo querelas injustas, por nenhuma lei, nem por bens mundanos. Todos os cavaleiros da Távola Redonda, tanto os mais velhos quanto os mais jovens, prestaram tal juramento e, a cada ano, voltaram a renová-lo na grande festa de Pentecostes.

Explicit as Bodas do Rei Arthur.

Sequitur quartus liber.

LIVRO IV





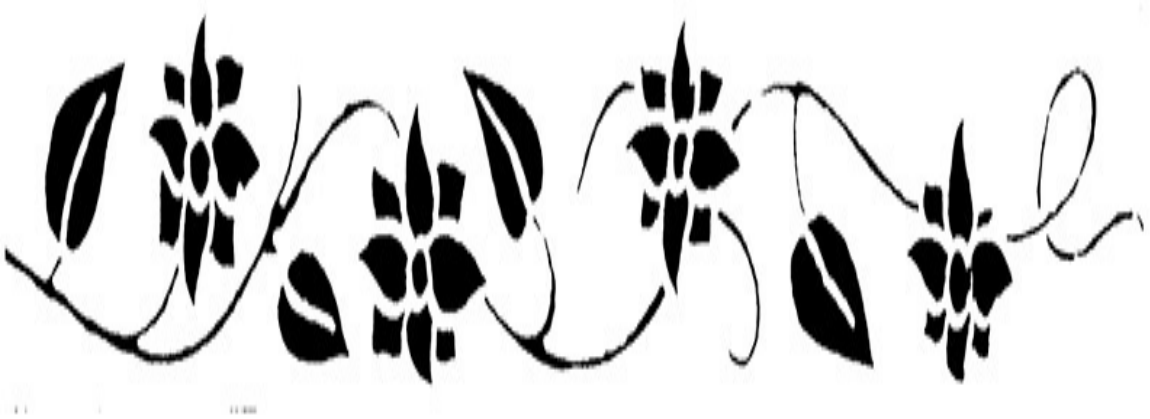
CAPÍTULO I

Como Merlin se deixou seduzir e se apaixonou por uma das Damas do Lago,
e como ele foi encerrado sob uma pedra e ali morreu.

epois de realizadas essas demandas por Sir Gawaine, Sir Tor e o Rei Pellinore, aconteceu de Merlin se deixar seduzir pela donzela que este último havia trazido para a corte. Ela se chamava Nimue e era uma das Damas do Lago. O homem, porém, não lhe dava sossego, desejando estar sempre ao seu lado, e ela o acolheu de bom grado até aprender todas as coisas que desejava. Merlin se apaixonou perdidamente, a ponto de não conseguir se separar da mulher. Em certa ocasião, disse ao Rei Arthur que não viveria mais muito tempo, pois, a despeito de todas as suas artes, em breve estaria debaixo da terra. Contou ainda ao rei inúmeras coisas que viriam a suceder, mas sempre alertando o monarca com relação à sua espada e à bainha. Este devia guardar ambas com muito cuidado, pois seriam roubadas por uma mulher em que Arthur confiava muito. Disse também ao rei que este sentiria muito a sua falta, acrescentando: Mais do que todas as vossas terras, havereis de desejar me ter de volta. Ah!, exclamou o monarca. Uma vez que conheces teu destino, prepara-te para ele e desfaz tal infortúnio lançando mão de tuas artes. Não, retrucou Merlin. Não é assim que as coisas vão acontecer. E se despediu do rei. Pouco tempo depois, a donzela partiu, e Merlin se foi junto, sem deixá-la, seguindo-a aonde quer que fosse. Muitas vezes, o mago quis dominá-la secretamente graças a suas artes sutis; ela, porém, o fez jurar que jamais lhe lançaria qualquer feitiço se quisesse realizar seu desejo. Ele, então, jurou, e ambos atravessaram o mar, dirigindo-se às terras de Benwick, onde o Rei Ban travava uma guerra ferrenha contra o Rei Claudas. Lá chegando, Merlin falou com a esposa do Rei Ban, uma dama formosa e virtuosa que se chamava Elaine, e também conheceu o jovem Lancelote. A rainha lamentou-se profundamente com relação à guerra mortal que o Rei Claudas vinha impondo a seu senhor e suas terras. Não deveis sofrer com isto, disse Merlin, pois, dentro de vinte anos, este mesmo filho vos vingará do Rei Claudas, e toda a Cristandade falará dele. Este mesmo filho será o homem de mais mérito no mundo. Como bem sei, seu primeiro nome é Galahad e, depois, Lancelote o confirmará. É bem verdade!, exclamou a rainha. Seu primeiro nome é Galahad. Ah, Merlin! Viverei para ver meu filho se tornar um bravo?, perguntou a soberana. Sim, senhora. Afirmo-vos, por minha vida, que vereis tal feito e ainda vivereis muitos invernos mais.

Pouco mais tarde, Merlin e a dama se foram, e, durante seu trajeto, o mago lhe mostrou inúmeros prodígios. Chegaram então à Cornualha. Merlin não parava de assediar a dama para deflorá-la. Ela, porém, estava muito cansada daquilo e

desejava livrar-se de seu companheiro, pois o considerava filho de um demônio e o temia muito por isso. Mas não conseguia encontrar nenhum meio de fazê-lo. Até que, em certa ocasião, Merlin lhe mostrou um rochedo onde havia algo maravilhoso escondido debaixo de uma grande pedra. Usando de persuasão sutil, a donzela conseguiu fazer com que ele descesse até a referida cavidade para lhe ensinar todas aquelas maravilhas. Mas ela agiu de tal forma que ele jamais voltou a sair dali, apesar de todas as artes a seu dispor. E a mulher se foi, deixando-o preso ali dentro.



CAPÍTULO II

Como cinco reis vieram até aquelas terras para guerrear contra o Rei Arthur e que conselho lhes deram para enfrentá-lo.

O Rei Arthur viajou para Camelot, onde celebrou grandes festividades repletas de alegria e diversões, e, pouco depois, regressou a Cardoile. Lá chegando, recebeu notícias de que o Rei da Dinamarca, o Rei da Irlanda, seu irmão, o Rei do Vale, o Rei de Soleise e o Rei da Ilha de Longtains, estes cinco reis, acompanhados de grandes hostes, haviam invadido suas terras, queimando e matando tudo e todos que encontrassem pelo caminho, tanto cidades quanto castelos, e grande dor lhe causou ouvir isso. Ai, queixou-se Arthur, ainda não pude ter nem sequer um mês de descanso desde que fui coroado rei destas terras! Agora, não descansarei até enfrentar esses monarcas em campo aberto, coisa que juro fazer, para que meus fiéis vassalos não sejam destruídos por minha ausência. Venham comigo os que assim o desejarem; fiquem aqui os que não quiserem fazê-lo. Ordenou então que se escrevesse ao Rei Pellinore que reunisse o máximo de homens com que pudesse contar de imediato e o seguisse o mais depressa possível. Secretamente, todos os barões ficaram aborrecidos com a decisão do rei de partir assim tão subitamente, mas nada conseguiria detê-lo, e ele mandou que se escrevesse para aqueles que não estavam presentes na corte naquele momento, pedindo-lhes que o seguissem. Então, o monarca procurou a Rainha Guinevere e lhe disse: Preparai-vos, senhora, pois vireis comigo, já que não posso ficar muito tempo longe de vós. Fareis com que me sinta mais audacioso seja qual for a aventura que me possa suceder, e não quero saber se minha senhora pode estar correndo qualquer perigo. Senhor, respondeu ela, farei o que quiserdes e estarei pronta quando estiverdes. Na manhã seguinte, partiram o rei e a rainha acompanhados de todos de que dispunham e rumaram para o Norte, onde adentraram uma floresta perto do estuário do Humber para ali se instalarem. Quando os cinco referidos reis ficaram sabendo da localização de Arthur, um cavaleiro, irmão de um dos cinco reis, lhes deu o seguinte conselho: Bem sabeis que Sir Arthur traz consigo a flor da cavalaria, como já ficou provado na grande batalha travada contra os onze reis. Devemos, pois, correr dia e noite até nos aproximarmos deles, uma vez que, quanto mais nos atrasarmos, mais forte ele ficará e mais fracos ficaremos. Foi tão ousado de sua parte vir a campo com pouca gente… Tratemos portanto de atacá-lo antes do amanhecer para destruí-lo completamente. Nenhum de seus cavaleiros vai escapar.



Merlin e Nimue.

CAPÍTULO III

Como o Rei Arthur enfrentou, derrotou e matou os cinco reis fazendo com que os demais debandassem.

Os cinco reis concordaram com tal conselho, atravessaram com seu exército o Norte de Gales e chegaram ao local onde estava Arthur já à noite. Atacaram quando o monarca e seus cavaleiros estavam em suas tendas. O Rei Arthur estava desarmado e tinha se deitado para descansar com sua Rainha Guinevere. Senhor, dissera-lhe Sir Kay, não convém ficarmos desarmados. Não há motivo para preocupação, replicaram Sir Gawaine e Sir Griflet, que ocupavam uma tenda menor próxima à do rei. Nesse momento, ouviu-se um grande estrondo, e muitos começaram a gritar: Traição! Traição! Ai, exclamou o Rei Arthur, fomos traídos! Às armas, companheiros, gritou. E todos se armaram dos pés à cabeça. Chegou então um cavaleiro ferido que se aproximou do rei e lhe disse: Senhor, fugi com vossa rainha, pois nosso exército foi destruído e muitos dos nossos homens estão mortos. Sem mais tardar, o casal real, acompanhado por três cavaleiros, cavalgou até o Humber com o intuito de chegar à outra margem. Mas as águas que desciam estavam tão turbulentas que todos temeram cruzar o rio. Agora podeis escolher, disse o Rei Arthur, se quereis ficar deste lado e enfrentar a aventura, pois, se vos prenderem vos matarão. Mil vezes morrer na água, disse a rainha, do que cair e morrer nas mãos de vossos inimigos.

Enquanto falavam, Sir Kay viu se aproximarem os cinco reis, sozinhos, a cavalo, empunhando suas lanças na direção do pequeno grupo. Olhai, exclamou Sir Kay. Aí vêm os cinco reis. Vamos ao seu encontro para desafiá-los. Seria uma insensatez, replicou Sir Gawaine, já que somos apenas três, e eles, cinco. Isso é verdade, assentiu Sir Griflet. Pouco importa, insistiu Sir Kay. Enfrentarei dois deles e, então, podeis vos haver com os outros três. E, mal tinha terminado a frase, saiu cavalgando o mais rapidamente possível. Traspassou o escudo de um deles, perfurando também o seu corpo em uma braça de profundidade, de tal forma que o rei caiu por terra, morto. Ao ver a cena, Sir Gawaine correu em direção a outro dos reis com tanta velocidade que atravessou seu corpo de um lado a outro. Em seguida, o Rei Arthur atacou mais um deles, traspassando seu corpo com a lança e fazendo-o cair morto no chão. Então, Sir Griflet atacou o quarto rei, e o derrubou com tamanho ímpeto que este quebrou o pescoço. Nesse meio-tempo, Sir Kay investiu contra o quinto rei e desferiu um golpe tão violento que lhe partiu o elmo e a cabeça, atingindo o chão. Excelente golpe, disse o Rei Arthur, e mantiveste

galhardamente tua promessa. Por isso, honrar-te-ei enquanto eu viver. Sem mais tardar, puseram a rainha em uma embarcação para cruzar o Humber. Esta, porém, não parava de elogiar Sir Kay por suas façanhas e dizia: Qualquer dama que ameis merecerá severas críticas se não corresponder ao vosso amor. E, em meio às damas, acrescentou: defenderei vossa nobre fama, pois destes a vossa palavra e a cumpristes com toda honra. Dizendo isto, Guinevere afastou-se.

Então, o rei e os três cavaleiros se embrenharam pela floresta, porque esperavam conseguir, ali, notícias dos que haviam escapado. Efetivamente, encontraram a maioria de seus homens e lhes contaram como haviam matado os cinco reis. Vamos, portanto, ficar juntos até o raiar do dia, e quando seus exércitos virem que seus comandantes estão mortos, serão tantas as lamentações que eles não terão mais como lutar. Dito e feito. Ao verem os cinco reis mortos, aqueles homens se lamentaram tanto que caíram de seus cavalos. Pouco depois, surgiu Arthur com pouquíssima gente e matou a torto e a direito, a tal ponto que praticamente ninguém escapou. Ao todo, foram trinta mil os mortos. Quando a batalha estava definitivamente liquidada, o rei se ajoelhou e, humildemente, deu graças a Deus. Mandou então que fossem buscar a rainha, que não tardou a chegar e sentiu grande alegria por haverem vencido aquela contenda.

CAPÍTULO IV

Como terminou a batalha antes de sua chegada, e como o Rei Arthur mandou erigir uma abadia no local onde se travou o combate.

Nesse momento, apresentou-se um mensageiro dizendo ao Rei Arthur que o Rei Pellinore estava a menos de três milhas de distância com uma grande hoste. Ide ao seu encontro, replicou o monarca, e contai-lhe como nos saímos. Em pouco tempo, chegou o Rei Pellinore com seu grande exército, saudou a todos e ao rei, e houve grande regozijo de ambas as partes. O rei mandou verificar quantos dos seus homens haviam morrido. Concluiu-se que tinham sido pouco mais de duzentos, além de oito cavaleiros da Távola Redonda que estavam em suas tendas. Arthur mandou então que se erigisse uma formosa abadia no exato local onde se travara aquela batalha, dotou-a de inúmeros bens para seu sustento e lhe deu o nome de Abadia da Bela Aventura. Quando, porém, alguns homens chegaram de volta aos países em que reinavam os cinco reis e contaram como eles haviam sido mortos, a dor foi muito grande. E todos os inimigos do Rei Arthur, entre os quais o Rei de Gales do Norte e os demais reis das terras setentrionais, lamentaram profundamente.

Enquanto isto, Arthur tratou de voltar o mais depressa possível a Camelot e, ali chegando, chamou o Rei Pellinore e lhe disse: Bem sabeis que perdemos oito dos melhores cavaleiros da Távola Redonda e, com o auxílio de vosso conselho, escolheremos outros oito dentre os melhores que pudermos encontrar nesta corte. Senhor, replicou Pellinore, tratarei de vos aconselhar da melhor maneira possível. Existem, em vossa corte, muitos nobres cavaleiros, alguns mais velhos, outros mais jovens. Portanto, é minha opinião que deveis escolher metade deles entre os mais velhos e metade entre os jovens. Quais seriam os mais velhos?, perguntou o Rei Arthur. Senhor, respondeu o outro monarca, creio que deveriam ser o Rei Uriens, que se casou com vossa irmã, a Fada Morgana, o Rei do Lago, Sir Hervise de Revel, um nobre cavaleiro, e, por fim, Sir Galagars. Parece-me uma bela escolha, disse Arthur. É o que se fará. E quais seriam os mais jovens? Senhor, respondeu Pellinore, o primeiro seria Sir Gawaine, vosso sobrinho e também, para sua idade, um cavaleiro como não existe outro nessas terras. No meu entender, o segundo seria Sir Griflet le Fise de Dieu, que é bom cavaleiro, muito impetuoso com as armas, e quem o conhecer saberá que é comprovadamente um cavaleiro. O terceiro que deveria integrar a Távola Redonda é Sir Kay, o Senescal, que tantas vezes se portou com toda a dignidade e agora, nessa batalha recente, lutou

honrosamente, chegando a matar dois reis. Por Deus, exclamou Arthur, ele é mais digno de ser cavaleiro da Távola Redonda do que qualquer outro dos que mencionastes, embora não tenha realizado nenhuma outra proeza durante toda a vida.

CAPÍTULO V

Como Sir Tor foi sagrado cavaleiro da Távola Redonda, e como Bagdemagus ficou irritado com isto.

Agora, disse o Rei Pellinore, vou vos propor dois cavaleiros, e escolhereis aquele que vos parecer mais digno. Um deles é Sir Bagdemagus, o outro, Sir Tor, meu filho. Mas, por este último ser meu filho, não posso lhe tecer elogios, embora, se outro fosse o caso, atraver-me-ia a dizer que, em sua idade, não existe no mundo melhor cavaleiro do que ele, nem em melhores condições ou tão avesso a cometer qualquer desdouro e tampouco a aceitar que algo assim seja cometido. Por Deus, exclamou Arthur, bem sei que se trata de um cavaleiro melhor do que todos os demais que haveis mencionado, pois eu próprio tive provas disso. Trata-se de um rapaz de poucas palavras, mas de pronta ação. Não conheço ninguém nesta corte, fosse ele tão bem nascido por parte de mãe quanto o é por vossa parte, com tanta bravura e poder. Portanto, ele será o escolhido, e deixarei Bagdemagus para outra oportunidade. Uma vez escolhidos esses homens, e com o aval de todos os barões, viram-se em suas cadeiras os nomes dos cavaleiros acima referidos. Eles tomaram seus lugares, e Sir Bagdemagus sentiu-se muito afrontado ao ver que Sir Tor havia passado à sua frente. Deixou a corte subitamente, levando consigo seu escudeiro, e cavalgou por longas horas no seio de uma floresta até que chegaram a uma cruz. Ali, o cavaleiro apeou e rezou com toda a devoção. Nesse meio-tempo, seu escudeiro viu que estava escrito em tal cruz que Bagdemagus não voltaria à corte até haver vencido um cavaleiro da Távola Redonda em uma luta corpo a corpo. Vede, senhor, disse o escudeiro, encontrei aqui algo escrito a vosso respeito e, por isso, o meu conselho é que regresseis à corte. Jamais farei isso, replicou Bagdemagus, até que todos falem de mim de forma honrosa e eu mereça me tornar um cavaleiro da Távola Redonda. Prosseguiu, então, em sua cavalgada e, no caminho, encontrou um ramo de uma erva santa que era sinal do Santo Graal, e nenhum cavaleiro depara com semelhantes sinais a menos que leve uma vida venturosa.

E, como Sir Bagdemagus seguia em busca de muitas aventuras, sucedeu que ele chegou ao rochedo onde a Dama do Lago havia encerrado Merlin debaixo de uma pedra. Ouvindo como este se lamentava, desejou ajudá-lo e aproximou-se da pedra. Esta, porém, era tão pesada que nem cem homens conseguiriam erguê-la. Quando Merlin percebeu que havia alguém ali, mandou que não fizesse tanto esforço, pois tudo seria em vão, já que ninguém poderia ajudá-lo, a não ser aquela

que o havia prendido ali. Bagdemagus seguiu então seu caminho e realizou muitas aventuras, vindo a provar que era ótimo cavaleiro e, voltando à corte, foi sagrado cavaleiro da Távola Redonda. Pela manhã, chegaram notícias e novas aventuras.

CAPÍTULO VI

Como os reis Arthur e Uriens e Sir Accolon de Gaula perseguiram um cervo e suas maravilhosas aventuras.

Aconteceu então que Arthur, acompanhado por muitos de seus cavaleiros, foi cavalgar por uma ampla floresta. Ali, o monarca, o Rei Uriens e Sir Accolon de Gaula saíram em perseguição a um grande cervo, pois os três tinham ótimas montarias e, por isso, seguiram a tamanha velocidade que, em poucos instantes, estavam a dez milhas de distância de seus companheiros. Cavalgavam, porém, com tanto empenho que os animais que montavam acabaram morrendo. Com isso, os três se viram a pé enquanto o cervo ganhava distância, muito cansado e procurando esconder-se. O que faremos?, perguntou o Rei Arthur. Estamos em maus lençóis. Vamos prosseguir a pé, sugeriu o Rei Uriens, até encontrarmos alguma estalagem. Foi quando avistaram o cervo caído num ribeirão com uma cadela a lhe morder a garganta e vários outros cães que se aproximavam. O Rei Arthur fez então soar o sinal de presa capturada e preparou o animal.

Ao olhar ao seu redor, o monarca avistou, em um grande lago, uma pequena embarcação toda adornada de seda até a água. Tal embarcação foi até eles e atracou na areia das margens. Arthur foi até ela, espiou em seu interior e não viu ali nenhuma criatura terrena. Vinde, senhores, disse, vinde até aqui para vermos o que há nessa embarcação. Os três subiram a bordo e viram que tudo ali era ricamente revestido de seda. Àquela altura, já era noite fechada e, de repente, perceberam que estavam cercados de cem tochas instaladas sobre as bordas da embarcação e que deixavam tudo por ali muito iluminado. Logo a seguir, surgiram doze formosas donzelas que se puseram de joelhos em reverência ao rei, chamando-o pelo nome, dizendo-lhe que ele era muito bem-vindo e que receberia a melhor acolhida que poderiam lhe dar. O monarca agradeceu com toda a cortesia. Levaram então Arthur e seus dois companheiros para um formoso aposento onde havia uma toalha ricamente adornada com tudo que convém a uma mesa bem-posta, e ali os três foram servidos com os melhores vinhos e viandas que se poderia imaginar. O rei ficou encantado, pois nunca na vida havia comido jantar como aquele. Depois de saciados, o Rei Arthur foi conduzido até o quarto mais luxuosamente enfeitado que já vira. Assim também o Rei Uriens foi conduzido a um segundo quarto igual ao anterior e Sir Accolon, a um terceiro também luxuosamente mobiliado e adornado. Os três se deitaram em suas camas e logo pegaram no sono. Dormiram profundamente a noite inteira. Pela manhã, o Rei

Uriens estava em Camelot, deitado entre os braços da esposa, a Fada Morgana. Quando despertou, ficou assombrado, sem saber como chegara ali, já que, ainda na véspera, estava a dois dias de distância da cidade. Ao acordar, o Rei Arthur viu que estava em uma prisão sombria ouvindo, ao seu redor, muitos lamentos de cavaleiros desventurados.

CAPÍTULO VII

Como Arthur decidiu lutar para se libertar da prisão e também para libertar vinte cavaleiros que estavam encarcerados.

Quem sois vós que assim vos lamentais?, perguntou o Rei Arthur. Somos vinte cavaleiros feitos prisioneiros, responderam eles, e alguns de nós estão aqui há sete anos, outros mais que isso, outros, menos. Por que motivo?, indagou o rei. Nós vos contaremos tudo, disseram os cavaleiros. O senhor deste castelo, cujo nome é Sir Damas, é o cavaleiro mais falso do mundo, o mais traiçoeiro e o mais covarde entre todos que hoje vivem. Ele tem um irmão mais moço, um cavaleiro bom e nobre chamado Sir Ontzlake; e o traidor, seu irmão mais velho, não quer lhe dar nenhuma parte de seus bens além de uma rica e formosa mansão que Sir Ontzlake conserva graças às suas proezas com as armas e onde vive dignamente, sendo amado por toda a gente. Este Sir Damas, a quem agora pertencemos, é malquisto por todos, pois não tem nenhuma misericórdia e é covarde. Por isso, os dois irmãos estão constantemente em guerra. Sir Ontzlake, porém, sempre sai vencedor e está sempre propondo a Sir Damas que ambos se enfrentem corpo a corpo pelos bens da família. Este, porém, não quer fazê-lo, a menos que algum cavaleiro lute por ele. Sir Damas vem, então, procurando alguém, mas é tão malquisto e odiado que não consegue ninguém que lute por ele. Ao ver que ninguém aceitaria tal incumbência, resolveu sair diariamente, sempre acompanhado de muitos cavaleiros, à procura de um campeão, e prende todos os cavaleiros deste país para ver e observar suas aventuras, mas prende-os à força e os traz para esta prisão. Assim pois foi nos prendendo um a um, quando íamos à cata de nossas aventuras, e muitos bons cavaleiros já morreram de fome neste cárcere. Na verdade, foram dezoito. Se qualquer um de nós aceitasse enfrentar seu irmão Ontzlake, ele nos libertaria, mas, por ser este Damas tão falso e tão traiçoeiro, não quisemos lutar nem morrer por ele. Agora, estamos tão magros por causa da fome que mal podemos nos manter de pé. Que Deus tenha piedade de vós!, exclamou Arthur.

Nesse momento, apareceu uma donzela que lhe perguntou: Como estais? Não sei dizer, replicou o rei. Senhor, prosseguiu a jovem, se consentis em lutar por meu senhor, sereis libertado da prisão; caso contrário, jamais escapareis com vida. Difícil decisão, disse Arthur, embora prefira enfrentar um cavaleiro do que morrer em uma prisão. Pois bem, acrescentou, aceito travar tal luta, contanto que possa libertar a mim e a todos estes prisioneiros. Sim, senhor, replicou a donzela. Então, estou pronto, mas preciso que me arranjem um cavalo e uma armadura. Nada vos

faltará, assentiu a jovem. Parece-me, donzela, que já vos vi na corte de Arthur. Não, retrucou a moça, nunca estive lá. Sou filha do senhor deste castelo. Isto, porém, não era verdade, pois ela era uma das donzelas da Fada Morgana.

Logo estava diante de Sir Damas para lhe dizer que encontrara alguém que lutaria por ele, e este mandou buscar Arthur. Quando apareceu e todos o viram tão saudável e dotado de pernas e braços tão fortes, os presentes disseram que seria uma lástima tal cavaleiro morrer em uma prisão. Então, Sir Damas e o rei se puseram de acordo, com uma condição: que todos os demais cavaleiros também fossem libertados. Sir Damas jurou que assim seria e ainda que a batalha seria levada ao extremo. Assim, pois, os vinte cavaleiros foram retirados do cárcere e libertados, mas todos permaneceram ali para ver tal confronto.

CAPÍTULO VIII

Como Accolon se viu junto de um poço e resolveu combater o Rei Arthur.

Voltemos agora a Accolon de Gaula, que, ao despertar, viu-se junto à borda de um poço profundo, a uma distância de menos de um pé, correndo portanto grande perigo de morrer. Desse poço saía um cano de prata do qual jorrava água que ia cair sobre um bloco de mármore. Vendo isto, Sir Accolon fez o sinal de cruz e disse: Jesus, salvai meu senhor, o Rei Arthur, e também o Rei Uriens, pois fomos traídos por aquelas donzelas do barco que eram demônios, e não mulheres. Se conseguir escapar de tal desventura, destruirei todas essas falsas donzelas que lançam mão de feitiços que eu puder encontrar. Neste instante, aproximou-se um anão de boca grande e nariz achatado que saudou Sir Accolon e lhe disse que vinha da parte da Rainha Morgana, a Fada. Ela vos saúda cordialmente e vos pede que tenhais um coração forte, já que, amanhã, enfrentareis um cavaleiro nas primeiras horas do dia. É por isso que vos envia Excalibur, a espada de Arthur, juntamente com sua bainha, e vos roga que, se a amais, lutai com o máximo empenho, sem nenhuma misericórdia, como prometestes quando ambos conversastes em particular. E tornará rainha a donzela que lhe trouxer a cabeça do cavaleiro contra quem lutareis. Assim, disse Accolon, tudo fica mais claro. Manterei minha promessa, agora que possuo a espada. Quando vistes minha senhora, a Rainha Morgana, a Fada? Ainda há pouco, respondeu o anão. Então, Accolon o tomou nos braços e disse: Recomendai-me a minha senhora, a rainha, e dizei-lhe que tudo será feito como prometido ou morrerei tentando. Pois creio, acrescentou, que ela usou de todas essas artes e encantamentos visando a esta batalha. Podeis crer que sim, replicou o anão. Chegaram, então, um cavaleiro acompanhado de uma dama e de seis escudeiros, e, depois de saudar Accolon, rogou-lhe que se levantasse e fosse repousar em sua residência. O cavaleiro montou um cavalo que estava livre e seguiu o recém-chegado até uma bela mansão próxima a um mosteiro, onde recebeu excelente acolhida.

Em seguida, Sir Damas enviou uma mensagem a seu irmão, Sir Ontzlake, dizendo-lhe que se preparasse pela manhã, na hora de prima, e estivesse em campo para enfrentar um bom cavaleiro, pois havia encontrado alguém disposto a travar tal contenda. Ao receber essa mensagem, Sir Ontzlake muito se entristeceu e lamentou-se profundamente, já que havia sido ferido na coxa com uma lança pouco tempo antes. Apesar de ferido, porém, não quis deixar de lado a batalha pendente. Aconteceu que, nessa ocasião, por intermédio da Fada Morgana, Accolon estava

hospedado em sua morada e, quando se inteirou daquela contenda, sabendo que Ontzlake estava ferido, declarou que lutaria por ele e que a Fada Morgana lhe havia enviado Excalibur com sua bainha para que enfrentasse o cavaleiro logo cedo pela manhã. E foi assim que Sir Accolon tomou para si a batalha pendente. Sir Ontzlake se alegrou muitíssimo e agradeceu de coração a seu hóspede, que se mostrava disposto a fazer tanto por ele. De imediato, mandou uma mensagem a seu irmão, Sir Damas, dizendo-lhe que contava com um cavaleiro que estaria a postos, na liça, no dia seguinte, na hora de prima.

De manhã, Arthur, envergando uma boa armadura e montando um bom cavalo, perguntou a Sir Damas: Quando iremos para o campo? Senhor, respondeu o outro, deveis primeiro assistir à missa. E assim foi. Terminada a missa, chegou um escudeiro montando um cavalo bem grande e perguntou a Sir Damas se seu cavaleiro estava pronto, e acrescentou: pois o nosso já está esperando na liça. Arthur montou então seu animal diante de todos os cavaleiros e os demais habitantes do país. E, por sugestão de todos, foram escolhidos doze bons homens do local para acompanhar os dois cavaleiros. Quando Arthur já estava montado, chegou uma das donzelas da Fada Morgana trazendo-lhe Excalibur devidamente embainhada. A Fada Morgana vos envia vossa espada pelo grande amor que tem por vós, disse ela. O monarca agradeceu acreditando que isto era fato, embora, na verdade, tudo fosse falso: tanto a espada quanto a bainha eram uma falsificação e se quebravam com facilidade.

CAPÍTULO IX

Da batalha entre o Rei Arthur e Accolon.

Cada qual se postou em uma das extremidades da liça, e esporearam com tamanho ímpeto seus cavalos que acabaram atingindo o meio do escudo do adversário com a ponta da lança. Homens e montarias caíram por terra, os primeiros tratando logo de se levantar e sacar das espadas. Enquanto estavam empenhados nesse combate corpo a corpo, chegou ao local a Donzela do Lago, que havia encerrado Merlin debaixo de uma pedra. Ela estava ali por amor ao Rei Arthur, pois sabia como a Fada Morgana havia tramado tudo para que este morresse naquele dia. A Dama pretendia lhe salvar a vida. Os dois contendores prosseguiam ferozmente e desfechavam muitos grandes golpes um no outro. A espada de Arthur não feria, porém, como a de Accolon, e cada ataque do cavaleiro feria gravemente o rei, sendo mesmo assombroso que ele ainda se mantivesse de pé. O sangue lhe escorria em abundância e, quando Arthur viu o solo tão encharcado de sangue, sentiu-se desalentado e percebeu então que havia sido traído e que sua espada havia sido trocada, pois não feria o metal como seria de se esperar.

Temeu pela vida, achando que fosse morrer, já que a arma que Accolon tinha nas mãos era Excalibur, porque cada golpe que recebia o fazia sangrar imensamente. Cavaleiro, disse-lhe Accolon, tratai de vos proteger de mim. Arthur, porém, não respondeu. Em vez disso, desfechou um golpe tão tremendo no elmo de seu adversário que o fez cambalear e quase cair. Então, Sir Accolon recuou um pouco, voltou a atacar brandindo Excalibur bem no alto e desferiu tamanho golpe no Rei Arthur que este viu tudo escurecer. Cada vez mais enfurecidos, os dois adversários trocaram fortes golpes, mas Arthur continuava perdendo tanto sangue que ninguém acreditava que ele ainda estivesse de pé. Mas tão imbuído estava o rei do espírito da cavalaria que, como bom cavaleiro que era, suportava todo aquele sofrimento. Accolon não havia perdido uma única gota de sangue, ao passo que o rei estava muito enfraquecido e acreditava piamente que ia morrer ali. Apesar de tudo, fazia o possível para continuar e mantinha Accolon o mais próximo que conseguia. Este, porém, se fiava tanto em Excalibur que se mostrava demasiado ousado. Todos os que observavam aquele embate diziam jamais ter visto um cavaleiro lutar tão bem quanto Arthur, considerando-se todo o sangue perdido. E todos lamentavam por ele, mas os dois irmãos se recusavam a entrar em um acordo. E os dois não paravam de lutar, como bravos cavaleiros que eram.

Arthur procurou recuar um pouco para descansar; Sir Accolon, porém, o chamou de volta ao combate: Não é hora de eu permitir que descanseis", disse, e, de imediato, saltou enfurecido sobre seu adversário. Sir Arthur, enraivecido pela quantidade de sangue que havia perdido, desfechou um golpe tão forte no elmo de Accolon chegando quase a derrubá-lo. Mas, com tal golpe, sua espada se partiu na altura da cruz, e a lâmina caiu na relva encharcada de sangue. O rei ficou apenas com o pomo e o punho da arma nas mãos. Quando viu isso, o Rei Arthur teve muito medo de morrer; mesmo assim, continuou com o escudo em riste, sem perder terreno ou sem se deixar abater.

CAPÍTULO X

Como a espada com a qual lutava o Rei Arthur se quebrou e como ele recuperou a própria espada, Excalibur, e derrotou o inimigo.

Sir Accolon começou então a proferir palavras traiçoeiras, dizendo: Estais vencido, cavaleiro, e não podeis resistir por muito tempo. Também estais desarmado e haveis perdido muito sangue. Como não me agrada a perspectiva de matá-lo, rendei-vos a mim como fazem os covardes. Não, retrucou Sir Arthur, jamais farei isso, porque prometi levar tal batalha ao extremo, e, por minha fé, é o que farei enquanto viver. Prefiro morrer com honra a viver com vergonha e, se me fosse dado morrer cem vezes, preferiria que assim fosse a ter que me render a vós, pois, embora não tenha mais arma, ainda tenho honra, e se me matardes desarmado vossa será a vergonha. Pouco me importo com a vergonha, retrucou Accolon, e, por isso, preparai-vos, pois já sois um homem morto. Tendo dito isso, desfechou tamanho golpe que Arthur quase caiu, e seu adversário insistiu para que ele lhe pedisse clemência. Sir Arthur, porém, lançou-se sobre Accolon com seu escudo e lhe deu um golpe tão forte na mão com o pomo da espada que o cavaleiro acabou recuando três passos.

Quando a Donzela do Lago viu Arthur, como seu corpo prosseguia cheio de bravura e sabendo da traição que havia sido tramada para matá-lo, lastimou profundamente que um cavaleiro de tanto mérito e um homem de tanta coragem fosse ser destruído. O golpe que Sir Accolon desfechou em seguida foi tão forte que, por um feitiço lançado pela donzela, a espada Excalibur lhe caiu das mãos. De um salto, Arthur apoderou-se da arma e, assim que a segurou, soube que era sua espada, Excalibur. Disse, então: Estiveste separada de mim por muito tempo e muito dano me causaste. Nesse instante, viu a bainha pendendo da cinta de seu adversário e pulou subitamente sobre ele, arrancou-a dali e a atirou o mais longe que pôde. Ah, cavaleiro, exclamou Arthur, hoje me fizestes muito mal com esta espada. Agora, chegou a hora de vossa morte, pois vos prometo que, antes de nos separarmos, recebereis, por esta arma, a mesma paga que me destes porque me infligistes muita dor e me fizestes perder muito sangue. Nesse momento, lançou-se sobre seu adversário com toda a força, atirando-o no chão. Arrancou-lhe o elmo e lhe aplicou tamanho golpe na cabeça que ele começou a sangrar pelos ouvidos, pelo nariz e pela boca. Agora vou vos matar, disse Arthur. Podeis perfeitamente fazê-lo, retrucou Accolon, se assim o desejardes, já que sois o melhor cavaleiro que jamais enfrentei e vejo que Deus está convosco. Mas prometi travar esta

batalha a qualquer preço e não me acovardar enquanto vivesse; portanto, de minha boca nunca sairão palavras de rendição, e que Deus use minha vida segundo seus desígnios. De repente, Arthur teve a impressão de já ter visto aquele cavaleiro. Antes que vos mate, perguntou, dizei-me de que país sois e de que corte? Senhor cavaleiro, respondeu Sir Accolon, sou da corte do Rei Arthur e me chamo Accolon de Gaula. Arthur sentiu-se então mais desalentado do que antes, pois se lembrou de sua irmã, a Fada Morgana, e do encantamento da embarcação. Ah, senhor cavaleiro, disse ele, rogo-vos que me digais quem vos deu esta espada e por meio de quem a conseguistes.

CAPÍTULO XI

Como Accolon confessou a traição da Fada Morgana, irmã de Arthur, e como ela queria vê-lo morto.

Então Sir Accolon se deu conta do ocorrido e disse: Maldita seja essa espada, pois por ela encontrei a morte. É bem possível, replicou o Rei Arthur. Bem, senhor, principiou o vencido, vou confessar tudo: esta espada esteve sob minha guarda a maior parte dos últimos doze meses, e a Fada Morgana, esposa do Rei Uriens, a fez chegar ontem às minhas mãos através de um anão, com o intuito de que eu matasse o Rei Arthur, seu irmão, o homem que ela mais odeia no mundo porque tem mais honra e bravura do que qualquer outro do mesmo sangue. Ela também me ama muito, como amante, e este amor é recíproco. Assim, se pudesse provocar a morte de Arthur com suas artes, logo trataria de matar seu esposo, o Rei Uriens, e faria de mim o rei desta terra e ela seria minha rainha. Isto agora não vai ser possível, acrescentou Accolon, pois bem sei que vou morrer. Pois eu sentiria muito por vós se vos tivesses tornado rei desta terra, disse Sir Arthur. Teria sido uma grande lástima se houvesses destruído vosso senhor. Tendes razão, replicou o cavaleiro, mas, agora que vos disse a verdade, rogo-vos que me digais de onde sois e de que corte. Ah, Accolon, exclamou o Rei Arthur, pois ficai sabendo que sou o Rei Arthur e que me causastes grande mal. Ao ouvir isso, Accolon disse em voz alta: Gentil e doce senhor, tende compaixão de mim, pois não vos havia reconhecido. Ah, Sir Accolon, disse o monarca, tereis minha clemência, porque bem vejo, por vossas palavras, que não me haveis reconhecido. Mas percebo, por essas mesmas palavras, que estavas de acordo com minha morte e, por isto, sois um traidor. Sei, porém, que sois menos culpado do que minha irmã, a Fada Morgana, já que ela, com suas falsas artes, fez com que concordásseis com ela e consentisses em seus falsos prazeres. No entanto, se eu viver, hei de me vingar dela, de tal forma que toda a Cristandade falará a esse respeito. Deus sabe que eu a honrei e venerei mais que a todos de minha linhagem; que confiei mais nela do que em minha própria esposa e em todos os meus outros parentes.

O Rei Arthur chamou então os cavaleiros que guardavam a liça e lhes disse: Vinde, senhores, pois aqui estão dois cavaleiros que lutaram com grandes padecimentos para ambos. Cada um de nós poderia ter matado o outro, mas, se um de nós houvesse reconhecido o outro, não teria havido batalha alguma, nem se teria desferido golpe algum. Por seu turno, Accolon falou em altos brados, dirigindo-se

a todos os cavaleiros e outros homens ali reunidos. Ah, senhores, disse, este nobre cavaleiro contra quem lutei, coisa que muito lamento, é o homem dotado de mais bravura, empenho e mérito que existe no mundo, pois trata-se do próprio Rei Arthur, senhor natural de todos nós. E por desventura e infortúnio, enfrentei em combate o rei e senhor a quem devo fidelidade.



CAPÍTULO XII

Como Arthur reconciliou os dois irmãos e libertou os vinte cavaleiros, e como morreu Sir Accolon.

Todos caíram então de joelhos, pedindo clemência ao Rei Arthur. Por certo que a tereis, disse ele. Aqui podeis ver que os cavaleiros andantes deparam frequentemente com aventuras e vistes que lutei contra um de meus próprios cavaleiros, causando danos tanto para ele quanto para mim. Mas, senhores, como estou muito ferido, assim como meu adversário, e tenho grande necessidade de descanso, ouvireis agora minha opinião sobre vós, os dois irmãos. Quanto a vós, Sir Damas, por quem fui campeão e venci na liça este cavaleiro, devo julgar-vos. Tendes fama de ser um cavaleiro orgulhoso, com o coração cheio de maldade e indigno de bravura em vossas ações. Por este motivo, quero que entregueis a vosso irmão a propriedade inteira com todos os seus privilégios. Desta forma, Sir Ontzlake possuirá vossa mansão e vos dará, a cada ano, um palafrém para cavalgar, pois será melhor que monteis um palafrém do que um corcel. Também vos ordeno, Sir Damas, sob pena de morte, que jamais inflijais mal a qualquer cavaleiro andante que esteja no encalço de uma aventura. Ordeno ainda que devolveis a estes vinte cavaleiros que foram mantidos prisioneiros por tanto tempo todos os seus apetrechos até que eles se considerem satisfeitos. Se alguém aparecer em minha corte para se queixar de vós, juro por Deus que morrereis por tal razão. Quanto a vós, Sir Ontzlake, já que sois considerado um bom cavaleiro, cheio de bravura, sincero e gentil em todas as vossas ações, esta será vossa incumbência: vinde, o mais breve possível, à minha corte, pois sereis um de meus cavaleiros. E se, com o passar do tempo, vossos feitos vos destacarem aos meus olhos, pela graça de Deus, dentro em pouco tereis bens que vos permitirão viver tão honrosamente quanto vosso irmão, Sir Damas. Que Deus vos recompense por vossa grande bondade e vossa generosidade, replicou Sir Ontzlake. Desde já, estarei inteiramente à vossa disposição em qualquer ocasião, pois, senhor, Deus quis que eu fosse ferido há pouco tempo em ambas as coxas por um cavaleiro aventureiro, o que me causou muito sofrimento. E, se não fosse por isto, eu é que vos teria enfrentado nesta batalha. Quem dera as coisas houvessem acontecido assim, disse Arthur, pois, nesse caso, eu não estaria tão ferido quanto estou agora, por um simples motivo: não teria sido ferido por minha própria espada, que me foi roubada de forma traiçoeira. Esta contenda foi tramada de antemão para matar-me e se realizou graças a falsa traição e falso encantamento. Ai, exclamou Sir

Ontzlake, como lastimo saber que, sendo vós tão nobre como sois por vossas façanhas e bravura, exista alguém, homem ou mulher, que conceba no coração a ideia de vos trair. Com a graça de Deus, replicou Arthur, em breve eu vos recompensarei. Agora dizei-me, a que distância estou de Camelot? A dois dias de viagem, respondeu o cavaleiro. Gostaria de encontrar um lugar digno onde pudesse descansar, disse o rei. Perto daqui existe uma rica abadia fundada por vossos antepassados, senhor. É um convento de freiras e fica a apenas três milhas de distância. O rei então se despediu de todos os que ali estavam, montou seu cavalo, e Accolon foi com ele. Quando chegaram à abadia, mandou buscarem médicos para tratar de seus ferimentos bem como dos de Accolon. Este, porém, morreu quatro dias mais tarde, pois havia perdido tanto sangue que não conseguiu sobreviver. Mas o Rei Arthur se recuperou perfeitamente. Ordenou então que o morto fosse levado a Camelot em uma maca puxada por cavalos e acompanhado por seis cavaleiros. Levai-o para minha irmã, a Fada Morgana, declarou o monarca, dizendo-lhe que o estou enviando como presente. Dizei-lhe também que estou de posse de minha espada, Excalibur, e de sua bainha. E os homens partiram levando o corpo.

CAPÍTULO XIII

Como Morgana tentou matar o marido, Sir Uriens, e como seu filho, Sir Uwaine, o salvou.

Nesse meio-tempo, a Fada Morgana estava convencida de que o Rei Arthur havia morrido. Certo dia, vendo o Rei Uriens dormindo na cama, chamou uma de suas donzelas de confiança e lhe disse: Vá e traz a espada de meu senhor, pois nunca vi melhor oportunidade de matá-lo. Ó, senhora, exclamou a moça, se matardes meu senhor, não tereis como escapar. Não te preocupes, retrucou a Fada, pois esta é a melhor ocasião para fazê-lo. Vá depressa e traz a espada. A donzela se foi então e encontrou Sir Uwaine dormindo em uma cama do outro quarto. Entrou no aposento e tratou de acordá-lo, dizendo: Levantai e vigiai minha senhora, vossa mãe, já que ela pretende matar o rei, vosso pai, que está na cama, dormindo, e me pediu que lhe levasse sua espada. Pois bem, replicou Sir Uwaine, cumpri vossa missão e deixai tudo a meus cuidados. Sem mais tardar, embora com mãos trêmulas, a donzela levou a espada para a Fada Morgana. Esta a pegou de imediato, desembainhou-a, sem qualquer temor, aproximou-se do leito e parou para observar onde e como seria melhor desfechar o golpe. Assim que ergueu a arma para ferir o esposo, Sir Uwaine pulou sobre ela, segurou sua mão e exclamou: Ah, malvada, o que pretendeis fazer? Se não fôsseis minha mãe, eu usaria esta espada para vos cortar a cabeça. Dizem que Merlin foi gerado por um demônio; eu, porém, posso dizer que um demônio terreno me pariu. Ah, Uwaine, meu doce filho, replicou Morgana, tem piedade de mim, pois fui tentada por um demônio. Por isso, imploro tua misericórdia. Nunca mais voltarei a fazê-lo. Salva minha honra e não me denuncia. Eu vos perdoo, disse Sir Uwaine, mas com uma condição: a de nunca mais vos permitirdes cometer tais atos. Nunca mais, replicou ela, podes ter certeza disso.

CAPÍTULO XIV

Como a Rainha Morgana, a Fada, lamentou profundamente a morte de Accolon e como roubou a bainha da espada de Arthur.

Foi então que lhe chegaram as notícias de que Accolon havia morrido e seu corpo havia sido levado para a igreja, e também que o Rei Arthur havia recuperado sua espada. Ao saber da morte de Accolon, a Rainha Morgana sofreu tanto que seu coração quase se partiu. Como, porém, não desejava que ninguém percebesse seu sofrimento, manteve a compostura e não demonstrou dor alguma. No entanto, ela bem sabia que, quando seu irmão voltasse, ouro nenhum salvaria sua vida.

Decidiu, pois, procurar a Rainha Guinevere e pediu licença para voltar às suas terras. Podeis aguardar a volta de vosso irmão, respondeu a rainha. Não posso, insistiu a Fada Morgana, porque as notícias são tão urgentes que não me permitem fazê-lo. Pois que seja, disse Guinevere. Podeis partir quando quiserdes. Assim, bem cedo pela manhã, Morgana montou seu cavalo e cavalgou o dia inteiro e também boa parte da noite. No dia seguinte, por volta das doze horas, chegou à mesma abadia onde o Rei Arthur estava hospedado. Ao saber que seu irmão estava ali, perguntou onde poderia encontrá-lo. Responderam-lhe que o monarca tinha se deitado para dormir, pois havia descansado muito pouco nas três últimas noites. Pois bem, disse ela, nenhuma de vós deverá despertá-lo antes de mim e, dizendo isto, apeou e logo pensou em roubar sua espada, Excalibur. Dirigiu-se então diretamente para o quarto do rei, e ninguém ousou desobedecer às suas ordens. Encontrou Arthur dormindo e tendo, na mão direita, Excalibur desembainhada. Ao ver isso, aborreceu-se muitíssimo por não poder lhe roubar a espada sem despertá-lo, pois bem sabia que ele a mataria. Pegou então a bainha da arma e seguiu viagem a cavalo. Quando o rei acordou e deu falta da bainha da espada, ficou muito irritado e perguntou quem havia estado ali. Disseram-lhe então que sua irmã, a Rainha Morgana, estivera ali, escondera a bainha sob seu manto e se fora. Ai, exclamou Arthur, falhastes em vossa vigília. Senhor, replicaram as freiras, não ousamos desobedecer à ordem de vossa irmã. Ah, disse o rei, trazei o melhor cavalo que se puder encontrar e ide dizer a Sir Ontzlake que se arme o mais depressa possível, pegue outro bom cavalo e venha comigo. Em pouco tempo, ambos bem armados, o monarca e Ontzlake saíram em perseguição àquela dama. Chegaram a um cruzamento onde encontraram um vaqueiro e perguntaram ao pobre homem se alguma dama havia passado por ali recentemente. Senhor, respondeu o pobre homem, faz bem pouco tempo que passou por aqui uma dama com quarenta

cavalos, e eles seguiam para aquela floresta. Os dois esporearam suas montarias e saíram a toda. Arthur não tardou a avistar a Fada Morgana e tratou de persegui-la o mais velozmente que podia. Ao se ver assim perseguida, a mulher disparou pela floresta até chegar a um prado e viu que não havia como escapar. Aproximou-se então de um lago vizinho e disse: Aconteça o que acontecer, meu irmão não obterá esta bainha. E atirou o objeto o mais longe que pôde. A bainha, pesada por causa do ouro e das pedras preciosas, afundou na água.

Em seguida, entrou em um vale onde havia muitas pedras bem grandes e, quando viu que ia ser alcançada, toda a sua comitiva, por encantamento, tomou a forma de grandes blocos de mármore. Logo depois, chegaram o Rei Arthur e Sir Ontzlake, e o rei reconheceu sua irmã e seus homens, e distinguiu um ou outro cavaleiro. Ah, exclamou o monarca, aqui podeis ver a vingança de Deus, e agora lamento que tal desventura tenha acontecido. Com os olhos, procurou a bainha de sua espada, mas não a encontrou. Regressou então ao convento de onde tinha vindo. Mas, assim que Arthur partiu, Morgana e seus homens retomaram sua forma original, e ela disse: Senhores, agora podemos ir aonde bem quisermos.

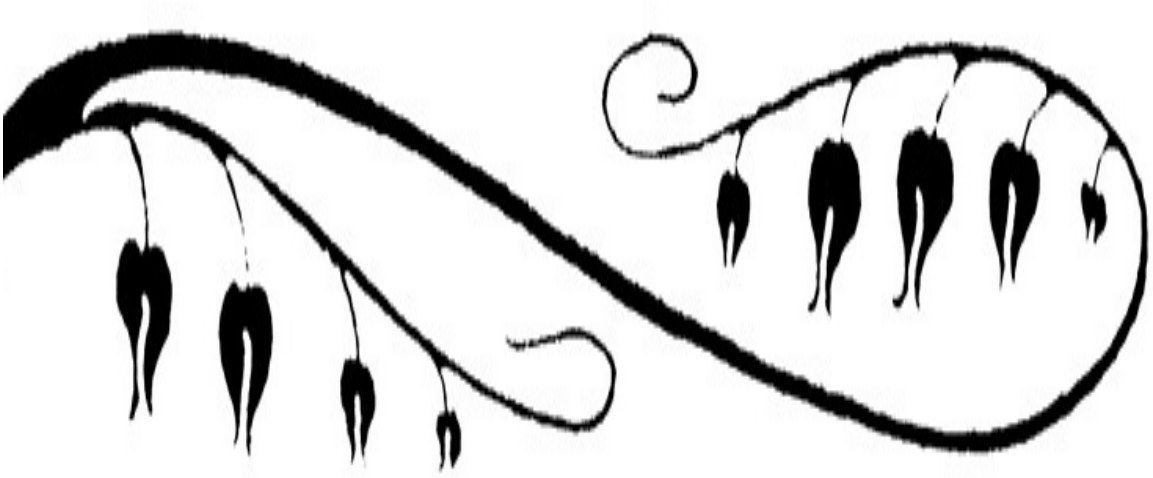
CAPÍTULO XV

Como Morgana, a Fada, salvou um cavaleiro que ia ser afogado, e como Rei Arthur voltou para casa.

Vistes meu irmão Arthur?, perguntou Morgana. Sim, responderam seus cavaleiros. Bastante bem. E vós o teríeis notado se pudéssemos nos mover do lugar em que estávamos, pois seu semblante arquibestial nos levaria a querer fugir dali. Não duvido, replicou a mulher. Pouco depois, durante seu trajeto, ela encontrou um cavaleiro que carregava outro sobre seu cavalo, à sua frente, com pés e mãos atados e olhos vendados. Ele ia afogá-lo em uma fonte. Ao ver o homem assim amarrado, a Fada Morgana perguntou: O que pretendeis fazer com esse cavaleiro? Devo afogá-lo, senhora, respondeu o outro. Por que motivo? Porque o encontrei com minha esposa e, dentro em breve, ela terá a mesma morte. Seria uma pena, disse Morgana. E vós, cavaleiro, é verdade o que ele diz?, indagou ao que ia ser afogado. Na verdade, não, senhora, respondeu ele. Esse homem não me faz justiça. De onde vindes?, indagou a mulher. E de que país sois? Sou da corte do Rei Arthur. Chamo-me Manassen, primo de Accolon de Gaula. Pois bem, replicou Morgana, e por amor a ele sereis libertado e vereis vosso adversário passar pela mesma situação em que vos encontrais agora. Manassem foi então libertado, ao passo que o outro foi amarrado e desarmado. De imediato, Manassem se armou com todo o aparato do outro, montou em um cavalo, pôs o cavaleiro à sua frente e o lançou na fonte, afogando-o. Depois, voltou a se aproximar de Morgana e lhe perguntou se queria algo para o Rei Arthur. Dizei-lhe que eu o salvei, não por amor a ele, mas por amor a Accolon, e dizei também que não tenho medo dele enquanto eu e todos os que me acompanham pudermos assumir a forma de pedras. Ele precisa saber ainda que poderei fazer muito mais quando chegar a ocasião propícia. E partiu rumo ao país de Gore, onde foi recebida com muita fartura, tratando de fortalecer seus castelos e suas vilas, pois continuava a temer profundamente o Rei Arthur.

Este, depois de descansar bastante na abadia onde se hospedou, voltou a Camelot e encontrou sua rainha e seus barões muitos satisfeitos com sua chegada. Quando ficaram sabendo de suas estranhas aventuras, tal como anteriormente relatadas, espantaram-se imensamente com a falsidade da Fada Morgana. Muitos cavaleiros desejaram até mesmo queimá-la. Nesse momento, Manassen chegou à corte e relatou ao rei sua aventura. Bem, disse o rei, minha irmã é bem generosa. Se eu sobreviver, hei de me vingar dela e de tal forma que toda a Cristandade

falará do acontecido. Pela manhã, apresentou-se ao monarca uma das donzelas da Fada Morgana trazendo o mais rico manto que jamais se tinha visto naquela corte, pois era todo rebordado com tantas pedras preciosas quanto pudessem caber ali, e tais pedras eram tão caras que o rei nunca vira outras iguais. Vossa irmã vos envia este manto, disse a donzela, e deseja que aceiteis seu presente, pois, por vos ter ofendido, crê que ele vos trará alguma satisfação. Aquele manto efetivamente agradou muito ao Rei Arthur, mas este não disse praticamente nada.



CAPÍTULO XVI

Como a Donzela do Lago salvou Arthur de um manto que o teria queimado.

Nisto, chegou a Donzela do Lago, que se dirigiu ao rei, dizendo: Senhor, preciso falar convosco em particular. Pois dizei o que quereis, replicou Arthur. Senhor, prosseguiu a donzela, não ponha este manto até teres visto com mais clareza e não permitais em hipótese alguma que ele cubra a vós ou a qualquer de vossos cavaleiros até que aquela que o trouxe o tenha vestido. Pois bem, disse o monarca, será feito como me aconselhais. Dirigiu-se então à moça que vinha da parte de sua irmã. Donzela, disse ele, quero que vistais este manto que me haveis trazido. Senhor, replicou ela, não sou digna de portar ornamentos reais. Por minha fé, insistiu Arthur, vós o poreis antes que ele cubra meus ombros ou os de qualquer um dos que estão aqui presentes. Dizendo isso, ordenou que lhe pusessem o manto e, de imediato, a jovem caiu morta, sem chegar a pronunciar uma palavra que fosse, e ardeu até tornar-se apenas carvão. O rei então ficou extremamente irritado, mais do que já estava antes, e disse ao Rei Uriens: Minha irmã, vossa esposa, está sempre pronta para me trair, e sei também que vós ou meu sobrinho, vosso filho, estais de acordo com ela no projeto de me destruir. Quanto a vós, não tenho plena certeza, pois Accolon me confessou, de seus próprios lábios, que ela pretendia destruir tanto a vós quanto a mim. Portanto, vos considero desculpado. Mas tenho receio de vosso filho, Sir Uwaine, e, por esta razão, recomendo que o afasteis de minha corte. E assim Uwaine foi dispensado. Quando, porém, Sir Gawaine ficou sabendo isso, apressou-se a procurá-lo e lhe disse: Quem desterra meu primo-irmão desterra a mim também. Partiram pois os dois, penetraram em uma grande floresta e chegaram a um convento de freiras, onde receberam boa acolhida. Mas, quando o rei descobriu que Sir Gawaine havia deixado a corte, muito se lamentaram, tanto ele quanto todos os estados do reino. Agora, disse Gaheris, irmão de Gawaine, perdemos dois bons cavaleiros pelo amor de um só. Na manhã seguinte, os primos assistiram à missa no convento e seguiram viagem até chegarem a outra grande floresta. Nesse momento, Sir Gawaine avistou em um vale, próximos a um torreão, doze formosas donzelas acompanhadas por dois cavaleiros armados montando cavalos bem grandes, e as jovens iam até uma árvore e, depois, voltavam. Percebeu então que da árvore pendia um escudo branco e que, cada vez que as donzelas passavam perto, cuspiam nele, e algumas lhe atiravam barro.

CAPÍTULO XVII

Como Sir Gawaine e Sir Uwaine encontraram doze formosas donzelas e como elas se queixaram de Sir Marhaus.

Sir Gawaine e Sir Uwaine foram até o grupo, saudaram as donzelas e lhes perguntaram por que demonstravam tamanho desprezo por aquele escudo. Senhores, disseram as jovens, nós vos diremos por quê. Neste país, existe um cavaleiro, o dono deste escudo branco, que é um homem muito hábil, mas odeia todas as damas e donzelas. É por isto que manifestamos todo o nosso desprezo por este escudo. Pois devo dizer-vos que não é comportamento digno de um bom cavaleiro menosprezar damas e donzelas, embora ele talvez tenha alguma razão para vos odiar e talvez ame damas e donzelas de outros lugares e seja ali amado, já que é homem de coragem, como dizeis. Mas como ele se chama?, perguntaram os homens. Senhores, responderam elas, trata-se de Sir Marhaus, filho do Rei da Irlanda. Eu o conheço bem, disse Sir Uwaine. É um excelente cavaleiro, melhor do que qualquer outro no mundo, pois já o vi em uma justa onde havia muitos cavaleiros reunidos, e, naquela ocasião, ninguém foi capaz de resistir a ele. Ah, donzelas!, exclamou Sir Gawaine, parece-me que mereceis reprovação, pois é de se supor que o homem que pendurou aqui este escudo não tardará a aparecer e, então, esses cavaleiros a cavalo poderão desafiá-lo, o que é mais honroso para vós do que estais fazendo. Particularmente, não desejo permanecer aqui por mais tempo vendo assim desonrado o escudo de um cavaleiro. Os dois primos afastaram-se um pouco e, ao longe, avistaram Sir Marhaus, que seguia na direção do grupo montado em um grande cavalo. Quando as doze donzelas o viram, fugiram para o torreão enlouquecidas, a tal ponto que algumas delas caíram pelo caminho. Então, um dos cavaleiros da torre ergueu o escudo e bradou: Defendei-vos, Sir Marhaus. Ambos puseram-se a correr e, ao se encontrarem, o cavaleiro quebrou sua lança em Sir Marhaus, e este o golpeou com tanta força que quebrou o pescoço e a coluna do cavalo. Ao ver esta cena, o segundo cavaleiro da torre investiu contra Marhaus. O confronto foi tão forte que, em pouco tempo, o cavaleiro da torre e seu cavalo jaziam mortos no chão.



Arthur e o
estranho manto.

CAPÍTULO XVIII

Como Sir Marhaus enfrentou Sir Gawaine e Sir Uwaine em uma justa, e derrotou ambos.

Então, Sir Marhaus se aproximou de seu escudo, viu como ele havia sido aviltado e disse: De tal desprezo já me vinguei em parte, mas, por amor àquela que me deu este escudo branco, vou levá-lo comigo e deixar este outro onde ele estava. E pendurou o escudo branco no pescoço. Saiu cavalgando na direção de Sir Gawaine e Sir Uwaine e lhes perguntou o que faziam naquele local. Ambos responderam que vinham da corte do Rei Arthur e estavam à cata de aventuras. Pois cá estou, replicou Sir Marhaus, como cavaleiro aventureiro que sou, pronto para realizar vosso desejo. Dizendo isto, afastou-se para tomar impulso para a corrida. Deixai-o ir, disse Sir Uwaine. Ele é excelente cavaleiro, dos melhores que existem, e não gostaria que nenhum de nós o enfrentasse. Não, retrucou Sir Gawaine. Isso nunca. Seria uma vergonha para nós não botá-lo à prova, e ele tampouco seria tão bom cavaleiro. Pois bem, replicou Sir Uwaine, vou enfrentá-lo antes, já que sou mais fraco do que vós, e se ele me derrubar, podereis vingar-me. E os dois cavaleiros investiram um contra o outro com grande ímpeto. Ao atingir o escudo de Sir Marhaus, a lança de Sir Uwaine se despedaçou, e seu adversário o acertou com tanta força que homem e montaria caíram e Sir Uwaine foi ferido no flanco esquerdo.

Então, Sir Marhaus virou o cavalo e partiu com sua lança em direção a Sir Gawaine. Ao ver isto, o jovem ergueu o escudo e, lança em riste, um investiu contra o outro fazendo correr seus cavalos o mais velozmente possível. Ambos acertaram o escudo do adversário, mas a lança de Sir Gawaine se partiu, ao passo que a de Sir Marhaus resistiu ao golpe, fazendo com que Sir Gawaine e seu cavalo caíssem no chão. Este se levantou prontamente, sacou a espada e preparou-se para atacar seu adversário a pé, mas Sir Marhaus também se armou sem desmontar. Senhor cavaleiro, disse Gawaine, desmonte ou matarei vosso animal. Muito vos agradeço pela gentileza de me ensinar modos corteses, mas não é adequado um cavaleiro estar a pé e o outro, a cavalo. Apoiou então a lança em uma árvore, apeou, amarrou o cavalo no mesmo local, ergueu o escudo, e os dois partiram para o ataque armados de espadas. Enfrentaram-se com tamanho empenho que voavam faíscas de seus escudos, elmos e cotas eram destruídos e ambos se feriam mutuamente. Passadas as nove horas, Sir Gawaine foi se tornando mais forte até que, ao meio-dia, seu poder triplicou. Sir Marhaus ficou assombrado ao ver

aumentar assim a força de seu adversário, e os dois continuavam a se ferir gravemente. Durante a tarde, quando ia se aproximando a hora de vésperas, a potência de Sir Gawaine foi se reduzindo e ele ficou tão enfraquecido que não poderia resistir por muito mais tempo. Então, Sir Marhaus começou a desferir golpes cada vez mais fortes. Senhor cavaleiro, disse, bem percebi que sois excelente cavaleiro e homem de potência mais fabulosa do que jamais vi, mas de duração limitada. E nosso combate não é árduo. Portanto, seria uma lástima vos fazer algum mal, pois sinto que estais muito enfraquecido. Ah, gentil cavaleiro, replicou Sir Gawaine, dissestes exatamente o que eu teria dito. E logo os dois estavam retirando os elmos, beijando-se e jurando amar-se mutuamente como verdadeiros irmãos. Sir Marhaus rogou a Sir Gawaine que aceitasse passar a noite em sua residência. Os dois pegaram então seus cavalos e partiram rumo à casa de Sir Marhaus. Enquanto cavalgavam, Gawaine disse: Senhor cavaleiro, muito me admira que um homem tão valente como vós não ame damas nem donzelas. Senhor, retrucou seu companheiro, é injusto o que dizem aquelas que assim a mim se referem, pois bem sei que são as donzelas do torreão, além de algumas outras, que o fazem. Vou, porém, vos contar o motivo pelo qual eu as odeio: muitas delas são feiticeiras e encantadores, e, por mais corpulento e cheio de coragem que seja um cavaleiro, elas o tornam covarde para assim vencê-lo; e este é o motivo principal que me faz odiá-las. Já a todas as boas damas e donzelas, presto serviço como deve fazer um bom cavaleiro.

Como relata o livro francês, muitos cavaleiros venceram Sir Gawaine a despeito da tripla força que tinha: Sir Lancelote do Lago, Sir Tristão, Sir Bors de Ganis, Sir Percival, Sir Pelleas e Sir Marhaus. Esses foram os seis cavaleiros que derrotaram Sir Gawaine. Não tardaram a chegar à morada de Sir Mauhaus, localizada num pequeno priorado. Ali chegando, apearam, e algumas damas e donzelas vieram retirar-lhes as armaduras e se apressaram em tratar de seus ferimentos, pois todos os três estavam feridos. Os primos encontraram ali boa hospedagem e boa acolhida, pois, quando os locais souberam que eles eram filhos da irmã do Rei Arthur, dispensaram-lhes a melhor recepção que poderiam lhes oferecer. Os dois cavaleiros ficaram hospedados naquela residência por sete dias e sete noites, até estarem inteiramente recuperados, e então partiram. Mas não nos separaremos assim tão depressa, disse Sir Marhaus, porque desejo guiar-vos através da floresta. Cavalgaram por uns bons sete dias sem encontrarem nenhuma aventura. Finalmente, chegaram a uma grande floresta chamada país e floresta de Arroy, um local de estranhas aventuras. Nestas terras, disse Sir Marhaus, desde que fui batizado, jamais cavaleiro algum entrou sem encontrar estranhas aventuras. Continuaram cavalgando até entrarem em um profundo vale cheio de pedras, onde viram um formoso córrego. Mais acima, na cabeceira do curso de água, havia uma bela fonte e junto dela três donzelas estavam sentadas. Dirigiram-se então até lá e

se saudaram mutuamente. A mais velha, que usava uma tiara de ouro, devia ter uns sessenta invernos, ou mais, e tinha os cabelos inteiramente brancos. A segunda tinha uns trinta invernos e trazia um aro de ouro na cabeça. A terceira tinha apenas quinze anos de idade, e sua cabeça estava adornada com uma guirlanda de flores. Depois de contemplá-las, os cavaleiros lhes perguntaram por que estavam sentadas junto àquela fonte. Estamos aqui, responderam as donzelas, porque, quando aparece algum cavaleiro andante, nós lhe ensinamos estranhas aventuras. Já que sois três cavaleiros em busca de aventuras, e nós, três donzelas, cada um de vós deve escolher uma e, feito isto, nós vos conduziremos a três caminhos. Cada um de vós deve escolher um caminho e levar consigo sua donzela. Daqui a doze meses, neste mesmo dia, devereis voltar a vos reunir neste local, que Deus guiará vossas vidas. Mas deveis prometer cumprir estas disposições. Pois que assim seja, disse Sir Marhaus.

CAPÍTULO XIX

Como Sir Marhaus, Sir Gawaine e Sir Uwaine encontraram três donzelas e cada qual ficou com uma delas.

Agora, cada um de nós deve escolher uma donzela. Eu, disse Sir Uwaine, como sou o mais jovem e o mais fraco dos três, quero ficar com a donzela mais velha, porque ela já viu muitas coisas e pode me ajudar em caso de necessidade, preciso de mais ajuda que vós. Então, disse Sir Marhaus, quero ficar com a donzela de trinta invernos, porque é a mais adequada para mim. Pois eu vos agradeço, disse Sir Gawaine, já que deixastes para mim a mais jovem e mais bela, e é exatamente a que prefiro. Assim, pois, cada uma das donzelas pegou seu cavaleiro pela rédea do cavalo e o levou até onde se dividiam os três caminhos. Ali, os cavaleiros juraram reunir-se naquela fonte na mesma data, dentro de doze meses, caso estivessem vivos. Beijaram-se e partiram, e cada um instalou sua donzela na garupa de seu cavalo. Sir Uwaine tomou o caminho que ia na direção do poente; Sir Marhaus, o caminho que rumava para o sul, e Sir Gawaine, o que ia para o norte. Começaremos por este último, que seguiu pelo caminho escolhido até chegar a uma formosa mansão onde vivia um velho cavaleiro que era um ótimo senhor. Perguntou-lhe então se ele sabia de alguma aventura naquelas terras. Amanhã mesmo vos mostrarei uma, replicou o ancião, que é maravilhosa. Na manhã seguinte, entraram na floresta de aventuras e chegaram a uma clareira perto da qual havia uma cruz. Quando estavam parados naquele local, passou por eles o mais formoso cavaleiro, o homem mais bem-apessoado que já tinham visto. Mas ele se lamentava como nenhum outro jamais havia feito. Ao se dar conta da presença de Sir Gawaine, o saudou e pediu a Deus que lhe concedesse muita honra. Eu vos sou muito grato por esses votos, disse o jovem, e também peço a Deus que vos conceda honra e dignidade. Ah, replicou o recém-chegado, eis algo que posso perfeitamente dispensar, pois, por meio da honra, só consegui sofrimento e vergonha.

CAPÍTULO XX

Como um cavaleiro e um anão se enfrentaram por uma dama.

Dizendo isso, dirigiu-se para um lado da clareira e, do lado oposto, Sir Gawaine avistou dez cavaleiros parados e a postos, escudos erguidos e lanças em riste, em posição de ataque contra aquele que havia passado por ele.

Este, então, também empunhou uma grande lança e um dos dez cavaleiros investiu contra ele, mas o cavaleiro lamentoso o atingiu com tanta força que seu adversário escorregou pela cauda do cavalo. O infeliz os atacou a todos, acabando por derrubar homens e montarias, e fez tudo usando uma única lança. Assim, pois, os dez cavaleiros, agora a pé, aproximaram-se de seu antagonista, que ficou congelado. Puxaram-no do cavalo, amarraram-lhe os pés e as mãos, prenderam-no sob a barriga do cavalo e o levaram consigo. Ó Jesus!, exclamou Sir Gawaine, que cena lamentável. É triste ver aquele cavaleiro assim tão maltratado, mas, aparentemente, ele aceitou que o prendessem dessa forma, já que não opôs qualquer resistência. É verdade, replicou seu anfitrião, pois, se ele quisesse, todos os outros seriam fracos demais para fazê-lo. Senhor, disse a donzela, dirigindo-se a Gawaine, creio que seria um ato de honra ajudar aquele cavaleiro sofredor, já que ele é, em minha opinião, um dos melhores cavaleiros que jamais vi. É o que eu teria feito, retrucou Sir Gawaine, porém ele parecia não querer ajuda. Então, disse a donzela, creio que não tendes vontade alguma de ir em seu auxílio.

Enquanto falavam, viram um cavaleiro todo armado, exceto pela cabeça, que estava do outro lado da clareira. E, do extremo oposto, vinha um anão a cavalo, também inteiramente armado, exceto pela cabeça. Ele tinha uma boca bem grande, um nariz achatado e, quando se aproximou, perguntou: Onde está a dama que deveria nos encontrar aqui? Neste exato momento, ela surgiu, saindo do bosque. Os dois começaram então a disputar a tal dama, pois o cavaleiro dizia que ficaria com ela e o anão dizia a mesma coisa. Será esta a melhor solução?, perguntou o anão. Vejo um cavaleiro ali na encruzilhada. Vamos levar nossa querela até ele e deixar que ele decida o que deve acontecer. Concordo, replicou o cavaleiro, e, então, os três se dirigiram ao local onde estava Sir Gawaine e lhe expuseram os motivos de sua disputa. Bem, senhores, estais pondo a questão em minhas mãos? Sim, responderam ambos. Então, donzela, disse o jovem, deveis ficar entre os dois, e para o lado que decidirdes vos dirigir estará aquele que ficará convosco. A moça obedeceu e, quando estava entre os dois, desdenhou o cavaleiro e foi até o

anão. Este a levou consigo e seguiu seu caminho cantando, ao passo que seu oponente também se foi, lamentando-se profundamente.

Surgiram então dois cavaleiros armados gritando: Sir Gawaine! Cavaleiro do Rei Arthur, preparai-vos o mais depressa possível e vinde justar comigo. Puseram-se, então, a correr, até que ambos caíram. No chão, sacaram suas espadas e pareciam efetivamente estar no máximo de seu ímpeto. Nesse meio-tempo, o outro dirigiu-se à donzela perguntando-lhe por que ela estava com aquele cavaleiro, e acrescentou: se ficardes comigo, serei vosso fiel cavaleiro. Pois ficarei convosco, disse a jovem, pois não consigo encontrar em meu coração razões para estar com Sir Gawaine, pois, ainda agora mesmo, um cavaleiro derrotou dez adversários e, por fim, foi covardemente levado por eles. Então, vamo-nos daqui enquanto eles se enfrentam. Gawaine passou um bom tempo lutando contra o outro cavaleiro, até que chegaram ambos a um ponto de conciliação, e seu adversário insistiu que ele se hospedasse em sua casa aquela noite. Durante o trajeto, Sir Gawaine lhe perguntou quem era o cavaleiro daquelas terras que havia derrotado dez adversários. Pois, acrescentou, depois de demonstrar assim tanta bravura, ele aceitou que lhe amarrassem os pés e as mãos e que o levassem embora. Ah, respondeu seu companheiro, é o melhor cavaleiro do mundo, o homem mais corajoso que existe, e isso já lhe aconteceu até mais de dez vezes. Chama-se Sir Pelleas e era apaixonado por uma grande dama deste país, cujo nome é Ettard. Nessa época, foi anunciada a realização de justas que se estenderiam por três dias, e todos os cavaleiros e fidalgos do reino se apresentaram para participar. Aquele que se mostrasse o melhor de todos ganharia uma excelente espada e uma tiara de ouro, tiara esta que ele deveria ofertar à mais bela dama que estivesse presente. Sir Pelleas era o melhor cavaleiro que havia ali, entre quinhentos participantes. Mas não apareceu nenhum que conseguisse derrotá-lo ou sequer derrubá-lo de sua montaria. A cada um daqueles três dias, ele venceu vinte cavaleiros e, por isto, deram-lhe o prêmio do torneio. Ele, então, foi até onde estava Lady Ettard, e lhe entregou a tiara, dizendo abertamente que ela era a mais bela dama ali presente e que enfrentaria qualquer cavaleiro que ousasse negar tal afirmação.

CAPÍTULO XXI

Como o Rei Pelleas se deixou aprisionar porque, assim, poderia avistar a sua dama, e como Sir Gawaine lhe prometeu conseguir para ele o amor de tal dama.

Ele então a escolheu como sua dama soberana e prometeu jamais amar qualquer outra mulher. Ettard, porém, era tão orgulhosa que o rechaçou dizendo que jamais o amaria, nem mesmo se ele morresse por ela. Todas as outras damas e donzelas a desprezaram por seu orgulho, declarando que havia muitas mulheres mais formosas e que, Sir Pelleas houvesse prometido amá-las, todas corresponderiam a seu amor por suas nobres façanhas. O cavaleiro campeão prometeu então a Lady Ettard que a seguiria a seu país e jamais a deixaria até que ela viesse a amá-lo. Foi por isso que ele veio para estas terras, ficando quase sempre perto dela. Hospedou-se junto a um priorado e, toda semana, a dama enviava cavaleiros para enfrentá-lo. Depois de derrotá-los, Sir Pelleas aceitava de bom grado que o levassem prisioneiro, porque, assim, poderia ver sua dama. Ela, porém, continuava a lhe devotar grande desprezo e, às vezes, mandava que seus cavaleiros o amarrassem à cauda de seu cavalo e, em outras ocasiões, à barriga do animal, pois essas foram as maneiras mais vergonhosas que ela pôde imaginar para que o levassem à sua presença. E fazia tudo isso para que ele deixasse o país e deixasse de amá-la. Mas nenhum desses estratagemas conseguiu obrigá-lo a partir, pois, mesmo combatendo no chão, ele superava todos os dez cavaleiros, estivessem eles a pé ou a cavalo. Que pena, disse Sir Gawaine. Como lamento por ele. Depois de descansar esta noite, vou procurá-lo amanhã, nesta floresta, para ajudá-lo como puder. Pela manhã, Sir Gawaine se despediu de seu anfitrião, Sir Carados, e cavalgou em direção à floresta, onde acabou enfim encontrando Sir Pelleas, que se lamentava imensamente. Os dois se saudaram, e Gawaine lhe perguntou por que ele estava sofrendo tanto. Como já foi relatado anteriormente, Sir Pelleas lhe contou sua história. E sempre aceito que seus cavaleiros me levem, como vistes ontem, disse ele, confiando que poderei enfim conquistar o seu amor, pois ela bem sabe que esses homens não conseguem me vencer facilmente, e devo dar o melhor de mim ao enfrentá-los. E se eu não a amasse tanto, preferiria morrer cem vezes a suportar todo aquele desprezo. Confio, porém, que ela acabará tendo pena de mim, pois vários cavaleiros muito sofreram até conquistar o que desejavam, mas, ai de mim, sou um desafortunado. E tal revelação lhe causou tanto sofrimento que ele mal conseguiu se manter sobre o cavalo.

Ora, disse-lhe Sir Gawaine, pare de sofrer assim e vos prometo, por minha fé, que hei de fazer tudo que estiver ao meu alcance para conseguir para vós o amor de vossa dama, e vos prometo minha lealdade. Ah, exclamou Sir Pelleas, de que corte sois? Dizei-me, eu vos rogo, meu bom amigo. Então Sir Gawaine lhe respondeu: Sou da corte do Rei Arthur e filho de sua irmã. O Rei Lot de Orkney era meu pai e meu nome é Sir Gawaine. Ao que o outro replicou: Pois eu sou Sir Pelleas, nascido nas Ilhas. Sou senhor de várias delas e jamais amei dama ou donzela até essa época infeliz. E, senhor cavaleiro, já que sois sobrinho do Rei Arthur e filho de um rei, não me traia em sua promessa de me ajudar, pois nunca chegarei até ela se não for por meio de algum bom cavaleiro, já que ela vive em um castelo fortificado, a quatro milhas daqui, e é a senhora de todo este país. Assim, pois, posso jamais chegar à sua presença, mas se não deixasse que seus cavaleiros me levassem prisioneiro, pois esta é a única maneira que tenho de vê-la, já teria morrido há tempos ou morreria agora. No entanto, nunca ouvi de sua boca uma palavra amável, e toda vez que sou levado até lá, ela me censura das formas mais rudes possíveis e, então, levam meu cavalo e meus arneses e me jogam na masmorra, onde, por ordem dela, não me dão de comer nem de beber. E sempre me ofereço como prisioneiro, não para que ela aceite minha presença, mas simplesmente a possibilidade de vê-la todos os dias, por mais sofrimentos que isto possa me causar. Bem, disse Sir Gawaine, vou reparar esta situação se agirdes de acordo com meus conselhos. Pegarei vosso cavalo e vossa armadura, cavalgarei até o castelo e direi que vos matei. Assim, poderei me aproximar dela, conquistar sua estima e agir de forma que não podereis deixar de ter seu amor.

CAPÍTULO XXII

Como Sir Gawaine foi procurar Lady Ettard e como Sir Pelleas os encontrou dormindo.

Em seguida, Sir Gawaine deu sua palavra a Sir Pelleas de que seria fiel e verdadeiro para com ele; e, depois de firmarem um compromisso mútuo, trocaram de cavalo e de arreios. Gawaine então partiu rumo ao castelo diante do qual estavam armadas as tendas de tal dama. Assim que ela o viu, fugiu para o interior do castelo. Aos brados, o cavaleiro lhe pediu que esperasse, pois ele não era Sir Pelleas. Sou outro cavaleiro, disse. Eu o matei. Retirai o elmo, replicou ela, para que eu possa ver vosso rosto. Ao se certificar de que não era mesmo Sir Pelleas, mandou que Gawaine apeasse, conduziu-o para dentro do castelo e lhe perguntou se era verdade que ele havia matado seu apaixonado. O jovem lhe respondeu que sim, acrescentando que se chamava Sir Gawaine, da corte do Rei Arthur, e que era filho da irmã do monarca. Na verdade, disse a dama, é uma grande lástima que ele tenha morrido, pois era um cavaleiro muito bem-apessoado, mas, de todos os homens vivos, era o que eu mais odiava, já que não conseguia me livrar dele. Assim, como vós o matastes, serei vossa esposa e farei o que for de vosso agrado, e, dizendo isso, desmanchou-se em gentilezas para com o recém-chegado. Então, Sir Gawaine declarou que amava outra dama e que não pretendia amá-la em hipótese alguma. Pois ela é digna de censura se não vos ama, retrucou Ettard, uma vez que sois tão bem-nascido e homem de tanta bravura. Não existe no mundo nenhuma dama que seja boa demais para vós. Prometeis, principiou Sir Gawaine, por vossa fé, que fareis todo o possível para conseguir para mim o amor de minha dama? Tendes minha promessa, senhor, replicou ela. Por minha fé. Pois bem, prosseguiu o jovem, essa dama que tanto amo sois vós e, portanto, eu vos suplico que mantenhais vossa promessa. Não tenho outra escolha, replicou Lady Ettard, a menos que fosse perjura. E, então, assentiu em realizar todos os seus desejos.

Era o mês de maio quando a dama e Sir Gawaine saíram do castelo e jantaram em uma tenda. Foi armada ali uma cama onde os dois se deitaram juntos. Lady Ettard instalou suas donzelas em outra tenda e, em uma terceira, parte de seus cavaleiros, pois já não temia mais que Sir Pelleas aparecesse. E o casal ficou naquele refúgio por dois dias e duas noites. No terceiro dia, bem cedo pela manhã, Sir Pelleas se armou, pois não havia dormido nada desde que Sir Gawaine o deixara e este lhe havia prometido, por sua fé, voltar à sua tenda, perto do priorado, no espaço de um dia e uma noite.

O cavaleiro montou então em seu cavalo e dirigiu-se às tendas que estavam armadas fora do castelo. Na primeira delas, encontrou três cavaleiros deitados em três camas, cada qual tendo, ao pé de si, um escudeiro. Foi então até a segunda tenda, onde encontrou quatro jovens deitadas em quatro camas. Ao chegar à terceira tenda, encontrou Sir Gawaine com sua amada, Ettard, dormindo um nos braços do outro. Diante de tal cena, seu coração quase se despedaçou de tanta dor. Ai, exclamou ele, que lástima descobrir que um cavaleiro foi assim tão falso! Pegou então seu cavalo e se foi, pois seu sofrimento era tanto que ele não conseguiu permanecer ali por mais tempo. Depois de cavalgar quase meia milha, resolveu voltar, determinado a matá-los a ambos e, ao vê-los assim adormecidos, quase não conseguiu se manter sobre o cavalo de tanto sofrimento. Disse então consigo mesmo: Embora este tenha sido o cavaleiro mais falso que já vi, não o matarei dormindo, pois não quero destruir a alta ordem da cavalaria. E, mais uma vez, partiu. Antes porém de ter cavalgado por meia milha, regressou novamente, disposto a matar os dois, lamentando-se como homem algum jamais havia feito. Chegando ao local das tendas, amarrou o cavalo a uma árvore, empunhou a espada desembainhada e foi até onde os dois estavam deitados. Pensou, porém, que seria uma vergonha matá-los assim, dormindo, e resolveu então deixá-la atravessada sobre o pescoço de ambos. Montou novamente e seguiu seu caminho.

Quando chegou às suas tendas, contou a seus cavaleiros e escudeiros o que tinha acontecido e lhes disse: Pelos bons e leais serviços que me haveis prestado, decidi vos dar todos os meus bens, pois vou me deitar e não levantarei até morrer. Depois de minha morte, encarrego-vos de retirar o coração de meu corpo, levá-lo em uma salva de prata coberta com outra e dizer àquela dama que eu a vi deitada com o falso cavaleiro Sir Gawaine. Desarmou-se imediatamente e se meteu na cama, aos prantos e proferindo grandes lamentações.

Foi então que Sir Gawaine e Lady Ettard despertaram e encontraram a espada desembainhada sobre seu pescoço. Logo souberam que era a arma de Sir Pelleas. Ah, exclamou a dama. Vós nos haveis traído a ambos. A mim, dizendo que o havíeis matado, e agora sei que isso não é verdade e que ele está vivo. E se Sir Pelleas fosse tão descortês para convosco como fostes com ele, agora seríeis um cavaleiro morto. Mas vós me enganastes e me traístes com falsidades e que, doravante, todas as damas e donzelas tenham cautela com relação a nós dois. Nesse momento, Sir Gawaine tratou de se aprontar e rumou para a floresta. Aconteceu, porém, que Nimue, a Donzela do Lago, encontrou um dos cavaleiros de Sir Pelleas que vagava por ali lamentando-se profundamente. Ela então lhe perguntou o motivo de tanta dor. O homem acabrunhado lhe contou que seu amo e senhor havia sido traído por um cavaleiro e uma dama, e que não voltaria a se levantar da cama até morrer. Levai-me até ele, disse ela então, vou assegurar que ele não morra por amor e que aquela que lhe causou tanta dor enfrente idêntico

padecimento dentro de pouco tempo, pois não pode haver alegria para uma dama tão orgulhosa a ponto de não se apiedar de um cavaleiro tão valente. E assim foi feito. Quando a donzela o viu deitado na cama, pensou que jamais tinha visto cavaleiro tão formoso. Tratou, pois, de lhe lançar um encantamento que o fez cair no sono. Nesse ínterim, cavalgou até o castelo de Lady Ettard e mandou que nenhum de seus homens o acordasse até o seu regresso. Duas horas mais tarde, voltou trazendo consigo Lady Ettard, e ambas o encontraram dormindo. Ora!, exclamou a Donzela do Lago, devíeis vos envergonhar de assassinar um cavaleiro como ele. E, nesse instante, lhe lançou um feitiço que a fez se apaixonar perdidamente por Sir Pelleas, deixando-a praticamente enlouquecida. Ó Senhor Jesus!, exclamou a dama. Como é possível que eu ame assim o homem que mais odiei na vida? Este é o justo desígnio de Deus, replicou a donzela. Em poucos instantes, Sir Pelleas despertou e ergueu os olhos para Ettard. Assim que a viu, pôde reconhecê-la e a odiou mais do que a qualquer outra mulher no mundo. Fora daqui, traidora, gritou ele. Jamais volte a aparecer à minha frente! E, quando ela o ouviu dizer isso, começou a chorar e a se lamentar intensamente.

CAPÍTULO XXIII

Como Sir Pelleas deixou de amar Lady Ettard graças aos artifícios da Donzela do Lago, que ele passou a amar para todo o sempre.

Senhor cavaleiro Pelleas, disse a Donzela do Lago, pegue seu cavalo e venha comigo para longe deste país. Podereis amar uma dama que também vos amará. De muito bom grado, replicou Sir Pelleas, pois Lady Ettard me causou grandes danos e humilhação, e, então, contou-lhe tudo, do começo ao fim, dizendo-lhe que havia decidido jamais levantar da cama até a hora da morte. E, agora, prosseguiu ele, pela grande graça que Deus me concedeu, eu a odeio tanto quanto a amei, graças ao Senhor Jesus! Agradeça a mim, disse a Donzela do Lago. Sem mais tardar, Sir Pelleas se aprestou, pegou seu cavalo e ordenou a seus homens que recolhessem as tendas e os demais objetos e que os transportassem para o local indicado pela donzela. E foi assim que Lady Ettard morreu de tristeza ao passo que a Donzela do Lago e Sir Pelleas desfrutaram do amor que sentiam um pelo outro até o fim de seus dias.

CAPÍTULO XXIV

Como Sir Marhaus saiu cavalgando com a donzela e como chegou ao Duque das Terras do Sul.

Voltemos, agora, a Sir Marhaus, que seguia para o sul com a donzela de trinta invernos de idade. Os dois adentraram uma floresta densa e cavalgaram durante muito tempo por um longo caminho, apesar de já ter anoitecido. Finalmente, chegaram a um terreno cercado onde pediram pousada. Mas, a despeito de suas súplicas, o homem que ali vivia não os quis hospedar, mas disse-lhes: Se quiserdes enfrentar a aventura de vosso abrigo, posso vos levar a um local onde tereis pousada. Que aventura terei que enfrentar para encontrar abrigo?, perguntou Sir Marhaus. Ficareis sabendo quando lá chegarmos, respondeu o bom homem. Senhor, seja qual for tal aventura, peço-vos que nos leveis até esse local, replicou o cavaleiro, pois estou cansado e cansados também estão minha donzela e meu cavalo. O homem então abriu a porteira e, ao cabo de uma hora, estavam diante de um formoso castelo. Ele chamou a sentinela, foi conduzido para o interior da construção e disse ao senhor que havia lhe trazido um cavaleiro andante e uma donzela que queriam hospedar-se ali. Pois que entrem, replicou o senhor, mas é possível que esse cavaleiro se arrependa de se abrigar aqui.

Então, Sir Marhaus foi conduzido para dentro do castelo com uma tocha acesa e teve a grata visão de vários rapazes que vieram lhe dar as boas-vindas. Seu cavalo foi levado para o estábulo, e ele e a donzela foram encaminhados para uma sala onde os aguardava, de pé, um poderoso duque cercado por diversos homens garbosos. Esse senhor lhe perguntou como se chamava, de onde vinha e com quem morava. Senhor, respondeu o cavaleiro, sou um dos cavaleiros da Távola Redonda do Rei Arthur. Chamo-me Sir Marhaus e sou nascido na Irlanda. Pois lamento muito que assim seja, replicou o duque, e vos digo por quê: não amo vosso senhor nem qualquer de vossos companheiros da Távola Redonda e, portanto, tratai de aproveitar bem esta noite, pois, pela manhã, eu e meus seis filhos lutaremos convosco. Não há outra opção a não ser enfrentar a vós e a vossos seis filhos ao mesmo tempo?, indagou Sir Marhaus. Não, respondeu o duque, pois trata-se de um voto que fiz. Sir Gawaine matou meu sétimo filho em um confronto, e por isso jurei que nenhum cavaleiro da corte do rei Arthur encontraria pouso em minha casa ou se aproximaria de mim sem que eu vingasse a morte dele. Quem sois?, perguntou Sir Marhaus. Podeis fazer o obséquio de me dizer vosso nome? Bem sabeis que sou o Duque das Terras do Sul. Ah!, exclamou Sir Marhaus. Ouvi dizer que sois

grande inimigo de meu senhor Arthur e de seus cavaleiros há muito tempo. É o que vereis amanhã, retrucou o duque. Terei que vos enfrentar?, perguntou Sir Marhaus. Sim, respondeu o duque. Não tendes escolha, mas, por enquanto, ide para vossos aposentos e tereis tudo que puderdes desejar. O cavaleiro então se foi, e o levaram a um quarto enquanto sua donzela foi levada para outro. Pela manhã, o duque lhe mandou ordens para que se preparasse. Quando ele já estava de pé e com sua armadura, foi celebrada uma missa à sua frente e, depois de fazer seu desjejum, montou seu cavalo no pátio do castelo onde deveria se realizar o confronto. Estava ali o duque, já a cavalo, inteiramente preparado e, com ele, seus seis filhos, cada qual com uma lança na mão. Assim que começou o confronto, o duque e dois de seus filhos investiram contra ele, quebrando as lanças que traziam, mas Sir Marhaus manteve a sua erguida e não atingiu nenhum deles.

CAPÍTULO XXV

Como Sir Marhaus enfrentou o duque e seus quatro filhos e fez com que todos a ele se rendessem.

Vieram em seguida os outros quatro filhos, aos pares, mas os dois primeiros quebraram suas lanças e os outros dois também. Mais uma vez, Sir Marhaus não chegou a tocá-los. Então, investiu contra o duque e, com sua lança, derrubou homem e montaria, e fez o mesmo com seus filhos. Depois, desmontou e obrigou o nobre a se render, caso contrário seria morto. Nesse meio-tempo, alguns dos jovens se recuperaram e estavam prestes a atacar o cavaleiro quando este disse ao duque: Detende vossos filhos, ou levarei esta contenda às últimas consequências. Vendo que poderia não escapar da morte, o senhor do castelo gritou para os filhos, ordenando-lhes que se rendessem a Sir Marhaus. Todos então se ajoelharam, voltando o pomo das espadas em sua direção para que o cavaleiro delas se apoderasse. E o cavaleiro de fato o fez. Depois, foram ajudar o pai a se erguer e, de comum acordo, prometeram a Sir Marhaus que jamais seriam inimigos do Rei Arthur e que, na próxima festa de Pentecostes, iriam, pai e filhos, se entregar à graça de Sua Majestade.

Assim, Sir Marhaus pôde partir, e dois dias mais tarde, guiado pela donzela, chegou a um local onde haveria um grande torneio organizado pela Senhora de Vawse. Quem se saísse melhor ganharia uma rica tiara de ouro que valia mil besantes. Durante a competição, Sir Marhaus fez jus à sua fama, chegando a derrotar, por vezes, quarenta cavaleiros, o que lhe valeu a tiara de ouro como prêmio. Partiu dali coberto de glória e, depois de sete noites, sempre guiado pela donzela, chegou à residência de um nobre chamado Conde Fergus, que, mais tarde, viria a ser cavaleiro de Sir Tristão. Esse conde era apenas um jovem recém-chegado a suas terras, e bem perto dali havia um gigante chamado Taulurd. Este tinha um outro irmão na Cornualha, Taulas, que Sir Tristão matou quando estava fora de seu juízo perfeito. O jovem conde queixou-se então a Sir Marhaus da presença de tal gigante que vinha destruindo suas terras e disse que não ousava ir atrás dele. Senhor, perguntou o cavaleiro, seria melhor enfrentá-lo a pé ou a cavalo? Nenhum cavalo seria capaz de fazer frente a Taulurd, respondeu o mancebo. Bem, replicou Sir Marhaus, terei então que enfrentá-lo a pé. Assim pois, pela manhã, o cavaleiro pediu ao conde que um de seus homens o levasse até o gigante e, pouco depois, pôde avistá-lo, sob um pé de azevinho, tendo, ao seu lado, várias clavas de ferro e alabardas. Sir Marhaus se aproximou, erguendo o escudo

à sua frente. O gigante empunhou uma de suas clavas de ferro e, ao primeiro golpe, o escudo do cavaleiro se partiu em dois. Ele se viu então correndo grande perigo, pois Taulurd era um lutador astuto, mas, finalmente, Sir Marhaus conseguiu lhe cortar o braço direito logo acima do cotovelo.

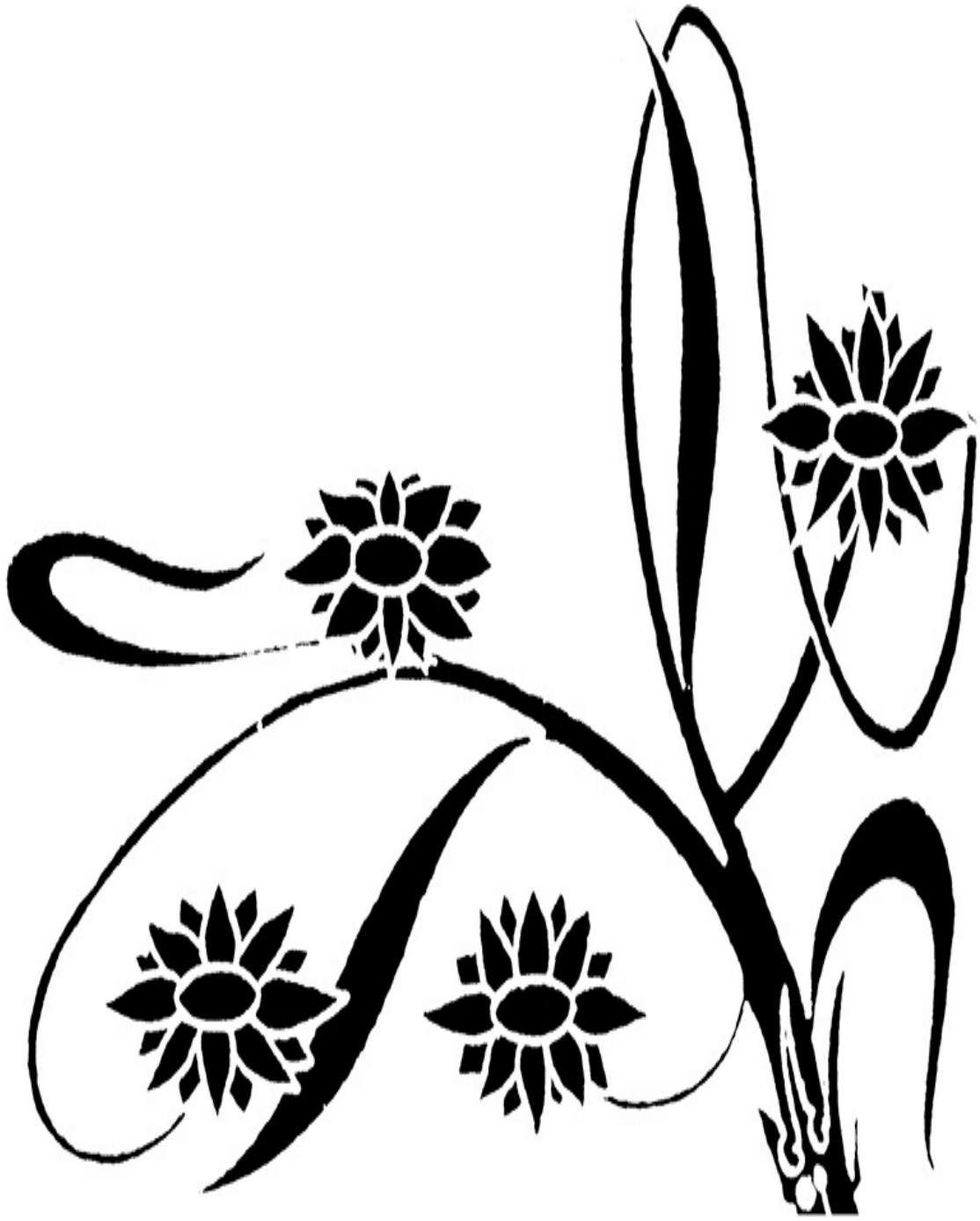
O gigante bateu em retirada com o cavaleiro em seu encalço até chegar à água, mas Taulurd era tão alto que Sir Marhaus não conseguia acompanhá-lo sem se afogar. Pediu então ao homem do Conde Fergus que fosse buscar uns blocos de pedra, que começou a atirar em seu adversário até que este acabou caindo na água e ali morreu. Então, Sir Marhaus dirigiu-se ao castelo do gigante, onde libertou vinte e quatro damas e doze cavaleiros que estavam encerrados em suas masmorras. Lá havia também incontáveis riquezas e, por isso, ele passou o resto dos seus dias sem ver a pobreza. Voltou depois à residência do Conde Fergus, que se mostrou imensamente grato e quis lhe dar metade das suas terras, mas o cavaleiro recusou tal oferta. E ficou hospedado ali por meio ano, já que tinha bastantes ferimentos resultantes da luta contra Taulurd. Ao cabo desse tempo, despediu-se e partiu. Ao pegar a estrada, encontrou Sir Gawaine e Sir Uwaine. Por acaso, encontrou-se com quatro cavaleiros da corte do Rei Arthur: Sir Sagramore, o Desejoso, Sir Osanna, Sir Dodinas, o Selvagem, e Sir Felot de Listinoise. Usando uma única lança, Sir Marhaus os derrotou a todos, deixando-os bem feridos. E então retomou seu caminho para estar no local de onde partira no dia marcado.

CAPÍTULO XXVI

Como Sir Uwaine cavalgou com a donzela de sessenta anos de idade e como ganhou o prêmio de um torneio.

Voltemos agora a Sir Uwaine, que cavalgou rumo ao poente com sua donzela de sessenta anos de idade e que o levou a um local próximo à fronteira de Gales, onde se realizava um torneio. Nessa competição, Sir Uwaine derrubou trinta cavaleiros, feito pelo qual lhe foi conferido o primeiro prêmio: um gerifalco e um corcel branco paramentado com tecido de ouro. Depois disso, Sir Uwaine viveu muitas estranhas aventuras, sempre por intermédio da velha donzela, que o levou até a morada de uma senhora, a Dama do Rochedo, que era muito cortês. Nesse país, havia dois irmãos cavaleiros que tinham fama de ser perigosos. Um deles era Sir Edward do Castelo Vermelho, e o outro, Sir Hue do Castelo Vermelho. Juntos haviam espoliado a Dama do Rochedo de toda uma extensão de terras usando de extorsão. E, como Sir Uwaine estava hospedado em sua casa, ela lhe fez queixas a respeito de tais irmãos cavaleiros.

Senhora, disse o jovem, ambos merecem toda censura, pois estão agindo contra a alta ordem da cavalaria e o juramento que fizeram. Se desejardes, vou falar com eles, pois sou um dos cavaleiros do Rei Arthur e os abordarei com toda cordialidade. Caso se recusem a me dar ouvidos, vou enfrentá-los em defesa de vossos direitos. Eu vos fico imensamente grata, replicou a dama, enquanto não puder vos pagar, Deus o fará. Logo na manhã seguinte, mandou uma mensagem aos dois cavaleiros, dizendo-lhes que deveriam vir falar com a Dama do Rochedo e, como podeis imaginar, os irmãos não só aceitaram tal convite como apareceram acompanhados de cem homens a cavalo. Quando a senhora os viu chegar com tamanha hoste, achou que seria uma covardia com Sir Uwaine e não quis consentir que ele saísse, ordenando que lhes falasse do alto de uma torre. Os irmãos, porém, não quiseram ouvir nada e responderam que continuariam com tudo que lhes pertencia. Pois bem, retrucou o jovem, então lutarei com um de vós e provarei que causastes grande dano a esta dama. De forma alguma, disseram ambos, pois, se devemos nos enfrentar, ambos faremos isso juntos contra vós e, se quiserdes lutar assim, estaremos prontos à hora que determinardes. Se nos venceis em combate, a dama voltará a ter suas terras. Que seja, respondeu Sir Uwaine. Preparai-vos, portanto, para estar aqui amanhã lutando pela defesa dos direitos desta dama.



CAPÍTULO XXVII

Como Sir Uwaine enfrentou e derrotou dois cavaleiros.

Depois de estipuladas garantias de ambas as partes, para que não houvesse traição, os cavaleiros se foram e se prepararam. Nessa noite, Sir Uwaine foi muito bem tratado. Pela manhã, acordou cedo, assistiu à missa, fez uma refeição e passou pelos portões em direção ao local onde o aguardavam os dois irmãos. Estes partiram em cavalgada tão impetuosa que quebraram suas lanças ao atingir Sir Uwaine, mas este acertou tamanho golpe em Sir Edward que o derrubou do cavalo sem quebrar sua lança. Esporeou então sua montaria, partiu na direção de Sir Hue e também o derrubou. Os irmãos, porém, logo se recobraram, ergueram seus escudos, sacaram as espadas e pediram a Sir Uwaine que apeasse e os enfrentasse em combate corpo a corpo. O cavaleiro desmontou prontamente, ergueu o escudo e sacou a espada. Nesse momento, seus adversários arremeteram contra ele com tamanho ímpeto, e foram tantos os golpes trocados, que os dois irmãos acabaram por feri-lo tão gravemente que a Dama do Rochedo acreditou que ele fosse morrer. Seguiram lutando assim por cinco horas, como homens em fúria e enlouquecidos. Finalmente, Sir Uwaine desferiu um golpe tão forte no elmo de Sir Edward que a espada entrou até a escápula. Sir Hue então perdeu a coragem e por pouco seu adversário não o matou. Ao ver isso, Sir Hue se ajoelhou, rendeu-se, e Sir Uwaine, num gesto cortês, aceitou sua espada, estendeu-lhe a mão, e os dois entraram juntos no castelo. A Dama do Rochedo estava bem feliz, enquanto Sir Hue lamentava profundamente a morte do irmão. E, assim, a dama recuperou todas as suas terras e Sir Hue recebeu ordens para se apresentar à corte do Rei Arthur no próximo banquete de Pentecostes. Sir Uwaine ficou hospedado naquela mansão por quase meio ano, pois seus ferimentos eram tão sérios que demoraram muito a sarar. Quando já se aproximava o dia em que Sir Gawaine, Sir Marhaus e Sir Uwaine deveriam se reencontrar no cruzamento dos caminhos, os três se apressaram em seguir para lá e honrar a promessa. Sir Marhaus e Sir Uwaine levaram consigo suas donzelas, mas Sir Gawaine havia perdido a sua, como já se relatou anteriormente.

CAPÍTULO XXVIII

Como, no final do ano, os três cavaleiros e suas três donzelas se encontraram junto à fonte.

Assim, pois, ao cabo de doze meses, todos os três cavaleiros se reuniram junto à fonte acompanhados de suas donzelas, mas a de Sir Gawaine pouco podia dizer sobre suas façanhas. Depois de se despedirem das ditas donzelas, eles saíram cavalgando por uma grande floresta, onde encontraram um mensageiro enviado pelo Rei Arthur que, havia quase um ano, viajava pela Inglaterra, por Gales e pela Escócia à sua procura e com ordens para, se conseguisse achar Sir Gawaine e Sir Uwaine, levá-los de volta à corte. A notícia lhes trouxe grande alegria, e os dois jovens pediram a Sir Marhaus que os acompanhasse. Doze dias mais tarde, chegaram a Camelot, e tanto o rei quanto a corte se alegraram muitíssimo ao vê-los. O monarca então lhe mandou jurar sobre um livro que contaria todas as aventuras que lhe houvessem acontecido ao longo daquele ano, e foi o que os três fizeram. Sir Marhaus era bem conhecido naquelas terras, pois havia alguns cavaleiros que já desafiara, e, além do quê, era considerado um dos melhores cavaleiros vivos.

Quando se aproximava o banquete de Pentecostes, chegou a Donzela do Lago trazendo consigo Sir Pelleas, e durante essas grandes festividades foram realizadas várias justas. E, entre todos os cavaleiros que delas participaram, Sir Pelleas sagrou-se campeão, ficando Sir Marhaus em segundo lugar. Mas Sir Pelleas era tão forte que praticamente nenhum cavaleiro conseguiu atingi-lo com sua lança. No banquete que se seguiu, ambos foram sagrados Cavaleiros da Távola Redonda, pois havia ali dois lugares vazios que pertenciam a dois cavaleiros mortos durante aqueles doze meses. E o Rei Arthur teve muitos motivos para se alegrar com Sir Marhaus e Sir Pelleas. Este último, porém, guardava rancor de Sir Gawaine. Por amor ao monarca, poupou-o de tais sentimentos, mas, sempre que aconteciam justas ou torneios, ele procurava vingar-se, como relata o livro em francês. Tempos depois, Sir Tristão enfrentou Sir Marhaus em uma ilha, e foi uma batalha acirrada. Finalmente Sir Tristão acabou por matar seu adversário, saindo ele próprio tão gravemente ferido que precisou permanecer de cama em um convento por meio ano. E Sir Pelleas era um cavaleiro coberto de glórias e um dos quatro que conquistou o Santo Graal, e, lançando mão de seus poderes, a Donzela do Lago fez com que ele jamais tivesse que enfrentar Sir Lancelote do Lago, pois,

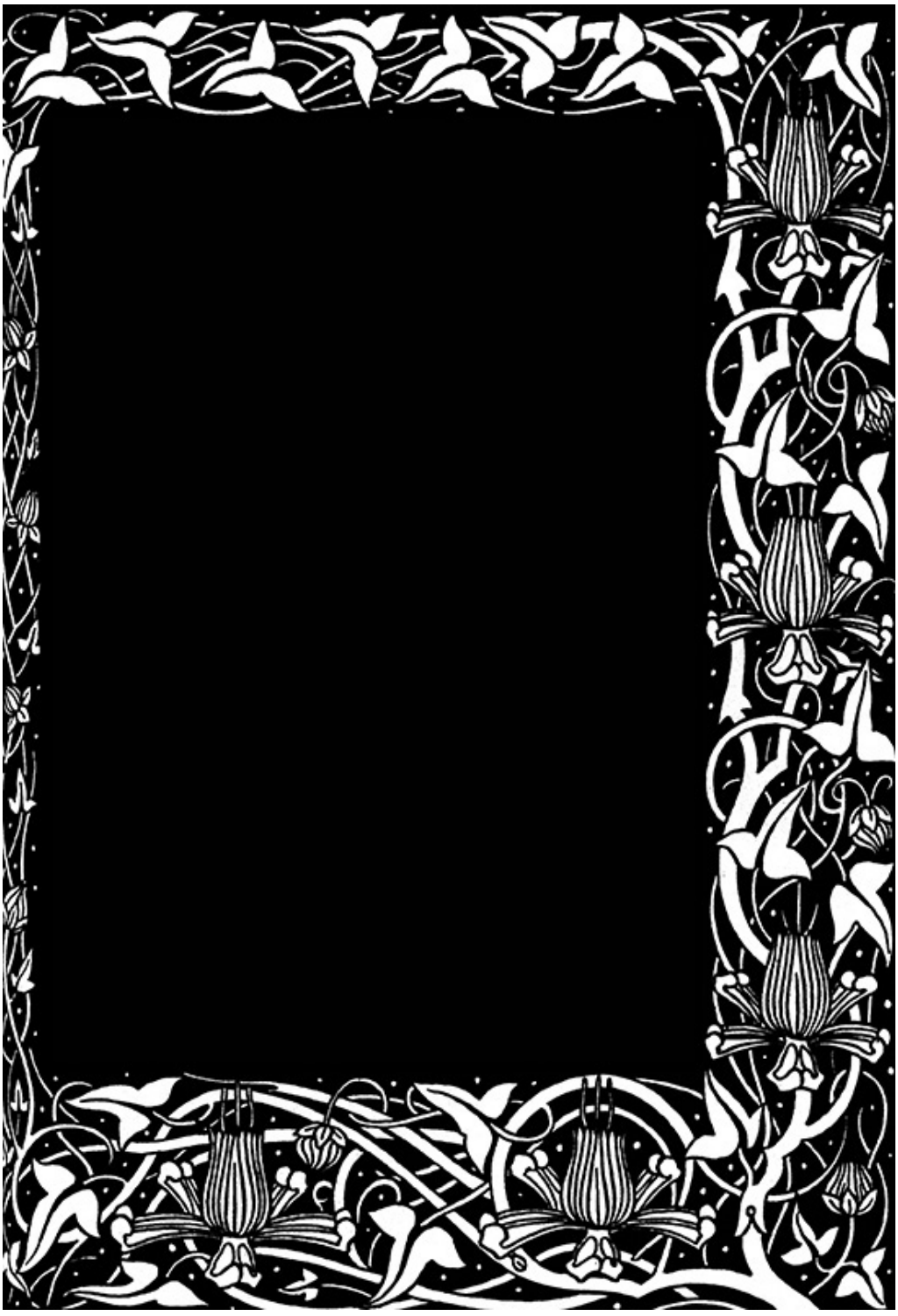
estando sempre do lado deste, ela não poderia defender o amado em nenhuma justa da qual ambos participassem.

Explicit Liber Quartus.

Incipit Liber Quintus.

LIVRO V





CAPÍTULO I

Como doze anciãos, embaixadores de Roma, vieram cobrar do Rei Arthur tributos pela Bretanha.

uando, depois de uma longa guerra, o Rei Arthur pôde ter algum descanso e realizou um festim real na Távola Redonda, reunindo, ao seu redor, todos os reis, príncipes e nobres cavaleiros que eram seus aliados, entraram no salão do trono real doze anciãos trazendo, cada um, um ramo de oliveira. Apresentaram-se e declararam estar ali na qualidade de embaixadores e mensageiros do Imperador Lucius, que, na época, era chamado Ditador ou Procurador do Bem Público de Roma. Depois de prestarem as devidas demonstrações de obediência, fazendo reverência ao monarca, os anciãos lhe disseram: Sua Alteza o Poderoso Imperador Lucius manda suas saudações ao Rei da Bretanha, determinado que vós o reconheçais como vosso senhor e lhe envieis os tributos devidos por este reino ao império, como fizeram, segundo registros, vosso pai e todos os que o precederam. Sereis considerado rebelde se recusardes a admitir sua soberania e acusado de infringir os estatutos e decretos estabelecidos pelo nobre e bravo Júlio César, conquistador deste reino e primeiro imperador de Roma. No caso de vos negardes a cumprir esta solicitação e esta ordem, podeis estar certo de que uma guerra acirrada será travada contra vós, vosso reino e vossas terras, e tanto vós quanto vossos súditos serão punidos de forma a servir de exemplo a todos os reis e príncipes, que saberão, assim, que não devem negar seus tributos ao nobre império que já dominou todo este mundo. Tão logo os anciãos terminaram de expor o teor da mensagem que traziam, o rei mandou que se retirassem, dizendo que ia se reunir com seus conselheiros e só então lhes daria uma resposta. Ao tomarem conhecimento de tal mensagem, alguns jovens cavaleiros se dispuseram a correr para matar os anciãos, alegando que era uma ofensa para toda a ordem admitir que eles ousassem falar assim com o rei. Este, porém, logo determinou que nenhum deles, sob pena de morte, ofendesse os mensageiros ou lhes causasse qualquer dano, e ordenou ainda que um cavaleiro os acomodassem em um aposento, certificando-se de que encontrariam ali tudo de que precisassem. Tudo isso, acrescentou o monarca, feito com grande hospitalidade, sem poupar nenhuma iguaria fina, pois esses romanos são nobres senhores, e, por mais que sua mensagem possa degradar a mim ou à minha corte, não deveis vos esquecer de minha honra.

Em seguida, convocou todos os seus senhores e os Cavaleiros da Távola Redonda para um conselho acerca do tema, pois desejava ouvir a opinião deles.

Sir Cador, da Cornualha, foi o primeiro a falar: Senhor, muito me agradou essa mensagem, pois já estamos descansando há muitos dias, o que tem sido entediante, e, agora, espero que possamos travar uma guerra feroz contra os romanos, o que, sem dúvida alguma, nos trará muita honra. Acredito, replicou Arthur, que tais novas os tenham agradado, mas não se trata aqui de dar respostas como estas, pois a exigência muito me melindrou. Na verdade, jamais pagarei qualquer tributo a Roma, portanto o que vos peço é que me aconselheis. Pelo que sei, Belinus e Brenius, reis da Bretanha, tiveram o império nas mãos por muitos dias e também Constantino, filho de Helena, o que consiste em evidência inegável de que não devemos tributo algum a Roma, mas, por direito, nós, que deles descendemos, poderíamos reivindicar o título do império.



CAPÍTULO II

Como reis e nobres prometeram suporte e ajuda ao Rei Arthur contra os romanos.

Disse então o Rei Agwisance, da Irlanda: Senhor, por direito, deveis estar acima de todos os outros reis, pois não existe nenhum como vós, nem ao menos semelhante, em toda a Cristandade, tanto em brio cavaleiresco quanto em dignidade. Portanto, o meu conselho é que jamais obedeçais aos romanos, pois, enquanto eles reinaram sobre nós, só trouxeram desgraça a nossos antepassados, deixaram estas terras à míngua com extorsões e impostos, razão pelo qual prometo aqui vingar-me desse povo. E, para fortalecer vosso combate, ponho à vossa disposição vinte mil bons homens de armas financiados por mim e que estarão prontos, assim como eu, quando for de vosso agrado. E o rei da Pequena Bretanha lhe garantiu trinta mil homens, o que deixou Arthur profundamente grato. Todos os demais concordaram em declarar guerra e propuseram a ajuda que estivesse em seu poder. O Senhor de Gales Ocidental prometeu trazer trinta mil homens, e Sir Uwaine, Sir Ider, seu filho, com seus primos, prometeram outros trinta mil. Depois, Sir Lancelote, como os outros presentes, prometeram grande número de soldados.

Ao ver a coragem e a boa vontade de todos, o Rei Arthur lhes agradeceu calorosamente e, em seguida, mandou chamar os embaixadores para ouvir sua resposta. E, em presença de todos os seus nobres e cavaleiros, fez a seguinte declaração: Desejo que regresseis a vosso senhor e Procurador do Bem Público de Roma e dizei-lhe que não levarei em consideração seu pedido e sua ordem, que desconheço qualquer tributo ou taxas que lhe deva, nem a ele nem a qualquer outro príncipe terreno, seja ele Cristão ou pagão. Mas pretendo obter e ocupar a soberania do império, dignidade sancionada pelo direito de meus predecessores que, em outros tempos, foram reis destas terras. Dizei-lhe ainda que pelo que foi aqui deliberado e decidido, estou pronto para marchar sobre Roma com toda a força e todo o poderio de minhas hostes, pela graça de Deus, para tomar posse do império e subjugar quem contra isto se rebelar. Portanto, ordeno a vosso senhor e a todo o povo de Roma que me rendam homenagem de imediato e me reconheçam como seu Imperador e Governante sob pena de muito sofrimento. Mandou então que seu tesoureiro desse aos embaixadores grandes e ricos presentes para cobrir todas as suas despesas e designou Sir Cador para acompanhá-los até os limites do reino. Diante disso, os anciãos se despediram e partiram para embarcar em

Sandwich. Atravessaram as terras de Flandres, da Almania, cruzaram as montanhas e percorreram toda a Itália até chegarem perante Lucius. Depois de lhe fazerem as devidas reverências, relataram-lhe a resposta que traziam, exatamente como a tinham ouvido.

Quando o imperador compreendeu que aquelas palavras eram fidedignas, ficou tão abalado quanto enfurecido e disse: Supus que Arthur fosse obedecer às minhas ordens e vos atendido à vossa exigência como ele ou qualquer outro rei deveria fazer. Ó senhor!, exclamou um dos senadores, deixemos de lado tais palavras vãs, pois bem sabeis que eu e meus colegas tememos enfrentar suas punições. Pessoalmente, temo que tenhais arranjado sérios problemas, pois ele tenciona tornar-se o senhor deste império, coisa de que não se deve duvidar, já que ele se destaca entre todos os homens, tem a corte mais nobre do mundo e nenhum outro rei ou príncipe pode a ele se comparar. No Dia de Ano-Novo, eu o vi em sua propriedade cuja realeza não se iguala a qualquer outra que já tenhamos visto. Foi servido à mesa juntamente a nove reis e à mais nobre companhia de príncipes, senhores e cavaleiros que existe no mundo. Cada um daqueles cavaleiros é renomado e tem assento à Távola Redonda. A pessoa do rei é a mais viril de toda a terra, e ele parece disposto a conquistar o mundo, pois, diante da sua coragem, o mundo é pequeno demais. Eis portanto o conselho que vos dou: guarnecei bem vossas fronteiras bem como os passos nas montanhas, uma vez que o Rei Arthur é um homem a ser temido. Bem, replicou Lucius, antes da Páscoa pretendo cruzar as montanhas para chegar à França e, de lá, atacar suas terras com genoveses e outros poderosos guerreiros da Toscana e da Lombardia. Também mandarei convocar todos os súditos e aliados do império de Roma para virem em meu auxílio. Sem mais tardar, enviaremos velhos cavaleiros sábios para todas essas terras: em primeiro lugar, para Ambage e Arrage, para Alexandria, para a Índia, a Armênia, para o local onde o rio Eufrates penetra na Ásia, a África, a Grande Europa, Eritânia e Elâmia, Arábia, Egito e Damasco, para Damietta e Cairo, para a Capadócia, Tarso, Turquia, Pontos e Panfilia, Síria e Galácia. Todas foram províncias do Império Romano, e há ainda outras: Grécia, Chipre, Macedônia, Calábria, Catelândia, Portugal e muitos milhares de hispânicos. Portanto, todos esses reis, duques e almirantes vão se reunir em Roma, com dezesseis reis de uma única vez, e com uma grande multidão de pessoas. Ao saber que todos viriam, o imperador mandou que todos os romanos e o povo que estivesse entre ele e Flandres ficassem preparados.

Reuniu também cinquenta gigantes que haviam sido gerados por demônios e que foram incumbidos de proteger o próprio imperador, além de constituir a linha de frente na batalha contra o Rei Arthur. Partiram, pois, de Roma e desceram as montanhas para destruir as terras que Arthur havia conquistado. Ao chegarem a Colônia, cercaram um castelo dos arredores e em pouco tempo conseguiram tomá-

lo. Nesse local, instalaram duzentos sarracenos ou infiéis, e, em seguida, destruíram muitos belos países que Arthur conquistara do Rei Claudas. Foi então que Lucius chegou com todo o seu exército, que cobriu sessenta milhas de largo, e logo ordenou que fossem encontrá-lo na Borgonha, pois pretendia destruir o reino da Pequena Bretanha.

CAPÍTULO III

Como o Rei Arthur convocou um Parlamento em York e determinou como o reino seria governado durante sua ausência.

Deixemos agora o Imperador Lucius e tratemos do Rei Arthur, que deu ordens para que todo o seu séquito se preparasse para, nas oitavas de Santo Hilário, a convocação de um Parlamento em York. E esse parlamento decidiu requisitar todos os navios da terra para, em quinze dias, estarem a postos em Sandwich, onde ele faria um pronunciamento comunicando a seu exército que pretendia conquistar o império ao qual tinha direito. Ali, o monarca designou dois governantes para o reino, a saber: Sir Bawdwin da Bretanha, que seria o conselheiro, e Sir Constantino, filho de Sir Cador da Cornualha, que subiria ao trono depois da sua morte. Na presença de todos os seus senhores, entregou a ambos o reino e a proteção da Rainha Guinevere, o que deixou Sir Lancelote furioso, pois deixara Sir Tristão com o Rei Marcos pelo amor da Bela Isolda. Então, a Rainha Guinevere muito lamentou a partida de seu senhor e dos demais, e chegou a perder os sentidos, razão pela qual suas damas a conduziram a seus aposentos. Assim, pois, o rei e seu grande exército partiram, deixando a rainha e o reino entregues a Sir Bawdwin e a Sir Constantino. Já montado em seu cavalo, Arthur bradou: Se eu morrer nesta jornada, desejo que Sir Constantino seja meu herdeiro e coroado rei deste reino na qualidade de meu parente de sangue mais próximo. Partiu então de Sandwich e, com toda a sua hoste composta de numerosos navios, galeras, barcaças e drómons, se lançou ao mar.

CAPÍTULO IV

Como o Rei Arthur, deitado na cama do navio em que havia embarcado, teve um sonho maravilhoso e sua explicação.

Estando o rei deitado em sua cabine no navio, pegou no sono e teve um sonho maravilhoso: um dragão assustador havia sufocado boa parte de seu povo e vinha voando do Oeste. Tinha a cabeça esmaltada em um azul profundo, seus ombros reluziam como ouro, sua barriga parecia feita de placas de magníficos matizes, sua cauda era cheia de farrapos, suas patas, cobertas de uma plumagem negra, e suas garras pareciam do mais rico ouro. De sua boca saiu uma terrível labareda que fez com que a terra e a água parecessem se incendiar. Depois dele, vindo também do Oriente, surgiu um javali inteiramente negro com patas tão grandes quanto postes. Tinha a pelagem irregular e era a besta mais enfurecida que homem algum jamais vira, e seus grunhidos e rosnados eram tão apavorantes que chegavam a ser assombrosos. Então o dragão assustador avançou em sua direção e veio voando pelos ares como um falcão, atingindo várias vezes o javali, que revidava tais ataques repetidamente com suas presas deixando o peito de seu adversário todo ensanguentado. E o mar ficou inteiramente vermelho de tanto sangue. Nesse instante, o dragão se alçou bem alto no céu e desceu com tamanho ímpeto que derrubou da borda do penhasco o javali que tinha dez pés da cabeça à cauda, estraçalhando-o, carne e ossos, em mil pedaços que se espalharam pelo mar afora.

O rei acordou sobressaltado, sentindo-se tão abalado que logo tratou de chamar um sábio filósofo, pedindo que lhe explicasse o significado do sonho. Senhor, disse o filósofo, o dragão com o qual sonhastes representa vossa própria pessoa que viaja nesta embarcação; as cores de suas asas são os reinos que conquistastes, e a cauda, feita de vários farrapos, significam os nobres Cavaleiros da Távola Redonda. Quanto ao javali que o dragão derrotou descendo das nuvens, representa algum tirano que atormenta o povo ou, então, tereis que enfrentar algum gigante horrível e abominável como jamais vistes na vida. Portanto, esse sonho assustador não deve deixar dúvidas: trata-se de um conquistador que vem vos enfrentar.

Pouco depois, avistaram terra e seguiram navegando até abordarem Barflete, em Flandres. Lá chegando, encontraram muitos dos grandes senhores seus aliados, que por eles ali aguardavam, já a postos, como havia sido ordenado.

CAPÍTULO V

Como um homem da região lhe falou sobre um gigante assombroso e como ele o enfrentou e venceu.

Um lavrador da região se apresentou ao rei dizendo-lhe que, no país de Constantino, próximo à Bretanha, havia um gigante que tinha destruído, matado e devorado muita gente do lugar e que, havia sete anos, vinha sendo sustentado pelos filhos da plebe, razão pela qual todas as crianças haviam sido mortas e destruídas. Recentemente, ele havia capturado a Duquesa da Bretanha enquanto ela cavalgava com sua comitiva, levando-a para sua morada, que fica em uma montanha, para mimá-la e se deitar com ela pelo resto dos seus dias. Muita gente decidiu segui-la, mais de quinhentas pessoas, mas ninguém conseguiu resgatá-la, e deixaram-na gritando e se lamentando profundamente. Portanto, acrescentou o lavrador, acredito que ele a tenha matado depois de satisfazer os seus desejos depravados. Ela era a esposa de vosso primo, Sir Howell, vosso parente de sangue. Como sois um rei justo, tende piedade dessa dama e vingai a todos nós como nobre conquistador que sois. Ai, exclamou o Rei Arthur, que grande transtorno! Pelo melhor dos meus reinos, eu preferia estar a milhas de distância do que ter que salvar essa dama. Diz-me, amigo, prosseguiu o monarca, não podes me levar até o lugar que esse gigante vem assombrando? Decerto, Senhor, respondeu o bom homem. Segui em frente até avistar duas grandes fogueiras. Ali o encontrareis, além de mais tesouros do que em toda a França, suponho eu.

Depois de ouvir essa história tão deplorável, o rei voltou para sua tenda e chamou à sua presença Sir Kay e Sir Bedivere, mandando-lhes que preparassem em segredo cavalos e arreios para os três, pois, ao término das vésperas, partiria para o Monte Saint-Michel em peregrinação, acompanhado apenas por eles dois. Sem mais tardar, o rei se aprontou, armou-se dos pés à cabeça e pegou seu cavalo e seu escudo. Em seguida, partiram o mais depressa possível até chegarem ao sopé daquele monte onde apearam, e o rei ordenou que os dois cavaleiros aguardassem ali, pois seguiria sozinho. Subiu a colina até avistar uma grande fogueira, onde encontrou uma viúva apreensiva que retorcia as mãos e se lamentava sentada junto a uma sepultura recém-lacrada. O Rei Arthur a saudou e lhe perguntou por que estava assim tão triste, ao que ela respondeu: Ah, senhor cavaleiro, falai baixinho, pois aqui perto existe um demônio e, se vos ouvir, virá vos destruir. Prevejo infelicidade. O que viestes fazer nesta montanha? Mesmo que tivésseis o dobro do tamanho que tendes, não conseguiríeis opor resistência a esse demônio. Aqui jaz

uma duquesa morta que era a mulher mais formosa do mundo, esposa de Sir Howell, Duque da Bretanha. Ele a matou forçando-a a realizar seus desejos e a rasgou até o umbigo.

Minha senhora, disse o monarca, venho da parte do nobre conquistador Rei Arthur para enfrentar o tirano e libertar seus súditos. Qual o quê!, exclamou a mulher, ele não se guia pelo rei nem por qualquer outro homem. Mas se tivésseis trazido a esposa de Arthur, Lady Guinevere, ele ficaria mais feliz do que se lhe désseis metade da França. Cuidado! Não chegueis muito perto, pois ele já derrotou quinze reis e fez um manto coberto de pedras preciosas e bordado com a barba desses monarcas que eles lhe enviaram como um presente no último Natal, com a intenção de salvar sua gente. Se quiserdes, falai com ele perto da grande fogueira na hora do jantar. Pois bem, replicou Arthur, vou cumprir minha missão apesar de vossas palavras assustadoras. E seguiu seu caminho até o topo do monte, onde o viu sentado, devorando, ao jantar, uma perna humana, aquecendo as pernas gigantescas sem calças na fogueira. Três formosas donzelas giravam os espetos onde se viam doze criancinhas recém-nascidas que até pareciam jovens pássaros.

Diante de cena tão lamentável, o Rei Arthur sentiu o coração tomado por tamanha compaixão que foi como se ele estivesse sangrando e, então, saudou-o com estas palavras: Que aquele que governa o mundo inteiro te dê uma vida breve e uma morte vergonhosa, e que o diabo possua tua alma. Por que mataste essas crianças inocentes e por que mataste a duquesa? Levanta-se, pois, e veste uma roupa, grandessíssimo glutão, pois hoje morrerás por minhas mãos. O glutão logo se levantou e, empunhando uma enorme clava, desfechou um golpe no rei jogando por terra sua coroa. O monarca revidou abrindo um talho no abdômen do gigante e decepando seus genitais, fazendo com que suas vísceras e suas entranhas caíssem na terra. O gigante largou então a clava e agarrou o rei com os braços, apertando-lhe as costelas. Nessa hora, as três donzelas se puseram de joelhos pedindo a Cristo que ajudasse e protegesse Arthur. O rei começou então a se remexer e a se revirar, ficando às vezes por baixo e outra vezes por cima de seu adversário. Desse modo, conseguiu rolar ladeira abaixo até chegar à beira do mar e, enquanto rolavam, Arthur o esfaqueava com sua adaga.

Por sorte, chegaram ao local onde os dois cavaleiros guardavam seu cavalo e, quando estes viram seu rei aprisionado entre os braços do gigante, correram para libertá-lo. O monarca mandou que Sir Kay decepasse a cabeça da criatura, a fincasse na ponta de uma lança e a levasse a Sir Howell para mostrar que seu inimigo estava morto. Mandou ainda que este deixasse a cabeça do gigante pendurada em uma das ameias de seu castelo para que todo o povo pudesse vê-la. Depois, prosseguiu Arthur, subi ao topo do monte para reaver meu escudo, minha espada e a clava de ferro. Quanto ao tesouro, podeis ficar com ele, pois deveis encontrar ali inúmeras preciosidades, e eu não quero mais nada além do manto e

da clava. À exceção de um gigante do monte de Arábia, este foi o mais feroz com que me defrontei na vida e que consegui derrotar, e ele era ainda maior e mais cruel. Então, os cavaleiros foram buscar o manto e a clava. Guardaram para si parte do tesouro e voltaram para a residência de seu anfitrião. Assim que as novas se espalharam, toda a gente veio agradecer ao rei. Agradecei a Deus, replicou Arthur, e dividi as riquezas entre vós.

Em seguida, ordenou que seu primo Howell mandasse construir, no alto daquela colina, uma igreja que deveria ser consagrada a São Miguel. Pela manhã, partiu para sua grande batalha. Ao chegar à região de Champagne, encontrou um vale, onde mandou que armassem as tendas. Enquanto lhe serviam o jantar, chegaram dois mensageiros, um dos quais era Marechal de França, anunciando que o imperador havia entrado em solo francês e destruído boa parte do território. Penetrara depois na Borgonha, onde havia matado muita gente e incendiado aldeias e burgos. Portanto, disseram os mensageiros, se não vierdes imediatamente, eles já terão se apossado de pessoas e bens.

CAPÍTULO VI

Como o Rei Arthur enviou Sir Gawaine e outros homens até Lucius, e como eles foram atacados e conseguiram escapar com honra.

O rei mandou chamar Sir Gawaine, Sir Bors, Sir Leonel e Sir Bedivere e ordenou que se dirigissem diretamente a Lucius. Dizei-lhe, acrescentou, que se retire sem mais tardar de minha terra, e, em caso de recusa, que se prepare para a batalha e pare de aterrorizar os pobres. De imediato, esses nobres cavaleiros montaram seus cavalos e, quando chegaram ao bosque, avistaram inúmeras tendas de seda das mais variadas cores. Todas estavam instaladas numa campina, na margem de um rio, e a tenda do imperador ficava bem no meio e exibia uma águia no topo. Foi para lá que nossos cavaleiros se dirigiram, mandando que Sir Gawaine e Sir Bors transmitissem a mensagem do rei enquanto Sir Leonel e Sir Bedivere permaneciam escondidos entre a folhagem. Então, os dois primeiros, na função de mensageiros, ordenaram, em nome de Arthur, que ele deixasse aquelas terras ou, então, logo que estivesse pronto para a batalha. Ao que Lucius respondeu: Regressai até vosso senhor e dizei-lhe que não tardarei a subjugá-lo e conquistar suas terras. Furioso, Sir Gawaine retrucou: Pois acredito que toda a França se levantará contra vós. E digo o mesmo, acrescentou Sir Bors, quanto à Bretanha e à Borgonha.

Então, um cavaleiro de nome Sir Gainus, primo próximo do imperador, interveio, dizendo: Ora, ora… Como são orgulhosos e fanfarrões esses bretões. Falam como se pudessem enfrentar o mundo inteiro. Ao ouvir tais palavras, Sir Gawaine ficou profundamente ofendido e, desembainhando a espada, decepou a cabeça do romano. Mais que depressa, os dois viraram seus cavalos e, cavalgando pelas águas, chegaram ao bosque onde Sir Leonel e Sir Bedivere os aguardavam. Os romanos vinham logo em seu encalço, tanto a cavalo quanto a pé, atravessando uma campina rumo ao bosque. Ao virar seu cavalo, Sir Bors viu um cavaleiro se aproximar velozmente e traspassou seu corpo com uma lança, deixando-o morto, estendido no chão. Em seguida, surgiu Caliburn, um dos homens mais fortes de Pavia e atacou vários dos cavaleiros do Rei Arthur. Quando Sir Bors o viu causar tanto dano, investiu contra ele e o acertou no peito, fazendo-o cair morto no chão. Então, Sir Feldenak veio vingar a morte de Gainus atacando Sir Gawaine. Este, porém, já estava alerta e o acertou na cabeça, com um golpe tão forte que a lâmina só parou ao chegar ao peito do cavaleiro. Depois disso, Sir Gawaine se virou e voltou até onde estavam seus companheiros ocultos em meio à folhagem. Foi um

confronto e tanto, pois todos os que ali estavam emboscados arremeteram contra os romanos, matando e ferindo a torto e a direito, e forçando o exército de Lucius a bater em retirada, mas os perseguiram até o acampamento.

Os invasores então reuniram mais gente, incluindo homens de infantaria, e travou-se nova batalha com um contingente tão grande que Sir Bors e Sir Berel foram aprisionados. Quando, porém, Sir Gawaine viu o que estava acontecendo, chamou à parte Sir Idrus, o bom cavaleiro, e lhe disse que ele jamais veria o Rei Arthur se não os resgatasse. Empunhou Galatine, sua excelente espada, e partiu atrás dos dois cavaleiros. Investiu contra o que levava Sir Bors, libertou-o e o levou de volta para junto de seus companheiros. Da mesma forma, Sir Idrus resgatou Sir Berel. Nessa hora, a batalha ia se tornando mais acirrada, e nossos cavaleiros se viram em grande perigo. Foi então que Sir Gawaine mandou mensageiros pedindo que o Rei Arthur viesse em seu auxílio. E que venham depressa, acrescentou, pois estou gravemente ferido, e nossos prisioneiros podem vir a ser muito mais numerosos. O mensageiro transmitiu tal mensagem ao monarca e, sem perder tempo, este reuniu suas hostes. Mas, antes que partissem, os prisioneiros chegaram, e Sir Gawaine e seus companheiros ganharam terreno obrigando os romanos a fugir. Depois, voltaram e, ao verificarem o estado da companhia, perceberam que não haviam perdido nenhum homem, a não ser Sir Gawaine, que estava gravemente ferido. O rei, então, o recompensou por seus ferimentos e tratou de confortá-lo. E assim começou o primeiro embate entre bretões e romanos, embate no qual mais de dez mil romanos pereceram. Naquela noite, entre os homens do exército do Rei Arthur, houve grande regozijo e comemorações, e, pela manhã, todos os prisioneiros foram enviados para Paris, sob a guarda de Sir Lancelote, acompanhado de muitos cavaleiros, e de Sir Cador.

CAPÍTULO VII

Como Lucius enviou certos espiões em emboscada para recapturar seus homens que haviam sido feitos prisioneiros, e como eles foram impedidos de fazê-lo.

Voltemos agora ao Imperador de Roma, que ficou sabendo dos prisioneiros que seriam enviados para Paris e logo mandou que certos cavaleiros e príncipes, com um exército de sessenta mil homens, se postassem para uma emboscada na qual deveriam resgatar os cavaleiros e os nobres reféns. Assim, pela manhã, Sir Lancelote e Sir Cador, comandantes de todos os que formavam a guarda para o transporte dos prisioneiros, deviam atravessar um bosque. O primeiro, então, mandou alguns de seus homens para verificar se havia algum inimigo naquele local. Quando os referidos cavaleiros adentraram o bosque, procuraram e avistaram o que havia sido preparado. Assim, pois, regressaram para informar Sir Lancelote sobre uns sessenta mil romanos à espera deles. Distribuindo seus cavaleiros e homens de armas que possuía, e que não passavam de dez mil, Sir Lancelote enfrentou os inimigos e os combateu bravamente, matando e mutilando muitos, inúmeros cavaleiros e almirantes aliados dos romanos e dos sarracenos, além do Rei de Lyly e três grandes senhores, Aladuke, Herawd e Heringdale. Mas Sir Lancelote lutou tão bravamente que homem algum conseguiria enfrentar os golpes de sua mão; onde quer que estivesse, mostrava suas façanhas e sua força, e assim matou um sem-número de adversários por todos os lados. Romanos e sarracenos trataram de fugir dele como o cordeiro foge do lobo ou do leão, e todos os que sobreviveram bateram em retirada.

Enquanto transcorria a batalha, chegaram notícias ao Rei Arthur, que não tardou a se preparar. Lá chegando, viu como seus cavaleiros haviam conquistado a vitória e estreitou cada um deles nos braços, dizendo: Mereceis toda a honra e todo louvor. Jamais rei algum senão eu mesmo teve tão nobres cavaleiros. Senhor, disse Cador, nenhum de nós desamparou seus companheiros, mas não há palavras para descrever as proezas e a bravura de Sir Lancelote, e também de seus primos, que, no dia de hoje, realizaram muitas nobres façanhas de guerra. Sir Cador disse ainda ao monarca que alguns de seus cavaleiros haviam morrido, tais como Sir Berel e outros dois excelentes homens, Sir Moris e Sir Maurel. Então, o rei chorou e enxugou as lágrimas com um lenço. Vossa coragem, disse ele, quase vos destruiu. Voltastes para enfrentá-los e não manchastes vossa honra, mas eu diria que foi um ato de loucura, pois cavaleiros devem aguardar quando os inimigos os superam em

número. Não, retrucaram Lancelote e o outro, pois, uma vez que se caiu em desgraça, não há recuperação possível.



CAPÍTULO VIII

Como um senador relatou ao imperador a derrota de suas tropas e também da grande batalha travada entre Arthur e Lucius.

Deixemos agora o Rei Arthur e seus nobres cavaleiros, que saíram vencedores do campo de batalha e levaram seus prisioneiros para Paris, e tratemos de um senador que sobreviveu ao confronto e veio procurar Lucius, dizendo-lhe: Meu imperador, eu vos aconselho a bater em retirada. O que fazeis aqui? Por certo não conseguireis nada nestas plagas, a não ser sofrer golpes terríveis, pois hoje um dos cavaleiros de Arthur valeu sozinho por centenas dos nossos. Maldito sejais, replicou Lucius, pois falais como um covarde, e vossas palavras me causam mais dor do que todas as perdas que sofremos neste dia. Sem mais tardar, mandou chamar um rei, Sir Leomie, com grande exército, e lhe ordenou que se preparasse o mais depressa possível, declarando ainda que partiria logo depois dele. O Rei Arthur foi alertado secretamente e enviou seus homens para Sessoine, onde se apoderou de cidades e castelos dos romanos. Depois, ordenou que Sir Cador assumisse a retaguarda, levando consigo alguns cavaleiros da Távola Redonda. Já Sir Lancelote, Sir Bors, Sir Kay, Sir Marrok e Sir Marhaus devem esperar pela nossa pessoa, acrescentou o monarca. Assim, o Rei Arthur dividiu suas hostes em diversos pelotões, a fim de que seus inimigos não pudessem escapar.

Quando o imperador penetrou no vale de Sessoine, viu onde o Rei Arthur estava posicionado com o estandarte tremulando ao seu lado. Como estava cercado por seus inimigos, precisaria lutar ou ceder, já que não teria como fugir, mas declarou aos romanos: Senhores, eu vos aviso que, neste dia, tereis que combater e agir como homens. Lembrai-vos que Roma dominou e ainda lidera o mundo inteiro, portanto, não admiti que esses bretões nos dominem hoje. E, dizendo isto, ordenou que soassem as trombetas emitindo aquele som sangrento que fez o solo estremecer.

Então, os exércitos se aproximaram com todo o ímpeto, e podiam-se ouvir os gritos de ambas as partes. Também de ambas as partes foram desfechados golpes fabulosos, e muitos homens caíram de seus cavalos, feridos e mortos. E, naquele dia, viram-se tantas grandes demonstrações de valentia e de proezas guerreiras que as nobres façanhas de cada um daqueles homens ocupariam um volume inteiro se pretendêssemos narrá-las. Devemos, porém, destacar o Rei Arthur, que cavalgava por todo o campo de batalha, exortando seus homens a terem um bom desempenho e, com as próprias mãos, realizou os mais nobres feitos que um homem poderia

realizar. Empunhou sua espada Excalibur e esperou até os romanos estarem em maior número e atacando mais furiosamente sua gente. De imediato rumou naquela direção e saiu distribuindo golpes a torto e a direito, conseguindo salvar seus soldados e matando um grande gigante chamado Galapas, um homem altíssimo e corpulento. O rei cortou ambas as suas pernas na altura dos joelhos e disse: Agora tens um tamanho mais adequado do que antes. E, então, decepou-lhe a cabeça. Nesse combate, Sir Gawaine lutou bravamente e matou três almirantes inimigos. O mesmo se deu com todos os cavaleiros da Távola Redonda e, por isto, o confronto entre o Rei Arthur e o Imperador Lucius se estendeu por muito tempo. Este último tinha ao seu lado inúmeros sarracenos que foram mortos. Foi, portanto, uma luta acirrada, e a toda hora um dos exércitos se via em vantagem e, logo depois, em desvantagem, situação que durou muito tempo, até que, finalmente, o Rei Arthur viu onde o Imperador Lucius estava combatendo e fazendo maravilhas com as próprias mãos. Sem mais tardar, rumou em sua direção. Investiram ferozmente um contra o outro, e ambos se infligiram golpes violentos. Por fim, Lucius acertou Arthur no rosto, provocando no rei uma grande ferida. Ao perceber que havia sido atingido, o monarca desferiu tamanho golpe em seu adversário que a lâmina de Excalibur lhe abriu a cabeça e chegou até o peito. Assim, o imperador caiu morto, e sua vida teve fim.

Quando se espalhou a notícia de que Lucius estava morto, os romanos trataram de reunir seu exército e bater em retirada. O Rei Arthur e seus cavaleiros partiram em seu encalço e mataram todos que conseguiram alcançar. Com isso, a vitória foi atribuída ao Rei Arthur, que saiu do confronto em triunfo. Entre os adversários, registraram-se mais de cem mil mortes. Depois de despojarem os corpos, o monarca ordenou que fossem enterrados todos os seus homens que haviam morrido em combate, cada qual de acordo com seu estado e grau. Depois, todos os feridos foram encaminhados aos cirurgiões para serem tratados, e Arthur ordenou que não se poupassem unguentos ou remédios até que todos estivessem curados.

Então, o rei cavalgou até o local onde o Imperador Lucius jazia morto. Junto dele, encontrou também os corpos do Sultão da Síria, do Rei do Egito e da Etiópia, que eram dois nobres monarcas, e ainda dezessete outros reis de diversas regiões, além de sessenta senadores de Roma, todos nobres. Aqueles cadáveres receberam bálsamos e resinas aromáticas e foram cobertos com sessenta camadas de véus e encerrados em baús de chumbo para evitar a decomposição e o mau cheiro. Sobre esses corpos, depositaram-se ainda seus escudos, suas armas e seus pavilhões para que todos soubessem de que país cada um deles se originava. Mais adiante, encontraram três senadores que ainda estavam vivos, e o rei lhes disse: Para salvar suas vidas, desejo que leveis os corpos desses mortos até Roma e os apresenteis aos Potentados de minha parte, mostrando-lhes minhas credenciais e

dizendo-lhes ainda que em breve estarei pessoalmente em Roma. Suponho que os romanos tenham entendido que não devem me cobrar qualquer tributo. E ordeno que, ao chegar à sede do império, digais aos Potentados, a todo o Conselho e ao Senado que lhes envio esses corpos como o tributo que eles pretenderam cobrar de mim. Caso isso não os satisfaça, posso pagar um pouco mais quando for até lá, pois não lhes devo nem vou pagar qualquer outro tributo. Creio mesmo que isso é suficiente para a Bretanha, a Irlanda e toda a Germânia. Ademais, encarrego-vos de lhes dizer que ordeno, sob pena de morte, que jamais voltem a me cobrar qualquer tributo ou taxa, nem a mim nem a nenhuma de minhas terras. Obedecendo a tais ordens e comandos, os três referidos senadores partiram levando consigo os cadáveres e instalando o corpo de Lucius em uma carroça coberta com as armas do império. Logo a seguir, em outro veículo, dois corpos de reis e, mais atrás, os dos senadores. Rumaram para Roma e, lá chegando, exibiram aos potentados e aos senadores o legado que traziam e a mensagem do Rei Arthur. Relataram a batalha travada na França, sua derrota e a quantidade de baixas sofridas. Diante disso, os romanos decidiram nunca mais travar uma guerra contra o nobre conquistador Arthur, pois não havia como duvidar do poderio e das façanhas dos nobres reis e do grande número de cavaleiros da Távola redonda a quem ninguém na terra poderia se comparar.

CAPÍTULO IX

Como Arthur, depois de concluída a batalha contra os romanos, adentrou a Germânia e também a Itália.

Voltemos agora ao Rei Arthur e seus nobres cavaleiros, que, depois da grande batalha vencida contra os romanos, adentraram Lorena, em Brabante e em Flandres. De lá passaram à Alta Alemanha e, cruzando as montanhas, chegaram à Lombardia e depois à Toscana, onde uma cidade não quis se render nem obedecer em hipótese alguma, razão pela qual o Rei Arthur a cercou, mantendo-a assim por longo tempo, atacando-a diversas vezes, mas os que ali se encontravam se defenderam bravamente. Então, em certo momento, o rei chamou Sir Florence, um cavaleiro, e disse-lhe que os víveres começavam a faltar. Não longe daqui, prosseguiu ele, há grandes florestas e bosques onde muitos de meus inimigos possuem grande quantidade de gado. Desejo que vos prepareis para ir até lá em busca de alimento e levando convosco meu sobrinho, Sir Gawaine, Sir Wisshard, Sir Clegis, Sir Cleremond e o capitão de Cardiff, entre outros. E trazei todos os animais que conseguirdes.

Tais cavaleiros logo se prepararam e saíram cavalgando por montes e colinas, atravessando florestas e bosques, até chegarem a um formoso prado coberto de relva e de flores, local onde descansaram, homens e cavalos, durante toda aquela noite. Ao raiar do dia seguinte, Sir Gawaine pegou seu cavalo e, discretamente, afastou-se do grupo em busca de alguma aventura. Pouco depois, avistou um homem armado que cavalgava tranquilamente pela orla de um bosque, com o escudo pendendo do ombro e montando um forte corcel. Por criado, tinha apenas um pajem portando uma lança poderosa. No seu escudo, viam-se três grifos de ouro em um carbúnculo negro e o chefe em prata. Ao ver esse garboso cavaleiro, Sir Gawaine ergueu a lança e cavalgou em sua direção, perguntando-lhe de onde ele era. O outro lhe respondeu que era da Toscana e perguntou a Sir Gawaine: O que pretendeis, cavaleiro orgulhoso, agindo assim com tanta audácia? Não precisais ter pressa e podeis provar o que desejardes, pois antes de partirdes sereis meu prisioneiro. Muito vos vanglorieis, replicou Gawaine, e vossas palavras são cheias de soberba, mas, apesar de toda a vossa presunção, é melhor que vos prepareis e pegueis vossas armas antes que vos aconteça um mal maior.

CAPÍTULO X

De uma batalha travada por Sir Gawaine contra um sarraceno que, depois, se rendeu e se tornou cristão.

Os dois então empunharam suas lanças e investiram um contra o outro com toda a força possível. Atingiram-se mutuamente no ombro, atravessando os escudos. De imediato, sacaram as espadas e começaram a desfechar golpes tão violentos que chegavam a sair faíscas de seus elmos. Sentindo-se aturdido, Sir Gawaine, empunhando Galatine, sua excelente espada, perfurou o escudo, a espessa cota feita de malhas bem grossas e, num golpe súbito, quebrou as pedras preciosas abrindo, em seu adversário, um corte tão grande que era possível ver tanto seu fígado quanto seus pulmões. Soltando um grunhido, o cavaleiro investiu contra Sir Gawaine e, usando a mão esquerda, abriu nele uma grande ferida atingindo uma veia, o que lhe causou muita dor e uma grande perda de sangue. Então, seu adversário lhe disse: atai vosso ferimento para conter esse sangramento. Estais ensanguentando vosso cavalo e vossa bela armadura, e nem todos os barbeiros da Bretanha conseguirão estancar este sangue, pois aquele que é ferido com esta lâmina jamais para de sangrar. Isto não me causa tanto sofrimento, retrucou Sir Gawaine. Vossas palavras exageradas não me assustam nem diminuem minha coragem. Sabei que ainda havereis de padecer muito antes de nos separarmos, mas dizei-me logo quem é capaz de estancar meu sangramento. Eu posso, replicou o outro, se quiser, e farei isto se aceitares me socorrer e me auxiliar a me tornar cristão e acreditar em Deus. Por isso, apelo para vossa humanidade, o que reverterá em grande mérito para vossa alma. Prometo, com a ajuda de Deus, disse Sir Gawaine, realizar vosso desejo. Antes, porém, dizei-me o que andais buscando aqui sozinho, de que terra vindes e a quem prestais vassalagem. Senhor, disse ele, meu nome é Príamo, e meu pai é um poderoso príncipe que se rebelou contra os romanos e destruiu muitas das terras do império. Meu pai é descendente de Alexandre e de Heitor em linha direta, e o Duque Josué e Macabeu faziam parte de nossa linhagem. Sou o herdeiro legítimo de Alexandria e da África, e de todas as ilhas ao seu redor. Mesmo assim, desejo crer no Senhor em quem acreditais. E, como recompensa por todo vosso trabalho, poderei vos dar muitos tesouros. Eu tinha tanto orgulho e altivez no coração que julgava não haver homem algum que a mim se pudesse comparar. Fui mandado para a guerra com cerca de cento e quarenta cavaleiros e, agora, deparei convosco, que me destes a justa medida de meu valor. Por isso, senhor cavaleiro, rogo que me digais quem sois. Não sou um

cavaleiro, respondeu Gawaine. Fui criado por muitos anos nos aposentos do nobre Rei Arthur, onde devia cuidar de sua armadura e de seus outros equipamentos, além de pôr faixas em suas túnicas. No último Yule, ele me fez seu ajudante, dando-me um cavalo, arreios e cem libras em dinheiro; e, se a sorte me for favorável, não tenho dúvidas de que logo estarei em posição mais avançada e receberei mais ajuda de meu soberano. Ah!, exclamou Príamo, se os soldados de vosso rei são tão hábeis e fortes, seus cavaleiros devem ser excelentes. Agora, pelo amor do Rei dos Céus, quer sejais simples ajudante ou cavaleiro, dizei-me vosso nome. Por Deus, replicou Sir Gawaine, desta vez vos direi a verdade. Chamo-me Sir Gawaine, vivo na sua corte, privo de seu convívio, sou um dos cavaleiros da Távola Redonda, e ele próprio me fez duque. Assim sendo, não é de espantar que tantas graças me tenham sido concedidas, pois foi a bondade de Deus que me deu minha força. Ao ouvir isto, replicou Príamo, fico mais satisfeito do que se me houvésseis dado toda a Provença e a rica Paris. Mil vezes ser destroçado por cavalos selvagens do que ser derrotado por um bandoleiro, ou mesmo que um pajem ou simples soldado houvesse conquistado tal vitória sobre mim. Agora, senhor cavaleiro, devo alertar a vós que o Duque de Lorena está bem perto daqui com seu exército, além dos mais nobres homens da província do Delfinado, vários nobres da Lombardia com a guarnição de São Gotardo e sarracenos das Terras do Sul, que são sessenta mil bons homens de armas. Portanto, se não partirmos imediatamente, sofreremos grandes danos, pois estamos ambos bem feridos e não devemos nos recuperar a tempo. Cuidai, porém, para que meu pajem não toque a trombeta, porque, se isso acontecer, cem cavaleiros que protegem a minha pessoa e que estão bem perto daqui hão de acorrer e, se vos prenderem, nenhum resgate em ouro ou prata vos poderá salvar.

Então, Sir Gawaine atravessou um rio para salvar-se e foi seguido pelo cavaleiro. E assim cavalgaram até chegar ao prado onde se encontravam seus companheiros e onde haviam passado a noite inteira. Assim que Sir Wisshard avistou Sir Gawaine e percebeu que ele estava ferido, correu aflito, chorando, e lhe perguntou quem o havia deixado naquele estado. O cavaleiro lhe contou que lutara com o homem, que ambos se feriram mutuamente e, por fim, que tinha bálsamos para curá-los. Mas tenho outras notícias a transmitir, acrescentou Sir Gawaine. Não tardaremos a enfrentar muitos inimigos.

Os recém-chegados apearam, deixando os cavalos pastando no prado. Ao tirarem as armaduras, suas feridas voltaram a sangrar. Príamo pegou das mãos de seu pajem um frasco contendo as quatro águas que saíam do Paraíso. Ungiu os ferimentos de ambos com um bálsamo, lavou-os com aquelas águas e em uma hora os dois estavam mais saudáveis que nunca. Então, um toque de trombeta chamou todos para formarem um conselho, durante o qual Príamo lhes disse que vários senhores e cavaleiros haviam jurado resgatá-lo e que, com toda a certeza, seriam

atacados por muitos milhares de homens, razão pela qual aconselhava que se retirassem dali. Sir Gawaine retrucou, porém, que seria grande vergonha debandarem assim sem desferir um golpe sequer. Por isso, prosseguiu ele, recomendo que tomemos nossas armas e nos preparemos para enfrentar esses sarracenos e hereges. Com a ajuda de Deus, conseguiremos vencê-los e teremos um dia cheio de honra. Já Sir Florence permanecerá nesse prado para resistir firme, como nobre cavaleiro que é, e não abandonaremos nossos companheiros. Ora, retrucou Príamo, cessai de imediato com tais argumentações, pois devo prevenir-vos que encontrareis, naqueles bosques, toda uma multidão de cavaleiros perigosos. Soltarão as bestas para vos atrair, já que são em grande número, e vosso grupo não tem mais de setecentos homens, o que é pouquíssimo para enfrentar tão grande contingente. Apesar de tudo, disse Sir Gawaine, vamos enfrentá-los e ver do que são capazes. E que vençam os melhores.



CAPÍTULO XI

Como os sarracenos saíram de um bosque para resgatar suas feras e a grande batalha que se sucedeu.

Então Sir Florence chamou Sir Floridas, e, acompanhados de cem cavaleiros, saíram levando o rebanho de animais. Atrás deles, iam setecentos homens de armas. De súbito, saiu do bosque Sir Ferrante de Espanha, montando um formoso corcel e, dirigindo-se a Sir Florence, perguntou-lhe por que estavam fugindo. Sir Florence atacou-o com sua lança, ferindo-o na testa e quebrando o osso de seu pescoço. Ao ver isso, todos os demais ficaram muito tocados e resolveram vingar a morte de Sir Ferrante. Assim, travou-se uma grande batalha que deixou muitos mortos e muitos homens caídos pelo chão. Já Sir Florence e seus cem cavaleiros opuseram feroz resistência a tal ataque e lutaram bravamente.

Quando Príamo, o bom cavaleiro, viu tal enfrentamento, foi procurar Sir Gawaine, pedindo-lhe que o deixasse ir em auxílio de seus companheiros, que estavam padecendo muito nas mãos dos inimigos. Não vos aflijais, replicou Sir Gawaine, pois a supremacia será deles. Nem uma única vez moverei meu cavalo em sua direção, a menos que veja mais gente do que está ali, pois eles são fortes o bastante para vencê-los.

Nesse momento, viu um conde chamado Sir Ethelwold e o duque dos holandeses surgirem do seio do bosque com muitos milhares de homens e todos os cavaleiros de Príamo, rumo à batalha. Então, Sir Gawaine tranquilizou seus cavaleiros, pedindo-lhes que não se deixassem abater. Não são páreos para nós, declarou. Partiram a galope, investiram contra os inimigos e houve homens derrubados e mortos de todos os lados. Foi então que intervieram os cavaleiros da Távola Redonda, derrubando por terra tudo que vissem pela frente, a tal ponto que seus adversários começaram a recuar e a fugir. Por Deus, exclamou Sir Gawaine, como isso me alegra o coração! Agora já são menos de vinte mil. Nesse momento, entrou no combate um gigante chamado Jubance. A cada golpe, matava e feria muitos de nossos cavaleiros, entre os quais Sir Gherard, um cavaleiro de Gales. Diante disso, seus companheiros, com ânimo redobrado, mataram inúmeros sarracenos. E, então, Sir Príamo surgiu com seu pendão, cavalgando entre os cavaleiros da Távola Redonda, e lutou tão bravamente que muitos dos inimigos perderam a vida. Foi ali que ele matou o marquês da terra de Moisés e de Sir Gawaine, e seus companheiros se saíram tão bem que acabaram por vencer o combate. Mas ali morreu Sir Chestelaine, o jovem guardião de Sir Gawaine, o que

causou grande sofrimento a este último. Sua morte, porém, foi prontamente vingada e, ao final da batalha, muitos senhores da Lombardia e sarracenos jaziam mortos no chão.

Sir Florence e Sir Gawaine logo trataram de arranjar abrigo seguro para seus homens, apoderaram-se de grande quantidade de gado, ouro, prata e grandes tesouros e riquezas. Só então seguiram ao encontro do Rei Arthur, que continuava mantendo o cerco à cidade. Quando chegaram diante do monarca, apresentaram-lhe seus prisioneiros e contaram suas aventuras e como haviam vencido seus inimigos.

CAPÍTULO XII

Como Sir Gawaine voltou para a corte do Rei Arthur com seus prisioneiros e como o rei conquistou uma cidade e foi coroado imperador.

Agora, demos graças a Deus, disse o nobre Rei Arthur. Mas quem é aquele homem ali sozinho e que não parece prisioneiro? Senhor, respondeu Sir Gawaine, trata-se de um bom homem de armas que lutou comigo, mas se rendeu a Deus e a mim para tornar-se cristão. Se não fosse por ele, jamais teríamos voltado. Por isso, rogo à Vossa Majestade que ele possa ser batizado, pois não existe homem mais nobre nem cavaleiro com mais habilidade com as mãos. O rei mandou então que ele fosse imediatamente batizado, determinando que se chamasse Príamo, e fez dele um duque e cavaleiro da Távola Redonda. Em seguida, ordenou que a cidade fosse atacada. Ergueram-se escadas, quebraram-se muralhas, encheram-se fossos para que pudessem entrar facilmente na cidade. Nesse momento, saiu uma duquesa e a condessa Clarisin, acompanhadas de inúmeras damas e donzelas. Ajoelhando-se diante do Rei Arthur, imploraram, pelo amor de Deus, que recebesse a cidade e não a tomasse de assalto, pois, nesse caso, morreriam muitos inocentes. O monarca ergueu então a viseira do elmo e, assumindo uma atitude nobre e modesta, respondeu: Senhora, nenhum de meus vassalos vos ofenderá. Nem a vossas donzelas ou a qualquer um dos vossos. Mas o duque deve aguardar meu julgamento. Dito isto, Arthur mandou que cessassem as manobras para o assalto, e o filho mais velho do duque saiu, trazendo as chaves. De joelhos, entregou-as ao rei, suplicando-lhe clemência. Assim, pois, o monarca tomou a cidade, com o aval de seus senhores, prendeu o duque, enviando-o para Dover, onde ele seria prisioneiro pelo resto da vida, e destinou rendas em benefício da duquesa e de seus filhos.

Em seguida, designou senhores para governar aquelas terras e estabelecer suas leis, como deve fazer um senhor em seu próprio país. Depois disso, partiu em direção a Roma, mandando à sua frente Sir Florence e Sir Floridas, acompanhados de quinhentos homens de armas. Estes, ao chegarem à cidade de Urbino, emboscaram-se no local que lhes pareceu mais apropriado e passaram cavalgando diante da fortificação de onde logo saiu muita gente para enfrentar os forasteiros. De súbito, seus homens deixaram o local em que estavam emboscados, tomaram a ponte e depois a cidade em cujas muralhas hastearam a bandeira do rei. Quando chegou ao topo de uma colina, o rei avistou a cidade com sua bandeira tremulando no alto dos muros e logo soube que ela havia sido conquistada. Mandou então que

nenhum de seus vassalos violasse ou se deitasse com dama, esposa ou donzela alguma. Ao entrar na cidade, foi direto para o castelo, confortou os que estavam sofrendo e nomeou capitão um cavaleiro de seu próprio país.

Assim que os habitantes de Milão souberam que aquela localidade havia sido conquistada, enviaram ao Rei Arthur grandes quantias de dinheiro, suplicando-lhe que, como seu senhor, tivesse piedade deles e prometendo devoção eterna, rendendo-lhe homenagem e vassalagem pelas terras de Placenza e Pávia, Pietrasanta e Pontremoli, além de lhe dar a cada ano um milhão em ouro enquanto ele vivesse. O rei entrou a seguir na Toscana, conquistou aldeias e castelos, assolando todas as localidades que se recusassem a obedecer. Seguiu até Spoleto e Viterbo e, dali, entrou no vale de Visconte, atravessando os vinhedos. Desse lugar, enviou mensageiros aos senadores para saber se estavam dispostos a reconhecê-lo como seu soberano. Pouco depois, porém, em um sábado, vieram ao seu encontro todos os senadores que haviam sobrevivido, além dos mais nobres cardeais que moravam então em Roma. Estes lhe suplicaram pela paz, fizeram-lhe grandes oferendas e rogaram que, como governante, lhes concedesse seis semanas para convocar todos os romanos e coroá-lo imperador e ungi-lo como convém a tal dignidade. Concedo-vos o que me pedis, replicou o rei. Serei coroado no dia de Natal e celebrarei tal coroação em minha Távola Redonda com meus cavaleiros, da forma que me aprouver. Então, os senadores começaram a preparar sua entronização. No dia marcado, portanto, como narra o romance, Arthur entrou em Roma e foi coroado imperador pelas mãos do Papa, com toda a pompa que se possa imaginar. Permaneceu ali por algum tempo e estabeleceu todas as suas terras, de Roma até a França. Deu terras e reinos a seus servidores e cavaleiros, segundo os méritos de cada um, de tal forma que ninguém teve do que se queixar, nem os ricos nem os pobres. A Sir Príamo, concedeu o ducado de Lorena, e este ficou muito grato, prometendo que serviria a seu soberano todos os dias de sua vida. Depois, nomeou duques e condes, e fez de todos eles homens ricos.

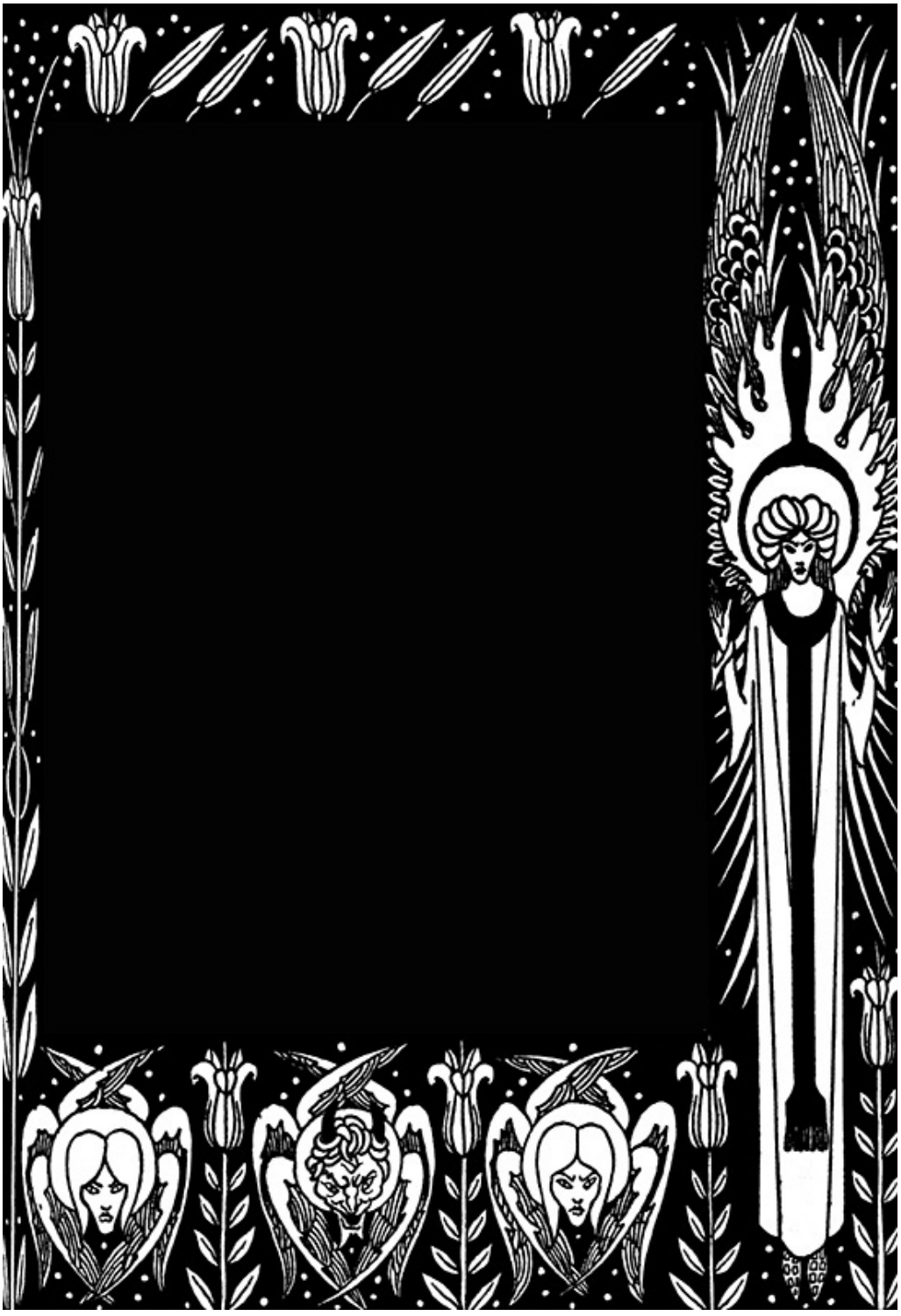
Diante de tais atos, seus cavaleiros e nobres se reuniram à sua frente, dizendo: Graças a Deus, vossa guerra terminou e vosso trabalho de conquista foi realizado. Não conhecemos ninguém que seja tão grande e poderoso a ponto de ousar vos declarar guerra. Por isso, vos rogamos que possamos voltar para casa e que nos permitis regressar para nossas esposas, de quem estamos afastados há tanto tempo. E, lá, poderemos descansar, pois vossa jornada foi concluída com honra e glória. Ao que o rei replicou: É bem verdade o que dizeis e, portanto, ide tratar dos preparativos para retornarmos à Inglaterra. Sem mais tardar, todos ali começaram a carregar armamentos, bagagens e inúmeras carroças. Concedida tal permissão, o rei voltou e ordenou que nenhum homem, sob pena de morte, roubasse víveres ou qualquer outra coisa pelo caminho, mas que pagassem por tudo que desejassem. Cruzou o mar e desembarcou em Sandwich, onde a rainha

Guinevere, sua esposa, veio correndo ao seu encontro. Ele foi magnificamente acolhido por todos os plebeus de cada cidade ou burgo. Por onde quer que passasse, grandes presentes lhe foram ofertados como forma de lhe dar as boas-vindas.

Aqui se encerra o livro quinto da conquista que o Rei Arthur obteve contra Lucius, Imperador de Roma, e segue-se o livro sexto, que é sobre Sir Lancelote do Lago.

LIVRO VI





CAPÍTULO I

Como Sir Lancelote e Sir Leonel partiram da corte e como este último deixou o primeiro dormindo e acabou sendo capturado.

ouco depois que o Rei Arthur regressou de Roma para a Inglaterra, todos os cavaleiros da Távola Redonda vieram pedir ao monarca que realizasse muitas justas e torneios. Alguns, que eram homens de poucos méritos, destacaram-se tanto em feitos de armas e honra que sobrepujaram todos os seus companheiros em proezas e nobres façanhas. Tal se deu com muitos deles, mas especialmente com Sir Lancelote do Lago, pois, em todos os torneios, justas e feitos de armas, em situações de vida ou morte, ele venceu todos os demais cavaleiros e não foi derrotado em nenhuma ocasião, a menos que se tratasse de traição ou de encantamentos. Cresceu assim tão maravilhosamente tanto em honra quanto em valor que é o primeiro cavaleiro que o livro francês menciona depois que o Rei Arthur retornou de sua viagem a Roma. Também por essa razão, mais do que qualquer outro, ele se tornou o favorito da Rainha Guinevere e, por certo, amou a rainha acima de todas as outras damas e donzelas de sua vida e, por ela, realizou numerosas façanhas e a salvou da fogueira com sua nobre arte da cavalaria.

Por muito tempo, Sir Lancelote esteve às voltas com jogos e diversões. Mas, em seguida, teve a ideia de testar a si mesmo enfrentando estranhas aventuras e pediu a seu sobrinho, Sir Leonel, que se preparasse, pois ambos partiriam em busca de tais aventuras. Os dois montaram seus cavalos, armados com todos os aparatos necessários, e se embrenharam em uma floresta densa até chegarem a uma planície profunda. Por volta do meio-dia, o calor estava forte, e Sir Lancelote teve vontade de dormir. Sir Leonel avistou uma grande macieira perto de uma cerca viva e disse: Ali adiante, há uma bela sombra onde poderemos descansar e nossos cavalos também, irmão. Boa ideia, gentil irmão, replicou seu companheiro, pois há anos não sentia tanto sono quanto agora. Tão logo desmontaram e amarraram os cavalos a árvores diferentes. Sir Leonel ficaria de vigília, então Sir Lancelote se

deitou ao pé da macieira, apoiando a cabeça no elmo, e não tardou a adormecer profundamente.

Nesse meio-tempo, surgiram três cavaleiros fugindo a todo galope de um único cavaleiro. Ao vê-lo, Sir Leonel achou que jamais vira homem tão grande, nem tão garboso ou tão bem aparelhado em todos os aspectos. Em poucos instantes, o cavaleiro forte já havia alcançado um dos três que fugiam e o derrubou na terra fria, onde a vítima ficou estendida. Investiu então contra o segundo e desfechou tamanho golpe que homem e cavalo caíram no chão. Em seguida, atacou o terceiro cavaleiro sem se aproximar mais do que a extensão de sua lança e o atingiu por trás, derrubando-o de sua montaria. Então, apeou e, segurando o animal pelas rédeas, amarrou os três cavaleiros com as correias de seus próprios arreios. Diante de tal demonstração, Sir Leonel desejou enfrentá-lo e logo se preparou. Sem fazer qualquer ruído, pegou o cavalo e decidiu não despertar Sir Lancelote. Uma vez montado, alcançou o cavaleiro forte e lhe pediu que se virasse. O outro, porém, lhe deu um golpe tão certeiro que homem e cavalo caíram no chão. Seu vencedor desmontou, prendeu-o à própria montaria, como fizera com os outros, e partiu levando então os quatro cavaleiros para seu castelo. Lá chegando, os desamarrou e mandou que se despissem. Nessa condição, começou a açoitá-los com espinhos e, em seguida, os encerrou em uma profunda masmorra onde havia muitos outros cavaleiros em grande sofrimento.



CAPÍTULO II

Como Sir Hector saiu à procura de Sir Lancelote e acabou capturado por Sir Turquine.

Quando Sir Hector de Maris soube que Sir Lancelote havia deixado a corte em busca de aventuras, ficou muito aborrecido consigo mesmo e se preparou para ir procurá-lo. Depois de haver cavalgado por muito tempo em meio a uma grande floresta, viu um homem que parecia ser um guardião daquele local. Gentil companheiro, perguntou ele, sabes de alguma aventura neste país que não fique longe daqui? Senhor, respondeu o outro, conheço bem esta região, e aqui mesmo, a uma milha de distância, há uma moradia bem cercada e guardada inclusive por fossos. Perto dela, do lado esquerdo, fica um formoso vau onde os cavalos podem beber e onde cresceu uma linda árvore da qual pendem muitos belos escudos que, em outras épocas, pertenceram a bons cavaleiros. No oco dessa árvore, pode-se ver uma vasilha de cobre e latão. Se golpeardes tal vasilha por três vezes com vossa lança, logo tereis notícias, se a graça vos for favorável, coisa que, em muitos anos, não aconteceu com nenhum dos cavaleiros que passaram por esta floresta. Muito obrigado, replicou Sir Hector, e, ao encontrar a árvore, viu pendendo dela muitos formosos escudos, entre os quais estavam o de seu irmão Sir Leonel e de tantos outros que sabia que eram seus companheiros da Távola Redonda. Diante de tal cena, Sir Hector ficou com o coração apertado e jurou vingar o próprio irmão.

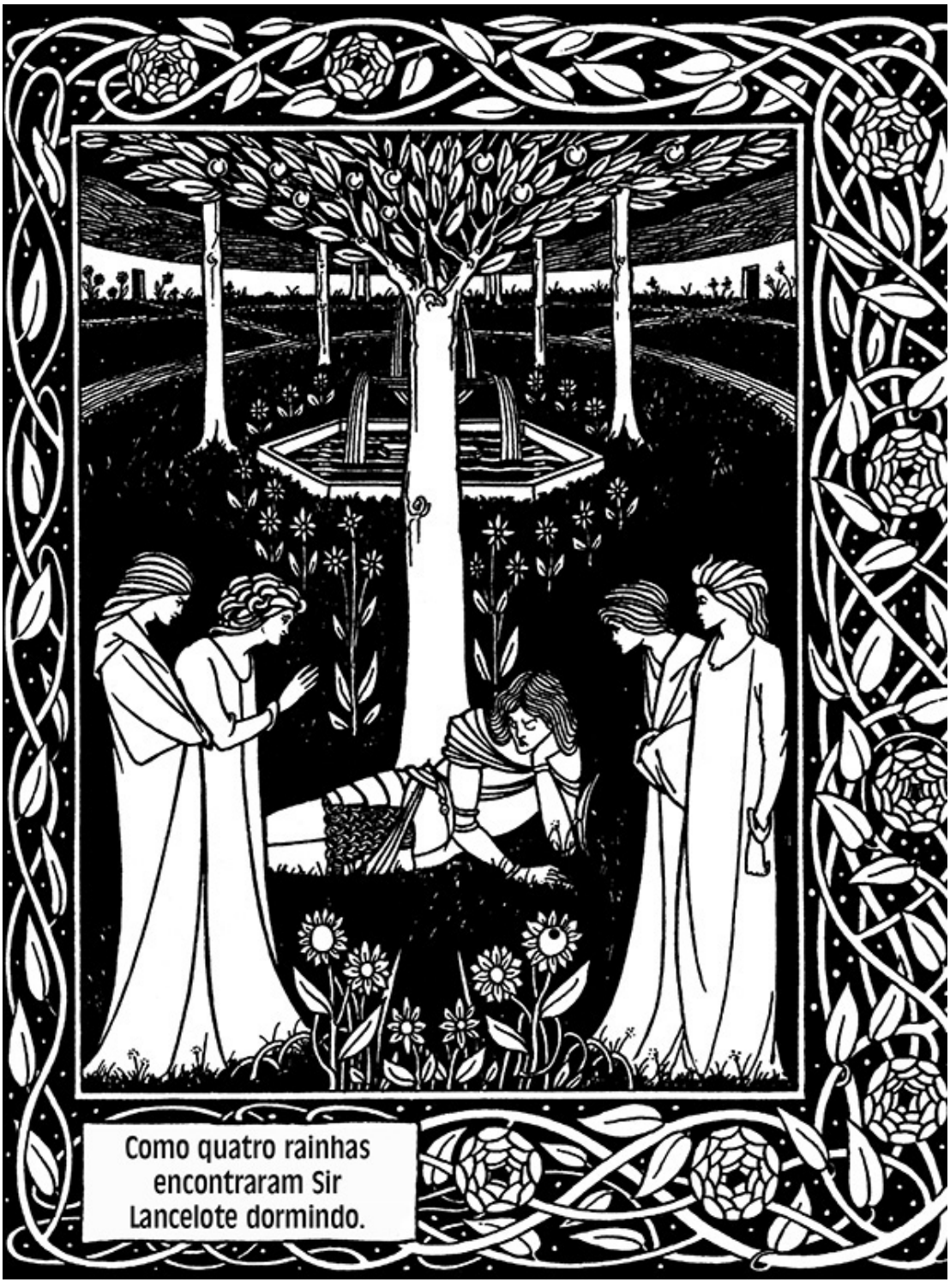
Atordoado, tratou de bater três vezes na tal vasilha e levou seu cavalo até o vau para beber água. Nesse instante, surgiu às suas costas um cavaleiro que o mandou sair da água e se preparar. Sir Hector se virou imediatamente e, lança em riste, desfechou tamanho golpe no recém-chegado que, com o impacto, a montaria do outro deu duas voltas. Belo ataque, disse o cavaleiro forte, e me foi dado segundo as regras da cavalaria. Dizendo isso, lançou sua montaria sobre Sir Hector, o segurou por baixo do braço direito, retirando-o da sela com facilidade. Saiu então cavalgando até sua residência e o jogou no chão. O nome desse cavaleiro era Sir Turquine. Já que me destes hoje mais do que qualquer outro cavaleiro nesses doze anos, disse ele, eu vos concederei a vida, contanto que me jureis ser meu prisioneiro pelo resto de seus dias. Não, retrucou Sir Hector. Jamais vos prometerei tal coisa, mas apenas a precedência. Pois lamento muito, replicou Sir Turquine. Mandou então que o desarmassem e que, inteiramente nu, ele fosse açoitado com espinhos. Depois, encerrou-o em um profundo calabouço,

onde Sir Hector reconheceu diversos companheiros. Mas, quando viu Sir Leonel, ficou profundamente inquieto. Ai, irmão!, exclamou. Onde está meu irmão Lancelote? Gentil irmão, respondeu Leonel, quando me afastei, ele estava dormindo à sombra de uma macieira e não sei o que lhe aconteceu. Ai!, lamentaram-se os dois cavaleiros. A menos que Sir Lancelote nos ajude, jamais poderemos ser libertados, pois, agora, sabemos que não há cavaleiro capaz de fazer frente a nosso amo Turquine.

CAPÍTULO III

Como quatro rainhas encontraram Sir Lancelote dormindo, e como, por meio de um encantamento, ele foi transportado para um castelo.

Deixemos agora esses cavaleiros aprisionados e falemos de Sir Lancelote do Lago, que está dormindo à sombra da macieira. Por volta do meio-dia, aproximaram-se dele quatro rainhas de alta condição, montadas em mulas brancas. Para que o calor não as incomodasse, cavalgavam ao seu lado quatro cavaleiros levando um toldo de seda verde apoiado sobre quatro lanças que as protegia do sol. Enquanto seguiam caminho, ouviram um grande cavalo relinchar terrivelmente ali perto. Foi então que avistaram um cavaleiro inteiramente armado que dormia deitado ao pé de uma macieira. Assim que viram seu rosto, as rainhas souberam que se tratava de Sir Lancelote e começaram a brigar entre si, cada uma delas dizendo que o queria por amante. Não devemos discutir, disse a Fada Morgana, irmã do Rei Arthur. Lançarei um feitiço sobre ele para que só desperte daqui a seis horas e mandarei transportá-lo até meu castelo. Quando ele estiver seguro, sob meu poder, desfarei o encantamento e, então, deixaremos que ele escolha qual de nós prefere ter como amante.



Como quatro rainhas encontraram Sir Lancelote dormindo.

E assim se fez. Lançado o feitiço sobre Sir Lancelote, deitaram-no sobre seu escudo e o levaram a cavalo, entre dois cavaleiros, até o castelo Chariot, onde o deixaram em uma câmara fria. Durante a noite, enviaram a este aposento uma formosa donzela levando-lhe uma ceia farta. Nesse meio-tempo, o efeito do encantamento já havia passado e, ao entrar no aposento, a jovem o saudou e lhe perguntou como estava. Não sei dizer, gentil donzela, disse Sir Lancelote, pois ignoro como vim parar neste castelo, a não ser que tenha sido por encantamento. Senhor, replicou a moça, deveis alegrar-vos, e se fordes o cavaleiro que dizem que sois, eu vos darei mais explicações amanhã, ao raiar do dia. Fico-vos muito grato, gentil donzela, disse Sir Lancelote, e aguardo vossa boa vontade. Então, a jovem se foi, e ele ficou deitado ali a noite inteira sem que ninguém viesse confortá-lo. Bem cedo, pela manhã, chegaram as quatro rainhas, todas muito bem trajadas, e lhe desejaram um bom-dia, cumprimento a que ele retribuiu.

Senhor cavaleiro, disseram as quatro rainhas, deveis saber que sois nosso prisioneiro e que, nestas plagas, bem sabemos que sois Sir Lancelote do Lago, filho do Rei Ban. Como conhecemos vossos méritos e sabemos que sois o mais nobre cavaleiro do mundo; e também sabemos que nenhuma dama pode possuir vosso amor a não ser a Rainha Guinevere, agora haveis de perdê-la para sempre, e ela a vós. Portanto, deveis escolher uma de nós quatro. Sou a Rainha Morgana, a Fada, soberana da terra de Gore, e aqui estão a rainha de Gales do Norte, a rainha da Terra de Oriente e a rainha das Ilhas Distantes. Escolhei, pois, qual de nós quereis ter por amante, pois ou fazeis tal escolha ou morrereis nesta prisão. Trata-se de escolha bem difícil, disse Sir Lancelote, ou morrer ou escolher uma de vós, embora prefira morrer com honra neste cárcere a ter uma de vós como amante independentemente de minha vontade. Por isso, eis aqui a minha resposta: não desejo escolher nenhuma de vós, pois sois falsas encantadoras. Quanto a minha senhora, a Rainha Guinevere, se eu estivesse em liberdade, como antes, provaria, contra vós mesmas ou contra vossos homens, que ela é a dama mais fiel a seu senhor em todo este mundo. Então esta é vossa resposta?, retrucaram as rainhas. Dizeis que nos recusa? Sim, respondeu Sir Lancelote. Eu vos recuso a todas. As quatro então se foram, deixando-o sozinho e extremamente aflito.

CAPÍTULO IV

Como Sir Lancelote foi libertado graças ao auxílio de uma donzela.

Por volta do meio-dia, chegou a donzela trazendo-lhe o jantar e lhe perguntou se estava bem. Na verdade, gentil donzela, respondeu Sir Lancelote, nunca estive tão mal em toda a minha vida. Lamento muito, senhor, replicou ela, mas, se quiserdes seguir o meu conselho, posso vos ajudar a sair desta tristeza e não sofrereis afronta nem crueldade. Contanto que me façais uma promessa. Gentil donzela, disse ele, tudo que quiserdes. Temo muito essas rainhas feiticeiras que já destruíram muitos bons cavaleiros. Tendes razão, senhor, assentiu a jovem. E, pela vossa fama e vossa honra, quiseram conquistar vosso amor. Dizem que vosso nome é Sir Lancelote do Lago, o primor da cavalaria, e todas estão muito aborrecidas porque vós as rechaçastes. No entanto, se prometerdes ajudar meu pai na próxima terça-feira, quando há de se realizar um torneio entre ele e o rei de Gales do Norte. Na terça-feira passada, meu pai foi derrotado por três cavaleiros da corte de Arthur. Prometei estar lá no próximo torneio para ajudar meu pai, e amanhã, antes da hora de prima, com a graça de Deus, hei de vos libertar completamente. Gentil donzela, replicou Sir Lancelote, dizei-me o nome de vosso pai e, então, tereis minha resposta. Senhor cavaleiro, disse ela, meu pai é o Rei Bagdemagus, que foi injustamente censurado no último torneio. Considero vosso pai um nobre rei e bom cavaleiro, declarou Sir Lancelote, e, por minha fé, prometo que tereis minha pessoa pronta a prestar serviço a vosso pai e a vós nesse dia. Fico-vos imensamente grata, disse ela. Esteja pronto amanhã, ao alvorecer, pois virei para vos libertar. Tereis vossa armadura, vosso cavalo, vosso escudo e vossa lança e, aqui perto, a cerca de dez milhas, existe uma abadia de monges brancos. Peço-vos que me aguardeis nesse local, e lá levarei meu pai a vosso encontro. Tudo isso farei, respondeu Sir Lancelote, como verdadeiro cavaleiro que sou.

A jovem então deixou o aposento e voltou bem cedo, pela manhã. Encontrando-o já pronto, soltou os doze ferrolhos que o prendiam, entregou-lhe sua armadura e esperou que ele a vestisse para conduzi-lo até onde estava seu cavalo. Sir Lancelote instalou os arreios com cuidado, pegou uma grossa lança e se pôs a caminho, dizendo: Gentil donzela, não falharei para convosco, com a graça de Deus. Passou o dia inteiro cavalgando por uma grande floresta sem encontrar nenhuma estrada. Quando a noite caiu, avistou, em uma clareira, uma tenda de sendal vermelho. Por minha fé, exclamou Sir Lancelote, passarei a noite

nesta tenda. Apeou, prendeu o cavalo a um dos pilares da tenda e se desarmou. Encontrando ali uma cama, deitou-se e adormeceu profundamente.

CAPÍTULO V

Como um cavaleiro encontrou Sir Lancelote dormindo na cama de sua amante, e como Sir Lancelote lutou contra tal cavaleiro.

Uma hora mais tarde, chegou o cavaleiro a quem pertencia a tenda. Acreditando que era sua amante que estava deitada no leito ali, deitou-se também, tomou Sir Lancelote nos braços e começou a beijá-lo. Quando este sentiu beijos de uma bárbara áspera, logo pulou da cama com o outro em seu encalço, ambos já desembainhando a espada. O recém-chegado saiu da tenda atrás do intruso e ali perto, junto a um pequeno bebedouro, Sir Lancelote o feriu quase mortalmente. O outro então se rendeu, e o vencedor disse que aceitaria sua rendição contanto que ele lhe explicasse por que havia se deitado naquele leito. Senhor, acrescentou, esta tenda é minha, e havia combinado com minha dama que ela viria dormir aqui comigo esta noite. Agora, vou decerto morrer por causa deste ferimento. Muito lamento havê-lo ferido, retrucou Sir Lancelote, mas temia uma traição, pois não faz muito tempo que fui vítima de um feitiço. Entrai em vossa tenda e tratai de descansar, porque creio que posso estancar vosso sangue. Entraram então os dois, e Sir Lancelote não tardou a conseguir deter o sangramento do cavaleiro.

Nesse instante, chegou a dama da tenda, que era muito formosa. Ao ver que seu senhor Belleus estava gravemente ferido, gritou com Sir Lancelote e caiu em prantos. Ficai tranquila, minha amada e senhora, disse Belleus, pois este cavaleiro é um bom homem, um cavaleiro andante. E lhe contou o que havia ocorrido e como fora ferido. Assim que me rendi, acrescentou ele, meu adversário prontamente aceitou e conseguiu estancar meu sangramento. Senhor, disse a dama, exijo que me digais que cavaleiro sois e como vos chamais. Gentil senhora, replicou ele, chamo-me Sir Lancelote do Lago. Era o que eu supunha, por causa de vossa fala, disse a dama, pois já vos vi inúmeras vezes antes e vos conheço melhor do que podeis imaginar. Mas agora queria vos pedir a cortesia de me prometer, por todo o mal que causastes a mim e a meu senhor Belleus, que, quando ele for à corte do Rei Arthur, façais com que ele seja sagrado cavaleiro da Távola Redonda, pois trata-se de um ótimo homem de armas e de um poderoso senhor de terras em muitas ilhas longínquas.

Gentil senhora, disse Sir Lancelote, arranjai para que ele se apresente na corte na grande festa que está por vir e ide em sua companhia. Se ele demonstrar ser valente no uso das armas, farei todo o possível para que vosso desejo seja realizado. Enquanto assim conversavam, a noite passou e clareou o dia. Então, Sir

Lancelote vestiu sua armadura, pegou seu cavalo e, depois que os dois lhe ensinaram o caminho da abadia, conseguiu lá chegar ao cabo de duas horas.

CAPÍTULO VI

Como Sir Lancelote foi recebido pela filha do Rei Bagdemagus e como se queixou ao pai da moça.

Assim que Sir Lancelote pisou no pátio da abadia, a filha do Rei Bagdemagus ouviu o ruído das patas de um cavalo grande no pavimento. Levantou-se, correu até uma janela e viu o cavaleiro. Logo mandou alguns homens para se encarregarem do cavalo, levando-o ao estábulo, e Sir Lancelote foi conduzido a um formoso aposento onde o desarmaram. A dama lhe enviou uma túnica comprida e pouco depois ela própria apareceu no aposento. Saudou o visitante com muitas demonstrações de alegria, dizendo-lhe que, para ela, não havia no mundo cavaleiro mais bem-vindo. Apressou-se a mandar que fossem buscar seu pai, Bagdemagus, que estava a doze milhas da abadia e que não tardou a chegar acompanhado de uma garbosa companhia de cavaleiros. Depois de apear do cavalo, foi diretamente para o aposento de Sir Lancelote e ali encontrou também sua filha. O rei então abraçou o cavaleiro, e os dois se saudaram com muita alegria.

Logo em seguida, o cavaleiro se queixou ao monarca, contando-lhe como havia sido traído, como seu irmão Leonel havia partido sozinho, sem que ele soubesse para onde, e como sua filha o havia libertado da prisão. Portanto, concluiu ele, enquanto eu viver, estarei a serviço dela e de todos os seus parentes. Então posso contar com vossa ajuda na terça-feira que vem?, perguntou o rei. Sim, senhor, respondeu Lancelote. Sem falta, pois fiz essa promessa a minha senhora vossa filha. Mas, dizei-me, senhor, que cavaleiros de meu soberano Arthur estavam com o rei de Gales do Norte? Sir Mador de la Porte, Sir Mordred e Sir Gahalantine, replicou o monarca, que derrotaram todos os meus cavaleiros, uma vez que, contra os três, nem eu nem meus homens conseguimos opor nenhuma resistência. Senhor, disse Sir Lancelote, como ouvi dizer que o torneio será realizado aqui, a três milhas desta abadia, rogo-vos que me envieis três de vossos cavaleiros que sejam de vossa inteira confiança e cuidai para que todos levem escudos brancos, sem qualquer pintura, exatamente como o meu. Nós quatro sairemos de um bosquezinho localizado entre ambos os grupos e surgiremos na frente de nossos inimigos infligindo-lhes o máximo de danos que pudermos. Mas, assim, ninguém saberá que cavaleiro sou eu.

Então, todos descansaram naquela noite de domingo e, depois, o rei partiu, enviando em seguida três cavaleiros com quatro escudos brancos. Na terça-feira, o

pequeno grupo se escondeu no bosquezinho bem denso que ficava próximo ao local onde se realizaria o torneio. Havia ali palanques e janelas de onde os senhores e as damas poderiam ter uma boa visão da liça e, mais tarde, atribuir os prêmios. Chegou então o rei de Gales do Norte com oito vintenas de elmos e, sem mais tardar, os três cavaleiros de Arthur se afastaram de seus companheiros. Em seguida, foi a vez do Rei Bagdemagus, que entrou na liça com quatro vintenas de elmos. Todos empunharam suas lanças e arremeteram contra o adversário com grande ímpeto. Nesse primeiro confronto, morreram doze cavaleiros do Rei Bagdemagus e seis do rei de Gales do Norte. E, com isso, o grupo do primeiro foi obrigado a recuar consideravelmente.

CAPÍTULO VII

Como Sir Lancelote se saiu em um torneio e como encontrou Sir Turquine, que conduzia Sir Gaheris.

Nesse momento, surgiu Sir Lancelote do Lago e atacou com a lança o ponto em que havia mais homens reunidos. Com esta investida, derrubou cinco cavaleiros, quebrando as costas de quatro deles. No tal agrupamento, estava também o rei de Gales do Norte, que fraturou uma das coxas. Os três cavaleiros de Arthur presenciaram todo o embate. Trata-se decerto de um cavaleiro experiente, observou Sir Mador de la Porte. Não esperemos mais para atacá-lo. Foi o que fizeram, mas Sir Lancelote derrubou Sir Mador, com montaria e tudo, e o homem deslocou o ombro. Agora é minha vez de justar, exclamou Mordred, pois Sir Mador sofreu uma queda bem séria. Assim que o viu, Sir Lancelote pegou uma lança bem grossa e investiu contra seu adversário, que quebrou a lança ao revidar. Ele, então, desfechou tamanho golpe que quebrou o arção da sela do cavalo de Mordred, fazendo com que este voasse por cima do pescoço do animal e caísse de cabeça no chão. O impacto foi tão forte que seu elmo penetrou na terra por mais de um pé, e ele por pouco não quebrou o pescoço, mas ficou estirado ali por um bom tempo, inconsciente.

Veio então Sir Gahalantine empunhando uma grossa lança. Os dois cavaleiros arremeteram um contra o outro com toda a força que conseguiram imprimir a seus cavalos, e ambos quebraram as lanças na altura da empunhadura. Diante disso, logo sacaram das espadas e trocaram golpes terríveis. Enfurecido, Sir Lancelote acertou o elmo de seu adversário com tanta força que este começou a sangrar pelo nariz, pelos ouvidos e pela boca, abaixando a cabeça, enfraquecido. Nesse instante, seu cavalo disparou, e Sir Gahalantine caiu no chão. Sem mais tardar, Sir Lancelote se apoderou de uma grossa lança e, antes de quebrá-la, derrubou por terra dezesseis cavaleiros, alguns com a montaria, outros, não, e não houve nenhum homem armado que ele não ferisse naquele dia. Pegou então mais uma grossa lança e derrubou doze cavaleiros, a maior parte dos quais não conseguiu se recuperar. Diante disso, os cavaleiros do rei de Gales do Norte não quiseram mais justar, e, ali mesmo na liça, o galardão foi concedido ao Rei Bagdemagus.

Cada grupo voltou para sua própria terra, e Sir Lancelote cavalgou com o Rei Bagdemagus até seu castelo, onde recebeu excelente acolhida do monarca e de sua filha, e ambos lhe ofertaram preciosos presentes. Pela manhã, o cavaleiro se despediu dizendo a seu anfitrião que ia à procura de seu irmão, Sir Leonel, que

partira enquanto ele dormia. Pegou seu cavalo, desejou que ficassem com Deus e, então, disse à filha do rei: Se porventura tiverdes necessidade de meus serviços algum dia, rogo-vos que me mandeis informar e, como verdadeiro cavaleiro que sou, não hei de vos decepcionar. Dizendo isso, partiu e, por acaso, acabou na mesma floresta na qual havia sido encontrado dormindo e levado prisioneiro. No meio do caminho, encontrou uma donzela que montava um palafrém branco, e os dois se cumprimentaram. Gentil donzela, perguntou Sir Lancelote, sabeis de alguma aventura neste país? Senhor cavaleiro, respondeu a jovem, aqui perto há aventuras a cada curva, se ousardes enfrentá-las. E por que não haveria de fazê-lo, retrucou ele, se foi por este motivo que vim até aqui? Pareceis um bom cavaleiro, replicou a moça, e se ousais enfrentar outro bom cavaleiro, poderei levá-lo até onde está o melhor de todos, o mais poderoso que jamais podereis encontrar. Dizei-me, pois, como vos chamais e que cavaleiro sois. Quanto a vos dizer meu nome, donzela, não vejo que mal pode haver nisto. Na verdade, chamo-me Sir Lancelote do Lago. Tendes boa aparência, disse a donzela. Perto daqui há aventuras adequadas para alguém como vós, pois é a residência de um cavaleiro que nunca será vencido por nenhum homem que eu conheça, a não ser por vós. Ele se chama Sir Turquine. Pelo que sei, mantém prisioneiros sessenta e quatro bons cavaleiros da corte do Rei Arthur, todos os quais venceu com as próprias mãos. Mas, quando tiverdes concluído vossa jornada, prometei-me, como verdadeiro cavaleiro que sois, que vireis comigo para libertar a mim e a outras donzelas de um falso cavaleiro por quem somos diariamente incomodadas. Prometo cumprir vosso desejo e realizar vosso propósito, donzela, contanto que me leveis ao tal Sir Turquine, disse Sir Lancelote. Pois bem, gentil cavaleiro, segui vosso caminho, disse a jovem, e o conduziu até a árvore da qual pendia o vasilhame.

Sir Lancelote deu de beber a seu cavalo e, em seguida, golpeou a vasilha com o cabo da lança, mas o fez com tanta força que o fundo se soltou. Por um longo tempo, porém, ele não viu absolutamente nada. Decidiu então cavalgar diante das portas da tal residência e passou quase meia hora nesse vaivém. De repente, avistou um grande cavaleiro que se aproximava conduzindo um cavalo, que carregava deitado em seu lombo um cavaleiro de armadura completa. Ao chegar mais perto, teve a impressão de que o conhecia e, logo depois, percebeu que era Sir Gaheris, irmão de Sir Gawaine e cavaleiro da Távola Redonda. Gentil donzela, disse ele então, vejo que se aproxima um cavaleiro fortemente amarrado que é um de meus companheiros e irmão de Sir Gawaine. Em primeiro lugar, com a graça de Deus, eu vos prometo resgatar este prisioneiro e, a menos que seu amo seja melhor sobre a sela, livrarei do perigo todos aqueles que ele mantém prisioneiros, pois estou convencido de que, entre eles, estão dois de meus irmãos. Assim que os dois se viram, ambos empunharam suas lanças. Gentil cavaleiro, disse Sir Lancelote, descei do cavalo esse cavaleiro ferido, deixai que ele

descanse um pouco e meçamos nossas forças, pois disseram-me que demonstrais e tendes demonstrado muito desprezo pelos cavaleiros da Távola Redonda. Portanto, defendei-vos! Se sois da Távola Redonda, replicou Turquine, desafio tanto a vós quanto a toda a vossa companhia. Alto lá!, exclamou Sir Lancelote. Cuidai do que dizeis.

CAPÍTULO VIII

Como Sir Lancelote e Sir Turquine se enfrentaram.

Então, montados em seus cavalos, lança em riste, um correu na direção do outro na maior velocidade possível e golpearam-se com tanta força no meio do escudo que quebraram a espinha dos animais em que estavam montados. Os dois cavaleiros caíram, aturdidos, e, assim que conseguiram se livrar da montaria, ergueram os escudos, sacaram das espadas e arremeteram com fúria um contra o outro, trocando golpes tão violentos que nem escudos nem arreios eram capazes de detê-los. Em pouco tempo, ambos tinham ferimentos terríveis e sangravam com gravidade.

Passaram horas assim, trocando estocadas e abrindo cortes em todas as partes descobertas que pudessem encontrar no corpo do adversário.

Finalmente, ambos estavam sem fôlego e pararam, apoiando-se na própria espada. Companheiro, disse Sir Turquine, detende a mão por um instante e respondei a uma pergunta que desejo vos fazer. Falai, retrucou Sir Lancelote. Sois o homem mais forte que já encontrei, prosseguiu Sir Turquine, e o mais impetuoso; pareceis um cavaleiro que odeio mais do que qualquer outro. Se não fordes ele, prefiro vos propor logo um acordo: por vosso amor, libertarei todos os prisioneiros que tenho, que somam sessenta e quatro. Dizei-me, pois, vosso nome, então seremos companheiros e jamais vos decepcionarei enquanto viver. Boa proposta, replicou Sir Lancelote, mas, já que posso ter vossa amizade, quem é esse cavaleiro que odiais mais do que qualquer outro? Na verdade, respondeu Sir Turquine, ele se chama Sir Lancelote do Lago, o homem que, na Terra Dolorosa, matou meu irmão, Sir Carados, um dos melhores cavaleiros que existiam. Portanto, para mim, ele é uma exceção entre todos os cavaleiros, já que, se porventura vier a encontrá-lo, juro que um dos dois dará cabo do outro. Por Sir Lancelote, matei cem bons cavaleiros e deixei outros tantos tão seriamente feridos que jamais poderão voltar a se recuperar. Muitos morreram na prisão, embora ainda tenha lá sessenta e quatro homens. Todos, porém, seriam libertados se me disséssseis vosso nome, contanto que não sejais Sir Lancelote.

Pelo que vejo, replicou Lancelote, se eu fosse tal homem, poderia me calar, porque se tal homem eu fosse, haveria uma guerra mortal entre nós dois. Pois bem, senhor, aquiescendo a vosso pedido, quero que me conheçais e saibais que sou Lancelote do Lago, filho do Rei Ban de Benwick, e cavaleiro da Távola Redonda. E agora vos desafio, e tratai de fazer o melhor que puderdes. Ah!, exclamou Sir

Turquine, Lancelote! Sois mais bem-vindo para mim do que qualquer outro cavaleiro, pois não nos separaremos até que um de nós esteja morto. Então, arremeteram um contra o outro como dois touros selvagens, defendendo-se e atacando com seus escudos e espadas, com tal fúria que, por vezes, ambos caíam no chão. Lutaram assim por umas duas horas, ou mais, sem um segundo de descanso, e Sir Turquine infligiu vários ferimentos a Sir Lancelote, deixando o chão onde lutavam todo salpicado de sangue.

CAPÍTULO IX

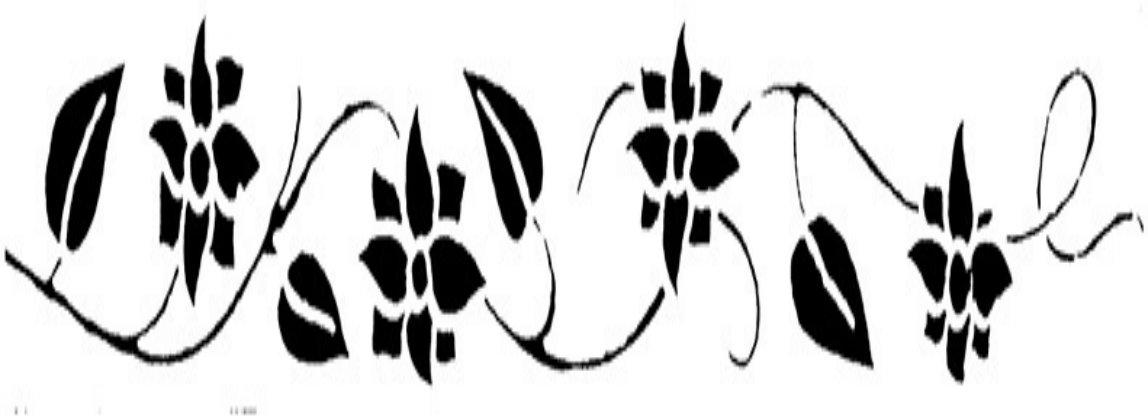
Como Sir Turquine foi morto, e como Sir Lancelote mandou que Sir Gaheris libertasse todos os prisioneiros.

Finalmente, Sir Turquine perdeu as forças, recuou um pouco e, por causa do cansaço, não conseguia manter o escudo bem erguido. Ao perceber isso, Sir Lancelote logo o atacou ferozmente, atingindo-o na barbuda do elmo e fazendo-o cair de joelhos. Mais que depressa, arrancou-lhe o elmo e decepou sua cabeça de um só golpe. Depois, aproximou-se da donzela e lhe disse: Donzela, estou pronto para ir aonde quiserdes me levar, mas não tenho cavalo. Gentil senhor, replicou ela, pegai a montaria desse cavaleiro ferido e envie-o para essa morada com ordens para libertar todos os prisioneiros. Sir Lancelote aproximou-se então de Sir Gaheris, rogando-lhe que não se aborrecesse por ele tomar seu cavalo emprestado. Decerto que não, disse Gaheris. Quero que useis meu cavalo para fazer o que quiserdes, pois salvastes tanto minha vida quanto a dele, e hoje digo que sois o melhor cavaleiro do mundo, pois foi o dia em que matastes, diante de meus olhos, o homem mais forte e mais bravo que jamais vi, à exceção de vós mesmo. E, gentil senhor, acrescentou Gaheris, eu vos peço que me digais vosso nome. Chamo-me Sir Lancelote do Lago, respondeu ele, e, por direito, deveria vos ajudar em nome do Rei Arthur e, em particular, por consideração a meu senhor Gawaine, vosso querido irmão. Quando chegardes a essa residência, tenho certeza de que encontrareis ali muitos cavaleiros da Távola Redonda, pois vi inúmeros escudos que conheço pendurados naquela árvore. Ali estão o escudo de Sir Kay, de Sir Brandiles e de Sir Marhaus; também o de Sir Galihud, o de Sir Brian de Listinoise e o de Sir Aliduke, além de outros tantos de que não me lembro agora. E ainda os escudos de meus dois irmãos, Sir Hector de Maris e Sir Leonel. Portanto, rogo-vos que os saudeis a todos em meu nome e que lhes digais que devem se apossar de todos os bens que puderem encontrar. Dizei a meus irmãos que sigam para a corte e que esperem por mim, já que estou decidido a estar presente para o banquete de Pentecostes. Agora, porém, devo partir com esta donzela para cumprir a promessa que lhe fiz.

Gaheris então partiu rumo a tal morada e, lá chegando, encontrou um porteiro que carregava um grande molho de chaves. O cavaleiro logo o atirou por terra, apanhou as chaves, abriu a porta da masmorra e deixou que todos os homens saíssem depois que uns soltaram as correntes dos outros. Quando estes viram Sir Gaheris, ficaram-lhe muito gratos, achando que ele tivesse matado Sir Turquin, já

que estava ferido. Não fui eu, replicou Gaheris. Foi Lancelote quem o matou honrosamente com as próprias mãos. Eu mesmo presenciei o combate. Ele vos mandou suas saudações e pediu que não tardeis a voltar à corte. Quanto a vós, Sir Leonel e Sir Hector de Maris, ele vos pede que o aguardeis por lá. Não faremos isso, disseram seus irmãos. Enquanto estivermos vivos, sairemos à sua procura. E eu também, acrescentou Sir Kay. Antes de voltar para a corte, vou em busca dele como verdadeiro cavaleiro que sou.

Todos esses cavaleiros procuraram então o aposento onde se guardavam as armaduras e as vestiram. Cada qual encontrou seu próprio cavalo e seus pertences. Quando estavam prontos, surgiu um guardião de florestas trazendo consigo quatro cavalos carregados de veados bem gordos. Temos aqui boa carne para uma refeição, pois há muitos dias que não comemos dignamente, observou Sir Kay. Assim, pois, assaram, tostaram e cozinharam os veados e puseram-se a comer. Alguns decidiram passar a noite ali, mas Sir Leonel, Sir Hector de Maris e Sir Kay partiram na esperança de encontrar Sir Lancelote.



CAPÍTULO X

Como Sir Lancelote saiu cavalgando com uma donzela, matou um cavaleiro que importunava todas as damas e também um aldeão que protegia uma ponte.

Voltemos agora a Sir Lancelote, que cavalgava com a donzela por uma linda estrada. Senhor, disse a jovem, perto deste caminho costuma ficar um cavaleiro que causa sofrimento às damas e senhoras. Ele as rouba ou se deita com elas, para não dizer coisa pior. Como?, exclamou Lancelote. Um cavaleiro ladrão e violador de mulheres? Pois ele comete grande afronta à ordem da cavalaria e quebra o juramento que fez. É lamentável que continue vivo. Eu vos peço, gentil donzela, que seguis cavalgando à minha frente, sozinha, e eu a seguirei às ocultas. Se ele vier vos causar algum transtorno, correrei em vosso auxílio e ensinarei esse homem a se portar como um cavaleiro.

Assim, pois, a donzela seguiu seu caminho a passo lento. Poucos minutos depois, saiu do bosque o referido cavaleiro, acompanhado de seu pajem. Arrebatou a donzela de sua montaria, e ela começou a gritar. Surgiu então Lancelote, cavalgando o mais depressa possível, até chegar perto do cavaleiro, dizendo: Ah! Falso cavaleiro e traidor da cavalaria? Quem vos ensinou a importunar damas e senhoras? Diante da atitude daquele homem que o censurava, o tal cavaleiro nem respondeu. Limitou-se a sacar da espada e arremeter contra o recém-chegado. Este atirou no chão sua lança e, empunhando a espada, desferiu tamanho golpe no alto do elmo de seu adversário que lhe abriu a cabeça e o pescoço até a altura dos ombros. Agora tendes a recompensa que há tanto merecíeis! É bem verdade, replicou a donzela, pois, assim como Sir Turquine ficava à espreita para destruir cavaleiros, este aí fazia a mesma coisa para destruir e afligir senhoras, damas e donzelas. Chamava-se Sir Peris de Forest Savage. E agora, donzela, perguntou Sir Lancelote, há algum outro serviço que eu possa vos prestar? Não, senhor, respondeu a moça. Por ora, não. Desejo apenas que Jesus Todo-Poderoso vos proteja por onde quer que cavalgueis, pois sois o cavaleiro mais cortês e mais gentil com todas as damas e donzelas que jamais vi no mundo. Há, porém, uma coisa que parece vos faltar, senhor. Sois um cavaleiro sem esposa e não quereis amar nenhuma dama ou donzela, pois nunca ouvi dizer que tivésseis amado ninguém, mais ou menos intensamente, o que é uma grande lástima. Mas dizem também que amais a Rainha Guinevere, que ordenou, por encantamento, que nunca amásseis nenhuma outra mulher a não ser ela, além disso determinou que

dama ou donzela alguma desfrutará de vós e que, por este motivo, muitas delas, nestas terras, de alto ou baixo estado, muito se lamentam.

Gentil donzela, disse Sir Lancelote, não posso impedir que as pessoas digam de mim o que quiserem, mas creio que eu não tenha a intenção de me tornar um homem casado, pois, nesse caso, teria que me deitar com minha esposa e deixar as armas e os torneios, as batalhas e as aventuras. Quanto a ter prazer com amantes, é algo que recuso antes de mais nada por temor a Deus, pois os cavaleiros aventureiros que são adúlteros ou que se deixam levar pela luxúria não são felizes nem afortunados nas guerras: ou são vencidos por um cavaleiro mais modesto que eles, ou, para sua infelicidade e maldição, matam cavaleiros que são melhores do que eles. Assim, aquele que tem amantes é desditoso e tudo a sua volta é desdita.

Nesse momento, os dois se separaram, e ele passou mais de dois dias cavalgando por uma floresta densa sem conseguir descansar adequadamente. No terceiro, chegou a uma ponte comprida, e lá, de súbito, pulou sobre ele um camponês maltrapilho que acertou em cheio o focinho de seu cavalo, fazendo-o se virar, e perguntou a Sir Lancelote por que ele havia pisado naquela ponte sem sua permissão. Por que não posso seguir por este caminho?, perguntou Sir Lancelote. Não há outro por onde passar. Não tens opção, retrucou o camponês, acertando-o com sua grande clava com pontas de ferro. Sir Lancelote sacou então da espada e revidou aquele golpe, abrindo a cabeça de seu agressor até a altura do peito. Na outra extremidade da ponte havia um formoso vilarejo, e todos ali, homens e mulheres, gritavam: Cometestes um ato terrível contra vós mesmo, pois matastes o principal porteiro de nosso castelo! Sem lhes dar ouvidos, Sir Lancelote seguiu diretamente para o castelo e, quando entrou, apeou e prendeu o cavalo a uma argola na parede. Avistou um formoso pátio relvado e para lá se dirigiu, pois lhe pareceu um excelente lugar para lutar. Olhou, então, ao seu redor e, nas portas e nas janelas, viu muita gente que dizia: Gentil cavaleiro, que desafortunado sois!

CAPÍTULO XI

Como Sir Lancelote matou dois gigantes e libertou um castelo.

Naquele mesmo instante, surgiram dois gigantes bem armados, à exceção da cabeça, brandindo duas terríveis clavas nas mãos. Sir Lancelote logo tratou de erguer o escudo, aparou o golpe de um deles e, com a espada, lhe partiu a cabeça ao meio. Ao ver tal cena, o segundo gigante saiu correndo como um louco, assombrado com os terríveis golpes. Lancelote correu em seu encalço e, com toda a força, desfechou um golpe no seu ombro, abrindo-o até o umbigo. Depois, entrou na sala do castelo. Sessenta damas e donzelas apressaram-se a vir ao seu encontro, ajoelharam-se à sua frente e deram graças a Deus e a ele por sua libertação. Pois, senhor, disseram elas, a maioria de nós está aqui há sete anos como escrava, fazendo todo tipo de trabalho com seda em troca de comida, e todas nós somos grandes damas por nascimento. Bendita seja a hora em que nascestes, cavaleiro. Vosso feito foi o mais honroso que cavaleiro algum deste mundo jamais realizou, e somos testemunhas disso. Rogamo-vos que nos digais vosso nome para que possamos dizer a nossos amigos quem nos libertou do cativeiro. Gentil donzela, respondeu ele, eu me chamo Sir Lancelote do Lago. Ah, senhor, exclamaram todas, não poderia ser outra pessoa, pois, a não ser vós, como pensávamos, nenhum outro cavaleiro do mundo teria sido capaz de vencer aqueles dois gigantes. Muitos gentis cavaleiros já tentaram fazê-lo e não saíram daqui vivos. E muitas vezes desejamos que viésseis, pois éreis o único cavaleiro que aqueles gigantes temiam. Agora, prosseguiu Sir Lancelote, podeis dizer a vossos amigos quem vos libertou e apresentai-lhes minhas saudações. Se porventura eu passar por vossas terras, dai-me a acolhida que acreditais que eu mereça. Já o tesouro que houver neste castelo deverá ser vosso, para compensar os ultrajes que sofrestes. E gostaria que o senhor que possui este castelo também o receba, como é direito seu. Gentil senhor, disseram as mulheres, o nome deste castelo é Tintagel. No passado, foi propriedade de um duque casado com a formosa Igraine, que, mais tarde, casou-se com Uther Pendragon, de quem concebeu Arthur. Bem, disse Sir Lancelote, agora já sei a quem pertence este castelo. E se despediu de todas, desejando que ficassem com Deus.

Montou então seu cavalo, cavalgou por países estranhos e selvagens, cruzou muitos rios e vales e teve muita dificuldade em encontrar abrigo. Finalmente, ao cair da noite, chegou por acaso a um belo terreno cercado onde havia uma dama idosa que o abrigou de muito bom grado. Tanto ele quanto seu cavalo foram muito

bem acolhidos naquele local. Na hora de dormir, sua anfitriã o conduziu a um formoso jirau acima da porta onde havia a cama que lhe fora destinada. Sir Lancelote então se desarmou, deixou o arnês por perto, deitou-se e não tardou a pegar no sono. Pouco mais tarde, chegou alguém a cavalo e bateu à porta parecendo ter pressa. Ao ouvir isso, Sir Lancelote se levantou, chegou à janela e, ao luar, viu três cavaleiros indo atrás de um único homem. Todos os três investiram contra ele, espadas em punho, e o cavaleiro, virando-se, defendia-se com toda a arte da cavalaria. Na verdade, disse Sir Lancelote, vou ajudar este cavaleiro, pois seria vergonhoso de minha parte assistir sem fazer nada a um combate de três contra um. Se o cavaleiro morrer, terei sido cúmplice em sua morte. Passou a mão em seu arnês, saiu pela janela usando um lençol, desceu até onde estavam os quatro que lutavam e disse em voz alta: Voltai-vos para mim, cavaleiros, e deixai de lutar contra este outro. Os três deixaram então Sir Kay e se voltaram para Sir Lancelote. Nesse momento, começou um combate acirrado, pois todos apearam e começaram a desfechar muitos golpes em Sir Lancelote e a atacá-lo por todos os lados. Então, Sir Kay se preparou para vir em seu auxílio. Não, senhor, disse ele. Não quero nenhuma ajuda vossa, portanto, se quereis ajudar-me, deixai-me enfrentá-los sozinho. Para agradar o cavaleiro, Sir Kay consentiu em fazer sua vontade e se manteve afastado. Não tardou muito para que, com seis golpes, ele houvesse lançado os três por terra.

Eles então lhe suplicaram: Senhor cavaleiro, a vós nos rendemos como homem poderoso e sem igual que sois. Pois devo dizer-vos, replicou Sir Lancelote, que não pretendo aceitar vossa rendição. Mas, se vos renderes a Sir Kay, o Senescal, pouparei vossas vidas. Entretanto, só farei isso com esta condição. Gentil cavaleiro, disseram eles, vossa condição nos desagrada, pois perseguimos Sir Kay até aqui, e ele teria sido derrotado se não fosse por vossa intervenção. Portanto, não há motivo para nos rendermos a ele. Tendes toda a razão, disse Lancelote, uma vez que podeis escolher se quereis viver ou morrer, pois, se pretendeis vos render, terá que ser a Sir Kay. Gentil cavaleiro, disseram os três então, para salvar nossa vida, faremos o que mandais. Pois bem, replicou Sir Lancelote, no próximo domingo de Pentecostes, ireis à corte do Rei Arthur, e ali eu os entregarei à Rainha Guinevere, pondo-vos sob sua graça e mercê. E vós lhe direis que sois enviados por Sir Kay, como prisioneiros. Assim faremos, senhor, disseram os homens. Por nossa fé, se vivermos até lá. E, dizendo isso, cada um deles jurou sobre a própria espada. Diante disto, Sir Lancelote consentiu em deixá-los partir. Então, bateu à porta com o pomo de sua espada. Sua anfitriã logo veio abrir, e ele e Sir Kay entraram. Senhor, disse a velha senhora, pensei que estivésseis na cama. E estava, replicou Sir Lancelote, mas me levantei e saí pela janela para ajudar um velho companheiro. Só quando se aproximaram do lume, Sir Kay reconheceu o Sir Lancelote. Pôs-se então de joelhos, agradecendo-lhe por sua

bondade e por tê-lo salvado da morte em duas ocasiões. Senhor, disse Lancelote, fiz apenas o que deveria, e sede bem-vindo. Aqui podereis descansar. Depois de se desarmar, Sir Kay pediu que lhe dessem de comer. Trouxeram-lhe carnes, e ele comeu em abundância. E, saciado, os dois foram se deitar, dividindo a mesma cama. Pela manhã, Sir Lancelote se levantou bem cedo e deixou seu companheiro dormindo. Pegou a armadura e o escudo de Sir Kay, preparou-se, dirigiu-se ao estábulo para buscar o cavalo do senescal, despediu-se de sua anfitriã e partiu. Pouco mais tarde, Sir Kay se levantou e deu falta de Sir Lancelote. Só depois percebeu que ele havia partido com sua armadura e seu cavalo. Por minha fé, bem sei que ele enfrentará alguém da corte do Rei Arthur, pois haverá quem se mostre cheio de ousadia diante dele, acreditando que sou eu, e isso os enganará. Já usando sua armadura e seu escudo, tenho certeza de poder cavalgar em paz. Minutos mais tarde, Sir Kay agradeceu a sua anfitriã e partiu.

CAPÍTULO XII

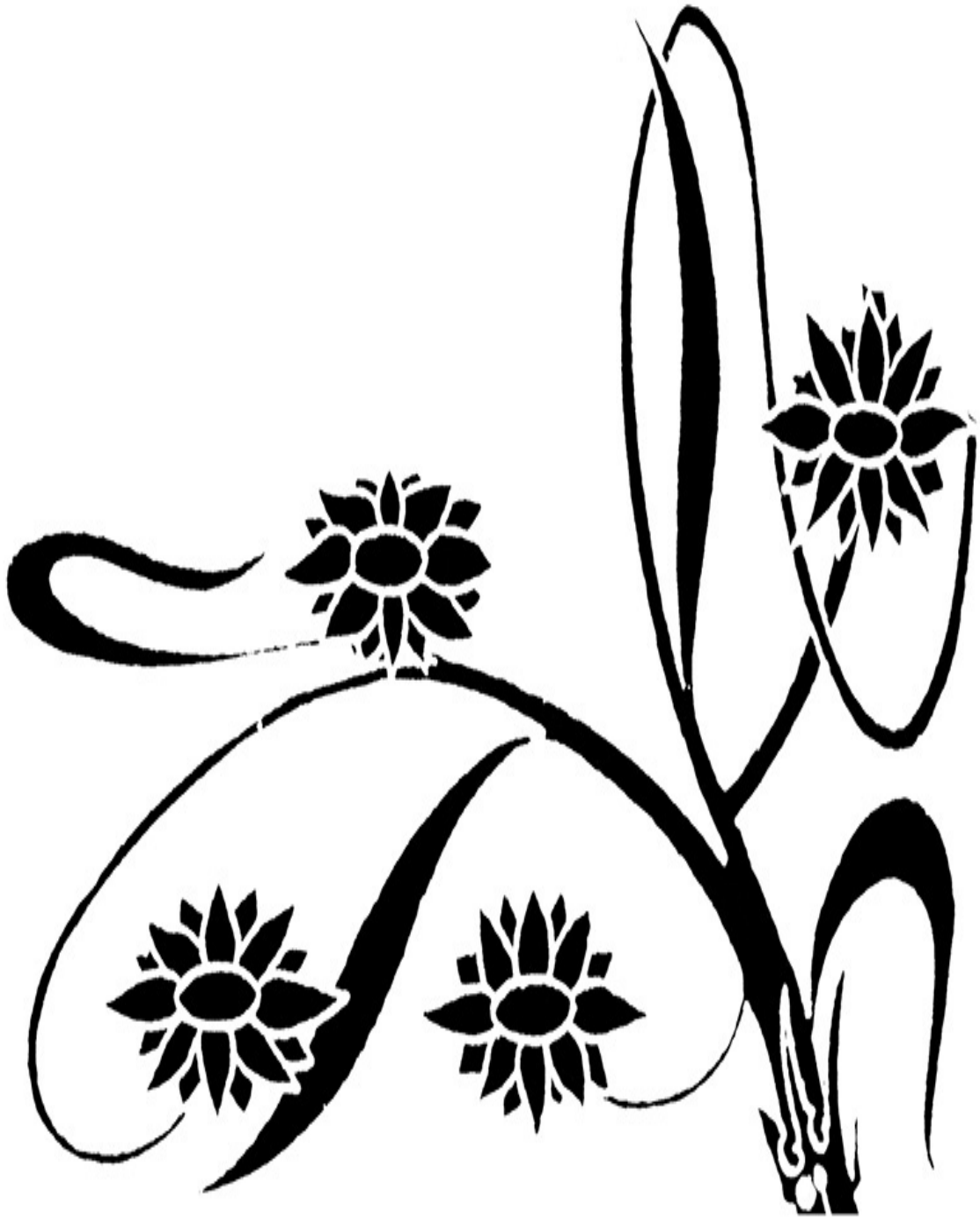
Como Sir Lancelote cavalgou disfarçado com a armadura de Sir Kay e como feriu um cavaleiro.

Retornemos a Sir Lancelote, que cavalgou por longo tempo em uma grande floresta até chegar finalmente a um país baixo, cheio de belos rios e pradarias. À sua frente, viu uma ponte extensa e, junto dela, três tendas de seda e sendal de tonalidades variadas. Ao lado de uma delas, três escudos brancos pendiam da ponta de lanças, e outras lanças compridas estavam fincadas no solo. Diante da porta de cada tenda, havia três jovens nobres; Sir Lancelote passou por deles sem dizer uma palavra. Pouco mais adiante, os três cavaleiros comentaram que se tratava do orgulhoso Sir Kay, que achava que não existia cavaleiro melhor do que ele, embora por diversas vezes já se houvesse provado o contrário. Por minha fé, disse um dos cavaleiros cujo nome era Sir Gaunter, vou sair em seu encalço, desafiar todo aquele orgulho, e podereis presenciar minha vitória. Então Sir Gaunter se armou, pendurou o escudo no ombro, montou um grande cavalo e, levando a lança na mão, partiu atrás de Sir Lancelote. Assim que se aproximou, gritou: Preparai-vos, orgulhoso cavaleiro Sir Kay, não saireis daqui assim ileso. Ao ouvir isso, Sir Lancelote se virou. Lanças em riste, os dois correram ao encontro um do outro com toda a força, e a arma de Sir Gaunter se partiu, mas seu adversário conseguiu jogá-lo por terra com seu cavalo. Ao ver Sir Gauter, que jazia no chão, seus dois irmãos disseram: Este cavaleiro não é Sir Kay; é alguém bem mais forte. Aposto minha cabeça, disse Sir Gilmere, que ele matou Sir Kay e se apoderou de seu cavalo e de seu arnês. Seja como for, retrucou Sir Arnold, o terceiro dos irmãos, montemos agora mesmo para ir em auxílio de nosso irmão, sob pena de morte. Teremos muito trabalho para vencer tal cavaleiro, pois, por seu porte, tenho a impressão de que é Sir Lancelote, Sir Tristão ou o bom cavaleiro Sir Pelleas.

Assim, pois, montaram ambos, alcançaram Sir Lancelote, e Sir Gilmere, lança em riste, arremeteu contra ele, mas foi derrubado e ficou caído no chão, sem os sentidos. Senhor cavaleiro, disse Sir Arnold, sois forte e suponho que tenhais matado dois de meus irmãos. Por isso, meu coração se revolta profundamente contra vós. Se não prezasse tanto minha honra, não vos enfrentaria, mas preciso participar desse confronto como eles fizeram. Portanto, acrescentou, tratai de vos defender. E os dois lutaram com todo o ímpeto e, no embate, ambas as lanças se quebraram. Sacaram então das espadas e se atacaram impetuosamente. Nesse

momento, Sir Gaunter se levantou e se aproximou do irmão caído, dizendo: Levanta-te e vamos ajudar nosso irmão Sir Arnold, que está lutando magnificamente com esse bom cavaleiro. Os dois logo saltaram sobre seus cavalos e dispararam na direção de Sir Lancelote.

Este, vendo-os se aproximar, desfechou um tremendo golpe em Sir Arnold, fazendo-o cair no chão. Voltou-se então para os outros dois e, com dois golpes, os lançou por terra. Foi quando Sir Arnold começou a se erguer, com a cabeça toda ensanguentada, e veio atacar Sir Lancelote. Deixemos disso, disse este último. Eu não estava muito longe quando fostes sagrado cavaleiro, Sir Arnold. Sei também que sois um bom cavaleiro e não gostaria de ter que vos matar. Muito obrigado por vossa bondade, replicou o jovem, e ouso dizer, também em nome de meus irmãos, que não nos importaríamos de nos render a vós, contanto que saibamos vosso nome, pois bem sabemos que não sois Sir Kay. Na verdade, disse Sir Lancelote, isso não tem qualquer importância, pois ide vos render à Rainha Guinevere. Apresentai-vos à corte no domingo de Pentecostes para vos entregar como prisioneiros e dizer que fostes enviados por Sir Kay. Os três juraram que assim fariam. Sir Lancelote seguiu seu caminho enquanto os irmãos tentavam se ajudar da melhor forma possível.



CAPÍTULO XIII

Como Sir Lancelote enfrentou quatro cavaleiros da Távola Redonda em uma justa e venceu a todos.

Sir Lancelote se embrenhou por uma densa floresta e, em um vale não muito distante, avistou quatro cavaleiros que estavam parados sob um carvalho e eram da corte do Rei Arthur. Tratava-se de Sir Sagramore, o Desejoso, Hector de Maris, Sir Gawaine e Sir Uwaine. Assim que estes o viram, julgaram que era Sir Kay pelos armamentos que usava. Por minha fé, disse Sir Sagramore. Vou pôr à prova a força de Sir Kay e, empunhando a lança, seguiu na direção de Sir Lancelote. Nesse momento, o recém-chegado o viu e o reconheceu. Lança em riste, desfechou tamanho golpe em seu adversário que o derrubou no chão com seu cavalo. Ora, ora, companheiros!, exclamou Sir Hector. Vistes o golpe que ele recebeu. Este cavaleiro é muito mais forte do que Sir Kay e agora vereis o que vou fazer com ele. Dizendo isso, passou a mão na lança e galopou até onde estava Sir Lancelote. Este, porém, traspassou seu escudo e seu ombro, fazendo homem e montaria caírem por terra, enquanto sua lança resistia bravamente.

Por minha fé, disse Sir Uwaine. Este cavaleiro é muito forte, e tenho certeza de que matou Sir Kay. Por seu grande vigor, vejo que será difícil vencê-lo. Pegou então sua lança e cavalgou na direção de Sir Lancelote. Este o reconheceu, foi ao seu encontro no terreno mais plano e lhe aplicou tamanho golpe que, atordoado, Sir Uwaine ficou um bom tempo sem saber onde estava. Pelo que vejo, disse Sir Gawaine, terei que enfrentar esse cavaleiro. Abraçou então o escudo, pegou uma boa lança, e Sir Lancelote o reconheceu. Ambos deixaram correr os cavalos com o maior ímpeto possível e atingiram-se mutuamente no meio do escudo. Mas a lança de Sir Gawaine se partiu, e seu adversário o atacou tão vigorosamente que seu cavalo caiu com as patas para o ar. O cavaleiro teve muita dificuldade para se desvencilhar do animal. E, nesse momento, Sir Lancelote passou, sorrindo, e disse: Dai graças a Deus pelo que fizestes a esta lança, pois jamais tive nas mãos outra melhor.

Então, os quatro cavaleiros se reuniram e trataram de se confortar entre si. O que dizeis desta gesta?, perguntou Sir Gawaine. Uma única lança nos derrubou aos quatro. Tratemos de encomendá-lo ao diabo, replicaram todos, pois este homem tem uma força impressionante. Tendes toda razão, replicou Sir Gawaine, pois aposto minha cabeça que se trata de Sir Lancelote. Eu o conheço pela forma de

cavalgar. Deixai que se vá. Quando chegarmos à corte, ficaremos sabendo ao certo. E tiveram muito trabalho para recuperar suas montarias.

CAPÍTULO XIV

Como Sir Lancelote seguiu uma cadela até um castelo onde encontrou um cavaleiro morto, e como, depois, uma donzela lhe rogou que curasse o seu irmão.

Deixemos este local e falemos de Sir Lancelote, que saiu cavalgando por um extenso trecho de floresta, onde avistou uma cadela negra farejando como se estivesse seguindo o rastro de um cervo ferido. O cavaleiro foi atrás dela e viu uma grande trilha de sangue pelo chão. Resolveu então continuar a seguir o animal, que não parava de olhar para trás e penetrou em um vasto brejo, sempre com Sir Lancelote em seu encalço. Foi então que ele viu uma velha residência para onde a cadela se dirigiu correndo e atravessou a ponte. Seu perseguidor fez o mesmo e notou que a ponte era velha e pouco resistente. Quando chegou ao meio de um grande saguão, viu que um cavaleiro de boa aparência jazia morto no chão, com a cadela lambendo suas feridas. Quase imediatamente, apareceu uma dama que chorava e retorcia as mãos. Ah, cavaleiro!, exclamou ela. Que grande sofrimento me trouxestes! Por que dizeis isso?, perguntou Sir Lancelote. Jamais fiz mal algum a este cavaleiro. Simplesmente vim atrás da cadela que me trouxe até aqui seguindo um rastro de sangue. Portanto, gentil senhora, não vos aborreçais, pois muito lamento toda a vossa aflição. Na verdade, senhor, replicou a mulher, não acredito que haveis matado meu marido, uma vez que aquele que fez isso está bem ferido e é provável que não se recupere, posso vos assegurar. Qual era o nome de vosso marido?, perguntou Sir Lancelote. Senhor, respondeu ela, ele se chamava Sir Gilbert, o Bastardo, um dos melhores cavaleiros do mundo, e ignoro o nome de quem o matou. Pois que Deus vos envie seu melhor consolo, disse Sir Lancelote. E partiu, entrando novamente na floresta, onde encontrou uma donzela que o reconheceu e disse em voz alta: Graças a Deus que vos encontrei, meu senhor, e agora vos peço, em nome de vossa honra de cavaleiro, que ajudeis meu irmão, que está muito ferido e não para de sangrar. Hoje, ele lutou com Sir Gilbert, o Bastardo, e o matou em um combate honroso, e foi nessa ocasião que se feriu. Há uma mulher, uma feiticeira, que mora em um castelo perto daqui. Ela me disse que os ferimentos de meu irmão jamais hão de sarar até que eu consiga encontrar um cavaleiro disposto a entrar na Capela Perigosa. Lá, ele encontrará uma espada e um tecido ensanguentado, no qual está envolto o cavaleiro ferido, e um pedaço de tal tecido com essa espada curariam as feridas me meu irmão, mas só assim elas poderão cicatrizar. É realmente uma história assombrosa, disse Sir Lancelote. Mas qual é o nome de vosso irmão? Senhor, respondeu a jovem, ele se chama Sir

Meliot de Logres. Pois muito lamento saber disso, replicou Sir Lancelote, pois ele é membro da Távola Redonda e, portanto, farei o que puder para ajudá-lo. Então, senhor, segui por este mesmo caminho que o levará à Capela Perigosa. Esperarei aqui até que Deus vos envie de volta, porque, se não o conseguirdes, não conheço outro cavaleiro no mundo capaz de levar a cabo esta aventura.



CAPÍTULO XV

Como Sir Lancelote entrou na Capela Perigosa e, lá dentro, retirou um pedaço de tecido e uma espada de um cadáver.

Sir Lancelote partiu imediatamente e, ao chegar à Capela Perigosa, apeou e amarrou seu cavalo a uma pequeno portão. Assim que entrou no pátio, viu, diante da construção, inúmeros ricos e formosos escudos pendurados de cabeça para baixo, muitos dos quais ele já vira nas mãos de cavaleiros. Nesse momento, percebeu, parados junto a si, trinta cavaleiros de estatura considerável, uma jarda mais altos do que qualquer outro homem que tivesse visto antes, e todos tinham expressões e faziam gestos ameaçadores. Ao ver tal grupo, Sir Lancelote ficou com muito medo. Ergueu o escudo e empunhou a espada, disposto a enfrentá-los, pois todos estavam bem armados com arneses negros e, espadas em riste, se protegiam com escudos. Quando Sir Lancelote fez menção de passar por eles, todos se afastaram, abrindo caminho para o recém-chegado, que, com isso, sentiu-se mais ousado. Entrou então na capela onde não havia outra luz senão a de uma lamparina acesa, mas pôde ver um cadáver coberto com um tecido de seda. Inclinando-se, Sir Lancelote cortou um pedaço daquela seda e, de imediato, sentiu debaixo de si um movimento como se a terra estivesse estremecendo um pouco, o que o deixou apavorado. Nesse instante, viu uma formosa espada depositada junto ao corpo do morto. Pegou-a e apressou-se em sair da capela.

Assim que chegou ao pátio, os cavaleiros lhe disseram, com uma voz assombrosa: Cavaleiro Sir Lancelote, deixai essa espada ou morrereis. Vivendo ou morrendo, replicou ele, não havereis de recuperá-la com palavras tão cheias de soberba. Portanto, lutai por ela se a desejais. Passou então por eles sem maiores percalços e, já fora do pátio, encontrou uma formosa donzela, que lhe disse: Senhor Lancelote, deixai esta espada ou morrereis por ela. Não a deixarei, replicou o cavaleiro, sob qualquer ameaça que seja. Se a tivésseis deixado, disse a mulher, jamais voltaríeis a ver a Rainha Guinevere. Então eu seria louco se abandonasse esta espada, disse ele. Agora eu vos peço, gentil cavaleiro, disse a donzela, que me beijeis uma única vez. Não, retrucou Sir Lancelote, que Deus me guarde de fazer tal coisa. Pois senhor, prosseguiu ela, se me tivésseis beijado, os dias de vossa vida teriam chegado ao fim. Ai, todo o meu trabalho foi em vão, pois havia preparado esta capela para vós e para Sir Gawaine. Certa vez, tive comigo Sir Gawaine e, na ocasião, ele enfrentou o cavaleiro que aí jaz morto, Sir Gilbert, o Bastardo, e lhe cortou a mão esquerda. E, senhor Lancelote, agora vos digo que

vos amo há sete anos e que nenhuma mulher poderá ter vosso amor a não ser a Rainha Guinevere. Mas, se não posso desfrutar de vosso corpo vivo, esperava apenas poder desfrutar de vosso cadáver. Trataria então de vos embalsamar e serviria a vosso corpo, guardá-lo-ia por todos os dias de minha vida e diariamente vos abraçaria e beijaria, manifestando meu desprezo pela Rainha Guinevere. Tendes toda a razão, retrucou Sir Lancelote. Que Jesus me guarde de vossas artes sutis. Em seguida, montou seu cavalo e se foi. E, como diz o livro, depois que Sir Lancelote partiu, o sofrimento da mulher foi tão grande que, ao cabo de quatorze noites, ela morreu. Chamava-se Hellawes, a feiticeira, e era a senhora do castelo de Nigramous.

Pouco mais tarde, Sir Lancelote encontrou a donzela, irmã de Sir Meliot. Ao vê-lo, a moça bateu palmas e chorou de alegria. Cavalgaram então os dois até um castelo próximo, onde jazia o cavaleiro ferido. Assim que o viu, Sir Lancelote o reconheceu, mas ele estava muito pálido, cor de terra, de tanto sangrar. Quando Sir Meliot viu quem chegava, se pôs de joelhos e disse em voz alta: Ah, meu senhor Lancelote, ajudai-me! O cavaleiro correu ao seu encontro e tocou suas feridas com a espada de Sir Gilbert. Depois, enxugou os mesmos locais com parte do tecido ensanguentado que envolvia o cadáver e, tão logo isso aconteceu, Sir Meliot se viu mais são do que jamais estivera na vida. Foi grande a alegria dos irmãos, que fizeram, para Sir Lancelote, todas as festas que puderam. Na manhã seguinte, este se despediu e pediu que Sir Meliot se dirigisse imediatamente à corte do Rei Arthur. Pois já se aproxima o banquete de Pentecostes, acrescentou ele, e, com a graça de Deus, lá vós me encontrareis.

CAPÍTULO XVI

Como, a pedido de uma dama, Sir Lancelote recuperou um falcão e como foi enganado.

Sir Lancelote seguiu cavalgando por países estranhos, atravessando charcos e vales, até que, por acaso, chegou a um belo castelo e, quando passava diante da construção, pensou ter ouvido o som de dois guizos. Avistou então um falcão, com longas correias pendendo das patas, que passou voando por cima de sua cabeça, seguindo na direção de um grande olmo, onde finalmente pousou. As correias, porém, se enredaram nos galhos da árvore e, quando a ave quis alçar voo novamente, ficou pendurada, presa pelas patas. Sir Lancelote percebeu que era um lindo falcão peregrino e, por vê-lo assim pendurado, teve muita pena do animal.

Nesse meio-tempo, surgiu uma dama saindo do castelo e disse alto e bom som: Ó Lancelote, Lancelote, vós que sois a fina flor da cavalaria, ajudai-me a recuperar meu falcão. Se eu perdê-lo, meu marido dará cabo de mim, pois estava cuidando dele quando escapou, e se meu marido descobrir poderá me matar, porque é um homem muito colérico. Qual é o nome de vosso senhor?, indagou Sir Lancelote. Ele se chama Sir Phelot, respondeu ela, um cavaleiro que é vassalo do rei de Gales do Norte. Pois bem, gentil senhora, já que sabeis quem sou e estais me pedindo meu auxílio como um cavaleiro, farei o possível para vos devolver vosso falcão, embora essa árvore seja muito alta e tenha poucos galhos que possam me ajudar, e Deus sabe que sou péssimo quando se trata de subir em árvores. Dizendo isso, apeou, prendeu o cavalo ao tal olmo e pediu à dama que o desarmasse. Depois, tirou toda a roupa, inclusive a camisa e os calções, e com força e vigor subiu até onde estava o falcão, amarrou as correias a um galho seco e atirou a ave para baixo.



Sir Lancelote e a
feiticeira Hellawes.

A dama conseguiu apará-lo imediatamente e, nesse instante, seu marido, Sir Phelot, saiu do meio das árvores, inteiramente armado e empunhando a espada já desembainhada. Ah, cavaleiro Lancelote! Finalmente eu vos encontro como desejava. E postou-se junto ao tronco do olmo pronto para matá-lo. Ah, senhora!, exclamou Sir Lancelote. Por que me traístes? Ela nada mais fez do que obedecer às minhas ordens, retrucou Sir Phelot, e, por isto, não há outro remédio: é chegada a hora de vossa morte. Seria uma vergonha para vós, disse Sir Lancelote, um cavaleiro armado, matar à traição um homem despido. Não obtereis qualquer outra graça, replicou Sir Phelot, portanto, tratai de vos defender como puderdes. Insisto que será vergonhoso para vós, acrescentou Sir Lancelote, mas, se quereis assim, podeis ficar com meu arnês e pendurai minha espada em um galho em que eu possa alcançá-la. Depois, tentai matar-me se fordes capaz. Não, não, retrucou o outro, pois vos conheço melhor do que julgais. Assim, pois, não tereis arma alguma se eu puder impedir isso. Ai!, lamentou-se Lancelote. Um cavaleiro morrer desarmado… Dizendo isso, olhou para cima e para baixo e, sobre sua cabeça, viu o que parecia uma grossa lança, um galho grande e sem folhas, e o partiu usando o corpo. Desceu então um pouco, observou a posição de seu cavalo e, de repente, saltou para perto do animal, do lado oposto ao que estava o cavaleiro. Ao ver tal manobra, Sir Phelot investiu furiosamente contra ele, acreditando que ia matá-lo. Sir Lancelote, porém, aparou o ataque com a estaca e, logo a seguir, desfechou tamanho golpe na cabeça de seu adversário que este caiu no chão, desfalecido. Então, sacou da espada e lhe cortou a cabeça. Ai!, exclamou a dama. Por que matastes meu marido? Não fui eu quem provocou esta situação, respondeu Sir Lancelote, pois, usando de falsidade, quisestes matar-me de forma traiçoeira e, agora, foi isso que recaiu sobre vós. A dama caiu desmaiada, como se fosse morrer, e, mais que depressa, Sir Lancelote pegou toda a sua armadura e tratou de vesti-la, temendo novos ataques, pois achava que o castelo do cavaleiro morto poderia ficar bem perto dali. Assim que pôde, montou seu cavalo e partiu, dando graças a Deus por haver escapado de tal aventura.



CAPÍTULO XVII

Como Sir Lancelote derrotou um cavaleiro que perseguia a esposa para matá-la e em que termos se dirigiu a ele.

Sir Lancelote cavalgou por vários terrenos incultos, atravessando pântanos e caminhos agrestes. Quando alcançou um vale, viu um cavaleiro que, espada em punho, perseguia uma dama para matá-la. Por graça da fortuna, quando o referido cavaleiro ia conseguir seu intento, ela gritou, suplicando que Sir Lancelote a salvasse. Ao ver tal vilania, este esporeou o cavalo e se interpôs entre os dois, dizendo: Não tendes vergonha, cavaleiro?, exclamou. Por que quereis matar esta dama? Envergonhais não apenas a vós mesmo, mas a todos os cavaleiros. Por que vos intrometeis entre minha esposa e eu?, replicou o outro. Hei de matá-la a despeito de vossa interferência. Não o fareis, disse Sir Lancelote, pois, antes, vamos nos enfrentar. Senhor Lancelote, insistiu o cavaleiro, este assunto não vos diz respeito, uma vez que esta dama me traiu. Não é verdade, replicou a dama. Ele me acusa injustamente. Porque amo e quero bem a meu primo-irmão, meu marido tem ciúmes de mim, e, como terei de responder perante Deus, nunca houve pecado entre nós dois. Mas, senhor, já que sois considerado o mais digno cavaleiro do mundo, eu vos suplico, em nome da verdadeira cavalaria, que me protejais e me salveis, pois, apesar de tudo que puderdes lhe dizer, ele me matará porque não tem nenhuma compaixão. Nada tendes a temer, disse Lancelote, pois tal decisão não estará em seu poder. Senhor, disse o marido traído, diante de vossos olhos, farei o que desejais. Assim, pois, Sir Lancelote saiu cavalgando de um lado e ela, de outro. Mas não haviam avançado muito quando o cavaleiro pediu que Sir Lancelote se virasse e olhasse para trás. Senhor, disse, estão vindo homens de armas. Sem pressentir qualquer traição, Sir Lancelote se virou e, com isso, a dama e seu marido ficaram próximos. O homem, num gesto súbito, lhe cortou a cabeça.

Quando Sir Lancelote viu o que ele havia feito, exclamou: Traidor! Com isso, me haveis envergonhado para sempre! Apeou e sacou da espada para matá-lo. O outro, porém, atirou-se ao chão, segurou o cavaleiro pelas coxas implorando sua misericórdia. Maldito!, bradou Sir Lancelote. Vergonha da cavalaria! Não mereceis misericórdia alguma, portanto, levantai-vos e lutai comigo. Não, replicou o outro. Não me levantarei até ter obtido vossa misericórdia. Ofereço-vos igualdade de condições, disse Lancelote. Vou me desarmar, ficando apenas com a camisa e a espada em punho. Se conseguirdes me matar, estareis livre para sempre. Não, senhor, replicou o homem. Jamais vou aceitar tal coisa. Então,

prosseguiu Sir Lancelote, pegai esta dama e sua cabeça, levai-as convosco e jurai sobre minha espada que a levareis sempre às costas, sem descansar, até chegardes diante da Rainha Guinevere. Assim farei, disse ele, por minha fé. Dizei-me agora, acrescentou Lancelote, como vos chamais? Chamo-me Pedivere, senhor. Em hora vergonhosa nascestes!, exclamou Sir Lancelote.

Pedivere partiu então, levando às costas a dama morta e sua cabeça. Encontrou a rainha com seu esposo em Winchester e lhes contou toda a verdade. Senhor cavaleiro, disse a soberana, cometestes um ato horrível e vergonhoso, além da grande injúria que fizestes a Sir Lancelote. Entretanto, a honra daquele cavaleiro é conhecida em muitos países diferentes. Portanto, vou vos impor uma penitência: seja como for, levareis esta dama convosco, a cavalo, até o Papa, em Roma, para receber a devida penitência por vossos feitos daninhos. Não podereis descansar outra noite em local onde já houverdes descansado uma vez e, em qualquer cama que vos deiteis, o cadáver deverá permanecer ao vosso lado. Pedivere jurou cumprir o que a rainha lhe impusera e partiu. Como relata o livro francês, quando ele chegou a Roma, o Papa ordenou que voltasse até a Rainha Guinevere, e a dama, por ordem do Pontífice, foi enterrada em Roma. Depois deste episódio, Sir Pedivere passou a demonstrar grande bondade, tornando-se um homem santo e eremita.



CAPÍTULO XVIII

Como Sir Lancelote chegou à corte do Rei Arthur e como seus nobres feitos e façanhas foram ali relatados.

Voltemos agora a Sir Lancelote do Lago, que regressou dois dias antes do banquete de Pentecostes para grande alegria do rei e de toda a sua corte. E, quando Sir Gawaine, Sir Uwaine, Sir Sagramore e Sir Hector de Maris o viram envergando a armadura de Sir Kay, entreolharam-se, trocando risos e sorrisos, pois compreenderam que fora ele que os havia derrotado a todos com uma única lança. Pouco a pouco foram chegando os cavaleiros que Sir Turquine havia mantido prisioneiros, todos prestigiando e elogiando Sir Lancelote.

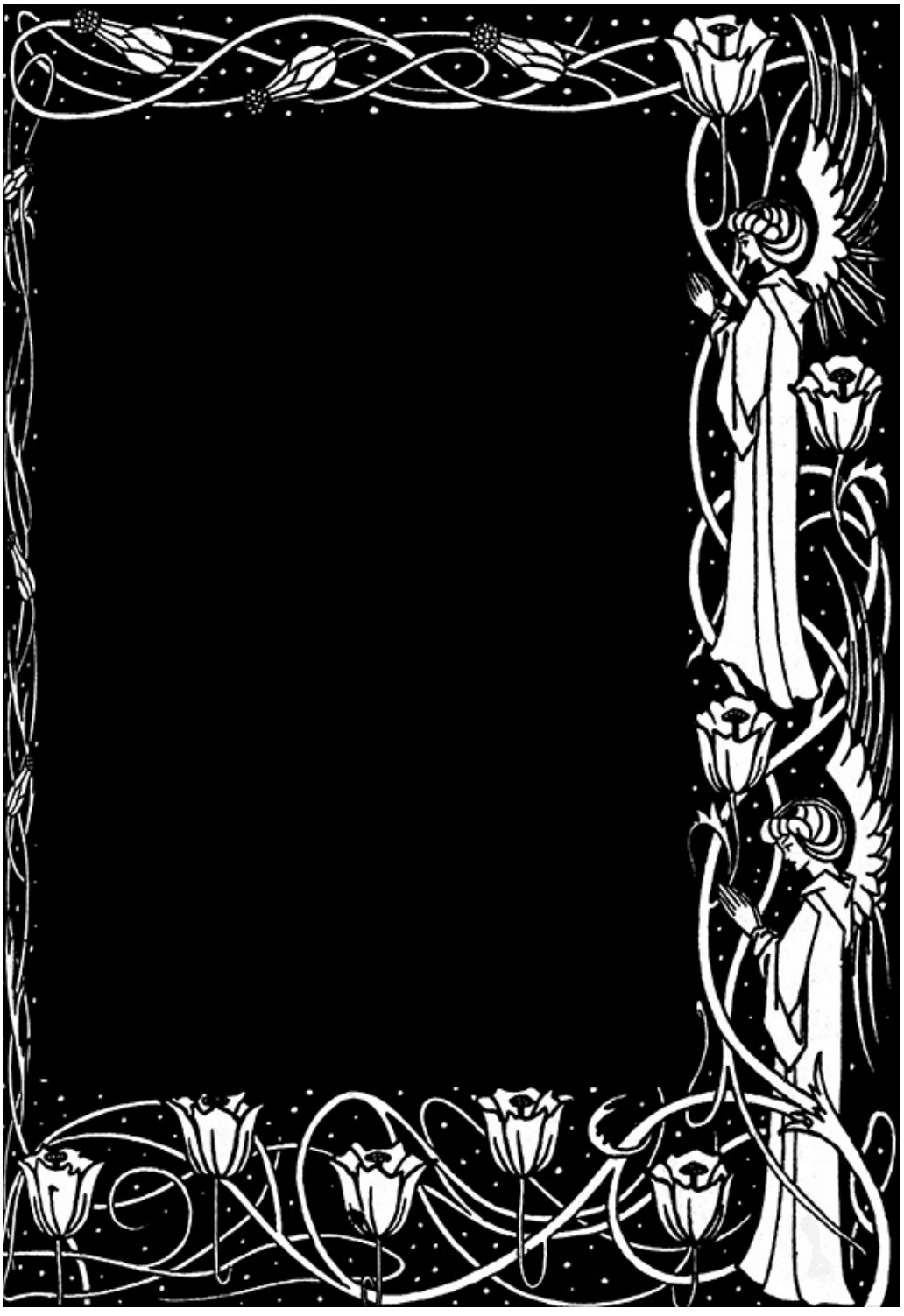
Quando Sir Gaheris os ouviu falar, disse: Vi a batalha inteira, do começo ao fim. E contou ao Rei Arthur como tudo havia transcorrido, acrescentando que Sir Turquine era o homem mais forte que já vira, à exceção de Sir Lancelote. E muitos outros cavaleiros deram testemunho do ocorrido, cerca de sessenta. Então, Sir Kay contou ao rei como Sir Lancelote o havia socorrido quando ele ia ser morto. E, acrescentou, fez com que os cavaleiros se rendessem a mim, e não a ele. Como os três estavam presentes, também deram seu testemunho. E, por Jesus, prosseguiu ainda Sir Kay, como ele pegou meu arnês e meu deixou o seu, cavalguei na mais perfeita paz, pois ninguém quis se haver comigo.

Pouco mais tarde, chegaram os três cavaleiros que haviam lutado com Sir Lancelote na ponte comprida. Renderam-se a Sir Kay, que os perdoou e disse que jamais lutara com eles. Mas sossegarei vosso coração, acrescentou, pois ali está Lancelote, o cavaleiro que vos venceu. Ao saber disso, os três se alegraram imensamente. Então chegou Sir Meliot de Logres e contou como Sir Lancelote o havia salvado da morte. Assim, pois, todos ficaram sabendo de suas façanhas, como quatro rainhas feiticeiras o prenderam e como ele fora libertado pela filha do Rei Bagdemagus. Contaram também todos os grandes feitos de armas que ele havia realizado entre dois monarcas, que foram o rei de Gales do Norte e o Rei Bagdemagus. Sir Gahalantine, Sir Mador de la Porte e Sir Mordred relataram toda a verdade, pois haviam participado do mesmo torneio. Por fim, chegou a dama que conheceu Sir Lancelote quando este feriu Sir Belleus na sua tenda, e ali, a pedido de Sir Lancelote, Sir Belleus tornou-se cavaleiro da Távola Redonda. Nesse período, Lancelote ficou mais famoso que qualquer outro cavaleiro do mundo e foi muito honrado por nobres e por gente do povo.

Eis a nobre história de Sir Lancelote do Lago que compõe o Livro VI. Segue-se a história de Sir Gareth de Orkney, que foi chamado de Bellesmains por Sir Kay, e que compõe o Livro sétimo.

LIVRO VII





CAPÍTULO I

Como Bellesmains se apresentou à corte do Rei Arthur e lhe fez três reivindicações.

uando Arthur viu reunidos todos os seus cavaleiros da Távola Redonda, decidiu ordenar que os grandes festejos de Pentecostes fossem realizados em uma cidade e um castelo que, na época, chamava-se Kynke Kenadonne, localizado na praia próxima à fronteira de Gales. No banquete de Pentecostes, mais do que em outras celebrações do ano, o monarca tinha o hábito de não começar a comer antes de ter visto ou ouvido narrar alguma maravilha. Em razão desse costume, nesta festa mais do que em qualquer outra, era comum lhe chegarem as mais estranhas aventuras. Assim, pouco antes do meio-dia de Pentecostes, Sir Gawaine avistou, por uma janela, que três homens a cavalo e um anão a pé vinham se aproximando. Então, os três desmontaram enquanto o anão ficou cuidando dos cavalos. Um deles era um pé e meio mais alto que os outros dois. Sir Gawaine logo procurou o rei e lhe disse: Majestade, preparai-vos para comer, pois aqui mesmo vão se desenrolar estranhas aventuras. O monarca sentou-se à mesa com muitos outros reis. Ali estavam todos os cavaleiros da Távola Redonda, à exceção dos que haviam sido feitos prisioneiros ou morrido em algum confronto. Na banquete, deveriam estar sempre presentes cento e cinquenta cavaleiros, caso contrário a Távola Redonda não estaria completa.

Pouco depois, entraram no salão dois homens bem-apessoados e ricamente trajados, em cujos ombros, bem à vista, traziam o mancebo mais formoso e galhardo que todos jamais tinham visto. Era alto, tinha os ombros largos, as feições graciosas e as maiores e mais belas mãos que nunca vira homem algum. Mas parecia não poder andar nem ficar de pé sem se apoiar nos ombros dos outros dois. Assim que Arthur o viu, fez-se um profundo silêncio, e os presentes abriram caminho para eles. Carregando o mancebo naquela espécie de liteira, os recém-chegados se dirigiram diretamente ao rei sem dizer uma só palavra. O tal jovem, então, se recostou e se aprumou, dizendo: Rei Arthur, que Deus vos abençoe bem como a toda vossa leal companhia, especialmente os membros da Távola

Redonda. Foi por esse motivo que vim até aqui: para vos suplicar e pedir que me concedais três dons. Não vos pedirei nada que seja insensato, mas sim três coisas que podereis honrosa e dignamente me conceder, sem qualquer desdouro ou perda para vós. O primeiro deles é o que vou pedir agora, já os dois outros vos pedirei daqui a doze meses, no local onde celebrardes vosso grande festejo. Pede, pois, disse o monarca, e obterás o que solicitares.

Majestade, este é o meu pedido para este festejo: que me deis de comer e beber o suficiente durante doze meses e, no dia em que o ano se completar, hei de vos apresentar meus dois outros pedidos.

Filho gentil, replicou Arthur, o meu conselho é que peças mais, pois o que desejas é muito simples, e meu coração me diz que descendes de gente de mérito, e estarei redondamente enganado se tu mesmo não demonstrares ser homem de mérito. Meu senhor, disse o mancebo, seja como for, já vos pedi o que queria pedir. Pois bem, disse o rei, terás o bastante para comer e beber. Nunca neguei isso a ninguém, fosse amigo ou inimigo. Mas gostaria de saber como te chamas. Não posso responder a esta pergunta, declarou o rapaz. É assombroso, exclamou Arthur, que não saibas teu nome, sendo o mancebo mais garboso que jamais vi. Então, o recomendou a Sir Kay, o Mordomo, encarregando-o de providenciar todo tipo de carnes e bebidas, das melhores que houvesse ali, e que lhe entregasse também toda sorte de provisões, como se o mancebo fosse filho de um grande senhor. Não vejo necessidade de tanta despesa com ele, retrucou Sir Kay. Tenho certeza de que nasceu aldeão e nunca há de se tornar um homem, pois, se descendesse de alguém do alto estado, teria pedido cavalo e armadura, mas pediu o que está de acordo com ele. E, já que não tem nome, vou lhe dar um. Ele será chamado de Bellesmains, que quer dizer Belas Mãos. Levá-lo-ei à cozinha, onde receberá ricos caldos todos os dias. Assim, quando os doze meses tiverem se passado, estará gordo como um porco. Depois disso, os dois homens que o tinham trazido se foram, deixando o mancebo com Sir Kay, que continuou a tratá-lo com desprezo e zombarias.

CAPÍTULO II

Como Sir Lancelote e Sir Gawaine ficaram furiosos porque Sir Kay zombou de Bellesmains, e como apareceu uma donzela à procura de um cavaleiro para combater em nome de uma dama.

Diante de tal atitude, Sir Gawaine e, principalmente, Sir Lancelote, se irritaram, e este pediu a Sir Kay que parasse com aquelas zombarias. Aposto minha cabeça, disse Lancelote, que ele provará ser um homem de muita honra. Seja ele quem for, retrucou Sir Kay, o que dizeis não tem cabimento, pois, com tal pedido, ele deixou bem clara sua origem. Tende cuidado, insistiu Sir Lancelote, pois também zombastes do bom cavaleiro Brewnor, irmão de Sir Dinadan, chamando-o La Cote Mal Taillée, e, depois, acabastes furioso com isso. O mesmo jamais acontecerá com este aqui, retrucou Sir Kay. Sir Brewnor sempre desejou honra, ao passo que ele quer pão, bebida e caldos. Garanto que foi criado em alguma abadia, mas, por um motivo ou por outro, faltou-lhes de comer e de beber, o que o trouxe até aqui em busca de sustento.

Dizendo isso, mandou que o jovem se sentasse em algum lugar para comer. Bellesmains se dirigiu à porta do salão, sentou-se em meio a uns meninos e uns rapazes e se pôs a comer tristemente. Então, Sir Lancelote mandou que ele fosse a seus aposentos quando terminasse, pois encontraria ali bastante bebida e comida, no que foi seguido por Sir Gawaine. O jovem, porém, recusou ambas as ofertas e só quis fazer o que Sir Kay mandasse, a despeito de todas as outras possibilidades. Mas, no que se dizia respeito a Sir Gawaine, o motivo que o levava a oferecer abrigo, comida e bebida vinha do sangue, pois era um parente muito mais próximo do que ele mesmo sabia. Já Sir Lancelote teve tal atitude motivada apenas por suas grandes gentileza e cortesia.

Assim, pois, o rapaz foi deixado na cozinha e dormia ali com os ajudantes. Suportou tudo isso durante o ano inteiro, sem jamais desagradar homens ou mancebos, mas sempre mostrando-se humilde e amável. No entanto, quando havia alguma justa entre cavaleiros, desejava vê-la se fosse possível. Sir Lancelote lhe dava ouro para gastar e também roupas, e Sir Gawaine fazia o mesmo. Com isso, sempre que se realizava alguma competição, lá estava ele, e ninguém conseguia lançar barra ou pedra a duas jardas das suas. Ora, ora!, exclamava Sir Kay, estás te divertindo, meu ajudante de cozinha? Assim se passou o tempo até chegar o banquete de Pentecostes e, dessa vez, o rei o celebrou em Carlion, com toda a pompa, como sempre fazia a cada ano. Mas não queria comer nada antes de ouvir alguma aventura. Aproximou-se então um escudeiro e lhe disse: Majestade, podeis

começar a comer, pois vem aí uma donzela com alguma estranha aventura. Ao ouvir isso, o rei se alegrou e se pôs à mesa.

Nesse instante, uma donzela entrou no salão, saudou o rei e lhe pediu socorro. Para quem, perguntou Arthur? Qual é a aventura? Majestade, respondeu a moça, minha senhora é uma dama de grande honra e renome, mas um tirano a mantém sob cerco de tal forma que ela não pode deixar seu castelo. Como estes são considerados os mais nobres cavaleiros do mundo, recorro a vós para pedir auxílio. Como se chamam vossa senhora e aquele que a mantém sitiada? Onde ela vive e quem é? Senhor Rei, disse a donzela, não poderei vos dizer o nome de minha senhora na presente ocasião, mas garanto a Vossa Majestade que se trata de uma dama de grande mérito e possuidora de muitas terras. Quanto ao tirano que a mantém sitiada e vem destruindo suas terras, trata-se do Cavaleiro das Landas Vermelhas. Não o conheço, replicou o rei. Eu o conheço bem, disse Sir Gawaine, pois é um dos cavaleiros mais perigosos do mundo. Dizem que possui a força de sete homens e, na ocasião em que o enfrentei, por pouco não saí morto. Gentil donzela, disse o Rei Arthur, há aqui cavaleiros que dedicariam toda as forças para salvar vossa senhora, mas, já que não quereis dizer seu nome nem onde ela vive, nenhum deles irá convosco por minha vontade. Então, terei que continuar procurando, disse a moça.

CAPÍTULO III

Como Bellesmains se ofereceu para o confronto, o que lhe foi concedido, e como ele desejou tornar-se um cavaleiro de Sir Lancelote.

Neste momento, Bellesmains se apresentou diante do monarca, enquanto a donzela ainda estava presente, e disse: Majestade. Que Deus vos recompense por me haver mantido em vossa cozinha durante este ano inteiro e me dado todo o meu sustento. Agora, quero vos fazer os dois pedidos restantes. Pois pede, por minha vida, replicou o rei. O primeiro é que me concedais a aventura dessa donzela, pois ela me pertence. Pedido concedido, disse o monarca. O segundo é que rogueis a Sir Lancelote do Lago que me sagre cavaleiro, pois não desejo ser sagrado cavaleiro por ninguém mais. E, depois que eu partir, rogo-vos que permitis que ele cavalgue em meu encalço e me sagre cavaleiro quando eu lhe pedir. Que assim seja, declarou o rei. Maldito sejais!, exclamou a donzela. Tudo que me ofereceis é um pajem de vossa cozinha? Furiosa, a jovem pegou seu cavalo e partiu. Nesse meio-tempo, alguém se aproximou de Bellesmains dizendo-lhe que já haviam trazido seu cavalo e sua armadura e mostrou-lhe um anão portando tudo de que ele poderia precisar apresentado da maneira mais rica possível. Diante disso, a corte inteira se assombrou sem saber de onde teria vindo semelhante armamento. Quando pronto, Bellesmains ficou garboso como poucos homens eram. O jovem, então, entrou no salão, despediu-se do Rei Arthur, de Sir Gawaine e de Sir Lancelote, pedindo a este último que se apressasse em segui-lo. Dizendo isso, partiu atrás da donzela.



CAPÍTULO IV

Como Bellesmains partiu, como obteve de Sir Kay uma lança e um escudo, e como enfrentou Sir Lancelote em uma justa.

Mas foram muitos os que saíram para ver o rapaz bem aparelhado e bem montado, com tecido de ouro, que ia atrás de uma aventura. Ele, porém, não possuía nem lança nem escudo. Então, Sir Kay disse alto e bom som: Cavalgarei ao encalço de meu ajudante de cozinha para ver se reconhece que sou melhor do que ele. Permanecei aqui, retrucaram Sir Lancelote e Sir Gawaine. Mas o cavaleiro se preparou, pegou seu cavalo, sua lança e se foi. Mal Bellesmains alcançou a donzela, Sir Kay também chegou e disse: Bellesmains! Como assim? Não me conheceis? O jovem então virou o cavalo e logo soube que se tratava daquele que tanto o havia menosprezado antes. Claro, respondeu. Eu vos reconheço perfeitamente como o cavaleiro descortês da corte e, por isso, defendei-vos de mim. Ao ouvir isso, Sir Kay ergueu a lança e correu em sua direção enquanto Bellesmains fazia o mesmo, empunhando a espada. Com ela, esquivou-se da lança e traspassou o flanco de Sir Kay, que caiu no chão como se estivesse morto. Então, Bellesmains desmontou, pegou o escudo e a lança do cavaleiro, voltou a montar seu próprio cavalo e seguiu seu caminho.

Sir Lancelote testemunhou toda aquela cena, bem como a tal donzela que mandou que seu anão saltasse sobre a montaria de Sir Kay, e assim ele fez. Nessa hora, como Sir Lancelote havia se aproximado, Bellesmains lhe propôs que justassem. Ambos se prepararam e arremeteram um contra o outro com tamanho ímpeto que caíram por terra, ficando bem machucados. Desvencilhando-se do cavalo, Sir Lancelote se pôs de pé. Bellesmains se desfez do escudo e propôs que lutassem no chão. Investiram um contra o outro como dois javalis, avançando, cortando e trocando estocadas por cerca de meia hora. Sir Lancelote estava maravilhado com a força daquele rapaz, pois ele lutava mais como um gigante do que como um cavaleiro, e sua luta era duradoura e extremamente perigosa. Diante de todo o trabalho que seu adversário lhe dava e temendo acabar se envergonhando, Lancelote lhe disse: Bellesmains, não precisais lutar com tanto empenho. Vós e eu não temos querela tão grave que não possamos deixar as coisas como estão. Tendes razão, replicou o mancebo. Mas tenho muito prazer em sentir vossa força. No entanto, senhor, não pus todo o meu empenho nessa luta.

CAPÍTULO V

Como Bellesmains disse a Sir Lancelote como se chamava, como foi por este sagrado cavaleiro e, depois, seguiu a donzela.

Em nome de Deus, disse Sir Lancelote, e por minha fé, juro que precisei resistir muito para evitar cair em vergonha e, portanto, nenhum temor deveis ter de qualquer cavaleiro deste mundo. Esperais que eu possa me apresentar a qualquer momento como um cavaleiro comprovado?, perguntou Bellesmains. Sim, respondeu Sir Lancelote. Fazei como fizestes agora, e darei testemunho disto. Então, prosseguiu o mancebo, eu vos rogo que me concedais a ordem da cavalaria. Antes, porém, deveis me dizer vosso nome e de que linhagem descendeis. Hei de fazê-lo, senhor, replicou Bellesmains, contanto que não o reveleis a ninguém mais. Eu vos prometo, por minha fé, que nada direi, replicou Sir Lancelote. Chamo-me Gareth e sou irmão de Sir Gawaine por parte de pai e de mãe. Ah! Senhor, exclamou Sir Lancelote. Estou ainda mais satisfeito convosco do que antes, pois sempre acreditei que fôsseis de sangue nobre e que o motivo de estardes na corte não era comida ou bebida. Então, Sir Lancelote lhe concedeu a ordem da cavalaria e Sir Gareth lhe pediu que se despedissem e que ele o deixasse partir.

Assim, pois, os dois se separaram, e Sir Lancelote foi até Sir Kay, mandou que o transportassem até a corte deitado sobre seu escudo, onde, com muita dificuldade, acabou se recuperando. Todos ali censuraram Sir Kay, especialmente Sir Gawaine, e Sir Lancelote lhe disse que não era uma atitude digna menosprezar qualquer mancebo, já que pouco sabia de que berço saíra ou por que motivo viera à corte. Mas deixemos agora Sir Kay e voltemos a Bellesmains.

Quando este alcançou a donzela, esta o recebeu dizendo: O que estás fazendo aqui? Tens cheiro de cozinha, tuas roupas estão sujas da gordura e do sebo que respingaram em ti na cozinha do Rei Arthur. Acreditas, acrescentou ela, que vou te aceitar porque mataste aquele cavaleiro? Pois garanto que não, já que o mataste de forma infeliz e covarde. Trata portanto de voltar, sujo ajudante de cozinha, porque sei muito bem quem és: aquele que Sir Kay chamou de Bellesmains. Não passas de um simplório que só serve para girar os espetos sobre o fogo e esfregar panelas! Donzela, replicou Bellesmains, podeis dizer o que quiserdes, mas não vos deixarei, pois prometi ao Rei Arthur que realizaria vossa aventura; de modo que ou a levarei a cabo ou morrerei tentando. Maldito sejas, ajudante de cozinha! Queres concluir minha aventura? Logo enfrentarás alguém que preferirias jamais

encontrar, nem por todos os caldos que tenhas comido na vida. É o que veremos, disse o jovem.

Assim que entraram no bosque, viram um homem que fugia o mais depressa que conseguia. Onde vais?, perguntou Bellesmains. Ah, senhor, respondeu o fugitivo, ajudai-me, pois, perto daqui, em uma clareira, seis ladrões prenderam meu senhor, amarraram-no, e temo que pretendam matá-lo! Leva-me até lá!, exclamou o mancebo. Saíram cavalgando juntos até chegarem ao local onde o tal cavaleiro estava amarrado e Bellesmains investiu contra os ladrões. Feriu mortamente o primeiro, depois, o outro e, com um terceiro golpe, matou o último deles. Os outros três trataram de fugir, mas o jovem os perseguiu e conseguiu alcançá-los. Eles então se voltaram e o atacaram furiosamente. Bellesmains, porém, os matou e, em seguida, voltou para desamarrar o prisioneiro. Este lhe ficou muito grato e lhe pediu que o acompanhasse até seu castelo, que ficava perto dali, pois queria recompensá-lo honrosamente por sua boa ação. Senhor, disse Bellesmains, não desejo recompensa alguma. Hoje, fui sagrado cavaleiro por Sir Lancelote e, por isso, a única recompensa que pretendo ter é a que Deus quiser me dar. E também preciso acompanhar esta donzela.

Voltou então até a moça que, mais uma vez, mandou que ele não se aproximasse. Fedes a cozinha, disse ela. Achas que me alegro ao ver-te? Tudo que fizeste foi apenas para tua desventura, mas logo terás uma visão que te fará recuar bem depressa. Então, o mesmo cavaleiro que havia sido salvo dos ladrões foi atrás da donzela e lhe rogou que se abrigasse com ele por aquela noite. Como já estava anoitecendo, a jovem o acompanhou até seu castelo, onde foram muito bem recebidos, e, durante o jantar, o cavaleiro fez Bellesmains se sentar diante de uma donzela de alta linhagem. Que vergonha, senhor cavaleiro!, exclamou ela. Sois descortês pondo um ajudante de cozinha à minha frente. O melhor lugar para ele seria degolando um porco do que diante de uma donzela de fina linhagem. Envergonhado por tais palavras, o cavaleiro pediu a Sir Bellesmains que se levantasse, levou-o para uma mesa separada e sentou-se com ele. E, durante toda a noite, os dois se divertiram e tiveram alegres momentos de descanso.

CAPÍTULO VI

Como Bellesmains enfrentou e matou dois cavaleiros em uma estreita passagem.

Pela manhã, a donzela e ele se despediram do seu anfitrião, agradecendo-lhe, e seguiram seu caminho até que chegaram a uma grande floresta. Havia ali um rio caudaloso que só podia ser atravessado por uma estreita passagem, mas, do outro lado, dois cavaleiros a bloqueavam. E agora?, perguntou a donzela. Vais desafiar esses dois cavaleiros ou voltar pelo caminho por onde veio? Não, respondeu Sir Bellesmains, não voltaria atrás mesmo que fossem seis. Lançou-se então à água, e ali dentro as lanças de ambos se partiram na altura da empunhadura, obrigando-os a sacar da espada. Investiram um contra o outro com fúria e, finalmente, Bellesmains desfechou tamanho golpe no elmo de seu adversário que este, inteiramente atordoado, caiu no rio e se afogou. O jovem esporeou seu cavalo, chegou à margem e atacou o outro cavaleiro. Sua lança se partiu, os empunharam as espadas e lutaram por um longo tempo. Enfim, Sir Bellesmains atingiu o elmo de seu adversário, abrindo-lhe a cabeça até os ombros. Depois, voltou para perto da donzela e lhe pediu que seguissem viagem.

Ai!, exclamou ela. Tudo isso porque um ajudante de cozinha teve a sorte de destruir tão valorosos cavaleiros! Acreditas que o fizeste por teu esforço? Não foi bem assim. No caso do primeiro, o cavalo tropeçou e ele acabou se afogando, mas não foi graças à tua força, nem à tua perícia. Quanto ao segundo, tu o atacastes por trás, de forma traiçoeira, e o mataste em uma luta desleal. Donzela, disse Bellesmains, podeis dizer o que quiserdes, mas, seja quem for o adversário que eu tenha que enfrentar, confio em Deus que terei prestado meus serviços enquanto o inimigo estiver diante de mim. Portanto, pouco me importo com vossa opinião, contanto que vossa senhora possa ser libertada. Maldito sejas, sujo ajudante de cozinha! Logo encontrarás cavaleiros que haverão de acabar com tua soberba. Gentil donzela, falai comigo de forma cortês e, então, deixarei de afirmar tais coisas, pois quaisquer que sejam tais cavaleiros, não os temo nem me preocupo com eles. Também digo isso em teu benefício, replicou a jovem, a fim de que possas regressar com honra, pois, se me seguires, morrerás, já que tudo que fazes é por puro infortúnio e não por habilidade de tuas mãos. Pois bem, donzela, podeis dizer o que quiserdes, mas eu vos seguirei onde quer que fordes. E continuou cavalgando com a moça até a hora de vésperas sem que ela lhe desse uma trégua sequer nas críticas. Chegaram então a uma terra negra onde havia um espinheiro

negro de onde pendiam uma bandeira negra e, do outro lado, um escudo negro. Junto de tal espinheiro, via-se de pé uma lança negra, comprida e grossa, e também um grande cavalo negro coberto de seda perto de uma pedra negra.

CAPÍTULO VII

Como Bellesmains enfrentou o Cavaleiro das Terras Negras e lutou até seu adversário cair morto.

Sentado ali, todo armado com arnês negro, estava um cavaleiro chamado Cavaleiro das Terras Negras. Ao vê-lo, a donzela pediu a Bellesmains que fugisse correndo pelo vale, já que seu cavalo não estava encilhado. Muito obrigado, replicou o mancebo, mas continuaríeis considerando-me um covarde. Nesse momento, o Cavaleiro Negro se aproximou e perguntou: Donzela, trouxestes este cavaleiro do Rei Arthur para ser vosso defensor? Não, gentil cavaleiro, respondeu ela. Este não passa de um pobretão mantido por caridade na cozinha do Rei Arthur. Por que ele está usando todo esse aparato?, insistiu o cavaleiro. É uma vergonha para vós circular em sua companhia. Porque não consigo me livrar dele, senhor, respondeu a donzela, pois ele cavalga comigo contra a minha vontade. Deus queira que vós o afasteis de mim e o mateis se conseguirdes, pois esse pobre coitado não se portou nada bem no dia de hoje: o vi matar dois cavaleiros na estreita passagem sobre o rio e, antes disso, realizar por mero acaso outros feitos maravilhosos. Espanta-me, atalhou o Cavaleiro Negro, que qualquer homem de honra queira se haver com ele! É que não o conhecem, disse a jovem, e, como cavalgava comigo, julgaram que se tratasse de gente de berço nobre. É possível, assentiu o Cavaleiro Negro, porque, apesar de dizerdes que não é bem-nascido, tem postura muito garbosa e parece um homem forte. Mas só vos concederei isto: vou desmontá-lo e me apoderar de seu cavalo e de seu arnês, por seria vergonhoso para mim causar-lhe qualquer outro dano.

Ao ouvi-lo dizer isso, Bellesmains declarou: Senhor cavaleiro, sois muitíssimo generoso com meu cavalo e meu arnês. Sabei, porém, que não os tereis por nada no mundo e que, seja como for, atravessarei essas terras com ou sem vossa permissão. E só tereis meu cavalo e meu arnês se os obtiverdes com vossas próprias mãos e, então, veremos do que sois capaz. O que dizes?, esbravejou o Cavaleiro Negro. Deixa de seguir essa donzela, pois não é condizente com tua posição de ajudante de cozinha cavalgar com semelhante dama. Não é verdade!, exclamou Bellesmains. Nasci nobre e de linhagem superior ao vosso, coisa que vou provar em vosso corpo.

Enraivecidos, os dois se afastaram com seus cavalos e arremeteram um contra o outro com a fúria de um trovão. A lança do Cavaleiro Negro se partiu, e Bellesmains o traspassou de lado a lado. Com esse golpe, sua lança se partiu, e um

pedaço dela ficou encravado em seu adversário. Mesmo assim, o Cavaleiro Negro sacou a espada e, com golpes impetuosos e muito fortes, feriu gravemente Sir Bellesmains. Ao cabo de uma hora e meia, porém, ele acabou caindo do cavalo sem sentidos e morreu. Então, vendo que o outro possuía arnês e cavalo tão bons, apeou, vestiu sua armadura, pegou seu cavalo e foi atrás da donzela. Quando esta o viu se aproximar, disse: Afasta-te do vento, ajudante de cozinha, pois me enoja o cheiro de tuas roupas sujas! Ai, como semelhante pobretão pôde matar, por infortúnio, um cavaleiro tão bom! Tudo isso, porém, será para tua desventura. Perto daqui, há alguém que te fará pagar por tudo que fizeste e, portanto, o meu conselho é que fujas. Podem ser que me vençam ou me matem, retrucou Bellesmains, mas vos previno, gentil donzela, que não fugirei nem deixarei vossa companhia a despeito de todas vossas reclamações. Estais sempre dizendo que vou morrer ou ser vencido e, sejam quais forem as circunstâncias, eu é que tenho saído ileso enquanto os outros ficam caídos no chão. Melhor seria, pois, que deixásseis de me censurar o tempo todo, pois não partirei até o final desta jornada ou até que me matem ou me vençam efetivamente. Portanto segui vosso caminho, porque eu estarei a vosso lado aconteça o que acontecer.

CAPÍTULO VIII

Como o irmão do cavaleiro que foi morto enfrentou Bellesmains e lutou com este até se render.

Seguiam cavalgando juntos quando viram um cavaleiro todo de verde, armadura e arnês que vinha em sua direção. Ao se aproximar da donzela, o homem perguntou: É meu irmão, o Cavaleiro Negro, que trazeis convosco? Não, não, respondeu ela. Esse infeliz ajudante de cozinha matou vosso irmão por desventura. Ai de mim!, exclamou o Cavaleiro Verde. Que grande lástima um cavaleiro tão nobre como ele ter sido morto dessa maneira e, além do mais, por um pobretão como dizeis ser este homem! Ah, traidor, morrerás por haver matado meu irmão! Tratava-se de um cavaleiro muito nobre que se chamava Sir Perard. Eu vos desafio!, bradou Bellesmains. Sabei que o matei segundo os ditames da cavalaria, e não de maneira vergonhosa.

O Cavaleiro Verde dirigiu-se até um espinheiro e pegou uma trombeta verde que dali pendia. Tocou três sons mortais, e logo acudiram donzelas que o armaram com todo o cuidado. Pegou então um cavalo grande, um escudo verde e uma lança da mesma cor. Os dois correram ao encontro um do outro com todo o ímpeto, e suas lanças se partiram na altura da empunhadura. Sacaram das espadas e trocaram muitos golpes violentos, ferindo-se mutuamente com bastante gravidade. Finalmente, Bellesmains, atacando por um dos lados, atingiu o Cavaleiro Verde em um flanco, fazendo-o cair por terra. Este logo tratou de se desvencilhar do cavalo e se levantar. Vendo isso, Bellesmains desmontou e, por um bom tempo, os dois combateram como dois poderosos guerreiros. Nesse momento, a donzela se aproximou dizendo: Meu senhor Cavaleiro Verde, como podeis demorar tanto lutando contra um ajudante de cozinha? Que vergonha! Na verdade, é também uma vergonha que tenhais sido sagrado cavaleiro e ver esse pobretão vencer tal cavaleiro como as ervas daninhas que crescem por cima do trigo. Ao ouvir isso, o Cavaleiro Verde se sentiu humilhado e, com um poderoso golpe, partiu o escudo de seu adversário de alto a baixo. Vendo seu escudo assim partido, Bellesmains se envergonhou, tanto pelo golpe que havia levado quanto pelas palavras da donzela, e desfechou tamanha pancada no elmo do cavaleiro que este caiu de joelhos. Em um instante, seu adversário estava estirado de bruços no chão. Então, o Cavaleiro Verde pediu misericórdia, rendeu-se e suplicou que Bellesmains não o matasse. Tudo isso é inútil, replicou o mancebo, pois morrereis, a menos que esta donzela que me acompanha me implore que eu salve vossa vida. E, dizendo isso, começou

a desatar-lhe o elmo como se o fosse matar. Maldito sejas, falso ajudante de cozinha! Jamais rogarei que salves a vida dele, porque não desejo ficar em dívida para contigo. Então, ele morrerá!, exclamou Bellesmains. Não ouses fazer isso, porcalhão!, replicou ela. Ai, lamentou-se o Cavaleiro Verde, não permitis que eu morra se uma palavra benevolente pode me salvar! Gentil cavaleiro, dai-me a graça de viver e eu vos perdoarei por haver matado meu irmão. Serei para sempre vosso vassalo, e os trinta cavaleiros que possuo estarão sempre a vosso serviço. Com mil diabos!, bradou a donzela. Esse mísero ajudante vai ter vosso serviço e o de trinta cavaleiros?

Senhor cavaleiro, disse Bellesmains, nada disso poderá vos valer, a menos que minha donzela intervenha em vosso favor. E, dizendo isso, ameaçou matá-lo. Deixa que viva, seu ajudante sujo!, disse a jovem. Não o mates, pois haverás de te arrepender. Donzela, replicou Bellesmains, vosso pedido é para mim um prazer, e só por vossa intervenção salvareis a sua vida; do contrário não o faria. E acrescentou: Senhor cavaleiro das armas verdes, eu vos deixo livre a pedido desta donzela, pois, como não desejo aborrecê-la, cumprirei a ordem que ela me dá. O Cavaleiro Verde pôs então um dos joelhos no chão e lhe rendeu homenagem com sua espada. Nesse momento, a donzela disse: Lamento muito o dano que sofrestes, Cavaleiro Verde, e também a morte de vosso irmão, o Cavaleiro Negro, pois necessito muitíssimo de vossa ajuda, já que tenho medo de atravessar esta floresta. Nada tendes a temer, replicou o Cavaleiro Verde, porque passareis a noite em minha residência e, amanhã, cruzareis a floresta com minha ajuda. Todos pegaram seus cavalos e seguiram para a morada do Cavaleiro Verde que ficava bem perto dali.

CAPÍTULO IX

Como a donzela voltou a censurar Bellesmains, dizendo-lhe que jamais o aceitaria em sua mesa e chamando-o de ajudante de cozinha.

A donzela não cessava de criticar Bellesmains e não permitiu que ele se sentasse à mesma mesa que ela. Assim sendo, o Cavaleiro Verde o instalou em outra mesa à parte. Muito me espanta, disse este último dirigindo-se à jovem, que façais tantas críticas a este cavaleiro que, saibais, é muito nobre. Não conheço nenhum outro que seja capaz de vencê-lo e, portanto, fazeis muito mal em censurá-lo, já que o homem poderá vos prestar bons serviços. Como quer que ele se apresente, acabarei provando que descende de sangue nobre e de linhagem real. Ah, calai-vos!, exclamou a donzela. É uma vergonha falar assim em sua honra! Na verdade, retrucou o Cavaleiro Verde, seria vergonhoso de minha parte dizer qualquer coisa desonrosa a seu respeito, pois ele demonstrou ser melhor do que eu, e, embora tenha enfrentado muitos nobres cavaleiros na vida, jamais deparei com um que fosse capaz de vencê-lo. Retiraram-se para descansar naquela noite, e o Cavaleiro Verde mandou secretamente que trinta cavaleiros velassem por Bellesmains para protegê-lo de qualquer traição.

Pela manhã, todos se levantaram, assistiram à missa e tomaram o desjejum. Depois, pegaram seus cavalos e seguiram seu caminho com o Cavaleiro Verde, que os guiou pela floresta. Meu senhor Bellesmains, disse então, eu e estes trinta cavaleiros estaremos sempre prontos quando nos chamardes, seja em que momento for, e iremos aonde quer que nos envieis. Falastes bem, replicou o mancebo. Quando eu vos chamar, devereis ir vos render ao Rei Arthur, com todos os vossos cavaleiros. Se essa é vossa ordem, estaremos prontos a qualquer momento, disse o Cavaleiro Verde. Maldito sejas, maldito sejas, em nome do diabo!, exclamou a donzela. Não é possível que tão bons cavaleiros obedeçam a um ajudante de cozinha! Então, o Cavaleiro Verde se despediu da jovem, e esta disse a Bellesmains: Por que continuas a me seguir, ajudante de cozinha? Abandona teu escudo e tua lança e foge daqui. Ouve meu conselho enquanto é tempo, pois logo, logo estarás dizendo: “Ai de mim!” Mesmo que fosses tão forte quanto Wade ou Lancelote, Tristão ou o bom cavaleiro Sir Lamorak, não cruzarás a passagem que é chamada por aqui de Passagem Perigosa. Donzela, replicou Bellesmains, que fuja aquele que tiver medo, pois seria uma vergonha voltar agora depois de ter viajado tanto tempo convosco. Pois bem, disse ela, não tardarás a fazê-lo, querendo ou não.

CAPÍTULO X

Como o terceiro dos irmãos, denominado Cavaleiro Vermelho, justou e lutou com Bellesmains, mas não saiu vencedor.

Pouco depois, avistaram uma torre branca como a neve, bem guarnecida de seteiras e cercada por dois fossos. Acima da porta, estavam pendurados cinquenta escudos de cores diferentes e, aos seus pés, havia um formoso prado onde se podiam ver muitos cavaleiros e escudeiros, palanques e tendas, pois, na manhã seguinte, haveria ali um grande torneio. O senhor da torre estava em seu castelo, olhando por uma janela, quando viu se aproximarem uma donzela, um anão e um cavaleiro inteiramente armado. Que Deus me ajude!, exclamou ele. Quero justar com este cavaleiro, pois bem vejo que é um cavaleiro andante. Tratou logo de se armar e pegar seu cavalo. Já montado, com seu escudo e sua lança, tudo nele era vermelho: o animal, o arnês e todo o resto. Chegando mais perto, acreditou tratar-se de seu irmão que era o Cavaleiro Negro e, por isso, ergueu a voz, dizendo: Irmão! Que fazes por estas terras? Não, não, atalhou a donzela. Não é vosso irmão, mas sim um ajudante de cozinha mantido por caridade na corte do Rei Arthur. Seja como for, quero lhe falar antes que se vá. Ah, acrescentou a jovem, Sir Kay apelidou este pobretão de Bellesmains. Este cavalo e este arnês pertenciam a vosso irmão, o Cavaleiro Negro, que ele matou. Também presenciei sua vitória sobre vosso outro irmão, o Cavaleiro Verde. Agora, porém, podereis vingar-vos, já que nunca consigo me livrar dele.

Nesse momento, os dois cavaleiros tomaram distância e investiram um contra o outro usando todas as suas forças. Com o choque, ambos os cavalos caíram e foram, então, deixados de lado. Ambos os cavaleiros ergueram seus escudos, sacaram das espadas e começaram a trocar sérios golpes, ora aqui, ora ali, atacando, cortando, furando e atacando-se como dois javalis durante duas horas. Então a donzela gritou para o anfitrião: Ai, nobre Cavaleiro Vermelho, pensai na honra que haveis conquistado! Não permitis que um ajudante de cozinha consiga resistir por tanto tempo assim. Enfurecido, o Cavaleiro Vermelho redobrou seus golpes e feriu Bellesmains com tal gravidade que seu sangue escorria em abundância pelo chão. Era espantoso ver batalha tão acirrada. Finalmente, Bellesmains derrubou seu adversário e, quando ia matá-lo, este lhe suplicou misericórdia, dizendo: Nobre cavaleiro, não me mateis, e me entregarei a vós juntamente a cinquenta cavaleiros que tenho sob minhas ordens. Eu vos perdoo todo o despeito que lançastes sobre mim e também a morte de meu irmão, o

Cavaleiro Negro. De nada valerá tudo isso, replicou Bellesmains, se minha donzela não me suplicar que eu poupe vossa vida. E, dizendo isso, preparou-se para lhe cortar a cabeça. Deixa estar, Bellesmains. Não o mates, pois ele é um nobre cavaleiro. Não sejas tão audacioso, por tua fé, e salva-lhe a vida.

Então o jovem disse ao Cavaleiro Vermelho: Levantai-vos e agradecei a esta donzela pela vossa vida. O Cavaleiro Vermelho lhe pediu que visitasse seu castelo e ali pernoitasse. A donzela também aceitou, e receberam animada acolhida. Mas a jovem continuava dirigindo inúmeras palavras injuriosas a Bellesmains, coisa que deixou o Cavaleiro Vermelho assombrado. Durante a noite, mandou que sessenta cavaleiros velassem pelo mancebo para que este não sofresse qualquer ofensa ou torpeza. Pela manhã, comeram depois de assistir à missa, e o Cavaleiro Vermelho, acompanhado de seus sessenta cavaleiros, aproximou-se de Bellesmains, rendeu-lhe homenagem e lhe prometeu lealdade a qualquer momento e tanto seus próprios serviços quanto os de seus homens. Eu vos agradeço, replicou o jovem, mas isto é tudo que vos peço: quando eu vos chamar, ireis perante meu soberano, o Rei Arthur, e vos oferecereis para serdes seus cavaleiros. Senhor, disse seu anfitrião, pronto estarei, bem como minha companhia, quando quer que nos chamardes. E, então, Bellesmains e a donzela seguiram caminho, mas, enquanto cavalgavam, esta continuou a lhe fazer críticas da maneira mais injusta possível.

CAPÍTULO XI

Como Sir Bellesmains recebeu duras críticas da donzela e as aceitou pacientemente.

Donzela, disse Bellesmains, tendes sido descortês criticando-me assim, pois creio que já vos prestei bons serviços, e estais sempre me ameaçando, dizendo que serei vencido pelos cavaleiros que encontro. No entanto, apesar de vossas suposições, sempre são eles que acabam caindo na poeira ou na lama. Rogo-vos, pois, que pareis de me censurar e, quando me virdes vencido ou rendido de forma humilhante, podereis ordenar que eu me afaste de vós coberto de vergonha. Sabei, porém, que, antes disso, não hei de me separar de vós, porque eu seria mais que um imbecil se o fizesse, uma vez que, durante todo esse tempo, tenho conquistado muitas honras. Pois bem, replicou ela, em breve surgirá um cavaleiro que vos fará pagar por tudo isso, pois trata-se do homem de mais mérito neste mundo, à exceção do Rei Arthur. Não desejo outra coisa, replicou Bellesmains, pois quanto maior for o seu mérito, maior será o meu ao enfrentá-lo.

Não tardou a perceberem que tinham diante de si uma cidade rica e formosa e, entre eles e a cidade, um formoso prado que parecia bem aparado se estendia por uma milha e meia. Nesse prado, havia inúmeras tendas de bela aparência. Olha, disse a donzela, lá está um senhor que é dono desta cidade. Quando o tempo está bom, ele costuma se instalar nesse prado para justar e tornear, sempre acompanhado de quinhentos cavaleiros e soldados, e realizam aí todo tipo de jogos que um gentil-homem pode conceber. Muito me agradaria ver esse galhardo senhor, disse Bellesmains. E verás, por muito tempo, replicou a jovem. Chegando mais perto, avistou a tenda onde ele estava e acrescentou: Vês aquela tenda azul-índigo? E tudo que havia ao seu redor, homens e mulheres, cavalos ajaezados, escudos e lanças, era da mesma cor. Ele se chama Sir Persant da Índia, prosseguiu a donzela, e é o nobre cavaleiro que jamais conheci. Pois bem, disse Bellesmains, se tal cavaleiro é assim tão valoroso, permanecerei neste campo até vê-lo sob seu escudo. Ah, seu tolo, exclamou a moça. Mais valeria fugires enquanto é tempo. Por quê?, indagou Bellesmains. Se ele é como dizeis, não virá me atacar com todos os seus homens, com seus quinhentos cavaleiros, e, se vieram um a um, não hei de falhar enquanto viver. É vergonhoso, observou a donzela, um pobretão fedido falar com tamanha soberba! Fazeis mal em censurar-me, replicou ele, pois mil vezes participar de cinco batalhas do que ser criticado dessa forma. Deixai que ele venha e faça logo o que queira fazer. Não sei quem és, retrucou a donzela, nem de

que linhagem descendes. Falas em tom audacioso e com audácia te tens portado, como pude ver. Por isso, eu te peço que te salves se puderes, pois já tiveste muito trabalho, bem como teu cavalo, e temo que levemos um bom tempo para chegar até o local que está sitiado, embora ele fique a apenas sete milhas daqui. Já cruzamos todos os trechos mais perigosos, a não ser este último, mas, neste local, tenho medo de que sofras muito dano e, portanto, não gostaria de te ver machucado ou ferido depois de um confronto com cavaleiro tão forte como este. Mas devo dizer-te que Sir Persant da Índia não tem força ou poder se comparado ao cavaleiro que sitiou o castelo de minha senhora. Quanto a isso, disse Sir Bellesmains, que aconteça o que tiver que acontecer, pois, tendo chegado tão perto desse cavaleiro, quero pôr sua força à prova antes de seguir caminho, pois cairia em vergonha se voltasse atrás agora. Portanto, donzela, não duvideis de que, com a graça de Deus, enfrentarei este cavaleiro de tal forma que, duas horas depois do meio-dia, já terei me livrado dele. E chegaremos ao castelo sitiado ainda durante o dia. Ai, Jesus!, exclamou a moça. Não sei que tipo de homem sois, mas deveis descendais de sangue nobre, pois mulher alguma jamais tratou um cavaleiro de maneira tão injusta e vergonhosa como fiz convosco e sempre haveis cortesmente suportado meu comportamento, e isso só pode vir de sangue gentil.

Donzela, retrucou Bellesmains, pouco pode fazer um cavaleiro se não é capaz de suportar uma donzela. Por mais que tenhais falado, não considerei nenhuma de vossas palavras, pois, quanto mais a ouvia mais me enfurecia e descarregava minha fúria sobre aqueles contra quem lutava. Portanto, todas as vossas injúrias me davam ânimo para os combates e me instigavam a demonstrar quem eu era. É fato que comi na cozinha do Rei Arthur, mas poderia ter conseguido sobras de comida em outros lugares. Só que, então, não teria conseguido demonstrar e me provar diante de meus amigos. Mas essa história fica para outra ocasião. Quanto a saber se venho ou não de berço nobre, eu vos afianço, formosa donzela, que já vos prestei serviços de gentil-homem e pode ser que ainda venha a fazer mais antes de me despedir de vós. Ai, lamentou-se a jovem, perdoai-me por tudo que disse e fiz contra vós, gentil Bellesmains. De todo coração eu vos perdoo, disse ele, pois fizestes apenas o que devíeis fazer, já que todas as vossas cruéis palavras me agradaram. Donzela, prosseguiu ele, se quereis ser gentil comigo, sabei que isso muito me alegra o coração e, agora, acredito que não exista cavaleiro vivo que eu não seja plenamente capaz de enfrentar.



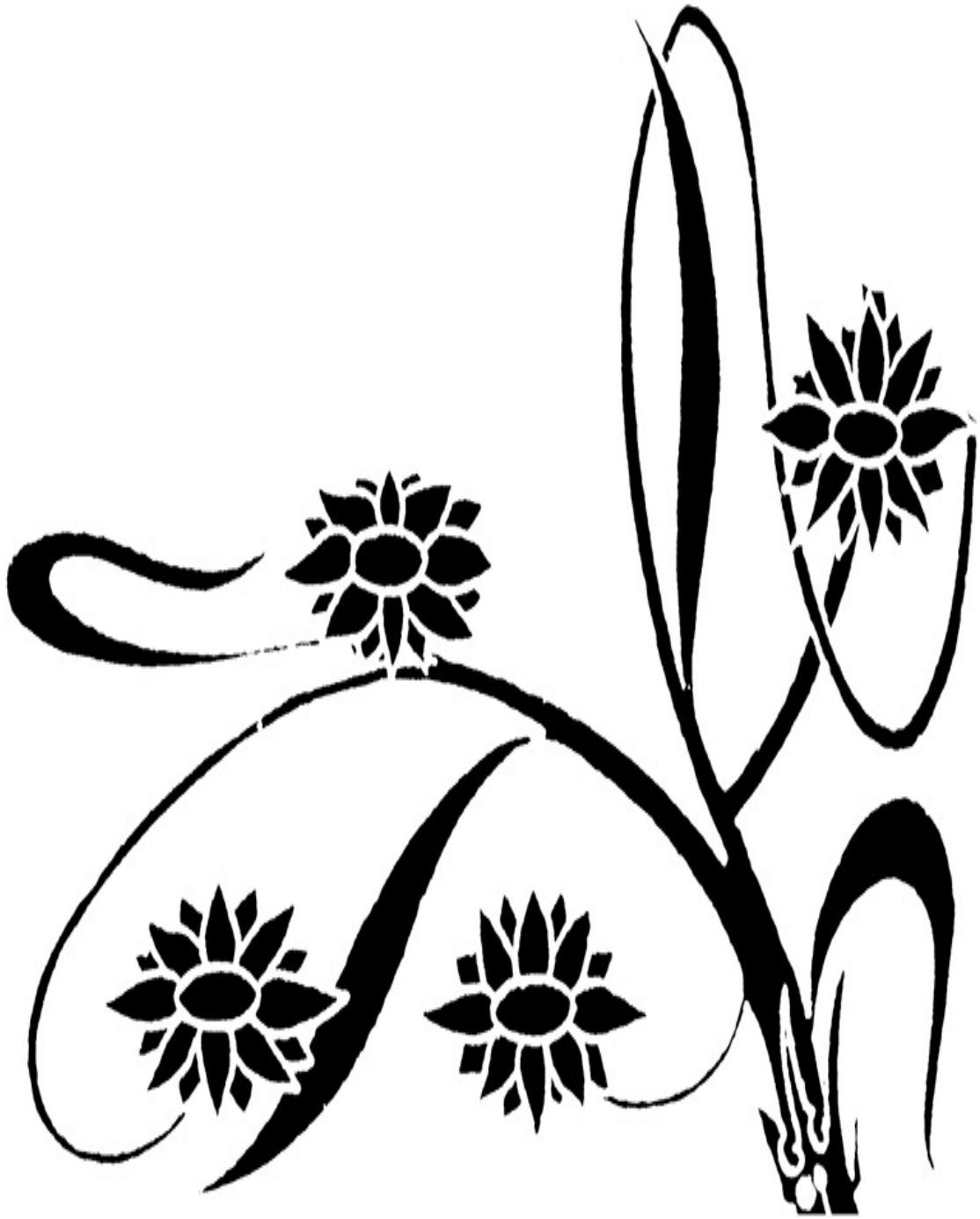
CAPÍTULO XII

Como Bellesmains enfrentou Sir Persant da Índia e o obrigou a se render.

Nesse ínterim, Sir Persant da Índia, que os tinha visto parados no campo, num gesto cavalheiresco mandou que fossem lhes perguntar se vinham em paz ou em guerra. Diz a teu senhor, respondeu Bellesmains, que tanto se me dá e que seja como ele desejar. O mensageiro retornou então e transmitiu tal mensagem a Sir Persant. Pois bem, então darei tudo de mim ao enfrentá-lo. Dizendo isso, pegou suas armas e cavalgou naquela direção. Ao vê-lo, Bellesmains se preparou, e os dois se encontraram com os cavalos correndo a toda velocidade. Tamanho foi o impacto que suas lanças se partiram em três pedaços, e os dois animais colidiram com tal violência que caíram mortos no chão. Ambos se desvencilharam das montarias, ergueram os escudos, sacaram das espadas e começaram a trocar grandes golpes, arremetendo um contra o outro com tanta força que, por vezes, chegaram a cair de bruços no terreno. Lutaram assim por duas horas ou mais, e, com isso, tiveram os escudos bem arrebentados, as cotas bem cortadas e feridas em várias partes do corpo. Finalmente, Sir Bellesmains perfurou com um golpe o flanco de seu adversário. Recuou, então, e continuou a luta como um cavaleiro ainda por um bom tempo. Até que, embora soubesse que ele estava ferido, Bellesmains atingiu Sir Persant no alto do elmo, fazendo-o cair de bruços no chão. Saltou então sobre ele e lhe desatou o elmo para matá-lo.

Nesse instante, Sir Persant se rendeu e pediu misericórdia. A donzela prontamente acorreu, rogando-lhe que poupasse a vida de seu adversário. De bom grado o farei, disse o mancebo, pois seria lamentável que esse nobre cavaleiro morresse. Muito obrigado, replicou Sir Persant, gentis cavaleiro e donzela. Agora sei que fostes vós que matastes meu irmão, o Cavaleiro Negro, no espinheiro negro. Era um cavaleiro muito nobre e se chamava Sir Percard. Sei também que sois aquele que venceu meu outro irmão, o Cavaleiro Verde, que se chama Sir Pertolepe. E ainda vencestes meu irmão, o Cavaleiro Vermelho, Sir Perimones. Já que os haveis vencido, eis o que farei para vos agradar: recebereis minhas homenagens e minha lealdade, além de cem cavaleiros que estarão sempre prontos para ir onde quiserdes, quando assim o ordenares. Dirigiram-se então à tenda de Sir Persant, onde tomaram vinho e comeram especiarias. Em seguida, seu anfitrião fez Sir Bellesmains descansar em uma cama até a hora de jantarem e, depois do jantar, mandou que fosse se deitar novamente. Quando Sir Bellesmains estava na cama, Sir Persant, que tinha uma formosa filha de dezoito anos, mandou chamá-la e

determinou que, com sua bênção, ela fosse até o leito do cavaleiro. Quero que vos deiteis com ele. Não o trateis com descortesia, mas dai-lhe mostras de boa vontade. Tomai-o em vossos braços e beijai-o. E fazei o que vos ordeno se quereis meu amor e minha boa vontade. Obedecendo ao pai, a filha de Sir Persant foi até a cama de Bellesmains, despiu-se em silêncio e se deitou ao seu lado. O jovem, então, acordou e, vendo-a ali, perguntou-lhe quem ela era. Senhor, disse a moça, sou filha de Sir Persant e vim até aqui por ordem de meu pai. Sois donzela ou esposa?, perguntou ele. Donzela pura, senhor, respondeu ela. Que Deus não permita que eu vos macule, disse Sir Bellesmains, e cometa tal afronta contra vosso pai. Portanto, gentil donzela, levantai-vos deste leito, ou eu me levantarei. Senhor, replicou ela, não vim aqui por vontade própria, mas sim porque meu pai assim ordenou. Ai!, exclamou o mancebo, vergonhoso cavaleiro seria eu se lançasse qualquer desonra sobre vosso pai. Deu-lhe um beijo, e ela partiu, à procura de Sir Persant, e lhe contou o que havia acontecido. Na verdade, disse seu anfitrião, quem quer que sejais, uma coisa é certa: vindes de sangue nobre. E assim os deixamos até a manhã seguinte.



CAPÍTULO XIII

Da conversa amistosa que travaram Sir Persant e Bellesmains e como este lhe revelou que seu nome era Sir Gareth.

Pela manhã, a donzela e Sir Bellesmains assistiram à missa, tomaram seu desjejum e se despediram. Gentil donzela, perguntou Sir Persant, para onde estais levando este cavaleiro? Senhor, respondeu ela, este cavaleiro vai ao cerco que impuseram à minha irmã, no Castelo Perigoso. Ah! Ah!, exclamou seu anfitrião, trata-se do Cavaleiro das Terras Vermelhas, o mais perigoso que conheço e também o mais impiedoso. Dizem que tem a força de sete homens. Que Deus vos proteja de tal cavaleiro, acrescentou, dirigindo-se a Baumains, pois ele tem causado muitos problemas a essa dama, o que é lamentável, pois ela é uma das damas mais formosas do mundo, e creio que vossa donzela é sua irmã. Vosso nome não é Linet? Sim, senhor, respondeu a jovem, e o nome da senhora minha irmã é Lady Liones. Pois devo dizer-vos, prosseguiu Sir Persant, que esse Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas mantém sitiado o castelo dessa dama há quase dois anos, e inúmeras vezes poderia tê-lo conquistado se quisesse, mas vem prolongando o cerco com uma única intenção: forçar Sir Lancelote do Lago a lutar com ele, ou então Sir Tristão, Sir Lamorak de Gales ou Sir Gawaine. Por isso este cerco tem sido tão longo.

Agora, meu senhor Sir Persant da Índia, disse a donzela, eu vos rogo que sagreis cavaleiro este gentil-homem, antes que ele enfrente o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas. Farei isto de todo coração, replicou Sir Persant, se ele não se importar de receber a ordem da cavalaria de um homem tão modesto quanto eu. Senhor, atalhou Bellesmains, muito vos agradeço por vossa boa vontade, mas tive fortuna melhor, pois quem me sagrou cavaleiro foi o valoroso Sir Lancelote. Ah, exclamou o outro, não podíeis ter sido sagrado por cavaleiro mais renomado, pois, entre todos, ele pode ser considerado comandante da cavalaria, e todos dizem que, entre três nomes, está dividida a ordem da cavalaria. São eles Lancelote do Lago, Sir Tristão de Liones e Sir Lamorak de Gales. Atualmente, são estes os mais célebres, mas há ainda muitos outros, como Sir Palamedes, o Sarraceno, e seu irmão Sir Safere; Sir Bleoberis e seu irmão, Sir Blamore de Ganis, e ainda Sir Bors de Ganis, Sir Hector de Maris e Sir Percival de Gales. Estes e tantos outros são cavaleiros dos mais nobres. Nenhum deles, porém, consegue sobrepujar os três anteriormente referidos. Portanto, que Deus vos guarde, pois se conseguirdes

vencer o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, sereis considerado o quarto do mundo.

Senhor, disse Bellesmains, muito me agradaria angariar boa fama como cavaleiro. Garanto-os que descendo de homens bons, pois ouso dizer que meu pai era um homem nobre e, se vós mesmo e esta donzela prometerem guardar segredo, eu vos direi a que linhagem pertenço. Nada revelaremos, responderam os dois, até que vós o permitis, pela fé que devemos a Deus. Pois, na verdade, prosseguiu ele, chamo-me Gareth de Orkney, e o Rei Lot era meu pai. Minha mãe, que é irmã do Rei Arthur, chama-se Lady Morgawse, e Sir Gawaine, Sir Agravaine e Sir Gaheris são meus irmãos. Sou o mais jovem de todos, mas nem o Rei Arthur nem Sir Gawaine sabem quem sou.

CAPÍTULO XIV

Como a dama cujo castelo estava sitiado recebeu notícias da irmã dizendo-lhe que havia trazido um cavaleiro para lutar por ela, e que batalhas ele havia travado.

Diz o livro que, então, a dama cujo castelo estava sitiado recebeu, por intermédio do anão, notícias da chegada de sua irmã, que trazia consigo um cavaleiro, além do relato de como ele havia atravessado todas as passagens perigosas. Que tipo de homem é ele?, perguntou a mulher. Na verdade, respondeu o anão, trata-se de um nobre cavaleiro, e muito jovem, mas é o homem mais garboso que jamais vi. Quem é ele?, insistiu a dama. De que linhagem descende e quem o sagrou cavaleiro? Senhora, disse o anão, é um dos filhos do rei de Orkney, mas, por ora, não vos direi seu nome. Sabei, porém, que foi sagrado cavaleiro por Sir Lancelote, pois não queria receber a ordem de nenhum outro. E Sir Kay o apelidou de Bellesmains. Como conseguiu escapar aos irmãos de Persant?, perguntou ela ainda. Como cabe a um nobre cavaleiro, senhora. Primeiro matou dois irmãos na travessia de um riacho. Ah!, exclamou a dama. Era bons cavaleiros, embora fossem matadores de homens. Um deles se chamava Gherard le Breuse, e o outro, Sir Arnold le Breuse. Depois, minha senhora, enfrentou o Cavaleiro Negro e o matou em combate, apoderando-se de seu cavalo e de sua armadura. Lutou ainda com o Cavaleiro Verde e o derrotou em confronto leal. O mesmo aconteceu com o Cavaleiro Vermelho e, em seguida, com o Cavaleiro Azul. Então, disse a dama, venceu Sir Persant da Índia, um dos mais nobres cavaleiros do mundo. Ele derrotou os quatro irmãos, matando o Cavaleiro Negro, assentiu o anão, mas não foi só. Antes disso, venceu Sir Kay e o deixou caído por terra quase morto. Também travou uma batalha acirrada com Sir Lancelote, e se separaram ambos de forma honrada. Logo em seguida, Sir Lancelote o sagrou cavaleiro.

Anão, disse a dama, muito me alegro com essas notícias. Vai, pois, a um eremitério meu que fica perto daqui, levando do meu vinho em dois vasilhames de prata de dois galões, e também duas fornadas de pão, com carne de veado assada e finas aves. Aqui está uma taça de ouro que é rica e preciosa. Leva tudo isso a essa minha ermida e entrega ao ermitão. Depois, vai ao encontro de minha irmã e saúda-a bem. Leve minhas recomendações a esse gentil cavaleiro e pede-lhe que coma, beba e se fortaleça. Diz-lhe ainda que agradeço sua cortesia e bondade por ter aceitado tomar para si tarefa assim tão árdua para defender-me, eu, que jamais fiz qualquer gesto de cortesia e de generosidade. Pede-lhe também que tenha boa disposição e coragem, pois haverá de enfrentar um cavaleiro que é muito valoroso

apesar de não ter qualquer generosidade, gentileza ou cortesia, pois tudo que deseja é matar, razão pela qual não se pode elogiá-lo nem amá-lo.

O anão partiu, então, rumo à residência de Sir Persant, onde encontrou a donzela Linet e Sir Bellesmains e lhes contou tudo exatamente como havia ouvido. Em seguida, todos se despediram, mas seu anfitrião montou em um cavalo de passeio, guiou-os pelo caminho, desejando que ficasse com Deus. Não tardaram muito a chegar ao tal eremitério, onde tomaram vinho e comeram carne de veado e aves assadas. Depois dessa refeição, quando voltou ao castelo levando os vasilhames, o anão encontrou o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, que lhe perguntou de onde vinha e onde havia estado. Senhor, respondeu o anão, estive com a irmã de minha senhora deste castelo que esteve na corte do Rei Arthur e trouxe consigo um cavaleiro. Então já posso dizer que todo esse trabalho foi em vão, disse o cavaleiro, pois, mesmo que ela houvesse trazido consigo Sir Lancelote, Sir Tristão, Sir Lamorak ou Sir Gawaine, eu me considero bom o bastante para enfrentar qualquer um deles.

Pode ser, prosseguiu o anão, mas esse cavaleiro atravessou todas as passagens perigosas, matou o Cavaleiro Negro e dois outros, venceu o Cavaleiro Verde, o Cavaleiro Vermelho e o Cavaleiro Azul. Então só pode ser um desses quatro cavaleiros que mencionei. Não é nenhum deles, replicou o anão, embora seja filho de rei. Como ele se chama?, perguntou o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas. Isso não posso vos dizer, mas, por zombaria, Sir Kay o apelidou de Bellesmains. Pouco importa que cavaleiro seja este, retrucou o outro, pois logo haverei de enfrentá-lo. E, se conseguir vencê-lo, ele terá uma morte vergonhosa, como aconteceu com muitos outros. Seria uma lástima, observou o anão, e é assombroso que traveis guerra tão vergonhosa contra nobres cavaleiros.

CAPÍTULO XV

Como a donzela e Bellesmains chegaram ao local sitiado e se detiveram junto a uma figueira. Ali, Bellesmains fez soar uma trombeta e, então, o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas se apresentou para lutar com ele.

Deixemos agora o cavaleiro e o anão e voltemos a falar de Bellesmains, que passou a noite no eremitério. Pela manhã, ele e a donzela Linet assistiram à missa e fizeram uma refeição. Pagaram então seus cavalos e, depois de atravessarem uma bela floresta, chegaram a uma planície onde viram muitos pavilhões e tendas, um formoso castelo e muita fumaça e barulho. Ao se aproximarem do local, enquanto ainda cavalgava, Sir Bellesmains percebeu que, de grandes árvores, pendurados pelo pescoço, pendiam cavaleiros envergando belas armaduras e tendo os escudos pendurados também no pescoço, além das espadas e das esporas douradas nos calcanhares. Eram quase quarenta nessa condição vergonhosa, e todos possuíam ricas armas.

Então, seu semblante se abateu. Que significa isto?, perguntou. Gentil senhor, respondeu a donzela, não vos deixeis abater diante de tal visão, pois deveis manter a coragem ou caireis em desonra. Todos esses cavaleiros vieram até aqui para resgatar minha irmã, Lady Liones, do cerco que lhe é imposto e, depois de vencê-los, o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas lhes deu esta morte vergonhosa, sem dó nem piedade. É também o que fará convosco se não tiverdes melhor resultado.

Que Jesus me proteja de morte tão infame e de semelhante desonra de armas, disse o mancebo. Pois mil vezes morrer como homem em luta leal do que ser tratado desta forma. Melhor seria para vós, observou a donzela, mas não vos fieis nisso, porque ele não tem cortesia alguma. Com ele, tudo é morte e crime vergonhoso, o que é uma lástima, pois sois um homem de muito garbo, bem feito de corpo, valoroso cavaleiro de muita habilidade e senhor de grandes posses e terras. Na verdade, retrucou Bellesmains, ele pode ser bom cavaleiro, mas adota costumes vergonhosos, e é espantoso que, em tão longo período de tempo, nenhum dos nobres cavaleiros de meu soberano, o Rei Arthur, tenha vindo enfrentá-lo.

Cavalgaram então até os fossos e viram que o grupo estava protegido por dois deles, com fortes barricadas de guerra. Havia ali grande ruído de menestréis, e o mar batia de um dos lados da muralha, onde se viam muitas embarcações e gritaria de marinheiros: “Eia! Arre!” Havia também ali perto uma figueira, de onde pendia uma trompa, a maior que jamais se viu e que devia ser feita de osso de elefante. O Cavaleiro das Terras Vermelhas a havia pendurado ali para o caso de

passar algum cavaleiro andante que pudesse tocá-la e, então, ele se aprontaria e acorreria ao combate. Mas, senhor, disse a donzela Linet, não façais soar a trompa antes do meio-dia em ponto, pois é hora de prima e, nesse período, sua força é maior. Pelo que dizem, tem a força de sete homens. Ah, que vergonha, gentil donzela! Nunca mais me faleis assim, pois, mesmo que fosse o melhor cavaleiro de todos os tempos, não deixarei de enfrentá-lo na hora em que tem mais força, porque desejo adquirir honra de forma honrosa ou morrer no campo como um cavaleiro. Dizendo isso, esporeou seu cavalo, dirigiu-se à figueira e soprou a trompa com tal ímpeto que o som se estendeu por todo o cerco e chegou ao castelo. Nesse momento, todos os cavaleiros apressaram-se em deixar suas tendas e pavilhões, e os que estavam no castelo assomaram ao topo das muralhas e às janelas.

Então, o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas se armou o mais depressa que pôde. Dois barões lhe puseram as esporas nos calcanhares, e tudo nele, armadura, lança e escudo, era vermelho como sangue. Um conde lhe pôs o elmo na cabeça, e trouxeram-lhe uma lança e um corcel também vermelhos. Ele cavalgou até um pequeno vale que ficava ao pé do castelo para que todos os que ali estivessem, bem como os homens que participavam do cerco, pudessem contemplar a batalha.

CAPÍTULO XVI

Como os dois cavaleiros se encontraram, as palavras que trocaram e como começou o combate.

Senhor, disse a donzela Linet para Sir Bellesmains, tratai de ficar animado e alegre, pois ali está vosso inimigo mortal e, naquela janela, a senhora minha irmã, Lady Liones. Onde?, perguntou Bellesmains. Lá, respondeu a jovem, apontando. É verdade, observou o mancebo. De longe, parece a dama mais formosa que jamais vi, e certamente não posso pedir melhor querela do que enfrentar tal cavaleiro, pois ela será minha dama e por ela quero lutar. E não tirava os olhos da janela com alegria estampada no rosto. De onde estava, Lady Lione o saudou, e ambos ergueram as mãos.

Nesse momento, o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas gritou para Sir Bellesmains: Deixai de olhar para essa janela, senhor cavaleiro, e voltai vossa atenção para mim, pois desde já vos previno que trata-se de minha dama, e por ela travei muitas batalhas acirradas. Se o fizestes, retrucou Bellesmains, parece-me apenas esforço desperdiçado, pois ela não ama ninguém de vossa comitiva e, quanto a vós, amar quem não nos ama é uma grande tolice. Entendo que, se minha chegada não a alegrasse, eu teria sido avisado antes de vir lutar por ela. E, pelo cerco que montastes ao redor de seu castelo, deduzo que ela talvez recuse vossa companhia. Portanto, Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, sabei que a amo e que a salvarei, ou então morrerei lutando. É o que dizeis?, replicou seu adversário. A razão deveria ter vos alertado quando vistes aqueles cavaleiros pendurados em árvores. Maldito sejais, exclamou Bellesmains, por dizer e fazer tanto mal! Com isso, desonrais a vós mesmo e à cavalaria, e podeis estar certo de que não haverá dama que vos ame, conhecendo vossos costumes perversos, Acreditáveis que a visão dos cavaleiros pendurados me espantaria? Pelo contrário, tal visão desonrosa me dá coragem e ousadia para vos enfrentar, mais do que se fôsseis um cavaleiro de boa conduta. Preparai-vos, disse o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, e não digais mais nada.

Então, Sir Bellesmains pediu à donzela que se afastasse. Ambos puseram suas lanças em riste e arremeteram um contra o outro com toda a força. Atingiram-se mutuamente no meio do escudo. Por todo lado, voaram peitorais, chinchões, testeiras, e os dois caíram por terra, com as correias das rédeas nas mãos. Ficaram estendidos ali por um bom tempo, atordoados, de tal forma que todos os presentes, tanto os do castelo quanto os de cerco, acreditaram que eles haviam quebrado o

pescoço. Muitos disseram que aquele cavaleiro desconhecido era um homem forte e um valoroso justador. “Pois, até agora, nunca víramos cavaleiro algum se equiparar ao Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas”, era o que se dizia dentro e fora do castelo. Os dois contendores trataram de se desvencilhar de suas montarias, ergueram seus escudos, sacaram da espada e investiram um contra o outro como dois leões ferozes. Acertaram-se mutuamente tamanho golpe sobre o elmo que os dois cambalearam alguns passos para trás, mas logo se recobraram e seguiram cortando grandes nacos de suas armaduras e escudos, que iam caindo pelo chão.



CAPÍTULO XVII

Como, depois de uma longa luta, Bellesmains derrotou o cavaleiro e o teria matado, mas, a pedido dos senhores, poupou a sua vida e o obrigou a render-se à dama.

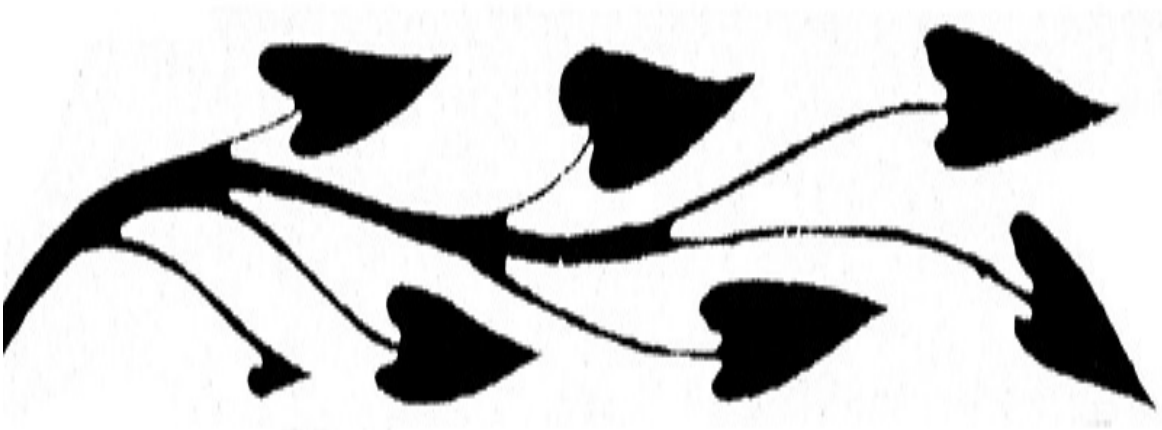
Lutaram assim, sem trégua, até depois do meio-dia. Finalmente, ambos ficaram sem fôlego, cambaleando, ofegantes e sem parar de sangrar. Diante de tal cena, a maioria dos que os observavam já estava chorando de pena. Mas, depois de um breve descanso, os dois cavaleiros recomeçaram a lutar, atacando, cortando, dando estocadas como dois javalis. Por vezes, tomavam distância como se fossem carneiros e investiam com tal força que chegavam a cair de bruços no chão. Em outros momentos, ficavam tão atordoados que pegavam a espada do adversário em vez da sua própria.

Prosseguiram assim até a hora de vésperas, sem que nenhum dos espectadores pudesse saber quem venceria aquele combate. Suas armaduras estavam tão destruídas que se podiam ver suas costas nuas, e nuas também estavam outras partes de seus corpos, partes essas que eles procuravam sempre defender. O Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas tinha vasta experiência em guerras, e sua maneira de lutar ensinou Sir Bellesmains a ser precavido, embora tenha pagado um alto preço antes de compreender as manobras de seu adversário.

De comum acordo, ambos decidiram descansar um pouco. Sentaram-se em dois montículos próximos ao local onde se enfrentavam, tiraram os elmos e se refrescaram, pois seus pajens estavam sempre por perto, à disposição para quando fossem chamados para soltar o arnês ou tornar a botá-lo quando solicitado. Já sem o elmo, Sir Bellesmains ergueu os olhos até a janela e viu ali a formosa dama Lady Liones. A expressão de seu rosto era tal que o coração do mancebo se encheu de alegria e satisfação. Pediu então ao Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas que se preparasse. Retomemos a luta de uma vez por todas, disse. De bom grado, replicou o cavaleiro. Recolocaram os elmos, mandaram que seus pajens se afastassem, aproximaram-se um do outro e recomeçaram o combate. Mas o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas esperou um pouco e, com um salto, acertou um golpe na mão de seu adversário, que deixou cair a espada. Desfechou um segundo golpe em cima do elmo, jogando Bellesmains de bruços no chão e, então, se lançou sobre ele para impedi-lo de se levantar.

Nesse instante, a donzela Linet gritou: Ah, senhor Bellesmains, o que foi feito de vossa coragem? Ai, a senhora minha irmã está olhando aos prantos. Soluça tanto que fico com o coração apertado. Ao ouvir isso, Sir Bellesmains se levantou

com toda a força e conseguiu se pôr de pé. Pulou na direção de sua espada, segurou-a, partiu velozmente na direção do Cavaleiro Vermelho, e a luta recomeçou. No entanto, Sir Bellesmains redobrou a quantidade de golpes desfechados em seu adversário, que acabou por soltar a espada. Sem perder tempo, Bellesmains golpeou com tanta força o elmo do outro que o derrubou. O mancebo se lançou sobre ele e lhe despiu a cabeça para matá-lo, mas seu adversário se rendeu e pediu misericórdia. Ah, nobre cavaleiro, eu me rendo à vossa mercê!, bradou. Pensando nos cavaleiros que ele havia mandado pendurar nas árvores de forma tão vergonhosa, Sir Bellesmains replicou: Minha honra não me permite que eu poupe vossa vida em razão da morte injuriosa que destes a muitos bons cavaleiros. Senhor, retrucou o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, contei vossa mão e vos direi por que motivo eu lhes dei tal morte. Pois dizei, assentiu Bellesmains. Senhor, em outros tempos, eu amava uma dama, uma formosa donzela cujo irmão foi assassinado; ela disse que havia sido por Sir Lancelote do Lago ou Sir Gawaine e pediu que eu prometesse, já que a amava tão intensamente, pela fé da minha cavalaria, usar das armas diariamente até enfrentar um desses dois e dar morte vergonhosa a todos que eu derrotasse. Foi por isso que aqueles cavaleiros tiveram semelhante morte pelas minhas mãos: para ela ter certeza de que eu estava sendo cruel com os cavaleiros do Rei Arthur e a vingava em cada um deles. E, senhor, agora vos digo que, a cada dia, as minhas forças vão crescendo até o meio-dia e, durante esse tempo, tenho a força de sete homens.



CAPÍTULO XVIII

Como o cavaleiro se rendeu, e como Bellesmains o fez ir à corte do Rei Arthur para implorar por clemência a Sir Lancelote.

Chegaram então muitos condes, barões e nobres cavaleiros e rogaram a Bellesmains que não o matasse, mas o levasse como prisioneiro. Todos se puseram de joelhos suplicando-lhe que, por misericórdia, poupasse a vida do cavaleiro derrotado. Senhor, disseram eles, seria mais acertado fazer com que ele vos renda homenagem, jure lealdade e vos entregue suas terras do que matá-lo. Sua morte não vos trará nenhuma vantagem, e as crueldades por ele cometidas não podem ser desfeitas. Assim, haverá reparação para todas as partes e todos nós haveremos de nos pôr a vosso serviço, vos render homenagem e vos jurar lealdade. Gentis senhores, disse Bellesmains, sabeis que não é do meu agrado matar este cavaleiro, embora ele tenha agido muito mal e cometido numerosos atos injuriosos. No entanto, como fez o que fez a pedido de uma dama, eu o culpo menos e, por vós, deixarei que viva, mas com uma condição: ele deve entrar no castelo e render-se à dama. Se ela desejar perdoá-lo e deixá-lo livre, de bom grado concordarei, contanto que ele trate de reparar todos os delitos que cometeu contra ela e suas terras. Ademais, depois de fazer isso, ele deve ir à corte do Rei Arthur para pedir perdão a Sir Lancelote e a Sir Gawaine por todo o mal que lhes fez. Senhor, disse o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, farei exatamente como ordenais. Tendes minha promessa e minha palavra. Empenhadas, pois, todas as garantias, ele rendeu homenagem a Bellesmains, com todos aqueles condes e barões.

Então, a donzela Linet se aproximou do jovem, o desarmou, lavou suas feridas e estancou seus sangramentos, e fez o mesmo com o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas. Permaneceram ali em suas tendas por dez dias, e o Cavaleiro Vermelho mandou que seus senhores e servos agradassem a Sir Bellesmains de todas as formas possíveis. Pouco depois, ele se dirigiu ao castelo e se pôs à disposição da dama, que o recebeu com bastante segurança, de forma que todos os danos de que pudesse se queixar foram devidamente reparados. Em seguida, ele partiu para a corte do Rei Arthur e, ali, se pôs à mercê de Sir Lancelote e de Sir Gawaine, contando-lhes, sem subterfúgios, como havia sido derrotado, por quem e também narrou todas as batalhas do começo ao fim. Misericórdia divina!, exclamaram o Rei Arthur e Sir Gawaine. Muito nos intriga de que sangue ele vem, pois vê-se que é um nobre cavaleiro. Não vos assombreis,

atalhou Sir Lancelote, pois em breve sabereis que vem de sangue muito nobre e, em termos de força e de ousadia, há poucos homens na terra que sejam tão fortes quanto ele ou tão nobres em valor. Parece, disse o Rei Arthur, que sabeis como se chama, de onde vem e de quem descende. É verdade, replicou Lancelote, ou não lhe teria concedido a ordem da cavalaria. Mas, nessa ocasião, ele me pediu que nada revelasse a seu respeito até que ele próprio me dissesse para fazê-lo ou que ele fosse abertamente reconhecido por outra pessoa.

CAPÍTULO XIX

Como Bellesmains foi ao encontro da dama, mas, ao chegar ao castelo, deu com os portões fechados, e em seguida o relato do que lhe disse a tal dama.

Voltemos agora a Bellesmains, que perguntou a Linet se poderia ver a senhora sua irmã. Senhor, disse a jovem, muito me alegraria que a vísseis. Então, o mancebo se armou inteiramente, pegou o cavalo e a lança e rumou direto para o castelo. Quando chegou, encontrou muitos homens armados, e a ponte foi erguida, e os portões, fechados.

Bellesmains ficou assombrado ao ver que não o deixavam entrar. Olhou então para a janela e viu ali a formosa Liones, que lhe disse em voz alta: Segui vosso caminho, Sir Bellesmains, porque não tereis inteiramente o meu amor até que sejais considerado um dos cavaleiros dignos. Portanto, esforçai-vos para conquistar honra durante este ano e, então, ouvireis notícias diferentes. Ai, gentil senhora, retrucou ele, não mereço que me trateis assim como a um estranho. Julgava ter o direito de receber de vós uma boa acolhida. Na medida do possível, fiz por merecer vosso agradecimento e estou certo de haver comprado vosso amor com parte do melhor sangue de meu corpo. Gentil e cortês cavaleiro, disse Lady Liones, não fiqueis aborrecido nem tenhais tanta pressa, pois bem sabeis que nem todo trabalho que tivestes nem vosso amor foram em vão, pois considero vosso grande trabalho e vosso esforço, vossa generosidade e vossa bondade exatamente como deveriam ser. Portanto, segui vosso caminho e tratai de conservar vosso ânimo, pois tudo será para vossa honra e para o melhor. E que assim se complete um ano, se confiais em mim, gentil cavaleiro. Eu vos serei fiel, jamais hei de vos trair, pelo contrário, até a morte eu vos amarei e somente a vós. Dizendo isso, ela saiu da janela, e Sir Bellesmains se afastou do castelo lamentando-se profundamente. Saiu cavalgando a esmo, sem saber aonde estava indo, até que anoiteceu. Foi então que ele chegou à morada de um homem pobre e lá se abrigou durante a noite.

Mas não conseguiu descansar, pois não cessava de se virar e se revirar por amor à dama do castelo. Na manhã seguinte, cavalgou até a hora terceira, quando chegou a um rio largo junto ao qual havia uma grande hospedaria. Parou ali para dormir, recostou a cabeça no escudo e entregou o cavalo ao anão, mandando que este velasse a noite inteira.

Mas voltemos agora à dama daquele castelo, que pensava muito em Bellesmains. Chamou então Sir Gringamore, seu irmão, e lhe pediu que seguisse o

cavaleiro em nome do amor que tinha por ela. Espera até que possas achá-lo dormindo, pois tenho certeza de que, fatigado como está, vai apear em algum lugar para descansar. Deixa que durma e, o mais discretamente possível, prende seu anão e volta com ele o mais depressa que puderes, antes que Bellesmains desperte. Minha irmã Linet disse que o anão pode nos dizer de que linhagem ele descende e qual é seu verdadeiro nome. Nesse meio-tempo, minha irmã e eu iremos para teu castelo esperar que tragas o anão, e, quando tiveres chegado, eu mesma o interrogarei. Até saber seu verdadeiro nome e qual a sua ascendência, meu coração não terá alegria. Irmã, disse Sir Gringamore, farei tudo que desejas.

E cavalgou todo o dia seguinte e também a noite, até que encontrou Sir Bellesmains deitado perto de um rio, dormindo com a cabeça sobre o escudo. Quando o viu assim, aproximou-se do anão sem fazer ruído algum, agarrou-o debaixo do braço e fugiu com ele o mais depressa que pôde rumo a seu próprio castelo. As armas de Sir Gringamore eram negras, bem como tudo que lhe pertencia. Mas, enquanto cavalgava levando o anão, este se pôs a gritar por seu senhor, suplicando-lhe que o ajudasse. Com isso, Sir Bellesmains acordou, levantou-se às pressas e viu Sir Gringamore, que se afastava com seu anão. Até que os perdeu de vista.

CAPÍTULO XX

Como Sir Bellesmains partiu para salvar o seu anão e chegou ao castelo onde ele se encontrava.

Mais que depressa, Sir Bellesmains pôs o elmo, abraçou o escudo, pegou seu cavalo e foi atrás deles o mais rápido que podia cavalgar por brejos, campos e grandes vales. Por vezes, o animal afundava até a altura da cabeça em profundos lamaçais, já que não conhecia aquelas plagas e, na velocidade que ia, tomava o caminho mais reto, a tal ponto que, em muitos momentos, chegou quase a morrer. Finalmente, alcançaram um caminho verdejante, onde o cavaleiro encontrou um pobre homem da região, a quem saudou e perguntou se não havia cruzado com um cavaleiro montado num cavalo negro, com arnês todo negro e um pequeno anão na garupa que se queixava muito. Senhor, disse o homem pobre, quem passou por aqui, com esse anão que gemia, como dizeis, foi Sir Gringamore e, portanto, o meu conselho é que não o sigais, porque ele é um dos cavaleiros mais perigosos do mundo, e seu castelo fica apenas a duas milhas daqui. Aconselho-vos a não segui-lo, a menos que estejais indo em missão de boa vontade.

Aqui deixamos Sir Bellesmains cavalgando em direção ao castelo e falemos de Sir Gringamore e do anão. Assim que este último chegou ao castelo, Lady Liones e sua irmã, a donzela Linet, lhe perguntaram onde havia nascido seu amo e a que linhagem pertencia. E, a menos que nos responda, completou Lady Liones, não escaparas deste lugar, ficando prisioneiro aqui para sempre. Não vejo maiores problemas em vos dizer qual é o seu nome e de quem descende. Sabei que ele é filho de um rei e sua mãe é irmã do Rei Arthur. Ele é irmão do bom cavaleiro Sir Gawaine e se chama Sir Gareth de Orkney. Agora que já vos disse seu verdadeiro nome, eu vos rogo, gentil senhora, que me deixeis ir ao seu encontro, pois ele não sairá deste país até me recuperar. E, quando se irrita, pode causar muitos danos antes de sossegar. Vossas terras estão em risco. Com ou sem ameaças, retrucou Sir Gringamore, que seja o que tiver que ser. Agora vamos cear. Lavaram-se, pois, e sentaram-se para comer alegremente e bem à vontade, pois, como ali estava a dama Liones do Castelo Perigoso, todos se regozijavam. Na verdade, senhora, disse Linet à sua irmã, ele bem pode ser filho de rei, pois possui muitas e boas virtudes. É cortês, amável e também o homem mais paciente que já conheci. Atrevo-me a dizer que nenhuma mulher jamais ofendeu um homem tão cruelmente como fiz, e, em todas essas ocasiões, suas respostas foram delicadas e gentis.

Enquanto conversavam assim as duas mulheres, Sir Gareth apareceu diante do portão com o semblante enraivecido e a espada desembainhada na mão. Bem alto, para que todo o castelo pudesse ouvir: Sir Gringamore, traidor! Devolvei meu anão ou, pela fé que devo à ordem da cavalaria, hei de vos causar todo o mal que puder! Sir Gringamore foi até a janela e replicou: Senhor Gareth de Orkney, cessai de usar essas palavras de soberba ou nunca mais vereis vosso anão. Cavaleiro covarde, replicou Sir Gareth, trazei-o convosco e vinde me enfrentar. Se vencerdes, podereis ficar com ele. É o que farei, disse Sir Gringamore, mas se eu quiser. No entanto, a despeito de todas essas palavras enérgicas, não voltareis a tê-lo. Ah, gentil irmão!, exclamou Lady Liones, gostaria que ele recuperasse seu anão e não quero vê-lo zangado, pois não pretendo reter o anão por mais tempo agora que ele já me disse o que eu desejava saber. E também, irmão, ele fez muito por mim, livrando-me do Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas. Portanto, irmão, devo mais a ele do que a qualquer outro cavaleiro deste mundo. Bem sabes que o amo acima de todos e muito me agradaria falar com ele. Mas, não quero que saiba, de forma alguma, quem sou, mas que acredite que se trata de uma dama desconhecida.

Pois bem, retrucou Sir Gringamore, agora que conheço vosso desejo, hei de cumpri-lo. Desceu então até onde estava Sir Gareth e lhe disse: Senhor, suplico vossa misericórdia e pretendo reparar todo o agravo que vos fiz da forma que desejardes. Rogo-vos, portanto, que apeeis e aceiteis toda a boa acolhida que puder vos oferecer neste castelo. Vou recuperar meu anão?, perguntou Sir Gareth. Sim, meu senhor, e todo o prazer que eu puder vos proporcionar, pois, assim que vosso anão me disse quem sois, qual é o sangue que corre por vossas veias e relatou as nobres façanhas que haveis realizado por estas terras, arrependi-me de minha ação. Então, Sir Gareth apeou, e logo seu anão apareceu para cuidar de seu cavalo. Ah, meu companheiro, disse Sir Gareth, quantas aventuras enfrentei por ti. E Sir Gringamore o pegou pela mão e o conduziu até a sala onde estava sua esposa.

CAPÍTULO XXI

Como Sir Gareth, também chamado Bellesmains, se apresentou à sua dama, e como eles se conheceram, e do amor que nasceu entre os dois.

A Lady Liones entrou então no aposento, trajada como uma princesa, e se dirigiu ao recém-chegado com grande alegria, ao que ele retribuiu. Pareciam se dar muito bem juntos e mantiveram uma conversa agradável. Muitas vezes, Sir Gareth pensou: "Quisera Deus que a dama do Castelo Perigoso fosse tão formosa quanto esta!" Tudo ali foi alegria, brincadeiras, danças e cantigas. Quanto mais Sir Gareth fitava aquela senhora, mais a amava, e era tão ardente o amor em seu peito que chegou a lhe turvar os sentidos. À noite, quando foram cear, o mancebo não conseguiu comer nada, pois aquele amor era tão intenso que ele mal sabia onde estava.

Sir Gringamore não deixou de notar todos aqueles olhares e, depois do jantar, chamou a irmã a outro aposento e lhe disse: Gentil irmã, percebi tua atitude e também a de nosso hóspede. Quero que saibas, irmã, que é um cavaleiro muito valoroso e, se puderes fazer com que permaneça aqui, tratarei de agradá-lo como puder, pois mesmo que fosses melhor do que és, eu lhe concederia tua mão. Gentil irmão, replicou Lady Liones, sei que é bom cavaleiro e que vem de uma casa nobre. No entanto, desejo pô-lo à prova um pouco mais, apesar de estar mais grata a ele do que a qualquer outro homem neste mundo. Pois batalhou muito por meu amor e enfrentou muitas passagens perigosas.

Sir Gringamore foi então ao encontro de Sir Gareth e lhe disse: Senhor, podeis vos alegrar, pois não tereis nenhuma outra causa a não ser saber que esta dama, minha irmã, é vossa sob todos os aspectos, com a devida ressalva de sua honra. Ela vos ama tanto quanto vós a ela, e até mais, se for possível. Se tivesse certeza disso, replicou Sir Gareth, não haveria homem no mundo mais feliz do que eu. Por minha honra, disse Sir Gringamore, podeis confiar em minha palavra. E durante todo o tempo que quiserdes passar conosco, esta dama estará presente dia e noite, para vos dar toda a alegria possível. Aceito de bom grado, disse Sir Gareth, pois prometi permanecer nestas terras por cerca de doze meses. Tenho certeza de que o Rei Arthur e outro nobres cavaleiros me encontrarão onde quer que eu esteja durante este período, pois hão de me procurar até me encontrar, se eu estiver vivo. Então, o nobre cavaleiro Sir Gareth foi procurar Lady Liones, que já o amava muito, beijou-a várias vezes, e ambos ficaram muito felizes. Ali mesmo, ela lhe prometeu seu amor e jurou amar somente a ele por todos os dias de sua

vida. Depois, com aval do irmão, contou toda a verdade ao cavaleiro, dizendo-lhe quem era, que era a mesma dama por quem ele havia lutado, a senhora do Castelo Perigoso, e também lhe contou que havia mandado o irmão raptar seu anão, a fim de saber o nome e a linhagem do cavaleiro.

CAPÍTULO XXII

Como, durante a noite, apareceu um cavaleiro armado que lutou com Sir Gareth e este, seriamente ferido na coxa, decepou a cabeça de tal cavaleiro.

Então, mandou chamar Linet, a donzela com quem ele havia cavalgado por tantos caminhos agrestes. Sir Gareth ficou então mais alegre do que já estava, e ali mesmo trocaram promessas de se amarem enquanto vivessem. Era tão intenso o desejo que sentiam que decidiram saciá-lo em segredo. Lady Liones sugeriu que Sir Gareth não dormisse em outro lugar que não fosse a sala e prometeu ir à sua cama pouco antes da meia-noite.

Tal sugestão não foi tão secretamente guardada quanto se pretendia, mas era compreensível em se tratando de dois jovens, de tenra idade, que nunca antes haviam lançado mão de semelhantes artimanhas. A donzela Linet ficou aborrecida por julgar que sua irmã, Lady Liones, estava sendo um pouco impetuosa, já que não conseguia esperar a hora do casamento e, para salvar sua honra, resolveu amainar um pouco aquele desejo ardente. Determinou, então, por meio de suas artes sutis, que os dois não alcançassem seu propósito em termos de prazeres até que estivessem casados. Assim, o tempo foi passando. Depois da ceia, todos os convivas se foram; senhores e damas se retiraram para descansar. Sir Gareth, porém, declarou que não deixaria a sala, pois era em semelhante lugar que um cavaleiro andante deveria repousar. Puseram-se então ali grandes mantas e, sobre elas, colchões de plumas onde ele se deitou para dormir. Pouco depois, Lady Liones, envolta em um manto forrado de arminho, veio se deitar ao seu lado. Mancebo logo começou a beijá-la. De repente, viu diante de si um cavaleiro armado que se aproximava com muitas luzes ao seu redor. Trazia na mão um grande machado de guerra e tinha uma terrível expressão ao fazer menção de golpeá-lo. Quando Sir Gareth o viu entrar daquele jeito, pulou da cama, pegou a espada e, de um salto, investiu contra tal cavaleiro. Ao vê-lo avançar de forma tão impetuosa em sua direção, com uma única estocada o recém-chegado lhe atingiu a coxa, abrindo uma ferida do tamanho de um palmo e cortando muitas veias e tendões. De imediato, Sir Gareth revidou, desfechando-lhe tamanho golpe sobre o elmo que o cavaleiro caiu de bruços no chão. Atirou-se então sobre ele, tirou seu elmo e lhe decepou a cabeça. No entanto, perdia sangue numa velocidade que não conseguia se manter de pé e acabou caindo na cama onde desmaiou, parecendo ter morrido.

Diante de tal cena, Lady Liones começou a gritar. Ouvindo seus gritos, seu irmão, Sir Gringamore, desceu e, quando viu Sir Gareth ferido de forma tão vergonhosa, ficou irritadíssimo. Muito me envergonho que este nobre cavaleiro tenha sido assim acolhido, disse ele. Irmã, como é possível que estejas aqui e este valoroso cavaleiro esteja assim ferido? Não sei dizer, irmão, respondeu ela, pois nada disso foi feito por minhas mãos nem com meu consentimento, pois este é meu senhor e eu sou sua, e ele há de ser meu marido. Portanto, meu irmão, quero que saibas que não me envergonho de estar com ele nem de lhe dar todo prazer possível. E eu, irmã, acrescentou Sir Gringamore, quero que saibas, bem como Sir Gareth, que esta malfadada ação não foi cometida por mim nem com meu consentimento. Trataram de estancar o sangue do ferimento da melhor maneira que puderam, ambos lamentando-se profundamente. Nesse momento surgiu Lady Linet e, diante de todos, pegou a cabeça do homem, untou com um unguento o local do corte, repetiu o gesto no pescoço e juntou pele com pele. A ferida cicatrizou tão rápido como se nunca tivesse existido. O cavaleiro levantou-se bem depressa, e Linet o levou para o próprio quarto. Tudo isso foi presenciado por Sir Gringamore e pela Lady Liones, bem como por Sir Gareth, e todos compreenderam então que havia sido obra da donzela Linet, com quem ele havia atravessado as passagens perigosas. Ah, donzela, exclamou Sir Gareth, não acreditava que fôsseis capaz de semelhante ato. Meu senhor Gareth, replicou a jovem, confesso ter feito tudo isso, mas foi apenas pensando em vossa dignidade e vossa honra e nas de todos nós. Em poucos instantes, Sir Gareth já estava quase curado e voltou a se mostrar animado e alegre. Cantou, dançou e participou de todas as brincadeiras. O amor que ele e a senhora Liones sentiam era tão ardente que os dois combinaram que ela iria se deitar com ele na décima noite. Como já havia sido ferido antes, Sir Gareth passou a deixar a armadura e a espada ao lado de sua cama.

CAPÍTULO XXIII

Como o referido cavaleiro voltou na outra noite e foi mais uma vez decapitado, e como, no banquete de Pentecostes, todos os cavaleiros que Sir Gareth havia derrotado se apresentaram para se render ao Rei Arthur.

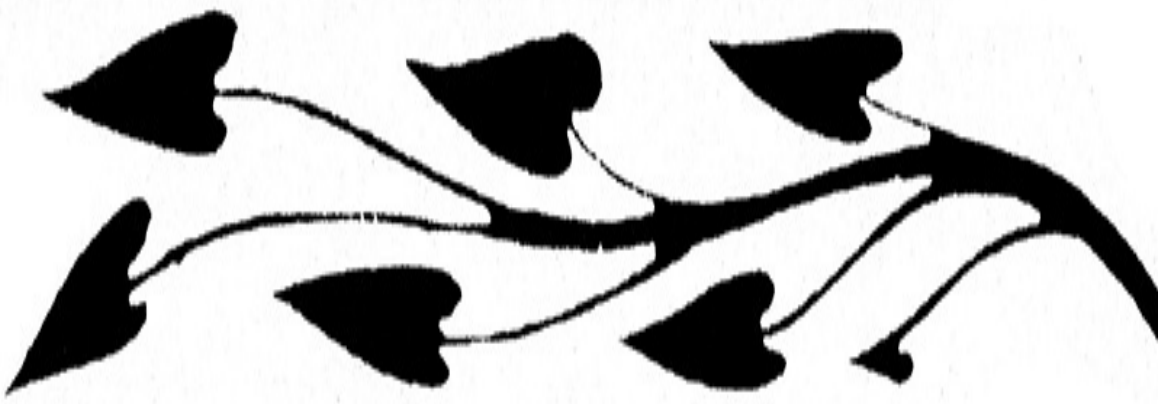
E ela foi, exatamente como haviam combinado. Mal havia se deitado, porém, viu um cavaleiro armado se aproximando. Mais que depressa, alertou Sir Gareth, e este, com a ajuda de sua amada, armou-se com todo o cuidado. Os dois investiram um contra o outro com garra e fúria, por todo o aposento, e a luz era tanta que parecia haver umas vinte tochas na frente e atrás deles. Com o esforço feito, Sir Gareth percebeu que sua antiga ferida havia recomeçado a sangrar, mas seu ímpeto e seu destemor eram tais que ele não deu atenção a esse detalhe e, usando toda a sua força, derrubou o cavaleiro, tirou-lhe o elmo e lhe decepou a cabeça. Depois, a cortou em cem pedaços, pegou cada um deles e os atirou pela janela dentro do fosso do castelo. Ao terminar, estava tão enfraquecido que quase não conseguia ficar de pé de tanto que sangrava. Quando já estava praticamente desarmado, caiu no chão desmaiado. Lady Liones gritou e foi ouvida por Sir Gringamore, que, ao chegar e ver Sir Gareth naquele estado, muito se lamentou. Tratou de despertar o mancebo e lhe deu uma beberagem que lhe trouxe um alívio assombroso. O sofrimento de Lady Liones, porém, era indescritível, pois parecia até que ela ia morrer.

Nesse instante, a donzela Linet apareceu, mandou que lhe trouxessem a cabeça que Sir Gareth havia jogado pela janela e, como fizera antes, voltou a unir tudo usando um unguento. Donzela Linet, disse Sir Gareth, não mereço todo esse menosprezo que demonstrais. Senhor cavaleiro, replicou ela, nada fiz, como aqui confesso, que não fosse para a vossa honra e para a de todos nós. Então, conseguiram estancar o sangramento de Sir Gareth, mas os médicos lhe disseram que não havia homem neste mundo que pudesse curar sua ferida, a menos que fosse capaz de desfazer encantamentos.

Aqui deixamos Sir Gareth com Sir Gringamore e suas irmãs e voltamos ao Rei Arthur, que celebrava seu banquete de Pentecostes. Acudiram ao local o Cavaleiro Verde com seus cinquenta cavaleiros, e todos se renderam ao monarca. Chegou também o Cavaleiro Vermelho, seu irmão, e se rendeu ao Rei Arthur com seus sessenta cavaleiros. Veio ainda o Cavaleiro Azul, irmão dos dois primeiros, com cem cavaleiros, e todos se renderam também. O nome do Cavaleiro Verde era Pertolepe; o do Cavaleiro Vermelho, Perimones, e o do Cavaleiro Azul, Sir Persant da Índia. Esses três irmãos relataram ao Rei Arthur como haviam sido

derrotados por um cavaleiro chamado Bellesmains que acompanhava uma donzela. Jesus!, exclamou o monarca. Não sei quem é nem de que linhagem descende. Esteve comigo durante um ano e foi mantido aqui pobre e vergonhosamente, e, por zombaria, Sir Kay o apelidou de Bellesmains. Enquanto o rei conversava com os três irmãos, apareceu Sir Lancelote do Lago dizendo que acabava de chegar um galhardo senhor trazendo consigo seiscentos cavaleiros.

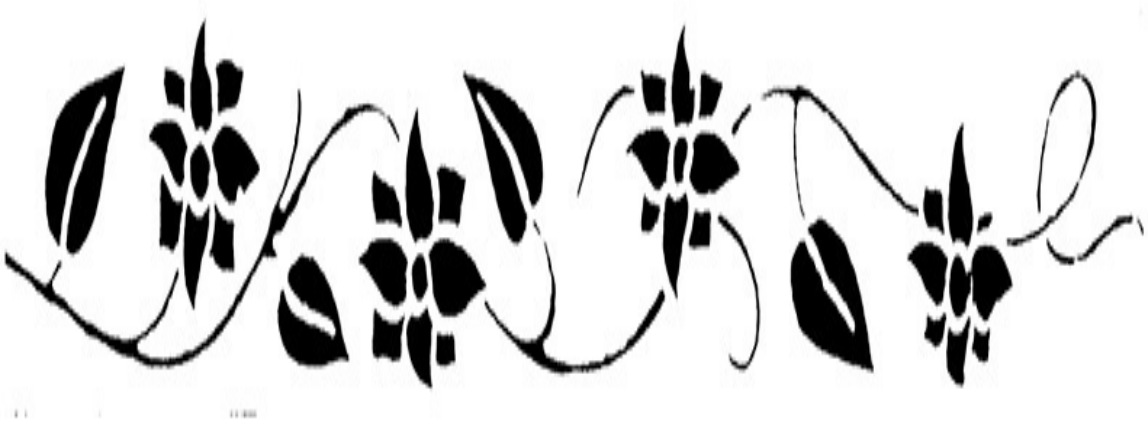
O monarca então saiu de Carlion, onde se realizava o banquete, e se apresentou a tal senhor, saudando-o graciosamente. O que desejais?, perguntou o Rei Arthur. E o que viestes fazer aqui? Senhor, respondeu o homem, chamam-me o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, mas meu nome é Sir Ironside. Digo-vos que vim perante vós a mando de um cavaleiro chamado Bellesmains, pois ele me venceu em luta honrosa, e nenhum outro cavaleiro havia conseguido tal feito nesses trinta invernos. As suas ordens foram para que eu me entregasse à vossa vontade. Sede bem-vindo, disse o monarca, pois por muito tempo haveis sido meu inimigo e de toda minha corte, e agora confio em Deus que posso vos tratar como amigo. Senhor, eu e estes quinhentos cavaleiros estaremos sempre prontos a um chamado vosso para vos prestar qualquer serviço que esteja em nosso poder. Misericórdia divina!, exclamou o Rei Arthur. Estou imensamente grato a esse cavaleiro que dedicou tanto esforço para honrar a mim e à minha corte. Quanto a vós, Ironside, a quem chamam de Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, sois conhecido como o cavaleiro perigoso. Se quiserdes estar do meu lado, eu vos honrarei e vos farei cavaleiro da Távola Redonda, mas não devereis ser mais um matador de homens. Senhor, replicou Sir Ironside, já prometi a Sir Bellesmains que jamais voltaria a adotar semelhante costume, pois tudo que fiz foi a pedido de uma dama que eu amava. Portanto, devo me dirigir a Sir Lancelote e a Sir Gawaine para lhes pedir perdão pelo rancor que guardei contra eles, uma vez que todos os que matei morreram simplesmente por amar esses dois cavaleiros. Aqui estão eles neste momento, disse o rei, bem diante de vós, e podeis lhes dizer o que quiserdes. Então, ele se ajoelhou diante de Sir Lancelote e de Sir Gawaine rogando-lhes que o perdoassem pela inimizade que sempre lhes havia dedicado.



CAPÍTULO XXIV

Como o Rei Arthur os perdoou e indagou do paradeiro de Sir Gareth.

Em tom amável, ambos responderam a um só tempo: Que Deus vos perdoe como nós vos perdoamos e vos pedimos que nos digais onde podemos encontrar Sir Bellesmains. Gentis senhores, replicou Sir Ironside, não sei dizer, pois é muito difícil encontrá-lo, já que os jovens cavaleiros, como ele, quando vão em busca de aventura não se detêm em parte alguma. Mas foi fabuloso ouvir o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas e Sir Persant e seus irmãos contarem as honras conquistadas por Bellesmains. Pois bem, meus gentis senhores, disse o Rei Arthur, sabei que vos farei todas as honras por amor a Sir Bellesmains e, assim que encontrá-lo, farei de todos vós, no mesmo dia, cavaleiros da Távola Redonda. Quanto a vós, Sir Persant da Índia, fostes sempre considerado um nobre cavaleiro, e o mesmo posso dizer de vossos irmãos. Surpreende-me, porém, não ter notícias de vosso outro irmão, o Cavaleiro Negro, que também é um homem muito valoroso. Senhor, disse Pertolepe, o Cavaleiro Verde, Sir Bellesmains o matou com sua lança em um confronto. Ele se chamava Sir Percard. Isso é lamentável, observou o monarca, no que foi seguido por vários cavaleiros, pois aqueles quatro irmãos eram muito conhecidos na corte do Rei Arthur como cavaleiros nobres, uma vez que haviam, por longo tempo, travado guerra contra os cavaleiros da Távola Redonda. Então Sir Pertolepe, o Cavaleiro Verde, retomou a palavra e disse ao rei: Na travessia de um rio em Mortaise, Sir Bellesmains enfrentou dois irmãos que guardavam aquela passagem praticamente o tempo todo. Eram dois cavaleiros mortais, e Sir Bellesmains matou o mais velho na água, acertando-lhe um golpe tão forte na cabeça que ele afundou e acabou se afogando. Chamava-se Sir Gherard le Breusse. Em seguida, enfrentou o outro, Sir Arnold le Breusse, em terra e também o matou.



CAPÍTULO XXV

Como a rainha de Orkney compareceu a tal banquete e Sir Gawaine e seus irmãos foram lhe pedir a bênção.

Então o rei e todos eles sentaram-se para comer e foram servidos da melhor maneira possível. Enquanto estavam à mesa, chegou a Rainha de Orkney, com um grande séquito de damas e cavaleiros. Sir Gawaine, Sir Agravaine e Gaheris dirigiram-se a ela, puseram-se de joelhos para saudá-la e lhe pediram a bênção, pois fazia quinze anos que não a viam. Alto e bom som, a soberana perguntou a seu irmão, o Rei Arthur: Que fizestes de meu filho mais moço, Sir Gareth? Ele passou doze meses nesta corte, e vós o transformastes em um mísero ajudante de cozinha, o que é uma vergonha para todos vós. Ai, o que fizestes com meu querido filho que era minha bênção e minha alegria? Oh, querida mãe, disse Sir Gawaine, eu não o reconheci. Eu tampouco, acrescentou o rei, coisa que agora lamento muitíssimo. Mas, com a graça de Deus, ele demonstrou ser o mais digno dos cavaleiros de sua idade, e não poderei alegrar-me enquanto não encontrá-lo.

Ah, irmão, exclamou a rainha, dirigindo-se ao rei, mas também a todos os seus filhos, cometestes um ato vergonhoso mantendo meu filho nesta corte como ajudante de cozinha e dando-lhe de comer como se fosse um cão de rua! Gentil irmã, replicou o Rei Arthur, sabei que não o reconheci, nem o reconheceram Sir Gawaine e seus irmãos, mas, já que aconteceu o que aconteceu e ele se foi, devemos pensar em um meio de encontrá-lo. Ademais, irmã, creio que podíeis ter me prevenido de sua vinda e se, mesmo assim, eu não o tivesse tratado bem, teríeis razões para me culpar. Quando chegou a esta corte, apoiava-se nos ombros de dois homens, como se não pudesse andar e, nessa ocasião, me fez três pedidos. Um destes, a ser atendido naquele mesmo dia, era que eu lhe desse de comer durante doze meses. Os dois outros ele só os apresentou ao cabo desse tempo: o segundo era se encarregar da aventura da donzela Linet, e o terceiro, que Sir Lancelote o sagrasse cavaleiro na hora em que ele o pedisse. Eu lhe concedi todos esses desejos, e muitos aqui ficaram assombrados ao vê-lo desejar ser sustentado por um ano. Por isso, vários de nós acreditamos que ele não vinha de casa nobre.

Senhor, replicou a rainha de Orkney, sabei que o mandei para cá muito bem armado, com excelente montaria, dignamente aparelhado e com muito ouro e prata para gastar. Pode ser, retrucou o monarca, mas não vi nada disso, a não ser um fato que aconteceu no dia em que ele se foi: alguns cavaleiros disseram que, de súbito, surgiu um anão, levando a ele uma armadura e um bom cavalo ricamente adornado.

E todos nos perguntamos de onde podiam vir tais riquezas e deduzimos que elas se originavam de homens de honra. Irmão, disse a rainha, creio em tudo que dizeis, pois, desde que crescestes tendes demonstrado magnífica perspicácia e sempre vos mantivestes leal à vossa promessa. Espanta-me, porém, que Sir Kay zombasse e risse dele, dando-lhe o apelido de Bellesmains. No entanto, tal apelido foi mais acertado do que Sir Kay poderia supor, pois atrevo-me a dizer que, se ainda estiver vivo, é o homem que possui as mãos mais formosas e bem-feitas do mundo. Senhora, disse Arthur, não useis tais palavras, pois, com a graça de Deus, ele será encontrado se estiver dentro dos sete reinos, pois demonstrou ser um homem de honra, e muito me alegro com isso.

CAPÍTULO XXVI

Como o Rei Arthur mandou buscar Lady Liones e como ela anunciou a realização de um torneio em seu castelo ao qual compareceriam muitos cavaleiros.

Então, Sir Gawaine e seus irmãos disseram ao monarca: Senhor, se nos permitis, partiremos em busca de nosso irmão. Não, atalhou Sir Lancelote, não será necessário. O nosso conselho, acrescentou Sir Baudwin da Bretanha, é que o rei mande um mensageiro até Lady Liones e lhe pedir que venha à corte o mais depressa possível. Não tenho dúvidas de que ela é a pessoa mais indicada para sugerir onde o podeis encontrar. Tendes toda a razão, disse o rei. Escreveram-se então cartas das mais amáveis, e um mensageiro cavalgou dia e noite para levá-las ao Castelo Perigoso. Mandaram então avisar a Lady Liones que estava com seu irmão, Sir Gringamore, e Sir Gareth. Ao receber as mensagens, ela mandou o mensageiro de volta para dizer ao Rei Arthur que rumaria para lá logo a seguir. Quando retornou até onde estavam Sir Gringamore e Sir Gareth, contou-lhes o que havia acontecido e que o Rei Arthur tinha mandado chamá-la. Isso é por minha causa, observou Sir Gareth. Pois aconselhai-me, então, disse ela. O que devo dizer? Como devo me comportar? Minha amada senhora, respondeu o mancebo, rogo-vos que, em hipótese alguma, reveleis meu paradeiro. Mas sei que minha mãe lá está, bem como todos os meus irmãos, e se eles se empenharem em procurar por mim, estou certo de que conseguirão me encontrar. Isso, porém, quero que digais e sugeris ao rei quando este vos fizer perguntas a meu respeito. Podeis sugerir que, se vossa boa graça assim o desejar, mandareis anunciar a realização de celebrações para a festa da Assunção de Nossa Senhora. Dizei que o cavaleiro que melhor se houver terá a vós além de todas as vossas terras, mas se porventura o campeão for casado, sua esposa ganhará o galardão e uma tiara de ouro encrustada de pedras preciosas no valor de mil libras e um falcão-gerifalte branco.

Assim, pois, Lady Liones partiu rumo à corte do Rei Arthur, onde foi recebida com todas as honras e crivada de perguntas tanto por parte do monarca quanto da rainha de Orkney. A dama respondeu que não sabia dizer onde estava Sir Gareth, mas acrescentou, dirigindo-se ao Rei Arthur: Senhor, gostaria de anunciar um torneio a ser realizado diante do meu castelo no dia da Assunção de Nossa Senhora. Vós, meu senhor Arthur, estareis lá com vossos cavaleiros, e tomarei todas as providências para que meus cavaleiros enfrentem os vossos. Nessa ocasião, com toda a certeza tereis notícias de Sir Gareth. Aceito vossa sugestão,

replicou o monarca. Com isso, Lady Liones se foi, e tanto ela quanto o Rei Arthur começaram a cuidar dos preparativos para o tal torneio.

Quando Lady Liones regressou à Ilha de Avilion, propriedade e residência de seu irmão, contou-lhes tudo que havia acontecido e a promessa que havia feito ao monarca. Ai, exclamou Sir Gareth, fui tão desventuradamente ferido neste castelo que não poderei participar de tal competição como cavaleiro, já que ainda não me curei de todo. Animai-vos, disse a donzela Linet, pois, durante os próximos quinze dias, tratarei de vos deixar curado e tão saudável como sempre fostes. Então, graças a um unguento e um bálsamo que a jovem usou como bem lhe aprouve, Sir Gareth logo estava recuperado e saudável. Enviai uma mensagem a Sir Persant da Índia, disse a donzela, convidando-o a comparecer com seus cavaleiros como ele vos prometeu. E também mandai mensagens a Sir Ironside, que é o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, recomendando-lhe que esteja a postos com todos os seus cavaleiros e, então, podereis enfrentar o Rei Arthur e seus homens. Foi o que fizeram, e todos foram chamados a comparecer ao Castelo Perigoso. Então, o Cavaleiro Vermelho respondeu, dizendo a Lady Liones e Sir Gareth: Minha Senhora e meu senhor, sabeis que estive na corte do Rei Arthur, onde também estavam Sir Persant da Índia e seus irmãos. Ali rendemos homenagem como nos havíeis ordenado. Também, acrescentou ele, assumi a responsabilidade, com Sir Persant da Índia e seus irmãos, de enfrentar meu senhor Sir Lancelote e os cavaleiros dessa corte. Fiz isso por amor a Lady Liones e a vós, meu senhor Gareth. Boa decisão, replicou Sir Gareth, porém sabeis que estais preste a lutar com os cavaleiros mais nobres do mundo. Portanto, temos que garantir bons cavaleiros também do nosso lado. Muito sábio e nobre de sua parte, concluiu Sir Persant.

Mandaram, então, anunciar na Inglaterra, em Gales e na Escócia, na Irlanda, na Cornualha e em todas as Ilhas Longínquas, bem como na Bretanha e em muitos outros países, que, por ocasião do banquete da Assunção de Nossa Senhora, todos deveriam comparecer ao Castelo Perigoso, próximo à Ilha de Avilion, e que todos os cavaleiros que ali comparecessem deveriam escolher lutar ao lado dos cavaleiros do castelo ou dos homens do Rei Arthur. E faltavam dois meses para a realização do torneio. Apareceram muito bons cavaleiros que não possuíam vínculos com qualquer senhor e, em sua maioria, escolheram lutar contra o Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda, aliando-se aos homens do castelo. O primeiro foi Sir Epinogrus, filho do Rei de Northumberland; depois, Sir Palamedes, o Sarraceno, Sir Safere e Sir Segwarides, seus irmãos, embora ambos já houvessem sido batizados. Vieram também Sir Malegrine, Sir Brian das Ilhas, nobre cavaleiro, Sir Grummore Grummorson, um bom cavaleiro da Escócia, Sir Carados, da Torre Dolorosa, nobre cavaleiro, seu irmão Sir Turquine, Sir Arnold e Sir Gauter, dois irmãos e bons cavaleiros da Cornualha. Acorreram ainda ao

local do evento Sir Tristão de Liones, acompanhado de Sir Dinadan, o Senescal, e Sir Sadok. Nessa ocasião, Sir Tristão ainda não era um dos membros da Távola Redonda, embora fosse um dos melhores cavaleiros do mundo. E todos esses cavaleiros se juntaram aos da senhora do castelo e do Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas. Já Sir Gareth preferiu se fazer acompanhar de outros cavaleiros de menor renome.

CAPÍTULO XXVII

Como o Rei Arthur compareceu a tal torneio com seus cavaleiros, como a dama o recebeu com todas as honras, e como os cavaleiros se enfrentaram.

Com o Rei Arthur, chegaram Sir Gawaine, Sir Agravaine e Sir Gaheris, seus irmãos. Vieram também seus sobrinhos Sir Uwaine le Blanchemains, Sir Aglovale, Sir Tor, Sir Percival de Gales e Sir Lamorak de Gales. Desse grupo participavam ainda Sir Lancelot do Lago com seus irmãos, sobrinhos e primos, tais como Sir Leonel, Sir Hector de Maris, Sir Bors de Ganis, Sir Galihodin, Sir Galibud e muitos outros do mesmo sangue de Sir Lancelote, além de Sir Dinadan, Sir La Cote Mal Taillée, seu irmão, um bom cavaleiro, Sir Sagramore, outro bom cavaleiro, e a maioria dos componentes da Távola Redonda. Também acompanhavam o Rei Arthur estes cavaleiros: o Rei Agwisance, da Irlanda, o rei Carados, da Escócia, o Rei Uriens, da terra de Gore, o Rei Bagdemagus e seu filho, Sir Maliaganus, e Sir Galahaut, o nobre príncipe. Todos estes reis, príncipes, condes e barões, além de outros nobres cavaleiros, como Sir Brandiles, Sir Uwaine, o Bastardo, Sir Kay, Sir Bedevere, Sir Meliot de Lagres, Sir Petipace de Winchelsea e Sir Godelake integravam a companhia do Rei Arthur, além de outros tantos que seria impossível enumerar.

Mas, agora, deixemos esses reis e cavaleiros e falemos do grande rebuliço que havia dentro do castelo e em seus arredores por parte de ambos os grupos. Pois Lady Liones ordenou à sua gente um grande aparato para seus nobres cavaleiros: por terra e por água, chegaram todo tipo de abrigos e víveres para que nada faltasse nem a um lado, nem ao outro, e muito podia ser comprado com ouro e prata para o Rei Arthur e seus homens. Chegaram, então, aqueles que iam hospedar o monarca bem como todos os seus reis, cavaleiros, duques, condes e barões. Sir Gareth pediu encarecidamente a Lady Liones, ao Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, a Sir Persant e a seus irmãos e também a Sir Gringamore que de forma alguma dissessem seu nome nem lhe dessem mais atenção do que ao último cavaleiro que ali estivesse. Pois, disse ele, não quero me dar a conhecer, nem mais nem menos, nem no início nem no final. Senhor, disse Lady Liones, eu vos emprestarei um anel, mas, pelo amor que tendes por mim, rogo-vos que ele me seja devolvido quando o torneio estiver terminado, pois ele aumenta a minha beleza, tornando-a muito maior do que ela é na realidade. Esta é a virtude de meu anel: o que é verde há de se tornar vermelho, o que é vermelho passará a se assemelhar ao verde, o que é azul parecerá branco, o que é branco assumirá a aparência do azul,

e isso ocorrerá com todo tipo de cores. Ademais, aquele que estiver usando meu anel não perderá sangue e, pelo grande amor que tenho por vós, quero que o leveis convosco. Fico-vos imensamente grato, minha senhora, replicou Sir Gareth, porque este anel muito me convém, já que alterará minha aparência e fará com que eu não seja reconhecido. Sir Gringamore deu ao jovem um corcel baio que era um excelente animal e também uma boa armadura, bem segura, e uma nobre espada, que, em outras épocas, seu pai havia ganhado de um tirano pagão. E, assim, cada cavaleiro se aprontou para o torneio. O Rei Arthur havia chegado dois dias antes da festa da Anunciação de Nossa Senhora, e aconteceram vários tipos de magnificências e de cantorias que se possam imaginar. Chegaram também a Rainha Guinevere e a rainha de Orkney, mãe de Sir Gareth.

No dia da Assunção, depois da missa e das matinas, mandou-se que os arautos tocassem as trombetas chamando os cavaleiros à liça. Do castelo, saiu Sir Epinogrus, filho do rei de Northumberland, para ir ao encontro de Sir Sagramore, o Desejoso, e ambos quebraram as lanças na altura da empunhadura. Então, foi a vez de Sir Palamedes, representando o castelo, enfrentar Sir Gawaine, e o choque entre os dois foi tão forte que os dois bons cavaleiros caíram por terra junto com seus animais. Então, cavaleiros de um e de outro grupo vieram resgatar seus companheiros. Em seguida, surgiram Sir Safere e Sir Segwarides, irmãos de Sir Palamedes. Sir Agravaine enfrentou Sir Safere, e Sir Gaheris, Sir Segwarides. O primeiro derrubou Agravaine, irmão de Sir Gawaine, e Sir Gaheris derrubou Sir Segwarides, irmão de Sir Safere. Sir Malagrine, cavaleiro do castelo, lutou contra Sir Uwaine le Blanchemains, e este o derrubou de tal maneira que Sir Malagrine quase quebrou o pescoço.

CAPÍTULO XXVIII

Como se portaram os cavaleiros no combate.

Em seguida, Sir Brian das Ilhas e Grummore Grummorsum, representando o castelo, enfrentaram Sir Aglovale, e Sir Tor derrubou Sir Grummore. Vieram então Sir Carados da Torre Dolorosa e Sir Turquine, também pelo castelo, para enfrentar os irmãos Percival e Lamorak de Gales. No embate, Sir Carados e Sir Percival quebraram suas lanças até a empunhadura. Sir Turquine e Sir Lamorak se derrubaram mutuamente, e homens e cavalos foram ao chão, sendo resgatados por seus companheiros e voltando a cavalgar. Sir Arnold e Sir Gauter, cavaleiros do castelo, se defrontaram com Sir Brandiles e Sir Kay, e todos os quatro, num violento confronto, tiveram as lanças quebradas até a empunhadura. Vieram então Sir Tristão, Sir Sadok e Sir Dinadan, pelo castelo. Sir Tristão enfrentou Sir Bedevere, que foi derrubado com sua montaria. Sir Sadok enfrentou Sir Petipace, e o primeiro foi derrubado. Sir Uwaine, o Bastardo, derrubou Sir Dinadan, o Senescal. Chegou a vez de Sir Persant da Índia, cavaleiro do castelo, enfrentar Sir Lancelote do Lago, que derrubou homem e cavalo. Depois, Sir Pertolepe, o Cavaleiro Verde, pelo castelo, enfrentou e derrubou Sir Leonel, irmão de Sir Lancelote. Tudo isso foi devidamente destacado pelos nobres arautos, que anunciavam quem havia sido o melhor e como se chamavam.

Entraram na liça Sir Perimones, o Cavaleiro Vermelho, irmão de Sir Persant, lutando pelo castelo, e enfrentou Sir Hector de Maris, e o confronto foi tão forte que ambos caíram por terra com seus cavalos. Foi então a vez do Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas e Sir Gareth, pelo castelo, enfrentarem Sir Bors de Ganis e Sir Bleoberis. Os dois primeiros se chocaram com tal violência que quebraram as lanças e seus cavalos caíram de peito no chão. Já Sir Bleoberis partiu sua lança em Sir Gareth, mas, com o golpe, acabou caindo por terra. Ao ver isso, Sir Galihodin mandou que Sir Gareth se pusesse em guarda, mas este também o derrubou. Então, Sir Galihud pegou uma lança para vingar o irmão, e Sir Gareth lhe deu igual tratamento, fazendo o mesmo com Sir Dinadan e seu irmão, La Cote Mal Taillée, com Sir Sagramore, o Desejoso, e Sir Dodinas, o Selvagem. Derrubou todos eles com uma mesma lança.

Quando o Rei Agwisance, da Irlanda, viu o desempenho de Sir Gareth, perguntou quem seria aquele que, às vezes, parecia verde, e outras, quando se virava, parecia azul. E assim, a cada carreira que dava de um extremo a outro da liça, ele ia mudando de cor, de tal forma que nenhum dos reis ou cavaleiros

conseguia identificá-lo com precisão. Então, Sir Agwisance, o rei da Irlanda, confrontou Sir Gareth, e este o derrubou com cavalo, sela e tudo. Depois, veio o Rei Carados, da Escócia, e também foi derrubado com sua montaria. O mesmo se deu com o Rei Uriens, da terra de Gore. Veio então Sir Bagdemagus, e Sir Gareth lançou homem e cavalo ao chão. E Meliganus, filho de Bagdemagus, quebrou uma lança possante em seu adversário. Nesse momento, Sir Galahaut, o nobre príncipe, disse, alto e bom som: Cavaleiro de muitas cores, justastes muito bem. Agora, preparai-vos para que eu possa enfrentar-vos. Ao ouvir isso, Sir Gareth apanhou uma lança grossa, e os dois se enfrentaram. No ataque, o príncipe quebrou sua lança, mas Sir Gareth acertou-lhe o lado esquerdo do elmo, fazendo seu adversário cambalear de um lado a outro, e ele teria caído se não fosse pelo auxílio de seus homens.

Que Deus me ajude, disse o Rei Arthur. Esse cavaleiro de muitas cores é excelente. Chamou então Sir Lancelote e lhe pediu que enfrentasse aquele homem. Senhor, replicou este, meu coração me diz que devo evitá-lo nesta oportunidade, pois ele já se esforçou muito hoje e, quando um bom cavaleiro faz tanto em um dia, um bom cavaleiro não deve privá-lo de sua honra, ainda mais quando vê que os combates exigiram muito dele. Talvez, entre todos os que estão aqui, ele seja o mais amado pela senhora do castelo, pois bem se vê que se esforça e batalha para realizar grandes feitos. Portanto, por mim, que a honra lhe seja atribuída e, mesmo que estivesse em meu poder tirar isso dele, eu não o faria.

CAPÍTULO XXIX

Ainda o referido torneio.

Quando tudo terminou, vieram as espadas e teve início um torneio feroz. Sir Lamorak realizou magníficas proezas com as armas, e travou-se uma batalha acirrada entre ele e Sir Ironside, o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas. Outra entre Sir Palamedes e Bleoberis. Também se enfrentaram Sir Gawaine e Sir Tristão, e o primeiro levou a pior, pois foi arrancado do cavalo e passou muito tempo a pé, arrasado. Veio então Sir Lancelote para lutar contra Sir Turquine, e ambos se atingiram. Nesse momento, seu irmão, Sir Carados, se aproximou, e os dois o atacaram em conjunto. Lancelote, como o mais nobre cavaleiro do mundo, lutou dignamente com ambos, deixando todos ali maravilhados com tamanha nobreza. Foi quando chegou Sir Gareth e soube que era Sir Lancelote que estava lutando com aqueles cavaleiros perigosos. Correu montando seu bom cavalo e se interpôs entre eles, separando-os, mas não quis desfechar nenhum golpe contra o cavaleiro do grupo adversário. Dando-se conta disso, Sir Lancelote supôs que se tratava do bom cavaleiro Sir Gareth. Este começou então a cavalgar de um lado para o outro, ferindo homens a torto e a direito, e todos podiam ver perfeitamente por onde ele circulava. Por acaso, defrontou-se com seu irmão, Sir Gawaine, e o derrotou, pois arrancou-lhe o elmo fazendo o mesmo com cinco ou seis cavaleiros da Távola Redonda. Todos diziam que estavam dando o melhor de si, mas aquele homem tinha o melhor desempenho possível. Depois de ver como justava e, agora, como lutava tão bem com a espada, Sir Tristão se aproximou de Sir Ironside e de Sir Persant da Índia e lhes perguntou: por vossa fé, que tipo de cavaleiro é este que se mostra sob cores tão variadas? Na verdade, acrescentou, creio que deve estar fazendo um esforço supremo, pois não para nunca. Não sabeis quem é?, perguntou Sir Ironside. Não, respondeu Sir Tristão. Pois ficai sabendo que é aquele que ama a senhora do castelo e é correspondido. Foi ele que me venceu quando sitiei este castelo. Foi ele que venceu Sir Persant da Índia e seus três irmãos. Como ele se chama?, perguntou Sir Tristão. E de que sangue descende? Na corte do Rei Arthur, chamam-no Bellesmains, mas seu nome é Sir Gareth de Orkney, irmão de Sir Gawaine. Impressionante!, exclamou Sir Tristão. É excelente cavaleiro e tem grande habilidade com as armas. Se for jovem, vai se tornar um cavaleiro muito nobre. É quase uma criança, disseram todos, e foi sagrado cavaleiro por Sir Lancelote. Não poderia ser melhor, observou Sir Tristão. E,

então, todos esses cavaleiros se uniram para ir auxiliar Sir Gareth e trocaram muitos golpes fortes.

Em determinado momento, Sir Gareth se afastou para consertar seu elmo, e seu anão lhe disse: Dai-me vosso anel para não o perderes enquanto bebeis. Depois de beber, o jovem voltou a pôr o elmo e, ávido, pegou seu cavalo e voltou para a liça, deixando o anel com o anão. Este se alegrou por receber tal joia, pois sabia que, assim, o cavaleiro seria reconhecido. E já em campo, todos viam bem claramente que estava usando as cores amarelas e seguia arrancando elmos e derrubando adversários. Diante disso, o Rei Arthur ficou intrigado, perguntando-se quem poderia ser aquele cavaleiro, já que, pelo cavalo, percebia que era o mesmo que antes mudava de cores.

CAPÍTULO XXX

Como Sir Gareth foi descoberto pelos arautos e como escapou do local dos combates.

Antes, mostrava-se sob diversas cores e, agora, sob uma só, o amarelo. Cavalgai, pois, até onde ele está, disse o Rei Arthur, dirigindo-se a vários arautos, e tentai descobrir quem é esse cavaleiro, pois já perguntei isso inúmeras vezes a homens de sua companhia e todos me dizem que não o conhecem. Um dos arautos se aproximou o máximo que pôde e viu gravada em ouro no seu elmo a seguinte frase: Este elmo pertence a Sir Gareth de Orkney. Então, o homem começou a gritar como louco, no que foi acompanhado por vários de seus companheiros: Este é Sir Gareth de Orkney, o que usa as armas amarelas! Todos os reis e cavaleiros do Rei Arthur se voltaram para observá-lo e analisá-lo, e as pessoas se empurravam para vê-lo melhor enquanto os arautos não paravam de gritar: Este é Sir Gareth de Orkney, filho do Rei Lot! Ao ver que havia sido descoberto, Sir Gareth redobrou os golpes derrubando Sir Sagramore e seu irmão, Sir Gawaine. Ah, irmão, disse este, pensei que não me feriríeis!

Quando ouviu isso, pôs-se a correr para cá e para lá, e, com grande esforço, desvencilhou-se da multidão e foi procurar seu anão. Rapaz, disse ele, me enganaste hoje ficando com meu anel. Trata de devolvê-lo imediatamente para eu ocultar meu corpo com ele. E recuperou a joia. Assim, pois, ninguém mais sabia dizer o que tinha sido feito dele, mas, de algum jeito, Sir Gawaine conseguiu ver em que direção seu irmão partira a cavalo e foi atrás dele o mais depressa possível. Sir Gareth percebeu o que estava acontecendo e logo tratou de se embrenhar na floresta, despistando, assim, Sir Gawaine. Quando viu que seu irmão tinha passado adiante, perguntou ao anão que conselho ele lhe dava. Senhor, disse o anão, creio que, agora que haveis conseguido evitar que vos vissem, melhor seria mandar o anel de volta para minha senhora Lady Liones. Tens toda a razão replicou o jovem. Pega o anel, leva-o até ela e diz-lhe que me encomendo a suas boas graças. Diz-lhe também que voltarei assim que puder e que lhe peço que seja fiel a mim como eu serei a ela. Senhor, replicou o anão, farei como ordenais. E seguiu seu caminho e cumpriu sua missão perante a dama. Onde está Sir Gareth, meu cavaleiro?, perguntou ela. Senhora, respondeu o anão, ele me mandou dizer-vos que não ficará longe de vós por muito tempo. Mais que depressa, o anão voltou para junto de Sir Gareth, que estava ansioso por encontrar abrigo, já que precisava descansar. Então, caiu uma tempestade, como se o céu e a terra

houvessem se encontrado de repente. Sir Gareth estava bem cansado, pois, durante todo o dia, nem ele nem seu cavalo tinham podido repousar devidamente. Mas seguiu cavalgando por aquela floresta até cair a noite, e relâmpagos e trovoadas continuavam furiosamente. Finalmente, por sorte, chegou a um castelo e ouviu as sentinelas no alto da muralha.



CAPÍTULO XXXI

Como Sir Gareth chegou a um castelo onde encontrou abrigo e como enfrentou um cavaleiro e o matou.

Sir Gareth cavalgou então até a muralha do castelo e, com toda a gentileza, rogou ao porteiro que o deixasse entrar. Este lhe respondeu de forma descortês: Não encontrareis abrigo aqui. Não digais isso, gentil senhor, pois sou cavaleiro do Rei Arthur e rogo ao senhor ou à senhora deste castelo que me dê pousada pelo armo do soberano. O porteiro foi então à procura da duquesa e lhe disse que ali havia um cavaleiro do rei pedindo abrigo. Deixa que entre, replicou a duquesa, pois quero ver tal cavaleiro e, pelo Rei Arthur, ele não ficará desamparado. A dama subiu então em uma torre que ficava acima da porta, com uma grande tocha na mão.

Ao ver tal tocha, Sir Gareth exclamou: Sejais senhor ou senhora, gigante ou campeão, pouco se me dá, contanto que eu possa me abrigar esta noite. E, se tiver que lutar por necessidade, não precisareis poupar-me amanhã, depois que eu estiver descansado, pois agora tanto eu quanto meu cavalo estamos muito fatigados. Senhor cavaleiro, replicou a duquesa, falais como um cavaleiro e tendes coragem, mas bem sabeis que o senhor deste castelo não ama o Rei Arthur nem ninguém de sua corte e sempre esteve contra ele. Portanto, seria melhor que não entrásseis neste castelo, pois, se entrais esta noite, deveis fazê-lo com uma condição: que, esteja onde estiver meu senhor, em uma rua ou em um caminho, devereis render-vos a ele como prisioneiro. Senhora, disse Sir Gareth, quem é vosso senhor e qual é o seu nome? Meu senhor é o Duque de la Rowse, respondeu ela. Pois bem, senhora, disse o jovem, eu vos prometo que onde quer que encontre vosso senhor, hei de entregar-me a ele e à sua boa graça, pois suponho que, dessa forma, ele não me causará dano algum. E, se perceber que essa é sua intenção, tratarei de me livrar, se puder, com minha lança e minha espada. Sábias palavras, respondeu a duquesa. Mandou então que baixassem a ponte. Sir Gareth entrou no castelo, desmontou, e seu cavalo foi levado ao estábulo. Na sala, ele se desarmou e disse: Senhora, não desejo sair deste aposento por esta noite e, quando for dia claro, quem quiser se haver comigo vai me encontrar disposto. Em seguida, foi levado à mesa e serviram-lhe bons pratos. E, como Sir Gareth estava faminto, comeu sua comida como um cavaleiro, mas com avidez. Junto dele havia várias damas formosas, e algumas comentaram que jamais tinham visto homem tão bem-apessoado nem que comesse com tantos modos. Todas o trataram muito bem e,

depois da ceia, prepararam ali mesmo uma cama onde ele pôde descansar a noite inteira.

Pela manhã, assistiu à missa, tomou seu desjejum e se despediu da duquesa e dos demais. Com toda a cortesia, agradeceu-lhe a hospedagem e sua boa acolhida, e, então, ela lhe perguntou o nome dele. Senhora, na verdade, o meu nome é Sir Gareth de Orkney, mas alguns me chamam Bellesmains. Ela percebeu, então, que se tratava do mesmo cavaleiro que havia lutado por Lady Liones. Sir Gareth partiu, cavalgou por uma montanha, onde encontrou um cavaleiro chamado Sir Bendelaine, que lhe disse: Não passareis por este caminho, pois justareis comigo ou sereis meu prisioneiro. Então justaremos, retrucou o jovem. Ambos deixaram correr os cavalos, e Sir Gareth lhe atravessou o corpo. Sir Bendelaine continuou cavalgando até seu castelo, ali perto, e lá morreu. Tendo vontade de descansar, Sir Gareth também cavalgou até o castelo de Bendelaine. No entanto, os cavaleiros e seus criados viram que aquele homem havia matado seu senhor. Armaram então vinte bons homens, que saíram para atacá-lo. Sir Gareth não tinha nenhuma lança, apenas sua espada, e tratou de erguer o escudo, no qual seus atacantes, com muito ímpeto, quebraram suas lanças. Naquele confronto, Sir Gareth defendeu-se como um verdadeiro cavaleiro.

CAPÍTULO XXXII

Como Sir Gareth lutou com um cavaleiro que mantinha trinta damas aprisionadas em seu castelo e como o matou.

Percebendo que não poderiam vencê-lo, afastaram-se e, de comum acordo, decidiram matar seu cavalo. Voltaram, mataram o animal com suas lanças e, então, investiram violentamente contra Sir Gareth. Mas, quando ele ficou de pé, ninguém que estivesse a seu alcance escapou de seus golpes tão certeiros. Os inimigos jamais se recuperaram: foram morrendo um por um, até restarem apenas quatro, que fugiram. Sir Gareth pegou um bom cavalo que pertencia ao grupo e seguiu seu caminho.

Cavalgou velozmente até chegar a um castelo e, de lá, lhe chegavam muitas lamentações de damas jovens e idosas. Nesse momento, surgiu um pajem. Que ruídos são esses, perguntou, que vêm do interior do castelo? Senhor cavaleiro, respondeu o pajem, vivem aqui trinta damas, todas viúvas, pois há um cavaleiro que mantém esse castelo sob vigilância diária. Chamam-no Cavaleiro Marrom sem Piedade, trata-se do mais perigoso de todos os cavaleiros sobre a face desta terra. Portanto, senhor, o meu conselho é que fujais. Não, retrucou o mancebo. Não fugirei, embora tu tenhas medo dele. Foi quando o pajem avistou o tal Cavaleiro Marrom se aproximando. Olhai, exclamou o menino, ali vem ele! Deixa que me entendo com esse homem, respondeu Sir Gareth. Quando ambos se viram, deixaram correrem os cavalos. No confronto, o Cavaleiro Marrom quebrou sua lança, mas Sir Gareth traspassou seu corpo, e ele caiu no chão, morto. Sir Gareth entrou então no castelo e rogou às senhoras que lhe dessem descanso. Ai!, exclamaram elas. Não podeis vos abrigar aqui! Dai-lhe boa acolhida, disse o pajem, pois este cavaleiro matou vosso inimigo. Ao ouvir isso, as mulheres o acolheram com entusiasmo, mas não podiam fazer muito mais que isso, já que eram muito pobres.

Pela manhã, Sir Gareth foi à missa e viu ali trinta damas ajoelhadas e debruçadas sobre diversas sepulturas, chorando e se lamentando profundamente. O cavaleiro logo deduziu que em tais tumbas jaziam seus senhores. Gentis senhoras, disse ele, no próximo banquete de Pentecostes, deveis comparecer à corte do Rei Arthur e dizer que fui eu, Sir Gareth, quem as enviou até lá. Assim faremos, replicaram as mulheres. Então, ele partiu e, por acaso, chegou a uma montanha. Ali, encontrou um garboso cavaleiro, que lhe disse: Esperai, senhor cavaleiro, e justai comigo. Quem sois?, perguntou Sir Gareth. Meu nome é Duque de la Rowse,

respondeu o outro. Ah, senhor! Sois o cavaleiro em cujo castelo me abriguei certa noite e, nessa ocasião, prometi à vossa senhora que me renderia a vós. Ora!, exclamou o duque. Sois o cavaleiro orgulhoso que se propôs lutar contra os meus? Preparai-vos, pois, porque pretendo me haver convosco. Ambos deixaram correr seus cavalos, e Sir Gareth derrubou seu adversário. O duque, porém, se desvencilhou do animal com toda a destreza, ergueu o escudo, sacou da espada e mandou que Sir Gareth apeasse para enfrentá-lo no chão. Foi o que ele fez, e os dois travaram uma batalha acirrada que durou mais de uma hora, e ambos se feriram gravemente. Finalmente, Sir Gareth derrubou o duque, preparou-se para matá-lo e, então, se rendeu a ele. Deveis comparecer diante de meu senhor, o Rei Arthur, no banquete que está por vir, e lhe dizer que eu, Sir Gareth de Orkney, vos enviei até lá. Assim farei, disse o duque, e vos renderei homenagem com cem cavaleiros. Enquanto viver, estarei a vosso serviço aonde quer que desejais mandar-me.

CAPÍTULO XXXIII

Como Sir Gareth e Sir Gawaine se enfrentaram e como se reconheceram por intermédio da donzela Linet.

Foi-se o duque, e Sir Gareth permaneceu ali, sozinho. De repente, viu um cavaleiro armado que se aproximava e logo pegou o escudo do duque e montou a cavalo. Sem trocar uma palavra, investiram um contra o outro com o ruído de um trovão. Com a lança, o tal cavaleiro feriu Sir Gareth na parte inferior das costas e, então, os dois apearam, sacaram das espadas e se atingiram diversas vezes, fazendo com que o sangue escorresse de seus corpos, caindo no chão. Lutaram assim por horas.

Finalmente, apareceu a donzela Linet, que alguns chamavam de Donzela Selvagem, cavalgando uma mula de passeio, e gritou bem alto: Sir Gawaine! Sir Gawaine! Parai de lutar com vosso irmão Sir Gareth! Ao ouvir isso, ele logo se desfez do escudo e da espada, correu até o irmão, abraçou-o e, depois, de joelhos, lhe pediu perdão. Quem sois?, perguntou Sir Gareth. Um momento atrás, éreis tão forte e poderoso e, agora, subitamente vos rendeis a mim! Ah, Gareth, sou teu irmão Sir Gawaine, aquele que enfrentou tanto sofrimento e trabalho. Então, o mancebo retirou o elmo, ajoelhou-se diante do irmão e também lhe pediu perdão. Ao se levantarem, abraçaram-se e choraram por um bom tempo até conseguirem falar, e um atribuiu ao outro a vitória naquele combate. E trocaram muitas palavras afetuosas. Ah, gentil irmão, disse Sir Gawaine, juro por Deus que, para te fazer justiça, devo te honrar, mesmo que não fosses meu irmão, pois angariaste muita honra para o Rei Arthur e toda a sua corte enviando-lhe este ano cavaleiros mais dignos que os seis melhores da Távola Redonda, à exceção de Sir Lancelote.

Nesse instante, aproximou-se a Donzela Selvagem, que era a senhora Linet, aquela que passara tanto tempo cavalgando com Sir Gareth. E ali mesmo tratou das feridas de ambos. Que fareis agora?, perguntou ela. Creio que seria bom que o Rei Arthur recebesse notícias vossas, pois vossos animais estão tão machucados que não têm condições de vos transportar. Gentil donzela, disse Sir Gawaine, rogo-vos que procureis meu soberano e tio, o Rei Arthur, e lhe conteis a aventura que me aconteceu aqui. Suponho que ele não tardará muito a vir. A jovem voltou então a montar sua mula e, mais que depressa, foi ao encontro do Rei Arthur, que estava a apenas poucas milhas de distância. Depois de receber as notícias que ela lhe trazia, o monarca mandou que lhe trouxessem um palafrém e, já montado, disse aos senhores e às senhoras ali presentes que o seguissem se assim o desejassem.

Rainhas e príncipes trataram de mandar selar seus cavalos, cada qual tentando estar pronto mais depressa que o outro.

Quando o rei chegou ao local onde estavam os dois irmãos, encontrou-os sentados em uma pequena encosta. Deixou seu cavalo e, aproximando-se de Sir Gareth, quis falar mas não conseguiu, então acabou desmaiando de tanta felicidade. Os irmãos correram para acudir o tio, rogando-lhe que se recuperasse. Como sabeis, o rei demonstrou grande alegria e fez ternas censuras a Sir Gareth, que não parava de chorar feito criança. Nesse momento, chegou sua mãe, a Rainha de Orkney, a senhora Margawse. Aflita, fitou o filho bem nos olhos e sequer conseguiu chorar, pois caiu desmaiada e ficou ali estendida por um bom tempo, como se estivesse morta. Então, Sir Gareth a confortou de tal forma que ela recobrou os sentidos e deu grandes demonstrações de alegria. Em seguida, o rei ordenou que todos os cavaleiros que lhe deviam obediência se instalassem ali mesmo por amor a seus sobrinhos, o que logo foi feito. Foram providenciadas provisões de todo tipo de sorte, e não faltou nada de doméstico ou de selvagem que se pudesse comprar com ouro e prata. Graças à Donzela Selvagem, Sir Gawaine e Sir Gareth ficaram curados de seus ferimentos e ali permaneceram por oito dias.

Então, disse o Rei Arthur à Donzela Selvagem: Muito me assombra que vossa irmã, Lady Liones, não tenha vindo me ver e, principalmente, visitar seu cavaleiro, meu sobrinho Sir Gareth, que tantos percalços enfrentou por seu amor. Majestade, replicou a donzela Linet, vossa boa graça deve desculpá-la, pois ela não sabe que meu senhor, Sir Gareth, está aqui. Pois ide buscá-la, disse o Rei Arthur, para que possamos nos entender quanto o melhor a fazer, segundo os desejos de meu sobrinho. Assim o farei, senhor, replicou a jovem. E partiu em busca da irmã. Esta se aprontou o mais depressa que pôde e, no dia seguinte pela manhã, chegou acompanhada de seu irmão Sir Gringamore e de seus quarenta cavaleiros. Sua chegada recebeu a melhor acolhida possível por parte do monarca e de muitos outros reis e rainhas.

CAPÍTULO XXXIV

Como Sir Gareth confessou ao Rei Arthur que amava Lady Liones e era correspondido, e como se marcou seu casamento.

Em meio a todas as damas que ali estavam, Lady Liones foi considerada a mais formosa e sem par. Quando Sir Gareth a viu, houve muitas ternas trocas de olhares e de palavras, o que fez com que todos os homens de honra se alegrassem ao vê-los. Chegaram então o Rei Arthur, acompanhado de vários outros reis, de Lady Guinevere e da Rainha de Orkney, e perguntou a seu sobrinho, Sir Gareth, se ele desejava ter aquela mulher por amante ou por esposa. Meu senhor, respondeu o mancebo, sabei que a amo mais do que quaisquer outras damas deste mundo. Pois bem, continuou o monarca. E vós, gentil senhora? O que tendes a dizer? Nobre soberano, disse Lady Liones, sabei que prefiro ter por marido meu senhor, Sir Gareth, do que qualquer rei ou príncipe da cristandade e, se isso for possível, eu vos juro que nunca olharei para mais ninguém. Ele é o meu primeiro amor, Majestade, e será o último. Se consentis que ele faça sua própria e livre escolha, atrevo-me a dizer que escolherá a mim. É bem verdade, disse Sir Gareth. E se não vos tiver e possuir como esposa, nenhuma dama ou donzela haverá de me satisfazer. O que dizes, sobrinho? É tão grande assim o teu amor? Pois sabei ambos que eu não gostaria, mesmo que o motivo fosse a minha coroa, de ser a causa da separação de vossos corações e, diante de tamanho amor, não posso vos causar aflição, mas sim satisfação. Tereis também meu amor e minha proteção da forma mais extrema que estiver em meu poder, acrescentou a mãe de Sir Gareth.

Tratou-se então de marcar o casamento e, por sugestão do monarca, ficou estabelecido que a data seria o dia seguinte à festa de São Miguel, em Kinkenadon, próximo ao litoral, pois são terras de muita abundância. E as bodas foram anunciadas em todos os cantos do reino. Sir Gareth enviou também um comunicado a todos que havia vencido em combate, dizendo-lhes para comparecerem, juntamente com suas damas, à cerimônia que seria realizada em Kinkenadon, à beira-mar. Então, Lady Liones, a donzela Linet e Sir Gringamore cavalgaram de volta para seu castelo. Antes de partirem, ela deu a Sir Gareth um anel rico e valioso, e ele fez o mesmo, e o Rei Arthur lhe ofertou um belo par de braceletes de ouro. O monarca e seu séquito viajaram para Kinkenadon ao passo que Sir Gareth acompanhou sua dama durante o trajeto e, depois, voltou ao encontro do rei e cavalgou com o grupo. Meu Deus! Que alegria demonstrou Sir Lancelote ao ver Sir Gareth, e vice-versa, pois jamais houve um cavaleiro que ele amasse tanto

quanto Sir Lancelote e quase sempre queria estar em sua companhia. Depois que ficou sabendo das intenções de Sir Gawaine, que era vingativo e só pensava em se vingar com a morte daqueles de quem não gostava, Sir Gareth retraiu-se um pouco da companhia do irmão, o que deixou este último bastante aborrecido.



CAPÍTULO XXXV

Da grande realeza, quais oficiais foram designados durante os banquetes e as justas realizadas na ocasião.

O dia de São Miguel vinha se aproximando, e chegaram Lady Liones, senhora do Castelo Perigoso, sua irmã, a donzela Linet, e seu irmão, Sir Gringamore, já que ele tinha a tutela das duas damas. Por determinação do Rei Arthur, indicaram-lhes quais seriam seus aposentos, e, no dia previsto, o bispo de Canterbury casou Sir Gareth e Lady Liones em cerimônia solene. E o monarca decidiu que Gaheris deveria se casar com a Donzela Selvagem, que era Lady Linet, e Sir Agravaine com uma sobrinha de Lady Liones, uma bela dama chamada Laurel.

Concluídas as solenidades, chegou o Cavaleiro Verde, Sir Pertolepe, acompanhado de trinta cavaleiros, e rendeu homenagem a Sir Gareth prometendo-lhe todos fidelidade para sempre. Peço-vos para ser vosso camareiro nesta festa, disse ainda o Cavaleiro Verde. De bom grado o concedo, replicou Sir Gareth, já que é de vosso agrado assumir um ofício tão simples. Apareceu então o Cavaleiro Vermelho com sessenta cavaleiros. Todos renderam suas homenagens ao noivo e lhe prometeram ser leais a ele até o fim. Em seguida, Sir Perimones solicitou a Sir Gareth que lhe permitisse ser seu mordomo naquela celebração. De bom grado o permito, disse o mancebo. Tereis tal ofício e quem dera tivésseis ofício melhor. Depois, foi a vez de Sir Persant da Índia, que, acompanhado de cem cavaleiros, rendeu homenagem a Sir Gareth, e todos lhe prometeram ser leais e proteger suas terras para sempre. E Sir Persant solicitou ao noivo que fizesse dele seu mestre de cerimônias naquela ocasião. De bom grado assim será, disse Sir Gareth, e quem dera tivésseis ofício melhor. Chegou então o Duque de la Rowse, trazendo consigo cem cavaleiros. Prestou suas homenagens a Sir Gareth, prometeu proteger suas terras para sempre e, depois, perguntou se podia servir-lhe o vinho durante os festejos. De bom grado o concedo, disse Sir Gareth, embora preferisse que tivésseis ofício melhor. Em seguida, o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, que era Sir Ironside, se apresentou com trezentos cavaleiros e rendeu homenagem ao noivo. Todos os seus cavaleiros lhe prometeram proteger suas terras para sempre, e Sir Ironside pediu a Sir Gareth que fizesse dele seu trinchador. Com todo o prazer, disse este, se é de vosso agrado.

Surgiram então trinta damas; todas pareciam viúvas e traziam consigo muitas formosas mulheres. A um só tempo, ajoelharam-se diante do Rei Arthur e de Sir Gareth, contando ao monarca como o cavaleiro as havia libertado da Torre

Dolorosa e matado aquele a quem chamavam de Cavaleiro Marrom sem Piedade. Por isso, prestaremos nossas homenagens a Sir Gareth de Orkney, e assim também acontecerá com todos os nossos herdeiros, mesmo os que ainda estão por vir. Só então os reis e rainhas, príncipes e condes, barões e muito audaciosos cavaleiros puseram-se à mesa para comer. Sabei que houve ali todo tipo de iguarias em abundância, todo tipo de danças e jogos, e toda espécie de diversões que se usavam naqueles tempos. Além disso, grandes justas estenderam-se por três dias, mas o rei não permitiu que Sir Gareth participasse, em atenção a sua jovem esposa, pois, como narra o livro francês, Lady Liones pediu ao rei que nenhum dos recém-casados justasse naquele banquete.

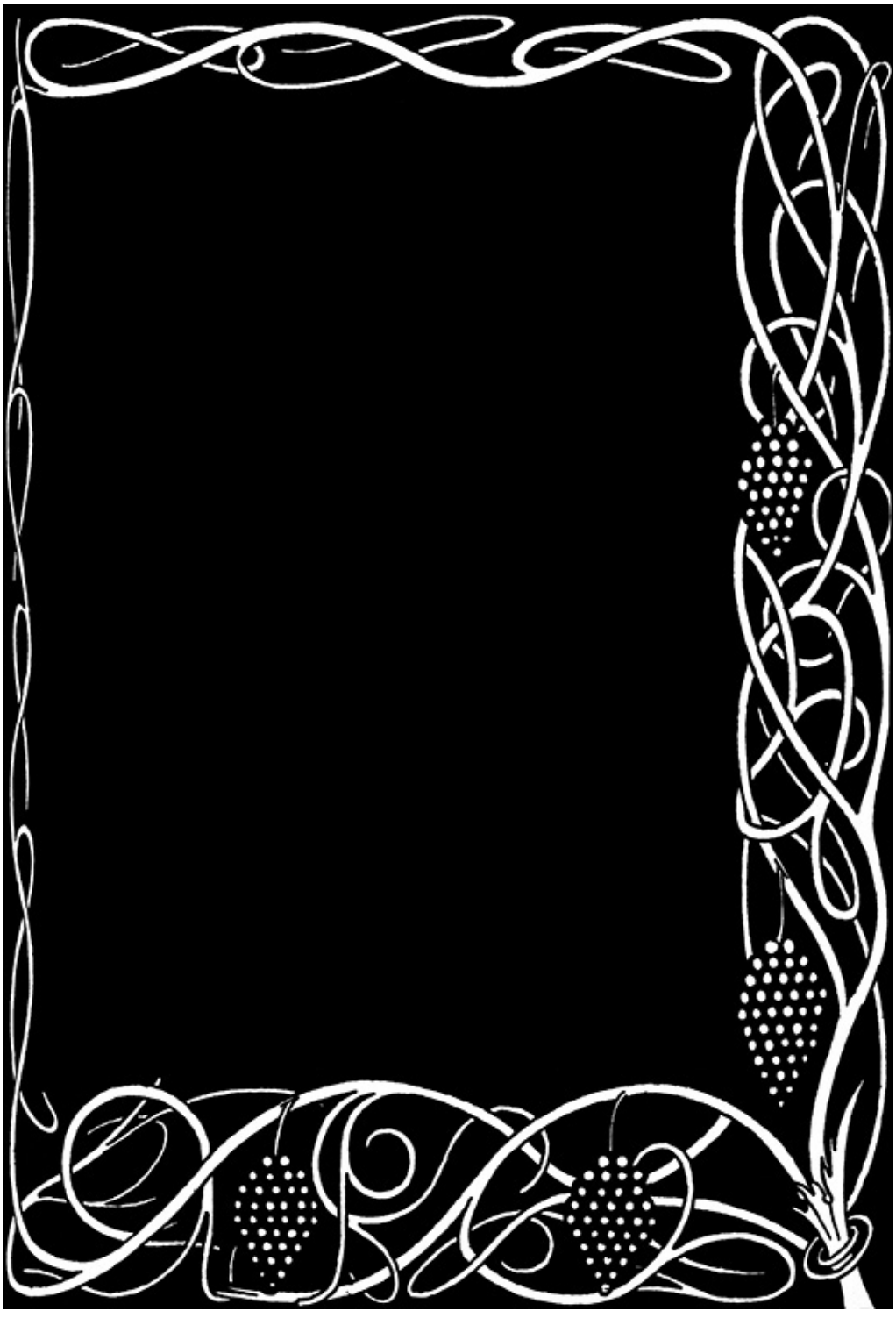
No primeiro dia, Sir Lamorak de Gales participou do torneio derrotando trinta cavaleiros e realizando grandes proezas com as armas. E o Rei Arthur sagrou Sir Persant e seus irmãos cavaleiros da Távola Redonda até o fim de seus dias, dando-lhes grandes extensões de terra. No segundo dia, Sir Tristão foi quem se saiu melhor, derrotando quarenta cavaleiros e realizando grandes feitos de armas. E o monarca sagrou Ironside, o Cavaleiro Vermelho das Terras Vermelhas, cavaleiro da Távola Redonda para o resto da vida e lhe concedeu também grandes extensões de terras. No terceiro dia, justou Sir Lancelote do Lago, derrotando cinquenta cavaleiros e realizando magníficas proezas com as armas, o que deixou todos assombrados. E o Rei Arthur sagrou o Duque de la Rowse cavaleiro da Távola Redonda para o resto da vida e lhe concedeu muitas terras de que poderia desfrutar. Quando, porém, as justas terminaram, Sir Lamorak e Sir Tristão partiram subitamente, sem que ninguém soubesse, coisa que deixou o Rei Arthur e toda a corte muito aborrecidos. A corte se manteve naquele local por quarenta dias, sempre com toda a solenidade, e Sir Gareth se revelou um nobre cavaleiro, de excelente conduta e conversação cortês.

Assim termina esta narrativa sobre Sir Gareth de Orkney, que desposou Lady Liones do Castelo Perigoso. Sir Gaheris se casou com sua irmã, Lady Linet, a quem chamavam de Donzela Selvagem, e Sir Agravaine, com Lady Laurel, uma formosa dama. O rei Arthur presenteou os cavaleiros com grandes extensões de ricas terras para que pudessem viver com todo o esplendor até o fim de suas vidas.

Segue-se o Livro VIII, o primeiro sobre Sir Tristão de Liones, e quem foram seus pais, como nasceu e foi criado, e como foi sagrado cavaleiro.

LIVRO VIII





CAPÍTULO I

Como nasceu Sir Tristão de Liones; como sua mãe morreu no parto e, por este motivo, lhe deu o nome de Tristão.

avia um rei chamado Meliodas que era senhor e soberano do país de Liones. Tal Meliodas era um cavaleiro bem-apessoado como não se viam outros na época e, por destino, casou-se com a irmã do Rei Marcos, da Cornualha, que se chamava Elizabeth e tinha fama de ser bela e bondosa. Naquele tempo, reinava o Rei Arthur, soberano de toda a Inglaterra, Gales, Escócia e muitos outros reinos. Embora houvesse muitos reis que eram soberanos de muitos países, todos mantinham suas terras sob o comando de Arthur. Em Gales, havia dois reis e, no norte, muitos outros; na Cornualha e nas terras orientais, eram também dois monarcas; na Irlanda, havia dois ou três reis, e todos deviam obediência ao Rei Arthur. O mesmo acontecia com o rei da França, da Bretanha e todas as províncias de Roma.

Pouco tempo depois de Meliodas ter se deitado com sua esposa, ela apareceu grávida. Era uma mulher doce, amava muito seu senhor e ele a ela, portanto, ambos experimentavam grande felicidade. Mas, naquele país, existia uma moça que amava o rei havia muito tempo, e todos os meios de que lançou mão para conquistar seu amor foram em vão. Um dia, como o rei Meliodas estava cavalgando, já que era grande aficionado da caça, ela ordenou, usando um encantamento, que, sozinho, ele seguisse um cervo até um velho castelo, onde foi imediatamente feito prisioneiro pela dama que o amava. Quando Elizabeth, esposa do Rei Meliodas, deu por falta do marido, quase perdeu o juízo e, apesar da gravidez avançada, levou consigo uma dama e embrenhou-se pela floresta à procura de seu senhor. Mas, estando já bem no coração de tal floresta, ela não pôde seguir adiante, porque começaram os trabalhos de parto. Ela sentiu contrações terríveis, e a dama que a acompanhava a acudiu como pôde. Mas, por milagre de Nossa Senhora dos Céus, ela pariu apesar do grande sofrimento. Mas, por falta de assistência, foi acometida por grave enfermidade, e dela se

apoderaram as profundas ânsias da morte. Não havia outro remédio: teria que morrer e deixar este mundo.

Percebendo que a morte era iminente, a Rainha Elizabeth muito se lamentou e disse à sua acompanhante: Quando virdes meu senhor, recomendai-me a ele. Falai-lhe das dores que suportei por seu amor e que devo morrer aqui por falta de ajuda. Dizei-lhe ainda que sofro muito por deixar este mundo e a ele, e, por isto, pedi-lhe que seja amigo de minha alma. Agora, deixai-me ver meu filhinho que me causou todo este sofrimento. E, ao vê-lo, disse: Ah, filho meu, mataste tua mãe e, portanto, suponho que, sendo matador assim já tão jovem, serás um homem de brio quando crescer. E, se devo morrer por seu nascimento, peço-vos, senhora, que rogueis a meu senhor, o Rei Meliodas, que quando ele for batizado, receba o nome de Tristão, que é praticamente como dizer “aquele que foi parido com muita dor”. Logo a seguir, a rainha entregou sua alma e faleceu. Então, a dama a estendeu sob a sombra de uma grande árvore e envolveu o menino o melhor que pôde para protegê-lo do frio. Pouco depois, chegaram os barões que vinham à procura da rainha e, ao ver que ela havia morrido, compreenderam que aquilo não significava outra coisa senão a destruição do rei.



CAPÍTULO II

Como a madrasta de Sir Tristão encomendou veneno para envenená-lo.

Alguns deles quiseram então matar o menino, pois ambicionavam tornar-se senhores do país de Liones, mas, graças às palavras acertadas da dama e a todos os argumentos que ela usou, a maior parte dos barões concordou em não cometer aquele ato. Mandaram transportar a rainha morta de volta ao castelo, e houve muito choro por sua causa.

Nesse ínterim, Merlin libertou o Rei Meliodas de sua prisão depois da morte de sua rainha e, quando este regressou, quase todos os nobres deram mostras de grande alegria. Mas não há palavras que possam descrever o sofrimento do monarca pela perda da esposa. O rei mandou que fizessem um rico funeral para ela e, depois, que batizassem seu filho seguindo a vontade expressa por sua esposa antes de morrer. Deu-lhe o nome de Tristão, aquele que nasceu em sofrimento. Por sete anos, o Rei Meliodas se manteve sozinho e, durante todo esse tempo, Tristão recebeu ótima criação. Aconteceu, porém, que o monarca acabou se casando com a filha do Rei Howell, da Bretanha. Logo a nova rainha lhe deu outros filhos e se aborrecia e se inquietava porque seus próprios filhos não desfrutariam do país de Leones. Por isso, resolveu envenenar Tristão. Mandou que pusessem veneno em uma jarra de prata no quarto onde Tristão estava com os irmãos. Sua intenção era a de que, quando o menino tivesse sede, tomasse aquela beberagem. Um dia, porém, estando um dos filhos da rainha no referido aposento, viu a jarra com veneno. Sedento que estava, e acreditando que aquela era uma bebida saborosa, pegou a tal jarra, bebeu uma grande quantidade de seu conteúdo e, de imediato, suas entranhas arrebentaram e ele caiu morto.

Quando a rainha de Meliodas soube da morte do filho, podeis imaginar o estado em que ficou, mas o rei jamais tomou conhecimento de sua traição. Mas a rainha não desistiu de seu propósito e mandou preparar mais veneno, que foi novamente deixado em uma jarra. Quis o destino que o Rei Meliodas, seu esposo, encontrasse a jarra com vinho envenenado bem no momento em que estava com sede. Pegou-a para beber. A rainha, porém, viu a cena, correu até ele e lhe arrancou a jarra das mãos. Muito surpreso com aquela atitude e lembrando-se de que seu filho havia morrido subitamente envenenado, o monarca puxou a esposa pelas mãos e exclamou: Falsa! Traidora! Dizei-me que tipo de bebida é esta ou morrereis! Dizendo isso, sacou da espada e jurou solenemente que a mataria se ela não lhe dissesse a verdade. Ah, tende piedade, meu senhor!, gritou ela. Hei de vos

contar tudo. E, então, lhe contou que queria matar Tristão para que seus filhos desfrutassem daquelas terras. Pois bem, retrucou o Rei Meliodas, sereis julgada por isso! Com o aval dos barões, ela foi condenada a morrer queimada. Logo começaram os preparativos para a execução e, quando ela já estava na fogueira, o jovem Tristão se ajoelhou diante do Rei Meliodas suplicando-lhe que lhe concedesse um dom. De muito bom grado, replicou o monarca. Dai-me a vida de vossa rainha, minha madrasta, disse o menino. Não é justo o que me pedes, pois devias odiá-la, já que estarias morto com aquele veneno se ela tivesse conseguido cumprir seu intento. Tu és justamente o motivo principal pelo qual ela deve morrer.

Senhor, disse Tristão, suplico, por vossa misericórdia, que a perdoeis. Quanto a mim, que Deus a perdoe como eu a perdoo. E, como dissestes que muito vos agradaria conceder-me o que vos pedi, rogo-vos, pelo amor de Deus, que mantenhais vossa promessa. Já que é assim, disse o rei, eu te concedo sua vida. Ela é tua. Vai até a fogueira, tira-a de lá e faz com ela o que bem entenderes. Então, Tristão se dirigiu até a fogueira e, por ordem do rei, livrou sua madrasta da morte. Depois disso, porém, o Rei Meliodas nunca mais quis ter qualquer relação com ela, nem na cama nem na mesa. Mas, com toda a sua boa vontade, o jovem Tristão conseguiu estabelecer a paz entre ambos. De todo modo, o monarca não consentiu que seu filho permanecesse por mais tempo em sua corte.



CAPÍTULO III

Como Sir Tristão foi mandado para a França, onde foi criado por um homem chamado Gouvernail e aprendeu as artes da harpa, da falcoaria e das caçadas.

Mandou então chamar um homem muito experiente e instruído que se chamava Gouvernail e enviou o jovem Tristão com ele para a França, onde seria criado e educado; aprenderia o idioma e a usar as armas. E Tristão ficou ali por mais de sete anos. Quando já sabia falar bem a língua e havia aprendido tudo que poderia aprender naquele país, voltou novamente para junto de seu pai, o Rei Meliodas. Aprendeu a tocar harpa melhor do que qualquer outro, de tal forma que em país algum ninguém era considerado um harpista como ele, e dedicou a mocidade a aprender outros instrumentos musicais.

Depois, quando já havia se desenvolvido em temos de força e potência, praticou com afinco a falcoaria e as caçadas, revelando-se único nessas duas artes. Como diz o livro, desenvolveu bons meios de denominar cervos, animais de caça e de todo tipo e, ainda hoje, usamos esses termos de falcoaria e caçadas, razão pela qual o livro de acossamento, falcoaria e caçadas é chamado livro de Sir Tristão. Por isso creio que todos os gentis-homens que portam armas deveriam honrar esse cavaleiro pelos belos termos de que dispõem e que utilizam e usarão até o dia do Juízo Final. Essa é uma das formas de que todo homem honrado pode lançar mão para distinguir um gentil-homem de um criado, e um criado de um aldeão, pois aquele que é cortês tenderá a adotar os costumes dos gentis-homens.

Sir Tristão permaneceu na Cornualha até ficar grande e forte, com a idade de dezenove anos. Então, o Rei Meliodas muito se alegrou com o filho, o que também ocorreu com a rainha, sua esposa, porque, depois que o jovem a salvou da fogueira, ela jamais voltou a desgostar dele; pelo contrário, passou a amá-lo para sempre e lhe deu muitos belos presentes. E, aonde quer que ele fosse, todos, povo e nobreza, o amavam.

CAPÍTULO IV

Como Sir Marhaus veio da Irlanda até a Cornualha para cobrar tributos e recebeu como resposta que teriam que lutar por isso.

Aconteceu, então, que o Rei Agwisance, da Irlanda, enviou ao Rei Marcos, da Cornualha, alguém para cobrar os tributos que aquelas terras vinham lhe pagando havia muitos invernos. E o Rei Marcos, que já estava atrasando tal pagamento havia sete anos, juntamente com seus barões, deu ao mensageiro da Irlanda estes motivos e esta resposta: não pagariam tributo algum e mandaram que retornasse para o seu país. Dizei a vosso soberano, replicou o monarca, que a Cornualha não deseja lhe pagar nenhum tributo e, se ele insistir em nos cobrar, que envie um cavaleiro de sua terra para lutar por seu direito enquanto procuraremos outro que defenda os nossos. Levando tal resposta, os mensageiros regressaram à Irlanda e, quando o Rei Agwisance ouviu o que lhe transmitiram esses homens, ficou extremamente irritado e mandou chamar Sir Marhaus, o bom cavaleiro, cuja honra era comprovada e que era um dos membros da Távola Redonda. Este Marhaus era irmão da rainha, e o rei a ele se dirigiu dizendo: Gentil irmão, Sir Marhaus, rogo-vos que viajeis até a Cornualha em meu nome e luteis pelo tributo que por direito nos é devido. E, por mais despesas que tenhais, eu vos darei muito mais do que podereis precisar. Senhor, replicou Marhaus, bem sabeis que não me desagrada lutar por vosso direito e vossas terras com o melhor cavaleiro da Távola Redonda, pois conheço, com relação à maioria deles, quais são suas façanhas e, para ampliar as minhas e angariar mais honra, de muito bom grado farei tal viagem por vosso direito.

Dito isso, Sir Marhaus apressou-se em reunir provisões para a jornada e obteve tudo de que poderia precisar. Assim, deixou a Irlanda, aportando na Cornualha num ponto bem próximo ao castelo de Tintagel. Quando o Rei Marcos soube quem havia chegado para lutar pela Irlanda, muito se lamentou, pois conhecia a fama do bom e valoroso cavaleiro Sir Marhaus e não sabia de nenhum outro que ousasse enfrentá-lo, já que, naquela época, Sir Marhaus era um dos mais célebres e renomados cavaleiros do mundo. Diante de tal situação, o irlandês permaneceu a bordo e, a cada dia, mandava alguém para dizer ao Rei Marcos que ele tinha que pagar o tributo atrasado há sete anos ou procurar um cavaleiro que lutasse por ele. E, dia após dia, a mensagem chegava ao Rei Marcos.

Então, o povo da Cornualha se pôs a alardear por todo lado que o cavaleiro que quisesse lutar para salvar o país de tal tributo seria tão bem recompensado que

teria uma vida melhor até o fim dos seus dias. Alguns barões procuraram o monarca aconselhando-o a mandar alguém à corte do Rei Arthur para buscar Sir Lancelote do Lago, que, na época, era considerado o cavaleiro mais formidável do mundo. Outros, porém, disseram-lhe que não fizesse isso, pois todo esforço seria em vão, já que Sir Marhaus também era um cavaleiro da Távola Redonda. Portanto, alegavam estes últimos, qualquer um deles há de se opor à ideia de enfrentar o outro, a menos que, por vontade própria, um deles queira lutar disfarçado e escondido. Assim, o rei e todos os seus barões concordaram que não havia outro remédio a não ser mandar buscar um cavaleiro da Távola Redonda. Nesse meio-tempo, chegaram aos ouvidos do Rei Meliodas rumores de que o cavaleiro Sir Marhaus estava perto de Tintagel esperando para lutar e que o Rei Marcos não conseguia encontrar nenhum adversário disposto a enfrentá-lo. Quando o jovem Tristão tomou conhecimento da situação, sentiu muita raiva e vergonha por ver que nenhum cavaleiro da Cornualha ousava combater Marhaus da Irlanda.

CAPÍTULO V

Como Tristão assumiu a tarefa de lutar pelo tributo da Cornualha e como foi sagrado cavaleiro.

Sem mais tardar, Tristão procurou seu pai, o rei Meliodas, e lhe perguntou qual seria a melhor forma de livrar a Cornualha de tal tributo. Pois parece-me, disse o jovem, que seria vergonhoso deixar partir Sir Marhaus, irmão da rainha da Irlanda, sem que ninguém tivesse ousado enfrentá-lo. Quanto a isso, meu filho Tristão, replicou o monarca, bem sabes que Sir Marhaus é considerado um dos melhores cavaleiros do mundo e é um dos membros da Távola Redonda. Portanto, não conheço ninguém neste país que seja capaz de fazer frente a ele. Ai se eu houvesse sido sagrado cavaleiro, exclamou o jovem. Se Sir Marhaus tiver que partir para a Irlanda nessas condições, que Deus não me permita jamais alcançar honra qualquer! Se me sagrassem cavaleiro, eu o desafiaria. Senhor meu pai, rogo-vos que me deis permissão para procurar o Rei Marcos, pois, se não tendes nada a opor, por ele desejo ser sagrado cavaleiro. Pelo contrário, replicou o monarca, agrada-me ver que segues os rumos determinados pelo teu valor. Então, depois de agradecer muito a seu pai, o mancebo foi-se preparar para partir para a Cornualha.

Nesse meio-tempo, chegou um mensageiro com cartas de amor da filha do Rei Faramon, da França, dirigidas a Tristão. Eram cartas cheias de lamentações que continham inúmeras queixas de amor. O jovem, porém, não experimentou qualquer alegria ao receber tais cartas e não sentia nenhum interesse por ela. A princesa também lhe enviou uma cadelinha muito graciosa, mas, segundo o livro, quando ficou sabendo que Tristão não tinha a intenção de amá-la, morreu de tristeza. Então, o mesmo mensageiro que havia trazido a carta e a cadelinha voltou a procurar Tristão, como sabereis mais adiante.

Assim, pois, o jovem Tristão foi ao encontro de seu tio, o Rei Marcos, da Cornualha. Lá chegando, ouviu dizer que não havia nenhum cavaleiro que quisesse lutar com Sir Marhaus. Então, aproximou-se do tio e lhe disse: Senhor, se quiserdes me conceder a ordem da cavalaria, enfrentarei Sir Marhaus. Quem sois?, perguntou o monarca, e quem vos envia até aqui? Senhor, respondeu Tristão, venho da parte do Rei Meliodas, que se casou com vossa irmã, e bem sabeis que sou gentil-homem. Observando o mancebo, o rei percebeu que se tratava de alguém muito jovem, embora fosse de boa constituição física. Gentil senhor, disse o Rei Marcos, como vos chamais e onde haveis nascido? Chamo-me Tristão, majestade, e nasci no país de Liones. Pois muito bem, disse o monarca, se quereis travar essa

batalha, farei de vós um cavaleiro. Por isso mesmo vos procurei, respondeu Sir Tristão. E assim Rei Marcos o sagrou cavaleiro e, logo depois, enviou um mensageiro a Sir Marhaus com cartas que diziam que havia encontrado um jovem cavaleiro disposto a enfrentá-lo a despeito de qualquer risco. Pois que seja, foi a resposta do irlandês, mas dizei ao Rei Marcos que não lutarei com nenhum cavaleiro que não seja de sangue real, ou seja, filho de rei ou de rainha, ou nascido de príncipe ou de princesa.

Quando recebeu esse recado, o monarca mandou chamar Sir Tristão de Liones e lhe transmitiu a resposta de Sir Marhaus. Já que ele disse isso, replicou o jovem, dizei-lhe que, tanto por parte de pai quanto de mãe, o meu sangue é tão nobre quanto o dele, pois, senhor, devo dizer-vos que sou filho do Rei Meliodas e nascido de vossa própria irmã, Lady Elizabeth, que morreu na floresta ao me dar à luz. Ó Jesus!, exclamou o Rei Marcos, sede muito bem-vindo à minha corte, gentil sobrinho. Então, tratou de mandar trazerem um cavalo para Sir Tristão e o armou com os melhores aparatos que se podiam comprar com ouro e prata. Em seguida, enviou mensagem a Sir Marhaus, dizendo-lhe que seu adversário era alguém de sangue mais nobre que ele. O seu nome é Sir Tristão de Liones, nascido do Rei Meliodas e da irmã do Rei Marcos, dizia a mensagem. Então, Sir Marhaus se alegrou por enfrentar um gentil-homem dessa categoria. O Rei e ele puseram-se de acordo, e ficou decidido que a luta se realizaria em uma ilha próxima aos navios do irlandês. Embarcaram Sir Tristão e seu cavalo em uma barcaça, com todas as provisões de que homem e animal poderiam precisar, e nada lhe faltou. Enquanto o Rei Marcos e seus barões da Cornualha observavam o mancebo partir, com todo aquele aparato, para lutar pelos direitos do país, não houve homem ou mulher honrados que não chorassem diante daquela cena: um cavaleiro tão jovem arriscando-se pelo direito de todos eles.

CAPÍTULO VI

Como Sir Tristão chegou à ilha para participar da batalha contra Sir Marhaus.

Para resumir essa narrativa, quando Sir Tristão chegou à ilha, olhou para o outro lado e viu seis embarcações ancoradas perto da costa. À sombra desses navios, em terra, o nobre cavaleiro Sir Marhaus, da Irlanda, esperava por ele. O jovem mandou então que seu criado Gouvernail desembarcasse o cavalo e lhe pusesse os arreios com tudo que era de praxe. Isso feito, montou no animal e, já em sua sela, inteiramente pronto, com o escudo no ombro, o mancebo perguntou a Gouvernail: Onde está o cavaleiro que devo enfrentar? Senhor, respondeu o criado, não o vedes? Pensei que já o havíeis visto, pois ele está ali, à sombra de seus navios, a cavalo, com a lança na mão e o escudo no ombro. É verdade, disse o nobre cavaleiro Sir Tristão, agora o vejo bastante bem.

Mandou então que seu criado voltasse para a barcaça. Encomenda-me a meu tio, o Rei Marcos, acrescentou ele, e roga-lhe que, caso eu morra neste combate, o meu corpo seja enterrado da forma que ele achar melhor. Quanto a mim, dize-lhe que jamais me renderei por covardia. Se eu morrer e não fugir, ninguém perderá nenhum tributo por minha culpa, mas se eu fugir ou me render por medo, dize a meu tio que não me dê um enterro cristão. Quanto a ti, Gouvernail, não te aproximes desta ilha até que me vejas vencido ou morto, ou então até eu vencer esse cavaleiro. E os dois se separaram chorando copiosamente.

CAPÍTULO VII

Como Sir Tristão combateu Sir Marhaus e venceu a batalha, e como Sir Marhaus se refugiou em seu navio.

Então, Sir Marhaus encarou Sir Tristão e disse: Jovem cavaleiro, Sir Tristão, o que fazeis aqui? Lamento muito pela vossa coragem, pois sabeis que já medi forças com os melhores cavaleiros desta terra, e também do mundo, e, portanto, o meu conselho é que volteis para vosso barco. Gentil e experiente cavaleiro, replicou o mancebo, haveis de saber que não posso abandonar essa querela, já que, por vossa causa, fui sagrado cavaleiro. Haveis de saber também que sou filho de rei e gerado no ventre de uma rainha. Prometi, a pedido de meu tio e por vontade própria, que lutarei convosco a despeito de qualquer risco e livrarei a Cornualha desse antigo tributo. Sabei também, Sir Marhaus, que sois o grande motivo que me anima a vos enfrentar, uma vez que sois considerado um dos mais renomados cavaleiros do mundo, e esse renome e essa fama que vos precedem só me dão mais coragem para esse combate, pois ainda não pude medir forças com um bom cavaleiro. Tendo recebido a ordem da cavalaria hoje mesmo, muito me agrada poder haver-me com alguém tão bom quanto vós. Agora, Sir Marhaus, sabeis que meu propósito é conquistar honra vencendo este confronto e, se é fato que não tenho experiência, confio que hei de adquiri-la em vosso corpo e livrar definitivamente o país da Cornualha de todo tipo de tributo a ser pago à Irlanda.

Depois de ouvir tudo isso, Sir Marhaus respondeu: Gentil cavaleiro, já que estais determinado a conquistar honra vencendo-me, devo dizer-vos que não perderei honra alguma se puderdes resistir a três de meus golpes, pois, tendes de saber que, graças a minhas nobres façanhas, provadas e testemunhadas, o Rei Arthur fez de mim cavaleiro da Távola Redonda.

Começaram então a aprontar as lanças e se encontraram com tamanho ímpeto que ambos foram derrubados no chão, com seus cavalos. Mas Sir Marhaus infligiu a Sir Tristão um grande ferimento no flanco com sua lança, e, desvencilhando-se dos animais, os dois sacaram as espadas, ergueram os escudos e arremeteram um contra o outro como homens ferozes e corajosos. Depois de se terem atingido assim por muito tempo, deixaram de lado os golpes e começaram a dar mútuas estocadas no peito e na viseira. Ao verem que semelhante tática de nada lhes valia, investiram um contra o outro como carneiros selvagens, tentando derrubar o adversário no chão. Lutaram assim até depois de meio-dia e já estavam tão feridos que o sangue lhes escorria até chegar ao solo. Nesse momento, Sir Tristão estava

em condições muito melhores do que Sir Marhaus, tendo mais fôlego e força. Desfechou então um golpe tão poderoso no elmo de seu adversário que a espada penetrou no metal, traspassou a coifa metálica e lhe atingiu o crânio, de tal forma que o mancebo precisou puxar a espada três vezes para conseguir arrancá-la da cabeça de Sir Marhaus. Este, então, caiu de joelhos, com a lâmina da arma de Sir Tristão ainda fincado nos ossos da cabeça. De repente, ele se levantou cambaleante, atirou no chão o escudo e a espada e correu para se refugiar em seus navios. Sir Tristão se apoderou então de ambos e, quando viu que Sir Marhaus havia recuado, disse: Ah, senhor cavaleiro da Távola Redonda, por que recuais? Muita vergonha lançais assim sobre vós mesmo e sobre vossa linhagem, pois não passo de um jovem cavaleiro que, até agora, jamais havia passado por qualquer prova. Mas mil vezes ser retalhado em cem pedaços do que fugir de vós.

Sir Marhaus não disse uma palavra; limitou-se a seguir seu caminho gemendo de dor. Pois bem, senhor cavaleiro, prosseguiu Sir Tristão, prometo que vossa espada e vosso escudo serão meus. Levarei este escudo a todos os lugares aonde eu for em busca de aventuras e também diante do Rei Arthur e de toda a Távola Redonda.

CAPÍTULO VIII

Como, depois de chegar de volta à Irlanda, Sir Marhaus morreu em consequência do ferimento causado por Sir Tristão, e como este foi ferido.

Sir Marhaus e seus companheiros logo partiram para a Irlanda e, assim que chegou à corte do rei, seu irmão, este mandou que lhe examinassem as feridas. Quando viram a cabeça, encontraram um pedaço da espada de Sir Tristão, e nenhum cirurgião conseguiu retirá-lo. Assim, pois, ele morreu pela espada do jovem cavaleiro, e a rainha, sua irmã, guardou consigo para sempre aquele pedaço de ferro porque tinha a intenção de se vingar quando pudesse.

Voltemos agora outra vez a Sir Tristão que estava também muito ferido e sangrava tanto que, em pouco tempo, adoeceu e mal conseguia mover os membros. O jovem sentou-se então em uma pequena elevação, sem parar de sangrar. Nesse momento, chegou Gouvernail, seu criado, com sua embarcação e, atrás dele, o rei e seus barões em procissão. Assim que chegaram à terra firme, o Rei Marcos tomou o sobrinho nos braços e, ajudado por Sir Dinas, o Senescal, levou-o para o castelo de Tintagel. Ali, ele foi tratado da melhor maneira e o puseram deitado em um leito. Quando o monarca viu aquelas feridas, chorou muito, e todos os seus senhores fizeram o mesmo. Que Deus me ajude!, exclamou o rei, pois daria todas as minhas terras para que o meu sobrinho não morresse. Assim, pois, Sir Tristão foi deitado ali por um mês ou mais, e continuava a parecer que ele ia morrer em consequência do golpe de lança que recebera de Sir Marhaus no princípio do combate, porque, como diz o livro francês, a ponta de tal lança estava envenenada e, por isso, Sir Tristão não podia sarar. Tanto o Rei Marcos quanto seus barões ficaram muito pesarosos, já que todos acreditavam que o mancebo não se recuperaria. Por esse motivo, o monarca mandou procurar todo tipo de médicos e cirurgiões, homens e mulheres, mas nenhum deles lhe deu qualquer esperança de vida. Chegou então uma dama que era muito sábia e disse claramente ao Rei Marcos, a Sir Tristão e a todos os barões que ele jamais sararia, a menos que fosse para o país de onde provinha aquele veneno. Só ali poderia encontrar alguma ajuda. Foi o que ela declarou ao rei.

Ao ouvir isso, o monarca mandou que se preparasse para Sir Tristão uma formosa nau, bem abastecida de víveres, e nela o mancebo foi instalado tendo por companhia Gouvernail. O mancebo levou consigo sua harpa, e o navio zarpou em direção à Irlanda. Quis o destino que eles aportassem bem perto de um castelo onde estavam o rei e a rainha e, quando eles chegaram, Sir Tristão se sentou na

cama e, com sua harpa, tocou um alegre lai, como jamais se tinha ouvido na Irlanda.

Assim que o rei e a rainha foram informados da chegada do cavaleiro que era tão bom harpista, o monarca logo mandou que o fossem buscar e curassem suas feridas. Perguntou-lhe então como se chamava. Sou do país de Liones e meu nome é Tãotris. Fui ferido assim quando lutei pelo direito de uma dama. Que Deus me ajude!, exclamou o Rei Agwisance. Nesta terra tereis toda ajuda que puderdes encontrar. Devo dizer-vos, porém, que, na Cornualha, sofri a maior perda que rei algum jamais sofreu, pois ali perdi o melhor cavaleiro do mundo. Ele se chamava Sir Marhaus e era cavaleiro da Távola Redonda. Contou, então, a Sir Tristão como Sir Marhaus havia morrido, e o jovem deu mostras de enorme pesar, embora soubesse melhor do que o rei como tudo tinha acontecido.



CAPÍTULO IX

Como Sir Tristão foi entregue aos cuidados da Bela Isolda para ter seu ferimento tratado.

Então, o rei, por grande favor, entregou Tãotris à guarda e aos cuidados de sua filha, já que esta era uma cirurgiã de mérito. Depois de tê-lo examinado, a jovem achou que, bem no fundo do ferimento, havia veneno e em pouco tempo o curou. Por tudo isso, Tãotris se apaixonou profundamente pela Bela Isolda, que, nessa época, era a mais formosa entre as donzelas e entre a nobreza. Tãotris a ensinou então a tocar harpa, e ela começou a pensar muito nele. Nessa ocasião, Sir Palamedes, o Sarraceno, estava no país, e era um convidado muito querido do rei e da rainha, e oferecia diariamente à Bela Isolda muitos presentes, pois a amava muito. Tudo isso não passava despercebido de Tãotris que considerava Sir Palamedes um cavaleiro honrado e um homem poderoso e, como podeis imaginar, Sir Tãotris sentia grande despeito, pois a Bela Isolda lhe havia contado que era por causa dela que Sir Palamedes queria ser batizado. Tal situação gerava ciúmes entre os dois cavaleiros.

Aconteceu, então, que o Rei Agwisance fez anunciar a realização de uma grande justa e de um torneio em homenagem a uma dama chamada Senhora das Landas, que era prima próxima do monarca. O vencedor se casaria com ela três dias depois e ganharia todas as suas terras. Tal anúncio foi feito na Inglaterra, em Gales, na Escócia e também na França e na Bretanha. Certo dia, a Bela Isolda foi procurar Tãotris e lhe falou de tal torneio. Gentil senhora, replicou o mancebo, não passo de um cavaleiro enfraquecido e pouco tempo atrás teria morrido se não fosse por vossos bons cuidados. Pois bem, gentil senhora, o que desejais que eu faça a este respeito? Bem sabeis que não posso justar. Ah, Tãotris, replicou a Bela Isolda, por que não quereis participar desse torneio? Bem sei que Sir Palamedes ali estará e dará o seu melhor. Por isso, Tãotris, eu vos rogo que participeis da competição, caso contrário, é provável que Sir Palamedes receba o prêmio. Senhora, disse o mancebo, quanto a isso, tendes toda razão, pois ele é um cavaleiro experiente, ao passo que sou apenas um jovem cavaleiro recém-admitido na ordem. E da primeira batalha que travei, saí muito ferido, como bem sabeis. Se soubesse, porém, que éreis a minha melhor dama, participaria de bom grado, contanto que aceiteis meu conselho e não deixeis que ninguém, a não ser vós mesma, tenha conhecimento de que vou justar. Se guardardes este segredo, por vós, porei em risco minha pobre pessoa de tal forma que Sir Palamedes talvez saiba

que lá estou. Fazei o melhor que puderdes, disse a Bela Isolda. Hei de providenciar para vós cavalo e armadura de meu agrado. Se é o que desejais, assentiu Tãotris, estarei à vossa disposição.

No dia da justa, Sir Palamedes apareceu com um escudo negro e derrubou muitos cavaleiros, deixando todos os presentes assombrados. Venceu Sir Gawaine, Gaheris, Agravaine, Bagdemagus, Kay, Dodinas, o Selvagem, Sagramore, o Desejoso, Gumret, o Pequeno, e Griflet, o Filho de Deus. No primeiro dia, todos estes foram derrubados por Sir Palamedes e todos ficaram espantados, passando a chamá-lo de Cavaleiro do Escudo Negro. E foi ele que recebeu a grande honra no final da competição.

Então, o Rei Agwisance foi procurar Tãotris e lhe perguntou por que ele não queria justar. Senhor, respondeu o jovem, não faz muito tempo que fui ferido e ainda não me atrevo a participar de tais combates. Nesse momento, chegou o escudeiro enviado a Sir Tristão pela filha do rei da França e, ao ver à sua frente o jovem cavaleiro, caiu a seus pés. A Bela Isolda não deixou de reparar na reverência que o homem havia feito, mas Sir Tristão logo tratou de se aproximar do homem, que se chamava Hebes le Renoumes, e lhe pediu encarecidamente que jamais pronunciasse ali o seu nome. Senhor, replicou o escudeiro, não revelarei vosso nome a menos que seja por ordem vossa.



CAPÍTULO X

Como Sir Tristão venceu um torneio na Irlanda e obrigou Palamedes a não usar armadura por um ano.

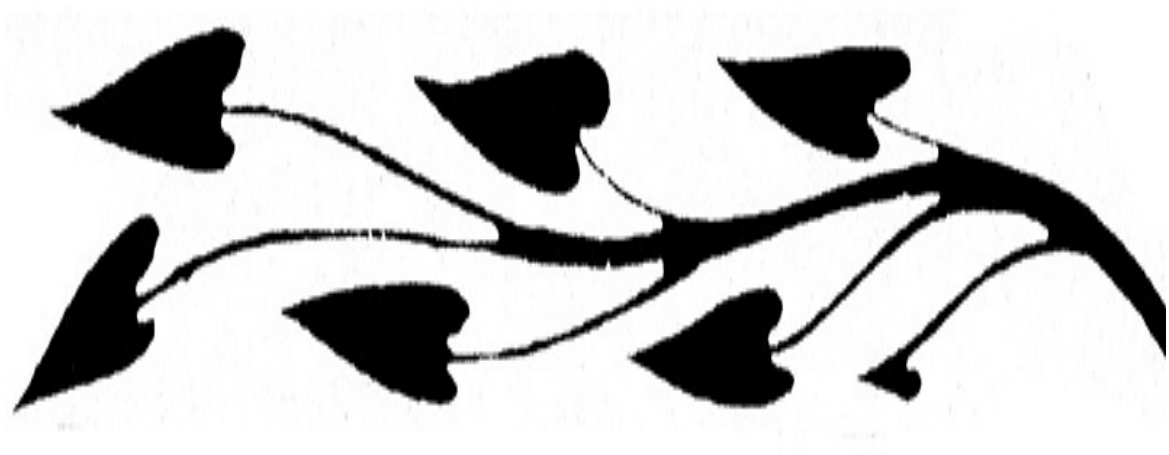
Sir Tristão lhe perguntou então o que fazia naquelas terras. Senhor, respondeu o escudeiro, vim até aqui com Sir Gawaine para ser sagrado cavaleiro e, se for de vosso agrado, gostaria que a ordem me fosse concedida por vossas mãos. Esperai por mim às escondidas amanhã, replicou o mancebo, e, na liça, eu vos sagrarei cavaleiro.

Diante disso, a Bela Isolda começou a desconfiar de que Tãotris fosse, na verdade, algum homem de grande mérito, o que lhe trouxe grande conforto, fazendo com que o amasse ainda mais. Pela manhã, Sir Palamedes se preparou para entrar na liça como havia feito no primeiro dia, e ali derrubou o Rei dos Cem Cavaleiros e o rei dos escoceses. Então, por ordem da Bela Isolda, Sir Tristão foi aparelhado e recebeu cavalo e arneses brancos. Em seguida, ela o fez sair do castelo por uma poterna privada, e ele apareceu como se fosse um anjo resplandecente. Logo que o viu, Sir Palamedes pôs a lança em riste e correu em sua direção, ao que Sir Tristão respondeu também correndo. E acabou derrubando Sir Palamedes no chão. Ouviu-se então grande burburinho entre os presentes, alguns dizendo que Sir Palamedes havia sofrido uma queda, outros que o Cavaleiro do Escudo Negro havia caído por terra. Bem sabeis que a Bela Isolda muito se alegrou. Então, Sir Gawaine e seus nove companheiros se perguntaram quem poderia ser aquele cavaleiro que havia derrubado Sir Palamedes, e não apareceu ninguém que quisesse enfrentá-lo; pelo contrário, todos os presentes o evitavam, fossem eles cavaleiros de maior ou menor categoria. Sir Tristão concedeu a Hebes a ordem da cavalaria e o convenceu a participar das justas, onde ele se saiu muito bem. Depois, Sir Hebes enfrentou o próprio Sir Tristão.

Tendo sido derrubado, Sir Palamedes ficou muito envergonhado e, tratando de passar despercebido, procurou se retirar da liça. Vendo isso, Sir Tristão cavalgou a toda atrás dele, conseguiu alcançá-lo e pediu-lhe que retornasse, pois gostaria de medir forças com ele antes que partisse. O sarraceno virou-se, e os dois começaram uma luta de espadas. Mas, na primeira estocada, Sir Tristão o derrubou e lhe aplicou tamanho golpe no alto da cabeça que o atirou no chão. Então, o jovem ordenou que seu adversário se rendesse e obedecesse às suas ordens, senão haveria de matá-lo. Vendo a expressão de seu inimigo, Sir Palamedes ficou tão amedrontado que concordou com tudo que ele pudesse lhe

pedir. Boa decisão, disse Sir Tristão, e este será vosso encargo: primeiro, sob pena de vossa vida, renunciareis à minha senhora, a Bela Isolda, e por nenhum meio que seja voltareis a vos aproximar dela. Também, nos próximos doze meses, não portareis qualquer armadura ou arnês de guerra. Fazei vossa promessa aqui mesmo ou morrereis. Ai, lamentou-se o cavaleiro, estou envergonhado para sempre. Mas fez o juramento como Sir Tristão lhe havia ordenado e, cheio de raiva e de despeito, cortou seu arnês e o atirou longe.

Depois disso, Sir Tristão voltou ao castelo onde estava a Bela Isolda e, durante o trajeto, encontrou uma donzela que perguntava por Sir Lancelote, que, de forma honrosa, havia conquistado a Dolorosa Guarda. Mas ela perguntou a Sir Tristão quem ele era, pois lhe haviam dito que ele havia derrubado Sir Palamedes, que antes havia derrotado dez cavaleiros do Rei Arthur. A donzela lhe rogou que se identificasse, que lhe dissesse se era Sir Lancelote do Lago, porque acreditava que nenhum cavaleiro do mundo, a não ser Sir Lancelote, seria capaz de realizar tais proezas com as armas. Gentil donzela, respondeu Sir Tristão, não sou Sir Lancelote, pois jamais tive tanta habilidade quanto ele, mas Deus permita que eu possa chegar a esse nível um dia. Então, gentil cavaleiro, disse ela, erguei vossa viseira. Ele o fez e, ao ver ser rosto, a jovem achou que nunca tinha visto rosto mais bem-feito nem homem mais garboso. E, sabendo que não se tratava efetivamente de Sir Lancelote, a jovem se despediu e seguiu seu caminho. Sir Tristão se dirigiu secretamente à tal poterna privada onde o aguardava a Bela Isolda, que o acolheu com entusiasmo e agradeceu a Deus por ele ter sido tão rápido. Pouco depois, o rei e a rainha souberam que fora Tãotris que derrubara Sir Palamedes e passaram a se interessar por ele ainda mais do que antes.



CAPÍTULO XI

Como a rainha descobriu que Sir Tristão havia matado o seu irmão, Sir Marhaus, com sua espada, e como ele se viu ameaçado.

Sir Tãotris permaneceu ali por muito tempo, bem acolhido pelo rei, pela rainha e, principalmente, pela Bela Isolda. Certo dia, a soberana e a jovem estavam preparando um banho para o cavaleiro e, enquanto ele estava no banho, as duas ficaram andando de um lado para outro dentro de seu quarto. Nesse meio-tempo, como Gouvernail e Hebes o auxiliavam, a rainha percebeu a espada dele na cama. Por infortúnio, ela a desembainhou e a contemplou por alguns instantes. As duas mulheres acharam a arma muito formosa, mas, a um pé e meio da extremidade da lâmina faltava um bom pedaço de seu fio. Ao reparar em tal falha, a rainha se lembrou do pedaço de espada encontrado no crânio de Sir Marhaus, o bom cavaleiro que era seu irmão. Ai, disse ela à filha, então este é o mesmo cavaleiro traidor que matou meu irmão, teu tio. Quando a Bela Isolda ouviu tais palavras, ficou extremamente perturbada, pois grande era o seu amor por Tãotris, e ela bem conhecia a crueldade da própria mãe.

A rainha logo correu a seu quarto, pegou seu cofre e retirou dali o pedaço de lâmina que havia sido retirado da cabeça de Sir Marhaus depois de sua morte. Voltou depressa para compará-lo à espada que estava em cima da cama e, quando juntou tal pedaço à lâmina da arma, ele se encaixou tão bem que a espada ficou como jamais se tivesse quebrado. Furiosa, a soberana segurou com força a arma e correu diretamente para o local onde Tãotris se banhava. A rainha o teria matado ali mesmo se Sir Hebes não a tivesse contido com os braços e tomado a espada de suas mãos.

Vendo sua intenção frustrada, ela correu até o Rei Agwisance, seu marido, e, de joelhos, lhe disse: Ah, meu senhor, tendes em vossa casa o cavaleiro traidor que matou meu irmão que servia a vós, o nobre cavaleiro Sir Marhaus. De quem estais falando? E onde está?, perguntou o rei. Trata-se de Sir Tãotris, meu senhor, respondeu ela. O mesmo cavaleiro que foi curado por minha filha. Ai, exclamou o monarca, muito lamento que assim seja, pois ele é o mais nobre cavaleiro que jamais vi em alguma competição. Peço-vos, porém, que não o enfrenteis. Deixai que eu me entenda com ele.


Como a Bela
Isolda cuidou de
Sir Tristão.

Dizendo isso, dirigiu-se aos aposentos de Sir Tãotris, para onde este já havia voltado, e o encontrou inteiramente armado e prestes a montar seu cavalo. Ao vê-lo assim, o rei lhe disse: Não, Tãotris, de nada vos valerá tentar medir forças comigo, mas farei isso por minha honra e por amor a vós. Uma vez que estais em minha corte, não seria honroso para mim matar-vos e, portanto, vos dou permissão para partir sem perigo, mas com uma condição: que me digais quem foi vosso pai, como vos chamais e se matastes Sir Marhaus, meu irmão.

CAPÍTULO XII

Como Sir Tristão se despediu do rei e da Bela Isolda, deixando a Irlanda para regressar à Cornualha.

Majestade, disse Tristão, eu vos direi toda a verdade: o nome de meu pai é Sir Meliodas, rei de Liones, e minha mãe se chamava Elizabeth e era irmã do Rei Marcos, da Cornualha. Ela morreu quando me deu à luz, em uma floresta, e, por esse motivo, antes de morrer pediu que, quando eu fosse batizado, me pusessem o nome de Tristão. Como não queria ser reconhecido em vosso país, inverti o meu nome, fazendo-me passar por Tãotris. E por causa do tributo da Cornualha, lutei em nome de meu tio, pelo direito que possuía havia muitos anos. Como bem sabeis, prosseguiu ele, enfrentei tal combate por amor a meu tio, o Rei Marcos, por amor ao país da Cornualha e para angariar honra, pois havia sido sagrado cavaleiro no mesmo dia em que lutei com Sir Marhaus e, até então, jamais havia enfrentado cavaleiro algum. Ele se afastou de mim vivo, deixando para trás seu escudo e sua espada.

Pois que Deus me ajude, replicou o monarca. Não posso senão dizer que agistes de acordo com um cavaleiro, e era incumbência vossa tanto defender vossa terra e vosso rei quanto angariar honra, como todo cavaleiro deve fazer. No entanto, por minha honra, não posso vos manter neste país sem aborrecer meus barões, minha esposa e sua linhagem. Senhor, disse Tristão, agradeço a boa proteção que me destes aqui e a grande bondade que minha senhora, vossa filha, demonstrou para comigo, portanto, é possível que tenhais mais a ganhar com minha vida do que com minha morte. Quem sabe se, em alguma ocasião, eu não possa vos prestar serviços em terras inglesas, fazendo com que vos alegreis por me ter mantido sob vosso teto. Ademais, prometo que, como verdadeiro cavaleiro que sou, onde quer que esteja serei servidor e cavaleiro de minha senhora, vossa filha, em quaisquer circunstâncias que sejam, e que jamais deixarei de fazer tudo que um cavaleiro possa fazer. Suplico ainda à vossa boa graça que me concedeis permissão para me despedir de minha senhora, vossa filha, e de todos os barões e cavaleiros de vosso reino. Tendes minha permissão, replicou o monarca.

Então, Sir Tristão foi ao encontro da Bela Isolda para se despedir. E lhe contou tudo: quem era, que havia mudado de nome para não ser reconhecido e como uma dama lhe havia dito que só poderia curar-se se fosse ao país onde o veneno havia sido preparado. Sabei que estive a ponto de morrer, acrescentou ele, se não fosse pela intervenção de vossa alteza. Ó, gentil cavaleiro, disse a Bela

Isolda, muito sofrimento me causa vossa partida, pois jamais conheci um homem que despertasse em mim tanta boa vontade. E, dizendo isso, começou a chorar copiosamente. Senhora, disse Tristão, sabei que o meu nome é Sir Tristão de Liones, gerado pelo Rei Meliodas e nascido de sua rainha. E vos prometo fielmente que serei vosso cavaleiro por todos os dias de minha vida. Muito obrigada, replicou a Bela Isolda, e, em troca, eu vos prometo não me casar nos próximos sete anos a não ser com vosso assentimento. Com aquele que aprovardes, eu me casarei, e ele só terá a mim se vós assim o consentirdes.

Então, Sir Tristão lhe deu um anel e ela lhe deu outro; e, assim, ele se foi, deixando-a em meio a grande sofrimento e lamentação. Dali, dirigiu-se à corte, entre todos os barões, e despediu-se dos maiores e dos menores, dizendo-lhes abertamente: Gentis senhores, chegou o momento em que devo partir. Se há alguém aqui a quem eu tenha ofendido ou que tenha qualquer desavença comigo, que apresente aqui mesmo sua queixa antes que eu me vá, e prometo que hei de reparar tal dono como puder. E se alguém quiser me imputar algum erro, ou proferir injustiças ou afronta pelas minhas costas, que o faça agora ou nunca, pois aqui está minha pessoa para corrigi-lo corpo a corpo. Todos, porém, permaneceram calados. Ninguém disse uma palavra sequer e, embora houvesse ali alguns cavaleiros que eram do mesmo sangue da rainha e de Sir Marhaus, nenhum deles tinha a intenção de se haver com ele.

CAPÍTULO XIII

Como Sir Tristão e o Rei Marcos se feriram mutuamente pelo amor da esposa de um cavaleiro.

Partiu, pois, Sir Tristão. Seu navio fez-se ao mar e, com bons ventos, chegou a Tintagel, na Cornualha. Quando o Rei Marcos estava gozando de toda a sua prosperidade, chegaram notícias de que Tristão havia regressado, curado de seus ferimentos, o que deixou tanto o monarca quanto seus barões extremamente alegres. Quando achou que era hora, foi procurar seu pai, o Rei Meliodas, e recebeu do rei e da rainha a melhor acolhida possível. Estes, então, deram parte de suas terras e de seus bens ao jovem.

Depois de obter permissão do pai, Sir Tristão voltou novamente à corte do Rei Marcos e ali viveu muito tempo com toda a satisfação por muito tempo, até que começaram a surgir ciúmes e rancores entre os dois homens, já que ambos amavam a mesma mulher, a esposa de um conde chamado Sir Segwarides. Esta dama amava muito Sir Tristão, e o sentimento era recíproco, pois tratava-se de mulher muito formosa, coisa que o jovem não deixava de notar. Ao saber disso, o Rei Marcos, que também a amava muito, foi tomado pelo ciúme.

Aconteceu que, certo dia, essa dama enviou um anão a Sir Tristão pedindo-lhe que, se a amava, fosse ter com ela na noite seguinte. E também vos aconselha a ir até lá bem armado, acrescentou o mensageiro, pois seu senhor é considerado um bom cavaleiro. Manda minhas recomendações à tua senhora, disse Sir Tristão, e diz-lhe que não faltarei. Estarei com ela exatamente como ela determinou. O anão partiu levando essa resposta, e o Rei Marcos viu toda a cena. Mandou então que fossem atrás do mensageiro e, quando o pobre foi levado à sua presença, usando da força o monarca o obrigou a confessar tudo: como e onde ia com aquela mensagem do jovem cavaleiro. Pois bem, disse o monarca, vai aonde deves ir e, sob pena de morte, não diz uma palavra sobre a conversa que tiveste comigo. E o anão se foi.

Na mesma noite em que estava combinado o encontro entre a esposa de Segwarides e Sir Tristão, o Rei Marcos se armou, se preparou e, levando consigo dois cavaleiros de sua confiança, saiu mais cedo para esperar por seu sobrinho no meio do trajeto e atacá-lo. Quando o jovem ia cavalgando por seu caminho com sua lança na mão, o Rei Marcos e seus dois cavaleiros pularam sobre ele. Os três o atacaram com suas lanças, e o monarca o feriu gravemente no peito. Então, Sir Tristão desfechou tamanho golpe em seu tio que o derrubou no chão, tão

machucado que ficou desacordado e levou muito tempo até conseguir se recuperar. Em seguida, o jovem atacou um dos cavaleiros e, depois, o outro, deixando ambos estendidos na terra fria. Mesmo ferido, Sir Tristão seguiu cavalgando até a morada de sua dama e foi encontrá-la à sua espera em uma poterna.

CAPÍTULO XIV

Como Sir Tristão se deitou com a dama e como o marido desta o enfrentou.

A dama o acolheu com todo o carinho e os dois se abraçaram. Ela mandou então que guardasse seu cavalo da melhor maneira possível e, depois, o desarmou. Fizeram uma leve ceia e foram se deitar com grande satisfação e prazer. No seu ardor, Sir Tristão nem se lembrou da ferida recém-aberta em seu peito pelo Rei Marcos e acabou sujando lençóis, travesseiros e o tecido da cabeceira da cama. Pouco mais tarde, chegou alguém para avisar à dama que seu senhor estava bem perto, à distância de um tiro de arco. Ela logo fez Sir Tristão se levantar, se armar, pegar seu cavalo e partir. Nesse momento, chegou Segwarides, seu senhor, e, ao ver a cama desfeita e os lençóis revolvidos, chegou mais perto para observar melhor à luz de uma vela e logo compreendeu que um cavaleiro ferido havia se deitado ali. Ah, traidora falsa! Por que me haveis traído? E, sacando da espada, acrescentou: Se não me disserdes quem esteve neste leito, aqui mesmo morrereis. Tende misericórdia, meu senhor, disse a esposa, erguendo as mãos. Não me mateis. Eu vos direi quem esteve aqui. Pois falai logo, esbravejou Segwarides, e que seja toda a verdade. Por medo, ela respondeu: Quem esteve aqui comigo foi Sir Tristão, que foi gravemente ferido durante o trajeto até aqui. Ah, traidora falsa!, repetiu o marido. E o que foi feito dele? Ele se armou e partiu a cavalo, respondeu ela. Não deve estar nem a meia milha daqui. Fizestes bem em falar, retrucou Segwarides.

E, mais que depressa, armou-se, pegou o cavalo e foi atrás de Sir Tristão, que seguia direto para Tintagel. Não tardou a alcançá-lo e gritou: Volte, cavaleiro falso e traidor! Sir Tristão se voltou e, de imediato, Segwarides o atingiu com uma lança que se partiu em vários pedaços. Ele sacou então da espada e acometeu furiosamente contra seu adversário. Senhor cavaleiro, disse Sir Tristão, eu vos aconselho a não me dar mais golpes, mas, pelo agravo que cometi contra vós, aguentarei enquanto conseguir. Não!, exclamou o outro. Aqui morreremos vós e eu.

Diante disso, Sir Tristão desembainhou a espada, avançou bruscamente com seu cavalo e lhe atravessou o corpo na altura da cintura, fazendo com que seu adversário caísse no chão desmaiado. Em seguida, Sir Tristão se foi deixando ali. Cavalgou até Tintagel, entrou às escondidas em seus aposentos, pois não queria que ninguém soubesse que estava ferido. Os homens de Sir Segwarides também haviam seguido seu amo e foram encontrá-lo no campo, gravemente ferido. Puseram-no então sobre o escudo e o levaram para casa, onde ele passou muito

tempo deitado até sarar, mas, finalmente se recuperou. O Rei Marcos também não queria que fosse do conhecimento dos demais que ele e Sir Tristão haviam se enfrentado naquela noite. Mas Sir Tristão não sabia que fora seu tio que o atacara e recebeu seus cuidados e foi confortado por ele enquanto ficou de cama. Acontece que, depois desse episódio, o monarca jamais voltou a gostar do sobrinho pelo resto da vida. Não deixou de tratá-lo com muita cortesia, mas não voltou a sentir qualquer amor por ele. Passaram-se muitas semanas e dias, e tudo foi perdoado e esquecido, pois Sir Segwarides não ousou enfrentar Sir Tristão, não apenas por causa de sua grande destreza, mas também por ser ele sobrinho do Rei Marcos. Por esse motivo, agiu como se nada tivesse acontecido, pois quem guarda uma ferida secreta não admite sofrer uma afronta pública.

CAPÍTULO XV

Como Sir Bleoberis foi em busca da mais bela dama da corte do Rei Marcos, levando-a consigo, e como foi combatido.

Aconteceu então que, certo dia, o bom cavaleiro Bleoberis de Ganis, irmão de Blamore de Ganis, e primo próximo do bom cavaleiro Sir Lancelote do Lago, chegou à corte do Rei Marcos e lhe pediu que lhe concedesse o que ele solicitasse em sua corte. Ao ouvi-lo fazer tal pedido, o rei se espantou, mas, como era cavaleiro da Távola Redonda, de grande prestígio, garantiu-lhe que assim faria. Então, disse Sir Bleoberis, desejo a dama mais formosa de vossa corte que eu mesmo escolha. Não posso voltar atrás, replicou o monarca, portanto, tendes toda liberdade para escolher. E Bleoberis escolheu a esposa de Sir Segwarides, pegando-a pela mão e levando-a consigo. Pegou depois seu cavalo, seu escudeiro a instalou na garupa e o cavaleiro seguiu seu caminho.

Quando Sir Segwarides ouviu dizer que um cavaleiro da corte do Rei Arthur havia levado sua esposa, armou-se e partiu ao encalço do referido cavaleiro para resgatar sua dama. E, ao ver que Bleoberis a tinha levado embora, tanto o Rei Marcos quanto sua corte ficaram aborrecidíssimos. Havia ali algumas damas que sabiam do grande amor entre Tristão e ela, e também que ela o amava mais do que a qualquer outro cavaleiro. Assim, pois, uma delas censurou seriamente Sir Tristão, chamando-o de covarde e dizendo-lhe que, para vergonha da cavalaria, permitiu que levassem de forma tão desrespeitosa uma dama da corte de seu tio. Mas o que ela não disse foi que ele fazia isso apesar de ambos se terem amado de todo o coração. Sir Tristão, porém, assim respondeu: Gentil senhora, não cabe a mim intervir nesse assunto quando seu senhor e marido está aqui presente. Se ele estivesse ausente, então, pela honra desta corte, eu teria sido seu defensor. E, se Sir Segwarides não se houver bem nesse confronto, pode ser que eu queira falar com aquele bom cavaleiro antes que ele deixe o país.

Poucos instantes depois, chegou um dos escudeiros de Sir Segwarides dizendo que ele havia sido derrotado e mortalmente ferido. Pois, acrescentou o recém-chegado, quando tentou resgatar sua esposa, Sir Bleoberis o venceu e o feriu com muita gravidade. Diante de tal notícia, o Rei Marcos e toda a corte ficaram muito pesarosos. Ao tomar conhecimento do ocorrido, Sir Tristão sentiu-se envergonhado e aflito. Mais que depressa, armou-se, pegou seu cavalo, e Gouvernail, seu criado, lhe trouxe seu escudo e sua lança. Enquanto cavalgava a toda, encontrou Sir Andred, seu primo, que, por ordem do Rei Marcos, tinha ido

buscar, se o conseguisse, dois cavaleiros da corte do Rei Arthur que andavam viajando pelo país à procura de aventuras. Quando Sir Tristão viu Sir Andred, perguntou-lhe quais eram as novas. Ai, que Deus me ajude, respondeu seu primo. Para mim, não podiam ser piores, pois, por ordem do Rei Marcos, fui procurar dois cavaleiros da corte do Rei Arthur, mas um deles me derrotou e feriu, e não tive nenhuma chance de transmitir minha mensagem. Gentil primo, replicou Sir Tristão, segui vosso caminho, pois, se eu encontrá-los, talvez possa vingar-vos. Sir Andred entrou nas terras da Cornualha e Sir Tristão foi atrás dos dois cavaleiros, um dos quais se chamava Sagramore, o Desejoso, e o outro, Dodinas, o Selvagem.

CAPÍTULO XVI

Como Sir Tristão enfrentou dois cavaleiros da Távola Redonda.

Não muito depois, Sir Tristão viu, um pouco mais adiante, dois garbosos cavaleiros. Senhor, disse-lhe Gouvernail, eu vos aconselho a não lutar com eles, porque são dois cavaleiros experientes da corte do Rei Arthur. Pois sim!, exclamou Tristão. Não tem dúvida que vou me haver com eles para angariar honra, pois já faz muitos dias que não realizo nenhuma proeza com armas. Como quiserdes, replicou o criado. Sir Tristão se aproximou e lhes perguntou de onde vinham, para onde iam e o que faziam por aquelas terras. Sir Sagramore o fitou, e, com um tom de escárnio na voz, respondeu com outra pergunta: Gentil cavaleiro, sois cavaleiro da Cornualha? Por que perguntas?, retrucou Tristão. Porque é raro ver, disse o outro, um cavaleiro desse país que seja um homem de armas valente. Há cerca de duas horas, encontramos um deles que falava de forma imponente, mas acabou estendido no chão sem que precisássemos nos esforçar muito. E, em minha opinião, recebereis o mesmo que ele. Gentis senhores, replicou Sir Tristão, talvez eu resista mais do que ele e, queirais ou não, haveremos de nos enfrentar, já que é a meu primo que vos referis. Portanto, dai vosso melhor e sabei que, a menos que vos defendais melhor neste solo, um único cavaleiro da Cornualha há de vencer a ambos.

Quando Sir Dodinas, o Selvagem, ouviu tais palavras, pegou uma lança e disse: Senhor cavaleiro, preparai-vos! Os dois tomaram distância e se defrontaram com a força de um trovão. A lança de Sir Dodinas se partiu em pedaços, mas Sir Tristão o atingiu com mais força, fazendo com que ele caísse pela cabeça do cavalo e quase quebrasse o pescoço. Ao ver seu companheiro sofrer semelhante queda, Sir Sagramore se perguntou quem poderia ser aquele cavaleiro. Pegou a lança com todo o seu vigor, avançou contra Sir Tristão, que fez o mesmo. Chocaram-se com a força de um trovão, e Sir Tristão lhe desfechou tamanho golpe que o lançou por terra, juntamente com sua montaria, e, na queda, fraturou uma das coxas.

Depois disso, Sir Tristão lhes perguntou: Quereis mais, gentis cavaleiros? Na corte do Rei Arthur não existem outros mais fortes do que vós?, perguntou um dos homens. É uma vergonha dizeres coisas desonrosas a respeito dos cavaleiros da Cornualha, pois pode acontecer que um deles vos derrote a ambos. Tendes razão, replicou Sir Sagramore, pois acabamos de comprová-lo. Gostaria, porém, que nos dissésseis vosso verdadeiro nome, pela fé e pela lealdade que deveis à alta ordem

da cavalaria. Muito me enalteceis, disse Sir Tristão, e, já que assim o desejais, sabei que me chamo Sir Tristão de Liones, filho do Rei Meliodas e sobrinho do Rei Marcos. Então, os dois cavaleiros se alegraram por haverem encontrado Tristão e o convidaram para acompanhá-los. Não posso, replicou o jovem, pois preciso enfrentar um de vossos companheiros que se chama Sir Bleoberis de Ganis. Que Deus vos proteja, disseram Sir Sagramore e Sir Dodinas. Tristão partiu e seguiu seu caminho. Mais adiante, em um vale, viu Sir Bleoberis, que cavalgava com a esposa de Sir Segwarides, que viajava na garupa de seu escudeiro em um palafrém.



CAPÍTULO XVII

Como Sir Tristão lutou contra Sir Bleoberis por uma dama, e como foi dada a ela a possibilidade de escolher com qual dos dois queria partir.

Sir Tristão cavalgou com mais velocidade até alcançá-lo. Esperai, cavaleiro da corte do Rei Arthur, disse ele. Ide devolver esta dama ou podeis entregá-la a mim. Não farei nem uma coisa nem outra, replicou Bleoberis, pois não temo um cavaleiro da Cornualha a ponto de resolver entregá-la. Ora, exclamou Sir Tristão, um cavaleiro deste país não pode ser tão bom quanto qualquer outro? Ainda hoje, a três milhas daqui, dois cavaleiros de vossa corte se encontraram comigo e, quando nos separamos, ambos admitiram haver encontrado um cavaleiro da Cornualha que era bom o bastante para enfrentá-los. Como se chamavam?, perguntou Bleoberis. Segundo me disseram, respondeu o jovem, um deles se chamava Sir Sagramore, o Desejoso, e o outro, Dodinas, o Selvagem. Ah!, disse Sir Bleoberis, vós os haveis enfrentado? Pois que Deus me ajude, porque eram dois bons cavaleiros e homens de grande mérito. E, se os haveis vencido, sois certamente um bom cavaleiro. Mesmo assim, não me dais medo, já que precisareis vencer-me se quereis ficar com esta dama. Então, tratai de vos defender, replicou Sir Tristão. Os dois tomaram distância e se encontraram em um embate furioso, no qual ambos acabaram caindo por terra com seus cavalos.

Deixando de lado os animais, investiram com ímpeto e força usando a espada, atacando e se esquivando por mais de duas horas. Às vezes, arremetiam com tanta força que chegavam a cair de bruços no chão. Então, Sir Bleoberis de Ganis recuou de um salto e disse: Gentil e bom cavaleiro, contende por um instante vossa mão e vamos ter uma conversa. Dizei o que pretendeis, disse Tristão, e responderei. Senhor, disse Bleoberis, gostaria de saber de onde sois, de quem descendeis e qual é vosso nome. Por Deus, replicou Sir Tristão, não temo vos dizer como me chamo. Sabei que sou filho do rei Meliodas, minha mãe é irmã do Rei Marcos, chamo-me Sir Tristão de Liones, e o Rei Marcos é meu tio. Na verdade, retrucou Bleoberis, muito me agrada saber que sois aquele que matou o cavaleiro Marhaus, em combate corpo a corpo, em uma ilha, pelo tributo da Cornualha. Também haveis vencido Sir Palamedes, o bom cavaleiro, em um torneio em uma ilha depois de ele ter derrotado Sir Gawaine e seus nove companheiros. Trata-se de mim mesmo, replicou Sir Tristão, e, agora que já vos disse meu nome, tende a bondade de me dizer o vosso. Chamo-me Sir Bleoberis de Ganis, respondeu o outro. Meu irmão se chama Sir Blamore de Ganis e é

considerado um bom cavaleiro. Ambos somos filhos da irmã de meu senhor Sir Lancelote do Lago, que consideramos um dos melhores cavaleiros do mundo. Isso é verdade, disse Sir Tristão. Sir Lancelote não tem quem o iguale em cortesia e cavalaria e, pelo grande amor que tenho por ele, não quero continuar lutando convosco. De boa fé, eu vos digo que sou contrário a prosseguir com esta luta, replicou Bleoberis, mas, já que me seguistes até aqui para reaver esta dama, ofereço-vos amabilidade, cortesia e gentileza neste local. Que a dama fique entre nós dois, e aquele que ela escolher seguir a levará em paz. Aceito de bom grado, disse Tristão, pois, segundo creio, ela vos deixará para vir comigo. Agora mesmo saberemos, replicou Bleoberis.

CAPÍTULO XVIII

Como a dama desdenhou de Sir Tristão e ficou com Sir Bleoberis, e como desejou voltar para o marido.

Quando se viu entre os dois, a dama se dirigiu a Sir Tristão, dizendo: Bem sabeis, Sir Tristão de Liones, que, pouco tempo atrás, éreis o homem que eu mais amava no mundo e em quem mais confiava; e imagino que me escolhestes entre todas as damas. No entanto, ao ver que este cavaleiro estava me levando embora, nada fizestes para me resgatar, deixando que meu senhor Segwarides fosse atrás de mim. Até esse momento, eu acreditava que vós me amáveis e, por isso, quero vos deixar agora e não mais vos amar. E aproximou-se de Sir Bleoberis.

Ao vê-la tomar tal decisão, Sir Tristão ficou profundamente aborrecido com a dama e sentiu vergonha de regressar à corte. Sir Tristão, disse Sir Bleoberis, cometestes um erro, pois entendo os motivos desta dama que, até o dia de hoje, confiava em vós mais que em qualquer outro cavaleiro deste mundo, e, como ela disse, vós a enganastes. Bem sabeis que não há quem possa reter alguém que deseja ir, e preferiria mil vezes que ela vos houvesse escolhido a vos ver guardando rancor de mim. Não, atalhou a dama. Pelo amor de Deus, nunca irei com ele, com aquele a quem eu mais amava e que acreditava que me amasse também. Portanto, Sir Tristão, voltai pelo mesmo caminho por onde viestes, porque, mesmo que tivésseis vencido este cavaleiro, como decerto teríeis feito, eu jamais iria convosco. Rogarei a este cavaleiro tão leal à sua ordem que, antes de deixar este país, me leve à abadia onde jaz meu senhor Sir Segwarides. Por Deus, disse Bleoberis, sabei, bom cavaleiro Sir Tristão, que, como o Rei Marcos me concedeu um dom nesta corte, esta dama foi a que mais me agradou, embora fosse casada e tivesse um senhor. E, já que cumpri minha demanda, ela será enviada de volta a seu marido. Faço isso especialmente em consideração a vós, Sir Tristão, e, se fosse este seu desejo, gostaria que ela vos acompanhasse. Pois fico-vos muito grato, replicou Sir Tristão, mas, por seu amor, darei mais atenção a que tipo de dama dedico meu amor ou minha confiança, pois, se seu senhor, Sir Segwarides, estivesse ausente da corte, eu teria sido o primeiro a vos seguir. Já que vós me haveis rechaçado, senhora, e como verdadeiro cavaleiro que sou, doravante saberei ao certo quem posso amar e em quem posso confiar. Assim, despediram-se e partiram.

Sir Tristão rumou para Tintagel, e Sir Bleoberis dirigiu-se à abadia onde Sir Segwarides jazia gravemente ferido. Ali, entregou-lhe sua dama e partiu como

nobre cavaleiro. Quando Sir Segwarides viu sua dama, sentiu-se extremamente reconfortado e, então, ela lhe contou que Sir Tristão e Sir Bleoberis haviam travado uma batalha acirrada, acabando por trazê-la de volta. Ao ouvir tal relato, Sir Segwarides muito se alegrou por saber que Sir Tristão havia feito tanto, e esta dama também contou ao Rei Marcos o combate ocorrido entre Sir Tristão e Sir Bleoberis.



CAPÍTULO XIX

Como o Rei Marcos enviou Sir Tristão para a Irlanda, em busca da Bela Isolda, e como este acabou chegando à Inglaterra.

Depois deste episódio, o Rei Marcos não parava de procurar, em seu coração, meios para destruir Sir Tristão. Resolveu, então, enviá-lo à Irlanda para buscar a Bela Isolda, pois seu sobrinho havia louvado tanto a beleza e a bondade da jovem que Sir Marcos disse que queria se casar com ela. Pediu então a Sir Tristão que partisse para a Irlanda levando consigo essa mensagem e só estava fazendo isso com a intenção de vê-lo morto. No entanto, para satisfazer o tio, Sir Tristão não quis recusar tal tarefa apesar dos muitos riscos e perigos que ela podia apresentar; pelo contrário, preparou-se para cumpri-la da melhor maneira possível. Levou consigo os dois cavaleiros mais garbosos que pôde encontrar na corte, e todos envergavam trajes do maior esplendor como se usava na época. Assim, Sir Tristão partiu e embarcou com seus acompanhantes. Quando estavam em alto-mar, foram surpreendidos por uma tempestade que os empurrou de volta à costa da Inglaterra. Chegaram bem perto de Camelot e muito se alegraram por se verem novamente em terra firme.

Desembarcaram, e Sir Tristão instalou sua tenda nas terras de Camelot, pendurando sobre ela seu escudo. Nesse mesmo dia, chegaram dois cavaleiros do Rei Arthur, um dos quais era Sir Hector de Maris e o outro, Sir Morganor. Bateram no escudo pendurado e mandaram que o cavaleiro saísse da tenda para justar, se assim o desejasse. Tereis vossa resposta, disse Sir Tristão, se quiserdes aguardar um pouco. Preparou-se, então, e o primeiro a ser derrubado foi Sir Hector de Maris. Em seguida, o mesmo aconteceu com Sir Morganor, e ambos foram vencidos com a mesma lança, ficando bem machucados. Estando os dois estirados no chão, perguntaram a Sir Tristão quem ele era e de que país era cavaleiro. Gentis senhores, respondeu o jovem, sabei que sou da Cornualha. Ai!, lamentou-se Sir Hector. Envergonho-me de ter sido vencido por um cavaleiro da Cornualha. E, em uma manifestação de despeito, jogou longe a armadura e se foi a pé, sem querer cavalgar.

CAPÍTULO XX

Como o Rei Agwisance, da Irlanda, foi convocado à corte do Rei Arthur sob a acusação de traição.

Aconteceu que, nessa ocasião, Sir Bleoberis e Sir Blamore de Ganis, que eram irmãos, haviam convocado o Rei Agwisance, da Irlanda, a comparecer à corte de Arthur sob pena de perder as boas graças do monarca. E, se ele não se apresentasse no dia marcado, perderia suas terras. No entanto, no referido dia, nem o Rei Arthur nem Sir Lancelote estavam presentes para fazer justiça, já que ambos estavam no castelo da Guarda Alegre. O monarca havia designado então o Rei Carados e o rei dos escoceses para desempenharem a função de juízes. Estando ambos em Camelot, chegou o Rei Agwisance, da Irlanda, para conhecer seus acusadores. Então Sir Blamore de Ganis o acusou de traição por haver matado, de forma traiçoeira, um primo seu na corte irlandesa. O monarca ficou muito constrangido ao ouvir tal acusação que fizera com que o Rei Arthur o convocasse a Camelot, já que, antes, não sabia o motivo do convite. E, ao ouvir a declaração de Sir Blamore, percebeu que não tinha outro remédio senão responder-lhe segundo as regras da cavalaria, pois, como era costume na época, um homem acusado de qualquer traição ou homicídio deveria enfrentar uma luta corpo a corpo ou procurar um cavaleiro que fizesse isso em seu nome. E, nesse tempo, todo tipo de crime era chamado de traição.

Assim, pois, quando o rei Agwisance tomou conhecimento da acusação, ficou muito pesaroso, porque sabia que Sir Blamore de Ganis era um nobre cavaleiro de uma nobre linhagem. Nesse momento, o rei da Irlanda não tinha muito o que dizer, portanto, os juízes lhe concederam um prazo de três dias para apresentar sua resposta. Com isso, ele se recolheu a seus aposentos. Nesse meio-tempo, chegou uma dama à tenda de Sir Tristão proferindo grandes lamentações. O que vos aflige?, perguntou Sir Tristão. Por que tanto sofrimento? Ah, gentil senhor, respondeu a dama, a vergonha sempre há de pairar sobre mim, a menos que algum bom cavaleiro me ajude, pois uma dama de grande mérito me mandou levar um rico e formoso escudo para Sir Lancelote do Lago. Perto daqui, porém, encontrei um cavaleiro que me derrubou de meu palafrém e me roubou tal escudo. Pois bem, minha senhora, disse o jovem, por meu senhor Lancelote, farei com que tenhais novamente esse escudo, a menos que meu adversário me derrote. Pegou então seu cavalo e perguntou à dama que caminho o cavaleiro estava seguindo. Obtendo a

informação, saiu à procura e não tardou a encontrá-lo. Gritou-lhe então que se voltasse e devolvesse o escudo roubado.

CAPÍTULO XXI

Como Sir Tristão resgatou um escudo das mãos de um cavaleiro e como Gouvernail lhe falou do Rei Agwisance.

O cavaleiro virou então sua montaria e se preparou para lutar, mas, usando a espada, Sir Tristão lhe deu tamanho golpe que o jogou ao chão. O homem então a ele se rendeu. Pois dai meia-volta, disse Tristão, e levai este escudo para devolvê-lo àquela dama. Sem muito entusiasmo, o cavaleiro pegou seu cavalo e acompanhou Sir Tristão. Durante o trajeto, o jovem lhe perguntou seu nome. Chamo-me Breuse Saunce Pitié, respondeu o outro. E, depois de entregar o escudo à dama, disse: Senhor, com este escudo a situação está remediada. Então, Sir Tristão o deixou em liberdade, mas muito se arrependeu disso, porque aquele homem era grande inimigo de muitos bons cavaleiros da corte do Rei Arthur.

Já de volta à sua tenda, viu entrar Gouvernail, seu criado, que lhe contou sobre a vinda do Rei Agwisance, que estava em grandes apuros, e lhe disse que ele havia sido convocado e acusado de homicídio. Por Deus!, exclamou Sir Tristão. Esta é a melhor notícia que recebo em sete anos, pois, agora, o rei da Irlanda precisará de minha ajuda, já que ouso dizer que não existe neste país, a não ser na corte do Rei Arthur, cavaleiro que se atreva a enfrentar Sir Blamore de Ganis, e, para conquistar o amor desse monarca, assumirei esta querela. Portanto, eu te rogo, Gouvernail, que te encarregues de me louvar perante ele.

O criado foi então à procura do Rei Agwisance, da Irlanda, e o saudou com toda a cortesia. O monarca lhe deu as boas-vindas e lhe perguntou o que ele desejava. Senhor, disse Gouvernail, perto daqui há um cavaleiro que deseja vos falar. Ele me manda dizer-vos que gostaria de vos prestar o serviço de que precisais. Quem é esse cavaleiro?, indagou o rei. Senhor, respondeu o criado, trata-se de Sir Tristão de Liones, que quer retribuir, neste país, as boas graças que lhe demonstrastes em vossas terras. Vem comigo, rapaz, disse o rei, e leva-me imediatamente ao encontro de Sir Tristão. Pegou então um cavalo de passeio e, levando consigo um pequeno séquito, dirigiu-se à tenda de Sir Tristão. Quando o jovem o viu, correu ao seu encontro e fez menção de segurar seu estribo, mas o monarca desceu do cavalo com agilidade, e os dois se abraçaram. Meu gracioso senhor, disse Sir Tristão, muito obrigado pela grande bondade que tivestes para comigo em vossas terras. Naquela ocasião, fiz a promessa de vos prestar serviço sempre que isso estivesse em meu poder. Ah, gentil cavaleiro, replicou o rei, neste momento preciso muitíssimo de vós. Jamais precisei tanto da ajuda de qualquer

cavaleiro. Como assim, meu bem senhor?, perguntou Sir Tristão. Vou contar-vos a história toda, disse o monarca. Tive que deixar meu país e comparecer à corte do Rei Arthur, onde fui acusado da morte de um cavaleiro que era primo do bom cavaleiro Sir Lancelote. Por esta razão, Sir Blamore de Ganis, irmão de Sir Bleoberis, me desafiou a lutar com ele ou a procurar um cavaleiro que o fizesse por mim. Bem sei que os que provêm do sangue do Rei Ban, como Sir Lancelote e esses dois irmãos, são excelentes cavaleiros e mais difíceis de serem vencidos em batalha do que qualquer outro neste mundo. Senhor, replicou Sir Tristão, pela boa proteção que me concedestes na Irlanda e por minha senhora, vossa filha, a Bela Isolda, assumirei esta querela em vosso nome, mas com a condição de que me concedais duas coisas. A primeira é que me jureis que estais com a razão e que não haveis consentido na morte de tal cavaleiro. Depois, majestade, quando houver enfrentado tal combate e se Deus me der a graça de sair vencedor, vós me dareis uma recompensa. Trata-se de algo bem razoável que desejo vos pedir. Que Deus me ajude, disse o rei. Tereis o que quiserdes me pedir. Pois que assim seja, replicou Sir Tristão.



CAPÍTULO XXII

Como Sir Tristão lutou por Sir Agwisance, vencendo o seu adversário, e como este jamais se rendeu.

Enviai agora vossa resposta dizendo que vosso campeão está pronto, pois prefiro morrer em vossa querela do que vos ser desleal, disse Sir Tristão. Não tenho dúvida alguma a este respeito, replicou o rei, embora tal combate vá vos obrigar a vos haver com Sir Lancelote do Lago. Majestade, retrucou o jovem, Sir Lancelote é considerado o cavaleiro mais nobre do mundo, e bem sabeis que os cavaleiros de seu sangue são homens honrados que temem a vergonha. Quanto a Bleoberis, irmão de Sir Blamore, já o enfrentei e, por minha fé, não é desonra alguma dizer que é um bom cavaleiro. Pelo que se diz, assentiu o monarca, Blamore é o cavaleiro mais ousado. Pois que seja, senhor, disse Sir Tristão. Não será rechaçado, mesmo que fosse o melhor cavaleiro que, nos dias de hoje, porta escudo ou lança.

Assim sendo, o Rei Agwisance foi procurar o Rei Carados e os demais monarcas, que, nesse período, desempenhavam a função de juízes, e lhes disse que seu campeão estava preparado. Então, por ordem desses reis, Sir Blamore de Ganis e Sir Tristão foram chamados para ouvir a sentença. Quando os dois estavam perante os juízes, muitos reis e cavaleiros ficaram observando Sir Tristão e fazendo inúmeros comentários, pois ele havia matado o bom cavaleiro Sir Marhaus e vencido, em uma justa, outro bom cavaleiro, Sir Palamedes. Depois de ouvirem a sentença, ambos se retiraram para se preparar para o grande confronto.

Disse então Sir Bleoberis a seu irmão Sir Blamore: Gentil e querido irmão, lembra-te de que linhagem descendemos, de que homem é Sir Lancelote do Lago e de que não somos seus parentes mais ou menos distantes, mas filhos de irmãos. Jamais qualquer de nossos parentes saiu de um confronto envergonhado. Assim, pois, irmão, aceita a morte antes de incorrer em vergonha. Irmão, replicou Sir Blamore, nada tens a temer quanto a mim, pois nunca desonrarei os de meu sangue. Embora tenha certeza de que meu adversário é considerado um excelente cavaleiro, um dos melhores do mundo em sua idade, não me renderei, nem pronunciarei a palavra infame. Pode ser que ele me derrube com sua grande força de cavalaria, mas será mais fácil me matar do que ouvir de mim a rendição. Que Deus te proteja, disse Sir Bleoberis, pois terás à tua frente o mais poderoso cavaleiro com quem te defrontaste até hoje. Eu o conheço, porque já nos enfrentamos. Que Deus me proteja, disse Sir Blamore de Ganis. Conduziu então

seu cavalo a um dos extremos da liça enquanto Sir Tristão se dirigia ao outro. Lanças em riste, chocaram-se com a força de um trovão e, nesse choque, Sir Tristão, usando de muita força, derrubou Sir Blamore e seu cavalo no chão. Sem mais tardar, este deixou o animal, sacou da espada, ergueu o escudo e pediu a Sir Tristão que apeasse. Embora um cavalo tenha falhado comigo, disse ele, confio em Deus que a terra não falhará. Sir Tristão desmontou, preparou-se para a batalha, e ambos investiram um contra o outro impetuosamente, atacando e se esquivando, aplicando golpes e estocadas, e todos eram tão terríveis que os reis e cavaleiros presentes ficaram assombrados ao ver que os oponentes conseguiam se manter de pé. Lutavam com uma fúria que jamais se vira antes entre dois cavaleiros, pois Sir Blamore era tão ligeiro que não queria descansar, e todos se espantavam sem saber como ele tinha fôlego para continuar lutando. O local do confronto já estava todo ensanguentado quando, finalmente, Sir Tristão lhe descarregou tamanho golpe no alto de elmo que Sir Blamore caiu de costas. Sir Tristão ficou parado, fitando-o.

CAPÍTULO XXIII

Como Sir Blamore desejou que Sir Tristão o matasse; como este último o poupou, e como entraram em um acordo.

Quando conseguiu falar, Sir Blamore disse: Senhor Tristão de Liones, peço-vos, como nobre cavaleiro que sois, o melhor que já encontrei, que me mateis, pois não desejo viver assim nem que me fizessem senhor da terra inteira. Prefiro morrer com honra a viver com vergonha, e deveis me matar, Sir Tristão, ou nunca vencereis esta querela, pois jamais pronunciarei a palavra infame. Portanto, se vos atreveis a me matar, rogo-vos que assim o façais. Ao ouvi-lo falar assim, de forma tão cavalheiresca, Sir Tristão não soube o que fazer pensando, por um lado, na sua ascendência e que, por Sir Lancelote, não desejava matá-lo. Mas, por outro, não tinha escolha: ou obrigava-o a pronunciar a palavra infame ou teria que matá-lo.

Então, deixou a liça, aproximou-se dos reis que eram os juízes, ajoelhou-se diante deles e suplicou, em nome da honra de cada um deles, e também pelo Rei Arthur e por Sir Lancelote, que assumissem a decisão daquela questão. Pois, meus gentis senhores, disse o jovem, seria uma vergonha e uma lástima que o nobre cavaleiro que ali jaz morresse. Ora, bem o ouvistes dizer que não deseja ser coberto de vergonha, e rogo a Deus que ele não tenha que morrer nem ser desonrado por mim. Quanto ao rei por quem lutei, eu lhe peço, como seu campeão que sou, e verdadeiro cavaleiro nesta liça, que tenha misericórdia desse cavaleiro. Valei-me Deus!, exclamou o Rei Agwisance. Por vós, senhor Tristão, agirei como me pedistes, pois vos considero meu cavaleiro leal, e, portanto, do fundo de meu coração, rogo aos reis que desempenham aqui a função de juízes que assumam o caso em suas mãos. Estes resolveram então chamar Sir Bleoberis e lhe pedir conselho. Meus senhores, disse Bleoberis, embora meu irmão tenha sido vencido e levado a pior pela força das armas, atrevo-me a dizer que Sir Tristão pode ter derrotado seu corpo, mas não derrotou seu coração. E dou graças a Deus por ele não ter sido envergonhado neste dia, pois, antes que isto aconteça, eu vos rogo que mandeis Sir Tristão matá-lo. Não será assim, replicaram os juízes, pois seus adversários, tanto o rei quanto seu campeão, não desejam a perda de um cavaleiro do porte de Sir Blamore. Pois, meus senhores, disse Sir Bleoberis, de bom grado aceito o que decidirdes.

Então, chamaram o rei da Irlanda e o acharam cortês e afável. E, por decisão de todos, Sir Tristão e Sir Bleoberis levaram Sir Blamore, e os dois irmãos entraram em acordo com o Rei Agwisance e, depois disso, beijaram-se e

tornaram-se amigos para sempre. Sir Blamore e Sir Tristão também se beijaram e fizeram um juramento: nenhum dos dois irmãos voltaria a lutar com Sir Tristão, nem Sir Tristão com eles. Graças a esta batalha sensível, toda a família de Sir Lancelote passou a amar Sir Tristão para o resto da vida.

Então Sir Tristão e o Rei Agwisance se despediram e embarcaram para a Irlanda com grande honra e satisfação. Lá chegando, o monarca fez saber a todo o país o que o cavaleiro havia feito por ele e como havia se saído. Então, a rainha e todos os que ali estavam lhe prestaram todas as honras possíveis. Mas a alegria que a Bela Isolda sentiu não se pôde expressar em palavras, pois, de todos os homens da terra, ele era o que ela mais amava.

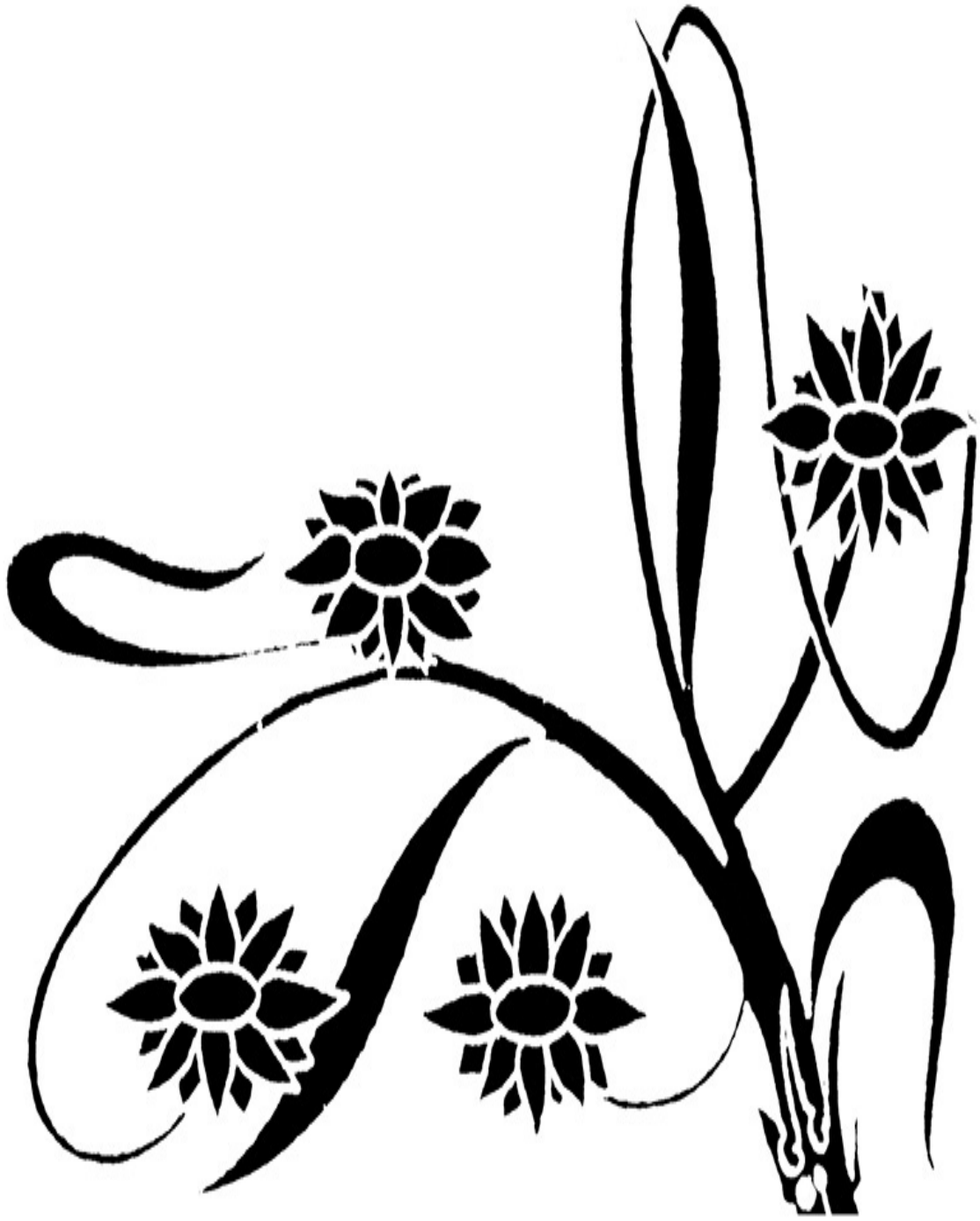
CAPÍTULO XXIV

Como Sir Tristão pediu a Bela Isolda em nome do Rei Marcos, e como o casal bebeu a poção do amor.

Certo dia, o Rei Agwisance perguntou a Sir Tristão por que ele ainda não lhe fizera o pedido anunciado, pois, o que quer que fosse, ele o teria como prometido. Majestade, disse o cavaleiro, é chegada a hora de fazê-lo. O que desejo é que me concedeis a Bela Isolda, vossa filha, não para mim, mas para meu tio, o Rei Marcos, que fará dela sua esposa, e prometi que cumpriria esta missão em seu nome. Ai, lamentou-se o monarca, mais do que toda a terra que possuo, preferiria mil vezes casá-la convosco. Mas, se assim fosse, senhor, eu carregaria eterna vergonha neste mundo por faltar com minha palavra. Portanto, acrescentou, rogo-vos que mantenhais a promessa que me fizestes, pois este é meu desejo: que me concedeis a mão da Bela Isolda para que ela parta comigo para a Cornualha e se case com o Rei Marcos, meu tio. Quanto a isso, respondeu o Rei Agwisance, nada tendes a temer: vós a tereis para fazer o que quiserdes, ou seja, se quiserdes desposá-la vós mesmo, me daria grande alegria, e, se quiserdes entregá-la a vosso tio, o Rei Marcos, a escolha será toda vossa. E, para abreviar a conclusão, a Bela Isolda foi preparada para partir com Sir Tristão, e, com eles, seguiram Lady Bragwaine, sua dama principal, e várias outras.

Então a rainha, mãe de Isolda, entregou a Lady Bragwaine e a Gouvernail uma bebida pedindo-lhes que, no dia em que o Rei Marcos e a jovem se casassem, entregassem a Rei Marcos, que deveria brindar em homenagem à Bela Isolda e beber com ela. Para concluir, a rainha disse: assim estou certa de que os dois hão de se amar por todos os dias de sua vida. E assim foi feito, Lady Bragwaine e Gouvernail levaram tal bebida. Pouco depois, Sir Tristão se fez ao mar com a Bela Isolda e, quando estavam em seus aposentos, aconteceu-lhes de sentir sede. Viram, ao seu lado, um pequeno frasco de ouro que, pela cor e pelo sabor, parecia um vinho de qualidade. Então, o cavaleiro pegou o frasco e disse: Senhora Isolda, eis o melhor licor que já bebestes e que a senhora Bragwaine, vossa donzela, e Gouvernail, meu criado, estavam guardando para si mesmos. Rindo, por acharem aquilo muito divertido, os dois se ofereceram várias vezes o conteúdo do tal frasco e beberam em abundância, acreditando que nunca haviam experimentado licor tão doce e saboroso. Quando, porém, já haviam ingerido aquele líquido, passaram a amar-se tanto um ao outro que esse amor jamais os abandonou, por ventura ou desventura. E assim nasceu o eterno amor entre Tristão e a Bela Isolda.

Seguiram navegando até chegarem perto de um castelo chamado Pluere, onde desembarcaram para descansar, julgando que lhes dariam bom pouso. Mas, assim que Tristão entrou no lugar, o casal foi feito prisioneiro, pois aquele era o costume de tal castelo: quem quer que passasse por seus portões com uma dama deveria necessariamente lutar com seu senhor, que se chamava Breunor. Se, por acaso, Breunor saísse vencedor, o estrangeiro e sua dama deveriam ser condenados à morte, fossem eles quem fossem. E se o cavaleiro estrangeiro saísse vencedor, deveriam morrer Breunor e sua dama. O costume vinha sendo seguido no castelo havia muitos invernos, e era por isso que o local se chamava Castelo Pluere, que quer dizer Castelo do Pranto.



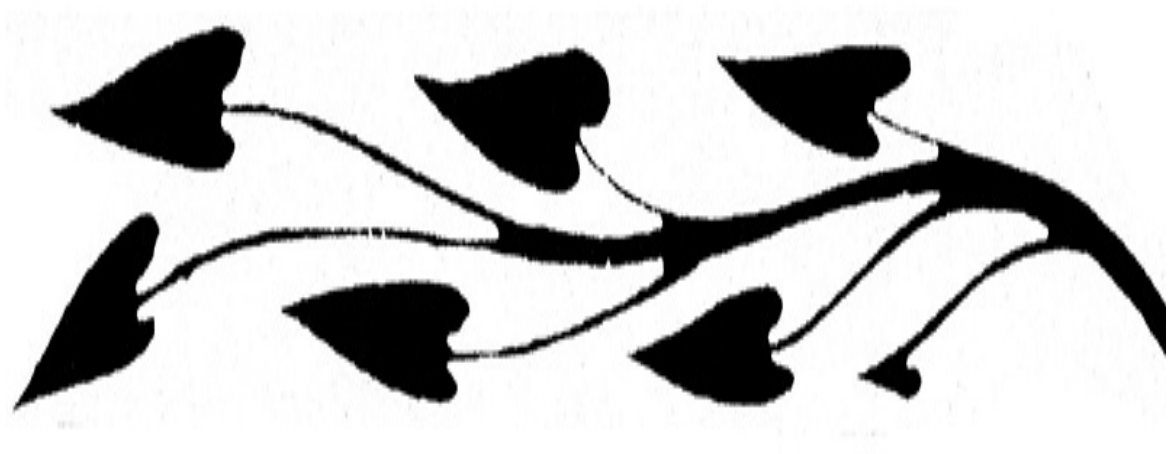
CAPÍTULO XXV

Como Sir Tristão e Isolda foram aprisionados; como ele lutou por sua beldade e como decapitou outra dama.

Enquanto Sir Tristão e a Bela Isolda estavam na prisão, apareceram ali um cavaleiro e uma dama tentando animá-los. Muito me espanta, disse Tristão aos recém-chegados, ver que o senhor deste castelo nos mantém prisioneiros sem que eu imagine por que motivo seja. Nunca foi costume, em qualquer lugar honrado onde já estive, que, quando um cavaleiro e uma dama pedissem pousada, os senhores os acolhessem para, depois, destruir aqueles que deviam ser seus hóspedes. Senhor, replicou o outro, este é um velho costume deste castelo: qualquer cavaleiro que por aqui chegue tem necessariamente que enfrentar nosso senhor e que o mais fraco perca a cabeça. Depois disso, se a dama que o acompanhava for mais feia do que a de nosso senhor, ela também perderá a cabeça, mas, caso seja mais formosa, é a senhora do castelo que perderá a sua. Valha-me Deus, exclamou Sir Tristão, que costume mais deplorável e vergonhoso! Mas, pelo menos, tenho uma vantagem, pois a dama que trago comigo é extremamente bela, como jamais vi outra na vida, e não temo que possa perder a cabeça por falta de beleza. E, antes que eu perca a minha, lutarei por ela em campo aberto. Portanto, senhor cavaleiro, rogo que digais a vosso senhor que estarei pronto amanhã, juntamente com minha dama, para enfrentá-lo, contanto que possa ter meu cavalo e minha armadura. Senhor, replicou o cavaleiro, cuidarei para que vosso desejo seja satisfeito. Descansai, acrescentou ele, e tratai de estar de pé com a alvorada e prontos, vós e vossa dama, pois nada vos faltará do que for necessário. Dizendo isso, partiu e, ao alvorecer do dia seguinte, lá estava ele de novo para tirá-los da prisão. Entregou a Sir Tristão seu cavalo e sua armadura e mandou que se preparasse para ir a campo, pois toda a gente de Sua Senhoria, nobre e plebeus, estava pronta para contemplar aquela luta.

Foi então que apareceu Sir Breunor, senhor daquele castelo, trazendo pela mão a sua dama, cujo rosto estava oculto por um capuz, e perguntou ao cavaleiro onde estava a sua. Pois se vossa dama for mais formosa, com vossa espada tereis de decepar a cabeça da minha; caso contrário, eu deceparei a cabeça da vossa com minha espada. E, se a vitória for minha, vossa dama também o será e perdereis a cabeça. Senhor, retrucou Sir Tristão, deplorável costume este, e terrível. Mil vezes eu perder a cabeça do que ver isso acontecer com minha dama. Não, não, replicou Sir Breunor. Antes de mais nada, as damas devem ser mostradas juntas, e cada

qual receberá sua avaliação. Não será assim, exclamou Sir Tristão, pois não há ninguém aqui que faça uma avaliação justa, embora não tenha a menor dúvida de que minha dama é mais formosa que a vossa. Mas hei de prová-lo e farei o melhor com minhas mãos. E a quem disser o contrário, hei de prová-lo em sua cabeça. Tendo dito isso, Sir Tristão mostrou a Bela Isolda e, com a espada desembainhada na mão, a fez girar três vezes. Ao ver isso, Sir Breunor fez exatamente o mesmo com sua dama, mas, quando contemplou a Bela Isolda, pensou que jamais tinha visto dama mais formosa e temeu que a sua tivesse a cabeça decepada. Todos ali presentes consideraram que a Bela Isolda era a mais bela e a mais bem-apessoada. E agora?, indagou Sir Tristão. Creio que seria uma lástima que vossa senhora perdesse a cabeça, mas, como já faz muito tempo que vós ambos seguis este costume cruel, e muitos bons cavaleiros e damas perderam a vida por vossa causa, não seria perda alguma destruir os dois. Que Deus me proteja, disse Sir Breunor, pois, na verdade, vossa dama é mais formosa do que a minha, o que lamento muito. Todos sempre me disseram isso, pois, de todas as mulheres que já vi na vida, nenhuma era tão bela. Portanto, se quiserdes matar minha dama, não duvideis que vos matarei e ficarei com a vossa. Para conseguir isso, retrucou Sir Tristão, pagareis mais caro do que qualquer cavaleiro já pagou para conquistar uma dama. E, por culpa de vosso próprio juízo, pois era o que faríeis com a minha dama se ela fosse a mais feia, e também desse costume cruel, entregai-me vossa dama. O jovem se aproximou, pegou a dama e de um só golpe lhe cortou a cabeça. Pois bem, cavaleiro, agora vós me fizestes grande afronta.



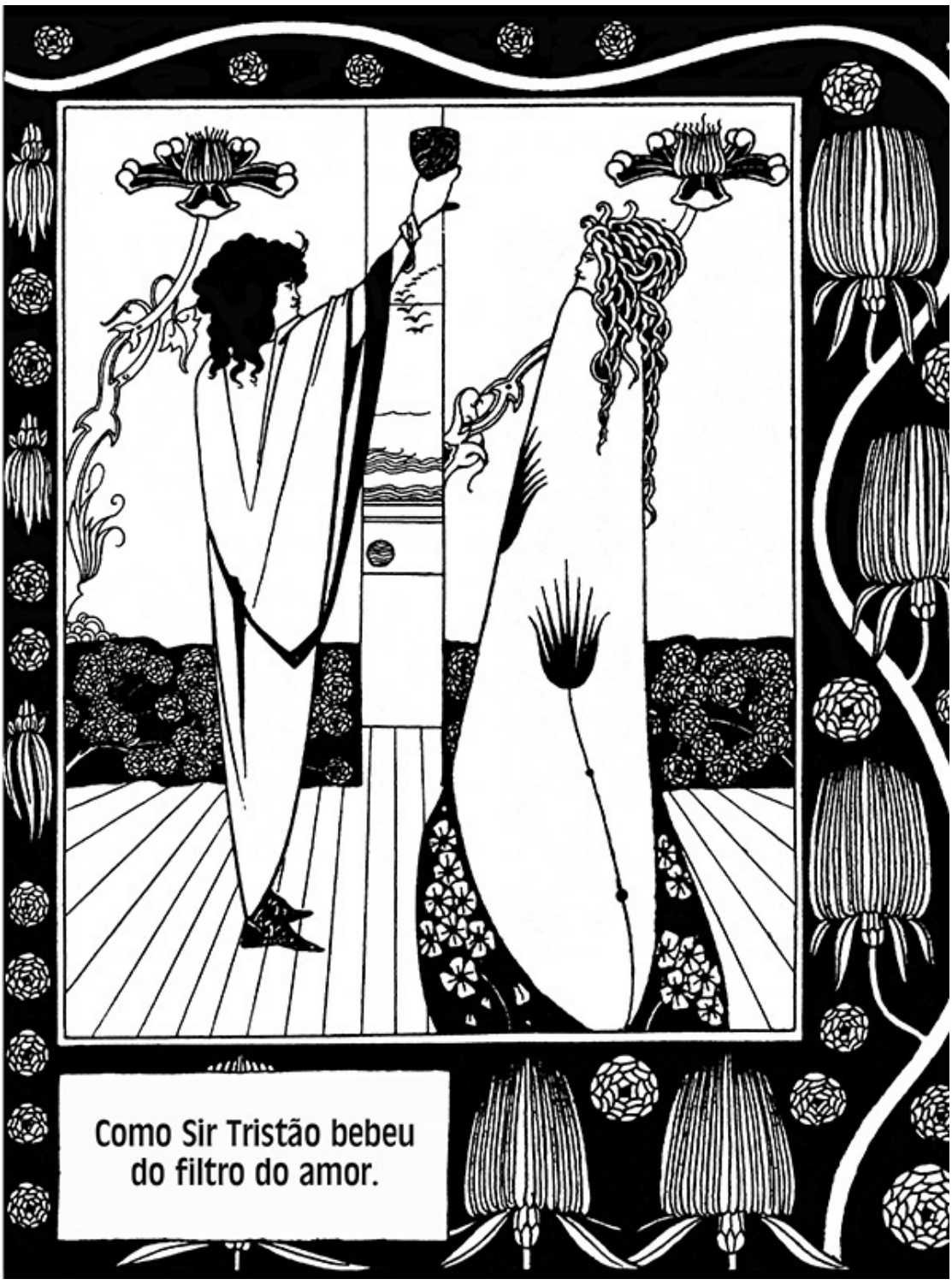
CAPÍTULO XXVI

Como Sir Tristão enfrentou Sir Breunor e, finalmente, lhe cortou a cabeça.

Tomai agora vosso cavalo, prosseguiu ele, e, já que estou sem dama, tratarei de ganhar a vossa. Os dois então montaram, e o confronto entre eles foi como um trovão. Sir Tristão não teve dificuldades em derrubar Sir Breunor, mas este logo se pôs de pé. Quando Sir Tristão voltou a se aproximar, Sir Breunor passou a espada no pescoço do cavalo, que, depois de correr para um lado e para outro, caiu morto no chão. Sir Breunor ficou tentando chegar por trás do animal para matar Sir Tristão. Este, porém, sendo rápido e ágil, logo se desvencilhou do cavalo morto. Mas, antes que pudesse erguer o escudo e sacar da espada, seu adversário lhe deu quatro estocadas terríveis. Investiram um contra o outro como dois javalis, atacando e se esquivando com força e destreza, como dois nobres cavaleiros que eram, pois Sir Breunor era experiente e, até aquele momento, já havia matado inúmeros bons adversários. Era, portanto, lamentável que houvesse resistido tanto.

E continuaram lutando assim, atacando aqui e ali, por cerca de duas horas, ferindo-se mutuamente com gravidade. Finalmente, Sir Breunor se lançou sobre Sir Tristão e o segurou firme com os braços, pois confiava muito na própria força. Acontece que Sir Tristão era considerado o cavaleiro mais alto e mais forte do mundo, mais forte até do que Sir Lancelote, embora este último tivesse mais fôlego. De repente, Sir Tristão atirou seu adversário de bruços no chão, arrancou-lhe o elmo e lhe cortou a cabeça. Toda a gente do castelo correu até lá para lhe render homenagem e pedir que permanecesse ali por algum tempo para pôr fim àquele costume tão cruel, e o mancebo concordou. Nesse meio-tempo, um dos cavaleiros do castelo foi procurar Sir Galahad, o Alto Príncipe, nobre cavaleiro filho de Sir Breunor, e lhe contou a desventura ocorrida a seus pais.




Como Sir Tristão bebeu
do filtro do amor.

CAPÍTULO XXVII

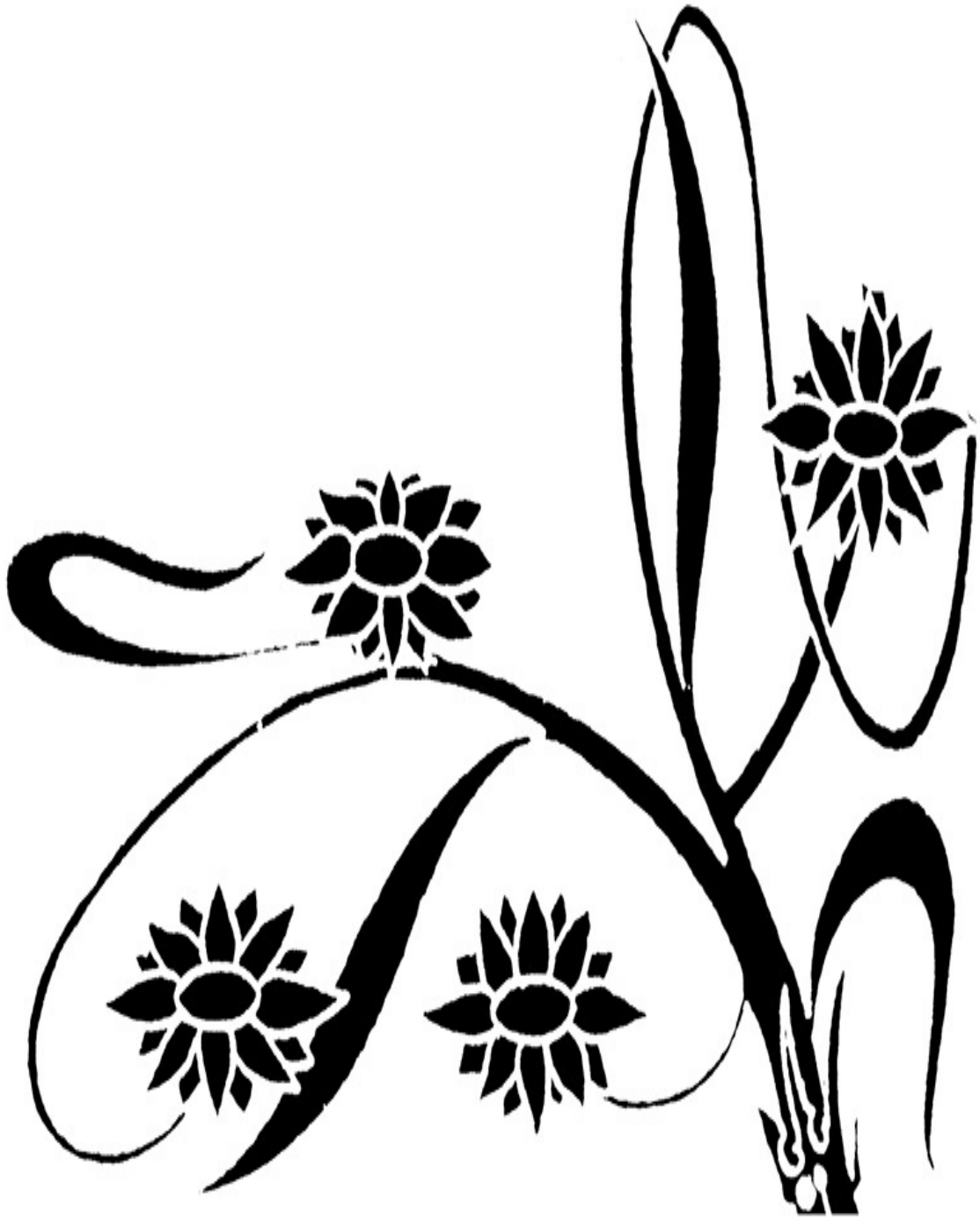
Como Sir Galahad enfrentou Sir Tristão, e como este acabou se rendendo e jurando amizade a Sir Lancelote.

Logo chegou Sir Galahad e, com ele, o Rei dos Cem Cavaleiros. O primeiro desafiou Sir Tristão para um combate, e, com grande coragem, os dois se prepararam para lutar a cavalo. Sir Galahad e Sir Tristão atacaram com tanta força que um derrubou o outro com cavalo e tudo. Deixaram então os animais, como nobres cavaleiros, ergueram seus escudos, desembainharam as espadas furiosamente e trocaram fortes golpes, às vezes cortando, às vezes dando estocadas, atacando e se esquivando como cavaleiros valorosos que eram. Lutaram assim por muito tempo, quase metade do dia, e ambos já estavam bem feridos. Finalmente, Sir Tristão se mostrou hábil e ligeiro, redobrou seus golpes, fazendo com que Sir Galahad recuasse de um lado para outro.

Parecia que ele ia matar seu adversário, mas, nesse instante, o Rei dos Cem Cavaleiros, acompanhado de todos os seus homens, avançou ferozmente sobre Sir Tristão. Ao vê-los chegar assim, o jovem percebeu que não teria como resistir e, então, como cavaleiro experiente, disse a Sir Galahad, o Alto Príncipe: Senhor, não me dai mostra alguma de sua nobreza cavaleiresca permitindo que todos os vossos homens me enfrentem ao mesmo tempo e, como creio que sois um nobre cavaleiro por vossas próprias mãos, esta atitude é uma vergonha para vós. Por Deus, replicou Sir Galahad, não tendes outra saída senão vos render a mim, pois, do contrário, morrereis. Mil vezes render-me a morrer, porque isso acontecerá mais pela força de vossos homens do que por vossas próprias mãos. Dizendo isso, Sir Tristão pegou sua espada pela ponta, botando o pomo nas mãos de seu adversário.

Foi então que o Rei dos Cem Cavaleiros se aproximou e começou a atacar Sir Tristão com toda a fúria. Parai, disse Sir Galahad. Não ousai tocá-lo, pois concedi a vida a este cavaleiro. Pois é vergonhoso para vós, retrucou o Rei dos Cem Cavaleiros. Ele não matou vosso pai e vossa mãe? Quanto a isso, disse Sir Galahad, não posso na verdade culpá-lo, porque meu pai fez dele prisioneiro e o forçou a lutar. E meu pai tinha um costume deplorável: quando chegava um cavaleiro para lhe pedir pousada, a dama que viesse com ele morreria necessariamente, a menos que fosse mais formosa do que minha mãe. Se meu pai vencesse, o cavaleiro deveria necessariamente morrer. Era um costume vergonhoso tratar dessa forma quem viesse lhe pedir pousada e, por causa desse

costume, jamais quis me aproximar dele. Por Deus!, exclamou o rei. Realmente um costume vergonhoso. Na verdade, prosseguiu Sir Galahad, era exatamente o que eu pensava e creio que seria uma grande lástima matar este cavaleiro com quem acabo de lutar, pois atrevo-me a dizer que é o homem mais nobre entre todos os que vivem, à exceção de Sir Lancelote do Lago. Agora, gentil cavaleiro, peço-vos que me digais vosso nome, de onde vindes e aonde pretendeis ir. Senhor, chamo-me Tristão de Liones e fui enviado pelo Rei Marcos, da Cornualha, para levar uma mensagem ao Rei Agwisance, da Irlanda, e pedir a mão de sua filha em seu nome. Ela está aqui, pronta para seguir viagem comigo até a Cornualha e se chama a Bela Isolda. Ah, Sir Tristão, exclamou Sir Galahad, o Alto Príncipe, seja bem-vindo a estas terras. Se me prometeis ir procurar Sir Lancelote do Lago e lhe fazer companhia, podereis ir aonde quiserdes levando consigo vossa formosa dama. Eu vos prometo que, nunca mais, enquanto eu viver, tal costume voltará a ser adotado neste castelo como foi até hoje. Senhor, disse Sir Tristão, posso dizer-vos agora que, quando vos vi pela primeira vez, pensei que fôsseis Sir Lancelote do Lago e por isso vos temi mais. Eu vos prometo que, assim que puder, irei ver Sir Lancelote do Lago e serei seu companheiro, pois, entre todos os cavaleiros do mundo, a sua companhia é a que mais desejo.



CAPÍTULO XXVIII

Como Sir Lancelote encontrou Sir Carados, que havia capturado Sir Gawaine e o levava consigo, e o resgate de Sir Gawaine.

Vendo que era chegada a hora, Sir Tristão se despediu e se fez ao mar. Nesse ínterim, porém, chegou aos ouvidos de Sir Galahad e de Sir Tristão a notícia de que Sir Carados, o poderoso rei, que era de um tamanho gigantesco, estava lutando com Sir Gawaine. O rei deu tantos e tamanhos golpes no cavaleiro que este último desfaleceu ainda montado. Então, o rei o pegou pelo pescoço, retirou-o da sela, prendeu-o firmemente aos arreios do animal e se pôs a caminho de seu castelo levando-o consigo. Enquanto Sir Lancelote estava cavalgando, encontrou por acaso com Sir Carados e não tardou a reconhecer Sir Gawaine, que ia deitado e amarrado na garupa de seu cavalo. Ah, perguntou Sir Lancelote, dirigindo-se a Sir Gawaine, como estais? Pior do que nunca, a menos que me ajudeis, com a graça de Deus, pois se não fordes vós a me resgatar não conheço nenhum outro cavaleiro capaz de fazê-lo. Ou vós ou Sir Tristão. Sir Lancelote se condoeu ao ouvir essas palavras e disse a Sir Carados: Descei este cavaleiro e lutai comigo. Não passais de um tolo, replicou o rei. Pois vou vos servir como servi a ele. Quanto a isso, não vos preocupeis em me poupar, disse Sir Lancelote, porque vos previno que não vos pouparei. Sir Carados amarrou então os pés e as mãos de Sir Gawaine e o atirou ao chão. Pegou a lança que seu escudeiro lhe estendia e se afastou de Sir Lancelote para tomar impulso. Quando os dois se encontraram, ambos quebraram as lanças até a altura da empunhadura, então, desembainharam as espadas e continuaram lutando a cavalo por mais de uma hora. Finalmente, Sir Lancelote desfechou tamanho golpe no elmo de seu adversário que lhe abriu o alto do cérebro. Então, pegou Sir Carados pelo pescoço e o atirou aos pés do cavalo. Depois, desmontou, arrancou-lhe o elmo e lhe decepou a cabeça. Em seguida, foi desamarrar Sir Gawaine. Esta história foi relatada a Sir Galahad e a Sir Tristão, e ambos concordaram que era um feito digno da nobreza daquele cavaleiro. Ai, exclamou Sir Tristão, se não estivesse cumprindo a incumbência de levar comigo esta gentil dama, por certo não pararia até conseguir encontrá-lo. Assim, pois, Sir Tristão e a Bela Isolda embarcaram e chegaram à Cornualha, onde foram recebidos por todos os barões do reino.

CAPÍTULO XXIX

O casamento do Rei Marcos com a Bela Isolda e o que aconteceu depois envolvendo sua dama de companhia Bragwaine e Sir Palamedes.

Logo o rei e a jovem se casaram com grande pompa. Mas, como diz o livro francês, Sir Tristão e a Bela Isolda jamais deixaram de se amar. Na ocasião, em que houve grandes justas e torneios, além de um banquete com a presença de muitos senhores e senhoras, Sir Tristão foi o mais elogiado. Os festejos se estenderam por muito tempo, mas, quando tudo havia terminado, duas das damas que haviam acompanhado a Rainha Isolda puseram-se de acordo para destruir, por ódio e inveja, Lady Bragwaine, que era donzela e dama de companhia da soberana. Mandaram então que ela fosse à floresta para colher umas ervas e ali a prenderam, com pés e mãos amarrados a uma árvore. A pobre permaneceu naquele local por três dias, até que, por sorte, Sir Palamedes a encontrou e a livrou da morte certa, levando-a a um convento que ficava nas proximidades, para que ela se recuperasse. Quando Isolda, a rainha, deu por falta de sua donzela, lamentou-se tanto quanto nenhuma rainha jamais havia feito, pois a amava mais do que a qualquer outra mulher na face da Terra e por essa razão a havia escolhido para vir consigo a outro país. Um dia, a Rainha Isolda foi até a floresta para afastar aqueles pensamentos tristonhos e parou junto a uma fonte, onde se pôs a chorar. Palamedes, que havia ouvido todos os seus lamentos, aproximou-se e lhe disse: Senhora Isolda, se me concederdes um desejo, eu vos trarei de volta Lady Bragwaine sã e salva. A rainha tanto se alegrou com o que ouviu que, sem pensar duas vezes, concedeu-lhe o que quer que ele pedisse. Pois bem, majestade, disse Palamedes, confio em vossa promessa e, se quereis esperar aqui mesmo por meia hora, hei de trazê-la até vós. Estarei à vossa espera, disse a Bela Isolda. Sir Palamedes rumou então para o convento e voltou pouco depois trazendo consigo Lady Bragwaine, que aceitou ir até lá contra a própria vontade, pois sabia que, por amor à rainha, corria perigo de vida. Quando a rainha viu sua dama, ficou contentíssima. Agora, majestade, disse Sir Palamedes, lembrai-vos de vossa promessa, porque cumpri a minha. Senhor Palamedes, replicou a soberana, não sei qual é vosso desejo, mas sabei que, embora vos tenha feito uma promessa generosamente, não pensava em nada de ruim e quero vos prevenir que não farei nada que não seja correto. Majestade, disse Sir Palamedes, ainda não sabereis qual é o meu desejo, mas perante meu senhor, vosso marido, quero ver concedido o que me haveis prometido. Então, a rainha partiu, regressando para o lado do rei, e Sir Palamedes

a seguiu. Quando se viu diante do monarca, o cavaleiro disse: Majestade, peço-vos que, como rei justo que sois, me façais justiça. Dizei-me qual é vossa causa, replicou o rei, e tereis justiça.

CAPÍTULO XXX

Como Palamedes exigiu a Rainha Isolda; como Lambegus os perseguiu para salvá-la, e como Isolda escapou.

Majestade, disse Palamedes, prometi à vossa rainha, Isolda, que traria de volta Lady Bragwaine, que tinha se perdido, mas com a condição de que ela me concedesse um desejo, e, sem protestar, nem refletir, ela me prometeu que assim o faria. Que tendes a dizer, minha senhora?, perguntou o rei. Foi como ele diz, e que Deus me ajude, respondeu a rainha. Para dizer a verdade, prometi o que ele pedisse em nome do amor e da satisfação que sentia em voltar a vê-la. Pois, senhora, declarou o monarca, embora tenhais sido apressada em lhe conceder o dom que ele vos pedisse, quero que cumprais vossa promessa. Então, disse Palamedes, sabei que quero vossa rainha para levá-la comigo e mantê-la onde me aprouver. Ao ouvir isso, o rei ficou calado, lembrou-se de Sir Tristão e cogitou que ele a resgatasse. Assim, pois, não tardou muito a responder: Levai-a sabendo das aventuras que isso poderá acarretar, pois dessa forma creio que não desfrutareis da presença da rainha nem por um momento. Quanto a isso, retrucou Palamedes, sabei que muito me agrada o risco de tais aventuras. E, para abreviar a história, Sir Palamedes pegou a Bela Isolda pela mão e disse: Senhora, não protesteis em vir comigo, pois tudo que faço é cobrar vossa própria promessa. Pois bem, replicou a rainha, embora tenhais tirado proveito de minha promessa, a ideia de ir convosco não me assusta tanto, pois não duvido que serei honrosamente resgatada de vossas mãos. Pois que aconteça o que tiver que acontecer, disse Palamedes. Com a Rainha Isolda na garupa, este partiu para seu caminho.

Mais que depressa, o monarca mandou que fossem procurar Sir Tristão, mas não houve meios de ele ser encontrado, já que andava caçando pela floresta. Quando não estava usando as armas, este era seu costume habitual: cavalgar e caçar pelas florestas. Ai, exclamou o rei, agora estou coberto de vergonha para sempre, pois, com meu próprio consentimento, minha esposa e rainha estará perdida! Chegou então um cavaleiro chamado Lambegus que era um dos homens de Sir Tristão. Majestade, disse ele, já que vos fiais em meu senhor, sabei que, por ele, cavalgarei no encalço de vossa rainha e hei de resgatá-la, a menos que seja vencido. Muito obrigado, replicou o rei, e, se eu ainda estiver vivo, tratarei de vos recompensar. Então Sir Lambegus se armou e partiu atrás de Sir Palamedes, correndo o mais depressa que podia. Não tardou muito a encontrá-lo e, ao vê-lo, Sir Palamedes soltou a rainha. Quem sois?, perguntou. Sois Tristão? Não,

respondeu o outro, sou seu servo e me chamo Lambegus. Que lástima, replicou Palamedes. Antes fôsseis Tristão. Não duvido, disse Lambegus, mas, quando encontrardes Sir Tristão, tereis muitíssimo trabalho. Correram então ao encontro um do outro, quebraram suas lanças, sacaram as espadas e cortaram mutuamente seus elmos e suas cotas. Finalmente, Sir Palamedes feriu Sir Lambegus com tal gravidade que este caiu por terra, morto.

Buscou então com os olhos a Bela Isolda, mas ela havia desaparecido. Como podeis imaginar, Sir Palamedes jamais se sentiu tão pesaroso. A Bela Isolda saiu correndo pela floresta e, ao encontrar uma fonte, pensou em se afogar nela. Quis a fortuna que aparecesse um cavaleiro que possuía um castelo perto dali e que se chamava Sir Adtherp. Vendo a rainha em semelhante sofrimento, logo tratou de resgatá-la levando-a para seu castelo. Quando soube de quem se tratava, armou-se, pegou seu cavalo e disse que a vingaria de Palamedes. Cavalgou então até encontrá-lo, mas foi gravemente ferido por ele, que, por força, o obrigou a dizer por que motivo o enfrentava e a revelar que havia levado a rainha para seu castelo. Pois levai-me até lá, disse Palamedes, ou morrereis por minhas mãos. Senhor, replicou Sir Adtherp, estou tão ferido que não tenho condições de cavalgar, mas, se seguirdes por este caminho, chegareis a meu castelo, onde está a rainha. Ele, então, seguiu cavalgando até chegar ao tal castelo. De uma janela, a Bela Isolda o viu e mandou que a porta fosse firmemente trancada. Percebendo que não poderia entrar no castelo, Palamedes tirou as rédeas e a sela de seu cavalo, deixou-o pastar e sentou-se nos degraus da porta como um homem fora de seu juízo que nem sequer dá por si.

CAPÍTULO XXXI

Como Sir Tristão cavalgou em perseguição a Palamedes, como o encontrou e o enfrentou, e como o combate teve fim graças à intercessão de Isolda.

Voltemos agora a Sir Tristão, que, ao regressar e descobrir que a Bela Isolda havia partido com Sir Palamedes, ficou extremamente furioso, como podeis imaginar. Ai, exclamou ele, no dia de hoje fui envergonhado! Aos brados, chamou seu criado Gouvernail. Apressa-te, preciso estar armado e a cavalo, pois bem sei que Lambegus não tem força nem condições de resistir a Sir Palamedes. Ai, é uma lástima que eu não estivesse em seu lugar! Assim que se armou e montou em seu cavalo, Sir Tristão e Gouvernail se embrenharam pela floresta e não tardaram a encontrar seu cavaleiro Lambegus mortalmente ferido. Sir Tristão o levou até o guardião da floresta e lhe pediu encarecidamente que cuidasse bem dele. Continuou cavalgando e encontrou Sir Adtherp, bastante ferido, e este lhe contou que a rainha teria se afogado se não fosse por sua chegada e que, por ela e por amor a seu senhor, havia tomado para si a tarefa de enfrentar Sir Palamedes. Onde está minha senhora?, perguntou Tristão. Senhor, respondeu o cavaleiro, está bem segura em meu castelo, desde que consiga se manter ali dentro. Muito obrigado, disse Sir Tristão, por vossa grande bondade. Mais uma vez, ele seguiu seu caminho até chegar perto do tal castelo e ver seu inimigo sentado diante da porta, dormindo, com seu cavalo pastando à frente. Vai até lá, Gouvernail, disse, e acorde Sir Palamedes e mande-o se preparar. A cavalo, Gouvernail se aproximou do cavaleiro e disse: Sir Palamedes, levantai-vos e armai-vos. O homem, porém, estava tão absorto em seus pensamentos que não ouviu as palavras de Gouvernail. Este voltou então até Sir Tristão e lhe disse que ou o cavaleiro estava dormindo ou havia enlouquecido. Vai até lá outra vez, replicou Sir Tristão, e diga-lhe que se levante, pois aqui está seu inimigo mortal. O criado retornou mais uma vez, pôs sobre o cavaleiro a extremidade de sua lança e disse: Senhor Palamedes, preparai-vos, pois bem sabeis que Sir Tristão está esperando por vós e manda que eu vos diga que é vosso inimigo mortal. Nesse instante, Sir Palamedes se levantou e, sem dizer uma palavra, pegou seu cavalo, selou-o e lhe pôs as rédeas, montou com destreza e pegou sua lança. Lança em riste, partiram em disparada para o mesmo ponto, e Sir Tristão derrubou Sir Palamedes pela traseira do animal. Este ergueu então seu escudo e desembainhou a espada. Nesse momento, teve início uma batalha intensa, pois os dois lutavam pelo amor da mesma dama. A rainha, por sua vez, da muralha do castelo, acompanhava aquela luta acirradíssima vendo como

ambos se feriam gravemente, embora Palamedes estivesse muito mais ferido. Lutaram assim, atacando e se esquivando, por mais de duas horas, de tal forma que a Bela Isolda quase perdeu os sentidos de tanta angústia e dor. Ai, exclamou ela, este é o homem que eu amava, e ainda amo. Já o outro, não amo nem um pouco, e ainda assim, seria uma lástima que Sir Palamedes acabasse morrendo, pois bem sei que, no fim desta batalha, Sir Palamedes será um homem morto e, por não ter sido batizado, eu lamentaria que morresse sarraceno. Pensando assim, desceu e suplicou a Sir Tristão que desse o combate por encerrado. Ah, senhora, exclamou ele, o que pretendeis? Que eu seja desonrado? Bem sabeis que farei o que disserdes. Não desejo vossa desonra, replicou a Bela Isolda, mas gostaria que, por mim, concedêsseis a vida a esse desventurado sarraceno, Palamedes. Senhora, replicou Sir Tristão, por vós, pararei de lutar nesta ocasião. Então, ela disse a Sir Palamedes: Esta será vossa sentença. Deixareis este país enquanto eu nele permanecer. Obedecerei às vossas ordens, retrucou ele, embora muito contra a minha vontade. Tomai o caminho da corte do Rei Arthur, prosseguiu a Bela Isolda, e apresentai minhas recomendações à Rainha Guinevere. E dizei que lhe faço saber que, nesta terra, só existem quatro amantes, que são Sir Lancelote do Lago e a Rainha Guinevere, e Sir Tristão de Liones e a Rainha Isolda.

CAPÍTULO XXXII

Como Sir Tristão trouxe a Rainha Isolda de volta para casa e do embate travado entre ele e o Rei Marcos.

E Sir Palamedes se foi com grande pesar. Sir Tristão pegou a rainha, levou-a de volta ao Rei Marcos, e todos na corte manifestaram extrema alegria com seu regresso. E todos os louvores foram para Sir Tristão. Este mandou então que trouxessem Sir Lambegus, seu cavaleiro, da casa do guardião da floresta, e ele demorou muito para ficar curado, mas acabou se recuperando. Todos viveram então em um clima de alegria e diversão por muito tempo. No entanto, Sir Andred, que era primo próximo de Sir Tristão, andava observando o cavaleiro e a Bela Isolda com a intenção de surpreendê-los e difamá-los. Certo dia, Sir Tristão falou com a Bela Isolda por uma janela. Sir Andred viu a cena e foi contar tudo ao rei. Então, o monarca pegou uma espada, foi ao encontro de Sir Tristão, chamou-o de falso traidor e quis lhe acertar um golpe. Mas o mancebo, que estava bem perto dele, passou por baixo da espada e a tirou das mãos de seu tio. Este começou a gritar: Onde estão meus cavaleiros e meus homens? Ordeno-vos que mateis este traidor! Ninguém, porém, se atreveu a fazer um movimento para obedecer àquela ordem. Vendo que nenhum cavaleiro queria enfrentá-lo, brandiu a espada na direção do monarca e fez menção de feri-lo. O Rei Marcos então fugiu, mas Sir Tristão foi atrás dele e lhe acertou cinco ou seis golpes no pescoço com a parte sem fio da lâmina, fazendo-o cair de cara no chão. Em seguida, partiu, armou-se, pegou seu cavalo e seus homens, e embrenhou-se com eles pela floresta.

Um dia, encontrou ali dois irmãos que eram cavaleiros do Rei Marcos. Cortou a cabeça de um deles e feriu gravemente o outro, mas mandou que ele levasse a cabeça do irmão em seu elmo e a apresentasse ao rei. Além disto, feriu ainda trinta outros homens. Quando o tal cavaleiro se apresentou perante o rei para lhe transmitir a mensagem de que fora incumbido, morreu bem na frente do rei e da rainha. O Rei Marcos convocou então seu conselho e pediu a seus barões sugestões quanto à melhor atitude a tomar com relação a Sir Tristão. Majestade, disseram eles, em especial Sir Dinas, o Senescal, nosso conselho é que mandeis buscar Sir Tristão, pois tendes que saber que muitos de nossos homens ficarão a seu lado se ele se encontrar em situação adversa. E, senhor, acrescentou ainda Sir Dinas, precisais entender que Sir Tristão é considerado único e inigualável entre todos os cavaleiros cristãos. Não conhecemos nenhum cavaleiro tão bom em termos de força e ousadia, à exceção de Sir Lancelote do Lago. Portanto, se ele se

for de vossa corte e se dirigir à corte do Rei Arthur, bem sabeis que terá ali amigos tais que hão de desconsiderar inteiramente vossos rancores. Aconselho-vos, pois, a mantê-lo em vossas boas graças. Aceito de bom grado a ideia de que o tragam de volta, replicou o monarca, para que possamos ser amigos. Então, os barões mandaram buscar Sir Tristão, que receberia um salvo-conduto. E, quando este voltou à corte, foi bem recebido, e não se fez qualquer menção ao ocorrido, havendo apenas manifestações de alegria e contentamento. Então, o rei e a rainha saíram para caçar levando Sir Tristão consigo.

CAPÍTULO XXXIII

Como Sir Lamorak justou contra trinta cavaleiros, e como Sir Tristão, a pedido do Rei Marcos, derrubou seu cavalo.

O rei e a rainha mandaram armar suas tendas e pavilhões nessa floresta, perto de um rio, e, diariamente, realizaram-se caçadas e justas, pois, naquele período, sempre havia trinta cavaleiros prontos para justar com qualquer um que aparecesse. Aconteceu então de chegarem Sir Lamorak de Galis e Sir Driant, e este último justou muito bem, até que, finalmente, foi derrubado. Então, Sir Lamorak se ofereceu para participar. Quando começou, tantas proezas realizou com os trinta cavaleiros que não houve um único deles que não caísse no chão, sendo que alguns ficaram bem feridos. Estou assombrado, disse o Rei Marcos. Quem é aquele cavaleiro que realiza tantos feitos com as armas? Majestade, respondeu Sir Tristão, eu o conheço bem como um dos mais nobres cavaleiros na Terra, e ele se chama Sir Lamorak de Galis. Seria uma grande vergonha que ele partisse assim, disse o rei, a menos que um de vós se saia melhor com ele. Senhor, replicou Sir Tristão, creio que não seria honra alguma para um homem nobre se haver com ele, uma vez que, nessa ocasião, já fez muito para um cavaleiro. Creio, portanto, que seria uma grande vergonha e infâmia exigir mais dele agora, tanto mais que cavaleiro e cavalo já estão bem cansados, pois as proezas que realizou hoje, se bem observadas, seriam suficientes para Sir Lancelote do Lago. Pois eu vos peço, disse o Rei Marcos, se amais a mim e à minha senhora rainha, a Bela Isolda, que pegueis vossas armas e justeis com Sir Lamorak de Galis. Majestade, retrucou Sir Tristão, o que me mandais fazer é contrário às regras da cavalaria, e acredito que posso derrubá-lo, o que não exigiria nenhuma habilidade especial, já que tanto eu quanto meu cavalo estamos descansados, e ele e seu animal, não. Sabei ainda que Sir Lamorak há de considerar isto como uma grande falta de cortesia, pois um bom cavaleiro não aceita enfrentar outro que esteja em desvantagem. No entanto, como não desejo vos aborrecer, farei o que me pedistes e obedecerei à vossa ordem.

Assim, pois, Sir Tristão armou-se, pegou seu cavalo e, com todo o ímpeto, correu ao encontro de Sir Lamorak. Com o impacto da própria lança e da lança de Sir Tristão, o cavalo caiu no chão com seu cavaleiro ainda montado. Desvencilhou-se do animal o mais depressa que pôde, ergueu o escudo, sacou da espada e disse a seu adversário: Desmontai, cavaleiro, se vos atreveis a fazê-lo. Não, replicou o jovem, não pretendo vos enfrentar, pois já fiz mais do que deveria

para minha desonra e honra vossa. Quanto a isso, retrucou Sir Lamorak, não tenho motivos para vos agradecer e, já que me haveis vencido a cavalo, peço-vos e suplico-vos, se sois Sir Tristão, que luteis comigo a pé. Não o farei, insistiu o mancebo. Bem sabeis que me chamo Sir Tristão de Liones e sei que sois Sir Lamorak de Galis. Tudo que fiz aqui foi contra a minha vontade, mas me foi exigido. E, embora a pedido vosso, não lutarei convosco porque me envergonho do que realizei. Quanto à vergonha, de vossa parte ou da minha, disse Sir Lamorak, podeis senti-la se quiserdes, pois, embora um filho de uma égua tenha falhado comigo, como filho de uma rainha não falharei convosco. Portanto, se sois o cavaleiro que dizem, peço-vos que desmonteis e luteis comigo. Senhor Lamorak, disse Sir Tristão, sei que vosso coração é grande e, para dizer a verdade, sei que tendes motivos, pois eu me sentiria ofendido se um cavaleiro se mantivesse descansado para, depois, derrubar outro que esteja fatigado, já que tanto o cavaleiro quanto o cavalo não foram feitos de forma a aguentar e resistir para sempre. Por isso, não quero me haver convosco e me arrependo do que fiz. Pois bem, replicou Sir Lamorak, cuidarei para estarmos quites na primeira oportunidade.

CAPÍTULO XXXIV

Como Sir Lamorak enviou um corno ao Rei Marcos, por despeito a Sir Tristão, e como este último foi conduzido a uma capela.

Foi-se embora, com Sir Driant, e, no caminho, encontraram um cavaleiro que a Fada Morgana estava enviando ao Rei Arthur. Ele levava um belo corno guarnecido de ouro que tinha uma virtude: nenhuma senhora ou dama podia beber nele a não ser que fosse fiel a seu marido. Se ela fosse falsa, toda a bebida se derramava, mas, se fosse fiel a seu senhor, podia beber tranquilamente. Tal corno estava sendo enviado ao Rei Arthur para a Rainha Guinevere, por despeito a Sir Lancelote, e Sir Lamorak forçou o cavaleiro a lhe dizer por que motivo estava levando o corno para o monarca. Pois, agora, levareis este presente ao Rei Marcos, a menos que prefirais morrer. Eu vos digo sem rodeios que, por despeito e reprovação a Sir Tristão, entregareis este corno ao Rei Marcos, seu tio, dizendo-lhe que estou enviando tal presente para que sua esposa seja submetida a uma prova e, se ela for fiel, que comprove isso. Assim, pois, o cavaleiro levou o rico corno ao Rei Marcos e lhe disse que quem o enviava era Sir Lamorak e lhe contando que virtude o objeto possuía. Então, o rei mandou que a Rainha Isolda e outras cem damas bebessem nele. De todas elas, apenas quatro puderam beber sem problemas. Ai, exclamou o monarca, que grande afronta me fazeis! E jurou que tanto sua rainha quanto as outras seriam queimadas.

Reuniram-se então os barões e deixaram claro que não queriam que aquelas damas fossem queimadas por causa de um corno criado por feitiçaria e que provinha da feiticeira e bruxa mais falsa da face da Terra. Tal objeto não trazia nenhum bem a quem quer que fosse; pelo contrário, só provocava brigas e desentendimentos, e Morgana sempre havia sido inimiga dos que amavam de verdade. Muitos cavaleiros prometeram demonstrar pouca ou nenhuma cortesia à Fada Morgana se porventura viessem a encontrá-la. Sir Tristão também ficou irritadíssimo ao saber que Sir Lamorak havia enviado aquele corno ao Rei Marcos, pois não ignorava que o outro só fizera isso para menosprezá-lo e, por essa razão, pensou retribuir aquele gesto.

Em geral, o mancebo procurava a Rainha Isolda sempre que possível, de dia ou de noite, e Sir Andred estava invariavelmente à espreita para surpreendê-la com ela. Certa noite, Sir Andred viu o momento em que Sir Tristão ia ao encontro de sua senhora. Reuniu então doze cavaleiros e, à meia-noite, apareceu de súbito e prendeu Sir Tristão inteiramente nu, deitado com a Bela Isolda. Amarraram-lhe os

pés e as mãos e o mantiveram assim até o amanhecer. Então, com o aval do Rei Marcos, Sir Andred e alguns barões levaram Sir Tristão até uma capela que ficava no alto dos rochedos à beira-mar onde ele deveria ser julgado. Acompanhavam-no quarenta cavaleiros. Quando Sir Tristão viu que não teria salvação e que ia morrer, disse: Gentis senhores, lembrai-vos do que fiz pelo país da Cornualha e que perigos enfrentei para o bem de todos vós, pois, quando lutei com o bom cavaleiro Sir Marhaus pelo tributo da Cornualha, me foi prometida a maior recompensa, uma vez que todos vós vos recusastes a enfrentá-lo. Por esse motivo, como bons e gentis cavaleiros que sois, não sejam testemunhas de minha morte em tais condições injuriosas, pois deixar-me morrer assim é uma afronta à ordem da cavalaria, já que, atrevo-me a dizer, jamais lutei com nenhum cavaleiro que fosse tão bom quanto ele. Na verdade, o melhor. Maldito sejais, traidor falso, exclamou Sir Andred, com toda essa presunção! Sabei que, apesar de vossa arrogância, hoje será o dia de vossa morte! Ah, Andred, Andred, replicou Sir Tristão, deveríeis ser meu parente e, agora, dais mostras de grande inimizade, mas, mesmo que estivéssemos sozinhos, vós e eu, não me mataríeis. Não!, exclamou Sir Andred e sacou da espada com a intenção de matá-lo.

Diante de tal gesto, Sir Tristão olhou para suas mãos que estavam firmemente amarradas a dois cavaleiros. De súbito, puxou-os para junto de si, conseguiu soltar as mãos, pulou sobre seu primo e lhe tirou a espada. Feriu então Sir Andred, deixando-o estendido no chão, e começou a lutar, até que matou dez dos cavaleiros que ali estavam. Depois disso, entrou na capela e a defendeu com todas as forças. Todos começaram então a gritar e muitos acudiram para ajudar Sir Andred. Eram mais de cem e, vendo-os se aproximar, Sir Tristão se lembrou de que estava nu. Trancou bem a porta da capela, quebrou os barrotes de uma janela, pulou por ela e se atirou no mar do alto do penhasco. Assim, naquela ocasião, nem Sir Andred nem seus companheiros conseguiram prendê-lo.

CAPÍTULO XXXV

Como Sir Tristão foi auxiliado por seus homens; como a Rainha Isolda foi encerrada em um leprosário, e como Tristão foi ferido.

Depois que todos partiram, Gouvernail, Sir Lambegus e Sir Sentraille de Lushon, que eram homens de Sir Tristão, saíram em busca de seu senhor. Ao saberem que ele havia escapado, muito se alegraram e foram encontrá-lo nos rochedos e, de lá, conseguiram tirá-lo usando umas toalhas. Então, Sir Tristão lhes perguntou onde estava a Bela Isolda, pois achava que tinha sido levada pelos homens de Andred. Senhor, disse Gouvernail, eles a encerraram em um leprosário. Ai, exclamou Sir Tristão, não há lugar mais impróprio para uma bela dama e, se eu puder, ela não ficará muito tempo lá. Reuniu então seus homens e dirigiu-se ao local onde estava a Bela Isolda. Tirou-a de lá, conduziu-a a uma floresta, onde, em uma formosa residência, passou a viver com ela. O bom cavaleiro voltou-se para seus homens dizendo-lhes que se afastassem dali. Pois, por ora, não posso vos ajudar, acrescentou. E todos se foram, à exceção de Gouvernail. Certo dia, Sir Tristão entrou na floresta para se divertir um pouco e acabou pegando no sono, mas chegou um homem cujo irmão havia sido morto por ele em outra ocasião. Ao vê-lo, o tal homem disparou uma flecha que lhe traspassou o ombro. Sir Tristão levantou-se de um salto e o matou. Nesse meio-tempo, foram contar ao Rei Marcos que Sir Tristão e a Bela Isolda estavam morando naquele local, e o monarca foi até lá o mais depressa que pôde, levando consigo muitos cavaleiros e com a intenção de matar o sobrinho. Lá chegando, porém, constatou que o cavaleiro não estava, mas levou a Bela Isolda de volta consigo e a manteve tão bem guardada que Tristão não teria meios de encontrá-la ou sequer de lhe enviar uma mensagem. Ao voltar à casa onde moravam, Sir Tristão viu marcas de muitos cavalos e logo soube que sua dama não estava mais ali. Foi tomado por uma grande tristeza e passou muito tempo sentindo dores, já que a flecha com a qual havia sido ferido estava envenenada.

Até que, a mando da Bela Isolda, uma dama que era prima de Lady Bragwaine veio procurá-lo e lhe disse que seu ferimento não podia ser curado. Como vossa dama, a Bela Isolda, não vos pode ajudar, ela vos pede para irdes sem mais tardar para a Bretanha à procura do Rei Howel. Lá encontrareis a filha dele, Isolda das Mãos Brancas, que vos auxiliará. Assim, pois, Sir Tristão e Gouvernail embarcaram rumo à Bretanha, e, quando o Rei Howel soube quem ele era, demonstrou grande alegria. Majestade, disse o cavaleiro, vim até vosso país

para receber ajuda de vossa filha, pois me disseram que ninguém além dela seria capaz de me curar. E, em pouco tempo, ele estava curado.



CAPÍTULO XXXVI

Como Sir Tristão serviu ao Rei Howel da Bretanha em uma guerra e matou seu adversário no campo de batalha.

Havia um conde chamado Grip que declarou guerra ao rei. Este estava levando a pior e lhe haviam imposto um cerco. Certa feita, Sir Kehydius, filho do Rei Howel, tentou furar tal cerco e foi gravemente ferido, ficando à beira da morte. Então, Gouvernail procurou o rei e lhe disse: Majestade, eu vos aconselho que pedis a meu senhor, Sir Tristão, que vos ajude nessa situação de necessidade. Seguirei vosso conselho, replicou o monarca. E foi ao encontro de Sir Tristão, rogando-lhe que o ajudasse naquela guerra. Pois meu filho, Sir Kehydius, não tem condições de ir ao campo de batalha, disse ele. Meu senhor, respondeu Sir Tristão, irei ao campo e farei o que puder. Saiu então da cidade com todos os homens que conseguiu reunir e realizou tamanhas proezas que toda a Bretanha começou a falar a seu respeito. Finalmente, com grande força e habilidade, matou o conde Grip com as próprias mãos e, nesse mesmo dia, matou ainda mais de cem cavaleiros. Então, Sir Tristão foi recebido em procissão, com todas as honras. O Rei Howel o tomou nos braços e disse: Senhor Tristão, gostaria de vos entregar todo o meu reino. Queira Deus que não, replicou o cavaleiro, pois estou muito grato a vós por vossa filha e posso fazer mais que isso.

Por intervenção do monarca e de seu filho Kehydius, e graças a esses nobres oferecimentos, nasceu um grande amor entre Isolda e Sir Tristão, pois tratava-se de dama honrada e formosa, mulher de sangue nobre e de grande renome. Sentindo-se assim tão contente e diante de tanta riqueza, além de todos os outros prazeres que o cercavam, Sir Tristão quase tinha se esquecido da Bela Isolda. Certo dia, ele aceitou casar-se com Isolda das Mãos Brancas, e suas bodas foram celebradas com toda a solenidade. Quando o casal estava na cama, ele se lembrou da Bela Isolda, sua antiga dama. Tal pensamento lhe ocorreu tão subitamente que ficou muito abalado e não deu qualquer outra demonstração de carinho além de abraços e beijos. Os outros prazeres carnais nem lhe passaram pela cabeça e nada aconteceu naquela ocasião, como menciona o livro francês. Tal livro também relata que a dama acreditou que não existiam outros prazeres além de beijos e de abraços. Nesse meio-tempo, um cavaleiro da Bretanha chamado Suppinabiles navegou até a Inglaterra, foi à corte do Rei Arthur, encontrou-se ali com Sir Lancelote do Lago e lhe falou do casamento de Sir Tristão. Maldito seja esse cavaleiro infiel à sua dama!, exclamou Lancelote. Como um cavaleiro tão nobre

quanto Sir Tristão pode trair sua primeira dama, a Bela Isolda, rainha da Cornualha? Dizei-lhe pois que, entre todos os cavaleiros do mundo, ele era quem eu mais amava. Sentia imensa satisfação com seus valorosos feitos. Que ele saiba, porém, que esse amor entre nós acabou para sempre e que lhe previno que, deste dia em diante, serei seu inimigo mortal.

CAPÍTULO XXXVII

Como Sir Suppinabiles contou a Sir Tristão que ele estava difamado na corte do Rei Arthur, e o que aconteceu com Sir Lamorak.

De volta à Bretanha, Sir Suppinabiles encontrou Sir Tristão e lhe disse que estivera na corte do Rei Arthur. Falaram a meu respeito?, perguntou o cavaleiro. Ah, que Deus me ajude, replicou o outro. Ouvi Sir Lancelote dizer coisas vergonhosas sobre vós, acusando-vos de ser falso para com vossa dama. E ele me pediu que vos dissesse que, doravante, será vosso inimigo mortal onde quer que vos encontreis. Isso me causa grande tristeza, disse Sir Tristão, pois, entre todos os cavaleiros, era de sua companhia que eu mais gostava. Lamentou-se então profundamente e sentiu vergonha ao saber que nobres cavaleiros o difamavam por causa de sua dama. Nesse meio-tempo, a Bela Isolda enviou uma carta à Rainha Guinevere, queixando-se da infidelidade de Sir Tristão e comunicando-lhe seu casamento com a filha do rei da Bretanha. Em sua resposta, a rainha lhe pediu que não perdesse o ânimo, pois após o sofrimento viria a alegria. Se Sir Tristão era considerado um cavaleiro tão nobre que, por artes de feitiçaria, todas as damas faziam com que homens como ele se casassem com elas. Finalmente, porém, dizia a Rainha Guinevere, vereis como ele deixará de amá-la e vos amará como nunca vos amou antes.

Mas deixemos Sir Tristão na Bretanha e falemos de Sir Lamorak de Galis, que, enquanto viajava, seu navio foi lançado ao encontro de rochedos e todos os seus ocupantes morreram, à exceção dele mesmo e de seu escudeiro. O cavaleiro nadou com todas as suas forças e foi recolhido por pescadores da ilha de Servage. Seu escudeiro, porém, se afogou, e os marinheiros tiveram muito trabalho para salvar a vida de Sir Lamorak, prestando-lhe todos os socorros que puderam.

O senhor daquela ilha se chamava Sir Nabon, o Negro, um gigante grande e poderoso que não gostava de nenhum cavaleiro da corte do Rei Arthur e, portanto, não queria saber de lhes prestar favor algum. Os pescadores alertaram Sir Lamorak para essa conduta de Sir Nabon, dizendo-lhe que não chegava por ali nenhum cavaleiro do Rei Arthur que ele não destruísse. Contaram-lhe ainda que, na última batalha que travou, havia matado Sir Nanowne, le Petit, a quem deu morte vergonhosa, arrancando-lhe os membros um a um, por desprezo pelo Rei Arthur. Muito lamento a morte de tal cavaleiro, disse Sir Lamorak, pois era meu primo, e, se estivesse com minha força habitual, vingaria sua morte. Podeis ficar tranquilo, retrucaram os pescadores, e não digais nada, pois, antes de partirdes,

Sir Nabon deve tomar conhecimento de vossa presença e, neste caso, morreríamos por vossa causa. Tão logo me sinta curado dos males adquiridos no mar, quero que ele saiba que sou um dos cavaleiros do Rei Arthur, pois jamais renegarei meu senhor por medo.

CAPÍTULO XXXVIII

Como Sir Tristão e sua esposa chegaram a Gales e como ele encontrou ali Sir Lamorak.

Voltemos agora a Sir Tristão, que, certo dia, levando sua esposa Isolda das Mãos Brancas, e seu irmão, Sir Kehydius, embarcou em um navio para levá-los a passeio pelo litoral. Quando já estavam longe da terra firme, veio um vento que os empurrou até a costa do país de Gales, rumo à ilha de Servage, onde estava Sir Lamorak. Ali, o barco se estraçalhou, e Lady Isolda ficou ferida. Não sem dificuldade, entraram em uma floresta e, junto a um poço, viram Segwarides e uma donzela. Então, saudaram-se uns aos outros. Senhor, disse Segwarides, eu vos reconheço. Sois Sir Tristão de Liones, aquele, entre todos os homens do mundo, que tenho mais motivos para detestar, porque haveis matado o amor que havia entre mim e minha esposa. No entanto, jamais odiarei um nobre cavaleiro por causa de uma dama leviana e, por esse motivo, rogo-vos que sejais meu amigo como serei vosso no que estiver em meu poder. Deveis saber que correis perigo neste vale, e ambos teremos muito trabalho para nos ajudar um ao outro. Então, Sir Segwarides trouxe até Sir Tristão uma dama que estava ali perto e que era nascida na Cornualha. Esta lhe falou de todos os perigos daquele vale, dizendo-lhe que nunca aparecia por ali cavaleiro algum que não fosse morto ou aprisionado. Bem sabeis, gentil senhora, disse Sir Tristão, que matei Sir Marhaus e livrei a Cornualha do tributo a ser pago à Irlanda. Fui também eu que livrei o rei da Irlanda de Sir Blamore de Ganis e venci Sir Palamedes. Não ignoreis que sou Sir Tristão de Liones e, com a graça de Deus, hei de libertar essa desventurada ilha de Servage. Assim, pois, ele foi bem recebido.

Alguém lhe disse que um cavaleiro do Rei Arthur havia naufragado naqueles rochedos. Como se chama ele?, perguntou Sir Tristão. Não sabemos, responderam os pescadores, mas ele não esconde que é um cavaleiro do Rei Arthur e não se preocupa com o poderoso senhor desta ilha. Peço-vos, se possível, que me leveis à sua presença, disse Sir Tristão, para que eu possa vê-lo e, se for um dos cavaleiros do Rei Arthur, hei de reconhecê-lo. A dama então rogou aos pescadores que o conduzissem à sua morada e, no dia seguinte, trouxeram-no até lá trajando vestimentas de pescador. Assim que o viu, Sir Tristão soube quem era e abriu um sorriso; ele, porém, não reconheceu Sir Tristão. Gentil senhor, disse este, por vossa aparência, creio que haveis estado enfermo recentemente e também creio que já vos vi antes. Muito me agrada saber que já me vistes e me conhecestes em

outro momento, replicou Sir Lamorak. Podeis dizer-me vosso nome, gentil senhor?, indagou Sir Tristão. Com uma condição, respondeu o outro. Que me digais se sois ou não o senhor desta ilha, chamado Nabon, o Negro. Na verdade, não sou ele, nem faço parte de sua gente, disse Sir Tristão. Sou seu inimigo, como vós, e assim me vereis antes que eu me vá desta ilha. Pois bem, disse Sir Lamorak, já que me falastes com tanta cortesia, meu nome é Sir Lamorak de Galis, filho do Rei Pellinore. É bem verdade, replicou Sir Tristão, e, se tivésseis dito outra coisa, saberia que era mentira. Quem sois?, perguntou Sir Lamorak. De onde me conheceis? Sou Sir Tristão de Liones. Ah, senhor, exclamou o cavaleiro, não vos recordais de me haver derrubado certa vez e, depois, vos recusado a lutar comigo a pé? Isto não aconteceu por eu ter medo de vós, respondeu Sir Tristão, mas porque, naquela ocasião, tive vergonha de me haver convosco, pois me pareceu que já havíeis lutado bastante. Mas, senhor Lamorak, devo dizer-vos que pusestes muitas damas em situação embaraçosa ao enviar o corno da Fada Morgana ao Rei Marcos, embora o tenhais feito só para demonstrar vosso desprezo por mim. E, se tivesse que fazê-lo outra vez, disse o outro, por certo assim o faria, pois mil vezes cair em uma luta na corte do Rei Marcos do que na do Rei Arthur, já que a honra nessas duas cortes não é igual. Quanto a isso, replicou Sir Tristão, não tenho a mínima dúvida, mas o que fizestes foi por menosprezo a mim e, graças a Deus, vossa maldade não me feriu gravemente. Portanto, deixai de lado todo esse rancor, e eu farei o mesmo. Assim ambos provaremos a honra que podemos obter enfrentando esse gigante, Sir Nabon, o Negro, senhor desta ilha, e matando-o. Senhor, disse Sir Lamorak, agora entendo vosso espírito de cavalaria. Não pode ser falso o que dizem todos, pois, em termos de generosidade, nobreza e honra, não tendes rival entre todos os cavaleiros. No entanto, apesar de vossa cortesia e gentileza, me portei de forma descortês convosco, o que muito lamento.

CAPÍTULO XXXIX

Como Sir Tristão combateu Sir Nabon e o venceu, e tornou Sir Segwarides senhor da ilha.

Nesse meio-tempo, chegou a notícia de que Sir Nabon mandara anunciar que todos os habitantes da ilha deveriam se apresentar em seu castelo dali a cinco dias. Nessa ocasião, seu filho seria sagrado cavaleiro e todos os cavaleiros do vale e de seus arredores teriam que estar presentes para justar, e os do reino de Logres enfrentariam os de Gales do Norte. Chegaram, então, quinhentos cavaleiros, e o povo local levou Sir Lamorak, Sir Tristão, Sir Kehydius e Sir Segwarides, pois não ousariam agir de outra forma. Então, Sir Nabon emprestou a Sir Lamorak um cavalo e uma armadura de seu agrado, e o cavaleiro lutou e realizou tais feitos com as armas que Nabon e todos os presentes disseram que jamais haviam visto coisa igual. Como relata o livro francês, ele derrubou todos os que ali estavam, a maioria dos quinhentos cavaleiros, não deixando que ninguém resistisse sobre a sela.

Assim, pois, Sir Nabon se ofereceu para jogar seu jogo com ele. Pois jamais vi um cavaleiro realizar tantas façanhas em um só dia, disse. Aceito de bom grado, replicou Sir Lamorak. Jogarei como puder, embora esteja cansado e bem machucado. Ambos pegaram suas lanças, mas Sir Nabon não quis correr ao encontro de Sir Lamorak e preferiu ferir seu cavalo na testa, matando-o. Vendo-se a pé, Sir Lamorak ergueu seu escudo, desembainhou a espada e ali teve início uma batalha cruel. No entanto, Sir Lamorak estava tão machucado e sem fôlego que golpeava e parava, retraindo-se um pouco. Gentil companheiro, disse Sir Nabon, contende vossa mão e demonstrarei para convosco mais cortesia do que jamais demonstrei para com cavaleiro algum, pois hoje presenciei vossa nobre arte de cavalaria. Afastai-vos, portanto, e verei se algum de vossos companheiros quer se haver comigo. Ao ouvir isso, Sir Tristão deu um passo à frente e disse: Nabon! Emprestai-me cavalo e armadura segura e justarei convosco. Pois bem, companheiro, ide àquele pavilhão e armai-vos com o melhor que ali houver, e jogarei um jogo maravilhoso convosco. Ao que Sir Tristão respondeu: Tratai de jogar bem, caso contrário hei de vos ensinar outro melhor. Falastes bem, companheiro, retrucou Sir Nabon. Depois de se armar da forma que melhor lhe pareceu, com bons escudo e espada, Sir Tristão se dirigiu ao senhor da ilha a pé, pois bem sabia que ele não resistia a um golpe de lança e, por isso, matava o cavalo de todos os cavaleiros que enfrentava. Agora, gentil companheiro, disse Sir

Nabon, vamos ao jogo. E os dois lutaram por muito tempo no chão, atacando e se esquivando, dando golpes e estocadas sem trégua. Finalmente, Sir Nabon lhe perguntou seu nome. Senhor Nabon, chamo-me Tristão de Liones, cavaleiro de Cornualha atualmente na corte do Rei Marcos. Sede muito bem-vindo, replicou Nabon, pois, entre todos os cavaleiros, o que eu mais desejava era lutar convosco ou com Sir Lancelote.

Atacaram-se então com muito ímpeto, e Sir Tristão matou Sir Nabon. Em seguida, saltou sobre seu filho e lhe cortou a cabeça. Nesse momento, o país inteiro disse que se punha nas mãos de Sir Tristão. Não, disse este, não desejo tal coisa. Há aqui um digno cavaleiro, Sir Lamorak de Galis, que, no que depender de mim, será o senhor deste país, já que aqui realizou grandes feitos de armas. Não, retrucou o cavaleiro. Não desejo ser senhor deste país, pois não mereci tal prêmio assim como vós, portanto, podeis entregá-lo a quem quiserdes, uma vez que não o quero. Pois bem, disse Sir Tristão, se nem vós nem eu desejamos isso, entreguemos àquele que não fez tanto por merecê-lo. Fazei como quiserdes, disse Segwarides, pois a conquista é vossa, e eu não aceitaria nada que não houvesse efetivamente merecido. A ilha foi então entregue a Segwarides, que lhes ficou muito agradecido e, depois de tornar-se seu senhor, a governou com muita dignidade. Libertou todos os prisioneiros e deu início a um bom governo naquele vale. Mais tarde, de volta à Cornualha, contou ao Rei Marcos e à Bela Isolda como Sir Tristão havia chegado à ilha de Servage e divulgou, por todo o país, as aventuras daqueles dois cavaleiros que, assim, caíram no conhecimento de todos. No entanto, a Bela Isolda ficou muito abalada quando ouviu dizer que Sir Tristão havia se casado com Isolda das Mãos Brancas.

CAPÍTULO XL

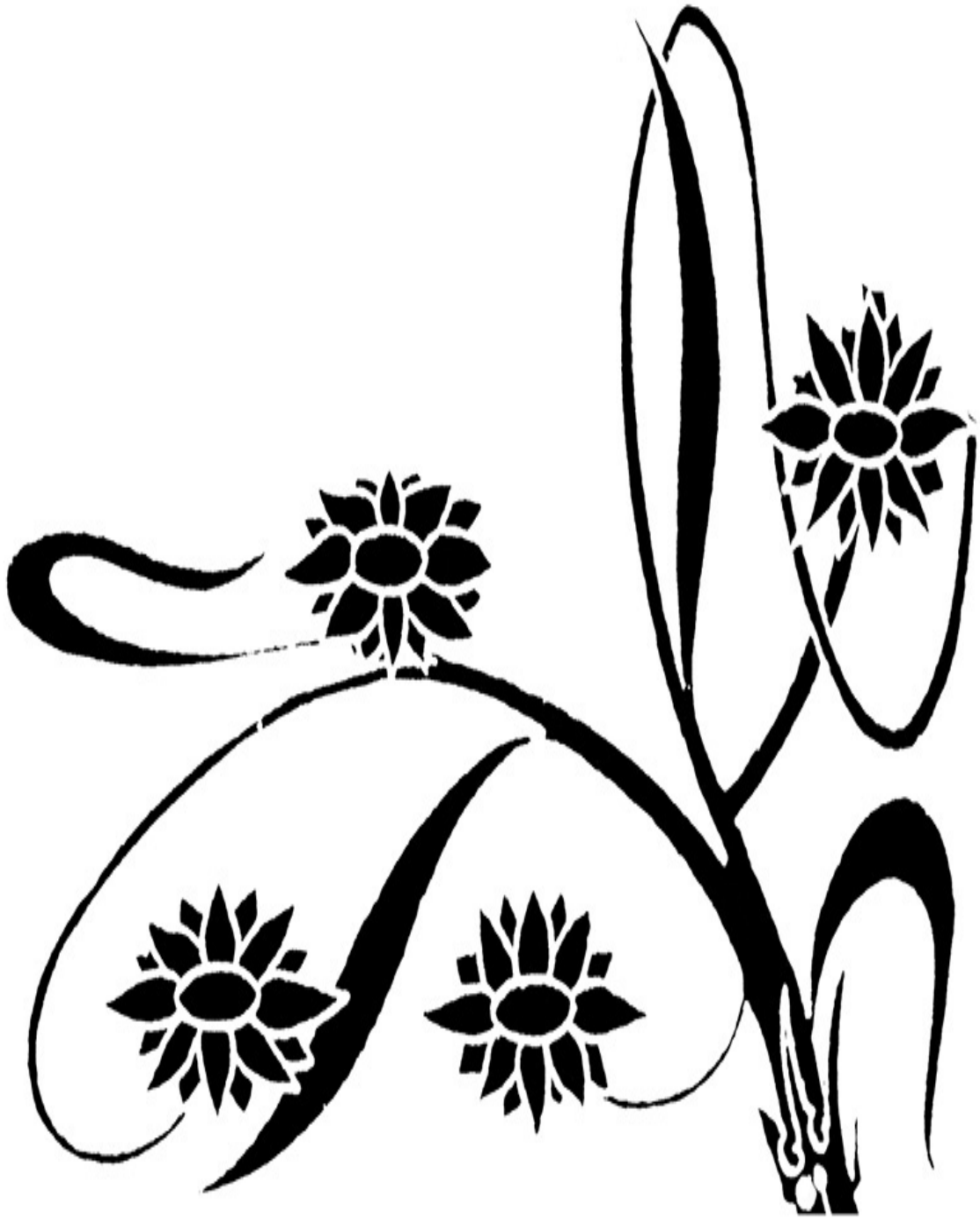
Como Sir Lamorak se despediu de Sir Tristão; como se encontrou com Sir Frol e, mais tarde, com Sir Lancelote.

Voltemos, pois, a Sir Lamorak, que cavalgou até a corte do Rei Arthur, enquanto Tristão com a esposa e Kehydius embarcaram em um navio e içaram velas rumo à Bretanha, governada pelo Rei Howel, onde foram bem recebidos. Ao saber de suas aventuras, todos ficaram maravilhados com seus feitos valorosos. Já Sir Lamorak, ao se despedir de Sir Tristão, deixou a floresta e seguiu até um eremitério. Vendo-o aparecer ali, o ermitão lhe perguntou de onde vinha. Venho daquele vale, senhor, respondeu o cavaleiro. Senhor, replicou o ermitão, isso muito me assombra, pois, em vinte anos, jamais vi passar nenhum cavaleiro por estas terras que não acabasse morto, gravemente ferido ou aprisionado sem nenhuma dignidade. Esses costumes cruéis já não mais existem, disse Sir Lamorak, pois Sir Tristão matou vosso senhor, Sir Nabon, e também seu filho. Então, muito se alegraram o ermitão e todos os seus irmãos, e disseram que, entre os cristãos, jamais houvera tirano como aquele. Por isso, acrescentou o ermitão, devemos este vale e este privilégio a Sir Tristão.

No dia seguinte, Sir Lamorak seguiu viagem e, enquanto cavalgava, viu quatro cavaleiros lutando contra um só que conseguia se defender bem, mas que acabou sendo derrubado. Sir Lamorak se aproximou, perguntou-lhes por que queriam matar tal cavaleiro e observou que era uma vergonha aquele combate de quatro contra um. Deveis saber, replicaram os quatro, que ele é falso. Essa é a história que contais, disse Sir Lamorak, e, quando ouvir também a dele, verei se é fato o que dizeis. Ah, cavaleiro, prosseguiu ele, não tendes desculpa para isso? Sois realmente um falso cavaleiro? Senhor, respondeu o outro, posso desculpar-me com minha palavra e minhas mãos, e assim o farei contra o melhor de todos eles, em luta corpo a corpo. Os quatro, porém, exclamaram em uníssono: Não queremos arriscar nossa vida por ti. Bem sabes que nem se estivesse aqui o próprio Rei Arthur seria possível para ele salvar tua vida. Agora passastes dos limites, retrucou Sir Lamorak. Muitos falam mais de um homem pelas costas do que na sua frente e, por vossas palavras, deveis compreender que sou um dos mais modestos cavaleiros da corte do Rei Arthur. Em honra de meu soberano, dai o melhor de vós e, apesar disso, vou resgatá-lo. Os quatro então se lançaram contra Sir Lamorak ao mesmo tempo. Este, porém, com apenas dois golpes matou dois deles e, diante disso, os outros dois fugiram. Ele se voltou então para o tal cavaleiro e lhe

perguntou como se chamava. Senhor, chamo-me Sir Frol das Ilhas Longínquas. E os dois saíram cavalgando juntos.

No meio do caminho, viram um garboso cavaleiro vindo em sua direção, todo trajado de branco. Ah, disse Sir Frol, este cavaleiro justou ainda há pouco comigo e me derrubou, portanto, vou enfrentá-lo. Não havereis de fazê-lo, replicou Sir Lamorak. Este é meu conselho. Contai-me qual é vossa querela e se justastes a pedido dele ou vosso. Não, respondeu Sir Frol, fui eu que o desafiei. Senhor, disse Lamorak, aconselho-vos então a não vos haver mais com ele, pois, por sua postura, deve ser um nobre cavaleiro e não um aventureiro qualquer. Creio que é membro da Távola Redonda. Nem por isso vou desculpá-lo, retrucou Sir Frol, e acrescentou, aos gritos: Senhor cavaleiro, preparai-vos para lutar. Não vejo razão para isso, retrucou o Cavaleiro Branco, pois não tenho vontade alguma de justar convosco. No entanto, lança em riste, arremeteram um contra o outro. O Cavaleiro Branco derrubou Sir Frol e seguiu seu caminho com toda a tranquilidade. Sir Lamorak foi então atrás dele e lhe rogou que dissesse seu nome. Pois creio que sois um dos cavaleiros da Távola Redonda. Com uma condição, replicou o outro, que não o reveleis a ninguém e que também me digais o vosso. Meu nome é Sir Lamorak de Galis, disse. E o meu é Sir Lancelote do Lago. Os dois então embainharam as espadas, beijaram-se com entusiasmo e trocaram grandes demonstrações de alegria. Senhor, disse Sir Lamorak, se for de vosso agrado, desejo vos prestar serviço. Que Deus não permita que alguém de sangue tão nobre quanto o vosso me preste serviço, replicou Sir Lancelote. Ademais, estou em uma demanda que devo realizar sozinho. Pois que Deus vos proteja, disse Sir Lamorak e, assim, se separaram. Quem é esse cavaleiro?, perguntou Sir Frol. Senhor, respondeu ele, não cabe a vós sabê-lo, nem a mim dizê-lo. Sois muito descortês, retrucou Sir Frol, e, por esse motivo, vou me separar de vós. Fazei como quiserdes, disse Sir Lamorak, no entanto, graças a minha companhia, salvastes a mais formosa flor de vossa guirlanda. E, com essas palavras, os dois se separaram.



CAPÍTULO XLI

Como Sir Lamorak matou Sir Frol e do combate cortês que teve com Sir Belliance, seu irmão.

Dois ou três dias depois, Sir Lamorak encontrou um cavaleiro adormecido junto a um poço enquanto sua dama velava, sentada ao seu lado. Nesse instante, chegou Sir Gawaine, pegou a dama e a sentou na garupa de seu escudeiro. Sir Lamorak foi atrás dele e disse: Voltai-vos, Sir Gawaine. O que quereis de mim?, retrucou Sir Gawaine. Sou sobrinho do Rei Arthur. Senhor, respondeu Lamorak, por esse motivo, vou poupá-lo, senão eu ficaria com essa dama ou teríeis que justar comigo. Então, Sir Gawaine deu a volta e avançou na direção do cavaleiro que a tal dama acompanhava. Este, porém, usando de pura força, derrubou Sir Gawaine e levou sua dama consigo. Sir Lamorak presenciou tudo isso e pensou: "Se eu não enfrentá-lo, ele haverá de me desonrar na corte do Rei Arthur." Virou-se, então, e se ofereceu para lutar com o cavaleiro. Estou pronto, senhor, disse ele. Enfrentaram-se ali mesmo, com toda a força, e Sir Lamorak traspassou o corpo do adversário de lado a lado, fazendo-o cair por terra, morto.

Diante disso, a dama correu à procura de outro cavaleiro que se chamava Belliance, Le Orgulus, que morava bem perto e lhe contou que seu irmão havia sido morto. Ai, exclamou Belliance, hei de vingá-lo. Montou em seu cavalo, armou-se e não tardou a alcançar Sir Lamorak. Voltai-vos e deixai a dama, disse, pois vós e eu teremos que jogar um novo jogo, uma vez que matastes meu irmão Sir Frol, que era um cavaleiro melhor do que jamais fostes. É bem possível, replicou Sir Lamorak, mas, hoje, meu desempenho foi melhor que o dele. Partiram em direção um do outro, desmontaram, ergueram os escudos, sacaram das espadas e lutaram ferozmente, como nobres cavaleiros experientes, por duas horas. Então, Sir Belliance lhe pediu que dissesse seu nome. Chamo-me Lamorak de Galis, senhor, respondeu ele. Ah, exclamou Sir Belliance, sois o homem que mais detesto no mundo, pois, por vossa causa, matei meus filhos quando salvei vossa vida e, agora, matastes meu irmão Sir Frol. Como posso estabelecer a paz convosco? Portanto, tratai de vos defender, pois não há outro remédio senão morrerdes. Ai, replicou Sir Lamorak, eu deveria vos ter reconhecido, porque sois o homem que mais fez por mim. Dizendo isso, pôs-se de joelhos e lhe suplicou misericórdia. Levantai-vos, disse o outro, ou terei de vos matar assim, ajoelhado. Não será preciso, replicou Sir Lamorak, pois estou me rendendo a vós, não por vos temer, nem por vossa força, mas porque vossa bondade me faz não querer lutar convosco.

Peço-vos, pois, por Deus e pela honra da cavalaria, que me perdoeis pelas injúrias que vos causei. Ah!, exclamou Belliance. Levantai-vos ou hei de matar-vos sem dó nem piedade.

Recomeçaram então a lutar e se feriram mutuamente, deixando o solo ao redor todo ensanguentado. Finalmente, Belliance recuou e se sentou bem devagar num pequeno monte de tão enfraquecido que estava pela quantidade de sangue perdido. Sir Lamorak logo pendurou o escudo no ombro e veio lhe perguntar como ele estava. Bem, respondeu Sir Belliance. Ah, senhor, replicou seu adversário, hei de vos socorrer em vosso mal-estar. Oh, cavaleiro Sir Lamorak, disse o outro, sois um tolo, pois se tivesse a vantagem que tendes agora sobre mim, não teria hesitado em matar-vos. Mas vossa gentileza é tão boa e grande que devo perdoar-vos mesmo contra minha vontade. Ao ouvir isso, Sir Lamorak se ajoelhou, retirou primeiro a viseira de Sir Belliance e, depois, a sua própria, e ambos se beijaram com o rosto banhado de lágrimas. Sir Lamorak conduziu então Sir Belliance a uma abadia, onde se manteve ao seu lado até que ele estivesse curado. E os dois juraram que jamais voltariam a lutar um contra o outro. Depois, Sir Lamorak partiu para a corte do Rei Arthur.

Aqui deixamos Sir Lamorak e Sir Tristão. E aqui tem início a história de La Cote Mal Taillée.

LIVRO IX





CAPÍTULO I

Como um mancebo chegou à corte do Rei Arthur e como, por pura zombaria, Sir Kay o apelidou de La Cote Mal Taillée.

hegou, à corte do Rei Arthur, um mancebo corpulento e ricamente trajado que desejava tornar-se cavaleiro do rei. Sua cota, porém, embora feita de um rico tecido de ouro, assentava-lhe muito mal. Como vos chamais?, perguntou o monarca. Majestade, respondeu o jovem, chamo-me Breunor Le Noir, e não tardareis a saber que sou de boa linhagem. Pode ser, replicou Sir Kay, o Senescal, mas, por zombaria, sereis chamado La Cote Mal Taillée, que significa a cota mal talhada. Creio que pedis muito, disse o rei. E por que usas essa rica cota? Respondei à minha pergunta, porque bem posso supor que seja por algum motivo. Senhor, respondeu o mancebo, meu pai era um nobre cavaleiro e, certo dia, estando a caçar, acabou por adormecer. Surgiu então um cavaleiro que era seu inimigo havia tempos e, ao vê-lo profundamente adormecido, aproveitou para apunhalá-lo. Esta é a mesma cota que meu pai estava usando naquela ocasião e, por isso, me cai tão mal. E, apesar de estar toda perfurada pelas facadas, jamais mandei repará-la. Para ter presente na memória a morte de meu pai, hei de usar esta cota até que o tenha vingado. Como sois considerado o mais nobre rei do mundo, vim à vossa presença para que façais de mim um cavaleiro. Majestade, disseram Sir Lamorak e Sir Gaheris, seria bem acertado sagrá-lo cavaleiro, pois parece boa pessoa e tem bom porte. Com isso, certamente demonstrará ser um bom homem e um bom e poderoso cavaleiro. Se bem vos lembrais, senhor, Sir Lancelote do Lago tinha aparência semelhante quando chegou a esta corte pela primeira vez, e nenhum de nós sabia de onde ele vinha. Agora, provou ser o homem de mais mérito neste mundo, e toda a vossa corte, bem como a Távola Redonda, são honradas e crescem em renome graças a ele mais do que a qualquer outro cavaleiro vivo. É bem verdade o que dizeis, replicou o monarca, e, amanhã, como pedistes, eu vos sagrarei cavaleiro.

No dia seguinte, foi avistado um cervo, e o rei saiu a cavalo, em companhia de seus homens, para matá-lo. O tal mancebo, que Sir Kay apelidara de La Cote Mal Taillée, foi deixado para trás com a Rainha Guinevere. Subitamente, aconteceu que um terrível leão, mantido em uma torre de pedra, soltou-se nessa ocasião e correu impetuosamente em direção à rainha e seus cavaleiros. Ao ver o animal, ela correu e fugiu, suplicando que seus cavaleiros a salvassem, mas apenas doze ficaram, ao passo que todos os demais fugiram do local. Então, La Cote Mal Taillée disse: Agora posso ver que nem todos os cavaleiros covardes foram mortos. E, mais que depressa, sacou da espada e se postou à frente do leão. A fera abriu a boca enorme e, de um salto, lançou-se sobre o jovem para devorá-lo. Este, porém, lhe desfechou um golpe tão poderoso no meio da cabeça que a partiu em duas, e o animal caiu morto no chão. Foram então contar à rainha como o mancebo de quem Sir Kay zombava, chamando-o La Cote Mal Taillée, havia matado o leão. Nesse ínterim, o rei voltou para casa. Ao saber do ocorrido pela rainha, ficou imensamente satisfeito e disse: Por Deus, este mancebo vai provar que é um homem nobre e um cavaleiro leal e fiel à sua promessa. E, de imediato, sagrou-o cavaleiro. Agora, majestade, disse o jovem cavaleiro, rogo-vos, bem como a todos os cavaleiros de vossa corte, que não me chameis por nenhum outro nome que não seja La Cote Mal Taillée. Quero ser chamado apenas pelo apelido que me foi dado por Sir Kay. Aceito de bom grado vosso pedido, replicou o rei.



CAPÍTULO II

Como chegou à corte uma donzela pedindo um cavaleiro que assumisse uma demanda, solicitação que foi aceita por La Cote Mal Taillée.

Nesse mesmo dia, chegou à corte uma donzela trazendo consigo um grande escudo negro em cujo centro havia uma única figura: uma mão branca empunhando uma espada. Ao vê-la, o Rei Arthur lhe perguntou de onde vinha e o que desejava. Majestade, disse ela, cavalguei em velocidade, durante muitos dias, por vários caminhos, carregando este escudo para trazê-lo perante vós. Ele pertencia a um bom cavaleiro que prometera realizar uma grande proeza com as armas. Subitamente, aconteceu-lhe a aventura de outro forte cavaleiro deparar com ele. Os dois lutaram por muito tempo, feriram-se mutuamente com gravidade e cansaram-se tanto que abandonaram a luta sem que nenhum deles saísse vencedor. O dono deste escudo viu que não havia remédio: ia morrer e, então, mandou que eu trouxesse seu escudo à corte do Rei Arthur, pedindo e rogando que algum bom cavaleiro o assumisse e concluísse a demanda em que estava empenhado. O que dizeis disso?, perguntou o monarca. Algum dos presentes se dispõe a ficar com tal escudo? No entanto, ninguém quis dizer nada e, então, Sir Kay o pegou. Senhor cavaleiro, disse a donzela, qual é vosso nome? Sabei que me chamo Sir Kay, o Senescal, e sou muito conhecido. Senhor, replicou a jovem, deixai este escudo, pois ele não é para vós, pois ele há de ficar com alguém que seja melhor do que vós. Donzela, disse o senescal, sabei que eu o peguei, com vossa permissão, para observá-lo, e não com essa intenção. Podeis ir aonde quiserdes, pois não irei convosco.

Então a donzela permaneceu calada por um instante e olhou para vários daqueles cavaleiros. Foi nesse momento que o cavaleiro La Cote Mal Taillée se fez ouvir: Gentil donzela, quero ficar com este escudo e assumir a missão que ele representa. Gostaria, porém, de saber até onde deve ir minha jornada, pois, já que fui sagrado cavaleiro no dia de hoje, gostaria de enfrentar essa aventura. Como vos chamais, gentil mancebo?, perguntou a donzela. Meu nome é La Cote Mal Taillée, respondeu ele. Podeis perfeitamente vos chamar assim, replicou a moça, “o cavaleiro da cota mal talhada”, mas, se sois ousado o bastante para ficar com esse escudo e me seguir, deveis saber que vossa pele acabará tão furada quanto vossa cota. Fiqueis tranquila quanto a isso, retrucou La Cote Mal Taillée, pois quando eu chegar a este estado não pedirei que me salveis. Entraram então dois escudeiros trazendo cavalos de grande porte, além de sua armadura e sua lança, e,

estando pronto, ele se despediu. Por minha vontade, disse o rei, não assumiríeis essa difícil aventura. Senhor, replicou o mancebo, esta aventura é minha. É a primeira de que me incumbo e quero segui-la, aconteça o que acontecer. A donzela então partiu e La Cote Mal Taillée a seguiu velozmente. Não tardou a alcançá-la, e ela o ofendeu de forma bem grosseira.

CAPÍTULO III

Como La Cote Mal Taillée venceu Sir Dagonet, o bobo do rei, e a repreensão que recebeu da donzela.

Então, Sir Kay mandou que Sir Dagonet, o bobo do rei, seguisse La Cote Mal Taillée. Por ordem do senescal, Sir Dagonet recebeu cavalo e armas e, assim aparelhado, ele deveria seguir o jovem cavaleiro e se oferecer para justar com ele. Quando o bobo viu La Cote Mal Taillée, gritou mandando que ele se preparasse para justar, e Sir La Cote Mal Taillée o derrubou pela traseira do animal. Ao ver isso, a donzela começou a zombar dele, dizendo: Que papelão! Agora caíste em vergonha na corte do Rei Arthur, pois enviaram um bobo para te enfrentar especialmente em tua primeira justa. E seguiu cavalgando sem parar de resmungar. Pouco depois, chegou Sir Bleoberis, o bom cavaleiro, e justou com La Cote Mal Taillée. Este foi atingido por um golpe tão poderoso que caiu no chão junto com seu cavalo. Levantou-se então com toda a presteza, ergueu o escudo e sacou da espada. Teria lutado com todo o ímpeto, pois estava extremamente aborrecido. Ah, isso não!, disse Sir Bleoberis de Ganis, pois, por ora, não desejo lutar a pé. Então, a Donzela Maledisant o censurou com muita grosseria e gritou: Vira-te, covarde! Ah, donzela, replicou o mancebo, rogo à vossa misericórdia que não continueis a me ofender. Meu pesar já é grande o bastante, portanto, não precisais aumentá-lo ainda mais. Não me considero o pior cavaleiro quando um filho de uma égua falha comigo, nem me considero o pior por ter sido derrubado por Sir Bleoberis.

E, nessa atmosfera, o jovem e a donzela continuaram cavalgando por mais dois dias, até que, por acaso, apareceu Sir Palamedes, justou com ele, e o resultado foi o mesmo do confronto anterior com Sir Bleoberis. O que estás fazendo aqui em minha companhia?, perguntou a donzela Maledisant. Não consegues te manter na sela diante de nenhum cavaleiro, nem resistir a um único golpe. A menos, é claro, que o adversário seja Sir Dagonet. Ah, gentil donzela, replicou ele, não sou pior por ser derrubado por Sir Palamedes, e não considero tal queda desonra alguma, pois nem Bleoberis nem Palamedes quiseram lutar comigo a pé. Ora, disse a moça, bem sabes que não vão se dignar a desmontar para enfrentar um cavaleiro insignificante como tu. Nesse momento, chegou Sir Mordred, irmão de Sir Gawaine, e seguiu seu caminho em companhia da donzela Maledisant. Chegaram diante do castelo Orgulous, onde havia o costume de não dar passagem a nenhum cavaleiro a não ser que justasse com outro, fosse feito prisioneiro ou perdesse pelo menos o cavalo e o arnês. Vieram portanto dois

cavaleiros para enfrentá-los. Sir Mordred justou com o que vinha na frente, e este o derrubou de sua montaria. Em seguida, La Cote Mal Taillée enfrentou o outro, e ambos caíram por terra juntamente com seus cavalos. Depois de se esquivarem dos animais, cada um pegou o cavalo do outro, e, então, La Cote Mal Taillée investiu contra o cavaleiro que havia derrubado Sir Mordred e justou com ele, ferindo-o gravemente e retirando-o do cavalo praticamente morto. Depois, voltou-se para aquele com quem havia lutado antes, mas este fugiu em direção ao castelo. Sir La Cote Mal Taillée correu em seu encalço e, dentro do castelo Orgulous, acabou por matá-lo.



CAPÍTULO IV

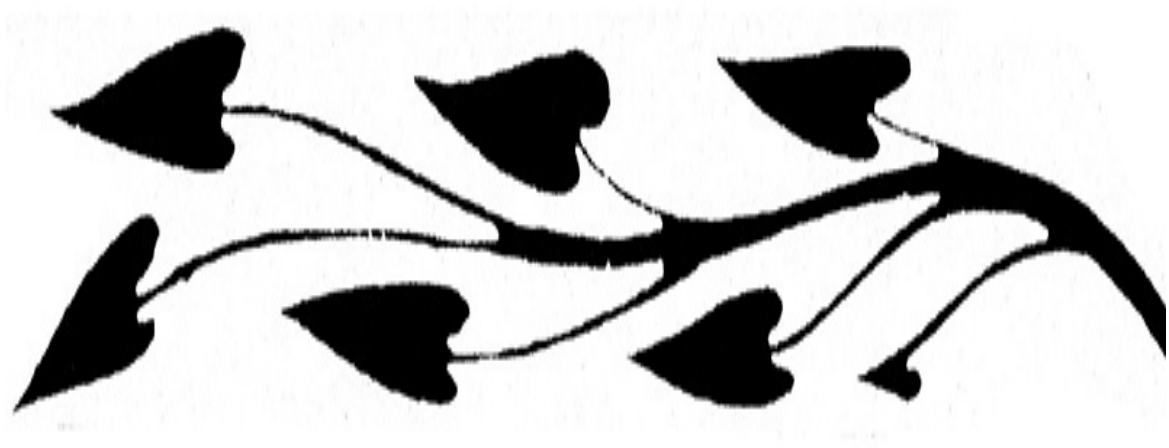
Como La Cote Mal Taillée combateu uma centena de cavaleiros e como escapou graças à intervenção de uma dama.

De imediato, viu-se cercado por cem cavaleiros que o atacaram e, ao perceber que podiam matar seu cavalo, desmontou, afastou o animal, pôs a rédea a seus pés e o puxou portão afora. Depois, arremeteu contra seus adversários e colou as costas na parede do quarto de uma dama, pensando que preferia morrer ali com honra a ter que suportar as críticas da donzela Maledisant. Enquanto resistia e lutava, a dama, dona de tal quarto, abriu disfarçadamente sua poterna, encontrou ali fora o cavalo de La Cote Mal Taillée, o pegou com brandura pela rédea e o prendeu à poterna. Em seguida, sem fazer ruído algum, voltou para ver como aquele cavaleiro lutava contra cem adversários e, depois de observá-lo por algum tempo, aproximou-se de uma janela que estava às costas dele e lhe disse: Cavaleiro, lutais maravilhosamente bem, mas, apesar de tudo, acabareis morrendo, a menos que, com vossa magnífica proeza, possais alcançar aquela poterna, pois prendi junto dela vosso cavalo, que está a vossa espera. Bem sabeis, porém, que deveis pensar em vossa honra e não pensar em morrer, já que não podereis chegar até lá sem vos portar de forma nobre e poderosa. Ao ouvi-la dizer aquilo, La Cote Mal Taillée empunhou a espada, ergueu o escudo à sua frente e, apesar do aglomerado que tinha diante de si, abriu caminho entre todos aqueles cavaleiros. Chegando à poterna, já havia ali quatro outros cavaleiros. O mancebo matou os dois primeiros, e os outros dois fugiram. Assim, pois, montou em seu cavalo e partiu. O ocorrido, tal como aconteceu, foi relatado na corte do Rei Arthur: La Cote Mal Taillée matou doze cavaleiros dentro do castelo Orgulous e, depois, seguiu seu caminho.

Nesse meio-tempo, a donzela observava, dirigindo-se a Sir Mordred: Creio que o parvo do meu cavaleiro foi morto ou feito prisioneiro. Mas logo o avistaram e, quando se aproximou, o jovem lhe contou como havia conseguido se livrar e escapar apesar do grande número de adversários. E alguns dos melhores deles não viveram para contar a história, acrescentou. Que mentira deslavada, exclamou a donzela, pois atrevo-me a dizer que eles o libertaram por seres louco e desleal para com toda a cavalaria. Podeis comprová-lo, retrucou La Cote Mal Taillée. Ao ouvir isto, a moça enviou um mensageiro que sempre a acompanhava para averiguar a veracidade de tal façanha. Ele logo partiu e perguntou de que forma aquele tal de La Cote Mal Taillée havia conseguido escapar do castelo. Todos os

cavaleiros ali presentes o maldisseram, declarando tratar-se de um demônio e não de um homem. Pois ele matou doze de nossos melhores cavaleiros, disseram. Homens que, até hoje, julgávamos capazes de enfrentar Sir Lancelote do Lago ou Sir Tristão de Liones. E, apesar de estarmos ali em grande número e fortemente empenhados, ele partiu.

Com essa resposta, o mensageiro voltou para encontrar Maledisant, sua senhora, e lhe contou em detalhes como Sir La Cote Mal Taillée havia se livrado dos cavaleiros do castelo Orgulous. Ela, então, baixou a cabeça e não disse nada. Por minha fé, exclamou Sir Mordred, dirigindo-se à donzela, mereceis grande reprovação por tratá-lo dessa maneira, pois eu vos garanto que ele é um bom cavaleiro e não tenho dúvidas de que haverá de demonstrar isso, embora ainda não tenha tanta segurança sobre o cavalo, já que um bom ginete se forma com o hábito e o exercício. Quanto aos golpes com a espada, porém, é valoroso e forte, como Sir Bleoberis e Sir Palamedes puderam comprovar. Bem sabeis que ambos são homens de armas experientes e não tardam em reconhecer um cavaleiro jovem por sua maneira de cavalgar, sabendo como lhe podem dar uma queda do cavalo ou um golpe certeiro. Mas a maioria deles não deseja um confronto a pé com tais cavaleiros, que são vigorosos e andam fortemente armados. Assim também aconteceu com Sir Lancelote do Lago pouco depois de ele ter sido sagrado cavaleiro: muitas vezes foi vencido a cavalo, mas, a pé, sempre recuperou a fama e matou ou envergonhou muitos dos homens da Távola Redonda. Portanto, as críticas que ele fez a muitos cavaleiros os tornaram cautelosos como homens de proeza. Inúmeras vezes, vi velhos cavaleiros experientes serem vencidos e mortos por mancebos principiantes. E, conversando assim, seguiram seu caminho.



CAPÍTULO V

Como Sir Lancelote chegou à corte e lhe falaram sobre La Cote Mal Taillée; como ele partiu em seu encalço, e como La Cote Mal Taillée foi feito prisioneiro.

Neste ponto, deixamos esta narrativa por um instante para falar de Sir Lancelote do Lago. Ao chegar à corte do Rei Arthur, Sir Lancelote ouviu falar do jovem cavaleiro La Cote Mal Taillée. Contaram-lhe como ele matou o leão e como assumiu a tarefa de perseguir a aventura do escudo negro, que, na época, foi considerada a mais audaciosa do mundo. Que Deus me proteja, exclamou Sir Lancelote, dirigindo-se a vários de seus companheiros, que vergonha para todos os nobres cavaleiros consentir que um rapaz assim tão jovem enfrentasse essa aventura que pode resultar em sua morte. Pois quero que todos saibam, acrescentou ele, que essa donzela Maledisant passou muitos dias transportando tal escudo, que lhe foi tomado por Breuse Saunce Pitié. Mais tarde, ele foi resgatado por Tristão de Liones, que o devolveu à moça pouco antes de lutar com meu sobrinho Sir Blamor de Ganis por uma disputa entre ele e o rei da Irlanda. Então, muitos cavaleiros lamentaram o fato de La Cote Mal Taillée haver empreendido tal aventura. Na verdade, disse ainda Sir Lancelote, estou determinado a ir atrás dele. Partiu e, ao cabo de sete dias, encontrou La Cote Mal Taillée e o saudou, com a donzela Maledisant. Quando Sir Mordred viu Sir Lancelote, abandonou o grupo, e os três restantes cavalgaram juntos por um dia inteiro. A donzela não parava de criticar La Cote Mal Taillée, mas Sir Lancelote respondeu por ele e, então, deixando de importunar o mancebo, ela passou a fazer críticas a Sir Lancelote.

Nesse ínterim, por intermédio de uma donzela, Sir Tristão enviou uma carta ao cavaleiro do lago, desculpando-se por haver desposado Isolda das Mãos Brancas. Dizia ali que, como verdadeiro cavaleiro que era, jamais teve relações carnais com sua esposa e, com toda a gentileza e a cortesia, suplicando-lhe que fosse um bom amigo e fizesse o favor de desculpá-lo com a Bela Isolda da Cornualha caso a visse. Dizia ainda que, com a graça de Deus, muito em breve falaria com a Bela Isolda e com Sir Lancelote pessoalmente. Este se separou então da donzela e de La Cote Mal Taillée para refletir sobre a carta que recebera e para responder a Sir Tristão de Liones.

Nesse meio-tempo, La Cote Mal Taillée seguiu cavalgando com sua acompanhante até que chegaram a um castelo chamado Pendragon. Ali, apresentaram-se seis cavaleiros, e um deles se ofereceu para justar com o mancebo, que o derrubou pela garupa do animal. Diante disso, os cinco outros o

atacaram de uma vez com suas lanças e atiraram homem e cavalo por terra. Desmontaram então subitamente, seguraram La Cote Mal Taillée, prenderam-no e o levaram para o castelo como prisioneiro.

Pela manhã, Sir Lancelote se levantou e enviou a jovem mensageira com sua resposta para Sir Tristão. Feito isso, retomou sua cavalgada para reencontrar La Cote Mal Taillée. Durante o trajeto, em uma ponte, um cavaleiro lhe propôs que justassem. Sir Lancelote o derrubou e, em seguida, os dois travaram uma nobre e poderosa batalha a pé, até que o Cavaleiro do Lago o derrubou, fazendo-o cair com as mãos e os joelhos no chão. Seu adversário então se rendeu, e Sir Lancelote aceitou de bom grado aquela rendição. Senhor, disse o cavaleiro, peço-vos que me digais vosso nome, pois muito se inclina meu coração por vós. Não, respondeu Sir Lancelote, não quero vos dizer meu nome por ora, a menos que me digais o vosso. Pois não, replicou o outro. Chamo-me Sir Nerovens e fui sagrado cavaleiro por meu senhor Sir Lancelote do Lago. Ah, Nerovens de Lile, foi a reação de seu interlocutor. Fico muito feliz que tenhais demonstrado ser um bom cavaleiro, pois agora podeis saber que sou Sir Lancelote do Lago. Ai, exclamou Sir Nerovens de Lile! O que fiz eu? E lançou-se a seus pés, fazendo menção de beijá-los. Sir Lancelote, porém, não permitiu tal gesto, e ambos demonstraram grande alegria por aquele reencontro. Então, Sir Nerovens disse a Sir Lancelote que não fosse ao castelo de Pendragon. Há ali um senhor, prosseguiu ele, um cavaleiro poderoso, que dispõe de muitos homens fiéis. Ainda ontem à noite contaram-me que prenderam um cavaleiro que cavalgava com uma donzela e que, segundo dizem, é um dos membros da Távola Redonda.



CAPÍTULO VI

Como Sir Lancelote enfrentou seis cavaleiros e, depois, também lutou com Sir Brian, e como libertou os prisioneiros.

Ah, exclamou Sir Lancelote, trata-se de um de meus companheiros. Vou resgatá-lo ou perderei a vida tentando. Sem mais tardar, cavalgou o mais depressa que pôde até chegar diante do castelo de Pendragon. Quase imediatamente, saíram dali seis cavaleiros preparados para atacá-lo todos ao mesmo tempo. Então, lança em riste, Sir Lancelote feriu o que ia na frente com um golpe tão forte que lhe quebrou as costas. Três dos cavaleiros o acertaram, e três falharam. Sir Lancelote passou então entre eles, deu a volta com presteza e traspassou um deles do peito às costas, penetrando mais de um côvado até que acabou quebrando sua lança. Então, os quatro restantes sacaram das espadas e vieram atacá-lo, mas, para cada golpe que lhe davam, ele revidava com tamanha força que, com apenas quatro, derrubou a todos de suas selas bastante feridos. Depois disso, entrou a toda no castelo.

Não tardou muito até que apareceu, armado e a cavalo, o senhor daquele lugar, um nobre, inimigo ferrenho do Rei Arthur, que se chamava Sir Brian de Les Isles. Lança em riste, ambos arremeteram um contra o outro com tamanha violência que seus cavalos caíram no chão. Deixaram então suas selas, ergueram seus escudos, sacaram das espadas e, investindo como loucos, trocaram golpes por muito tempo. Finalmente, Sir Lancelote desfechou tal golpe em seu adversário que este caiu de joelhos. O cavaleiro da Távola Redonda então se lançou sobre ele e lhe arrancou o elmo com violência, mas, quando Sir Brian percebeu que ia morrer, rendeu-se e se entregou à graça e à mercê de Sir Lancelote. Este lhe ordenou que libertasse todos os prisioneiros que mantinha no castelo e, nesse grupo, havia trinta cavaleiros do Rei Arthur e quarenta damas. Lancelote os libertou a todos e, depois, seguiu seu caminho. Assim que se viu livre, La Cote Mal Taillée tomou seu cavalo, seu arnês e voltou a se reunir à donzela Maledisant.

Nesse ínterim, Sir Nerovens, com quem Sir Lancelote havia lutado na ponte, enviou uma donzela atrás dele para saber como as coisas tinham se passado no castelo de Pendragon. Quando Sir Brian e seus homens libertaram todos os prisioneiros, a gente do castelo não sabia quem era tal cavaleiro. Não vos assombreis, disse a donzela, pois aqui esteve hoje o melhor cavaleiro do mundo, fazendo sua jornada. Ficai sabendo que era Sir Lancelote. Então, Sir Brian ficou muito feliz, bem como sua dama e todos os seus cavaleiros, por saberem que haviam sido vencidos por aquele homem. Foi assim que La Cote Mal Taillée e sua

acompanhante souberam quem havia cavalgado em sua companhia, e a moça, lembrando-se de havê-lo criticado e chamado de covarde, ficou muito pesarosa.

CAPÍTULO VII

Como Sir Lancelote encontrou a donzela chamada Maledisant e a denominou donzela Bem-Pensante.

Montaram, então, para ir atrás de Sir Lancelote e foram encontrá-lo duas milhas mais à frente. Os dois o saudaram e lhe agradeceram, mas a donzela lhe pediu perdão por seu comportamento e por tê-lo tratado mal. Pois agora sei, disse ela, que a flor da cavalaria está igualmente repartida entre Sir Tristão e vós. Deus sabe por quanto tempo vos procurei, meu senhor, Lancelote, e também a Sir Tristão e, agora, agradeço a Deus por vos haver encontrado. Em Camelot, encontrei Sir Tristão, que recuperou este escudo negro com a mão branca empunhando a espada desembainhada que Sir Breuse Saunce Pitié me havia subtraído. Gentil donzela, perguntou o cavaleiro, quem vos disse meu nome? Senhor, respondeu ela, apareceu no castelo uma donzela enviada pelo cavaleiro com que lutastes na ponte e foi ela que me disse que éreis Sir Lancelote do Lago. A culpa é toda dela, então, retrucou Sir Lancelote, se bem que seu senhor, Sir Nerovens, revelou o que não devia. No entanto, donzela, cavalgarei convosco sob uma condição: que deixeis de criticar Sir La Cote Mal Taillée, pois trata-se de um bom cavaleiro, e não tenho dúvidas de que se mostrará nobre. E, por seu amor e piedade, para que não seja destruído, eu o segui para auxiliá-lo nesta situação de grande necessidade. Ai, que Jesus vos agradeça, exclamou a donzela, e, agora, quero dizer, a vós e a ele, que não foi por odiá-lo que tanto o critiquei, mas sim pelo amor que sentia, pois não parava de pensar que ele era excessivamente jovem e terno para assumir tais aventuras. O que eu pretendia era afastá-lo por me preocupar com sua vida, uma vez que realizar esta aventura não é tarefa para nenhum cavaleiro mancebo. Por Deus!, exclamou Sir Lancelote. Tendes toda razão e, onde quer que sejais chamada de donzela Maledisant, eu vos chamarei de donzela Bem-Pensante.

Seguiram assim, cavalgando por muito tempo, até chegarem aos confins do país de Surluse, onde encontraram uma formosa vila com uma ponte levadiça como a de uma fortaleza. Quando os três estavam cruzando a ponte, surgiram diante deles muitos gentis-homens e criados que disseram: Gentis senhores, não podeis cruzar esta ponte e entrar na fortaleza por causa desse escudo negro que um de vós está carregando. Apenas um de vós poderá passar e, portanto, deveis escolher quem será o primeiro. Então, Sir Lancelote se ofereceu para fazê-lo. Senhor, disse La Cote Mal Taillée, eu vos suplico que me deixeis entrar nesta fortaleza e, se não conseguir me haver com eles, mandarei vos chamar. Se, por acaso, morrer, não

haverá problema, mas, se for feito prisioneiro, podereis me libertar. Nego-me a aceitar isso, replicou Sir Lancelote. Senhor, insistiu La Cote Mal Taillée, rogo-vos que me deixeis empenhar a vida nesta aventura. Pois segui vosso caminho, disse o cavaleiro, e que Jesus vos proteja.

O mancebo entrou e logo encontrou dois irmãos. Um deles se chamava Sir Plaine de Forte, e o outro, Sir Plaine de Amours. Estes vieram enfrentá-lo, e ele, em primeiro lugar, derrubou Plaine de Forte e, depois, Plaine de Amours. Os irmãos então ergueram seus escudos, desembainharam as espadas e pediram que La Cote Mal Taillée se apeasse. O jovem obedeceu, e os dois arremeteram contra ele, atacando-o de forma muito cruel, infligindo-lhe graves ferimentos na cabeça, no peito e nos ombros. Na medida de suas possibilidades, La Cote Mal Taillée revidava desfechando-lhes também golpes dolorosos. Os dois irmãos começaram a recuar e a se esquivar, para dominá-lo, mas, por pura força e proeza cavaleiresca, este os mantinha diante de si. Quando sentiu que estava muito ferido, redobrou os golpes e os atingiu com tanto ímpeto que ambos caíram por terra. La Cote Mal Taillée os teria matado se os dois não houvessem se rendido. Pegou então o melhor cavalo dos três que estavam ali e rumou para a outra fortaleza com outra ponte. Nesse local, encontrou com o terceiro dos irmãos, cujo nome era Sir Plenorius, um cavaleiro muito nobre, e os dois justaram. Derrubaram-se mutuamente, homens e cavalos, caindo no chão, e, então deixaram os animais, ergueram os escudos, sacaram das espadas e trocaram fortes golpes. Por vezes, um deles ficava diante da ponte; por vezes, era o outro que ocupava tal posição. Lutaram assim por duas horas ou mais, sem descansar, e Sir Lancelote e a donzela continuavam a observá-los. Ai, disse a donzela, que luta dolorosa meu cavaleiro está enfrentando e por tempo demais. Agora podeis ver, replicou Sir Lancelote, que ele é um nobre cavaleiro, considerando-se sua primeira batalha e seus cruéis ferimentos. É assombroso que, ferido como está, consiga resistir a um bom cavaleiro como este por tanto tempo.

CAPÍTULO VIII

Como La Cote Mal Taillée foi feito prisioneiro e, mais tarde, libertado por Sir Lancelote, e como este último derrotou quatro irmãos.

Nesse meio-tempo, Sir La Cote Mal Taillée caiu no chão, já que não conseguia mais se manter em pé de tão ferido que estava e de tanto sangue que perdia. Então, o outro cavaleiro se apiedou dele e disse: Gentil e jovem cavaleiro, não desanimeis, pois, eu estava descansado quando começamos a lutar, caso contrário, sei perfeitamente que não teria aguentado tanto quanto vós. Por essa razão, por vossos nobres feitos de armas, hei de vos demonstrar cortesia e gentileza em tudo que estiver ao meu alcance. Dizendo isso, o nobre cavaleiro Sir Plenorius o tomou nos braços e o levou para sua torre, onde mandou que lhe trouxessem vinho e que lhe lavassem as feridas sangrentas e tratassem delas. Senhor, disse La Cote Mal Taillée, deixai-me aqui e correi até aquela ponte, pois ali encontrareis um cavaleiro que haverá de vos enfrentar de uma forma que eu seria incapaz de fazer. Quer dizer, replicou Plenorius, que há ali outro cavaleiro de vossa companhia? Sim, respondeu o mancebo. Há um cavaleiro muito melhor do que eu. Como ele se chama?, perguntou Plenorius. Não o sabereis por mim, retrucou La Cote Mal Taillée. Pois bem, disse o cavaleiro, vou enfrentá-lo, seja ele quem for.

Nesse instante, ouviu-se uma voz que o chamava, dizendo: Sir Plenorius! Onde estais? Libertai o prisioneiro que levastes para vossa torre ou saí para lutar comigo! Sir Plenorius tomou então seu cavalo e, com uma lança na mão, foi galopando ao encontro de Sir Lancelote. Lança em riste, os dois investiram um contra o outro com o estrondo de um trovão, e o golpe que trocaram foi tão forte que ambos os animais caíram sob seus corpos. Deixaram então as montarias, sacaram das espadas e arremeteram como dois touros, golpeando aqui e ali. Sir Lancelote não cessava porém de ganhar terreno sobre seu adversário, que se esquivava tentando contorná-lo para atacar, mas este não permitia e o fazia recuar cada vez mais, até que chegaram perto da porta da torre. Sei que sois bom cavaleiro, disse então Sir Lancelote, mas bem sabeis que vossa vida ou vossa morte estão em minhas mãos. Portanto, rendei-vos a mim e entregai-me vosso prisioneiro. O outro nada disse, limitando-se a desfechar um poderoso golpe no elmo de Sir Lancelote, que expeliu fogo pelos olhos. Diante disso, o cavaleiro do Lago redobrou seus cortes com tanta fúria e feriu seu adversário com tamanha força que este caiu de joelhos no chão. Nesse momento, Sir Lancelote se lançou sobre ele e o derrubou de bruços. Então, Sir Plenorius se rendeu, entregando sua

torre e todos os seus prisioneiros a seu vencedor, que os aceitou e recebeu sua promessa solene.

Depois, cavalgou até a outra ponte, onde justou com outros três irmãos. O primeiro deles se chamava Pillounes, o segundo, Pellogris, e o terceiro, Pellandris. Sir Lancelote começou por derrubá-los do cavalo e, em seguida, os venceu a pé obrigando-os a se render. Voltou então ao encontro de Sir Plenorius e encontrou, em sua prisão, o Rei Carados, da Escócia, além de muitos outros cavaleiros, e libertou todos. Quando La Cote Mal Taillée se aproximou, Sir Lancelote quis lhe dar todas aquelas fortalezas e pontes. Não, replicou o mancebo. Não desejo me apossar dos domínios de Sir Plenorius. Se ele vos prometer ir à corte do Rei Arthur, juntamente com todos os seus irmãos, e ser cavaleiro de nosso monarca, eu vos rogo, meu senhor Lancelote, que permitis que ele conserve suas propriedades. Concordo, replicou Sir Lancelote, de muito bom grado. Que ele se apresente à corte do Rei Arthur e se ponha a seu serviço, com seus cinco irmãos. Quanto a vós, hei de fazer com que, na próxima festa, se houver uma cadeira vazia, sejais recebido como cavaleiro da Távola Redonda. Senhor, disse Plenorius, no próximo banquete de Pentecostes, estarei na corte do Rei Arthur e hei de me guiar e me portar segundo o desejo do monarca e o vosso. Então, Sir Lancelote e Sir La Cote Mal Taillée descansaram naquele local até este último estar curado de todos os seus ferimentos e ali tiveram uma alegre acolhida, além de bom repouso, muitas diversões e do convívio com muitas damas formosas.

CAPÍTULO IX

Como Sir Lancelote tornou La Cote Mal Taillée senhor do castelo de Pendragon, e, mais tarde, cavaleiro da Távola Redonda.

Nesse ínterim, Sir Kay, o Senscal, e Sir Brandiles chegaram e se uniram ao grupo. Dez dias mais tarde, esses cavaleiros da corte do Rei Arthur deixaram aquelas fortalezas. Quando Sir Lancelote passou pelo castelo de Pendragon, apoderou-se das terras de Sir Brian de Les Isles, já que este não queria aliar-se ao monarca e entregou tanto o castelo quanto as terras que o cercavam a Sir La Cote Mal Taillée. Depois, Sir Lancelote mandou buscar Sir Nerovens, que, em outra época, ele próprio havia sagrado cavaleiro, e lhe confiou a administração do castelo e de todo o país, em nome de La Cote Mal Taillée. Só então, todos juntos, rumaram para a corte do Rei Arthur. No banquete de Pentecostes, Sir Plenorius e Sir La Cote Mal Taillée, por direito também chamado Sir Breunor Le Noir, passaram a integrar a Távola Redonda. Ambos ganharam boas terras de Rei Arthur, e Breunor Le Noir se casou com a donzela Maledisant, que mais tarde foi denominada Beauvivante, embora ele tenha continuado a ser conhecido principalmente como La Cote Mal Taillée. Este demonstrou ser um cavaleiro nobre e poderoso, vindo a realizar grandes feitos na vida; Sir Plenorius, por sua vez, também provou-se um cavaleiro nobre e de muitas proezas, e por todos os dias da maior parte de sua vida, ambos demonstraram sua lealdade para com Sir Lancelote. Os irmãos de Sir Plenorius tornaram-se cavaleiros do Rei Arthur e, além disso, como relata o livro francês, Sir La Cote Mal Taillée vingou a morte de seu pai.

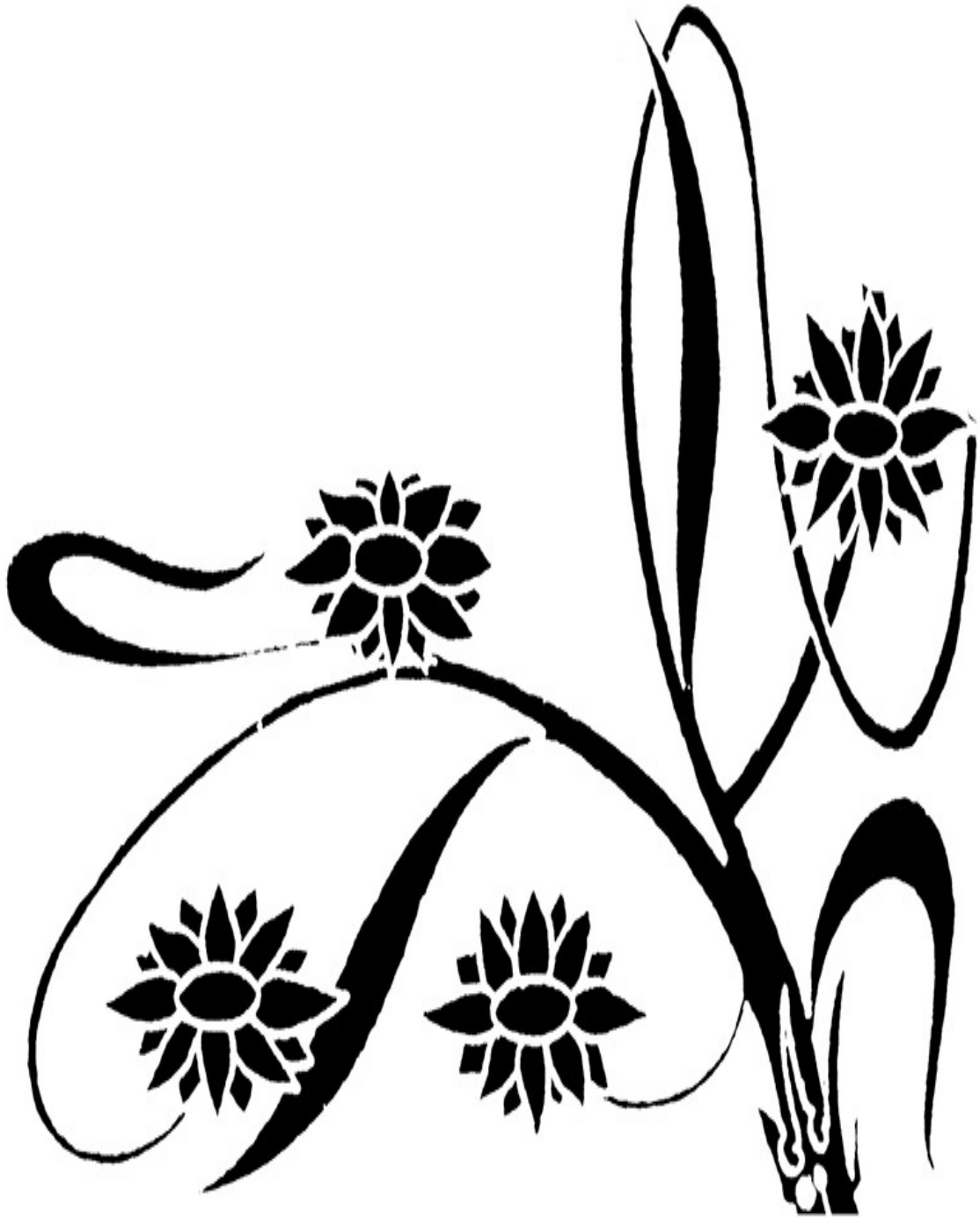
CAPÍTULO X

Como a Bela Isolda enviou cartas a Sir Tristão, por intermédio de sua dama Bragwaine, e das diversas aventuras de Sir Tristão.

Agora, deixemos aqui Sir La Cote Mal Taillée e voltemos a Sir Tristão de Liones, que estava na Bretanha. Quando a Bela Isolda soube que ele havia se casado, enviou-lhe, por intermédio de sua dama Bragwaine, as cartas mais sofridas que se poderiam pensar e escrever, e concluía dizendo que, se fosse de seu agrado, Sir Tristão podia vir à sua corte trazendo consigo Isolda das Mãos Brancas, pois ambos seriam tão bem acolhidos como era a própria anfitriã. Então, Sir Tristão chamou Sir Kehydius para lhe perguntar se gostaria de acompanhá-lo secretamente à Cornualha, e a resposta que obteve foi que ele estaria à sua disposição a qualquer momento. Em segredo, mandou preparar uma pequena embarcação na qual embarcaram Sir Tristão, Kehydius, a senhora Bragwaine e Gouvernail, o escudeiro de Sir Tristão. Estando já no mar, foram empurrados por um vento contrário que os levou rumo à costa de Gales do Norte, nas proximidades do Castelo Perigoso. Esperai por mim aqui durante dez dias, disse-lhes então Sir Tristão, e Gouvernail, meu escudeiro, ficará convosco. Se eu não tiver voltado dentro de tal prazo, tomai o caminho da Cornualha, pois, nessa floresta, existem muitas aventuras estranhas, pelo que ouvi dizer, algumas das quais estou decidido a enfrentar antes de partir. Tão logo seja possível, tratarei de vos seguir.

Assim, pois, Sir Tristão e Kehydius pegaram seus cavalos e se separaram do grupo, embrenhando-se pela floresta por uma milha ou mais. Finalmente, Sir Tristão viu diante de si um cavaleiro muito bem armado sentado junto a um poço, tendo, a seu lado, um cavalo forte e possante amarrado a um carvalho e um criado que esperava, cavalgando ao seu redor levando um animal carregado de lanças. Por sua expressão, o cavaleiro sentado perto do poço parecia estar sofrendo muito. Sir Tristão se aproximou e lhe disse: Gentil cavaleiro, por que estais assim tão abatido? Por vossas armas e vosso arnês, eu diria que sois um cavaleiro andante, portanto, preparai-vos para lutar com um de nós ou com ambos. Sem dizer uma palavra, o homem pegou seu escudo, pendurou-o no pescoço e, mais que depressa, pegou o cavalo e montou. Pegou então uma grossa lança com seu escudeiro e tomou alguma distância. Sir Kehydius pediu licença a seu companheiro para justar primeiro. Fazei o melhor que puderdes, respondeu Sir Tristão. Quando se encontraram, Sir Kehydius foi derrubado e se feriu gravemente na parte superior do peito. Cavaleiro, disse Sir Tristão, foi um bom combate e, agora, preparai-vos

para lutar comigo. Estou pronto, replicou o outro. Pegou então uma lança ainda mais grossa e partiu ao encontro de Sir Tristão. Com uma força imensa, seu adversário o derrubou do cavalo infligindo-lhe uma queda séria. Sentindo-se muito envergonhado, Sir Tristão logo tratou de se desvencilhar do animal, ergueu o escudo, sacou da espada e pediu ao cavaleiro que, em nome da cavalaria, se apeasse e lutasse a pé. De bom grado, replicou ele. Desmontou, deixou o cavalo, ergueu o escudo, sacou da espada, e os dois travaram uma luta acirrada por quase duas horas. Então, Sir Tristão lhe disse: Gentil cavaleiro, contende vossa mão e dizei-me de onde sois e como vos chamais. Quanto a isso, replicou o outro, prefiro ser cauteloso, mas, se me disserdes vosso nome, pode ser que eu vos diga o meu.



CAPÍTULO XI

Como Sir Tristão encontrou Sir Lamorak de Galis, como os dois combateram e, depois, combinaram que nunca mais voltariam a se enfrentar.

Pois bem, gentil cavaleiro, chamo-me Sir Tristão de Liones. E eu, senhor, disse seu adversário, me chamo Sir Lamorak de Galis. Ah, Sir Lamorak, exclamou Sir Tristão, muito me alegro que tenhamos nos encontrado, pois deveis vos lembrar da manifestação de desprezo que me destes enviando o corno à corte do Rei Marcos com a intenção de causar a morte ou a desonra de minha senhora e soberana, a Bela Isolda. Sabei, portanto, que um de nós haverá de morrer antes de nos separarmos. Senhor, replicou Sir Lamorak, lembrai que estivemos juntos na ilha de Servage e que, naquela ocasião, vos me prometestes grande amizade. Sem tolerar mais demora, Sir Tristão arremeteu contra seu adversário, e ficaram lutando por muito tempo, até que ambos se sentiram cansados. Em toda a minha vida, jamais enfrentei cavaleiro com tanta força e tanto fôlego como vós. Portanto, disse Sir Tristão, seria lamentável que um de nós caísse ferido neste local. Senhor, replicou Sir Lamorak, por vossa fama e vosso renome, desejo que tenhais a honra deste combate e, por isso, quero render-me a vós. Dizendo isso, pegou a espada pela ponta da lâmina e a entregou a Sir Tristão. Não, disse este, não concordo com tal rendição, pois sei que vossa proposta vem mais de vossa cortesia do que por temor ou medo que possais ter de mim. E, então, ofereceu sua espada a Sir Lamorak, dizendo: Como cavaleiro vencido, entrego-me a vós como o homem de mais nobre proeza com quem jamais lutei. Não, retrucou o outro, eu é que desejo vos fazer esta gentileza. Peço-vos que façamos o juramento de nunca mais nos enfrentarmos a partir deste dia. Assim, pois, os dois cavaleiros juraram que nenhum deles combateria o outro, para o mal ou para o bem.



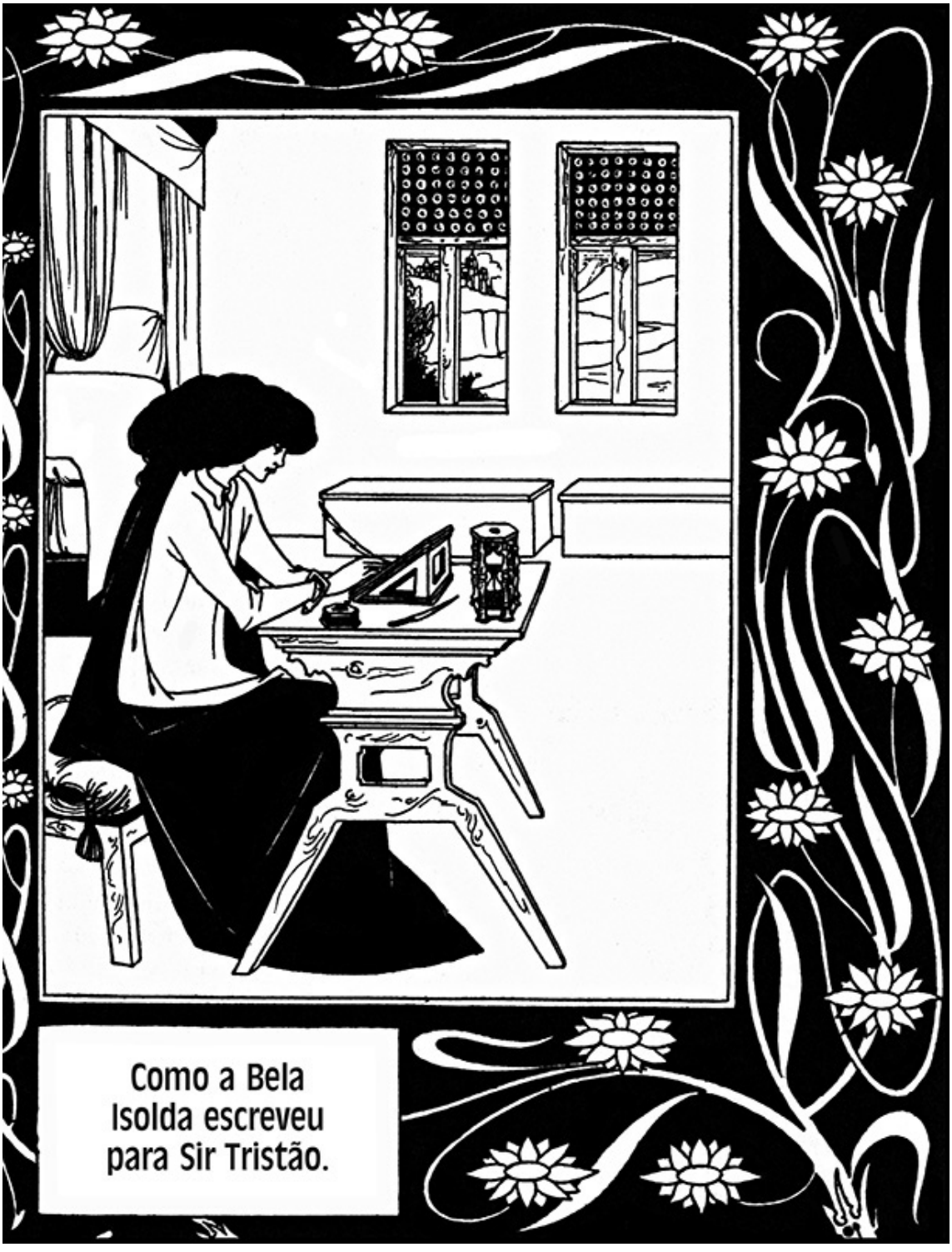
CAPÍTULO XII

Como Sir Palamedes perseguiu a Besta Ladradora e derrubou Sir Tristão e Sir Lamorak com uma única lança.

Nesse ínterim, chegou Sir Palamedes, o bom cavaleiro, em perseguição à Besta Ladradora cuja cabeça tinha a forma de serpente, com o corpo de um leopardo, a traseira de um leão e as patas de um cervo. De seu corpo, saía um som que mais parecia o de trinta pares de cães ganindo, e ela fazia tal ruído aonde quer que fosse. Tal criatura, porém, seguia sempre aquele cavaleiro, pois era sua demanda. Enquanto era perseguida, a besta passou pelo local onde estava Sir Tristão, e, logo atrás, surgiu Sir Palamedes. Para encurtar a história, este derrubou Sir Tristão e Sir Lamorak usando uma única lança e seguiu ao encalço da Besta Ladradora, que também era chamada Besta Galtisant, deixando os dois outros furiosos por ele não ter querido enfrentá-los a pé. Nesse ponto, podemos entender que os homens de honra nem sempre podiam sair vencedores e, às vezes, viam-se em condições desafortunadas nas quais o pior dos cavaleiros podia derrotar o melhor deles.

Então, Sir Tristão e Sir Lamorak deitaram Sir Kehydius sobre um escudo e o levaram até a pousada de um guardião da floresta, recomendando a este último que cuidasse bem do cavaleiro. Permaneceram ali por três dias e, depois, pegaram seus cavalos e partiram. Ao chegar em uma encruzilhada, decidiram se separar, e Sir Tristão disse a seu companheiro: Se porventura encontrardes Sir Palamedes, eu vos rogo que lhe digais que poderá me encontrar no mesmo poço onde eu o encontrei e que, ali, eu, Sir Tristão, o porei à prova para ver se é melhor cavaleiro do que eu. Tomaram então caminhos diferentes: Sir Tristão voltou ao local onde estava Sir Kehydius, ao passo que Sir Lamorak cavalgou até chegar a uma capela onde deixou seu cavalo pastar. Pouco depois, apareceu por ali Sir Meliagaunce, filho do rei Bagdemagus, e também deixou seu animal pastar. Sem dar pela presença de Sir Lamorak, esse cavaleiro começou a se queixar do amor que sentia pela Rainha Guinevere, lamentando-se por seu sofrimento. Sir Lamorak ouviu tudo que ele disse e, quando amanheceu, pegou seu cavalo e foi até a floresta, onde encontrou dois cavaleiros embrenhados na parte mais densa da vegetação. Gentis cavaleiros, perguntou ele, o que esperais aqui? O que estais observando? Se fordes cavaleiros andantes e quiserdes justar, estou pronto para fazê-lo. Não, senhor cavaleiro, responderam eles, não estamos aqui para justar convosco, mas sim à espera daquele que matou nosso irmão. Quem é esse cavaleiro que quereis encontrar?, perguntou Sir Lamorak. É Sir Lancelote do Lago, responderam ambos.

Foi ele que matou nosso irmão e, caso o encontremos, ele não nos escapará, pois haveremos de matá-lo. Sabei que estais vos impondo uma grande tarefa, replicou Sir Lamorak, pois Sir Lancelote é comprovadamente um valoroso cavaleiro. Isso não nos amedronta, disseram os irmãos, pois qualquer um de nós dois é bom o bastante para enfrentá-lo. Não creio, disse Sir Lamorak, pois jamais, em toda a minha vida, ouvi nenhum cavaleiro dizer que Sir Lancelote não era muito mais forte do que ele.


Como a Bela
Isolda escreveu
para Sir Tristão.

CAPÍTULO XIII

Como Sir Lamorak encontrou Sir Meliagaunce e os dois se enfrentaram pela beleza da Lady Guinevere.

Enquanto os três travavam esta conversa, Sir Lamorak avistou Sir Lancelote cavalgando em sua direção. Os dois então se saudaram, e o primeiro lhe perguntou se havia algo que ele pudesse fazer por ele naquelas terras. Não, respondeu Sir Lancelote, por ora, não. Mas agradeço vossa oferta. Quando se separaram, Sir Lamorak voltou ao local onde havia deixado os dois irmãos e os encontrou escondidos na vegetação densa. Malditos sejais, grandes covardes!, exclamou ele. É uma lástima e uma vergonha que qualquer um de vós tenha recebido a alta ordem da cavalaria! Dizendo isso, foi-se embora e, pouco depois, ao encontrar Sir Meliagaunce, perguntou-lhe por que amava a Rainha Guinevere. Pois eu não estava longe de vós quando vos lamentastes junto daquela capela, acrescentou. Vós me ouvistes?, perguntou Sir Meliagaunce. Pois, então, não vou negá-lo: amo a Rainha Guinevere. Que tendes a ver com isso? Hei de provar e deixar claro que ela é a dama mais formosa do mundo. Discordo de vós, replicou Sir Lamorak. A Rainha Margawse, de Orkney, mãe de Sir Gawaine, é a mais formosa de todas as damas e rainhas que existem na terra. De forma alguma, exclamou Sir Meliagaunce, e hei de prová-lo com minhas mãos em vosso corpo. Verdade?, perguntou Sir Lamorak. Pois sabei que não poderia encontrar melhor querela para disputar. Enraivecidos, os dois tomaram distância, encontraram-se com o estrondo de um trovão e com golpes tão fortes que ambos os animais caíram no chão. Livraram-se, então, de suas montarias, e, depois de erguerem os escudos e sacarem das espadas, arremeteram um contra o outro como javalis furiosos. A luta se estendeu por muito tempo, pois Meliagaunce era bom e muito forte. Sir Lamorak, porém, com toda a sua força, era páreo para ele e o fazia recuar incessantemente. Mas ambos já estavam bem feridos.

Enquanto lutavam assim, chegaram, por acaso, Sir Lancelote e Sir Bleoberis, e o primeiro se meteu entre os dois perguntando qual era o motivo daquele combate, já que ambos eram cavaleiros do Rei Arthur.

CAPÍTULO XIV

Como Sir Meliagaunce explicou o motivo da luta e como, em seguida, Sir Lamorak justou com Rei Arthur.

Eu vos direi por que estamos lutando, senhor, disse Meliagaunce. Declarei que minha senhora, a Rainha Guinevere, é a dama mais formosa do mundo, e Sir Lamorak discordou, dizendo que a Rainha Margawse, de Orkney, é mais formosa e mais bela do que ela. Ah, senhor Lamorak, por que dizeis tal coisa? Não vos cabe menosprezar os príncipes a quem deveis obediência e todos nós, replicou Lancelote, apeando-se e acrescentando: Preparai-vos, pois vou provar em combate que a Rainha Guinevere é a dama mais formosa e mais generosa do mundo. Senhor, exclamou Lamorak, não desejo me haver convosco por esta querela, uma vez que cada homem pensa que sua dama é a mais formosa de todas. E, embora eu elogie aquela a quem mais amo, não deveis vos aborrecer com isso, pois, se minha senhora, a Rainha Guinevere, é mais formosa aos vossos olhos, sabei que a Rainha Margwase, de Orkney, é mais formosa aos meus. Cada cavaleiro acha sua própria dama mais formosa. Bem sabeis, senhor, que, à exceção de Sir Tristão, sois o homem com quem menos vontade tenho de combater neste mundo, mas, se julgardes necessário lutar comigo, haverei de resistir o máximo que conseguir. Então, Sir Bleoberis interveio, dizendo: Meu senhor Lancelote, nunca o vi agir de forma tão irrefletida quanto agora, pois Sir Lamorak tem toda a razão no que diz e o faz como um cavaleiro. Digo-vos que tenho uma dama e, para mim, ela é a mais formosa do mundo. Tal declaração seria motivo suficiente para vos irritares comigo? Bem sabeis que Sir Lamorak é o mais nobre cavaleiro que conheço e sempre demonstra boa vontade para convosco e para comigo. Por isso, eu vos rogo que sejais bons amigos. E eu vos rogo que me perdoeis minha má disposição, disse Sir Lancelote, dirigindo-se a Sir Lamorak. Fui insensato e tratarei de reparar tal atitude. Senhor, replicou Sir Lamorak, façamos as pazes de uma vez por todas. Depois disso, Sir Lancelote e Sir Bleoberis se foram, e os dois outros cavaleiros pegaram seus cavalos e se separaram.

Pouco mais tarde, o Rei Arthur chegou por ali, encontrou Sir Lamorak e justou com ele, derrubando-o e ferindo-o gravemente com a lança. Em seguida, o monarca se foi, o que deixou o cavaleiro irritadíssimo, porque o outro não o quis enfrentar a pé, mas não reconheceu o Rei Arthur.

CAPÍTULO XV

Como Sir Kay encontrou Sir Tristão e, depois das coisas vergonhosas que disse acerca dos cavaleiros da Cornualha, ambos se enfrentaram em uma justa.

Deixemos agora esta história para voltar a Sir Tristão, que, enquanto cavalgava, encontrou com Sir Kay, o Senescal, que lhe perguntou de que país ele era, ao que o cavaleiro respondeu que era da Cornualha. É bem possível, replicou Sir Kay, pois até hoje ainda não ouvi dizer que a Cornualha houvesse produzido um bom cavaleiro. Lamentáveis palavras, retrucou Sir Tristão, mas rogo-vos que me digais vosso nome, por favor. Sabei, senhor, respondeu o outro, que me chamo Sir Kay, o Senescal. Este é vosso nome?, perguntou Sir Tristão. Pois deveis saber que sois chamado o cavaleiro de língua mais vergonhosa que existe neste mundo e, embora sejais considerado um bom cavaleiro, também tendes fama de desventurado e de ter uma língua muito injuriosa. Seguiram cavalgando juntos até que chegaram a uma ponte. Havia ali um cavaleiro que não quis deixá-los passar até que um dos dois justasse com ele. Sir Kay o enfrentou e foi derrubado. Tal cavaleiro chamava-se Sir Tor, e era meio-irmão de Sir Lamorak. Os dois seguiram então para sua morada, onde encontraram Sir Brandiles, e, pouco depois, chegou o próprio Sir Tor. Enquanto jantavam, três desses cavaleiros fizeram comentários vergonhosos sobre os cavaleiros da Cornualha. Sir Tristão ouviu tudo que diziam, não dizia quase nada e pensava muito, mas, nessa ocasião, não revelou como se chamava.

Pela manhã, pegou seu cavalo e ficou esperando por eles no caminho. Chegou Sir Brandiles, que se ofereceu para justar com ele, e foi derrubado no chão com cavalo e tudo. Em seguida, foi a vez de Sir Tor Fise de Vayshoure. Sir Tristão também o derrubou e seguiu seu caminho, com Sir Kay em seu encalço. Ele, porém, não quis companhia alguma. Então, Sir Brandiles se aproximou de Sir Kay e disse: Gostaria de saber qual é o nome desse cavaleiro. Vinde comigo, replicou o senescal, e lhe rogaremos que nos diga como se chama. Cavalgaram juntos até o encontrarem e, então, viram que ele estava sentado junto a um poço e havia retirado o elmo para beber. Quando os viu chegar, voltou a colocar o elmo, pegou seu cavalo e lhes propôs que justassem. Não, replicou Sir Brandiles, já justamos o bastante convosco. Não viemos até aqui com este propósito, mas sim para vos pedir, em nome da cavalaria, que nos digais vosso nome. Meus gentis cavaleiros, disse o jovem, já que é o que desejais, sabei que me chamo Sir Tristão de Liones, sobrinho do Rei Marcos, da Cornualha. Em boa hora vos encontramos, disse Sir Brandiles. Sede muito bem-vindo e sabei que muito nos alegramos por estardes

aqui. Fazemos parte de um grupo que ficaria feliz por ter vossa companhia, pois não há outro cavaleiro no mundo que a Távola Redonda deseje mais ter como membro de sua irmandade. Que Deus agradeça a todos por sua grande bondade, replicou Sir Tristão, mas, por enquanto, sinto que não posso fazer parte desse grupo, pois nunca realizei feitos tão valorosos que justifiquem meu ingresso nessa irmandade. Ah!, exclamou Sir Kay, se sois Sir Tristão de Liones, sois considerado atualmente o homem de maior proeza, à exceção de Sir Lancelote do Lago. Não existe cristão ou pagão capaz de encontrar outro cavaleiro igual no que se refere a vossa habilidade, a vossas mãos, a vossa lealdade; até hoje, nenhuma criatura pôde dizer nada de desonroso a vosso respeito. Conversaram assim por algum tempo e, depois, se separaram, cada qual tomando o caminho que melhor lhe pareceu.

CAPÍTULO XVI

Como o Rei Arthur foi levado para a Floresta Perigosa, e como Sir Tristão lhe salvou a vida.

Agora ouvireis o motivo pelo qual o Rei Arthur, por intermédio de uma dama, entrou na Floresta Perigosa, que ficava em Gales do Norte. Tal dama, que se chamava Annowre, foi procurar o monarca em Cardiff e, lançando mão de gentis promessas e votos, conseguiu convencê-lo a entrar com ela naquela floresta. Na verdade, Annowre era uma grande feiticeira que amava o Rei Arthur havia tempos e veio para este país para fazê-lo deitar-se com ela. Depois que o rei se foi em companhia dessa dama e, tão logo deram por sua falta, vários de seus cavaleiros saíram a sua procura, tais como Sir Lancelote, Sir Brandiles e muitos outros. Annowre levou o monarca para sua torre e não tardou a lhe pedir que se deitasse com ela. Arthur, porém, lembrou-se de sua dama e se recusou a fazê-lo, a despeito de todas as artes de que ela pudesse lançar mão. Então, a cada dia, a feiticeira tratava de levá-lo para cavalgar pela floresta com seus próprios cavaleiros com a intenção de que o matassem, pois, quando percebeu que não podia tê-lo como gostaria, começou a recorrer a falsos meios de destruir o Rei Arthur e causar sua morte. No entanto, a Dama do Lago, que era sempre muito favorável ao monarca, descobriu, através de suas artes sutis, que o Rei Arthur acabaria provavelmente morto.

Essa Dama do Lago, que se chamava Nimue, resolveu então entrar na referida floresta à procura de Sir Lancelote do Lago ou de Sir Tristão, já que sabia que naquele mesmo dia o monarca morreria a menos que recebesse ajuda de um desses dois cavaleiros. Cavalgou por ali, de um lado para outro, até que encontrou Sir Tristão, e pôde reconhecê-lo assim que o viu. Ah, meu senhor Tristão, disse ela, que bênção vos ver por aqui e bendita a hora em que vos encontrei, pois ainda hoje, dentro de duas horas, estará concluída a mais terrível ação jamais cometida nestas terras. Oh, gentil donzela, replicou Sir Tristão, posso evitar que isso aconteça? Vinde comigo, disse ela, o mais depressa possível, porque vereis o mais valoroso cavaleiro do mundo em situação de grande perigo. Estou pronto para ajudar tão nobre homem, exclamou o cavaleiro. Trata-se, nem mais nem menos, acrescentou a Dama do Lago, do nobre Rei Arthur em pessoa. Que Deus não permita que ele se veja em tamanho perigo, disse Sir Tristão. Seguiram então cavalgando a todo galope até chegarem a um castelo onde havia um pequeno torreão e, ao pé deste, viram um cavaleiro que, a pé, enfrentava dois adversários.

Tristão ficou observando a luta e, finalmente, os dois cavaleiros derrubaram o que estava sozinho e um deles tratou de lhe desatar o elmo para matá-lo. Então, a dama Annowre pegou a própria espada do rei para lhe decepar a cabeça, mas, nesse instante, Sir Tristão se aproximou com todo o ímpeto e gritou: Traidora! Traidora! Largai essa espada! Traspassou o corpo de um dos cavaleiros, que caiu morto ali mesmo e investiu sobre o outro, quebrando-lhe as costas. Nesse momento, a Dama do Lago gritou para o monarca: Não deixeis escapar essa falsa dama! O Rei Arthur então a alcançou e com aquela mesma espada lhe cortou a cabeça. A Dama do Lago pegou a cabeça decepada e a prendeu pelos cabelos ao arção de sua sela. Depois disso, Sir Tristão ajudou o rei a montar em seu cavalo e seguiu em sua companhia, mas pediu à Dama do Lago que, naquela ocasião, não lhe revelasse seu próprio nome.

Estando já a cavalo, o Rei Arthur agradeceu com vivacidade ao Sir Tristão e desejou saber como ele se chamava. Este, porém, disse-lhe apenas que era um pobre cavaleiro aventureiro e seguiu com o monarca, até que encontraram alguns de seus cavaleiros. Pouco mais tarde, encontraram Sir Hector de Maris, que não reconheceu nem o Rei Arthur nem Sir Tristão, e quis justar com um deles. Este último o atacou, derrubando-o de sua montaria e, depois, voltando-se para o rei, disse: Majestade, este é um de vossos cavaleiros e poderá vos acompanhar. Qualquer outro dia, graças ao que fiz por vós hoje, confio em Deus que entendereis que eu queria vos servir. Ai, exclamou o monarca, não quereis me dizer quem sois? Agora não, respondeu Sir Tristão. E partiu, deixando juntos o Rei Arthur e Sir Hector.

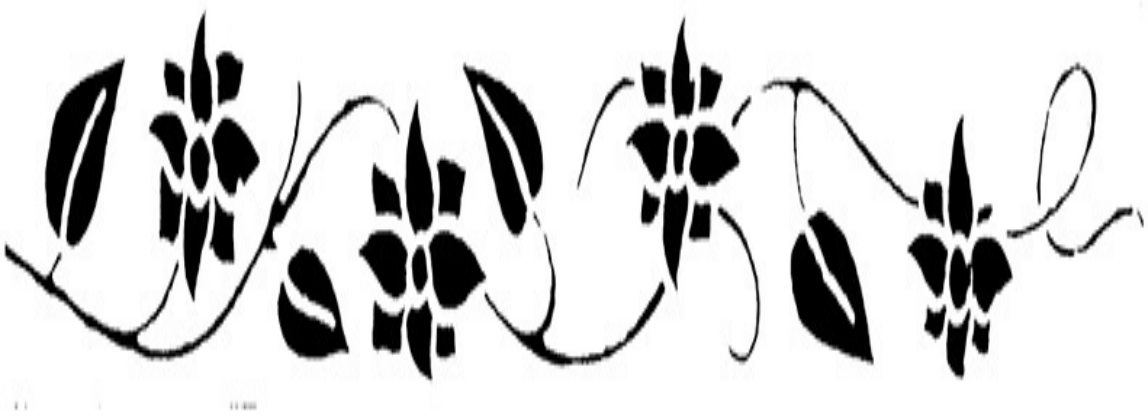
CAPÍTULO XVII

Como Sir Tristão procurou a Bela Isolda; como Kehydius se apaixonou por ela, e de uma carta encontrada por Tristão.

No dia marcado, Sir Tristão e Sir Lamorak se encontraram junto ao poço. Juntos, foram buscar Sir Kehydius na casa do guardião da floresta, cavalgaram até o navio onde haviam deixado Lady Bragwaine e Gouvernail e zarparam para a Cornualha. Por indicação da dama e com seu aval, assim que desembarcaram foram ao encontro de Sir Dinas, o Senescal, um dos amigos leais de Sir Tristão. Lady Bragwaine e o senescal foram para a corte do Rei Marcos e disseram à rainha, a Bela Isolda, que Sir Tristão estava ali perto, naquelas terras. De pura felicidade, a rainha perdeu os sentidos e, quando conseguiu falar, disse: Gentil cavaleiro senescal, ajudai-me a poder falar com ele ou meu coração haverá de explodir. Então, em completo sigilo, Sir Dina e Lady Bragwaine levaram Sir Tristão à corte e o conduziram a um aposento que a Bela Isolda havia designado. A felicidade de ambos não pôde ser expressa em língua alguma, pensada por coração algum, descrita por pena alguma. E, como menciona o livro francês, quando Sir Kehydius a viu pela primeira vez, ficou tão enamorado, tão tomado por um amor puríssimo que dela não conseguia se afastar. Finalmente, como ouvireis antes que este livro acabe, Sir Kehydius acabou morrendo de amor pela Bela Isolda. Apaixonado, escreveu secretamente as mais belas cartas e baladas que eram usuais naquela época. Quando a Bela Isolda leu tais cartas, sentiu muita pena dos lamentos contidos ali, e, inadvertidamente, escreveu uma carta no intuito de consolá-lo.

Durante todo esse tempo, Sir Tristão estava em um torreão, por ordem de sua amada, que, sempre que podia, ia ao seu encontro. Um dia, o Rei Marcos estava jogando xadrez sob a janela de um quarto e, na ocasião, Sir Tristão e Sir Kehydius estavam no referido aposento. Por infelicidade, Sir Tristão achou uma carta que Kehydius havia enviado para a Bela Isolda e também a que ela lhe havia escrito em resposta. Como ela estava presente, Sir Tristão se aproximou e disse: Senhora, cá está uma carta que vos foi enviada e aqui a que escrevestes como resposta. Ai, senhora! Apesar de todo o amor que tive por vós, apesar das muitas terras e riquezas a que renunciei por vosso amor, vejo agora, para minha imensa dor, que me traístes. Quanto a vós, senhor Kehydius, eu vos trouxe da Bretanha até este país, e para vosso pai, o Rei Howel, conquistei terras. Embora tenha desposado vossa irmã Isolda das Mãos Brancas, por causa de sua bondade para comigo, ela permanece uma donzela pura, porque sou um verdadeiro cavaleiro. Sabei, pois,

senhor Kehydius, que hei de me vingar de vós por esta falsidade e esta traição! Dizendo isso, sacou da espada e gritou: Defendei-vos, Kehydius! Então, a Bela Isolda caiu desmaiada no chão. Quando Sir Kehydius percebeu que Sir Tristão arremetia contra ele, não viu outra saída senão pular por uma janela. Acabou caindo exatamente na cabeça do Rei Marcos, que jogava xadrez logo ali embaixo. Vendo isso, o monarca exclamou: Quem sois, companheiro? E por que motivo pulastes por aquela janela? Majestade, respondeu Kehydius, peguei no sono sentado na janela bem acima de onde estais e, enquanto dormia, tive um sonho e acabei caindo. Foi esta a desculpa que Sir Kehydius deu ao Rei Marcos.



CAPÍTULO XVIII

Como Sir Tristão deixou Tintagel; como sofreu e permaneceu tanto tempo em uma floresta que acabou perdendo o juízo.

Então, Sir Tristão ficou com muito medo de que o rei descobrisse que ele estava ali e, por isso, correu até a fortaleza da torre e se armou com a primeira armadura que encontrou para o caso de ter que lutar com quem tencionasse barrar seu caminho. Ao ver que não encontrava resistência alguma, mandou que Gouvernail fosse buscar seu cavalo e sua lança e, como cavaleiro que era, saiu abertamente do castelo que se chamava Tintagel. Ainda na porta, porém, encontrou Gingalin, filho de Sir Gawaine, que logo pôs a lança em riste e correu contra Sir Tristão, quebrando sua lança no embate. Nessa ocasião, Sir Tristão tinha apenas uma espada, mas desfechou tamanho golpe no elmo de seu adversário que o derrubou do cavalo e, como a lâmina resvalou, acabou cortando inteiramente o pescoço do animal. Em seguida, tomou o rumo da floresta. O Rei Marcos havia observado toda a cena e logo enviou um escudeiro ao encontro do cavaleiro ferido, ordenando-lhe que viesse a sua presença. Quando soube que se tratava de Sir Gingalin, o monarca o acolheu muito bem, deu-lhe outro cavalo e lhe perguntou quem era o cavaleiro que ele havia enfrentado. Majestade, respondeu o recém-chegado, não sei quem ele era, mas sei que suspirava e se lamentava muito.

Pouco mais tarde, Sir Tristão avistou um de seus cavaleiros que se chamava Sir Fergus e, depois de juntar-se a ele, mostrou tamanho sofrimento que acabou perdendo os sentidos e caindo do cavalo. Passou três dias e três noites nesse estado. Afinal, mandou que Sir Fergus fosse até a corte para se informar das novidades. No caminho, este encontrou uma donzela que vinha da parte de Sir Palamedes para saber notícias de Sir Tristão. Então, Sir Fergus lhe contou que ele estava a ponto de perder o juízo. Ai, exclamou a donzela, onde posso encontrá-lo? Em tal lugar, respondeu Sir Fergus. Quando este chegou à corte, encontrou a rainha Isolda acamada, sofrendo como nenhuma outra mulher na Terra parecia sofrer, e, quando a donzela encontrou Sir Tristão, muito se lamentou por não poder consolá-lo, pois, quanto mais fazia por ele, maior era sua dor. Finalmente, Sir Tristão pegou seu cavalo e foi-se embora. Passaram-se três dias até que a moça conseguisse encontrá-lo, levando-lhe comida e bebida, mas ele recusou ambas. Mais uma vez, Sir Tristão se afastou de tal donzela e, por acaso, passou perto do mesmo castelo onde Sir Palamedes e ele haviam lutado até a Bela Isolda os separar. Foi exatamente nesse local que a donzela voltou a encontrá-lo

lamentando-se como jamais se vira antes. Procurou então a senhora do castelo e lhe contou a desventura do cavaleiro. Ai, exclamou a dama, onde está meu senhor Tristão? Aqui perto de vosso castelo, respondeu a donzela. Ainda bem que ele está perto de mim, disse a senhora do castelo. Pois sorte a dele me encontrar. Terá do bom e do melhor para comer e beber, e tenho uma harpa sua com a qual ele me ensinou a arte desse instrumento, pois ninguém no mundo sabe tangê-lo como ele. Assim, a senhora e a donzela foram até ele, levando-lhe de comer e de beber, mas ele praticamente não aceitou nada. Certa noite, afastou seu cavalo, retirou a armadura e entrou na parte mais densa da floresta, destroçando árvores e galhos. Outras vezes, depois de encontrar a harpa que a senhora do castelo havia mandado, tangia as cordas do instrumento e cantava, sempre chorando. Nas ocasiões em que Sir Tristão estava embrenhado no bosque e a senhora não sabia onde encontrá-lo, ela se sentava para tocar a harpa e, então, o cavaleiro aparecia e ficava escutando aqueles sons ou até queria ele próprio tocar. Tal situação se estendeu por um quarto de ano, até que Sir Tristão partiu, e a dama não soube mais o que havia sido feito dele. Inteiramente nu, ele se pôs a andar sem rumo, emagreceu, ficando apenas pele e osso, e procurava a companhia de pastores e boiadeiros que a cada dia dividiam com ele a bebida e a comida que levavam. Quando Sir Tristão fazia algo inadequado, eles lhe batiam com seus cajados e o raspavam com os instrumentos de tosquia, tratando-o como a um louco.



CAPÍTULO XIX

Como Sir Tristão empurrou Dagonet para um poço; como Palamedes enviou uma donzela para procurar por Tristão e encontrou o Rei Marcos.

Um dia, Dagonet, o bobo da corte do Rei Arthur, entrou em terras da Cornualha levando consigo dois escudeiros. Quando estavam atravessando aquela floresta, chegaram a um belo poço perto do qual estava Sir Tristão. Como fazia calor, todos se apearam para beber em tal poço e, enquanto isso, deixaram seus cavalos soltos. Nesse momento, apareceu Sir Tristão, que começou por empurrar Sir Dagonet para o poço e, em seguida, fez o mesmo com seus escudeiros, e os pastores riram ao ver tal cena. Depois, saiu correndo atrás dos cavalos, trouxe cada um deles e obrigou os homens a montar, molhados como estavam, e seguir seu caminho. Sir Tristão viveu assim por meio ano: nu, sem querer jamais entrar em cidade ou vila. Nesse meio-tempo, a donzela que Sir Palamedes havia enviado a sua procura voltou e relatou ao cavaleiro todo o padecimento pelo qual ele vinha passando. Ai, exclamou Sir Palamedes, que lástima ver tão nobre cavaleiro sofrendo tanto pelo amor de uma dama. Apesar de tudo, acrescentou, vou procurá-lo e tentar consolá-lo. Pouco antes disso, a Bela Isolda havia mandado Sir Kehydius deixar o país da Cornualha, e ele partiu com o coração despedaçado. Por acaso, este encontrou Sir Palamedes e cavalgaram juntos, ambos se lamentando por causa do amor ardente que sentiam pela Bela Isolda. Pois tratemos de procurar Sir Tristão, disse Palamedes, que a amava tanto quanto nós, e vejamos se conseguimos fazer com que ele se recupere. Assim, pois, entraram na floresta e passaram três dias e três noites cavalgando sem querer descansar, sempre à procura de Sir Tristão.

Certa feita, encontraram o Rei Marcos, que havia se separado de seus homens. Assim que o viu, Sir Palamedes o reconheceu, mas Sir Kehydius não. Ah, rei falso, exclamou o cavaleiro, como lastimo que estejais vivo, pois sois a ruína de todos os cavaleiros valorosos e, por vossas maldade e vingança haveis destruído o mais nobre dos cavaleiros, Sir Tristão de Liones. Portanto, defendei-vos, pois morrereis no dia de hoje. Seria um ato vergonhoso, replicou o monarca, uma vez que estais armados e eu, desarmado. Quanto a isso, disse Sir Palamedes, não tendes com que vos preocupar. O cavaleiro que está aqui comigo poderá vos ceder seu equipamento. Não, retrucou o rei Marcos. Não quero me haver convosco porque não temos querela alguma. Todo o sofrimento de Sir Tristão foi provocado por uma carta que encontrou, e eu não lhe fiz afronta alguma. Deus sabe que muito lamento seu sofrimento e sua enfermidade. Depois que o monarca se desculpou

dessa forma, o clima entre eles foi de cordialidade, e o Rei Marcos quis levá-los para Tintagel. Sir Palamedes, porém, recusou o convite e regressou ao reino de Logris, e Sir Kehydius disse que iria para a Bretanha.

Voltemos agora a Sir Dagonet, que, depois de estar novamente a cavalo com seus escudeiros, se convenceu de que os pastores haviam mandado aquele louco para tratá-los daquela forma e, já que tinham rido deles, voltaram para espancá-los. Vendo que aqueles que lhe davam de comer e de beber estavam sendo surrados, Sir Tristão correu até lá, pegou Sir Dagonet pela cabeça e lhe deu tamanho tombo que ele ficou estendido no chão. Depois, pegou a espada de sua mão, correu com ela na direção de um dos escudeiros e lhe cortou a cabeça, o que fez o outro fugir. E, espada em punho, Sir Tristão saiu correndo como um louco fora de si. Então, Sir Dagonet foi à procura do Rei Marcos e lhe contou como havia conseguido escapar daquela floresta. Portanto, disse ele, evitai chegar perto do poço em tal floresta, Majestade, pois há ali um louco despido que, quando nos encontramos, ele louco e eu também, quase acabei morto. Ah, exclamou o monarca, trata-se de Sir Matto Le Breune, que enlouqueceu porque perdeu sua dama, pois, desde que Sir Gaheris o venceu e tomou sua moça, ele nunca mais recobrou o juízo, o que é lamentável, pois era um bom cavaleiro.



CAPÍTULO XX

Como circularam rumores sobre a morte de Tristão, e como a Bela Isolda quase se matou.

Então, Sir Andred, primo de Sir Tristão, fez com que uma dama, que era sua amante, espalhasse o boato de que ela havia estado com aquele cavaleiro na hora de sua morte. Ela chegou à corte do Rei Marcos dizendo que o havia enterrado junto a um poço e que, antes de morrer, ele havia suplicado ao rei, seu tio, que tornasse Sir Andred, seu primo, rei do país de Liones do qual Sir Tristão era senhor. E tudo isso por um único motivo: Sir Andred queria para si as terras de seu primo. Ao saber da morte de Sir Tristão, o Rei Marcos chorou e sofreu muito, mas, quando a Rainha Isolda tomou conhecimento dessa notícia, sua dor foi tamanha que ela esteve a ponto de perder o juízo e, certo dia, decidiu matar-se para não continuar vivendo depois da morte de Sir Tristão. Assim, pois, pegou uma espada em segredo, levou-a até seu jardim e a fincou em uma ameixeira até a empunhadura para que ela ficasse bem firme e na altura de seu peito. No momento em que ia se atirar sobre a lâmina da arma, ajoelhou-se e disse: Doce Senhor Jesus, tende piedade de minha alma, porque não posso seguir vivendo depois da morte de Sir Tristão de Liones, que foi meu primeiro amor e será também o último. Ao ouvir tais palavras, o Rei Marcos, que havia presenciado toda a cena, correu até ela, tomou a esposa nos braços e retirou a espada da árvore. Levou então a Bela Isolda para uma torre, onde mandou que ela fosse protegida e mantida sob vigilância constante. A rainha permaneceu ali por muito tempo, doente, à beira da morte.

Nesse ínterim, Sir Tristão corria nu pela floresta, sempre com a espada em punho. Chegou então a um eremitério, onde adormeceu e, enquanto ele dormia, o ermitão lhe tirou a espada da mão e deixou comida ao seu lado. O cavaleiro foi mantido assim por dez dias, até que, finalmente, partiu e regressou para junto dos pastores. Naquelas terras, havia um gigante que se chamava Tauleas e, por medo de Sir Tristão, havia mais de sete anos que não ousava sair livremente, ficando quase sempre encerrado em um castelo bem seguro que lhe pertencia. Assim que ouviu dizer que Sir Tristão havia morrido, segundo os rumores que corriam na corte do Rei Marcos, Tawleas voltou a sair diariamente, bem à vontade. Aconteceu que, certo dia, aproximou-se dos pastores que estavam circulando por ali em um momento de folga e resolveu se sentar para descansar com eles. Nesse momento, chegou um cavaleiro da Cornualha cujo nome era Sir Dinant e que cavalgava acompanhado de uma dama. Quando o gigante o viu, afastou-se do

grupo dos pastores para se esconder ao pé de uma árvore enquanto o cavaleiro desmontou para descansar. Tão logo ele se afastou de seu cavalo, o gigante Tawleas se interpôs entre o homem e o animal, apoderou-se deste último e saltou sobre ele. Depois, investiu contra Sir Dinant, agarrou-o pelo pescoço, botando-o a sua frente sobre o cavalo e preparou-se para lhe cortar a cabeça. Ajuda este cavaleiro, disseram os pastores a Sir Tristão. Ajudai-o vós mesmos, replicou ele. Não nos atrevemos a fazê-lo, replicaram os pastores. Então, Sir Tristão viu onde estava a espada do cavaleiro, correu para apanhá-la, decepou a cabeça de Tauleas e voltou para junto dos pastores.

CAPÍTULO XXI

Como o Rei Marcos encontrou Tristão nu e mandou que o levassem de volta a Tintagel, e como ele foi reconhecido por uma cadela.

O cavaleiro da Cornualha pegou então a cabeça do gigante, levou-a para o Rei Marcos e lhe contou a aventura que lhe havia acontecido na floresta, referindo-se ao homem nu que o havia salvado do feroz gigante Tawleas. Onde tudo isso se passou?, perguntou o monarca. Junto ao formoso poço que fica em vossa floresta, onde se reúnem muitos cavaleiros aventureiros. É nesse local que se pode encontrar o louco. Pois bem, replicou o Rei Marcos, vou até lá para ver essa criatura selvagem. Um ou dois dias depois, o rei mandou que seus cavaleiros e caçadores estivessem prontos na manhã seguinte, pois iriam até o monte, e, quando amanheceu, todos entraram na floresta. Ao chegarem perto do tal poço, o monarca viu, deitado junto dele, um belo homem nu com uma espada ao lado. Tocou então seu corno, e seus cavaleiros não tardaram a aparecer. Pegai este homem nu com toda a delicadeza, disse ele, e levai-o para meu castelo. Foi o que fizeram, de forma cortês, com todo o cuidado, depois de cobrirem o cavaleiro com uns mantos. Lá chegando, banharam-no, lavaram-no e deram-lhe uns caldos bem quentes até que ele finalmente recobrou os sentidos. Durante todo esse tempo, porém, ninguém reconheceu Sir Tristão ou desconfiou de quem seria aquele homem.

Aconteceu que a rainha, a Bela Isolda, ouviu falar do homem que corria nu pela floresta e soube que o rei o havia trazido para a corte. Chamou então Lady Bragwaine e disse: Vinde comigo. Vamos ver esse homem que meu senhor trouxe na floresta no dia de ontem. Saíram ambas e perguntaram onde se encontrava o enfermo. Um escudeiro lhe respondeu que ele estava no jardim, descansando e repousando ao sol. Quando a rainha o viu, não o reconheceu, mas disse à sua acompanhante: Tenho a impressão de já tê-lo visto antes em muitos lugares. Mas Sir Tristão, que a reconheceu perfeitamente assim que a viu, desviou o rosto e chorou.

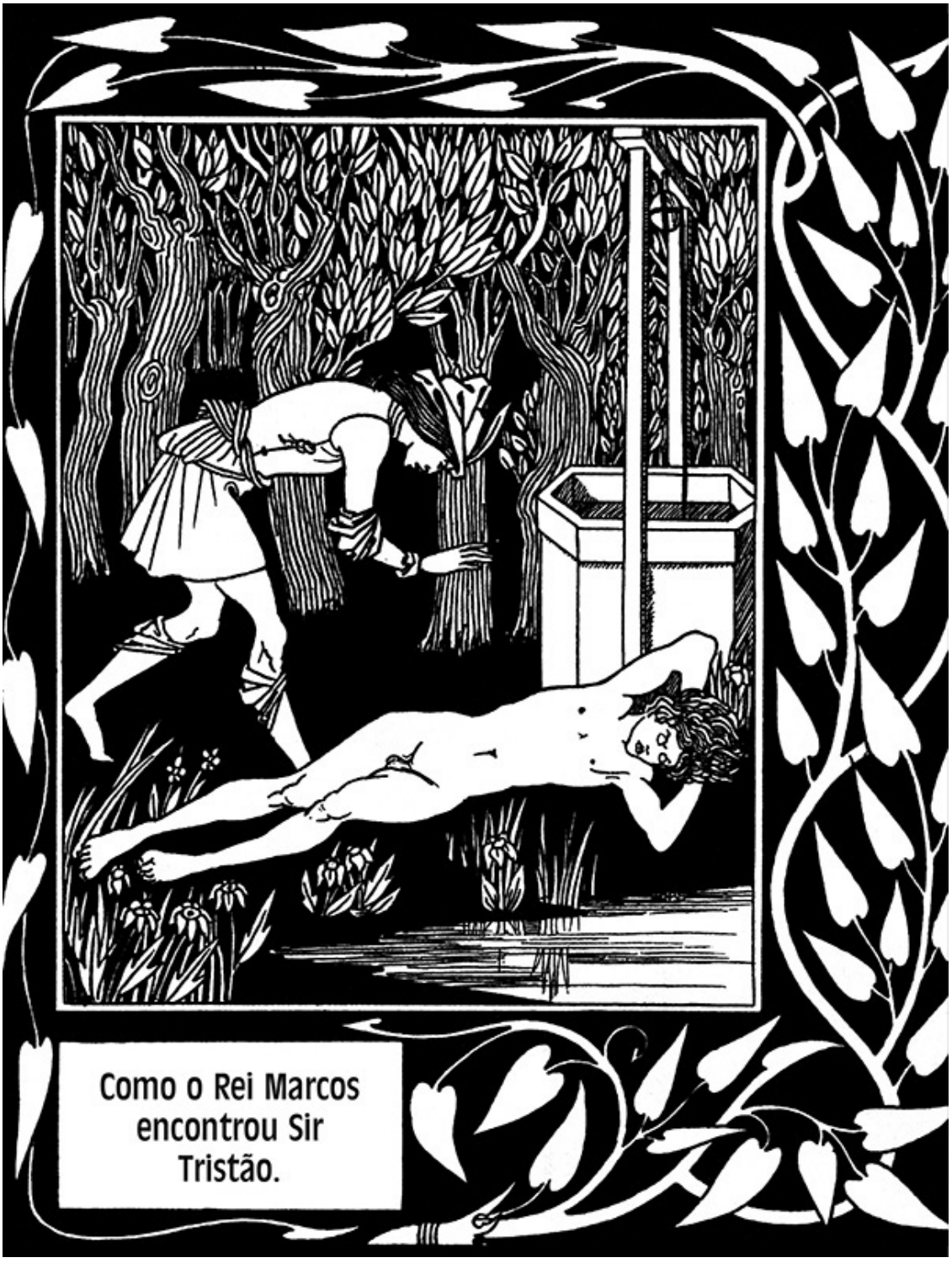
A rainha andava sempre acompanhada de uma cadelinha que Sir Tristão lhe dera quando ela chegou à Cornualha pela primeira vez e que lhe havia sido enviada pela filha do rei da França, que o amava profundamente. O animalzinho jamais a deixava, a menos que o próprio cavaleiro estivesse por perto e, assim que sentiu o cheiro dele, pulou em seu colo, lambeu-lhe as maçãs do rosto e as orelhas, ganindo e latindo, farejando seus pés, suas mãos e todas as partes de seu corpo que

estivessem a seu alcance. Ai, minha senhora!, exclamou Lady Bragwaine. Ai, ai! Trata-se de meu senhor, Sir Tristão! Ao ouvir isso, a Bela Isolda caiu desmaiada e ficou bastante tempo desacordada. Quando recobrou os sentidos e pôde falar, disse: Meu senhor Tristão! Bendito seja Deus por haver conservado vossa vida, e tenho certeza de que sois vós por causa dessa cadelinha que jamais vos deixará. Também tenho certeza de que, assim que meu senhor, o Rei Marcos, tomar conhecimento de vossa identidade, tratará de vos desterrar do país da Cornualha ou de vos destruir. Por Deus, meu amado senhor, fazei o que deseja o Rei Marcos. Ide para a corte do Rei Arthur, pois sois amado por lá e, sempre que eu puder, mandarei notícias e, sempre que quiserdes, podereis vir me ver. A qualquer momento, cedo ou tarde, estarei a vossa disposição para levar uma vida tão pobre quanto dama ou rainha alguma jamais levou. Oh, senhora!, replicou Sir Tristão. Afastai-vos de mim, pois muita fúria e muitos perigos enfrentei por amor a vós.

CAPÍTULO XXII

Como o Rei Marcos, seguindo recomendação de seu Conselho, baniu Sir Tristão da Cornualha por um período de dez anos.

A rainha então se foi, mas a cadelinha não quis acompanhá-la e, quando o Rei Marcos se aproximou, ela avançou, latindo para ele e para todos os demais. Diante disso, Sir Andred declarou: Majestade, este homem é Sir Tristão. Posso ver isso pela cadela. Não, retrucou o monarca, não posso aceitar tal suposição. E, então, perguntou quem ele era e como se chamava. Valha-me Deus, respondeu o cavaleiro. Meu nome é Sir Tristão de Liones. Agora, podeis fazer comigo o que desejardes. Ah!, exclamou o Rei Marcos, lamento que vos tenhais recuperado. Mandou então chamar seus barões para que julgassem Sir Tristão e o condenassem à morte. Muitos, porém, não quiseram concordar com aquilo, especialmente Sir Dinas, o Senescal, e Sir Fergus. Assim, pois, por recomendação de todos, Sir Tristão foi banido do país por dez anos e prestou um juramento sobre um livro perante o rei e seu conselho. Foi, então, obrigado a deixar a Cornualha, e vários barões o conduziram até seu navio, alguns dos quais eram seus amigos, e outros, seus inimigos. Nesse meio-tempo, chegou um dos cavaleiros do Rei Arthur cujo nome era Dinadan e que viera buscar Sir Tristão. Os homens lhe mostraram o cavaleiro que seguia, inteiramente armado, para sua embarcação. Senhor cavaleiro, disse Sir Dinadan, antes que abandoneis esta corte, peço-vos que luteis comigo. De bom grado, respondeu Sir Tristão, se esses cavaleiros me derem permissão para fazê-lo. Como estes concordaram, os dois correram um contra o outro, e Sir Tristão derrubou seu adversário. Este, então, lhe pediu licença para acompanhá-lo. Sereis muito bem-vindo, replicou o cavaleiro.


Como o Rei Marcos
encontrou Sir
Tristão.

Pegaram ambos seus cavalos e rumaram para o navio. Quando já haviam embarcado, Sir Tristão disse: Apresentai minhas saudações ao Rei Marcos e a todos os meus inimigos. Dizei-lhe que voltarei assim que puder e que me sinto bem recompensado por ter lutado contra Sir Marhaus e livrado este país da servidão; sinto-me bem recompensado por haver trazido a Rainha Isolda da Irlanda, por todos os gastos que tive e por todos os perigos que enfrentei para trazê-la de volta do Castelo Pluere; sinto-me bem recompensado por ter lutado contra Sir Bleoberis para salvar a esposa de Sir Segwarides; sinto-me bem recompensado por ter enfrentado Sir Glamor de Ganis para defender o Rei Agwisance, pai da Bela Isolda; sinto-me bem recompensado por haver derrubado o bom cavaleiro Sir Lamorak de Gales a pedido do Rei Marcos; sinto-me bem recompensado por haver lutado contra o Rei dos Cem Cavaleiros e com o rei de Gales do Norte, que pretendiam submeter suas terras à servidão e por mim foram censurados; sinto-me bem recompensado por ter matado Tawleas, o poderoso gigante, e por muitas outras façanhas que realizei por ele. Esta é a paga que ele me dá. Dizei também ao Rei Marcos que muitos nobres cavaleiros da Távola Redonda perdoaram, graças a mim, os barões deste país. Tampouco fui recompensado por ter enfrentado Sir Palamedes e libertado a Rainha Isolda de suas mãos. Aliás, naquela ocasião, o Rei Marcos declarou, diante de todos os seus barões, que eu é que deveria receber a melhor recompensa. E, tendo dito isso, fizeram-se ao mar.

CAPÍTULO XXIII

Como uma donzela chegou em busca de reforços para auxiliar Sir Lancelote contra trinta cavaleiros, e como Sir Tristão os enfrentou.

Logo depois de desembarcarem, ainda bem perto da costa, Sir Tristão e Sir Dinadan encontraram Sir Hector de Maris e Sir Bors de Ganis, e, nesse encontro, Sir Hector justou com Sir Dinadan e o derrubou juntamente com seu cavalo. Então, Sir Tristão quis justar com Sir Bors, mas este replicou que não enfrentaria nenhum cavaleiro da Cornualha porque eles não eram considerados homens de mérito. Tudo isso se passou em uma ponte. Nesse instante, chegaram Sir Bleoberis e Sir Driant, e o primeiro se ofereceu para justar com Sir Tristão, que o derrubou. Nunca tinha visto um cavaleiro córnico tão valoroso e valente como este cujo cavalo ostenta paramentos bordados de coroas, disse Sir Bors de Ganis. Então, Sir Tristão e Sir Dinadan se separaram dos outros quatro e entraram em uma floresta onde encontraram uma donzela que, por amor a Sir Lancelote, ia em busca de algum nobre cavaleiro da corte do Rei Arthur que pudesse socorrê-lo. Havia sido decidido, por um ato traiçoeiro da Fada Morgana, que Sir Lancelote morresse e, para isso, ela havia determinado que trinta cavaleiros se postassem em determinado lugar, esperando por ele. A donzela lhes disse que tomara conhecimento de tal traição e decidira sair à procura de nobres cavaleiros capazes de ir em seu socorro, pois, naquela mesma noite ou ao raiar do dia seguinte, Sir Lancelote passaria pelo lugar onde estavam os trinta cavaleiros. Ela já havia encontrado Sir Bors, Sir Hector e Sir Driant e lhes contado sobre a traição da Fada Morgana, e os quatro lhe prometeram ficar por perto do local onde se daria o confronto. Assim, se eles o atacarem, ajudaremos como pudermos, disseram.

A donzela seguiu então seu caminho e acabou encontrando Sir Tristão e Sir Dinadan e também lhes falou da traição urdida contra Sir Lancelote. Gentil donzela, disse Sir Tristão, levai-me a esse lugar onde eles estão à espera de Sir Lancelote. Que pretendeis fazer?, perguntou então Sir Dinadan. Não nos cabe lutar contra trinta cavaleiros e bem sabeis que não farei tal coisa. Já é o bastante enfrentar dois ou três cavaleiros, quando eles são bons, mas combater quinze é uma loucura que jamais cometerei. Que vergonha!, exclamou Sir Tristão. Ao menos fazei vossa parte! Não, insistiu o outro, nada farei, a não ser que concordeis em me emprestar vosso escudo, pois ele tem as armas da Cornualha e, em razão da covardia sempre atribuída aos cavaleiros de vosso país, sois sempre dispensados à simples visão de vossos escudos. Não, replicou Sir Tristão, em honra daquela

que me deu este escudo, não hei de me separar dele. Entretanto, uma coisa posso vos prometer, Sir Dinadan: se não jurardes permanecer comigo, aqui mesmo eu vos matarei, pois nada mais desejo de vós a não ser uma resposta de cavaleiro. E, se vosso coração não vos serve, fique de lado observando a mim e a eles. Senhor, disse Sir Dinadan, prometo vos observar e fazer o que puder para me salvar, pois não gostaria de ter que vos enfrentar.

Pouco depois, os trinta homens se aproximaram dos quatro cavaleiros e os dois grupos se viram, mas os primeiros os deixaram passar sem problemas, pois não desejavam provocá-los, uma vez que seu objetivo era Sir Lancelote, e os quatro também os deixaram passar, pois queriam ficar à espreita para ver o que fariam com o cavaleiro. Os trinta cavaleiros seguiram adiante e encontraram Sir Dinadan e Sir Tristão, que, ao vê-los, gritou: Alto lá! Aqui está um cavaleiro pronto para vos enfrentar por amor a Sir Lancelote! E ali mesmo matou dois deles com uma lança e dez com a espada. Então Sir Dinadan se aproximou e se saiu muito bem, de tal forma que, dos trinta, restaram apenas dez que fugiram. Sir Bors de Ganis e seus três companheiros viram toda essa batalha e perceberam que se tratava do mesmo cavaleiro que havia justado com eles lá na ponte. Esporearam então seus cavalos, foram até ele, louvaram seu desempenho, agradeceram por sua boa ação e quiseram que ele os acompanhasse a sua pousada, mas ele recusou, dizendo que não desejava ir a nenhuma pousada. Os quatro lhe rogaram então que lhes dissesse seu nome. Gentis senhores, respondeu Sir Tristão, nesta ocasião não vos direi como me chamo.

CAPÍTULO XXIV

Como Sir Tristão e Sir Dinadan chegaram a uma estalagem onde precisaram justar contra dois cavaleiros.

Sir Tristão e Sir Dinadan seguiram seu caminho até que encontraram alguns pastores e boiadeiros e lhes perguntaram se conheciam algum albergue nos arredores. Certamente, senhores, responderam os homens, bem perto daqui há uma pousada que fica em um castelo, mas eles têm um costume: nenhum cavaleiro pode se hospedar lá a menos que juste com dois outros e, embora seja um só, deverá enfrentar os dois. Assim que entrardes, sereis desafiados. Que pousada daninha, disse Sir Dinadan. Se quiserdes, podeis vos albergar nesse local, mas eu não haverei de fazê-lo. Que vergonha!, exclamou Sir Tristão. Não sois um cavaleiro da Távola Redonda? Como podeis então recusar abrigo sem perder vossa honra? Não é bem assim, atalharam os pastores. Se fordes vencidos e levardes a pior, não podereis vos albergar ali, mas, se vencerdes, sereis muito bem acolhidos. Ah!, disse Sir Dinadan, trata-se então de dois cavaleiros confiantes. E não queria abrigar-se ali de forma alguma. Sir Tristão, porém, apelou para seu espírito de cavalaria, e os dois acabaram cavalgando naquela direção. Para abreviar a história, Sir Tristão e Sir Dinadan derrubaram a ambos, entraram no castelo e receberam ali a melhor acolhida que se possa imaginar ou descrever.

Depois de desarmados, esperavam se divertir e repousar, mas apareceram diante da porta Sir Palamedes e Sir Gaheris, exigindo que se cumprisse o costume do castelo. Como assim?, exclamou Sir Dinadan. Agora preciso descansar. Não vai ser possível, disse Sir Tristão. Temos a obrigação de defender o costume do castelo, já que recebemos a melhor das acolhidas por parte de seus senhores e, portanto, deveis vos preparar. Maldita hora em que resolvi vos acompanhar, lamentou-se Sir Dinadan. Assim, pois, os dois se prepararam, e Sir Gaheris enfrentou Sir Tristão, que o derrubou, ao passo que Sir Palamedes derrubou Sir Dinadan ao enfrentá-lo, ou seja: queda contra queda. Teriam, então, que lutar a pé, coisa que Sir Dinadan não desejava fazer, pois estava bem machucado por causa do tombo que levara. Sir Tristão retirou o elmo de seu companheiro e lhe pediu que o ajudasse. De forma alguma, respondeu Sir Dinadan, pois estou bastante ferido em razão do combate com aqueles trinta cavaleiros. Mas vossa atitude é a de um louco, alguém que perdeu o juízo, e maldigo a hora em que vos vi, pois não existem no mundo dois cavaleiros tão insanos quanto Sir Lancelote e vós, Sir Tristão. Já estive uma vez com ele como agora me vejo convosco, e me meti em

tais situações que precisei passar um quarto de ano de cama. Que Jesus me guarde de semelhantes cavaleiros e, principalmente, de vossa companhia. Sendo assim, replicou Sir Tristão, lutarei sozinho. Quero lutar com os dois, disse ele, mandando que os cavaleiros se aproximassem. Então, Sir Palamedes e Sir Gaheris os atacaram e feriram a ambos. Depois de dar um ou dois golpes em Sir Gaheris, Sir Dinadan se afastou. Não!, exclamou Sir Palamedes. É muito vergonhoso para nós lutarmos juntos contra um cavaleiro sozinho. Ficai ali ao lado daquele cavaleiro que não está disposto a lutar, disse então, pedindo a Sir Gaheris que se afastasse. Então atacaram-se mutuamente e lutaram por muito tempo, até que Sir Tristão redobrou a força de seus golpes, fazendo seu adversário recuar mais de três passos. Nesse instante, de comum acordo, Sir Gaheris e Sir Dinadan intervieram para separá-los e, com o aval de Sir Tristão, decidiram se albergar juntos. Sir Dinadan, porém, não quis pernoitar naquele castelo e, maldizendo a hora em que resolveu acompanhar Sir Tristão, pegou seu cavalo, seu arnês e partiu.

Então, Sir Tristão pediu aos senhores do castelo que lhe cedessem um homem para conduzi-lo até uma pousada. Conseguiu alcançar Sir Dinadan, e os dois se albergaram a duas milhas de distância, em um mosteiro onde um bom homem lhes ofereceu acomodações confortáveis. Nesse ínterim, Sir Bors, Sir Bleoberis, Sir Hector e Sir Driant, que permaneceram no local onde Sir Tristão havia enfrentado os trinta cavaleiros, viram chegar Sir Lancelote, que havia prometido hospedar-se com Sir Colgrevance naquela mesma noite.

CAPÍTULO XXV

Como Sir Tristão enfrentou Sir Kay e Sir Sagramore, o Desejoso, em uma justa, e como Sir Gawaine conseguiu afastar Sir Tristão da Fada Morgana.

Assim que o nobre cavaleiro Sir Lancelote ouviu falar do escudo da Cornualha, compreendeu que era Sir Tristão que havia lutado contra seus inimigos e, entre vários outros elogios, declarou que se tratava do homem mais valoroso do mundo. Naquele monastério, estava também um cavaleiro chamado Pellinore, que quis saber o nome de Sir Tristão, mas não conseguiu descobri-lo. Ao partir, Sir Tristão deixou ali seu companheiro de viagem, que estava tão cansado e machucado que não podia cavalgar. Então, o tal cavaleiro, Sir Pellinore, aproximou-se de Sir Dinadan e declarou: Já que não quereis me dizer o nome daquele cavaleiro, vou atrás dele e farei com que ele próprio me diga, caso contrário, morrerá. Cuidado, senhor cavaleiro, replicou Sir Dinadan, pois havereis de vos arrepender se o seguirdes. Apesar de tudo, Sir Pellinore saiu ao encalço de Sir Tristão e o desafiou para lutar. Este, porém, o derrubou, ferindo-o no ombro, e seguiu seu caminho. No outro dia, Sir Tristão encontrou alguns arautos que lhe disseram que estavam anunciando a realização de um grande torneio entre o Rei Carados, da Escócia, e o rei de Gales do Norte. Os dois se enfrentariam no castelo das Donzelas, e os arautos estavam à procura de bons cavaleiros, mas que o Rei Carados fizera uma recomendação especial: que fossem buscar Sir Lancelote do Lago, ao passo que o rei de Gales do Norte lhe mandara procurar por Sir Tristão de Liones. Na ocasião, este resolveu participar dessas justas e, por acaso, topou com Sir Kay, o Senescal, e Sir Sagramore, o Desejoso. O primeiro desejou enfrentar Sir Tristão, mas este se recusou, pois não queria ser ferido ou machucado antes do grande torneio que seria realizado no castelo das Donzelas e tinha a intenção de repousar e descansar. Senhor cavaleiro da Cornualha, gritou Sir Kay, justai comigo ou rendei-vos como um covarde! Ao ouvir isso, Sir Tristão se voltou e, então, foi a vez de Sir Kay recusar o combate virando-lhe as costas. Assim como vos encontrei, hei de vos vencer, disse Sir Tristão. Muito a contragosto, Sir Kay voltou atrás, mas o jovem cavaleiro o derrubou e retomou seu caminho.

Então, Sir Sagramore, o Desejoso, resolveu segui-lo e desafiá-lo para uma justa. Mais uma vez, Sir Tristão derrubou seu adversário e se foi. Nesse mesmo dia, encontrou uma donzela que lhe disse que ele ganharia muita honra ao lutar contra um cavaleiro aventureiro que havia tempos vinha fazendo muito mal àquele país. Quando ouviu isso, Sir Tristão muito se alegrou e foi com ela para ganhar

honra. Os dois cavalgaram juntos por seis milhas até encontrarem Sir Gawaine. Este logo reconheceu a donzela da Rainha Morgana, a Fada, na companhia do cavaleiro, e compreendeu que ela o estava levando para alguma desgraça. Gentil cavaleiro, perguntou ele, para onde estais indo com essa donzela? Senhor, respondeu o jovem, não sei lhe dizer. Sei apenas que estou indo para onde esta donzela quiser me levar. Não deveis cavalgar em sua companhia, acrescentou Sir Gawaine, pois ela e sua senhora jamais fizeram bem algum, mas apenas coisas ruins. Então, sacou da espada e disse: Donzela, se não me disserdes imediatamente por que motivo estais levando este cavaleiro, morrereis aqui mesmo. Conheço todas as traições de vossa senhora e as vossas. Tende piedade, Sir Gawaine!, exclamou ela. Se me concederdes a vida, eu vos contarei tudo. Pois falai, replicou o cavaleiro, e vivereis. Senhor, disse ela, a Rainha Morgana, a Fada, minha senhora, enviou trinta damas para procurar e espionar Sir Lancelote ou Sir Tristão e, usando de artimanhas, a primeira que encontrar um desses cavaleiros deve fazer com que ele a acompanhe até o castelo dela a pretexto de realizar façanhas muito honrosas. Se um deles for até lá, há de encontrar trinta cavaleiros à espreita em uma torre, esperando por Sir Lancelote ou Sir Tristão. Que vergonha!, exclamou Sir Gawaine. Tanta traição tramada e praticada por uma rainha, irmã de um rei, filha de rei e de rainha!

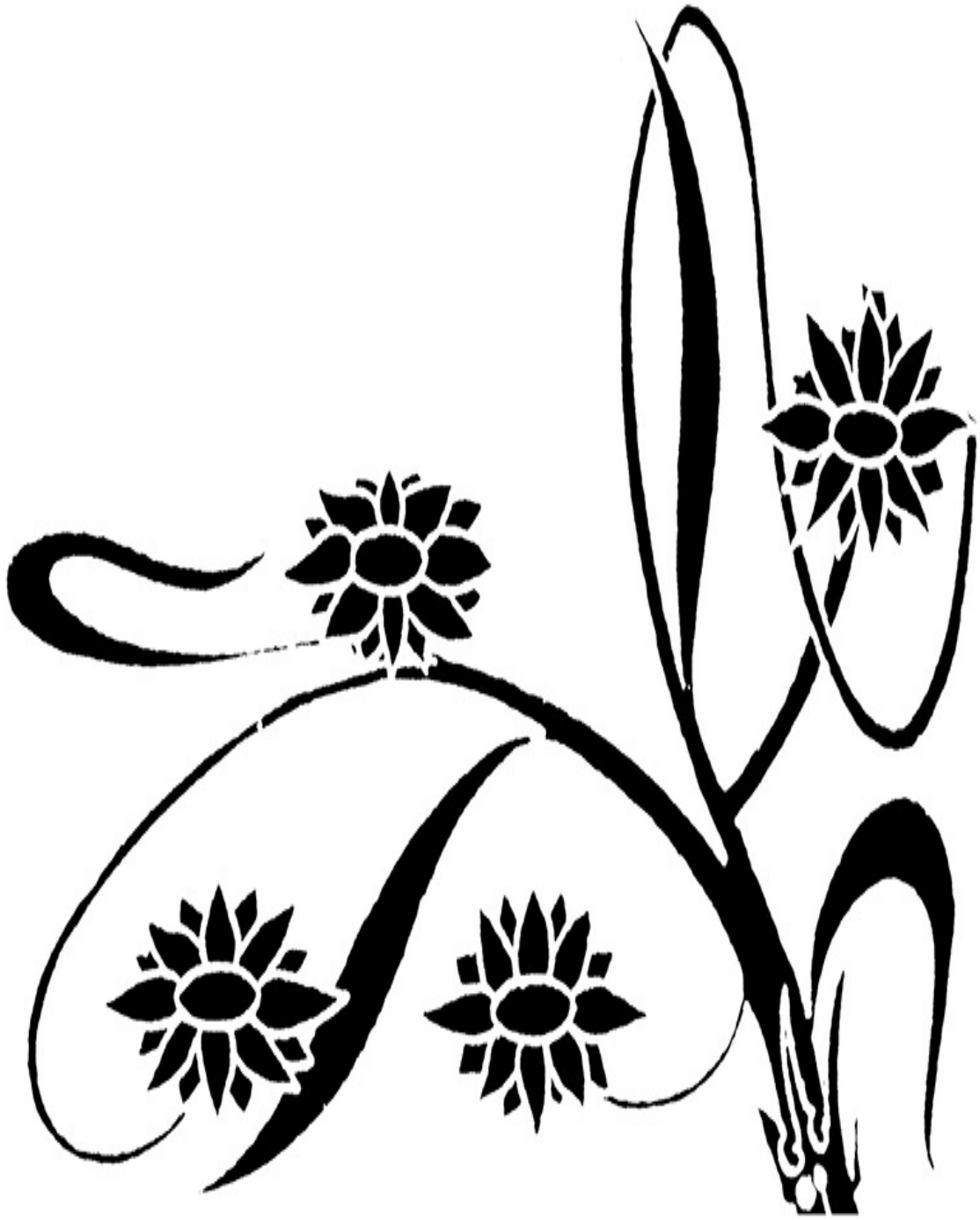
CAPÍTULO XXVI

Como Sir Tristão e Sir Gawaine partiram para enfrentar os trinta cavaleiros, mas estes não ousaram sair de seu esconderijo.

Senhor, disse Sir Gawaine, ficai comigo, e veremos o estratagema desses trinta cavaleiros. Se é o que desejais, replicou Sir Tristão, ide até lá e vereis que não haverei de vos faltar, pois há tempos um companheiro e eu enfrentamos trinta cavaleiros da companhia dessa rainha e, com a graça de Deus, poderemos angariar muita honra. Seguiram então cavalgando até o castelo onde se encontrava a Fada Morgana, e Sir Gawaine não parava de cogitar que seu companheiro fosse Sir Tristão de Liones, porque ouvira dizer que dois cavaleiros haviam matado e derrotado trinta homens. Quando chegaram diante do castelo, Sir Gawaine gritou: Rainha Morgana, a Fada, mandai sair os cavaleiros que haveis posto à espreita para emboscar Sir Lancelote e Sir Tristão! Pois agora, acrescentou, estou a par de vossa traição e, por onde quer que eu cavalgue, todos haverão de ter conhecimento dela. Vejamos se ousais sair desse castelo, trinta cavaleiros! Então, a rainha e os trinta homens disseram a uma só voz: Senhor Gawaine, sabeis perfeitamente o que fazeis e dizeis, pois, por Deus, nós o conhecemos bastante bem. Mas tudo o que fazeis e dizeis é por simples orgulho desse bom cavaleiro que está aí convosco. Alguns de nós conhecemos muito bem o peso da mão desse cavaleiro, e que fique claro, Sir Gawaine, que é mais por ele do que por vós que nos recusamos a deixar o castelo, já que conhecemos o cavaleiro que leva as armas da Cornualha e sabemos de quem se trata.

Assim, pois, Sir Tristão e Sir Gawaine se foram e continuaram a cavalgar juntos por um dia ou dois. No caminho, encontraram Sir Kay e Sir Sagramore, o Desejoso, que muito se alegraram ao ver Sir Gawaine, e a alegria foi recíproca. Mas não sabiam quem era aquele que levava o escudo da Cornualha, embora pudessem supô-lo, e os quatro cavalgaram juntos por um ou dois dias. Mais adiante, viram Sir Breuse Saunce Pitié perseguindo uma dama para matá-la e, antes disso, já havia matado seu amante. Esperai aqui todos vós, disse Sir Gawaine. Não vos mostreis e me vereis recompensar esse falso cavaleiro, pois, se ele vos vir, conseguirá escapar, pois está montando um excelente animal. Dizendo isso, Sir Gawaine se interpôs entre Sir Breuse e a dama, e gritou: Deixai esta dama, falso cavaleiro, e vinde vos entender comigo! Quando Sir Breuse viu que Sir Gawaine estava sozinho, enristou a lança e correu ao seu encontro, derrubando-o de seu cavalo. Em seguida, passou por cima dele atropelando-o

vinte vezes para matá-lo. Diante de ação tão infame, Sir Tristão o atacou impetuosamente, mas, quando Sir Breuse viu o escudo da Cornualha, soube de quem se tratava e fugiu. Sir Tristão foi em seu encalço, entretanto, o cavalo do fugitivo era tão bom que ele conseguiu seguir livremente seu caminho, e o cavaleiro o seguiu por um bom tempo com a intenção de vingar-se. Já o estava perseguindo havia horas quando viu um formoso poço. Dirigiu-se até lá para descansar e amarrou seu cavalo em uma árvore.



CAPÍTULO XXVII

Como Lady Bragwaine encontrou Tristão dormindo junto a um poço e como ela lhe entregou as cartas que a Bela Isolda lhe escrevera.

Tirou então o elmo, lavou o rosto e as mãos e, depois, adormeceu. Nesse momento, chegou alguém que vinha trilhando muitos caminhos daquela região a sua procura havia dias. Quando essa mulher chegou perto do poço, olhou o cavaleiro adormecido, mas não se lembrava de Sir Tristão. Conseguiu reconhecê-lo, porém, por causa de seu cavalo, chamado Passe-Brewel, animal que o cavaleiro possuía de longa data e que Sir Fergus havia guardado durante todo o tempo que Sir Tristão passou vagando enlouquecido pela floresta. Lady Bragwaine ficou esperando ali até que ele acordou e, quando isso aconteceu, ela o saudou, e ele, a ela, pois os dois já haviam se encontrado antes. Então, ela lhe contou como o tinha procurado por toda parte e lhe disse que trazia cartas da Bela Isolda, a rainha. Mais que depressa, Sir Tristão leu as tais cartas e muito se alegrou, pois havia ali inúmeras queixas cheias de ternura. Lady Bragwaine, disse ele então, cavalgareis comigo até o final do torneio que vai se realizar no castelo das Donzelas e, depois, voltareis levando consigo cartas e notícias. Em seguida, pegou seu cavalo e saiu em busca de pousada. Encontrou um bom cavaleiro idoso e lhe pediu que o abrigasse. Nesse momento, chegou Gouvernail, que ficou muito feliz ao ver a senhora Bragwaine. Tal cavaleiro idoso, que se chamava Sir Pellounes, lhes falou do grande torneio que aconteceria no castelo das Donzelas e disse que Sir Lancelote, com trinta e dois cavaleiros de sua família, haviam encomendado escudos da Cornualha. Nesse ínterim, alguém se apresentou anunciando a Sir Pellounes que Sir Persides de Bloise havia regressado, e o ancião ergueu as mãos agradecendo a Deus por aquele regresso. E, depois, contou a Sir Tristão que fazia dois anos que não via o próprio filho, Sir Persides. Senhor, replicou este, conheço bastante bem a fama que tem vosso filho de ser um bom cavaleiro.

Sir Tristão e Sir Persides chegaram a seus aposentos ao mesmo tempo, desarmaram-se e vestiram-se e, então, saudaram-se um ao outro. Quando o filho do anfitrião soube que Sir Tristão era originário da Cornualha, disse que havia estado naquelas terras uma vez. Nessa ocasião, prosseguiu ele, justei diante do Rei Marcos e consegui derrubar dez cavaleiros. Entretanto, acabei me defrontando com Sir Tristão de Liones, que me derrubou e levou minha dama. Jamais esquecerei esse fato; pelo contrário, ele estará sempre em minhas lembranças, e sigo esperando a minha oportunidade. Ah, exclamou Sir Tristão, vejo que guardais

rancor de Sir Tristão. Acreditais que ele não seria capaz de resistir a vossa fúria? Bem sei que trata-se de um cavaleiro valoroso, respondeu Sir Persides, e muito melhor do que eu, mas não pretendo demonstrar qualquer boa vontade para com ele. Enquanto conversavam assim diante de uma janela do castelo, viram muitos cavaleiros que chegavam para o torneio. Então, Sir Tristão avistou um homem garboso que montava um grande cavalo negro e trazia um escudo recoberto de negro. Quem é aquele com o cavalo e o escudo negros?, perguntou. Parece um bom cavaleiro. Eu o conheço bem, respondeu Sir Persides. É um dos melhores cavaleiros do mundo. Então é Sir Lancelote, disse Tristão. Não, retrucou o outro, é Sir Palamedes, que ainda não foi batizado.

CAPÍTULO XXVIII

Como Sir Tristão sofreu uma queda infligida por Sir Palamedes, e como Sir Lancelote derrubou dois cavaleiros.

Viram então muitos habitantes do país saudarem Sir Palamedes e, pouco depois, chegou um escudeiro dizendo a Sir Pelloune, o senhor do castelo, que um cavaleiro portando um escudo negro havia derrubado treze adversários. Gentil irmão, disse Sir Tristão, dirigindo-se a Sir Persides, vamos assistir às disputas cobertos com mantos. Absolutamente, retrucou este último. Não vamos até lá como meros bandoleiros, mas sim como homens e bons cavaleiros prontos para enfrentar seus inimigos. Os dois então se armaram, pegaram seus cavalos e umas lanças bem grandes e seguiram para o local onde muitos cavaleiros treinavam, preparando-se para o torneio. Assim que Sir Palamedes viu Sir Persides, mandou um escudeiro até ele. Vai até onde está aquele cavaleiro com o escudo verde com um leão dourado e diz-lhe que o desafio a justar comigo. Diz-lhe ainda que meu nome é Sir Palamedes. Ao tomar conhecimento da mensagem de Sir Palamedes, Sir Persides se preparou, e os dois não tardaram a se enfrentar, mas este último foi derrubado. Então Sir Tristão se dispôs a vingar seu companheiro. Acontece que Sir Palamedes já estava pronto, ao passo que Sir Tristão não estava, e, aproveitando-se de tal vantagem, derrubou-o pela traseira do cavalo antes mesmo que ele houvesse enristado sua lança. Mais que depressa, Sir Tristão se levantou e voltou a montar, furioso e muito envergonhado por ter levado tal queda. Mandou então que Gouvernail fosse levar uma mensagem sua a Sir Palamedes, pedindo-lhe que lutasse com ele. Não, respondeu este. Neste momento, não vou justar com aquele cavaleiro, pois eu o conheço melhor do que ele imagina. Se estiver irado, que vá amanhã ao castelo das Donzelas, onde verá a mim e a muitos outros cavaleiros.

Nesse meio-tempo, chegou Sir Dinadan e, ao ver que Sir Tristão estava enraivecido, não quis fazer qualquer zombaria. Vede, disse ele, aqui se pode comprovar que não existe cavaleiro tão bom que não possa levar uma queda, nem tão alerta que não possa ser apanhado de surpresa uma vez que seja, nem que cavalgue tão bem que não possa ser derrubado. Sir Tristão, porém, estava tão furioso que disse a Sir Persides e a Sir Dinadan: Hei de me vingar! Enquanto conversavam assim, passou perto de Sir Tristão um cavaleiro garboso que cavalgava a passo grave e pesado, portando um escudo negro. Quem é esse cavaleiro?, perguntou Sir Tristão, dirigindo-se a Sir Persides. Eu o conheço bem, respondeu este. Ele se chama Sir Briant de Gales do Norte. E tal cavaleiro passou

com outros de sua terra. Logo depois, chegou Sir Lancelote do Lago, ostentando as armas da Cornualha em seu escudo, e enviou um escudeiro para desafiar Sir Briant a justar com ele. Pois bem, respondeu o cavaleiro, já que estou sendo desafiado, farei o melhor que puder. Ali mesmo, Sir Lancelote o derrubou do cavalo com uma queda impressionante. Intrigado, Sir Tristão quis saber quem seria aquele cavaleiro com o escudo de seu país. Seja ele quem for, respondeu Sir Dinadan, eu vos asseguro de que em suas veias corre o sangue do Rei Ban, pois dele descendem os cavaleiros de maior proeza neste mundo segundo o testemunho de muitos e muitos homens. Chegaram então dois cavaleiros de Gales do Norte, um dos quais se chamava Hew de La Montaine, e o outro, Sir Madok de La Montaine, e ambos desafiaram Sir Lancelote para justar sem pausa para descanso. Este não se recusou; pelo contrário, preparou-se e os derrubou a ambos com uma única lança. Depois disso, seguiu seu caminho. Bom Deus!, exclamou Sir Tristão. Esse cavaleiro que traz as armas da Cornualha em seu escudo é magnífico, e creio que cavalga melhor do que qualquer outro que eu já tenha visto.

Em seguida, o rei de Gales do Norte se aproximou de Sir Palamedes e lhe rogou que justasse em seu nome com aquele cavaleiro. Pois ele nos menosprezou a todos de Gales do Norte, disse o monarca. Majestade, retrucou Sir Palamedes, não creio que deva enfrentar tal cavaleiro por uma única razão: amanhã o grande torneio será realizado e, portanto, prefiro manter-me descansado. Não!, replicou o rei de Gales do Norte. Eu vos rogo que o desafieis. Senhor, disse então Sir Palamedes, justarei porque assim o desejais e pedirei àquele cavaleiro que juste comigo, embora jamais tenha visto um homem cair a seu próprio pedido.

CAPÍTULO XXIX

Como Sir Lancelote derrotou Palamedes em uma justa, e, depois, foi atacado por doze cavaleiros.

Então Sir Palamedes enviou um escudeiro desafiando Sir Lancelote para justar. Gentil companheiro, disse este, como se chama teu senhor? Ele se chama Sir Palamedes, senhor, respondeu o escudeiro, o bom cavaleiro. Em boa hora trouxeste-me esta mensagem, retrucou Sir Lancelote, pois nestes sete anos jamais vi outro cavaleiro que mais desejasse combater. Ambos então se prepararam e se armaram com grossas lanças. Vereis como Sir Palamedes há de se sair muito bem, observou Sir Dinadan. Pode ser, replicou Sir Tristão, mas imagino que este cavaleiro com o escudo da Cornualha vá derrubá-lo. Não acredito, disse Sir Dinadan. Os dois esporearam os animais, enristaram as lanças e se encontraram. Sir Palamedes quebrou uma lança em seu adversário, que, no entanto, nem se moveu de sua sela. Por outro lado, o golpe que deu em Sir Palamedes foi tão forte que a sela se soltou do animal, escudo e cota foram perfurados e, se não fosse pela queda que levou, teria morrido ali mesmo. O que me dizeis agora?, indagou Sir Tristão. Pela maneira como ambos cavalgavam, eu sabia que Sir Palamedes ia cair.

E Sir Lancelote seguiu seu caminho, dirigindo-se a um poço para beber água e descansar. Os cavaleiros de Gales do Norte viram para onde ele estava indo, e doze deles o seguiram com a intenção de lhe causar dano com um único intuito: impedir que, na manhã seguinte, ele fosse o vencedor do torneio do castelo das Donzelas. Investiram de súbito contra Sir Lancelote, que mal teve tempo de pôr o elmo e montar em seu cavalo. No entanto, o cavaleiro não estava longe de seus aparatos e logo pegou a lança, passou por entre eles e matou um, quebrando a lança em seu corpo. Sacou então da espada e saiu ferindo homens a torto e a direito, de tal forma que, com uns poucos golpes, já havia matado mais três e feriu gravemente os restantes que tentaram resistir a seus ataques. Assim, conseguiu escapar de seus inimigos de Gales do Norte e, depois, dirigiu-se à residência de um amigo, onde se hospedou até a manhã seguinte, pois queria se poupar e não se desgastar muito no primeiro dia do torneio. Nessa ocasião, ficou em companhia do Rei Arthur, que estava sentado em um palanque de onde podia ver quem se mostrava mais valoroso em suas façanhas. Sir Lancelote ficou ali, ao lado do rei, sem justar.

CAPÍTULO XXX

Do desempenho de Sir Tristão no primeiro dia do torneio e como foi declarado vencedor.

Voltemos agora a Sir Tristão de Liones, que mandou que Gouvenail, seu criado, lhe arranjasse um escudo negro desprovido de quaisquer armas ou insígnias. Sir Persides e ele se despediram de seu anfitrião, Sir Pellounes, e, bem cedo, rumaram para o local do torneio, incluindo-se entre os homens do Rei Carados, da Escócia. Logo os cavaleiros começaram a entrar na liça, uns deles engrossando as fileiras do rei de Gales do Norte, outros, as do Rei Carados. Não tardaram a ter início grandes combates: por todo lado, viam-se homens arremetendo e investindo uns contra os outros. Nesse momento, entraram na liça Sir Persides e Sir Tristão, e tantas foram suas proezas que conseguiram fazer recuar o rei de Gales do Norte. Depois, foi a vez de Sir Bleoberis de Ganis e Sir Gaheris, que integravam o grupo desse país, e, tendo sido derrubado, Sir Persides quase morreu, pois mais de quarenta homens a cavalo o atacaram. Sir Bleoberis realizou grandes feitos de armas, e Sir Gaheris não ficou a lhe dever em nada. Observando-os e vendo-os realizar tais feitos de armas, Sir Tristão se perguntou quem seriam aqueles e também achou que era uma vergonha Sir Persides ter recebido aquele tratamento. Empunhou então uma grossa lança, investiu contra Sir Gaheris e o derrubou de sua montaria. Enfurecido, Sir Bleoberis pegou uma lança e cavalgou em direção a Sir Tristão. Quando os dois se encontraram, este último o derrubou também. Então, o Rei dos Cem Cavaleiros ficou irado, repôs Sir Bleoberis e Sir Gaheris em seus cavalos, e nesse momento teve início um combate acirrado. Sir Tristão estava lhes dando muito trabalho, e Sir Bleoberis se enfurecia cada vez mais com aquele cavaleiro. De repente, Sir Dinadan investiu contra Sir Tristão e recebeu tamanho golpe que perdeu os sentidos ainda sentado em sua sela. Pouco depois, este se aproximou de Sir Tristão e disse: Senhor, eu vos conheço melhor do que imaginais, mas faço agora o juramento solene de nunca mais vos atacar, pois prometo que vossa espada jamais se abaterá sobre meu elmo.

Veio então Sir Bleoberis, e Sir Tristão lhe desfechou um golpe tão violento que ele chegou a inclinar a cabeça e, nesse instante, seu adversário o puxou com toda a força pelo elmo e o atirou sob as patas de seu cavalo. Mas o Rei Arthur fez soar o sinal de pousada, e Sir Tristão partiu para seu pavilhão tendo Sir Dinadan em seu encalço. Então Sir Persides, o Rei Arthur e os reis de ambos os partidos, assombrados, se perguntaram quem seria aquele cavaleiro com o escudo negro.

Muitos dos presentes deram sua opinião, e alguns, que haviam reconhecido Sir Tristão, calaram-se e não quiseram dizer nada. Assim, pois, naquele primeiro dia, o Rei Arthur e os demais reis e senhores que eram juízes atribuíram a vitória a Sir Tristão e, por não saber de quem se tratava, chamaram-no de Cavaleiro do Escudo Negro.

CAPÍTULO XXXI

Como Sir Tristão se voltou contra o grupo do Rei Arthur por ter visto Palamedes em meio aos seus homens.

Na manhã seguinte, Sir Palamedes deixou o rei de Gales do Norte e se juntou ao grupo do Rei Arthur, do qual faziam parte o rei da Irlanda, o Rei Carados, os parentes de Sir Lancelote e os de Sir Gawaine. Mandou então uma mensagem a Sir Tristão por intermédio da mesma donzela que havia mandado procurá-lo quando ele estava enlouquecido na floresta, e esta perguntou a Sir Tristão quem ele era e como se chamava. Dizei a Sir Palamedes, replicou Sir Tristão, que, por ora, não sabereis nem uma coisa nem outra; antes disso, quebrarei duas lanças sobre ele. Podeis lhe dizer, porém, que sou o mesmo cavaleiro que ele derrubou na tarde anterior ao torneio e que, seja qual for o grupo de que ele tome parte, eu estarei no grupo adversário. Senhor, disse a donzela, sabei que Sir Palamedes integrará as forças do Rei Arthur, onde estarão também os mais nobres cavaleiros do mundo. Em nome de Deus, exclamou Sir Tristão! Então, lutarei ao lado do rei de Gales do Norte, já que Sir Palamedes vai competir pelo Rei Arthur, embora quisesse fazer parte desse mesmo grupo se não fosse por ele. Quando o Rei Arthur chegou, todos se dirigiram para a liça, e teve início uma grande contenda. O Rei Carados justou com o Rei dos Cem Cavaleiros e foi derrubado por seu adversário. Depois disso, foi um tal de arremeter e investir um contra o outro. Nesse momento, surgiram os cavaleiros do Rei Arthur e obrigaram os homens do rei de Gales do Norte a recuar.

Foi quando Sir Tristão apareceu e começou a combater com tanta força e bravura que ninguém conseguia resistir a ele. Finalmente, foi parar em meio aos homens do Rei Ban, e Sir Bors de Ganis, Sir Hector de Maris, Sir Blamor de Ganis e muitos outros cavaleiros arremeteram contra ele. E Sir Tristão prosseguia ferindo a torto e a direito, de tal forma que todos os senhores e damas presentes comentavam suas valorosas façanhas. Mas ele teria levado a pior se não fosse pelo Rei dos Cem Cavaleiros, que chegou, com sua companhia, resgatou o jovem e o tirou do meio daqueles cavaleiros que ostentavam escudos da Cornualha. Então, ele viu outro grupo que se aproximava: eram quarenta cavaleiros liderados por Sir Kay, o Senescal. Sir Tristão arremeteu contra eles cavalgando, derrubou Sir Kay de sua montaria e passou por todos como um galgo entre coelhos.

Nesse instante, Sir Lancelote encontrou um cavaleiro que tinha um grave ferimento na cabeça. Senhor, perguntou ele, quem vos feriu assim tão gravemente?

Senhor, respondeu o outro, foi um cavaleiro que leva um escudo negro. Maldigo a hora que o enfrentei, pois ele é um demônio, e não um homem. Sir Lancelote se despediu do ferido com a intenção de enfrentar Sir Tristão. Empunhando a espada desembainhada, cavalgou a sua procura e viu então como ele atacava aqui e ali, derrubando praticamente um cavaleiro a cada golpe. Meu Jesus, exclamou o rei! Desde que lido com armas, jamais vi um cavaleiro realizar proezas tão magníficas. Se eu o atacasse, disse Sir Lancelote consigo mesmo, decerto passaria vergonha. E, pensando assim, voltou a embainhar a espada. Então, o Rei dos Cem Cavaleiros e outros cem homens de Gales do Norte investiram contra os vinte que eram parentes de Sir Lancelote. Estes se mantinham sempre juntos como um bando de javalis selvagens, sem deixar nenhum de seus companheiros desamparado. Quando Sir Tristão percebeu a nobreza de tais cavaleiros ficou maravilhado com seus feitos, pois via, por sua conduta e pela forma como combatiam, que eram homens que preferiam morrer a evitar os confrontos. Jesus!, exclamou ele. Não é difícil ser valente e hábil quando se tem cavaleiros assim tão nobres na família, e seu chefe e comandante há de ser muito provavelmente um homem nobre também. E, nesses termos, estava se referindo a Sir Lancelote do Lago. Depois de observar aquela cena por algum tempo, Sir Tristão decidiu que era uma vergonha ver duzentos cavaleiros lutando assim contra vinte e foi procurar o Rei dos Cem Cavaleiros. Majestade, disse ele, fazei cessar esse combate contra vinte cavaleiros, pois dele não saireis mais honrado, já que sois tão numerosos e eles, tão poucos. Bem sabeis que não deixarão a liça, como se pode ver por seu ânimo e sua atitude, e não será nada honroso matá-los. Assim, pois, permiti que cesse tal confronto, e eu, para angariar honra, hei de me pôr ao lado desses vinte cavaleiros e tratarei de ajudá-los com toda a minha força e toda a minha habilidade. Não, replicou o Rei dos Cem Cavaleiros. Não precisareis agir assim, pois, agora que posso ver vosso valor e cortesia, retirarei de campo meus cavaleiros para vos agradar, uma vez que um bom cavaleiro sempre haverá de favorecer um outro, e os semelhantes hão de estar com os semelhantes.

CAPÍTULO XXXII

Como Sir Tristão encontrou Palamedes junto a um poço e o levou para o local onde estava hospedado.

Então o Rei dos Cem Cavaleiros retirou seus homens da liça. Durante todo esse tempo, e já bem antes, Sir Lancelote havia observado Sir Tristão com a intenção de se aproximar dele. Subitamente, porém, Sir Tristão, com Sir Dinadan e seu criado Gouvernail, se dirigiu à floresta de tal forma que ninguém saberia dizer para onde tinham ido. O Rei Arthur soou o toque que anunciava pousada e entregou o galardão da vitória ao rei de Gales do Norte, porque Sir Tristão havia combatido ao seu lado. Furioso como um leão faminto, por ter perdido de vista Sir Tristão, Sir Lancelote ficou andando de um lado para outro e, depois, foi até onde estava o Rei Arthur. Por todo o terreno que cercava a liça, ouviram-se vozes que o vento carregava até duas milhas de distância. Eram senhores e damas que gritavam: O Cavaleiro do Escudo Negro ganhou o torneio! Ai, lamentou-se o rei Arthur. O que foi feito de tal cavaleiro? É vergonhoso para todos terdes deixado que ele vos escapasse. Com gentileza e cortesia, poderíeis tê-lo trazido até mim no castelo das Donzelas. O nobre Rei Arthur foi então ao encontro de seus cavaleiros e os confortou da melhor maneira possível. Meus fiéis companheiros, disse ele, não deveis esmorecer, apesar da derrota de hoje. Muitos deles estavam feridos ou bem machucados, mas alguns haviam saído ilesos daqueles combates. Companheiros, prosseguiu o monarca, tratai de manter o ânimo, pois, amanhã, estarei em campo convosco e hei de vos vingar de vossos inimigos. E, naquela noite, todos repousaram.

A dama que havia ido procurar Sir Tristão a mando da Bela Isolda passou todo o torneio com a Rainha Guinevere, que não cessava de lhe perguntar que motivo a tinha trazido àquele país. Senhora, respondeu ela, vim tão somente porque minha soberana, a Bela Isolda, queria saber de vós. Em hipótese alguma ela queria dizer à rainha que tinha ido à procura de Sir Tristão. Depois disso, essa dama, Lady Bragwaine, pediu licença à Rainha Guinevere e saiu em busca de Sir Tristão. Enquanto cavalgava pela floresta, ouviu gritos e mandou que seu escudeiro entrasse na mata para averiguar o que era aquilo. Este chegou a um poço onde encontrou um cavaleiro amarrado a uma árvore, gritando como um louco e tendo seu cavalo e seu arnês junto de si. Ao ver o escudeiro, usou toda a força que tinha, conseguiu soltar-se, empunhou a espada e correu para matar o recém-chegado. Este, então, pegou seu cavalo e fugiu o mais depressa que pôde. Quando

encontrou Lady Bragwaine, contou-lhe sua aventura, e ela se dirigiu à tenda de Sir Tristão para lhe relatar o ocorrido. Ai, exclamou ele. Por Deus, há algum cavaleiro em desgraça! Dizendo isso, pegou seu cavalo e sua espada e dirigiu-se para o local indicado. Ao se aproximar, ouviu os lamentos do cavaleiro. Ai, que desventura caiu sobre mim, Sir Palamedes, dizia ele. Vejo-me assim afrontado pela falsidade e pela traição de Sir Bors e de Sir Hector! Ai! Por que viver tanto? Sacou da espada, fez vários gestos estranhos e, enraivecido, atirou a arma no poço. Depois, começou a gemer e retorcer as mãos, até que, finalmente, debruçou-se até a cintura na borda do poço e se pôs a procurar sua espada. Diante de tal cena, Sir Tristão se lançou sobre Sir Palamedes e o conteve fortemente entre os braços. Quem és tu que me seguras desse jeito?, perguntou o cavaleiro. Sou um homem da floresta que não quer vos fazer mal algum. Ai, exclamou Sir Palamedes, jamais poderei conquistar honra quando Sir Tristão estiver presente, pois, nos locais onde ele está, não conquisto nada, ao passo que, se ele não está, a vitória é sempre minha, a menos que Sir Lancelote ou Sir Lamorak estejam participando dos combates. Certa feita, na Irlanda, prosseguiu ele, Sir Tristão me fez levar a pior. O mesmo aconteceu na Cornualha e em outros lugares desta terra. O que faríeis se vos defrontásseis com esse cavaleiro?, perguntou Sir Tristão. Lutaria com ele, respondeu Sir Palamedes, e aquietaria meu coração. No entanto, para dizer a verdade, Sir Tristão é o mais gentil de todos os cavaleiros que existem no mundo. O que quereis fazer?, perguntou Sir Tristão. Quereis que eu vos acompanhe até vossa pousada? Não, respondeu o outro. Vou ao encontro do Rei dos Cem Cavaleiros, pois ele me salvou de Sir Bors de Ganis e de Sir Hector. Se não fosse por isso, eu teria sido morto de forma traiçoeira. Usando palavras amáveis, Sir Tristão convenceu Sir Palamedes a ir com ele para o local onde estava hospedado. Gouvernail seguiu então na frente e pediu a Lady Bragwaine que fosse para sua própria pousada. E pedi a Sir Persides, acrescentou ele, que não o provoque de forma alguma. Assim, pois, os dois cavaleiros seguiram juntos até chegarem à tenda de Sir Tristão, onde Sir Palamedes teve toda a satisfação possível naquela noite. Mas não podia absolutamente saber que aquele que o acompanhava era Sir Tristão. Depois de cearem, ambos se recolheram para descansar e, por causa de todo o esforço que fizera, Sir Tristão dormiu até o raiar do dia. Angustiado como estava, Sir Palamedes não conseguiu dormir e, ao alvorecer, pegou secretamente seu cavalo e se foi, à procura de Sir Gaheris e de Sir Sagramore, o Desejoso, nas tendas em que estavam alojados, pois os três haviam sido companheiros desde o início do torneio. Pela manhã, o rei fez soar as trompas anunciando o terceiro dia de competições.

CAPÍTULO XXXIII

Como Sir Tristão derrotou Sir Palamedes, como enfrentou o Rei Arthur em uma justa e outras façanhas.

O rei de Gales do Norte e o Rei dos Cem Cavaleiros enfrentaram o Rei Carados e o rei da Irlanda. O Rei dos Cem Cavaleiros derrubou o Rei Carados e o rei de Gales do Norte derrubou o rei da Irlanda. Nesse momento, chegou Sir Palamedes, e foi possível ver todo o seu empenho, pois era bem conhecido por causa de seu escudo dentado. Foi então a vez do Rei Arthur, e, juntos, esses dois cavaleiros realizaram grandes proezas e derrotaram o rei de Gales do Norte e o Rei dos Cem Cavaleiros. Quando Sir Tristão entrou na liça, portando seu escudo negro, seu primeiro adversário foi Sir Palamedes. Usando sua força, Sir Tristão o derrubou pela garupa do cavalo. Cavaleiro do Escudo Negro, gritou então o Rei Arthur, preparai-vos para me enfrentar! Mas Sir Tristão também o lançou por terra. Com o auxílio de seus cavaleiros, o Rei Arthur e Sir Palamedes voltaram a montar seus animais e, então, com o coração ávido, o monarca pegou uma lança e ali mesmo, pela lateral, derrubou Sir Tristão de seu animal. Sem lhe dar trégua, Sir Palamedes se lançou sobre ele para atropelá-lo, mas o cavaleiro o viu, desviou para o lado e, furioso, o agarrou pelo braço tirando-o de seu cavalo. Sir Palamedes se levantou prontamente, e os dois se enfrentaram usando a espada em golpes vigorosos. Muitos reis, rainhas e senhores pararam para observá-los. Finalmente, Sir Tristão desfechou três fortes golpes sobre o elmo de seu adversário e, a cada um deles, dizia: Este é por Sir Tristão! Até que Sir Palamedes caiu de bruços no chão.

Aproximou-se então o Rei dos Cem Cavaleiros, trazendo um cavalo para Sir Tristão, que pôde montar novamente. Sir Palamedes, que também já havia montado, investiu furiosamente contra Sir Tristão com a lança em riste e lhe desfechou um tremendo golpe com a espada. Conseguindo evitar a lança, Sir Tristão o agarrou pelo pescoço com ambas as mãos, tirou-o da sela e o carregou assim, a sua frente, pela distância de umas dez lanças, até que, bem diante de todos, o soltou no chão. Então, Sir Tristão viu o Rei Arthur empunhando uma espada desembainhada e investiu contra ele com sua lança. Com toda a ousadia, o monarca o esperou e, com a espada, partiu sua lança ao meio, deixando seu adversário inteiramente aturdido. O Rei Arthur lhe deu três ou quatro golpes antes mesmo que Sir Tristão pudesse sacar da espada, mas, quando Sir Tristão enfim conseguiu fazê-lo, os dois se enfrentaram bravamente e, com isso, a multidão se separou. Em seguida, Sir Tristão saiu cavalgando para um lado e para outro, num

esforço supremo, e acabou derrubando onze bons cavaleiros da linhagem do Rei Ban, que era a de Sir Lancelote. Todos os presentes, tanto nobres quanto plebeus, se maravilharam ao ver tais façanhas e aclamaram o Cavaleiro do Escudo Negro.

CAPÍTULO XXXIV

Como Sir Lancelote feriu Sir Tristão, e como, mais tarde, Sir Tristão derrubou Sir Palamedes.

Tão grande foi essa aclamação que Sir Lancelote pôde ouvi-la e, então, pegou uma grossa lança e dirigiu-se ao local de onde vinha aquele som. Cavaleiro do Escudo Negro, gritou ele, preparai-vos para justar comigo! Ao ouvi-lo dizer isso, Sir Tristão empunhou uma lança. Ambos baixaram a cabeça e se encontraram com o estrondo de um trovão. Nesse encontro, a lança de Sir Tristão se despedaçou e, por infortúnio, Sir Lancelote lhe infligiu um ferimento profundo, quase mortal, num dos flancos. Mesmo assim, ele não se abalou na sela, mas foi por isso que sua lança se quebrou. Em seguida, ferido como estava, Sir Tristão sacou da espada, arremeteu contra seu adversário e lhe deu três golpes que chegaram a tirar faíscas da parte de cima do elmo e fizeram com que Sir Lancelote baixasse a cabeça até tocar o arção da sela. Depois disso, Sir Tristão deixou a liça, pois sentia-se tão ferido que acreditou que fosse morrer. Sir Dinadan o viu e o seguiu até a floresta. Sir Lancelote continuou a participar do torneio e realizou proezas magníficas.

Tendo se embrenhado na floresta, Sir Tristão se apeou, soltou o arnês e refrescou sua ferida; Sir Dinadan achou que ele fosse morrer. Não, não, Dinadan, retrucou o cavaleiro, não temais, pois tenho o coração saudável, e logo esta ferida haverá de sarar, pela graça de Deus. Nesse momento, Sir Dinandan viu que Palamedes vinha cavalgando em sua direção e decidiu alertar seu companheiro. Sir Tristão, meu senhor, disse ele. Estais tão ferido que não podeis vos haver com ele. Assim, pois, cavalgarei ao seu encontro e farei o que puder. Se eu morrer, podeis rezar por minha alma e, nesse meio-tempo, tereis condições de recuar e vos ocultar no castelo ou na floresta, de forma que ele não vos possa localizar. Sir Tristão sorriu e disse: Muito vos agradeço, Dinadan, por vossa boa vontade, mas sabei que sou capaz de enfrentá-lo. Armou-se então o mais depressa que pôde, pegou seu cavalo e, empunhando uma grossa lança, disse: Adeus! E saiu cavalgando a passo lento na direção de Sir Palamedes. Quando viu o que estava acontecendo, Sir Palamedes desmontou e fingiu estar ajeitando o arnês do cavalo, mas só fazia isso para esperar por Sir Gaheris, que vinha mais atrás. Quando este chegou, cavalgou ao encontro de Sir Tristão. Sir Tristão enviou uma mensagem desafiando Sir Palamedes para uma luta. Caso o derrubasse, não voltaria a enfrentá-lo, e, se Sir Palamedes o derrubasse, pedia-lhe que prosseguissem até a morte. Tendo entrado em acordo, os dois se enfrentaram, e Sir Palamedes levou

uma queda tão grave que ficou estendido no chão, como morto. Então, Sir Tristão correu ao encontro de Sir Gaheris, que não queria justar. No entanto, querendo ele ou não, Sir Tristão o derrubou pela garupa do cavalo, deixando-o também estendido no chão como morto. Depois disso, seguiu seu caminho e mandou que o escudeiro de Sir Persides permanecesse em suas tendas, enquanto ele e Sir Dinadan rumaram para a moradia de um velho cavaleiro para pedir pousada. Seu anfitrião tinha cinco filhos que estavam participando do torneio e rezava com fervor, pedindo a Deus que todos voltassem para casa. E, como diz o livro francês, todos regressaram bem machucados.

Durante esse tempo em que Sir Tristão esteve na floresta, Sir Lancelote seguiu combatendo furiosamente, como alguém que nem pensa em si mesmo e bem sabeis que estava enfrentando muitos cavaleiros virtuosos. Vendo Sir Lancelote realizar feitos tão prodigiosos, o Rei Arthur se armou, pegou seu cavalo e sua armadura e entrou na liça para ajudá-lo, no que foi seguido por vários outros cavaleiros. Resumindo os acontecimentos do dia: o rei de Gales do Norte e o Rei dos Cem Cavaleiros levaram a pior, e, como Sir Lancelote permaneceu na liça e foi o último a deixá-la, a ele foi atribuído o galardão da vitória. No entanto, nem por rei, rainha ou cavaleiro algum Sir Lancelote quis aceitar o prêmio do dia, e, diante das vozes que o aclamavam, dizendo “Sir Lancelote, Sir Lancelote é o vencedor de hoje!”, retrucou: Sir Tristão é o vencedor do torneio, pois começou primeiro, foi quem mais resistiu e quem melhor se saiu no primeiro, no segundo e no terceiro dias!

CAPÍTULO XXXV

Como o prêmio do terceiro dia foi concedido a Sir Lancelote e este o deu a Sir Tristão.

Então, todos os presentes, nobreza e plebe, louvaram imensamente Sir Lancelote por honrar assim Sir Tristão, e, por esse motivo, ele foi mais elogiado e aclamado nessa ocasião do que se houvesse derrotado quinhentos cavaleiros. Diante de tal demonstração de cortesia, os títulos mais altos e mais baixos da nobreza, e também as pessoas comuns, puseram-se a gritar a uma só voz: Sir Lancelote é o vencedor deste torneio e ninguém há de dizer o contrário! O cavaleiro então, sentindo-se envergonhado e aborrecido, foi ao encontro do Rei Arthur. Ai, disse o monarca, todos sentimos muito que Sir Tristão nos tenha deixado. Por Deus! Trata-se de um dos cavaleiros mais valorosos que já vi, seja empunhando a lança ou a espada, e também o mais cortês em combate. Eu o vi enfurecido quando feriu Sir Palamedes na parte superior do elmo por três vezes e, a cada golpe que desferia, dizia: “Este golpe é por Sir Tristão”, e isso se repetiu por três vezes. Diante de tal situação, o Rei Arthur, Sir Lancelote e Sir Dodinas, o Selvagem, pegaram seus cavalos para sair à procura de Sir Tristão e sabiam onde encontrá-lo, pois Sir Persides havia indicado ao monarca o local de sua tenda. Lá chegando, porém, viram que Sir Tristão e Sir Dinadan haviam partido.

Pesarosos, o Rei Arthur e Sir Lancelote regressaram ao castelo das Donzelas, lamentando profundamente o fato de o jovem cavaleiro estar ferido e também sua súbita partida. Que Deus me ajude!, exclamou o rei. Lamento mais não poder encontrá-lo do que todos os ferimentos que meus cavaleiros receberam nesse torneio. Nesse momento, chegou Sir Gaheris e disse ao monarca como Sir Tristão havia derrubado Sir Palamedes e que isso havia ocorrido por solicitação deste último. Ai, disse o Rei Arthur, quanta desonra para Sir Palamedes! Pois Sir Tristão estava gravemente ferido e, agora, todos nós, reis, cavaleiros e homens de honra, podemos afirmar que Sir Tristão merece ser chamado de nobre cavaleiro e um dos melhores que já vi em todos os dias de minha vida. Sabei todos, reis e cavaleiros, que nunca vi nenhum cavaleiro portar-se tão maravilhosamente como ele nestes três dias, pois foi o primeiro a começar e o que mais resistiu, à exceção deste último dia. E, embora tenha sido ferido, isso aconteceu em uma aventura acirrada com dois homens virtuosos e, quando há um confronto entre dois nobres cavaleiros, um deles haverá necessariamente de levar a pior, como Deus quis permitir que ocorresse nessa ocasião. Quanto a mim, disse Sir Lancelote, se

houvesse reconhecido Sir Tristão nesse torneio, não gostaria de tê-lo ferido, nem por todas as terras que meu pai me deixou. Aquilo só aconteceu porque não vi seu escudo, pois, se tivesse visto seu escudo negro, não o teria enfrentado por muitas razões. Recentemente, ele fez por mim o que nenhum cavaleiro jamais havia feito antes, e ninguém ignora que ele enfrentou trinta cavaleiros sem outra ajuda que a de Sir Dinadan. Mas uma coisa eu prometo: Sir Palamedes haverá de se arrepender de sua ação descortês, por seguir esse nobre cavaleiro que, por desventura, eu feri. E Sir Lancelote prosseguiu louvando Sir Tristão de todas as formas possíveis. Então, o Rei Arthur organizou uma grande festa para quem quisesse participar e, agora, deixemos de lado o monarca e voltemos um pouco a Sir Palamedes. Depois de ter sido derrubado por Sir Tristão, ele se enfureceu tanto que quase perdeu o juízo e resolveu perseguir seu inimigo à ventura. Quando chegou perto de um rio, em sua insanidade, quis fazer o cavalo saltar. O animal, porém, perdeu o pé e caiu na água, deixando o cavaleiro com medo de se afogar. Então, Sir Palamedes abandonou o animal a seu destino e nadou até a terra firme.

CAPÍTULO XXXVI

Como Sir Palamedes chegou ao castelo onde se encontrava Sir Tristão e a busca por este último realizada por Sir Lancelote com outros dez cavaleiros.

Chegando em terra firme, tirou o arnês e se sentou, grunhindo e chorando como um homem fora de si. Nesse momento, passou ali perto uma donzela que havia sido enviada por Sir Gawaine e seu irmão a Sir Mordred, que se encontrava enfermo na moradia do velho cavaleiro que hospedava Sir Tristão. Como diz o livro francês, Sir Persides havia ferido Sir Mordred dez dias antes e, se não fosse pelo amor de Sir Gawaine e de seu irmão, ele o teria matado. A tal donzela se aproximou de Sir Palamedes, e os dois trocaram algumas palavras que não agradaram nem a uma nem a outro. A mulher seguiu então seu caminho até chegar à morada do ancião e contou como havia encontrado por acaso o cavaleiro mais enraivecido que já conhecera. Como era seu escudo?, perguntou Sir Tristão. Era dentado, respondeu a donzela. Em preto e branco. Ah!, exclamou ele, era o bom cavaleiro Sir Palamedes, pois eu o conheço bem e o considero um dos melhores deste reino. Então, seu anfitrião pegou uma pequena carroça, saiu em busca de Sir Palamedes e o levou para sua morada. Sir Tristão logo o reconheceu, mas não disse nada, pois, na ocasião, ele estava sem cavalo e sofria bastante com seus ferimentos, mas, sempre que Sir Palamedes o via, ficava assombrado, fitando-o e achando que já o tinha visto em algum lugar. Se algum dia encontrar Sir Tristão, disse ele, dirigindo-se a Sir Dinadan, ele não me escapará. Muito me espanta que vos vanglorieis assim, já que ainda há pouco ele esteve em vossas mãos, e vós, nas suas. Por que não o detivestes nessa ocasião? Pois eu mesmo vi, por duas ou três vezes, que não conquistais honra alguma contra ele. Ao ouvir isso, Sir Palamedes ficou envergonhado. Mas, agora, vamos deixá-los por algum tempo no velho castelo com o velho cavaleiro Sir Darras e voltemos ao Rei Arthur, que conversava com Sir Lancelote.

Se não fosse por vós, não teríamos perdido Sir Tristão, disse o monarca, pois ele esteve aqui diariamente até vos enfrentardes, e em má hora isso aconteceu. Meu senhor Arthur, replicou Sir Lancelote, não lanceis sobre mim a culpa por sua partida. Deus sabe que foi contra a minha vontade. Mas, quando os homens estão empenhados em feitos de armas, muitas vezes ferem tanto os amigos quanto os inimigos. E, meu senhor, deveis entender que Sir Tristão é um homem que não desejo ofender, pois ele fez por mim muito mais do que já fiz por ele até agora. Então, pediu que lhe trouxessem um livro e disse: Estamos aqui reunidos dez

cavaleiros e vamos jurar sobre este livro que, nos próximos doze meses, não descansaremos mais nenhuma noite onde houvermos descansado uma, até encontrarmos Sir Tristão. Quanto a mim, acrescentou, juro sobre este livro que, se conseguir encontrá-lo, haverei de trazê-lo a esta corte, por bem ou por mal, ou morrerei tentando. E os nomes desses dez cavaleiros que juraram efetuar tal busca eram, em primeiro lugar, Sir Lancelote, e também Sir Hector de Maris, Sir Bors de Canis, Sir Bleoberis, Sir Blamore de Ganis, Sir Lucanere, o mordomo, Sir Uwaine, Sir Galihud, Leonel e Galihodin. Partiram, pois, os dez nobres cavaleiros da corte do Rei Arthur e cavalgaram juntos, até que chegaram a uma encruzilhada de onde saíam quatro caminhos. Nesse local, o grupo se dividiu em quatro para ir à procura de Sir Tristão.

No meio do caminho, Sir Lancelote encontrou Lady Bragwaine, que havia sido enviada a este país para procurar por Sir Tristão. Ao vê-lo, ela fugiu o mais depressa que conseguiu fazer galopar seu palafrém. Sir Lancelote, porém, a alcançou e lhe perguntou por que estava fugindo. Ah, gentil senhor, respondeu a mulher, fujo para salvar minha vida, pois Sir Breuse Saunce Pitié está vindo atrás de mim para matar-me. Ficai ao meu lado, disse Sir Lancelote. Assim que avistou Sir Breuse Saunce Pitié, o cavaleiro gritou: Falso cavaleiro, destruidor de damas e de donzelas, agora chegou vossa hora! Quando Sir Breuse Saunce Pitié viu o escudo de Sir Lancelote, logo o reconheceu, pois, naquela ocasião, ele não estava usando o escudo com as armas da Cornualha, mas sim o seu próprio. Então, logo tratou de fugir, mas Sir Lancelote seguiu em seu encalço. Acontece que Sir Breuse tinha um excelente cavalo que obedecia tanto aos comandos de fuga quanto aos de parada e, portanto, Sir Lancelote voltou até onde estava Lady Bragwaine, e ela lhe ficou muito grata pelo esforço feito.

CAPÍTULO XXXVII

Como Sir Tristão, Sir Palamedes e Sir Dinadan foram capturados e levados para a prisão.

Falaremos agora de Sir Lucanere, o mordomo, que, por acaso, chegou cavalgando ao mesmo lugar em que estava Sir Tristão e entrou ali apenas com a intenção de pedir pousada. Então, o porteiro lhe perguntou seu nome. Dizei a vosso senhor que eu me chamo Sir Lucanere, o mordomo, cavaleiro da Távola Redonda. O porteiro foi então ter com Sir Darras, senhor daquele castelo, e lhe disse quem estava pedindo pousada. Não, não, disse Sir Daname, que era sobrinho do anfitrião. Diz-lhe que não encontrará pouso aqui e que eu, Sir Daname, logo vou sair para enfrentá-lo. Diz-lhe, pois, que se prepare. Assim, Sir Daname saiu a cavalo, e os dois se enfrentaram com lanças, mas Sir Daname foi derrubado por seu adversário, caindo pela traseira do animal. Fugiu então para dentro do castelo com Sir Lucanere em seu encalço, chamando-o diversas vezes.

Que vergonha ver o sobrinho do senhor deste lugar receber tal afronta, disse Sir Dinadan, dirigindo-se a Sir Tristão. Esperai, replicou este, pois vou tratar de reparar esta situação. No entanto, Sir Dinandan montou seu cavalo e justou com Sir Lucanere, o mordomo, que lhe traspassou a parte mais grossa da coxa e seguiu seu caminho. Enfurecido, por ver que Sir Dinadan havia sido ferido, Sir Tristão cavalgou atrás do mordomo com o intuito de se vingar. Não tardou a alcançá-lo e pediu-lhe que se voltasse. No confronto, Sir Tristão feriu gravemente Sir Lucanere e o derrubou do cavalo. Nesse meio-tempo, chegou Sir Uwaine, um cavaleiro muito cortês, e, quando viu Sir Lucanere assim tão ferido, pediu que Sir Tristão justasse com ele. Gentil cavaleiro, respondeu Sir Tristão, rogo-vos que me digais vosso nome. Senhor cavaleiro, disse o outro, sabei que me chamo Sir Uwaine Le Fise, filho do Rei Uriens. Ah!, exclamou Sir Tristão. Jamais vos enfrentaria por vontade própria. Mas não há de ser assim, retrucou o outro, pois tereis de vos haver comigo. Então, sem outro remédio, Sir Tristão cavalgou na direção de seu adversário, derrubando-o e ferindo-o num dos flancos. Depois, regressou para o local onde estava hospedado. Quando Sir Dinadan soube que Sir Tristão havia ferido Sir Lucanere, quis ir até o lugar em que ele se encontrava para matá-lo, mas seu companheiro não permitiu. Então, Sir Uwaine mandou aparelhar uma liteira puxada por cavalos e levou Sir Lucanere para a abadia de Ganis, próxima ao castelo de Ganis, cujo senhor era Sir Bleoberis. Foi nesse castelo que Sir Lancelote e seus companheiros juraram se unir para procurar por Sir Tristão.

Enquanto este estava em sua pousada, chegou uma donzela trazendo para Sir Darras a notícia de que três de seus filhos haviam morrido naquele torneio e que os dois outros estavam tão gravemente feridos que poderiam não sobreviver. Ela lhe contou ainda que tudo havia sido obra de um nobre cavaleiro que portava o escudo negro e que havia saído vitorioso na competição. Chegou então alguém e disse a Sir Darras que o cavaleiro que ali estava hospedado era aquele que portava o escudo negro. Ao ouvir isso, Sir Darras foi até os aposentos de Sir Tristão, encontrou seu escudo e o mostrou à tal donzela. Ah, senhor!, exclamou ela. Foi ele mesmo que matou vossos três filhos. Sem mais tardar, Sir Darras mandou que Sir Tristão, Sir Palamedes e Sir Dinadan fossem encerrados em uma masmorra, onde o primeiro pareceu prestes a morrer por causa de uma grave enfermidade e, diariamente, Sir Palamedes lhe fazia críticas em nome do velho rancor existente entre ambos. Sir Tristão, porém, falava com gentileza e quase nada dizia, mas, ao ver como ele estava enfermo, Sir Palamedes se compadeceu e tratou de confortá-lo da melhor maneira possível. Como diz o livro francês, chegaram ao castelo de Sir Darras quarenta cavaleiros de sua própria linhagem decididos a matar Sir Tristão e seus dois companheiros. O velho cavaleiro, porém, não lhes deu seu consentimento e manteve os três encarcerados, dando-lhes de comer e de beber. Nesse local, Sir Tristão suportou grandes padecimentos, já que a enfermidade se havia apoderado dele e este é o maior sofrimento que um prisioneiro pode enfrentar, pois, enquanto estiver são de corpo, consegue suportar a prisão com a graça de Deus e a esperança de ser libertado. Mas, quando a enfermidade se apossa do corpo de um prisioneiro, ele pode dizer que foi despojado de todas as riquezas do mundo e tem portanto motivos para gemer e chorar. Foi exatamente o que aconteceu com Sir Tristão, tomado de tamanha angústia que esteve a ponto de tirar a própria vida.

CAPÍTULO XXXVIII

Como o Rei Marcos lamentou a boa fama de Sir Tristão e como alguns dos cavaleiros do Rei Arthur enfrentaram cavaleiros da Cornualha em uma justa.

Deixemos agora Sir Tristão, Sir Palamedes e Sir Dinadan na masmorra para falar de outros cavaleiros que procuravam por Sir Tristão em várias partes desta terra. Alguns deles chegaram à Cornualha e, por acaso, Sir Gaheris, sobrinho do Rei Arthur, chegou à corte do Rei Marcos, onde foi bem recebido, tendo-se sentado à mesa com o monarca e comido entre seus pares. Então, o Rei Marcos lhe pediu notícias do reino de Logres. Majestade, disse Sir Gaheris, o rei reina como um nobre cavaleiro e ainda há pouco houve uma grande justa e um torneio como jamais se vira antes no reino de Logres. Dessas justas, participaram os mais valorosos cavaleiros, mas um deles se saiu magnificamente nos três dias da competição. Trazia um escudo negro e, de todos os que pude ver, mostrou ser o melhor. Então devia ser Sir Lancelote, disse o monarca, ou Sir Palamedes, o pagão. Não, senhor, pois tanto um quanto outro estavam no grupo adversário ao do cavaleiro do escudo negro. Então era Sir Tristão, disse o rei. Sim, replicou Sir Gaheris. Ao ouvir isso, o monarca baixou a cabeça, e seu coração se encheu de medo de que Sir Tristão conquistasse tanta honra no reino de Logres que ele próprio não tivesse condições de enfrentá-lo. Sir Gaheris recebeu excelente acolhida do Rei Marcos e da rainha, a Bela Isolda, que muito se alegrou com as palavras do cavaleiro, pois sabia perfeitamente, por seus feitos e seus modos, que se tratava de Sir Tristão. O monarca mandou então que se realizasse um grande banquete, ao qual compareceram Sir Uwaine Le Fise, filho do Rei Uriens, a quem alguns chamavam de Uwaine Le Blanchesmains. Este desafiou todos os cavaleiros da Cornualha, fazendo com que o monarca se enfurecesse por não ter quem respondesse àquele desafio. Então seu sobrinho, Sir Andred, se levantou e disse: Enfrentarei Sir Uwaine. E, sem mais tardar, armou-se e arrumou a melhor montaria possível. Os dois se enfrentaram, e Sir Uwaine derrubou Sir Andred, deixando-o desmaiado no chão. O Rei Marcos ficou aborrecidíssimo e enraivecido porque não tinha nenhum cavaleiro capaz de vingar seu sobrinho.

Chamou então Sir Dinas, o Senescal, e lhe rogou que assumisse a responsabilidade de justar com Sir Uwaine. Majestade, replicou Sir Dinas, não desejo em absoluto me haver com qualquer cavaleiro da Távola Redonda. Apesar de tudo, disse o rei, por amor a mim, havereis de justar. Assim, pois, Sir Dinas se preparou, e ambos se enfrentaram usando grossas lanças, mas o senescal foi

derrubado por terra com seu cavalo. Quem no mundo estava então mais irado do que o Rei Marcos? Ai!, exclamou ele, não tenho nenhum cavaleiro que queria enfrentar tal adversário? Majestade, disse Sir Gaheris, disponho-me a justar por vós. Foi então se preparar e, tão logo ficou pronto, entrou em campo. Quando Sir Uwaine viu o escudo de Sir Gaheris, aproximou-se dele e disse: Não façais isso, senhor, pois, quando fostes sagrado cavaleiro da Távola Redonda, jurastes não enfrentar nenhum de vossos companheiros sabendo de quem se trata. Por Deus, senhor Gaheris, decerto me conheceis por meu escudo, assim como vos conheço pelo vosso e, se quiserdes quebrar vosso juramento, eu não gostaria de quebrar o meu. Não há ninguém aqui, nem tampouco vós, que pense que vos temo, pois ousaria me haver convosco mesmo que fôssemos filhos de irmãs. Sir Gaheris sentiu-se então envergonhado, e cada qual tomou seu caminho, sendo que Sir Uwaine deixou aquele país.

No entanto, o Rei Marcos se armou, pegou seu cavalo e sua lança e, levando consigo um escudeiro, saiu ao encalço daquele cavaleiro. De repente, em uma clareira, arremeteu sobre ele de tal forma que Sir Uwaine nem chegou a vê-lo e, depois de quase lhe atravessar o corpo, o rei o deixou ali, caído. Pouco depois, apareceu Sir Kay e, ao ver Sir Uwaine naquele estado, perguntou-lhe como havia sido ferido. Não sei como, nem por quem, respondeu o cavaleiro. Só sei que fui ferido à traição, pois um cavaleiro me atacou subitamente, antes mesmo que eu o visse, e me feriu de surpresa. Chegou então Sir Andred em busca do Rei Marcos. Ah, cavaleiro traidor!, exclamou Sir Kay. Se soubesse que fostes vós que feristes de forma traiçoeira este nobre cavaleiro, não me escaparíeis. Senhor, replicou Sir Andred, jamais o feri e quero deixar isso claro para ele. Malditos sejam todos os falsos cavaleiros como vós, disse Sir Kay, pois o povo da Cornualha de nada vale. Dizendo isso, Sir Kay mandou que levassem Sir Uwaine à Abadia da Cruz Negra, onde cuidaram dele. Então, Sir Gaheris se despediu do Rei Marcos, mas antes de partir lhe disse: Majestade, cometestes uma grave afronta a vós mesmo e a vossa corte quando banistes Sir Tristão deste país, pois não precisaríeis temer cavaleiro algum se ele estivesse aqui. E se foi.



CAPÍTULO XXXIX

Da traição do Rei Marcos e como Sir Gaheris derrotou tanto ele quanto seu sobrinho Andred.

Sir Kay, o Senescal, foi então à corte do Rei Marcos, que, à primeira vista, lhe deu boa acolhida. Gentis senhores, disse o monarca, quereis enfrentar uma aventura na Floresta de Morris, local onde se encontra a aventura mais desafiadora que conheço? Eu a enfrentarei, senhor, disse Sir Kay. Já Sir Gaheris disse que teria cautela, pois o Rei Marcos era sempre muito traiçoeiro e, com tal espírito, partiu e seguiu seu caminho. Era o mesmo percurso que Sir Kay deveria fazer e, ali, Sir Gaheris parou para descansar, recomendando a seu escudeiro que ficasse alerta. Avise-me quando ele chegar, disse. Pouco depois, Sir Kay veio cavalgando e, ao vê-lo, Sir Gaheris montou seu cavalo e foi a seu encontro. Sir Kay, disse ele, eu vos aconselho a não aceitar a proposta do Rei Marcos, pois ele é traiçoeiro em tudo que faz. Peço-vos que enfrentemos tal aventura, retrucou o senescal. Não haverei de vos abandonar, disse Sir Gaheris. E saíram cavalgando até um lago que, naquela época, era chamado de Lago Perigoso e pararam ali, à sombra das árvores.

Nesse ínterim, no castelo de Tintagel, o Rei Marcos dispensou todos os seus barões e retirou de seus aposentos todos os que não lhe eram muito próximos. Em seguida, mandou chamar seu sobrinho, Sir Andred, e lhe pediu que se armasse e preparasse um cavalo o mais depressa possível. Já era meia-noite. O monarca também se armou todo de preto, e até mesmo seu cavalo era dessa cor. Por uma porta secreta, saíram ambos, levando consigo seus pajens, e cavalgaram até chegarem ao referido lago. Sir Kay, que foi o primeiro a vê-los, pegou sua lança e os desafiou para justar. O Rei Marcos arremeteu contra ele, e o golpe que desfecharam um no outro foi fortíssimo, pois a lua iluminava tudo como se fosse dia claro. Nesse confronto, o cavalo de Sir Kay, que não era tão grande quanto o de seu adversário, caiu no chão e ficou bem ferido. A queda do senescal deixou Sir Gaheris enraivecido. Cavaleiro!, gritou ele. Mantende-vos na sela, pois vou vingar meu companheiro! Então o Rei Marcos teve medo e, sem muita disposição, cavalgou na direção de Sir Gaheris. Este, porém, lhe desfechou tamanho golpe que o derrubou de sua montaria. Sem hesitar, investiu também contra Sir Andred e o derrubou do cavalo com um único golpe, quase quebrando seu pescoço, já que o cavaleiro bateu com o elmo no chão. Sir Gaheris logo tratou de se apear e ajudou Sir Kay a se levantar. Dirigiram-se os dois a pé até o local onde estavam seus

adversários. Mandaram que se rendessem e lhes dissessem como se chamavam, caso contrário, morreriam. Com grande dificuldade, Sir Andred foi o primeiro a falar. Este é o Rei Marcos da Cornualha, portanto, pensai bem no que ides fazer. E eu sou seu sobrinho, Andred. Maldito sejais, traidor falso!, exclamou Sir Gaheris. Haveis urdido uma trama traiçoeira por baixo da falsa demonstração que nos destes. Seria uma lástima deixar que continuásseis a viver. Concedei-me a vida, suplicou o monarca, e tratarei de reparar o que fiz. Não vos esqueçais de que sou rei ungido. Maior vergonha seria perdoar-vos, replicou Sir Gaheris. Fostes ungido rei com óleos e, portanto, deveríeis vos comportar como todos os homens de honra. Assim, pois, mereceis morrer. Dizendo isso, arremeteu contra o monarca, que se cobriu com o escudo e se defendeu como pôde. Por seu turno, Sir Kay investiu contra Sir Andred e, nesse momento, o Rei Marcos se rendeu a Sir Gaheris. Ajoelhou-se e jurou, por sua espada, que nunca mais na vida atacaria cavaleiros que cruzassem seu caminho. Além disso, prometeu que viveria em paz com Sir Tristão, caso este voltasse à Cornualha.

Nesse momento Sir Andred estava caído no chão, e Sir Kay queria matá-lo. Deixai-o livre, interveio Sir Gaheris. Rogo-vos que não o mateis. Seria lamentável deixá-lo seguir vivendo, retrucou o senescal, pois, apesar de ser primo próximo de Sir Tristão, sempre se mostrou traiçoeiro com relação a ele, tendo sido inclusive responsável por seu banimento da Cornualha. Por tudo isso, vou matá-lo. Não!, exclamou seu companheiro. Como concedi a vida ao rei, rogo-vos que façais o mesmo com esse cavaleiro. E, ao ouvir isso, Sir Kay soltou seu adversário. Então, Sir Kay e Sir Gaheris rumaram ao encontro de Sir Dinas, o Senescal, porque tinham ouvido dizer que ele amava Sir Tristão. Descansaram em sua morada e, pouco depois, dirigiram-se para o reino de Logres. Não tardou muito, encontraram Sir Lancelote, que ainda cavalgava em companhia de Lady Bragwaine, e fazia isso com uma única intenção: julgava que, assim, logo encontraria Sir Tristão. Ao vê-los, o cavaleiro do Lago pediu notícias da Cornualha e lhe perguntou se sabiam algo sobre Sir Tristão. Os dois, porém, responderam que nada sabiam, mas contaram a Sir Lancelote, palavra por palavra, a aventura que haviam enfrentado. Então, o recém-chegado sorriu e disse: É difícil arrancar a carne do osso em que foi criada. E todos se divertiram com isso.

CAPÍTULO XL

Como, depois de terem passado um longo período na prisão, Sir Tristão, Sir Palamedes e Sir Dinadan foram libertados.

Deixemos agora esse relato e falemos de Sir Dinas, que tinha, ali no castelo, uma amante que amava outro cavaleiro mais do que ele. Quando Sir Dinas saiu para caçar, ela desceu pela janela usando uma colcha e levando consigo duas cadelas para ir ao encontro de seu amado, que a correspondia. Ao voltar, Sir Dinas deu por falta de sua amante e das duas cadelas, e não encontrar estas últimas o deixou muito mais aborrecido do que não ver a primeira. Correu então atrás do cavaleiro com quem estava sua amante e mandou que ele se voltasse para justar. Sir Dinas o derrubou e, com o impacto da queda, o outro quebrou uma perna e um braço. Então sua senhora e amante suplicou misericórdia, dizendo-lhe que o amaria como nunca antes. Não, retrucou o cavaleiro, jamais confiarei em quem já me traiu uma vez e, portanto, deveis concluir o que começastes, pois não pretendo mais ter nada convosco. Dizendo isso, foi-se embora levando consigo as duas cadelas e voltou para seu castelo.

Mas voltemos a Sir Lancelote, que estava muito pesaroso por não conseguir notícia alguma de Sir Tristão, porque este, durante todo esse tempo, estava sendo mantido prisioneiro por Sir Darras, com Palamedes e Dinadan. Então, Lady Bragwaine se despediu para voltar à Cornualha, e Sir Lancelote, Sir Kay e Sir Gaheris foram procurar por Sir Tristão no país de Surluse.

Agora, este conto fala desse cavaleiro e seus dois companheiros, pois, dia após dia, Sir Palamedes ia ficando mais irritadiço e reclamava de Sir Tristão. Muito me surpreende, Palamedes, disse Sir Dinadan, que Sir Tristão aqui presente não queira vos causar mal algum, pois se um lobo e uma ovelha estivessem juntos em uma prisão, o lobo não permitiria que a ovelha tivesse um minuto de paz. E bem sabeis que este aqui é Sir Tristão em pessoa e que podeis fazer o que quiserdes com ele. Vejamos se sois capaz de enfrentá-lo. Sir Palamedes, porém, ficou envergonhado e se calou. Senhor Palamedes, disse Sir Tristão, muito já ouvi sobre o rancor que nutris por mim, mas, nesta ocasião, não desejo me haver convosco por vontade própria, já que temo o senhor deste castelo que nos mantém sob seu poder, embora, se o temesse tanto quanto temo a vós, logo tudo estaria resolvido. E, com isso, os ânimos se apaziguaram. Nesse momento, entrou uma donzela, que lhes disse: Cavaleiros, alegrai-vos, pois vossas vidas serão

preservadas, como ouvi meu senhor Sir Darras declarar. Os três então se alegraram, porque a cada dia achavam que fossem morrer.

Pouco depois desse episódio, Sir Tristão adoeceu gravemente a ponto de julgar que fosse morrer. Sir Dinadan se pôs a chorar, bem como Sir Palamedes, pois ambos estavam extremamente angustiados. Ao encontrá-los soluçando, uma donzela que foi visitá-los saiu à procura de Sir Darras e lhe disse que aquele cavaleiro forte que levava o escudo negro ia provavelmente morrer. Em hipótese alguma, replicou Sir Darras. Que Deus não permita que, quando vêm até mim cavaleiros pedindo auxílio, eles morram em minha prisão. Trazei, pois, acrescentou ele, dirigindo-se à donzela, esse cavaleiro e seus companheiros a minha presença. Assim que ele viu Sir Tristão surgir a sua frente, declarou: Senhor cavaleiro, muito lamento por vossa enfermidade, pois sois considerado muito valoroso e é o que pareceis efetivamente. Sabei que jamais se dirá que Sir Darras destruiu tão nobre cavaleiro em sua prisão, embora ele tenha matado três dos meus filhos, o que considero uma gravíssima afronta. Agora, porém, podeis ir, juntamente com vossos companheiros. Vossos cavalos e vossos arneses foram bem guardados e cuidados, e podeis seguir o rumo que lhes aprouver, com uma única condição: a de me prometerdes ser um bom amigo dos meus dois filhos que ainda vivem e que me digais vosso nome. Senhor, replicou Sir Tristão, quanto a meu nome, chamo-me Sir Tristão de Liones, nasci na Cornualha e sou sobrinho do Rei Marcos. Quanto à morte de vossos filhos, não tive alternativa, pois, mesmo que eles fossem meus parentes próximos, não teria como agir de outra maneira. Se os houvesse matado à traição ou por alguma artimanha, mereceria a morte. Por tudo isso, disse Sir Darras, considero que o que fizestes foi em nome da cavalaria, e esta foi a razão pela qual não quis vos condenar à morte. Mas, já que sois o bom cavaleiro Sir Tristão, eu vos rogo vivamente que vos torneis meu amigo e também de meus filhos. Senhor, respondeu Sir Tristão, eu vos prometo, por minha fé, que, enquanto viver, estarei a vosso serviço, pois o que fizestes conosco foi o que um cavaleiro deveria naturalmente fazer. Então, Sir Tristão ficou ali de repouso até estar curado e, ao se ver sadio e forte, todos se despediram, cada cavaleiro pegou seu cavalo e os três seguiram cavalgando juntos até chegarem a uma encruzilhada. Agora, companheiros, disse Sir Tristão, aqui nos separamos, tomando caminhos diferentes. E, como Sir Dinadan foi o primeiro a enfrentar uma aventura, começarei por ele.

CAPÍTULO XLI

Como Sir Dinadan salvou uma dama das mãos de Sir Breuse Saunce Pitié e como Sir Tristão recebeu um escudo da Fada Morgana.

Quando passava perto de um poço, Sir Dinadan encontrou uma dama lamentando-se profundamente. O que vos aflige?, perguntou ele. Senhor cavaleiro, respondeu ela, sou a dama mais desventurada do mundo, pois, cinco dias atrás, chegou aqui um cavaleiro chamado Breuse Saunce Pitié e matou meu irmão. Desde então, ele vem me mantendo em seu poder e, de todos os homens do mundo, ele é o que mais detesto. Por isso, em nome de vossa cavalaria, peço-vos que me vingueis, já que ele não tardará a voltar. Pois que venha, replicou Sir Dinadan. Farei minha parte pela honra de todas as mulheres. Nesse momento, surgiu Sir Breuse e, quando viu um cavaleiro falando com sua dama, ficou furioso. Senhor cavaleiro, bradou, defendei-vos de mim! E investiram um contra o outro com o rugido de um trovão. Ambos se feriram, mas Sir Dinadan infligiu uma grave ferida no ombro de seu adversário e, antes que pudesse se virar, Sir Breuse havia fugido e desaparecido. A dama então lhe rogou que a levasse até um castelo que ficava bem perto, a apenas quatro milhas dali. O cavaleiro consentiu, e ela foi muito bem acolhida, pois o senhor do referido castelo era seu tio. Depois disso, Sir Dinadan seguiu seu caminho em busca de sua aventura.


Como a Fada
Morgana deu um
escudo a Sir Tristão.

Voltemos agora a Sir Tristão, que, por acaso, foi pedir pousada em um castelo onde estava a Fada Morgana. Ao chegar, recebeu excelente acolhida para a noite e, pela manhã, quando quis partir, a rainha lhe disse: Sabei que não partireis assim tão facilmente, pois estais aqui na condição de prisioneiro. Queira Jesus que não!, exclamou ele. Faz pouco tempo que saí de uma prisão. Gentil cavaleiro, disse a rainha, permanecereis comigo até eu saber quem sois e de onde vindes, e quis que Sir Tristão se sentasse a seu lado e seu amante, do outro. Ela não parava de fitar Sir Tristão, o que despertou ciúmes no cavaleiro e lhe deu vontade de se atirar sobre o visitante com a espada, o que não fez por pura vergonha. Então, a Rainha Morgana prosseguiu: Dizei-me como vos chamais e consentirei que partais quando quiserdes. Se esta é a condição, eu vos direi que meu nome é Sir Tristão de Liones. Ah!, exclamou a Fada Morgana. Se soubesse disso, não poderíeis partir assim tão cedo. Mas, como vos dei minha palavra, hei de mantê-la, contanto que me prometais levar convosco um escudo que vos entregarei até o castelo da Dura Rocha, onde, segundo o Rei Arthur mandou anunciar, haverá um grande torneio. Rogo-vos que estejais presente e que, por mim, realizeis tantas proezas quantas forem possíveis. Pois no castelo das Donzelas, Sir Tristão, realizastes feitos de armas como jamais ouvi dizer que outro cavaleiro houvesse realizado. Senhora, disse Sir Tristão, deixai que eu veja o escudo que devo levar comigo. E tal escudo lhe foi trazido. Tinha o campo em gules, com um rei e uma rainha pintados e, sobre eles, um cavaleiro com um pé na cabeça do rei e o outro, na da rainha. É um escudo formoso e forte, senhora, mas o que significam esse rei e essa rainha, e esse cavaleiro acima deles? Pois eu vos digo, respondeu a Fada Morgana, que significam o Rei Arthur e a Rainha Guinevere, e um cavaleiro que os mantém em escravidão e servidão. Quem é tal cavaleiro?, perguntou Sir Tristão. Isso é algo que não sabereis por ora, replicou a rainha. Mas, como diz o livro francês, a Rainha Morgana amava muitíssimo Sir Lancelote e não deixava de desejá-lo. Ele jamais admitiria amá-la nem fazer nada por solicitação sua, e, por este motivo, ela reuniu muitos cavaleiros para prendê-lo à força. E, como a Fada Morgana acreditava que Sir Lancelote amava a Rainha Guinevere como amante, e que esse amor era correspondido, havia mandado fazer tal escudo como uma censura a Sir Lancelote e com a intenção de que o Rei Arthur pudesse perceber o amor que havia entre os dois. Sir Tristão pegou então o escudo e prometeu levá-lo ao torneio do castelo da Dura Rocha. Ele não sabia, porém, que aquele escudo havia sido concebido para causar dano a Sir Lancelote, embora tenha vindo a saber disso mais tarde.

CAPÍTULO XLII

Como Sir Tristão levou consigo tal escudo e também como matou o amante da Fada Morgana.

Sir Tristão despediu-se então da rainha e partiu levando consigo o escudo. Mas o cavaleiro que era seu amante, cujo nome era Sir Hemison, preparou-se para segui-lo. Gentil amigo, disse Morgana, não sigais esse cavaleiro, pois nenhuma honra isto vos trará. Maldito seja esse covarde!, exclamou Sir Hemison, pois da Cornualha não sai nenhum bom cavaleiro, a não ser Sir Tristão de Liones. E se for ele?, perguntou a rainha. Não, não, respondeu seu amante. Sir Tristão está com a Bela Isolda, e esse aí não passa de um tolo qualquer. Ai, meu gentil amigo, descobrireis que é o melhor de todos que já haveis enfrentado, pois eu o conheço melhor do que vós. Por vós, replicou Sir Hemison, eu o matarei. Ah, gentil amigo, insistiu Morgana, muito lamento que desejeis seguir esse cavaleiro, porque temo que nunca regresseis. Furioso, Sir Hemison se foi e cavalgou ao encalço de Sir Tristão com tanta velocidade que parecia que outros cavaleiros o perseguiam. Quando Sir Tristão ouviu o ruído de alguém se aproximando assim tão velozmente, voltou-se e percebeu que um cavaleiro vinha em sua direção. Ao se aproximar, o guerreiro gritou: Senhor cavaleiro, defendei-vos! Investiram então um contra o outro com a força de um trovão, e Sir Hemison quebrou sua lança ao atingir seu adversário. Este, porém, tinha um arnês tão bom que não foi ferido e atingiu o inimigo com tanta força que lhe atravessou o corpo e o derrubou pela garupa do cavalo. Sir Tristão virou-se então para continuar a luta com a espada, mas viu que seu adversário sangrava tanto que lhe pareceu que fosse morrer. Partiu, pois, e chegou a uma formosa mansão que pertencia a um velho cavaleiro e ali se hospedou.

CAPÍTULO XLIII

Como a Fada Morgana sepultou seu amante e como Sir Tristão louvou Sir Lancelote e sua família.

Deixemos agora de falar de Sir Tristão para tratar do cavaleiro que foi mortalmente ferido. Seu pajem se apeou, retirou-lhe o elmo e lhe perguntou se estava vivo. Ainda há vida em mim, respondeu Sir Hemison, embora pouca. Portanto, depois de me ajudar a montar, salta atrás de mim, segura-me bem firme para que eu não caia e leva-me até a Rainha Morgana, a Fada. Uns profundos sopros de morte enchem-me o coração de tal forma que sei que não poderei viver, e gostaria de lhe falar antes de morrer, pois minha alma correrá grande perigo se isso acontecer. Com muita dificuldade, o pajem o levou até o castelo, onde Sir Hemison caiu morto. Ao vê-lo assim, a Fada Morgana caiu em prantos, e seu sofrimento foi tanto que ela quase perdeu o juízo. Deu ordens para que o despissem inteiramente e o pusessem em uma tumba ao redor da qual mandou escrever: AQUI JAZ SIR HEMISON, MORTO PELA MÃO DE SIR TRISTÃO DE LIONES.

E, agora, voltemos a Sir Tristão, que perguntou a seu anfitrião se vira recentemente algum cavaleiro aventureiro. Senhor, respondeu o ancião, ontem à noite hospedou-se aqui comigo Sir Hector de Maris, que viajava com uma donzela, e esta me disse que ele era um dos melhores cavaleiros do mundo. Não é bem assim, replicou Sir Tristão, pois conheço quatro cavaleiros de seu próprio sangue que são muito melhores. O primeiro deles é Sir Lancelote do Lago, considerado o melhor de todos; os outros são Sir Bors de Ganis, Sir Bleoberis, Sir Blamore de Ganis e Sir Gaheris. Não!, exclamou seu anfitrião. Sir Gawaine é melhor do que ele. Discordo, disse Sir Tristão, pois já enfrentei a ambos e constatei que Sir Gaheris é melhor. Já Sir Lamorak, em minha opinião, é tão bom quanto qualquer um deles, à exceção de Sir Lancelote. Por que não mencionais Sir Tristão?, perguntou o velho cavaleiro. Eu o considero melhor do que todos esses outros. Porque não o conheço, respondeu Sir Tristão. Ficaram assim, rindo e conversando, pelo tempo que lhes aprouve e, depois, retiraram-se para descansar. Pela manhã, Sir Tristão se despediu de seu anfitrião e rumou para a Dura Rocha sem ter qualquer outra aventura durante o trajeto e não parou para descansar até chegar ao castelo onde viu quinhentas tendas.

CAPÍTULO XLIV

Como Sir Tristão usou, em um torneio, o escudo que a Fada Morgana tinha lhe entregado.

O rei dos escoceses e o rei da Irlanda se uniram para enfrentar os cavaleiros do Rei Arthur, e teve início um grande combate. Ao entrar na liça, Sir Tristão realizou magníficas proezas com as armas derrubando muitos cavaleiros. A todo instante, passava diante do Rei Arthur com aquele escudo e, quando o monarca o viu, muito se surpreendeu e se perguntou com que intenção aquilo havia sido feito. Já a Rainha Guinevere logo imaginou de que se tratava e ficou muito acabrunhada. Havia uma donzela da Rainha Morgana bem próxima ao Rei Arthur e, assim que o ouviu falar de tal escudo, disse-lhe sem qualquer rodeio: Majestade, sabei que esse escudo foi encomendado para vós, para vos alertar quanto ao risco de vergonha e de desonra que paira sobre vós e sobre vossa rainha. Dizendo isso, a donzela se foi discretamente de tal forma que ninguém pôde dizer o que havia sido feito dela. O Rei Arthur ficou então furioso e entristecido e perguntou de onde tinha vindo tal donzela, mas ninguém ali a conhecia ou sabia para onde ela tinha ido. Diante disso, a Rainha Guinevere chamou Sir Hector de Maris e ali mesmo lhe fez sua queixa. Bem sei, disse ela, que esse escudo foi feito pela Fada Morgana por despeito por mim e por Sir Lancelote, e temo imensamente que este fato seja minha destruição. O monarca não parava de observar Sir Tristão, que realizava fabulosos feitos de armas, e, admirado, perguntava-se quem poderia ser aquele cavaleiro, pois sabia que não era Sir Lancelote. Haviam-lhe dito que Sir Tristão estava na Pequena Bretanha com Isolda das Mãos Brancas, pois acreditavam que, se ele estivesse no Reino de Logres, Sir Lancelote ou algum de seus companheiros que andavam a sua procura já o teriam encontrado. Assim, Rei Arthur ficou intrigado, imaginando quem poderia ser aquele cavaleiro. Tinha os olhos pregados no tal escudo, e nada disso passou despercebido da rainha, que estava muito temerosa.

Na liça, Sir Tristão não cessava de derrubar adversários, a torto e a direito, fazendo com que quase nenhum cavaleiro a ele conseguisse resistir, o que era maravilhoso de se ver. E o rei dos escoceses e o rei da Irlanda começaram a recuar. Ao ver tal cena, o Rei Arthur decidiu que o cavaleiro do escudo estranho não deveria escapar. Chamou então Sir Uwaine Le Blanchesmains e mandou que ele se armasse e se preparasse. De imediato, o monarca e Sir Uwaine dirigiram-se a Sir Tristão exigindo que lhes dissesse onde havia conseguido aquele escudo.

Senhor, respondeu Sir Tristão, eu o recebi da Rainha Morgana, a Fada, irmã do Rei Arthur.

Aqui se encerra a história deste livro, que é o livro primeiro de Sir Tristão de Liones, e segue-se o segundo livro de Sir Tristão.

A morte de Arthur

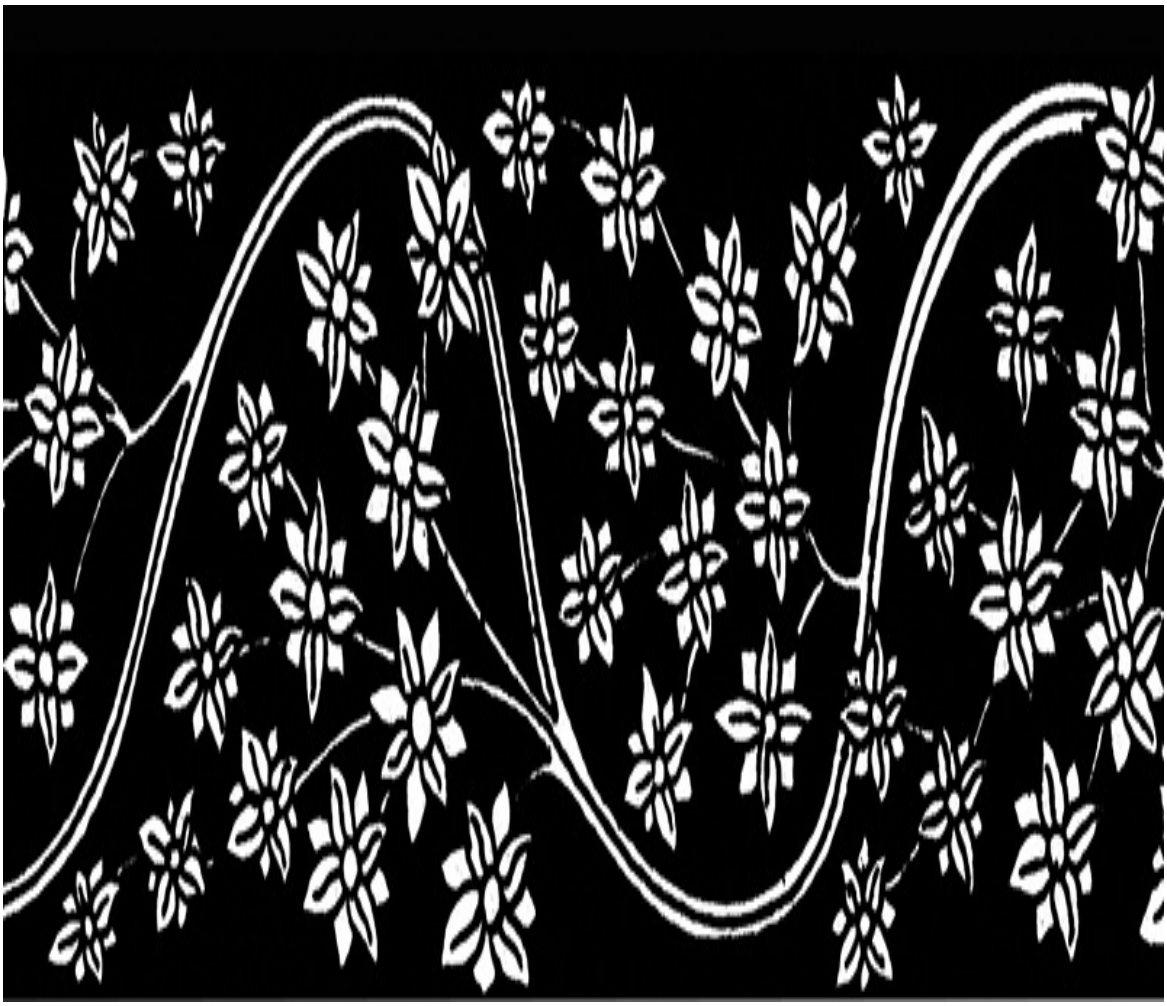
VOLUME 2

Sir Thomas Malory

ILUSTRAÇÕES
Aubrey Beardsley

TRADUÇÃO
Maria Helena Rouanet

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



SÚMULA DAS RUBRICAS DO CONTEÚDO DOS CAPÍTULOS

Seguem-se os capítulos do livro décimo

Como Sir Tristão enfrentou e derrubou o Rei Arthur porque não lhe revelou o motivo pelo qual estava usando aquele escudo.

Como Sir Tristão salvou a vida de Sir Palamedes, e como ambos prometeram combater juntos no prazo de 15 dias.

Como Sir Tristão saiu à procura do forte cavaleiro que o havia derrotado, e encontrou muitos outros cavaleiros da Távola Redonda.

Como Sir Tristão derrotou Sir Sagramore, o Desejoso e Sir Dodinas, o Selvagem.

Como Sir Tristão deparou com Sir Lancelote em uma liça e como os dois se enfrentaram sem se reconhecerem.

Como Sir Lancelote trouxe Sir Tristão para a corte, e a grande alegria que o rei e outros presentes demonstraram pela chegada de Sir Tristão.

Como, por rancor a Sir Tristão, o Rei Marcos veio até a Inglaterra com dois cavaleiros, e como matou um deles.

Como o Rei Marcos chegou a uma fonte e encontrou Sir Lamorak lamentando-se pelo amor da esposa do Rei Lot.

Como o Rei Marcos, Sir Lamorak e Sir Dinadan chegaram a um castelo e como o Rei Marcos foi ali reconhecido.

Como Sir Berluse enfrentou o Rei Marcos e como Sir Dinadan tomou seu partido.

Como o Rei Marcos escarneceu de Sir Dinadan, e como eles encontraram seis cavaleiros da Távola Redonda.

Como os seis cavaleiros determinaram que Sir Dagonet enfrentasse o Rei Marcos em uma justa, e como este o recusou como adversário.

Como, por mero acaso, Sir Palamedes encontrou o Rei Marcos fugindo, e como derrotou Dagonet e os outros cavaleiros.

Como o Rei Marcos e Sir Dinadan ouviram Sir Palamedes se lamentando e chorando pela Bela Isolda.

Como o Rei Marcos matou Sir Amant injustamente, bem diante do Rei Arthur, e como Sir Lancelote foi buscá-lo para trazê-lo à presença do monarca.

Como Sir Dinadan relatou para Sir Palamedes o confronto entre Sir Lancelote e Sir Tristão.

Como Sir Lamorak enfrentou em uma justa diversos cavaleiros do castelo onde estava a Fada Morgana.

Como Sir Palamedes insistiu em lutar ao lado de Sir Lamorak contra os cavaleiros do castelo.

Como Sir Lamorak enfrentou Sir Palamedes e o feriu gravemente.

Como chegou aos ouvidos de Sir Lancelote que Dagonet havia perseguido o Rei Marcos, e como um cavaleiro derrotou a ele e a seis outros cavaleiros.

Como o Rei Arthur proclamou a realização de justas, e como Sir Lamorak compareceu e derrotou Sir Gawaine, além de muitos outros.

Como o Rei Arthur fez com que o Rei Marcos se reconciliasse com Sir Tristão, e como ambos partiram para a Cornualha.

Como Sir Percival foi sagrado cavaleiro pelo Rei Arthur, como uma dama muda falou e o trouxe para a Távola Redonda.

Como Sir Lamorak fez uma visita à esposa do Rei Lot, e como Sir Gaheris matou aquela que era sua própria mãe.

Como Sir Agravaine e Sir Mordred confrontaram um cavaleiro que fugia e foram ambos derrubados; e sobre Sir Dinadan.

Como o Rei Arthur, a rainha e Lancelote receberam cartas vindas da Cornualha, e sobre a resposta que foi dada.

Como Sir Lancelote ficou enfurecido com a carta que recebeu do Rei Marcos, e sobre Dinadan, que compôs uma balada para o monarca.

Como Sir Tristão foi ferido; sobre uma guerra travada contra o Rei Marcos; e sobre Sir Tristão, que prometeu ir em seu auxílio.

Como Sir Tristão saiu vencedor de tal combate e como Elias desejava encontrar um homem para uma luta corpo a corpo.

Como Sir Elias e Sir Tristão se enfrentaram pelo tributo, e como Sir Tristão matou seu adversário na liça.

Como, durante um grande banquete oferecido pelo Rei Marcos, apresentou-se um harpista, que cantou a balada composta por Dinadan para o monarca.

Como o Rei Marcos matou por traição o próprio irmão, Boudwin, pelos bons serviços que este lhe tinha prestado.

Como Anglides, esposa de Boudwin, escapou com o filho Alisander, o Órfão, e foi para o castelo de Arundel.

Como Anglides deu ao filho Alisander o gibão ensanguentado no dia em que foi sagrado cavaleiro, objeto que ele passou a levar sempre consigo.

Como o Rei Marcos teve notícias de Sir Alisander, e como esteve a ponto de matar Sir Sadok por ter poupado a vida do rapaz.

Como Sir Alisander saiu vencedor de um torneio; sobre a Fada Morgana; como ele enfrentou Sir Malgrin e o matou.

Como a Rainha Morgana, a Fada, levou Alisander para seu castelo e curou seus ferimentos.

Como Alisander foi libertado da Fada Morgana por intermédio de uma donzela.

Como Alisander conheceu Alice, a Bela Peregrina, e como enfrentou dois cavaleiros; e, depois, sobre ele e Sir Mordred.

Como Sir Galahalt anunciou a realização de justas em Surluse e que os cavaleiros da Rainha Guinevere deveriam enfrentar todos aqueles que a elas comparecessem.

Como Sir Lancelote combateu nesse torneio e como Sir Palamedes lutou ali por uma donzela.

Como Sir Galahalt e Palamedes se enfrentaram, e sobre Sir Dinadan e Sir Galahalt.

Como Sir Archade acusou Sir Palamedes de traição, e como este o matou.

Como, no terceiro dia, Sir Palamedes justou com Sir Lamorak, e outros assuntos.

Sobre o quarto dia, e muitas grandes façanhas com armas.

Sobre o quinto dia, e o desempenho de Sir Lamorak.

Como Sir Palamedes enfrentou Corsabrin por uma dama e como matou seu adversário.

Sobre o sexto dia e o que foi feito então.

Sobre o sétimo combate, e como Sir Lancelote, disfarçado de donzela, derrubou Sir Dinadan.

Como, por um ato de traição, Sir Tristão foi levado a um torneio para ser morto, e como acabou preso.

Como o Rei Marcos falsificou cartas do Papa, e como Sir Percival libertou Sir Tristão do cárcere.

Como Sir Tristão e a Bela Isolda chegaram à Inglaterra, e como Sir Lancelote os levou para o castelo da Guarda Alegre.

Como, seguindo o conselho da Bela Isolda, Sir Tristão cavalgava armado, e como encontrou Sir Palamedes.

Sobre Sir Palamedes e como ele enfrentou Sir Bleoberis e Sir Hector; e sobre Sir Percival.

Como Sir Tristão encontrou Sir Dinadan, sobre os estratagemas que usou, e o que ele disse aos irmãos de Sir Gawaine.

Como Sir Tristão derrubou Sir Agravaine e Sir Gaheris, e como Sir Dinadan foi mandado chamar pela Bela Isolda.

Como Sir Dinadan se encontrou com Sir Tristão e, ao justar com Sir Palamedes, acabou por reconhecê-lo.

Como se aproximaram do castelo de Lonazep e sobre outros detalhes. Sobre a morte de Sir Lamorak.

Como chegaram às margens do Humber e ali encontraram um navio onde jazia o corpo do Rei Hermance.

Como Sir Tristão e seus companheiros chegaram a uma morada e se hospedaram com um anfitrião que, mais tarde, combateu Sir Tristão; e outros assuntos.

Como Palamedes partiu para enfrentar dois irmãos pela morte do Rei Hermance.

A cópia da carta escrita para vingar a morte do rei, e como Sir Palamedes encontrou dificuldades para travar tal batalha.

Sobre os preparativos de Sir Palamedes e os dois irmãos que devem lutar com ele.

Sobre o combate entre Sir Palamedes e os dois irmãos, e como estes foram mortos.

Como Sir Tristão e Sir Palamedes encontraram Breuse Saunce Pitié, e como Sir Tristão e a Bela Isolda foram para o castelo de Lonazep.

Como Sir Palamedes enfrentou Sir Galihodin em uma justa e, depois, enfrentou Sir Gawaine, derrubando-os a ambos.

Como Sir Tristão e seus companheiros compareceram ao torneio de Lonazep; e sobre diversas outras justas e questões.

Como Sir Tristão e seus companheiros combateram, e sobre os nobres feitos que realizaram em tal torneio.

Como Sir Tristão acabou desmontado e atingido por Sir Lancelote e, depois disso, derrubou o Rei Arthur.

Como Sir Tristão trocou sua armadura por outra toda vermelha, como se portou e como Sir Palamedes matou o cavalo de Sir Lancelote.

Como Sir Lancelote falou com Sir Palamedes, e como o prêmio do dia foi entregue a este último.

Como Sir Dinadan provocou Sir Tristão para que este se saísse bem.

Como o Rei Arthur e Sir Lancelote vieram ver a Bela Isolda, e como Palamedes derrubou o Rei Arthur.

Como, no segundo dia, Palamedes abandonou Sir Tristão e foi se juntar à outra equipe, sua adversária.

Como Sir Tristão deixou a liça, acordou Sir Dinadan e voltou envergando uma armadura inteiramente negra.

Como Sir Palamedes trocou de escudo e de armadura para ferir Sir Tristão, e como Sir Lancelote agiu com relação a este último.

Como Sir Tristão foi embora com a Bela Isolda, e como Palamedes os seguiu e se desculpou.

Como o Rei Arthur e Sir Lancelote apareceram em suas tendas quando eles se sentaram para cear, e sobre Sir Palamedes.

Como Sir Tristão e Sir Palamedes se saíram no dia seguinte, e como o Rei Arthur foi derrubado de sua montaria.

Como Sir Tristão se aliou aos homens do Rei Arthur, e como Palamedes não o acompanhou.

Como Sir Bleoberis e Sir Hector descreveram para a Rainha Guinevere a beleza da Bela Isolda.

Como Epinogris se lamentava junto a um poço, como Sir Palamedes acabou por encontrá-lo ali, e sobre a tristeza de ambos.

Como Sir Palamedes trouxe a amada de Sir Epinogris; e como Sir Palamedes e Sir Safere foram atacados.

Como Sir Palamedes e Sir Safere acompanharam Sir Epinogris até o seu castelo, e outras aventuras.

Como Sir Tristão se preparou para ir em socorro de Sir Palamedes, mas Sir Lancelote o resgatou antes que ele lá chegasse.

Como Sir Tristão e Sir Lancelote, juntamente com Palamedes, chegaram ao castelo da Guarda Alegre; e sobre Sir Palamedes e Sir Tristão.

Como foi estipulado um dia para que Sir Tristão enfrentasse Sir Palamedes, e como Sir Tristão foi ferido.

Como Sir Palamedes respeitou o dia marcado para o combate, mas Sir Tristão não pôde comparecer; e outros assuntos.

Seguem-se os capítulos do livro décimo primeiro

Como Sir Lancelote saiu cavalgando à procura de aventuras; como ajudou uma dama aflita a se livrar de seu sofrimento, e como combateu um dragão.

Como Sir Lancelote encontrou o Rei Pelles; sobre o Santo Graal; e sobre Elaine, filha do monarca.

Como Sir Lancelote ficou irritado ao saber que havia se deitado com Lady Elaine e como ela deu à luz Galahad.

Como Sir Bors veio ao encontro de Lady Elaine, como conheceu Galahad e como este era alimentado com o Santo Graal.

Como Sir Bors forçou Sir Pedivere a se render; sobre as maravilhosas aventuras que teve, e como se saiu com relação a elas.

Como Sir Bors partiu; como Sir Lancelote foi censurado pela Rainha Guinevere, e sobre suas desculpas.

Como Lady Elaine, mãe de Galahad, chegou a Camelot com grande pompa, e como Sir Lancelote se portou na ocasião.

Como, por meio de um encantamento, Lady Brisen levou Sir Lancelote para a cama de Lady Elaine, e como a Rainha Guinevere o repreendeu.

Como a Rainha Guinevere ordenou que Lady Elaine evitasse a corte, e como Sir Lancelote enlouqueceu.

Sobre a imensa tristeza que a Rainha Guinevere sentiu por Sir Lancelote, e como alguns cavaleiros de sua linhagem saíram à sua procura.

Como um dos criados de Sir Aglovale foi assassinado, e como Sir Aglovale e Sir Percival se vingaram do ocorrido.

Como Sir Percival se separou secretamente do irmão; como libertou um cavaleiro acorrentado, e outros feitos.

Como Sir Percival enfrentou Sir Hector; como os dois lutaram por um bom tempo e como cada um deles quase matou o outro.

Como, por milagre, ambos se curaram por completo graças à chegada do vaso sagrado do Santo Graal.

Seguem-se os capítulos do livro décimo segundo

Como Sir Lancelote, em sua loucura, passou a mão em uma espada, lutou contra um cavaleiro e pulou em uma cama.

Como Sir Lancelote foi transportado numa liteira puxada por cavalos, e como salvou Sir Bliant, seu anfitrião.

Como Sir Lancelote enfrentou um javali e o matou; como ficou ferido e foi levado para um eremitério.

Como Sir Lancelote foi reconhecido por Lady Elaine, foi transportado para um quarto e, depois, curado pelo Santo Graal.

Como, depois de curado e tendo recobrado a razão, Sir Lancelote sentiu-se envergonhado, e como a dita Elaine solicitou um castelo para ele.

Como Sir Lancelote chegou à Ilha da Alegria e lá se autodenominou Le Chevaler Mal Fet.

Sobre um grande torneio realizado na Ilha da Alegria; como Sir Percival e Sir Hector para lá se dirigiram, e como Sir Percival lutou contra ele.

Como os dois se reconheceram, e sobre a grande cortesia que demonstraram; como seu irmão, Sir Hector, se aproximou, e sobre a grande alegria de ambos.

Como Sir Bors e Sir Leonel se apresentaram perante o Rei Brandegore; como Sir Bors levou seu filho, Helin, o Branco; e sobre Sir Lancelote.

Como Sir Lancelote chegou à corte, juntamente com Sir Percival e Sir Hector, e a grande alegria que sentiu.

Como a Bela Isolda aconselhou Sir Tristão a ir à corte para os grandes festejos de Pentecostes.

Como Sir Tristão partiu desarmado e enfrentou Sir Palamedes; como ambos se derrubaram, e como este último o poupou.

Como Sir Tristão se apoderou da armadura de um cavaleiro que estava ferido e como derrotou Sir Palamedes.

Como Sir Tristão e Sir Palamedes lutaram por muito tempo e, depois, entraram em acordo, e como Sir Tristão fez com que ele fosse batizado.

Seguem-se os capítulos do livro décimo terceiro

Como, durante a vigília da celebração de Pentecostes, uma donzela entrou no salão e se postou diante do Rei Arthur expressando o desejo de que Lancelote viesse com ela para sagrar um cavaleiro, e como ele a acompanhou.

Como se encontraram letras gravadas na Cadeira Perigosa, e sobre a maravilhosa aventura da espada em uma pedra.

Como Sir Gawaine tentou arrancar a espada e como um ancião levou Galahad até aquele local.

Como o ancião conduziu Galahad até a Cadeira Perigosa e o fez sentar-se ali, e como todos os cavaleiros se maravilharam.

Como o Rei Arthur mostrou a Galahad a pedra que flutuava no meio do lago e como o jovem arrancou a espada dali.

Como o Rei Arthur mandou que todos os cavaleiros se reunissem, antes de partir, para justar na campina que cercava Camelot.

Como a rainha manifestou o desejo de ver Galahad e como, mais tarde, todos os cavaleiros foram revigorados pelo Santo Graal e juraram partir em busca do vaso sagrado.

Como o rei, a rainha e as damas da corte se entristeceram com a partida dos cavaleiros, e como eles partiram.

Como Galahad conseguiu um escudo e o que acontecia a todos que pretendiam se apossar deste.

Como Galahad partiu levando consigo o escudo e como o Rei Evelake recebeu tal escudo de José de Arimateia.

Como José fez uma cruz no escudo branco usando o próprio sangue, e como Galahad foi levado até uma sepultura por um monge.

Sobre as maravilhas que Sir Galahad viu e ouviu naquela sepultura, e como ele sagrou Melias cavaleiro.

Sobre a aventura que Melias enfrentou; como Galahad o vingou, e como o jovem foi transportado para uma abadia.

Como Sir Galahad partiu, e como lhe ordenaram que fosse até o castelo das Donzelas para pôr um fim a um costume perverso.

Como Sir Galahad enfrentou os cavaleiros do castelo e deu cabo do costume perverso.

Como Sir Gawaine veio até a abadia ao encalço de Sir Galahad, e como foi ouvido em confissão por um eremita.

Como Sir Galahad se encontrou com Sir Lancelote e Sir Percival, derrubou-os e, depois, afastou-se deles.

Como Sir Lancelote, meio dormindo, meio acordado, viu um homem doente ser transportado em uma liteira, e como ele foi curado pelo Santo Graal.

Como uma voz falou com Sir Lancelote, e como ele descobriu que seu cavalo e seu elmo haviam desaparecido, e, depois disso, seguiu caminho a pé.

Como Sir Lancelote foi ouvido em confissão; como se entristeceu; e sobre os bons exemplos que lhe foram apresentados.

Seguem-se os capítulos do livro décimo quarto

Como Sir Percival procurou uma reclusa e lhe pediu conselhos, e como ela lhe disse que era sua tia.

Como Merlin comparou a Távola Redonda ao mundo, e como deveriam ser conhecidos os cavaleiros encarregados de conquistar o Santo Graal.

Como Sir Percival chegou a um monastério onde encontrou o Rei Evelake, que era um ancião.

Como Sir Percival viu diversos homens de armas transportando um cavaleiro morto, e como os enfrentou.

Como um serviçal quis recuperar um cavalo; como a égua de Sir Percival foi morta e como este conseguiu outra montaria.

Sobre o grande perigo que Sir Percival correu montando aquele cavalo, e como ele viu uma serpente lutando com um leão.

Sobre a visão que teve Sir Percival; como tal visão foi esclarecida; e sobre seu leão.

Como Sir Percival viu um navio vindo em sua direção, e como a dama do navio lhe contou que havia sido deserdada.

Como Sir Percival prometeu ajudá-la; como lhe pediu o seu amor, e como foi salvo do espírito maligno.

Como, à guisa de penitência, Sir Percival feriu a própria coxa; e como a mulher foi reconhecida como sendo o diabo.

Segue-se o livro décimo quinto

Como Sir Lancelote chegou a uma capela onde encontrou, morto e envergando uma túnica branca, um religioso de uns cem invernos de idade.

Sobre um homem morto; como alguns homens quiseram feri-lo, mas não conseguiram, e como Sir Lancelote pegou o cilício do cadáver.

Sobre uma visão que teve Sir Lancelote; como ele a revelou para um eremita e se aconselhou com ele.

Como o eremita explicou tal visão a Sir Lancelote, e lhe disse que Sir Galahad era seu filho.

Como Sir Lancelote justou com inúmeros cavaleiros e como foi capturado.

Como Sir Lancelote contou a uma mulher a visão que tivera e que explicação esta lhe deu.

Seguem-se os capítulos do livro décimo sexto

Como Sir Gawaine já estava quase cansado de prosseguir com a busca do Santo Graal, e sobre o sonho maravilhoso que ele teve.

Sobre a visão de Sir Hector e como Sir Gawaine justou com Sir Uwaine, o Bastardo, seu irmão de juramento.

Como Sir Gawaine e Sir Hector chegaram a um eremitério para se confessar, e como contaram ao eremita as visões que haviam tido.

Como o eremita lhes explicou tais visões.

Sobre o bom conselho que lhes deu o ermitão.

Como Sir Bors encontrou um eremita e se confessou com ele, e sobre a penitência que lhe foi imposta.

Como Sir Bors recebeu hospedagem por parte de uma dama, e como decidiu combater um campeão para defender as terras de sua anfitriã.

Sobre uma visão que Sir Bors teve naquela noite, e como ele enfrentou e derrotou seu adversário.

Como a dama teve suas terras devolvidas graças à luta de Sir Bors, e sobre a partida deste cavaleiro; como ele encontrou Sir Leonel aprisionado e açoitado com espinhos, e também sobre uma jovem que teria sido desonrada.

Como Sir Bors partiu para salvar o irmão e salvou também a donzela; e como lhe disseram que Leonel estava morto.

Como Sir Bors contou a um padre o sonho que tivera, e sobre o conselho que lhe deu o religioso.

Como um demônio em forma de mulher apareceu para tentar Sir Bors e como ele escapou pela graça de Deus.

Sobre a sagrada comunicação feita a Sir Bors por um abade e que conselhos este lhe deu.

Como Sir Bors encontrou o irmão, Sir Leonel, e como este último esteve a ponto de matá-lo.

Como Sir Colgrevance enfrentou Sir Leonel para salvar Sir Bors, e como o eremita acabou morto.

Como Sir Leonel matou Sir Colgrevance, e como, depois, quis matar Sir Bors.

Como uma voz se fez ouvir alertando Sir Bors para não tocar em seu irmão, e sobre a nuvem que se interpôs entre ambos.

Seguem-se os capítulos do livro décimo sétimo

Como Sir Galahad combateu em um torneio e como foi reconhecido por Sir Gawaine e Sir Hector de Maris.

Como Sir Galahad saiu cavalgando com uma donzela e chegou a um navio onde estavam Sir Bors e Sir Percival.

Como Sir Galahad entrou no navio; sobre o belo leito que havia ali, juntamente com outras maravilhas; e sobre uma espada.

Sobre as maravilhas da espada e de sua bainha.

Como o Rei Pelles teve ambas as coxas traspassadas por sacar da espada, e outras histórias maravilhosas.

Como Salomão se apossou da espada de Davi a conselho de sua esposa, e outros episódios maravilhosos.

Uma fabulosa narrativa sobre o Rei Salomão e sua esposa.

Como Galahad e seus companheiros chegaram a um castelo; como foram combatidos; como mataram seus adversários, e outras histórias.

Como os três cavaleiros, juntamente com a irmã de Percival, chegaram à mesma floresta; sobre um cervo e quatro leões, e outros assuntos.

Como eles depararam com um estranho costume, ao qual não se curvaram; e como enfrentaram e mataram inúmeros cavaleiros.

Como a irmã de Sir Percival foi sangrada, tendo-lhe sido retirada uma vasilha cheia de sangue para curar uma dama, razão pela qual morreu; e como seu corpo

foi posto em um navio.

Como Sir Galahad e Percival encontraram no castelo muitas sepulturas de donzelas que haviam sangrado até a morte.

Como Sir Lancelote entrou no navio onde jazia o corpo da irmã de Sir Percival, e como se encontrou com Sir Galahad, seu filho.

Como um cavaleiro trouxe um cavalo para Sir Galahad e declarou que ele devia se separar de seu pai, Sir Lancelote.

Como Sir Lancelote ficou diante da porta da câmara onde estava o Santo Graal.

Como Sir Lancelote passou 24 dias, bem como muitas noites, deitado como um cadáver, e diversas outras histórias.

Como Sir Lancelote retornou a Logres, e outras aventuras com que deparou durante o trajeto.

Como Galahad se apresentou perante o Rei Mordrains, e outras histórias e aventuras.

Como Sir Percival e Sir Bors encontraram Sir Galahad; como os três chegaram ao castelo de Carbonek, e outras histórias.

Como Galahad e seus companheiros foram alimentados pelo Santo Graal; como Nosso Senhor apareceu para eles, e outras histórias.

Como Galahad ungiu o rei inválido com o sangue da lança, e outras aventuras.

Como foram alimentados pelo Santo Graal enquanto estavam na prisão, e como Galahad foi feito rei.

Sobre a tristeza que Percival e Bors sentiram quando da morte de Galahad; como morreu Percival, e outras histórias.

Seguem-se os capítulos do livro décimo oitavo

Sobre a alegria que o Rei Arthur e sua esposa sentiram com a conquista do Santo Graal, e como Lancelote voltou a sentir o velho amor que nutria pela rainha.

Como a rainha ordenou que Sir Lancelote evitasse a corte, e a tristeza que isto causou ao cavaleiro.

Como um cavaleiro foi envenenado em um jantar oferecido pela rainha e como Sir Mador a culpou por isto.

Como Sir Mador acusou a rainha de traição e, pela primeira vez, nenhum cavaleiro se ofereceu para lutar por ela.

Como a rainha pediu a Sir Bors que combatesse por ela, e como ele aceitou com uma condição; e como ele informou Sir Lancelote a esse respeito.

Como, no dia marcado, Sir Bors se preparou para combater pela rainha, e quando ia fazê-lo, outro cavaleiro o liberou do compromisso.

Como Sir Lancelote enfrentou Sir Mador pela rainha, e como derrotou seu adversário e inocentou a soberana.

Como foi conhecida a verdade por intermédio da Donzela do Lago, e diversas outras histórias.

Como Sir Lancelote cavalgou até Astolat e recebeu uma luva para usar em seu elmo a pedido de uma donzela.

Como teve início o torneio em Winchester; que cavaleiros tomaram parte nas justas, e outros temas.

Como Sir Lancelote e Sir Lavaine entraram na liça para enfrentar os homens da corte do Rei Arthur, e como Lancelote foi ferido.

Como Sir Lancelote e Sir Lavaine deixaram a liça, e o perigo que o primeiro estava correndo.

Como Lancelote foi trazido a um eremitério para que lhe curassem os ferimentos, e outras histórias.

Como Sir Gawaine se hospedou com o Senhor de Astolat e ali ficou sabendo que o cavaleiro que levava no elmo a luva vermelha era Sir Lancelote.

Sobre a angústia que sentiu Sir Bors ao saber que havia ferido Lancelote; e sobre a fúria que a rainha sentiu ao saber que ele levara tal luva consigo.

Como Sir Bors foi procurar por Lancelote e o encontrou no eremitério, e como ambos se lamentaram pelo ocorrido.

Como Sir Lancelote se armou para ver se tinha condições de portar armas, e como seus ferimentos voltaram a se abrir.

Como Sir Bors regressou trazendo notícias de Sir Lancelote; sobre o torneio e quem levou o prêmio.

Sobre o grande sofrimento da Formosa Donzela de Astolat quando Lancelote teve que partir, e como ela morreu por amor a ele.

Como o cadáver da Formosa Donzela de Astolat chegou até o Rei Arthur; sobre seu sepultamento, e como Sir Lancelote ofereceu o dinheiro da missa.

Sobre as grandes justas realizadas por ocasião do Natal; sobre um grande torneio organizado pelo Rei Arthur; e sobre Sir Lancelote.

Como, tendo sido ferido, Lancelote dirigiu-se ao eremitério, e outras histórias.

Sobre o desempenho de Sir Lancelote naquelas justas, e o que aconteceu com outros homens.

Como o Rei Arthur ficou assombrado com as justas realizadas na liça e como saiu a cavalo e encontrou Sir Lancelote.

Como o verdadeiro amor é comparado ao verão.

Seguem-se os capítulos do livro décimo nono

Como a Rainha Guinevere saiu para cavalgar, no primeiro dia de maio, acompanhada por alguns cavaleiros da Távola Redonda, todos eles trajando verde.

Como Sir Meliagaunt capturou a rainha e seus cavaleiros, que ficaram muito feridos durante a luta.

Como Sir Lancelote recebeu a notícia da captura da rainha, e como Sir Meliagaunt armou uma emboscada para ele.

Como o cavalo de Sir Lancelote foi morto, e como ele seguiu viagem em uma carroça para salvar a rainha.

Como Sir Meliagaunt pediu perdão à rainha; como ela apaziguou Sir Lancelote, e outras histórias.

Como Sir Lancelote veio ao encontro da rainha naquela noite e como Sir Meliagaunt a acusou de traição.

Como Sir Lancelote respondeu pela rainha enfrentando Sir Meliagaunt; e como Sir Lancelote caiu em uma armadilha.

Como Sir Lancelote foi libertado da prisão por uma dama e, montando um cavalo branco, tratou de recuperar o tempo perdido.

Como Sir Lancelote chegou no exato instante em que Sir Meliagaunt se instalava na liça e vestia seus trajes de combate.

Como Sir Urre chegou à corte do Rei Arthur para se tratar de seus ferimentos e como o Rei Arthur começou a se interessar por ele.

Como o Rei Arthur tocou Sir Urre e, depois dele, muitos outros cavaleiros da Távola Redonda repetiram seu gesto.

Como Sir Lancelote recebeu ordens de Arthur para que cuidasse daquelas feridas e como logo o cavaleiro estava completamente recuperado; como todos agradeceram a Deus.

Como aconteceu um confronto entre uma centena de cavaleiros contra outra centena, e outras histórias.

Seguem-se os capítulos do vigésimo livro

Como Sir Agravaine e Sir Mordred pressionaram Sir Gawaine para revelar o amor entre Sir Lancelote e a Rainha Guinevere.

Como Sir Agravaine revelou a existência de tal amor ao Rei Arthur, e como este lhe deu permissão para capturar o Cavaleiro do Lago.

Como Sir Lancelote foi visto na alcova da rainha, e como Sir Agravaine e Sir Mordred apareceram acompanhados de 12 cavaleiros para matá-lo.

Como Sir Lancelote matou Sir Colgrevance, armou-se com seu arnês e, depois, matou Sir Agravaine e 12 dos seus companheiros.

Como Sir Lancelote procurou Sir Bors e lhe contou o que havia feito, em que aventura tinha se envolvido e como conseguira escapar.

Sobre as sugestões e os conselhos propostos a Sir Lancelote por seus amigos para salvar a rainha.

Como Sir Mordred cavalgou a toda para ir ao encontro do rei e lhe relatar o confronto e a morte de Sir Agravaine e dos outros cavaleiros.

Como Sir Lancelote e seus parentes salvaram a rainha da fogueira, e como ele matou inúmeros cavaleiros.

Sobre a dor e a tristeza do Rei Arthur pela morte de seus sobrinhos e de outros bons cavaleiros, e também pela rainha, sua esposa.

Como o Rei Arthur, a pedido de Sir Gawaine, decidiu entrar em guerra contra Sir Lancelote e sitiou seu castelo, denominado Guarda Alegre.

Sobre a troca de palavras entre o Rei Arthur e Sir Lancelote, e como o monarca o censurou.

Como os primos e outros parentes de Sir Lancelote o instigaram a enfrentar aquela batalha, e como se prepararam para fazê-lo.

Como Sir Gawaine enfrentou e derrubou Sir Leonel, e como Sir Lancelote ajudou o Rei Arthur a montar novamente.

Como o Papa enviou bulas para restabelecer a paz, e como Sir Lancelote levou a rainha à presença do Rei Arthur.

Sobre a entrega da rainha ao rei por Sir Lancelote, e em que termos Sir Gawaine se dirigiu a ele.

Sobre o entrevero bem acalorado entre Sir Gawaine e Sir Lancelote.

Como Sir Lancelote se despediu do rei e deixou o castelo da Guarda Alegre, dirigindo-se para além-mar, e que cavaleiros o seguiram.

Como Sir Lancelote cruzou o mar e como fez dos cavaleiros que o seguiram grandes senhores.

Como o Rei Arthur e Sir Gawaine armaram um grande exército para cruzar o mar e travar uma guerra contra Sir Lancelote.

Que mensagem Sir Gawaine enviou a Sir Lancelote; como o Rei Arthur sitiou Benwick, e outras histórias.

Como Sir Gawaine e Sir Lancelote se enfrentaram, e como o primeiro foi derrotado e ferido.

Sobre a tristeza que o Rei Arthur sentiu por aquela guerra, e sobre outra batalha em que Sir Gawaine voltou a levar a pior.

Seguem-se os capítulos do livro vigésimo primeiro

Como Sir Mordred decidiu tornar-se rei da Inglaterra e se casar com a rainha, esposa de seu tio.

Como, depois de ter notícias do que estava ocorrendo, o Rei Arthur regressou e chegou a Dover, onde Sir Mordred foi a seu encontro para impedi-lo de desembarcar; e sobre a morte de Sir Gawaine.

Como, mais tarde, o espírito de Sir Gawaine apareceu para o Rei Arthur e o alertou a não combater naquele dia.

Como, pela presença desafortunada de uma víbora, teve início a batalha em que Mordred foi morto e Arthur, mortalmente ferido.

Como o Rei Arthur ordenou que sua espada Excalibur fosse lançada às águas e como ele foi levado por algumas damas em uma barca.

Como, pela manhã, Sir Bedivere o encontrou morto em um eremitério e como este passou a residir nesse local com o eremita.

Sobre a opinião de alguns homens acerca da morte do Rei Arthur, e como a Rainha Guinevere se tornou freira em Almesbury.

Como, ao ter notícias da morte do Rei Arthur e de Sir Gawaine, além de outras questões, Sir Lancelote regressou à Inglaterra.

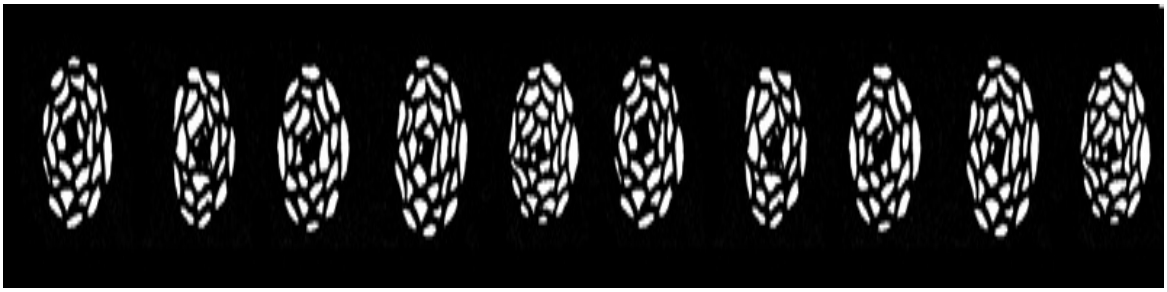
Como Sir Lancelote saiu à procura da Rainha Guinevere e como a encontrou em Almesbury.

Como Sir Lancelote se dirigiu ao eremitério onde se encontrava o arcebispo de Canterbury, e como ele próprio tomou o hábito religioso.

Como Sir Lancelote foi com seus sete companheiros até Almesbury e lá encontrou a Rainha Guinevere morta, trazendo então seu corpo para Glastonbury.

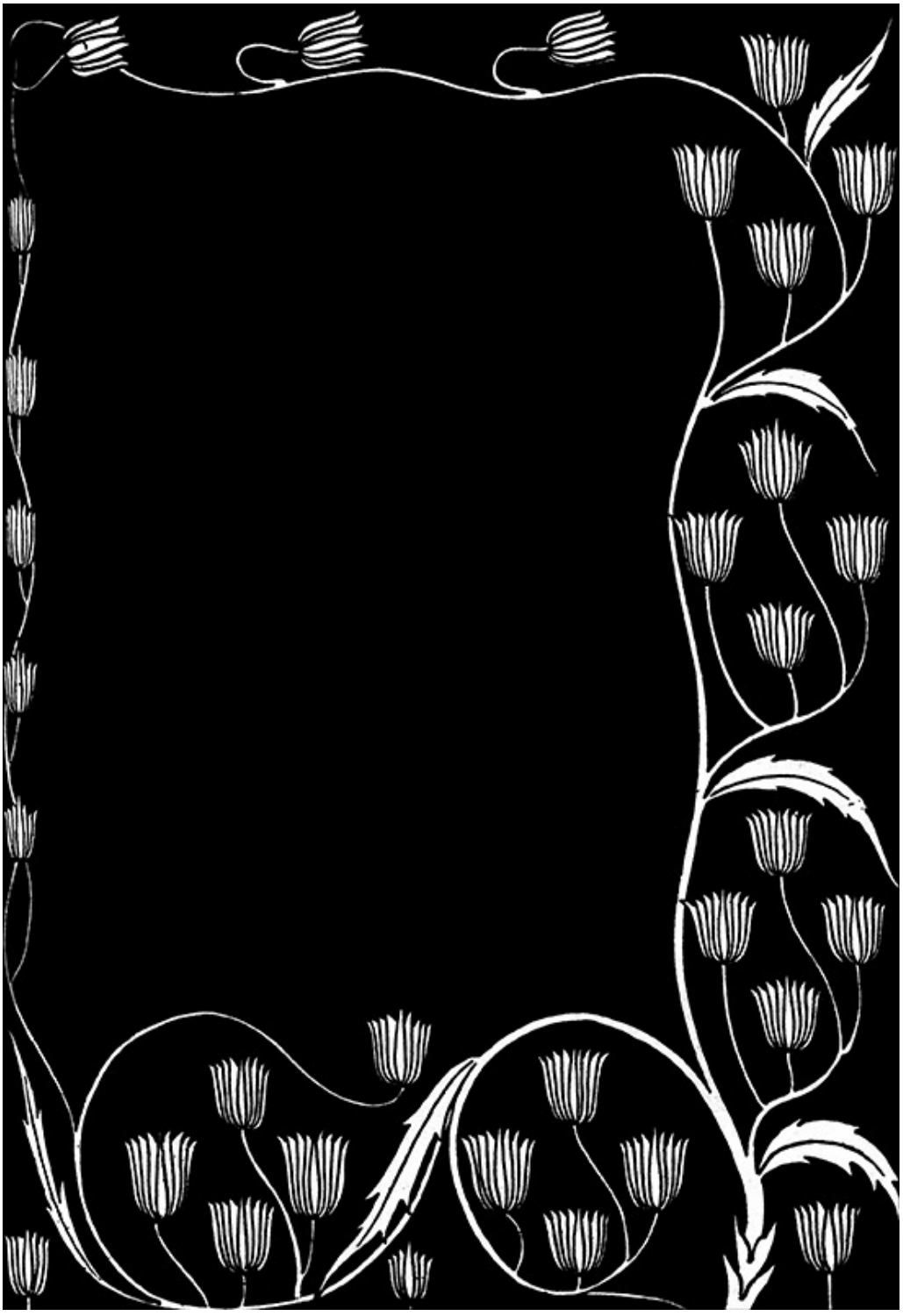
Como Sir Lancelote acabou por adoecer e, depois de morto, teve o corpo transportado para ser sepultado no castelo da Guarda Alegre.

Como Sir Hector encontrou o irmão, Sir Lancelote, morto; como Constantino subiu ao trono, sucedendo ao Rei Arthur, e o fim deste livro.



LIVRO X





CAPÍTULO I

Como Sir Tristão enfrentou e derrubou o Rei Arthur porque não lhe revelou o motivo pelo qual estava usando aquele escudo.

e puderdes descrever que armas levais, sereis digno de levá-las. Posso perfeitamente responder a esta indagação, disse Sir Tristão. Este escudo me foi dado, sem que eu lhe pedisse nada, pela Rainha Morgana, a Fada. Quanto a mim, não posso descrever tais armas, pois não é assunto que me diga respeito, embora tenha fé em Deus que serei capaz de levá-las com honra. Por certo, replicou o Rei Arthur, não deveríeis usar armas sem saber o que estais usando, mas vos rogo que me digais vosso nome. Com que intuito?, perguntou Sir Tristão. Porque eu gostaria de saber, respondeu o monarca. Senhor, replicou o cavaleiro, por ora não sabereis como me chamo. Então haveremos de nos enfrentar, disse o Rei Arthur. Por que quereis lutar comigo se não vos digo meu nome?, indagou Sir Tristão. Pouca necessidade teríeis de fazer isso se fôsseis um homem de valor, pois vistes que batalhei muitíssimo no dia de hoje. Sois portanto um cavaleiro infame, já que me desafieis para combater, considerando-se que enfrentei muitos adversários. Mesmo assim, não hei-me de furtar a isto e podeis ter certeza de que não tenho medo de vós, pois, apesar de crerdes que levais grande vantagem sobre mim, saberei resistir a vossos ataques. De imediato, o Rei Arthur ergueu seu escudo e sua lança. Sir Tristão correu ao seu encontro, cada qual mais impetuoso do que o outro. O Rei Arthur partiu sua lança em mil pedaços contra o escudo de Sir Tristão, mas este também o atingiu, fazendo com que homem e cavalo caíssem por terra. Na queda, o soberano abriu uma grande e séria ferida no flanco esquerdo. Quando Sir Uwaine viu seu senhor Arthur caído no chão, ficou muito pesaroso. Pegou então seu escudo e sua lança e gritou para Sir Tristão: Defendei-vos, cavaleiro! E se encontraram com o estrondo de um trovão. Sir Uwaine despedaçou a lança contra o escudo de Sir Tristão e este o atingiu com força e duramente, derrubando-o da sela e atirando-o ao chão. Depois, voltou-se e disse: Gentis cavaleiros, eu não precisava justar convosco, pois já tive muito trabalho por um dia. Então, Arthur se levantou, aproximou-se de Sir Uwaine e, dirigindo-se a Sir Tristão, declarou: Tivemos o que merecíamos, pois, por orgulho, nós vos desafiamos ao combate mesmo sem saber vosso nome. No entanto, acrescentou Sir Uwaine, pela Santa Cruz, sois, a meu ver, o mais forte dos cavaleiros que vivem sobre a terra.

Então, Sir Tristão foi embora e, por todo lado, as pessoas perguntavam por Sir Lancelote, mas ninguém conseguia ter notícias dele, se estava vivo ou morto, o

que deixou Sir Tristão entristecido e abalado. Cavalgou, então, por uma floresta e, dentro dela, avistou uma formosa torre que ficava próxima a um pântano e que tinha, do outro lado, um formoso prado. Viu ali dez cavaleiros que lutavam. Ao chegar mais perto, porém, percebeu que se tratava de um único cavaleiro enfrentando outros nove, e se saía tão magnificamente bem que Sir Tristão ficou assombrado por ver alguém sozinho ser capaz de realizar tamanhas proezas com as armas. Pouco tempo depois, ele já havia matado metade daqueles cavalos, deixando seus ginetes a pé e fazendo com que os outros animais fugissem pelos campos e pela floresta. Sir Tristão se compadeceu daquele cavaleiro que enfrentava sozinho tanto trabalho e pensou que poderia ser Sir Palamedes, por causa de seu escudo. Cavalgou, então, até onde eles estavam e, aos gritos, mandou que cessassem aquele combate, pois era imensamente vergonhoso tantos cavaleiros lutarem assim contra um só adversário. Então, o senhor de tais cavaleiros, que se chamava Breuse Saunce Pité, e que era, na época, o mais malvado de todos os que havia na terra, falou: Senhor cavaleiro, por que vos intrometeis em assuntos que não vos dizem respeito? Se fordes sensato, voltai pelo mesmo caminho por onde viestes, pois este cavaleiro não nos escapará. Seria uma lástima que um cavaleiro tão bom quanto este fosse morto de forma tão covarde, retrucou Sir Tristão. Portanto, eu vos previno que vou ajudá-lo com toda minha força.

CAPÍTULO II

Como Sir Tristão salvou a vida de Sir Palamedes, e como ambos prometeram combater juntos no prazo de 15 dias.

Para que não matassem seu cavalo, Sir Tristão se apeou, já que os outros estavam a pé, ergueu seu escudo e, espada em punho, começou a ferir a torto e a direito, com tamanha violência que praticamente derrubava um cavaleiro a cada golpe que desferia. Quando aqueles homens viram o estrago que ele fazia, fugiram para a torre juntamente com Breuse Saunce Pitié. Sir Tristão correu em seu encalço, mas eles adentraram a construção e fecharam as portas. Diante disso, o cavaleiro voltou até onde estava Sir Palamedes e o encontrou bem ferido, sentado ao pé de uma árvore. Ah, gentil cavaleiro, exclamou Sir Tristão, como é bom vê-lo com vida! Muito obrigado por vossa grande bondade, respondeu Sir Palamedes, pois me haveis salvado a vida e impedido que me matassem. Como vos chamais?, indagou Sir Tristão. Chamo-me Sir Palamedes, falou o outro. Oh, Jesus!, disse Sir Tristão. Recebestes uma boa graça de minha parte no dia de hoje, pois eu o salvei embora sejais o homem que mais detesto no mundo. Agora, porém, preparai-vos, já que desejo lutar convosco. Qual é vosso nome?, perguntou Sir Palamedes. Chamo-me Sir Tristão, vosso inimigo mortal. É bem verdade, respondeu Sir Palamedes, mas, por tudo que fizestes por mim hoje, não haverei de vos enfrentar, já que salvastes minha vida. E não seria nada honroso que nos enfrentássemos, porque estais descansado e eu, bastante ferido. Portanto, se quiserdes mesmo vos haver comigo, escolhei um dia e nos encontraremos sem falta. Tendes razão, concordou Sir Tristão. Peço-vos, então, que me procureis no prado próximo ao rio de Camelot, onde Merlin instalou o bloco de pedra. E ficou assim acertado.

Então, Sir Tristão perguntou a Sir Palamedes por que ele havia lutado contra aqueles dez cavaleiros. Por este motivo, respondeu o outro: enquanto eu seguia em busca de aventuras em uma floresta próxima daqui, vi um cavaleiro que jazia morto e uma dama chorando a seu lado. Ao vê-la em tal sofrimento, perguntei-lhe quem havia matado seu senhor. “Cavaleiro”, respondeu ela, “foi o mais falso dos cavaleiros que existem neste mundo, o mais cruel de quem se já ouviu falar. Ele se chama Breuse Saunce Pitié”. Por piedade, ajudei a dama a montar seu palafrém e prometi que seria seu defensor e a ajudaria a enterrar seu senhor. De repente, ao passar perto dessa torre, dela saiu Sir Breuse Saunce Pitié, que me derrubou subitamente de meu cavalo. Antes mesmo que eu pudesse recuperar o animal, ele matou a dama que me acompanhava. Então, envergonhado como estava, peguei

meu cavalo e ali mesmo começou a luta entre nós. Por isso é que estávamos lutando. Agora entendo vossa batalha, disse Sir Tristão, mas, seja como for, lembrai da promessa que me fizestes de me enfrentar daqui a 15 dias. Não faltarei, retrucou Sir Palamedes. Pois bem, concluiu Sir Tristão, por ora, não vos deixarei até estardes fora de perigo com relação a vossos inimigos.

Os dois montaram e cavalgaram juntos até a tal floresta, onde encontraram uma formosa fonte com água clara e gorgolejante. Gentil senhor, disse Sir Tristão, tenho desejo de beber desta água. Assim, ambos se apearam e, então, viram um cavalo bem grande que estava amarrado a uma árvore e relinchava sem cessar. Logo a seguir, viram um gentil cavaleiro armado, sob uma árvore. Não lhe faltava uma única peça de sua armadura, à exceção do elmo que estava sob sua cabeça. Pelo bom Deus, disse Sir Tristão, eis ali um garboso cavaleiro adormecido. O que será melhor fazer? Acordá-lo, respondeu Sir Palamedes. E foi o que Sir Tristão fez, usando a ponta cega de sua lança. O cavaleiro despertou prontamente, pôs o elmo na cabeça, pegou uma grossa lança e, sem dizer uma palavra, investiu contra Sir Tristão, derrubando-o da sela, ferindo-o no flanco esquerdo e deixando-o estendido no chão, correndo grande perigo. Então, o cavaleiro se afastou um pouco ao galope, tomou impulso e investiu impetuosamente contra Sir Palamedes, traspassando parte de seu corpo e, com isso, fazendo-o cair do cavalo. Logo depois, o estranho cavaleiro os deixou ali e seguiu caminho floresta adentro. Sir Palamedes e Sir Tristão se puseram de pé, pegaram novamente seus cavalos e pediram conselho um ao outro sobre a melhor atitude a tomar. Por mim, disse Sir Tristão, pretendo seguir este forte cavaleiro que nos fez tamanha afronta. Pois bem, retrucou Sir Palamedes, vou descansar aqui perto, na residência de um amigo. Cuidai de não faltar no dia combinado para nos enfrentarmos, avisou Sir Tristão, pois, como creio, sereis tentado a fazê-lo, já que sou muito mais forte do que vós. Quanto a isso, retrucou Sir Palamedes, seja como for, não tenho medo de vós. Se não estiver enfermo ou preso, não faltarei. Tenho, porém, mais motivos para duvidar que queirais me enfrentar, já que ides atrás desse forte cavaleiro. Se lutardes contra ele, será difícil escapardes de suas mãos. Assim, os dois se separaram e seguiram por caminhos diferentes.

CAPÍTULO III

Como Sir Tristão saiu à procura do forte cavaleiro que o havia derrotado, e encontrou muitos outros cavaleiros da Távola Redonda.

Então, Sir Tristão cavalgou por muito tempo à cata daquele forte cavaleiro, até que avistou uma dama deitada sobre o corpo de um cavaleiro morto. Gentil senhora, chamou ele, quem matou vosso senhor? Passou por aqui um cavaleiro, enquanto meu senhor e eu descansávamos, respondeu ela, e perguntou de onde ele era. Meu senhor lhe disse que era da corte do Rei Arthur. “Pois então”, retrucou o forte cavaleiro, “quero justar convosco, pois detesto todos que são da corte de Arthur”. E meu senhor, que aqui jaz morto, montou seu cavalo e os dois se enfrentaram, mas ele traspassou o corpo de meu senhor com sua lança, causando-me grande sofrimento e grande dano. Lamento muito vossa ira, afirmou Sir Tristão. Dizei-me, por favor, o nome de vosso esposo. Seu nome era Galardoun, respondeu a dama, e teria provado ser bom cavaleiro. Então, Sir Tristão se despediu da dama chorosa e teve muita dificuldade em encontrar abrigo para a noite. No terceiro dia, em uma pousada localizada em meio a uma floresta, encontrou Sir Gawaine e Sir Bleoberis, que estavam bastante feridos. Sir Tristão lhes perguntou se haviam topado com um cavaleiro que tinha tais características e levava um escudo coberto. Gentil senhor, responderam ambos, este é o cavaleiro que nos enfrentou e nos causou tanto mal. Primeiro, derrubou meu companheiro, Sir Bleoberis, ferindo-o gravemente porque ele havia pedido que eu não o enfrentasse, já que o adversário era demasiado forte para mim. O tal cavaleiro interpretou suas palavras como manifestação de menosprezo e o acusou de tê-las dito por zombaria. No confronto entre ambos, ele feriu meu companheiro e, diante disso, por vergonha, não pude deixar de lutar contra ele. Na primeira corrida, derrubou a mim e a meu cavalo, deixando-me ali caído, quase morto. Em seguida, pegou nossos animais e se foi. Maldita hora em que topamos com ele! Gentis cavaleiros, respondeu Sir Tristão, ele também enfrentou a mim e a outro cavaleiro, chamado Sir Palamedes. Derrubou-nos com uma única lança e nos feriu com gravidade. Por minha fé, disse Sir Gawaine, eu vos aconselho a deixá-lo partir. Parai de procurar por ele, pois, na próxima festa da Távola Redonda, tenho certeza de que o encontrareis. Por minha fé, retrucou Sir Tristão, não descansarei até encontrá-lo. Então, Sir Gawaine lhe perguntou seu nome. Chamo-me Sir Tristão, respondeu ele. Todos informaram seus nomes e se separaram.

Sir Tristão seguiu seu caminho e, em um prado, topou por acaso com Sir Kay, o Senescal, e com Sir Dinadan. Que notícias tendes, cavaleiros?, perguntou ele. Nenhuma que seja boa, responderam os dois. Como assim?, indagou Sir Tristão. Rogo-vos que me digais de que se trata, pois estou à procura de um cavaleiro. Podeis descrevê-lo?, pediu Sir Kay. Ele leva o escudo coberto por um pano, informou Sir Tristão. Por Deus, exclamou o senescal, é o mesmo cavaleiro que nos enfrentou, pois, ontem à noite, nos abrigamos na casa de uma viúva e ele também estava hospedado ali. Assim que soube que éramos da corte do Rei Arthur, proferiu inúmeras injúrias contra o monarca e, em especial, contra a Rainha Guinevere. Por esse motivo, combinamos de lutar pela manhã. No primeiro confronto, ele me derrubou do cavalo e me feriu com gravidade. Quando meu companheiro, Sir Dinadan, me viu caído e ferido, não quis me vingar, preferindo fugir de mim e partir. Então, Sir Tristão lhes perguntou como se chamavam e todos se apresentaram. Depois disso, Sir Tristão se foi, atravessou uma grande floresta e adentrou uma planície, onde avistou um eremitério. Nesse local, pôde repousar por seis dias em companhia de um bom homem.

CAPÍTULO IV

Como Sir Tristão derrotou Sir Sagramore, o Desejoso, e Sir Dodinas, o Selvagem.

Mandou vir então seu criado chamado Gouvernail e ordenou que ele fosse até uma cidade próxima e lhe trouxesse um novo arnês, pois, já bem antes de ele se ter recuperado, o seu estava roto e estragado. Quando Gouvernail chegou com a encomenda, ele se despediu da viúva, montou seu cavalo e seguiu caminho bem cedo pela manhã. Inesperadamente, encontrou Sir Sagramore, o Desejoso, e Sir Dodinas, o Selvagem, e ambos vieram ao seu encontro perguntando-lhe se queria justar com eles. Gentis cavaleiros, respondeu Sir Tristão, de muito bom grado justaria convosco, mas prometi enfrentar um forte cavaleiro em determinado dia que já está bem próximo. Portanto, não gostaria de me haver convosco porque, se por desventura eu saísse ferido, não poderia travar a batalha previamente combinada. Pois saiba que, antes de partirdes, justareis conosco, retrucou Sagramore, mesmo a contragosto. Bem, se me forçais a isso, disse Sir Tristão, farei o que puder. Ergueram então seus escudos e correram furiosamente um contra o outro. Com um golpe muito forte, porém, Sir Tristão derrubou Sir Sagramore de sua montaria e, em seguida, afastou-se um pouco e gritou, dirigindo-se a Sir Dodinas: Preparai-vos, cavaleiro! Mais uma vez, usando apenas a força, Sir Tristão derrubou Dodinas de seu cavalo. Vendo-os estendidos no chão, pegou as rédeas do cavalo e retomou sua viagem, seguido por seu criado Gouvernail.

Assim que ele se foi, Sir Sagramore e Sir Dodinas logo trataram de montar seus cavalos e saíram cavalgando em seu encalço. Quando Sir Tristão os viu se aproximarem velozmente, virou o cavalo em sua direção e lhes perguntou o que desejavam. Ainda há pouco vos derrubei no chão a pedido e desejo vosso. Gostaria de cavalgar convosco, mas não consentistes e, agora, ao que parece, quereis voltar a me enfrentar. É verdade, disseram Sir Sagramore e Sir Dodinas, pois queremos nos vingar da injúria que nos fizestes. Gentis cavaleiros, retrucou Sir Tristão, não precisais fazê-lo, pois tudo que fiz foi causado por vós mesmos. Rogo-vos, portanto, pela honra da cavalaria, que me deixeis seguir viagem desta vez, já que tenho certeza de que, se combatermos, não sairei sem grandes ferimentos, como também suponho que não saireis inteiramente ilesos. É por este motivo que não desejo vos enfrentar: dentro de três dias, devo lutar com um bom cavaleiro, tão bravo quanto o melhor que vive nesta terra, e, se fosse ferido, não poderia travar combate algum com ele. Quem é esse cavaleiro contra quem deveis

lutar?, questionou Sir Sagramore. Senhores, respondeu Sir Tristão, trata-se de um bom cavaleiro chamado Sir Palamedes. Por minha fé, exclamaram os dois, tendes bons motivos para temê-lo, pois é excelente cavaleiro e muito valente. E, já que deveis vos haver com ele, por esta vez, estais dispensado, caso contrário, não escaparíeis assim tão facilmente. Mas, gentil cavaleiro, disse ainda Sir Sagramore, dizei-nos vosso nome. Chamo-me Sir Tristão de Liones, respondeu ele. Ah, disseram os dois outros, é uma honra vos conhecer, pois muitos louvores ouvimos a vosso respeito. Os três então se despediram e seguiram caminho.

CAPÍTULO V

Como Sir Tristão deparou com Sir Lancelote em uma liça e como os dois se enfrentaram sem se reconhecerem.

Então, Sir Tristão partiu e se dirigiu diretamente para Camelot, rumando até o bloco de pedra que Merlin mandara instalar ali havia tempos, marcando o local em que Sir Lanceor, filho do rei da Irlanda, fora morto pelas mãos de Balin. Nesse mesmo lugar, morreu a formosa Lady Colombe, amada de Sir Lanceor, pois, ao vê-lo morto, ela pegou sua espada e traspassou o próprio corpo. Lançando mão de suas artes, Merlin enterrou tal cavaleiro Lanceor e sua dama, Colombe, sob uma rocha. E, naquela ocasião, o mago profetizou que, ali mesmo, lutariam os dois melhores cavaleiros existentes nos tempos do Rei Arthur, e também os melhores amantes. Ao chegar à tumba onde estavam sepultados Lanceor e sua dama, Sir Tristão olhou ao seu redor procurando por Sir Palamedes. Viu então um garboso cavaleiro que cavalgava em sua direção, todo vestido de branco e trazendo um escudo coberto. Quando este se aproximou, disse em voz alta: Sede bem-vindo, senhor cavaleiro. Haveis cumprido fielmente vossa promessa. Os dois, então, aprontaram escudos e lanças e se encontraram com toda a força de seus cavalos. O encontro foi tão feroz que montarias e cavaleiros caíram por terra. O mais depressa que puderam, desvencilharam-se dos animais, ergueram os escudos e investiram um contra o outro com espadas reluzentes, como homens poderosos que eram, ferindo-se com gravidade e fazendo o sangue jorrar na relva. Lutaram assim por quatro horas, sem dizer uma só palavra e abrindo muitos talhos em seus arneses. Oh, Senhor Jesus!, exclamou Gouvernail. Muito me maravilham os golpes que meu senhor desferiu contra o teu. Por minha fé, retrucou o criado de Sir Lancelote, não foram mais golpes por ele desferidos do que os por ele recebidos. Oh, Jesus!, insistiu Gouvernail. É sofrimento demais para Sir Palamedes ou Sir Lancelote. No entanto, seria uma lástima que um desses bons cavaleiros arruinasse o sangue do outro. Ficaram ambos ali, lamentando-se e chorando, vendo as espadas luzidias já cobertas com o sangue daqueles dois corpos.

Ao cabo de algum tempo, Sir Lancelote disse: Cavaleiro, lutais magnificamente, como jamais vi nenhum cavaleiro lutar. Portanto, se não vos incomoda, dizei-me vosso nome. Senhor, respondeu Sir Tristão, sou contrário a dizer meu nome a quem quer que seja. Na verdade, se isso me fosse pedido, disse Sir Lancelote, não me importaria de dizer o meu. Pois que seja, retrucou Sir Tristão. Então, peço-vos que me digais vosso nome. Gentil cavaleiro, respondeu o

outro, meu nome é Sir Lancelote do Lago. Ai!, exclamou Sir Tristão. O que fiz eu? Pois sois o homem que mais amo neste mundo. Gentil cavaleiro, disse então Sir Lancelote, dizei-me vosso nome. Na verdade, respondeu o outro, chamo-me Sir Tristão de Liones. Oh, Jesus, exclamou Sir Lancelote, que aventura aconteceu comigo! E, sem mais tardar, ajoelhou-se e rendeu a espada a seu adversário. De imediato, Sir Tristão se ajoelhou e rendeu a espada a Sir Lancelote. Em seguida, foram até a rocha, sentaram-se sobre ela, retiraram os elmos para se refrescar e por cem vezes se beijaram. Sem os elmos, cavalgaram para Camelot e encontraram Sir Gawaine e Sir Gaheris, que haviam jurado ao Rei Arthur não regressar à corte sem levar consigo Sir Tristão.

CAPÍTULO VI

Como Sir Lancelote trouxe Sir Tristão para a corte, e a grande alegria que o rei e outros presentes demonstraram pela chegada de Sir Tristão.

Podeis voltar, anunciou Sir Lancelote, vossa demanda está concluída porque encontrei Sir Tristão. Vede, aqui está ele, em pessoa! Sir Gawaine muito se alegrou e disse: Sede bem-vindo. Muito alívio trouxestes para meu trabalho. Por que motivo viestes a esta corte? Gentil senhor, respondeu Sir Tristão, vim a este país por causa de Sir Palamedes, já que havíamos combinado de nos enfrentar neste dia junto ao bloco de pedra, e estou assombrado por não ter notícias suas. Foi assim que acabamos nos enfrentando, meu senhor Lancelote e eu. Nesse momento, chegou o Rei Arthur e, quando soube que ali estava Sir Tristão, correu até ele, tomou sua mão e disse: Senhor Tristão, sois mais bem-vindo a esta corte do que qualquer outro cavaleiro que aqui tenha se apresentado. Ao ser informado de que Sir Lancelote e ele haviam lutado e se ferido gravemente, o soberano ficou muito pesaroso. Então, Sir Tristão contou ao rei como tinha vindo parar ali para se haver com Sir Palamedes. Em seguida, contou como o havia salvado de nove cavaleiros e de Breuse Saunce Pitié, e também como havia encontrado um cavaleiro dormindo perto de uma fonte. Tal cavaleiro, acrescentou ele, nos derrubou, a Sir Palamedes e a mim, mas seu escudo estava coberto por um pano. Depois, Sir Palamedes me deixou, e eu fui ao encalço do cavaleiro que nos derrubou. Estive em vários lugares onde ele havia matado cavaleiros e vencido muitos deles. Por minha fé, exclamou Sir Gawaine, esse mesmo cavaleiro com o escudo coberto derrubou a mim e a Sir Bleoberis, deixando-nos bastante machucados. Ah!, acrescentou Sir Kay, foi ele que me derrubou e me feriu seriamente. Gostaria muito de tê-lo conhecido. Jesus de misericórdia!, exclamou o Rei Arthur. Quem será esse cavaleiro do escudo coberto? Não sei, respondeu Sir Tristão, e os demais fizeram eco a suas palavras. Pois eu sei, disse o monarca. Era Sir Lancelote. Todos se voltaram para o cavaleiro e disseram: Vós nos enganastes com o escudo coberto. Não é a primeira vez que ele faz isso, comentou Arthur. Majestade, retrucou Sir Lancelote, sabeis que era realmente eu o cavaleiro com o escudo coberto e, como não queria que soubessem que era de vossa corte, não fiz qualquer louvor a vossa casa. Isso é verdade, disseram Sir Gawaine, Sir Kay e Sir Bleoberis.

Então, o Rei Arthur pegou Sir Tristão pela mão e os dois se dirigiram até a Távola Redonda. Nesse momento, chegou a Rainha Guinevere, acompanhada por

muitas damas, e todas elas disseram a uma só voz: Bem-vindo, Sir Tristão! Bem-vindo, disseram também as donzelas. Bem-vindo, disseram os cavaleiros. Bem-vindo, disse o Rei Arthur, pois sois um dos melhores e mais corteses cavaleiros do mundo, e o homem de mais mérito, já que, de todo tipo de caças, tendes o galardão; sois o princípio e o fim de todas as artes com animais; sois o autor de todos os termos de falcoaria e de caçada e o melhor com todos os instrumentos musicais. Portanto, gentil cavaleiro, sede bem-vindo a esta corte, e também rogo-vos que me concedais um dom. Estou à vossa disposição, respondeu Sir Tristão. Pois bem, disse o rei, desejo que permaneçais em minha corte. Majestade, retrucou o cavaleiro, não gostaria de permanecer aqui, pois tenho muito a fazer em diversos países. Mas não será assim, declarou Arthur, pois destes vossa palavra e não podeis dizer não. Farei como quiserdes, senhor, respondeu Sir Tristão. Então, Arthur se aproximou das cadeiras ao redor da Távola Redonda e procurou qual delas precisava de um ocupante. Foi quando viu, na cadeira de Marhaus, letras que diziam: “Este é o assento do nobre cavaleiro Sir Tristão.” Diante disso, o Rei Arthur o sagrou cavaleiro da Távola Redonda, com toda a pompa e festa que se possa imaginar. Sir Marhaus havia sido morto pelas mãos de Sir Tristão em uma ilha e, na época, o Rei Arthur tinha pleno conhecimento, pois Sir Marhaus fora um valioso cavaleiro. Porém, por conta de vilanias por ele praticadas no país da Cornualha, Sir Tristão o havia enfrentado. Os dois lutaram por muito tempo, atacando e esquivando-se, até caírem ambos por terra sangrando, já que estavam tão feridos e perdiam tanto sangue que não conseguiam se aguentar de pé. Por sorte, Sir Tristão se recuperou, mas Sir Marhaus morreu em decorrência de um ferimento na cabeça. Deixemos agora Sir Tristão e falemos do Rei Marcos.

CAPÍTULO VII

Como, por rancor a Sir Tristão, o Rei Marcos veio até a Inglaterra com dois cavaleiros, e como matou um deles.

O Rei Marcos sentia imenso despeito pelo renome de Sir Tristão e, por isso, o havia banido da Cornualha, apesar de ele ser seu sobrinho. Mas tinha muitos ciúmes de Sir Tristão por causa de sua rainha, a Bela Isolda, pois desconfiava que o amor entre os dois fosse excessivo. Então, quando o cavaleiro deixou a Cornualha e dirigiu-se à Inglaterra, o Rei Marcos ouviu falar das grandes façanhas que ele ali realizava, o que o deixou irritadíssimo. Assim, pois, enviou alguns homens para observar que feitos Sir Tristão andava realizando e, por sua parte, a rainha também enviou espiões para ter conhecimento de suas proezas, já que os dois se amavam muito. Ao regressarem, os mensageiros relataram a verdade tal como a tinham ouvido: Sir Tristão sobrepujava todos os demais cavaleiros, à exceção de Sir Lancelote. A tristeza que o monarca sentiu ao saber dessas notícias foi tão grande quanto a alegria que experimentou a Bela Isolda. Tomado então por grande despeito, convocou dois bons cavaleiros e dois escudeiros, disfarçou-se e rumou para a Inglaterra com o intuito de dar cabo da vida de Sir Tristão. Um desses cavaleiros se chamava Bersules e o outro, Amant. Enquanto cavalgavam, o Rei Marcos perguntou a um cavaleiro que passava onde encontraria o Rei Arthur. Em Camelot, respondeu o viajante. Perguntou ainda por Sir Tristão, se tal cavaleiro havia ouvido falar dele na corte. Sabei, respondeu o outro, que ali encontrareis Sir Tristão como o homem de maior honra que existe nesta terra, pois, por suas proezas, venceu o torneio do castelo das Donzelas, que fica próximo à Dura Rocha. Desde então, com suas próprias mãos, derrotou trinta cavaleiros de grande mérito, e a última batalha que travou foi contra Sir Lancelote — um combate maravilhoso. Não foi à força que este levou Sir Tristão até a corte, e o Rei Arthur demonstrou muitíssima alegria por vê-lo ali. Fez dele cavaleiro da Távola Redonda, designando-lhe o assento que pertencera ao bom cavaleiro Sir Marhaus. O Rei Marcos ficou extremamente pesaroso ao saber da honra de seu sobrinho e, depois que retomaram seu caminho, disse a seus dois cavaleiros: Ouvi agora o que vos digo. Sois os homens em quem mais confio neste mundo e quero que saibais que vim aqui com a única intenção de destruir Sir Tristão por meio de engano ou traição. Será difícil ele conseguir escapar de nossas mãos. Ai, exclamou Sir Bersules, o que pretendeis fazer? Se estais com tal disposição, sabei que ela é vergonhosa, pois Sir Tristão é o cavaleiro de mais honra entre os que agora vivem.

Portanto, eu vos previno claramente que jamais consentirei em trabalhar visando sua morte. Assim sendo, renuncio a meu serviço e vos abandono. Quando o Rei Marcos ouviu essas palavras, de súbito sacou a espada e, com o grito de “Ah, traidor!”, desferiu um golpe na cabeça de Sir Bersules, fazendo com que a lâmina lhe chegasse até os dentes. Quando Amant e seus escudeiros o viram cometer tal vilania, disseram-lhe que aquele havia sido um ato indigno e cruel. Por este motivo, não vos prestaremos mais serviço, declararam, e sabei que vos acusaremos de traição perante o Rei Arthur. Então, o Rei Marcos ficou furioso e quis matar Amant. Ele e os escudeiros, porém, se uniram e não fizeram caso algum de sua malvadeza. Vendo que não podia se vingar dos três, o soberano dirigiu-se a Sir Amant, dizendo: Bem sabeis que, se me acusardes de traição, haverei de me defender diante do Rei Arthur, mas rogo-vos que, aconteça o que acontecer, não digais meu nome, não digais que sou o Rei Marcos. Quanto a isso, retrucou Sir Amant, tendes minha palavra. Assim, os quatro se separaram, e Amant e seus companheiros pegaram o corpo de Bersules para enterrá-lo.



CAPÍTULO VIII

Como o Rei Marcos chegou a uma fonte e encontrou Sir Lamorak lamentando-se pelo amor da esposa do Rei Lot.

O Rei Marcos seguiu cavalgando até chegar a uma fonte, onde parou para descansar. Estava em dúvida, sem saber se ia para a corte do Rei Arthur ou se devia voltar para seu país. Enquanto descansava, chegou até a fonte, a cavalo, um cavaleiro bem-armado. Apeou-se, amarrou o cavalo a uma árvore e sentou-se na borda da fonte. Começou, então, a manifestar toda sua tristeza, lamentando-se e proferindo a mais dolorosa queixa de amor que qualquer homem já ouvira. Durante todo esse tempo, nem deu pela presença do Rei Marcos; só gemia e chorava, dizendo: Oh, formosa rainha de Orkney, esposa do Rei Lot, mãe de Sir Gawaine, de Sir Gaheris e de muitos outros, grandes dores sofro por vosso amor. Então, o monarca se levantou, aproximou-se e disse: Gentil cavaleiro, como é sofrida vossa queixa! Na verdade, retrucou o outro, o sofrimento é cem vezes maior do que meu coração é capaz de expressar. Rogo-vos que me digais vosso nome, pediu o Rei Marcos. Senhor, respondeu o cavaleiro, não ocultarei meu nome de nenhum cavaleiro que porte um escudo. Chamo-me Sir Lamorak de Galis. No entanto, ao ouvir falar o rei, reconheceu, por seu sotaque, que se tratava de um cavaleiro da Cornualha. Senhor, disse ele então, percebo, por vossa maneira de falar, que sois da Cornualha, onde vive o rei mais vergonhoso que existe no mundo, pois ele é grande inimigo de todos os bons cavaleiros, o que já demonstrou claramente ao expulsar daquele país Sir Tristão, o mais digno cavaleiro entre os que hoje vivem. Todos o louvam e, por ciúmes de sua rainha, o monarca o baniu de seu país. É lamentável que um cavaleiro tão falso e covarde como o Rei Marcos esteja casado com uma dama tão formosa e tão boa quanto a Bela Isolda, pois dele, só se dizem injúrias, ao passo que dela, toda honra que uma rainha pode ter. Nada tenho a ver com esse assunto, retrucou o Rei Marcos, e não quero falar disso. Pois muito bem, falou Sir Lamorak. Podeis contar-me alguma novidade? Posso dizer-vos, respondeu o cavaleiro, que muito em breve haverá um grande torneio perto de Camelot, no castelo de Jagent. Suponho que o Rei dos Cem Cavaleiros e o rei da Irlanda participarão de tais provas.

Aproximou-se, então, um cavaleiro chamado Sir Dinadan, e saudou a ambos. Assim que soube que o Rei Marcos era um cavaleiro da Cornualha, censurou-o pelo amor ao Rei Marcos mil vezes mais do que Sir Lamorak havia feito. Em seguida, propôs que o monarca e ele justassem, mas o primeiro não estava nada

disposto a fazê-lo. Como, porém, Sir Dinadan não cessava de instigá-lo, o Rei Marcos acabou justando com Sir Lamorak, que lhe desferiu um golpe tão forte que o puxou com a ponta de lança pelo pescoço do cavalo. O monarca, então, se levantou e cavalgou atrás de Sir Lamorak. Porém, Sir Dinadan não queria justar com Sir Lamorak, e disse ao Rei Marcos que aquele era Sir Kay, o Senescal. Não é verdade, retrucou o rei, pois este cavaleiro é muito mais forte do que ele. Foi então ao seu encalço, conseguiu alcançá-lo e lhe pediu que esperasse. O que pretendeis?, perguntou o cavaleiro. Senhor, disse, quero lutar com a espada, pois me causastes grande vergonha com a lança. E, de imediato, os dois sacaram as espadas e Sir Lamorak resistiu e aguentou firme. O Rei Marcos mostrava-se muito ansioso e desferia golpes fortíssimos. Ao ver que o adversário não cedia, Sir Lamorak irritou-se um pouco e, sendo um dos mais valiosos cavaleiros do mundo, redobrou a força de seus golpes e atingiu o rei na parte superior do elmo, fazendo-o inclinar a cabeça quase até tocar a sela do cavalo. Ao ver aquilo, Sir Lamorak perguntou: Senhor cavaleiro, como estais? Creio que já chegastes quase a vosso limite, e seria uma lástima vos causar mais danos, já que não passais de um cavaleiro menor. Portanto, eu vos dou licença para irdes aonde quiserdes. Muito obrigado, respondeu o Rei Marcos, pois vós e eu não estamos no mesmo nível.

Não estais à altura de nenhum bom cavaleiro, disse então Sir Dinadan, zombando do monarca. Quanto a isso, retrucou o Rei Marcos, justei primeiro com este cavaleiro porque vos recusastes a fazê-lo. Credes que isso é vergonha para mim?, questionou Sir Dinadan. Não, senhor. Sempre será honroso para um cavaleiro recusar aquilo que não pode alcançar. Portanto, muito maior teria sido vossa honra se tivésseis recusado como eu fiz, pois vos previno que ele é capaz de vencer cinco como vós e como eu. Vós, os cavaleiros da Cornualha, não tendes o mesmo mérito que os demais. Por este motivo, detestais todos o que têm, pois jamais existiu em vosso país outro cavaleiro como Sir Tristão.

CAPÍTULO IX

Como o Rei Marcos, Sir Lamorak e Sir Dinadan chegaram a um castelo e como o Rei Marcos foi ali reconhecido.

Os três seguiram cavalgando juntos até chegarem a uma ponte e, do outro lado dela, a uma formosa torre. Viram, então, um cavaleiro montado e bem-armado que brandia uma lança e, aos gritos, oferecia-se para justar. Vede, disse Sir Dinadan, dirigindo-se ao Rei Marcos, lá estão dois irmãos dispostos a enfrentar quem quer que cruze esta passagem. Um deles se chama Alein, e o outro, Trian. Sugiro que aceiteis o desafio, já que sempre acabais caído no chão. Ao ouvir isso, o Rei Marcos sentiu-se envergonhado e, lança em riste, logo investiu contra Sir Trian. Os dois partiram as lanças em pedaços e seguiram adiante. Então, Sir Trian mandou buscar outra lança para que o soberano o enfrentasse outra vez, mas este não quis fazê-lo de forma alguma. Os três cavaleiros chegaram então ao castelo e pediram pousada a seu senhor. Sede muito bem-vindos, saudaram os cavaleiros do castelo, pelo amor do senhor desta torre, Sir Tor Le Fise Aries. Ao entrarem, deram com um pátio bem-cuidado, onde receberam boa acolhida. Chegou então o lugar-tenente daquela morada, cujo nome era Berluse, e, ao deparar com o Rei Marcos da Cornualha, disse: Senhor cavaleiro, eu vos conheço mais do que podeis supor, pois sois o Rei Marcos que matou meu pai diante de meus próprios olhos e também me teríeis matado se eu não houvesse fugido para um bosque. Sabei, porém, que, por amor a meu senhor deste castelo, não vos ferirei nem causarei mal algum, nem tampouco a vossos companheiros. Mas podeis ter certeza de que, quando deixardes esta morada, haverei de vos ferir se puder, pois matastes meu pai a traição. No entanto, por amor a meu senhor Sir Tor e por amor a Sir Lamorak, o honorável cavaleiro que aqui está hospedado, não deixareis de ter abrigo. É lamentável, porém, que andeis na companhia de bons cavaleiros, já que sois o rei e cavaleiro mais infame que se conhece entre os que hoje vivem, pois destruís muitas vidas e só agis de forma traiçoeira.

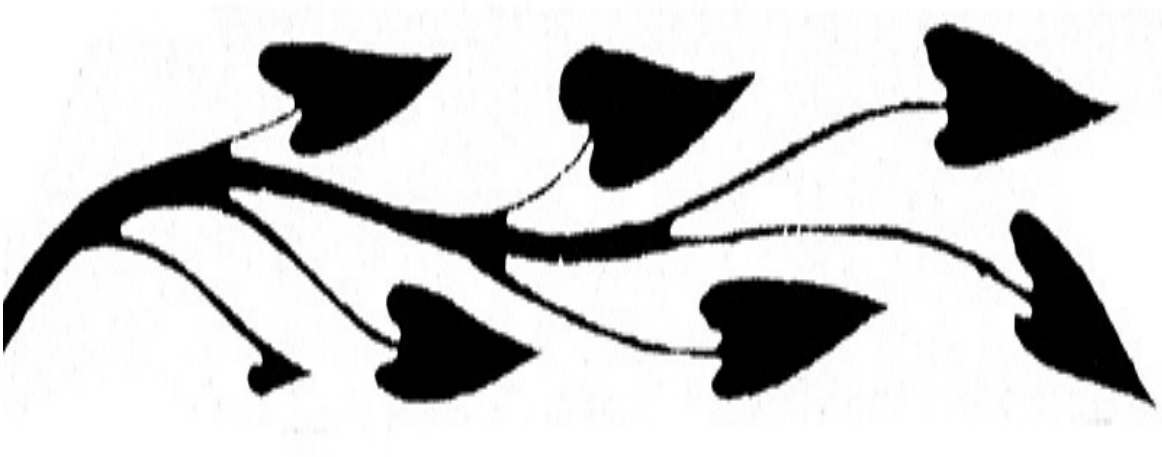
CAPÍTULO X

Como Sir Berluse enfrentou o Rei Marcos e como Sir Dinadan tomou seu partido.

Sentindo-se muito envergonhado, o monarca praticamente não respondeu. Quando, porém, Sir Lamorak e Sir Dinadan souberam que se tratava do Rei Marcos, lamentaram muito ter cavalgado em sua companhia. Depois de cear, foram para seus aposentos e, no dia seguinte, levantaram-se cedo. O Rei Marcos e Sir Dinadan saíram cavalgando juntos e, a três milhas do castelo, encontraram três cavaleiros, um dos quais era Sir Berluse, e os dois outros, primos seus. Ao ver o monarca, Sir Berluse gritou: Traidor! Defendei-vos de mim, pois bem sabeis que sou Berluse! Senhor cavaleiro, interveio Sir Dinadan, aconselho-vos a deixá-lo em paz nesta oportunidade, pois ele está indo ao encontro do Rei Arthur e, já que prometi conduzi-lo à presença de meu senhor, devo tomar seu partido, embora sua condição não me agrade e tenha muita vontade de me separar dele. Pois bem, Dinadan, replicou Berluse, lamento que desejeis tomar seu partido, mas, agora, tratai de fazer o melhor que puderdes. Dizendo isto, arremeteu contra o Rei Marcos e desfechou um golpe tão forte em seu escudo que o derrubou da sela com facilidade. Ao ver tal cena, Sir Dinadan enristou a lança, correu em direção a um dos companheiros de Berluse e também o derrubou. Voltou então sua montaria e derrubou o terceiro cavaleiro da mesma forma, pois Sir Dinadan era habilidoso com cavalos. Assim, teve início uma batalha acirrada, já que Berluse e seus companheiros se uniram para lutar a pé. Com o auxílio de toda a força de Sir Dinadan, o Rei Marcos conseguiu atirar Berluse ao chão. Seus dois companheiros fugiram e, se não fosse pela intervenção de Sir Dinadan, o soberano teria matado seu adversário. Assim sendo, Sir Dinadan lhe salvou a vida, uma vez que o Rei Marcos não passava de um criminoso. Os dois tomaram então seus cavalos e partiram, deixando Sir Berluse caído ali, ferido.

Então, o Rei Marcos e Sir Dinadan cavalgaram por quatro léguas inglesas até chegarem a uma ponte protegida por um cavaleiro montado, armado e preparado para lutar. Vede, disse Sir Dinadan, ali está um cavaleiro que deseja justar, pois ninguém poderá atravessar esta ponte se não o enfrentar. Pois bem, retrucou o monarca, esta justa cabe a vós. Sir Dinadan conhecia bem aquele cavaleiro, que era homem valoroso, e muito lhe agradava a ideia de justar com ele, embora preferisse que o Rei Marcos se encarregasse daquele confronto. Este, porém, não quis fazê-lo em hipótese alguma, e Sir Dinadan não poderia absolutamente se

furtar a tal combate. Os dois, então, aprestaram lanças e escudos, e o impacto de seu encontro foi tamanho que Sir Dinadan foi derrubado no chão. Levantou-se prontamente, pegou seu cavalo e pediu ao adversário que passassem a lutar com as espadas. Gentil cavaleiro, respondeu o outro, nesta ocasião, não posso mais enfrentá-lo, pois este é o costume deste local. Ao ouvir isto, Sir Dinadan ficou irritadíssimo por não poder se vingar daquele cavaleiro. Assim, partiu sem saber seu nome, já que ele se negou terminantemente a dizer como se chamava. Mas, por causa do escudo, Sir Dinadan estava convencido de que deveria ser Sir Tor.



CAPÍTULO XI

Como o Rei Marcos escarneceu de Sir Dinadan, e como eles encontraram seis cavaleiros da Távola Redonda.

Enquanto seguiam seu caminho, o Rei Marcos começou a zombar de Sir Dinadan, dizendo: Achava que vós, os cavaleiros da Távola Redonda, não poderiam jamais encontrar quem vos vencesse. Tendes razão, afirmou Sir Dinadan. Quanto a vós, juro por minha fé que não posso vos considerar o melhor dos cavaleiros, mas, já que tendes tanto desprezo por mim, peço-vos que justeis comigo e experimenteis minha força. De forma alguma, disse o monarca, pois não tenho a menor vontade de me haver convosco. Uma coisa, porém, quero vos pedir: que, quando chegarmos à corte do Rei Arthur, não reveleis meu nome, pois sou muito detestado naquele lugar. É lamentável que adoteis conduta tão vergonhosa, retrucou Sir Dinadan. Vejo que estais dominado pela covardia e sois um criminoso, o que é a maior das vergonhas que pode recair sobre um cavaleiro, pois um cavaleiro criminoso jamais tem ou terá honra alguma. Vi, há pouco, que, se não fosse por minha intervenção, teríeis matado Sir Berluse, que é e sempre será um cavaleiro melhor e mais hábil do que vós. Cavalgaram assim até chegarem a uma formosa localidade onde havia um cavaleiro, e lhe pediram pousada. O cavaleiro assentiu e os dois foram bem atendidos e receberam boa acolhida, porque, para aquele homem, todos os cavaleiros andantes eram bem-vindos, especialmente os da corte do Rei Arthur. Então, Sir Dinadan perguntou a seu anfitrião qual era o nome do cavaleiro que guardava a ponte. Por que fazeis tal pergunta?, indagou o outro. Porque ainda há pouco ele me infligiu uma queda. Ah, gentil cavaleiro, disse seu anfitrião, isto é algo que não deve vos espantar, já que ele é um excelente cavaleiro. Chama-se Sir Tor, filho de Aries Le Vaysher. Ah, exclamou Sir Dinadan, era Sir Tor? Foi o que pensei o tempo todo.

Enquanto conversavam assim, viram vir em sua direção, por uma planície, seis cavaleiros da corte do Rei Arthur, bem-armados sob todos os aspectos. O primeiro deles era o bom cavaleiro Sir Uwaine, filho do Rei Uriens; o segundo era o nobre cavaleiro Sir Brandiles; o terceiro era Ozana, Le Curé Hardy; o quarto, Uwaine, o Aventureiro; o quinto, Sir Agravaine; e o sexto, Sir Mordred, irmão de Sir Gawaine. Ao ver os seis cavaleiros, Sir Dinadan pensou consigo mesmo que seria uma boa ideia conseguir, por qualquer meio que fosse, que o Rei Marcos justasse com um deles. Logo montaram e correram umas boas três milhas inglesas para encontrá-los. O soberano percebeu então que os seis estavam sentados em

torno de um poço, comendo e bebendo os mantimentos que haviam trazido. Alguns dos cavalos estavam soltos, outros presos, e seus escudos, pendurados em vários lugares ao seu redor. Vede, disse Sir Dinadan, aqueles cavaleiros andantes hão de querer justar conosco. Que Deus não permita, retrucou o Rei Marcos, pois eles são seis e nós, apenas dois. Quanto a isto, falou Sir Dinadan, não há por que evitá-los, pois desejo testar o máximo que conseguir. E, ao dizer isso, preparou-se. Quando o Rei Marcos o viu agir assim, afastou-se com todo seu séquito de criados tão depressa quanto Sir Dinadan cavalgava em direção aos cavaleiros. Ao se dar conta de que o monarca havia partido, desenristou a lança, pendurou o escudo no ombro e se aproximou do grupo da Távola Redonda. Logo Sir Uwaine o reconheceu e lhe deu as boas-vindas, bem como todos os demais.

CAPÍTULO XII

Como os seis cavaleiros determinaram que Sir Dagonet enfrentasse o Rei Marcos em uma justa, e como este o recusou como adversário.

Perguntaram-lhe então sobre suas aventuras e se havia visto Sir Tristão ou Sir Lancelote. Que Deus me ajude, respondeu Sir Dinadan, não vi nenhum dos dois desde que saí de Camelot. Quem é aquele cavaleiro que vos deixou tão subitamente e que vai cavalgando por aquele campo? É um cavaleiro da Cornualha, senhor, explicou ele. O mais terrível covarde que já montou um cavalo. Como ele se chama?, perguntaram todos. Não sei, respondeu Sir Dinadan. Depois de terem descansado e conversado, pegaram seus cavalos e foram até um castelo onde vivia um velho cavaleiro que dava boa acolhida a todos os cavaleiros andantes. Enquanto conversavam, chegou ao local Sir Griflet Le Fise de Dieu, que foi muito bem acolhido, e todos lhe perguntaram se ele tinha visto Sir Lancelote ou Sir Tristão. Não os vi desde que deixaram Camelot, respondeu ele. E, enquanto Sir Dinadan circulava pelo castelo, observando-o, viu o Rei Marcos em um aposento vizinho. Censurou-o e lhe perguntou por que havia partido daquela forma. Não me atrevi a permanecer, respondeu o monarca, porque eles eram muitos. Mas como haveis escapado?, questionou. Eles eram mais amistosos do que eu supunha, respondeu Sir Dinadan. Quem é o capitão da companhia?, indagou o rei. Então, para deixá-lo com medo, Sir Dinadan disse que era Sir Lancelote. Oh, Jesus!, exclamou o Rei Marcos. Eu poderia identificá-lo por seu escudo? Sim, respondeu o outro, pois ele traz um escudo de prata com faixas negras. E disse tudo isso só para assustar o monarca, uma vez que Sir Lancelote não fazia parte daquele grupo. Então, rogo-vos que concordeis em cavalgar ao meu lado, pediu o soberano. Não desejo fazê-lo, retrucou Sir Dinadan, porque me abandonastes subitamente.

Ao dizer isso, afastou-se e foi-se juntar a seu próprio grupo. Todos montaram para seguir caminho e falaram do cavaleiro da Cornualha, pois Sir Dinadan lhes dissera que ele estava no mesmo castelo em que eles se haviam hospedado. Pois sabei, disse Sir Griflet, que trouxe comigo Sir Dagonet, o bobo da corte do Rei Arthur, que é o melhor e mais divertido companheiro do mundo. Quereis fazer uma coisa?, indagou Sir Dinadan. Eu disse ao cavaleiro da Cornualha que Sir Lancelote está aqui e ele me perguntou como era seu escudo. Na verdade, respondi que era igual ao de Sir Mordred. Boa ideia, retrucou este, pois estou ferido e não posso portar escudo nem arnês. Fazei com que Dagonet leve meu escudo e meu arnês e ataque tal cavaleiro. Por minha fé, disse Sir Dinadan, é o que faremos. Sem

mais tardar, armaram Sir Dagonet com o arnês e o escudo de Sir Mordred, montaram-no sobre um cavalo bem grande e puseram-lhe uma lança na mão. Agora, disse o bobo, mostrai-me a esse cavaleiro, pois creio que o derrubarei. Cavalgaram todos até a orla do bosque e ficaram esperando que o Rei Marcos passasse por aquele caminho. Quando o avistaram, enviaram Sir Dagonet ao seu encontro e este partiu na velocidade máxima que sua montaria conseguia alcançar. Ao se aproximar, gritou, como se estivesse furioso: Defendei-vos, cavaleiro da Cornualha, pois vou vos matar! Assim que o Rei Marcos viu o escudo, disse consigo mesmo: É Sir Lancelote. Ai! Agora estou perdido. E fez seu cavalo correr a todo galope. Sir Dagonet continuou em seu encalço, furioso, gritando e proferindo injúrias através de uma grande floresta. Vendo Dagonet perseguir o monarca, Sir Uwaine e Sir Brandiles começaram a rir feito loucos. Montaram, então, e correram atrás deles para ver como Sir Dagonet ia se sair, já que, por nada no mundo, queriam que lhe sucedesse algo de ruim, pois o Rei Arthur era muito afeiçoado a seu bobo e o sagrara cavaleiro com suas próprias mãos. Era sempre ele que abria cada torneio, fazendo rir o monarca. E lá se foram os cavaleiros, para um lado e para outro, gritando e perseguindo o Rei Marcos, de tal forma que suas vozes ressoavam por toda a floresta.

CAPÍTULO XIII

Como, por mero acaso, Sir Palamedes encontrou o Rei Marcos fugindo, e como derrotou Dagonet e os outros cavaleiros.

Por acaso, o Rei Marcos passou perto de um poço, pelo caminho onde estava um cavaleiro andante montado, armado e empunhando uma grossa lança. Ao ver o monarca que vinha fugindo, disse: Cavaleiro, voltai-vos por vergonha e esperai junto a mim, pois haverei de vos defender. Ah, gentil cavaleiro, retrucou o Rei Marcos, deixai-me passar porque atrás de mim vem o melhor cavaleiro do mundo, portando o escudo com faixas negras. Que vergonha!, exclamou o outro. Não se trata de um cavaleiro digno e, mesmo que fosse Sir Lancelote ou Sir Tristão, eu não temeria enfrentar o melhor dos dois. Ao ouvir isso, o Rei Marcos virou seu cavalo e esperou. Então, o forte cavaleiro enristou a lança contra Dagonet e desferiu sobre ele um golpe tão forte que o derrubou pela garupa do cavalo, quase lhe quebrando o pescoço. Pouco depois, chegou Sir Brandiles e, ao ver Dagonet levar aquele tombo, ficou irritadíssimo e gritou: Defendei-vos, cavaleiro! E partiram para o ataque. Mas o tal cavaleiro atingiu Sir Brandiles com tamanha força que ele caiu juntamente com seu cavalo. Em seguida, chegou Sir Uwaine e viu todo o ocorrido. Jesus!, exclamou. Como é forte este cavaleiro! Ambos enristaram as lanças e o cavaleiro investiu com tanto ímpeto contra o adversário que o derrubou. Chegou então Ozana, com o coração audacioso, e também caiu por terra. Agora, disse Sir Griflet, sugiro que enviemos uma mensagem a esse cavaleiro andante para saber se ele é da corte de Arthur, pois creio que se trata de Sir Lamorak de Galis. Foi o que fizeram, pedindo ao desconhecido que lhes dissesse seu nome e se era ou não da corte do Rei Arthur. Quanto a meu nome, respondeu o outro, não o saberão, mas dizei-lhe que sou cavaleiro andante como eles e não sou da corte do Rei Arthur. O escudeiro voltou, então, levando a resposta. Por minha fé, exclamou Sir Agravaine, é um dos cavaleiros mais fortes que já vi, pois derrubou três homens valorosos e, para não passarmos vergonha, precisamos enfrentá-lo. Ao dizer isso, enristou sua lança, mas o outro se preparou e o jogou ao chão por cima do cavalo. Da mesma forma, derrubou Sir Uwaine, o Bastardo e também Sir Griflet. E isto aconteceu com todos, à exceção de Sir Dinadan, que vinha mais atrás, e Sir Mordred, que cavalgava desarmado, já que Dagonet levava seu arnês.

Em seguida, o forte cavaleiro retomou seu caminho a passo tranquilo e o Rei Marcos o seguiu, fazendo-lhe muitos elogios. O outro, porém, não queria

responder, limitando-se a dar profundos suspiros com a cabeça inclinada, e nem se dava conta das palavras de seu companheiro. Cavalgaram assim por três milhas inglesas, até que o cavaleiro chamou um pajem e lhe disse: Vai até aquela formosa morada, recomenda-me à senhora dessa praça e desse castelo e roga-lhe que me mande provisões de boas carnes e bebidas. Se te perguntarem quem sou, diz que sou o cavaleiro que persegue a Besta Glatisant, que é o termo inglês para a Besta Ladradora, pois onde quer que ela fosse, saía de seu ventre um ruído que mais se assemelhava ao de trinta pares de cães. Assim, o pajem seguiu rumo ao castelo, saudou a senhora e disse da parte de quem vinha procurá-la. Quando ela soube que se tratava do cavaleiro que perseguia a Besta Ladradora, exclamou: Oh, doce Senhor Jesus! Quando verei esse nobre cavaleiro, meu querido filho Palamedes? Ai, por que ele não quer vir estar comigo? E, dizendo isto, perdeu os sentidos, chorou e se lamentou muitíssimo. Mas não tardou a providenciar tudo que o pajem lhe pedira, e este voltou ao encontro de Sir Palamedes, pois era um pajem do Rei Marcos. Assim que chegou, disse que o nome do cavaleiro era Sir Palamedes. Muito me agrada saber disto, disse o soberano, mas fica calado e não digas nada. Os dois então se apearam, sentaram-se e descansaram por algum tempo. Pouco depois, o Rei Marcos adormeceu e, quando Sir Palamedes o viu dormindo, pegou seu cavalo e seguiu caminho, dizendo: Não quero estar em companhia de um cavaleiro adormecido. E partiu a galope.

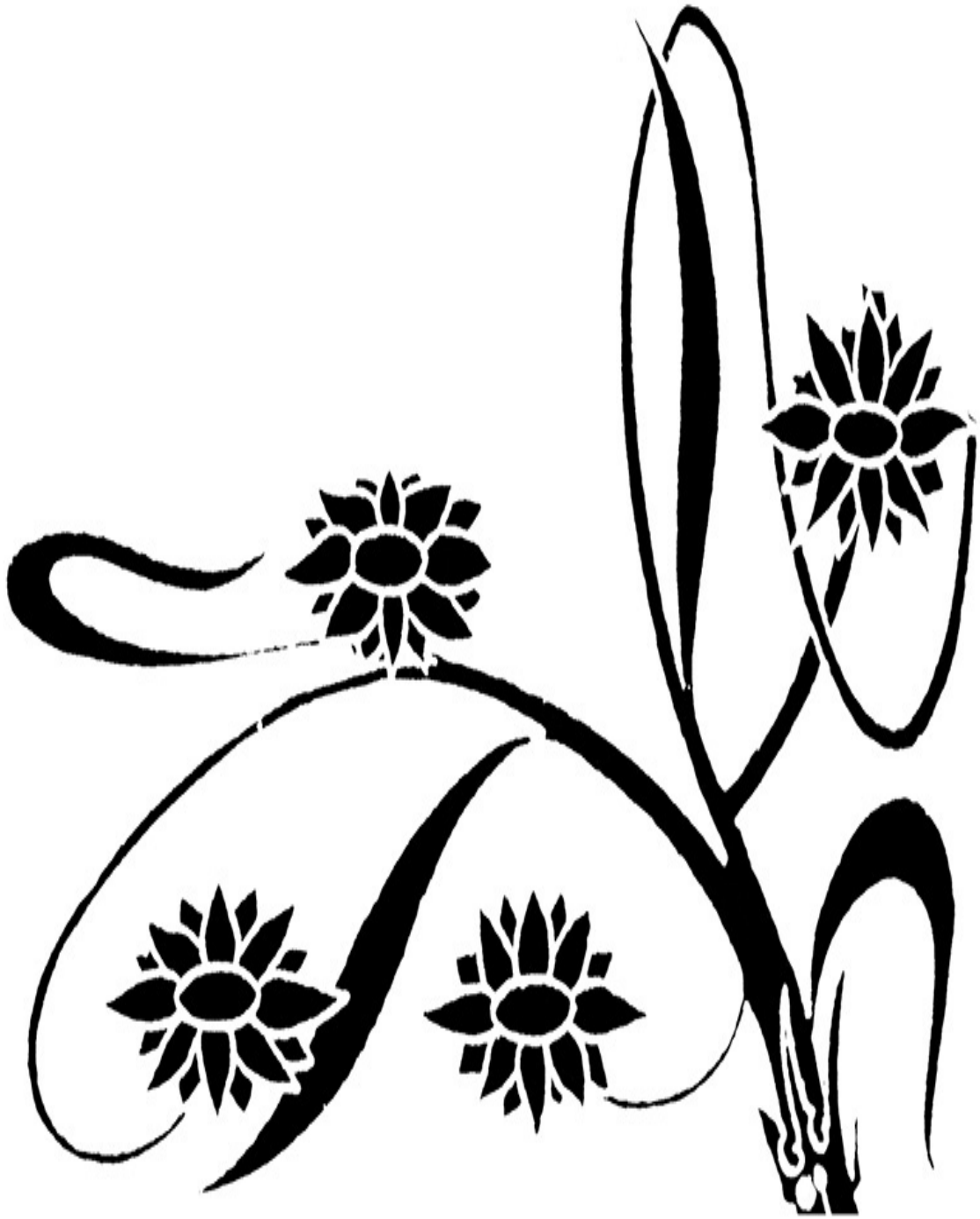
CAPÍTULO XIV

Como o Rei Marcos e Sir Dinadan ouviram Sir Palamedes se lamentando e chorando pela Bela Isolda.

Voltemos agora a Sir Dinadan, que encontrou aqueles sete cavaleiros muito acabrunhados e, quando soube do ocorrido, também ficou pesaroso. Meu senhor Uwaine, disse ele, ouso crer que era Sir Lamorak de Galis. Prometo-vos que hei de encontrá-lo se ele puder ser encontrado neste país. E saiu cavalgando à procura de tal cavaleiro. O mesmo fez o Rei Marcos, que saiu em busca dele pela floresta. Enquanto cavalgava, ouviu a voz de um homem que se lamentava profundamente. Aproximou-se daquela voz o máximo que podia e ousava e, então, viu um cavaleiro que havia desmontado, tirado o elmo e proferia dolorosas queixas de amor.

Por ora, deixemos essa cena e falemos de Sir Dinadan, que ia em busca de Sir Palamedes. Ao adentrar uma floresta, encontrou um homem que perseguia um cervo. Senhor, perguntou ele, vistes um cavaleiro com escudo de prata e cabeças de leões? Sim, gentil cavaleiro, respondeu o outro. Encontrei-me com ele ainda há pouco. Estava seguindo naquela direção. Muito obrigado, disse Sir Dinadan. Se conseguir avistar o rastro de seu cavalo, não tardarei a topar com ele. Enquanto cavalgava, já no fim do dia, ouviu uma voz chorosa que parecia ser de um homem. Rumou, então, para o lugar de onde vinha a voz, e, quando estava mais perto, apeou-se e continuou a pé. Avistou um cavaleiro de pé, debaixo de uma árvore, com o cavalo amarrado por perto e sem o elmo, e que proferia lamentos sofridos como jamais fizera qualquer outro cavaleiro. Todas as suas queixas se referiam à Bela Isolda, rainha da Cornualha. Ah, formosa dama, dizia ele, por que hei de vos amar? Embora sejais a mais bela de todas, jamais demonstrastes amor ou generosidade para comigo. E, no entanto, tenho que vos amar. Nem sequer posso vos culpar, formosa senhora, pois são meus próprios olhos a causa de tanto sofrimento. Amando-vos, não passo de um louco, já que vos ama o melhor cavaleiro do mundo e vós a ele, Sir Tristão de Liones. E vosso esposo é o mais falso dos reis e dos maridos; vosso senhor é o mais covarde e traiçoeiro, o Rei Marcos. Ai, que lástima que dama tão formosa e sem igual entre todas esteja casada com o mais infame cavaleiro do mundo! Tudo isso que Sir Palamedes dizia estava sendo ouvido pelo Rei Marcos, que, ao ver Sir Dinadan, temeu que, se ele também o visse, dissesse a Sir Palamedes quem ele era. Por este motivo, recuou, pegou seu cavalo e foi ao encontro de seus homens no lugar em que lhes havia

mandado que o esperassem. Cavalgou o mais depressa que pôde até Camelot e, nesse mesmo dia, encontrou ali, todo preparado, o cavaleiro Amant, que o havia acusado de traição perante o Rei Arthur. O monarca, então, ordenou que os dois prontamente se enfrentassem e, por desventura, o Rei Marcos traspassou o corpo de Amant. No entanto, a querela deste último era justa. O Rei Marcos logo pegou seu cavalo e deixou a corte por medo de que Sir Dinadan dissesse a Sir Tristão e a Sir Palamedes quem ele era. Na ocasião, estavam ali as donzelas que a Bela Isolda havia enviado à procura de Sir Tristão, e elas conheciam bem Sir Amant.





CAPÍTULO XV

Como o Rei Marcos matou Sir Amant injustamente, bem diante do Rei Arthur, e como Sir Lancelote foi buscá-lo para trazê-lo à presença do monarca.

Então, com a permissão do Rei Arthur, elas se aproximaram do ferido para lhe falar e, apesar de ter um pedaço de lança cravado no corpo, Amant lhes disse: Ah, gentis donzelas, recomendai-me à Bela Isolda e dizei-lhe que morro por amor a ela e a Sir Tristão. Em seguida, contou-lhes como o Rei Marcos o tinha matado covardemente e também a Sir Bersules, seu companheiro. Foi por este motivo, acrescentou o cavaleiro, que eu o acusei de traição e vou morrer aqui em uma querela justa. Tudo porque Sir Bersules e eu não quisemos permitir que ele matasse o nobre cavaleiro Sir Tristão de forma traiçoeira. Diante disto, as duas donzelas gritaram para que toda a corte as pudesse ouvir. Oh, doce Senhor Jesus, disseram elas, vós que conheceis todas as coisas ocultas, por que consentis que um traidor tão falso vença e mate um verdadeiro cavaleiro que lutava por uma causa justa? Assim, pois, o rei, a rainha e todos os senhores ficaram sabendo que fora o Rei Marcos quem havia matado Sir Amant e, antes dele, Sir Bersules, e por que os dois primeiros tinham se enfrentado. O Rei Arthur ficou furioso e todos os demais cavaleiros também, mas, quando Sir Tristão teve notícia do ocorrido, sofreu e se lamentou muitíssimo, e chorou de angústia pela perda daqueles dois nobres cavaleiros.

Ao vê-lo chorar assim, Sir Lancelote correu até o Rei Arthur e lhe disse: Senhor, rogo-vos que me deis permissão para trazer de volta esse falso rei e cavaleiro. Pois eu vos rogo, respondeu o monarca, que o tragais aqui, mas, por minha honra, não gostaria que vós o matásseis. Sem mais tardar, Sir Lancelote se armou, montou um cavalo bem grande, pegou uma lança e partiu ao encalço do Rei Marcos. A três milhas inglesas de distância, conseguiu alcançá-lo e lhe disse: Voltai, rei e cavaleiro covarde, pois, querendo ou não, ireis comigo à corte do Rei Arthur. O soberano então se virou, olhou para Sir Lancelote e perguntou: Gentil senhor, qual é vosso nome? Bem sabeis, respondeu ele, que meu nome é Sir Lancelote e, portanto, tratai de vos defender. Assim que soube quem vinha em sua direção com uma lança nas mãos, o Rei Marcos gritou bem alto: A vós me rendo, Sir Lancelote, honorável cavaleiro! Sir Lancelote, porém, não lhe deu ouvidos, e investiu a toda contra ele. Ao ver isto, sem esboçar qualquer movimento de defesa, o Rei Marcos se lançou da sela ao chão, como se fosse um saco, e ficou ali estendido, suplicando clemência ao adversário. Levantai-vos, cavaleiro e rei

covarde! Não quero lutar, retrucou o monarca. Irei convosco aonde quiserdes. Ai, exclamou o cavaleiro, como lamento não poder lhe dar uns belos golpes pelo amor de Sir Tristão e da Bela Isolda, e também pelos dois cavaleiros que haveis matado de forma traiçoeira! Montou então seu cavalo e levou o Rei Marcos à presença do Rei Arthur. Mal chegaram, o soberano da Cornualha se apeou, atirou longe elmo e espada, deixou-se cair de bruços aos pés do Rei Arthur, entregando-se à sua graça e à sua mercê. Valha-me Deus!, exclamou o monarca. Por um lado, sois bem-vindo; por outro, não. Sois bem-vindo porque viestes a contragosto, imagino. É verdade, confirmou o Rei Marcos. Caso contrário, não estaria aqui, pois meu senhor Lancelote me trouxe à força e a ele me rendi feito um covarde. Pois bem, disse o Rei Arthur, compreendeis que devíeis me prestar serviço, homenagem e lealdade, mas jamais quisestes fazer nada disso, pois sempre estivestes contra mim e fostes destruidor de meus cavaleiros. E, agora, como farei para vos absolver? Senhor, retrucou o Rei Marcos, como Vossa Majestade decidir, até onde me for possível, quero vos fazer generosa reparação. Na verdade, ele era muito bom com as palavras, embora, no fundo, fosse pura falsidade. Então, para grande alegria de Sir Tristão, para acertar as coisas entre ambos, o Rei Arthur mandou que seu tio permanecesse ali naquela ocasião, e estabeleceu uma data para que os dois fizessem as pazes.



CAPÍTULO XVI

Como Sir Dinadan relatou para Sir Palamedes o confronto entre Sir Lancelote e Sir Tristão.

Voltemos agora a Sir Palamedes e a Sir Dinadan, que tentou consolá-lo da melhor maneira possível. Que cavaleiro sois?, perguntou o primeiro. Senhor, sou um cavaleiro andante como vós e há tempos venho vos procurando por vosso escudo. Aqui está ele, respondeu Sir Palamedes, mas sabei que, se quiserdes tê-lo, não hesitarei em defendê-lo. Não, disse Sir Dinadan, só pretendo me entender convosco de forma amistosa. Se não fosse assim, retrucou o sarraceno, logo me encontraríeis preparado. Senhor, perguntou Sir Dinadan, até onde haveis cavalgado por essas terras? Por minha fé, respondeu Sir Palamedes, não sei dizer, pois vou aonde a fortuna me leva. Haveis visto Sir Tristão ou ouvido falar dele? Que Deus me ajude! Eu o vi e ouvi falar dele e, apesar de não nos querermos bem, em minha desdita ele me salvou da morte. Mesmo assim, antes de nos separarmos, combinamos de nos encontrar um dia junto à sepultura de pedra que Merlin mandou erguer perto de Camelot. Deveríamos nos enfrentar nesse local, mas fui impedido de fazê-lo, disse Sir Palamedes, e não pude estar lá na data marcada, o que me causa grande aflição. Desculpas, porém, não me faltam, pois fui mantido prisioneiro por um senhor, juntamente com vários outros, e, por este motivo, Sir Tristão entenderá que não faltei com minha palavra por temor ou covardia. E, então, ele mencionou o dia em que os dois deveriam ter se enfrentado. Valha-me Deus!, exclamou Sir Dinadan. Nesse mesmo dia, Sir Lancelote e Sir Tristão se enfrentaram junto dessa sepultura de pedra e travaram ali a batalha mais poderosa que já se viu nesta terra, pois lutaram por mais de duas horas. E derramaram tanto sangue que todos ficaram assombrados, perguntando-se como conseguiam resistir. Finalmente, com a concordância de ambos, juraram ser amigos e irmãos para sempre, e ninguém foi capaz de decidir qual dos dois é melhor cavaleiro. Agora, Sir Tristão foi sagrado cavaleiro da Távola Redonda e se senta na cadeira do nobre cavaleiro Sir Marhaus. Por minha fé, exclamou Sir Palamedes, Sir Tristão é um cavaleiro muito mais forte e mais audacioso que Sir Lancelote. Já os vistes lutar?, perguntou Sir Dinadan. Vi lutar Sir Tristão, respondeu o outro, mas não Sir Lancelote, que eu saiba. Muito embora naquele poço junto ao qual ele dormia, tenha derrubado a mim e a Sir Tristão com uma única lança, mas, naquela ocasião, os dois não se reconheceram. Gentil cavaleiro, disse Sir Dinadan, deixemos Sir Lancelote e Sir Tristão, porque o pior dos dois jamais encontrará rival à sua altura

entre todos os cavaleiros que ora vivem. Deus permita que não, falou Sir Palamedes, mas, se eu tivesse alguma querela com o melhor dos dois, lutaria contra ele com a mesma disposição com que lutaria convosco. Rogo-vos que me digais vosso nome, senhor, e de boa fé seguirei em vossa companhia até Camelot. Ali podereis angariar muita honra no grande torneio, pois estarão presentes a Rainha Guinevere e a Bela Isolda, da Cornualha. Pois sabei, senhor cavaleiro, que lá estarei por amor à Bela Isolda e por nenhuma outra razão, mas não quero contato algum com a corte do Rei Arthur. Senhor, disse Dinadan, cavalgarei convosco e estarei à vossa disposição, com a condição de que me digais vosso nome. Meu nome é Sir Palamedes, senhor, irmão do bom e nobre cavaleiro Sir Safere. E Sir Segwarides e eu nascemos sarracenos de pai e de mãe. Muito vos agradeço por me haverdes dito vosso nome, senhor, respondeu Sir Dinadan. Fico muito feliz em vos conhecer e vos prometo, por minha fé, que não sereis ferido por mim voluntariamente, mas sim beneficiado. Não duvideis de que haverei de vos ajudar com todas as minhas possibilidades, eu vos prometo. E, com toda certeza, ganhareis muita honra na corte do Rei Arthur e sereis muito bem-vindo. Assim, pois, os dois puseram elmos e escudos, montaram seus cavalos e seguiram pela estrada larga que levava a Camelot. Avistaram, então, um castelo formoso e rico, e também muito forte, como não havia outro neste reino.



CAPÍTULO XVII

Como Sir Lamorak enfrentou em uma justa diversos cavaleiros do castelo onde estava a Fada Morgana.

Sir Palamedes, disse Dinadan, eis um castelo que conheço bem. Nele vive a Rainha Morgana, a Fada, irmã do Rei Arthur, e ele lhe deu esse castelo, ato de que muito se arrepende, pois, desde esse dia, ela e o irmão têm vivido em brigas e disputas. O Rei Arthur, porém, jamais conseguiu recuperar esse local por nenhum meio engenhoso e, sempre que pode, ela lhe declara guerra. Além disso, tem consigo todos os cavaleiros perigosos para acabar com aqueles a quem o rei mais ama, e nenhum cavaleiro poderá passar por este caminho sem justar com um, ou dois, ou três de seus homens. Valha-me Deus!, exclamou Palamedes. Que costume vergonhoso e que atitude infame para uma rainha guerrear contra seu próprio senhor, que é considerado a flor da cavalaria tanto cristã quanto pagã. De todo coração, gostaria de pôr fim a tal costume. Quero que o mundo inteiro saiba que ela não contará com meus serviços e, se enviar cavaleiros, como creio que fará, vou lhes dar muito trabalho. Por minha fé, retrucou Sir Dinadan, podeis contar comigo para tudo que estiver ao meu alcance.

Enquanto estavam parados ali, diante do castelo, chegou um cavaleiro portando um escudo vermelho e, atrás dele, vinham dois escudeiros. O recém-chegado se dirigiu diretamente a Sir Palamedes e disse: Cortês e gentil cavaleiro andante, peço-vos, pelo amor que deveis à cavalaria, que não enfrenteis a gente desse castelo. Era Sir Lamorak quem assim falava. Pois vim aqui para realizar esta façanha, prosseguiu ele. Esta é minha demanda e, portanto, eu vos suplico, cavaleiro, que deixeis tal combate por minha conta e, se me vencerem, vós me vingareis. Em nome de Deus, disse Palamedes, vamos ver como vos saís. Ficaremos só observando. Pouco mais tarde, chegou um cavaleiro do castelo e se ofereceu para justar com aquele que portava o escudo vermelho. Logo deu-se o confronto, e o cavaleiro do escudo vermelho desfechou um golpe tão forte em seu adversário que este caiu por terra. Surgiu, então, outro cavaleiro do castelo, e recebeu outro golpe tão forte que pulou da sela. Quando chegou o terceiro cavaleiro, teve o mesmo destino que os anteriores. Nesse momento, Sir Palamedes se aproximou, suplicando para que o outro o deixasse ajudá-lo no combate. Gentil cavaleiro, disse ele, permiti que, desta vez, seja feita a minha vontade, pois, mesmo que sejam vinte cavaleiros, não os temerei. Nas muralhas do castelo, havia muitos senhores e damas que gritavam, dizendo: Justastes muito bem, cavaleiro do

escudo vermelho! Mas, enquanto o cavaleiro os derrubava, seu escudeiro pegava todos os cavalos, retirava-lhes as selas e os arreios e levava-os para a floresta, deixando-os bem longe do local das justas. Saiu, então, o quarto cavaleiro do castelo e, mais uma vez, desafiou aquele que portava o escudo vermelho. Este se preparou e golpeou o adversário com tanta força que homem e cavalo caíram no chão e, na queda, o cavaleiro quebrou as costas e o pescoço. Oh, Jesus!, exclamou Sir Palamedes. Este cavaleiro é muito bom. É o melhor justador que já vi na vida. Por minha fé, exclamou Sir Dinadan. Quem quer que seja ele, é tão bom quanto Sir Lancelote ou Sir Tristão.

CAPÍTULO XVIII

Como Sir Palamedes insistiu em lutar ao lado de Sir Lamorak contra os cavaleiros do castelo.

Em seguida, saiu do castelo um cavaleiro portando um escudo com faixas pretas e brancas e, de imediato, o cavaleiro do escudo vermelho e ele se confrontaram com tanta força que este traspassou o escudo com faixas de seu adversário, bem como seu corpo, além de quebrar a espinha do animal. Gentil cavaleiro, disse Sir Palamedes, já haveis feito muito e, portanto, rogo-vos que me deixeis justar, pois estais precisando de descanso. Por que, senhor?, indagou o outro. Achais que sou fraco e débil? Ademais, creio que insistis sem motivo, só para me fazer afronta, quando estou me saindo muito bem. Minha resposta, porém, é a mesma de antes: fossem vinte cavaleiros, eu os venceria e, se for derrotado e morto, aí, sim, podereis me vingar. Se credes que estou fatigado e tendes vontade de lutar, podereis justar comigo. Senhor, retrucou Palamedes, não disse isso por desejar lutar convosco, mas porque a mim me parece que já haveis combatido bastante. Neste caso, falou o cavaleiro do escudo vermelho, se fôsseis gentil, não deveríeis ficar fazendo essas propostas vergonhosas. Por isso, eu vos desafio a justar comigo, e vereis se estou cansado. Já que se trata de um desafio, disse Sir Palamedes, defendei-vos. Então, os dois cavaleiros correram o mais velozmente que seus cavalos conseguiam, e o cavaleiro do escudo vermelho desferiu um golpe tão forte em Sir Palamedes que a lança lhe perfurou o flanco, infligindo-lhe uma ferida grande e séria. Com isso, o sarraceno caiu da sela e o vencedor voltou-se para Sir Dinadan. Ao vê-lo, este último gritou, dizendo: Senhor, não quero me haver convosco! O outro, porém, não lhe deu ouvidos e continuou vindo em sua direção. Para não passar vergonha, Sir Dinadan baixou a lança e esta despedaçou contra seu adversário. No entanto, este também o atingiu com tamanha força que o derrubou da sela, mas, não permitiu que seus escudeiros lhes tomassem os cavalos, porque eram ambos cavaleiros andantes.

Voltou-se mais uma vez na direção do castelo e justou com outros sete cavaleiros, nenhum dos quais conseguiu resistir à sua força, mas caíram todos no chão. Desses 12 cavaleiros, matou quatro em justa limpa e fez os demais jurarem sobre a cruz da espada que jamais voltariam a adotar aqueles cruéis costumes do castelo. Depois que eles fizeram tal juramento, o cavaleiro do escudo vermelho os deixou livres. Das muralhas do castelo, os senhores e as damas não paravam de gritar, dizendo: Cavaleiro do escudo vermelho, portastes-vos maravilhosamente

bem, como jamais vimos outro cavaleiro fazer. Então, passou pelos portões um cavaleiro desarmado, que disse: Cavaleiro do escudo vermelho, muita destruição causastes no dia de hoje, portanto, podeis ir aonde quiserdes, pois não queremos mais ter que vos enfrentar. Mas muito lamentamos vossa vinda até aqui, já que destes fim a um velho costume deste castelo. E, com estas palavras, voltou a entrar, então as portas se fecharam. Assim, o cavaleiro se virou, chamou seus escudeiros e seguiu caminho a galope.

Depois que ele partiu, Sir Palamedes se aproximou de Sir Dinadan e lhe disse: Jamais recebi tamanha afronta de nenhum dos cavaleiros com quem justei e, por isso, quero ir atrás dele e me vingar com a espada, já que, montado, não conseguirei obter honra alguma ao enfrentá-lo. Senhor Palamedes, retrucou Dinadan, eu vos aconselho a não procurá-lo, porque isso não vos trará nenhuma honra. Por uma única razão: vistes como ele já fez tanto neste dia, quanto trabalho já teve. Por Jesus todo-poderoso!, exclamou o outro. Jamais terei paz até me haver entendido com ele. Tereis meu testemunho, disse Sir Dinadan. Pois bem, assentiu Sir Palamedes, então vereis como medimos nossas forças. Pegaram então os cavalos com seus pajens e partiram ao encalço do cavaleiro do escudo vermelho. Em um vale, junto a uma fonte, viram que ele havia-se apeado para descansar e retirado o elmo para beber um pouco de água.

CAPÍTULO XIX

Como Sir Lamorak enfrentou Sir Palamedes e o feriu gravemente.

Palamedes, então, cavalgou velozmente até chegar perto dele. Cavaleiro, disse, lembrai-vos da vergonha que me causastes ainda há pouco no castelo e, portanto, preparai-vos, porque pretendo me haver convosco. Gentil cavaleiro, retrucou o outro, de mim não obtereis honra alguma, pois bem vistes que já tive muito trabalho no dia de hoje. Não desejo levar isso em conta, disse o sarraceno, pois deveis saber que hei de me vingar. Pois bem, retrucou o cavaleiro, talvez eu consiga resistir a vossos ataques. Ao dizer isso, montou em seu cavalo e pegou uma grossa lança, preparando-se para justar. Não, atalhou Palamedes, não quero justar, pois tenho certeza de que, assim, não sairei vencedor. Gentil senhor, retrucou o outro, o mais conveniente para um cavaleiro é justar e lutar a cavalo. Vereis o que quero fazer, disse Palamedes, e, depois de se apear, ergueu o escudo e sacou da espada. Diante disto, o cavaleiro do escudo vermelho também desmontou, ergueu o escudo e desembainhou a espada. Então, foram se aproximando um do outro a passo tranquilo, até começarem a lutar trocando fortes golpes durante uma hora, quando só então pararam para recuperar o fôlego. À medida que se atacavam e se esquivavam, iam ficando cada vez mais irados, chegando a prometer ao adversário que o matariam. Golpeavam com tamanho ímpeto que cortaram os escudos pela metade, abriram fendas nos elmos e nas cotas de tal forma que, em alguns pontos, dava para ver a carne por baixo da armadura. Ao ver a espada do adversário inteiramente tingida por seu sangue, Sir Palamedes ficou muito angustiado, mas o combate continuava com os dois ora se cortando, ora trocando estocadas como selvagens. Finalmente, porém, o sarraceno desfaleceu por causa da primeira ferida a lança recebida ainda no castelo, e que o fazia sofrer imensamente. Gentil cavaleiro, disse Palamedes então, creio que já medimos forças o suficiente. Se for de vosso agrado, gostaria que, em nome da cavalaria, me dissésseis vosso nome. Senhor, respondeu o outro, não desejo fazê-lo, pois me fizestes grande afronta e não demonstrastes nenhum espírito de cavalaria ao me desafiar para uma justa, desconsiderando o quanto eu já havia lutado antes. Mas, se quiserdes me dizer vosso nome, eu vos direi o meu. Sabei, senhor, que meu nome é Palamedes. Ah, senhor, pois sabei que meu nome é Sir Lamorak de Galis, filho e herdeiro do bom cavaleiro e rei Pellinore, e Sir Tor, o bom cavaleiro, é meu meio-irmão. Quando Sir Palamedes o ouviu dizer essas palavras, ajoelhou-se e lhe pediu clemência. No dia de hoje, agi para convosco de

forma ultrajante, disse ele, pois, apesar dos grandes feitos de armas que vos vi realizar, exigi que lutásseis comigo em uma atitude vergonhosa e descortês. Ah, Sir Palamedes, respondeu Sir Lamorak, muito fizestes e dissestes hoje. E, em seguida, estendeu ambos os braços para abraçá-lo, e acrescentou: Palamedes, digno cavaleiro, em toda esta terra não existe outro melhor do que vós, nem de mais habilidade, e lamento muito que tenhamos nos enfrentado. Sinto a mesma coisa, disse Sir Palamedes, e estou muito mais ferido que vós, mas, quanto a isto, logo, logo estarei curado. No entanto, não me agrada absolutamente, nem pelo mais formoso castelo desta terra, que tenhamos nos enfrentado, pois hei de vos amar por todos os dias de minha vida acima de qualquer outro cavaleiro, à exceção de meu irmão, Sir Safer. O mesmo digo eu, replicou Sir Lamorak, à exceção de meu irmão, Sir Tor. Nesse momento, chegou Sir Dinadan, e muito se alegrou ao ver Sir Lamorak. Sem mais tardar, seus escudeiros consertaram seus escudos e seus arneses, e fizeram curativos em suas feridas. E, ali perto, em um eremitério, os três descansaram a noite inteira.

CAPÍTULO XX

Como chegou aos ouvidos de Sir Lancelote que Dagonet havia perseguido o Rei Marcos, e como um cavaleiro derrotou a ele e a seis outros cavaleiros.

Agora, voltemos um pouco no tempo. Quando Sir Ganis e Sir Brandiles chegaram à corte do Rei Arthur com seus companheiros, relataram ao monarca, a Sir Lancelote e a Sir Tristão como Sir Dagonet, o bobo, havia perseguido o Rei Marcos pela floresta e como um forte cavaleiro derrubou todos os sete com uma lança. Pelas costas do Rei Marcos e de Dagonet, todos riram e zombaram da situação. Mas ninguém sabia dizer quem era o tal cavaleiro que havia resgatado o rei da Cornualha, então, perguntaram-lhe se ele o conhecia. Segundo me disse, é o cavaleiro que segue a Besta Ladradora, respondeu o soberano, e com esse nome, enviou um de meus pajens até um castelo onde estava sua mãe. Quando ela soube da parte de quem o pajem viera procurá-la, exclamou: “Oh, meu querido filho, Sir Palamedes, por que não me queres visitar?” Portanto, Majestade, é de se deduzir que ele se chama Sir Palamedes, um nobre cavaleiro, disse o Rei Marcos. Então, os sete derrotados muito se alegraram por saber de quem se tratava.

Voltemos agora mais uma vez, pois, pela manhã, Sir Lamorak, Sir Palamedes e Sir Dinadan partiram juntamente com seus pajens e escudeiros até depararem com um formoso castelo bem guarnecido, no alto de uma montanha, e para lá se dirigiram. Encontraram ali um cavaleiro chamado Galahalt, o senhor do referido castelo, que lhes proporcionou excelente acolhida e puderam se refrescar. Sir Dinadan, disse Sir Lamorak, o que pretendeis fazer? Senhor, respondeu ele, quero ir para a corte do Rei Arthur amanhã. Por minha fé, atalhou Sir Palamedes, não desejo passar três dias cavalgando, já que estou ferido e perdi muito sangue. Pretendo, pois, descansar um pouco neste local. Na verdade, disse Sir Lamorak, ficarei aqui convosco e, quando partirdes, partirei também, a menos que demoreis demasiado, pois, neste caso, pegarei meu cavalo. Rogo-vos, portanto, Sir Dinadan, que espereis para partir conosco. Não quero esperar, falou Dinadan, porque tamanho é o meu desejo de ver Sir Tristão que não posso ficar tanto tempo longe dele. Ah, Dinadan, exclamou Sir Palamedes, agora vejo que amais meu inimigo mortal e, assim, como eu poderia me fiar em vós? Sabei que amo meu senhor, Sir Tristão, mais que tudo no mundo, disse Dinadan, e a ele quero servir e honrar. Eu também, acrescentou Sir Lamorak, em tudo que estiver em meu poder.

Pela manhã, Sir Dinadan partiu para a corte do Rei Arthur e, no caminho, enquanto cavalgava, avistou um cavaleiro andante que se preparava para justar.

Nada disso, disse Dinadan, pois não tenho nenhuma disposição para lutar. Havereis de me enfrentar, retrucou o cavaleiro, se quiserdes passar por este caminho. Por que desejais justar? Por amor ou por desamor? Sabei que meu motivo é o amor, respondeu o outro, e não o desamor. Bem pode ser, disse Sir Dinadan, mas grande amor demonstrais querendo justar comigo com uma lança afiada. No entanto, gentil cavaleiro, já que quereis justar comigo, ide me encontrar na corte do Rei Arthur e lá nos enfrentaremos. Que seja, disse o cavaleiro, mas, se não quereis justar comigo, eu vos rogo que me digais vosso nome. Meu nome é Sir Dinadan, senhor cavaleiro, respondeu ele. Ah, exclamou o outro, bem sei que tendes fama de um cavaleiro bom e cortês, e sabei que muito vos amo. Então não haverá nenhuma justa entre nós, declarou Dinadan. Assim se separaram e, no mesmo dia, Sir Dinadan chegou a Camelot, onde estava o Rei Arthur. Saudou o rei e a rainha, Sir Lancelote e Sir Tristão. E toda a corte se alegrou ao vê-lo, pois Sir Dinadan era gentil, discreto e cortês, além de bom cavaleiro. O valente cavaleiro Sir Tristão, em especial, amava-o muitíssimo, mais do que a qualquer outro, à exceção de Sir Lancelote.

Então, o monarca perguntou a Sir Dinadan que aventuras havia encontrado. Majestade, respondeu ele, encontrei muitas delas, e algumas foram presenciadas pelo Rei Marcos, embora não todas. Assim, pois, o Rei Arthur ouviu o relato de Sir Dinadan, que lhe contou como Sir Palamedes e ele próprio estiveram no castelo da Fada Morgana, como Sir Lamorak justou diante deles, como venceu 12 cavaleiros dos quais matou quatro. E, depois, acrescentou, derrubou a Sir Palamedes e a mim. Não posso crer, exclamou o soberano, pois Sir Palamedes é excelente cavaleiro. Mas é a pura verdade, afirmou Sir Dinadan. Eu mesmo os vi se confrontarem no corpo a corpo. E, então, relatou ao rei toda aquela batalha, dizendo que, por ser mais fraco, Palamedes ficou mais ferido e perdeu mais sangue. Sem dúvida, concluiu ele, se o combate houvesse durado mais tempo, Sir Palamedes teria morrido. Oh, Jesus!, exclamou o Rei Arthur. Para mim, isso é assombroso. Senhor, atalhou Sir Tristão, não deveis ficar assim tão espantado, pois, a meu ver, não existe cavaleiro mais valente no mundo, e conheço bem seu poder. Devo dizer que nunca cavaleiro algum me cansou tanto, a não ser Sir Lancelote, e não há nenhum outro no mundo, a não ser Sir Lancelote, que tenha se saído tão bem quanto Sir Lamorak. Valha-me Deus, disse o monarca. Gostaria que esse cavaleiro, Sir Lamorak, viesse para a corte. Ele logo estará aqui, Majestade, respondeu Sir Dinadan, juntamente com Sir Palamedes, mas temo que este último ainda não esteja em condições de viajar.

CAPÍTULO XXI

Como o Rei Arthur proclamou a realização de justas, e como Sir Lamorak compareceu e derrotou Sir Gawaine, além de muitos outros.

Três dias mais tarde, o rei ordenou que se realizassem justas em um mosteiro, e muitos cavaleiros da Távola Redonda se prepararam para participar, como Sir Gawaine e seus irmãos. Tristão, Lancelote e Dinadan, porém, não quiseram justar, permitindo, por amor ao Rei Arthur, que aqueles cavaleiros saíssem vencedores se fossem capazes. Pela manhã, Sir Gawaine e seus quatro irmãos se equiparam para os combates e realizaram grandes feitos de armas. Sir Hector de Maris saiu-se maravilhosamente bem, mas Sir Gawaine sobrepujou todos os demais. Por esta razão, o monarca e todos os cavaleiros lhe atribuíram a vitória a princípio.

Pouco depois, o Rei Arthur viu um cavaleiro acompanhado por dois escudeiros que surgiu por um lado da floresta. Ele portava um escudo coberto de couro e, discretamente, penetrou na liça, atacando aqui e ali e, em poucos instantes, já havia derrubado dois cavaleiros da Távola Redonda com uma só lança. Nesses ataques, a tal proteção de couro caiu e o rei e todos os demais puderam perceber que o escudo que ele portava era vermelho. Oh, Jesus!, exclamou o Rei Arthur. Vede aquele cavaleiro forte que ali cavalga. O que porta o escudo vermelho! E logo se ouviram muitos gritos: Cuidado com o cavaleiro do escudo vermelho! Este, porém, não tardou a derrubar três dos irmãos de Sir Gawaine. Valha-me Deus!, disse o soberano. Creio que este é o melhor justador que já vi na vida. Nesse instante, viu que ele arremetia contra Sir Gawaine para derrubá-lo com tanta força que seu cavalo perdeu a sela. Como é possível?, exclamou o rei. Sir Gawaine levou uma queda. Gostaria muito de saber quem é esse cavaleiro com o escudo vermelho. Eu o conheço bem, informou Dinadan, mas, por ora, não sabereis seu nome. Por minha fé, observou Sir Tristão. Ele justou melhor que Sir Palamedes e, se quereis saber seu nome, sabei que se trata de Sir Lamorak de Galis.

Enquanto transcorria essa conversa, Sir Gawaine e o cavaleiro partiram para novo confronto, e o primeiro foi novamente derrubado, ferindo-se gravemente. Bem diante do monarca, ele derrubou vinte cavaleiros, além de Sir Gawaine e seus irmãos. A vitória lhe foi atribuída como um cavaleiro sem rival. Então, discreta e surpreendentemente, Sir Lamorak se retirou para a floresta junto com todo seu séquito. O Rei Arthur viu acontecer tudo isso, pois não tirava os olhos daquele cavaleiro. Nesse momento, o soberano, Sir Lancelote, Sir Tristão e Sir

Dinadan montaram e cavalgaram ao encalço de Sir Lamorak de Galis. Quando o encontraram, disse-lhe o Rei Arthur: Ah, gentil cavaleiro, em boa hora o encontramos. Ao ver o soberano, o cavaleiro retirou o elmo para saudá-lo, e, quando viu Sir Tristão, correu em sua direção para segurá-lo pelas coxas. Este, porém, não permitiu tal gesto e apeou-se antes mesmo que ele chegasse mais perto. No chão, abraçaram-se e demonstraram grande alegria por se verem. O rei também se alegrou, assim como todo o grupo da Távola Redonda, à exceção de Sir Gawaine e seus irmãos. Quando descobriram que se tratava de Sir Lamorak, ficaram imensamente despeitados e se enfureceram por ele lhes haver imposto tal desonra naquele dia.

Então, em segredo, Sir Gawaine convocou todos seus irmãos e lhes disse: Gentis irmãos. Agora podemos ver que o Rei Arthur ama aqueles de quem desgostamos e desgosta de quem amamos. Bem sabeis, gentis irmãos, que Sir Lamorak jamais nos amará, já que matamos seu pai, o Rei Pellinore, porque pensávamos que ele havia matado nosso pai, o rei de Orkney. E, afrontado pelo que aconteceu a Pellinore, Sir Lamorak nos desonrou na pessoa de nossa mãe. Portanto, hei de me vingar. Senhor, responderam os irmãos, pensai como quereis e podeis vos vingar e podereis contar conosco. Pois bem, disse Gawaine, por ora, fiquem quietos e ficaremos à espreita de uma oportunidade.

CAPÍTULO XXII

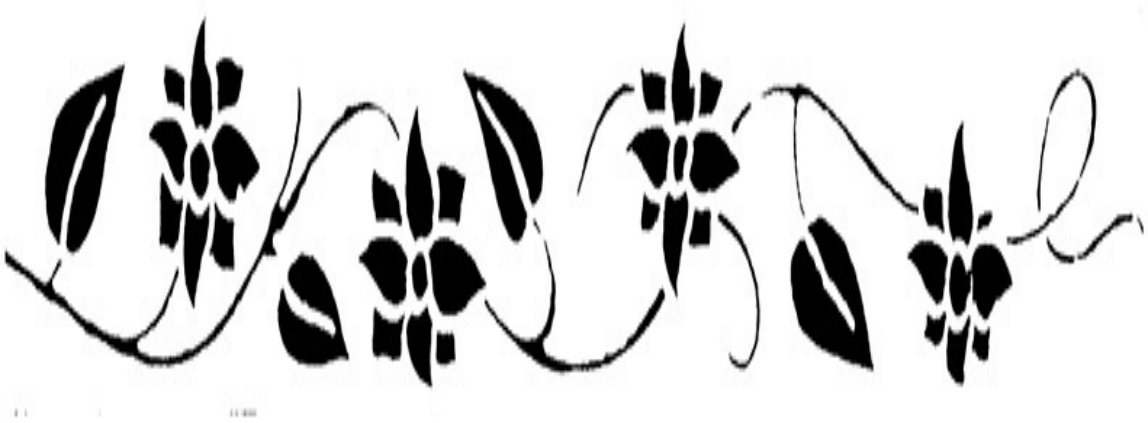
Como o Rei Arthur fez com que o Rei Marcos se reconciliasse com Sir Tristão, e como ambos partiram para a Cornualha.

Agora, mudemos de assunto e deixemos Sir Gawaine para falar do Rei Arthur, que disse ao Rei Marcos: Senhor, rogo-vos que atendais a um pedido que vos farei. Majestade, respondeu o outro, hei de vos conceder qualquer coisa que esteja em meu poder. Muito obrigado, senhor, disse Arthur. Eis o que vos peço: concordai em ser bom senhor com Sir Tristão, pois ele é um homem de grande honra, e aceitai levá-lo convosco para a Cornualha para que possa ver seus amigos. Convidai-o a ir para lá por mim. Prometo, por minha fé e pela fé que devo a Deus, que, por vós, hei de honrá-lo em tudo que possa e esteja a meu alcance. Pois eu esquecerei todo o rancor que vos dediquei, respondeu o monarca, se fizerdes tal juramento sobre um livro e diante de mim. De bom grado, disse o Rei Marcos. E ali mesmo jurou sobre um livro, em presença do Rei Arthur e de todos os seus cavaleiros e, em seguida, tio e sobrinho se deram as mãos e se abraçaram. Mas havia falsidade em tal juramento, como ficou demonstrado mais tarde quando ele encerrou Sir Tristão em uma prisão e quis matá-lo covardemente.

Pouco depois disso, o Rei Marcos pediu permissão para retornar à Cornualha, e Sir Tristão se preparou para partir com ele, deixando a maior parte da Távola Redonda aborrecida e pesarosa, especialmente Sir Lancelote, Sir Lamorak e Sir Dinadan, que ficaram extremamente irritados, pois sabiam que o Rei Marcos queria matar ou destruir Sir Tristão. Ai, exclamou Dinadan. Que lástima que meu senhor Sir Tristão tenha que partir. E o próprio Tristão ficou tão angustiado que parecia atordoado feito um louco. Ai, disse Sir Lancelote, dirigindo-se ao Rei Arthur. O que fizestes? Pusestes a perder o homem mais valoroso que já esteve em vossa corte. Era seu próprio desejo, retrucou o monarca, e, portanto, eu não tinha alternativa senão fazer o possível para que os dois entrassem em um acordo. Acordo?, reagiu Sir Lancelote. Maldito acordo, pois logo vereis que ele haverá de matar Sir Tristão, ou atirá-lo em um cárcere, pois trata-se do rei e cavaleiro mais covarde e infame entre os que vivem na terra.

Ao dizer isso, Sir Lancelote foi ao encontro do Rei Marcos e lhe disse: Majestade, sabeis que o bom cavaleiro Sir Tristão partirá convosco. Cuidado para não cometer nenhuma traição, pois eu vos advirto que, se causardes algum mal a esse cavaleiro, pela fé que devo a Deus e à ordem da cavalaria, sereis morto por minhas próprias mãos. Sir Lancelote, retrucou o rei, já ultrapassastes os limites,

pois declarei e jurei perante o Rei Arthur e em presença de todos os seus cavaleiros que não matarei nem cometerei nenhum ato de traição. Quebrar tal juramento me traria imensa desonra. Tendes toda razão, disse Sir Lancelote, mas sois considerado tão falso e traidor que ninguém pode crer no que dizeis. Na verdade, todos sabem que viestes a este país com o único intuito de matar Sir Tristão. E, em meio a grandes lamentações, o Rei Marcos e Sir Tristão partiram juntos, já que, por sua vontade e a seu pedido, este viajaria com o tio, e tudo isso com a intenção de ver a Bela Isolda, pois, sem vê-la, Sir Tristão não conseguia viver.



CAPÍTULO XXIII

Como Sir Percival foi sagrado cavaleiro pelo Rei Arthur, como uma dama muda falou e o trouxe para a Távola Redonda.

Agora, voltemos outra vez a Sir Lamorak para falarmos de seus irmãos: Sir Tor, o primeiro filho do Rei Pellinore, gerado no ventre da esposa do boiadeiro Aries, sendo, pois, bastardo; e Sir Aglovale, seu primeiro filho gerado no casamento. Sir Lamorak, Dornar e Percival também eram filhos desse matrimônio. Quando o Rei Marcos e Sir Tristão se foram da corte, todos ali lamentaram a partida do cavaleiro e sofreram com isso. Então, por oito dias, o rei e seus cavaleiros não se prestaram a qualquer tipo de alegria. Ao cabo desse período, chegou à corte um cavaleiro trazendo consigo um jovem escudeiro e, depois de se desarmar, aproximou-se do soberano, pedindo-lhe que sagrasse o mancebo cavaleiro. De que linhagem ele descende?, indagou o Rei Arthur. Majestade, respondeu o recém-chegado, ele é filho do Rei Pellinore, que, em outros tempos, vos prestou grandes serviços, e irmão do bom cavaleiro Sir Lamorak de Galis. E por que motivo quereis que eu o sagre cavaleiro?, questionou Arthur. Sabei, senhor meu rei, que este jovem escudeiro é também meu irmão, e meu nome é Aglovale. Sir Aglovale, disse o monarca, por amor a Sir Lamorak e por amor a vosso pai, ele será sagrado cavaleiro amanhã. E, agora, dizei-me como ele se chama. Majestade, respondeu o cavaleiro, seu nome é Percival de Galis. Na manhã seguinte, o Rei Arthur o sagrou cavaleiro em Camelot, mas tanto o monarca quanto todos os seus homens acharam que o mancebo tardaria muito a provar ser um bom cavaleiro.

Durante a refeição, quando o rei já se havia sentado à mesa e, depois dele, cada cavaleiro de acordo com o seu grau de proeza, Arthur mandou que Sir Percival se acomodasse junto com os cavaleiros menores, e ele seguiu o comando real. Na corte da rainha, havia uma donzela de alta linhagem que era muda e jamais havia pronunciado uma só palavra. Ela entrou na sala, foi diretamente até onde estava Sir Percival, pegou sua mão e disse em voz alta para que todos ali a pudessem ouvir: Levantai-vos, Sir Percival, nobre cavaleiro e cavaleiro de Deus, e vinde comigo. Ele assim o fez. Ela então o conduziu ao lado direito do Assento Perigoso e lhe disse: Gentil cavaleiro, tomai vosso lugar, pois este assento pertence somente a vós e a ninguém mais. Dizendo isto, saiu da sala e pediu a presença de um capelão. Assim que se confessou e recebeu o sacramento, a donzela morreu. Então, o rei e toda a corte muito se alegraram com Sir Percival.

CAPÍTULO XXIV

Como Sir Lamorak fez uma visita à esposa do Rei Lot, e como Sir Gaheris matou aquela que era sua própria mãe.

Voltemos a Sir Lamorak, que foi ali muito elogiado. Então, Sir Gawaine e seus irmãos trataram de mandar buscar a própria mãe para que ela viesse se instalar em um castelo perto de Camelot. Tudo isto foi feito com o intuito de matar Sir Lamorak. Pouco depois de a rainha de Orkney ter chegado, o cavaleiro soube de sua vinda e muito se alegrou. Para concluir este assunto, ele lhe enviou uma mensagem e os dois combinaram que Sir Lamorak iria ter com ela uma noite. Ao tomar conhecimento do fato, Sir Gaheris cavalgou até lá na noite combinada, ficou esperando por Sir Lamorak e o viu chegar inteiramente armado. Viu também que ele se apeou, amarrou o cavalo junto a uma poterna secreta, dirigiu-se a um aposento onde se desarmou e, depois, foi para a cama da rainha. Ambos se alegraram muito ao se encontrar, pois amavam-se muitíssimo. Quando Sir Gaheris percebeu a oportunidade propícia, aproximou-se do leito todo armado, com a espada desembainhada, e, num gesto súbito, agarrou a mãe pelos cabelos e lhe cortou a cabeça.

Ao ver o sangue quente daquela que tanto amava jorrar sobre seu corpo, podeis imaginar que Sir Lamorak se sentiu arrasado e atônito com a atitude daquele doloroso cavaleiro. Logo pulou da cama, usando apenas a camisa, e, assombrado, exclamou: Ah, Sir Gaheris, cavaleiro da Távola Redonda, que ato infame e maléfico haveis cometido, e que grande afronta fizestes a vós mesmo! Por que haveis matado a mulher que vos pariu? Seria mais justo que houvésseis matado a mim. Fostes vós quem cometestes a injúria, retrucou Gaheris, embora um homem nasça para oferecer seus serviços. Deveis, porém, tomar cuidado com quem vos meteis, pois haveis desonrado a mim e a meus irmãos. Além disso, vosso pai matou o nosso, e deitar-vos com nossa mãe é uma afronta tão grande que não podemos admiti-la. Quanto a vosso pai, o Rei Pellinore, fomos eu e meu irmão, Sir Gawaine, que o matamos. Mais um grande absurdo fizestes, disse Sir Lamorak, já que quem matou vosso pai não foi o meu, mas sim Balin, o Selvagem, e a morte de meu pai ainda não foi vingada. Deixai tais palavras, retrucou Sir Gaheris, pois, se estiverdes mentindo, eu o matarei. Mas, como estais nu, seria vergonha fazê-lo nesta ocasião. E, agora que minha mãe está livre de vós, afastai-vos, pegai vossa armadura e ide embora daqui. Vendo que não havia alternativa, Sir Lamorak armou-se depressa, pegou seu cavalo e seguiu caminho imerso em

grande sofrimento. No entanto, por vergonha e dor, não quis ir para a corte do Rei Arthur, preferindo seguir outro rumo.

Mas, quando veio a notícia de que Sir Gaheris havia matado a própria mãe, o rei ficou extremamente irado e mandou que ele se apresentasse à sua corte. Podeis supor que Sir Gawaine se irritou ao saber que Gaheris havia matado a mãe e deixado que Sir Lamorak escapasse, e o ocorrido causou grande contrariedade não só ao soberano, mas também a Sir Lancelote e a muitos outros cavaleiros. Majestade, disse Sir Lancelote, o fato de vossa irmã ter sido morta desse jeito constitui grande afronta por deslealdade e traição deliberada. Ouso dizer que tudo isso foi tramado de forma traiçoeira e também que perdereis esse bom cavaleiro que é Sir Lamorak, o que é uma lástima. Bem sei e estou seguro de que, se Sir Tristão tomasse conhecimento deste fato, não viria mais à vossa corte, o que causaria mais sofrimento tanto a vós quanto a todos os vossos cavaleiros. Que Deus não permita, exclamou o monarca, que eu perca Sir Lamorak ou Sir Tristão, pois, nesse caso, estaria perdendo dois dos principais cavaleiros da Távola Redonda. Senhor, retrucou Sir Lancelote, tenho certeza de que perdereis Sir Lamorak, porque Sir Gawaine e seus irmãos acabarão por matá-lo de uma forma ou de outra, já que juraram fazê-lo assim que encontrarem uma ocasião favorável. Pois haverei de permitir que isto aconteça, declarou Arthur.



CAPÍTULO XXV

Como Sir Agravaine e Sir Mordred confrontaram um cavaleiro que fugia e foram ambos derrubados; e sobre Sir Dinadan.

Deixemos agora Sir Lamorak para falar dos irmãos de Sir Gawaine, e, em especial, de Sir Agravaine e de Sir Mordred. Indo em busca de aventuras, os dois encontraram um cavaleiro ferido que fugia e lhe perguntaram que notícias trazia. Gentis cavaleiros, disse ele, tem um cavaleiro vindo atrás de mim para me matar. Nesse momento, chegou Sir Dinadan, que cavalgava sem destino certo, mas não quis lhes prometer nenhuma ajuda. Já Sir Agravaine e Sir Mordred prometeram salvá-lo. Foi quando o tal cavaleiro veio em sua direção e logo propôs que justassem. Diante disso, Sir Mordred correu ao seu encontro, mas foi derrubado pela traseira do cavalo. Ao ver esta cena, Sir Agravaine cavalgou para enfrentar o recém-chegado, mas recebeu o mesmo tratamento que seu irmão. Senhores, disse então o outro, sabeis que quem vos fez isto foi Sir Breuse Saunce Pitié. E, como se não bastasse, passou por cima de Agravaine umas cinco ou seis vezes. Ao ver isso, Dinadan não teve alternativa senão enfrentar tal cavaleiro, caso contrário seria uma vergonha. No confronto, usando sua força, Dinadan o derrubou pela traseira do cavalo. O outro pegou então seu cavalo e fugiu, pois a pé ele era um dos mais valentes cavaleiros dos tempos de Arthur e um grande destruidor de todos os bons cavaleiros.

Em seguida, Sir Dinadan se aproximou de Sir Mordred e de Sir Agravaine. Senhor cavaleiro, disseram os dois, lutastes muito bem e nos haveis vingado, portanto, nós vos rogamos que nos digais vosso nome. Gentis senhores, respondeu ele, deveis conhecer meu nome. Chamo-me Sir Dinadan. Ao ouvirem isso, os irmãos ficaram ainda mais irados do que já estavam, pois desgostavam imensamente dele por causa de Sir Lamorak. E Dinadan costumava amar todos os bons cavaleiros que eram valentes e detestar os que aniquilavam esses homens. Por outro lado, ninguém desgostava dele, a não ser os que eram considerados criminosos. Então, o cavaleiro ferido que havia sido perseguido por Breuse Saunce Pitié e que se chamava Dalan, disse: Se sois Dinadan, matastes meu pai. É possível, respondeu ele, mas foi em defesa própria e a pedido dele. Por minha fé, vais morrer por isso, exclamou Dalan, pegando de imediato sua lança e seu escudo. Abreviando o relato, Sir Dinadan lhe deu uma queda em que ele quase quebrou o pescoço. Da mesma forma, derrubou Sir Mordred e Sir Agravaine. Mais

tarde, na busca pelo Santo Graal, eles o mataram covardemente e à traição, o que foi lamentável, porque Dinadan era muito brincalhão, além de excelente cavaleiro.

Em seguida, Sir Dinadan rumou para o castelo denominado Beale-Valet. Lá, encontrou Sir Palamedes, que ainda não havia sarado da ferida causada por Sir Lamorak. Contou-lhe então todas as novidades que havia visto e ouvido a respeito de Sir Tristão e como este havia partido com o Rei Marcos de acordo com desejo e vontade próprios. Sir Palamedes ficou furioso, pois amava a Bela Isolda e logo deduziu que Sir Tristão desfrutaria de sua presença.

CAPÍTULO XXVI

Como o Rei Arthur, a rainha e Lancelote receberam cartas vindas da Cornualha, e sobre a resposta que foi dada.

Deixemos agora Sir Palamedes e Sir Dinadan no castelo de Beale-Valet e voltemos mais uma vez ao Rei Arthur. Chegou à sua corte um cavaleiro da Cornualha, chamado Fergus, que era membro da Távola Redonda. Trouxe para o monarca e para Sir Lancelote boas notícias de Sir Tristão, além de graciosas cartas, e lhes contou como o havia deixado no castelo de Tintagel. Veio então a donzela que trazia tais cartas para o Rei Arthur e Sir Lancelote e foi muito bem recebida pelo rei, pela Rainha Guinevere e pelo cavaleiro do Lago. Estes logo trataram de escrever cartas igualmente graciosas, mas Sir Lancelote continuava pedindo a Sir Tristão que tomasse cuidado com o Rei Marcos, que, em suas cartas, chamava sempre de Rei Raposa, dizendo assim que todas as suas atitudes eram enganosas e traiçoeiras. E Sir Tristão agradecia de coração essa preocupação. Assim, a donzela foi ao encontro da Bela Isolda trazendo-lhe cartas do rei e de Sir Lancelote, o que a deixou contentíssima. Gentil donzela, disse a Bela Isolda, como estão meu senhor Arthur, a Rainha Guinevere e o nobre cavaleiro Sir Lancelote? Resumindo, a jovem respondeu: Muito melhores ao saber que vós e Sir Tristão estais alegres. Que Deus os recompense, disse a rainha, pois Sir Tristão padece muito por mim e eu por ele.

A donzela, então, se foi, levando cartas para o Rei Marcos. Este, depois de lê-las e compreendê-las, ficou furioso com Sir Tristão, porque deduziu que o sobrinho havia enviado a donzela ao Rei Arthur. Ao ler tais cartas, portanto, suspeitou de traição por parte de Sir Tristão. Donzela, disse ele, quereis voltar à corte levando cartas minhas para o Rei Arthur? Senhor, respondeu ela, estarei pronta, à espera de vossas ordens para partir quando assim o desejardes. Sois bem sensata, falou o soberano. Voltei amanhã e podereis levar as cartas. A moça se foi, procurou a Bela Isolda e Sir Tristão e lhes contou o que teria que fazer. Pois nós vos rogamos, disseram eles, que, depois de receber as cartas, tratai de trazê-las até nós para que possamos ver que segredo elas contêm. Bem sabeis, senhora, que farei tudo que puder por Sir Tristão, pois há muito tempo sou sua donzela.

Na manhã seguinte, ela se apresentou ao Rei Marcos para receber as tais cartas e partir. Decidi não enviar nada por ora, disse o rei. No entanto, logo em seguida, enviou em segredo o que havia escrito para o Rei Arthur, a Rainha Guinevere e Sir Lancelote. O pajem partiu e encontrou o rei e a rainha em Gales,

em Carlion. Ambos estavam na missa quando ele chegou e, quando a cerimônia terminou, os dois foram para seus aposentos abrir as correspondências com toda privacidade. O Rei Marcos começava a carta dizendo muito secamente ao Rei Arthur que cuidasse bem de si mesmo, de sua esposa e de seus cavaleiros, pois tinha toda capacidade para governar e preservar a própria esposa.



CAPÍTULO XXVII

Como Sir Lancelote ficou enfurecido com a carta que recebeu do Rei Marcos, e sobre Dinadan, que compôs uma balada para o monarca.

Quando o Rei Arthur compreendeu o teor da carta, pôs-se a refletir e lembrou-se das palavras que sua irmã, a Fada Morgana, dissera sobre a Rainha Guinevere e Sir Lancelote. Ficou mergulhado em tais pensamentos por longo tempo. Lembrou-se, então, mais uma vez, que a irmã era sua inimiga, detestava a rainha e Sir Lancelote e, assim, afastou tais ideias da cabeça. Releu a carta, cujo trecho final dizia que o Rei Marcos considerava Sir Tristão seu inimigo mortal, não deixando dúvida de que se vingaria do sobrinho. Ao ler isso, o monarca ficou furioso. Quando a Rainha Guinevere leu e compreendeu sua carta, ficou extremamente irada, já que ali se diziam coisas vergonhosas sobre ela e Sir Lancelote. Assim, em segredo, enviou tal carta para ele. Ao tomar conhecimento da correspondência, o cavaleiro ficou tão enfurecido que se deitou na cama para dormir, o que Sir Dinadan logo percebeu, pois era o seu jeito de manter a privacidade diante de todos os bons cavaleiros. Enquanto Sir Lancelote estava adormecido, Dinadan tirou a carta de sua mão e a leu, palavra por palavra. Muito se lamentou, então, cheio de raiva. Com isso, Sir Lancelote acordou, aproximou-se de uma janela e voltou a ler a carta, o que o deixou ainda mais enfurecido. Senhor, perguntou Dinadan, por que estais furioso? Podeis abrir vosso coração comigo, pois, na verdade, sabeis que tenho grande carinho por vós, embora seja um pobre cavaleiro, servidor vosso e de todos os bons cavaleiros. Apesar de não ser homem de mérito, amo todos os que o são. É verdade que sois um cavaleiro leal, disse Sir Lancelote, e, em nome dessa lealdade, quero confiar-vos minhas intenções. Depois de ouvir tudo o que Lancelote lhe disse, Dinadan declarou: Pois esta é minha opinião. Não deveis levar em conta nenhuma dessas ameaças, porque, sendo o Rei Marcos um homem tão mesquinho, ninguém deve esperar palavras sinceras por parte dele. Mas vereis o que vou fazer. Vou compor uma balada a seu respeito e, quando ela estiver pronta, farei com que um harpista vá cantá-la diante dele. Sem mais tardar, Sir Dinadan compôs um lai, ensinou-o a um harpista chamado Eliot e, depois, a muitos outros harpistas. Obedecendo ao desejo de Sir Lancelote e do Rei Arthur, esses homens seguiram diretamente para Gales e para a Cornualha para cantar a balada que Sir Dinadan havia feito para o Rei Marcos e que era o pior lai que alguém jamais havia cantado, acompanhado da harpa ou de qualquer outro instrumento.

CAPÍTULO XXVIII

Como Sir Tristão foi ferido; sobre uma guerra travada contra o Rei Marcos; e sobre Sir Tristão, que prometeu ir em seu auxílio.

Agora voltemos a Sir Tristão e ao Rei Marcos. Enquanto o primeiro participava de justas e torneios, acabou gravemente ferido com uma lança e com uma espada, apesar de ter saído vencedor. Para ter algum repouso, foi procurar um bom cavaleiro que vivia em um castelo na Cornualha e se chamava Sir Dinas, o Senescal. Então, por desventura, chegaram da Saxônia inúmeros homens de armas acompanhados de uma hoste assustadora, e se aproximaram do castelo de Tintagel. O nome de seu comandante era Elias, um bom homem de armas. Ao saber que seus inimigos haviam entrado em seu território, o Rei Marcos muito se queixou e se lamentou, já que, por vontade própria, não queria mandar chamar Sir Tristão, a quem devotava um ódio mortal.

Reunido, seu conselho calculou e imaginou os imensos perigos da força de seus inimigos e, então, todos chegaram a uma conclusão que foi comunicada ao monarca. Senhor, disseram eles, sabeis que deveis mandar chamar Sir Tristão, o bom cavaleiro, ou os invasores jamais serão vencidos, pois por Sir Tristão eles hão de ser derrotados. Caso contrário, será como remar contra a corrente. Então, respondeu o Rei Marcos, seguirei vosso conselho. E, embora muito a contragosto, a necessidade o obrigou a mandar buscar o sobrinho. Foi o que fizeram, às pressas, dizendo-lhe que se apresentasse perante o Rei Marcos. Ao saber que era o tio quem o mandava chamar, Sir Tristão montou um manso cavalo marchador e rumou para a corte. Assim que chegou, o Rei Marcos assim lhe falou: Gentil sobrinho Sir Tristão, eis a situação que se apresenta. Chegaram a estas terras nossos inimigos da Saxônia. Estão muito perto daqui e devem ser rechaçados sem mais tardar, ou acabarão destruindo este país. Senhor, respondeu o cavaleiro, sabei que tudo o que eu puder fazer está a vosso serviço. Mas deveis saber também que, pelos próximos oito dias, não poderei usar armas, pois minhas feridas ainda não sararam. Depois disso, farei o que for possível. Dizeis bem, assentiu o rei. Ide, pois, e prossegui repousando e descansando enquanto enfrentarei os saxões com todas as minhas forças.

Assim, o Rei Marcos partiu para Tintagel e Sir Tristão voltou a seu repouso. O soberano conseguiu formar uma grande hoste que dividiu em três partes: a primeira era comandada por Sir Dinas, o Senescal; Sir Andred comandava a segunda, e Sir Argins, a terceira, e este último era do sangue do Rei Marcos. Por

sua vez, os saxões contavam com três grandes batalhões e muitos bons homens de armas. Assim, pois, a conselho de seus cavaleiros, o Rei Marcos deixou o castelo de Tintagel e avançou sobre seus inimigos. Sir Dinas, o bom cavaleiro, seguiu adiante e matou dois cavaleiros com as próprias mãos. E ali começaram os combates. Foi um magnífico romper de lanças, ferir com espadas e ver caírem muitos bons cavaleiros, e Sir Dinas continuava a ser o melhor dos homens do Rei Marcos. A batalha durou muitos dias com grande mortandade, mas, finalmente, o monarca e Sir Dinas, embora muito a contragosto, recuaram de volta ao castelo de Tintagel com grande matança de gente. Os saxões os perseguiram tão de perto que dez deles conseguiram passar pelos portões e quatro foram mortos pelas pontas de ferro daquelas grades.

Então, o Rei Marcos enviou um pajem ao encontro de Sir Tristão para lhe contar das baixas ocorridas. O cavaleiro não tardou a mandar o pajem de volta com sua resposta. Diz ao Rei Marcos que irei assim que estiver curado, pois, antes disso, não posso lhe ser de muita valia. E o soberano recebeu a resposta. Nesse ínterim, Elias mandou que ele entregasse o castelo. Porque não tendes condições de defendê-lo por mais tempo, disse ele. Senhor Elias, respondeu o rei. Entregarei o castelo se não receber ajuda de imediato. E logo mandou pedir socorro a Sir Tristão mais uma vez. Nessa ocasião, o cavaleiro já estava curado e conseguira reunir dez bons cavaleiros de Arthur, que levou consigo até Tintagel. Ao ver a hoste dos saxões, ficou assombrado. Cavalgou então pelo bosque e pelos fossos, o mais discretamente que pôde, e assim se aproximou dos portões. Lá chegando, foi visto por um cavaleiro, que arremessou contra ele ao perceber que pretendia entrar. Porém, Sir Tristão o matou, bem como a três outros de seus companheiros. Cada um daqueles dez homens de armas matou um adversário, e Sir Tristão adentrou o castelo de Tintagel. Quando o Rei Marcos soube que o sobrinho estava ali, muito se alegrou com sua chegada. O mesmo se deu com todo seu exército, e houve grandes demonstrações de alegria.

CAPÍTULO XXIX

Como Sir Tristão saiu vencedor de tal combate e como Elias desejava encontrar um homem para uma luta corpo a corpo.

Pela manhã, o comandante Elias enviou um homem ao encontro do Rei Marcos. “Vinde e combatei, pois, agora que o bom cavaleiro Sir Tristão entrou neste castelo, será uma afronta para vós ficares só protegendo vossas muralhas”, era a mensagem que lhe mandava. Ao ouvir isso, o monarca se enfureceu e não disse uma palavra. Foi, porém, à procura de Sir Tristão e lhe pediu conselho. Senhor, disse o cavaleiro, quereis que eu lhe dê uma resposta? De bom grado, respondeu o rei. Então, Sir Tristão disse ao mensageiro: A mando de meu rei e em meu próprio nome, diz a teu senhor que haveremos de enfrentá-lo amanhã em campo plano. Como vos chamais?, perguntou o mensageiro. Meu nome é Sir Tristão de Liones. Assim, o enviado partiu e relatou a seu senhor Elias tudo o que havia ouvido. Senhor, disse Sir Tristão dirigindo-se ao tio, rogo-vos que me deis permissão para comandar a batalha. E eu vos rogo que assumais, retrucou o Rei Marcos. Então, Sir Tristão refletiu sobre como deveria ser o combate. Mandou dividir sua hoste em seis pelotões e ordenou que Sir Dinas, o Senescal, assumisse a dianteira, enquanto os demais cavaleiros comandariam os restantes. Naquela mesma noite, queimou todos os navios dos saxões, e, assim que viu isso, Elias declarou que era obra de Sir Tristão. Ele pretende que nenhum filho de nossas mães possa escapar, disse ele. Portanto, gentis companheiros, lutai livremente amanhã e não desanimeis, pois nenhum cavaleiro, mesmo que seja o melhor do mundo, pode se haver conosco.

Assim, distribuíram seu batalhão em quatro partes, magnificamente aparelhadas e guarnecidas com homens de armas. Assim preparados, saíram em combate e investiram contra os adversários. Sir Dinas realizou grandes feitos de armas, mas, mesmo assim, seu pelotão levou a pior. Nesse momento, chegou Sir Tristão e matou dois cavaleiros com uma única lança. Em seguida, saiu atacando a torto e a direito, deixando todos assombrados com as magníficas proezas que era capaz de realizar. Então, ele percebeu que, por vezes, os combates eram levados para um trecho de arco do castelo e, outras vezes, ficava em seus portões. Foi então que surgiu Elias, o comandante, atacando aqui e ali, e acertando um golpe tão forte no alto do elmo do Rei Marcos que este caiu do cavalo. No entanto, Sir Dinas voltou a fazê-lo montar. Nisso, Sir Tristão chegou como um leão e investiu contra Elias, desfechando-lhe tamanho golpe no elmo que o derrubou da sela.

Lutaram assim até o anoitecer e, por causa da grande matança e da quantidade de feridos, ambos os exércitos recuaram para descansar.

Quando o Rei Marcos entrou no castelo de Tintagel, havia perdido cem de seus cavaleiros, ao passo que os estrangeiros haviam perdido duzentos. Ambas as partes examinaram seus feridos e, então, reuniram-se em conselho. Como podeis imaginar, todos eram contrários à ideia de seguir lutando, contanto que pudessem escapar com honra. Ao saber da morte de seus homens, Elias muito se lamentou, mas, ao saber que não queriam retomar os combates, ficou extremamente irado. Então, enviou um mensageiro para dizer ao Rei Marcos, com grande despeito, que estava à procura de um cavaleiro que quisesse lutar com ele corpo a corpo. Se matasse o cavaleiro do soberano, receberia anualmente um tributo da Cornualha. E, se seu cavaleiro matar o meu, haverei de livrá-lo definitivamente de minhas exigências, acrescentou. Então, o mensageiro partiu e transmitiu ao monarca as palavras de seu senhor: que ele encontrasse um cavaleiro para um combate corpo a corpo. Ao ouvir a mensagem, o Rei Marcos mandou que o mensageiro esperasse para ter sua resposta. Convocou, então, todos os seus barões para saber o que pensavam do assunto, e todos disseram a uma só voz: Não temos desejo algum de lutar em campo, pois, se não fosse pelas proezas de Sir Tristão, é bem provável que não tivéssemos escapado. Portanto, senhor, é nossa opinião que seria muito bem encontrar um cavaleiro para enfrentá-lo, já que ele fez tal proposta de forma cavalheiresca.

CAPÍTULO XXX

Como Sir Elias e Sir Tristão se enfrentaram pelo tributo, e como Sir Tristão matou seu adversário na liça.

Depois disso, porém, não conseguiram encontrar nenhum cavaleiro disposto a enfrentar o comandante dos saxões. Majestade, disseram todos, não há aqui cavaleiro algum que ouse lutar com Elias. Ai, exclamou o Rei Marcos, então extrema vergonha recairá sobre mim e serei destruído, a menos que meu sobrinho Sir Tristão queira assumir tal compromisso. Bem sabeis, retrucaram todos, que ele enfrentou muitos adversários ontem, o que o deixou fatigado e ferido. Onde está ele?, indagou o rei. Na cama, descansando, senhor, foi a resposta que lhe deram. Ai, lamentou-se o monarca, se não puder contar com o socorro de meu sobrinho Sir Tristão, serei inteiramente destruído, e para sempre.

Assim, alguém foi até onde o cavaleiro estava deitado e lhe contou o que o Rei Marcos dissera. De imediato, Sir Tristão saltou da cama, pôs um camisolão largo e se apresentou perante o rei e todos os senhores. Quando os viu, mergulhados em desalento, perguntou-lhes quais eram as novidades. Piores do que nunca, disse o soberano. E lhe contou tudo: a mensagem que havia recebido de Elias dizendo-lhe que encontrasse um cavaleiro para lutar pelo tributo da Cornualha. E não consegui encontrar ninguém, acrescentou. Quanto a vós, disse ainda, eu mesmo e todos os senhores não podemos vos pedir tal coisa por vergonha, já que, com vossa audácia, salvastes todas as nossas vidas. Senhor, retrucou Sir Tristão, entendo que, se desejais contar com meu auxílio, eu deveria fazer o que estiver em meu poder, resguardadas minha honra e minha vida, embora esteja exausto e bem ferido. E, já que Sir Elias fez proposta tão generosa, lutarei com ele e morrerei na liça ou livrarei a Cornualha desse velho tributo. Por isso, tratai de chamar seu mensageiro para receber vossa resposta, embora minhas feridas ainda estejam abertas. Mas, em sete noites, estarão ainda em pior estado do que agora e, portanto, dizei-lhe que eu o enfrentarei amanhã.

Então, o mensageiro foi trazido à presença do Rei Marcos. Ouve bem, companheiro, disse Sir Tristão, vai ao encontro de teu senhor e diz-lhe que faça sua parte para garantir o tributo, como o rei aqui fará a sua. E diz também que eu, Sir Tristão, cavaleiro do Rei Arthur e membro da Távola Redonda, haverei de enfrentá-lo amanhã a cavalo pelo tempo que minha montaria aguentar e, depois, a pé, com todo empenho. Depois de mirar Sir Tristão dos pés à cabeça, o mensageiro partiu e relatou a seu senhor a resposta que lhe havia sido enviada. De

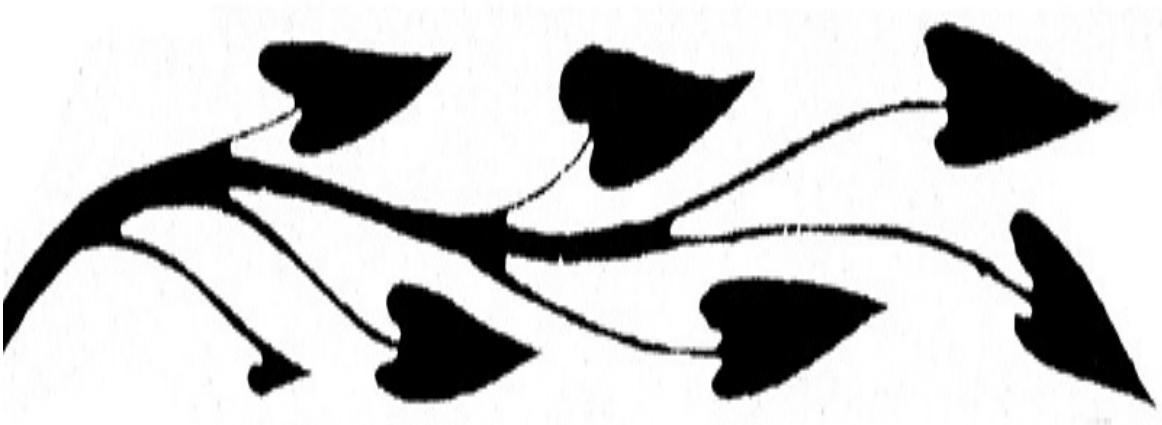
imediato, puseram-se reféns de ambas as partes e trataram de garantir a maior segurança possível, de forma que, se um dos lados saísse vencedor, tudo terminasse ali. Em seguida, ambas as hostes se reuniram em extremidades opostas do campo, fora do castelo de Tintagel, e ninguém ali estava armado, a não ser Sir Tristão e Sir Elias.

Feitos os devidos acertos, os dois se separaram e correram ao encontro um do outro com toda a velocidade que seus animais conseguiam alcançar. O impacto do confronto foi tão forte que cavalos e cavaleiros caíram por terra. Logo, porém, trataram de se levantar, puseram o escudo no ombro e, com a espada desembainhada na mão, arremeteram contra o adversário com tanto ímpeto que parecia haver chamas ao seu redor. Atacavam e se esquivavam, atingiam elmos e cotas, arrancavam fatias dos escudos e se feriam com gravidade, fazendo com que o sangue quente de ambos escorresse em abundância pelo chão. Quando já haviam lutado por uma hora, Sir Tristão se sentiu enfraquecido pela quantidade de sangue perdida e começou a recuar. Ao perceber isto, Sir Elias investiu ferozmente contra ele, ferindo-lhe em vários locais. E Sir Tristão continuava se desviando e se esquivando, recuando para cá e para lá, protegendo-se como podia com o escudo. Diante disso, todos já diziam que ele ia ser derrotado, pois Sir Elias lhe dava umas vinte estocadas para cada uma das suas.

Ouviram-se risos da parte dos saxões e muitas lamentações entre os homens do Rei Marcos. Ai, disse este. Todos estamos injuriados e destruídos para sempre. Pois, como diz o livro, nunca cavaleiro algum superou tanto Sir Tristão, à exceção de Sir Lancelote. Enquanto ambas as facções observavam aquela cena, uma rindo, outra chorando, Sir Tristão se lembrou de sua dama, a Bela Isolda, que devia estar assistindo a tudo e, provavelmente, ele nunca mais a veria à sua frente. Ergueu, então, o escudo que vinha portando muito baixo e o avançou na direção de Sir Elias, infligindo-lhe muitos ferimentos cruéis, na proporção de vinte contra um, cortando-lhe tanto escudo quanto cota e fazendo com que seu sangue jorrasse por terra. Diante disso, o Rei Marcos começou a rir, bem como toda a gente da Cornualha, ao passo que seus adversários se puseram a chorar. Nesse meio-tempo, Sir Tristão repetia para o adversário: Rendei-vos.

E, quando o viu cambalear, disse: Sir Elias, muito lamento por vós, porque sois excelente cavaleiro, o melhor que já enfrentei, à exceção de Sir Lancelote. Nessa hora, o saxão caiu por terra e morreu. O que devo fazer?, perguntou o cavaleiro ao Rei Marcos. Pois esta batalha chegou ao fim. Então, os homens comandados por Elias se foram, e o monarca reteve vários deles como prisioneiros para reparar os danos e a destruição que lhe haviam infligido. Em seguida, mandou os restantes de volta a seu país para resgatar seus companheiros. Sir Tristão foi bem cuidado e curado, muito embora, apesar de tudo que havia ocorrido, o Rei Marcos continuasse querendo matar o sobrinho. Já este, a despeito

de tudo que via e ouvia a respeito do tio, não se protegia de suas traições, pois tudo que queria era estar onde estivesse a Bela Isolda.



CAPÍTULO XXXI

Como, durante um grande banquete oferecido pelo Rei Marcos, apresentou-se um harpista, que cantou a balada composta por Dinadan para o monarca.

Deixemos agora este assunto para falar dos harpistas que Sir Lancelote e Sir Dinadan haviam enviado para a Cornualha. Na grande festa realizada pelo Rei Marcos para comemorar a saída dos saxões de seu país, apareceu o harpista Eliot trazendo consigo o lai que Dinadan havia composto. Em segredo, procurou Sir Tristão e lhe mostrou tal composição feita para o Rei Marcos. Ao ouvir a cantiga, o cavaleiro exclamou: Oh, Senhor Jesus! Esse Dinadan pode fazer com isto um grande bem ou um grande mal, das duas, uma. Senhor, perguntou Eliot, devo me atrever a cantar esse lai diante do monarca? Por minha fé, certamente, respondeu Sir Tristão. Estarei lá para apoiá-lo. Então, durante o banquete, Eliot entrou no aposento e, como era ótimo harpista, os homens o ouviram cantar a tal balada composta por Dinadan e que dizia as coisas mais injuriosas sobre o Rei Marcos e sua traição, como jamais homem algum havia ouvido antes.

Assim que a cantiga terminou, o Rei Marcos, furioso, perguntou: Como te atreves a ser tão audacioso a ponto de cantar essa balada em minha presença, harpista? Majestade, respondeu Eliot, sabeis que sou um menestrel e devo fazer o que mandam esses senhores cujas armas trago comigo. E sabeis que Sir Dinadan, cavaleiro da Távola Redonda, compôs esta canção e mandou que eu viesse cantá-la diante de vós. Tens razão, falou o Rei Marcos, porque, por ser menestrel, poderás partir sem nada sofrer, mas eu te aconselho a desaparecer imediatamente de minha vista. Assim, o harpista se foi, procurou Sir Tristão e lhe contou o que havia ocorrido. Então, o cavaleiro mandou escrever as cartas mais graciosas que pôde para Sir Lancelote e Sir Dinadan, e mandou que levassem o harpista para fora do país. Já o Rei Marcos se enfureceu muitíssimo, pois supôs que o lai cantado em sua presença houvesse sido composto por sugestão de seu sobrinho, e, por esta razão, desejou matá-lo, bem como a todos que lhe quisessem bem nesse país.

CAPÍTULO XXXII

Como o Rei Marcos matou por traição o próprio irmão, Boudwin, pelos bons serviços que este lhe tinha prestado.

Tratemos agora de outro assunto que envolve o Rei Marcos e seu irmão, que era chamado de bom príncipe Boudwin, muito amado por todos os habitantes do país. Aconteceu que, certo dia, os infiéis sarracenos desembarcaram nas terras da Cornualha pouco depois da partida dos saxões. Diante de tal desembarque, o bom príncipe Boudwin logo tratou de sublevar o país em segredo e, antes que o dia clareasse, mandou que incendiassem três de suas próprias naves e içassem as velas. Com o vento favorável, dirigiu tais embarcações para o local onde estava a frota sarracena. Resumindo a história, esses três navios em chamas incendiaram todas as naves da frota de tal forma que nenhuma delas se salvou. Ao raiar do dia, o bom príncipe Boudwin, juntamente com seu exército, atacou os infiéis com gritos e estrondo, matando todos os quarenta mil e não deixando nenhum deles vivo.

Quando o Rei Marcos soube do ocorrido, ficou extremamente furioso por seu irmão haver conquistado tamanha honra e, como esse príncipe era mais amado do que ele em todo o país e também amava muito Sir Tristão, o monarca pensou em matá-lo. Assim, mais que depressa, como um homem fora de seu juízo perfeito, mandou chamar o príncipe Boudwin e sua esposa Anglides, pedindo-lhes que trouxessem consigo seu jovem filho para que pudesse vê-lo. Tomou essas medidas com o intuito de matar pai e filho, pois era a criatura mais traiçoeira e falsa que já havia nascido neste mundo. Infelizmente, por sua bondade e suas boas ações, o gentil príncipe Boudwin foi assassinado. Assim que ele chegou acompanhado da esposa, o Rei Marcos fez grandes demonstrações de alegria até terem acabado de jantar. Ao final da refeição, o monarca mandou chamar o irmão e lhe disse: Irmão, o que fizeste quando os infiéis se aproximaram de ti? Creio que tua obrigação era mandar me avisar para que eu pudesse participar dessa jornada, pois a honra da vitória seria minha e não tua. Majestade, respondeu o príncipe Boudwin, agi assim porque, se esperasse que alguém viesse vos chamar, esses infiéis teriam destruído minhas terras. Mentes, traidor! exclamou o soberano, pois sempre procuras conquistar honras à minha custa e lançar a desonra sobre mim, além de apreciares aqueles que detesto. Dizendo isto, atravessou o coração do irmão com um punhal antes mesmo que ele pudesse dizer o que quer que fosse. Então, Lady Anglides se desesperou e perdeu os sentidos, pois viu seu senhor ser morto bem diante de seus olhos. E nada mais havia que se pudesse fazer: o príncipe Boudwin foi despojado

e levado para ser sepultado. Mas, sem que ninguém a visse, Anglides se apoderou da camisa e do gibão do esposo e os escondeu.

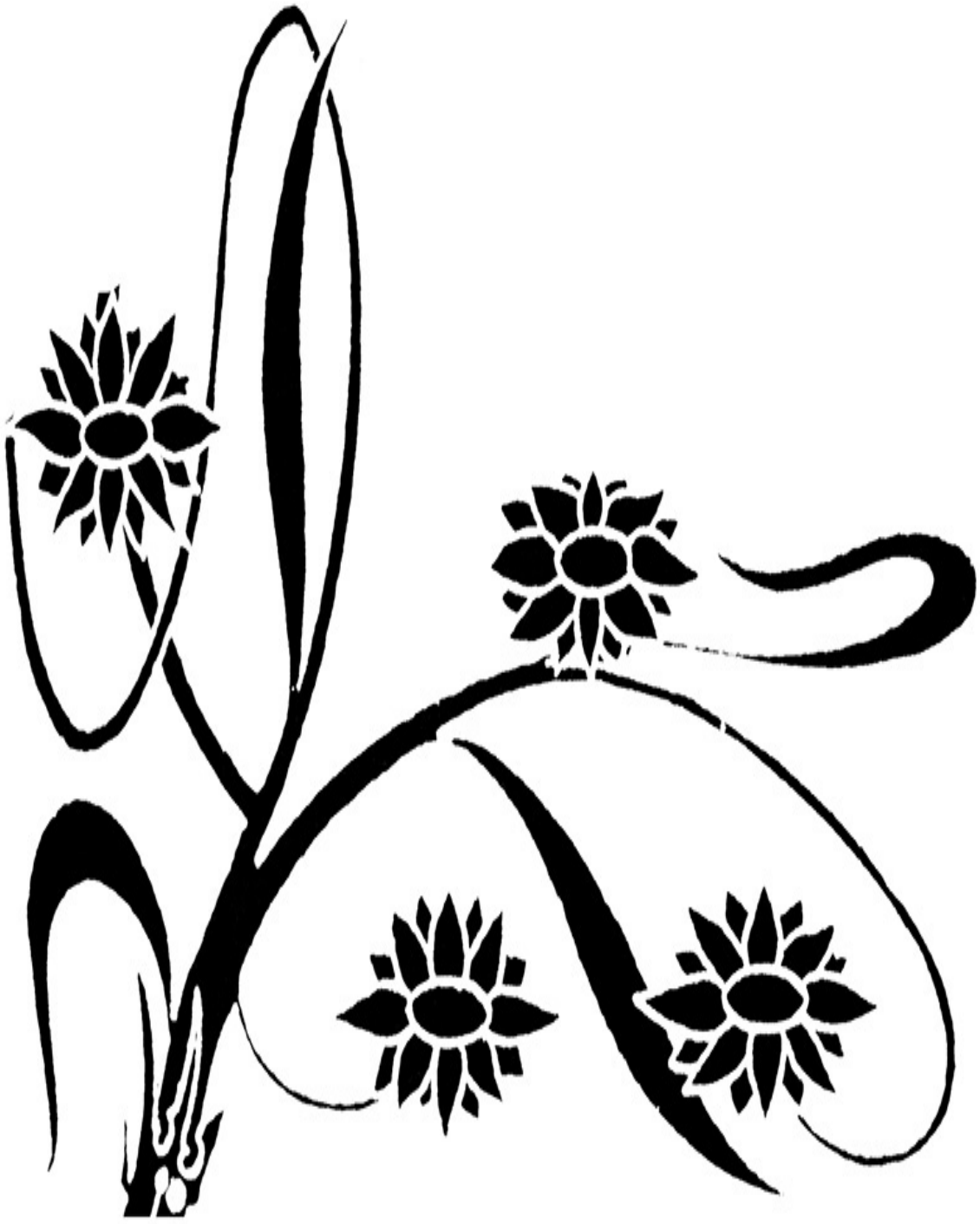
Por toda parte, houve muito choro e sofrimento, e muito se lamentaram Sir Tristão, Sir Dinas, Sir Fergus e todos os demais cavaleiros que ali estavam, pois esse príncipe era muito amado. Nesse ínterim, a Bela Isolda enviou uma mensagem a Anglides, esposa do príncipe Boudwin, dizendo-se que fosse embora o mais depressa possível levando consigo seu jovem filho, porque Alisander, o Órfão, também seria morto. Ao ouvir isto, a dama pegou um cavalo, agarrou o filho e partiu acompanhada dos pobres criados que se atreveram a cavalgar com ela.

CAPÍTULO XXXIII

Como Anglides, esposa de Boudwin, escapou com o filho Alisander, o Órfão, e foi para o castelo de Arundel.

No entanto, depois de concluir tal ação, o Rei Marcos começou a pensar em expandir sua vingança e, espada em punho, percorreu o castelo de aposento em aposento procurando por Anglides e seu jovem filho. Ao dar por falta deles, chamou um bom cavaleiro de nome Sadok e lhe ordenou, sob pena da própria vida, que trouxesse os dois de volta. Então, Sir Sadok partiu ao encalço de Anglides e, ao cabo de dez milhas, conseguiu alcançá-la, mandou que eles dessem meia-volta e cavalgassem com ele de volta à presença do Rei Marcos. Ai, gentil cavaleiro, exclamou ela, o que ganhareis com minha morte e com a morte de meu filho? Já sofri demais e tive uma grande perda. Senhora, respondeu Sadok, vossa perda é uma imensa lástima, mas, se quereis partir deste país com vosso filho e cuidar dele até que tenha idade suficiente para vingar a morte do pai, consentirei em vossa partida, contanto que me prometais vingar a morte do príncipe Boudwin. Ah, gentil cavaleiro, que Jesus vos recompense. E se meu filho Alisander, o Órfão, viver para ser cavaleiro, receberá a camisa e o gibão ensanguentados de seu pai e tratarei de lhe incutir tal incumbência de tal forma que ele nunca haverá de esquecê-la enquanto viver. Com isto, eles se separaram e encomendaram-se mutuamente a Deus. Quando Sadok voltou e se apresentou perante o Rei Marcos, garantiu-lhe que havia afogado o jovem Alisander, o que deixou o monarca satisfeitíssimo.

Voltemos agora a Anglides, que cavalgou dia e noite até sair da Cornualha, detendo-se em poucos locais e descansando pouco, seguindo sempre em direção ao Sul, rumo ao litoral. Por fortuna, acabou chegando a um castelo chamado Magouns, que hoje se chama Arundel, localizado em Sussex. O condestável do castelo a acolheu, dizendo-lhe que era muito bem-vinda à sua morada. Anglides foi recebida ali com todas as honras, pois a esposa do condestável era sua prima próxima e este mesmo condestável, que se chamava Bellangere, disse-lhe que aquele castelo lhe pertencia por herança direta. Anglides viveu naquele local por anos e invernos até que Alisander tornou-se um homem grande e forte. Ninguém naquelas terras era mais vigoroso do que ele nem havia quem pudesse superá-lo em qualquer tipo de mestria.



CAPÍTULO XXXIV

Como Anglides deu ao filho Alisander o gibão ensanguentado no dia em que foi sagrado cavaleiro, objeto que ele passou a levar sempre consigo.

Certo dia, o condestável Bellangere procurou Anglides e lhe disse: Senhora, já é hora de meu senhor Alisander se tornar cavaleiro, pois é um mancebo muito forte. Senhor, respondeu a mulher, gostaria que isso acontecesse, mas, nesse momento, terei que lhe dar a maior incumbência que uma mãe pecadora já deu ao próprio filho. Fazei como quiserdes, disse Bellangere. Vou comunicar-lhe que ele será sagrado cavaleiro e seria bom que pudéssemos fazê-lo no dia da Anunciação de Nossa Senhora. Que assim seja, retrucou Anglides. Rogo-vos que prepareis tudo para a ocasião. Então, o condestável foi ao encontro de Alisander e lhe disse que ele seria sagrado cavaleiro no dia da Anunciação de Nossa Senhora. Graças a Deus!, exclamou o jovem. Esta é a melhor notícia que já recebi. Assim, pois, o condestável determinou que vinte filhos dos mais distintos gentis-homens e das melhores linhagens do país fossem sagrados cavaleiros na mesma data. Quando chegou o dia em que Alisander e seus vinte companheiros receberam a ordem da cavalaria, durante o ofertório da missa, Anglides se aproximou do filho e lhe disse: Oh, gentil e doce filho, recebe minha bênção e a alta ordem da cavalaria que te é concedida neste dia, e quero que compreendas bem o que vou te dizer e pedir. Pegou então um gibão e uma camisa ensanguentados, ambas as peças manchadas com sangue já velho. Ao vê-las, o mancebo recuou e empalideceu. Gentil mãe, perguntou ele, o que significa isto? Vou explicar tudo, gentil filho. Estes são o gibão e a camisa que teu pai usava no dia em que foi morto. E lhe contou o ocorrido. Por sua bondade, disse ela, o Rei Marcos o matou com seu punhal diante de meus próprios olhos. Por isto, eis a incumbência que hoje te dou.

CAPÍTULO XXXV

Como o Rei Marcos teve notícias de Sir Alisander, e como esteve a ponto de matar Sir Sadok por ter poupado a vida do rapaz.

Peço-te encarecidamente, com a minha bênção e pela alta ordem da cavalaria, que vingues a morte de teu pai na pessoa do Rei Marcos, disse ela. E caiu desmaiada. Então, Alisander correu em sua direção, tomou-a nos braços e respondeu: Gentil mãe, grande incumbência me haveis dado e aqui mesmo prometo que me vingarei do Rei Marcos assim que puder. E faço tal promessa a Deus e a vós. Terminada a festa, o condestável, seguindo um conselho de Anglides, mandou que fornecessem ao mancebo um bom cavalo e arneses. Em seguida, ele justou com os vinte companheiros que haviam sido sagrados cavaleiros naquele dia e, para abreviar o relato, derrubou todos eles, pois ninguém conseguiu resistir a seus golpes.

Então, um desses cavaleiros partiu para a corte do Rei Marcos e lhe contou tudo: que Alisander havia sido sagrado cavaleiro e a incumbência que a mãe havia lhe dado, como já ouvistes. Ai, falsa traição!, exclamou o monarca. Eu acreditava que esse mancebo traidor havia sido assassinado! Ai, em quem poderei confiar? Sem mais tardar, passou a mão em uma espada e saiu, de aposento em aposento, procurando por Sadok para matá-lo. Quando este o viu se aproximar com a espada em punho, disse-lhe: Cuidado, Rei Marcos! Não vos aproximeis de mim! Bem sabeis que poupei a vida do jovem Alisander, coisa de que não me arrependo, pois matastes seu pai Boudwin de forma covarde e traiçoeira, em paga pelos bons serviços que ele vos havia prestado. Por isto, rogo a Jesus todo-poderoso que envie força e poder a esse mancebo para que ele possa se vingar de vós. E, agora, Rei Marcos, tratai de vos precaver contra o jovem Alisander, pois ele foi sagrado cavaleiro. Ai!, exclamou o soberano. Ter que ouvir um traidor falar assim na minha frente! Nesse instante, quatro dos cavaleiros do rei sacaram das espadas para matar Sir Sadok, mas este logo matou a todos bem diante do Rei Marcos. Feito isto, Sir Sadok foi até seu quarto, pegou seu cavalo e seu arnês e seguiu caminho a toda velocidade, pois nem Sir Tristão, nem Sir Dinas, nem Sir Fergus tinham nada contra ele. Então, o Rei Marcos ficou furioso e resolveu destruir Sir Alisander e também Sir Sadok por tê-lo salvado, pois ele temia e detestava o sobrinho mais do que a qualquer outro homem na face da Terra.

Quando Sir Tristão soube que Alisander era agora cavaleiro, logo lhe enviou uma carta rogando-lhe encarecidamente que fosse à corte do Rei Arthur e se

pusesse sob o comando de Sir Lancelote. A carta foi enviada a Alisander por seu primo, Sir Tristão, e, nessa ocasião, ele julgou dever seguir as recomendações. Então, o Rei Marcos chamou um cavaleiro para que lhe trouxesse notícias de Alisander e ordenou que ele permanecesse em silêncio naquele país. Majestade, disse o cavaleiro, é o que devo fazer, pois não me atrevo a regressar a meu próprio país. Não há com que vos preocupar, respondeu o Rei Marcos. Dar-vos-ei aqui o dobro das terras que tínheis no vosso. Mas, pouco tempo depois, Sir Sadok enfrentou esse falso cavaleiro e o matou. Tomado pela raiva, o monarca enviou mensagens à Rainha Morgana, a Fada, e à rainha de Gales do Norte, pedindo às duas feiticeiras que incendiassem o país inteiro com mulheres encantadoras e apelassem para os cavaleiros que eram perigosos, como Malgrin ou Breuse Saunce Pitié, para que Alisander, o Órfão, não pudesse escapar em hipótese alguma, mas sim que fosse aprisionado ou morto. Essa foi a ordem dada pelo Rei Marcos para destruir Alisander.

CAPÍTULO XXXVI

Como Sir Alisander saiu vencedor de um torneio; sobre a Fada Morgana; como ele enfrentou Sir Malgrin e o matou.

Agora, voltemos ainda uma vez a Sir Alisander, que, ao se despedir da mãe, levou consigo a camisa ensanguentada do pai e jamais a deixou, até o dia de sua morte, como algo que o fazia se lembrar da morte do genitor. Ele estava determinado a ir a Londres procurar Sir Lancelote, seguindo o conselho de Sir Tristão, e, por fortuna, seguiu pelo litoral e tomou um rumo errado. Ali, saiu vencedor de um torneio realizado pelo Rei Carados, derrubando o próprio monarca e vinte de seus cavaleiros, além de Sir Safere, um bom cavaleiro que era irmão de Sir Palamedes, o bom cavaleiro. Tudo isso foi presenciado por uma donzela que logo procurou a Fada Morgana dizendo-lhe que tinha visto justar o melhor cavaleiro de todos os que já conhecera e que, sempre que ele derrubava um adversário, fazia-o jurar que não portaria arneses por 12 meses e um dia. Bem interessante, observou a feiticeira. Gostaria de ver tal cavaleiro. Montou então seu palafrém, cavalgou por muito tempo e, depois, descansou em sua tenda. Nesse momento, chegaram quatro cavaleiros, dois dos quais estavam armados e os dois outros, desarmados. Todos lhe disseram como se chamavam: o primeiro era Elias de Gomeret, o segundo, Cari de Gomeret. Estes eram os que estavam armados. Os outros eram de Camiliard, parentes da Rainha Guinevere. Um deles se chamava Guy e o outro Garaunt, e ambos estavam desarmados. Esses quatro cavaleiros contaram à Fada Morgana que haviam sido derrubados, diante de um castelo, por um cavaleiro mancebo. Pois a donzela de tal castelo disse que ele acabava de receber a ordem. Mas acreditamos que, à exceção de Sir Tristão, de Sir Lancelote ou de Sir Lamorak, o bom cavaleiro, não existe ninguém capaz de atingi-lo com uma lança. Pois bem, disse a Fada Morgana, vou conhecer tal cavaleiro antes que seja tarde demais, se ele vive neste país.

Mas voltemos à donzela do castelo que, depois que Alisander, o Órfão, venceu aqueles quatro cavaleiros, chamou-o para perto de si e lhe perguntou: Senhor cavaleiro, quereis justar por mim e enfrentar um adversário em meu nome? É alguém deste país que há tempos é um vizinho maléfico. Ele se chama Malgrin e não permite que eu me case em hipótese alguma, por mais que eu ou algum cavaleiro em meu nome possamos fazer. Donzela, respondeu Alisander, se ele aparecer enquanto estou aqui, lutarei com ele e arriscarei meu pobre corpo por vós. Sem mais tardar, a jovem mandou que o fossem chamar, pois ele estava

sempre à sua disposição. Quando os dois se viram diante um do outro, prepararam-se para a justa e se enfrentaram com muita gana. Malgrin quebrou sua lança em Alisander, que, por sua vez, lhe desfechou um golpe tão forte que o derrubou da sela. Malgrin, porém, logo se levantou, ergueu o escudo, sacou da espada e mandou que o mancebo se apeasse. Apesar de me terdes vencido a cavalo, vereis como resisto no combate a pé, avisou ele. Pois muito bem, respondeu Alisander, desmontando bem depressa e entregando o cavalo a seu pajem. Atacaram-se, então, como dois javalis, desferindo golpes sobre o elmo e o escudo por cerca de três horas, de tal forma que ninguém poderia dizer qual deles era melhor cavaleiro.

Nesse ínterim, a Fada Morgana se aproximou da donzela do castelo e ambas assistiram juntas à batalha. Mas Malgrin era um cavaleiro mais velho e mais experiente, considerado um dos mais perigosos do mundo nos combates a pé, embora a cavalo houvesse muitos que o sobrepujavam. Além disso, estava fazendo tudo para matar Alisander, ferindo-o tão gravemente que era assombroso ver o mancebo ainda de pé a despeito de todo o sangue que já havia perdido, pois este lutava com fúria, mas não com sensatez. E seu adversário era um criminoso que o acuava e feria cruelmente. Às vezes, os dois investiam um contra o outro usando o escudo, como dois javalis ou carneiros, e acabavam caindo de bruços no chão. Cavaleiro, disse Malgrin, detende vossa mão por um instante e dizei-me quem sois. Não o farei, retrucou Alisander, a não ser que eu assim o deseje. Dizei-me vosso nome e por que estais neste país, ou morrereis por minhas mãos. Sabei que, prosseguiu ele, por amor à donzela deste castelo já matei dez bons cavaleiros por desventura, e, por minha fúria e por meu orgulho, já matei outros dez. Pois que Deus me ajude, falou o jovem. Esta é a confissão mais desonesta que ouvi de um cavaleiro, nem jamais soube que alguém houvesse feito tão vergonhosa confissão. Por este motivo, seria uma lástima e uma vergonha de minha parte deixar que vivais por mais tempo. Assim sendo, defendei-vos da melhor maneira possível, pois, como cavaleiro verdadeiro que sou, ou vós me matareis, ou eu a vós. É o que vos prometo com toda lealdade.

Então, os dois investiram ferozmente um contra o outro e, por fim, Alisander derrubou o adversário por terra. De imediato, arrancou-lhe o elmo e lhe cortou a cabeça. Dando a batalha por encerrada, chamou seu pajem, que lhe trouxe seu cavalo, e, julgando-se ainda com forças suficientes, quis montar, mas não conseguiu. A Fada Morgana o deitou então em uma maca puxada por cavalos e mandou que o levassem para o castelo, já que ele não tinha forças para ficar de pé por causa de 16 ferimentos graves, um dos quais poderia provocar sua morte.



CAPÍTULO XXXVII

Como a Rainha Morgana, a Fada, levou Alisander para seu castelo e curou seus ferimentos.

Depois de examinar suas feridas, a Rainha Morgana, a Fada, lhe passou um unguento que ele achou que fosse morrer. Pela manhã, quando foi vê-lo, ela o ouviu queixar-se e lhe aplicou outros unguentos para que a dor passasse. Chegou então a donzela do castelo e disse à Fada Morgana: Eu vos rogo que me ajudeis para que este cavaleiro se case comigo, pois ele me conquistou com suas mãos. Vereis o que lhe direi, respondeu a rainha. Aproximou-se então de Alisander e lhe pediu que, de uma forma ou de outra, recusasse aquela jovem se ela quisesse se casar com ele. Porque ela não é para vós, acrescentou. Foi a vez de a moça se aproximar para lhe pedir que se casasse com ela. Donzela, disse o órfão, eu vos agradeço, mas não pretendo me casar neste país. Senhor, falou ela então, já que não quereis me desposar, eu vos rogo, uma vez que me haveis conquistado, que me deis um cavaleiro deste país que tem sido meu amigo e me ama há muitos anos. Concederei o que me pedis de todo coração, disse Alisander. Em seguida, mandaram chamar o cavaleiro cujo nome era Gerin Le Grose, e, sem mais tardar, os dois foram prometidos um ao outro e se casaram.

Depois disso, a Rainha Morgana, a Fada, foi procurar Alisander, mandou que ele se levantasse e deitasse em uma liteira puxada a cavalos e lhe deu de beber certo licor que o deixou adormecido por três dias e três noites. Foi assim que ela o levou para seu próprio castelo, que, naquela época, chamava-se La Beale Regard. Lá chegando, ela lhe perguntou se ele queria sarar. Quem desejaria estar enfermo se pudesse se curar?, perguntou o mancebo. Pois, então, disse a Fada Morgana, deveis me prometer, por vossa cavalaria, que durante 12 meses e um dia não ultrapassareis os limites deste castelo e estareis curado. Prometo, disse Sir Alisander. Depois de fazer tal promessa, curou-se em pouco tempo. Vendo-se são, arrependeu-se do que prometera, pois não podia se vingar do Rei Marcos. Algum tempo depois, chegou àquele local uma donzela que era sobrinha do conde de Pase e prima da Fada Morgana. Por direito, este castelo de La Beale Regard deveria lhe pertencer por herança. Quando ela ali chegou, encontrou Alisander deitado em seu leito, muito angustiado e entristecido.

CAPÍTULO XXXVIII

Como Alisander foi libertado da Fada Morgana por intermédio de uma donzela.

Senhor cavaleiro, disse a donzela, se vos alegrásseis, eu poderia vos trazer boas novas. Muito bem me faria poder ouvir boas novas, respondeu Alisander, pois, agora, estou como prisioneiro de minha promessa. Sabei, senhor, prosseguiu a jovem, que estais prisioneiro e a situação é pior do que imaginais, porque minha senhora e prima, a Rainha Morgana, vos mantém aqui com o único intuito de usá-lo para seu prazer quando lhe der vontade. Oh, que Jesus me livre de tal prazer, exclamou Alisander, pois prefiro cortar meus testículos a lhe dar esse prazer. Com o auxílio de Jesus, prosseguiu a donzela, se quiserdes me amar e seguir meus conselhos, eu poderei vos libertar sem que percais vossa honra. Dizei-me como, disse o mancebo, e tereis meu amor. Gentil cavaleiro, principiou a moça, este castelo deveria ser meu por direito. Tenho um tio que é um poderoso conde, o conde de Pase, e não existe ninguém no mundo que ele deteste tanto quanto a Fada Morgana. Vou enviar-lhe uma mensagem pedindo que, por mim, ele destrua este castelo em razão dos maus costumes aqui vigentes e, então, ele virá e ateará fogo a todas as partes desta construção. Eu vos tirarei daqui por uma poterna secreta onde encontrareis vosso cavalo e vosso arnês. Boas falas, donzela, disse Alisander. E, então, ela acrescentou: Podereis permanecer no espaço deste castelo por 12 meses e um dia, e, assim, não quebrareis vossa promessa. Tendes por certo razão, gentil donzela, disse o mancebo. Então, ele a beijou, o que foi muito prazeroso para ambos, prazer que eles repetiram em outros momentos e ocasiões.

Sem mais tardar, a jovem enviou uma mensagem ao tio, pedindo-lhe que viesse destruir aquele castelo, coisa que ele já teria feito se não fosse por ela. Assim que o conde recebeu a carta, respondeu-lhe dizendo que lá estaria em tal dia e destruiria o castelo. No dia determinado, a donzela mostrou a Alisander uma poterna pela qual ele poderia chegar a um jardim onde encontraria sua armadura e seu cavalo. Nesse mesmo dia, o conde de Pase chegou, com quatrocentos cavaleiros, e ateou fogo a todas as partes da construção, de tal forma que antes mesmo de o fogo se extinguir, já não restava ali de pé uma única pedra. E, durante todo o tempo em que o fogo ardeu, Alisander permaneceu no jardim. Quando tudo estava terminado, ele mandou anunciar que protegeria o local onde antes havia o castelo de La Beale Regard contra quaisquer cavaleiros que ali chegassem pelo prazo de 12 meses e um dia.

Acontece que havia um duque chamado Ansirus, que era da mesma linhagem que Sir Lancelote e era um grande peregrino, pois, a cada três anos, ia a Jerusalém. Justamente porque passou a vida toda em peregrinação, era conhecido como duque Ansirus, o Peregrino. Este duque tinha uma filha de nome Alice, uma mulher muito formosa que o pai só chamava de Alice, a Bela Peregrina. Quando ela ouviu tal anúncio, dirigiu-se à corte do Rei Arthur e disse abertamente, diante de muitos cavaleiros: Aquele que puder vencer o cavaleiro que protege aquele terreno terá a mim juntamente com todas as minhas terras.

Ao ouvirem essa declaração, muitos dos cavaleiros da Távola Redonda se alegraram, porque ela era muito formosa e detinha muitos bens. A jovem mandou anunciar sua decisão em diversos castelos e aldeias, exatamente como o fizera Alisander e, em seguida, armou sua tenda no limite das terras que o mancebo protegia. Pouco tempo depois, chegou um cavaleiro chamado Sagramore, o Desejoso, da corte do Rei Arthur, e propôs que ambos justassem. No combate, Sagramore quebrou sua lança no corpo do adversário, mas este lhe aplicou tamanho golpe que ele foi jogado para fora da sela. Quando a Bela Alice o viu justar tão bem, passou a considerá-lo um cavaleiro muito galhardo e logo saiu de sua tenda, segurou a rédea do cavalo do mancebo e lhe disse: Gentil cavaleiro, peço-vos, por vossa cavalaria, que me mostreis vosso rosto. Pois que seja, replicou Alisander. Dizendo isto, retirou o elmo e a jovem pôde ver seu rosto. Oh, doce Jesus, exclamou ela. A vós devo amar e a ninguém mais. Então, mostrai-me vosso rosto, disse ele.

CAPÍTULO XXXIX

Como Alisander conheceu Alice, a Bela Peregrina, e como enfrentou dois cavaleiros; e, depois, sobre ele e Sir Mordred.

A jovem, então, tirou o véu que lhe cobria o rosto e, quando ele a viu, declarou: Aqui encontrei meu amor e minha dama. Na verdade, formosa senhora, acrescentou, prometo ser vosso e de nenhuma outra que vive neste mundo. Agora, gentil cavaleiro, pediu ela, dizei-me vosso nome. Meu nome, respondeu ele, é Alisander, o Órfão. E agora, donzela, dizei-me o vosso. Eu me chamo Alice, a Bela Peregrina. Quando houvermos aquietado mais nosso coração, diremos de que linhagem descendemos. E nasceu um grande amor entre ambos. Enquanto conversavam, chegou um cavaleiro chamado Harsouse Le Berbuse, e pediu parte das lanças de Sir Alisander. Este, então, lutou com ele e, na primeira corrida, derrubou-o pela garupa do cavalo. Em seguida, veio outro cavaleiro, de nome Sir Hewgon, e Sir Alisander o derrubou como fizera com o primeiro. Então, Sir Hewgon propôs que lutassem a pé. Com três estocadas, o mancebo o venceu e o teria matado ali mesmo se ele não se houvesse rendido. Depois disso, Alisander os fez jurar que não portariam armadura por 12 meses e um dia e só então se apeou para ir descansar.

Nesse momento, a donzela que o tinha ajudado a sair do castelo, em hábil manobra, contou a Alice tudo que havia acontecido: que ele estava aprisionado no castelo La Beale Regard e como ela o tinha libertado. Senhor, disse Alice, a Bela Peregrina, creio que estais muito obrigado a esta donzela. É bem verdade, respondeu Sir Alisander. E a jovem lhe disse a que linhagem pertencia. Sabei, senhor, que tenho o sangue do Rei Ban, pai de Sir Lancelote. Pois eu, formosa senhora, segundo me contou minha mãe, sou filho do irmão de um rei e primo em primeiro grau de Sir Tristão.

Nesse ínterim, apareceram três cavaleiros, um dos quais se chamava Vains, o outro, Harvis de les Marches, e o terceiro, Perin de la Montaine. Com uma única lança, Sir Alisander derrubou os três e lhes infligiu tamanha queda que nenhum deles quis prosseguir com a luta a pé. Mais uma vez, fez com que jurassem não portar armas por 12 meses. Depois que tais cavaleiros partiram, Sir Alisander, ainda a cavalo, avistou sua senhora Alice, que estava de pé em sua tenda e, ao vê-la, ficou tão embevecido que nem sabia dizer se estava a cavalo ou desmontado.

Nesse momento, chegou o falso cavaleiro Sir Mordred e, ao ver Alisander tão absorto na contemplação de sua dama, segurou seu cavalo pela rédea e

começou a puxá-lo para um lado e para outro, com o intuito de tirá-lo dos limites do antigo castelo para lhe fazer afronta. Quando a donzela que o ajudou a sair do castelo o viu assim tão vergonhosamente arrastado, logo tratou de se armar, pôr um escudo no ombro, montar em seu cavalo e empunhar uma espada desembainhada. Investiu então contra Alisander com toda sua força, acertando-lhe tamanho golpe que o mancebo julgou que lhe saía fogo pelos olhos. Ao sentir esse golpe, ele olhou ao redor e sacou da espada. Diante do gesto, a jovem fugiu e Sir Mordred fez o mesmo, dirigindo-se para a floresta enquanto ela entrou em sua tenda. Tão logo compreendeu como o falso cavaleiro o teria envergonhado se não fosse pela donzela, ficou furioso consigo mesmo por tê-lo deixado escapar. Mais tarde, porém, Sir Alisander e Alice deram boas risadas com a atitude da donzela que o havia atingido com tanta força no elmo.

Assim justou Sir Alisander dia após dia, e travou várias batalhas a pé com muitos cavaleiros da corte do Rei Arthur e outros tantos estrangeiros. Portanto, contar todos esses combates seria excessivo, já que, a cada dia desses 12 meses, ele enfrentou um ou outro cavaleiro e, por vezes, lutou com três ou quatro. E não houve ninguém que conseguisse vencê-lo. Ao cabo dos 12 meses, Alisander partiu com sua dama, Alice, a Bela Peregrina, que jamais quis se separar dele. Dirigiram-se então a seu país de Benoye e ali viveram com grande alegria.

CAPÍTULO XL

Como Sir Galahalt anunciou a realização de justas em Surluse e que os cavaleiros da Rainha Guinevere deveriam enfrentar todos aqueles que a elas comparecessem.

Mas, como diz o livro, o Rei Marcos não pretendia descansar enquanto não o matasse por traição. Com Alice, Sir Alisander teve um filho que recebeu o nome de Bellengerus le Beuse e, por boa fortuna, chegou à corte do Rei Arthur, onde demonstrou ser excelente cavaleiro. Ali vingou a morte do pai, pois o falso Rei Marcos matou tanto Sir Tristão quanto Alisander de forma traiçoeira e cruel. Acontece que Alisander nunca teve a graça nem a fortuna de chegar à corte do Rei Arthur, pois, se houvesse encontrado Sir Lancelote, todos os cavaleiros que o conheciam teriam dito que ele era um dos homens mais fortes que existiam nos tempos daquele soberano. Todos lamentaram muito a sua morte. Assim, pois, aqui o deixamos para passar a outra narrativa.

Naquela ocasião, Sir Galahalt, o Alto Príncipe, era senhor do país de Surluse, região de onde vinham muitos bons cavaleiros. Este nobre príncipe era excelente homem de armas e tinha sempre consigo uma boa companhia. Ele veio à corte do Rei Arthur e lhe revelou sua intenção: desejava apregoar uma justa no país de Surluse, que ficava nas terras do Rei Arthur, e, portanto, vinha pedir sua permissão para realizar tal torneio. Tendes minha permissão, respondeu o rei, mas sabei que não poderei comparecer. Senhor, disse a Rainha Guinevere, se for de vosso agrado, dai-me licença para estar nessa justa. De muito bom grado, afirmou seu esposo, pois Sir Galahalt, o Alto Príncipe, cuidará de vós. Farei o que desejardes, Majestade, disse Galahalt. Senhor, observou então a rainha, levarei comigo os cavaleiros que mais me agradem. Que assim seja, disse o Rei Arthur. Sem mais tardar, ela mandou que Sir Lancelote se preparasse e reunisse os cavaleiros que julgasse mais convenientes.

Assim, em cada boa cidade e cada bom castelo dessa terra foi anunciado que, no país de Surluse, Sir Galahalt faria realizar uma justa que se estenderia por oito dias, e que o Alto Príncipe, com o auxílio dos cavaleiros da Rainha Guinevere, justaria com todo tipo de homem que acudisse àquele local. Quando tal anúncio foi divulgado, reis e príncipes, duques e condes, barões e nobres cavaleiros se prepararam para participar do torneio e, no dia marcado, Sir Dinadan entrou na liça disfarçado e realizou muitas proezas com as armas.

CAPÍTULO XLI

Como Sir Lancelote combateu nesse torneio e como Sir Palamedes lutou ali por uma donzela.

Por solicitação da Rainha Guinevere e do Rei Bagdemagus, Sir Lancelote entrou na liça, mas usava um disfarce, e foi por esta razão que poucos o reconheceram. Ali, encontrou Sir Hector de Maris, seu próprio irmão, e, no embate, ambos quebraram suas lanças até a altura da empunhadura. Logo trataram de pegar outras lanças e Sir Lancelote derrubou Sir Hector de Maris, seu próprio irmão. Ao ver isso, Sir Bleoberis desfechou tamanho golpe sobre o elmo, de Sir Lancelote que este nem sabia dizer exatamente onde estava. Então, enraivecido, o cavaleiro do Lago atingiu Sir Bleoberis na parte superior do elmo e o fez com tanta força que a cabeça do adversário chegou a se inclinar para trás. Com um segundo golpe, tirou-o da sela. Depois, seguiu adiante e se dirigiu ao local em que havia um maior número de cavaleiros. Quando o rei de Gales do Norte viu Sir Hector e Sir Bleoberis estirados no chão, ficou furioso, pois eles integravam a companhia que ele havia levado para enfrentar a gente de Surluse. Correu então em direção a Sir Lancelote e despedaçou sua lança no corpo do adversário. Assim que Sir Lancelote o alcançou, usou a espada para lhe desferir um golpe tão forte sobre o elmo que o derrubou de sua montaria, mas o rei logo conseguiu voltar a montar. Os homens do Rei Bagdemagus investiram contra os do rei de Gales do Norte e, nesse instante, começou uma batalha acirrada, mas estes últimos eram muito mais fortes.

Quando Sir Lancelote viu que sua companhia estava sendo derrotada, lançou-se à luta de espada em punho e saiu derrubando adversários a torto e a direito, atirando homens por terra e arrancando elmos, o que deixou todos os presentes assombrados ao ver que um cavaleiro sozinho era capaz de semelhantes feitos de armas. Diante das ações de Sir Lancelote, Sir Meliagaunt, filho do Rei Bagdemagus, ficou maravilhado e, quando se deu conta de quem era, percebeu que ele havia se disfarçado por sua causa. Pediu então a um cavaleiro que matasse o cavalo de Sir Lancelote usando espada ou lança. Nesse momento, o Rei Bagdemagus encontrou um bom cavaleiro chamado Sauseise e lhe disse: Gentil Sauseise, enfrentai meu filho Meliagaunt e dai-lhe uma boa lição, pois gostaria de vê-lo vencido por vossas mãos para que ele deixe esta liça. Então, Sir Sauseise foi ao encontro de Sir Meliagaunt e ambos se derrubaram por terra, passando a lutar a pé. Sauseise teria vencido seu adversário ali mesmo se não tivesse havido quem viesse em seu socorro. Quando Sir Galahalt mandou que soassem as trombetas

anunciando o descanso, todos os cavaleiros se desarmaram e dirigiram-se para onde se realizaria um grande banquete.

Nessa ocasião, uma donzela foi procurar o Alto Príncipe para se queixar de um cavaleiro chamado Goneries que se havia apoderado de todas as suas terras. Tal cavaleiro, que estava ali presente, atirou sua luva para qualquer um que quisesse lutar em nome da moça. Pesarosa, esta recolheu a luva, vendo que ninguém se apresentava como seu campeão. Mas um pajem se aproximou e lhe disse: Donzela, quereis seguir meu conselho? Com muito prazer, respondeu ela. Ide procurar um cavaleiro que está aqui perto, em um eremitério, e que persegue a Besta Ladradora. Pedi-lhe para lutar por vós e bem sei que ele atenderá vosso pedido.

A jovem, então, montou seu palafrém e, pouco depois, encontrou tal cavaleiro, que era Sir Palamedes. Assim que ela lhe fez seu pedido, ele se armou e saiu cavalgando com ela. Quando chegaram, mandou que ela procurasse o Alto Príncipe e lhe pedisse licença para que seu cavaleiro desse início ao combate. De bom grado, respondeu Sir Galahalt. Os dois então se prepararam para justar a cavalo. Cada qual empunhou uma lança e o confronto entre eles foi tão impetuoso que suas armas se fizeram em pedaços. Em seguida, sacaram das espadas e Sir Palamedes derrubou Sir Goneries no chão. Sem mais tardar, arrancou-lhe o elmo e lhe decepou a cabeça. Finda a luta, foram cear, e a donzela amou Palamedes como amante, embora o livro diga que ambos pertenciam à mesma linhagem. Então, o sarraceno se disfarçou da seguinte maneira: usando escudo e todos os paramentos com a imagem da Besta Ladradora. Quando ficou pronto, mandou um mensageiro ao Alto Príncipe pedindo-lhe licença para justar com outros cavaleiros, apesar de estar temeroso de Sir Lancelote. Em resposta, Sir Galahalt mandou lhe dizer que ele seria muito bem-vindo e que Sir Lancelote não justaria com ele. Então o Alto Príncipe mandou anunciar que o cavaleiro que derrubasse Sir Palamedes conquistaria sua donzela.

CAPÍTULO XLII

Como Sir Galahalt e Palamedes se enfrentaram, e sobre Sir Dinadan e Sir Galahalt.

Aqui começa o segundo dia do torneio. Assim que Sir Palamedes entrou na liça, Sir Galahalt, o Alto Príncipe, já estava na outra extremidade e correu ao seu encontro, ambos portando grossas lanças. O embate entre os dois foi tão forte que as duas lanças se despedaçaram, mas o golpe de Sir Galahalt foi tão violento que o adversário caiu para trás em cima do cavalo, embora tenha conseguido manter os pés nos estribos. Sacaram então das espadas e atacaram-se mutuamente, infligindo-se cortes bem graves, o que fez com que muitos dignos cavaleiros deixassem de lado suas conversas para observá-los. Por fim, Sir Galahalt, o Alto Príncipe, desferiu um golpe poderoso e grave no alto do elmo de Sir Palamedes. O elmo, porém, era tão duro que a lâmina não o pôde cortar e acabou resvalando, indo decepar a cabeça de seu cavalo. Quando o Alto Príncipe viu o bom cavaleiro cair por terra, sentiu vergonha da violência que havia empregado. Logo tratou de se apear, rogando a seu adversário que aceitasse seu próprio animal como um presente e lhe perdoasse aquela atitude. Senhor, disse Palamedes, agradeço vossa grande bondade, pois um homem de honra jamais recebe desonra de um cavaleiro. Montou então o cavalo que o príncipe lhe dera e este logo conseguiu outra montaria. Agora, declarou o Alto Príncipe, eu vos deixo esta donzela, pois a haveis conquistado. Ah, exclamou o sarraceno, ela e eu estaremos a vosso serviço.

Os dois se foram e Sir Galahalt realizou ali grandes feitos de armas. Pouco mais tarde, chegou Sir Dinadan e enfrentou o anfitrião. Correram pela liça com tamanha velocidade que, com o impacto, suas lanças se quebraram até a empunhadura. Acreditando que o Alto Príncipe estava mais cansado do que ele próprio, Dinadan lhe desferiu muitos graves golpes, mas, ao ver que não conseguia fazê-lo cair, disse: Meu senhor, eu vos rogo que me deixeis e ides enfrentar outro. O Alto Príncipe, que não reconheceu Sir Dinadan, o deixou de bom grado em virtude daquelas belas palavras. Separaram-se, pois, mas, logo em seguida, chegou alguém e lhe disse de quem se tratava. Na verdade, declarou o príncipe, muito lamento tê-lo deixado escapar, pois, assim, não acabei de uma vez por todas com suas brincadeiras e zombarias. Então, correu atrás dele e ordenou: Esperai, Dinadan, em nome do Rei Arthur! Não, retrucou o outro. Que Deus me ajude, mas não voltaremos a nos enfrentar no dia de hoje. Foi nesse estado de fúria que o Alto Príncipe enfrentou Meliagaunt e desferiu tal golpe em sua garganta que, ao cair, ele

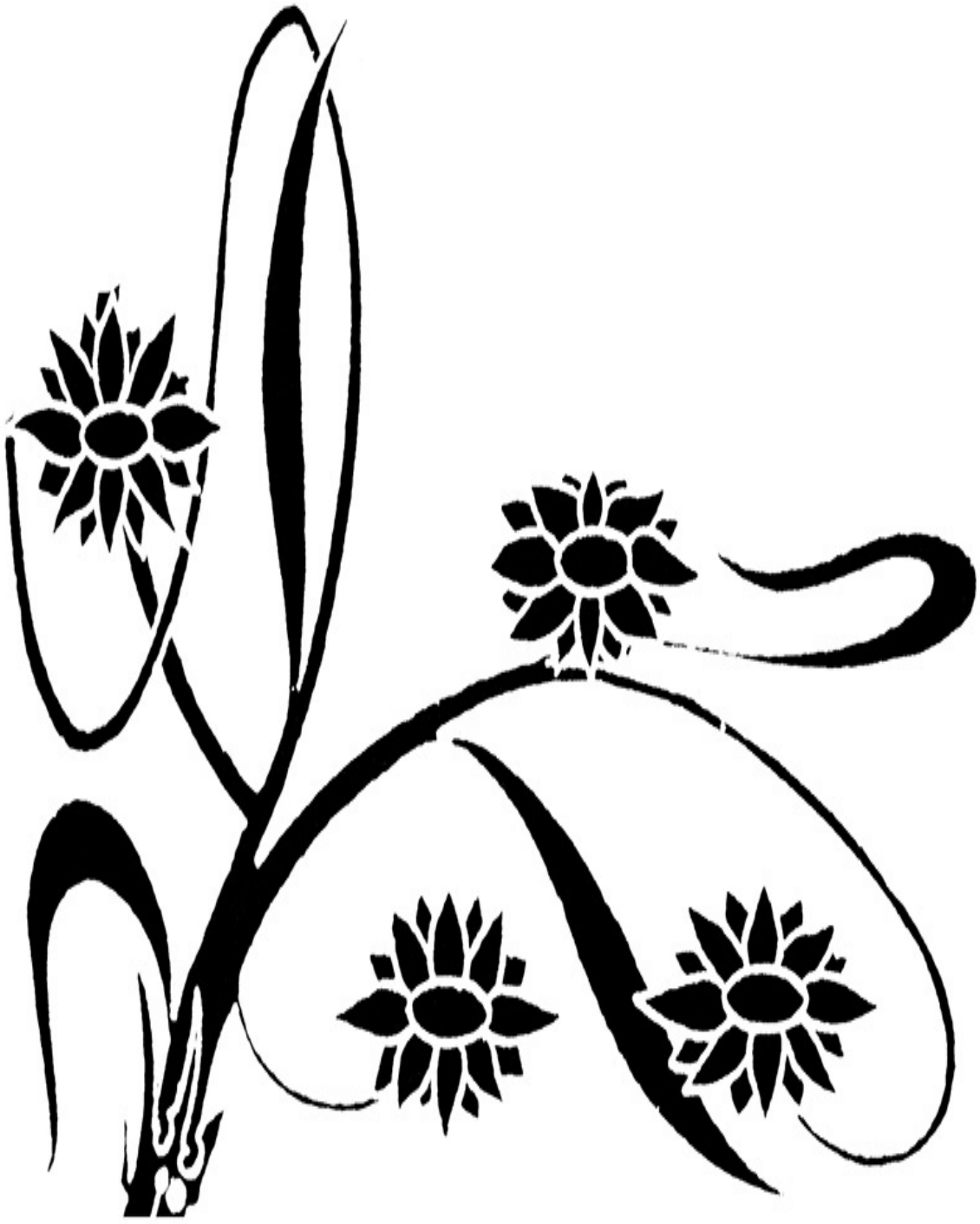
quase quebrou o pescoço. Em seguida, com a mesma lança, derrubou outro cavaleiro. Entraram então na liça os homens de Gales do Norte e muitos estrangeiros e, aparentemente, iam vencer os cavaleiros de Surluse, pois Sir Galahalt, o Alto Príncipe, continuava muito atarefado nos combates. Nesse momento, chegou o bom cavaleiro Semound, o Valoroso, acompanhado de quarenta cavaleiros, e obrigou todos a recuar. Então, a Rainha Guinevere e Sir Lancelote mandaram soar o toque anunciando pousada, os cavaleiros se desarmaram e se vestiram para o banquete.



CAPÍTULO XLIII

Como Sir Archade acusou Sir Palamedes de traição, e como este o matou.

Depois de se ter desarmado, Palamedes pediu pousada para ele e para a donzela, e o Alto Príncipe prontamente providenciou para que isso acontecesse. Mal haviam chegado a seus aposentos, apresentou-se um cavaleiro chamado Archade, que era irmão de Goneries, aquele que Palamedes havia matado mais cedo para decidir a querela da jovem. Esse cavaleiro, Sir Archade, chamou Sir Palamedes de traidor e o acusou pela morte do irmão. Se o Alto Príncipe assim o permitir, retrucou o sarraceno, hei de vos dar minha resposta. Ao tomar conhecimento da querela entre ambos, Sir Galahalt mandou que fossem comer. Assim que tiverdes acabado de jantar, acrescentou ele, tratai de estar os dois preparados lá na liça. Ao fim da refeição, os dois se armaram e pegaram seus cavalos, e a rainha, o príncipe e Sir Lancelote sentaram-se para vê-los justar. Deixaram correr suas montarias e, com a lança, Sir Palamedes derrubou Archade pela garupa do animal. Então, ele se apeou e sacou da espada, mas seu adversário não conseguiu se levantar e, ali mesmo, Sir Palamedes lhe arrancou o elmo e lhe cortou a cabeça. Então, o Alto Príncipe e a Rainha Guinevere foram jantar. E o Rei Bagdemagus afastou seu filho Meliagaunt para que Sir Lancelote não o enfrentasse, já que detestava o cavaleiro do Lago, que, no entanto, não sabia disso.



CAPÍTULO XLIV

Como, no terceiro dia, Sir Palamedes justou com Sir Lamorak, e outros assuntos.

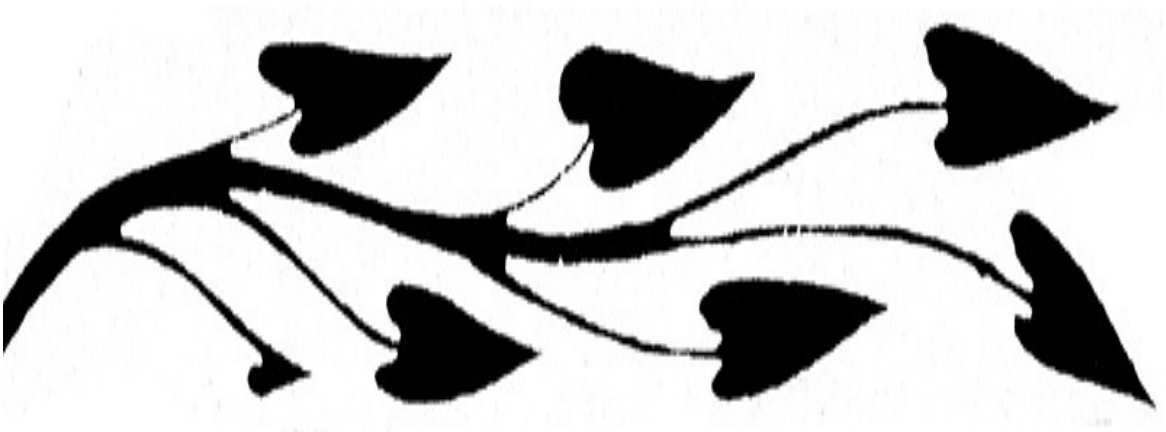
Começa agora o terceiro dia do torneio, e foi então que o Rei Bagdemagus se preparou e enfrentou o Rei Marsil, que havia recebido uma ilha como presente de Sir Galahalt, o Alto Príncipe, ilha esta que se chamava Pomitain. No confronto com lanças, o Rei Marsil recebeu tamanho golpe que caiu pela garupa do cavalo. Nesse momento, entrou na liça um de seus cavaleiros para vingar seu soberano, e o Rei Bagdemagus derrubou por terra tanto o homem quanto o cavalo. Acorreram também um conde chamado Arrouse, Sir Breuse, cem cavaleiros de Pomitain e, junto com eles, o rei de Gales do Norte. Todos investiram contra os homens de Surluse, dando início a uma grande batalha em que muitos cavaleiros foram atirados sob as patas dos animais. O Rei Bagdemagus seguia se saindo melhor, pois fora o primeiro a começar e continuava resistindo. Sir Gaheris, irmão de Gawaine, não cessava de ferir o rosto desse monarca até que, por fim, este o lançou ao chão juntamente com seu cavalo.

Então, por ventura, Sir Palamedes, o bom cavaleiro, enfrentou Sir Blamore de Ganis, irmão de Sir Bleoberis. Ambos se atingiram com grossas lanças de tal forma que homem e montaria caíram por terra. Mas, na queda que levou, Sir Blamore quase partiu o pescoço e sangrava pelo nariz, pela boca e pelos ouvidos. Acabou, porém, se recuperando graças ao trabalho de bons cirurgiões. Veio então o duque Chaleins de Clarance e, sob seu comando, havia também um cavaleiro que se chamava Elis la Noire. Este último enfrentou o Rei Bagdemagus, que o derrubou de sua sela. Já o duque Chaleins de Clarance realizou grandes feitos de armas. Ao entardecer do terceiro dia, ninguém havia se saído excepcionalmente bem, a não ser o Rei Bagdemagus e Sir Palamedes, e o galardão foi concedido ao primeiro deles. Mandaram então soar o toque de pousada e todos se desarmaram para participar do banquete. Logo depois, chegou Sir Dinadan, rindo e zombando do Rei Bagdemagus, e fazendo rir também todos os presentes, pois ele era um trocista engenhoso e queria muito bem a todos os bons cavaleiros.

Ao fim da refeição, apareceu um pajem trazendo quatro lanças nos ombros. Aproximou-se de Palamedes e lhe disse: Perto daqui está um cavaleiro que vos envia estas quatro lanças para que possais escolher e, por vossa dama, pede-vos que pegueis a metade delas e justeis com ele na liça. Diz-lhe que não faltarei, respondeu o sarraceno. Quando tomou conhecimento deste fato, Sir Galahalt

mandou que Palamedes se preparasse. A Rainha Guinevere, o Alto Príncipe e Sir Lancelote instalaram-se no palanque para julgar o desempenho dos cavaleiros. Então, Sir Palamedes e o desconhecido correram ao encontro um do outro com tanta gana que partiram suas lanças até a empunhadura. Pegaram, então, outra lança que também foi despedaçada. Resolveram usar uma mais grossa e, com ela, o cavaleiro derrubou Sir Palamedes e sua montaria por terra. Quando pretendeu passar por cima de seu adversário caído, seu animal tropeçou e caiu sobre Sir Palamedes. Os dois logo sacaram das espadas e atacaram-se mutuamente com fúria e por um bom tempo.

Diante disso, o Alto Príncipe e Sir Lancelote disseram que jamais haviam visto dois cavaleiros lutarem melhor do que eles, mas o desconhecido não parava de redobrar seus golpes, obrigando o sarraceno a recuar. Nesse instante, Sir Galahalt gritou: Parai!, e todos foram para seus aposentos. Depois que os cavaleiros se haviam desarmado, soube-se que se tratava de Sir Lamorak. Sir Lancelote lhe destinou excelente acolhida, pois amava-o mais do que a qualquer outro homem que existisse, à exceção de Sir Tristão. Então, a Rainha Guinevere lhe fez muitos elogios e todos os outros bons cavaleiros muito se alegraram, a não ser os irmãos de Sir Gawaine. E, dirigindo-se a Sir Lancelote, disse: Senhor, peço-vos que, no caso de justardes novamente, não enfrenteis ninguém do sangue de meu senhor Arthur. E ele prometeu que não o faria naquela ocasião.



CAPÍTULO XLV

Sobre o quarto dia, e muitas grandes façanhas com armas.

Aqui começa o quarto dia. Entraram na liça o Rei dos Cem Cavaleiros, todos os homens de Gales do Norte, o duque Chaleins de Clarance, o Rei Marsil, de Pomitain, e também Sir Safere, irmão de Sir Palamedes, que lhe deu notícias de sua mãe. Ele era chamado de o Conde, disse. Eu o acusei perante o Rei Arthur porque estava travando uma guerra contra nossos pais e acabei por matá-lo em luta limpa. Os dois irmãos adentraram a liça, acompanhados pela donzela, e foram enfrentar Sir Bleoberis de Ganis e Sir Hector de Maris. Sir Palamedes lutou contra Sir Bleoberis e ambos foram derrubados. O mesmo aconteceu com Sir Safere e Sir Hector, e os dois pares de adversários prosseguiram lutando a pé. Depois, foi a vez de Sir Lamorak enfrentar o Rei dos Cem Cavaleiros, que foi derrubado pela traseira do cavalo. Igual destino tiveram o Rei Marsil e o rei de Gales do Norte. Antes de achar que já era o bastante, Sir Lamorak ainda derrubou trinta cavaleiros usando a lança e a espada. Quando o duque Chaleins viu Lamorak realizar tantas proezas, decidiu não enfrentá-lo por vergonha, e recomendou a todos os seus cavaleiros, sob pena de morte: Não toqueis nele, nenhum de vós, pois seria uma vergonha para todo bom cavaleiro enfrentar tal adversário.

Então, os dois reis se uniram e avançaram sobre Sir Lamorak, que não os decepcionou, cortando aqui e ali, ferindo a torto e a direito e arrancando muitos elmos, o que levou o Alto Príncipe e a Rainha Guinevere a observarem que jamais haviam visto tais feitos de armas serem realizados a cavalo. Ai, disse Lancelote, dirigindo-se ao Rei Bagdemagus, vou me armar para ajudar Sir Lamorak. E vou junto convosco, respondeu o monarca. Depois de montarem seus cavalos, aproximaram-se de Sir Lamorak, que estava às voltas com trinta cavaleiros; qualquer um que conseguisse atingi-lo com um golpe recebia sempre outro, mais forte ainda. Sir Lancelote se meteu no meio deles e derrubou Sir Mador de la Porte. Com o cabo da lança, lançou por terra inúmeros adversários, e o Rei Bagdemagus feria a torto e a direito maravilhosamente bem. Então, os três reis bateram em retirada. Depois disso, Sir Galahalt mandou que tocassem o sinal de descanso e todos os arautos entregaram o galardão da vitória a Sir Lamorak. Durante todo esse tempo, Sir Palamedes, Sir Bleoberis, Sir Safere e Sir Hector estavam lutando a pé e jamais se viram quatro cavaleiros mais equiparados. Então, todos se dirigiram a seus aposentos, se desarmaram e, em seguida, foram para o grande banquete.

Mas, quando Sir Lamorak entrou no salão, a Rainha Guinevere o tomou nos braços e disse: Senhor, saístes-vos muito bem no dia de hoje. O Alto Príncipe se aproximou e lhe fez grandes demonstrações de alegria, no que foi seguido por Sir Dinadan, que chorava de felicidade. No entanto, a alegria que Sir Lancelote manifestou homem algum poderia descrever em palavras. Mais tarde, todos foram descansar e, pela manhã, Sir Galahalt mandou tocarem a chamada para a liça.

CAPÍTULO XLVI

Sobre o quinto dia, e o desempenho de Sir Lamorak.

Aqui começa o quinto dia. Pela manhã, Sir Palamedes se apresentou, propondo-se a justar no local em que se encontrava o Rei Arthur, um castelo nos arredores de Surluse. E ali enfrentou um valoroso duque, que acabou derrubado pela garupa do cavalo. Esse nobre era tio do soberano, e seu filho, Sir Elis, investiu contra o sarraceno, que o derrubou da mesma forma. Ao ver isso, Sir Uwaine ficou furioso e montou seu cavalo para lutar contra Sir Palamedes. Este, porém, lhe infligiu tamanho golpe que homem e animal caíram por terra. Para encurtar a história, ele derrubou ainda três dos irmãos de Sir Gawaine, a saber: Mordred, Gaheris e Agravaine. Oh, Jesus!, exclamou o Rei Arthur. Que grande desfeita ver um sarraceno derrubar assim os que têm meu sangue. Louco de raiva, pensou em se preparar para o combate, mas, ao ver que Arthur e a gente de seu sangue estavam sendo derrotados, tratou de se preparar e perguntou a Palamedes se ele queria prosseguir justando. Por que não?, indagou este. Então, investiram um contra o outro e quebraram suas lanças em mil pedaços, fazendo com que seus golpes ressoassem por todo o castelo. Empunhando, desta vez, uma lança mais grossa, os dois voltaram a se encontrar com toda força, mas a arma de Sir Palamedes se partiu, ao passo que a de seu adversário resistiu e, com isto, o sarraceno soltou os pés dos estribos e caiu sobre o lombo do cavalo. Voltou-se, então, pegou sua donzela e seguiu caminho juntamente com o irmão, Sir Safere.

Depois que eles tinham partido, o Rei Arthur se aproximou de Sir Lamorak, agradeceu-lhe por sua bondade e lhe rogou que dissesse como se chamava. Majestade, respondeu Lamorak, sabei que vos devo meus serviços, mas, por ora, não gostaria de permanecer aqui, pois vejo muitos inimigos ao meu redor. Que lástima!, disse o monarca. Agora bem sei que sois Sir Lamorak de Gales. Permanecei comigo, Lamorak, e juro por minha coroa que jamais haverei de vos desassistir. Com isso, nem Sir Gawaine nem nenhum de seus irmãos será tão ousado a ponto de vos causar qualquer dano. Majestade, já fizeram isso, tanto comigo quanto convosco. É verdade, respondeu Arthur, pois mataram a própria mãe, minha irmã, o que me causa grande angústia. Muito melhor e mais justo seria que vos houvestes casado com ela, já que sois tão filho de rei quanto eles. Oh, Jesus!, exclamou o nobre cavaleiro, jamais esqueceria sua morte! Eu vos prometo, bem como a Deus, que vingarei esse crime assim que encontrar ocasião propícia. E, se não fosse pela reverência que devo à Vossa Alteza, agora mesmo me vingaria

de Sir Gawaine e de seus irmãos. Na verdade, disse o soberano, pretendo conseguir vossa reconciliação. Majestade, falou Lamorak, por ora, não posso permanecer convosco, pois devo participar da justa onde estão Sir Lancelote e o Alto Príncipe Sir Galahalt.

Havia então uma donzela que era filha do Rei Bandes, e havia um cavaleiro sarraceno, chamado Corsabrin, que amava tal donzela e de forma alguma permitia que ela se casasse, pois não cessava de difamá-la, dizendo que a moça havia perdido o juízo e, com isso, criava empecilhos para que ela pudesse se casar.



CAPÍTULO XLVII

Como Sir Palamedes enfrentou Corsabrin por uma dama e como matou seu adversário.

Por acaso, tal jovem tinha ouvido dizer que Palamedes fazia muito pelas donzelas e lhe enviou seu pendão, rogando-lhe que lutasse com Sir Corsabrin por seu amor e dizendo-lhe que, caso vencesse, teria não só ela própria mas também as terras de seu pai, que deveria herdar. Depois, mandou uma mensagem a Corsabrin, pedindo-lhe que fosse ao encontro de Sir Palamedes, um pagão como ele, e dizendo-lhe que lhe havia enviado seu pendão e, caso ele saísse vencedor, ela o desposaria. Quando Corsabrin recebeu a notícia, ficou furioso e correu até Surluse, onde estava o Alto Príncipe. Lá chegando, encontrou Sir Palamedes já pronto para o combate e portando o pendão da donzela. Em presença de Galahalt, os dois fizeram os acertos para o confronto. Pois bem, disse o Alto Príncipe, ainda hoje deveis justar, nobres cavaleiros, e, depois de comermos, veremos como vos saís.

Soaram então as trombetas para as justas e Dinadan entrou na liça para enfrentar Sir Gerin, um bom cavaleiro. Além de derrubá-lo pela garupa do cavalo, Sir Dinadan derrotou mais quatro cavaleiros e realizou grandes feitos de armas, pois era um bom cavaleiro, apesar de zombeteiro e brincalhão. Na verdade, era o cavaleiro mais alegre de todos os que viviam nessa época, além de amar e ser amado por todos os bons cavaleiros. Quando o Alto Príncipe viu o bom desempenho de Dinadan, enviou uma mensagem a Sir Lancelote pedindo-lhe que o derrubasse. E, depois de derrubá-lo, disse Galahalt, trazei-o diante de mim e da nobre Rainha Guinevere. Então, Sir Lancelote fez o que lhe havia sido pedido. Sir Lamorak e ele derrubaram muitos cavaleiros, arrancaram elmos e derrotaram quem quer que se pusesse à sua frente. Depois de derrubar Sir Dinadan, Sir Lancelote mandou que seus criados o desarmassem e o levassem à presença da rainha e do Alto Príncipe. Os dois riram tanto ao vê-lo que não conseguiam se conter. Pois bem, disse Sir Dinadan, mas não é vergonha alguma ter sido derrubado por esse velho valentão que é Sir Lancelote. Em seguida, foram comer, e toda a corte riu muito com Dinadan.

Terminada a refeição, saíram para ver o confronto entre Sir Palamedes e Corsabrin. O primeiro fincou seu pendão bem na metade da liça e, então, os dois investiram um contra o outro com suas lanças. Tamanho foi o ímpeto desse embate que pareceu até o ruído de um trovão, e ambos caíram por terra. Em seguida, sacaram das espadas, ergueram seus escudos e partiram para o ataque como

cavaleiros empenhados que eram, de tal forma que praticamente não havia peça de arnês que resistisse aos golpes, pois Corsabrin era um cavaleiro muito cruel. Corsabrin, perguntou Palamedes, querem me entregar essa donzela e seu pendão? Ao ouvir isso, ele ficou extremamente irado e desfechou tamanho golpe em seu adversário que este caiu de joelhos no chão. Palamedes, porém, logo se reergueu e revidou com um golpe possante sobre o elmo de Corsabrin, fazendo com que este cavaleiro desabasse por terra. Então, arrancou-lhe o elmo e disse: Rendei-vos ou morrereis por minhas mãos. Maldito sejais!, exclamou o vencido. Fazei o que bem quiserdes. E, assim, Palamedes lhe decepou a cabeça. De imediato, no momento em que sua alma o deixou, seu corpo exalou um terrível fedor que ninguém conseguiu suportar. Levaram então o cadáver e o enterraram em um bosque, porque ele era pagão.

Soou então o toque de pousada e, depois de se desarmar, Palamedes se apresentou diante da Rainha Guinevere, do Alto Príncipe e de Sir Lancelote. Senhor, disse o Alto Príncipe, vistes aqui, no dia de hoje, um grande milagre: o fedor que exalou de Corsabrin quando a alma deixou seu corpo. Por isso, nós vos pedimos que recebais o batismo, e vos prometo que todos os cavaleiros vos darão mais importância e vos atribuirão mais honra. Senhor, respondeu Palamedes, sabei todos que vim a esta terra para ser batizado, coisa que já sou em meu coração, e batizado hei de ser. No entanto, prometi que não receberia o batismo até haver realizado sete efetivas batalhas por Jesus. Só então receberei esse sacramento, e espero que Deus aceite minha intenção, pois ela é verdadeira. Então, Sir Palamedes rogou à Rainha Guinevere e ao Alto Príncipe que ceassem com ele, e a eles se juntaram também Sir Lancelote, Sir Lamorak e muitos outros bons cavaleiros. Pela manhã, assistiram à missa e se dirigiram para as liças onde os cavaleiros se prepararam.

CAPÍTULO XLVIII

Sobre o sexto dia e o que foi feito então.

Aqui começa o sexto dia. Entrou na liça Sir Gaheris, que enfrentou Sir Ossaise de Surluse e o derrubou pela garupa do cavalo. Então, cada facção enfrentou a outra e viram-se muitas lanças partidas e muitos cavaleiros atirados ao chão. Entraram também Sir Dornard e Sir Aglovale, irmãos de Sir Lamorak, para enfrentar dois outros cavaleiros, e o embate entre eles foi tão intenso que os quatro cavaleiros e seus cavalos caíram por terra. Quando Sir Lamorak viu os dois irmãos serem derrubados, ficou extremamente furioso. Passou a mão em uma grossa lança e derrubou quatro bons cavaleiros, partindo sua arma. Sacou então da espada e começou a golpear a torto e a direito, arrancando elmos, derrubando cavaleiros e deixando todos ali maravilhados com as proezas que realizava, pois elas eram tão incríveis que muitos cavaleiros fugiam dele. Irmãos, exclamou ele, deveríeis vos envergonhar de cair assim de vossas montarias! Quando alguém é cavaleiro, a não ser estando a cavalo? Não dou a mínima importância a um cavaleiro que esteja a pé, pois todas as lutas assim travadas não passam de batalhas de salteadores. Nenhum cavaleiro deveria lutar a pé, a não ser à traição ou quando é forçado a fazê-lo. Portanto, irmãos, tratai de vos manter firmes sobre vossas montarias e não luteis mais diante de mim.

Nesse momento, chegou o duque Chaleins de Clarance para enfrentar o conde Ulbawes de Surluse, e ambos foram derrubados. Então, os cavaleiros de ambos os grupos ajudaram seus senhores a montar novamente, pois Sir Hector e Bleoberis protegiam o duque a pé e o Rei dos Cem Cavaleiros fazia o mesmo com o conde de Ulbawes. Então, Gaheris arremeteu contra o Rei dos Cem Cavaleiros, que revidou seu ataque, mas o duque Chaleins acudiu para separá-los.

Soou então o toque anunciado pousada. Os cavaleiros se desarmaram e foram comer. No meio da refeição, chegou Dinadan, que começou a fazer brincadeiras, mas logo percebeu que o Alto Príncipe parecia irritado com alguma falha no serviço, pois ele não gostava de peixe e, como era este o prato que lhe haviam servido, não estava nada satisfeito. Diante disso, Sir Dinadan viu onde havia um peixe com uma cabeça bem grande e, carregando-o entre duas travessas, o pôs diante de seu anfitrião, dizendo: Senhor Galahalt, vós me pareceis um lobo, pois esse animal nunca come peixe, apenas carne. E o Alto Príncipe riu dessas palavras. Bem, bem, prosseguiu Dinadan, dirigindo-se a Lancelote, que raios fazeis neste país? Pois, aqui, não há cavaleiro menor que possa conquistar honra

por vós. Senhor Dinadan, retrucou Lancelote, eu vos garanto que não voltarei a enfrentar nem a vós nem a vossa grossa lança, pois não consigo me manter na sela quando tal lança me atinge. E, se tiver sorte, hei de me proteger desse vosso corpo maciço. Bem, tratai de vos manter sempre alerta. Não permitis que tenhamos outro encontro, a menos que seja por um prato de carnes. Ao ouvir isso, a rainha e o Alto Príncipe riram tanto que mal conseguiram continuar sentados à mesa. E assim todos se divertiram até a manhã seguinte, quando assistiram à missa e se dirigiram para a liça. Ali, a Rainha Guinevere, gente de todos os estados e os juízes se armaram com os escudos para fazer cumprir o protocolo da competição.

CAPÍTULO XLIX

Sobre o sétimo combate, e como Sir Lancelote, disfarçado de donzela, derrubou Sir Dinadan.

Agora começa o sétimo combate. Entrou na liça o duque Cambines para enfrentar Sir Aristance, que era considerado um bom cavaleiro. O encontro dos dois foi tão forte que caíram por terra tanto os homens quanto os cavalos. Veio então o conde Lambaile e ajudou o duque a montar outra vez, mas Sir Ossaise de Surluse entrou para enfrentá-lo e voltou a derrubá-lo. Em seguida, começaram a se realizar grandes proezas com as armas, e houve muitas lanças quebradas e muitos cavaleiros atirados no chão. Depois, o rei de Gales do Norte e o conde Ulbawes trocaram tamanhos golpes que todos os juízes pensaram que a morte seria inevitável. Nesse meio-tempo, a Rainha Guinevere, o Alto Príncipe e Sir Lancelote fizeram com que Sir Dinadan se preparasse para lutar. De bom grado entraria na liça, disse ele, mas, então, um de vós vai querer me enfrentar. Por Deus, exclamou o Alto Príncipe, como podeis ver, estamos sentados como juízes, com nossos escudos, e podereis sempre observar se estamos aqui ou não.

Então, Sir Dinadan se afastou, pegou seu cavalo e lutou contra muitos cavaleiros, saindo-se muito bem. Depois que ele se foi, Sir Lancelote se disfarçou, colocando por cima da armadura um vestido novinho de donzela. Feito isso, pediu que Sir Galihodin o conduzisse pelo campo das competições e todos os homens se espantaram, perguntando-se quem poderia ser aquela jovem. Quando Sir Dinadan apareceu, Sir Lancelote, envergando todos os atavios de donzela, passou a mão na lança de Sir Galihodin e investiu sobre ele. Dinadan olhava incessantemente para o local onde estavam os juízes e via alguém, armado, sentado no lugar ocupado por Sir Lancelote. Mas, mesmo assim, quando viu aquela figura de donzela, temeu que fosse o Cavaleiro do Lago usando algum disfarce. Este, porém, o atacou com tanta rapidez que o derrubou pela garupa do cavalo. Em seguida, com grande zombaria, levaram-no para uma floresta próxima, despiram-no, deixando-o apenas com a camisa, fizeram com que vestisse roupas de mulher e o levaram de volta ao local do torneio. Soou então o som de descanso e todos os cavaleiros foram se desarmar. Nessa ocasião, Dinadan foi conduzido em meio a eles e, quando a Rainha Guinevere o viu assim trajado, caiu na risada, no que foi acompanhada por todos que ali estavam. Sois tão falso, disse Dinadan, dirigindo-se a Lancelote, que jamais consigo me precaver contra vós. Com a concordância de todos, o prêmio do dia foi concedido a Sir Lancelote. Em segundo lugar, ficou Sir Lamorak de

Gales; em terceiro, Sir Palamedes, e em quarto, o Rei Bagdemagus. Assim, pois, estes foram os quatro cavaleiros premiados, e houve grande satisfação e muita pompa em toda a corte.

Pela manhã, a Rainha Guinevere e Sir Lancelote partiram para ir ao encontro do Rei Arthur, mas Sir Lamorak se recusou terminantemente a ir com eles. Eu vos dou minha palavra, disse Sir Lancelote, de que, se quiserdes vir conosco, o Rei Arthur ordenará a Sir Gawaine e a seus irmãos que jamais vos causem dano algum. Não desejo me fiar em Sir Gawaine, retrucou o outro, nem em qualquer um de seus irmãos. Sabei, Sir Lancelote, que, se não fosse por meu soberano, o Rei Arthur, há muito já teria acertado as contas com eles. Quanto a me fiar nesses irmãos, jamais! Portanto, rogo-vos que me recomendeis a meu senhor Arthur e a todos os meus senhores da Távola Redonda. Onde quer que eu vá, hei de lhes prestar todo serviço que estiver em meu poder e, senhor, há pouco pude demonstrar isso, quando a linhagem de meu senhor Arthur estava sendo vencida por Sir Palamedes. Ao dizer isso, ele se foi, e tanto o cavaleiro quanto a rainha lamentaram sua partida.

CAPÍTULO L

Como, por um ato de traição, Sir Tristão foi levado a um torneio para ser morto, e como acabou preso.

Deixemos agora o rei e a rainha, Sir Lancelote e Sir Lamorak, para falar de Sir Tristão, que é o tema principal deste livro. E aqui começa a traição que o Rei Marcos tramou contra ele. Foi anunciada por todo o litoral da Cornualha a realização de um grande torneio de justas, e tudo isso era plano de Sir Galahalt, o Alto Príncipe, e do Rei Bagdemagus, com o intuito de matar Sir Lancelote ou fazer-lhe afronta, destruindo-o por completo. Como ele era sempre o melhor, esse príncipe e esse rei estavam sempre organizando justas para derrotá-lo. O Rei Marcos muito se alegrou quando tomou conhecimento de tal plano e pensou em enviar Sir Tristão para tal torneio, disfarçado de forma a não ser reconhecido e a fazer com que o Alto Príncipe acreditasse que se tratava de Sir Lancelote.

Sir Tristão compareceu a essas justas e, nessa ocasião, Sir Lancelote não estava lá, mas, quando viram um cavaleiro disfarçado realizar tamanhos feitos de armas, todos acreditaram que era Sir Lancelote, coisa que o Rei Marcos fez questão de confirmar. Então, o Rei Bagdemagus, o Alto Príncipe e seus cavaleiros investiram contra ele com tamanho ímpeto que era espantoso vê-lo resistir a tais ataques. E, a despeito de todas as dificuldades encontradas, Sir Tristão conquistou o galardão de tal torneio, deixando para trás muitos cavaleiros feridos, mas também seriamente machucado. Quando as justas chegaram ao fim, todos souberam que aquele era Sir Tristão de Liones, e os homens do Rei Marcos muito se alegraram por vê-lo assim ferido, embora os demais tenham lamentado tal fato, pois Sir Tristão não era tão detestado no reino da Inglaterra quanto Sir Lancelote.

Então, o Rei Marcos foi procurá-lo e lhe disse: Gentil sobrinho, lamento muito que estejas tão ferido. Muito obrigado, meu senhor, respondeu o cavaleiro. Em seguida, num gesto amoroso, mandou que o pusessem em uma liteira puxada por cavalos, dizendo-lhe: Gentil sobrinho, eu mesmo hei de me encarregar de curar-te. Partiu cavalgando a seu lado e o levou até um castelo enquanto ainda era dia. Lá chegando, lhe deu de comer e lhe serviu um licor que o fez pegar no sono imediatamente. Assim que anoiteceu, o monarca ordenou que o transportassem para outro castelo, onde o encerrou em uma prisão e deixou um homem e uma mulher encarregados de lhe darem comida e bebida. E ali ele permaneceu por muito tempo.

Mas deram por sua falta e nenhuma criatura sabia o que havia sido feito dele. Quando a Bela Isolda soube que Tristão estava desaparecido, foi procurar por Sir Sadok em segredo e lhe rogou que procurasse por ele. Este, assim que soube da notícia, conseguiu descobrir que o cavaleiro havia sido encarcerado pelo Rei Marcos e os traidores de Magouns. Então, Sadok e seus primos, devidamente armados, se puseram de emboscada bem perto do castelo de Tintagel. Por acaso, vieram cavalgando por ali o Rei Marcos e quatro de seus sobrinhos, juntamente com alguns dos traidores de Magouns. Tão logo os viu, Sir Sadok saiu de seu esconderijo e os atacou. Ao vê-lo, o monarca fugiu o mais depressa que pôde e, ali mesmo, Sir Sadok matou seus quatro sobrinhos. Os traidores de Magouns, porém, infligiram uma grave ferida no pescoço de um de seus primos, mas Sir Sadok feriu mortalmente um deles. Depois disso, rumou para um castelo chamado Liones, onde ficou sabendo da traição e da crueldade do Rei Marcos. A gente do castelo cavalgou com ele até chegarem a um castelo chamado Arbray e, ali, em um vilarejo, encontraram Sir Dinas, o Senescal, que era um bom cavaleiro. Depois que Sir Sadok lhe contou toda a traição do Rei Marcos, o senescal desafiou o soberano e disse que renunciaria a todas as terras que dele havia recebido, e, quando fez tal declaração, os demais cavaleiros disseram o mesmo. Decidiu, então, ouvindo também o conselho de Sir Sadok, mandar guarnecer todos os vilarejos e castelos do país de Liones e reunir todos os homens que conseguissem.

CAPÍTULO LI

Como o Rei Marcos falsificou cartas do Papa, e como Sir Percival libertou Sir Tristão do cárcere.

Voltemos agora ao Rei Marcos, que, tendo conseguido escapar de Sir Sadok, cavalgou até o castelo de Tintagel. Lá chegando, fez grande alvoroço, gritando para que pegassem seus arneses todos aqueles que pudessem portar armas. Então, foram procurar e encontraram os quatro sobrinhos do monarca que haviam morrido e também o traidor de Magouns. O rei mandou que fossem sepultados em uma capela e mandou anunciar pelo país inteiro que todos os que estivessem de seu lado pegassem as armas, pois julgava que necessariamente haveria guerra. Ao tomar conhecimento do levante provocado por Sir Dinas e Sir Sadok no país de Liones, recorreu ao engano e à traição. Eis o que ele fez: mandou que se escrevessem cartas falsas do Papa e fez com que um clérigo estrangeiro as levasse ao Rei Marcos. Tais cartas diziam que o monarca deveria se preparar, juntamente com seus exércitos, sob pena de maldição, e ir ao encontro do Papa para ajudá-lo a partir para Jerusalém a fim de combater os sarracenos.

Tão logo tal clérigo chegou trazendo a mensagem, o Rei Marcos enviou essas cartas a Sir Tristão, mandando que lhe dissessem o seguinte: se quisesse ir guerrear contra os infiéis, seria libertado da prisão e recuperaria todo seu poder. Depois de ler tais cartas, disse ao clérigo: Ah, Rei Marcos! Sempre fostes traidor e sempre o sereis. Mas, dizei-lhe que, já que o Papa Apóstolo lhe mandou seu pedido de auxílio, que ele vá enfrentar os sarracenos, pois, sendo ele um rei traidor, não quero partir por ordem sua, por mais que isso me permita sair da prisão, pois vejo como estou sendo bem recompensado por meus serviços leais. Então, o clérigo voltou à presença do soberano e lhe transmitiu a resposta de Sir Tristão. Pois bem, disse o rei, de um jeito ou de outro, ele cairá na armadilha. Foi para seus aposentos e escreveu cartas falsas que especificavam que o Papa desejava que Sir Tristão fosse pessoalmente combater os infiéis. Quando o clérigo procurou novamente o cavaleiro, levando tais cartas, Sir Tristão logo reconheceu que se tratava de fingimento do tio. Ah, exclamou ele, sempre fostes falso, Rei Marcos, e sereis assim até o fim. Então, o mensageiro partiu de volta à corte do Rei Marcos.

Nesse momento, chegaram ao castelo de Tintagel quatro cavaleiros feridos, um dos quais tinha o pescoço quase partido pela metade. Outro havia perdido um braço; o terceiro tinha uma lança atravessada no corpo e o quarto tinha os dentes

todos quebrados. Ao se apresentarem perante o monarca, gritaram: Majestade! Por que não fugis? É evidente que todo este país se levantou contra vós! Então, o Rei Marcos ficou extremamente irado.

Nesse ínterim, Sir Percival de Galis havia entrado no país à procura de Sir Tristão e, quando soube que ele estava na prisão, logo tratou de libertá-lo usando seus métodos cavalheirescos. Libertado, o cavaleiro deu grandes demonstrações de contentamento a Sir Percival e a satisfação foi mútua. Se quiserdes permanecer comigo nestas terras, disse-lhe Sir Tristão, cavalgarei convosco. Não, respondeu o outro. Não posso me deter neste país porque preciso ir para Gales. Separaram-se, pois, e Sir Percival cavalgou ao encontro do Rei Marcos para lhe informar que havia libertado Sir Tristão. Disse ainda ao monarca que ele havia feito grande afronta a si mesmo ao aprisionar o sobrinho. Pois, agora, disse ele ainda, Sir Tristão é o cavaleiro mais célebre que vive neste mundo, e sabei que os mais nobres cavaleiros o amam. Além disso, se ele quiser travar uma guerra contra vós, não tereis condições de resistir. Isso é verdade, retrucou o Rei Marcos, mas não posso amar Sir Tristão porque ele ama minha esposa e rainha, a Bela Isolda. Ah, que vergonha!, exclamou Sir Percival. Não volteis jamais a dizer isso. Não sois tio de Sir Tristão e ele não é vosso sobrinho? Não deveríeis pensar que um cavaleiro tão nobre quanto Sir Tristão pudesse cometer tamanha vilania como possuir a mulher do próprio tio. Ele pode, contudo, amar vossa rainha sem que haja pecado nisso, uma vez que ela é considerada a dama mais formosa do mundo.

Depois partiu, e, assim que o cavaleiro se foi, o Rei Marcos pensou em continuar lançando mão da traição. No entanto, prometera a Sir Percival que, fosse por que meio fosse, jamais causaria dano a Sir Tristão. Tratou, pois, de enviar mensagem a Sir Dinas, o Senescal, dizendo-lhe que desmobilizasse todos os que haviam pegado em armas porque jurava que ele próprio iria ao Papa de Roma para guerrear contra os infiéis. E esta guerra é mais justa do que levantar gente contra vosso rei, acrescentou ele. Ao receber a notícia de que o Rei Marcos pretendia ir combater os infiéis, desmobilizou imediatamente todos os homens e, quando estes já haviam voltado para suas casas, o monarca espionou para saber onde estavam Sir Tristão e a Bela Isolda. À traição, mandou prendê-lo e atirá-lo ao cárcere, quebrando a promessa que fizera a Sir Percival.

Quando a Rainha Isolda soube que seu cavaleiro estava preso, lamentou-se como nenhuma dama ou donzela jamais havia feito e, então, Sir Tristão lhe enviou uma carta, rogando-lhe que fosse sua e, se fosse de seu agrado, mandasse aparelhar um navio para ambos partirem rumo ao reino de Logres, que é esta terra. Depois de ler as cartas de Sir Tristão e compreender sua intenção, a Bela Isolda lhe respondeu dizendo que ficasse sossegado, pois ela trataria do navio e de tudo o que fosse necessário.

Em seguida, a Bela Isolda enviou uma mensagem a Sir Dinas e a Sadok, pedindo-lhes que, fosse por que meios fosse, prendessem o Rei Marcos e o mantivessem na prisão até que ela e Sir Tristão houvessem partido para o reino de Logres. Sabendo da traição do soberano, Sir Dinas, o Senescal, prometeu que assim faria e lhe enviou uma mensagem dizendo-lhe que o rei seria encarcerado. E tudo transcorreu como planejado. Depois de libertado da prisão, Sir Tristão não tardou em ir ao encontro da Bela Isolda. Juntos, decidiram quem levariam consigo e então partiram.



CAPÍTULO LII

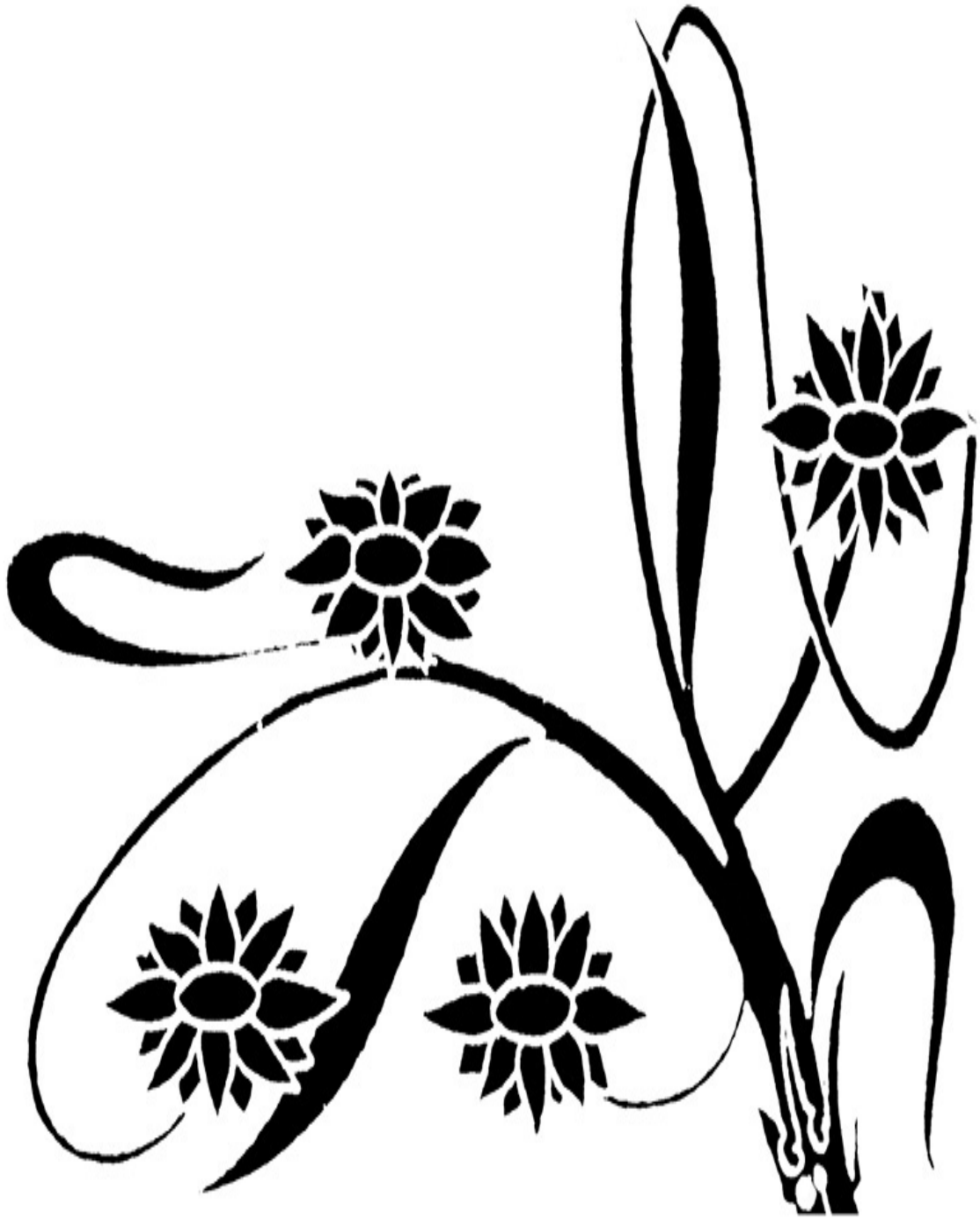
Como Sir Tristão e a Bela Isolda chegaram à Inglaterra, e como Sir Lancelote os levou para o castelo da Guarda Alegre.

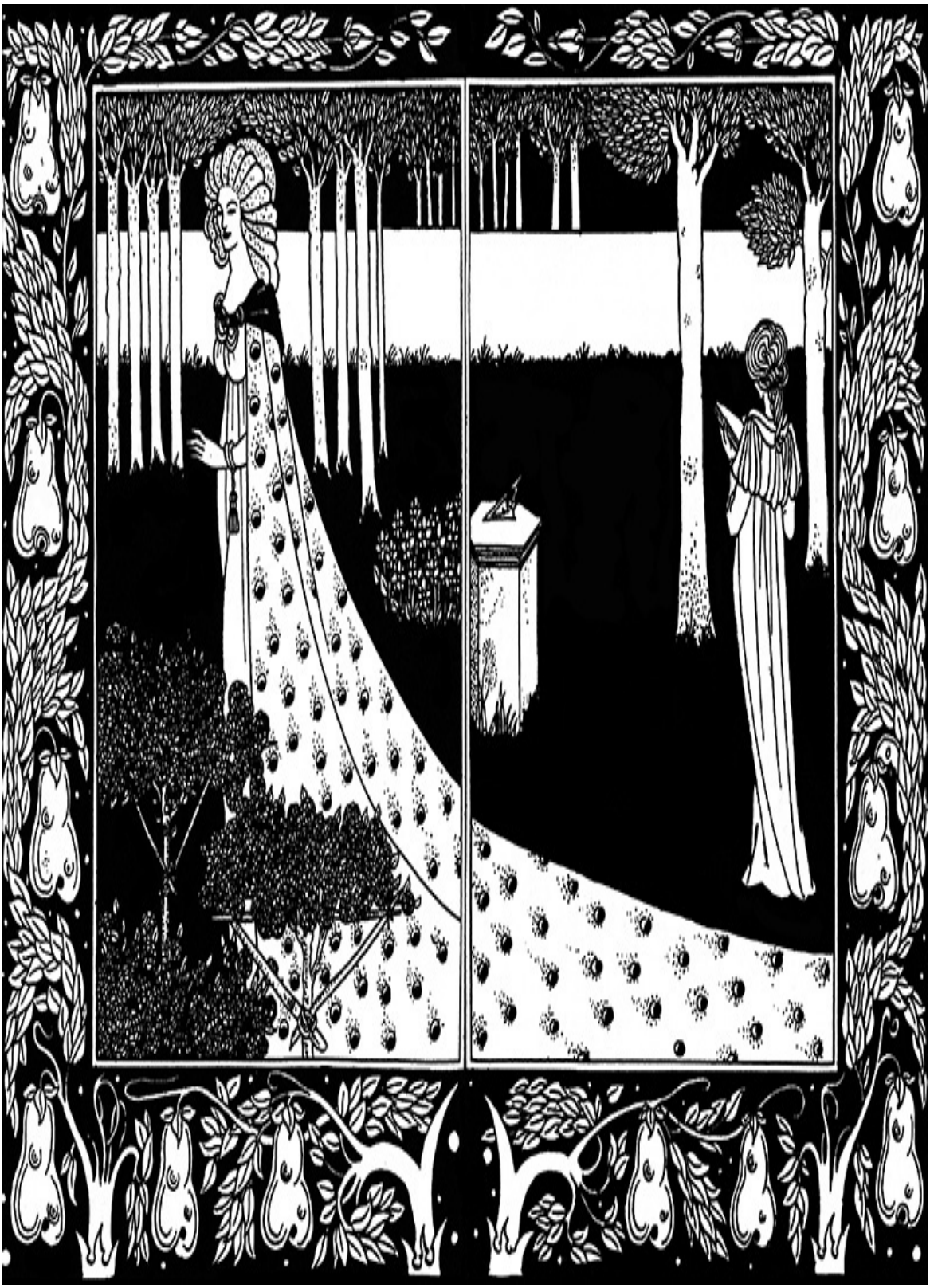
Então a Bela Isolda e Sir Tristão embarcaram em seu navio e, por mar, vieram para esta terra. Não fazia nem quatro dias que aqui estavam quando foram anunciados uma justa e um torneio que o Rei Arthur havia mandado realizar. Ao ouvir falar de tal torneio, tanto Sir Tristão quanto a Bela Isolda se disfarçaram e se dirigiram para o local indicado. Lá chegando, ele viu inúmeros cavaleiros que justavam e torneavam, e se dirigiu para a liça. Para resumir a história, derrotou 14 cavaleiros da Távola Redonda. Quando Sir Lancelote viu tais cavaleiros derrotados, investiu contra Sir Tristão, mas a Bela Isolda percebeu o ataque iminente e enviou um anel ao Cavaleiro do Lago para que ele soubesse quem era aquele cavaleiro disfarçado. Sir Lancelote muito se alegrou ao saber disso e desistiu de justar. Observou que rumo tomava Sir Tristão, foi atrás dele e ambos se encontraram com grandes efusões de alegria. Depois, levou Sir Tristão e a Bela Isolda para a Guarda Alegre, que era seu castelo, conquistado com suas próprias mãos. Instalou-os ali para que o ocupassem como se estivessem em casa e deveis saber que tal castelo estava equipado e preparado para que um rei e uma rainha de verdade ali habitassem. Além disso, recomendou a toda sua gente que os honrassem e amassem como fariam com ele mesmo.

Então, Sir Lancelote partiu para a corte do Rei Arthur e contou à Rainha Guinevere que aquele que tão bem havia lutado no último torneio era Sir Tristão. Contou-lhe também que, a despeito do Rei Marcos, a Bela Isolda estava ali com ele. A rainha informou tudo isso a seu esposo e, ao saber que Sir Tristão havia escapado e vindo para seu reino trazendo consigo a Bela Isolda, o monarca se alegrou muitíssimo. Em sua honra, mandou que se anunciasse que, no primeiro dia de maio, haveria uma justa diante do castelo de Lozanep, que ficava bem perto da Guarda Alegre. Tais foram as determinações reais: todos os cavaleiros desta terra, da Cornualha e de Gales do Norte deveriam justar contra os países de Irlanda, Escócia, as demais regiões de Gales, Surluse, país de Gore, Listinoise e Northumberland, bem como todos que possuíssem terras de Arthur desse lado do mar. Diante do anúncio, muitos cavaleiros ficaram satisfeitos e muitos, descontentes. Majestade, disse Lancelote ao monarca, por este anúncio que fizestes poreis todos nós que estamos convosco em grande risco, pois existem muitos cavaleiros que têm grande inveja de nós e, por isso, quando nos enfrentarmos no

dia da justa, haverá combates acirrados. Isso não me preocupa absolutamente, respondeu Arthur. Haveremos de provar quem é melhor com as mãos. Ao saber que o Rei Arthur realizaria tal competição, Sir Lancelote tomou todas as providências para que a Bela Isolda pudesse assistir a tudo de um lugar secreto que fosse condizente com sua situação.

Voltemos agora a Sir Tristão e à Bela Isolda. Diariamente, os dois usufruíam juntos de todas as formas de alegria que pudessem imaginar. Sir Tristão saía sempre para caçadas, pois, naquela época, era considerado o melhor caçador do mundo e o mais distinto tocador de trompa sob todos os aspectos. Como testemunha o livro, de Sir Tristão provêm todos os bons termos relativos a caçadas, todas as formas e medidas para se tanger uma trompa, a determinação de quais eram os animais de caça e quais os de rastreamento, além da identificação dos animais daninhos e de todos os sons correspondentes a cada forma de caçada. Primeiramente, para a soltura dos cães, depois para a procura, para a chamada, para a perseguição, para a morte, para acudir e muitos outros termos e toques. Portanto, todos os gentis-homens têm motivos, até o fim do mundo, para louvar Sir Tristão e rezar por sua alma.





A Bela Isolda no castelo da Guarda Alegre.

CAPÍTULO LIII

Como, seguindo o conselho da Bela Isolda, Sir Tristão cavalgava armado, e como encontrou Sir Palamedes.

Um dia, a Bela Isolda disse a Sir Tristão: Muito me espanta que não vos lembreis de que estais em um país estrangeiro, onde há muitos cavaleiros perigosos. E bem sabeis que o Rei Marcos é extremamente traiçoeiro. Se andais por aí assim, caçando desarmado, podeis ser morto. Minha gentil senhora e meu amor, respondeu ele, suplico vosso perdão. Não voltarei a fazer isso. Passou então a sair todos os dias de armadura enquanto seus homens carregavam seu escudo e sua lança. Certa vez, pouco antes do mês de maio, Sir Tristão estava perseguindo ansiosamente um cervo e o animal passou junto de uma formosa fonte. O cavaleiro se apeou e retirou o elmo para beber daquela água gorgolejante, mas, nesse momento, ouviu e viu a Besta Ladradora que se aproximava. Assim que a viu, pôs novamente o elmo, pois achou que encontraria Sir Palamedes, já que aquele era o animal de sua demanda. Não tardou a ver um cavaleiro armado, montado em nobre corcel. Saudou-o e trocaram algumas palavras. Tal cavaleiro chamava-se Breuse Saunce Pitié. Pouco depois, Sir Palamedes se aproximou e todos se saudaram e conversaram com toda cortesia.

Gentis cavaleiros, disse Sir Palamedes, posso vos contar algumas novas. Que novas?, indagaram os outros dois. Sabei que o Rei Marcos foi aprisionado por seus próprios cavaleiros, respondeu o sarraceno, e tudo isso por amor a Sir Tristão, pois aquele monarca encarcerou o sobrinho duas vezes seguidas. Na primeira delas, o nobre cavaleiro Sir Tristão foi libertado por Sir Percival; na segunda, foi libertado pela Bela Isolda, que veio com ele para este reino. Durante todo este tempo, o Rei Marcos, aquele falso traidor, está na prisão. E, se isso for verdade, acrescentou Sir Palamedes, logo teremos notícias de Sir Tristão. Quanto à Bela Isolda, que amo como amante, atrevo-me a dizer que esta é uma boa notícia, pois ela pode contar com meus serviços acima de qualquer outra dama e os terá até o fim de meus dias.

Enquanto conversavam, viram chegar um cavaleiro inteiramente armado, montado em um grande cavalo. Um de seus homens trazia seu escudo e o outro, suas lanças. Tão logo o recém-chegado os viu, ergueu o escudo, enristou a lança e avançou para justar. Gentis companheiros, disse Sir Tristão, este cavaleiro quer justar conosco. Vejamos quem de nós o enfrentará, pois bem vejo que não se trata de alguém da corte do Rei Arthur. Ele não tardará a encontrar adversário, falou Sir

Palamedes, pois, durante minha busca pela Besta Gemedora, jamais encontrei nenhum cavaleiro desejoso de justar que fosse por mim recusado. Eu poderia seguir esta besta tão bem quanto vós, disse Breuse Saunce Pitié. Então, devereis lutar comigo, retrucou o sarraceno.

Ao dizer isso, Sir Palamedes investiu sobre o recém-chegado, Sir Bleoberis, que era um cavaleiro muito valoroso e parente próximo de Sir Lancelote. O encontro entre os dois foi tão forte que Sir Palamedes caiu por terra, juntamente com sua montaria. Então, Sir Bleoberis elevou a voz e disse: Preparai-vos, Breuse Saunce Pitié, cavaleiro falso e traidor, pois podeis ter certeza de que hei de vos enfrentar com todo ímpeto em nome dos nobres cavaleiros e damas que traístes com vossa falsidade. Quando tal cavaleiro falso e traidor, Breuse Saunce Pitié, o ouviu pronunciar essas palavras, pegou seu cavalo pela rédea e tratou de fugir o mais depressa que o animal conseguia correr, pois temia muito aquele adversário. Ao vê-lo fugir, Sir Bleoberis saiu em seu encalço com a maior pressa possível. Por acaso, durante sua fuga, Sir Breuse viu à sua frente três cavaleiros da Távola Redonda, um dos quais se chamava Sir Hector de Maris, o outro, Sir Percival de Galis, e o terceiro, Sir Harry le Fise Lake, um bom e ousado cavaleiro. Nessa época de sua vida, Sir Percival era considerado um dos melhores e mais seguros cavaleiros do mundo. Assim que os viu, Sir Breuse se dirigiu a eles e os chamou, rogando-lhes que o socorressem. De que precisais?, perguntou Sir Hector. Ah, gentis cavaleiros, respondeu Sir Breuse, estou sendo seguido pelo cavaleiro mais traidor, mais covarde e mais infame. Ele se chama Breuse Saunce Pitié e, se me alcançar, haverá de me matar sem dó nem piedade. Estais conosco, garantiu Sir Percival, e seremos vossos defensores.

Quando Sir Bleoberis viu que eram quatro cavaleiros e não apenas um, deteve-se, hesitando entre voltar ou seguir adiante. Então, disse consigo mesmo: Sou cavaleiro da Távola Redonda e, aconteça o que acontecer, mais vale seguir adiante do que afrontar meu juramento e meu sangue. De imediato, Sir Hector enristou a lança e os dois se chocaram com muita força, mas Sir Hector caiu no chão. Ao ver isso, Sir Percival esporeou seu cavalo, fazendo-o correr o máximo que conseguia, mas recebeu tamanho golpe que homem e montaria caíram por terra. Ao ver que ambos estavam no chão, Sir Harry disse consigo mesmo: Breuse nunca demonstrou tamanha proeza. E investiu contra ele. O embate foi tão forte que os dois caíram por terra, juntamente com seus cavalos, mas o animal de Sir Bleoberis começou a se recuperar. Sir Breuse aproximou-se então, com toda crueldade, e o feriu repetidas vezes para matá-lo enquanto ele estava deitado. Mais que depressa, Sir Harry le Fise Lake se levantou, segurou o cavalo de Sir Breuse pela rédea e exclamou: Maldito sejais! Jamais deveis ferir um cavaleiro caído, pois não haverá qualquer vergonha para ele por seus feitos, uma vez que, estando estendido no chão, pode ter tido um desempenho honroso e vencido muitos

bons cavaleiros. Portanto, não quero permitir que isso aconteça, retrucou Sir Breuse. Nesse momento, disse Sir Harry, não tereis escolha. Vendo que não teria outra opção nem fazer o que pretendia, Sir Breuse lançou mão de belas palavras e, então, Sir Harry o soltou. Assim que se viu solto, fez com que seu cavalo atropelasse Sir Bleoberis e o atirou no chão como se fosse matá-lo. Diante de atitude tão infame, Sir Harry gritou: Tende vergonha e parai, cavaleiro traidor! Em seguida, tentou montar seu cavalo para enfrentar Sir Breuse. Este, porém, o atacou enquanto ele ainda estava subindo no animal e derrubou a ambos, quase matando Sir Harry, o bom cavaleiro. Sir Percival viu o que acontecia e gritou: O que estais fazendo, cavaleiro traidor? Como Sir Percival voltou a montar, Sir Breuse esporeou seu cavalo e fugiu o mais depressa que pôde, com Sir Percival e Sir Hector seguindo a toda em seu encalço.

No entanto, quanto mais avançavam, mais distantes dele iam ficando, e resolveram então voltar para onde Sir Hector de Maris e Sir Bleoberis haviam ficado. Ah, gentis cavaleiros! Por que haveis socorrido esse cavaleiro falso e traidor? Mas quem é ele?, perguntou Sir Harry. Porque bem sei que se trata de um falso cavaleiro, covarde e desleal. Senhor, respondeu Bleoberis, trata-se do cavaleiro mais covarde, devorador de damas e destruidor de bons cavaleiros, especialmente dos de Arthur. Como vos chamais?, indagou Sir Hector. Meu nome é Sir Bleoberis de Ganis. Ai, gentil primo!, exclamou Sir Hector. Perdoai-me, pois sou Sir Hector de Maris. Então, Sir Percival e Sir Harry muito se alegraram por este encontro com Bleoberis, mas todos lamentaram que Sir Breuse lhes houvesse escapado, coisa que os deixou bem acabrunhados.

CAPÍTULO LIV

Sobre Sir Palamedes e como ele enfrentou Sir Bleoberis e Sir Hector; e sobre Sir Percival.

Enquanto estavam nesse local, chegou Sir Palamedes, que, ao ver o escudo de Sir Bleoberis ali no chão, disse: Que se prepare para me enfrentar o dono deste escudo, pois ele me derrubou perto daqui, junto a uma fonte, e, portanto, quero lutar com ele a pé. Estou pronto para vos responder, disse Bleoberis. Sabei, senhor cavaleiro, que o dono deste escudo sou eu e meu nome é Sir Bleoberis de Ganis. Em boa hora vos encontro, exclamou Palamedes. E sabei que meu nome é Palamedes, o Sarraceno. E ambos se odiavam mortalmente. Sir Palamedes, interveio Hector, eu vos digo que nem vós nem qualquer outro cavaleiro vivo matará alguém de nosso sangue, caso contrário, morrerá por este motivo. Assim pois, se tendes tanto desejo de lutar, ide em busca de Sir Lancelote ou Sir Tristão, e aí encontrareis rivais à vossa altura. Já os enfrentei a ambos, retrucou o sarraceno, embora jamais tenha obtido glória alguma em tais combates. Nunca houve nenhum cavaleiro, a não ser eles dois, que rivalizasse convosco?, perguntou Sir Hector. Sim, respondeu o outro. Há um terceiro que é tão bom cavaleiro quanto qualquer um deles, e, entre os de sua idade, é o melhor que já enfrentei. Se houvesse vivido até chegar a ser um homem mais forte, atualmente não existiria cavaleiro como ele. Seu nome era Sir Lamorak de Gales. Ao justar em um torneio, derrubou a mim e a outros trinta cavaleiros, ganhando o galardão, mas, quando partiu, encontrou com Sir Gawaine e seus irmãos, que, depois de muito esforço, acabaram por matá-lo de forma infame, para a infelicidade de todos os bons cavaleiros. Assim que Sir Percival ouviu dizer que seu irmão, Sir Lamorak, tinha morrido, caiu desmaiado sobre a crina de seu cavalo e lamentou-se como jamais fizera nenhum outro cavaleiro. Ao se reerguer, exclamou: Ai, meu bom e nobre irmão, Sir Lamorak! Não voltaremos mais a nos ver e creio que, em todo este vasto mundo, ninguém pode encontrar cavaleiro como ele em sua idade. Já não bastava sofrer com a morte de nosso pai, o Rei Pellinore, agora temos que chorar a de nosso bom irmão Lamorak?

Nesse meio-tempo, chegou um pajem da corte do Rei Arthur anunciando a realização de um grande torneio em Lonazep e que estas terras, a Cornualha e Gales do Norte enfrentariam todos que a ele quisessem comparecer.

CAPÍTULO LV

Como Sir Tristão encontrou Sir Dinadan, sobre os estratagemas que usou, e o que ele disse aos irmãos de Sir Gawaine.

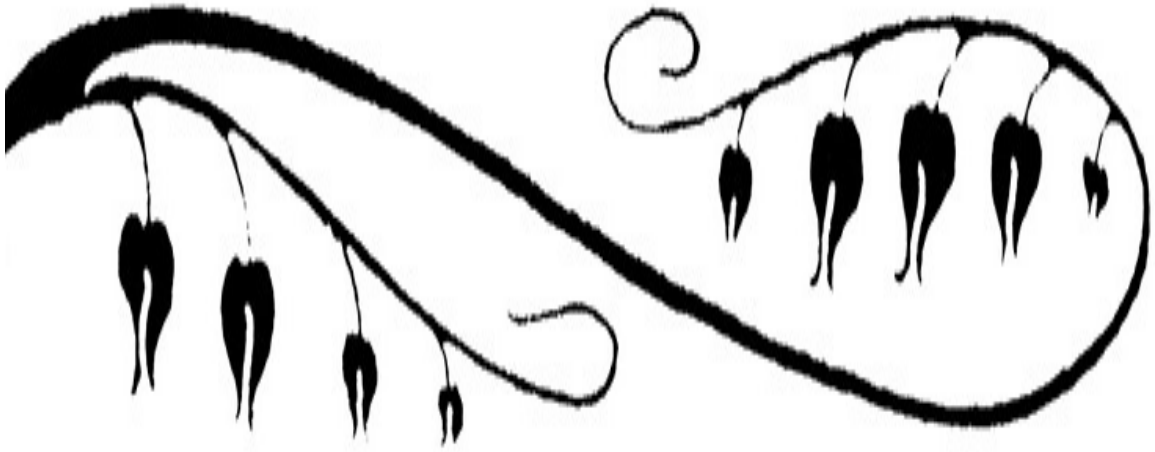
Voltemos agora a Sir Tristão, que, enquanto caçava, encontrou Sir Dinadan, que tinha vindo a essas terras para buscá-lo. Então, o recém-chegado disse como se chamava, mas Sir Tristão não quis lhe dizer seu nome, o que o deixou enfurecido. Pois vi ainda há pouco um cavaleiro tão tolo quanto vós deitado junto a uma fonte, parecendo até dormir. Sorria feito um idiota, não queria falar e tinha o escudo e o cavalo a seu lado. Bem sei que estava enamorado. Ah, gentil senhor, respondeu Sir Tristão, não estais enamorado? Para casar-me? Não!, respondeu o outro. Maldito seja esse negócio! Não são sensatas vossas palavras, observou Sir Tristão, pois nenhum cavaleiro pode ser valoroso se não estiver apaixonado. Tendes razão, falou Sir Dinadan. Agora, dizei-me como vos chamais, já que estais apaixonado, senão hei de vos enfrentar. Não saber meu nome não é motivo para uma luta, disse Sir Tristão, e, quanto a isso, por ora não sabereis como me chamo. Maldito sejais, covarde!, exclamou Dinadan.

Enquanto travavam tal conversa, viram um cavaleiro que vinha em sua direção. Assim que o viu, Sir Dinadan disse: Este é o cavaleiro enamorado que vi perto da fonte e que não estava nem dormindo, nem acordado. Sei perfeitamente quem é esse cavaleiro com o escudo azul, disse Sir Tristão. É o filho do rei de Northumberland e chama-se Epinegris. Trata-se do homem mais apaixonado que conheço, pois ama a filha do rei de Gales, uma dama muito formosa. Como suponho, se o desafiardes, ele lutará convosco e, então, veremos quem é melhor cavaleiro, um apaixonado ou vós, que não quereis amar dama alguma. Pois bem, retrucou Dinadan, vereis o que vou fazer. Sem mais tardar, ergueu a voz e disse: Senhor cavaleiro, preparai-vos para justar comigo, pois é costume os cavaleiros andantes se enfrentarem. Senhor, perguntou Epinegris, é regra entre vossos cavaleiros andantes obrigar alguém a lutar, queira ele ou não? Quanto a isso, esta é minha regra e, portanto, preparai-vos. Ambos esporearam então suas montarias e investiram um contra o outro com tamanha força que o jovem príncipe derrubou seu adversário. Diante disso, Sir Tristão se aproximou de Sir Dinadan e disse: E agora, o que me dizeis? Parece-me que o enamorado se saiu muito bem. Maldito sejais, covarde!, exclamou Dinadan. Se fôsseis bom cavaleiro, trataríeis de me vingar. Não, retrucou Sir Tristão. Não pretendo justar nesta ocasião. É melhor pegardes vosso cavalo para irmos embora daqui. Deus me livre de vossa

companhia!, exclamou Sir Dinadan, pois não consegui me sair bem desde que vos encontrei. E os dois se despediram. Talvez eu possa lhe dar notícias de Sir Tristão, disse este antes de partir. Deus me livre de vossa companhia, repetiu Sir Dinadan, pois muito pior estaria Sir Tristão se estivesse convosco. E, então, cada qual se virou para tomar um caminho. Senhor, disse ainda Sir Tristão, pode acontecer que eu vos enfrente em outros lugares.

Seguiu então para a Guarda Alegre e, no vilarejo, ouviu vozes e grande alarido. Que barulho é este?, perguntou Sir Tristão. Senhor, foi a resposta que lhe deram, um cavaleiro deste castelo, que viveu muito tempo entre nós, acaba de ser morto por dois cavaleiros simplesmente por ter dito que Sir Lancelote era melhor do que Sir Gawaine. E isso é motivo?, questionou Sir Tristão. Matar um bom cavaleiro por falar bem de seu senhor? Isso não nos ajuda em nada, retrucaram os homens do vilarejo. Se Sir Lancelote estivesse aqui, já teríamos sido vingados desses falsos cavaleiros!

Ao ouvir essas palavras, Sir Tristão mandou buscarem seu escudo e sua lança. Não tardou a alcançar tais cavaleiros e lhes pediu que voltassem para reparar a injúria cometida. Que reparação desejais?, perguntou um deles. Nesse momento, ambos tomaram distância, puseram-se a correr e se encontraram com tanta força que Sir Tristão derrubou seu adversário pela traseira do cavalo. Então, outro deles investiu contra Sir Tristão, mas teve a mesma sorte que o primeiro. Logo trataram de se desvencilhar de suas montarias, ergueram seus escudos e empunharam as espadas para se enfrentarem com toda fúria. Cavaleiros, disse Sir Tristão, deveis dizer-me de onde sois e como vos chamais, porque podeis ser daqueles que não escapariam de minhas mãos. No entanto, dependendo do país de onde vindes, poderíeis seguir vosso caminho apesar dos atos cruéis que haveis cometido. Sabei, senhor cavaleiro, retrucou um deles, que não tememos declinar nossos nomes. Eu me chamo Sir Agravaine. E eu, disse o outro, Gaheris. Somos irmãos do bom cavaleiro Sir Gawaine e sobrinhos do Rei Arthur. Pois pelo Rei Arthur, declarou Sir Tristão, permitirei que partais nesta ocasião. Mas é vergonhoso que Sir Gawaine e vós, os quatro irmãos descendentes de tão nobre sangue, sejais considerados os maiores destruidores e matadores de bons cavaleiros que existem atualmente neste reino. Pois, pelo que soube, haveis matado um cavaleiro que era melhor do que jamais o fostes: o nobre Sir Lamorak de Gales. Quisera Deus eu estivesse estado ao lado de Sir Lamorak no momento de sua morte. Se assim fosse, disse Sir Gaheris, teríeis tomado o mesmo rumo. Gentil cavaleiro, retrucou Sir Tristão, para tanto, precisaríeis ser em número muito maior do que efetivamente sois. Ao dizer isso, afastou-se e voltou para a Guarda Alegre. Haveremos de alcançá-lo e nos vigar dele por defender Sir Lamorak.



CAPÍTULO LVI

Como Sir Tristão derrubou Sir Agravaine e Sir Gaheris, e como Sir Dinadan foi mandado chamar pela Bela Isolda.

Quando conseguiram alcançá-lo, Sir Agravaine gritou: Voltai, cavaleiro traidor! O que dissestes?, exclamou Sir Tristão, sacando da espada e desferindo um golpe tão forte no alto de seu elmo que Agravaine caiu do cavalo, desmaiado e com um ferimento grave. Voltou-se então para Sir Gaheris e lhe acertou a um só tempo a espada e o elmo com tanta força que o cavaleiro caiu de sua sela. Em seguida, Sir Tristão se dirigiu para a Guarda Alegre, onde se apeou e se desarmou. Contou então à Bela Isolda toda a aventura que acabastes de ouvir. Quando ele mencionou o nome de Sir Dinadan, ela perguntou: Senhor, não foi este cavaleiro que compôs aquela canção para o Rei Marcos? Exatamente, confirmou Sir Tristão, pois é o maior zombeteiro e folgazão que existe, além de nobre cavaleiro e o melhor companheiro que conheço. Todos os bons cavaleiros amam sua companhia. Ai, senhor, por que não o trouxestes convosco? Não vos inquieteis, respondeu ele, pois ele veio até aqui para procurar por mim e, portanto, não deixará este país até me encontrar. E contou ainda à Bela Isolda como Sir Dinadan se manifestava contra todos aqueles que estavam apaixonados. Nesse momento, entrou um pajem, dizendo a Sir Tristão que um cavaleiro andante portando um escudo com tais e tais cores havia chegado ao vilarejo. É Sir Dinadan, disse ele. Eis o que fareis: mandareis chamá-lo, minha senhora Isolda, e permanecerei escondido. Tereis a oportunidade de ouvir o cavaleiro mais alegre que já conhecestes e o mais enlouquecido tagarela. Rogo-vos vivamente que lhe deis uma boa acolhida.

Sem mais tardar, a Bela Isolda enviou ao vilarejo uma mensagem convidando Sir Dinadan a ir até o castelo para descansar em companhia de uma dama. De bom grado, aceito, disse o cavaleiro. Montou e rumou para o castelo. Lá chegando, apeou-se, foi desarmado e conduzido ao interior da construção. A Bela Isolda logo apareceu, saudou-o e lhe perguntou de onde era. Senhora, respondeu o visitante, sou da corte do Rei Arthur, cavaleiro da Távola Redonda, e meu nome é Sir Dinadan. O que vos trouxe a este país?, perguntou ela. Senhora, respondeu ele, estou à procura do bom cavaleiro Sir Tristão, já que me disseram que está aqui. É possível, disse a Bela Isolda, embora não tenha notícias dele. Senhora, falou Sir Dinadan, Sir Tristão e muitos outros enamorados deixam-me assombrado. O que se passa com eles para ficarem tão enlouquecidos e tão aparvalhados com as mulheres? Como assim?, exclamou a Bela Isolda. Sois cavaleiro e não tendes um

amor? Que vergonha! Afinal, não podeis ser considerado um bom cavaleiro a não ser que luteis por uma dama. Deus me livre!, retrucou Sir Dinadan. Pois o gozo do amor é excessivamente breve e extremamente longo o sofrimento que ele provoca. Ah, contestou a dama, não deveis falar assim, pois perto daqui estava o bom cavaleiro Sir Bleoberis, que lutou com três cavaleiros por uma donzela e a conquistou diante do rei de Northumberland. É verdade, retrucou Sir Dinadan. Bem sei que é um bom cavaleiro, homem de honra e de sangue nobre, pois todos que descendem deste sangue são bons cavaleiros, como Sir Lancelote do Lago.

Rogo-vos que me respondeis, disse a Bela Isolda. Quereis enfrentar três cavaleiros que têm me causado grandes transtornos? Já que sois um dos cavaleiros do Rei Arthur, peço-vos que luteis por mim. Então, disse Sir Dinadan, devo dizer-vos que sois a dama mais formosa que já vi, muito mais formosa que minha senhora, a Rainha Guinevere. Sabei, porém, que não desejo lutar por vós contra três cavaleiros ao mesmo tempo. Que Jesus me livre! Isolda riu muito ao ouvir isto e muito se divertiu em companhia daquele cavaleiro, que recebeu dela a melhor acolhida possível e pernoitou no castelo. De manhã bem cedo, Sir Tristão se armou e a Bela Isolda lhe deu um bom elmo. Ele lhe prometeu que enfrentaria Sir Dinadan e que os dois iriam juntos a Lonazep, onde seria realizado o tal torneio. Lá chegando, providenciarei um lugar de onde podereis assistir aos combates, acrescentou. Partiu então, levando consigo dois escudeiros que carregavam seu escudo e suas lanças, que eram compridas e grossas.



CAPÍTULO LVII

Como Sir Dinadan se encontrou com Sir Tristão e, ao justar com Sir Palamedes, acabou por reconhecê-lo.

Depois disto, Sir Dinadan tomou seu caminho velozmente até que alcançou Sir Tristão. Assim que o viu, reconheceu-o e enfureceu-se com sua presença mais do que com a de qualquer outro cavaleiro. Ah, exclamou ele. Sois aquele covarde com quem topei ontem? Defendei-vos, pois, querendo ou não, vais justar comigo. Que seja, retrucou Sir Tristão, embora não esteja muito disposto a lutar. Os dois deixaram correr seus cavalos e Sir Tristão errou seu alvo propositadamente, ao passo que Sir Dinadan quebrou sua lança contra ele. De imediato, tratou de sacar da espada. Isso não, disse Sir Tristão. Por que estais tão enraivecido? Não estou com vontade de lutar. Maldito sejais, covarde!, retrucou Dinadan. Estais envergonhando todos os cavaleiros! Quanto a isso, não tenho com que me preocupar, disse Sir Tristão, pois seguirei em vossa companhia e estarei sob vossa proteção. Já que sois tão bom cavaleiro, podereis salvar-me. Que o diabo me livre de vossa companhia, disse Sir Dinadan. Jamais vi pessoa e guerreiro como vós, nem alguém tão covarde. O que pretendeis com essas grossas lanças que estais levando convosco? Hei de dá-las a algum bom cavaleiro quando chegar ao torneio, respondeu Sir Tristão. E se mostrardes mais qualidades, hei de ofertá-las a vós.

Enquanto assim falavam, viram aproximar-se um cavaleiro andante que se preparava para justar. Vede, disse Sir Tristão, ali está um cavaleiro que deseja lutar. Portanto, deveis investir contra ele. Ah, que vergonha! Tal combate caberia a vós!, exclamou Sir Dinadan. De jeito nenhum, retrucou Sir Tristão, pois este cavaleiro parece bem feroz. Então, serei eu a enfrentá-lo, declarou Dinadan. Os dois empunharam escudo e lança e se encontraram com tamanho ímpeto que o recém-chegado derrubou Sir Dinadan de sua montaria. Estais vendo?, observou Sir Tristão. Melhor seria tê-lo deixado ir embora. Maldito sejais, covarde!, exclamou Dinadan, e, então, levantou-se de um salto, sacou da espada e propôs que seguissem a luta a pé. Com amor ou com raiva?, perguntou o outro cavaleiro. Combatamos com amor, respondeu Sir Dinadan. Rogo-vos que me digais vosso nome, prosseguiu o outro. Sabei que eu me chamo Dinadan. Ah! Dinadan, exclamou o adversário, meu nome é Gareth. Sou o irmão mais novo de Sir Gawaine. Houve então grandes demonstrações de alegria de ambas as partes, pois este Gareth era o melhor cavaleiro de todos aqueles irmãos, coisa que já havia

demonstrado. Os dois pegaram seus cavalos e começaram a falar de Sir Tristão, dizendo como ele era covarde. A cada palavra que ouvia, este último ria muito e zombava de ambos.

Nesse momento, viram um cavaleiro bem montado e bem armado que vinha chegando e se preparava para lutar. Gentis cavaleiros, disse Sir Tristão, vede qual de vós justará com aquele cavaleiro, pois, desde já, previno-os que não pretendo me haver com ele. Então eu o farei, retrucou Sir Gareth. Assim que arremeteram, o recém-chegado derrubou seu adversário pela garupa do animal. Pois bem, disse Sir Tristão, dirigindo-se a Sir Dinadan, é hora de vos preparar para vingar o bom cavaleiro Sir Gareth. Não farei tal coisa, respondeu ele, pois este homem derrubou um cavaleiro muito mais forte que eu. Ah!, exclamou Sir Tristão, agora posso ver que vos falta coragem. Pois vereis o que vou fazer. Ao dizer isso, investiu contra o tal cavaleiro e o derrubou redondamente no chão. Diante da cena, Sir Dinadan ficou assombrado e, então, imaginou que aquele devia ser Sir Tristão.

Nesse instante, o cavaleiro que havia caído sacou da espada para lutar a pé. Qual é vosso nome?, perguntou Sir Tristão. Sabei, respondeu o outro, que meu nome é Sir Palamedes. Que cavaleiro mais odiais?, indagou ele em seguida. Senhor cavaleiro, foi a resposta, odeio mortalmente Sir Tristão e, se puder enfrentá-lo, um de nós há de morrer. Tendes razão, disse Sir Tristão. Sabei pois que sou Tristão de Liones e, agora, fazei o melhor que puderdes. Ao ouvi-lo dizer isso, Sir Palamedes ficou desconcertado. Rogo-vos, Sir Tristão, disse ele, que perdoeis minhas palavras iradas e, se eu sobreviver, hei de prestar serviços a vós mais do que a qualquer cavaleiro deste mundo. Se demonstrei rancor, arrependo-me imensamente. Não sei o que aconteceu comigo, pois acredito que sois bom cavaleiro e nenhum outro que se considere bom deveria ter sentimentos negativos para convosco. Portanto, eu vos peço, Sir Tristão, que não vos irriteis com minhas palavras descorteses. Vossa fala é sensata, Sir Palamedes, respondeu Sir Tristão. Bem sei que sois bom cavaleiro, pois já vos vi demonstrar tal fato e haveis vos incumbido de muitas grandes empreitadas, concluindo-as com sucesso. Portanto, se tendes algum sentimento negativo para comigo, chegou a hora de descarregá-los, já que estou bem diante de vós. Não será assim, meu senhor Tristão, disse o sarraceno. Quero vos prestar meus serviços de cavaleiro em tudo que desejeis ordenar. E eu aceito, afirmou Sir Tristão. Seguiram então cavalgando e tratando de diversos assuntos. Ah, meu senhor Sir Tristão!, exclamou Dinadan. Fostes malvado zombando de mim, pois Deus sabe que vim até este país para vos procurar, a conselho de meu senhor Lancelote, embora este não tenha querido me dizer exatamente onde eu o poderia encontrar. Na verdade, disse Sir Tristão, Sir Lancelote sabia exatamente onde eu me encontrava, já que estava hospedado em seu próprio castelo.

CAPÍTULO LVIII

Como se aproximaram do castelo de Lonazep e sobre outros detalhes. Sobre a morte de Sir Lamorak.

Cavalgaram assim até avistar ao longe o castelo de Lonazep. Pelo que puderam ver, tendas e pavilhões eram uns quatrocentos e havia ainda uma multidão espantosa. Valha-me Deus!, exclamou Sir Tristão. Jamais vi tanta gente assim em um torneio. Senhor, respondeu Palamedes, creio que houve um número tão grande de competidores no castelo das Donzelas, onde ganhastes o galardão da vitória, pois eu mesmo vos vi vencer trinta cavaleiros. E em Surluse, acrescentou Dinadan, naquele torneio realizado por Galahalt das Grandes Ilhas, que durou sete dias, houve um número tão grande de participantes quanto aqui, pois havia gente de muitas nações. Quem foi o melhor?, perguntou Sir Tristão. Lancelote do Lago e o nobre cavaleiro Sir Lamorak de Galis, senhor. E Sir Lancelote recebeu o galardão. Não duvido, disse Sir Tristão, pois não deve ter sido sobrepujado por muitos cavaleiros. E a morte de Sir Lamorak foi um fato lastimável. Atrevo-me a dizer que ele era o homem de mais força e ânimo entre os de sua idade e sei que era o cavaleiro mais forte que já encontrei, sem contar com Sir Lancelote. Ai, muito me entristece sua morte. E, se aqueles que o mataram não fossem sobrinhos do Rei Arthur, morreriam por isso, bem como todos os que consentiram com essa morte. É por coisas como esta que temo me aproximar da corte de meu soberano Arthur. Desejo que saibais disso, acrescentou, dirigindo-se a Gareth.

Eu não vos culpo, senhor, respondeu o jovem, pois conheço bem o desejo de vingança de meus irmãos Gawaine, Agravaine, Gaheris e Mordred. Quanto a mim, porém, não desejo me meter em seus assuntos e é por isso que nenhum deles me ama. Deixei sua companhia por considerar que são matadores de bons cavaleiros, e quisera Deus que eu estivesse por perto quando o nobre cavaleiro Sir Lamorak foi assassinado.

Valha-me Deus!, exclamou Sir Tristão. Penso exatamente como vós, pois mais do que todo o ouro que existe daqui até Roma, o meu maior desejo era ter estado lá.

Por certo, disse Palamedes. Eu também gostaria de ter estado lá, embora jamais tenha conseguido qualquer vitória em torneio de que ele participasse, pois sempre me derrotou, a pé e a cavalo. No dia em que foi morto, realizou os maiores feitos de armas que vi um cavaleiro realizar durante toda minha vida. E, quando meu soberano Arthur lhe concedeu o galardão, Sir Gawaine e seus três irmãos,

Agravaine, Gaheris e Mordred se lançaram sobre ele em um lugar mais afastado e mataram seu cavalo. Passaram mais de três horas lutando a pé, uns atacando-o pela frente, outros pelas costas. Foi nas costas que Sir Mordred lhe deu o golpe mortal e os três o cortaram todo, pelo que me contou um de seus escudeiros. Maldita traição!, exclamou Sir Tristão. Ouvir tal história me despedaça o coração. A mim também, observou Sir Gareth. Embora sejam meus irmãos, jamais haverei de amá-los ou buscar sua companhia por este ato que cometeram.

Mudemos de assunto, disse Palamedes, e deixemos que descanse em paz, pois não é possível devolver-lhe a vida. O que é ainda mais lastimável, retrucou Dinadan, pois Sir Gawaine e seus irmãos, exceto vós, Sir Gareth, detestam a maioria dos bons cavaleiros da Távola Redonda. Bem sei que, secretamente, têm ódio de meu senhor Lancelote e de toda sua linhagem, e sentem grande despeito por ele. Meu senhor Lancelote não ignora tal fato e é por este motivo que mantém os bons cavaleiros de sua linhagem sempre junto de si.

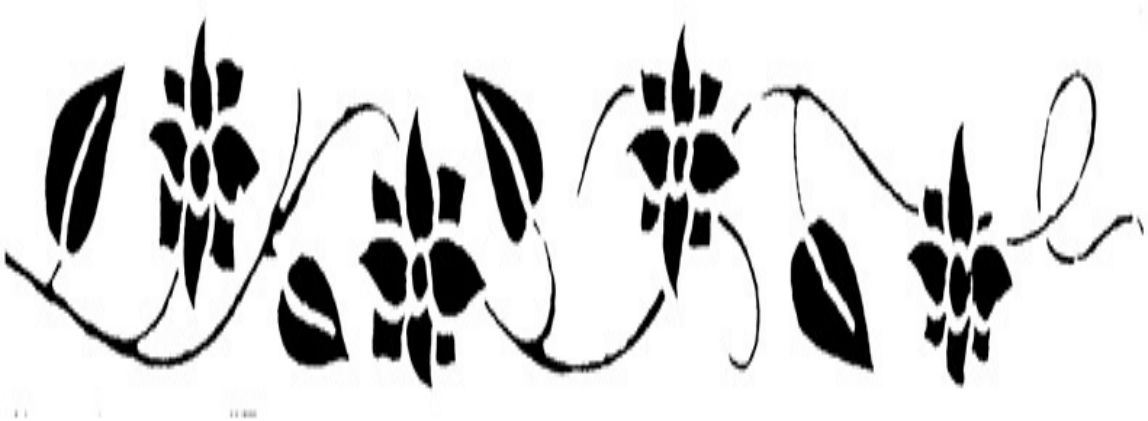
CAPÍTULO LIX

Como chegaram às margens do Humber e ali encontraram um navio onde jazia o corpo do Rei Hermance.

Deixemos este assunto, senhor, disse Palamedes, e vejamos o que devemos fazer neste torneio. Minha sugestão é que fiquemos juntos, os quatro, contra quem quiser vir nos enfrentar. Não concordo convosco, retrucou Sir Tristão, pois, pelas tendas, vejo que haverá quatrocentos cavaleiros, e podeis ter certeza de que, entre eles, muitos serão bons. E não existe homem tão forte e tão valente que não possa ser vencido. Muitas vezes, vi cavaleiros adotarem essa atitude e, quanto mais acreditavam conquistar honra, mais a perdiam, pois de nada valem as qualidades de um homem se não vierem acompanhadas de sabedoria. Quanto a mim, é possível que eu defenda minha própria cabeça bem como a de outros.

Cavalgaram assim até chegarem à beira do estuário Humber, onde ouviram choro e vozes que se lamentavam. Viram que o vento trazia esses sons de uma rica embarcação ornada de seda vermelha, e tal nave aportou bem perto de onde estavam. Sir Tristão e seus cavaleiros logo se apearam. O primeiro se adiantou e subiu em tal embarcação. Ali dentro, viu uma bela cama ricamente coberta onde jazia morto um homem muito bem apessoado que parecia ser excelente cavaleiro. Estava inteiramente armado, à exceção da cabeça, e todo ensanguentado, exibindo feridas mortais pelo corpo. Como é possível que este cavaleiro tenha morrido assim?, questionou Sir Tristão. Então, viu uma carta na mão do cavaleiro morto. Marinheiros, prosseguiu ele, o que significa esta carta? Senhor, responderam os homens, por esta carta sabereis como ele morreu, por que motivo e qual era seu nome. Mas, acrescentaram, sabei que ninguém pegará tal carta e a lerá a menos que seja bom cavaleiro e queira prometer vingar sua morte. Se não for assim, não haverá ninguém que a possa ver aberta. Pois sabei que alguns de nós podemos vingar sua morte tão bem quanto qualquer outro, retrucou Sir Tristão, e, se é como dizeis, marinheiros, sua morte será vingada. Ao dizer isso, pegou a carta da mão do morto e ela assim dizia: “Eu, Hermance, rei e senhor da Cidade Vermelha, peço a todos os cavaleiros andantes, em especial aos nobres cavaleiros da corte de Arthur, que procureis alguém que lute por mim contra dois irmãos que tirei do nada para criar e que, em ato de vilania e traição, acabaram por me matar. Por esta razão, suplico que um bom cavaleiro vingue minha morte e desejo que aquele que o fizer receba minha Cidade Vermelha e todos os meus castelos.”

Senhor, disseram os marinheiros, sabei que este rei e cavaleiro que aqui jaz era um homem muito digno e excelente homem de armas, e que amava muito todos os cavaleiros andantes. Pois que Deus me ajude, exclamou Sir Tristão. Aqui está um caso a ser lamentado e com muito prazer assumiria a responsabilidade de tal empreitada. No entanto, prometi comparecer necessariamente a esse grande torneio e, se não o fizer, serei coberto de vergonha. Pois bem sei que foi especialmente por mim que meu soberano, o Rei Arthur, mandou realizar tal justa e tal torneio neste país, e sei também que muita gente digna estará presente para me ver. Assim, pois, temo que, se assumir esta empreitada, não poderei voltar a tempo para combater nesta justa. Senhor, atalhou Palamedes, rogo-vos que me concedais esta empreitada e vereis que hei de levá-la a cabo honrosamente ou morrerei tentando. Pois bem, respondeu Sir Tristão, concedo o que me pedis, com uma condição: que estejais comigo neste torneio que será realizado daqui a sete noites. Tendes minha promessa de que estarei convosco neste dia, disse o sarraceno, se não estiver morto ou muito ferido.



CAPÍTULO LX

Como Sir Tristão e seus companheiros chegaram a uma morada e se hospedaram com um anfitrião que, mais tarde, combateu Sir Tristão; e outros assuntos.

Partiram então Sir Tristão, Gareth e Sir Dinadan, deixando Sir Palamedes no navio, e Sir Tristão parou para contemplar o trabalho dos marinheiros enquanto a embarcação se fazia ao largo do Humber. Quando já tinham perdido de vista Sir Palamedes, pegaram seus cavalos e olharam ao redor. Foi quando viram surgir um cavaleiro sem armadura que trazia apenas uma espada. Ao se aproximar, o desconhecido os saudou e os três retribuíram a sua saudação. Gentis cavaleiros, disse o homem, já que sois cavaleiros andantes, rogo-vos que venhais visitar meu castelo e vos apodereis do que quiserdes. É um convite que vos faço de coração. Os três então o seguiram até seu castelo e foram conduzidos até uma sala muito bem mobiliada. No local, foram desarmados e sentaram-se a uma mesa. Assim que o viu, o cavaleiro reconheceu Sir Tristão e logo empalideceu de raiva. Ao perceber tal mudança de atitude, Sir Tristão ficou surpreso e perguntou: Senhor, meu anfitrião, o que significa tal atitude? O pior para vós, respondeu o outro, pois sei que sois Sir Tristão de Liones e matastes meu irmão. Portanto, advirto-vos que hei de vos matar tão logo estiverdes fora daqui. Senhor cavaleiro, disse Sir Tristão, não tenho ciência de ter matado nenhum irmão vosso, mas, se dizeis que o fiz, estou pronto para vos dar reparação assim que possível. Não quero nenhuma reparação, retrucou o anfitrião. Quero apenas que vos defendais contra mim.

Terminada a refeição, Sir Tristão pediu suas armas e partiu. Os três seguiram caminho até que, instantes mais tarde, Sir Dinadan viu que se aproximava um cavaleiro bem montado, bem armado e sem escudo. Preparai-vos, Sir Tristão, disse ele, pois atrevo-me a garantir que quem ali vem é vosso anfitrião querendo vos enfrentar. Pois que venha, afirmou o cavaleiro. Farei o melhor que puder. Nem bem chegou mais perto, o cavaleiro ergueu a voz mandando que Sir Tristão parasse e se defendesse. Investiram então um contra o outro, e Sir Tristão atingiu o adversário com tanta força que o derrubou pela garupa do cavalo, mas este se levantou depressa, voltou a montar e avançou ferozmente contra Sir Tristão, atingindo-o duas vezes na parte superior do elmo. Senhor cavaleiro, disse este, rogo-vos que deixeis tudo isso de lado e não me golpeeis mais, pois não gostaria de vos enfrentar se tivesse escolha, já que ainda tenho no corpo vossas viandas e vossa bebida. O outro, porém, não lhe deu ouvidos, e, então, Sir Tristão lhe desferiu tamanho golpe sobre o elmo que ele caiu do cavalo de cabeça e ficou

estendido ali no chão, sem se mover, como morto, enquanto escorria sangue pelas aberturas de seu elmo. Arrependo-me do golpe tão forte que lhe dei, disse Sir Tristão, pois creio que ele está morto. Deixaram-no ali e seguiram caminho.

Não haviam cavalgado por muito tempo quando viram se aproximar dois cavaleiros muito garbosos, bem armados e montados, trazendo consigo galhardos serviçais. Um deles era Berrant le Apres, conhecido como Rei dos Cem Cavaleiros, e o outro era Sir Segwarides, ambos nobres e renomados cavaleiros. Quando chegaram mais perto, o rei olhou para Sir Dinadan que, na ocasião, carregava nos ombros o elmo de Sir Tristão, elmo este que o rei havia visto antes com a Rainha de Gales do Norte, a quem amava como amante. Este elmo havia sido dado pela Rainha de Gales do Norte à Bela Isolda, que, por sua vez, o dera a Tristão. Senhor cavaleiro, perguntou Berrant, onde haveis conseguido este elmo? O que quereis?, retrucou Sir Dinadan. Quero me haver convosco, disse o rei, pelo amor daquela que possuía tal elmo. Portanto, defendei-vos. Os dois se afastaram e investiram um contra o outro, usando toda a força de seus cavalos. Depois de derrubar Sir Dinadan juntamente com sua montaria, ordenou a um serviçal: Vai até lá, pega aquele elmo e guarda-o contigo. O pajem se aproximou para cumprir a ordem recebida. Que elmo? Que vais fazer?, questionou Sir Tristão. Deixa esse elmo. Com que propósito, senhor cavaleiro, perguntou o rei, quereis vos intrometer nessa história? Sabei que tal elmo não será tirado de mim, retrucou Sir Tristão, a não ser pelo preço mais caro. Então, tratai de vos preparar, disse Sir Berrant. Os dois se arremeteram e o rei foi derrubado pela cauda do cavalo, mas logo se levantou e voltou a montar. Em seguida, Sir Tristão lhe desferiu tamanho golpe no alto do elmo que o adversário caiu no chão, desacordado. Vede como este elmo é desafortunado para nós dois, disse Dinadan. Por ele, fui derrubado, e agora vós também o fostes.

Então Sir Segwarides perguntou: Quem justará comigo? Rogo-vos, disse Sir Gareth, dirigindo-se a Dinadan, que me deixeis travar este combate. Pois eu vos rogo que o façais por mim, respondeu seu companheiro. Isso não está certo, interveio Sir Tristão, dirigindo-se a Dinadan. Esta justa deveria ser vossa. A bem da verdade, disse este, devo dizer que não a desejo. Então, Gareth arremeteu contra Sir Segwarides e este o derrubou com cavalo e tudo. Agora, disse Sir Tristão, justai com este cavaleiro. Não quero fazê-lo, retrucou Sir Dinadan. Pois eu o farei, disse seu companheiro. Correu em direção a seu adversário e o derrubou. Deixando-os ali a pé, Sir Tristão cavalgou até a Guarda Alegre. Por cortesia, Sir Gareth não queria entrar no castelo, mas Sir Tristão não o deixou partir. Assim, pois, apearam-se, desarmaram-se e foram muito bem acolhidos. Mas, quando Dinadan se viu diante da Bela Isolda, amaldiçoou a hora em que pôs o elmo de Sir Tristão e lhe contou como este havia zombado dele. Todos então riram e zombaram de Sir Dinadan até não poderem mais.

CAPÍTULO LXI

Como Palamedes partiu para enfrentar dois irmãos pela morte do Rei Hermance.

Deixemos todos eles se divertindo dentro do castelo da Guarda Alegre e falemos de Sir Palamedes. Este navegou ao largo do Humber até o litoral, onde ficava um formoso castelo. Era de madrugada, antes do alvorecer, e os marinheiros se aproximaram enquanto ele dormia profundamente. Senhor cavaleiro, disseram-lhe, levantai-vos, pois chegamos ao castelo onde deveis entrar. Sem dúvida alguma, respondeu o sarraceno, e logo se levantou. Então, fez soar o corno que os marinheiros lhe haviam dado. Quando a gente do castelo ouviu aquele som, vários cavaleiros não tardaram a aparecer. Subiram no topo da muralha e disseram, a uma só voz: Bem-vindo sejais a este castelo. Nessa ocasião, o dia clareou e Sir Palamedes entrou pelos portões. Pouco depois, serviram-lhe muitas e variadas viandas. Olhando ao redor, viu muito choro e grande sofrimento. O que é isso?, questionou. Não me agrada ouvir tantas lamentações e gostaria de saber o que significam. Chegou então à sua frente um homem que se chamava Ebel, e lhe disse: Sabei, senhor cavaleiro, que há aqui choro e lamentações todos os dias, pelo simples motivo de que tínhamos um rei cujo nome era Hermance. Ele era o rei da Cidade Vermelha, um nobre cavaleiro, generoso e liberal com suas posses. Não havia nada no mundo que amasse tanto quanto os cavaleiros andantes da corte do Rei Arthur, além de justar, caçar e todos os outros divertimentos cavalheirescos. Jamais aquele lugar foi governado por rei e cavaleiro tão gentil quanto ele e, por sua bondade e gentileza, choramos a sua perda e a choraremos para sempre. Todos os reis e todos os Estados podem ficar alertas, porque nosso senhor foi destruído por sua própria culpa, pois, se houvesse dedicado sua estima aos de seu próprio sangue, ainda estaria vivendo com grandes riquezas e em todo conforto. Mas todos os Estados devem se acautelar por nosso rei. Infelizmente, porém, prosseguiu Ebel, precisamos avisar a todos de sua morte.

Dizei-me, pediu Palamedes, como vosso soberano foi morto e por quem. Senhor, respondeu o outro, nosso rei criou desde pequenos dois homens que hoje são cavaleiros perigosos, e ele os tinha em tanta estima que nem os de seu sangue nem os que viviam ao seu redor mereciam por parte dele tanto amor e tanta confiança. Nosso rei era governado por esses dois cavaleiros, que faziam isso de forma pacífica, tanto com ele quanto com suas terras, e jamais consentiam que nenhum de seus parentes tivesse qualquer influência sobre nosso soberano. Ele era

também sempre tão disponível e tão delicado, e aqueles dois, tão falsos e tão ardilosos que o governavam com toda facilidade. Vendo isso, os senhores da família de nosso rei afastaram-se dele e partiram para suas próprias terras. Quando esses dois traidores souberam que haviam afastado dele todos os senhores de seu próprio sangue, deixaram de se contentar com o papel que desempenhavam e passaram a querer mais. Como diz o velho dito popular, “Dai a mão a um patife e ele logo vai querer o braço”. Mesmo o senhor das terras tendo nascido gentil-homem, sob o governo de alguém que já nasceu patife, vai acabar destruído, bem como todos os demais gentis-homens ao seu redor. Por isso, Estados e senhores, prestai atenção àqueles que instalais a vosso lado. Se sois cavaleiro da corte do Rei Arthur, lembrai desta história, pois este é o fim e a conclusão. Por sugestão desses traidores, meu rei e senhor adentrou a floresta que fica perto daqui, onde começou a seguir um cervo vermelho armado com todas as peças dignas de um bom cavaleiro. Graças ao esforço feito, sentiu sede e se apeou para beber em uma fonte. Como já havia sido combinado entre esses dois traidores, assim que ele o fez, aquele que se chamava Helius traspassou o corpo de nosso rei com uma lança, e ambos o deixaram ali para morrer. Depois que se foram, cheguei por fortuna a esse local e encontrei meu rei e senhor mortalmente ferido. Quando ouvi seus lamentos, consegui transportá-lo até a beira da água e instalá-lo a bordo daquela embarcação. Já embarcado, meu senhor o Rei Hermance me pediu, em nome da fé verdadeira, que escrevesse uma carta com o seguinte teor.

CAPÍTULO LXII

A cópia da carta escrita para vingar a morte do rei, e como Sir Palamedes encontrou dificuldades para travar tal batalha.

"Recomendando-me ao Rei Arthur e a todos os seus cavaleiros andantes, suplico a todos eles, considerando-se que eu, o Rei Hermance, soberano da Cidade Vermelha, fui morto assim, em ato de vilania e traição, pelas mãos de dois de meus cavaleiros, criados por mim, que algum digno cavaleiro queira vingar minha morte, já que, sempre que possível, demonstrei boa vontade para com a corte do Rei Arthur. Àquele que quiser arriscar a vida por mim, enfrentando em batalha aqueles dois traidores, eu, o Rei Hermance, soberano da Cidade Vermelha, liberalmente concedo todas as terras e rendas que sempre possuí na vida." Escrevi tal carta a mando de meu senhor e, em seguida, ele recebeu seu Criador. Mandou então que, antes que seu corpo esfriasse, eu pusesse esta carta bem apertada em sua mão e que a embarcação partisse pelo Humber com ordem para que os marinheiros não parassem até chegar a Logres, onde todos os nobres cavaleiros se reúnem nesta época. Ali, algum bom cavaleiro terá piedade de mim e vingará minha morte, pois jamais existiu rei nem senhor que fosse morto de forma mais falsa e traidora quanto eu, lamentou-se ele. Agora que já sabeis de tudo, como nosso soberano foi traído, nós vos pedimos, em nome de Deus, que tenhais piedade de sua morte e honrosamente a vingueis. Então, podereis possuir todas estas terras, pois bem sabemos que, se fores capaz de matar esses dois traidores, a Cidade Vermelha e todos os que nela vivem vos acolherão como seu senhor.

Sinceramente, disse Sir Palamedes, meu coração sofre ao vos ouvir contar esta história dolorosa e, para dizer a verdade, vi a carta a que vos referis. Um dos melhores cavaleiros da terra a leu para mim e, por ordem sua, vim até aqui para vingar a morte de vosso rei. Portanto, dizei-me de uma vez onde posso encontrar esses traidores, pois meu coração não terá sossego até que eu os tenha em minhas mãos. Senhor, disse Sir Ebel, voltai a embarcar no navio e ele vos levará à Ilha Deleitosa, próxima à Cidade Vermelha. Nós, aqui do castelo, rezaremos por vós e esperaremos vosso regresso. Este mesmo castelo, se vos sairdes bem, há de ser necessariamente vosso, pois nosso Rei Hermance mandou construí-lo por amor a esses dois traidores. É por isso que o defendemos com mão forte, pois estamos nos sentindo seriamente ameaçados. Eis o que fareis, disse Sir Palamedes: aconteça o que acontecer comigo, tratai de guardar bem este castelo, pois se por desventura eu morrer nesta demanda, tenho certeza de que um dos melhores cavaleiros do

mundo virá vingar minha morte. Ou Sir Tristão de Liones ou Sir Lancelote do Lago.

Ao dizer isso, o sarraceno partiu e, quando estava perto da cidade, saiu de uma embarcação um garboso cavaleiro armado que vinha em sua direção, com o escudo ao ombro e a mão no punho da espada. Assim que se aproximou, disse: Senhor cavaleiro, o que estais procurando aqui? Abandonai esta demanda, porque ela é minha e já o era antes de chegardes a estas terras. Por isso, deixai-a comigo. Senhor cavaleiro, retrucou Palamedes, pode ser que essa demanda fosse vossa antes de ser minha, mas, quando a carta foi retirada da mão do rei morto, não havia até aquele momento nenhum cavaleiro que tivesse decidido se incumbir de vingar sua morte. Nessa ocasião, prometi que o faria e assim o farei, caso contrário, cairia em vergonha. Tendes razão, disse o outro, mas sabei então que lutarei convosco e, de nós dois, aquele que for melhor cavaleiro assumirá a missão. Que seja, falou o sarraceno. Os dois ergueram os escudos, sacaram das espadas e investiram um contra o outro, desferindo graves golpes como homens esforçados que eram. A luta se estendeu por mais de uma hora, mas, finalmente, demonstrando mais força e mais fôlego, Sir Palamedes acertou um golpe tão forte em seu adversário que ele caiu de joelhos. Então, o vencido ergueu a voz e disse: Gentil cavaleiro, detende vossa mão. De modo cortês, Sir Palamedes fez o que ele pedia. Sabei, cavaleiro, disse então o outro, que sois mais digno que eu de enfrentar esta batalha e, pela ordem da cavalaria, peço-vos que me digais vosso nome. Senhor, chamo-me Sir Palamedes, um dos cavaleiros do Rei Arthur e da Távola Redonda, e vim aqui para vingar a morte desse rei morto.

CAPÍTULO LXIII

Sobre os preparativos de Sir Palamedes e os dois irmãos que devem lutar com ele.

Em boa hora viestes para cá, disse o cavaleiro a Palamedes, pois, entre todos os cavaleiros que hoje vivem, à exceção de três, sois o que prefiro. A primeira das exceções é Sir Lancelote do Lago, a outra, Sir Tristão de Liones, e a terceira é meu primo próximo, Sir Lamorak de Gales. Sou irmão do Rei Hermance, que foi assassinado, e chamo-me Sir Hermind. Tendes razão, respondeu Sir Palamedes, e veremos como me saio. Se eu morrer, procurai meu senhor Sir Lancelote ou meu senhor Sir Tristão, e rogai-lhes que vinguem minha morte. Quanto a Sir Lamorak, não mais o vereis neste mundo. Ai, exclamou Sir Hermind, como é possível? Ele foi morto por Sir Gawaine e seus irmãos, respondeu o sarraceno. Valha-me Deus!, retrucou o irmão do rei. Entre eles, isoladamente, não havia nenhum que pudesse matá-lo. É bem verdade, observou Sir Palamedes, pois foram quatro cavaleiros perigosos que o mataram: Sir Gawaine, Sir Agravaine, Sir Gaheris e Sir Mordred. Sir Gareth, porém, o quinto irmão, não participou desse feito e é o melhor de todos eles. Em seguida, contou a Hermind em detalhes como haviam matado Sir Lamorak de forma traiçoeira.

Depois disso, embarcou e chegou à Ilha Deleitosa. Nesse ínterim, Sir Hermind, que era irmão do rei, dirigiu-se à Cidade Vermelha e contou a todos que um cavaleiro do Rei Arthur havia chegado para vingar a morte do Rei Hermance. Ele se chama Sir Palamedes, disse, o bom cavaleiro, que passa praticamente o tempo todo perseguindo a Besta Ladradora. Então, houve grandes demonstrações de alegria pela cidade, pois já tinham ouvido falar muito do sarraceno e de suas proezas. Sem mais tardar, escolheram um mensageiro e o enviaram aos dois irmãos dizendo-lhes que se preparassem, pois havia chegado um cavaleiro que os enfrentaria a ambos. O mensageiro partiu para o local onde os irmãos se encontravam, em seu castelo não muito distante dali, e lhes disse que havia chegado ao país um cavaleiro da corte do Rei Arthur que lutaria com os dois ao mesmo tempo. Pois que seja bem-vindo, disseram eles. Mas, dize-nos se é Sir Lancelote ou alguém de sua família. Não é ninguém de seu sangue, respondeu o mensageiro. Então, ficamos menos inquietos, declararam os irmãos, pois não queremos nos haver com ninguém da família de Sir Lancelote. Sabei que ele se chama Sir Palamedes, acrescentou o mensageiro. Ainda não foi batizado e é um

nobre cavaleiro. Pois, se ainda não foi batizado, disseram os dois, jamais o será. Combinaram que estariam na cidade dentro de dois dias.

Quando Sir Palamedes lá chegou, todos demonstraram sua alegria ao vê-lo, e, então, puderam observá-lo. Viram que era bem aprumado, garboso e forte, sem nenhum defeito em seus membros e nem excessivamente jovem ou velho. E todos o elogiaram. Embora ainda não tivesse sido batizado, tinha uma crença justa, era muito fiel e leal à sua promessa e se comportava com o devido decoro. Havia feito votos de não ser batizado até haver concluído a demanda da Besta Ladradora, uma besta assombrosa e de grande significação, pois Merlin havia profetizado muitas coisas a seu respeito. E Sir Palamedes também havia prometido não abraçar inteiramente o cristianismo antes de haver levado a cabo sete combates em liça.

Como combinado, no terceiro dia chegaram à cidade os dois irmãos, um dos quais se chamava Helius, e o outro, Helake, ambos homens de grandes proezas. Mas também eram falsos e traiçoeiros, e, embora pobres de nascimento, eram nobres cavaleiros por seus feitos. Vieram trazendo consigo quarenta cavaleiros com a intenção de demonstrar sua força na Cidade Vermelha, onde chegaram com grande presunção e soberba, pois haviam assustado e prejudicado bastante aquela região. Foram então conduzidos até a liça e, quando Sir Palamedes apareceu, disse-lhes: Sois os dois irmãos Helius e Helake, que mataram seu rei e soberano, o Rei Hermance, de forma cruel e traiçoeira e por cuja causa vim vingar sua morte? Sabei que somos exatamente os cavaleiros que mataram o Rei Hermance, responderam os irmãos. E sabei também, Sir Palamedes Sarraceno, que haveremos de vos dar tal tratamento que desejareis já ter sido batizado antes de nos enfrentar. É bem possível, retrucou Sir Palamedes, porque não gostaria de morrer sem ser batizado. No entanto, vós não me inspirais nenhum temor, e confio em Deus que hei de morrer como um cristão melhor do que qualquer um de vós. Podeis ter certeza de que, neste local, ou vós ou eu cairemos mortos.

CAPÍTULO LXIV

Sobre o combate entre Sir Palamedes e os dois irmãos, e como estes foram mortos.

Depois de tomarem distância, os dois irmãos investiram contra Sir Palamedes e este, contra eles, todos correndo o mais velozmente que seus cavalos conseguiam. Por fortuna, o sarraceno perfurou o escudo e o peito de Helake, e sua lança penetrou mais de uma braça. Durante esse tempo, Sir Helius manteve sua lança erguida e, por orgulho e soberba, não quis usá-la para ferir o adversário. Quando, porém, viu o irmão estendido no chão, sem poder reagir, gritou: Defendei-vos! E arremeteu contra Sir Palamedes, tirando-o da sela com sua lança. Depois disso, passou por cima dele duas ou três vezes. Sentindo-se envergonhado, o sarraceno segurou o cavalo de Sir Helius pela rédea, puxando-o para trás e, fazendo alguma força, derrubou por terra homem e animal. O irmão logo tratou de se levantar e desferiu um forte golpe sobre o elmo de Sir Palamedes, fazendo-o cair de joelhos. Os dois então travaram uma batalha acirrada, trocando graves golpes, acossando-se e esquivando-se, ora para trás, ora para o lado, investindo um contra o outro como dois javalis e caindo ambos de bruços no chão.

Lutaram assim por duas horas, sem descanso e sem parar para recobrar o fôlego. Enquanto Sir Palamedes ia ficando mais enfraquecido e cansado, Sir Helius se mostrava bem forte e redobrava os golpes, empurrando seu adversário para um lado e para outro da liça. Vendo o sarraceno enfrentar tamanha dificuldade, a gente da cidade chorava, gemia e muito se lamentava, ao passo que os homens do outro lado demonstravam grande contentamento. Lamentável, diziam os homens da cidade, que este nobre cavaleiro deva morrer assim por nosso rei! Enquanto choravam e gemiam desse jeito, Sir Palamedes, que já havia suportado cem cortes, de tal forma que era espantoso que continuasse de pé, viu como o povo comum chorava por ele e disse consigo mesmo: Ah, que vergonha, Sir Palamedes! Por que trazes a cabeça assim tão baixa? Então, logo tratou de erguer o escudo e, encarando Sir Helius face a face, desfechou-lhe um forte golpe na parte superior do elmo e, depois, outro, e mais outro. Feriu o adversário com tal gravidade que este caiu por terra, de bruços. Nesse momento, Sir Palamedes lhe retirou o elmo e, com um tremendo golpe, separou a cabeça de Sir Helius do corpo. Então, a felicidade da gente da cidade foi tamanha, como jamais se vira antes. Com toda solenidade, levaram o cavaleiro para o local onde ele estava hospedado e, ali, todos os homens se declararam seus. Sir Palamedes, porém, lhes rogou que

mantivessem a soberania do Rei Hermance. Gentis senhores, disse ele, sabei que, nesta ocasião, não posso permanecer convosco porque devo ir ao encontro de meu senhor, o Rei Arthur, em seu castelo de Lonazep, como prometi. Todos então muito lamentaram sua partida, e a cidade inteira lhe ofereceu a terça parte de seus bens para que ele permanecesse ali, mas nada pôde convencê-lo a ficar.

Partiu, pois, e chegou ao castelo do qual Sir Ebel era o lugar-tenente. Quando a gente do lugar soube como ele havia se saído, deu muitas demonstrações de alegria. Mais uma vez, Sir Palamedes partiu e rumou para o castelo de Lonazep. Ao descobrir que Sir Tristão não estava lá, rumou para o estuário do Humber e dirigiu-se à Guarda Alegre, onde ele estava com a Bela Isolda. Sir Tristão dera ordens para que o avisassem sobre a chegada de qualquer cavaleiro andante ao castelo ou ao vilarejo. Um dos aldeões foi procurá-lo e lhe disse que um homem muito garboso acabara de chegar. Que tipo de homem é?, perguntou Sir Tristão. Como poderias descrevê-lo? E o homem descreveu o recém-chegado. Este é Sir Palamedes, disse Dinadan. É bem possível. Ide ao seu encontro, disse-lhe Sir Tristão. Dinadan foi ao encontro de Palamedes. Os dois ficaram imensamente felizes ao se ver e dormiram no mesmo aposento naquela noite. Pela manhã, bem cedo, Sir Tristão e Sir Gareth foram procurá-los, acharam-nos em suas camas e os dois então se levantaram e foram tomar seu desjejum.

CAPÍTULO LXV

Como Sir Tristão e Sir Palamedes encontraram Breuse Saunce Pitié, e como Sir Tristão e a Bela Isolda foram para o castelo de Lonazep.

Então, Sir Tristão desejou sair cavalgando com Sir Palamedes por campos e bosques. Concordaram em parar para descansar na floresta e, depois de se divertirem por um bom tempo, rumaram para uma bela fonte. Logo viram um cavaleiro armado que vinha em sua direção e todos se saudaram. O recém-chegado falou então com Sir Tristão e lhe perguntou quem eram os cavaleiros que estavam hospedados na Guarda Alegre. Não faço ideia, respondeu Sir Tristão. E quem sois vós?, indagou o outro. Pois me parece que não sois cavaleiros andantes, já que estais desarmados. Cavaleiros ou não, não desejamos vos dizer nosso nome. Não quereis me dizer vosso nome?, exclamou o cavaleiro de armadura. Preparai-vos, pois, porque havereis de morrer por minhas mãos. Ao dizer isso, empunhou a lança e fez menção de traspassar o corpo de Sir Tristão. Diante desta cena, Sir Palamedes investiu contra ele com seu animal meio de lado e, com isso, o recém-chegado e sua montaria caíram por terra. Sem mais tardar, o sarraceno se apeou e sacou da espada para matá-lo. Deixai-o, interveio Sir Tristão. Não o mateis. Este cavaleiro não passa de um louco, e seria vergonha matá-lo. Tomai-lhe, porém, a lança, e deixai que volte a montar e siga para onde desejar.

Quando o homem se levantou, lamentando-se profundamente pelos danos da queda, pegou seu cavalo e, uma vez montado, virou o animal e pediu que Sir Tristão e Sir Palamedes lhe dissessem quem eram. Sabei, respondeu o primeiro, que meu nome é Sir Tristão de Liones, e o deste cavaleiro é Sir Palamedes. Assim que soube quem eram eles, o homem armado esporeou seu cavalo para que não perguntassem como se chamava e se afastou o mais depressa que pôde. Chegou então um cavaleiro trazendo um escudo com faixas em azul. Ele se chamava Epinogris e se aproximou deles a todo galope. Para onde cavalgais?, perguntou Sir Tristão. Meus gentis senhores, respondeu Epinogris, estou seguindo o cavaleiro mais falso entre todos os que vivem, portanto, peço-vos que me digais se os vistes, pois ele porta um escudo com a imagem de uma funda vermelha. Valha-me Deus!, exclamou Sir Tristão. Tal cavaleiro foi embora daqui há um quarto de hora. Podeis nos dizer como ele se chama? Ai, lamentou-se o recém-chegado. Por que os deixastes escapar? Trata-se de um grande inimigo de todos os cavaleiros andantes e seu nome é Breuse Saunce Pitié. Maldito seja!, exclamou Sir Palamedes. Que

lástima que ele tenha escapado de minhas mãos, pois é o homem que mais detesto neste mundo. Os três então muito se lamentaram e Epinogris partiu para segui-lo.

Sir Tristão e seus três companheiros dirigiram-se então à Guarda Alegre e, no caminho, pediu que Sir Palamedes lhe falasse sobre sua batalha, dissesse como havia se saído na Cidade Vermelha e, como já ouvistes antes, qual o desfecho de tal combate. Na verdade, disse Sir Tristão, muito me alegra que tenhais vos saído bem, pois haveis agido de forma honrosa. Pois bem, acrescentou ele, amanhã devemos nos pôr a caminho. Então, discutiram como fariam, e Sir Tristão pensou em mandar dois pavilhões a serem instalados perto do poço de Lonazep. Ali ficará a Rainha Bela Isolda, acrescentou. É uma boa ideia, observou Sir Dinadan. Mas, quando Sir Palamedes ouviu isso, sentiu o coração em chamas e, no entanto, não disse praticamente nada. Chegando à Guarda Alegre, Sir Palamedes se recusou a entrar no castelo, mas Sir Tristão o tomou pela mão e o conduziu portões adentro. Ao ver a Bela Isolda, tamanho foi seu arrebatamento que o sarraceno quase não conseguiu falar. Foram fazer uma refeição, mas ele não conseguiu comer e todos receberam ali a melhor acolhida possível. Pela manhã, prepararam-se para cavalgar até Lonazep.

Sir Tristão levava consigo três escudeiros; a Bela Isolda, três damas que, como a rainha, estavam ricamente trajadas. E não se fizeram acompanhar de mais ninguém, a não ser de alguns pajens para carregar os escudos e as lanças. Assim, puseram-se a caminho. Durante o trajeto, viram à sua frente um tropel de cavalos: era Galihodin, que trazia consigo vinte cavaleiros. Gentis companheiros, disse ele, ali vêm quatro cavaleiros e uma rica e formosa dama, e meu desejo é lhes tomar essa dama. Não me parece a melhor coisa a fazer, declarou um de seus homes. Melhor seria enviar um mensageiro para ver o que dizem eles. E assim se fez. Um escudeiro se aproximou de Sir Tristão e lhe perguntou se queria justar ou perder sua dama. De forma alguma, retrucou o cavaleiro. Diz a teu senhor que eu os desafio a vir em que número for e, se vencerem, poderão levá-la. Senhor, atalhou Palamedes, se for de vosso agrado, deixai-me enfrentar essa batalha e lutar contra os quatro. Podeis assumi-la, se assim o desejais, respondeu Sir Tristão. Agora vai e diz a teu senhor Galihodin que este cavaleiro haverá de enfrentá-lo, juntamente com seus companheiros.

CAPÍTULO LXVI

Como Sir Palamedes enfrentou Sir Galihodin em uma justa e, depois, enfrentou Sir Gawaine, derrubando-os a ambos.

O escudeiro então partiu e transmitiu a mensagem a Galihodin, que logo abraçou seu escudo e enristou uma lança. Sir Palamedes fez o mesmo e atingiu seu adversário com tanta força que homem e cavalo caíram por terra, e a queda sofrida foi terrível. Em seguida, veio outro cavaleiro que recebeu idêntico tratamento, assim como o terceiro e o quarto, todos derrubados pela garupa dos animais. E a lança de Sir Palamedes permaneceu intacta. Chegaram então mais seis cavaleiros de Galihodin querendo se vingar do sarraceno. Deixai estar, disse Galihodin. Não sejais tão ousados. Ordeno que nenhum de vós se intrometa com este cavaleiro, que é homem de grande honra e generosidade. Se ele assim o desejasse, não seríeis capazes de enfrentá-lo. Diante disso, todos ficaram quietos. Sir Palamedes, porém, estava pronto para lutar e, quando percebeu que os outros não queriam mais saber de justas, voltou para junto de Sir Tristão. Tivestes um excelente desempenho, disse este. Digno de um bom cavaleiro. Este Galihodin era primo próximo de Galahalt, o Alto Príncipe, e era também um rei do país de Surluse.

Seguindo caminho juntos, Sir Tristão, Sir Palamedes e a Bela Isolda viram, diante de si, quatro cavaleiros, cada qual empunhando uma lança. O primeiro era Sir Gawaine, o segundo, Sir Uwaine, o terceiro, Sagramore, o Desejoso, e o quarto, Dodinas, o Selvagem. Assim que os avistou e percebeu que estavam preparados para justar, rogou a Sir Tristão que lhe desse licença para enfrentar todos eles enquanto pudesse se manter na sela. E, se me derrubarem, acrescentou, rogo-vos que me vingueis. Pois bem, respondeu Sir Tristão, que seja como quiserdes. Vossa vontade de conquistar honra não é maior do que a minha de que isto aconteça. De imediato, Sir Gawaine enristou a lança e Sir Palamedes fez o mesmo. Investiram um contra o outro com tamanho ímpeto que o sarraceno derrubou seu adversário por terra juntamente com seu cavalo. Assim também aconteceu com Uwaine, Sir Dodinas e Sagramore, que foram todos derrubados por Sir Palamedes com diversas lanças. Então, Sir Tristão rumou para Lonazep.

Depois que partiram, chegou ao local Galihodin, acompanhado de dez cavaleiros e, aproximando-se de Sir Gawaine, contou-lhe todo o ocorrido. Fiquei assombrado, disse este. Que cavaleiros são aqueles que vão trajados de verde? E aquele outro, montado no cavalo branco, derrubou a mim e meus três companheiros, disse Galihodin. Foi exatamente o que se passou conosco. Sei que o

do cavalo branco é Sir Tristão, ou Sir Palamedes, e que a dama ricamente trajada é a Rainha Isolda. E, assim, conversaram sobre um ou outro assunto.

Nesse ínterim, Sir Tristão seguiu caminho até chegar à fonte onde estavam instalados seus pavilhões. Apearam-se e viram muitas outras tendas e um grande aparato. Então, Sir Tristão deixou Sir Palamedes e Sir Gareth com a Bela Isolda e dirigiu-se a Lonazep, com Sir Dinadan, para saber quais eram as novas. Mas foi montado no cavalo branco do sarraceno. Quando entraram no castelo, Sir Dinadan ouviu soar um grande corno e àquele som acudiram muitos cavaleiros. O que significa este chamado?, perguntou Sir Tristão a um desses cavaleiros. Senhor, respondeu o outro, é para convocar todos que estarão contra o Rei Arthur neste torneio. O primeiro é o rei da Irlanda, e também o rei de Surluse, o de Listinoise, o de Northumberland e o rei da maior parte do País de Gales, juntamente com vários outros países. Eles estão sendo convocados a conselho para decidir quem estará no comando. Mas o rei da Irlanda, que se chamava Marhalt e era pai do bom cavaleiro Sir Marhaus, que foi morto por Sir Tristão, falou alto o bastante para que o recém-chegado pudesse ouvi-lo. Senhores e companheiros, cuidemos de nós mesmos, pois bem sabeis que o Rei Arthur conta com o apoio de muitos bons cavaleiros, ou não desejaria nos enfrentar com tão poucos homens. Portanto, o meu conselho é que cada rei tenha um estandarte e uma identificação para que cada cavaleiro acompanhe seu soberano natural e que cada rei ou capitão possa socorrer seus cavaleiros em caso de necessidade. Ao ouvir isso, Sir Tristão foi à procura do Rei Arthur para saber qual sua estratégia.

CAPÍTULO LXVII

Como Sir Tristão e seus companheiros compareceram ao torneio de Lonazep; e sobre diversas outras justas e questões.

Assim que Sir Tristão entrou no campo do torneio, Sir Gawaine e Sir Galihodin foram ao encontro do Rei Arthur e lhe disseram: Foi este cavaleiro com arnês verde e montado no cavalo branco que nos derrubou a ambos, além de seis de nossos companheiros ainda hoje. Pois bem, retrucou o soberano. Chamou Sir Tristão e lhe perguntou qual era seu nome. Majestade, respondeu o cavaleiro, rogo-vos que me desculpeis, mas, por ora, não sabereis como me chamo. Ao dizer isso, virou-se e seguiu caminho. Muito me espanta, exclamou Arthur, que este cavaleiro não queira me dizer seu nome, mas ide atrás dele, Griflet le Fise de Dieu, e rogai-lhe que venha falar comigo em particular. Então Sir Griflet o seguiu e, quando o alcançou, disse-lhe que o Rei Arthur lhe rogava que fosse falar com ele em particular. Voltarei para falar com ele, mas com uma condição, declarou Sir Tristão: que me assegureis que o rei não desejará saber meu nome. Garanto-vos que farei com que não exija isto de vós. Então, cavalgaram juntos até onde estava o Rei Arthur. Gentil senhor, disse o soberano, por que não quereis me dizer vosso nome?, questionou este. Majestade, respondeu o cavaleiro, se não houvesse um motivo, não ocultaria meu nome. De que lado estareis?, indagou ainda o Rei Arthur. Na verdade, meu senhor, ainda não sei de que lado ficarei desde que cheguei a este campo. Será aquele para o qual meu coração me incline. Amanhã, porém, vereis de que lado vou estar. Em seguida, deu meia-volta e retornou para seus pavilhões.

Pela manhã, todos se armaram de verde e entraram na liça onde os cavaleiros mancebos começaram a justar, realizando muitas façanhas esforçadas. Então, Sir Gareth pediu a Sir Tristão que lhe desse permissão para quebrar sua lança, pois achava uma vergonha portar aquela lança inteira mais uma vez. Ao ouvir isso, o cavaleiro riu e disse: Rogo-vos que façais o melhor que puderdes. Assim sendo, Sir Gareth pegou outra lança e se dispôs a justar. Ao ver esta cena, um cavaleiro que era sobrinho do Rei dos Cem Cavaleiros e que se chamava Selises, um bom homem de armas, investiu contra Sir Gareth e os dois se encontraram com tamanha força que caíram por terra, juntamente com seus cavalos, ficando machucados e doloridos. Permaneceram estendidos ali no chão até que o Rei dos Cem Cavaleiros ajudou Selises a se levantar e Sir Tristão e Sir Palamedes vieram em

auxílio de Sir Gareth. Levaram-no então para seus pavilhões, onde lhe retiraram o elmo.

Quando a Bela Isolda viu o jovem ferido no rosto, perguntou o que lhe causara tal ferimento. Senhora, respondeu Sir Gareth, recebi um golpe muito forte, e suponho que acertei meu adversário da mesma forma. Mas nenhum de meus companheiros, que Deus os perdoe, veio me acudir. Na verdade, interveio Palamedes, nenhum de nós deveria justar no dia de hoje, pois não havia ali adversário de proeza comprovada, mas queríeis justar mais do que qualquer outra coisa. Quando os do outro lado viram que vos oferecíeis para o combate, enviaram um excelente cavaleiro da mesma idade que vós, pois eu o conheço bem: chama-se Selises. Destes o melhor de vós ao enfrentá-lo, de tal forma que nenhum dos dois incorreu em desonra. Portanto, refrescai-vos para estardes curado e pronto para justar amanhã. Quanto a isso, retrucou Gareth, se puder me manter sobre o cavalo, não falharei para convosco.

CAPÍTULO LXVIII

Como Sir Tristão e seus companheiros combateram, e sobre os nobres feitos que realizaram em tal torneio.

Pois bem, perguntou Sir Tristão, de que lado será melhor nos posicionarmos amanhã? Senhor, respondeu Sir Palamedes, meu conselho é ficarmos contra o Rei Arthur, pois ele conta com Sir Lancelote e muitos bons cavaleiros de seu sangue. E quantos mais homens de mérito haja ali, mais honra conquistaremos. O que dizeis está perfeitamente de acordo com as regras da cavalaria, disse Sir Tristão, e seguiremos vosso conselho. Em nome de Deus!, exclamaram todos. Naquela noite, trataram de descansar o máximo possível e, pela manhã, depois que o dia clareou, prepararam-se envergando armaduras, escudos e lanças verdes. A Bela Isolda e suas três donzelas estavam vestidas da mesma cor. Os quatro cavaleiros saíram cavalgando pelo campo escoltando a Bela Isolda até uma janela de onde poderia ver todas as justas, mas manteria sempre a touca baixada para que ninguém pudesse ver seu rosto. Depois, seguiram para se juntar ao grupo do rei dos escoceses.

Quando o Rei Arthur viu tais manobras, perguntou a Sir Lancelote quem eram aqueles cavaleiros e aquela rainha. Não sei dizer ao certo, Majestade, respondeu ele, mas se Sir Tristão estiver neste país, ou Sir Palamedes, podeis deduzir que serão eles e a Bela Isolda. O monarca chamou então Sir Kay e lhe disse: Ide o mais depressa possível e verificai quantos cavaleiros da Távola Redonda estão faltando aqui, pois, pelos seus assentos, podereis saber. O senescal foi verificar e, pela escrita contida nos assentos, constatou que faltavam dez cavaleiros. Estes são os nomes dos que não estão entre nós: Sir Tristão, Sir Palamedes, Sir Percival, Sir Gaheris, Sir Epinogris, Sir Mordred, Sir Dinadan, Sir La Cote Mal Taillée e o nobre cavaleiro Sir Pelleas, disse ele. Pois atrevo-me a afirmar, disse o Rei Arthur, que alguns destes estão aqui hoje, e vão lutar contra nós.

Chegaram então dois irmãos, primos de Sir Gawaine, um dos quais se chamava Sir Edward, e o outro, Sir Sadok, ambos bons cavaleiros, e perguntaram ao Rei Arthur se podiam se encarregar das primeiras justas, pois eram de Orkney. De muito bom grado vos concedo o que pedis, respondeu o soberano. Então, Sir Edward enfrentou o rei dos escoceses, em cujo grupo estavam Sir Tristão e Sir Palamedes. Sir Edward derrubou o adversário, que caiu redondamente no chão, e Sir Sadok derrubou o rei de Gales do Norte, infligindo-lhe uma queda tão tremenda que todos do grupo do Rei Arthur gritaram, o que deixou Sir Palamedes

enfurecido. Então, o sarraceno ergueu o escudo e enristou a lança e, com todo ímpeto, investiu contra Sir Edward de Orkney, atingindo-o com tanta força que sua montaria não conseguiu se manter de pé e caíram os dois por terra. Em seguida, com a mesma lança, Sir Palamedes derrubou Sir Sadok pela garupa do cavalo. Oh, Jesus!, exclamou Arthur. Quem é esse cavaleiro todo vestido de verde e que justa tão poderosamente? Sabei que é bom cavaleiro, disse Sir Gawaine, e ainda o vereis lutar melhor antes que se vá. Vereis também outro cavaleiro mais forte, usando a mesma cor, pois este que acaba de derrubar meus quatro primos é o mesmo que me derrubou dois dias atrás, juntamente com sete companheiros nossos.

Enquanto conversavam, entrou na liça Sir Tristão, montando um cavalo negro. Antes de se deter, derrubou com uma única lança quatro bons cavaleiros de Orkney que eram parentes de Sir Gawaine. Sir Gareth e Sir Dinadan derrubaram cada qual um bom cavaleiro. Jesus!, exclamou o monarca. Aquele do cavalo negro se sai maravilhosamente bem. Esperai, retrucou Sir Gawaine, pois esse cavaleiro ainda nem começou. Então, Sir Tristão mandou que os dois reis que haviam sido derrubados no início por Edward e Sadok voltassem a montar. Depois disso, sacou da espada e se embrenhou pelo ponto em que havia mais gente para enfrentar os de Orkney. Derrubou cavaleiros, arrancou elmos e escudos e derrotou inúmeros adversários. Eram tantas as suas proezas que Arthur e todos os demais cavaleiros estavam assombrados ao ver um único homem realizar feitos de armas tão grandes. E Sir Palamedes nada ficava a lhe dever, pois, do outro lado, também se saía maravilhosamente bem, deixando todos ali espantados. Aos olhos do Rei Arthur, Sir Tristão, montado no cavalo negro, parecia-se com um leão furioso; Sir Palamedes, sobre o cavalo branco, assemelhava-se a um leopardo furioso, e Sir Gareth e Sir Dinadan eram como lobos. No entanto, era costume entre eles que nenhum dos reis ajudasse outro, mas que toda a companhia sob cada estandarte ajudasse as outras como pudesse, e Sir Tristão realizou tantas façanhas com as armas que os de Orkney dele se cansaram e recuaram para Lonazep.

CAPÍTULO LXIX

Como Sir Tristão acabou desmontado e atingido por Sir Lancelote e, depois disso, derrubou o Rei Arthur.

Os arautos e muita gente entre o povo comum começou a gritar: O cavaleiro verde se saiu magnificamente bem e venceu todos os de Orkney! Nesse instante, os arautos confirmaram que Sir Tristão, que montava o cavalo negro, havia derrubado, com lança e espada, trinta cavaleiros, e Sir Palamedes, vinte. A maioria destes homens era da casa do Rei Arthur, e todos cavaleiros experientes. Valha-me Deus!, exclamou o soberano, dirigindo-se a Sir Lancelote. Esta foi uma grande vergonha para nós: ver quatro cavaleiros vencerem assim tantos dos meus homens. Preparai-vos, portanto, pois temos de nos haver com eles. Majestade, disse Sir Lancelote, sabei que são dois excelentes cavaleiros e que enfrentá-los agora não nos traria grande honra, já que lutaram muito no dia de hoje. Mas desejo vingar-me, insistiu Arthur. Assim, pois, chamai Sir Bleoberis e Sir Hector. Eu mesmo serei o quarto homem. Estaremos prontos, senhor, afirmou Lancelote. Tanto eu quanto meu irmão, Sir Hector, e meu primo, Sir Bleoberis. Quando já estavam montados e preparados, o monarca lhe disse: Escolhei quem quereis enfrentar. Majestade, respondeu ele, enfrentarei o cavaleiro de verde sobre o cavalo negro, que era Sir Tristão; meu primo, Sir Bleoberis, desafiará o cavaleiro verde montado no cavalo branco, que era Sir Palamedes; e meu irmão, Sir Hector, desafiará o cavaleiro verde sobre o cavalo claro, que era Sir Gareth. Então, disse Arthur, enfrentarei o cavaleiro verde montado no tordilho, que era Sir Dinadan. Agora, que cada homem se dirija a seu adversário, disse Sir Lancelote. Partiram juntos, trotando, e Sir Lancelote investiu contra Sir Tristão, atingindo-o com tanta força no escudo que homem e animal caíram por terra. Achando, porém, que se tratava de Sir Palamedes, o Cavaleiro do Lago seguiu adiante. Nesse meio-tempo, Sir Bleoberis enfrentou Sir Palamedes e desferiu tamanho golpe sobre seu escudo que cavaleiro e cavalo caíram no chão. Então, Sir Hector acertou Sir Gareth com um golpe tão duro que o arrancou de sua montaria, e o nobre Rei Arthur investiu contra Sir Dinadan, fazendo a mesma coisa. Por um instante, começaram a comentar que os cavaleiros verdes haviam morrido.

Quando o rei de Gales do Norte viu que Sir Tristão havia sofrido uma queda, lembrou-se das grandes façanhas que ele havia realizado naquele dia. Mandou, então, que muitos cavaleiros se preparassem, pois, segundo a regra e o costume, quando um cavaleiro que houvesse sido derrubado não conseguisse se levantar por

suas próprias forças ou com a ajuda de seus companheiros, passaria o resto do dia prisioneiro do grupo que o havia derrubado. O rei de Gales do Norte adentrou a liça, aproximou-se de Sir Tristão e, quando já estava bem perto, apeou-se e entregou seu animal ao cavaleiro caído, dizendo-lhe: Nobre cavaleiro, não sei de que país sois, mas, pelas nobres proezas que haveis realizado no dia de hoje, tomai meu cavalo e deixai-me fazer por vós o que puder, pois, que Jesus me ajude, sois mais digno de ficar com este animal do que eu. Muito obrigado, respondeu Sir Tristão, e, se puder, hei de vos recompensar. Tratai de vos manter por perto de nós, pois confio em que conseguirei outro cavalo para vós. Sem mais tardar, montou no animal, investiu contra o Rei Arthur e desferiu tamanho golpe com a espada sobre seu elmo que o monarca não teve forças para se manter na sela. Então, Sir Tristão deu ao rei de Gales do Norte o cavalo do Rei Arthur. Logo uma grande multidão acorreu para que o rei tivesse outra montaria, mas Sir Palamedes não queria deixar e investia a torto e a direito, com toda força, como valoroso cavaleiro que era. Nesse ínterim, Sir Tristão atravessou a multidão, derrubando cavaleiros a torto e a direito, e, arrancando elmos pelo caminho, dirigiu-se para seus pavilhões, deixando que Sir Palamedes seguisse a pé. Lá chegando, trocou de cavalo e se trajou todo de vermelho, inclusive sua montaria.

CAPÍTULO LXX

Como Sir Tristão trocou sua armadura por outra toda vermelha, como se portou e como Sir Palamedes matou o cavalo de Sir Lancelote.

Quando a Bela Isolda viu que Sir Tristão havia sido derrubado e não conseguia saber onde ele estava, chorou muitíssimo. Quando, porém, ele se aprontou e entrou impetuosamente na liça, ela pôde vê-lo, e o cavaleiro realizou grandes feitos de armas: com uma lança bem grossa, derrubou cinco cavaleiros, um atrás do outro. Foi então que Sir Lancelote se deu conta de que aquele era Sir Tristão e lamentou muito tê-lo derrubado. Deixou então a liça para descansar, mas logo voltou, e, quando Sir Tristão entrou em meio à multidão, usou toda sua força e colocou Sir Palamedes, Sir Gareth e Sir Dinadan novamente sobre seus cavalos. Em seguida, os quatro começaram a realizar inúmeras proezas, mas nenhum deles sabia quem os havia ajudado a montar. No entanto, Sir Tristão se manteve sempre por perto e ajudava seus companheiros em todas as ocasiões; este, porém, não vinha em seu auxílio, pois ele usava agora uma armadura vermelha. Durante todo esse tempo, Sir Lancelote continuou ausente.

Ao ver Sir Tristão novamente a cavalo, a Bela Isolda ficou felicíssima, pôs-se a rir e demonstrou ótima disposição. Aconteceu que Sir Palamedes olhou para a janela onde ela estava e a viu assim, rindo. Tal visão lhe deu tamanho ânimo que começou a derrubar, ora com a lança, ora com a espada, todos aqueles que encontrava pela frente. Aquela imagem inflamou de tal forma o amor que sentia por aquela dama que chegou a achar que, se, naquela ocasião, Sir Tristão e Sir Lancelote houvessem investido contra ele, não poderiam conquistar nenhuma glória. Em seu coração, como diz o livro, Sir Palamedes desejou, acima de tudo, poder enfrentar honrosamente Sir Tristão pela Bela Isolda. Começou então a redobrar seus esforços, e seu desempenho era tão assombroso que todos os homens estavam boquiabertos. E ele não parava de erguer os olhos para a Bela Isolda. Quando a via dar demonstrações de alegria, portava-se feito um leão, ao que ninguém conseguia resistir. Então, Sir Tristão percebeu como o sarraceno estava se saindo e observou, dirigindo-se a Sir Dinadan: Valha-me Deus! Sir Palamedes é realmente um bom cavaleiro, e tem muita resistência. Nunca, porém, o vi realizar tantas façanhas nem ouvi dizer que fosse capaz de tanto em um único dia. É o dia dele, respondeu Dinadan, e se calou, mas, disse de si para si: Se soubésseis por amor a quem ele realiza todos esses feitos de armas, logo vosso ânimo estaria abatido, Sir Tristão. Que lástima, prosseguiu Sir Tristão, que ainda

não tenha sido batizado. E o mesmo disse o Rei Arthur e todos os que o observavam. Então, por unanimidade, o galardão de melhor cavaleiro do dia foi concedido a Sir Palamedes, que, assim, sobrepujou tanto Sir Lancelote quanto Sir Tristão. Pois bem, disse Dinadan consigo mesmo, Sir Palamedes deveria agradecer à Bela Isolda por toda a honra que conquistou aqui no dia de hoje, já que, se ela não estivesse aqui, ele não teria sido o campeão.

Nesse momento, entrou na liça Sir Lancelote do Lago e viu e ouviu as vozes que aclamavam a grande honra que Sir Palamedes havia conquistado. Investiu então contra ele com uma lança possante, grossa e longa, com a intenção de derrubá-lo. Ao vê-lo se aproximar com tanta velocidade, o sarraceno correu ao seu encontro espada em punho e, quando Sir Lancelote ia atingi-lo, desferiu tamanho golpe em sua lança que esta se partiu em dois. Investiu então contra ele com o intuito de envergonhá-lo e, com a espada, feriu o pescoço do animal que ele montava, fazendo com que o cavaleiro caísse no chão. Ouviu-se então um grito colossal: Vede como Sir Palamedes, o sarraceno, derrubou o cavalo de Sir Lancelote. Mas muitos cavaleiros se enfureceram diante de tal ação, pois, segundo eles, não havia nada de cavalheiresco em matar propositadamente um animal durante um torneio. Tal ato só se justificava no calor de uma batalha, quando se disputava vida contra vida.

CAPÍTULO LXXI

Como Sir Lancelote falou com Sir Palamedes, e como o prêmio do dia foi entregue a este último.

Quando Sir Hector de Maris viu seu irmão, Lancelote, sofrer tal injúria e ser deixado a pé desse jeito, logo tratou de pegar uma lança e correu ao encontro de Sir Palamedes, acertando-lhe com tal força que o tirou de sua montaria. Ao ver isso, Sir Tristão, que portava arnês vermelho, derrubou Sir Hector de seu cavalo. Então, Sir Lancelote levou o escudo ao ombro e, espada em punho, investiu ferozmente contra Sir Palamedes, dizendo-lhe: Sabei que me fizestes neste dia a maior afronta que qualquer outro cavaleiro já fizera em torneio ou justa e, portanto, hei de me vingar. Assim sendo, defendei-vos. Ah, tende misericórdia, nobre cavaleiro!, exclamou o sarraceno. Perdoai-me por aquele ato descortês, pois não tenho poder nem força para resistir a vós, e bem sei que jamais fiz ou voltarei a fazer o tanto que realizei aqui no dia de hoje. Rogo-vos, pois, nobre cavaleiro, que me perdoeis agora, e prometo ser sempre vosso cavaleiro enquanto eu viver. Se me tirais agora minha honra, estareis tirando de mim a maior honra que já obtive ou que virei a obter em todos os dias de minha vida. Para dizer a verdade, retrucou Sir Lancelote, vejo que vos saístes maravilhosamente bem neste dia e entendo, em parte, por amor de quem o fizestes, pois bem sei que esse amor é uma grande dama. Se minha dama estivesse aqui, podeis saber, Sir Palamedes, que não conquistaríeis honra algum contra mim. Tratai, porém, de não revelar vosso amor, pois, se Sir Tristão descobrir, havereis de vos arrepender. Já que minha querela não está presente, por mim, podeis ficar com a honra do dia. Considerando-se todo trabalho e esforço que fizestes, não seria honroso de minha parte tirar de vós tal galardão. Ao dizer isso, permitiu que Sir Palamedes se fosse.

Em seguida, com toda sua força e seu poder, conseguiu um cavalo a despeito de vinte cavaleiros adversários. Depois de montar novamente, realizou maravilhas, com também o fizeram Sir Tristão e Sir Palamedes. Então, com uma lança, Sir Lancelote derrubou Sir Dinadan, o rei da Escócia, o rei de Gales, o rei de Northumberland e o rei de Listinoise. Além disso, ele e seus companheiros derrubaram quarenta cavaleiros. Nesse momento, o rei da Irlanda e o rei das Plácidas Fronteiras vieram resgatar Sir Tristão e Sir Palamedes. Começou então um combate acirrado, com muitos cavaleiros de ambas as partes caindo pelo chão. Durante todo o confronto, Sir Lancelote evitava Sir Tristão, e este fazia o mesmo. E Sir Palamedes não quis enfrentar o Cavaleiro do Lago, havendo arremetidas

aqui e ali. O Rei Arthur enviou então muitos cavaleiros da Távola Redonda, e o sarraceno estava sempre na linha de frente. Sir Tristão tinha um desempenho tão magnífico que o monarca e todos os presentes estavam maravilhados. Nesse momento, o rei mandou tocarem o som de descanso, e, como Sir Palamedes havia sido o primeiro a começar e não havia deixado a liça para descansar, além de se sair muitíssimo bem, tanto a pé quanto a cavalo, e de demonstrar mais resistência do que qualquer outro, o Rei Arthur e os demais monarcas lhe concederam o galardão da vitória naquele dia.

Sir Tristão mandou então que Sir Dinadan fosse buscar a Bela Isolda e a levasse para seus pavilhões que estavam junto à fonte. Dinadan fez o que lhe havia sido ordenado. Quando Sir Palamedes descobriu que o cavaleiro de armadura vermelha montado no cavalo trajado de vermelho era Sir Tristão, muito se alegrou, o mesmo acontecendo com Sir Gareth e Sir Dinadan, pois todos acreditavam que ele houvesse sido aprisionado. Depois disso, cada qual se recolheu à sua tenda, e todos, inclusive o rei, falaram daqueles cavaleiros. Mais que tudo, porém, todos concordavam que Sir Palamedes merecia ser o vitorioso, e todos os que o conheciam estavam deslumbrados com suas façanhas. Majestade, disse Sir Lancelote, dirigindo-se ao Rei Arthur. Se o cavaleiro verde é Sir Palamedes, atrevo-me a dizer que, no dia de hoje, é o homem mais digno da vitória, pois não descansou um momento sequer nem trocou de cavalo. Foi o primeiro a começar e o que resistiu por mais tempo. Mas bem sei que havia ali um cavaleiro melhor do que ele, e aposto minha vida que isso será comprovado antes de irmos embora daqui. Cada grupo foi para seu lado e Sir Dinadan repreendeu Sir Tristão, dizendo: Que raios tendes hoje? Pois a força de Sir Palamedes jamais lhe faltava; pelo contrário, vinha sempre redobrada!



CAPÍTULO LXXII

Como Sir Dinadan provocou Sir Tristão para que este se saísse bem.

E vós, Sir Tristão, passastes o dia de hoje com movimentos tão lentos que parecíeis até estar dormindo e, por isso, eu vos chamo de covarde. Bem sabeis, Dinadan, retrucou seu companheiro, que jamais na vida algum cavaleiro terreno me chamou assim, e garanto-vos que não me considero covarde, embora Sir Lancelote tenha me derrubado do cavalo, já que, para mim, ele é uma exceção. Garanto-vos, Sir Dinadan, que, quando Sir Lancelote se vê diante de uma boa querela, ele é bom o bastante para enfrentar qualquer cavaleiro que hoje vive. Além disso, por sua tolerância, sua generosidade e sua cortesia, eu o considero sem igual entre todos. De certa forma, Sir Tristão se enraiveceu com Sir Dinadan, mas este só lhe falava nesses termos porque queria provocá-lo para deixar seus ânimos mais alterados e incitar sua raiva, pois sabia perfeitamente que, se Sir Tristão houvesse se irritado durante o torneio, Sir Palamedes não teria conquistado o galardão naquela manhã. Era com tal intenção que Sir Dinadan repreendia e censurava o companheiro. Na verdade, interveio Sir Palamedes, não conheço ninguém que se iguale a Sir Lancelote em termos de nobre cavalaria, cortesia, habilidade e gentileza. Hoje mesmo fui muito descortês com ele e muito pouco cavalheiresco, e, se ele tivesse feito o mesmo comigo, eu não teria conquistado honra alguma. Portanto, serei seu cavaleiro enquanto viver. Essa conversa acontecia nas casas dos reis, e todos eles, monarcas, nobres e cavaleiros disseram que, tanto no que se referia à cavalaria quanto à força, generosidade e cortesia, Sir Lancelote e Sir Tristão eram os melhores dentre todos os que viviam na época do Rei Arthur. E, nesses dias, não existia nenhum cavaleiro que fizesse metade das façanhas que os dois haviam realizado, pois, como diz o livro, nem dez cavaleiros teriam feito metade do que eles fizeram e, durante o reinado de Arthur, não havia cavaleiro que solicitasse alguma demanda a Sir Lancelote ou a Sir Tristão que não a visse cumprida, a menos que lhes trouxesse desonra.

CAPÍTULO LXXIII

Como o Rei Arthur e Sir Lancelote vieram ver a Bela Isolda, e como Palamedes derrubou o Rei Arthur.

Pela manhã, Sir Lancelote partiu. Sir Tristão, a Bela Isolda, Sir Palamedes e Sir Gareth se prepararam para o torneio. Adentraram a floresta, todos de verde, com trajes novos. E Sir Tristão deixou Sir Dinadan dormindo em sua cama. Aconteceu que, enquanto cavalgavam, o rei e Sir Lancelote estavam em uma janela e os viram passar. Majestade, disse o cavaleiro, ali vai a mais formosa dama do mundo, depois de vossa rainha, Lady Guinevere. Quem é ela?, indagou Arthur. É a Rainha Isolda, senhor, respondeu Sir Lancelote, e, à exceção de minha soberana, vossa rainha, não há outra no mundo que a ela se equipare. Pegai vosso cavalo, disse o soberano, e preparai-vos da melhor maneira possível. Farei o mesmo e vos prometo, acrescentou, que hei de vê-la. Não tardaram a se armar, montar, pegar uma lança e entrar na tal floresta. Majestade, observou Lancelote, não é uma boa ideia chegar muito perto deles, pois sabei que seguem ali dois dos melhores cavaleiros que existem nos dias de hoje. Portanto, eu vos rogo que não cavalgueis com demasiada pressa. Talvez um desses cavaleiros se aborreça se nos aproximarmos de forma tão súbita. Pois quero vê-la, retrucou Arthur, e pouco me importa a quem possa fazer afronta. Estais correndo grande risco, Majestade. Quanto a isso, entreguemo-nos à aventura, retrucou o rei. Dirigiu-se então diretamente à dama e a saudou, dizendo: Que Deus vos guarde. Senhor, respondeu ela. Sede bem-vindo. Então, o monarca a fitou e gostou muito do que viu.

Nesse instante, Sir Palamedes se aproximou e disse: Cavaleiro descortês, o que estais procurando? Sois descortês aproximando-vos assim tão abruptamente de uma dama, portanto, afastai-vos. Arthur nem sequer considerou as palavras de Sir Palamedes e continuou fitando a Rainha Isolda. O sarraceno então se enfureceu, pegou uma lança, investiu ferozmente contra o Rei Arthur e o derrubou com um só golpe. Quando Sir Lancelote viu tamanho rancor por parte de Sir Palamedes, disse consigo mesmo: Não gostaria de enfrentar este cavaleiro. Não por ele, mas por Sir Tristão, pois de uma coisa estou certo: se eu derrubar o sarraceno terei que lutar com Sir Tristão, e não seria fácil para mim desafiar a ambos, pois são dois valorosos cavaleiros. No entanto, que saia desta vivo ou morto, preciso vingar meu soberano, não importa o que vier a acontecer comigo. Assim, pois, gritou, dirigindo-se a Sir Palamedes: Defendei-vos de mim! E logo um investiu contra o outro, lanças em punho. Sir Lancelote, porém, acertou

tamanho golpe em seu adversário que o derrubou da sela, levando uma queda considerável. Ao ver Sir Palamedes cair daquele jeito, Sir Tristão disse a Sir Lancelote: Defendei-vos, senhor cavaleiro! Pois devo justar convosco. Sabei que não hei de me furtar a isso, retrucou Lancelote, pois não tenho medo de vós. No entanto, se pudesse escolher, preferia não me haver convosco. Quero que saibais que devo vingar meu venerado soberano, que foi derrubado de sua montaria de forma brusca e pouco afeita à cavalaria. Portanto, embora eu tenha vingado essa queda, não vos irriteis com isso, pois sois tão querido por mim que não me agrada vos ver envergonhado.

De imediato, por seu porte e seus motivos dignos de um cavaleiro, Sir Tristão percebeu que se tratava de Sir Lancelote do Lago, e que aquele que Sir Palamedes havia derrubado era o Rei Arthur. Largou então a lança, ajudou seu companheiro a montar novamente, o mesmo fazendo Lancelote com o monarca, e, assim, se separaram. Ai, valha-me Deus!, exclamou Sir Tristão, dirigindo-se a Palamedes. Não foi um ato honroso derrubar aquele cavaleiro tão bruscamente como fizestes. Sabei que isso vos trouxe grande vergonha, pois tais cavaleiros vieram até aqui com gentileza para ver uma dama formosa, e faz parte das atitudes de todo bom cavaleiro admirar uma bela dama. Não devíeis ter exibido tais habilidades perante minha senhora. Deveis saber que isso haverá de provocar raiva, pois aquele que derrubastes era o Rei Arthur, e o outro, o bom cavaleiro Sir Lancelote. Jamais esquecerei as palavras de Sir Lancelote chamando-o de homem de grande mérito, o que me fez compreender que se tratava de nosso soberano. Já Sir Lancelote não teria se recusado a lutar mesmo que houvesse quinhentos cavaleiros no campo, mas se recusou a lutar comigo. Foi assim que compreendi que aquele era o Cavaleiro do Lago, pois ele sempre me dispensa em todos os lugares e demonstra grande gentileza para comigo. Dentre todos os cavaleiros, sem exceção de nenhum, digam o que disserem, ele leva a flor da cavalaria, por mais que haja quem conteste tal fato. E, se estivesse enfurecido e quisesse atacar com todo ímpeto, sem fazer qualquer concessão, não sei de nenhum homem vivo para quem tal confronto não fosse duríssimo, tanto a cavalo quanto a pé. Não consigo acreditar que o Rei Arthur cavalgue por aí secretamente, como um pobre cavaleiro andante, observou Palamedes. Ah, respondeu Sir Tristão. Não conheceis meu senhor Arthur. Todos os cavaleiros podem aprender a sê-lo com ele e, portanto, deveríeis lamentar vossa atitude tão descortês para com rei tão nobre. Não se pode desfazer o que está feito, retrucou o sarraceno. Então, Sir Tristão mandou que a Bela Isolda fosse para seus aposentos no convento, de onde poderia observar todo o torneio.

CAPÍTULO LXXIV

Como, no segundo dia, Palamedes abandonou Sir Tristão e foi se juntar à outra equipe, sua adversária.

Foi anunciado em meio a todos os cavaleiros que, quando ouvissem soar um corno, deveriam dar início à justa da mesma forma que haviam feito no primeiro dia. Então, como os irmãos Sir Edward e Sir Sadok tinham sido os primeiros na véspera, neste dia Sir Uwaine, filho do Rei Urien, e Sir Lucanere começaram a competição. No primeiro confronto, Sir Uwaine derrubou o filho do rei dos escoceses e Sir Lucanere enfrentou o rei de Gales, partindo ambas as lanças em mil pedaços e caindo os dois por terra. Então, os de Orkney ajudaram Sir Lucanere a montar novamente. Em seguida, foi a vez de Sir Tristão de Liones, que derrubou tanto Sir Uwaine quanto Sir Lucanere. Sir Palamedes derrubou outros dois cavaleiros, e Sir Gareth, mais outra dupla. Esses três cavaleiros têm um magnífico desempenho, observou o Rei Arthur, dirigindo-se a Sir Lancelote. Especialmente o que justou primeiro. Este cavaleiro mal começou, Majestade, comentou Sir Lancelote. Mas, no dia de hoje, haveis de vê-lo sair-se maravilhosamente bem. Entrou então na liça o filho do duque de Orkney, e foram realizados muitos feitos de armas.

Quando Sir Tristão os viu começar assim, perguntou a seu companheiro: Como vos sentis? Podeis fazer hoje o que fizestes ontem? Não, respondeu Palamedes. Sinto-me tão cansado e tão dolorido pelos combates de ontem que não poderei resistir por tanto tempo. Lamento muito, falou Sir Tristão, pois sentirei vossa falta. Não deveis contar comigo, prosseguiu Sir Palamedes, porque não poderei fazer tudo que fiz ontem. Tudo isso, porém, era dito para enganar Sir Tristão. Senhor, disse este a Sir Gareth, devo então me fiar em vós e, portanto, rogo-vos que não vos separeis de mim para vir em meu socorro. Se for necessário, respondeu Sir Gareth, não falharei para convosco em tudo que estiver em meu poder. Assim, pois, Sir Palamedes cavalgou sozinho e, por despeito com relação a Sir Tristão, embrenhou-se no ponto em que a multidão estava mais densa na luta entre os de Orkney. Ali, realizou façanhas tão maravilhosas que todos ficaram assombrados, já que ninguém conseguia resistir a um único golpe seu.

Ao ver tal cena, Sir Tristão ficou espantado e disse de si para si: Está cansado de minha companhia. Ficou então observando o sarraceno por algum tempo, sem fazer outra coisa, pois o clamor de vozes era tão descomunal que ele estava deslumbrado sem saber de onde vinha a força que Sir Palamedes

demonstrava ali na liça. Senhor, disse-lhe então Sir Gareth, não vos lembrais dos motivos alegados ontem por Sir Dinadan, quando vos chamou de covarde? Na verdade, senhor, ele não disse aquilo com más intenções, já que sois o homem que ele mais ama no mundo. O que fez foi pensando em vossa honra. Por isso, mostrai-me hoje quem sois e não vos maravilheis com o desempenho de Sir Palamedes, pois ele está se esforçando para conquistar toda honra e merecimento sobre vós. Tendes razão, concordou Sir Tristão. E, uma vez que compreendo todo seu rancor e sua inveja, vereis que, se eu me empenhar, todo esse clamor que agora se faz ouvir por causa dele há de se calar.

Ao dizer isso, meteu-se no local onde havia mais cavaleiros e se saiu tão maravilhosamente bem, realizando tamanhos feitos de armas, que todos disseram que ele redobrava tudo que Sir Palamedes havia feito antes. Então, a aclamação nitidamente deixou de acompanhar o sarraceno e se transferiu para Sir Tristão. Oh, Jesus!, diziam. Vede como Sir Tristão derruba tantos cavaleiros com a lança! E vede também quantos derruba com a espada e quantos elmos e escudos consegue arrancar. Com isso, ele ia derrubando todos os cavaleiros de Orkney que se punham à sua frente. O que pensais agora?, perguntou Sir Lancelote ao Rei Arthur. Eu vos disse que, no dia de hoje, haveria um cavaleiro que dominaria o espetáculo. E tendes, diante de vós, alguém que se sai maravilhosamente bem, pois tem força e alento. Valha-me Deus!, respondeu o monarca. Tendes toda razão, pois jamais vi cavaleiro melhor. Ele supera de longe Sir Palamedes. E não poderia ser diferente, disse Lancelote, já que tal prodígio é o nobre cavaleiro Sir Tristão. Não duvido, assentiu Arthur.

Quando, porém, Sir Palamedes percebeu que os gritos e as aclamações não eram para ele, afastou-se e ficou observando Sir Tristão. Ao ver as façanhas impressionantes que aquele cavaleiro realizava, chorou muito, por despeito, pois sabia que não conquistaria honra alguma naquele dia, já que, como ele não ignorava, sempre que Sir Tristão empenhava sua força e sua bravura, não sobrava glória alguma para ele próprio.

CAPÍTULO LXXV

Como Sir Tristão deixou a liça, acordou Sir Dinadan e voltou envergando uma armadura inteiramente negra.

Chegaram então o Rei Arthur, o rei de Gales do Norte e Sir Lancelote do Lago. Sir Bleoberis, Sir Bors de Ganis e Sir Hector de Maris entraram na liça junto com Sir Lancelote e, juntamente com esses três cavaleiros de sua família, o Cavaleiro do Lago realizou tamanhos feitos de armas que todo o clamor se erguia agora para ele. Conseguiram fazer com que o rei de Gales e o rei dos escoceses recuassem um bom pedaço de terreno e acabaram obrigando-os a se retirar da liça. Sir Tristão e Sir Gareth, porém, continuaram ali, resistindo a tudo que lhes aparecesse pela frente e deixando todos maravilhados, sem entender como um cavaleiro era capaz de resistir a tantos golpes. No entanto, por ordem de Sir Lancelote, seus três parentes evitavam enfrentar Sir Tristão. Este que resiste tanto é Sir Palamedes?, perguntou o Rei Arthur. Não, respondeu Sir Lancelote. Sabei que é o bom cavaleiro Sir Tristão. Ali podeis ver Sir Palamedes, que observa tudo atentamente e faz muito pouco ou mesmo nada. Deveis compreender, Majestade, que Sir Tristão pretende nos expulsar a todos desta liça e, quanto a mim, não serei aquele que há de vencê-lo. Estais vendo como Sir Palamedes permanece naquele lugar, como se estivesse mergulhado em um sonho? Pois eu vos digo que ele lamenta muito que Sir Tristão realize tais feitos de armas. Então, não passa de um tolo, disse Arthur. Pois Sir Palamedes jamais foi e jamais será homem de tantas proezas como Sir Tristão. E, se tem inveja dele, mas o acompanha, é um cavaleiro falso.

Enquanto o rei e Sir Lancelote trocavam tais palavras, Sir Tristão saiu discretamente do local dos combates, de tal forma que ninguém percebeu nada, a não ser a Bela Isolda e o sarraceno, pois nenhum dos dois tirava os olhos de Sir Tristão. Quando chegou a seus pavilhões, encontrou Sir Dinadan dormindo na cama. Acordai!, disse ele. Devíeis vos envergonhar de estar dormindo enquanto os cavaleiros combatem na liça. Dinadan se levantou com presteza e perguntou: O que quereis de mim, senhor? Preparai-vos para entrar comigo em campo. Depois de armado, Sir Dinadan olhou o elmo e o escudo de seu companheiro e, ao ver tantos cortes, disse: Ainda bem que fiquei dormindo, pois, se estivesse a vosso lado, teria que vos acompanhar por vergonha. Mais por vergonha do que por qualquer bravura que possa haver em mim. Por todos estes cortes, vejo que teria sido vencido como ontem. Deixai de brincadeiras e saí daqui para voltarmos para a liça. Como assim?, questionou Dinadan. Estais tão impetuoso! Ontem agíeis

como se estivésseis sonhando. Então, Sir Tristão vestiu um arnês negro. Oh, Jesus!, disse ainda Dinadan. O que está acontecendo convosco hoje? Ao que parece, estais mais arrojado do que ontem! Ao ouvir isso, Sir Tristão sorriu e disse: Ficai sempre bem perto de mim. Se me virdes com muita gente, tratai de vos manter às minhas costas e abrirei caminho para vós com a graça de Deus. Então, os dois pegaram seus cavalos. Sir Palamedes viu toda essa cena e também a Bela Isolda, pois era capaz de reconhecer Sir Tristão mais do que a qualquer outra pessoa.



CAPÍTULO LXXVI

Como Sir Palamedes trocou de escudo e de armadura para ferir Sir Tristão, e como Sir Lancelote agiu com relação a este último.

Quando Sir Palamedes percebeu que Sir Tristão entraria na liça disfarçado, teve a ideia de lhe causar vergonha. Aproximou-se então de um cavaleiro ferido que estava sentado junto a um formoso poço, afastado do local dos combates. Senhor cavaleiro, disse ele, rogo-vos que me empresteis vossa armadura e vosso escudo, pois o meu é tão conhecido neste torneio que já anda me causando danos. Ficareis com minha armadura e meu escudo, que são tão seguros quanto os vossos. De bom grado, respondeu o outro. Eis aqui minha armadura e meu escudo, se podem vos ser de alguma serventia. Sir Palamedes logo tratou de se aprontar com a armadura daquele cavaleiro, pegou seu escudo, que reluzia como cristal ou como prata, e, assim, entrou cavalgando na liça, onde não foi reconhecido nem por Sir Tristão nem por ninguém da companhia do Rei Arthur. No exato momento em que ele adentrava o local dos combates, Sir Tristão derrubou três cavaleiros bem diante de seus olhos. Então, o sarraceno investiu contra ele e, no confronto, ambos partiram suas lanças até a empunhadura. Em seguida, deram início a uma luta acirrada com as espadas. Sir Tristão ficou assombrado com aquele cavaleiro que o enfrentava de forma tão honrosa, mas também se aborreceu pensando que não poderia se haver com os demais cavaleiros por causa da força de Sir Palamedes. Os dois se atacavam mutuamente e infligiam-se inúmeros cortes graves, fazendo com que muitos se perguntassem quem poderia ser aquele que lutava desse jeito com o cavaleiro negro, Sir Tristão. A Bela Isolda sabia perfeitamente que era Sir Palamedes, pois, da janela onde se encontrava, havia visto toda a cena em que o sarraceno trocava de arnês com o cavaleiro ferido. Começou então a chorar tão vivamente, irritada com Sir Palamedes, que caiu desfalecida. Então, entraram na liça Sir Lancelote com os cavaleiros de Orkney e, assim que os adversários o viram, gritaram uns para os outros: Voltai, voltai, pois Sir Lancelote do Lago está chegando! Alguns cavaleiros se aproximaram e disseram: Sir Lancelote, tendes que lutar com aquele cavaleiro do arnês negro, que era Sir Tristão, pois ele quase venceu aquele bom cavaleiro que porta o escudo de prata, que era Sir Palamedes. Então, Sir Lancelote se intrometeu entre os dois contendores e disse, dirigindo-se ao sarraceno: Senhor cavaleiro, permiti que eu assuma esta batalha, pois estais precisando de um descanso. Sir Palamedes reconheceu o Cavaleiro do Lago e Sir Tristão também, mas, como Sir Lancelote era muito mais audacioso do que ele

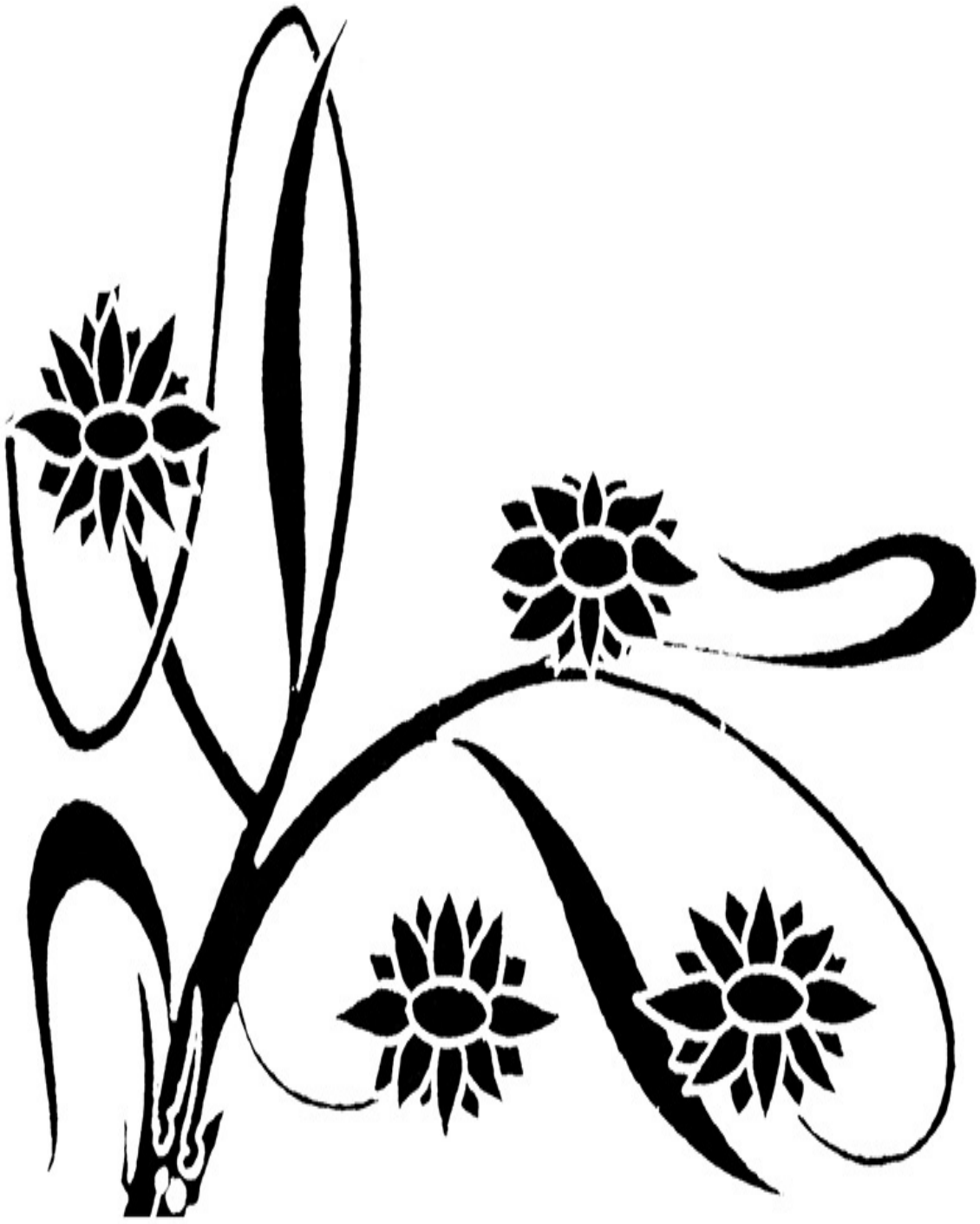
próprio, o sarraceno se alegrou e consentiu em lhe ceder o combate. Na verdade, sabia perfeitamente bem que Sir Lancelote não havia reconhecido Sir Tristão e esperava que ele o derrotasse ou lhe fizesse afronta, coisa que desejava ardentemente. Sir Lancelote infligiu muitos cortes graves a Sir Tristão, pois não sabia de quem se tratava, embora este último soubesse quem ele era. Lutaram assim por um bom tempo, deixando a Bela Isolda quase louca de tanta ansiedade.

Então, Sir Dinadan revelou a Sir Gareth quem era o cavaleiro do arnês negro. Seu adversário é Sir Lancelote, acrescentou, que decerto levará a melhor, pois Sir Tristão já deve muito trabalho no dia de hoje. Então, vamos derrubá-lo, propôs Sir Gareth. É o melhor que podemos fazer, respondeu Sir Dinadan, e Sir Tristão não será envergonhado, pois logo ali está o forte cavaleiro com o escudo de prata que só espera para atacá-lo se preciso for. Sem mais tardar, Sir Gareth arremeteu contra Sir Lancelote, desfechando-lhe um golpe tão forte no alto do elmo que o deixou atordoado. Nesse momento, usando uma lança, Sir Dinadan o atingiu com força, derrubando-o por terra juntamente com sua montaria. Oh, Jesus, que afronta!, exclamou Sir Tristão, dirigindo-se aos dois recém-chegados. Por que haveis derrubado um cavaleiro tão bom quanto ele, e principalmente enquanto lutávamos? Estais agora cobertos de vergonha, sem qualquer demérito para ele, pois eu vinha conseguindo resistir a seus ataques e, portanto, não me ajudastes em nada.

Então Sir Palamedes, que estava disfarçado, se aproximou e derrubou Sir Dinadan de seu cavalo. E, como ele o havia derrubado momentos antes, Sir Lancelote o atacou duramente, obrigando-o a se defender com toda sua força. Sir Tristão, porém, lamentou muito que isso estivesse acontecendo, pois bem sabia que Sir Dinadan não era capaz de resistir ao Cavaleiro do Lago. Nesse instante, Sir Palamedes, que estava descansado, investiu contra Sir Tristão. Quando este o viu se aproximar, pensou em logo se livrar dele, pois queria ajudar Sir Dinadan, que corria grande perigo enfrentando Sir Lancelote. Atacou então o sarraceno com um golpe tão forte que ele caiu debaixo de seus pés, fazendo com que o próprio Sir Tristão caísse sobre ele. Este, porém, levantou-se de um salto, deixando o outro prostrado no chão. Intrometeu-se então entre Sir Lancelote e Sir Dinadan, e os três começaram a lutar juntos.

Sir Dinadan logo tratou de pegar o cavalo de seu companheiro e disse, em voz bem alta, para que Sir Lancelote pudesse ouvi-lo: Tomai vosso cavalo, meu senhor Tristão! Ao ouvir este nome, o Cavaleiro do Lago exclamou: Oh, Jesus! O que fiz eu? Acabei de me desonrar. Ah, meu senhor Tristão!, acrescentou. Por que vos disfarçastes? Pusestes-vos em grande perigo neste dia, mas eu vos rogo que me perdoeis, pois, se vos tivesse reconhecido, não teríamos travado este combate. Senhor, respondeu Sir Tristão, não é a primeira demonstração de bondade que me dais. Ambos voltaram então a montar.

Então, todos de uma das companhias atribuíram a honra e a vitória a Sir Lancelote, ao passo que os da outra atribuíram-nas a Sir Tristão. Pois não mereço esta honra, disse Sir Lancelote, e quero declarar a todos os cavaleiros que Sir Tristão permaneceu na liça por mais tempo do que eu e derrubou muito mais cavaleiros no dia de hoje. Portanto, é a ele que quero dar meu voto e rogo, pois, a todos os meus senhores e companheiros que façam o mesmo. Assim, pois, todos os duques, condes, barões e cavaleiros admitiram: Neste dia, Sir Tristão provou ser o melhor cavaleiro.



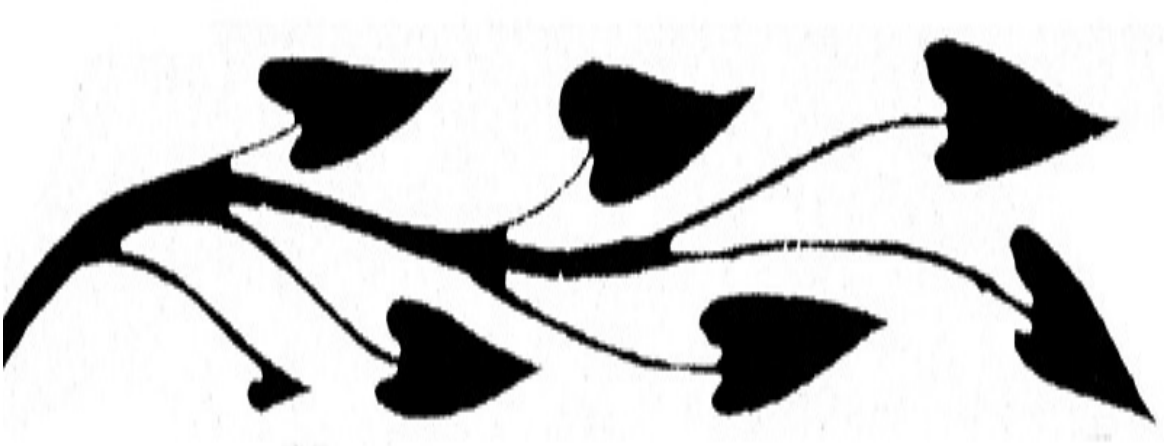
CAPÍTULO LXXVII

Como Sir Tristão foi embora com a Bela Isolda, e como Palamedes os seguiu e se desculpou.

Soou então o toque de pousada e a Rainha Isolda foi conduzida até seus pavilhões. Mas ela estava muitíssimo irritada com Sir Palamedes, pois havia acompanhado sua traição do princípio ao fim. Até então, nem Sir Tristão, nem Sir Gareth, nem Sir Dinadan tinham ideia de tal traição, mas depois vereis como aconteceu ali a maior discussão possível entre Sir Tristão e o sarraceno.

No fim do torneio, Sir Tristão, Sir Gareth e Sir Dinadan cavalgaram acompanhando a Bela Isolda até os pavilhões. Sir Palamedes os seguiu, disfarçado como estava. Quando, porém, Sir Tristão viu que era o tal cavaleiro do escudo de prata que tanto o havia atacado naquele dia, disse: Senhor, sabei que ninguém aqui precisa de vossa companhia e, por isso, rogo-vos que vos afasteis de nós. O sarraceno respondeu como se não soubesse que se tratava de Sir Tristão. Pois sabei, senhor cavaleiro, que jamais hei de me afastar desta companhia, pois um dos melhores cavaleiros do mundo mandou que eu fizesse parte dela e, até que me desincumba de meu serviço, não quero ser dispensado. Foi então que Sir Tristão descobriu de quem se tratava. Ah, Sir Palamedes!, exclamou o nobre cavaleiro. Então sois vós? Convocar-vos foi um equívoco, pois, por muito tempo, todos vos consideraram um cavaleiro cortês. No dia de hoje, porém, demonstrastes muito pouca cortesia para comigo, já que poderíeis ter causado a minha morte. Quanto a vós, creio que poderia ter me saído bastante bem, mas lutar convosco e com Sir Lancelote era trabalho demais para mim, pois não conheço nenhum cavaleiro vivo que seja bom o bastante para lhe fazer frente se ele estiver disposto a dar tudo de si. Ai, respondeu Sir Palamedes, sois meu senhor Tristão? Sim, senhor, e sabeis disso muito bem. Pela honra da cavalaria, retrucou o sarraceno, até agora não vos havia reconhecido. Julguei que fôsseis o rei da Irlanda, já que posso ver que estais portando suas armas. É fato que porto suas armas, retrucou Sir Tristão, e assim será, pois as conquistei em um campo de um cavaleiro muito valoroso cujo nome era Sir Marhaus. Com muito esforço consegui vencê-lo e ele não conseguiu se recuperar, acabando por morrer por culpa de falsos médicos. No entanto, ele jamais se rendeu a mim. Senhor, disse Sir Palamedes, achei que vos havíeis juntado ao grupo de Sir Lancelote e isso me levou a fazer o mesmo. Tendes razão, respondeu Sir Tristão. Aceito vossos motivos e vos perdoo.

Nesse momento, chegaram às tendas e, depois de se apearem e se desarmarem, lavaram as mãos e o rosto e sentaram-se à mesa para comer. Quando, porém, Isolda viu Sir Palamedes, as cores lhe fugiram e ela ficou tão enraivecida que não conseguiu dizer nada. Logo Sir Tristão percebeu a expressão de seu rosto e perguntou: Senhora, por que estais assim tão aborrecida? Passamos por graves tormentos neste dia. Meu senhor, respondeu a Bela Isolda, por Deus, não fiqueis descontente comigo, pois não poderia fazer diferente. No dia de hoje, vi como estavas sendo traído e quase levado à morte. Na verdade, senhor, vi cada passo e como e por que poderia suportar aqui, em vossa presença, tal vilão e traidor como Sir Palamedes, pois vi com meus próprios olhos como ele vos observava quando saístes da liça. Passou o tempo todo montado, sem sair do lugar, até que vos viu entrar novamente e, então, de imediato, eu o vi ir ao encontro do cavaleiro ferido, trocar de arnês com ele e voltar direto para o campo de combate. Assim que vos localizou, investiu contra vós e travou convosco uma batalha acirrada. Quanto a ele, eu não temia grandes perigos, mas tive muito medo de Sir Lancelote, que não vos reconheceu. Senhora, atalhou o sarraceno, podeis dizer o que quiserdes, pois não hei de vos contradizer, mas juro, por minha honra de cavaleiro, que não reconheci Sir Tristão. Sir Palamedes, disse este, quero aceitar vossas desculpas, apesar de saber que não me poupastes absolutamente. De minha parte, porém, tudo está perdoado. Então, a Bela Isolda baixou a cabeça e não disse mais nada naquela ocasião.



CAPÍTULO LXXVIII

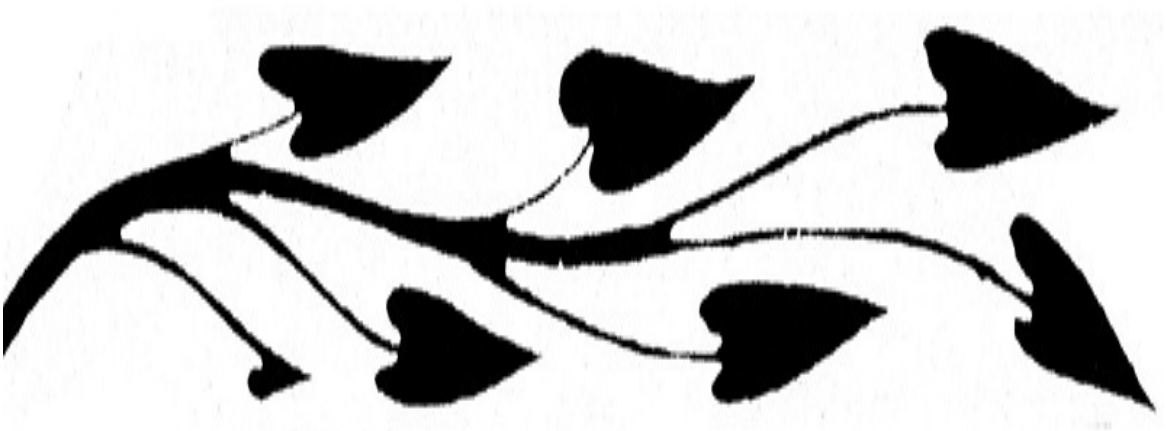
Como o Rei Arthur e Sir Lancelote apareceram em suas tendas quando eles se sentaram para cear, e sobre Sir Palamedes.

Nesse momento, chegaram ao pavilhão dois cavaleiros armados que se apearam mas não retiraram nenhuma peça da armadura para entrar. Gentis cavaleiros, disse Sir Tristão, mereceis reprovação por entrarem assim inteiramente armados quando estamos comendo. Se queríeis algo, poderíeis ter desafogado vosso coração enquanto ainda estávamos na liça. Na verdade, retrucou um deles, não viemos até aqui com tais intenções, Sir Tristão, mas sim como amigos. Eu vim para vos ver, disse o outro, e este cavaleiro que me acompanha veio ver a Bela Isolda. Peço-vos então que retireis o elmo para que vos possamos ver, disse Sir Tristão. Que assim seja, responderam ambos. E, quando já haviam retirado o elmo, Sir Tristão achou que deveria conhecê-los.

Então, Sir Dinadan lhe disse de forma discreta: Senhor, este aqui, que falou primeiro, é Sir Lancelote do Lago, e o outro é meu soberano, o Rei Arthur. Nesse instante, Sir Tristão disse à Bela Isolda: Levantai-vos, senhora, pois aqui está meu senhor, o Rei Arthur. O rei e a rainha se beijaram, Sir Lancelote e Sir Tristão se abraçaram, e todos ficaram imensamente felizes. A pedido da Bela Isolda, os recém-chegados foram desarmados e ficaram ali entretidos em alegre conversação. Senhora, disse o soberano, há muitos dias que desejava vê-la, pois sois sempre muito elogiada. Agora atrevo-me a dizer que sois a mulher mais bela que já vi e Sir Tristão é o cavaleiro mais leal e correto entre todos os que conheço. Portanto, parece-me que formais um par perfeito. Que Deus vos agradeça, Majestade, disseram o nobre cavaleiro Sir Tristão e Isolda, por vossa grande bondade e por vossa generosidade sem igual. Falaram assim sobre muitos assuntos e também sobre todas as justas. Mas por que estais contra nós, Sir Tristão?, perguntou o Rei Arthur. Sois cavaleiro da Távola Redonda e, por direito, devíeis ter ficado de nosso lado. Senhor, respondeu Tristão, aqui estão Dinadan e Sir Gareth, vosso próprio sobrinho, que me fizeram lutar contra vós. Meu senhor Arthur, disse Gareth, posso perfeitamente ser o culpado por isso, mas as façanhas foram realizadas pelo próprio Sir Tristão. Eu muito lamento o que aconteceu, pois Sir Tristão nos traiu neste torneio e foi por culpa dele que recebemos muitos golpes graves. Então, o monarca e Sir Lancelote riram tanto que mal conseguiam se manter sentados.

Quem era aquele cavaleiro que vos deu tanto trabalho?, perguntou Arthur. Aquele que portava o escudo de prata? Ele está aqui, Majestade, sentado a esta mesa. Como?, reagiu o rei. Era Sir Palamedes? Podeis ter certeza que sim, disse a Bela Isolda. Valha-me Deus!, exclamou o Rei Arthur. Agistes de forma muito descortês sendo tão bom cavaleiro, pois já ouvi muita gente vos chamar de cavaleiro cortês. Majestade, respondeu Palamedes, não reconheci Sir Tristão uma vez que ele estava disfarçado. Por Deus!, disse Sir Lancelote. É bem possível, pois eu também não o reconheci. Mas pergunto-me por que passastes para o nosso lado. Pelo mesmo motivo, disse Sir Lancelote. Quanto a isso, interveio Sir Tristão, já o perdoei e não gostaria de deixar sua companhia, que aprecio muito. Deixaram, pois, este assunto de lado e falaram de outras coisas.

Quando já estava anoitecendo, o Rei Arthur e Sir Lancelote foram para seus aposentos, mas sabei que Sir Palamedes sentia muita inveja e, por isso, não conseguiu descansar em sua cama, passando a noite inteira gemendo e chorando copiosamente. Pela manhã, Sir Tristão, Sir Gareth e Sir Dinadan se levantaram cedo e foram ao local onde dormia o sarraceno. Encontraram-no profundamente adormecido, pois havia passado a noite toda em claro e, pelo seu rosto, viram que tinha chorado muito. Não digais nada, disse Sir Tristão. Tenho certeza de que ele ficou muito aborrecido com a repreensão que eu e a Bela Isolda lhe demos.



CAPÍTULO LXXIX

Como Sir Tristão e Sir Palamedes se saíram no dia seguinte, e como o Rei Arthur foi derrubado de sua montaria.

Então, Sir Tristão mandou chamar Sir Palamedes dizendo-lhe que se preparasse, pois já era hora de ir para a liça. Quando estavam prontos, foram armados, e todos iam trajados de vermelho, inclusive a Bela Isolda. Conduziram-na com toda tranquilidade através do campo até o convento, onde havia um aposento à sua disposição. Nesse momento, ouviram soar três toques, e cada rei e cavaleiro se dirigiu para o local dos combates. Os primeiros prontos para justar foram Sir Palamedes e Sir Kainus le Strange, cavaleiro da Távola Redonda. Ao se enfrentarem, o sarraceno desferiu um golpe tão forte em Sir Kainus que o derrubou pela garupa do animal. Logo depois, derrubou outro cavaleiro e quebrou sua lança. Sacou então da espada e teve um magnífico desempenho, o que fez com que as vozes começassem a aclamá-lo. Vede, disse o Rei Arthur, dirigindo-se a Sir Lancelote. Ali está Palamedes já dando suas demonstrações de proeza. Valha-me Deus! É um excelente cavaleiro. Enquanto assim falavam, Sir Tristão entrou na liça como um trovão, enfrentou Sir Kay, o Senescal, e o derrubou no chão. Usando a mesma lança, derrubou mais três cavaleiros e, depois, sacou da espada e se saiu maravilhosamente bem. Então o clamor das vozes se transferiu de Sir Palamedes para Sir Tristão, e todos os presentes gritavam: Ó, Tristão! Ó, Tristão! O sarraceno, por sua vez, acabou esquecido.

Vede agora, disse Lancelote, dirigindo-se ao monarca. Ali, sim, cavalga um cavaleiro que dá demonstrações de proeza. Por Deus!, respondeu Arthur. No dia de hoje, vereis esses dois cavaleiros realizarem maravilhas. Senhor, disse Lancelote, um deles está de olho no outro e, por inveja, esforça-se para sobrepujar o nobre cavaleiro Sir Tristão. Este, por sua vez, ignora o sentimento secreto que Sir Palamedes nutre a seu respeito, já que todos os atos de Sir Tristão são motivados apenas pela honra da cavalaria. Então, Sir Gareth e Sir Dinadan realizaram magníficos feitos de armas, como dois valorosos cavaleiros que eram, provocando elogios e comentários honrosos por parte do Rei Arthur. Além disso, os reis e os cavaleiros da companhia de Sir Tristão se saíram muito bem e se mantiveram juntos, numa demonstração de lealdade. Nessa ocasião, o soberano e Sir Lancelote montaram seus cavalos, adentraram a zona de combate e se dirigiram ao ponto em que havia o maior número de combatentes. Ali, sem saber de quem se tratava, Sir Tristão derrubou o Rei Arthur, e o Cavaleiro do Lago quis ir resgatá-

lo. Mas foram tantos os cavaleiros que se lançaram sobre ele que Lancelote foi arrancado de seu cavalo. Então, o rei da Irlanda e o rei dos escoceses empenharam-se em prender os dois. Quando, porém, Sir Lancelote os ouviu dizer isso, começou a se portar feito um leão faminto, agindo de tal forma que nenhum cavaleiro ousava dele se aproximar.

Sir Hector de Maris interveio e investiu contra Sir Palamedes com uma lança que se fez em mil pedaços no confronto. Depois disso, voltou a atacá-lo com a espada, desfechando-lhe tamanho golpe que o sarraceno se curvou sobre o arção da sela. Assim, Sir Hector lançou Sir Palamedes a seus pés e conseguiu um cavalo para Sir Lancelote do Lago. Levou o animal até ele e lhe pediu que montasse. No entanto, Sir Palamedes foi mais rápido; levantou-se, segurou o cavalo pela rédea e montou. Valha-me Deus!, exclamou Sir Lancelote. Sois mais digno de ficar com este animal do que eu. Então, Sir Hector trouxe outra montaria para Sir Lancelote. Muito obrigado, disse este a seu irmão. Assim que se viu montado novamente, o Cavaleiro do Lago derrubou quatro adversários com uma única lança e levou para o rei o melhor dos quatro animais que eles tinham. O Rei Arthur, Sir Lancelote e uns poucos cavaleiros de sua linhagem realizaram feitos magníficos, pois, nessa ocasião, segundo consta do livro, Sir Lancelote derrubou trinta cavaleiros. Apesar de tudo, a outra companhia se manteve tão cerrada que o monarca e seus homens acabaram sobrepujados. E, quando Sir Tristão viu todo o trabalho realizado pelo Rei Arthur e seus cavaleiros e, em especial, as valorosas façanhas que Sir Lancelote fazia com as próprias mãos, ficou deslumbrado.



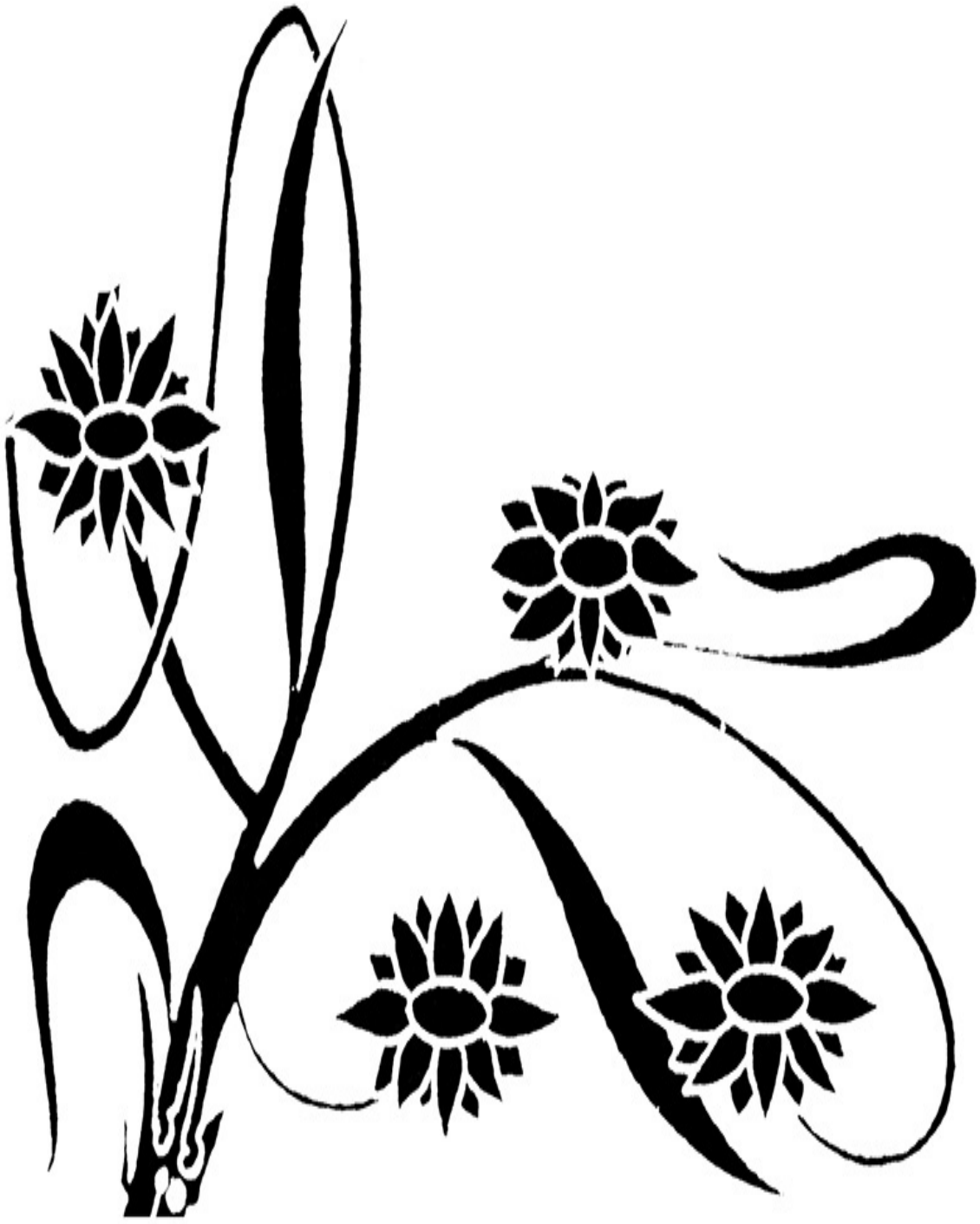
CAPÍTULO LXXX

Como Sir Tristão se aliou aos homens do Rei Arthur, e como Palamedes não o acompanhou.

Então, Sir Tristão chamou Sir Palamedes, Sir Gareth e Sir Dinadan e lhes disse: Gentis companheiros, sabei que desejo me unir ao grupo do Rei Arthur, pois jamais vi tão poucos homens se saírem tão bem, e será uma vergonha para nós, cavaleiros da Távola Redonda, ver nosso soberano, o Rei Arthur, e o nobre Sir Lancelote desonrados. Tendes toda razão, disseram os dois últimos. Fazei o que achardes melhor, disse Palamedes, pois eu não quero sair do grupo com o qual comecei. Isso é por minha causa, observou Sir Tristão. Que Deus vos acompanhe em vossa jornada. E, assim, o sarraceno se separou deles. Em seguida, Sir Tristão, Sir Gareth e Sir Dinadan acompanharam Sir Lancelote, e este derrubou o rei da Irlanda de seu cavalo. Fez o mesmo com o rei dos escoceses e o de Gales e, então, Arthur investiu contra Sir Palamedes e o derrubou por terra. Sir Tristão conseguiu derrubar todos aqueles que enfrentou e, como Sir Gareth e Sir Dinadan também tiveram um desempenho digno de nobres cavaleiros, todos aqueles da companhia adversária começaram a fugir. Ai, disse Sir Palamedes. Como lamento ter presenciado este dia, pois, agora, perdi toda a honra que havia conquistado. Seguiu assim seu caminho lamuriando-se, e recuou até chegar a um poço. Afastou então sua montaria, tirou a armadura e chorou e gemeu como um homem que houvesse perdido o juízo. Enquanto isso, muitos cavaleiros atribuíram a vitória a Sir Tristão, ao passo que outros o atribuíram a Sir Lancelote. Gentis senhores, disse Sir Tristão, sou muito grato pela honra que desejais me conferir, mas rogo-vos vivamente que deis vosso voto a Sir Lancelote, pois, por minha fé, é o que eu próprio farei. Sir Lancelote, porém, não quis aceitar a honra, e o galardão acabou concedido a ambos. Depois disso, todos se recolheram a seus abrigos, e Sir Bleoberis e Sir Hector acompanharam Sir Tristão e a Bela Isolda até seus pavilhões. Sir Palamedes continuava junto ao poço, gemendo e chorando, quando chegaram àquele local os reis de Gales e da Escócia e o encontraram assim consternado. Ai, exclamaram ambos. Como pode um homem tão valoroso quanto vós estar nesse estado? Pegaram então o cavalo de Sir Palamedes, fizeram com que ele se armasse e montasse novamente e o levaram consigo sem que ele parasse de se lamentar. Ao se aproximarem dos pavilhões em que estavam Sir Tristão e a Bela Isolda, pediu aos dois reis que aguardassem um pouco enquanto ia falar com Sir Tristão. Chegando à porta da tenda, disse, em voz alta: Onde estais, Sir Tristão

de Liones? Senhor, exclamou Dinadan, é Palamedes. Sir Palamedes, disse então o cavaleiro, não quereis entrar e se juntar a nós? Maldito sejais, traidor!, bradou o sarraceno. Bem sabeis que, se fosse dia claro como é de noite, eu vos mataria com minhas próprias mãos. E, se em alguma ocasião puder vos enfrentar, morrereis pelo que fizestes no dia de hoje. Sir Palamedes, retrucou Sir Tristão, estais me culpando injustamente, pois, se houvésseis feito como sugeri, teríeis conquistado muita honra. No entanto, já que me fazeis tal advertência, haverei de me precaver contra vós. Maldito sejais, traidor!, repetiu Sir Palamedes, e se foi.

Pela manhã, Sir Tristão, Sir Bleoberis e Sir Hector de Maris, juntamente com Sir Gareth e Sir Dinadan, viajando ora por terra, ora por água, levaram a Bela Isolda até a Guarda Alegre, onde descansaram por sete noites e se dedicaram a todos os jogos e divertimentos que puderam imaginar. O Rei Arthur e seus cavaleiros dirigiram-se para Camelot, e Sir Palamedes seguiu viagem cavalgando com os dois reis. O sarraceno não parava de se lamuriar, sofrendo como homem algum poderia pensar, pois sofria não apenas por se separar da Bela Isolda, mas, em parte, também por deixar a companhia de Sir Tristão, já que este era tão cortês e gentil que, quando Sir Palamedes se lembrava desses aspectos, perdia toda sua alegria.



CAPÍTULO LXXXI

Como Sir Bleoberis e Sir Hector descreveram para a Rainha Guinevere a beleza da Bela Isolda.

Ao cabo de sete noites, Sir Bleoberis e Sir Hector se despediram de Sir Tristão e da rainha e receberam inúmeros presentes valiosos. Já Sir Gareth e Sir Dinadan permaneceram com o casal. Quando aqueles dois bons cavaleiros chegaram ao local onde a Rainha Guinevere estava hospedada, um castelo próximo ao litoral em que, pela graça de Deus, havia se recuperado de sua enfermidade, ela lhes perguntou de onde estavam vindo. Os dois lhe responderam que haviam estado com Sir Tristão e a Bela Isolda. Como está Sir Tristão?, perguntou a rainha. E a Bela Isolda? Na verdade, responderam eles, Sir Tristão se porta como convém a um nobre cavaleiro, e quanto à Rainha Isolda, ela não tem rival entre todas as damas, pois tanto em termos de beleza quanto de generosidade, alegria e bondade, jamais vimos outra igual por onde quer que tenhamos cavalgado ou caminhado. Meu bom Jesus!, exclamou a Rainha Guinevere. É o que dizem todos que a viram e conversaram com ela. Quisera Deus que eu tivesse parte de suas características, e foi uma desventura eu estar enferma por ocasião desse torneio. Suponho que, em toda minha vida, nunca verei tal reunião de cavaleiros e damas como haveis visto.

Então, os dois cavaleiros contaram como Sir Palamedes foi o vencedor do primeiro dia com grande nobreza. No segundo dia, a vitória foi atribuída a Sir Tristão e, no terceiro, a Sir Lancelote. E, indagou ainda a rainha, quem se saiu melhor nos três dias de competição? Valha-me Deus!, disseram ambos. Sir Lancelote e Sir Tristão foram os que menos sofreram desonra, mas sabei que Sir Palamedes foi poderoso e se saiu muito bem, porém voltou-se contra a companhia com que havia começado e, com isso, perdeu boa parte de seu mérito, pois parece que é bastante invejoso. Então, jamais conquistará qualquer honra, observou a Rainha Guinevere, já que, se um invejoso adquire honra uma vez, se vê desonrado duas vezes. Por isso, todos os homens valorosos desgostam dos invejosos e não desejam demonstrar nenhuma boa vontade para com eles, ao passo que aquele que é cortês, amável e gentil só encontra boa vontade em toda parte.

CAPÍTULO LXXXII

Como Epinogris se lamentava junto a um poço, como Sir Palamedes acabou por encontrá-lo ali, e sobre a tristeza de ambos.

Deixemos agora essas questões e falemos de Sir Palamedes, que cavalgou e se hospedou com os dois reis. Quando ele se foi, no dia seguinte, os dois muito lamentaram e, então, o rei da Irlanda enviou um de seus homens até o sarraceno e lhe ofertou um grande corcel, enquanto o rei da Escócia lhe deu grandes presentes. Os dois monarcas gostariam muito que Sir Palamedes permanecesse com eles, mas o cavaleiro se recusou terminantemente e partiu, cavalgando para onde a fortuna o quisesse levar até por volta do meio-dia. Em uma floresta, junto a uma fonte, viu um garboso cavaleiro ferido que tinha seu cavalo amarrado junto a si. O pobre cavaleiro se lamentava como Sir Palamedes jamais ouvira nenhum outro homem se lamentar, pois não parava de chorar e de suspirar, como se fosse morrer. Então, o sarraceno se aproximou, saudou-o discretamente e lhe perguntou: Gentil cavaleiro, por que tantas queixas? Deixai que eu me sente a vosso lado para gemer convosco, pois podeis ter certeza de que sofro muito mais do que vós. Ouso dizer, prosseguiu ele, que minha dor é cem vezes maior do que a vossa e, por isso, queixemo-nos um ao outro. Antes de mais nada, respondeu o cavaleiro ferido, peço-vos que me digais vosso nome, pois, se não fordes nenhum dos nobres cavaleiros da Távola Redonda, jamais sabereis como me chamo, aconteça o que acontecer comigo. Gentil cavaleiro, disse Palamedes, sou um desses cavaleiros, para o bem ou para o mal. Sabei que meu nome é Sir Palamedes, filho e herdeiro do Rei Astlabor, e Sir Safere e Sir Segwarides são meus dois irmãos. Quanto a mim, ainda não fui batizado, embora meus irmãos já sejam efetivamente cristãos. Ah, nobre cavaleiro!, exclamou o outro. Que boa fortuna vos encontrar. Sabei que meu nome é Epinogris, filho do rei de Northumberland. Sentai-vos agora, acrescentou, e queixemo-nos um ao outro.

Eu vos falarei do meu sofrimento, principiou o sarraceno. Amo a mais formosa dama e rainha que já existiu neste mundo, e sabei que seu nome é Bela Isolda, esposa do Rei Marcos da Cornualha. Que desatino amar a Rainha Isolda, comentou Epinogris, pois ela é amada por um dos melhores cavaleiros do mundo, Sir Tristão de Liones. É bem verdade, disse Palamedes, pois ninguém conhece essa história melhor do que eu, já que passei o último mês em companhia da Bela Isolda e de Sir Tristão. Ai, como sou desafortunado! Agora perdi para sempre a companhia de Sir Tristão e o amor da Bela Isolda. É provável que nunca mais

volte a vê-la, e Sir Tristão e eu seremos doravante inimigos mortais. Posto que amais a Bela Isolda, perguntou Epinogris, ela já vos deu alguma demonstração de amor, ou desfrutastes de algum prazer com ela? Não, por minha honra de cavaleiro, retrucou Sir Palamedes. Nunca vi nenhuma demonstração por parte dela de que me amasse mais do que a qualquer outra pessoa, nem tive prazer algum com ela. E, no último dia em que nos vimos, a Bela Isolda me censurou como ninguém havia feito antes, momento que jamais se apagará de meu coração. E tal censura foi merecida, pois não tive uma atitude digna de um cavaleiro, e, por este motivo, perdi tanto o seu amor quanto o de Sir Tristão para sempre. Muitas vezes me esforcei para realizar inúmeras façanhas pela Bela Isolda, e foi por ela que conquistei mérito. Ai, e agora perdi todo o mérito conquistado na vida porque nunca voltarei a realizar tantas proezas quanto realizei quando estava em companhia de Sir Tristão.

CAPÍTULO LXXXIII

Como Sir Palamedes trouxe a amada de Sir Epinogris; e como Sir Palamedes e Sir Safere foram atacados.

Não, não, atalhou Epinogris, vosso sofrimento é insignificante comparado ao meu, pois eu tive prazer com a dama que conquistei com minhas próprias mãos e, depois, a perdi. Ah, que dia foi aquele! Eis como a conquistei. Minha dama era filha de um conde e, quando este e dois cavaleiros voltavam do torneio de Lonazep, por ela, investi contra os três, em presença de minha dama. Matei o conde e um dos cavaleiros, enquanto o outro fugiu e, assim, tive uma noite de amor com ela. Pela manhã, enquanto nós dois descansávamos junto a esta fonte, veio um cavaleiro andante, chamado Helior le Preuse. É um homem ousado e me desafiou a lutar por minha dama. Travamos pois combate, primeiro montados, depois a pé, mas, por fim, Sir Helior me feriu com tanta gravidade que achou que eu estivesse morto e partiu levando consigo minha dama. Assim, pois, meu sofrimento é maior do que o vosso, pois tivemos prazer juntos, e vós, não. Isso é verdade, assentiu Sir Palamedes, mas, já que nunca poderei me recuperar, prometo-vos que, se encontrar Sir Helior, ganharei vossa dama para vós ou serei vencido por ele.

Então, o sarraceno convenceu Sir Epinogris a pegar seu cavalo e dirigiram-se a um eremitério, onde o ferido pôde descansar. Nesse meio-tempo, Sir Palamedes saiu furtivamente para ir descansar à sombra das árvores e viu, perto dali, um cavaleiro que se aproximava portando um escudo que vira antes ser levado por Sir Hector de Maris. Atrás dele, vinham dez cavaleiros que pararam sob as árvores por conta do calor. Pouco mais tarde, chegou outro cavaleiro trazendo um escudo verde com a imagem de um leão branco e levando consigo uma dama montada em um palafrém. Então, aquele que portava o escudo verde e parecia ser o senhor dos outros dez correu enfurecido ao encalço de Sir Helior, pois fora ele que ferira Sir Epinogris. Ao chegar mais perto, mandou que ele defendesse sua dama. Com todas as minhas forças, respondeu Sir Helior. É o que farei. E investiram um contra o outro com tamanha força que ambos caíram por terra juntamente com seus cavalos. Levantaram-se com toda presteza, sacaram das espadas, ergueram os escudos e lutaram bravamente por mais de uma hora. Tudo isso foi visto e observado por Sir Palamedes. Até que, finalmente, o cavaleiro com o escudo de Sir Hector foi mais forte e acabou derrubando Sir Helior. Retirou-lhe então o elmo, para lhe cortar a cabeça, mas o vencido pediu misericórdia, rogando-lhe que poupasse sua vida e dizendo-lhe que poderia levar sua dama. Então, o sarraceno se dirigiu até onde

eles estavam, porque sabia perfeitamente que aquela era a amada de Epinogris e havia prometido ajudá-lo.

Aproximou-se dela, pegou-a pela mão e lhe perguntou se conhecia um cavaleiro chamado Epinogris. Ai, respondeu ela, infelizmente eu o conheci e ele a mim, pois por ele perdi minha honra e também a sua vida, que é o que mais me aflige. Não vos aflijais, senhora, disse o sarraceno. Vinde comigo, pois Epinogris está neste eremitério. Ah, que felicidade saber que ele está vivo!, exclamou a dama. Aonde ides levando esta dama?, perguntou o cavaleiro com o escudo de Sir Hector. Fazer com ela o que bem entender, respondeu Sir Palamedes. Pois sabei que falais demais, embora tenha a impressão de que levais vantagem sobre mim, porque, como vistes, acabo de travar um combate. Achais, senhor cavaleiro, que podereis tirar esta dama de mim assim tão facilmente? Pois estais enganado. Nem que fôsseis um cavaleiro tão bom quanto Sir Lancelote, Sir Tristão ou Sir Palamedes… Tereis que pagar por ela um preço mais caro do que me custou a mim. E os dois se enfrentaram a pé, provocando sérios cortes e se ferindo gravemente por mais de uma hora.

Então Sir Palamedes se perguntou quem poderia ser aquele cavaleiro tão forte e com tanta resistência. Cavaleiro, disse ele então, peço-vos que me digais vosso nome. Sabei que ousarei dizer meu nome contanto que digais o vosso, retrucou ele. É o que farei, disse o sarraceno. Na verdade, meu nome é Safere, filho do Rei Astlabor e irmão de Sir Palamedes e de Sir Segwarides. Pois sabei que meu nome é Sir Palamedes. Então, Sir Safere se pôs de joelhos, pediu misericórdia e os dois retiraram os elmos e se beijaram chorando. Nesse ínterim, Sir Epinogris se levantou da cama e, ouvindo todos aqueles golpes, armou-se para ajudar Sir Palamedes caso fosse necessário.

CAPÍTULO LXXXIV

Como Sir Palamedes e Sir Safere acompanharam Sir Epinogris até o seu castelo, e outras aventuras.

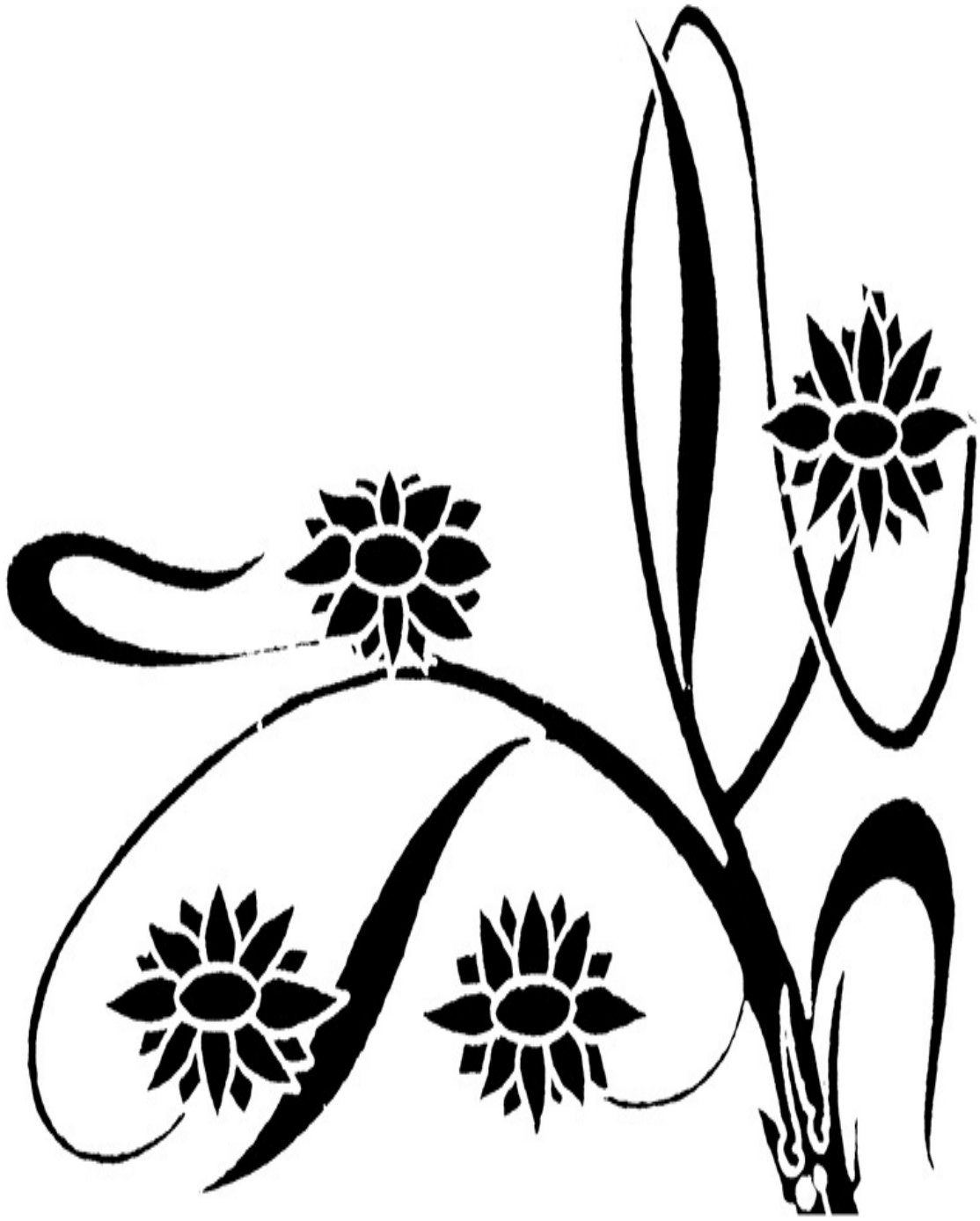
Então, Sir Palamedes pegou a dama pela mão e a levou ao encontro de Sir Epinogris. A alegria dos dois foi tamanha que ambos desvaneceram. Ao vê-los assim juntos, Sir Safere disse: Gentis cavaleiro e dama, seria uma lástima que vos separásseis, pois Jesus vos envia para a felicidade um do outro. Eu vos agradeço, gentil cavaleiro, respondeu Epinogris, e muito mais ainda a vós, Sir Palamedes, porque, graças a vossa proeza, conseguistes me trazer de volta minha dama. Convidou então os dois irmãos a irem com eles até seu castelo para a proteção de sua pessoa. Estamos prontos para vos acompanhar, senhor, disse Palamedes, já que estais bastante ferido. Ajudaram Epinogris a montar e sua dama o seguiu em um manso marchador. Assim, dirigiram-se ao castelo, onde Sir Palamedes e Sir Safere tiveram excelente acolhida e receberam demonstrações de satisfação como nunca antes haviam recebido na vida.

Pela manhã, os dois irmãos partiram, deixando-se guiar pela fortuna, e cavalgaram até depois do meio-dia, quando ouviram muito choro e um grande alarido vindos de uma morada próxima. Senhor, disse Sir Safere, vamos averiguar que barulho é esse. De bom grado, concordou Sir Palamedes. Seguiram cavalgando rumo à formosa porta de uma residência, diante da qual estava sentado um ancião que fazia suas orações e rezava seu rosário. Os irmãos se apearam, deixaram seus cavalos, passaram pela porta e viram muitos homens garbosos que choravam. Gentis senhores, perguntou Palamedes, por que chorais e sofreis tanto? Assim que o viu, um dos cavaleiros do castelo reconheceu o sarraceno e, aproximando-se de seus companheiros, disse: Gentis companheiros, sabei todos que temos aqui, neste castelo, o mesmo cavaleiro que matou nosso senhor em Lonazep, pois eu o conheço bem. Trata-se de Sir Palamedes. Todos os que tinham condições de fazê-lo correram então para se armar, uns a cavalo, outros a pé, num total de sessenta homens. Depois de prontos, investiram contra Palamedes e Sir Safere com grande alarido, dizendo: Defendei-vos, Sir Palamedes, pois fostes reconhecido e, portanto, deveis morrer, já que matastes nosso senhor. Por este motivo, sabei que vamos matá-lo, e por isso tratai de vos defender.

Então os dois irmãos se puseram ombro a ombro, desferiram muitos golpes e receberam outros tantos. E assim lutaram, com vinte cavaleiros, quarenta gentis-homens e alguns criados por quase duas horas. Finalmente, muito a contragosto,

Sir Palamedes e Sir Safere foram dominados, detidos e encerrados em uma sólida prisão. Três dias depois, 12 cavaleiros passaram por ali e decidiram que Sir Palamedes era culpado pela morte de seu senhor, mas Sir Safere era inocente. No momento em que este último ia ser libertado, os dois irmãos muito se lamentaram, e as lamúrias de Sir Safere foram tão sofridas que autor algum seria capaz de relatar uma décima parte delas. Gentil irmão, disse Palamedes, deixai de sofrer assim. Se está decidido que terei uma morte vergonhosa, que ela seja bem-vinda; embora, se soubesse antes o tipo de morte a que estou sendo condenado, jamais me teria rendido. Assim, pois, Sir Safere se separou do irmão, manifestando uma dor tão grande como nunca se vira fazer nenhum cavaleiro.

Pela manhã, a gente do castelo ordenou que 12 cavaleiros levassem Sir Palamedes à presença do pai do cavaleiro que ele havia matado. Amarraram suas pernas por baixo da barriga de um velho rocim e conduziram-no assim até um castelo próximo ao litoral, chamado Pelownes, onde a justiça seria feita de acordo com as ordens recebidas. Durante o trajeto, o grupo passou bem perto do castelo da Guarda Alegre e, ao chegarem diante dele, alguém que conhecia Sir Palamedes saiu a cavalo e, quando o viu amarrado àquele velho rocim, perguntou por que motivo ele estava sendo transportado daquela forma. Ah, gentil cavaleiro e companheiro, disse o sarraceno, estou a caminho da morte por haver matado um cavaleiro no torneio de Lonazep. Se eu não tivesse deixado meu senhor Sir Tristão, agora ele decerto salvaria minha vida. Mas eu vos rogo, senhor cavaleiro, que apresenteis minhas recomendações a meu senhor Sir Tristão e a minha senhora, a Rainha Isolda, e lhes digais que, se alguma vez os ofendi, peço-lhes perdão. Suplico-vos também que apresenteis meus respeitos a meu soberano, o Rei Arthur, e a toda a companhia da Távola Redonda, na medida do possível. Então, o cavaleiro chorou, com pena de Sir Palamedes, e voltou à Guarda Alegre, fazendo seu cavalo correr o máximo possível. Assim que chegou, apeou-se, procurou Sir Tristão e lhe contou tudo o que já ouvistes. Enquanto falava, o cavaleiro não parava de chorar feito louco.



CAPÍTULO LXXXV

Como Sir Tristão se preparou para ir em socorro de Sir Palamedes, mas Sir Lancelote o resgatou antes que ele lá chegasse.

Quando Sir Tristão ouviu que o sarraceno estava sendo levado para a morte, ficou extremamente pesaroso e disse: Por mais aborrecido que esteja com Sir Palamedes, não consentirei que ele tenha morte tão vergonhosa, pois é um cavaleiro muito valoroso. Em pouco tempo, estava armado, montado e, levando consigo dois escudeiros, cavalgou a toda velocidade rumo ao castelo de Pelownes, onde Sir Palamedes ia ser condenado à morte. Mas os 12 cavaleiros que conduziam o prisioneiro passaram junto a uma fonte onde estava Sir Lancelote, que tinha se apeado ali, amarrado seu cavalo a uma árvore e retirado o elmo para beber um pouco de água. Assim que viu o grupo, tornou a pôr o elmo e deixou que passassem ao seu lado. Nesse momento, porém, percebeu que Sir Palamedes estava amarrado e sendo levado para a morte de forma vergonhosa. Oh, Jesus!, exclamou. O que terá acontecido para que o conduzam deste jeito? Na verdade, seria uma vergonha permitir que esse nobre cavaleiro morra sem que eu o ajude. Portanto, é o que farei, aconteça o que acontecer, ou morrerei por ele. Montou então em seu cavalo, empunhou a lança e foi atrás dos 12 cavaleiros que conduziam Sir Palamedes. Gentis cavaleiros, disse. Para onde levais este cavaleiro? Não é digno dele cavalgar assim, amarrado. Os 12 cavaleiros logo se viraram e disseram: Senhor cavaleiro, nosso conselho é que não vos intrometais com este prisioneiro, pois ele mereceu morrer e foi condenado à morte. Pois muito lamento não poder defendê-lo cortesmente, retrucou Lancelote, uma vez que um bom cavaleiro como ele não deve ter morte tão desonrosa. Portanto, gentis cavaleiros, defendei-vos o melhor que puderdes, pois salvarei este cavaleiro ou morrerei tentando.

Todos começaram então a enristar suas lanças e Sir Lancelote derrubou o que estava na frente, atirando homem e cavalo por terra. Com a mesma lança, derrubou outros três e, então, sua arma se quebrou. Em seguida, sacou da espada e pôs-se a desferir golpes a torto e a direito. Em pouco tempo, já não restava nenhum dos 12 cavaleiros de pé: todos estavam caídos e, em sua maioria, gravemente feridos. Então, Sir Lancelote pegou o melhor cavalo que encontrou, soltou Sir Palamedes, fez com que montasse aquele animal e, assim, regressaram à Guarda Alegre. Nesse momento, Sir Palamedes viu Sir Tristão, que se aproximava cavalgando, e, assim que o avistou, Sir Lancelote o reconheceu. Sir Tristão, porém, não reconheceu o

Cavaleiro do Lago, pois ele levava ao ombro um escudo dourado. Sir Lancelote se preparou para justar com Sir Tristão, já que este não fazia ideia de quem ele era, mas Sir Palamedes interveio, gritando: Oh, meu senhor! Rogo-vos que não enfrenteis este cavaleiro, pois ele me salvou da morte. Ao ouvir isso, Sir Tristão se aproximou trotando e Sir Palamedes lhe disse: Meu senhor, Sir Tristão, eu vos sou eternamente grato por vossa bondade ao oferecer vosso nobre corpo para me defender, coisa que não mereço, pois vos ofendi seriamente. No entanto, acrescentou, encontramos este nobre cavaleiro que, com honra e dedicação, me resgatou das mãos de 12 cavaleiros, derrubando-os a todos e ferindo-os gravemente.

CAPÍTULO LXXXVI

Como Sir Tristão e Sir Lancelote, juntamente com Palamedes, chegaram ao castelo da Guarda Alegre; e sobre Sir Palamedes e Sir Tristão.

Gentil cavaleiro, disse Sir Tristão, dirigindo-se a Sir Lancelote, de onde sois? Sou um cavaleiro andante, respondeu ele, que cavalga em busca de muitas aventuras. Qual é vosso nome?, perguntou Sir Tristão. Por ora, não o sabereis, senhor, foi a resposta que lhe deu o outro. Agora que estais juntos, prosseguiu Sir Lancelote, vou me separar de vós. De forma alguma, retrucou Sir Tristão. Pela honra da cavalaria, rogo-vos que nos acompanheis a meu castelo. Sabei que não posso ir convosco, disse o Cavaleiro do Lago, pois muitas façanhas esperam por mim em outros lugares e, por isso, nesta ocasião, não posso vos acompanhar. Oh, Jesus, misericórdia!, exclamou Sir Tristão. Em nome da ordem da cavalaria, eu vos rogo, como verdadeiro cavaleiro que sois, que permaneceis conosco esta noite para vos divertir. Desta vez, obteve o consentimento de Sir Lancelote, mas, mesmo que não o desejasse, acabaria cavalgando com eles, ou pouco mais atrás, pois viera a este país com a única intenção de ver Sir Tristão. Quando chegaram à Guarda Alegre, apearam-se e seus animais foram levados para um estábulo. Em seguida, desarmaram-se e, depois que Sir Lancelote retirou o elmo, tanto Sir Tristão quanto Palamedes o reconheceram. Sir Tristão o abraçou e a Bela Isolda fez o mesmo, já Sir Palamedes se pôs de joelhos diante do Cavaleiro do Lago para lhe agradecer. Assim que Sir Lancelote o viu ajoelhado, logo tratou de levantá-lo, dizendo: Sabei, Sir Palamedes, que eu e qualquer cavaleiro desta terra, em nome da honra, devia socorrer e salvar um cavaleiro tão valoroso quanto vós, o que já foi demonstrado e é reconhecido nos quatro cantos de todo este reino. E todos ficaram então satisfeitos. No entanto, quanto mais vezes o sarraceno via a Bela Isolda, mais acabrunhado ia ficando.

Ao cabo de três ou quatro dias, Sir Lancelote partiu, acompanhado de Sir Hector de Maris. Dinadan e Sir Palamedes permaneceram com Sir Tristão por mais dois meses. Este último, porém, continuava definhando e sofrendo, de tal forma que todos ficaram assombrados ao vê-lo consumir-se assim. Certo dia, ao alvorecer, o sarraceno entrou sozinho na floresta, e lá encontrou uma fonte. Ao se mirar naquelas águas, viu como seu rosto estava abatido e transtornado, muito diferente da aparência que tinha antes. O que significa isto?, questionou ele. Ah, Palamedes, Palamedes… Por que definhas assim? Tu que eras considerado um dos mais belos cavaleiros do mundo? Não quero continuar vivendo, pois amo aquela

que jamais poderei ter. Deitou-se então junto à fonte e pôs-se a compor uma cantiga sobre a Bela Isolda e ele.

Nesse ínterim, naquele mesmo dia, Sir Tristão havia entrado na floresta perseguindo um cervo cevado, mas ele jamais saía para caçar desarmado, por causa de Sir Breuse Saunce Pitié. Cavalgando quase sem fazer ruído, ele chegou àquele local acreditando que era algum cavaleiro andante que estava perto da fonte. Quando chegou bem perto, desmontou, prendeu o cavalo firmemente a uma árvore e prosseguiu a pé. Logo avistou Sir Palamedes, que cantava em alto em bom som, e seus lamentos eram todos sobre a nobre rainha, a Bela Isolda. Aquilo tudo era maravilhosamente bem feito, expressado de forma admirável, em tom dolente e piedoso. O nobre cavaleiro Sir Tristão ouviu a cantiga inteira, do princípio ao fim, o que o deixou perturbado e abatido.

Por fim, depois de ouvir todos os lamentos de Sir Palamedes, acabou se enfurecendo e teve ganas de matá-lo ali mesmo, onde ele estava deitado. Mas lembrou-se de que o sarraceno estava desarmado; pensou também no honroso renome que o cercava e na sua própria fama, e conseguiu controlar a raiva. Aproximou-se com toda calma e disse: Palamedes, ouvi vossos lamentos e agora sei da traição que cometeis contra mim há tanto tempo. Por isso, havereis de morrer e, se não fosse pela honra da cavalaria, não escaparíeis de minhas mãos, pois agora sei perfeitamente que vos aproximastes de mim de forma traiçoeira. Dizei-me, concluiu ele, como pretendeis vos desculpar? Senhor, respondeu o sarraceno, eis minha desculpa: quanto à rainha, a Bela Isolda, deveis saber que a amo mais do que a qualquer outra dama deste mundo e bem sei que acontecerá comigo o mesmo que aconteceu com o nobre cavaleiro Sir Kehidius, que morreu por seu amor. Quero que saibais, Sir Tristão, que faz muito tempo que amo a Bela Isolda e que ela tem sido a causa de minha honra, caso contrário, seria hoje o mais modesto cavaleiro do mundo. Por ela, e por causa dela, conquistei o mérito que agora tenho, pois, quando pensava na Bela Isolda, quase sempre saía vitorioso aonde quer que eu fosse. No entanto, nunca tive, por parte dela, qualquer recompensa ou generosidade em todos os dias de minha vida, e fui seu cavaleiro sem galardão. Por este motivo, Sir Tristão, no que se refere à minha morte, isso não me assusta, porque prefiro morrer a seguir vivendo e, se estivesse armado como estais, lutaria convosco imediatamente. Haveis pois confessado vossa traição, disse Sir Tristão. Não houve traição alguma de minha parte, retrucou Sir Palamedes, pois o amor é livre para todos os homens e, embora ame vossa dama, ela é tanto minha quanto vossa. Por certo, levo a pior, pois gozais de sua companhia e podeis tê-la quando assim o desejardes, ao passo que eu jamais a tive e provavelmente jamais a terei. Apesar de tudo, hei de amá-la como vós até o último dia de minha vida.

CAPÍTULO LXXXVII

Como foi estipulado um dia para que Sir Tristão enfrentasse Sir Palamedes, e como Sir Tristão foi ferido.

Quero lutar convosco custe o que custar, disse Sir Tristão. Aceito, retrucou Palamedes, pois não posso imaginar melhor querela e, se eu morrer por vossas mãos, não poderia morrer em mão melhor. Além disso, como sei que jamais terei prazer algum com a Bela Isolda, tanto se me dá morrer ou viver. Então, escolhei um dia para o combate, avisou Sir Tristão. Daqui a 15 dias, nós dois nos enfrentaremos aqui perto, no prado que fica ao pé da Guarda Alegre. Que vergonha!, exclamou Sir Tristão. Por que um dia assim tão distante? Lutemos amanhã. Não pode ser, contestou o sarraceno, já que estou magro e faz tempo que ando doente pelo amor da Bela Isolda. Portanto, quero descansar até recuperar minhas forças. Ficou então acertado que os dois se enfrentariam junto à fonte dentro de 15 dias. Devo lembrar-vos que quebraste vossa promessa uma vez, disse Sir Tristão, quando vos salvei de Breuse Saunce Pitié e mais nove cavaleiros. Naquela ocasião, prometestes que lutaríamos perto da lápide nos arredores de Camelot e faltastes com vossa palavra. Bem sabeis, retrucou Sir Palamedes, que eu estava preso naquele dia e, portanto, não pude manter minha palavra. Valha-me Deus!, exclamou Sir Tristão. Se houvésseis mantido vossa promessa naquela ocasião, não precisaríamos nos enfrentar agora.

Os dois então se separaram. Sir Palamedes pegou seu cavalo e seu arnês e se dirigiu à corte do Rei Arthur, onde reuniu quatro cavaleiros e quatro serviçais de armas com os quais regressou à Guarda Alegre. Nesse ínterim, Sir Tristão saía para caçar e capturava todo tipo de cervos. Cerca de três dias antes do combate, quando ele estava perseguindo um desses animais, um arqueiro disparou contra o cervo e, por infortúnio, feriu Sir Tristão no meio da coxa. A mesma flecha que o atingiu matou seu cavalo. Vendo-se assim ferido, o cavaleiro muito lamentou, e sabei que perdeu muito sangue. Pegou então outra montaria e voltou à Guarda Alegre muito pesaroso, mais pela promessa que havia feito a Sir Palamedes de enfrentá-lo dali a três dias do que pelo ferimento recebido. Por este motivo, não houve homem nem mulher capaz de tranquilizá-lo, por mais que tentasse. Nem mesmo a Bela Isolda, pois Sir Tristão não parava de pensar que o sarraceno o havia ferido para que os dois não pudessem se enfrentar na data combinada.

CAPÍTULO LXXXVIII

Como Sir Palamedes respeitou o dia marcado para o combate, mas Sir Tristão não pôde comparecer; e outros assuntos.

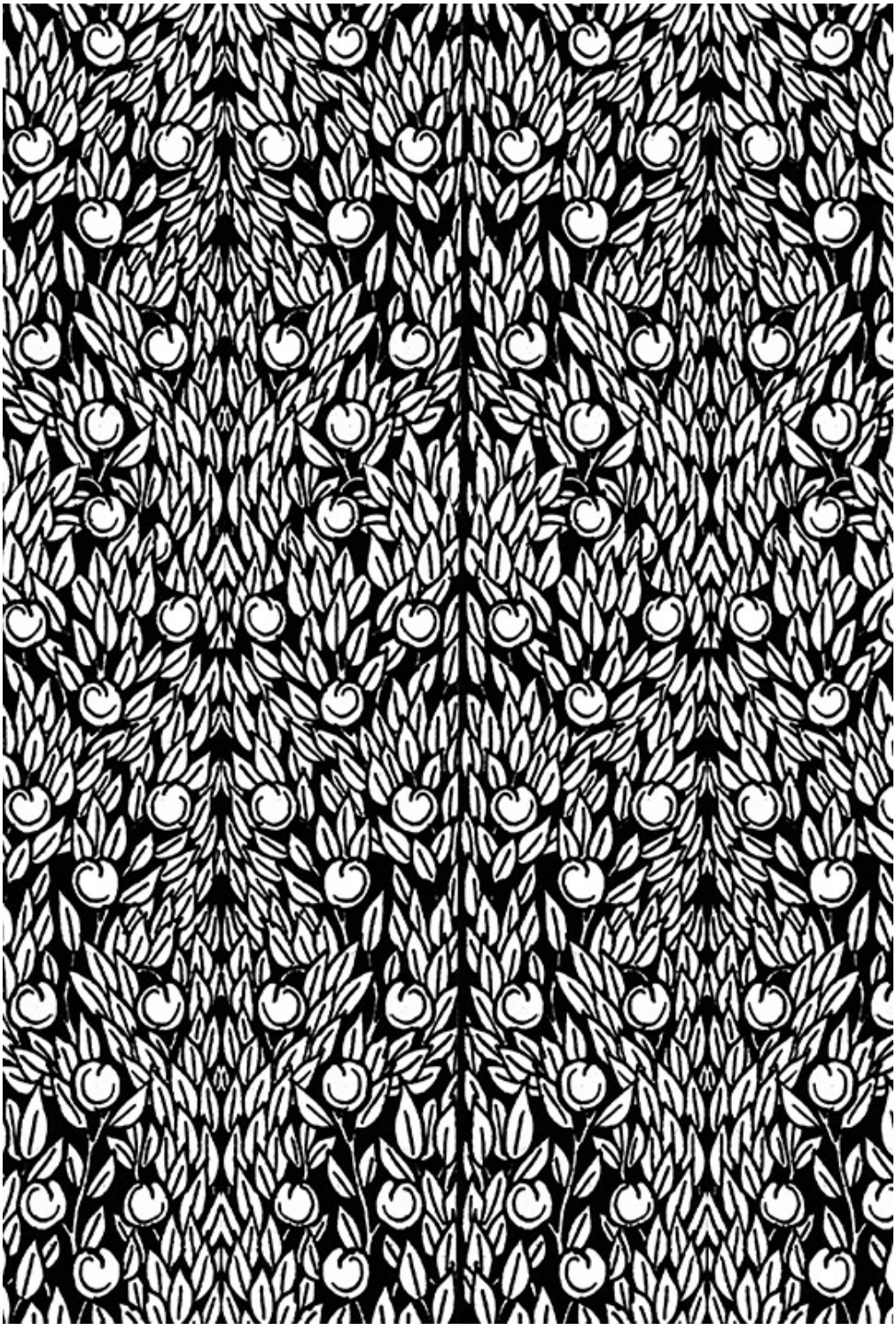
No entanto, nenhum cavaleiro próximo a Sir Tristão podia acreditar que Sir Palamedes quisesse feri-lo, fosse pelas próprias mãos, fosse como mandante dos atos de terceiros. Quando chegou o décimo quinto dia, o sarraceno dirigiu-se à fonte, levando consigo quatro cavaleiros da corte do Rei Arthur e três serviçais de armas. Trazia essa companhia com a intenção de que eles testemunhassem a luta travada entre ele e Sir Tristão. Um dos pajens levava seu elmo, e outro, sua lança. Esperou naquele local por quase duas horas e, então, enviou um escudeiro a Sir Tristão, pedindo-lhe que viesse ao campo para manter sua promessa.

Assim que Sir Tristão soube da chegada do escudeiro à Guarda Alegre, mandou que o trouxessem à sua presença no leito em que estava deitado. Meu senhor Tristão, disse o homem, sabei que meu senhor Palamedes espera por vós lá no campo e deseja saber se haverá combate ou não. Ah, gentil irmão, disse Sir Tristão, muito lamento essas notícias, mas diz a Sir Palamedes que, se estivesse são, não estaria deitado aqui, e, para que não aches que estou mentindo… Então, o cavaleiro lhe mostrou a ferida em sua coxa, que tinha seis polegadas de profundidade. Agora que viste meu ferimento, prosseguiu ele, diz a teu senhor que não é fingimento, e que entre todo o ouro do Rei Arthur e estar sadio, preferiria a segunda opção. Diz ainda a Sir Palamedes que tão logo este ferimento esteja curado, sairei à sua procura. E, como verdadeiro cavaleiro que sou, prometo que, se o encontrar, acontecerá a batalha combinada. Depois disso, o escudeiro partiu, e quando Palamedes soube que Sir Tristão estava ferido, ficou muito satisfeito e disse: Agora estou certo de não incorrer em vergonha, pois sei que teria muita dificuldade em enfrentá-lo e que com toda certeza levaria a pior, pois, em combate, ele é o mais bravo cavaleiro entre os que hoje vivem, à exceção de Sir Lancelote.

Assim, ele partiu, deixando que a fortuna o guiasse e, ao cabo de um mês, Sir Tristão estava curado do ferimento recebido. Pegou então seu cavalo e foi de país em país, enfrentando todas as estranhas aventuras com que deparava e sempre perguntando por Sir Palamedes. No entanto, naquele quarto de verão, não conseguiu encontrá-lo. Enquanto procurava e perguntava pelo sarraceno, Sir Tristão levou a cabo muitas grandes batalhas, o que fez com que sua fama só aumentasse, deixando Sir Lancelote quase no esquecimento. Por conta de toda essa

fama, os irmãos e demais parentes do Cavaleiro do Lago quiseram matar Sir Tristão, mas, quando o próprio Lancelote soube das intenções de sua família, disse-lhes com todas as letras: Sabei que se a inveja de todos vós ousar atacar meu senhor Sir Tristão, causando-lhe algum dano, afronta ou vilania, como verdadeiro cavaleiro que sou, matarei o melhor de vós com minhas próprias mãos. Ai, que vergonha que desejeis atacá-lo para matá-lo por todos os nobres feitos que tem realizado! Não permita Jesus, prosseguiu ele, que um valoroso cavaleiro como Sir Tristão seja destruído por atos traiçoeiros. Tudo isso chegou às terras da Cornualha, e a gente de Liones muito se alegrou e deu grandes demonstrações de contentamento. Decidiram então enviar-lhe cartas com suas recomendações e com grandes presentes para ajudar a manter as propriedades do cavaleiro. Nesse ínterim, Sir Tristão continuava vivendo na Guarda Alegre, em companhia da Bela Isolda, a quem amava como à própria vida.

Aqui se encerra o livro décimo, que trata de Sir Tristão.
Segue-se o livro décimo primeiro, que é sobre Sir Lancelote.



LIVRO XI





CAPÍTULO I

Como Sir Lancelote saiu cavalgando à procura de aventuras; como ajudou uma dama aflita a se livrar de seu sofrimento, e como combateu um dragão.

eixemos agora Sir Tristão de Liones e falemos de Sir Lancelote do Lago e de seu filho, Sir Galahad, de como e de que maneira ele foi gerado segundo o livro francês. Antes de Sir Galahad ser gerado e nascer, um ermitão procurou o Rei Arthur, num domingo de Pentecostes, quando todos os cavaleiros estavam sentados ao redor da Távola Redonda. Ao ver a Cadeira Perigosa, o homem perguntou ao monarca e a todos os presentes por que ela estava vazia. Ninguém há de se sentar nesta cadeira a não ser uma única pessoa, a menos que seja morta, responderam eles. Então, o eremita perguntou: E sabeis quem ele é? Não, responderam o soberano e seus cavaleiros. Não sabemos quem se sentará neste lugar. Pois eu sei, afirmou o homem. Aquele que vai se sentar aqui ainda está por ser gerado e nascer. Ainda este ano, será gerado aquele que se sentará na Cadeira Perigosa e conquistará o Santo Graal.

Depois de dizer isso, o ermitão deixou a corte do Rei Arthur e, terminadas as festividades, Sir Lancelote saiu cavalgando sem rumo definido até que, por acaso, passou pela ponte de Corbin. Viu ali a mais formosa torre que jamais havia visto e, a seus pés, uma bela vila cheia de gente. Todos, homens e mulheres, disseram a uma só voz: Sede bem-vindo, Sir Lancelote do Lago, flor de toda a cavalaria, pois por vós seremos libertados do perigo. O que quereis, perguntou o cavaleiro, que gritais desse jeito? Ah, gentil cavaleiro, disseram todos, aqui dentro desta torre há uma dama aflita que sofre há muitos invernos e dias, pois está sempre fervendo em água escaldante. Ainda há pouco passou por aqui Sir Gawaine, que não pôde ajudá-la, e a deixou sofrendo. Eu também posso deixá-la sofrendo como fez Sir Gawaine, retrucou o Cavaleiro do Lago. Não, disseram todos. Bem sabemos que é Sir Lancelote quem há de libertá-la. Então, disse ele, mostrai-me o que devo fazer.

Conduziram-no pois ao interior da torre e, quando chegaram ao aposento onde estava a dama, os ferrolhos e as fechaduras da porta de ferro foram abertos. Sir Lancelote entrou no tal aposento, que era quente como uma estufa. Pegou a mão

da mais bela dama que já vira e que estava nua como uma flor. Por encantamento, a Fada Morgana e a rainha de Gales do Norte a haviam condenado a tal tormento porque ela era considerada a mais formosa dama do país. Estava ali havia cinco anos e não podia ser libertada de seus grandes sofrimentos até que o melhor cavaleiro do mundo a pegasse pela mão. O povo da vila trouxe então suas roupas e, quando ela já estava inteiramente pronta, Sir Lancelote achou que se tratava da mulher mais linda do mundo, à exceção da Rainha Guinevere.

Senhor, disse-lhe ela, tende a bondade de vir comigo a uma capela perto daqui, onde poderemos conversar e dar graças a Deus. Vinde comigo, senhora, disse Sir Lancelote, e irei convosco. Lá chegando, todos, os sábios e os ignorantes, deram graças a Deus e ao cavaleiro, e disseram: Senhor, já que livrastes esta dama, livrai-nos também de uma serpente que está aqui em uma tumba. Sir Lancelote pegou então seu escudo e disse: Levai-me até lá e farei o que for possível, comprazendo a Deus e a todos vós. Quando chegaram ao referido local, o Cavaleiro do Lago viu, sobre a tumba, letras de ouro que diziam: Aqui virá um leopardo de sangue real e matará esta serpente, e esse leopardo há de gerar um leão neste país estrangeiro, leão este que sobrepujará todos os demais cavaleiros. Então, Sir Lancelote ergueu a tampa do sepulcro e dali saiu um dragão terrível e diabólico que vomitava fogo pela boca. O cavaleiro logo sacou da espada e lutou com a fera por um bom tempo. Por fim, depois de muito esforço, Sir Lancelote matou o tal dragão. Nesse momento, chegou o Rei Pelles, um bom e nobre cavaleiro, e os dois se saudaram. Gentil cavaleiro, disse o rei, como vos chamais? Rogo-vos, pela honra da cavalaria, que me digais vosso nome!

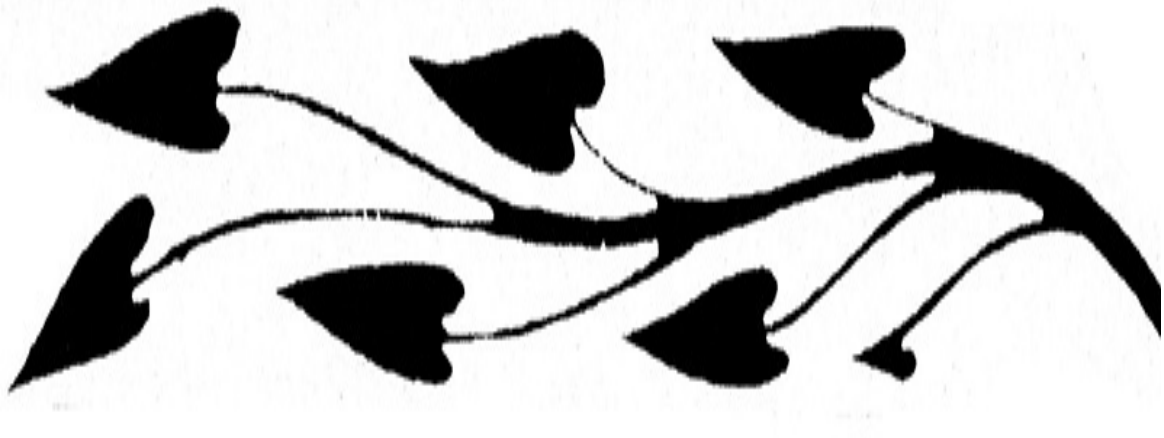
CAPÍTULO II

Como Sir Lancelote encontrou o Rei Pelles; sobre o Santo Graal; e sobre Elaine, filha do monarca.

Senhor, disse Lancelote, sabei que meu nome é Sir Lancelote do Lago. E o meu, respondeu o monarca, é Pelles, rei do país estrangeiro e parente próximo de José de Arimateia. Os dois trocaram muitas manifestações de cortesia e entraram no castelo para fazer uma refeição. Nesse momento, em uma das janelas, pousou uma pomba branca trazendo no bico um pequeno incensário de ouro. De imediato, espalhou-se tal fragrância que parecia até que todas as especiarias do mundo estavam naquele local. Surgiram então sobre a mesa todo tipo de viandas e bebidas que se pudessem imaginar. Chegou também uma belíssima donzela, bem jovem, trazendo nas mãos um vaso de ouro diante do qual o rei se ajoelhou com devoção e fez suas orações, no que foi acompanhado por todos os presentes. Oh, Jesus!, exclamou Sir Lancelote. O que pode significar isto? Isto, respondeu o rei, é o mais rico objeto que um homem pode possuir e, quando ele se for, a Távola Redonda se partirá. Sabei, senhor, que o que vistes aqui é o Santo Graal. Os dois passaram assim a maior parte desse dia. O rei queria muito arranjar uma forma de fazer com que Sir Lancelote se deitasse com sua filha, a formosa Elaine, pois ele sabia que o cavaleiro geraria um filho em seu ventre, filho este que se chamaria Sir Galahad, o bom cavaleiro, que livraria todo o país estrangeiro do perigo e que levaria a cabo a demanda do Santo Graal. Chegou então uma dama chamada Brisen, que disse ao soberano: Majestade, sabei que Sir Lancelote só ama uma mulher neste mundo, a Rainha Guinevere, portanto, segui meu conselho e farei com que ele se deite com vossa filha acreditando que está se deitando com a Rainha Guinevere. Oh, gentil senhora, exclamou o rei, credes que podeis conseguir isso? Majestade, respondeu ela, deixai-me cuidar de tudo, sob pena de morte. Esta dama era uma das maiores especialistas em encantamentos que viviam naquela época. Pouco depois, por intermédio de Lady Brisen, aproximou-se de Sir Lancelote um homem que ele conhecia bem e que lhe trazia um anel que a Rainha Guinevere usava quase sempre. Quando o cavaleiro viu tal objeto, ficou mais contente do que nunca e perguntou: Onde está minha senhora? No castelo de Case, respondeu o mensageiro. A cinco milhas daqui. Então, Sir Lancelote decidiu ir até lá naquela mesma noite, e Lady Brisen, por determinação do Rei Pelles, enviou Elaine para o tal castelo acompanhada de 25 cavaleiros. Ao anoitecer, Sir Lancelote partiu a

cavalo para o castelo de Case, onde foi recebido com todas as honras por pessoas que lhe pareceram próximas da Rainha Guinevere.

Depois de se apear, perguntou onde estava a rainha, e Lady Brisen lhe disse que ela estava na cama. Todos os presentes foram dispensados e Sir Lancelote foi conduzido a seus aposentos. Em seguida, Lady Brisen veio lhe trazer uma taça de vinho. Mal tomou a tal bebida, o cavaleiro se sentiu tão ardente e desejoso que não conseguia esperar mais tempo. Logo se deitou, acreditando que a donzela Elaine era a Rainha Guinevere. Podeis saber que Sir Lancelote muito se alegrou, bem como a donzela Elaine, que o teve em seus braços, uma vez que ela sabia que, naquela noite, seria gerado em seu ventre Galahad, aquele que se mostraria o melhor cavaleiro do mundo. Os dois ficaram assim deitados, juntos, até a hora terceira da manhã. Todas as janelas e outras aberturas daquele quarto estavam cobertas para que não passasse claridade alguma. Quando, porém, Sir Lancelote acordou, levantou-se e foi até a janela.



CAPÍTULO III

Como Sir Lancelote ficou irritado ao saber que havia se deitado com Lady Elaine e como ela deu à luz Galahad.

Assim que abriu a janela, o encantamento se dissipou e ele soube que cometera um erro. Ai, disse o cavaleiro, de que vale ter vivido tanto para me ver assim envergonhado. Empunhou a espada e perguntou: Quem sois, traidora com quem dormi a noite inteira? Aqui mesmo morrereis por minhas próprias mãos. A bela Elaine pulou então da cama, inteiramente nua, e se pôs de joelhos a seus pés. Gentil e cortês cavaleiro, descendente de sangue de reis, disse ela, peço-vos que tenhais piedade de mim e, já que sois considerado o mais nobre cavaleiro do mundo, não me mateis, pois levo em minhas entranhas, vindo de vós, aquele que será o mais nobre cavaleiro do mundo. Ah, traidora falsa!, exclamou Sir Lancelote. Por que me haveis traído? Dizei-me imediatamente quem sois! Sou Elaine, senhor, respondeu ela. A filha do Rei Pelles. Então, retrucou o cavaleiro, eu vos perdoo pelo que fizestes. E, ao dizer isso, tomou-a nos braços e a beijou, pois era uma jovem muito formosa, desejável e sábia como nenhuma outra no mundo. Valha-me Deus, prosseguiu ele. Não posso culpar a vós, mas sim àquela que me lançou tal encantamento e serviu de intermediária para nos unir. Se conseguir encontrar essa senhora chamada Brisen, ela perderá a cabeça por suas bruxarias, pois jamais cavaleiro algum foi engando como eu esta noite. Ao dizer isso, vestiu-se, armou-se, despediu-se delicadamente da jovem Elaine e partiu. Meu senhor Lancelote, disse ela então, suplico-vos que venhais me ver o mais breve possível, pois cumpri a profecia que meu pai me havia contado. Por ordem dele, para que tal profecia se cumprisse, entreguei a maior riqueza e a mais formosa flor que possuía, que era minha virgindade, algo que jamais voltarei a ter. Portanto, gentil cavaleiro, vós me deveis vossa boa vontade.

Depois de vestido e armado, Lancelote se despediu da jovem Elaine com toda gentileza e partiu cavalgando até chegar ao castelo de Corbin, onde estava o pai dela. Na época devida, Elaine pariu um formoso menino que foi batizado com o nome de Galahad. Ele foi bem protegido e criado, e recebeu esse nome porque assim Sir Lancelote havia sido batizado na pia, sendo depois denominado Lancelote do Lago pela Dama do Lago.

Quando Elaine já havia parido e sido purificada, um cavaleiro chamado Sir Bromel la Pleche, um grande senhor, veio procurá-la. Ele a amava havia muito tempo e lhe pedia constantemente que o desposasse. Por mais que tentasse, a

jovem não conseguia desencorajá-lo, até que um dia lhe disse: Sabei, senhor cavaleiro, que não posso vos amar porque devotei meu amor ao melhor cavaleiro do mundo. Quem é ele?, perguntou Sir Bromel. Senhor, respondeu ela, Sir Lancelote do Lago é o homem que amo, e nenhum outro terá meu amor. Portanto, não me pedis mais em casamento. Pois bem, retrucou Sir Bromel, já que haveis contado tudo, pouco podereis desfrutar de Sir Lancelote, pois hei de matá-lo onde quer que ele se encontre. Senhor, disse Elaine, não cometais nenhuma traição contra ele. Eu vos prometo, minha senhora, declarou Bromel, que ao longo de um ano guardarei a ponto de Corbin à espera de Sir Lancelote, para que ele não possa se aproximar de vós sem que eu o enfrente.

CAPÍTULO IV

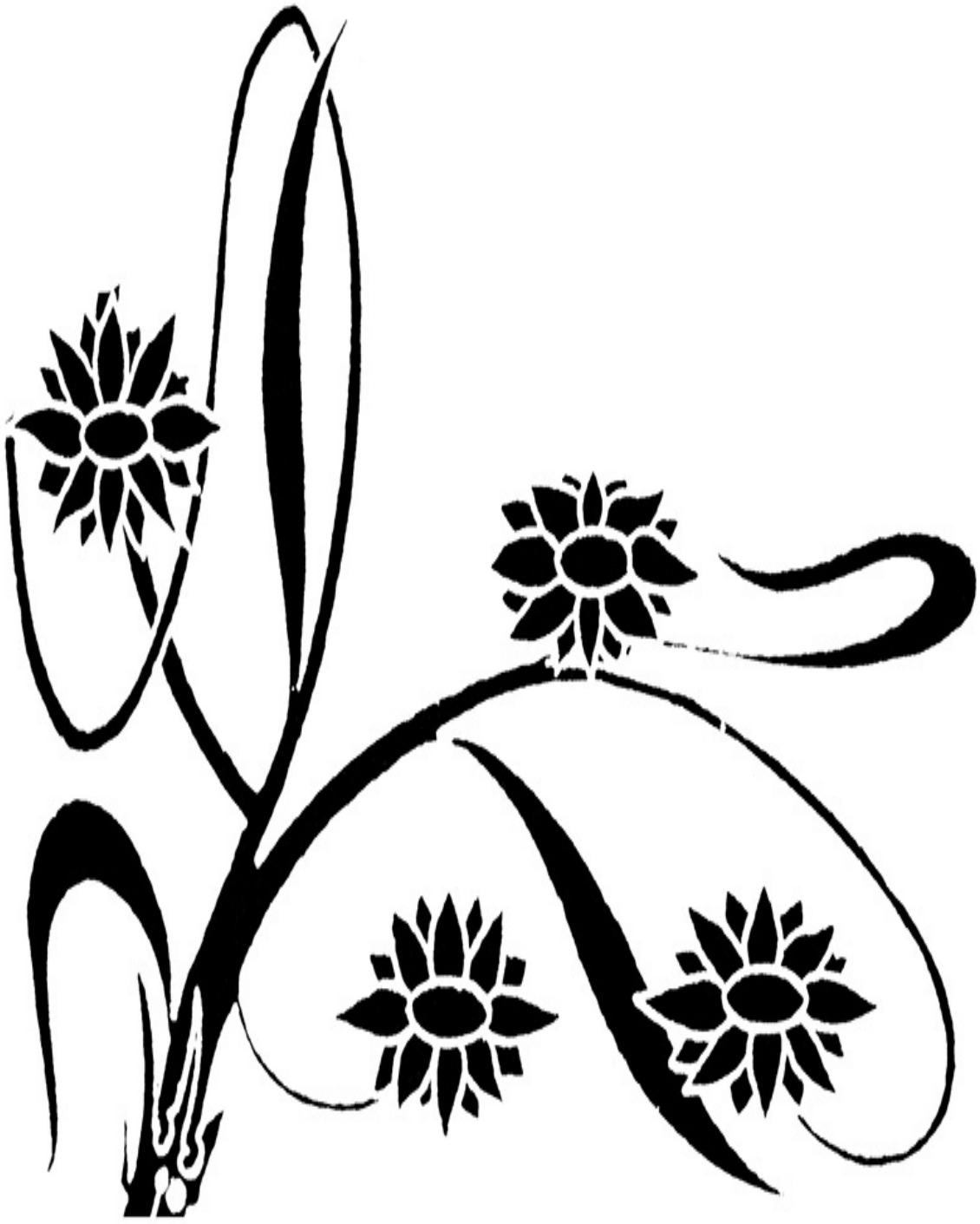
Como Sir Bors veio ao encontro de Lady Elaine, como conheceu Galahad e como este era alimentado com o Santo Graal.

Aconteceu que, por fortuna e ventura, Sir Bors de Ganis, que era sobrinho de Sir Lancelote, passou por aquela ponte e justou com Sir Bromel, desfechando-lhe um golpe tão forte que o derrubou pela garupa do cavalo. Então, como cavaleiro ousado que era, Sir Bromel sacou da espada e ergueu o escudo para enfrentá-lo no chão. Sir Bors se apeou, afastou sua montaria e começaram a se atingir com gravidade. Lutaram assim por bastante tempo, até que, finalmente, Sir Bromel foi derrubado por terra. Nesse momento, Sir Bors tratou de retirar seu elmo para matá-lo, mas o cavaleiro vencido pediu misericórdia e se rendeu. Concedo-vos a vida com uma condição, disse Sir Bors: deveis procurar Sir Lancelote no próximo domingo de Pentecostes e vos render a ele como cavaleiro derrotado. Assim farei, respondeu Sir Bromel, jurando sobre a cruz de sua espada, permitindo que Sir Bors cruzasse a ponte. Este foi ao encontro do Rei Pelles, que estava em Corbin.

Quando o monarca e sua filha Elaine souberam que Sir Bors era sobrinho de Sir Lancelote, deram-lhe excelente acolhida. Perguntamo-nos por onde andará Sir Lancelote, disse Lady Elaine, já que só veio até aqui uma única vez. Não vos surpreendeis, respondeu Sir Bors, porque ele passou este meio ano prisioneiro da Rainha Morgana, a Fada, irmã do Rei Arthur. Ai, exclamou a jovem. Muito lamento saber disso. Nesse meio-tempo, Sir Bors não cessava de contemplar o menino que ela trazia nos braços, pensando que ele se parecia muito com o tio. Na verdade, sabei que este menino foi gerado em mim por ele, disse Elaine. Então, Sir Bors chorou de alegria e rogou a Deus que aquela criança se tornasse um cavaleiro tão bom quanto o pai. Nesse momento, surgiu uma pomba branca trazendo no bico um pequeno incensário de ouro e, sobre a mesa, apareceram todos os tipos de viandas e de bebidas. Uma donzela veio trazendo o Santo Graal e, sem rodeios, declarou: Sabei, Sir Bors, que este menino é Galahad, aquele que se sentará na Cadeira Perigosa, que levará a cabo a demanda do Santo Graal e que será muito melhor do que seu próprio pai, Sir Lancelote do Lago, jamais foi. Todos então se ajoelharam e fizeram suas orações, e espalhou-se pelo aposento tal fragrância que era como se todas as especiarias do mundo estivessem ali dentro. Quando a pomba alçou voo, a donzela desapareceu com o Santo Graal tão subitamente quanto havia chegado.

Senhor, disse Sir Bors, dirigindo-se a seu anfitrião, este local bem que poderia se chamar castelo Aventuroso, pois existem aqui muitas aventuras estranhas. É bem verdade, respondeu o Rei Pelles. Este local pode ser chamado de Aventuroso, pois poucos são os cavaleiros que por aqui passam e que saem levando alguma glória. Por mais fortes que sejam, são submetidos a várias provações e, recentemente, bem pouco mérito obteve aqui o bom cavaleiro Sir Gawaine. Sabei, prosseguiu o rei, que nenhum cavaleiro há de conquistar algum mérito a menos que ele próprio seja um homem de mérito e vida digna, que ame e tema a Deus. Se não for assim, não conquistará honra alguma, por mais audacioso que seja. Isso é maravilhoso, disse Sir Bors. Não sei o que se passa neste país, pois tendes muitas estranhas aventuras, e, por isso, quero passar esta noite em vosso castelo. Não vos aconselho a fazê-lo, retrucou o Rei Pelles, pois dificilmente escapareis sem sofrer alguma afronta. Aceitarei a aventura com que deparar, insistiu Sir Bors. Sugiro então que vos limpeis através da confissão, disse o soberano. De bom grado me confessarei, admitiu o cavaleiro. Assim, pois, Sir Bors se confessou. Ele era virgem de mulheres, com uma única exceção: a filha do Rei Brandegoris, em cujo ventre gerou um filho que se chamou Helin. A não ser por este episódio, Sir Bors era um homem casto.

Foi conduzido a um leito dentro de um quarto amplo e formoso, onde havia muitas portas fechadas. Ao ver todas aquelas portas, o cavaleiro dispensou toda a criadagem, pois não podia ter ninguém consigo, mas recusou-se a se desarmar, preferindo deitar-se exatamente como estava. Nesse momento, percebeu uma luz que se aproximava e pôde ver nitidamente uma lança longa e grossa que voou em sua direção. Ao que parecia, a ponta da arma ardia como uma vela e, antes mesmo que ele se desse conta, aquele ferro penetrou um palmo em seu ombro, causando uma ferida que lhe doeu amargamente. A dor era tanta que ele voltou a se deitar. Em seguida, chegou um cavaleiro armado, com escudo no ombro e espada na mão. Levantai-vos, cavaleiro, disse ele, para lutar comigo. Estou ferido, respondeu Sir Bors, mas não me esquivarei. Levantou-se então de um salto, protegeu-se com o escudo e os dois se atacaram mutuamente por um bom tempo. Por fim, Sir Bors obrigou o adversário a recuar até a porta de um aposento. O cavaleiro entrou ali e ficou algum tempo descansando. Sentindo-se descansado, voltou a sair e deu início a outra batalha acirrada com Sir Bors.



CAPÍTULO V

Como Sir Bors forçou Sir Pedivere a se render; sobre as maravilhosas aventuras que teve, e como se saiu com relação a elas.

Então, Sir Bors teve a ideia de não deixar que seu adversário entrasse novamente no tal aposento para descansar e se pôs entre ele e a porta que se abria para lá. Neste local, conseguiu derrubá-lo, e logo o cavaleiro se rendeu. Como vos chamais?, perguntou Sir Bors. Senhor, respondeu o outro, meu nome é Pedivere das Plácidas Fronteiras. Em seguida, Sir Bors o fez jurar que no próximo domingo de Pentecostes ele estaria na corte do Rei Arthur para render-se como cavaleiro prisioneiro e vencido por suas mãos. Assim partiu Sir Pedivere das Plácidas Fronteiras. Sir Bors pôde então deitar-se para descansar, mas logo ouviu e sentiu um grande estrondo dentro do quarto. Viu surgirem, sabe-se lá se entrando pelas portas ou pelas janelas, uma assombrosa quantidade de setas e dardos que, em sua maioria, caíram sobre seu corpo e feriram as partes que estavam descobertas.

Nesse momento, ele avistou um incrível leão e investiu contra o animal. Este, porém, lhe arrancou o escudo, mas Sir Bors conseguiu decepar-lhe a cabeça com a espada. Em seguida, viu um terrível dragão aparecer no pátio trazendo no peito, ao que parecia, letras de ouro gravadas, e Sir Bors acreditou que tais letras faziam referência ao Rei Arthur. Logo em seguida, apareceu um terrível leopardo velho e, por um bom tempo, travou-se uma luta acirrada entre os dois. Por fim, o dragão expeliu pela boca o que pareciam ser uns cem dragões juntos, e todos esses pequenos dragões mataram o velho dragão e o fizeram em pedaços.

Foi então a vez de entrar naquele aposento um ancião que se sentou em uma bela cadeira. Ele parecia ter víboras ao redor do pescoço e segurava uma harpa. Pôs-se então a cantar uma velha cantiga que falava da vinda de José de Arimateia para esta terra. Ao terminar, mandou que Sir Bors fosse embora. Pois aqui não encontrareis mais aventuras, disse ele. Mui honrosamente vos saístes e tereis desempenho ainda melhor mais adiante. Nesse instante, Sir Bors teve a impressão de ver chegar uma pomba branquíssima trazendo no bico um pequeno incensário de ouro. De imediato, a tempestade que rugia cessou, e toda a corte se encheu de um delicioso odor. Viu então quatro meninos carregando quatro círios e, no meio deles, um ancião que levava um incensário em uma das mãos e uma lança na outra. Esta lança era chamada a Lança da Vingança.

CAPÍTULO VI

Como Sir Bors partiu; como Sir Lancelote foi censurado pela Rainha Guinevere, e sobre suas desculpas.

Ide agora ao encontro de Sir Lancelote, vosso parente, disse o ancião a Sir Bors, e contai-lhe esta aventura que teria sido mais adequada a ele do que a qualquer outro cavaleiro do mundo. Seu pecado, porém, é tão grave que ele não pode realizar feitos tão sagrados, pois, se não fosse por tal pecado, haveria superado todos os cavaleiros que existiram em seu tempo. Dizei a Sir Lancelote que, no que se refere às aventuras mundanas, ele sobrepuja a todos em hombridade e perícia; no entanto, nestas questões espirituais, muitos outros são melhores do que ele. Então, Sir Bors viu passarem ao seu lado quatro damas pobremente vestidas. Elas entraram em um aposento onde havia uma claridade tão forte quanto a de um dia de verão. Ali, ajoelharam-se diante de um altar de prata com quatro colunas e, diante de tal altar, já estava ajoelhado um bispo. Ao erguer os olhos, Sir Bors viu uma espada que parecia de prata, desembainhada, pendendo sobre sua cabeça. Ela brilhava tanto que lhe feriu os olhos, deixando-o cego por um momento. Ouviu então uma voz que dizia: Ide embora daqui, Sir Bors, pois ainda não sois digno de estar neste local. O cavaleiro recuou e voltou para a cama, onde permaneceu até o raiar do dia. Pela manhã, o Rei Pelles deu grandes demonstrações de alegria ao vê-lo e, logo a seguir, Sir Bors partiu rumo a Camelot. Lá chegando, encontrou Sir Lancelote do Lago e lhe contou as aventuras que havia presenciado com o Rei Pelles, em Corbin.

Circularam pela corte de Arthur boatos de que Lancelote havia gerado um filho em Elaine, filha do Rei Pelles, o que deixou a Rainha Guinevere enfurecida. Esta o censurou, chamando-o de falso cavaleiro, e, então, ele lhe contou tudo que havia acontecido: como o tinham feito se deitar com a moça que, por encantamento, assumira a aparência da própria rainha. Diante disso, ela o desculpou. E, como diz o livro, o Rei Arthur estivera na França, guerreando contra o poderoso Rei Claudas, e havia conquistado muitas terras. Quando regressou, mandou anunciar a realização de uma grande festa, convocando todos os senhores e dama da Inglaterra a comparecerem, a menos que fossem rebeldes com relação à sua soberania.

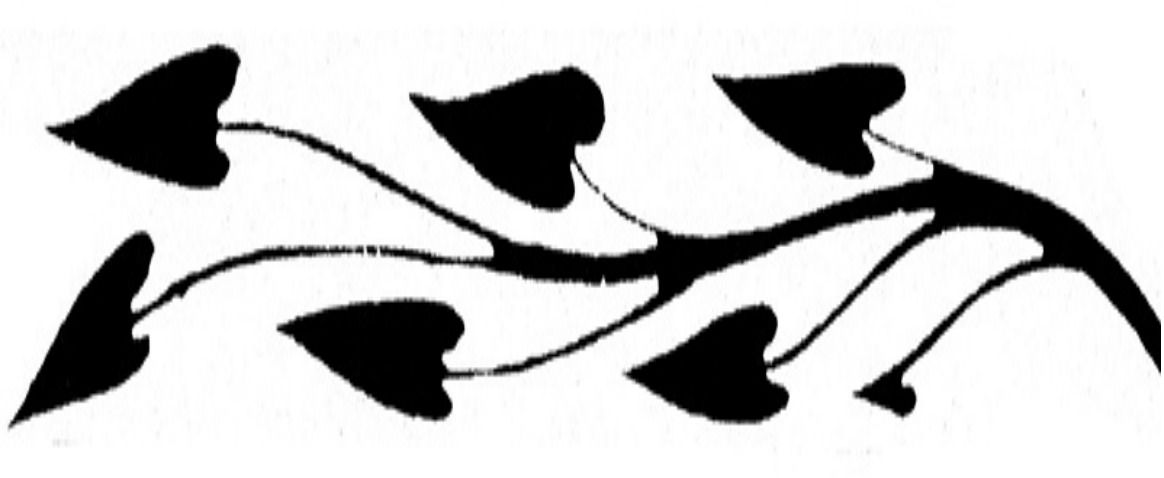
CAPÍTULO VII

Como Lady Elaine, mãe de Galahad, chegou a Camelot com grande pompa, e como Sir Lancelote se portou na ocasião.

Quando Lady Elaine, filha do Rei Pelles, teve notícia da festa, procurou o pai e lhe pediu permissão para comparecer. De bom grado vos concedo minha permissão, respondeu o rei, mas, se tendes algum amor por mim e quereis receber minha bênção, ireis trajada da maneira mais rica possível e nem pensais em poupar nos custos. Pedi e tereis o que estiver vos faltando. Então, seguindo o conselho de Lady Brisen, sua dama, tudo foi preparado para a ocasião de tal forma que jamais se viu dama mais ricamente trajada. Elaine partiu a cavalo, acompanhada de vinte cavaleiros, dez damas e donzelas, e um total de cem cavalos. Quando chegou a Camelot, foram dizer ao Rei Arthur, à Rainha Guinevere e a todos os cavaleiros que ela era a mais bela e mais ricamente trajada entre todas as damas que já foram vistas naquela corte. Assim que o monarca soube de sua chegada, foi recebê-la e saudá-la. O mesmo fizeram quase todos os cavaleiros da Távola Redonda, como Sir Tristão, Sir Bleoberis, Sir Gawaine e muitos outros que não preciso nomear. Mas, quando a viu, Sir Lancelote sentiu tanta vergonha por haver sacado da espada na manhã seguinte à noite em que dormira com ela que não quis ir cumprimentá-la nem lhe falar. Admitiu, porém, que era a mais bela mulher que já tinha visto em toda sua vida.

Ao perceber que Sir Lancelote não queria falar com ela, Lady Elaine ficou tão entristecida que pensou que seu coração fosse se partir, já que ela o amava muitíssimo. A descortesia de Sir Lancelote está quase me matando, disse então à Lady Brisen, sua dama. Ah, ficai tranquila, senhora, respondeu esta. Podeis ficar sossegada, pois cuidarei para que ele se deite convosco esta noite. É o que quero, disse Lady Elaine, mais do que todo o ouro existente na terra. Deixai comigo, disse sua dama. Quando Elaine foi conduzida à presença da Rainha Guinevere, ambas demonstraram alegria, como seria de se esperar, mas nada ali era de coração. No entanto, todos os homens e todas as mulheres comentavam sobre a beleza e a grande riqueza daquela mulher. À noite, a rainha mandou que Lady Elaine dormisse em um quarto vizinho ao seu, sob o mesmo teto, e assim foi feito. Então, mandou recado a Sir Lancelote, pedindo-lhe que fosse a seu quarto naquela noite. Caso contrário, disse Guinevere, terei certeza de que fostes dormir com vossa dama, Lady Elaine, com quem tivestes Galahad. Ah, senhora, exclamou o cavaleiro. Não digais isso, pois tudo aconteceu contra minha vontade. Então,

retrucou a rainha, tratai de vir quando eu vos mandar chamar. Não faltarei, senhora, disse Lancelote. Vosso chamado há de me encontrar pronto. Tudo isso foi rapidamente acertado apenas entre os dois, mas, através de suas artes, Lady Brisen ficou sabendo e contou tudo à sua senhora, Lady Elaine. Ai, lamentou-se a mulher, o que hei de fazer? Deixai que eu cuide disso, disse sua dama. Eu o trarei até vosso leito pela mão e ele vai acreditar que sou mensageira da Rainha Guinevere. Como ficarei feliz!, exclamou Lady Elaine, pois não existe ninguém no mundo que eu ame tanto quanto Sir Lancelote.



CAPÍTULO VIII

Como, por meio de um encantamento, Lady Brisen levou Sir Lancelote para a cama de Lady Elaine, e como a Rainha Guinevere o repreendeu.

Quando todos já estavam deitados, Lady Brisen se aproximou da cama de Sir Lancelote e perguntou: Sir Lancelote do Lago, estais dormindo? Minha senhora, a Rainha Guinevere, está na cama à vossa espera. Oh, gentil senhora, respondeu o cavaleiro, estou pronto para ir aonde quiserdes me levar! Vestiu-se com uma larga túnica e levou consigo a espada. Segurando-o por um dos dedos, Lady Brisen o conduziu até a cama de Lady Elaine e logo se foi, deixando-os juntos. Sabei que a dama muito se alegrou, assim como Sir Lancelote, que acreditava ser outra mulher a que tinha nos braços.

Deixemos os dois beijando-se e abraçando-se, como era natural, e falemos da Rainha Guinevere, que mandou uma de suas damas à cama de Sir Lancelote. Esta, porém, encontrou o leito frio, viu que o cavaleiro não estava ali e voltou para contar tudo à rainha. Ah!, exclamou esta. O que terá acontecido com esse falso cavaleiro? Diante disso, Guinevere quase perdeu o juízo. Ficou virando-se e revirando-se na cama feito uma louca e passou quatro ou cinco horas sem conseguir pegar no sono. Era comum Sir Lancelote dizer coisas enquanto dormia e quase sempre falava de sua dama, a Rainha Guinevere. Depois de ficar acordado pelo tempo que lhe aprouve, seguindo o curso natural das coisas, o cavaleiro adormeceu e Lady Elaine também. Em sonhos, Sir Lancelote começou a tagarelar feito um corvo, falando do amor que havia entre ele e a Rainha Guinevere. Como ele falava alto, esta pôde ouvi-lo da cama em que estava deitada e, ao ouvir aquelas palavras, quase enlouqueceu e perdeu a razão. Sua fúria e seu tormento eram tais que ela nem sabia o que fazer. Começou então a tossir tão forte que acabou acordando Sir Lancelote. Este, por sua vez, reconheceu sua tosse e, assim, percebeu que não estava na cama com sua amada. Logo pulou do leito feito um louco, vestindo apenas a camisa. A rainha o encontrou caído no chão e disse: Cavaleiro falso e traidor! Nunca mais apareçais em minha corte e tratai de evitar meu quarto. Não ouseis, cavaleiro falso e traidor, voltar a vos apresentar diante de meus olhos! Ai!, exclamou Sir Lancelote. E seu sofrimento ao ouvir aquelas palavras foi tamanho que ele caiu no chão, desvanecido, enquanto a Rainha Guinevere se afastava dali. Quando o cavaleiro voltou a si, pulou pela janela, indo cair em um jardim onde arranhou o rosto e o corpo nos espinheiros. Pôs-se a

correr sem rumo, louco de fúria como homem algum jamais estivera antes, e passou dois anos nesse estado, sem que ninguém tivesse a graça de o reconhecer.

CAPÍTULO IX

Como a Rainha Guinevere ordenou que Lady Elaine evitasse a corte, e como Sir Lancelote enlouqueceu.

Tratemos agora da Rainha Guinevere e da bela Lady Elaine. Ao ouvir as severas críticas feitas pela rainha a Sir Lancelote e também ao vê-lo cair desvanecido e, depois, pular pela janela, disse: Senhora, mereceis séria reprovação pelo que fizestes a Sir Lancelote, pois agora o haveis perdido. Vi e ouvi, por seu comportamento, que ele enlouqueceu para sempre. Ai, senhora, cometestes um grande pecado e atraístes grande desonra para vossa pessoa, pois tendes vosso próprio senhor e, portanto, é vosso dever amá-lo! E não há rainha neste mundo que tenha um rei como vós tendes. Se não fosse por vós, eu poderia ter o amor de meu senhor Lancelote e tenho bons motivos para amá-lo, uma vez que, com ele, perdi minha virgindade e, por ele, pari um formoso menino cujo nome é Galahad e que, em seu tempo, será o melhor cavaleiro do mundo. Lady Elaine, retrucou a rainha, quando já for dia claro, ordeno-vos que deixeis minha corte e, pelo amor que devotais a Sir Lancelote, não reveleis nada disso a ninguém, porque, se o fizerdes, ele decerto morrerá. Quanto a isso, disse a jovem, ouso garantir que ele perdeu o juízo para sempre e por vossa culpa. É bem provável que nem vós nem eu jamais voltemos a desfrutar de sua presença, pois, quando ele pulou pela janela, soltava os mais dolorosos gemidos que jamais ouvi nenhum outro homem fazer. Ai!, lamentou-se a bela Elaine. Ai!, lamentou-se também a Rainha Guinevere. Agora sei que ambas o perdemos para sempre.

Pela manhã, Lady Elaine pediu permissão para partir, não querendo permanecer mais tempo naquele local. Então, o Rei Arthur a acompanhou em seu trajeto através de uma floresta com mais de cem cavaleiros. Durante o trajeto, ela contou a Sir Bors de Ganis o que havia acontecido naquela noite e como Sir Lancelote, fora de seu juízo perfeito, havia saltado por uma janela. Ai!, lamentou-se o cavaleiro. O que terá acontecido com meu senhor, Sir Lancelote? Nada sei a este respeito, senhor, respondeu Lady Elaine. Ambas haveis destruído esse bom cavaleiro, afirmou Sir Bors. Eu jamais fiz ou disse qualquer coisa que pudesse lhe causar desgosto de uma forma ou de outra, defendeu-se a dama. Mas, depois da censura que lhe fez a rainha, eu o vi cair no chão, desvanecido. Quando recobrou os sentidos, empunhou a espada. E, vestindo só a camisa, pulou por uma janela com o gemido mais assustador que já ouvi de um homem. Ide com Deus, Lady Elaine, disse Sir Bors, e detende nosso soberano com alguma história pelo máximo

de tempo possível, pois quero ir ao encontro da Rainha Guinevere e censurá-la pelo que fez. Rogo-vos, se alguma vez quiserdes dispor de meus serviços, que fiqueis atenta e alerta procurando ver meu senhor Lancelote. Na verdade, respondeu a bela Elaine, farei o que puder, pois, como vós, como qualquer membro de vossa família ou como a Rainha Guinevere, adoraria saber o que foi feito dele. E tenho bons motivos para isso. Bem sabeis, acrescentou ela, que daria a vida por ele se pudesse evitar que algum mal lhe fosse feito. Infelizmente, creio que não voltarei a vê-lo, e a maior culpada por tudo isso é a Rainha Guinevere. Senhora, disse Lady Brisen, responsável pelo encantamento lançado sobre Sir Lancelote e ela, eu vos imploro: deixai que Sir Bors se vá e lance mão de todos os meios possíveis para encontrar Sir Lancelote, pois vos garanto que ele está visivelmente enlouquecido e nada poderá ajudá-lo a se recuperar a não ser um milagre.

Então, Lady Elaine se pôs a chorar, no que foi acompanhada por Sir Bors de Ganis. Despediram-se, pois, e este foi direto ao encontro da rainha, que, assim que o viu, caiu em prantos, desconsolada. Maldito seja vosso pranto, disse o cavaleiro, pois só chorais agora que já não há mais remédio. Ai, maldita hora em que a linhagem de Sir Lancelote vos conheceu, pois pusestes a perder o melhor cavaleiro de nosso sangue, aquele que era nosso guia e nosso socorro. Ouso dizer que nenhum rei, cristão ou pagão, poderia encontrar cavaleiro como ele, tanto por sua nobreza e cortesia, quanto por sua beleza e gentileza. Ai, que faremos nós, que temos o mesmo sangue que ele? Ai!, exclamou também Sir Hector de Maris. Ai!, lamentou-se também Leonel.

CAPÍTULO X

Sobre a imensa tristeza que a Rainha Guinevere sentiu por Sir Lancelote, e como alguns cavaleiros de sua linhagem saíram à sua procura.

Quando a Rainha Guinevere os ouviu dizer tais coisas, caiu por terra, tomada por um desvanecimento mortal. Sir Bors então a levantou e a ajudou a se recobrar, mas, assim que voltou a si, ela se ajoelhou diante dos três cavaleiros, ergueu as mãos e suplicou que fossem procurá-lo. Não poupeis dinheiro algum até que ele seja encontrado, pois sei que está fora de seu juízo perfeito. Não conseguindo permanecer ali por mais tempo, tamanha era a angústia que sentiam, Sir Bors, Sir Hector e Sir Leonel se afastaram. Então, a rainha lhes enviou tesouros suficientes para os gastos que viessem a ter. Assim, os três montaram seus cavalos e partiram. Saíram cavalgando de um país a outro, atravessando florestas, descampados e desertos, aproximando-se constantemente de lenhadores e todos os que passassem a cavalo, procurando observá-los e ver se era um homem nu, vestindo apenas uma camisa e empunhando uma espada. Assim transcorreu um quarto de ano, com os três indo de um lado para outro, passando por muitos lugares, atravessando florestas e desertos e, quase sempre, sem conseguir pousada adequada. Apesar de tantos esforços, não tinham notícia alguma de Sir Lancelote, fato que lhes causava grande pesar.

Finalmente, Sir Bors e seus companheiros encontraram um cavaleiro chamado Melion de Tartária. Gentil cavaleiro, disse Sir Bors, para onde ides? Pois os dois já se conheciam. Estou a caminho da corte do Rei Arthur, senhor, respondeu Melion. Então, nós vos rogamos que digais a meu soberano, Arthur, e a minha senhora, a Rainha Guinevere, bem como a toda a companhia da Távola Redonda, que ainda não conseguimos descobrir o que foi feito de Sir Lancelote. Sir Melion despediu-se deles dizendo que faria o que lhe tinha sido pedido e, ao chegar à corte do Rei Arthur, relatou aos soberanos e aos cavaleiros da Távola Redonda o que Sir Bors lhe dissera. Então, Sir Gawaine, Sir Uwaine, Sir Sagramore, o Desejoso, Sir Aglovale e Sir Percival de Gales, obedecendo a um desejo do Rei Arthur e, especialmente, da rainha, assumiram a tarefa de sair em busca de Sir Lancelote por toda a Inglaterra, Gales e Escócia. Levaram consigo 18 cavaleiros para lhes fazer companhia, e dinheiro foi coisa que não lhes faltou. Partiram, então, os 23 cavaleiros.

Voltemos agora a Sir Lancelote para falar de sua desventura, de sua dor e dos sofrimentos de que padecia, pois vinha passando frio, fome e sede. Aqueles nobres

cavaleiros seguiram cavalgando juntos até que, de comum acordo, resolveram separar-se em grupos de dois, três, quatro ou cinco homens, sempre marcando um local onde deveriam se encontrar. Sir Aglovale e Sir Percival rumaram para as terras de sua mãe, que era uma rainha naquela época. Ao ver os dois filhos, a mulher chorou de alegria. Ah, meus filhos queridos!, exclamou ela. Quatro filhos me deixou vosso pai, mas dois deles já morreram. E, depois da morte de meu nobre filho, Sir Lamorak, meu coração jamais voltará a ter alegria. Pôs-se então de joelhos diante dos dois cavaleiros e lhes suplicou que ficassem em casa junto dela. Ah, doce mãe!, respondeu Sir Percival, não podemos, pois descendemos de sangue real por ambos os lados e, portanto, mãe, por nossa própria natureza, devemos empunhar armas e realizar nobres façanhas. Ai, meus doces filhos!, lamentou-se a mulher, por vós, perderei a alegria e o prazer. Não poderei suportar o vento e o tempo, como quando da morte de vosso pai, o Rei Pellinore, vergonhosamente assassinado pelas mãos de Sir Gawaine e de seu irmão, Sir Gaheris. E não foi em combate que o mataram, mas sim à traição. Ah, queridos filhos!, prosseguiu ela ainda. É muito dolorosa para mim a morte de vosso pai, assim como também o é a de Sir Lamorak, com quem muito poucos se equiparavam em termos de proeza. Assim, pois, queridos filhos, tende isto sempre presente em vossos pensamentos. Na hora da partida, houve choro e soluços, e a rainha caiu desmaiada no meio do pátio.

CAPÍTULO XI

Como um dos criados de Sir Aglovale foi assassinado, e como Sir Aglovale e Sir Percival se vingaram do ocorrido.

Quando a fizeram voltar a si, a rainha enviou um escudeiro atrás de seus filhos, levando uma quantia suficiente de dinheiro. Este os alcançou, mas os irmãos não permitiram que seguisse viagem com eles, mandando que voltasse para confortar sua mãe e pedir-lhe humildemente sua bênção. Durante o trajeto de volta, porém, o moço foi surpreendido pela noite e, por infortúnio, chegou a um castelo onde vivia um barão. Assim que entrou, o senhor lhe perguntou de onde vinha e a quem servia. Meu senhor, respondeu o escudeiro, sirvo a um bom cavaleiro chamado Aglovale. E disse isso com boa intenção, achando que seria mais bem acolhido do que se dissesse que servia à rainha, mãe de Sir Aglovale. Pois bem, companheiro, respondeu o tal barão, não terás aqui boa acolhida, já que Sir Aglovale matou meu irmão e, portanto, morrerás como parte do pagamento dessa dívida. Mandou então que seus homens o levassem e o matassem. Eles obedeceram, levando-o para fora do castelo e matando-o sem dó nem piedade.

Pela manhã, Sir Aglovale e Sir Percival passaram junto a um cemitério onde havia homens e mulheres fitando o escudeiro morto e pensando em enterrá-lo. Quem olhais assim, tão atentamente?, perguntou Sir Aglovale. Um bom homem se adiantou e respondeu: Gentil cavaleiro, aqui jaz um escudeiro que foi vergonhosamente assassinado esta noite. Como foi que o mataram?, indagou Sir Aglovale. Meu gentil senhor, disse o homem, durante a noite, o senhor deste castelo acolheu este escudeiro e, como ele disse que servia a um bom cavaleiro do Rei Arthur, chamado Sir Aglovale, o barão o mandou matar e foi assim que ele morreu. Muito obrigado, respondeu o cavaleiro. Sem demora, vereis sua morte ser vingada, pois sou eu o cavaleiro por quem ele foi morto.

Chamou então seu irmão, pedindo-lhe que se apeasse com presteza. Ambos desmontaram, entregaram os animais a seus homens e entraram a pé no castelo. Nem bem haviam transposto o portão, Sir Aglovale disse ao porteiro: Procura teu senhor e diz a ele que sou Sir Aglovale, aquele por quem ordenou a morte do escudeiro esta noite. O porteiro logo transmitiu a mensagem a seu senhor, cujo nome era Goodewin. Este se armou, saiu para o pátio e disse: Quem de vós é Sir Aglovale? Sou eu, respondeu o cavaleiro. Por que motivo matastes esta noite o escudeiro de minha mãe? Por vossa causa, respondeu Sir Goodewin, já que matastes meu irmão, Sir Gawdelin. Quanto a vosso irmão, retrucou Sir Aglovale,

admito que o matei, pois ele era um cavaleiro falso, traidor de damas e de bons cavaleiros. E morrereis agora pela morte de meu escudeiro. Eu vos desafio!, exclamou Sir Goodewin. Investiram então um contra o outro tão sofregamente quanto dois leões, enquanto Sir Percival enfrentou todos os demais que quiseram lutar. Em pouco tempo, ele já havia matado quem quer que tenha tentado lhe opor resistência, pois administrava de tal forma seus golpes que ninguém ousava lhe fazer frente. Não tardou muito e Sir Aglovale havia derrubado Sir Goodewin. Tirou-lhe então o elmo e lhe cortou a cabeça. Em seguida, os dois irmãos partiram, pegaram seus cavalos e mandaram transportar o escudeiro morto até um mosteiro, onde o sepultaram.

CAPÍTULO XII

Como Sir Percival se separou secretamente do irmão; como libertou um cavaleiro acorrentado, e outros feitos.

Depois disso, os irmãos cavalgaram por muitos países, sempre perguntando por Sir Lancelote, mas não conseguiam ter notícias dele. Finalmente, chegaram a um castelo chamado Cardican, onde foram hospedados no mesmo quarto. Por volta da meia-noite, sem fazer ruído algum, Sir Percival se aproximou do escudeiro de Aglovale e lhe disse: Levanta-te e prepara-te, pois vamos partir agora, tu e eu, em segredo. Senhor, respondeu o homem, muito me agradaria cavalgar convosco por onde queirais me levar, mas se meu senhor, vosso irmão, me apanhasse, decerto me mataria. Quanto a isso, disse Percival, não tens com que te preocupar, pois cuidarei de ti.

Saíram então e cavalgaram até depois do meio-dia, quando chegaram a uma ponte de pedra. Ali, Sir Percival encontrou um cavaleiro que estava bem preso a um pilar de pedra por uma corrente atada à sua cintura. Oh, gentil cavaleiro, disse o tal homem. Rogo-vos que me solteis desta corrente. Quem sois?, perguntou Sir Percival. E por que motivo estais assim acorrentado? Sou um cavaleiro da Távola Redonda, respondeu ele, e meu nome é Sir Persides. Por acaso, tomei este caminho e pedi pousada neste castelo que fica ao pé da ponte. Nele vive uma dama descortês que me propôs que nos tornássemos amantes e, como recusei, ela mandou que seus homens me atacassem antes mesmo de eu ter tempo de pegar minha arma. Eles então me prenderam e aqui hei de morrer, a menos que um homem de mérito quebre minhas correntes. Não desanimeis, disse Sir Percival. Por serdes cavaleiro da Távola Redonda como eu mesmo, tenho fé em Deus que conseguirei partir essas amarras. Ao dizer isso, sacou da espada e golpeou a corrente com tamanha força que a partiu em duas, embora tenha perfurado também a cota de Sir Persides, ferindo-o levemente. Oh, Jesus!, exclamou este. Jamais senti golpe tão poderoso! E, se não fosse pela corrente, ele me teria matado.

Nesse instante, Sir Persides viu um cavaleiro saindo do castelo a galope. Defendei-vos, senhor, disse ele então, pois ali vem alguém que quer vos enfrentar. Pois que venha, retrucou Sir Percival. Os dois se encontraram no meio da ponte. Sir Percival desferiu tal golpe contra seu adversário que o derrubou do cavalo por cima do parapeito da ponte e, se não fosse por uma barcaça que ali estava atracada, ele teria se afogado. Então, Sir Percival se apoderou da montaria daquele cavaleiro e a entregou a Sir Persides. Juntos, rumaram para o castelo, e

Sir Percival mandou que a dama libertasse todos os serviçais de seu companheiro, caso contrário, mataria quem encontrasse pela frente. Amedrontada, a mulher libertou todos eles. Nesse momento, Sir Percival avistou uma dama que estava na torre. Ah, senhora!, exclamou ele. Como uma dama adota o costume de destruir bons cavaleiros que não desejam ser vossos amantes? Na verdade, é um uso vergonhoso para uma dama e, se não tivesse questões importantes a resolver, poria fim a esses costumes perversos.

Levou então Sir Persides a seu próprio castelo e ali o acolheu por aquela noite. Ao amanhecer, depois de assistir à missa e fazer seu desjejum, o cavaleiro pediu a Sir Persides que fosse até a corte do Rei Arthur. Dizei-lhe como me haveis encontrado, recomendou, e dizei a meu irmão, Sir Aglovale, como vos resgatei. Pedi a ele que não procure por mim, pois tenho uma demanda a cumprir: encontrar Sir Lancelote. Mesmo que ele saia à minha procura, não haverá de me encontrar, e dizei-lhe que não desejo ver a corte, nem ele próprio, até ter achado Sir Lancelote. Dizei também a Sir Kay, o Senescal, e a Sir Mordred que tenho fé em Deus que sou homem de tanto mérito quanto qualquer um deles, mas nunca me esquecerei de suas zombarias e de suas risadas no dia em que fui sagrado cavaleiro, e que não voltarei a pisar naquela corte até que todos me atribuam mais honra do que jamais atribuíram a nenhum deles dois. Assim, os dois se despediram, e Sir Persides seguiu para a corte do Rei Arthur, onde falou de Sir Percival. Quando Sir Aglovale o ouviu falar de seu irmão, observou: Ele me deixou de forma muito descortês.

CAPÍTULO XIII

Como Sir Percival enfrentou Sir Hector; como os dois lutaram por um bom tempo e como cada um deles quase matou o outro.

Senhor, disse Sir Persides, por minha fé, ouso dizer que ele demonstrará ser um cavaleiro mais valoroso do que todos os que ora vivem. E, ao ver Sir Kay e Sir Mordred, disse-lhes: Meus gentis senhores, Sir Percival vos saúda a ambos e me pediu que vos diga que confia em Deus que, antes de voltar a esta corte, será um homem de grande nobreza como vós dois jamais o fostes, e mais pessoas falarão de seu valor do que jamais falaram do vosso. Pode ser, retrucaram Sir Kay e Sir Mordred, mas, quando recebeu a ordem da cavalaria, não dava muitas mostras de ser um bom cavaleiro. Quanto a isso, interveio o Rei Arthur, ele haverá certamente de demonstrar, pois seu pai e seus irmãos foram cavaleiros de grande valor.

Voltemos agora a Sir Percival, que passou muito tempo cavalgando e, em uma floresta, encontrou um cavaleiro com escudo e elmo bem destruídos. Assim que se viram, não hesitaram em travar um combate e investiram um contra o outro com toda a velocidade que seus animais conseguiam alcançar. O choque do encontro foi tamanho que Sir Percival caiu por terra. Logo, porém, levantou-se, ergueu o escudo, sacou da espada e disse ao outro cavaleiro: Apeai-vos e travemos batalha acirrada. Quereis mais?, perguntou o adversário. Ao dizer isso, apeou-se e afastou de si o animal. Aproximaram-se com cautela e se atacaram com nobres espadas, cortando, dando estocadas e ferindo-se mutuamente. Lutaram assim por cerca de meio dia, mal parando para descansar. Nenhum dos dois tinha menos de 15 ferimentos e os dois sangravam tanto que era espantoso vê-los ainda de pé. No entanto, o adversário de Sir Percival era um cavaleiro experiente e muito hábil na luta, ao passo que este, embora não lutasse tão bem, era jovem e forte.

Então, ele falou primeiro: Senhor cavaleiro, detende a mão por um instante, pois estamos lutando por nada e nos esforçando em demasia. Rogo-vos, pois, que me digais vosso nome, já que, até agora, nunca encontrei um rival como vós. Valha-me Deus!, exclamou o outro. Até agora, nunca encontrei cavaleiro que me ferisse com tanta gravidade quanto vós, apesar de já ter participado de muitas batalhas. Sabei, pois, que sou cavaleiro da Távola Redonda, chamo-me Sir Hector de Maris e sou irmão do bom cavaleiro Sir Lancelote. Ai, respondeu Sir Percival. Meu nome é Sir Percival de Gales e assumi a demanda de procurar por Sir Lancelote. Agora, porém, tenho certeza de que nunca poderei levá-la a cabo porque me matastes com vossas mãos. Não será assim, disse Sir Hector. Eu é que

fui morto por vossas mãos e não vou sobreviver. Por isso, rogo-vos que ides a um mosteiro que fica perto daqui e tragais convosco um capelão para que eu possa receber meu Salvador, já que não posso mais viver. E, quando fostes à corte de Arthur, não digais a meu irmão, Sir Lancelote, como me haveis matado, pois ele passará a ser vosso inimigo mortal. Dizei-lhe antes que morri durante minha demanda, enquanto procurava por ele. Ai, lamentou-se Sir Percival, pedis que eu faça algo que jamais poderei fazer, pois sinto-me tão enfraquecido de tanto sangrar que mal posso me manter de pé. Como então poderia montar em meu cavalo?

CAPÍTULO XIV

Como, por milagre, ambos se curaram por completo graças à chegada do vaso sagrado do Santo Graal.

Os dois puseram-se a se lamuriar. De nada adiantará isso, disse Sir Percival. Então, ajoelhou-se e rezou com toda devoção a Jesus todo-poderoso, pois ele era um dos mais devotos cavaleiros do mundo naquela época, dotado de uma fé inabalável. Nesse instante, passou por eles o vaso sagrado do Santo Graal, exalando todo tipo de doçuras e fragrâncias, mas eles não conseguiram ver exatamente quem o carregava. Sir Percival teve o vislumbre da taça e da donzela que o portava, pois era uma donzela puríssima. E, de imediato, os dois ficaram curados, sadios como jamais haviam estado antes na vida. Com grande humildade, um e outro deram graças a Deus. Oh, Jesus!, exclamou Sir Percival. O que significa isso? Como pudemos sarar assim quando estávamos a ponto de morrer? Sei bem do que se trata, respondeu Sir Hector. É um vaso santo que é carregado por uma donzela. Ele contém parte do sagrado sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, bendito seja! Mas ninguém pode vê-lo, a menos que seja um homem perfeito. Valha-me Deus!, exclamou Sir Percival. Tive a impressão de ver uma donzela, toda de branco, com um vaso nas mãos e, assim que tive esta visão, fiquei curado.

Então, os dois pegaram seus cavalos e seus arneses, consertaram estes últimos da melhor maneira possível, pois estavam bem estragados, e, depois de montarem, seguiram cavalgando juntos, conversando. Sir Hector de Maris contou a Sir Percival que havia passado muito tempo procurando por seu irmão sem conseguir ter notícia alguma dele. Enfrentei muitas estranhas aventuras nesta demanda. E cada qual contou ao companheiro suas aventuras.

Aqui termina o livro décimo-primeiro.
E segue-se o livro décimo-segundo.

LIVRO XII





CAPÍTULO I

Como Sir Lancelote, em sua loucura, passou a mão em uma espada, lutou contra um cavaleiro e pulou em uma cama.

eixemos agora por algum tempo Sir Hector e Sir Percival e falemos de Sir Lancelote, que, por dois anos, sofreu e suportou inúmeros infortúnios, correndo desatinado de um lugar para outro, alimentando-se de frutos e do que mais pudesse conseguir, bebendo água e trajando apenas a camisa e umas calças. Enquanto vagava daqui para lá, chegou a um formoso prado onde havia uma tenda armada e, de uma árvore próxima, pendia um escudo. A seu lado, havia duas espadas e, apoiadas em seu tronco, duas lanças. Assim que Sir Lancelote viu as espadas, apoderou-se de uma delas e a desembainhou. Em seguida, investiu furiosamente contra o escudo e, por todo o prado, ressoaram aqueles golpes com tamanho estardalhaço que parecia que uns dez cavaleiros estavam lutando.

Surgiu então um anão que pulou sobre ele, tentando tomar a espada de sua mão. Sir Lancelote, porém, o segurou pelos ombros e o jogou de cabeça no chão, quase fazendo-o quebrar o pescoço. Nesse momento, o anão começou a gritar pedindo socorro. Logo apareceu um garboso cavaleiro trajado com um manto escarlate forrado de arminho e, assim que viu o estranho, deduziu que ele estava fora de seu juízo perfeito. Bom homem, disse então, com toda delicadeza, deixai esta espada, pois, pelo que vejo, estais mais necessitado de dormir e arranjar abrigo do que de brandi-la assim. Não chegueis mais perto, retrucou o Cavaleiro do Lago, caso contrário, haverei de vos matar.

Ao ouvir essas palavras, o cavaleiro correu de volta à tenda e o anão o armou o mais depressa que pôde. Armado, o cavaleiro saiu decidido a tomar a espada das mãos de Sir Lancelote à força. Quando este o viu chegar de armadura e empunhando uma espada, pulou sobre ele com todo ímpeto, desferindo-lhe um tremendo golpe na parte superior do elmo. Com o impacto, sua espada se partiu em três pedaços, e o outro, atordoado, caiu por terra como morto, sangrando pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. Então, Sir Lancelote correu para a tenda e se meteu na cama quente, mas havia ali uma dama que pegou seu vestido e saiu

correndo. Ao ver seu senhor jazendo no chão como morto, começou a gritar e a chorar como se houvesse enlouquecido. Com seus gritos, o cavaleiro voltou a si e ergueu os olhos para ela, perguntando onde estava aquele louco que lhe dera golpe assim tão forte. Pois nunca na vida recebi tamanho golpe da mão de nenhum homem, acrescentou ele. Senhor, respondeu o anão, não tereis honra alguma em feri-lo, por ele está fora de seu juízo perfeito. Podeis ter certeza de que se trata de homem de grande mérito que, por algum tormento que sofreu, acabou enlouquecendo. Creio que ele se assemelha muito a Sir Lancelote, pois o vi no grande torneio de Lonazep. Deus permita, disse o cavaleiro, que o nobre cavaleiro Sir Lancelote não se encontre em semelhante situação, mas, seja ele quem for, não pretendo lhe fazer mal algum. Esse cavaleiro, que se chamava Bliant, disse então ao anão: Pega o cavalo e vai depressa ao encontro de meu irmão, Sir Selivant, que está no castelo Branco. Conta-lhe minha aventura e diz-lhe que traga consigo uma liteira puxada por cavalos para transportarmos este cavaleiro até meu castelo.



CAPÍTULO II

Como Sir Lancelote foi transportado numa liteira puxada por cavalos, e como salvou Sir Bliant, seu anfitrião.

Depois de cavalgar a toda velocidade, o anão voltou trazendo Sir Selivant e seis homens com uma liteira puxada por cavalos. Instalaram ali Sir Lancelote, em um leito de penas, levaram-no para o castelo Branco e ele não despertou até já estarem lá dentro. Puseram-lhe então correntes nas mãos e nos pés, deram-lhe boas comidas e bebidas e lhe devolveram sua força e sua galhardia. Não conseguiram, porém, devolver-lhe a sensatez nem fazer com que soubesse quem era. Sir Lancelote permaneceu nesse local por um ano e meio, sendo bem vestido e bem tratado.

Um dia, o senhor desse castelo, Sir Bliant, pegou suas armas e partiu a cavalo, empunhando uma lança, em busca de aventuras. Enquanto cavalgava por uma floresta, encontrou dois cavaleiros aventureiros, um dos quais era Breuse Saunce Pitié, e o outro, seu irmão, Sir Bertelot. Os dois o atacaram ao mesmo tempo, quebrando as lanças em seu corpo. Sacaram então das espadas e travaram uma luta acirrada que se estendeu por muito tempo. Por fim, Sir Bliant foi gravemente ferido e, sentindo-se desfalecer, fugiu a cavalo para seu castelo. Os dois irmãos o perseguiram, mas Sir Lancelote, que estava a uma janela, viu aqueles cavaleiros atacando Sir Bliant com suas espadas. Mesmo louco, lamentou muito por seu senhor e partiu as correntes que lhe prendiam as pernas e os braços, machucando seriamente as mãos no processo. Saiu correndo por uma poterna, enfrentou os dois cavaleiros que perseguiam Sir Bliant e, depois de derrubar Sir Bertelot usando apenas as mãos, apoderou-se de sua espada e, com ela, investiu contra Sir Breuse, desfechando-lhe um golpe tão forte na cabeça que este caiu para trás, despencando pela garupa do cavalo. Quando Sir Bertelot viu o irmão cair daquele jeito, passou a mão em uma lança com a intenção de traspassar Sir Lancelote. Ao perceber isso, Sir Bliant decepou a mão de Sir Bertelot com um único golpe e, então, os dois irmãos pegaram seus cavalos e bateram em retirada.

Ao chegar, Sir Selivant viu o que Sir Lancelote havia feito por seu irmão e deu graças a Deus, no que foi acompanhando por Sir Bliant. No entanto, este logo reparou que o louco tinha se ferido ao romper os grilhões e muito lamentou tê-lo prendido. Não volteis a acorrentá-lo, disse Sir Selivant, pois ele é feliz e gracioso. Os dois deram então muitas demonstrações de contentamento a Sir Lancelote, não voltaram a prendê-lo e ele ali permaneceu por meio ano ou mais.

Pela manhã, bem cedo, Sir Lancelote viu se aproximar um javali seguido por inúmeros cães. O javali, porém, era tão forte que nenhum dos animais conseguia mordê-lo e, atrás do grupo, vinham os caçadores, alguns a cavalo, outros a pé, todos fazendo soar seus cornos. Então, Sir Lancelote viu que um deles se apeou, amarrou o cavalo a uma árvore e nela apoiou sua lança.

CAPÍTULO III

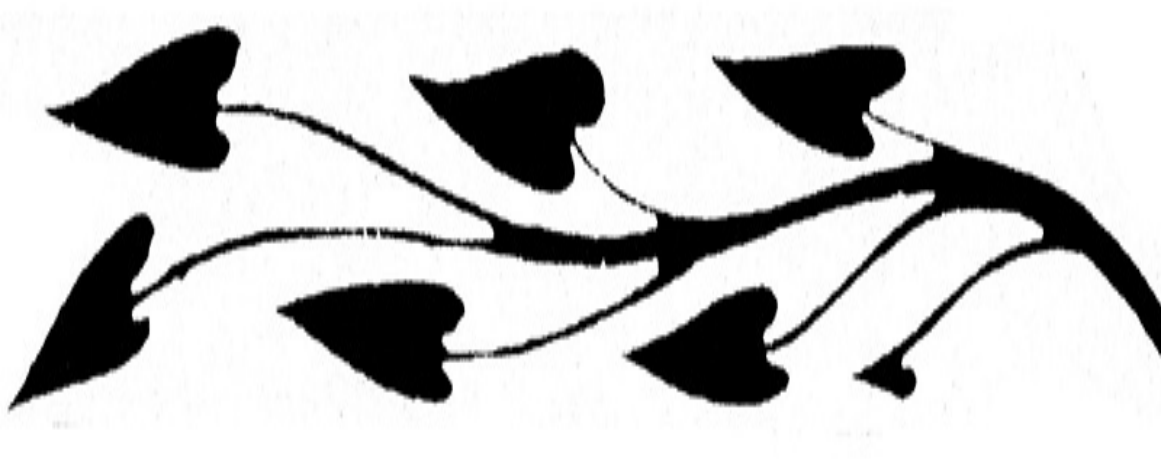
Como Sir Lancelote enfrentou um javali e o matou; como ficou ferido e foi levado para um eremitério.

Sir Lancelote foi até lá, encontrou o cavalo preso à árvore, a lança apoiada em seu tronco e uma espada pendendo do arção da sela. Montou aquele animal, empunhou a lança e foi atrás do javali. Localizou-o, com o traseiro colado em uma árvore próxima a um eremitério. Atacou-o então com a lança, mas, nesse instante, a fera se virou com presteza, atingindo os pulmões e o coração do cavalo e atirando Lancelote por terra. Antes que ele pudesse se desvencilhar do animal caído, o javali lhe perfurou a carne da coxa, chegando até o osso. Ferido, o cavaleiro se enfureceu, pôs-se de pé, sacou da espada e decepou a cabeça da fera de um só golpe. Nesse momento, o ermitão saiu e viu a ferida em sua coxa. Compadecido, aproximou-se de Sir Lancelote com a intenção de levá-lo para sua ermida, mas, quando o cavaleiro o ouviu, ficou tão furioso com aquele ferimento que investiu contra o ermitão para matá-lo, obrigando o homem a fugir. Já que não poderia alcançá-lo, Lancelote atirou a espada, pois não tinha como sair andando de tanto que sangrava. O ermitão voltou e lhe perguntou como tinha se ferido. Companheiro, respondeu Sir Lancelote, esse javali me mordeu gravemente. Vinde comigo, então, disse o homem, pois vou vos curar. Segue teu caminho, retrucou o cavaleiro, e não te metas comigo.

O ermitão se foi e encontrou um bom cavaleiro acompanhado de muitos homens. Senhor, disse ele, ali perto de meu eremitério está o homem mais garboso que já vi. Embora tenha matado o javali, o animal o feriu, e sei que, se não for ajudado, morrerá desse ferimento, o que seria uma lástima. O cavaleiro, a pedido do ermitão, pegou uma carreta, onde pôs o javali e Sir Lancelote, pois este estava tão enfraquecido que não tiveram problemas em lidar com ele. Levaram-no para o eremitério e o eremita cuidou de seu ferimento, mas não tinha condições de sustentá-lo, razão pela qual ele desfalecia e ia ficando cada vez mais fraco de corpo e de juízo. Por falta de alimento, a cada dia se mostrava mais louco do que na véspera.

Certa feita, saiu correndo pela floresta e, por acaso, chegou à cidade de Corbin, onde estava Lady Elaine, mãe de seu filho Galahad. Ao entrar na cidade, Sir Lancelote atravessou correndo o vilarejo. Dirigiu-se então ao castelo, seguido por todos os jovens do lugar, que lhe atiravam bolas de lama e lhe batiam duramente. No entanto, cada vez que ele conseguia alcançar um deles, atirava-o

longe, chegando a quebrar pernas e braços de alguns. Com isso, nenhum dos rapazes quis mais se aproximar do recém-chegado, e todos fugiram para o interior do castelo. Vieram então cavaleiros e escudeiros para resgatá-lo e, ao vê-lo, pensaram que jamais haviam visto homem tão garboso. Ao perceberem todas as cicatrizes que ele tinha, deduziram que se tratava de homem de mérito. Portanto, logo trataram de mandar trazerem roupas para vesti-lo, palha para que ele pudesse descansar e lhe arranjaram um pequeno abrigo. Diariamente, vinham lhe trazer comida e bebida, embora pouquíssimos ousassem lhe entregar em mãos o que traziam.



CAPÍTULO IV

Como Sir Lancelote foi reconhecido por Lady Elaine, foi transportado para um quarto e, depois, curado pelo Santo Graal.

Acontece que o Rei Pelles tinha um sobrinho chamado Castor. Este lhe pediu que o sagrasse cavaleiro, o que o monarca realizou na festa da Candelária. Para comemorar a data, Castor distribuiu diversos trajes, e um deles foi destinado ao louco, que era Sir Lancelote. Quando o viu, Sir Castor lhe deu um traje escarlate que era o que melhor lhe convinha e, assim trajado como cavaleiro, Sir Lancelote foi o homem mais garboso de toda a corte, pois ninguém mais tinha tão boa aparência. Na primeira oportunidade, ele entrou no jardim, deitou-se junto a um poço e adormeceu. À tarde, Lady Elaine e suas donzelas se dirigiram ao jardim para um momento de recreação. Enquanto passeavam, uma das donzelas avistou um homem formoso que dormia perto do poço e logo foi mostrá-lo à sua senhora. Silêncio, disse Lady Elaine. Não digais uma só palavra. A moça então a levou ao tal poço e, assim que ela o viu, lembrou-se dele e reconheceu Sir Lancelote. Nesse momento, começou a chorar convulsivamente, a ponto de cair no chão. Depois de muito chorar, levantou-se, chamou suas donzelas e disse que estava adoentada.

De imediato, saiu do jardim, procurou seu pai e o chamou à parte. Pai, disse ela, preciso agora mesmo de vossa ajuda e, a menos que concordeis, deverei me despedir definitivamente de meus dias felizes. O que foi, filha?, perguntou o Rei Pelles. Fui passear em vosso jardim, senhor, respondeu Lady Elaine, e, perto do poço, encontrei Sir Lancelote do Lago adormecido. Não é possível!, exclamou o soberano. É verdade, senhor, e tenho a impressão de que ele perdeu o juízo. Podeis ficar tranquila e deixai-me cuidar deste assunto, declarou o rei. Chamou então quatro pessoas de sua máxima confiança e, juntamente com sua filha, dirigiram-se ao jardim. Quando chegaram ao poço e viram Lancelote, Lady Brisen o reconheceu de imediato. Devemos ser discretos ao lidar com ele, Majestade, disse ela, porque este cavaleiro não está em seu juízo perfeito e, se o despertarmos bruscamente, não sabemos o que poderá fazer. Esperai um pouco. Vou lhe lançar um feitiço que não o deixará despertar antes que se passe uma hora. E assim o fez.

Em seguida, o monarca ordenou que todos evitassem os caminhos por onde ele devia passar e, depois disso, os quatro homens e as damas carregaram Sir Lancelote e o levaram para uma torre. Havia ali um aposento onde ficava o vaso sagrado do Santo Graal, e deitaram o cavaleiro junto dele. Chamaram então um homem santo que descobriu o vaso e, por milagre e virtude desse objeto sagrado,

Sir Lancelote ficou curado e se recuperou inteiramente. Ao despertar, gemeu e suspirou, queixando-se de estar se sentindo muito mal.

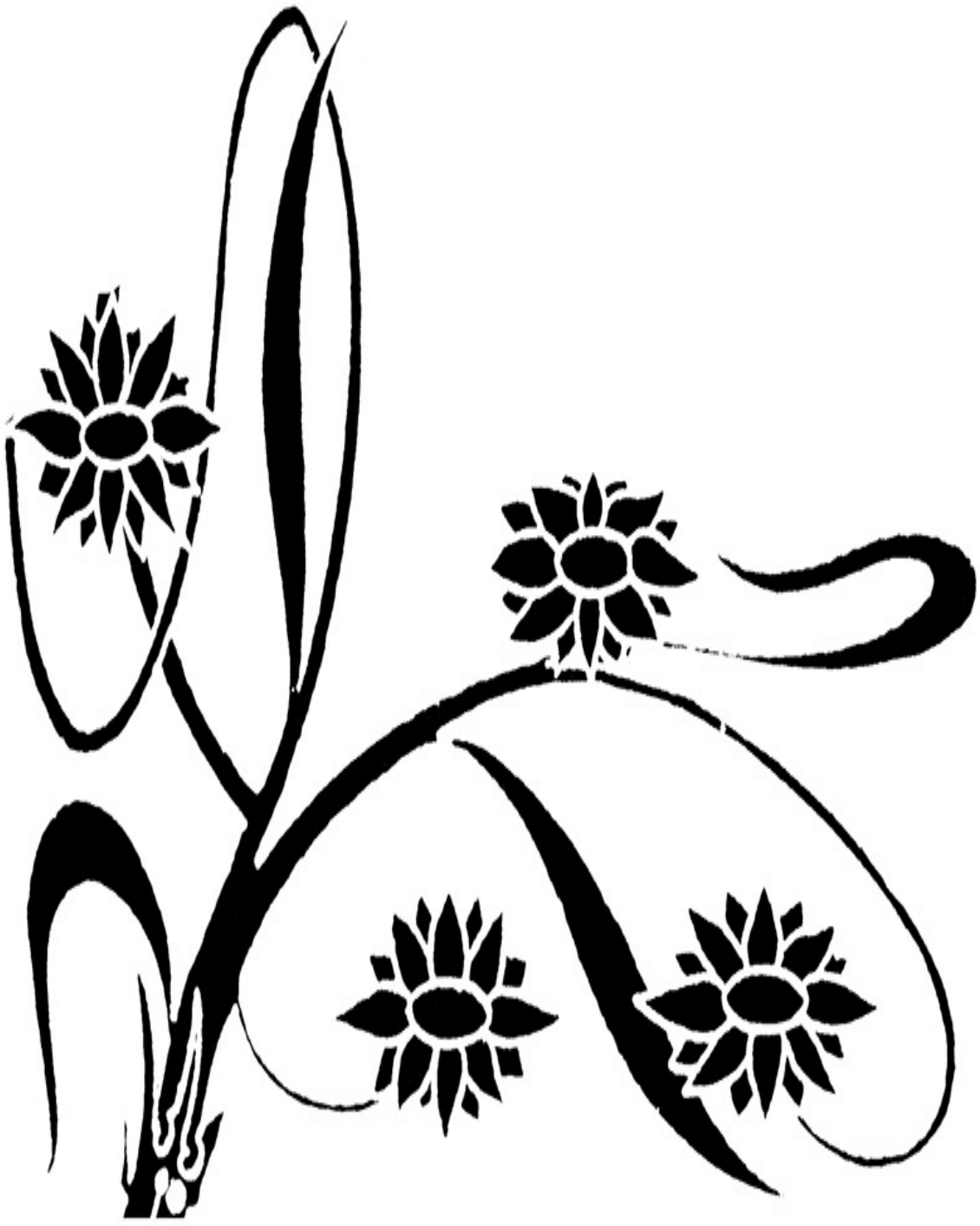
CAPÍTULO V

Como, depois de curado e tendo recobrado a razão, Sir Lancelote sentiu-se envergonhado, e como a dita Elaine solicitou um castelo para ele.

Quando Sir Lancelote viu o Rei Pelles e Elaine, ficou muito envergonhado. Oh, Senhor Jesus!, exclamou ele. Como vim parar aqui? Pelo amor de Deus, meu senhor, dizei-me como cheguei até aqui. Senhor, respondeu Lady Elaine, chegastes a este país enlouquecido, claramente fora de vosso juízo perfeito, e fostes cuidado como tal. Ninguém sabia quem éreis até que, por fortuna, uma de minhas donzelas me levou até onde estáveis dormindo, perto de um poço. Assim que vos vi, soube de quem se tratava. Contei então a meu pai e fostes trazido para junto deste vaso sagrado que, por sua virtude, vos curou. Oh, Jesus de misericórdia!, disse o cavaleiro. Se tudo isso é verdade, quantos ficaram sabendo de minha loucura? Valha-me Deus, respondeu a moça. Só meu pai, Lady Brisen e eu. Pois, pelo amor de Cristo, pediu ele, guardai essa história em segredo e não deixeis que ninguém no mundo saiba do ocorrido, pois sinto muita vergonha de ter ficado assim ensandecido. Fui banido para sempre do país de Logres, que é o país da Inglaterra.

Sir Lancelote ficou ainda mais duas semanas acamado porque não conseguia se mexer de tanta dor. Certo dia, disse a Lady Elaine: Lady Elaine, por vós, tive muitos problemas, sofrimentos e angústias. Não preciso enumerá-los, pois sabeis perfeitamente quais foram eles. No entanto, tenho consciência de que agi muito mal para convosco quando saquei a espada para vos matar na manhã seguinte àquela noite em que dormimos juntos. Tudo isso porque vós mesma e Lady Brisen me fizestes dormir convosco sem que eu o desejasse e, como dizeis, naquela noite foi gerado vosso filho Galahad. É bem verdade, respondeu a moça. Pois, agora, por amor a mim, prosseguiu Sir Lancelote, quereis ir pedir a vosso pai um lugar onde eu possa residir? Porque não posso voltar nunca mais à corte do Rei Arthur. Senhor, disse Lady Elaine, viverei e morrerei convosco e somente por vós. Se minha vida não pudesse vos valer de nada, mas minha morte, sim, sabei que eu morreria por vós. Vou estar com meu pai e tenho certeza de que não existe nada que eu possa lhe pedir que ele não me dê. E onde quer que estiverdes, meu senhor Lancelote, não duvideis de que lá estarei, com todo o serviço que possa vos prestar. Saiu então para ir ao encontro do pai. Majestade, disse ela, meu senhor Lancelote deseja ficar aqui junto a vós, em algum de vossos castelos. Pois bem, filha, respondeu o rei, já que é desejo dele se instalar nestas plagas, receberá o castelo de Bliant. Ficareis com ele, acompanhados de vinte das mais formosas

damas deste país, todas de sangue nobre, além de dez cavaleiros. Pois quero que saibais, filha, que todos seremos honrados pelo sangue de Sir Lancelote.



CAPÍTULO VI

Como Sir Lancelote chegou à Ilha da Alegria e lá se autodenominou Le Chevaler Mal Fet.

Lady Elaine voltou então ao quarto de Sir Lancelote e lhe contou o que seu pai havia decidido quanto a ambos. Em seguida, o cavaleiro Sir Castor, sobrinho do Rei Pelles, veio procurá-lo e lhe perguntou como se chamava. Senhor, chamo-me Le Chevaler Mal Fet, que quer dizer o cavaleiro que agiu mal. É possível, disse Sir Castor, mas sempre pensei que vosso nome fosse Sir Lancelote do Lago, pois já vos tinha visto antes. Não sois gentil, cavaleiro, retrucou Lancelote. Se por acaso meu nome fosse Sir Lancelote e eu quisesse ocultar tal fato, que mal vos faria respeitar minha decisão e não me magoar com isso? Sabei, porém, que se, em alguma ocasião, eu tiver a possibilidade de vos afrontar, prometo que o farei efetivamente. Então, Sir Castor se pôs de joelhos e pediu perdão a Sir Lancelote. Jamais direi quem sois, afirmou ele, enquanto estiverdes nestas terras. E Sir Lancelote o perdoou.

Depois disso, o Rei Pelles, juntamente com dez cavaleiros, Lady Elaine e vinte damas rumaram para o castelo de Bliant, que ficava em uma ilha cercada por um belo lago, amplo e profundo. Lá chegando, Sir Lancelote a batizou de Ilha da Alegria e, naquele local, só era conhecido como Le Chevaler Mal Fet, ou seja, o cavaleiro que agiu mal. Mandou fazer um escudo todo de esmalte negro, tendo, no centro, uma rainha coroada feita inteiramente de prata e um cavaleiro ajoelhado diante dela. E, por mais divertimentos que as damas pudessem inventar, uma vez por dia ele ficava olhando na direção do reino de Logres, onde estava o Rei Arthur e a Rainha Guinevere. Nesses momentos, chorava como se seu coração fosse arrebentar.

Aconteceu, então, que lhe chegou aos ouvidos a notícia de justas que seriam realizadas ali perto, a três léguas de seu castelo. Chamou um anão e mandou que ele fosse até lá. Antes de os cavaleiros partirem, disse ele, trate de anunciar, para que todos ouçam, que, na Ilha da Alegria, onde fica o castelo de Bliant, existe um cavaleiro que se chama Le Chevaler Mal Fet. Este cavaleiro se propõe a justar com todos os que quiserem se apresentar, e quem o vencer receberá uma formosa donzela e um falcão-gerifalte.

CAPÍTULO VII

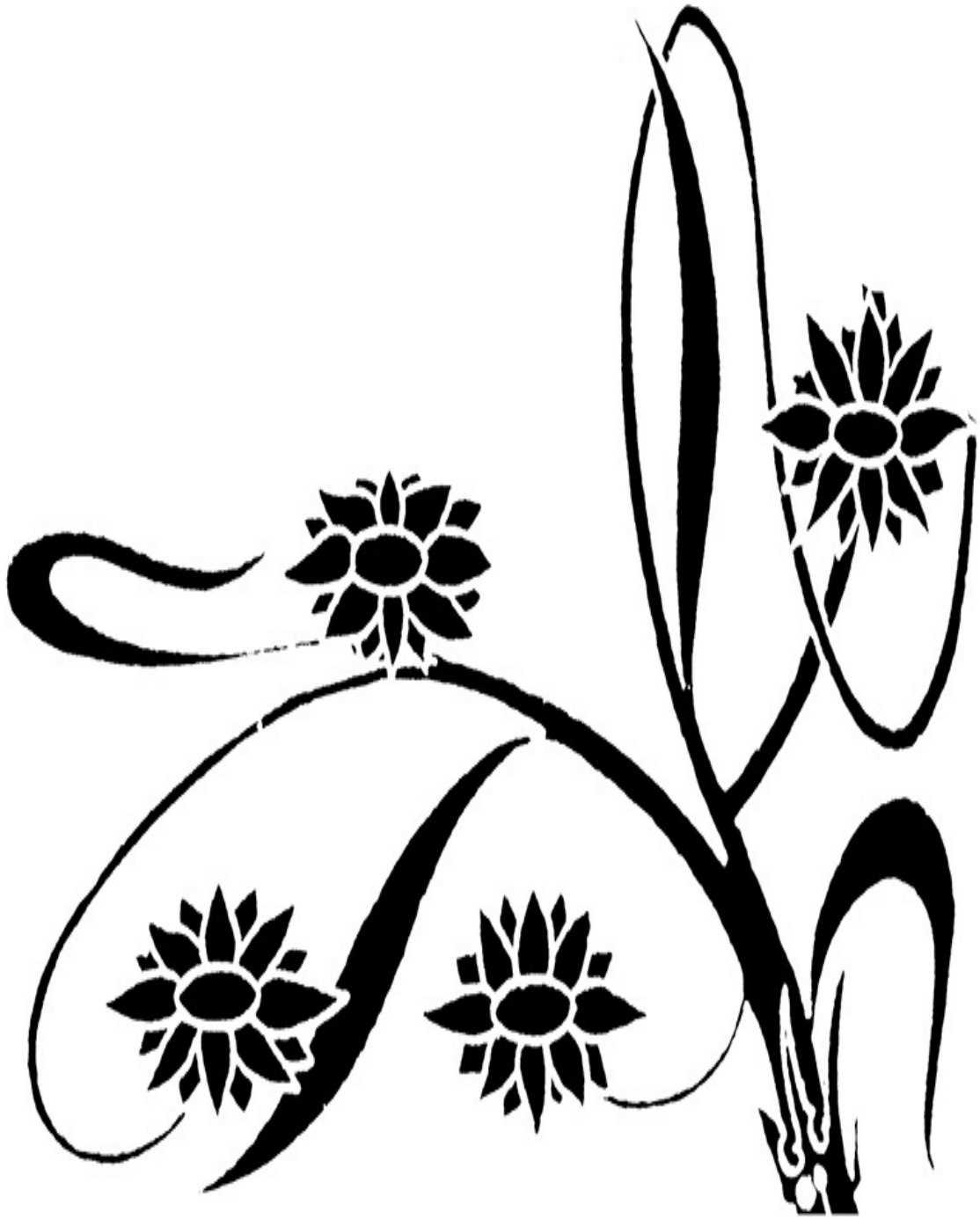
Sobre um grande torneio realizado na Ilha da Alegria; como Sir Percival e Sir Hector para lá se dirigiram, e como Sir Percival lutou contra ele.

Quando foi feito tal anúncio, começaram a chegar à Ilha da Alegria inúmeros cavaleiros, cerca de quinhentos, e sabei que jamais se viu, nos tempos do Rei Arthur, um cavaleiro realizar tantos feitos de armas quanto Sir Lancelote naqueles três dias. Como relata fielmente o livro, ele venceu todos os quinhentos e nem um único deles morreu. Depois disso, Sir Lancelote organizou um grande banquete para todos os participantes.

Nesse ínterim, Sir Percival de Gales e Sir Hector de Maris chegaram ao pé do castelo denominado Ilha da Alegria. Ao vê-lo, quiseram ir até lá, mas não podiam fazê-lo por conta da vasta extensão de água que o cercava, e não conseguiram encontrar uma ponte. Viram então, do outro lado, uma dama com um gavião nas mãos. Sir Percival a chamou e lhe perguntou quem morava naquele castelo. Gentis cavaleiros, respondeu ela, neste castelo vive a mulher mais formosa da terra. Seu nome é Elaine. E também vive aí o cavaleiro mais formoso e mais forte, atrevo-me a dizer, de todos os que vivem em nossos dias. Ele se autodenomina Le Chevaler Mal Fet. Como ele chegou a estas terras?, indagou Sir Percival. Na verdade, quando chegou a este país estava louco, e foi perseguido por cachorros e meninos da cidade de Corbin, disse ela. O vaso sagrado do Santo Graal lhe devolveu a sanidade, mas ele não enfrenta nenhum cavaleiro a não ser na hora de terça ou ao meio-dia. Se quereis chegar ao castelo, deveis ir até a outra extremidade, acrescentou ela, onde encontrareis um barco que os levará juntamente com vossos cavalos. Os dois partiram e chegaram à embarcação. Sir Percival então se apeou e disse a Sir Hector de Maris: Ficai aqui à minha espera até que eu saiba quem é esse cavaleiro, pois seria vergonhoso para nós, sendo ele um só, que ambos o enfrentássemos. Fazei como preferirdes, disse Sir Hector. Ficarei aqui à vossa espera até ter alguma notícia.

Sir Percival cruzou o lago e, quando chegou diante do portão do castelo, ordenou ao porteiro: Vai dizer ao bom cavaleiro deste castelo que chegou um cavaleiro andante disposto a lutar com ele. Senhor, respondeu o porteiro, entrai no castelo. Ali dentro há um pátio para justar e, assim, todos os senhores e damas poderão vos ver. Assim que foi avisado, Sir Lancelote se preparou. Sir Percival e ele se enfrentaram com tanta força e o golpe de suas lanças foi tão possante que ambos caíram por terra, juntamente com suas montarias. Deixaram então os

cavalos e sacaram de nobres espadas. Tiraram lascas dos escudos e investiram um contra o outro como dois javalis, ferindo-se com gravidade. Por fim, quando já haviam lutado por mais de duas horas, Sir Percival falou: Gentil cavaleiro, rogo-vos que me digais vosso nome, pois jamais enfrentei outro cavaleiro como vós. Senhor, respondeu Sir Lancelote, meu nome é Le Chevaler Mal Fet. E, agora, eu vos rogo que me digais vosso nome. Na verdade, chamo-me Sir Percival de Gales, irmão do bom cavaleiro que foi Sir Lamorak de Gales. O Rei Pellinore era nosso pai e Sir Aglovale é meu irmão. Ai!, exclamou Sir Lancelote. O que foi que eu fiz? Lutei com um cavaleiro da Távola Redonda e, em outros tempos, fui um de vossos companheiros!

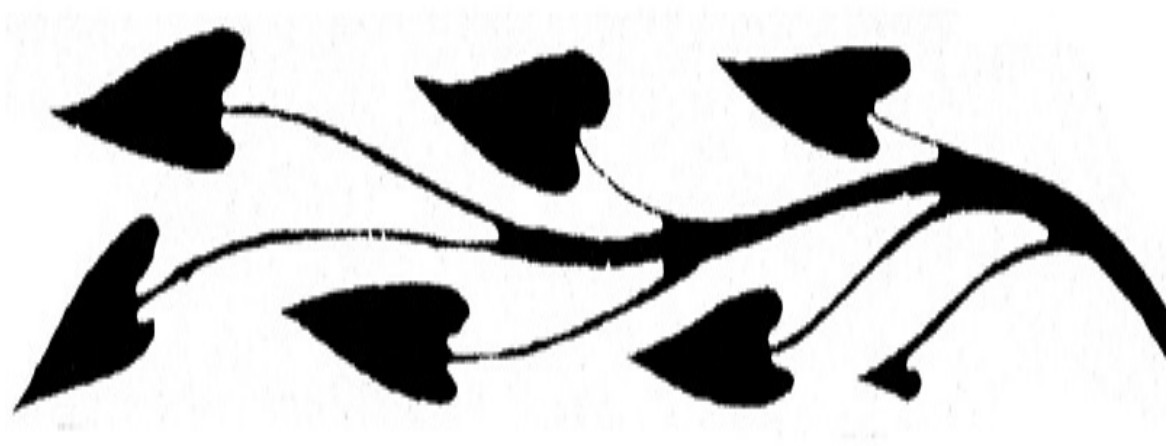


CAPÍTULO VIII

Como os dois se reconheceram, e sobre a grande cortesia que demonstraram; como seu irmão, Sir Hector, se aproximou, e sobre a grande alegria de ambos.

Ao dizer isso, Sir Lancelote se pôs de joelhos, atirando o escudo e a espada para longe de si. Ao ver a cena, Sir Percival não soube o que fazer. Senhor cavaleiro, disse ele, não sei quem sois, portanto, peço-vos, em nome da alta ordem da cavalaria, que me digais vosso nome verdadeiro. Valha-me Deus, respondeu seu anfitrião. Meu nome é Sir Lancelote do Lago, filho do Rei Ban, de Benwick. Ai!, lamentou-se Sir Percival. Que fiz eu? Fui enviado pela rainha para vos buscar e é o que venho fazendo há quase dois anos. Vosso irmão, Sir Hector de Maris, também está aqui, na outra margem deste lago. Pelo amor de Deus, perdoai as ofensas que aqui vos fiz. Já estão perdoadas, garantiu Sir Lancelote.

Então, Sir Percival mandou chamar Sir Hector de Maris e, quando Sir Lancelote o viu, correu até ele e o tomou nos braços. Sir Hector se ajoelhou e ambos choraram, de tal forma que todos que presenciaram esta cena se comoveram. Chegou então Lady Elaine e lhes deu todas as demonstrações de cortesia que estavam em seu poder. Em seguida, contou a Sir Hector e a Sir Percival como Sir Lancelote havia chegado àquele país e como foi curado. Todos ficaram sabendo quanto tempo o Cavaleiro do Lago passou com Sir Bliant e Sir Selivant; como se encontrou com eles, como se separou dos dois por causa de um javali, como o ermitão o curou da grave ferida que recebeu e como chegou a Corbin.



CAPÍTULO IX

Como Sir Bors e Sir Leonel se apresentaram perante o Rei Brandegore; como Sir Bors levou seu filho, Helin, o Branco; e sobre Sir Lancelote.

Deixemos agora Sir Lancelote divertindo-se na Ilha da Alegria juntamente com Lady Elaine, Sir Percival e Sir Hector, e voltemos a Sir Bors de Ganis e a Sir Leonel, que vinham procurando por ele havia quase dois anos sem jamais conseguir qualquer notícia sua. Assim cavalgando, chegaram por acaso à morada de Brandegore, onde Sir Bors foi reconhecido, pois, 15 anos antes, havia gerado um filho na filha daquele rei, filho este que se chamava Helin, o Branco. Ao vê-lo, Sir Bors ficou felicíssimo e os dois cavaleiros foram muito bem recebidos pelo monarca. Na manhã seguinte, Sir Bors se apresentou diante do Rei Brandegore e lhe disse: Majestade, vive aqui Helin, o Branco, que, segundo se diz, é meu filho. Sendo assim, quero que saibais que hei de levá-lo comigo para a corte do Rei Arthur. Senhor, respondeu o rei, podeis levá-lo convosco, mas ele ainda é muito jovem. Apesar disso, retrucou Sir Bors, quero tê-lo a meu lado e levá-lo para a casa mais honrada do mundo. Quando chegou a hora da partida, houve muito sofrimento e muitas lágrimas por causa do menino, mas Sir Bors e Sir Leonel rumaram para Camelot, onde estava o Rei Arthur. Assim que soube que Helin, o Branco, era filho de Sir Bors e neto do Rei Brandegore, tratou de sagrá-lo cavaleiro, fazendo dele um dos membros da Távola Redonda. E o mancebo demonstrou ser bom cavaleiro e aventureiro.

Voltemos agora a nosso tema, Sir Lancelote. Certo dia, Sir Hector e Sir Percival o procuraram e perguntaram o que pretendia fazer, se iria com eles para a corte do Rei Arthur ou não. Não, respondeu o cavaleiro. Não posso fazer tal coisa de jeito nenhum, pois fui tão maltratado naquela corte que decidi nunca mais voltar lá. Senhor, disse Sir Hector, sou vosso irmão e sois o homem que mais amo no mundo. Se soubesse que algo vos traria desonra, jamais vos aconselharia a fazê-lo. Mas o Rei Arthur, todos os seus cavaleiros e, em particular, a Rainha Guinevere, tanto se lamentaram e sofreram que foi espantoso ver e ouvir. Não deveis vos esquecer da grande honra e da fama que tendes; que sois mais renomado que qualquer outro cavaleiro que ora vive, pois não há ninguém tão célebre quanto vós e Sir Tristão. Portanto, irmão, preparai-vos para ir à corte conosco e atrevo-me a dizer que jamais haverá cavaleiro algum mais bem recebido ali do que vós. Bem sei, e de fonte segura, que vossa busca custou à minha senhora, a rainha, vinte mil

libras. Pois bem, irmão, disse Sir Lancelote. Seguirei vosso conselho e partirei convosco.

Pegaram então seus cavalos, prepararam-se e se despediram do Rei Pelles e de Lady Elaine. Esta, porém, sofreu muito com a partida de seu cavaleiro. Meu senhor Lancelote, disse ela, no próximo banquete de Pentecostes, nosso filho, Galahad, será sagrado cavaleiro, pois já completou 15 invernos de vida. Que se faça como o desejais, respondeu Sir Lancelote. E que Deus lhe dê a graça de se revelar um bom cavaleiro. Quanto a isso, disse Lady Elaine, não tenho a menor dúvida: ele provará ser o melhor homem de sua linhagem, com uma única exceção. Então, será bom o bastante, concluiu Sir Lancelote.

CAPÍTULO X

Como Sir Lancelote chegou à corte, juntamente com Sir Percival e Sir Hector, e a grande alegria que sentiu.

Os três partiram e, depois de cavalgarem por cinco dias, chegaram a Camelot, chamada Winchester em inglês. Quando Sir Lancelote apareceu, o rei e todos os cavaleiros o receberam com grande alegria. Ali mesmo, Sir Percival de Gales e Sir Hector de Maris começaram a contar todas as aventuras: como Sir Lancelote ficou fora de seu juízo perfeito durante o tempo em que esteve ausente, como se autodenominou Le Chevaler Mal Fet, o cavaleiro que tinha agido mal, e como, em três dias, derrubou quinhentos cavaleiros. Enquanto os dois contavam essas histórias, a Rainha Guinevere chorava tanto que parecia que ia morrer. Depois, porém, demonstrou toda sua alegria. Oh, Jesus!, exclamou o Rei Arthur, pergunto-me por que estivestes fora de vosso juízo perfeito. Muitos acreditam que foi por amor à formosa Elaine, filha do Rei Pelles, em cujo ventre, pelo que consta, haveis gerado um filho chamado Galahad, que, segundo dizem, há de realizar maravilhas. Meu senhor, disse Sir Lancelote, se cometi algum desatino, tive o que mereci. Diante disso, o rei não disse mais nada, mas toda a família de Sir Lancelote sabia por quem ele havia enlouquecido. Houve então grandes festas e muita alegria. Ao saberem que Sir Lancelote voltara para a corte, muitos grandes senhores e damas mostraram-se satisfeitíssimos.

CAPÍTULO XI

Como a Bela Isolda aconselhou Sir Tristão a ir à corte para os grandes festejos de Pentecostes.

Deixemos agora este tema e falemos de Sir Tristão e de Sir Palamedes, o sarraceno que ainda não havia sido batizado. Quando voltou para a Guarda Alegre depois das aventuras que enfrentou, e, durante todo esse tempo, dois anos ou mais, em que Sir Lancelote esteve desaparecido, Sir Tristão havia conquistado fama em todos os reinos de Logres e levado a cabo, com muito mérito, todas as estranhas aventuras com que deparou. Ao chegar de volta, a Bela Isolda lhe falou da grande festa que seria realizada no próximo dia de Pentecostes e lhe contou que Sir Lancelote tinha estado perdido por dois anos, inteiramente fora de seu juízo perfeito, mas que estava agora curado graças ao vaso sagrado do Santo Graal. Ai, exclamou o cavaleiro, isso foi provocado por alguma discussão entre ele e a Rainha Guinevere. Sei de tudo, senhor, disse a Bela Isolda, pois a Rainha Guinevere me enviou uma carta contando tudo o que havia acontecido e pedindo que fôsseis procurar por ele. Agora, louvado seja Deus, ele está são e salvo, e de volta à corte.

Muito me alegra ouvir isso, respondeu Sir Tristão. Agora, tratemos de nos aprontar, vós e eu, pois iremos ambos a essa festa. Por favor, senhor, disse Isolda, não gostaria de comparecer, pois, por minha causa, sois procurado por muitos bons cavaleiros, o que faz com que, por mim, tenhais muito mais trabalho do que o necessário. Então também não irei, declarou ele. Só comparecerei a essa festa se vierdes comigo. Que Deus me guarde!, exclamou a Bela Isolda. Nesse caso, todas as rainhas e nobres damas farão comentários vergonhosos a meu respeito, pois sois considerado um dos mais nobres cavaleiros do mundo. E, sendo um cavaleiro da Távola Redonda, como podereis faltar a semelhante festa? O que hão de dizer vossos companheiros? “Vede como Sir Tristão sai para caçar, se esconde em um castelo com sua dama e desconsidera a própria honra.” “Ai”, dirão alguns, “que lástima que tenha sido sagrado cavaleiro ou que tenha conquistado o amor de uma dama!”. E o que dirão de mim as rainhas e as damas? É uma pena que eu viva para manter um cavaleiro tão nobre quanto vós afastado de sua honra. Valha-me Deus!, retrucou Sir Tristão. Tendes toda razão e vossos conselhos são valiosos. Agora sei que me amais e seguirei vossa sugestão. Mas nenhum homem ou mancebo cavalgará comigo. Irei inteiramente só e partirei terça-feira que vem, sem outras armas além de minha lança e minha espada.

CAPÍTULO XII

Como Sir Tristão partiu desarmado e enfrentou Sir Palamedes; como ambos se derrubaram, e como este último o poupou.

Quando chegou o dia acertado, Sir Tristão se despediu da Bela Isolda e esta mandou que quatro cavaleiros o acompanhassem, mas, ao cabo de meia hora, ele os mandou de volta ao castelo. Uma milha mais adiante, chegou a um local onde Sir Palamedes havia derrubado um cavaleiro, ferindo-o quase mortalmente. Então, Sir Tristão se lamentou por não estar armado e se deteve. Reconhecendo-o, o sarraceno gritou bem alto: Sir Tristão! Agora haveremos de nos enfrentar, pois, antes de nos separarmos, teremos resolvido nossas velhas querelas. Quanto a isso, retrucou Sir Tristão, jamais existiu cristão algum capaz de me fazer fugir com sua presunção. E vós, Sir Palamedes, que sois sarraceno, jamais deveis vos vangloriar de que Sir Tristão de Liones tenha se esquivado de vos enfrentar. Ao dizer isso, esporeou seu cavalo e investiu com toda força contra Sir Palamedes, partindo sua lança em cem pedaços. Sacou então da espada, virou sua montaria e desferiu seis grandes golpes sobre o elmo do adversário. Sir Palamedes não reagiu, limitando-se a fitar Sir Tristão, assombrado com sua loucura e insensatez. Se ele estivesse armado, seria difícil fazer com que parasse de lutar, disse consigo mesmo. E se me viro e o mato, serei coberto de vergonha aonde quer que vá.

Nesse momento, Sir Tristão perguntou: O que pretendeis, cavaleiro covarde? Por que não quereis lutar comigo? Não duvideis de que hei de resistir a toda vossa vilania. Ah, Sir Tristão, retrucou o sarraceno, bem sabeis que não posso lutar convosco por vergonha, pois estais apenas vestido, e eu, armado. Se vos matar, a desonra recairá sobre mim. E bem sabeis, acrescentou ele, que conheço vossa força e ousadia para resistir aos ataques de um bom cavaleiro. Isso é verdade, assentiu Sir Tristão, e compreendo vossa valentia. Falastes bem, disse Sir Palamedes. Agora, peço-vos que respondeis a uma pergunta que desejo vos fazer. Pois perguntai, falou Sir Tristão, e vos direi a verdade, com a ajuda de Deus. Se, por acaso, estivésseis devidamente armado como estou e eu estivesse desarmado como vós, o que faríeis, em nome de vossa verdadeira cavalaria? Ah!, exclamou Sir Tristão. Agora compreendo bem o que pretendeis, pois devo revelar meu próprio juízo e, com a bênção de Deus, o que vou dizer não se deve a nenhum temor que eu tenha de vós. Sabei, Sir Palamedes, que teríeis que vos afastar de mim, pois eu não haveria de querer vos enfrentar. Pois tampouco quero fazê-lo, disse o sarraceno. Portanto, segui vosso caminho. Quanto a isso, tenho o direito de

escolher entre continuar ou ficar aqui, retrucou Sir Tristão. Mas, Sir Palamedes, há algo que me espanta: o fato de um bom cavaleiro como vós não querer ser batizado quando vosso irmão Sir Safere já o foi tempos atrás.





CAPÍTULO XIII

Como Sir Tristão se apoderou da armadura de um cavaleiro que estava ferido e como derrotou Sir Palamedes.

Ainda não posso ser batizado, disse Sir Palamedes, por conta de uma promessa que fiz muitos anos atrás, embora, em meu coração, creia em Jesus Cristo e em sua doce mãe Maria. No entanto, resta-me uma batalha a travar e, depois disso, desejo de muito bom grado ser batizado. Por minha fé, retrucou Sir Tristão, não deveríeis esperar mais tempo por uma batalha, pois que Deus não permita que, por minha abstenção, vivais mais tempo como infiel. Ali está um cavaleiro que feristes e derrubastes. Ajudai-me para que eu possa vestir sua armadura e logo farei com que vossa promessa seja cumprida. Que assim seja, disse Palamedes.

Dirigiram-se ambos ao cavaleiro que estava sentado em uma encosta. Sir Tristão o saudou e o outro respondeu fracamente a sua saudação. Senhor cavaleiro, disse ele, rogo-vos que me digais vosso nome verdadeiro. Meu nome é Sir Galleron de Galway, um dos cavaleiros da Távola Redonda. Valha-me Deus!, exclamou Sir Tristão. Muito lamento por vossas feridas, mas devo vos pedir que me empresteis vossa armadura completa, pois, como podeis ver, estou desarmado e devo enfrentar este cavaleiro. Podeis ficar com ela, disse o ferido, mas deveis tomar cuidado, pois eu vos previno que este cavaleiro é forte. E, senhor, acrescentou Galleron, rogo-vos que me digais vosso nome e o do cavaleiro que me venceu. Quanto a mim, chamo-me Sir Tristão de Liones. Já o cavaleiro que vos feriu é Sir Palamedes, irmão do bom cavaleiro Sir Safere, embora Sir Palamedes ainda não tenha sido batizado. Ai!, exclamou Sir Galleron. É uma lástima que tão bom cavaleiro e tão valoroso homem de armas não tenha recebido o batismo. Que Deus me ajude!, disse Sir Tristão. Ou ele me mata, ou eu o mato, mas, antes de nos separarmos, ele será batizado. Meu senhor Tristão, disse o ferido, bem conhecidos em muitos reinos são vosso nome e vosso mérito. Que Deus vos guarde neste dia de toda censura e afronta.

Então, Sir Tristão o desarmou. Sir Galleron era um nobre cavaleiro, que havia realizado muitos feitos de armas e era um homem corpulento. Depois de desarmado, ele se pôs de pé, apesar de ter as costas bem machucadas por um golpe de lança. Mesmo assim, na medida do possível, Sir Galleron ajudou Sir Tristão a se preparar. Quando estava pronto, ele montou seu cavalo e pegou a lança do cavaleiro ferido. De imediato, Sir Palamedes se pôs a postos. Os dois investiram bravamente um contra o outro e se atingiram na metade do escudo. A

lança de Sir Palamedes se quebrou e Sir Tristão o derrubou do cavalo. Mais que depressa, o sarraceno se desvencilhou do animal, ergueu o escudo e sacou da espada. Ao ver isso, Sir Tristão se apeou e amarrou o cavalo a uma árvore.

CAPÍTULO XIV

Como Sir Tristão e Sir Palamedes lutaram por muito tempo e, depois, entraram em acordo, e como Sir Tristão fez com que ele fosse batizado.

Correram então ao encontro um do outro feito dois javalis selvagens, atacando, fustigando e se esquivando como dois homens valorosos e experientes. Mas Sir Palamedes temia a força de Sir Tristão e, portanto, este lhe permitia tomar fôlego. Lutaram assim por mais de duas horas, e os golpes de Sir Tristão eram tão fortes que Sir Palamedes caía de joelhos. No entanto, este investia e tirava inúmeros pedaços do escudo de seu adversário. Em dado momento, o sarraceno, como exímio lutador que era, feriu Sir Tristão. Este, enfurecido, revidou com tamanha fúria que Sir Palamedes caiu de bruços no chão, mas o sarraceno voltou a se levantar de um salto. Sir Tristão, porém, o feriu gravemente no ombro. Um continuava lutando com a mesma ferocidade, o outro não desfalecia; pelo contrário, seguia dando vários cortes em seu adversário. Por fim, Sir Tristão redobrou seus golpes e, com um deles, conseguiu arrancar a espada das mãos de Sir Palamedes, que não pôde se debruçar para apanhá-la, pois seria morto.

Ficou então parado, olhando sua arma, com o coração angustiado. Agora, disse Sir Tristão, levo vantagem sobre vós, exatamente como aconteceu convosco hoje mais cedo. No entanto, jamais se dirá em corte alguma, nem em meio a bons cavaleiros, que Sir Tristão matou um homem desarmado. Apanhai, pois, vossa espada e ponhamos fim a esta luta. Quanto à luta, respondeu o sarraceno, não temo levá-la a cabo, mas não tenho muita vontade de continuar lutando, por uma simples razão: a ofensa que vos fiz não é tão grande a ponto de nos impedir de sermos amigos. Se vos ofendi, foi por amor à Bela Isolda, e atrevo-me a dizer que não existe outra como ela no mundo. Prometi jamais lhe causar desonra; por ela, conquistei a maior parte de minha própria honra e jamais ofendi sua pessoa. Foi vossa pessoa que ofendi e por esta afronta já me destes hoje muitos golpes severos, alguns dos quais pude revidar. Agora, ouso dizer que nunca enfrentei nenhum homem com tanta força e tanto alento quanto vós, a não ser Sir Lancelote do Lago. Por isso eu vos rogo, meu senhor, que me perdoeis por todas as afrontas que vos fiz. Levai-me ainda hoje à igreja mais próxima e deixai que eu me purifique em confissão para, depois, ser verdadeiramente batizado. Então, iremos juntos à corte do Rei Arthur para participar dos grandes festejos. Tomai vosso cavalo, disse Sir Tristão, e façamos o que sugeris. Que Deus perdoe todo vosso

rancor, pois eu o perdoo. A uma milha daqui, fica o sufragâneo de Carlisle, que vos dará o sacramento do batismo.

Ambos montaram e Sir Galleron seguiu com eles. Quando chegaram a seu destino, Sir Tristão explicou o motivo que os levava até ali. Então, o sufragâneo mandou encher uma grande vasilha com água. Depois de benzê-la, ouviu a confissão de Sir Palamedes, e Sir Tristão e Sir Galleron foram seus padrinhos de batismo. Pouco mais tarde, partiram a cavalo para Camelot, onde estavam o Rei Arthur, a Rainha Guinevere e a maioria dos cavaleiros da Távola Redonda. O soberano e toda sua corte muito se alegraram ao saber que Sir Palamedes havia sido batizado. Galahad compareceu à festa e se sentou na Cadeira Perigosa. Depois, todos os cavaleiros da Távola Redonda se dispersaram, Sir Tristão voltou para a Guarda Alegre e Sir Palamedes retomou sua perseguição à Besta Ladradora.

Aqui termina o segundo livro de Sir Tristão, que foi passado do francês para o inglês. A ele se segue a nobre história do Santo Graal, como é chamado o vaso sagrado, e da significação do bem-aventurado sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, bendito seja, que foi trazido para esta terra por José de Arimateia. Portanto, Senhor, tende piedade de todas as almas pecadoras.

Explicit liber XII. Et incipit Decimustertius.

LIVRO XIII





CAPÍTULO I

Como, durante a vigília da celebração de Pentecostes, uma donzela entrou no salão e se postou diante do Rei Arthur expressando o desejo de que Lancelote viesse com ela para sagrar um cavaleiro, e como ele a acompanhou.



a véspera de Pentecostes, depois que toda a companhia da Távola Redonda já havia chegado a Camelot e assistido ao serviço religioso, e as mesas estavam postas para a refeição, entrou no salão uma belíssima mulher a cavalo. Via-se que ela viera a galope, pois o animal estava coberto de suor. A mulher então se apeou, postou-se diante do rei e o saudou. Que Deus vos abençoe, donzela, disse o monarca. Majestade, respondeu ela, dizei-me onde está Sir Lancelote, pelo amor de Deus. Ali está ele, respondeu Arthur. Ela se aproximou do cavaleiro e lhe disse: Sir Lancelote, eu o saúdo em nome do Rei Pelles, e rogo-vos que me acompanheis até uma floresta perto daqui. Sir Lancelote lhe perguntou então onde ela vivia. Com o Rei Pelles, respondeu a mulher. E o que quereis de mim?, indagou ele ainda. Sabereis quando chegardes ao local, disse ela. Pois bem, declarou o cavaleiro, eu vos acompanharei de bom grado. Mandou então que seu escudeiro selasse seu cavalo e lhe trouxesse suas armas, o que ele fez com toda presteza.

Nesse momento, a rainha se aproximou de Sir Lancelote e lhe perguntou: Ides nos deixar no meio deste grande banquete? Majestade, disse a mulher, amanhã, na hora da refeição, ele estará convosco. Se eu não soubesse que estaria de volta aqui conosco amanhã, retrucou a rainha, ele não iria convosco por minha vontade. Assim, pois, Sir Lancelote partiu com a mulher e cavalgaram até adentrarem uma floresta e, depois, um amplo vale onde viram uma abadia de freiras. Um escudeiro, que estava a postos, lhes abriu os portões. Os dois entraram, desmontaram e Sir Lancelote recebeu as boas-vindas por parte de um grupo bem cortês que muito se alegrou com sua chegada. Logo conduziram-no ao aposento da abadessa e o desarmaram. Nesse momento, ele percebeu que em uma cama estavam dois de seus parentes, Sir Bors e Sir Leonel. Tratou de acordá-los e os dois ficaram

contentíssimos ao vê-lo. Senhor, perguntou Sir Bors, que aventura vos trouxe até aqui? Pois achávamos que estaríeis amanhã em Camelot. Que Deus me ajude, respondeu Sir Lancelote. Uma mulher me trouxe a este lugar.

Enquanto conversavam, entraram no aposento 12 freiras trazendo consigo Galahad, que era um mancebo tão belo e tão bem-feito de corpo que não seria fácil achar quem o suplantasse no mundo. Mas todas as religiosas choravam. Senhor, disseram elas, trazemos aqui este jovem que criamos e nós vos rogamos que o sagreis cavaleiro, pois não existe homem mais digno de cujas mãos ele possa receber a ordem da cavalaria. Sir Lancelote fitou o jovem escudeiro e percebeu que ele era doce e modesto como uma pomba, dotado de todo tipo de boas condições. Pensou então que jamais havia visto alguém assim, com essa idade, tão belo quanto ele. Vem dele este desejo?, perguntou. Tanto as freiras quanto o jovem responderam que sim. Então, disse Sir Lancelote, amanhã recebereis a alta ordem da cavalaria como um tributo à grande festa que se celebra. Naquela noite, o visitante recebeu excelente acolhida e, pela manhã, à hora de prima, por desejo de Galahad, sagrou-o cavaleiro. Que Deus faça de vós um bom homem, disse, pois beleza é algo que vos falta menos do que a qualquer outra criatura neste mundo.



CAPÍTULO II

Como se encontraram letras gravadas na Cadeira Perigosa, e sobre a maravilhosa aventura da espada em uma pedra.

Agora, gentil senhor, disse Sir Lancelote, quereis vir comigo à corte do Rei Arthur? Não, respondeu o jovem. Por enquanto, não irei convosco. Então, o Cavaleiro do Lago partiu, levando consigo seus dois parentes, e os três chegaram a Camelot por volta da hora de terça do domingo de Pentecostes. Na ocasião, o rei e a rainha tinham ido à igreja assistir ao serviço e, ao ver Sir Bors e Sir Leonel, muito se alegraram, no que foram acompanhados por todos os presentes. Depois que o rei e todos os cavaleiros voltaram da igreja, os barões descobriram que, em todas as cadeiras ao redor da Távola Redonda, estava escrito em letras de ouro: Aqui há de se sentar fulano; aqui deve se sentar cicrano… Foram então observando as cadeiras uma a uma até chegarem à Cadeira Perigosa, onde encontraram letras de ouro recém-gravadas que diziam: Completados 445 invernos da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, esta cadeira será ocupada. Isso é algo maravilhoso, disseram todos, e tem ar de aventura. Em nome de Deus!, exclamou Sir Lancelote. Em seguida, contou os dias transcorridos desde o nascimento de Nosso Senhor até aquela data. Quero crer, prosseguiu ele, que esta cadeira será ocupada ainda hoje, pois este é o banquete de Pentecostes do ano 445. E, se todos concordarem, gostaria que nenhuma dessas letras fosse vista neste dia, até que apareça aquele que há de levar a cabo tal aventura. Mandaram então trazer um pano de seda para cobrir a inscrição da Cadeira Perigosa.

Assim, o rei ordenou que todos se sentassem para comer sem mais demora. Majestade, disse Sir Kay, o Mordomo, se começais a comer agora, estareis quebrando um velho costume de vossa corte, pois, no dia de hoje, não deveis vos sentar sem ter visto antes alguma aventura. Tendes razão, concordou o soberano, mas fiquei tão alegre por ver Sir Lancelote e seus parentes chegarem à corte sãos e salvos que não me lembrei desse antigo costume. Enquanto falavam assim, apresentou-se um escudeiro, dizendo: Majestade, eu vos trago notícias maravilhosas. Que notícias são essas?, perguntou Arthur. Pouco mais abaixo, no rio, há uma grande pedra que vi flutuar sobre a superfície da água e, fincada nela, está uma espada. Quero ver este prodígio!, exclamou o rei. E todos os cavaleiros o acompanharam. Quando chegaram ao rio, viram uma pedra flutuando. Parecia de mármore vermelho e, fincada nela, estava uma bela e rica espada em cujo pomo havia pedras preciosas lavradas com delicadas letras de ouro. Então, os barões

leram tais letras, que diziam assim: Que nenhum homem me tire daqui, a não ser aquele de cuja cinta devo pender e que será o melhor cavaleiro do mundo.

Depois de ler tal inscrição, o Rei Arthur se voltou para Sir Lancelote e disse: Gentil senhor, esta espada deve ser vossa, pois estou seguro de que sois o melhor cavaleiro do mundo. Ao que Sir Lancelote respondeu em tom grave: Por certo não é minha espada, Majestade. E sabei que não ousarei tocar nela, pois ela não está destinada a pender de minha cinta. Ademais, quem tentar pegar esta espada e fracassar, será por ela ferido, e tal ferida levará muito tempo para ser curada. Quero que saibais que, no dia de hoje, terão início as aventuras do Santo Graal, como é chamado o vaso sagrado.

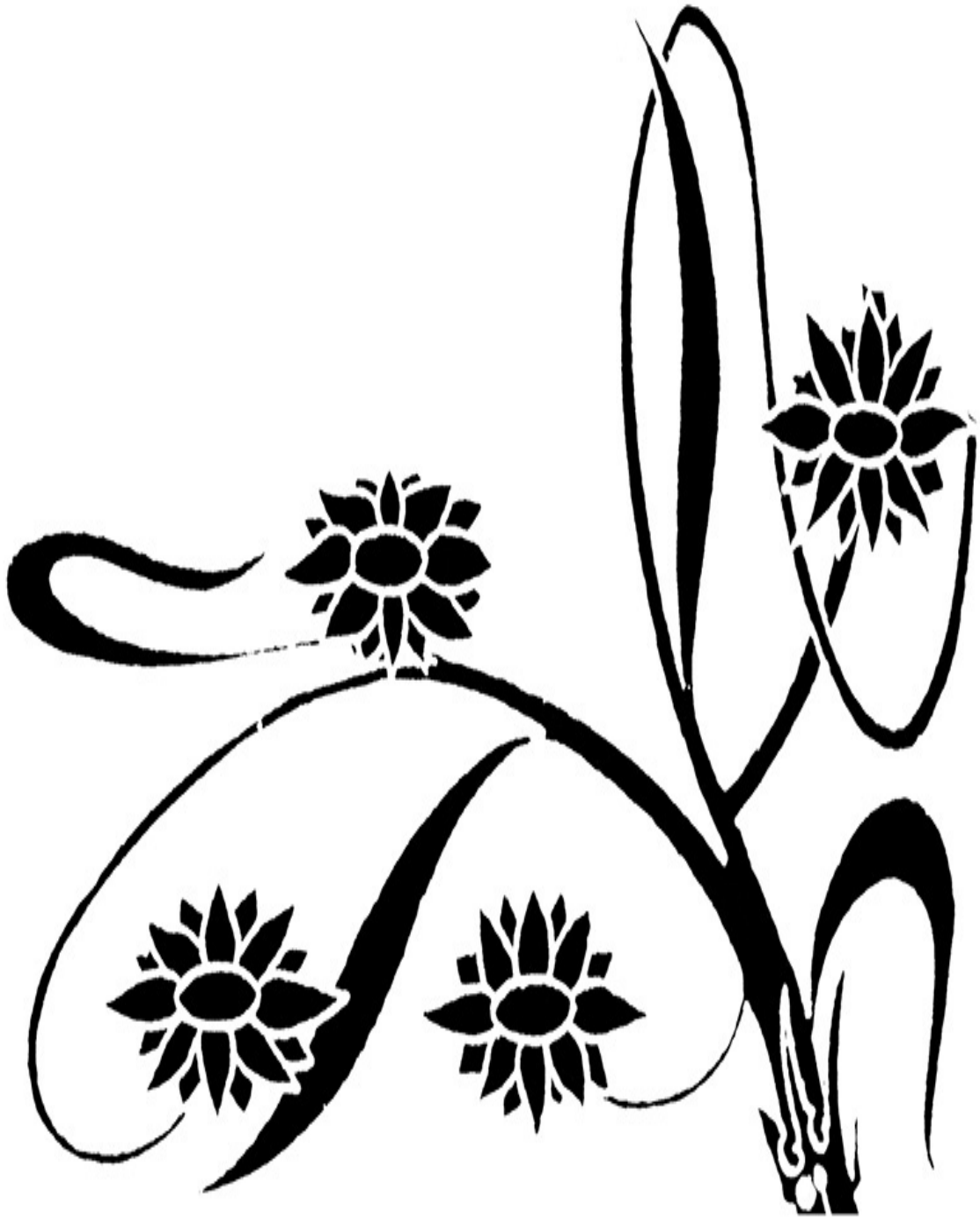
CAPÍTULO III

Como Sir Gawaine tentou arrancar a espada e como um ancião levou Galahad até aquele local.

Tentai agora, gentil sobrinho, disse o rei, dirigindo-se a Sir Gawaine. Por amor a mim. Senhor, respondeu o cavaleiro, não o farei, a menos que me obrigueis a isso. Tentai retirar a espada da pedra, senhor. É uma ordem. Pois obedecerei a vossa ordem, Majestade. Segurou então a espada pelo punho, mas não conseguiu movê-la. Eu vos agradeço por tentar, disse o monarca. Meu senhor Gawaine, observou Sir Lancelote, sabei que esta espada vos atingirá tão gravemente que desejareis jamais haver encostado a mão nela, nem pelo melhor castelo deste reino. Senhor, retrucou o cavaleiro, não podia contrariar a vontade e a ordem de meu tio. O rei lamentou muito ouvir isso e disse a Sir Percival que tentasse fazê-lo, por amor a ele. De bom grado o farei, respondeu o cavaleiro, pois, assim, farei companhia a Sir Gawaine. Ao dizer isso, pôs a mão na espada, puxou com toda força, mas não conseguiu movê-la. Então, não apareceu mais ninguém ousado o bastante para se atrever a tocá-la. Agora podeis ir comer, disse Sir Kay, dirigindo-se ao rei, pois haveis presenciado uma aventura maravilhosa. Assim, todos voltaram ao salão, identificaram seus lugares, sentaram-se e foram servidos pelos cavaleiros mais jovens.

Quando já haviam sido servidos e todos os assentos estavam ocupados, à exceção da Cadeira Perigosa, aconteceu uma aventura maravilhosa: todas as portas e janelas do palácio se fecharam sozinhas. No entanto, a sala não ficou escura, o que deixou os convivas bem perturbados. O rei foi o primeiro a falar: Por Deus, gentis companheiros, no dia de hoje vimos prodígios, mas, antes do anoitecer, acredito que ainda veremos coisas mais assombrosas.

Nesse ínterim, chegou um bondoso ancião, todo vestido de branco, e nenhum dos cavaleiros sabia de onde ele tinha surgido. Trazia consigo um cavaleiro mancebo. Ambos estavam a pé e o jovem usava uma armadura vermelha, mas não tinha espada nem escudo, apenas uma bainha vazia pendia de sua cinta. A paz esteja convosco, disse o ancião. Depois, dirigindo-se ao Rei Arthur, disse: Majestade, trago aqui um cavaleiro mancebo que é de linhagem real e da estirpe de José de Arimateia. Por ele hão de cumprir-se plenamente os prodígios desta corte e de reinos estranhos.



CAPÍTULO IV

Como o ancião conduziu Galahad até a Cadeira Perigosa e o fez sentar-se ali, e como todos os cavaleiros se maravilharam.

O rei muito se alegrou ao ouvir aquelas palavras e disse ao bom homem: Sede bem-vindo, senhor, e também o cavaleiro mancebo que trazeis convosco. Então, o ancião mandou que desarmassem o rapaz, deixando-o apenas com uma cota de cendal vermelho, e, em seguida, jogou em seus ombros um manto forrado de arminho. Segui-me, senhor, disse-lhe o velho cavaleiro. E o conduziu até a Cadeira Perigosa, ao lado da qual estava sentado Sir Lancelote. Levantou o pano que a cobria e viu-se ali a seguinte legenda: Este é o lugar de Galahad, o Alto Príncipe. Senhor, disse o velho cavaleiro, sabei que este lugar vos pertence. Sem nenhum problema, o rapaz se sentou e, dirigindo-se ao ancião, disse: Agora podeis seguir vosso caminho, senhor, pois haveis feito o que vos mandaram fazer. Apresentai minhas recomendações a meu senhor avô, o Rei Pelles, e a meu senhor Petchere, e dizei-lhes, de minha parte, que vou visitá-los assim que possível. O bom homem partiu, levando consigo vinte nobres escudeiros.

Todos pegaram seus cavalos e empreenderam a viagem de volta. Então, todos os cavaleiros da Távola Redonda ficaram maravilhados com Sir Galahad, que havia ousado sentar-se naquela Cadeira Perigosa apesar de ser um moço de tenra idade. Não sabiam de onde vinha. Sabiam apenas que havia sido enviado por Deus, então disseram: É por ele que será levada a cabo a demanda do Santo Graal, pois ninguém, a não ser ele, jamais se sentou neste lugar sem sofrer algum dano. Então, Sir Lancelote fitou seu filho e sentiu grande alegria por ele. Aposto minha vida, disse Sir Bors a seus companheiros, que este cavaleiro mancebo conquistará grandes méritos. Grandes foram os comentários por toda a corte, chegando assim aos ouvidos da rainha, que se perguntou quem poderia ser aquele cavaleiro que ousara se sentar na Cadeira Perigosa. Várias pessoas lhe disseram que ele se parecia muito com Sir Lancelote. Acredito, disse a rainha, que seja aquele que Sir Lancelote gerou no ventre da filha do Rei Pelles, com quem o fizeram dormir por meio de encantamento. Seu nome é Galahad. Muito me alegraria vê-lo, pois deve ser necessariamente um nobre homem, como o pai que o gerou. Vou confirmar isso com toda a Távola Redonda.

Terminada a refeição, depois que todos já tinham se levantado, o monarca foi até a Cadeira Perigosa, ergueu o pano que a cobria e pôde ler ali inscrito o nome de Galahad. Mostrou aquilo a Sir Gawaine, dizendo: Gentil sobrinho, agora temos

entre nós Sir Galahad, o bom cavaleiro que nos honrará a todos. Aposto minha vida que ele levará a cabo a demanda do Santo Graal, como nos deu a entender Sir Lancelote. Depois, Arthur se aproximou de Galahad e lhe disse: Sede bem-vindo, senhor, pois guiareis muitos bons cavaleiros na demanda do Santo Graal e levareis a cabo aquilo que nenhum outro jamais conseguiu fazer. Pegou então o jovem pela mão e saiu do palácio para lhe mostrar a aventura da pedra.

CAPÍTULO V

Como o Rei Arthur mostrou a Galahad a pedra que flutuava no meio do lago e como o jovem arrancou a espada dali.

Ao saber disso, a rainha foi até lá acompanhada de muitas damas e lhes mostraram a pedra que flutuava na água. Senhor, disse o rei, dirigindo-se a Galahad, eis aqui um grande prodígio como jamais vi na vida. Bons cavaleiros tentaram tirar a espada nela fincada, mas fracassaram. Não se trata de nenhum prodígio, Majestade, retrucou o mancebo, pois essa aventura não é deles, mas sim minha. E tinha tanta certeza de possuir esta espada que não trouxe nenhuma comigo. Apenas a bainha vazia pendendo de minha cinta. Dito isso, levou a mão à espada, retirou-a da pedra com toda facilidade e a enfiou na bainha que trazia. Agora está mais bem guardada do que antes, acrescentou. Deus há de vos enviar escudo, disse-lhe o soberano. Agora tenho a espada que, em outros tempos, pertenceu ao bom cavaleiro Balin, o Selvagem, um homem hábil com as mãos. Com esta espada, matou seu irmão Balan, o que foi uma grande lástima, pois este também era um bom cavaleiro. Mataram-se um ao outro por conta do golpe doloroso que Balin desferiu contra meu avô, o Rei Pelles, ferida da qual ele ainda não está curado e só virá a sarar quando eu o fizer.

Nesse momento, o rei e todos os presentes viram uma dama que se aproximava montada em um palafrém branco. O rei e a rainha a saudaram e ela perguntou se Sir Lancelote estava ali. Aqui estou, gentil senhora, respondeu o cavaleiro. Então, a mulher lhe disse toda chorosa: Como vossa grande proeza mudou desde hoje pela manhã… Por que dizeis tal coisa, senhora?, indagou Sir Lancelote. Digo apenas a verdade, retrucou ela. Até hoje, éreis o melhor cavaleiro do mundo. Agora, porém, quem disser isso estará mentindo, pois há outro melhor do que vós, o que ficou claro pela aventura dessa espada na qual não ousastes tocar. Esta é a mudança e a decaída de vosso nome. Vim até aqui para vos lembrar disto: doravante, não deveis vos considerar o melhor cavaleiro do mundo. Quanto a isso, disse Sir Lancelote, sei que nunca fui o melhor. Fostes, sim, retrucou a mulher, e ainda o sois entre todos os pecadores do mundo. E, Majestade, Nacien, o ermitão, vos manda dizer que chegará a vossas mãos a maior honra que jamais foi atribuída a nenhum rei da Bretanha. Digo-vos, portanto, que, no dia de hoje, chegou à vossa casa o Santo Graal, que alimentou a vós e a toda a companhia da Távola Redonda. Ao dizer isso, ela se foi, seguindo o mesmo caminho pelo qual tinha vindo.

CAPÍTULO VI

Como o Rei Arthur mandou que todos os cavaleiros se reunissem, antes de partir, para justar na campina que cercava Camelot.

Agora, disse o rei, tenho certeza de que todos vós, da Távola Redonda, partireis para tomar parte da demanda do Santo Graal, e de que nunca mais voltarei a vos ver assim juntos. Portanto, quero que vos dirijais à campina de Camelot para justar e realizar um torneio a fim de que, depois de vossa morte, os homens possam falar desse acontecimento e dos bons cavaleiros que estiveram todos juntos nesse dia. Como todos concordaram com a declaração e o desejo do monarca, trataram de pegar os arneses necessários para as justas. No entanto, essa proposta do rei tinha uma única intenção: a de ver como se saía Sir Galahad, pois acreditava que o jovem não retornaria facilmente à corte depois que fosse embora. Assim, reuniram-se na campina tanto os mais quanto os menos importantes. Então, a pedido do rei e da rainha, Sir Galahad vestiu-se com uma cota jacerina e pôs o elmo. Não quis, porém, levar nenhum escudo, por mais que o monarca insistisse. Sir Gawaine e outros cavaleiros lhe rogaram que pegasse uma lança, o que ele aceitou. A rainha se instalou em uma torre, com todas as suas damas, para apreciar o torneio. Então Sir Galahad rumou para o centro da pradaria e começou a quebrar lanças de forma esplêndida, deixando todos os presentes maravilhados, pois o mancebo superava todos os adversários. Em pouco tempo, já havia envergonhado muitos bons cavaleiros da Távola Redonda, à exceção de Sir Lancelote e de Sir Percival.

CAPÍTULO VII

Como a rainha manifestou o desejo de ver Galahad e como, mais tarde, todos os cavaleiros foram revigorados pelo Santo Graal e juraram partir em busca do vaso sagrado.

Então, o soberano, a pedido da rainha, mandou que o jovem se apeasse e retirasse o elmo para que ela pudesse ver seu rosto. Ao contemplá-lo, ela disse: Na verdade, ouso dizer que ele foi gerado por Sir Lancelote, pois jamais vi dois homens tão parecidos e, portanto, não é de espantar que ele seja tão hábil com as armas. Por Deus, senhora, perguntou uma dama que estava junto dela, haverá ele de ser tão bom cavaleiro? Decerto que sim, respondeu a rainha, pois ele descende dos melhores cavaleiros do mundo e da mais alta linhagem por ambos os lados. Sir Lancelote é parente em oitavo grau de Nosso Senhor Jesus Cristo, e Sir Galahad, em nono. Atrevo-me, pois, a dizer que eles são os maiores gentis-homens do mundo.

Então, o rei e todos os seus senhores voltaram para Camelot e foram assistir às vésperas na grande igreja. Depois disso, foi servida a ceia, e cada cavaleiro se sentou em seu lugar como antes. De imediato, ouviram algo que estalava e o estrondo de um trovão, e o barulho foi tão forte que todos acharam que o salão ia desmoronar. Pelo ponto que havia estalado, entrou um raio de sol sete vezes mais claro que a luz do dia, e todos os presentes foram iluminados pela graça do Espírito Santo. Os cavaleiros começaram então a se entreolhar e cada um deles via os outros, por sua semelhança, mais formosos do que jamais haviam sido. No entanto, ninguém conseguiu dizer uma só palavra por um bom tempo: todos ficaram apenas se entreolhando como se fossem mudos. Nesse momento, entrou na sala o Santo Graal recoberto por um rico tecido branco, mas nenhum dos presentes pôde vê-lo, tampouco quem o carregava. A sala inteira foi inundada por uma fragrância e cada cavaleiro viu à sua frente suas carnes e suas bebidas favoritas. Depois de circular por toda a sala, o vaso sagrado desapareceu subitamente, deixando todos ali atônitos, sem saber o que havia sido feito dele. Mas, de imediato, os homens recobraram o fôlego e puderam falar. E o rei deu graças a Deus pela dádiva que Ele lhes havia enviado. Por certo, disse o monarca, devemos dar graças a Nosso Senhor Jesus pelo que Ele nos mostrou no dia de hoje, em comemoração ao seu importante banquete de Pentecostes.

Fomos servidos, disse Sir Gawaine, com todas as viandas e bebidas que pudéssemos imaginar. Uma coisa, porém, nos incomodou: o fato de não termos podido ver o Santo Graal que estava preciosamente coberto. Por este motivo,

quero fazer aqui o voto de que, amanhã, sem mais tardar, empreenderei a demanda do Santo Graal e, portanto, estarei ausente por 12 meses e um dia, ou mais, se for necessário. Não retornarei à corte até tê-lo visto com mais clareza do que hoje e, se não conseguir, voltarei como aquele que não pode contrariar a vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando os demais membros da Távola Redonda ouviram essas palavras, quase todos se levantaram e fizeram juramentos semelhantes ao de Sir Gawaine. Diante de tais disposições, o Rei Arthur ficou imensamente aborrecido, pois sabia que não poderia fazê-los voltar atrás. Ai!, exclamou ele, dirigindo-se a Sir Gawaine. Quase me matastes com o voto e as promessas que fizestes, pois me haveis privado da mais gentil companhia e da mais leal cavalaria que já se viu em qualquer reino do mundo. Depois de vossa partida, tenho certeza de que nunca mais voltareis a vos reunir neste mundo, pois são muitos os que morrerão nesta busca. Tudo isso me deixa aflito, pois eu vos amo como à minha própria vida. Portanto, lamento muito a dissolução deste grupo, porque ter-vos comigo já havia se tornado um antigo costume.

CAPÍTULO VIII

Como o rei, a rainha e as damas da corte se entristeceram com a partida dos cavaleiros, e como eles partiram.

E, ao dizer isso, as lágrimas lhe escorreram pelo rosto. Gawaine, Gawaine, disse ele, causastes-me grande tristeza, pois tenho o forte pressentimento de que esta leal companhia não voltará a se reunir aqui outra vez. Ah!, exclamou Sir Lancelote, consolai-vos, porque será uma grande honra para nós, e mais ainda se morrermos em outros lugares, pois todos temos mesmo que morrer. Ah, Sir Lancelote, retrucou o monarca, o grande amor que tenho por vós durante todos os dias de minha vida me faz dizer palavras tão dolorosas. Jamais um rei cristão teve tantos homens dignos reunidos à sua mesa como eu tive hoje ao redor da Távola Redonda. Por isso estou sofrendo.

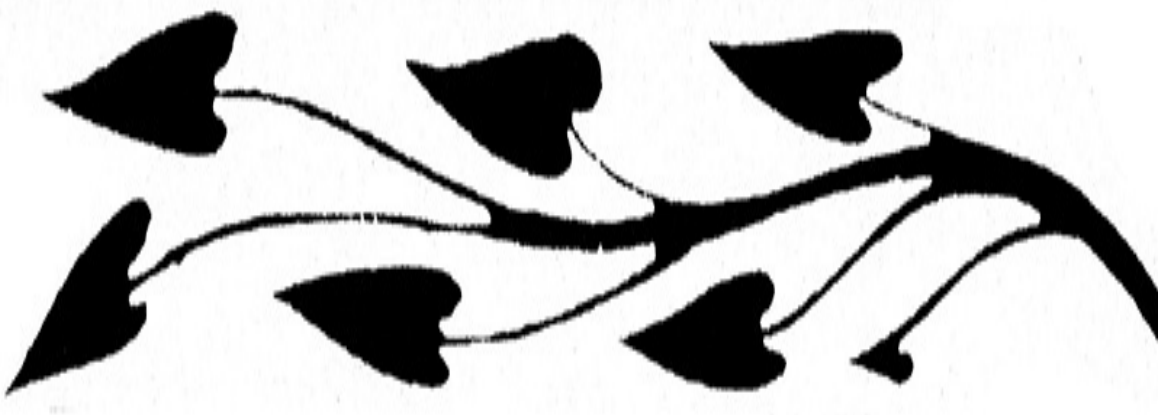
Quando a rainha, as damas e as donzelas souberam da notícia, lamentaram-se e sofreram tanto que língua alguma poderia descrever seus sentimentos, pois aqueles cavaleiros sempre se haviam mantido na honra e na caridade. De todas elas, porém, foi a Rainha Guinevere quem mais se lamuriou. Muito me espanta, disse ela, que meu senhor tenha permitido que eles se fossem daqui. E a corte inteira estava transtornada pelo amor que sentiam por aqueles que iam partir. Muitas das damas, que amavam algum cavaleiro, quiseram ir junto com seu amado, e assim teriam feito, se não fosse pela presença de um velho cavaleiro que acompanhava o grupo trajando vestes religiosas. Gentis senhores, disse ele em voz alta, haveis jurado realizar a demanda do Santo Graal. Nacien, o eremita, vos ordena que nenhum dos participantes de tal empreitada leve consigo dama ou donzela alguma, pois não se deve ter esse comportamento em serviço tão elevado. Previno-vos, pois, com toda clareza, que quem não estiver limpo de pecados não verá os mistérios de Nosso Senhor Jesus Cristo. Só por esse motivo as damas e as donzelas foram deixadas para trás.

Depois disso, a rainha foi ao encontro de Galahad e perguntou-lhe de onde era, de que país vinha. O rapaz respondeu às suas perguntas. Ela quis saber se ele era filho de Lancelote, mas, quanto a isso, ele não disse nem sim nem não. Valha-me Deus, retrucou a rainha. Não tendes por que vos envergonhar de vosso pai, pois ele é o cavaleiro mais garboso e descende dos melhores homens do mundo, de linhagem real por ambos os lados. Portanto, é justo que sejais, por vossos feitos, um excelente cavaleiro e decerto sois muito parecidos. Então, um tanto envergonhado, Sir Galahad respondeu: Senhora, já que sabeis com certeza, por

que me fazeis esta pergunta? Pois aquele que é meu pai será revelado muito em breve. Era hora de irem descansar e, em honra à alteza de Sir Galahad, ele foi levado ao quarto do Rei Arthur, onde dormiu em sua própria cama. Assim que amanheceu, o soberano se levantou, pois não havia descansado a noite inteira de tão aflito que estava. Foi ao encontro de Gawaine e de Sir Lancelote, que também tinham se levantado para assistir à missa. Ah, Gawaine, Gawaine, repetiu então o rei. Vós me traístes! Pois minha corte jamais será aprimorada por vós e jamais tereis queixas de mim como tenho de vós. E as lágrimas começaram a lhe escorrer pelo rosto. Ah, cavaleiro Sir Lancelote, prosseguiu ele, rogo-vos que me aconselheis, pois gostaria de desfazer essa busca se for possível. Majestade, respondeu o Cavaleiro do Lago, ainda ontem vistes muitos cavaleiros dignos jurarem que não a abandonariam em hipótese alguma. Bem sei, disse o soberano, mas sua partida vai ser tão dolorosa para mim que tenho certeza de que nenhuma alegria poderá me consolar. Então, os soberanos foram para a igreja. Sem mais tardar, Lancelote e Gawaine mandaram que seus homens lhes trouxessem suas armas. Quando estavam todos armados, só não tendo ainda o escudo e o elmo, foram ao encontro de seus companheiros, que também já estavam prontos como eles, e juntos foram assistir ao serviço religioso.

No fim da missa, o rei quis saber quantos haviam aceitado a demanda do Santo Graal e pediu que se fizessem as contas. Descobriram que eram 150 e que todos eram cavaleiros da Távola Redonda. Depois disso, eles puseram seus elmos e partiram, não sem antes enviar suas recomendações à rainha. E houve muito choro e sofrimento na corte. Então, a rainha se encerrou em seu quarto para que ninguém pudesse ver o quanto sofria. Quando Sir Lancelote deu por sua falta, foi até lá e, ao vê-lo, ela gritou: Ah, Lancelote, Lancelote! Vós me haveis traído e condenado à morte por abandonar assim a meu senhor! Ai, senhora, respondeu ele, eu vos rogo que não fiqueis assim aborrecida, pois voltarei o mais depressa que minha honra me permitir. Lamento ter chegado a vos ver, disse a rainha, mas que aquele que sofreu a morte na cruz por toda a humanidade seja vosso bom guia e protetor, bem como de toda a vossa companhia.

Com isso, Lancelote se foi e encontrou seus companheiros esperando por sua chegada. Todos montaram em seus cavalos e percorreram a rua de Camelot, onde pobres e ricos choravam. Já o rei se afastou, pois não conseguia falar de tanto que chorava. Pouco mais tarde, chegaram a uma cidade e a um castelo que se chamava Vagon. Entraram então no castelo, cujo senhor era um ancião de nome Vagon, homem que levava uma vida bondosa. Ele mandou que se abrissem os portões e lhes deu a melhor acolhida que pôde. Todos concordaram que, pela manhã, cada qual devia se separar dos demais e, quando amanheceu, despediram-se com rostos chorosos. Assim, cada cavaleiro tomou o caminho que mais lhe agradou.



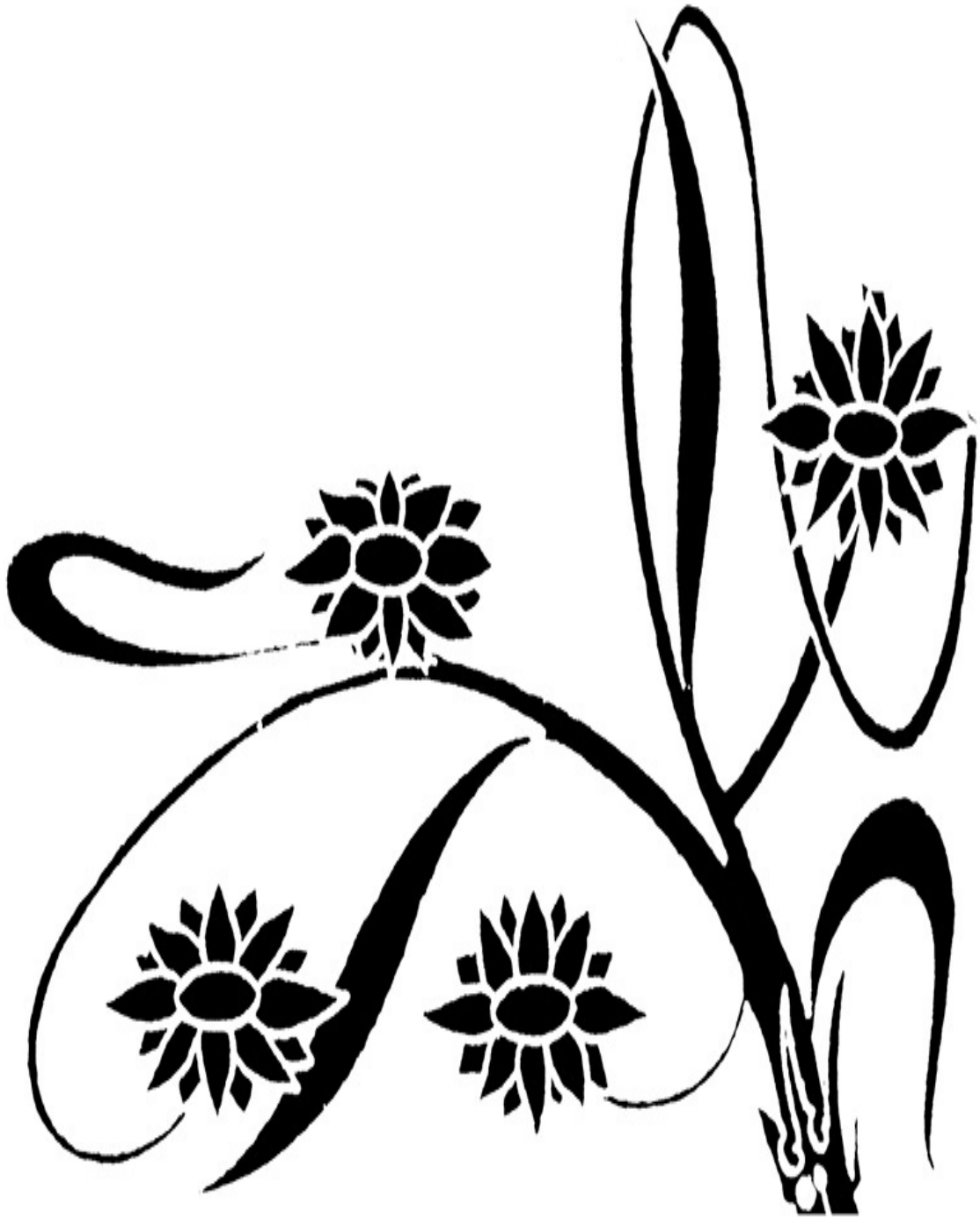
CAPÍTULO IX

Como Galahad conseguiu um escudo e o que acontecia a todos que pretendiam se apossar deste.

Sir Galahad partiu cavalgando sem escudo e seguiu assim, por quatro dias, sem qualquer aventura. No quarto dia, depois da hora de vésperas, chegou a uma abadia branca onde foi recebido com grande reverência e, depois de conduzido até um aposento, foi desarmado. Percebeu então que havia ali dois outros cavaleiros da Távola Redonda, um dos quais era Sir Bagdemagus, e o outro, Sir Uwaine. Quando estes o viram, muito se alegraram e juntos foram jantar. Senhores, perguntou o jovem, que aventura vos trouxe até aqui? Senhor, responderam os dois, disseram-nos que neste lugar existe um escudo que nenhum homem pode portar sem sofrer algum dano, ser morto em três dias ou ficar imobilizado para sempre. Ah, senhor, disse o Rei Bagdemagus, vou portá-lo amanhã para enfrentar essa estranha aventura. Em nome de Deus!, retrucou Galahad. Senhor, disse o monarca, se eu não conseguir levar a cabo esta aventura, vós deveis enfrentá-la, pois estou certo de que não falhareis. Aceito a ideia de muito bom grado, respondeu o mancebo, pois não tenho escudo. Pela manhã, os três se levantaram e assistiram à missa. Em seguida, Bagdemagus perguntou onde estava o escudo aventuroso. Sem mais tardar, um monge o levou para a parte de trás do altar. Lá estava pendurado um escudo mais branco do que a neve, tendo, no centro, uma cruz vermelha. Senhores, disse o monge, este escudo não será portado por nenhum cavaleiro, a menos que seja o mais digno do mundo. Portanto, eu vos aconselho a tomar todas as precauções. Bem sei que não sou o melhor cavaleiro do mundo, declarou Bagdemagus, mas vou tentar. Tirou o escudo da igreja e, dirigindo-se a Galahad, disse: Se preferirdes, aguardai aqui até saberdes como me saí. Estarei à vossa espera, respondeu o jovem. Então, o Rei Bagdemagus levou consigo um bom escudeiro, que deveria vir relatar a Sir Galahad o que lhe tivesse acontecido.

Depois de cavalgarem por duas milhas, entraram em um formoso vale onde, diante de um eremitério, viram sair um cavaleiro com armadura, cavalo e todo vestido de branco. Tal cavaleiro se aproximava a todo galope, lança em riste, e Sir Bagdemagus também enristou sua lança, que se partiu no encontro com o adversário. Este, porém, lhe acertou um golpe tão forte que rasgou as malhas de sua cota, traspassando-lhe o ombro direito, já que o escudo não o protegeu nessa ocasião. Sir Bagdemagus caiu do cavalo e o outro logo se apeou e lhe tomou o escudo branco, dizendo: Cavaleiro, cometestes um grande desatino contra vós

mesmo, pois este escudo só pode ser portado por aquele que não tem rival entre todos os homens vivos. Dirigiu-se então ao escudeiro do monarca e lhe disse: Leva este escudo ao bom cavaleiro Sir Galahad, que ficou lá na abadia, e apresenta-lhe minhas saudações. Qual é vosso nome, senhor?, perguntou o escudeiro. Não precisas te importar com meu nome, respondeu o cavaleiro, pois não te cabe sabê-lo, nem a ti nem a nenhum homem da terra. Gentil senhor, insistiu o escudeiro, por respeito a Jesus Cristo, dizei-me por que motivo ninguém deve portar este escudo sem sofrer algum dano. Já que me conjuras tanto, retrucou o cavaleiro, digo-te que este escudo não convém a nenhum outro homem que não seja Galahad. O escudeiro se aproximou então de Bagdemagus, perguntando-lhe se estava muito ferido. Na verdade, respondeu o soberano, mal sei se escaparei da morte. Diante disso, o homem lhe trouxe seu cavalo e, com grande dificuldade, conseguiu levá-lo até a abadia. Ali, desmontaram-no e desarmaram-no com todo cuidado, deitaram-no em uma cama e cuidaram de seus ferimentos. E, como conta o livro, ele permaneceu deitado por muito tempo, até que, a duras penas, escapou com vida.



CAPÍTULO X

Como Galahad partiu levando consigo o escudo e como o Rei Evelake recebeu tal escudo de José de Arimateia.

Sir Galahad, disse o escudeiro, o cavaleiro que feriu Bagdemagus vos envia suas saudações e manda que porteis este escudo, graças ao qual hão de vos acontecer grandes aventuras. Pois benditos sejam Deus e a boa fortuna, respondeu o jovem. Então, pediu suas armas, montou seu cavalo, pendurou o escudo branco no pescoço e recomendou todos ali presentes a Deus. Sir Uwaine disse que queria ir em sua companhia, se ele assim o permitisse. Senhor, respondeu Galahad, não podeis fazê-lo, pois devo ir sozinho, levando apenas este escudeiro que me fará companhia. E se foi.

Pouco depois, chegou ao local onde o cavaleiro branco estava à sua espera, perto do eremitério, e os dois se saudaram cortesmente. Senhor, perguntou o mancebo, aconteceram muitas maravilhas por causa deste escudo? Senhor, respondeu o outro, aconteceu que, no trigésimo segundo ano depois da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, José de Arimateia, o gentil cavaleiro que desceu Nosso Senhor da Santa Cruz, abandonou Jerusalém com boa parte de seus parentes. Com muito esforço, chegou a uma cidade chamada Sarras. No exato instante em que ali chegava José de Arimateia, um cavaleiro chamado Evelake travava uma guerra acirrada contra os sarracenos, em especial contra um deles, primo do Rei Evelake, que era um soberano rico e poderoso cujas terras faziam fronteira com aquelas e que se chamava Tolleme la Feintes. Certo dia, esses dois se encontraram para lutar. Então, José, filho de José de Arimateia, procurou o Rei Evelake para lhe dizer que ele seria morto e seu exército destroçado a menos que abandonasse sua fé na velha lei e adotasse a nova. Mostrou-lhe então a verdadeira fé na Santíssima Trindade, que ele aceitou de coração. Ali mesmo fizeram este escudo para o Rei Evelake, em nome Daquele que morreu na Cruz. Assim, pois, graças à sua crença verdadeira, ele venceu o Rei Tolleme. Enquanto lutava, Evelake levava o escudo coberto por um pano e, quando se via diante de maiores perigos, retirava tal pano e seus inimigos viam a figura de um homem na cruz, visão que os derrotava a todos. Aconteceu que a mão de um dos homens do Rei Evelake foi decepada e ele a carregou com a outra. José o chamou e mandou que, com a devida devoção, ele tocasse a cruz. Assim que o homem o fez, a mão decepada se curou e ficou tão sadia quanto antes. Pouco depois, ocorreu um grande prodígio: a cruz desapareceu do escudo por um tempo e ninguém sabia o que havia

sido feito dela. Então, o Rei Evelake foi batizado, bem como a maioria dos habitantes daquela cidade. Mais tarde, José quis partir e o Rei Evelake desejou acompanhá-lo, quisesse ele ou não. Casualmente, chegaram a esta terra, que, naquele tempo, se chamava Grã-Bretanha, e aqui encontraram um pagão maléfico que atirou José em uma prisão. Por fortuna, a notícia chegou aos ouvidos de um homem de mérito, chamado Mondrames, que reuniu toda sua gente em função do grande renome que precedia a presença de José. Eles então adentraram a Grã-Bretanha, destituíram esse vilão, derrotaram-no e libertaram o prisioneiro. Depois deste episódio, todos ali abraçaram a fé cristã.

CAPÍTULO XI

Como José fez uma cruz no escudo branco usando o próprio sangue, e como Galahad foi levado até uma sepultura por um monge.

Não muito depois desse episódio, José foi posto em seu leito de morte, e, ao ver isso, o Rei Evelake muito se lamentou. Por amor a ti deixei meu país, disse ele, e, já que vais deixar este mundo, entrega-me alguma marca tua para que eu possa me lembrar de ti. De muito bom grado o farei, respondeu José. Trazei-me o escudo que vos dei quando encetastes a batalha contra o Rei Tolleme. Na ocasião, José sangrava muito pelo nariz e não havia meios de se estancar tal sangramento. Então, sobre este escudo, ele traçou uma cruz com o próprio sangue. Agora podereis vos lembrar de que eu vos amo, disse ele, pois jamais olhareis para este escudo sem pensar em mim, e esta cruz estará sempre tão fresca quanto neste momento. Nenhum homem portará este escudo sem que isso lhe traga danos, até chegar a ocasião em que Galahad, o bom cavaleiro, passe a portá-lo. O último de minha linhagem o levará ao pescoço e haverá de realizar muitos feitos maravilhosos. E onde porei este escudo, perguntou o Rei Evelake, para que esse digno cavaleiro possa obtê-lo? Devereis deixá-lo onde Nacien, o eremita, for sepultado quando morrer, pois esse bom cavaleiro irá até lá no décimo quinto dia depois de receber a ordem da cavalaria. E o dia assim indicado é aquele em que ele há de portar tal escudo, e nessa mesma abadia em que jaz Nacien, o eremita. Então, o cavaleiro branco desapareceu.

Assim que ouviu essas palavras, o escudeiro se apeou, ajoelhou-se aos pés de Galahad e lhe pediu para acompanhá-lo até que ele o sagrasse cavaleiro. E se eu não quisesse vos rechaçar? Então, vós me sagrareis cavaleiro?, perguntou o homem. E, pela graça de Deus, há de me convir perfeitamente.

Assim, pois, Galahad concordou com seu pedido e os dois retornaram à abadia de onde tinham vindo e onde foram muito bem acolhidos. Tão logo Sir Galahad se apeou, um monge o conduziu a uma sepultura do cemitério. De lá saía tamanho ruído que quem o ouvisse estaria à beira da loucura ou a ponto de perder suas forças. Senhor, disseram, acreditamos que seja um demônio.

CAPÍTULO XII

Sobre as maravilhas que Sir Galahad viu e ouviu naquela sepultura, e como ele sagrou Melias cavaleiro.

Levai-me pois até lá, disse Galahad. E para o tal local se dirigiram, o cavaleiro trajando sua armadura completa, à exceção do elmo. Aproximai-vos da tumba, disse o bom homem, e levantai a lápide. Foi o que o jovem fez. Ouviu então uma voz sonora que dizia, em tom de lamúria, de modo que todos pudessem ouvir: Sir Galahad, servo de Jesus Cristo, não te aproximes de mim, pois me farás voltar ao lugar onde estive por muito tempo. O mancebo, porém, não sentiu medo algum e ergueu a pedra. Dali saiu uma fumaça seguida da figura mais terrível que ele já vira, e que se assemelhava a um homem. Galahad soube que era um demônio e fez o sinal da cruz. Ouviu então uma voz que dizia: Galahad, vejo ao teu redor tantos anjos que meu poder não é capaz de atingir-te. Nesse momento, Galahad viu um corpo todo armado na tumba, tendo a seu lado uma espada. Agora, gentil irmão, tiremos daqui este corpo que não é digno de estar neste cemitério, já que era um falso cristão. Feito isso, os três partiram de volta à abadia. Assim que Galahad se desarmou, um bom homem se aproximou e se sentou a seu lado. Senhor, disse ele, eu vos direi o que representa tudo o que vistes naquela sepultura. O corpo coberto representa a dureza do mundo e o grande pecado nele encontrado por Nosso Senhor. Pois reinava tal tribulação que o pai não amava o filho, nem o filho amava o pai. Este foi um dos motivos pelos quais Nosso Senhor se fez carne e sangue no ventre de uma donzela pura, pois, naquele tempo, nossos pecados eram tão grandes que praticamente tudo era maldade. Em verdade, creio no que dizeis, respondeu o mancebo.

Depois, descansou ali por toda a noite e, pela manhã, sagrou cavaleiro o escudeiro, perguntando-lhe seu nome e de que estirpe descendia. Senhor, respondeu ele, eu me chamo Melias de Lile e sou filho do rei da Dinamarca. Pois bem, gentil senhor, disse Galahad, já que descendeis de reis e de rainhas, a sagrada ordem vos convém perfeitamente, pois havereis de servir de espelho para toda a cavalaria. Que assim seja, senhor, disse Sir Melias. Mas, uma vez que me sagrastes cavaleiro, por direito deveis me conceder meu primeiro desejo, que é bastante razoável. Tendes razão, disse Galahad. Consenti que eu vos acompanhe nesta demanda do Santo Graal, até que alguma aventura venha a nos separar, pediu Melias. Desejo concedido, disse Galahad.

Trouxeram então armadura, lança e cavalo para Melias e os dois partiram. Cavalgaram por uma semana sem que nenhuma aventura lhes aparecesse. Em uma segunda-feira pela manhã, depois que deixaram uma abadia, chegaram a uma encruzilhada de onde saíam dois caminhos. Nesse local, havia um letreiro com os seguintes dizeres: Cavaleiro andante que ides em busca de cavaleiros aventureiros, aqui estão dois caminhos. O primeiro vos proíbe de segui-lo, pois dele só sairá aquele que for um bom homem e um cavaleiro de mérito. Se tomardes o segundo, não conquistareis honra com facilidade, pois logo sereis posto à prova. Senhor, disse Melias, se vos aprouver, deixai-me tomar o caminho da esquerda, pois nele poderei pôr à prova minha força. Melhor seria que não seguísseis por esse caminho, respondeu Galahad, porque creio que me sairia melhor nele do que vós. Não, meu senhor, retrucou Melias. Eu vos rogo que me deixeis enfrentar esta aventura. Pois que seja, em nome de Deus, disse Galahad.

CAPÍTULO XIII

Sobre a aventura que Melias enfrentou; como Galahad o vingou, e como o jovem foi transportado para uma abadia.

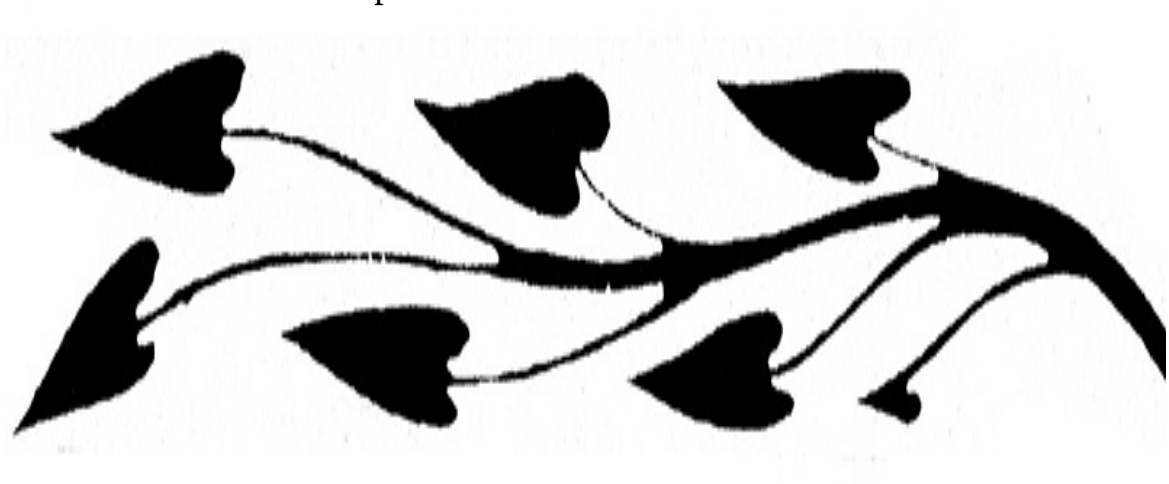
Melias adentrou uma velha floresta e seguiu cavalgando por mais dois dias, até que saiu em um formoso prado onde havia uma linda cabana feita de galhos de árvores. Nessa cabana, ele encontrou uma cadeira na qual havia uma coroa de ouro lavrada em um trabalho delicado. Havia também alguns panos estendidos no chão e, sobre eles, as mais deliciosas viandas. Sir Melias contemplou esta aventura e a achou maravilhosa, embora não estivesse com fome, mas encantou-se com a coroa de ouro. Inclinou-se então para pegá-la e seguiu seu caminho levando-a consigo. Pouco depois, viu um cavaleiro que o seguia e que exclamou: Cavaleiro, deixai esta coroa que não vos pertence e, por isso, defendei-vos! Então, Melias fez o sinal da cruz, dizendo: Gentil Senhor do Céu, ajudai e salvai este vosso recém-sagrado cavaleiro. Em seguida, os dois fizeram seus cavalos correrem o mais depressa que conseguiam, mas o outro cavaleiro traspassou a cata de malha do jovem, ferindo-lhe o flanco esquerdo e fazendo-o cair por terra quase morto. Seu adversário pegou então a coroa e seguiu seu caminho, enquanto Sir Melias ficou ali estendido, sem forças para se mover.

Por fortuna, Sir Galahad chegou nesse ínterim e deu com ele jazendo ali, à beira da morte. Ah, Melias!, exclamou ele. Quem vos feriu? Melhor teria sido tomardes o outro caminho! Quando Sir Melias ouviu aquelas palavras, disse: Senhor, pelo amor de Deus, não permiti que eu morra nesta floresta. Levai-me à abadia que fica aqui perto para que eu possa me confessar e receber os sacramentos. Assim o farei, respondeu Galahad. Mas onde está aquele que vos feriu? Nesse momento, ouviu uma voz que vinha da mata e que gritava: Cavaleiro, defendei-vos de mim! Ah, senhor!, exclamou Melias. Tende cuidado, pois foi este homem que me matou. Senhor cavaleiro, respondeu Galahad, vinde enfrentar vosso perigo! Investiram então um contra o outro a todo galope e Galahad atingiu seu adversário, traspassando-lhe o ombro, derrubando-o do cavalo e, nessa queda, sua lança se partiu.

Nesse instante, saiu da floresta um segundo cavaleiro que quebrou sua lança em Galahad antes que este tivesse tido tempo de se virar. O jovem sacou então da espada e lhe decepou o braço esquerdo, que caiu no chão. O ferido fugiu e, mais que depressa, Sir Galahad foi atrás dele. Depois, voltou ao local em que estava Sir Melias, apeou-se e depositou o jovem com todo cuidado à sua frente sobre o

cavalo, já que ele tinha um pedaço de lança enfiado no corpo. Montou atrás do companheiro ferido, segurando-o com os braços, e o levou até a abadia. Lá chegando, desarmou-o e o transportou para um quarto, onde o jovem pediu para receber seu Salvador. Depois de comungar, disse: Senhor, agora a morte pode vir quando assim o desejar. Sir Galahad logo tratou de arrancar o pedaço de lança fincado em seu corpo e Sir Melias perdeu os sentidos.

Chegou então um velho monge, que, em outros tempos, havia sido cavaleiro. Examinou o jovem e, dirigindo-se a Sir Galahad, disse: Com a graça de Deus, hei de curá-lo desta ferida ao cabo de sete semanas. Ao ouvir isso, Galahad se alegrou, desarmou-se e declarou que ficaria ali por três dias. Perguntou a Sir Melias como ele estava se sentindo e o jovem lhe respondeu que, graças a Deus, estava voltando a se recuperar.



CAPÍTULO XIV

Como Sir Galahad partiu, e como lhe ordenaram que fosse até o castelo das Donzelas para pôr um fim a um costume perverso.

Agora vou partir, disse Galahad, pois tenho muito que fazer, uma vez que muitos cavaleiros vêm se esforçando nesse sentido e este jovem e eu estávamos na mesma demanda do Santo Graal. Senhor, disse o bom homem, por seu pecado ele foi assim ferido. Muito me espanta que ouseis vos encarregar de algo tão rico como é a alta ordem da cavalaria sem uma confissão completa. Esta foi a causa de terdes sido gravemente ferido. Pois o caminho da direita representa a elevada via de Nosso Senhor Jesus Cristo e do homem de vida reta e verdadeira. Já o outro caminho representa a via dos pecadores e dos hereges. Quando o diabo viu vossa soberba e presunção, ao vos encarregardes da demanda do Santo Graal, fez com que fôsseis derrotado, pois tal missão só pode ser levada a cabo através de uma vida virtuosa. O letreiro da encruzilhada tinha também uma significação de façanhas celestiais e de feitos cavalheirescos em obras divinas, e não em obras mundanas. E o orgulho, que é o primeiro de todos os pecados mortais, fez com que este cavaleiro se apartasse de Galahad. Naquela cabana, onde vos apossastes da coroa de ouro, cometestes os pecados da cobiça e do roubo, ações nada condizentes com a cavalaria. E este Galahad, o santo cavaleiro, enfrentou dois adversários que significavam os dois pecados mortais cometidos pelo cavaleiro Melias. Os dois, porém, não puderam vos resistir porque estais livre de pecado mortal.

Depois de ouvir isso, Galahad se despediu, encomendando todos ali a Deus. Meu senhor Galahad, disse Sir Melias, assim que eu puder cavalgar, seguirei à vossa procura. Que Deus vos dê saúde, respondeu Galahad. Pegou então seu cavalo e partiu. Passou vários dias cavalgando de um lado para outro, deixando-se guiar pela fortuna. Até que lhe aconteceu de deixar uma praça forte ou castelo chamado Abblasoure sem ter assistido a nenhuma missa, coisa que sempre fazia antes de deixar qualquer castelo ou praça forte, cuidando em manter esse costume. Mais adiante, chegou a uma montanha, onde encontrou uma velha capela. No entanto, não havia nada ali, pois tudo ao redor da construção estava desolado. Ajoelhou-se diante do altar e suplicou que Deus lhe desse um conselho salutar. Enquanto rezava, ouviu uma voz que lhe dizia: Ide agora ao castelo das Donzelas, cavaleiro aventureiro, e ponde um fim aos costumes perversos que lá se praticam.

CAPÍTULO XV

Como Sir Galahad enfrentou os cavaleiros do castelo e deu cabo do costume perverso.

Ao ouvir isso, Sir Galahad deu graças a Deus e pegou seu cavalo. Não havia cavalgado nem meia milha quando viu um vale e, à sua frente, um forte castelo com fossos profundos, ao lado do qual corria um belo rio chamado Severn. Ali, encontrou um homem muito idoso. Os dois se saudaram e o cavaleiro perguntou como se chamava aquele castelo. Gentil senhor, respondeu o ancião, trata-se do castelo das Donzelas. Pois é um castelo maldito, retrucou Galahad, como também o são todos os que nele habitam, pois toda piedade se foi deste local e toda audácia e maldade o dominam. Por isso, senhor cavaleiro, disse o ancião, eu vos aconselho a voltar. Pois sabei que não o farei, senhor, disse Galahad. Verificou então as armas, para ter certeza de que nada lhe faltaria, e aprestou o escudo. Logo depois, viu chegarem sete formosas donzelas, que lhe disseram: Senhor cavaleiro, cometeis grande desatino ao cavalgar por aqui, pois tereis que atravessar estas águas. Por que não deveria fazê-lo?, indagou o jovem. Deixou-as para trás e encontrou um escudeiro que lhe disse: Senhor, aqueles cavaleiros do castelo vos desafiam e vos proíbem de seguir adiante sem que saibam o que desejais. Gentil senhor, respondeu Galahad, estou aqui para dar cabo do costume perverso que se pratica neste castelo. Se é o que pretendeis, disse o outro, sabei que tereis muito trabalho. Vai agora, disse Galahad, e prepara tudo que for necessário.

Então, o escudeiro entrou no castelo e, pouco depois, saíram dali sete cavaleiros, todos irmãos. Ao verem Galahad, gritaram: Defendei-vos, cavaleiro, pois tudo que vos garantimos é a morte. Que seja, retrucou o jovem. Quereis me enfrentar todos de uma vez? Sim, responderam os irmãos. Podeis ter certeza disso. Então, Galahad enristou sua lança e derrubou por terra o que vinha mais na frente, quase lhe quebrando o pescoço. Depois disso, os outros desferiram grandes golpes contra seu escudo e, com isso, quebraram suas lanças. Nesse momento, Sir Galahad sacou da espada e investiu contra eles com tamanha fúria que era algo espantoso de se ver. Com sua força, fez com que todos abandonassem o terreno e, então, perseguiu-os, até que eles entraram no castelo para sair por outro portão.

Ali, Galahad encontrou um ancião trajando hábito religioso. Senhor, disse-lhe este, eis aqui as chaves deste castelo. Com elas, o cavaleiro abriu as portas e viu tanta gente pelas ruas que era impossível contar. Sede bem-vindo, senhor, disseram todos, pois faz muito tempo que esperamos por nossa libertação. Então, uma

mulher se aproximou dele e lhe disse: Aqueles cavaleiros fugiram, mas voltarão esta noite para praticar mais uma vez seu perverso costume. O que quereis que eu faça?, perguntou Galahad. Queremos que mandeis chamar todos os cavaleiros que guardam as terras deste castelo, respondeu ela, e façais com que eles jurem adotar os costumes que aqui se praticavam nos velhos tempos. De bom grado o farei, respondeu o jovem. A mulher lhe trouxe um corno de marfim ricamente ornado em ouro e lhe disse: Tocai este corno, senhor, pois ele será ouvido a duas milhas em torno do castelo. Depois de fazer soar o corno, Galahad sentou-se em uma cama.

Então, um capelão se aproximou. Senhor, disse ele, há sete anos esses sete irmãos vieram para este castelo e receberam pousada do senhor deste lugar, que se chamava duque Lianour e era o senhor deste país. Quando viram a filha do duque, uma mulher muito formosa, fingiram uma discussão e uma briga entre eles. Ao ver a cena, o duque quis separá-los e, então, eles o mataram, bem como a seu filho mais velho. Depois, apossaram-se da donzela e do tesouro deste lugar. Usando a força, mantiveram todos os cavaleiros do castelo sob seu domínio, cobrando deles serviços e tributos e também roubando e saqueando o que quer que possuíssem os pobres aldeãos. Um dia, a filha do duque lhes disse: Cometestes grande vilania contra mim matando meu pai e meu irmão, e mantendo nossas terras sob vosso domínio. No entanto, não havereis de possuir este castelo por muitos anos, pois sereis vencido por um único cavaleiro. E, com isso, ela profetizou os sete anos que transcorreram. Pois bem, retrucaram os sete irmãos, já que dizeis isso, jamais passará por este castelo cavaleiro ou dama sem que seja obrigado a ficar aqui contra sua vontade ou, então, morrerá. O que há de durar até que chegue o cavaleiro que nos fará perder este castelo. Por isso o lugar é chamado de castelo das Donzelas, uma vez que, aqui, muitas donzelas foram devoradas. Aquela por quem o castelo se perdeu está aqui?, indagou Galahad. Não, senhor, respondeu o capelão. Ela morreu três noites depois de ter sido assim forçada e, desde então, eles mantêm aqui sua irmã mais moça, que muito padece juntamente com outras damas.

Nesse ínterim, os cavaleiros do país haviam acudido ao chamado e, então, Galahad mandou que eles rendessem homenagem à filha do duque, o que os deixou a todos com o coração apaziguado. Pela manhã, um deles procurou Galahad e lhe contou como Gawaine, Gareth e Uwaine haviam matado os sete irmãos. Parece-me muito bem feito, disse o mancebo. Então, pegou sua armadura, seu cavalo e encomendou todos eles a Deus.

CAPÍTULO XVI

Como Sir Gawaine veio até a abadia ao encalço de Sir Galahad, e como foi ouvido em confissão por um eremita.

Nesse ponto, o conto diz que, depois de partir, Sir Gawaine cavalgou de um lado para outro por vários dias até que, por fim, chegou à abadia onde Sir Galahad havia ganhado o escudo branco. Ali, ficou sabendo que caminho devia seguir para ir atrás do jovem cavaleiro. Dirigiu-se então à abadia onde Sir Melias estava acamado e este lhe contou as assombrosas aventuras realizadas por Sir Galahad. Lamento decerto não ter tomado o mesmo caminho que ele, disse Sir Gawaine, mas, se conseguir encontrá-lo, não sairei facilmente de seu lado, por causa de todas as maravilhosas aventuras que ele leva a cabo. Senhor, disse um dos monges, ele não deseja vossa companhia. Por quê?, perguntou o cavaleiro. Porque sois malvado e pecador, respondeu o religioso, e ele é um santo. Enquanto travavam essa conversa, Sir Gareth chegou cavalgando e os dois muito se alegraram com aquele encontro. Pela manhã, assistiram à missa e se foram. No trajeto, encontraram Sir Uwaine, o Bastardo, que lhes disse que não havia encontrado nenhuma aventura desde que deixara a corte. Nós tampouco, retrucou Sir Gawaine. E os três prometeram que não se separariam enquanto estivessem nessa demanda, a menos que a fortuna os obrigasse a fazê-lo.

Partiram e seguiram cavalgando ao acaso até chegarem perto do castelo das Donzelas. Vendo de longe os três que se aproximavam, os sete irmãos disseram: Já que um único cavaleiro nos fez fugir deste castelo, destruiremos todos os cavaleiros do Rei Arthur que possamos vencer, pois eles amam Sir Galahad. Ao dizerem isso, investiram contra os recém-chegados e, por sorte, Sir Gawaine matou um dos irmãos enquanto seus companheiros mataram dois outros e, depois, os que tinham sobrado. Então, rumaram para o castelo e ali perderam o rastro de Sir Galahad. Diante disso, cada um foi para seu lado. Sir Gawaine cavalgou até chegar a um eremitério, onde encontrou o homem santo recitando suas vésperas a Nossa Senhora, e lhe pediu abrigo por caridade. De bom grado, o homem concordou e, então, lhe perguntou quem ele era.

Senhor, respondeu ele, sou um dos cavaleiros do Rei Arthur que se ocupa da demanda do Santo Graal e meu nome é Sir Gawaine. Gostaria de saber como estais com Deus, disse o ermitão. Com toda boa vontade, respondeu o cavaleiro, gostaria de lhe narrar minha vida, se for de vosso agrado. E contou ao bom homem que um monge de uma abadia o tinha chamado de cavaleiro malvado. E ele estava

certo, disse o ermitão, pois, quando fostes sagrado cavaleiro, deveríeis vos ter devotado a façanhas de cavalaria e a uma vida venturosa. No entanto, fizestes o contrário, vivendo malvadamente muitos invernos. Já Sir Galahad é virgem e jamais pecou. É por isso que, aonde quer que vá, consegue levar a cabo o que nem vós nem ninguém mais levará. Nenhum homem de vossa companhia poderá fazê-lo, pois haveis levado a vida mais imperfeita que jamais ouvi contar de outro cavaleiro. Com toda certeza, se não fôsseis tão malvado quanto sois, os sete irmãos não teriam sido mortos por vós e vossos dois companheiros. Sozinho, Sir Galahad os tinha vencido na véspera, mas sua vida é tão reta que dificilmente matará qualquer homem que seja. Posso também vos dizer que o castelo das Donzelas representa as boas almas que estiveram prisioneiras antes da Encarnação de Jesus Cristo, e os sete cavaleiros, os sete pecados mortais que reinavam no mundo naquele tempo. Posso comparar o bom Galahad com o filho do Altíssimo Pai, que se fez carne no ventre de uma donzela e redimiu todas as almas da servidão. Assim também Sir Galahad libertou todas as donzelas daquele castelo infeliz.

Agora, Sir Gawaine, acrescentou o bom homem, deveis fazer penitência por vosso pecado. Que penitência, senhor?, perguntou o cavaleiro. A que vou vos impor, respondeu o eremita. Não, retrucou Sir Gawaine, não posso fazer penitência alguma, porque nós, cavaleiros e aventureiros, sofremos com frequência muitos padecimentos e dores. Pois que seja, disse o bom homem. E se calou. Pela manhã, Sir Gawaine se despediu do ermitão e o encomendou a Deus. Por acaso, encontrou Sir Aglovale e Sir Griflet, dois cavaleiros da Távola Redonda. Seguiram então cavalgando juntos por quatro dias sem topar com nenhuma aventura. No quinto dia, se separaram, cada qual seguindo seu caminho para onde a fortuna os quisesse levar. Aqui, o conto deixa Sir Gawaine e seus companheiros e volta a falar de Sir Galahad.

CAPÍTULO XVII

Como Sir Galahad se encontrou com Sir Lancelote e Sir Percival, derrubou-os e, depois, afastou-se deles.

Depois de deixar o castelo das Donzelas, Sir Galahad cavalgou até chegar a uma floresta desolada, onde se encontrou com Sir Lancelote e Sir Percival. Estes, porém, não o reconheceram, pois o jovem havia acabado de se disfarçar. De imediato, Sir Lancelote, seu pai, enristou a lança e a quebrou sobre Sir Galahad, mas o jovem também o feriu, jogando por terra homem e montaria. Sacou então da espada e investiu contra Sir Percival, desfechando-lhe tamanho golpe na parte superior do elmo que a lâmina o rachou até a coifa de aço. Se a espada não houvesse resvalado, Sir Percival teria morrido ali mesmo, mas, com o impacto, caiu da sela do cavalo. Tal justa se realizou diante do eremitério onde vivia uma reclusa, que, quando viu Sir Galahad, lhe disse: Que Deus esteja convosco, melhor cavaleiro do mundo. Decerto, prosseguiu ela, falando bem alto para que os outros pudessem ouvi-la, se estes dois cavaleiros vos tivessem reconhecido como eu, não teriam vos enfrentado. Ao ouvir isso, Sir Galahad temeu ser reconhecido e esporeou seu cavalo para partir a toda velocidade. Só então os dois se deram conta de que aquele era Sir Galahad. Montaram o mais depressa possível e correram em seu encalço, mas, em pouco tempo, já o tinham perdido de vista e voltaram muito pesarosos. Perguntemos a esta reclusa, sugeriu Sir Percival. Como queirais, disse Sir Lancelote.

Quando o primeiro se aproximou da eremita, ela o reconheceu perfeitamente, como também reconheceu Sir Lancelote. Este, porém, saiu cavalgando de um lado para outro numa floresta selvagem, sem seguir caminho algum, como se apenas a fortuna o guiasse. Por fim, chegou a uma cruz de pedra a partir da qual seguiam dois caminhos percorrendo uma terra desolada. Junto à cruz, havia uma pedra de mármore, mas estava tão escuro que Sir Lancelote não pôde distinguir de que se tratava. Olhou então ao redor, avistou uma velha capela e imaginou que encontraria alguém ali. Amarrou o cavalo a uma árvore, tirou o escudo e o pendurou em outra árvore. Encaminhou-se para a porta da tal capela e percebeu que ela estava inteiramente destroçada. Em seu interior, havia um belo altar, ricamente adornado com panos de seda pura e um formoso candelabro com seis grandes círios. E esse candelabro era de prata. A iluminação lhe deu grande desejo de entrar, mas não encontrou lugar algum por onde pudesse passar e, lamentando-se, desanimado, voltou até onde estava seu cavalo. Tirou a sela e as rédeas do animal para deixá-lo

pastar, desatou o próprio elmo, tirou a espada da cinta e se deitou para dormir recostado em seu escudo, bem diante da cruz.

CAPÍTULO XVIII

Como Sir Lancelote, meio dormindo, meio acordado, viu um homem doente ser transportado em uma liteira, e como ele foi curado pelo Santo Graal.

Ficou deitado ali e, entre sono e vigília, viu passar à sua frente dois belos palafréns brancos que puxavam uma liteira onde jazia um cavaleiro enfermo. Quando chegaram perto da cruz, o doente quis parar e, por não estar propriamente adormecido, Sir Lancelote pôde observar a cena toda e ouvi-lo dizer: Oh, doce Senhor! Quando este sofrimento haverá de me deixar? Quando virá até mim o sagrado vaso pelo qual serei abençoado? Pois já faz tempo que padeço por delito tão pequeno. Tal cavaleiro ficou assim por um bom tempo e Sir Lancelote continuava a ouvi-lo. Nesse momento, percebeu que o candelabro com os seis círios vinha se aproximando, embora não visse ninguém que o estivesse carregando. Aproximava-se também uma mesa de prata e, sobre ela, o vaso sagrado do Santo Graal que Lancelote havia visto antes na casa do Rei Petchere. Foi então que o cavaleiro enfermo ergueu ambas as mãos, dizendo: Doce Senhor que estais aí neste vaso sagrado, escutai-me e fazei com que eu me cure desta enfermidade. Em seguida, andou apoiando-se nas mãos e nos joelhos, chegou bem perto do vaso sagrado, tocou-o e o beijou. No mesmo instante, ficou curado. Senhor Deus, exclamou ele então, eu vos dou graças pois me haveis curado deste mal!

Depois de ficar parado ali por um bom tempo, o vaso sagrado retornou à capela com o candelabro e sua luz, de tal forma que Lancelote não pôde ver por onde ele havia passado. Como estava dominado pelo pecado, não tinha condições de se erguer diante daquele objeto santo e, por esse motivo, muitos o difamaram, embora ele tenha se arrependido mais tarde. Levantou-se então o cavaleiro enfermo, beijou a cruz, e logo seu escudeiro lhe trouxe suas armas e lhe perguntou como ele estava. Decerto dou muitas graças a Deus, respondeu o homem, pois fui curado pelo vaso sagrado. Mas espanta-me ver que este cavaleiro adormecido não tenha despertado quando o santo objeto foi trazido até aqui. Atrevo-me a dizer, comentou o escudeiro, que ele vive com algum pecado mortal que jamais confessou. Por minha fé, disse o cavaleiro, seja ele quem for, é sem dúvida um infeliz, pois creio que faz parte da companhia da Távola Redonda e está participando da demanda do Santo Graal. Senhor, disse o escudeiro, eu vos trouxe todas as vossas armas, à exceção do elmo e da espada. Portanto, em minha opinião, podeis pegar o elmo e a espada deste cavaleiro. E assim foi feito. Depois

de se armar, o homem pegou o cavalo de Sir Lancelote, que era melhor do que o seu, e os dois se afastaram da cruz.



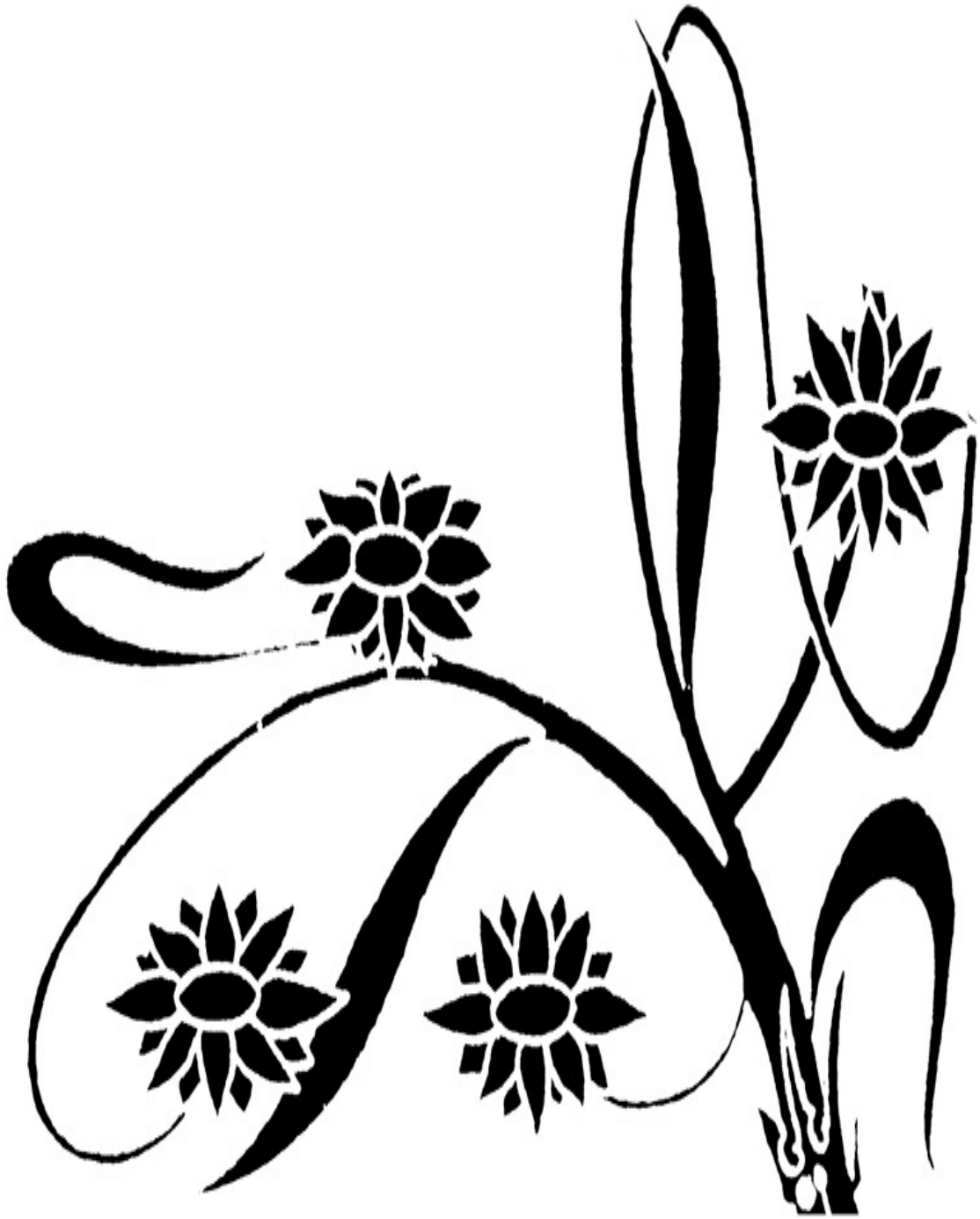
CAPÍTULO XIX

Como uma voz falou com Sir Lancelote, e como ele descobriu que seu cavalo e seu elmo haviam desaparecido, e, depois disso, seguiu caminho a pé.

Logo depois, Sir Lancelote acordou, levantou-se e pôs-se a pensar no que havia visto ali, perguntando-se se teria sido um sonho ou não. Nesse momento, ouviu uma voz que dizia: Sir Lancelote, sois mais duro que a pedra, mais amargo que a madeira, mais nu e despido que a folha da figueira. Por isso, ide embora daqui e retirai-vos deste local sagrado. Ao ouvir isso, o cavaleiro ficou muito pesaroso, sem saber o que fazer. Tratou de se afastar, chorando de tristeza e maldizendo a hora em que tinha nascido, pois acreditava que jamais teria honra. Tais palavras lhe atormentaram o coração até que compreendeu por que era tratado dessa forma. Afastou-se então daquela cruz e descobriu que haviam levado seu elmo, sua espada e seu cavalo. Considerou-se então o mais desafortunado e o mais infeliz de todos os cavaleiros. Meu pecado e minha maldade trouxeram-me grande desonra, disse ele. Quando procurei aventuras mundanas por desejos mundanos, sempre consegui levá-las a cabo e saí vencedor em todos os lugares, jamais sendo vencido em nenhuma disputa, fosse ela justa ou injusta. Agora que resolvi empreender a aventura das coisas sagradas, vejo e entendo que o velho pecado me transtorna e me faz injúria, a tal ponto que não tive forças para me mexer nem falar quando o sangue sagrado apareceu diante de mim. Chorou então até o raiar do dia e, quando ouviu o canto das aves, sentiu-se um pouco mais reconfortado. Quando, porém, deu por falta de seu cavalo e de seu arnês, compreendeu que Deus estava descontente com ele.

Foi-se embora a pé, adentrou uma floresta e, por volta da hora de prima, chegou a um morro onde havia um eremitério e um ermitão que ia celebrar uma missa. Então, Sir Lancelote se ajoelhou e implorou misericórdia a Nosso Senhor pelos seus maus atos. Terminada a missa, chamou o eremita e lhe rogou que, por caridade, ouvisse o relato de sua vida. De bom grado o farei, disse o bom homem. Sois da corte do Rei Arthur, senhor? Da companhia da Távola Redonda? Em verdade, sim. Meu nome é Sir Lancelote do Lago, de quem se fala muito bem, mas, agora, minha boa fortuna mudou, pois sou o homem mais desditoso do mundo. O ermitão o fitou longamente e se surpreendeu ao vê-lo assim, transtornado. Senhor, disse ele então, mais que ninguém, deveríeis dar graças a Deus, pois Ele vos fez ter mais honra mundana do que qualquer outro cavaleiro que hoje vive. Foi por vossa presunção, ao se pôr em Sua presença, no local onde se encontravam Sua

carne e Seu sangue apesar de estar em pecado mortal, que não pudestes vê-Lo com olhos mundanos, pois Ele não quer aparecer onde estão tais pecadores, a menos que seja para lhes causar sofrimento e vergonha. Mais que qualquer outro cavaleiro, devíeis dar graças a Deus, já que Ele vos concedeu beleza, galhardia e uma grande força como a ninguém mais. Por isso, mais do que qualquer outro homem, estais obrigado a amá-Lo e a temê-Lo, uma vez que de nada vos servem vossa força e vossa valentia se Deus estiver contra vós.



CAPÍTULO XX

Como Sir Lancelote foi ouvido em confissão; como se entristeceu; e sobre os bons exemplos que lhe foram apresentados.

Então, extremamente pesaroso, Sir Lancelote chorou e disse: Agora bem sei que estais dizendo a verdade. Senhor, disse o bom homem, não me oculteis nenhum de vossos velhos pecados. Sinceramente, respondeu o cavaleiro, muito me desagrada revelá-los, pois, nestes 14 anos, jamais revelei algo que venho fazendo e que agora sei que pode ser minha vergonha e minha desventura. E contou ao eremita toda sua vida, dizendo-lhe como havia amado imensa e desmesuradamente uma rainha por muito tempo. Disse-lhe ainda que todos os grandes feitos de armas que havia realizado foram em sua maior parte motivados pela rainha e que por ela travaria qualquer batalha, fosse justa ou injusta. Contou-lhe que nunca travara batalha apenas por Deus, mas sim para conquistar honra e ser mais amado, e poucas vezes, ou mesmo nunca, dera graças a Deus por isso. Rogo-vos, pois, que me aconselheis, acrescentou enfim. Eu o farei, respondeu o ermitão, se me prometerdes não mais voltar à companhia dessa rainha sempre que for possível evitá-lo. E Sir Lancelote prometeu fazê-lo, por sua fé. Cuidai para que vosso coração e vossa boca estejam sempre de acordo, disse o bom homem, e eu vos asseguro que tereis mais honra do que jamais tivestes na vida.

Santo Padre, declarou o cavaleiro, estou assombrado com a voz que me disse palavras maravilhosas como vos contei antes. Não há com que se assombrar, disse o ermitão, pois parece que Deus vos ama. Pode-se entender que uma pedra é dura por natureza e algumas mais que outras. Quanto a vós, Sir Lancelote, podeis compreender que não quereis deixar vosso pecado por maiores que sejam as bondades que Deus vos tenha enviado. Assim sendo, sois mais duro que qualquer pedra e não quereis vos abrandar nem por água, nem por fogo. É por isso que o calor do Espírito Santo não pode entrar em vós. Prestai atenção: no mundo inteiro não se há de encontrar cavaleiro a quem Nosso Senhor tenha concedido tanta graça quanto a vós, pois Ele vos deu beleza e galhardia, vos deu sabedoria e discernimento para distinguir o bem do mal, vos deu habilidade e ousadia e tanto trabalho que todos os dias recebestes o melhor por onde quer que tenhas passado. Agora, Nosso Senhor não deseja vos conceder mais nada, a menos que, querendo ou não, vós O reconheçais. Se a voz disse que éreis mais amargo que a madeira foi porque, onde existe muito pecado, pode haver muito pouca doçura e, por este motivo, sois semelhante a uma árvore apodrecida.

Já vos mostrei por que sois mais duro que a pedra e mais amargo que a árvore. Agora, mostrar-vos-ei por que sois mais nu e despido do que a figueira. Aconteceu que Nosso Senhor pregou em Jerusalém no domingo de Ramos e encontrou toda a dureza na gente do lugar, não havendo em toda a cidade uma única pessoa que O quisesse abrigar. Deixou então aquele local e, na metade do caminho, avistou uma figueira muito bela e frondosa, mas que não tinha nenhum fruto. Então, Nosso Senhor amaldiçoou aquela árvore sem frutos. Essa figueira representa Jerusalém, repleta de folhas e sem nenhum fruto. O mesmo se deu convosco, Sir Lancelote, quando o Santo Graal foi trazido à vossa presença. O vaso sagrado não encontrou em vós nenhum fruto, nem bom pensamento, nem boa vontade. Tudo que viu foi alguém inteiramente sujo de luxúria. É bem verdade tudo que dissestes, concordou o cavaleiro, e, de agora em diante, proponho-me, com a graça de Deus, a não ser tão malvado quanto tenho sido e apenas seguir a cavalaria e realizar façanhas de armas. Então o bom homem impôs a Sir Lancelote uma penitência que ele seria capaz de cumprir e seguir a cavalaria. Depois, deu-lhe a absolvição e lhe rogou que permanecesse com ele por todo aquele dia. Aceito de bom grado, respondeu o cavaleiro, pois não tenho elmo, nem cavalo, nem espada. Quanto a isso, disse o ermitão, hei de vos ajudar amanhã, antes que anoiteça, com um bom cavalo e tudo que vos pertencia.

Aqui deixamos a história de Sir Lancelote. Segue-se a de Sir Percival de Gales, que é o tema do décimo quarto livro.

LIVRO XIV





CAPÍTULO I

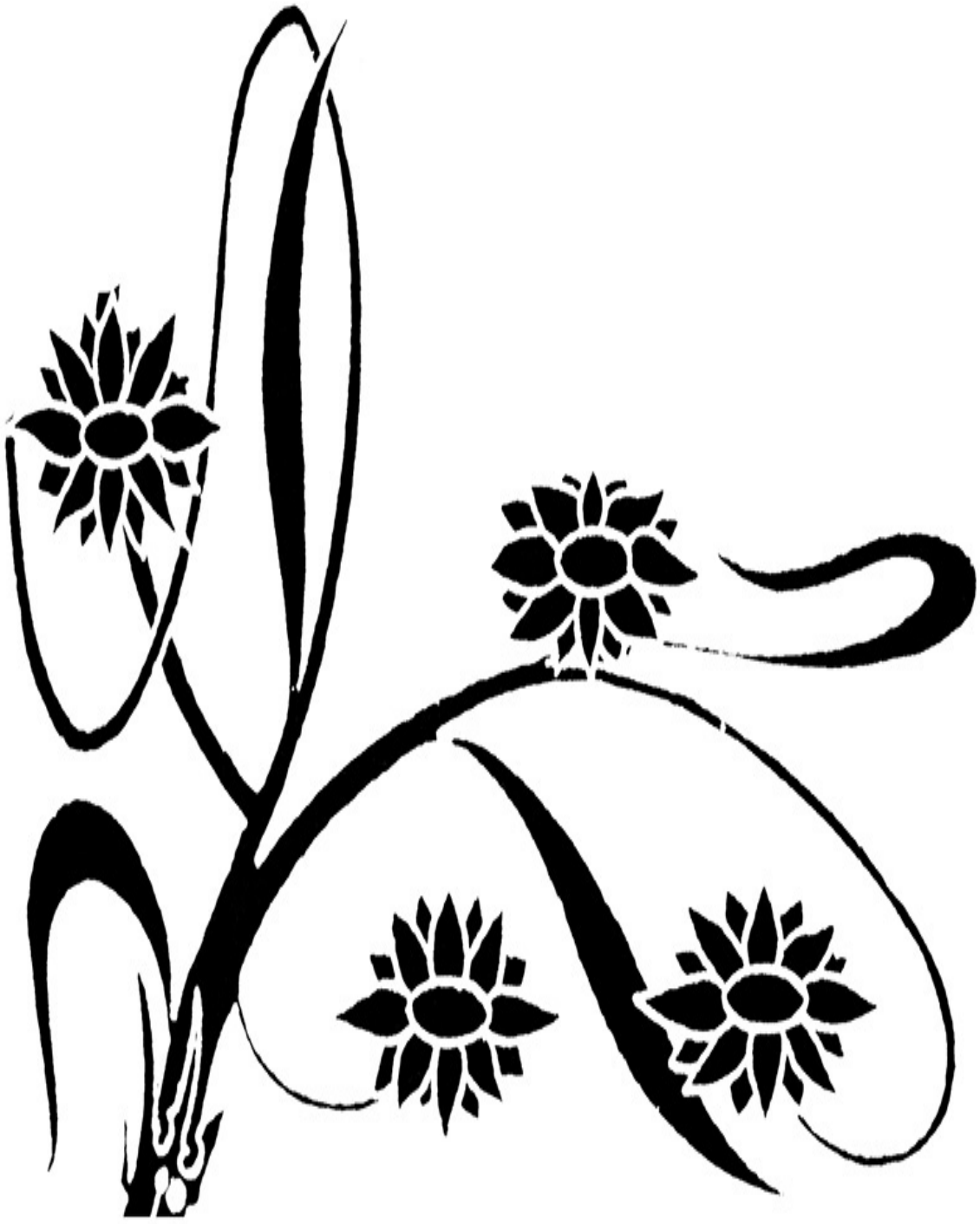
Como Sir Percival procurou uma reclusa e lhe pediu conselhos, e como ela lhe disse que era sua tia.



gora o conto relata que, enquanto Sir Lancelote cavalgou ao encalço de Sir Galahad, que teve todas aquelas aventuras já narradas, Sir Percival voltou para onde estava a reclusa, pensando obter dela notícias sobre aquele cavaleiro que Sir Lancelote seguia. Ajoelhou-se diante de sua janela e a mulher a abriu, perguntando-lhe o que queria. Senhora, disse ele, sou cavaleiro da corte do Rei Arthur e meu nome é Sir Percival de Gales. Ao ouvir seu nome, a mulher ficou muito contente, pois sempre o amara muito, mais que a nenhum outro cavaleiro, atitude que seria de se esperar, já que era sua tia. Mandou então que lhe abrissem as portas e lhe deu a melhor acolhida possível, pondo à sua disposição tudo que pudesse lhe oferecer.

Pela manhã, Sir Percival foi procurá-la e lhe perguntou se ela conhecia o cavaleiro do escudo branco. Senhor, indagou ela, por que quereis saber isso? Na verdade, senhora, respondeu Sir Percival, não terei sossego até conhecer a companhia de tal cavaleiro e poder lutar com ele, pois não posso deixa-lo ir assim, com tanta facilidade, uma vez que ainda me ressinto da afronta que me fez. Ah, Percival!, exclamou a reclusa. Quereis lutar com ele? Bem vejo que tendes grande desejo de morrer como vosso pai, em situação extrema. Por vossas palavras, senhora, retrucou o cavaleiro, parece que me conheceis. Pois claro que tenho que vos conhecer, já que sou vossa tia, embora esteja em um mosteiro. Em outros tempos, eu me chamava Rainha das Terras Desoladas e era considerada a soberana mais rica do mundo, mas minhas riquezas jamais me agradaram tanto quanto me agrada agora minha pobreza. Então, Sir Percival chorou de pura emoção ao saber que aquela mulher era sua tia. Ah, gentil sobrinho, perguntou ela, quando tivestes notícias de vossa mãe? Na verdade, não tenho notícia alguma dela, apesar de vê-la em sonhos com frequência. Nem sei, portanto, se está viva ou morta. Devo dizer-vos, gentil sobrinho, prosseguiu a reclusa, que vossa mãe está morta,

porque, depois que partistes, ela foi tomada por tamanho sofrimento que, em pouco tempo, logo depois de se confessar, faleceu. Que Deus tenha piedade de sua alma, disse o cavaleiro. Muito me aflige saber disso, mas todos precisamos mudar de vida. E, gentil tia, podeis me dizer quem é o tal cavaleiro? Creio que era o mesmo que trajava vermelho no domingo de Pentecostes. Pois sabei que é ele mesmo, já que não devia fazer outra coisa a não ser portar arnês vermelho. Esse cavaleiro não tem igual: tudo que realiza é por milagre e jamais será vencido pelas mãos de nenhum homem terreno.



CAPÍTULO II

Como Merlin comparou a Távola Redonda ao mundo, e como deveriam ser conhecidos os cavaleiros encarregados de conquistar o Santo Graal.

Merlin também fez a Távola Redonda como representação da forma do mundo, pois ela representa este mundo de forma completa, já que todos, cristãos e pagãos, são por ela acolhidos e, quando são escolhidos para integrar a companhia da Távola Redonda, consideram-se mais felizes e com mais honra do que se houvessem ganhado metade da terra. Vistes que perderam seus pais e toda sua linhagem, e também esposas e filhos para fazerem parte de vossa companhia. Pudestes vê-lo por vós mesmo, uma vez que, desde que deixastes vossa mãe, não quis voltar a vê-la, por vos encontrardes entre os cavaleiros da Távola Redonda. Quando Merlin fez a Távola Redonda, disse que, por serem seus membros quem eram, através dela seria conhecida a verdade do Santo Graal. Perguntaram-lhe como poderiam saber quem se sairia melhor e levaria a cabo a demanda do Santo Graal. Ele respondeu então que havia três touros brancos que realizariam tal tarefa, dois dos quais seriam virgens, e o terceiro, casto. Disse ainda que um dos três sobrepujaria o próprio pai como o leão supera o leopardo em força e ousadia.

E aqueles que o ouviam disseram: Já que virá tal cavaleiro, deves usar tuas artes para fazer uma cadeira na qual não se sente nenhum outro homem a não ser aquele que há de sobrepujar todos os demais cavaleiros. E Merlin respondeu que assim o faria. Por isso, fez a Cadeira Perigosa, na qual Sir Galahad se sentou para cear no último domingo de Pentecostes. Agora, senhora, disse Sir Percival, depois de tudo que ouvi de vós, por minha vontade jamais quero me haver com Sir Galahad senão de forma cortês. E, pelo amor de Deus, gentil tia, podeis me indicar algum caminho que me leve até ele? Pois gostaria imensamente de estar em sua companhia. Gentil sobrinho, respondeu a reclusa, deveis ir a um castelo chamado Goothe, onde vive um primo-irmão desse cavaleiro, e podereis passar a noite lá. Tratai de seguir o mais depressa possível as indicações que ele vos der e, caso esse primo não possa vos dar notícias dele, ide diretamente ao castelo de Carbonek, onde jaz o rei aleijado, pois ali tereis notícias confiáveis.

CAPÍTULO III

Como Sir Percival chegou a um monastério onde encontrou o Rei Evelake, que era um ancião.

Então, Sir Percival se despediu de sua tia, ambos lamentando muito esse momento. O cavaleiro seguiu até a hora de vésperas, quando ouviu o som de um relógio e avistou ao longe uma casa bem cercada por muros e fossos profundos. Bateu à porta e deixaram-no entrar. Depois de se apear, foi conduzido a um quarto onde logo vieram desarmá-lo, e recebeu ali excelente acolhida por toda a noite. Pela manhã, foi assistir à missa e encontrou, no monastério, um capelão já preparado diante do altar. Do lado direito, havia um oratório fechado por uma tela de ferro e, atrás do altar, um belo e rico leito que parecia de seda e ouro.

Nesse instante, Sir Percival percebeu que, nessa cama, jazia um homem ou uma mulher, pois o vulto tinha o rosto coberto. Parou de olhar para concentrar a atenção no serviço religioso. Quando chegou a hora da consagração, a pessoa ali deitada ergueu o corpo e descobriu a cabeça. Então, o cavaleiro teve a impressão de se tratar de um homem muito idoso que trazia uma coroa de ouro na cabeça, além de ter os ombros nus e o torso descoberto até a altura do umbigo. Sir Percival percebeu também que ele tinha o corpo inteiro, costas, braços e rosto, coberto de grandes feridas. O ancião estendeu as mãos em direção ao corpo de Nosso Senhor e suplicou: Gentil e doce Pai, Jesus Cristo, não vos esqueçais de mim. E voltou a se deitar, continuando com suas súplicas e orações. Aos olhos do cavaleiro, aquele homem devia ter um trezentos invernos de idade. No fim da missa, o capelão pegou o corpo de Nosso Senhor e o levou ao rei enfermo, que, depois de recebê-lo, tirou a coroa e mandou que a pusessem sobre o altar.

Então, Sir Percival perguntou a um dos irmãos quem ele era. Senhor, disse o bom homem, deveis ter ouvido falar muito de José de Arimateia, que foi enviado por Jesus Cristo a esta terra para ensinar e pregar a fé cristã e que, por este motivo, sofreu inúmeras perseguições por parte dos inimigos de Cristo. Na cidade de Sarras, ele converteu um rei chamado Evelake, que o acompanhou até esta terra e sempre batalhou para estar onde estivesse o Santo Graal. Em certa ocasião, chegou tão perto que Nosso Senhor se aborreceu com ele. O rei, porém, jamais deixou de segui-lo, até que Deus o deixou quase cego. Ele então suplicou piedade e disse: Gentil senhor, não me deixeis morrer até que chegue o bom cavaleiro de meu sangue, da nona geração, para que eu possa ver com meus próprios olhos e beijar aquele que há de levar a cabo a demanda do Santo Graal.

CAPÍTULO IV

Como Sir Percival viu diversos homens de armas transportando um cavaleiro morto, e como os enfrentou.

Depois de fazer suas preces, o rei ouviu uma voz que dizia: Tuas preces foram ouvidas e não morrerás até o teres beijado. Quando esse cavaleiro chegar, a luz voltará a teus olhos e poderás ver claramente, tuas chagas ficarão curadas, mas não antes disso. Foi o que aconteceu com o Rei Evelake, que, por trezentos invernos, viveu uma vida santa e, pelo que dizem, já está na corte o cavaleiro que há de curá-lo. Senhor, acrescentou o religioso, rogo-vos que me digais quem sois, se sois da corte do Rei Arthur e membro da Távola Redonda. Na verdade, sim, respondeu o cavaleiro, e meu nome é Sir Percival de Gales. Ao ouvir seu nome, o bom homem se mostrou muito contente.

Então, Sir Percival partiu e cavalgou até a hora nona, quando encontrou cerca de vinte homens de armas que transportavam, numa liteira, um cavaleiro mortalmente ferido. Quando esses homens o viram, perguntaram-lhe de onde era. Da corte do Rei Arthur, respondeu o cavaleiro. Todos então gritaram a um só tempo: Matemo-lo! Sir Percival, porém, derrubou por terra o primeiro deles e seu cavalo sobre seu corpo. Em seguida, sete dos cavaleiros atingiram seu escudo de uma só vez e os demais mataram seu cavalo, fazendo-o cair no chão. Teriam-no matado ou aprisionado ali mesmo se não fosse o fato de o bom cavaleiro Sir Galahad passar por aquele local com suas armas vermelhas. Quando este viu tal quantidade de homens atacando um único, gritou: Poupai a vida desse cavaleiro! E investiu contra os vinte homens de armas com a maior velocidade que seu cavalo podia alcançar. Lança em riste, derrubou os homens e os animais que vinham na frente, e, depois de quebrar sua lança, empunhou a espada, desferindo tais golpes a torto e a direito que era assombroso ver. A cada estocada, derrubava ou feria um deles e, com isso, os homens não quiseram prosseguir na luta, fugindo para uma floresta densa. Sir Galahad os seguiu, e quando Sir Percival o viu correr assim atrás deles, muito se lamentou por haver perdido seu cavalo.

E logo soube que se tratava de Sir Galahad. Ah, gentil cavaleiro, gritou, esperai e deixai que eu vos agradeça, pois muito fizestes por mim. Mas Sir Galahad cavalgava tão depressa que logo desapareceu de sua vista. Sir Percival se pôs então a correr a pé, gritando, até que encontrou um criado montado em uma égua esguia e levando pela rédea um corcel mais negro do que qualquer urso. Gentil amigo, disse Sir Percival, farei sempre o que puder por ti e serei teu leal

cavaleiro onde quer que o desejes, contanto que me emprestes esse corcel negro para que eu possa alcançar um cavaleiro que vai bem à minha frente. Senhor cavaleiro, respondeu o homem, rogo-vos que me desculpeis, mas não posso consentir. Sabei que este animal pertence a um homem tão feroz que, se eu o emprestasse a vós ou a quem quer que fosse, ele me mataria. Ai!, exclamou Sir Percival. Nunca lamentei tanto alguma coisa como perder esse cavalo agora. Senhor, disse o outro, sinto muito, pois vejo que um bom cavalo seria muito conveniente para vós, mas não me atrevo a vos entregar este animal, a menos que o roubeis de mim. Isso é algo que não desejo fazer, respondeu o cavaleiro. Separaram-se, pois, e Sir Percival se sentou ao pé de uma árvore, lamentando-se imensamente. Enquanto estava ali, chegou um cavaleiro montado no cavalo que o tal criado conduzia antes, e vinha inteiramente armado.



CAPÍTULO V

Como um serviçal quis recuperar um cavalo; como a égua de Sir Percival foi morta e como este conseguiu outra montaria.

Pouco depois, chegou o tal criado esporeando o cavalo para fazê-lo correr o mais depressa possível. Ao encontrar Sir Percival, perguntou-lhe se teria visto um cavaleiro montando um corcel. Vi, sim, respondeu ele. Por que a pergunta? Ah, senhor, disse o homem, ele se apoderou do animal à força e, por isso, meu senhor vai me matar assim que me vir. O que queres que eu faça?, perguntou Sir Percival. Como podes ver, estou a pé, mas se pudesse dispor de uma boa montaria, logo o traria de volta. Pegai minha égua, senhor, e fazei o que puderdes. Eu vos seguirei a pé para ver como vos saís. Então, o cavaleiro montou na égua e correu o mais depressa que podia até que, por fim, avistou aquele que montava o corcel negro. Voltai, cavaleiro!, gritou ele. O outro obedeceu, mas, com a lança, feriu a égua de Sir Percival bem no meio do peito, fazendo-a cair morta no chão e provocando uma séria queda de seu ginete. Feito isso, seguiu seu caminho. Enfurecido, Sir Percival gritou: Esperai, cavaleiro cruel! Cavaleiro traidor e covarde! Voltai e lutai comigo a pé. O outro não respondeu, limitando-se a seguir em frente.

Vendo que seu adversário não pretendia voltar, Sir Percival atirou longe seu elmo e sua espada. Agora, sou efetivamente o mais desditoso, desventurado e maldito de todos os cavaleiros, bradou ele. Passou o dia inteiro, até o anoitecer, sentindo imensa angústia. Por fim, enfraquecido, deitou-se e dormiu até a meia-noite. Quando despertou, viu diante de si uma mulher que lhe perguntou em tom feroz: Sir Percival, o que fazeis aqui? Não faço nem bem, nem mal, respondeu ele. Se me prometeis fazer minha vontade quando eu assim o pedir, vos emprestarei meu próprio cavalo, que vos levará onde quiserdes. O cavaleiro ficou feliz com aquele oferecimento e lhe prometeu que faria tudo que ela pedisse. Esperai-me aqui e vou vos trazer um cavalo. Logo voltou trazendo consigo um animal negro retinto. Ao vê-lo, Sir Percival ficou assombrado com o tamanho e todo o aparato que cercava aquela montaria. Ousado como era, não hesitou em saltar sobre o cavalo, esporeou-o e se embrenhou por uma floresta iluminada pela luz da lua. Ao cabo de uma hora, ou menos, o animal o havia levado a quatro jornadas dali até chegarem à beira de um rio turbulento e ruidoso, e o cavalo quis atirar-se naquelas águas.

CAPÍTULO VI

Sobre o grande perigo que Sir Percival correu montando aquele cavalo, e como ele viu uma serpente lutando com um leão.

Quando chegou à margem do tal rio e viu suas águas tão turbulentas, Sir Percival ficou com medo de atravessá-lo. Fez o sinal de cruz na própria testa e, ao se sentir assim atacado, o demônio saiu dele atirando-se naquelas águas aos gritos e rugidos, lamentando-se profundamente. Sir Percival teve a impressão de que aquele rio estava ardendo e, então, percebeu que era um demônio pretendendo levá-lo à perdição. Encomendou-se a Deus, pediu a Nosso Senhor que o protegesse de todas aquelas tentações e passou a noite inteira rezando, até o amanhecer. Viu que estava em uma montanha escarpada quase inteiramente cercada pelo mar. Não se via terra alguma que pudesse lhe trazer algum alívio, apenas animais selvagens.

Embrenhou-se então por um vale, onde viu uma jovem serpente que passou à sua frente carregando um filhote de leão pelo pescoço. Nesse ínterim, surgiu um leão adulto gritando, rugindo e perseguindo a tal serpente. Ao ver isso, Sir Percival ficou assombrado e correu atrás deles. No entanto, assim que o leão alcançou a cobra, começou a lutar com ela. O cavaleiro pensou em ajudar o felino, pois era a fera mais natural das duas. Sem mais tardar, sacou da espada, ergueu o escudo e desferiu tamanho golpe sobre a serpente que a matou. Diante disso, o leão não fez nenhuma menção de enfrentá-lo, muito pelo contrário: deu-lhe todas as demonstrações de satisfação que um animal pode dar a um homem. Ao perceber isso, Sir Percival baixou o escudo, que já estava bem destruído, e tirou o elmo para retomar o fôlego, pois sentia-se bastante encalorado depois de combater a serpente. O leão continuou junto dele, fazendo-lhe carinhos como um cachorro. O cavaleiro então lhe acariciou o pescoço e o lombo, dando graças a Deus pela companhia daquele animal. Por volta do meio-dia, o leão pegou seu filhote e o levou embora pelo mesmo local de onde tinha vindo, deixando o cavaleiro sozinho.

Como relata o conto, naquele tempo, ele era um dos homens que mais acreditava em Nosso Senhor Jesus Cristo no mundo, pois havia, naqueles dias, muito pouca gente cuja fé fosse verdadeira, e o filho não poupava o próprio pai mais do que a um estranho. Sir Percival se reconfortou com Nosso Senhor Jesus e suplicou a Deus que nenhuma tentação viesse afastá-lo do serviço divino, mas que Ele o sustentasse como Seu verdadeiro defensor. Depois de fazer essas orações,

viu o leão se aproximar e se deitar a seus pés. Os dois dormiram juntos durante toda aquela noite e, quando o cavaleiro pegou no sono, teve um sonho maravilhoso: duas damas chegavam onde ele estava; uma vinha montada em um leão e a outra, em uma serpente; uma era jovem e a outra, velha, e pareceu-lhe que a mais jovem lhe falava. Sir Percival, disse ela, meu senhor te saúda e manda que te armes e te prepares, porque amanhã haverás de lutar contra o mais forte campeão do mundo. Se fores vencido, não escaparás de perder um de teus membros e a vergonha descerá sobre ti para sempre, até o fim dos tempos. O cavaleiro lhe perguntou então quem era seu senhor. A jovem lhe respondeu que era o maior senhor de todo o mundo. Depois disso, partiu tão subitamente que ele não saberia dizer por onde.

CAPÍTULO VII

Sobre a visão que teve Sir Percival; como tal visão foi esclarecida; e sobre seu leão.

Então, a dama que cavalgava a serpente se aproximou e disse: Sir Percival, minha queixa contra vós é que tenhais feito isso comigo sem que eu vos houvesse ofendido. Decerto, senhora, respondeu o cavaleiro, jamais ofendi nem a vós nem a qualquer outra dama. Ofendeu, sim, retrucou ela, e vou vos dizer por quê. Durante muito tempo, criei neste local uma serpente que me serviu por anos a fio e, ontem, vós a matastes quando ela levava sua presa. Dizei-me por que a matastes, já que o leão não vos pertencia. Bem sei que o leão não era meu, senhora, respondeu Sir Percival, mas fiz o que fiz porque o leão é de natureza mais gentil do que a serpente. Foi por isso que a matei, mas creio que não vos fiz mal algum. O que quereis que eu faça? Desejo, respondeu ela, que para compensar a perda de meu animal, vós vos torneis meu homem. Isso é algo que não quero vos conceder, retrucou o cavaleiro. Não?, perguntou ela. Na verdade, fostes sempre meu servidor desde que recebestes a homenagem de Nosso Senhor Jesus Cristo. Asseguro-vos, pois, que onde eu puder vos achar distraído, haverei de me apossar de vós como aquele que em outros tempos foi meu homem. Assim, foi-se embora, deixando Sir Percival ali dormindo, e este se sentiu bem cansado por causa daquela visão. Pela manhã, levantou-se e persignou-se, mas sentia-se muito enfraquecido.

Voltou-se para fitar o mar e viu que um navio navegava em sua direção. Ao se aproximar, Sir Percival percebeu que a embarcação estava coberta de brocado branco por dentro e por fora. Nela, havia um ancião vestindo uma sobrepeliz, como se fosse um capelão. Sede bem-vindo, senhor, disse o cavaleiro. Que Deus vos proteja, respondeu o bom homem. De onde sois? Sou da corte do Rei Arthur, senhor, disse ele. Sou cavaleiro da Távola Redonda e estou participando da demanda do Santo Graal. Encontro-me aqui profundamente triste, pois não é provável que consiga escapar destes ermos. Não temais, disse o ancião. Se sois tão verdadeiro cavaleiro como exige a ordem da cavalaria, e de coração, como deveis ser, não precisais temer que qualquer inimigo vos mate. Quem sois?, indagou Sir Percival. Sou de um país estranho, respondeu o religioso, e vim até aqui para vos confortar.

O que significa o sonho que tive esta noite, senhor?, indagou ainda o cavaleiro. E o bom homem lhe explicou tudo. A que cavalgava o leão representa a nova lei da Santa Igreja, qual seja: boa esperança, fé e batismo. O motivo pelo

qual ela parecia mais jovem do que a outra é bem razoável, pois nasceu com a ressurreição e a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Em função do grande amor que tem por vós, veio vos prevenir da grande batalha que tereis que enfrentar. Com quem haverei de lutar?, perguntou Sir Percival. Com o maior campeão do mundo, respondeu o ancião, pois, como disse aquela dama, a menos que consigais uma vitória, não escapareis de perder um membro e incorrereis em vergonha até o fim dos tempos. Já a que cavalgava a serpente significa a velha lei, e a serpente representa o demônio. Ela vos culpava por ter matado seu servo, mas não aquela cobra que matastes, e sim o diabo sobre o qual viestes montado até este penhasco e que confundistes e matastes ao fazer o sinal da cruz. Quando vos pediu que vos tornásseis seu homem como compensação e dissestes que não queríeis fazê-lo, o que ela pretendia era que acreditásseis nela e deixásseis vosso batismo. O religioso mandou então que Sir Percival partisse e, depois, saltou para a embarcação e desapareceu sem que o cavaleiro soubesse para onde. Ele então subiu o penhasco, onde encontrou o leão que vinha lhe fazendo companhia. Acariciou-lhe o lombo e se alegrou por tê-lo a seu lado.

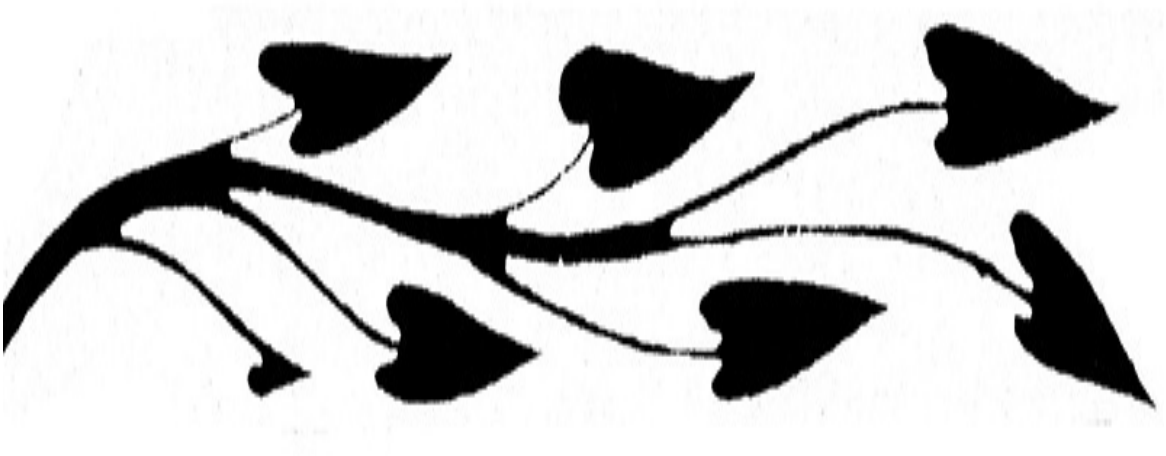
CAPÍTULO VIII

Como Sir Percival viu um navio vindo em sua direção, e como a dama do navio lhe contou que havia sido deserdada.

Sir Percival permaneceu naquele lugar até o meio-dia, quando viu uma embarcação que se aproximava pelo mar, como se todos os ventos do mundo a impulsionassem. Quando ela chegou ao sopé do penhasco, o cavaleiro correu até lá e viu que era inteiramente revestida da seda mais negra do que qualquer urso. No barco, havia uma mulher de grande beleza e tão ricamente vestida que ninguém poderia se mostrar melhor. Assim que ela o viu, perguntou: Quem vos trouxe a estas plagas desoladas de onde jamais podereis sair, pois morrereis de fome e desventura? Donzela, respondeu Sir Percival, sirvo ao melhor homem do mundo e, enquanto eu estiver a seu serviço, ele não permitirá que eu morra, pois quem chamar poderá entrar, quem pedir conseguirá e quem procurar encontrará. Sabeis quem sou, Sir Percival?, indagou ela então. Sei, respondeu o cavaleiro. Quem vos disse meu nome?, insistiu a mulher. Eu vos conheço melhor do que podeis imaginar, retrucou ele. Venho da floresta desolada, onde encontrei o cavaleiro vermelho com o escudo branco, declarou ela. Ah, donzela, exclamou Sir Percival, como gostaria de me encontrar com tal cavaleiro! Senhor, disse ela, se me prometerdes, pela fé que deveis à cavalaria, que fareis minha vontade na hora em que eu assim o pedir, hei de levá-lo até esse cavaleiro. Prometo cumprir vosso desejo, declarou ele. Pois bem, disse a mulher. Eu o vi na floresta perseguindo dois cavaleiros até o rio que chamam de Mortaise. Com medo de morrer, os dois se lançaram no referido rio e conseguiram atravessá-lo. O cavaleiro vermelho os seguiu, mas seu cavalo se afogou e, com muito esforço, ele chegou à terra firme. Foi o que a mulher lhe contou e Sir Percival muito se alegrou ao sabê-lo.

A mulher lhe perguntou então se havia comido alguma carne ultimamente. Não, senhora, respondeu ele. Na verdade, faz três dias que não como nada, embora ainda agora tenha falado com um bom homem que me alimentou com suas santas palavras e me refrescou imensamente. Ah, senhor cavaleiro, esse homem é um encantador e um multiplicador de palavras. Se acreditardes nele, incorrereis por certo em vergonha, morrereis neste penhasco de pura fome e sereis comido pelos animais selvagens. Sendo vós um homem jovem e garboso, poderei vos ajudar se quiserdes. Quem sois, perguntou Sir Percival, para me oferecer assim tamanha gentileza? Sou uma dama que foi deserdada, respondeu ela, e, em outros tempos, fui a mulher mais rica do mundo. Quem vos deserdou?, insistiu o cavaleiro. Tenho

muita pena de vós, acrescentou. Senhor, disse a mulher, eu vivia com o maior homem do mundo e ele me fez tão formosa e pura que não havia outra como eu. Mas, dessa grande beleza, eu tinha mais orgulho do que deveria. Além disso, disse-lhe uma palavra que o desagradou, e, então, não consentiu mais que eu permanecesse em sua companhia, apoderou-se de minhas posses e me deserdou sem jamais ter piedade nem de mim, nem de nenhum dos membros de meu conselho ou de minha corte. E, senhor cavaleiro, já que me sucedeu tal coisa, eu e os meus tiramos muitos de seus homens e os convertemos em homens meus, pois jamais me pedem algo sem conseguir o que desejam e muito mais. Assim, eu e todos os meus servos estamos contra ele dia e noite. No entanto, não conheço atualmente nenhum bom cavaleiro, ou bom homem, que possa ter a meu lado. Como sei que sois um bom cavaleiro, suplico-vos que me ajudeis. E, como sois membro da Távola Redonda, não deveis negar vosso auxílio a uma dama que foi deserdada e suplica por vossa ajuda.



CAPÍTULO IX

Como Sir Percival prometeu ajudá-la; como lhe pediu o seu amor, e como foi salvo do espírito maligno.

Então, Sir Percival lhe prometeu toda a ajuda que pudesse lhe dar, e ela ficou muito grata. Como fazia calor nessa época, a mulher chamou uma de suas damas e lhe pediu que trouxesse uma tenda, que foi fincada no cascalho do chão. Senhor, disse ela, agora podeis descansar desse calor do dia. O cavaleiro lhe agradeceu. Ela então retirou seu elmo e seu escudo e Sir Percival dormiu por um bom tempo. Quando acordou, perguntou se a visitante teria alguma carne. Por certo, respondeu ela. Tereis o bastante. Logo a mesa foi posta e o cavaleiro ficou assombrado, pois havia ali todas as carnes que poderia imaginar. Bebeu também do vinho mais forte que já provara, pensou, o que o deixou um tanto ardente, mais do que deveria. Nesse momento, contemplou aquela mulher e achou que era a criatura mais formosa que já vira na vida. Propôs então que fizessem amor e lhe pediu que aceitasse ser sua. Ela, porém, o recusou com delicadeza quando o cavaleiro se mostrou mais ardente com relação a ela e não parava de lhe pedir seu amor. Ao vê-lo assim tão inflamado, ela lhe disse: Sir Percival, sabei que não satisfarei vosso desejo, a menos que jureis ser doravante meu fiel servidor e não fazer senão o que eu ordenar. Quereis me garantir tal coisa como verdadeiro cavaleiro que sois? Sim, gentil senhora, respondeu ele. Por minha fé. Pois bem, disse ela. Agora podeis fazer comigo o que vos aprouver e sabei que sois o cavaleiro que mais desejo no mundo.

Mandou então que dois escudeiros preparassem uma cama no meio da tenda, despiu-se e se deitou. Sir Percival também se deitou nu a seu lado. Por ventura e graça, ele viu sua espada desembainhada no chão e, em seu pomo, havia uma cruz vermelha contendo a representação do crucifixo. Tal imagem o fez pensar em sua cavalaria e na promessa que fizera ao homem santo. Assim que fez o sinal da cruz na própria testa, a tenda se desmanchou, convertendo-se em fumaça e formando uma nuvem negra. Diante disso, Sir Percival se amedrontou e gritou em voz alta:

CAPÍTULO X

Como, à guisa de penitência, Sir Percival feriu a própria coxa; e como a mulher foi reconhecida como sendo o diabo.

Doce e gentil pai, Jesus Cristo, não deixeis cair em vergonha aquele que esteve prestes a se perder se não fosse pela intervenção de vossa boa graça. Voltou-se então para o navio e viu a donzela embarcar, dizendo: Sir Percival, vós me traístes! E a embarcação partiu com o vento rugindo e uivando, parecendo até que a água ardia atrás dela. Tomado por grande angústia, Sir Percival empunhou a espada e disse: Já que minha carne quer me dominar, hei de castigá-la. Ao dizer isso, perfurou a própria coxa, fazendo com que o sangue jorrasse do ferimento. Oh, meu bom Senhor, exclamou ele, aceitai esta compensação pelo que fiz contra Vós! Vestiu-se e armou-se, considerando-se muito desditoso. Como estive perto de me perder, disse, e de perder o que jamais voltaria a possuir, minha virgindade, pois isso é algo que jamais se pode recuperar uma vez que se perdeu. Usando um pedaço da camisa, conteve o sangue da coxa.

Enquanto se lamentava, viu surgir do lado do oriente a mesma nave em que, dias antes, o bom homem viera a seu encontro. O nobre cavaleiro ficou tão envergonhado que caiu desmaiado ali mesmo. Quando despertou, enfraquecido, aproximou-se do homem santo e o saudou. Como vos portastes desde que fui embora?, perguntou este. Senhor, respondeu Sir Percival, apareceu aqui uma dama que me levou a pecar mortalmente. E contou-lhe tudo o que havia acontecido. Não reconhecestes tal donzela?, indagou o ancião. Não, senhor, respondeu ele, mas sei que ela foi enviada até aqui pelo demônio para me causar afronta. Ah, bom cavaleiro, retrucou o outro, como sois tolo! Essa mulher era o senhor do Inferno, que exerce seu poder sobre todos os diabos, e era aquela velha senhora que apareceu em vossa visão, cavalgando uma serpente. Contou então a Sir Percival como Nosso Senhor Jesus Cristo o havia rechaçado do céu por seu pecado e, com isso, ele perdeu sua herança, embora fosse o anjo mais resplandecente que havia. Este foi o campeão contra quem lutastes, acrescentou o bom homem, e que vos teria vencido se não fosse pela graça divina. Agora, ficai atento, Sir Percival, e considerai isso como exemplo. O ancião desapareceu subitamente, e Sir Percival pegou suas armas, embarcou no navio e se foi daquele local.

Aqui termina o décimo quarto livro, que é sobre Sir Percival. Segue-se o que trata de Sir Lancelote e que é o décimo quinto livro.

LIVRO XV





CAPÍTULO I

Como Sir Lancelote chegou a uma capela onde encontrou, morto e envergando uma túnica branca, um religioso de uns cem invernos de idade.

epois de mantê-lo no eremitério por três dias, o ermitão trouxe para Sir Lancelote um cavalo, um elmo e uma espada. O cavaleiro partiu então por volta da hora nona e, pouco mais adiante, avistou uma pequena construção. Ao se aproximar, viu uma capela e, junto a ela, um ancião ricamente trajado, todo de branco. Que Deus vos salve, disse Sir Lancelote. Que Deus vos proteja, respondeu o bom homem, e faça de vós um bom cavaleiro. Sir Lancelote se apeou, entrou na capela e viu ali um ancião morto, vestindo uma túnica branca de tecido bem fino.

Senhor, disse o bom homem, este que jaz morto não devia estar vestido como o vedes, pois, com isso, quebrou o voto de sua ordem, já que foi religioso por mais de cem invernos. Então os dois entraram juntos na capela, e o homem santo pôs uma estola em torno do pescoço, pegou um livro e conjurou sobre ele. Nesse momento, surgiu uma figura tão espantosa e terrível que homem algum, por mais duro ou insensível que fosse, deixaria de ficar assombrado. Muito me incomodastes, disse o demônio. Agora, dizei o que quereis de mim. Quero, respondeu o religioso, que me digais como morreu meu companheiro e se foi salvo ou condenado. Ele não se perdeu, mas sim foi salvo, respondeu a criatura com uma voz horrível. Como é possível?, indagou o outro. Ao que me parece, não vivia dignamente, pois rompeu com sua ordem ao usar uma túnica quando não deveria usar nenhuma, e aquele que quebra os votos de nossa ordem não age bem. Não é bem assim, retrucou o demônio. Este homem que aqui jaz morto descendia de grande linhagem. Havia um senhor, chamado Conde de Vale, que vinha travando uma longa guerra contra Aguarus, que era sobrinho desse religioso. Aguarus percebeu que o conde era mais forte do que ele e veio pedir conselhos ao tio que aqui jaz morto, como podeis ver. Ele, então, pediu permissão e saiu de sua ermida para ajudar o sobrinho contra o poderoso conde. E este homem que aqui jaz morto, com sua sabedoria e seu esforço, conseguiu fazer com que o conde fosse aprisionado juntamente com três de seus senhores. Tudo isso, graças a ele.

CAPÍTULO II

Sobre um homem morto; como alguns homens quiseram feri-lo, mas não conseguiram, e como Sir Lancelote pegou o cilício do cadáver.

A paz foi então estabelecida entre o conde e o tal Aguarus, com todas as garantias de que o primeiro não voltaria a enfrentá-lo. Diante disso, este homem que aqui jaz morto voltou para este eremitério, mas o conde mandou que dois de seus sobrinhos se vingassem dele. Eles chegaram aqui certo dia e, como o encontraram no momento da consagração, esperaram até que ele houvesse terminado de celebrar a missa. Atacaram-no então e sacaram das espadas para matá-lo. Acontece, porém, que espada alguma conseguia feri-lo mais do que poderiam ferir uma barra de aço, pois o Alto Senhor a quem ele servia o protegeu. Acenderam então uma grande fogueira, tiraram todas as suas roupas e também o cilício de suas costas. Credes que me queimareis?, perguntou este eremita morto. Não está em vosso poder dar-me a morte mais do que a um fio, se eu tivesse algum sobre o corpo. É o que veremos!, retrucou um dos homens. Puseram-lhe então esta túnica e o atiraram ao fogo, onde ele ficou a noite inteira, até o amanhecer, mas não morreu. Cheguei pela manhã e o encontrei morto, mas não havia queimadura alguma nem no tecido nem em sua pele. Com grande temor, tratei de retirá-lo do fogo e o trouxe até aqui, como podeis ver. Agora, deixai-me seguir meu caminho porque eu vos disse a verdade. Foi-se então, em meio a uma grande tempestade.

Ao saber disso, o bom homem e Sir Lancelote sentiram-se mais satisfeitos, e o cavaleiro descansou ali aquela noite. Senhor, perguntou o religioso, não sois Sir Lancelote do Lago? Sim, senhor, respondeu ele. O que estais procurando neste país? Vou em busca das aventuras do Santo Graal. Podeis decerto buscar, retrucou o bom homem, mas, mesmo que ele estivesse aqui, não teríeis mais condições de vê-lo do que um cego veria uma espada reluzente. Tudo por conta de vosso pecado; caso contrário, seríeis mais capaz do que qualquer homem vivo. Ao ouvir isso, Sir Lancelote chorou. Vós vos confessastes desde que empreendestes a demanda do Santo Graal?, indagou o religioso. Sim, senhor, respondeu o cavaleiro. Pela manhã, depois que o eremita celebrou a missa, os dois enterraram o morto. Padre, perguntou Sir Lancelote, o que devo fazer? Peço-vos que tomeis este cilício que pertencia a esse homem santo e que o ponhais sobre a pele, pois ele vos trará grandes benefícios. Assim farei, senhor, respondeu Sir Lancelote. Recomendo ainda que não comais carne nem bebais vinho enquanto estiverdes na

demanda do Santo Graal. E tratai de assistir à missa diariamente, se for possível. O cavaleiro então pegou o cilício, o pôs no corpo e partiu na hora de vésperas.

Adentrou uma floresta, onde encontrou uma dama que cavalgava um palafrém branco. Senhor, perguntou ela, para onde estais cavalgando? Na verdade, donzela, respondeu ele, não sei para onde vou; sigo apenas o caminho guiado pela fortuna. Ah, Sir Lancelote!, exclamou ela. Sei que aventura buscais, pois antes estáveis mais perto do que agora, embora ides ver mais claramente do que nunca, como podereis comprovar dentro em pouco. Então, o cavaleiro lhe perguntou onde poderia se hospedar naquela noite. Não achareis nada nem neste dia, nem nesta noite. Amanhã encontrareis um bom abrigo, mais duvidareis de seu sossego. Sir Lancelote então a encomendou a Deus e seguiu cavalgando até que chegou a uma cruz onde resolveu descansar durante a noite.

CAPÍTULO III

Sobre uma visão que teve Sir Lancelote; como ele a revelou para um eremita e se aconselhou com ele.

Deixou então o cavalo pastando, tirou o elmo e o escudo e fez suas orações diante da cruz para nunca mais cair em pecado mortal. Depois, deitou-se para dormir. Assim que pegou no sono, teve uma visão: surgia, à sua frente, um homem todo rodeado de estrelas. Esse homem tinha uma coroa de ouro na cabeça e trazia consigo um grupo de sete reis e dois cavaleiros. Todos se puseram de joelhos para adorar a cruz com as mãos erguidas em direção ao céu. Gentil e doce Pai do Céu, disseram, vinde nos visitar e concedei a cada um de nós aquilo que ele houver merecido. Então, Sir Lancelote ergueu os olhos para o céu e teve a impressão de que as nuvens se abriam. Um ancião descia em companhia de anjos, punha-se entre eles, dava a cada um sua bênção e os chamava de seus servos, bons e leais cavaleiros. Despois disso, aproximou-se de um dos cavaleiros e lhe disse: Perdi tudo que havia depositado em ti, pois agiste contra mim como um homem de armas e travaste guerras injustas por pura vanglória, mais pelo prazer do mundo do que para me agradar. Portanto, serás entravado se não me devolveres meu tesouro. Sir Lancelote teve essa visão diante da cruz e, pela manhã, pegou seu cavalo e cavalgou até o meio-dia.

Casualmente, encontrou o mesmo cavaleiro que havia se apossado de seu cavalo, de seu elmo e de sua espada enquanto ele dormia, na ocasião em que o Santo Graal apareceu junto à cruz. Ao vê-lo, Sir Lancelote não o saudou com cortesia; pelo contrário, a ele se dirigiu aos gritos: Defendei-vos, cavaleiro, pois cometestes grande afronta contra mim! Ambos enristaram suas lanças e Sir Lancelote investiu contra o adversário com tanta ferocidade que derrubou por terra homem e cavalo, quase o fazendo quebrar o pescoço. Pegou então o cavalo que antes fora seu, desmontou do que estava usando e o amarrou a uma árvore para que o cavaleiro pudesse encontrá-lo quando se levantasse. E saiu cavalgando até o anoitecer. Por fortuna, encontrou um ermitão e os dois se saudaram. Sir Lancelote descansou a noite inteira com aquele bom homem e deu a seu cavalo o que pôde conseguir. De onde sois?, perguntou-lhe o eremita. Senhor, respondeu ele, sou da corte de Arthur. Chamo-me Sir Lancelote do Lago e estou na demanda do Santo Graal. Por isso, rogo-vos que me aconselheis acerca de uma visão que tive junto à cruz. E lhe contou tudo o que vira.

CAPÍTULO IV

Como o eremita explicou tal visão a Sir Lancelote, e lhe disse que Sir Galahad era seu filho.

Nela pudestes entender a alta linhagem da qual descendeis, Sir Lancelote, disse-lhe o bom homem, e que vossa visão representa. Quarenta anos depois da paixão de Jesus Cristo, José de Arimateia pregou a vitória do Rei Evelake nas batalhas travadas contra seus inimigos. Quanto aos sete reis e aos dois cavaleiros, o primeiro deles se chamava Nappus, e foi um homem santo; o segundo se chamava Nacien, em honra de seu antepassado, e nele habitava Nosso Senhor Jesus Cristo; o terceiro se chamava Helias le Grose; o quarto, Lisais, e o quinto, Jonas, que deixou seu país e entrou em Gales levando consigo a filha de Manuel, razão pela qual obteve as terras de Gaula, vindo viver neste país. Dele descende o Rei Lancelote, vosso antepassado, que se casou com a filha do rei da Irlanda e foi um homem de tanta honra quanto vós. Dele descendeu o Rei Ban, vosso pai, que é o último dos sete reis. Quanto a vós, Lancelote, os anjos disseram que não éreis nenhum dos sete daquele grupo. O último foi o nono cavaleiro, representado por um leão, pois sobrepujaria todos os demais cavaleiros terrenos e trata-se de Sir Galahad, aquele que gerastes no ventre da filha do Rei Pelles. Mais do que qualquer outro homem vivo, devíeis dar graças a Deus, pois, em termos de cavalaria, não tendes par entre os pecadores terrenos, e nunca tereis. Mas haveis agradecido muito pouco a Deus por todas as virtudes que Ele vos concedeu. Senhor, perguntou Lancelote, estais dizendo que esse bom cavaleiro é meu filho? Devíeis saber disso melhor do que ninguém, respondeu o homem santo, pois conhecestes carnalmente a filha do Rei Pelles e, em seu ventre, gerastes Galahad. Foi ele que se sentou na Cadeira Perigosa por ocasião do banquete de Pentecostes. Portanto, eu vos digo abertamente que é por aquele que gerastes na filha do Rei Pelles que tereis honra e mérito, bem como toda vossa linhagem. E eu vos aconselho a jamais forçá-lo a se haver convosco em lugar algum. Pois bem, retrucou Lancelote, parece-me que esse bom cavaleiro deveria rezar por mim ao Pai do Céu, para que eu não volte a cair em pecado. Sabei, disse o eremita, que seria muito melhor que isso acontecesse por vossas próprias orações; mas um filho não deve carregar os pecados do pai, nem o pai os pecados do filho, pois cada qual tem que levar sua própria carga. Portanto, rezai a Deus vós mesmo e ele vos ajudará em todas as vossas necessidades. Então, os dois foram cear e, logo depois, Sir Lancelote foi se deitar para descansar. O cilício lhe machucava muito a pele, o

que lhe causava grandes tormentos, mas ele aceitou tudo aquilo com humildade e suportou a dor. Pela manhã, assistiu à missa, pegou suas armas e se despediu.

CAPÍTULO V

Como Sir Lancelote justou com inúmeros cavaleiros e como foi capturado.

Montou então em seu cavalo, embrenhou-se por uma floresta e não seguiu por nenhuma trilha. Olhando à sua frente, avistou uma bela planície que tinha, de um lado, um formoso castelo diante do qual havia muitas tendas de seda de cores variadas. Teve a impressão de ver ali cerca de quinhentos cavaleiros montados, e havia dois grupos: todos os que eram daquele castelo estavam em cavalos negros e traziam paramentos igualmente negros. Já os de fora montavam, cavalos brancos e traziam paramentos da mesma cor. Sir Lancelote ficou maravilhado ao vê-los investir uns contra os outros e, por fim, achou que os do castelo estavam sendo derrotados.

Resolveu então ajudar o grupo mais fraco com a força de sua cavalaria e se meteu no meio deles, derrubando um primeiro adversário por terra juntamente com seu cavalo. Depois disso, saiu atacando aqui e ali e realizou magníficos feitos de armas. Por fim, sacou da espada e jogou ao chão muitos cavaleiros. Todos os presentes se assombravam ao ver que um único homem realizava assim tantas façanhas.

Mas os cavaleiros brancos continuavam a cercá-lo para cansá-lo e deixá-lo sem fôlego. Por fim, como o homem não pode resistir eternamente, Sir Lancelote ficou mais fraco de tanto lutar e se cansou tanto com seus grandes feitos que não conseguiu mais erguer os braços para desferir um golpe que fosse, como se jamais houvesse pegado em uma arma. Então, seus adversários o prenderam e levaram-no para uma floresta, onde o fizeram se apear e descansar. E, em sua ausência, o grupo do castelo foi derrotado. Os homens à sua volta lhe disseram: Bendito seja Deus, agora fazeis parte de nossa companhia, pois havemos de vos manter em nossa prisão. E se foram sem dizer mais nada.

Sir Lancelote muito se lamentou. Nunca até agora participei de justa ou torneio onde estivesse me saindo melhor, disse consigo mesmo, e, agora, fui envergonhado. Mais do que nunca, estou persuadido de que sou um pecador. Saiu cavalgando sempre se lamentando e passou metade do dia desesperado, até que entrou em um profundo vale. Quando percebeu que não poderia subir a montanha, se apeou à sombra de uma macieira, tirou elmo e escudo e pôs o cavalo para pastar, deitando-se então para dormir. Em seguida, imaginou que um ancião aparecia à sua frente e lhe dizia: Ah, Lancelote, homem de pouca fé e crença! Por

que tua vontade se voltou tão facilmente para teu pecado mortal? E, ao dizer isso, desapareceu sem que o cavaleiro soubesse o que havia sido feito dele. Pegou então novamente seu cavalo e se armou. Quando seguia seu caminho, viu um eremitério onde havia uma reclusa e uma janela pela qual se podia ver o altar. A mulher gritou, chamando por ele, pois teve a impressão de que se tratava de um cavaleiro andante. Sir Lancelote se aproximou e ela lhe perguntou quem era, de onde vinha e o que buscava.

CAPÍTULO VI

Como Sir Lancelote contou a uma mulher a visão que tivera, e que explicação esta lhe deu.

Ele então lhe contou tudo, palavra por palavra, e lhe disse a verdade sobre o que acontecera no torneio. Depois, falou da visão que tivera à noite, enquanto dormia, e lhe rogou que dissesse o que ela podia significar, pois não estava muito satisfeito com o que vira e ouvira. Ah, Lancelote, disse a reclusa, enquanto éreis cavaleiro da cavalaria terrena, fostes o homem mais maravilhoso do mundo e o mais aventureiro. Agora, prosseguiu ela, que estais entre cavaleiros de aventuras celestiais, não vos espanteis que a ventura vos tenha sido contrária nesses combates, pois o torneio de ontem nada mais foi que um sinal de Nosso Senhor. Apesar de tudo, porém, não havia ali encantamento algum, já que os participantes eram cavaleiros terrenos. Aquele torneio foi uma prova para ver quem ficaria com mais cavaleiros, se Eliazar, filho do Rei Pelles, ou Augustus, filho do Rei Harlon, os que tinham vindo de fora.

Eu vos direi o que tudo isso representa. No dia de Pentecostes, quando o Rei Arthur celebrou com sua corte, aconteceu que os reis e cavaleiros terrenos realizaram um torneio que significava a demanda do Santo Graal. Os cavaleiros terrenos eram os que vestiam negro, e os paramentos representavam os pecados que eles não haviam confessado. Os que traziam os paramentos brancos representavam a virgindade e aqueles que escolheram a castidade. Começou então o combate entre eles, e vistes pecadores enfrentando os bons homens. Percebendo que os pecadores estavam sendo derrotados, vossa inclinação pendeu para esse grupo por soberba e orgulho do mundo. Tudo isso deve ser deixado de lado nesta demanda, pois nela tereis muitos companheiros melhores do que vós. Uma vez que sois fraco em termos de confiança e boa fé, acabastes sendo preso e levado para a floresta. Em seguida, o Santo Graal se mostrou aos cavaleiros brancos, mas vós, com vossas tão fracas crença e fé, não pudestes vê-lo, a despeito de todos os ensinamentos do santo homem. O que fizestes foi vos unir aos pecadores, o que causou vossa desventura, pois não soubestes distinguir o bem do mal e da glória vã do mundo que não vale absolutamente nada. Por grande orgulho, muito vos lamentastes pelo fato de não ter vencido todos os cavaleiros brancos com paramentos brancos, que representavam a virgindade e a castidade. Portanto, Deus se aborreceu convosco, pois Ele não gosta de tais atitudes nesta demanda. A visão que tivestes significa que falhastes na fé e na crença, o que vos fará cair no

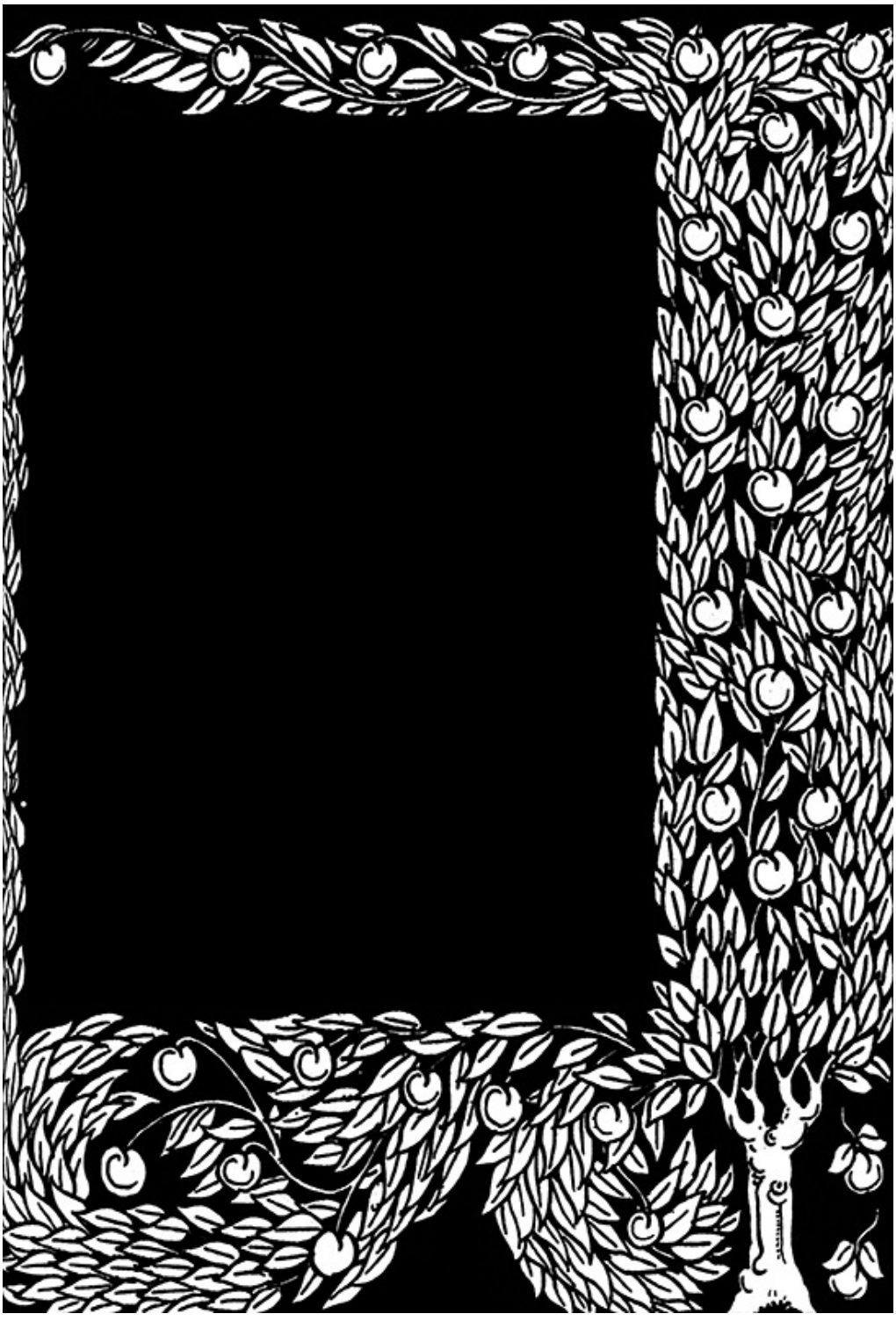
profundo abismo do Inferno se não vos protegerdes. Agora que vos alertei para vossa vã glória e vosso orgulho, sentimentos que vos fizeram errar muitas vezes contra vosso Criador, protegei-vos contra a pena eterna, pois, de todos os cavaleiros terrenos, é de vós que tenho mais piedade, já que sei que não tendes par entre os pecadores deste mundo.

E, ao dizer isso, mandou que Sir Lancelote fosse comer. Terminada a refeição, ele pegou seu cavalo, encomendou a reclusa a Deus e se embrenhou por um profundo vale, onde viu um rio e uma alta montanha. Precisou atravessar aquela água, que era assombrosa, mas, em nome de Deus, empreendeu tal tarefa com boa disposição. Depois de cruzar o rio, viu um cavaleiro armado, todo de negro, e montado em um cavalo também negro. Sem dizer uma palavra, esse cavaleiro derrubou por terra a montaria de Sir Lancelote e se foi, sem que ele soubesse que rumo havia tomado. Então, Sir Lancelote pegou seu elmo e seu escudo e agradeceu a Deus por aquela aventura.

Aqui deixamos a história de Sir Lancelote para falar de Sir Gawaine, tema do décimo sexto livro.

LIVRO XVI





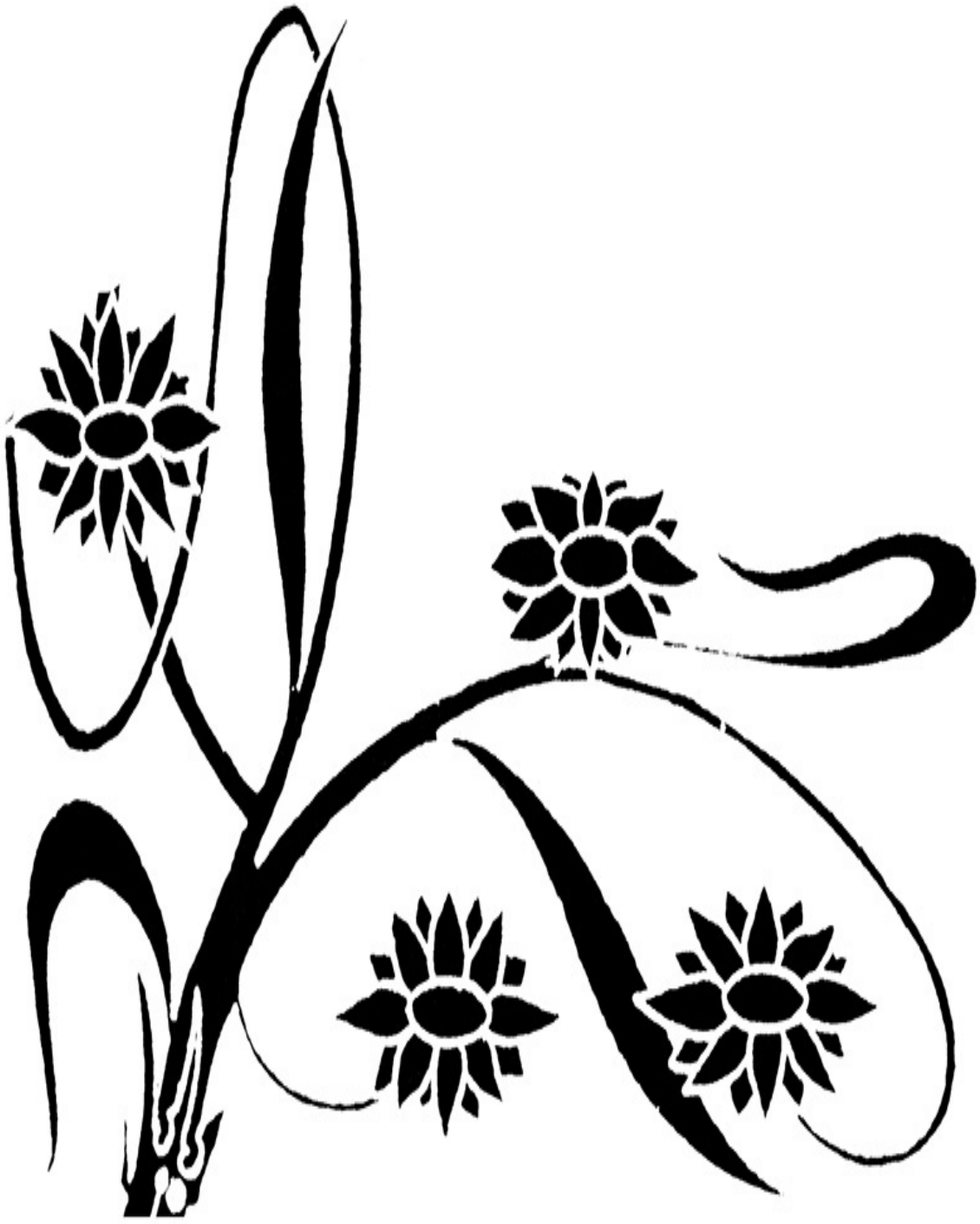
CAPÍTULO I

Como Sir Gawaine já estava quase cansado de prosseguir com a busca do Santo Graal, e sobre o sonho maravilhoso que ele teve.

epois de se separar de seus companheiros, Sir Gawaine cavalgou por um bom tempo sem deparar com nenhuma aventura, pois não encontrou nem a décima parte das que precisava enfrentar. Cavalgou, pois, desde o domingo de Pentecostes até o dia de São Miguel, sem topar com nenhuma aventura que o atraísse. Certo dia, porém, encontrou Sir Hector de Maris, e seria difícil contar a alegria que ambos sentiram. Contaram um ao outro o que lhes havia acontecido e ambos se queixaram imensamente por não encontrar aventura alguma. Na verdade, disse Sir Gawaine a Sir Hector, estou quase cansado desta demanda e não tenho muita vontade de seguir por países estrangeiros. Eis algo que me surpreende, observou Sir Hector: encontrei vinte cavaleiros, companheiros meus, e todos se queixam da mesma coisa. Pergunto-me onde andará Sir Lancelote, vosso irmão, disse Sir Gawaine. Confesso que não tive notícia dele, retrucou Sir Hector, nem de Sir Galahad, de Percival ou de Sir Bors. Pois deixemo-los, disse seu interlocutor, já que esses quatro não têm rival. Se não fosse por uma coisa, vosso irmão não teria quem o igualasse entre os homens terrenos, mas ele é como nós, com uma diferença: decidiu encarregar-se de mais tarefas. No entanto, se esses quatro justassem, não desejariam que nenhum outro homem se unisse a eles, já que, se eles falharem na demanda do Santo Graal, todos os demais tentariam em vão recuperá-lo.

Os dois seguiram cavalgando por mais oito dias até que, em um sábado, avistaram uma velha ermida tão destruída que parecia que ninguém jamais conseguiria repará-la. Apearam-se naquele local, deixaram as lanças apoiadas na porta, entraram na capela e passaram um bom tempo fazendo suas orações. Depois, sentaram-se nos bancos que havia ali e, enquanto falavam de uma coisa ou outra, acabaram pegando no sono de tão cansados que estavam. Foi então que lhes aconteceram aventuras maravilhosas. Sir Gawaine teve a impressão de adentrar um prado coberto de relva e de flores, onde viu, diante de um cocho, uns 150

touros, todos eles altivos e negros, à exceção de três que eram brancos. Um destes tinha uma mancha negra e os outros eram belos e brancos a mais não poder. Estes três estavam presos por duas cordas bem fortes, e os demais disseram uns aos outros: Vamos embora daqui para procurar um pasto melhor. Muitos se foram e alguns voltaram, mas estavam tão fracos que mal podiam ficar de pé. E apenas um dos touros brancos regressou. Mas, quando ele chegou de volta, ouviu-se, em meio aos animais, um grito por falta de alimento. Um partiu em uma direção e outro, em outra. Esta foi a visão que teve Sir Gawaine naquela noite.



CAPÍTULO II

Sobre a visão de Sir Hector e como Sir Gawaine justou com Sir Uwaine, o Bastardo, seu irmão de juramento.

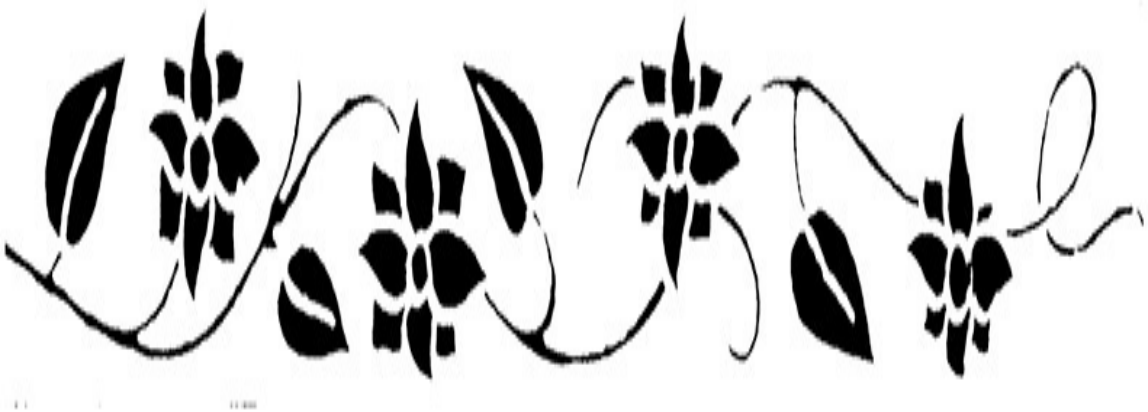
Sir Hector, porém, teve uma visão diferente, pois pareceu-lhe que, juntamente com seu irmão, Sir Lancelote, ele descia de uma liteira, pulavam sobre dois cavalos e diziam: Vamos procurar o que não encontraremos. Imaginou também que um homem vencia Sir Lancelote, tirava suas roupas, vestia-o com outros trajes repletos de nós, sentava-o sobre um jumento e, assim, ele seguia até a mais bela fonte que já vira. O cavaleiro se apeou e quis beber daquela água, mas, quando se debruçou para fazê-lo, a fonte recuou, afastando-se. Ao ver isso, Sir Lancelote voltou pelo mesmo caminho por onde tinha vindo. Nesse ínterim, Sir Hector se viu cavalgando até chegar à casa de um homem rico, onde se celebrava um casamento. Viu ali um rei que lhe disse: Senhor cavaleiro, aqui não há lugar para vós. E, então, Sir Hector voltou para a liteira que o tinha trazido.

Pouco mais tarde, os dois acordaram e um contou ao outro a visão que tivera, o que os deixou assombrados. Na verdade, observou Sir Hector, não ficarei satisfeito até ter notícias de meu irmão Lancelote. Enquanto conversavam, sentados naqueles bancos, viram surgir uma mão ligada a um braço que aparecia até o cotovelo, vestido de brocado vermelho. Deste braço, pendia uma rédea riquíssima, e a mão segurava um grande círio que ardia emanando uma luz bem forte. A aparição passou diante dos dois cavaleiros, entrou na capela e desapareceu sem que eles soubessem como. Logo ouviu-se uma voz vinda do alto, que lhes disse: Cavaleiros cheios de má fé e pouca crença, nestas duas coisas haveis fracassado e, portanto, não podereis tomar parte da aventura do Santo Graal.

Sir Gawaine foi o primeiro a falar. Ouvistes estas palavras, Hector?, perguntou ele. Decerto que sim, respondeu o outro. Vamos procurar algum eremita que possa nos explicar as visões que tivemos, pois creio que nos esforçamos em vão. Partiram, pois, e entraram em um vale. Lá, encontraram um escudeiro montado em uma égua e o saudaram com cortesia. Senhor, perguntou Sir Gawaine, saberias onde podemos encontrar um ermitão? Há um logo adiante, sobre um pequeno morro, mas essa elevação é tão escarpada que os cavalos não conseguem subir. Lá encontrareis Nacien, o eremita, que é o homem mais santo deste país. Separaram-se, pois, e, em um vale, encontraram um cavaleiro todo armado. Ao vê-los, este lhes propôs que justassem. Em nome de Deus!, exclamou Sir Gawaine. Desde que parti de Camelot, só uma vez alguém me desafiou para uma justa.

Senhor, disse seu companheiro, deixai que eu o enfrente. Não, retrucou Sir Gawaine. A menos que eu seja vencido. Estou decidido: primeiro eu; depois, vós. Então, ambos se prepararam para justar, fizeram correr seus cavalos o mais que podiam e, no confronto, cada um destruiu mais que o outro o escudo e a cota de seu adversário. Gawaine foi ferido no flanco esquerdo, mas o outro cavaleiro tombou com a lança atravessada no peito, a ponta aparecendo do outro lado. Ambos caíram de suas montarias e, na queda, quebraram suas lanças.

Gawaine logo se levantou, empunhou a espada e ergueu o escudo, mas em vão, já que seu adversário não conseguiu se reerguer. Deveis vos render como vencido, disse-lhe Sir Gawaine, caso contrário, hei de vos matar. Ah, senhor cavaleiro, respondeu o outro, já estou praticamente morto. Por Deus, tende a gentileza de me levar a uma abadia perto daqui para que eu possa receber meu Criador. Não conheço nenhum lugar religioso nos arredores, disse Sir Gawaine. Instalai-me sobre um cavalo, diante de vós, e eu vos guiarei. Depois de instalá-lo na sela, Sir Gawaine montou atrás para sustentá-lo, e dirigiram-se a uma abadia onde foram bem acolhidos. Logo trataram de desarmar o ferido, que recebeu seu Criador. Depois, ele pediu a Gawaine que arrancasse o pedaço de lança fincado em seu corpo, e este lhe perguntou quem era, pois não o conhecia. Sou da corte do Rei Arthur, respondeu ele, e fui membro da Távola Redonda, onde todos éramos irmãos de juramento. Agora, Sir Gawaine, vós me matastes. Chamo-me Uwaine, o Bastardo, filho do Rei Uriens, e estava na demanda do Santo Graal. Que Deus vos perdoe, pois sempre se dirá que um irmão de juramento matou o outro.



CAPÍTULO III

Como Sir Gawaine e Sir Hector chegaram a um eremitério para se confessar, e como contaram ao eremita as visões que haviam tido.

Ai, lamentou-se Gawaine, como foi me acontecer tal desventura? Não tem importância, respondeu Uwaine. Já que devo morrer desta morte, não poderia perecer por mão de homem mais digno. Quando fores à corte, porém, recomendai-me a meu soberano, o Rei Arthur, e a todos os que ainda estiverem vivos. E pensai em mim, em nome da velha irmandade. Então, Sir Gawaine começou a chorar, e Sir Hector também. Depois, o próprio Uwaine e Sir Gawaine retiraram o pedaço de lança e, de imediato, sua alma abandonou seu corpo. Os dois cavaleiros o enterraram como deve ser enterrado um filho de rei, e mandaram escrever por cima seu nome e o nome daquele que o havia matado.

Feito isso, Gawaine e Hector partiram, com toda a tristeza que lhe cabia por aquela desventura. Cavalgaram até chegar ao tal morro escarpado, ao pé do qual amarraram seus cavalos para subir a pé até a ermida. Quando chegaram ao topo, viram uma casa pobre e, junto da capela, um pequeno cercado onde Nacien, o ermitão, colhia raízes como quem não provava nenhuma outra comida havia tempos. Ao ver os cavaleiros andantes, o bom homem foi ao seu encontro e saudou-os, e eles responderam à sua saudação. Gentis senhores, perguntou, que aventura vos traz aqui? Viemos para vos pedir que nos confesseis, senhor, respondeu Gawaine. Estou a vosso dispor, disse o ermitão. Os dois então lhe contaram tantas coisas que ele soube quem eram, e decidiu aconselhá-los se possível fosse. Gawaine foi o primeiro e relatou a visão que tivera na capela. Em seguida, Hector lhe contou tudo como foi aqui anteriormente relatado. Senhor, disse o ermitão dirigindo-se a Sir Gawaine, o formoso prado e a manjedoura que havia nele representam a Távola Redonda. O prado significa a humildade e a paciência, coisas estas que estão sempre verdes e vigorosas, pois não se pode jamais vencer a humildade e a paciência, o próprio fundamento da Távola Redonda. Em todos os tempos, a cavalaria foi tão elevada pela fraternidade que ali havia que não podia ser vencida, pois, ao que se diz, baseava-se na paciência e na humildade. No cocho, comiam 150 touros, mas eles não comiam no prado porque, para tanto, seus corações deviam estar tomados pela humildade e pela paciência, e tais touros eram orgulhosos e negros. Todos, menos três. Os touros representam os componentes da Távola Redonda que, por sua maldade e seus pecados, são negros. O negrume significa a falta de obras boas ou virtuosas.

Quanto aos touros inteiramente brancos, à exceção de um deles, que tinha uma mancha, eles são a representação de Sir Galahad e de Sir Percival, os dois brancos, pois ambos são virgens e sem mácula. Já o manchado representa Sir Bors de Ganis, que violou a própria virgindade uma única vez, mas que, desde então, tem guardado tão bem a castidade que todos os seus atos e seus erros foram perdoados. E por que estes três estavam presos pelo pescoço? Porque são três cavaleiros que se mantêm virgens e castos, e não há orgulho neles. Já os touros que diziam "Vamos embora daqui" eram aqueles que, em pleno banquete de Pentecostes, decidiram empreender a demanda do Santo Graal sem se confessar e, portanto, não puderam entrar no prado da humildade e da paciência. Por isso regressaram a seus países desolados, que representam a morte, pois ali muitos deles morrerão: cada qual matará o outro por pecado, e os que escaparem estarão tão magros que será espantoso vê-los. E dos três touros sem mácula, apenas um voltará, ao passo que os dois outros não mais voltarão.

CAPÍTULO IV

Como o eremita lhes explicou tais visões.

Em seguida, Nacien dirigiu-se a Hector. É verdade que Lancelote e vós descestes de uma liteira: ela representa o poder e a estirpe senhorial de que descendeis. Mas os dois, prosseguiu o ermitão, estão em busca do que jamais encontrarão, o Santo Graal, pois trata-se da coisa secreta de Nosso Senhor Jesus Cristo. O que quer dizer o fato de Sir Lancelote cair do cavalo? Quer dizer que ele abandonou o orgulho e abraçou a humildade, pois suplicou em alto e bom som piedade por seu pecado e muito se arrependeu. Nosso Senhor, então, o vestiu com sua roupa cheia de nós, que é o cilício que ele carrega diariamente consigo. O asno em que estava montado é o animal da humildade, já que Deus não quis cavalgar nenhum corcel ou palafrém, preferindo o asno, que é o exemplo da mansidão, como vistes vosso irmão cavalgar em vosso sonho. Já a fonte cuja água recuou quando ele quis bebê-la e, ao perceber que não conseguiria fazê-lo, voltou para o lugar de onde viera, representa a alta graça de Deus que, quanto mais os homens desejam, maior se torna seu desejo. Quando ele se aproximou do Santo Graal, humilhou-se, por não se considerar digno de estar tão perto do vaso sagrado, uma vez que passara muitos anos manchado pelo pecado mortal. No entanto, quando se ajoelhou para beber daquela fonte, viu ali grande providência do Santo Graal. Mas, como serviu ao diabo por tanto tempo, será submetido à vingança por 24 dias, já que foi servidor do diabo por 24 anos. Pouco depois, regressará deste país a Camelot e contará parte das coisas com que deparou.

Agora, vou vos dizer o que representa a mão com o círio e a brida: por ela deve-se entender o Espírito Santo em que habita sempre a caridade, e a brida significa abstinência, pois quando está devidamente assentada no coração do cristão, consegue mantê-lo tão atrelado que ele não cai em pecado mortal. Já o círio, que dá claridade e visão, significa o caminho reto de Jesus Cristo. Ao partir, disse: “Cavaleiros de pouca fé e fraca crença, nestas três coisas haveis falhado”, ou seja, em caridade, em abstinência e em veracidade. Portanto, não podeis alcançar a elevada aventura do Santo Graal.



CAPÍTULO V

Sobre o bom conselho que lhes deu o ermitão.

Por certo, observou Gawaine, haveis dito a verdade, de tal forma que vejo tudo com clareza. Agora eu vos rogo, bom homem e santo padre, que me digais por que não temos encontrado tantas aventuras como deveríamos e das quais nos saímos geralmente muito bem. Farei isso, de muito bom grado, respondeu o ermitão. Não conseguireis levar a cabo a aventura do Santo Graal, cuja demanda haveis empreendido juntamente com tantos outros, pelo simples fato de que ela não se mostra para os pecadores. Não deveis portanto estranhar se fracassardes nela e em muitas outras, pois não sois um verdadeiro cavaleiro, e sim um grande assassino, e os bons homens importam-se com outras coisas que não o assassinato. Atrevo-me a dizer que, apesar de ter sido um grande pecador, desde que empreendeu a demanda do Santo Graal, Sir Lancelote não matou nem matará homem algum até que esteja de volta a Camelot, pois assumiu a resolução de abandonar o pecado. E, se não fosse o fato de ser inconstante, podendo até recair em seus velhos hábitos, talvez pudesse levar tal demanda a cabo caso não existisse Sir Galahad, seu filho. Mas Deus conhece seu pensamento e sua inconstância, muito embora ele vá morrer santo e por certo não tem rival entre os pecadores terrenos. Senhor, disse Sir Gawaine, por vossas palavras, tenho a impressão de que, em função de nossos pecados mortais, será inútil para nós prosseguirmos nessa demanda. Na verdade, respondeu o bom homem, existem cem como vós que não terão sucesso algum; pelo contrário, incorrerão em vergonha. Depois de ouvirem tais declarações, os dois o encomendaram a Deus.

Então, o eremita chamou Sir Gawaine e lhe disse: Muito tempo se passou desde que fostes sagrado cavaleiro e, desde então, nunca servistes a vosso Criador. Agora, sois uma árvore tão velha que não existe em vós nem folha nem fruto. Sabei, pois, que entregareis a Nosso Senhor apenas a casca, já que o inimigo se apoderou das folhas e dos frutos. Senhor, disse Gawaine, se eu tivesse tempo, falaria mais convosco. No entanto, Sir Hector, meu companheiro, já se foi e espera por mim ao pé deste morro. Pois melhor seria que désseis ouvidos aos conselhos, retrucou o ermitão. Então, Sir Gawaine partiu e foi ao encontro de Sir Hector. Ambos pegaram suas montarias e cavalgaram até chegar à casa de um lenhador, que os abrigou muito bem. Pela manhã, despediram-se de seu anfitrião e seguiram por um bom tempo sem encontrar nenhuma aventura.

CAPÍTULO VI

Como Sir Bors encontrou um eremita e se confessou com ele, e sobre a penitência que lhe foi imposta.

Ao partir de Camelot, Sir Bors encontrou um religioso que viajava montado em um burro. Cumprimentou-o e o bom homem logo o reconheceu como um dos cavaleiros andantes que participavam da demanda do Santo Graal. Quem sois?, indagou ele. Senhor, respondeu Sir Bors, sou um cavaleiro que gostaria de receber conselhos nessa demanda do Santo Graal, pois muita honra terrena terá aquele que conseguir levá-la a cabo. Decerto é verdade, respondeu o religioso, pois será o melhor cavaleiro do mundo e o mais formoso de toda a companhia. Sabei, porém, que ninguém conseguirá fazê-lo a não ser através de uma purificação como é a sagrada confissão.

Seguiram cavalgando juntos até chegarem a um eremitério. Lá chegando, o bom homem rogou a Sir Bors que permanecesse com ele aquela noite. Este então se apeou, tirou a armadura e lhe pediu que o confessasse. Entraram, pois, na capela, o cavaleiro se confessou, e, juntos, comeram pão e beberam água. Agora, disse o eremita, rogo-vos que não comais nenhuma outra coisa até vos sentardes na mesa onde estará o Santo Graal. Assim farei, senhor, respondeu Sir Bors, mas como sabeis que hei de me sentar ali? Eu sei, respondeu o anfitrião, mas haverá pouquíssimos companheiros convosco. Bem-vindo seja tudo aquilo que Deus me enviar, disse o cavaleiro. Além disso, prosseguiu o religioso, em vez da camisa, e em sinal de penitência, usareis uma túnica. Portanto, peço-vos que tireis todas as vossas roupas e vossa camisa. E Sir Bors obedeceu. Então, o eremita lhe trouxe uma túnica escarlate para que ele a usasse até haver levado a cabo a demanda do Santo Graal. O bom homem ficou assombrado ao ver que aquele cavaleiro levava uma vida tão maravilhosa e estável e ao saber que ele não tinha se deixado corromper pelos prazeres da carne, a não ser uma única vez, quando gerou Helin, o Branco.

Depois, Sir Bors se armou, se despediu e partiu. Pouco mais adiante, ergueu os olhos e viu uma ave bem grande pousada em uma velha árvore cujos galhos estavam muito secos e sem folhas. A ave, que estava bem no alto e tinha filhotes que haviam morrido de fome, feria a si mesma com o bico comprido e afilado, e sangrou até cair morta junto a seus filhotes. Por seu sangue, os pequenos recuperaram a vida. Bors interpretou tal cena como um grande sinal e, quando viu que a ave grande não se reerguia, pegou seu cavalo e seguiu caminho. Por volta da

hora de vésperas, chegou a uma torre alta e fortificada onde recebeu abrigo oferecido de bom grado.

CAPÍTULO VII

Como Sir Bors recebeu hospedagem por parte de uma dama, e como decidiu combater um campeão para defender as terras de sua anfitriã.

Depois de desarmado, levaram-no a uma alta torre onde estava uma mulher jovem, vigorosa e formosa que o recebeu com grande satisfação. Convidou-o a se sentar a seu lado para uma ceia composta de carnes e várias delícias. Ao ver isso, Sir Bors se lembrou de sua penitência, pediu ao escudeiro que lhe trouxesse água e, então, mergulhou tudo ali dentro e se pôs a comer aquela espécie de sopa. Ah!, exclamou a dama. Vejo que não gostais de minhas viandas. Na verdade, sim, respondeu o cavaleiro, e que Deus vos pague por isso, senhora. Mas hoje não posso comer nenhuma outra carne. A mulher resolveu não insistir no assunto, pois não queria aborrecê-lo, e, ao fim da refeição, falaram de umas e outras coisas.

Nesse momento, chegou um escudeiro, dizendo: Senhora, amanhã devereis arranjar um campeão, ou vossa irmã tomará posse deste castelo e também de vossas terras. A menos que encontreis um cavaleiro que queira lutar por vós amanhã contra Pridam le Noire. A mulher então muito se lamentou e disse: Ah, Senhor Deus! Por que me haveis concedido estas terras se agora vou ser deserdada sem razão e sem direito? Ao ouvi-la falar assim, Sir Bors declarou: Eu vos confortarei. Devo então vos contar tudo, senhor, disse ela. Havia um rei chamado Aniause que mantinha todas estas terras sob sua proteção e, por desventura, amava minha irmã mais velha. Por isso, decidiu transferir toda a terra e todos os seus homens para essa mulher que passaria a governá-los. Ela, porém, estabeleceu vários maus costumes e, em nome deles, condenou à morte a maior parte dos parentes daquele rei. Ao ver isso, Aniause a expulsou destas terras, entregou-as a mim e determinou que tudo aqui ficasse sob meu domínio. Mas, assim que esse rei honrado morreu, essa outra dama começou a guerrear contra mim, matando muitos de meus homens e tornando outros tantos meus inimigos. O resultado é que já não me resta nenhum homem e tudo que tenho é esta alta torre que ela prometeu me tomar se eu não conseguir encontrar um cavaleiro que enfrente seu campeão.

Dizei-me quem é este Pridam le Noire, pediu Sir Bors. É o homem mais temido destas terras, senhor, respondeu ela. Pois podeis enviar uma mensagem dizendo que haveis encontrado um cavaleiro que há de lutar com esse Pridam le Noire nessa querela que é de Deus e também vossa. Muito se alegrou a dama e logo tratou de enviar tal mensagem. Naquela noite, Bors foi bastante festejado, mas

não quis dormir em qualquer cama que fosse, preferindo se deitar no chão, pois não pretendia fazer diferente até ter iniciado a demanda do Santo Graal.



CAPÍTULO VIII

Sobre uma visão que Sir Bors teve naquela noite, e como ele enfrentou e derrotou seu adversário.

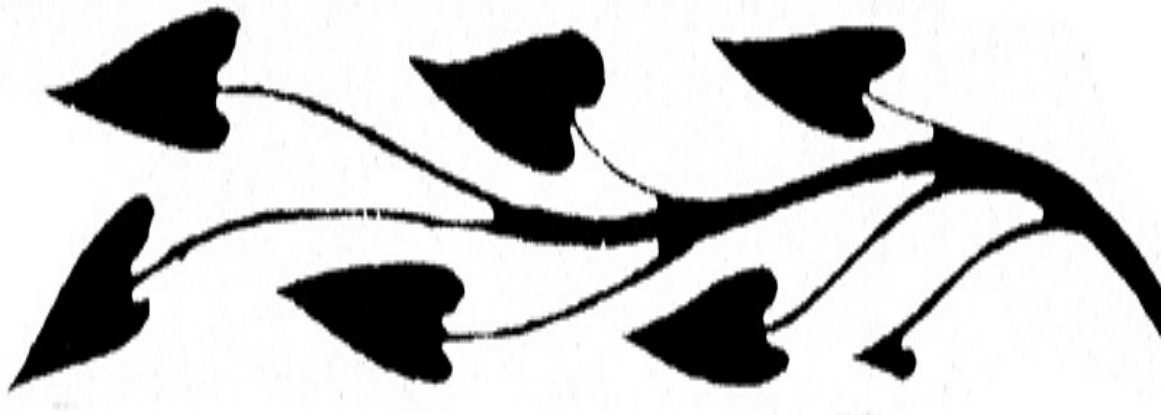
Assim que pegou no sono, teve uma visão: duas aves se aproximavam, uma das quais era branca como um cisne, ao passo que a outra era assombrosamente negra e não tão grande quanto a primeira, parecendo-se mais com um corvo. Então, a ave branca chegou perto dele e disse: Se quisesses me dar de comer e me servir, eu te daria todas as riquezas do mundo e te tornaria tão formoso e branco quanto eu. Quando ela partiu, a ave negra se aproximou e disse: Se quiseres, serve-me amanhã e não me desprezes por eu ser negra, pois mais vale a minha negrura do que a brancura daquela outra ave.

Em seguida, surgiu-lhe uma nova visão: imaginou-se chegando a um lugar espaçoso que parecia uma capela. Viu ali, do lado esquerdo, uma cadeira carcomida e bamba. Do lado direito, havia duas flores como lírios, cada uma delas querendo se apoderar da brancura da outra, mas um eremita as separava, impedindo que se tocassem. Então, de cada flor saíram muitas flores e uma grande abundância de frutas. Em sua visão, o bom homem dizia: Não seria uma grande tolice deixar que estas duas flores morressem para impedir que a árvore apodrecida caia por terra? Senhor, disse Sir Bors, a mim me parece que não se poderia aproveitar essa madeira. Pois tomai cuidado, disse o religioso, para que nunca vos advenha tal aventura.

O cavaleiro então acordou, fez o sinal da cruz no meio da testa, levantou-se e vestiu-se. Nesse momento, chegou uma senhora do lugar. Os dois se saudaram, dirigiram-se à capela e assistiram ao serviço religioso. Em seguida, veio um grupo de cavaleiros que a dama havia enviado para levar Sir Bors ao local do combate. Ele então pediu suas armas e, quando já estava pronto, a mulher lhe pediu que comesse alguma coisa. Não, senhora, respondeu Sir Bors. Não farei isso até que minha batalha chegue ao fim. Saltou sobre seu cavalo e partiu, acompanhado pelos cavaleiros e demais homens. Assim que as duas damas se encontraram, aquela por quem Sir Bors ia combater se queixou, dizendo: Senhora, fizestes-me muito mal arrebatando-me as terras que o Rei Aniause me deu, e não sou nada favorável à realização deste combate. Não tendes escolha, retrucou a outra, a menos que vosso cavaleiro recue.

Foi então anunciado que a dama cujo combatente saísse vencedor desfrutaria de toda aquela terra. Os dois adversários se separaram, indo para lados opostos, e

se encontraram com tanta força que traspassaram escudos e cotas, fizeram suas lanças em pedaços e feriram um ao outro com gravidade. Investiram novamente com tamanho ímpeto que ambos caíram por terra com os cavalos ainda entre as pernas. Os dois logo se levantaram, empunharam as espadas e se atingiram mutuamente na cabeça, abrindo feridas grandes e profundas pelas quais o sangue jorrava de seus corpos. Sir Bors encontrou mais resistência do que imaginava naquele adversário, pois o tal Pridam era excelente cavaleiro e o feriu gravemente, assim como ele também fizera. Mas Pridam parecia ter dificuldade em prosseguir combatendo. Ao perceber isso, Sir Bors tratou de aguentar o embate até ver o outro praticamente esgotado. Foi então que investiu mais e mais contra ele, fazendo-o recuar com medo de morrer. Ao recuar, acabou caindo estirado no chão e, então, Sir Bors arrancou seu elmo com muita força, deu-lhe dois golpes no rosto com a parte plana de sua espada e mandou que ele se rendesse, caso contrário, haveria de matá-lo. Mas seu adversário suplicou por misericórdia, dizendo: Gentil cavaleiro, pelo amor de Deus, não me mateis e vos prometo jamais guerrear contra vossa dama, mas sim estar sempre a seu lado. Diante disso, Sir Bors o soltou e a velha dama fugiu acompanhada de seus cavaleiros.



CAPÍTULO IX

Como a dama teve suas terras devolvidas graças à luta de Sir Bors, e sobre a partida deste cavaleiro; como ele encontrou Sir Leonel aprisionado e açoitado com espinhos, e também sobre uma jovem que teria sido desonrada.

Bors foi então procurar todos que tinham terras pertencentes à sua dama e lhes disse que os destruiria a todos, a menos que eles lhes prestassem o serviço correspondente a tais terras. Alguns lhe renderam homenagem, e aqueles que não quiseram fazê-lo foram expulsos do lugar. Com isso, a jovem dama pôde retornar a suas propriedades graças à poderosa proeza de Sir Bors de Ganis. Depois que todo o país estava pacificado, o cavaleiro se despediu e partiu. A moça lhe agradeceu imensamente e quis lhe dar grandes riquezas, mas ele as recusou.

Seguiu pois cavalgando durante todo esse dia até o anoitecer, quando chegou a um albergue onde vivia uma mulher que o conhecia bastante bem e o acolheu com grande alegria. Pela manhã, assim que raiou o dia, o cavaleiro se foi e cavalgou até o meio-dia por uma floresta onde lhe aconteceu uma aventura maravilhosa. Na bifurcação de dois caminhos, encontrou dois cavaleiros que levavam seu irmão Leonel inteiramente nu, amarrado sobre uma liteira bem resistente, com as mãos atadas sobre o peito. Cada um dos homens que o carregavam trazia nas mãos espinhos e, com eles, iam-no açoitando com tanta força que o sangue jorrava por mais de cem pontos de seu corpo. Com isso, Sir Leonel estava coberto de sangue na frente e nas costas, mas não dizia uma só palavra. Como todos que têm um grande coração, suportava o que lhe faziam como se não sentisse sofrimento algum.

Sir Bors logo tratou de ir salvar aquele que era seu irmão e, olhando para o outro lado, viu um cavaleiro que trazia uma bela dama tencionando levá-la para a parte mais cerrada da floresta, onde estaria bem escondido dos que o procuravam. Já a moça, que não se mostrava absolutamente tranquila, gritava aos brados: Santa Maria, socorrei vossa donzela! Nesse momento, ela avistou Sir Bors, que vinha cavalgando. Quando este chegou mais perto, ela percebeu que deveria ser um cavaleiro da Távola Redonda, razão pela qual teve esperanças de que ele a ajudasse. Então, lhe disse: Pela fé que deveis Àquele a cujo serviço estais dedicado; pela fé que deveis à alta ordem da cavalaria e pelo nobre Rei Arthur que, suponho eu, vos sagrou cavaleiro, ajudai-me e não consintais que eu seja desonrada por este cavaleiro. Ao ouvir essas palavras, Sir Bors sentiu-se tão angustiado que não sabia o que fazer. Se deixo meu irmão desamparado, podem matá-lo, o que não quero que aconteça nem por toda a terra do mundo, pensou ele.

E se não ajudo esta donzela, ela será desonrada para sempre e perderá a virgindade, coisa que jamais poderá recuperar. Ergueu então os olhos para o céu e, chorando, disse: Doce Senhor Jesus Cristo, sou Vosso vassalo. Protegei Leonel, meu irmão, para que esses cavaleiros não o matem, pois, por Vossa misericórdia e por Maria, socorrerei esta donzela.

CAPÍTULO X

Como Sir Bors partiu para salvar o irmão e salvou também a donzela; e como lhe disseram que Leonel estava morto.

Dirigiu-se então para aquele que levava a moça e gritou: Senhor cavaleiro, tirai as mãos desta donzela ou morrereis! O outro soltou então a donzela. Estava inteiramente armado, à exceção da lança, por isso, ergueu o escudo e sacou da espada. Bors investiu contra ele com tanta força que lhe traspassou o escudo e a cota de malha na altura do ombro esquerdo. Com um golpe poderoso, derrubou-o por terra e, quando Sir Bors retirou a espada, seu adversário perdeu os sentidos. Ele se aproximou então da donzela e lhe disse: O que vos parece? Nesta ocasião, fostes libertada deste cavaleiro. Agora, senhor, respondeu ela, rogo-vos que me leveis de volta ao lugar de onde ele me tirou. Farei isso de muito bom grado, declarou Sir Bors. Pegou o cavalo do ferido, ajudou a jovem a montar e a levou até onde ela queria ir. Senhor cavaleiro, disse ela, fizestes mais do que podeis imaginar, pois se eu houvesse perdido minha virgindade, quinhentos homens teriam morrido por isso. Quem era aquele cavaleiro que tentava vos levar para a floresta? Por minha fé, respondeu a moça, é meu primo. Não sei com que artimanha o demônio o inflamou, pois ontem me tirou de meu pai às escondidas. Nem eu nem qualquer um dos homens de meu pai temíamos algo de sua parte. Se ele me houvesse tirado a virgindade, teria morrido por seu pecado e seu corpo teria sido coberto de vergonha e de desonra para sempre. Enquanto travavam tal conversa, chegaram 12 cavaleiros que vinham à sua procura, e ela logo lhe contou como Bors a tinha salvado. Todos demonstraram grande alegria e suplicaram ao cavaleiro que fosse com eles ao encontro do pai da donzela, um grande senhor que lhe daria excelente acolhida. Na verdade, respondeu Bors, não posso fazer isso por ora, já que tenho que levar a cabo uma grande aventura neste país. Ao dizer isso, encomendou-os a Deus e partiu.

Cavalgou então em busca de Leonel, seu irmão. Seguiu o rastro dos cavalos e passou muito tempo procurando por ele. A certa altura, avistou um homem trajando hábito de religioso e que estava montado em um forte cavalo negro, mais negro do que um urso, e este lhe perguntou: O que estais procurando, senhor cavaleiro? Procuro por meu irmão, respondeu Sir Bors. Ainda há pouco eu o vi sendo golpeado por dois cavaleiros. Ah, Bors, disse o outro. Não vos desespereis, não vos deixeis cair em desolação, pois vos darei notícias do que se passou. Na verdade, ele morreu. Mostrou-lhe então um corpo que havia morrido pouco tempo

antes e que jazia em meio a alguns arbustos. E pareceu ao cavaleiro que se tratava efetivamente do corpo de Leonel. Tamanha foi sua dor que ele caiu por terra, inteiramente desvanecido, e ficou estirado ali por um bom tempo. Quando recobrou os sentidos, disse: Gentil irmão, já que tu e eu nos separamos para sempre, nunca mais voltarei a ter alegria no coração. Que Aquele que assumi como meu senhor seja meu consolo. Ao dizer isso, pegou o corpo nos braços e o pôs sobre o arção de sua cela. Em seguida, perguntou: Podeis indicar-me alguma capela onde eu possa enterrar este corpo? Vinde comigo, respondeu o outro. Existe uma perto daqui. Os dois cavalgaram por um bom tempo, até que avistaram uma formosa torre. Diante dela, havia uma velha ermida quase em ruínas. Apearam-se ambos e depositaram o cadáver em um sepulcro de mármore.



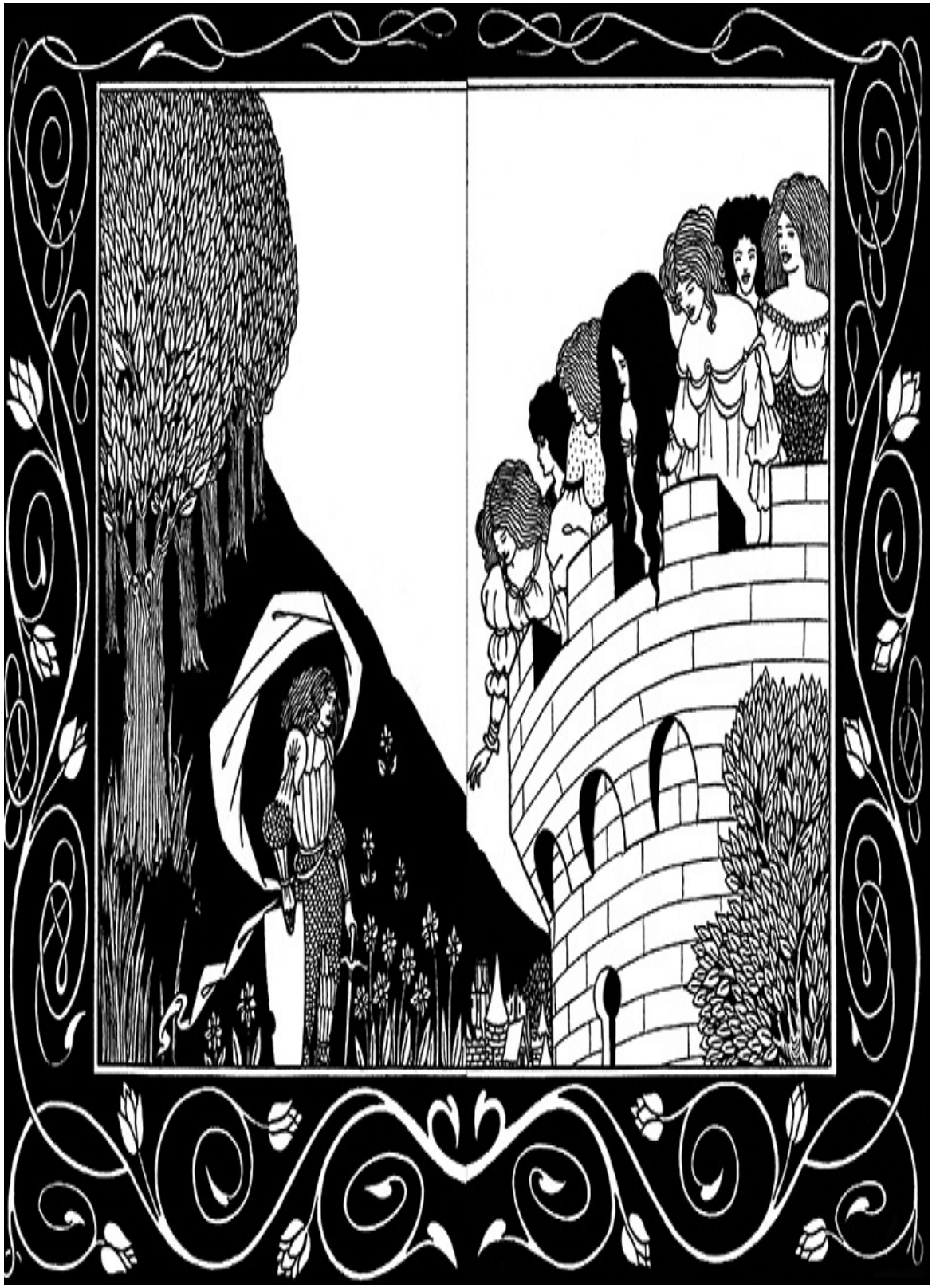
CAPÍTULO XI

Como Sir Bors contou a um padre o sonho que tivera, e sobre o conselho que lhe deu o religioso.

Por ora, deixemo-lo aqui, disse o bom homem, e vamos descansar até amanhã, quando voltaremos para lhe dedicar um serviço religioso. Sois padre, senhor?, perguntou Sir Bors. Na verdade, sim, respondeu o outro. Rogo-vos então que me expliqueis um sonho que tive ontem à noite. Falai, disse o religioso. Então, o cavaleiro lhe falou da grande ave que vira na floresta e, depois, das duas aves, uma branca e uma negra, da árvore apodrecida e das flores brancas. Senhor, vou vos explicar uma parte agora, e a outra, amanhã. A ave branca representa uma dama, formosa e rica, que vos amava como amante e vos ama há muito tempo. Se recusardes seu amor, ela não tardará a morrer, a menos que tenhais piedade dela. Mas, por nenhum medo que possais ter ou temor a Deus, deveis rechaçá-la, a não ser que queirais ser considerado casto para conquistar a fama e a vã glória do mundo. Pois, se a rechaçardes, Lancelote, o bom cavaleiro, vosso primo, morrerá. Por isso, dirão que sois o assassino de vosso irmão, Sir Leonel, e de vosso primo, Sir Lancelote do Lago, que poderíeis ter salvado com facilidade, mas decidistes salvar uma donzela que nem sequer conhecíeis. Pensai um pouco: não é um mal maior a morte de vosso irmão do que o fato de ela perder a virgindade? Compreendestes o significado do que o sonho vos mostrou?, perguntou ele. Sim, respondeu Sir Bors. Compreendi perfeitamente vossa exposição e a explicação de meu sonho. Então, por não contar com vosso auxílio, Sir Lancelote, vosso primo, morrerá, disse o homem de traje negro. Senhor, disse Sir Bors, não gostaria que isso acontecesse. Sabei que não há nada no mundo que eu deseje menos do que ver meu senhor, Sir Lancelote do Lago, morrer por falta de ajuda minha. Pois deveis então escolher agora uma coisa ou outra, disse o bom homem.

Em seguida, conduziu Sir Bors até uma alta torre onde havia cavaleiros e damas. Estas lhe deram as boas-vindas e o desarmaram. Quando ele estava apenas de gibão, trouxeram um manto forrado de arminho e o jogaram sobre seus ombros. Depois, fizeram-lhe tantos agrados que ele esqueceu toda sua dor e toda sua angústia, entregando o coração a essas guloseimas e delícias, e nem pensou mais em seu irmão, Sir Leonel, ou em Sir Lancelote do Lago, seu primo. Nesse instante, saiu de um aposento, vindo a seu encontro, a mais bela dama que já vira na vida e que estava mais ricamente trajada que a Rainha Guinevere ou qualquer outra mulher da nobreza. Vede, Bors, disseram-lhe as damas. Eis a dama a que devemos

todo nosso serviço. Cremos que seja a mais rica e mais formosa do mundo, e ela vos ama mais que a qualquer outro cavaleiro, pois não aceita nenhum deles, a não ser vós. Ao ouvir tais palavras, Sir Bors ficou muito constrangido. Apesar de tudo, os dois se saudaram, sentaram-se juntos e conversaram sobre diversos assuntos. A certa altura, a dama lhe suplicou que ele se tornasse seu amor, pois amava-o mais que a qualquer um na terra e poderia fazer dele um homem tão rico quanto jamais o fora alguém de sua idade. Quando Bors ouviu tais propostas, ficou muito inquieto, pois não desejava de forma alguma quebrar seu voto de castidade, e não soube o que responder.



CAPÍTULO XII

Como um demônio em forma de mulher apareceu para tentar Sir Bors, e como ele escapou pela graça de Deus.

Ai, Bors, exclamou ela. Não quereis fazer minha vontade? Senhora, respondeu ele, não há no mundo outra dama cujo desejo eu mais quisesse satisfazer, pois meu irmão foi assassinado recentemente. Ah, Bors, insistiu a mulher, faz tempo que vos amo pela grande beleza que pude ver em vós e pelas grandes proezas que ouvi a vosso respeito. Deveis, pois, vos deitar comigo esta noite, e eu vos rogo que me concedais este desejo. Na verdade, retrucou o cavaleiro, isso é algo que não farei de maneira alguma. A mulher começou então a se lamentar, como se fosse morrer. Pois sabei que me trouxestes a este ponto, à beira do fim. Ao dizer isso, pegou sua mão e lhe pediu que ele a fitasse. Vereis como hei de morrer por vosso amor. Ah!, exclamou Sir Bors. Jamais verei tal coisa.

Ela então se afastou e, acompanhada de duas de suas 12 damas, foi até uma ameia bem elevada. Quando estavam lá no alto, uma dessas mulheres gritou: Ah, Bors, gentil cavaleiro, tende piedade de nós e consenti que minha senhora tenha sua vontade satisfeita; caso contrário, teremos de nos submeter à morte com ela, pois cairemos juntas desta alta torre. Se permitirdes que morramos por tão pouco, todas as damas e donzelas lançarão a desonra sobre vosso nome. Sir Bors ergueu os olhos e viu que todas pareciam mulheres da alta nobreza, ricamente trajadas e bem adereçadas. Embora tenha sentido muita pena delas, não estava desaconselhado, e preferiu ver todas perderem a alma a deixar que a sua se perdesse. Nesse momento, todas se precipitaram juntas no vazio e, diante de tal cena, o cavaleiro ficou assombrado e perturbado. Fez então o sinal da cruz no corpo e no rosto. De imediato, ouviu um forte estrondo e um grande alarido, como se todos os demônios do inferno estivessem ao seu redor. Não viu mais a torre, nem a senhora, nem suas damas e tampouco a capela onde havia deixado o corpo de seu irmão. Ergueu então ambas as mãos para o céu e disse: Gentil Deus Pai, escapei por pouco! E, depois de pegar suas armas e seu cavalo, seguiu seu caminho até que ouviu um relógio soar de seu lado direito.

Tomou essa direção e chegou a uma abadia cercada por altas muralhas, onde o deixaram entrar. Crendo que se tratava de algum participante da demanda do Santo Graal, levaram-no para um quarto e o desarmaram. Senhores, disse Sir Bors, se houver algum homem santo neste lugar, eu vos rogo que me permitais falar com ele. Um dos religiosos o conduziu então à presença do abade que estava na capela.

Depois de se cumprimentarem, Sir Bors disse: Senhor, sou um cavaleiro andante. E lhe contou toda a aventura que acabara de vivenciar. Senhor, respondeu o abade, não sei quem sois, pois não supunha que um cavaleiro de vossa idade pudesse ser tão forte na graça de Nosso Senhor Jesus Cristo. Agora, porém, deveis descansar, pois não quero vos aconselhar ainda hoje, uma vez que já é bem tarde. Amanhã, farei o melhor que puder.

CAPÍTULO XIII

Sobre a sagrada comunicação feita a Sir Bors por um abade e que conselhos este lhe deu.

Naquela noite, Sir Bors foi muito bem servido e, logo cedo pela manhã, depois de assistir à missa, foi ao encontro do abade. Os dois se saudaram e, em seguida, o cavaleiro lhe contou que participava da demanda do Santo Graal e que fora aconselhado por um santo homem a comer apenas pão e água. Então Nosso Senhor Jesus Cristo se mostrou a vós sob a aparência de uma ave que padecia de grande sofrimento por todos nós, já que foi posto na cruz e seu coração sangrou pela humanidade. O que apareceu à vossa frente era o sinal e a semelhança do Santo Graal, pois o sangue derramado pela grande ave devolveu a vida a seus filhotes. A árvore desfolhada representa o mundo que está nu e sem frutos se não for pela vinda de Nosso Senhor. Quanto à dama por quem lutastes, e o Rei Aniause, que fora antes o senhor daquele lugar, representam Jesus Cristo, que é Rei do mundo. Vossa luta contra o campeão por tal senhora representa isto: deveis entender por ela a nova lei de Jesus Cristo e a Santa Igreja, ao passo que a outra senhora seria a lei antiga e o demônio que guerreia diariamente contra a Santa Igreja. Por isso, a decisão de lutar foi correta, já que sois cavaleiros de Jesus Cristo e, portanto, defensores da Igreja. Pela ave negra, podeis entender essa santa instituição que diz: “Sou negra”, embora seja pura. Por outro lado, a ave branca pode representar o demônio, como o cisne que é branco por fora e negro por dentro. É a hipocrisia, amarela ou pálida, assemelhando-se aos servidores de Jesus Cristo que, no entanto, internamente, têm a terrível aparência da corrupção e do pecado e arrastam o mundo inteiro na direção do mal. O demônio também se mostrou a vossos olhos como um religioso que o criticou por terdes deixado vosso irmão para defender uma dama e vos levou ao local onde parecia que vosso irmão estava morto, embora ele ainda esteja vivo. Tudo isso foi feito para vos confundir e vos levar ao desespero, à luxúria, pois ele sabia que tendes o coração terno. Tais artimanhas tinham um único objetivo: que não conseguísseis levar a cabo a bendita aventura do Santo Graal. Já a terceira ave representa a acirrada batalha contra as formosas damas que eram todas diabas. Há ainda a árvore seca e o lírio branco. A primeira representa vosso irmão Leonel, que está seco e sem virtude e que, portanto, deve ser chamado por muitos de árvore podre e carcomida, já que ele é um assassino e tem atitudes contrárias à ordem da cavalaria. As duas flores brancas significam dois jovens: uma delas é um cavaleiro que foi recentemente

ferido; a outra, a dama que salvastes. Por que uma das flores se aproximava da outra? Porque era o cavaleiro que queria desonrá-la e também a si mesmo. Teríeis sido muito louco e teríeis incorrido em grande perigo se houvesses deixado perecer essas duas flores para socorrer a árvore podre, pois, se elas houvessem pecado juntas, estariam condenadas. E, já que as salvastes, podeis ser considerado um verdadeiro cavaleiro e servidor de Jesus Cristo.

CAPÍTULO XIV

Como Sir Bors encontrou o irmão, Sir Leonel, e como este último esteve a ponto de matá-lo.

Sir Bors se foi, encomendando o abade a Deus. Passou o dia inteiro cavalgando até encontrar abrigo para a noite na casa de uma senhora idosa. Pela manhã, chegou a um castelo em um vale onde deu com um criado que seguia apressado em direção a uma floresta. Podes me indicar alguma aventura?, perguntou o cavaleiro. Senhor, respondeu o homem, aqui, ao pé deste castelo, vai haver um grande e magnífico torneio. Quem o mandou realizar? O Conde das Planícies lidera um dos grupos, e o sobrinho de Lady Hervin, o outro. Bors pensou então que talvez pudesse encontrar ali seu irmão, Sir Leonel, ou algum outro membro de sua companhia que estivesse participando da demanda do Santo Graal. Dirigiu-se para um eremitério que ficava na orla da floresta e, lá chegando, avistou Sir Leonel, inteiramente armado e sentado diante da porta da capela, com a intenção de passar a noite ali até a manhã seguinte, quando aconteceria o torneio. Ao vê-lo, Sir Bors sentiu tanta alegria que seria assombroso contar. Apeou-se, então, e disse: Gentil e doce irmão, quanto chegastes? Mas o irmão respondeu: Ah, Bors, não tendes de que vos orgulhar, pois, por vossa causa, poderiam ter me matado. Quando vistes que dois cavaleiros me levavam e me espancavam, deixastes-me para socorrer uma dama, permitindo que eu corresse risco de morte. Jamais irmão algum cometeu tamanha deslealdade com outro! Por tal crueldade, tudo que posso vos prometer é a morte, coisa que sem dúvida mereceis. Tratai, portanto, de vos defender, porque hei de vos atacar tão logo estejais armado. Ao ouvir estas palavras tão iradas do irmão, Sir Bors se pôs de joelhos e, erguendo ambas as mãos, pediu piedade e rogou que Leonel perdoasse sua atitude. Não!, retrucou este. Jamais o farei enquanto tiver condições de vos derrotar. Juro por Deus. Hei de vos matar por isso, pois é lamentável que continueis vivendo.

De imediato, pegou seu arnês, montou seu cavalo, postou-se diante do irmão e lhe disse: Bors, defendei-vos de mim porque vou fazer convosco o que faria com um vilão ou um traidor. Sois o cavaleiro mais desleal que já saiu de uma casa digna como a do Rei Bors de Ganis, nosso pai. Saltai, pois, em vosso cavalo para estardes em situação mais vantajosa. Se não quiserdes fazê-lo, atacarei assim mesmo, estando vós a pé, o que será vergonha para mim e perigo para vós, embora eu não faça caso algum de tal vergonha. Vendo que devia enfrentar o próprio irmão ou morrer, Sir Bors ficou desconcertado. Então, seu coração lhe disse para não

reagir, tanto mais que Leonel nascera antes dele e, por isso, ele lhe devia reverência. Assim, pois, ajoelhou-se aos pés do cavalo de Leonel e disse: Gentil e doce irmão, tende piedade de mim e não me mateis. Lembrai-vos do grande amor que deve existir entre nós dois. Sir Bors, porém, podia dizer o que quer que fosse a Sir Leonel: este não lhe dava ouvidos, pois o demônio o havia incitado de tal forma que ele estava decidido a matá-lo. Quando percebeu que o irmão não esboçaria reação, que não se levantaria para enfrentá-lo, investiu contra ele com tamanha violência que o derrubou com as patas do cavalo, de barriga para cima, e o feriu tão gravemente que Sir Bors perdeu os sentidos, angustiado, sentindo que ia morrer sem se confessar. Ao ver isso, Leonel se apeou para lhe cortar a cabeça. Segurou o irmão pelo elmo, disposto a arrancá-lo. Nesse momento, o eremita se aproximou correndo. Era um homem bom e bem idoso que havia ouvido todas as palavras trocadas pelos irmãos e se atirou sobre Sir Bors.

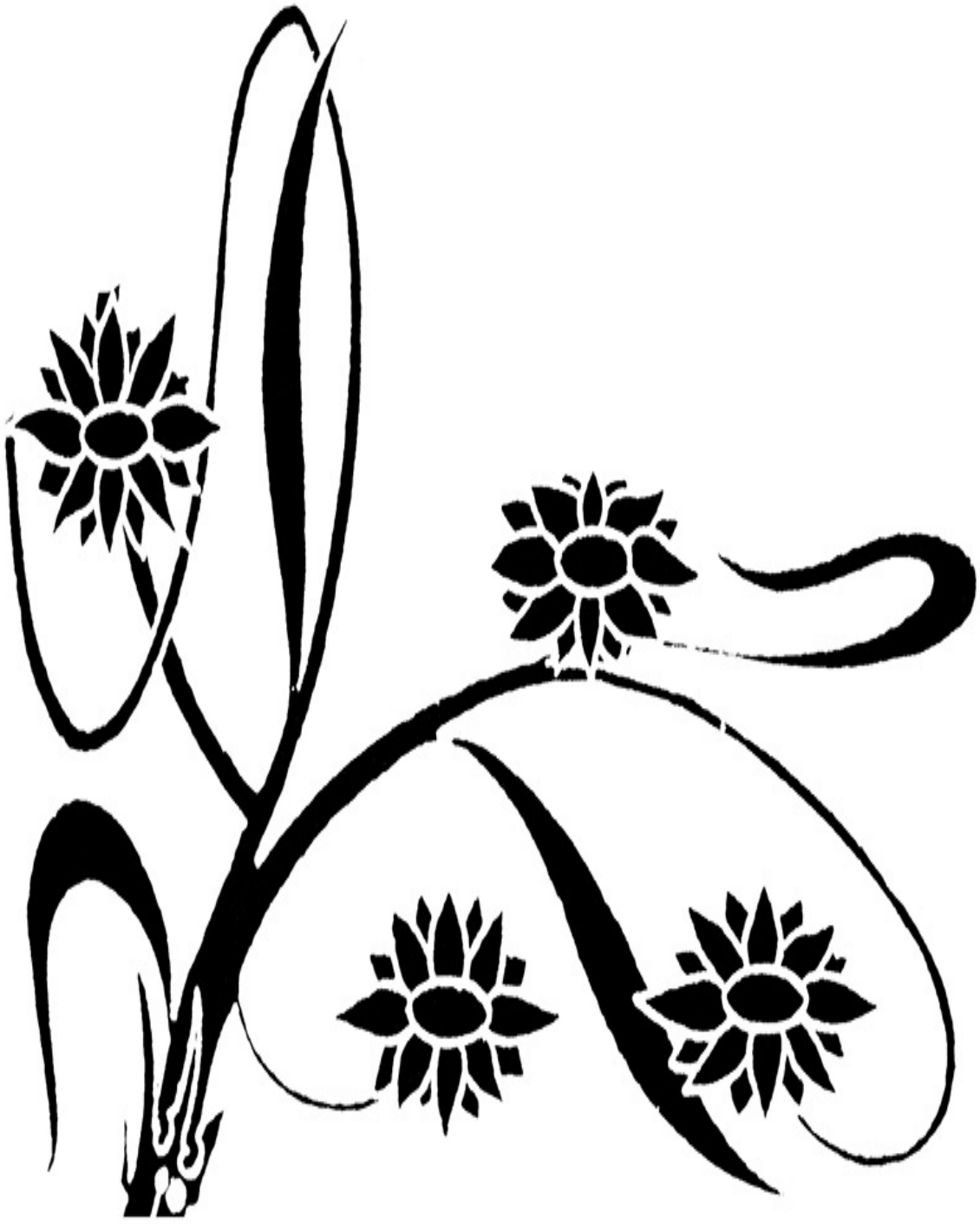
CAPÍTULO XV

Como Sir Colgrevance enfrentou Sir Leonel para salvar Sir Bors, e como o eremita acabou morto.

Ah, gentil cavaleiro, disse ele então a Leonel, tende piedade de mim e de vosso irmão, pois, se o matardes, morrereis em pecado, o que seria doloroso, já que vosso irmão é um dos mais perfeitos cavaleiros do mundo e um dos que se encontra em melhores condições. Valha-me Deus, senhor capelão, retrucou Leonel, se não vos afastardes, também vos matarei, e ele não terá melhor destino depois. Prefiro que me mateis a mim do que a ele, disse o bom homem, porque minha morte não será grande perda; na verdade, nem metade da sua. Pois que assim seja, disse Leonel, e, empunhando a espada, lhe desferiu um golpe tão forte na cabeça que esta pulou para trás. Isso, porém, não conteve a má disposição do cavaleiro. Pegou seu irmão pelo elmo e o retirou para lhe decepar a cabeça e matá-lo sem hesitação. Mas aconteceu que Colgrevance, membro da Távola Redonda, chegou nesse momento, por desígnio de Nosso Senhor. Quando viu o santo homem morto, ficou assombrado e se perguntou o que poderia ter levado àquilo. Viu então que Leonel ia matar o próprio irmão e reconheceu Sir Bors, a quem muito amava. Saltou do cavalo e segurou Leonel pelos ombros, afastando-o de Sir Bors com toda força. Leonel, disse ele, quereis matar vosso irmão, o cavaleiro mais perfeito do mundo? Nenhum homem de bem pode permitir isso! Por que quereis me impedir de fazê-lo?, perguntou o outro. Se vos intrometerdes nesta questão, haverei de vos matar primeiro e, depois, a ele. Pois então quereis efetivamente matá-lo?, perguntou Colgrevance. É o que pretendo, respondeu Leonel, por mais que se possa dizer o contrário, já que ele tantas fez contra mim que bem merece esse destino. Ao dizer isso, lançou-se novamente sobre o irmão com o intuito de lhe cortar a cabeça. Sir Colgrevance, porém, meteu-se entre os dois, dizendo: Se ousardes seguir adiante, haveremos de nos enfrentar.

Ao ouvir essas palavras, Leonel ergueu o escudo e lhe perguntou quem ele era. O outro respondeu que era Colgrevance, um de seus companheiros. Então, Leonel o desafiou e lhe desferiu um forte golpe sobre o elmo. O recém-chegado sacou da espada e se defendeu como pôde, já que era excelente cavaleiro. O confronto se estendeu por tanto tempo que Sir Bors se levantou, aflito, e viu Colgrevance, o bom cavaleiro, lutando contra seu irmão para defendê-lo. Sentiu então grande angústia e pesar, pois, se Colgrevance matasse aquele que era seu irmão, nunca mais teria alegria na vida, e se seu irmão matasse o cavaleiro, a

afronta seria sua. Quis levantar-se para apartá-los, mas não tinha forças para ficar de pé. Esperou um bom tempo, até ver Colgrevance vencido, porque Leonel, que era muito hábil na cavalaria e muito audacioso, já havia destruído a cota e o elmo de seu adversário. Para Sir Bors, não havia o que esperar senão a morte, pois Colgrevance havia perdido muito sangue e era assombroso que ainda conseguisse se manter de pé. Então, vendo que Sir Bors estava sentado e prestes a se levantar, ele disse: Ah, Bors, por que não vindes livrar-me do risco de morte que estou enfrentando para vos socorrer quando estáveis tão perto de morrer? Decerto isso não vos servirá de nada, retrucou Leonel, pois nenhum de vós poderá socorrer o outro e morrereis ambos por minhas mãos. Ao ouvir isso, Bors se levantou e pôs o elmo. Nesse momento, percebeu que o eremita capelão havia sido assassinado e muito se lamentou.



CAPÍTULO XVI

Como Sir Leonel matou Sir Colgrevance, e como, depois, quis matar Sir Bors.

Por que me deixais morrer aqui por vós?, continuava gritando Colgrevance. Se permitis que eu morra por vós, preferiria mil vezes morrer para salvar um homem digno. Nesse instante, Sir Leonel tirou o elmo de sua cabeça e o cavaleiro percebeu que não poderia escapar. Gentil e doce Jesus, disse ele, se fiz algo de ruim, tende piedade de minha alma por toda a angústia que meu coração sofre pela bondade, e que a obra de caridade que pretendi fazer aqui seja alívio de penitência para a salvação de minha alma. Foi então que Leonel desferiu um golpe poderoso, derrubando-o por terra. Depois de matar Colgrevance, voltou-se para o irmão como um endemoniado e o acertou com tanta força que este se dobrou para a frente. Cheio de humildade, Sir Bors implorou, pelo amor de Deus, que Leonel abandonasse aquela luta. Pois se acontecesse, gentil irmão, de eu vos matar ou vós a mim, ambos morreríamos em pecado, disse ele. Que Deus jamais me ajude se eu tiver piedade de vós tendo-vos à minha mercê, retrucou o adversário. Então, todo choroso, Bors sacou da espada e disse: Gentil irmão, Deus conhece minha intenção. Ah, gentil irmão, agistes muito mal matando um santo capelão que não havia feito mal algum. E também matastes um cavaleiro cortês que era um de nossos companheiros. Sabei que não é de vós que tenho medo, mas sim da ira de Deus. Ademais, esta batalha é descortês. Assim, pois, que Deus mostre um milagre diante de nós dois. Que Deus tenha piedade de mim, embora esteja defendendo minha própria vida contra meu irmão. E, ao dizer isso, ergueu a mão para ferir Leonel.



CAPÍTULO XVII

Como uma voz se fez ouvir alertando Sir Bors para não tocar em seu irmão, e sobre a nuvem que se interpôs entre ambos.

Nesse instante, ouviu uma voz que dizia: Afasta-te, Bors. Não toca nele ou o matarás. De imediato, desceu entre os dois uma nuvem que se assemelhava a um fogo e a uma maravilhosa chama e que fez com que ambos os escudos se incendiassem. Os dois adversários ficaram assombrados, a tal ponto que caíram desfalecidos e jazeram estendidos ali sem sentido por um bom momento. Quando voltaram a si, Bors viu que o irmão não havia sofrido dano algum e, então, ergueu ambas as mãos, pois temeu que Deus houvesse decidido se vingar dele. Nisso, ouviu uma voz que dizia: Vai-te embora daqui, Bors. Não permaneças na companhia de teu irmão. Toma antes o caminho que leva direto ao mar, pois Sir Percival está lá à tua espera. Então, ele se voltou para Leonel e lhe disse: Gentil e doce irmão, pelo amor de Deus, perdoai-me por todo o mal que vos causei. Ao que Leonel respondeu: Que Deus vos perdoe, pois eu o faço de bom grado.

Os dois então se separaram, e Sir Bors tomou o caminho que ficava mais perto do mar até, que, por fortuna, chegou a uma abadia próxima à costa. Descansou ali naquela noite e, em seus sonhos, ouviu uma voz mandando que ele fosse até o mar. O cavaleiro então se levantou prontamente, fez o sinal da cruz no meio da testa, selou seu cavalo e o montou, saindo por uma brecha da parede e cavalgando por muito tempo até chegar ao mar. Na praia, avistou uma embarcação toda coberta de brocado branco. Apeou-se e encomendou-se a Jesus Cristo. Assim que subiu no navio, este partiu mar afora e navegava tão depressa que parecia até voar. Logo, porém, escureceu, e não se podia ver absolutamente nada. Então, Sir Bors dormiu até o raiar do dia. Quando despertou, viu um cavaleiro todo armado, à exceção do elmo, deitado no meio da embarcação. Muito se alegrou ao perceber que se tratava de Sir Percival de Gales. No entanto, este se mostrou muito surpreso por vê-lo e lhe perguntou quem ele era. Ah, gentil senhor, disse Sir Bors, não me conheceis? Por certo não sei como chegastes até aqui, retrucou o outro. A menos que o Nosso Senhor vos tenha trazido. Ao ouvir isso, Sir Bors sorriu e tirou o elmo. De imediato, Sir Percival o reconheceu, e a alegria que ambos demonstraram foi magnífica de se ver. Bors lhe contou como havia embarcado naquele navio e por exortação de quem, e ambos contaram um ao outro as tentações que já ouvistes anteriormente. Seguiram pois pelo mar, ora em uma direção, ora em outra, confortando-se mutuamente e muitas vezes entregues à

oração. Então, Sir Percival lhe disse: Nada nos falta, a não ser Galahad, o bom cavaleiro.

E assim termina o décimo sexto livro, que trata de Sir Gawaine, Hector de Maris, Sir Bors de Ganis e Sir Percival.
Segue-se o décimo sétimo livro, que trata do nobre cavaleiro Sir Galahad.

LIVRO XVII





CAPÍTULO I

Como Sir Galahad combateu em um torneio e como foi reconhecido por Sir Gawaine e Sir Hector de Maris.

omo conta a história, depois que salvou Percival dos vinte cavaleiros, Galahad adentrou uma floresta desolada, por onde cavalgou durante vários dias. Lá encontrou muitas aventuras que levou a cabo, mas das quais a narrativa não faz menção alguma. Certo dia, tomou o caminho do mar e passou casualmente por um castelo em que se realizava um magnífico torneio. Os de fora, porém, haviam realizado tantas façanhas que haviam vencido os de dentro, que, no entanto, eram cavaleiros bastante bons. Ao ver aquela gente mergulhada em tamanho sofrimento que acabavam mortos na entrada do castelo, Galahad resolveu ir em seu auxílio. Enristou a lança, ferindo o primeiro deles e partindo sua arma em pedaços. Sacou então da espada e começou a atacar nos pontos em que havia mais homens. Realizou feitos de armas tão fabulosos que todos ali se maravilhavam ao vê-lo. Aconteceu que Gawaine e Sir Hector de Maris se encontravam entre os cavaleiros de fora, mas, quando viram o escudo branco com a cruz vermelha, disseram-se: Este é o bom cavaleiro Sir Galahad, o Alto Príncipe. Seria uma insanidade confrontá-lo. Nesse momento, o jovem se aproximou de Sir Gawaine e o atingiu com tanta força que lhe rachou o elmo e a coifa de ferro até chegar à sua cabeça, derrubando-o no chão. O golpe, porém, foi tão possante que a lâmina desceu até o solo e cortou em dois o ombro do cavalo.

Quando Hector viu Gawaine caindo, afastou-se um pouco e pensou que não era aconselhável resistir a Galahad, até mesmo por uma questão de afeto, já que era seu tio. Foi assim que, com extrema audácia, o jovem rechaçou todos os forasteiros. Depois disso, os do castelo saíram para persegui-los e, ao ver que não aparecia mais nenhum adversário, Galahad partiu às escondidas, de tal forma que ninguém soube que rumo havia tomado. Por minha fé, disse Gawaine a seu companheiro, eram verdadeiras as maravilhas que se diziam de Lancelote do Lago; que a espada fincada na pedra me causaria uma derrota que eu não desejaria ter

nem pelo melhor castelo deste mundo. Agora, ficou provado que tudo aquilo era certo, pois, até hoje, jamais havia recebido golpe semelhante das mãos de nenhum homem. Senhor, disse Hector, parece-me que aqui termina vossa demanda. Mas não a vossa, retrucou Gawaine. A minha chegou realmente ao fim, pois não hei de procurar mais. Levaram-no então a um castelo, onde foi desarmado e deitado em um rico leito. O médico acreditou que o cavaleiro sobreviveria e estaria curado em um mês. Gawaine e Hector permaneceram juntos, pois este último não quis partir até ver seu companheiro recuperado.

Já o bom cavaleiro Galahad cavalgou por muito tempo até que, certa noite, chegou ao castelo de Carbonek. Parou para repousar em uma ermida e o homem santo se alegrou ao ver que se tratava de um cavaleiro andante. Enquanto ele descansava, uma mulher veio bater à porta e chamou por Galahad. O ermitão foi abrir para ver o que ela queria. Senhor Ulfin, disse ela em voz alta, sou uma dama que deseja falar com o cavaleiro que está aqui convosco. Então, o bom homem foi acordar o jovem, dizendo-lhe: Levantai e vinde falar com uma dama que parece precisar muito de vós. Galahad assim o fez e lhe perguntou o que ela queria. Galahad, respondeu a mulher, quero que vos armeis, monteis em vosso cavalo e me sigais, pois, dentro de três dias, hei de vos mostrar a mais elevada aventura que jamais viu cavaleiro algum. Sem mais tardar, o mancebo se armou, pegou seu cavalo e se encomendou a Deus. Em seguida, disse à dama que se pusesse a caminho, pois ele a seguiria aonde ela desejasse.

CAPÍTULO II

Como Sir Galahad saiu cavalgando com uma donzela e chegou a um navio onde estavam Sir Bors e Sir Percival.

A mulher saiu cavalgando a toda velocidade que seu palafrém conseguia correr, até chegar ao mar que chamavam de Collibe. Ao anoitecer, estavam diante de um castelo que ficava em um vale, cercado por um rio e por fortes e altas muralhas. Ela entrou nesse castelo com Galahad e receberam ali boa acolhida, pois a castelã era a senhora daquela donzela. Depois que o cavaleiro foi desarmado, a moça perguntou: Senhora, passaremos o dia inteiro aqui? Não, respondeu ela. Só ficareis até que ele tenha comido e dormido um pouco. Então, Galahad comeu e dormiu por algum tempo. Mais tarde, a donzela veio chamá-lo e o armou à luz de uma tocha. Quando os dois já haviam montado seus cavalos, a senhora do castelo trouxe para o mancebo um rico e belo escudo. Partiram, pois, e chegaram a uma praia onde avistaram a embarcação em que estavam Bors e Percival, que o saudaram aos gritos: Sede bem-vindo, Sir Galahad! Faz tempo que esperamos por vós. Ao ouvi-los, o jovem lhes perguntou quem eles eram. Senhor, disse-lhe a donzela, deixai aqui vosso cavalo. Também deixarei o meu. Levando consigo selas e arreios, ambos fizeram o sinal da cruz e subiram no navio. Os dois cavaleiros os receberam com grande satisfação e todos se reconheceram. Quando o vento se levantou, levou o navio pelas águas até um lugar maravilhoso. Pouco depois, amanheceu.

Então, Galahad tirou o elmo e a espada e perguntou a seus companheiros de onde vinha aquela embarcação tão formosa. Na verdade, sabeis tão bem quanto nós que ela vem da graça de Deus. Em seguida, os três contaram uns aos outros suas aventuras intensas e suas grandes tentações. Deveis realmente estar muito gratos a Deus, observou o jovem, pois haveis escapado de grandes aventuras. E, se não fosse por esta mulher, jamais teria vindo até aqui, pois não poderia imaginar que vos encontraria nestes países estranhos. Ah, Galahad, disse Bors, se Lancelote, vosso pai, estivesse aqui, ficaríamos muito felizes, pois, então, creio que não nos faltaria mais nada. Isso não é possível, retrucou o mancebo, a menos que seja do agrado de Nosso Senhor.

Nesse momento, o navio deixou a terra de Logres e acabou chegando a um local entre dois penhascos enormes e magníficos. No entanto, não puderam aportar, pois havia ali um engolidor do mar. Mas havia outra embarcação e puderam passar para ela sem risco algum. Passemos para lá, disse a mulher, e encontraremos

aventuras, porque esta é a vontade de Nosso Senhor. Ao chegarem, viram que se tratava de um riquíssimo navio, embora não houvesse nele nem homem, nem mulher. Descobriram, porém, no fundo da embarcação, duas formosas cartas que continham uma mensagem espantosa e maravilhosa: Tu que entras nesta nave trata de ser firme em tua crença, pois eu sou a Fé. Cuida, pois, do modo como entras aqui, porque, se fracassares, não te ajudarei. Sabeis quem sou, Percival?, perguntou então a dama. Decerto que não, respondeu o cavaleiro. Pois sabei que sou vossa irmã, filha do Rei Pellinore, e, portanto, sois o homem que mais amo neste mundo. Se não estiverdes em perfeita crença em Nosso Senhor Jesus Cristo, não entreis aí em hipótese alguma, porque, nesse caso, o navio haverá de naufragar, já que ele é tão perfeito que não suportará levar pecador algum. Ao saber que se tratava de sua própria irmã, Percival sentiu uma grande satisfação interior. Gentil irmã, disse ele. Entrarei nesta embarcação, pois se eu for uma criatura falsa ou um cavaleiro desleal, nela hei de perecer.

CAPÍTULO III

Como Sir Galahad entrou no navio; sobre o belo leito que havia ali, juntamente com outras maravilhas; e sobre uma espada.

Nesse ínterim, Galahad se persignou e entrou na embarcação. Depois dele, foi a vez da dama e, sem seguida, Sir Bors e Sir Percival. Lá dentro, perceberam que ela era tão magnífica e rica que ficaram maravilhados. No meio do navio, havia uma bela cama. Galahad se aproximou e encontrou ali uma coroa de seda. Aos pés do leito, uma espada, rica e bela, tinha meio pé ou mais da lâmina para fora da bainha. A arma tinha aspectos diversos, com o pomo de pedra, todo tipo de cores imagináveis, cada qual com várias virtudes. Os gaviões do punho eram duas costelas de animais diferentes: uma delas era de uma serpente que vive na Caledônia, conhecida como serpente do demônio, cujo osso tem tamanha virtude que não há mão que se canse ou se fira ao manejá-lo. O outro animal é um peixe não muito grande que vive no rio Eufrates. Tal peixe é denominado Ertanax. Seus ossos são muito poderosos, então aquele que o maneja terá tanta disposição que nunca haverá de se cansar ou pensar em nenhuma alegria ou dor que tenha experimentado, limitando-se apenas a se concentrar naquilo que tiver diante de si. Nenhum homem jamais empunhará esta espada, a não ser um único, que há de sobrepujar todos os demais. Em nome de Deus, disse Percival, tentarei manejar esta espada. Ao dizer isso, esticou a mão para a arma, mas não conseguiu empunhá-la. Por minha fé, exclamou, fracassei. Bors fez o mesmo e tampouco conseguiu seu intento.

Então, Galahad fitou a espada e viu letras que pareciam de sangue, com os dizeres: Vejamos quem tentará sacar-me de minha bainha. Precisará ser mais ousado que qualquer outro. E aquele que o fizer jamais incorrerá em vergonha de seu corpo ou será ferido de morte. Por minha fé, disse Galahad, bem gostaria de sacar esta espada de sua bainha, mas o risco é tão grande que não porei minhas mãos nela. Senhores, disse a dama, sabei que todos os homens estão proibidos de tirar esta lâmina de sua bainha, à exceção de vós. Esta embarcação também aportou no reino de Logres e, na época, uma guerra mortal estava sendo travada entre o Rei Labor, pai do rei inválido, e o Rei Hurlame, que era sarraceno. Este, porém, acabou sendo batizado e passou a ser considerado um dos homens mais sábios do mundo. Certo dia, as hostes do Rei Labor e do Rei Hurlame tinham se enfrentado no mar onde este navio estava aportado. Nesse confronto, o Rei Hurlame foi derrotado e teve seus homens mortos. Com medo de que o matassem,

fugiu para esta embarcação, encontrou esta espada e a sacou. Quando saiu, encontrou o Rei Labor, o homem de maior fé em toda a cristandade. Ao ver seu adversário, ergueu esta arma e o acertou com tanta força que lhe cortou o elmo e a montaria de um único golpe. Isso ocorreu no reino de Logres, razão pela qual ambos os reinos foram vitimados por grandes danos e pestilência. Naquelas terras, não brotou trigo nem relva, não nasceu quase nenhum fruto, não houve peixes na água e, por isso, os homens de ambas as fronteiras passaram a chamar aquelas regiões de Terra Desolada, em função desse golpe doloroso. Quando o Rei Hurlame viu o poder do fio desta arma, correu em busca de sua bainha. Subiu nesta embarcação e voltou a embainhá-la. Assim que o fez, caiu morto diante da cama. Assim, esta espada demonstrou que ninguém deve sacá-la, pois cairá morto ou ficará inválido. Ela permaneceu aqui por muito tempo, até que chegou uma donzela e a jogou fora, pois não havia ninguém no mundo que fosse tão ousado a ponto de entrar nesta embarcação.

CAPÍTULO IV

Sobre as maravilhas da espada e de sua bainha.

Puseram-se então a observar a bainha, que parecia feita de pele de cobra e, nela, havia letras em ouro e prata. Já a cinta era pobre e não se mostrava capaz de sustentar arma tão rica. As letras ali gravadas diziam: Aquele que me empunhar há de ser mais forte que qualquer outro, desde que me leve com toda a lealdade com que mereço ser levada. Pois o corpo daquele em cujo flanco devo pender não incorrerá em vergonha aonde quer que vá, contanto que use esta cinta. Ninguém será tão audacioso a ponto de tirar daqui esta cinta, pois ela não deve ser retirada a não ser pelas mãos de uma donzela que deve ser filha de rei e de rainha e manter-se donzela por todos os dias de sua vida, tanto de fato quanto por vontade própria. E, caso perca a virgindade, terá a morte mais cruel que mulher alguma jamais teve. Senhor, disse Percival, virai esta espada para podermos ver o que há do outro lado. A lâmina era vermelha como sangue, com letras negras como carvão, que diziam: Aquele que mais me elogiar mais me achará culpada em grande necessidade; aquele para quem eu deva ser mais afável, serei mais cruel, e isso acontecerá uma vez.

Gentil irmão, disse a dama dirigindo-se a Percival, quarenta anos depois da paixão de Jesus Cristo, aconteceu que Nacien, cunhado do Rei Mordrains, foi levado, por ordem de Nosso Senhor, a um vilarejo que ficava a mais de 14 dias de viagem de seu país, em uma ilha nas terras do poente que os homens chamavam Ilha de Turnance. Ele encontrou esta embarcação na entrada de uma caverna e, dentro dela, uma cama e a espada que vimos agora. No entanto, Nacien não foi ousado o bastante para sacá-la de sua bainha e permaneceu ali por oito dias. No nono dia, soprou um vento forte que o afastou da terra, levando-o para outra ilha, próxima a um penhasco, onde ele topou com o maior gigante que jamais alguém havia visto. Correu então para pegar sua espada e, ao vê-la desembainhada, fez-lhe muitos elogios. Quando a brandiu, ela se partiu ao meio. Ah, disse Nacien, a coisa que mais louvei é agora motivo para críticas. E atirou os pedaços da espada em cima da cama. Depois, saltou pela amurada para enfrentar o gigante e o matou.

Regressou de imediato ao navio, içou as velas, empurrou-o para o mar e, por acaso, chegou a outra embarcação onde estava o Rei Mordrains, que havia sido fortemente tentado por um demônio no porto do Penhasco Perigoso. Aquele encontro trouxe grande alegria para ambos, que contaram um ao outro a aventura que haviam enfrentado e como a espada lhes havia falhado na hora de maior

necessidade. Ao ver a arma, Mordrains lhe fez mil elogios. Mas se ela se quebrou, disse, não foi por maldade vossa, e sim porque estais em pecado. Pegou então a espada, juntou os dois pedaços que se soldaram tão firmemente como antes, enfiou a lâmina em sua bainha e a deixou sobre o leito. Nesse momento, ouviram uma voz que dizia: Saí deste navio e entrai no outro por medo de cair em pecado mortal, pois, se fordes encontrados em pecado mortal, não podereis escapar, mas morrereis. E assim foi feito. Tão logo Nacien chegou a bordo, foi ferido com uma espada no pé direito, caindo de bruços sobre a coberta da embarcação. Oh, Deus, como fui ferido!, exclamou ele. Mas uma voz lhe disse: Aceita isso pela injúria que cometeste ao sacar desta espada. Por isso foste ferido, já que não eras digno de manejá-la, tal como diz a lenda que há nela. Em nome de Deus, observou Galahad, sois muito sábia em relação a essas obras.



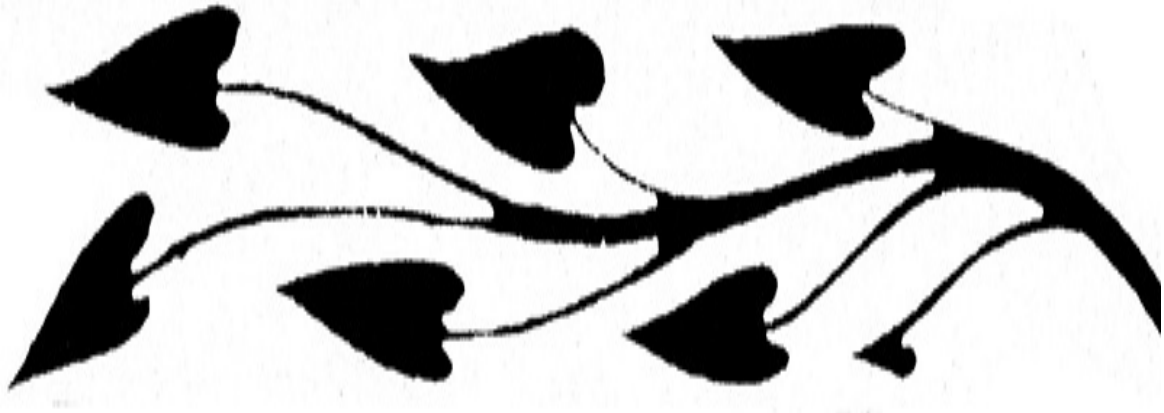
CAPÍTULO V

Como o Rei Pelles teve ambas as coxas traspassadas por sacar da espada, e outras histórias maravilhosas.

Senhor, disse a jovem, havia um monarca que se chamava Pelles, o rei inválido. Enquanto conseguiu cavalgar, foi grande defensor da cristandade e da Santa Igreja. Certo dia, enquanto caçava em um bosque de suas terras que chegava até o mar, acabou perdendo seus cachorros e seus cavaleiros, à exceção de um. Os dois seguiram então cavalgando até que chegaram à Irlanda, onde encontraram o navio. Depois de ver as letras e ler o que diziam, subiu na embarcação, pois levava uma vida muito correta. Seu cavaleiro, porém, não se atreveu a subir. Ali dentro, o rei encontrou esta espada e a desembainhou até o ponto que podeis ver. Nesse momento, penetrou uma lança que lhe traspassou ambas as coxas, causando ferimentos dos quais nunca pôde sarar, e nunca ficará curado até que vamos ao seu encontro. Assim, pois, concluiu ela, o Rei Pelles, vosso avô, não ficou aleijado por sua ousadia? Em nome de Deus, donzela!, exclamou Galahad.

Aproximaram-se então do leito para observar tudo que havia nele e, acima da cabeceira, estavam penduradas duas espadas. Havia também três fusos, um dos quais era mais branco que a neve; o segundo era vermelho como sangue, e o último, mais verde que uma esmeralda. As três cores eram naturais, sem que houvesse ali tinta alguma. Estes fusos, prosseguiu a donzela, são de quando a pecadora Eva foi colher o fruto pelo qual ela e Adão foram expulsos do paraíso. Ao segurar o ramo de onde pendia a maçã, notou que ela era linda e verde, e se lembrou da perda que decorrera da árvore. Pensou então em guardar aquele ramo pelo tempo que fosse possível e, como não tinha nenhuma arca onde pudesse guardá-lo, deixou-o no chão. Por vontade de Nosso Senhor, tal ramo cresceu e, em pouco tempo, transformou-se em uma árvore cujos tronco, galhos e folhas eram brancos como a neve: sinal de que uma donzela o havia plantado. Depois, Deus se aproximou de Adão e mandou que ele conhecesse carnalmente sua mulher, como exigia a natureza. Adão se deitou com sua mulher debaixo daquela mesma árvore e, de imediato, tal árvore, que era branca, ficou tão verde quanto a relva, o mesmo acontecendo com tudo que dela saía. Nessa mesma ocasião em que os dois se deitaram juntos, Abel foi gerado e, por muito tempo, a árvore se manteve verde. Acontece que, muitos dias mais tarde, Caim matou Abel naquele mesmo local, e o que se viu foi assombroso, pois, assim que Abel morreu ao pé da árvore verde, esta perdeu sua cor e se tornou vermelha, sinal do sangue derramado. Num piscar

de olhos, todas as plantas dela nascidas morreram, mas a árvore continuou crescendo e ficou maravilhosa, tornando-se a coisa mais linda e deleitosa que já se viu e contemplou. Mas as plantas que haviam brotado dela antes que Abel fosse assassinado morreram. Essa árvore durou até o reinado de Salomão, filho do Rei Davi, que governou aquelas terras sucedendo a seu pai. Tratava-se de um homem sábio e conhecedor de todas as virtudes das pedras e das árvores, como também o curso dos astros e muitas outras coisas. Esse rei tinha uma esposa malvada, razão pela qual Salomão achava que nenhuma mulher era boa e, assim, as menosprezava em seus livros. Um dia, porém, uma voz lhe disse: Salomão, se um homem sofre por uma mulher, não te aborreças, pois há de vir uma mulher que trará para o homem uma felicidade cem vezes maior do que a angústia deste sofrimento, e essa mulher nascerá de tua linhagem. Ao ouvir essas palavras, Salomão achou que estivesse ficando louco, mas chegou à verdade por meio dos velhos livros. Ademais, o Espírito Santo lhe revelou a vinda da gloriosa Virgem Maria. Então, ele perguntou à voz se ela viria de um ramo de sua descendência. Não, respondeu a voz, mas virá de um homem que será virgem e último de teu sangue, e será tão bom cavaleiro quanto o duque Josué, teu cunhado.



CAPÍTULO VI

Como Salomão se apossou da espada de Davi a conselho de sua esposa, e outros episódios maravilhosos.

Agora, confirmei aquilo de que duvidavas. Então, o Rei Salomão se alegrou ao saber que aquele homem viria de sua linhagem, mas não parava de pensar e refletir sobre quem seria e qual seria seu nome. Percebendo sua preocupação, a esposa decidiu tentar descobrir de que se tratava e, esperando por uma ocasião propícia, perguntou-lhe o motivo de suas elucubrações. Ele, então, lhe contou tudo, exatamente como a voz dissera. Pois bem, disse a mulher, mandarei construir uma embarcação com a melhor madeira possível, a mais duradoura que se possa encontrar. Salomão mandou buscar todos os carpinteiros da terra, procurando os melhores entre eles. Quando o navio ficou pronto, sua esposa lhe disse: Senhor, já que esse cavaleiro haverá de superar em cavalaria todos os que existiram antes dele e os que existirão depois, com mais razão vos digo que deveis ir ao templo de Nosso Senhor, onde está a espada do Rei Davi, vosso pai, que é a mais magnífica e afiada que mão alguma jamais empunhou. Pegai tal espada, retirai o seu pomo e mandai fazer outro de pedras preciosas. Esse trabalho deverá ser feito de forma tão sutil que nenhum homem possa perceber que todas elas são uma só. Depois disso, mandai fazer uma empunhadura tão fabulosa que nenhum homem consiga descobrir como ela foi criada e, em seguida, uma bainha maravilhosa. Quando tudo isso houver sido feito, mandarei fazer uma cinta que me agrade.

Salomão seguiu todos esses conselhos, agindo segundo o que sua esposa havia planejado, tanto com relação à embarcação quanto a tudo o mais. Assim que a nave foi posta no mar e estava pronta para içar velas, a rainha mandou fazer um grande leito, rico e magnífico. Pôs a coroa real em sua cabeceira, toda revestida de seda, e, nos pés dessa cama, colocou a espada. Mas a cinta era de cânhamo, o que deixou o monarca bem aborrecido. Sabei, senhor, disse-lhe sua esposa, que não há nada que eu considere mais digno de sustentar espada tão elevada, e uma donzela trará até aqui outros cavaleiros, embora eu não saiba dizer quando, nem em que época. Em seguida, mandou fazer para a embarcação uma cobertura de seda que jamais apodreceria por mais tempo que se passasse, e mandou um carpinteiro ir até a árvore sob a qual Abel havia sido assassinado. Agora, disse ela, corta desta árvore a madeira que desejares para fazer um fuso. Majestade, retrucou o homem, esta é a árvore que foi plantada por nossa primeira mãe. Faz o que digo, retrucou a rainha, ou mandarei matar-te. Tão logo o carpinteiro começou

a cortar a madeira, saíram dela gotas de sangue e ele quis então desistir, mas a esposa de Salomão não permitiu. Ele pegou então toda a madeira necessária para construir um fuso e ela mandou que ele fizesse o mesmo com a árvore verde e a branca. Quando esses três fusos ficaram prontos, a mulher ordenou que fossem presos ao dossel do leito. Ao ver o resultado, Salomão disse à esposa: Realizastes um trabalho magnífico, pois, mesmo que o mundo inteiro estivesse aqui presente, não seria possível adivinhar como tudo isto foi construído. Só Nosso Senhor seria capaz de fazê-lo. E vós, que o fizestes, não sabeis o que tais elementos virão a representar. Deixai tudo isto de lado por ora, disse ela, pois tereis notícias antes mesmo do que imaginais. E, agora, ouvi uma maravilhosa história sobre o Rei Salomão e sua esposa.

CAPÍTULO VII

Uma fabulosa narrativa sobre o Rei Salomão e sua esposa.

Naquela noite, Salomão se deitou diante da embarcação acompanhado de uns poucos homens. Quando adormeceu, imaginou um grupo grande de anjos descendo do céu e se aproximando do navio. Um deles pegou a água que trazia num copo de prata e regou toda a embarcação. Dirigiu-se então à espada e gravou letras em seu punho. Em seguida, foi até a coberta, onde escreveu outra legenda que dizia: Tu, homem que queres entrar em mim, procura estar repleto de fé, pois nada mais sou do que a Fé e a Crença. Ao ver tal legenda, Salomão ficou perturbado e recuou, não se atrevendo a entrar. De imediato, a embarcação foi empurrada para o mar e partiu tão depressa que ele a perdeu de vista em poucos instantes. Nesse instante, uma vozinha lhe disse: Salomão, o último cavaleiro de tua linhagem descansará neste leito. Então, Salomão foi acordar sua esposa e lhe contou as aventuras ocorridas na embarcação.

Diz a história que os três cavaleiros ficaram um bom tempo observando aquela cama e os três fusos, e perceberam que eram de cores naturais, sem pintura alguma. Quando ergueram um pano que estava no chão, encontraram o que parecia ser uma rica bolsa. Percival a pegou e, dentro dela, havia algo escrito. Leu o texto que fazia uma descrição dos fusos e da embarcação, dizia de onde ela vinha e por quem havia sido feita. E agora?, indagou Galahad. Onde encontraremos a dama que há de fazer uma nova cinta para esta espada? Gentil senhor, disse a irmã de Percival, não deveis perder o ânimo, pois, com a permissão de Deus, eu farei uma cinta para a espada e ela será exatamente como convém a essa arma. Abriu então uma pequena arca, tirou dali uma cinta lindamente trabalhada com fios de ouro, incrustada com uma grande quantidade de pedras preciosas e uma magnífica fivela de ouro. Pronto, senhores, disse a moça. Eis aqui uma cinta que deve ser presa a esta espada. Sabei que, em sua maior parte, ela foi feita com meus cabelos, que eu tanto adorava quando era uma mulher do mundo. No entanto, assim que soube que me havia sido ordenada esta aventura, cortei meus cabelos e fiz esta cinta em nome de Deus. Em bendita hora viestes, disse Sir Bors, porque nos haveis livrado do grande padecimento que estaria nos afligindo se não fosse pelas notícias que nos trouxestes.

Então, a dama se aproximou do leito e prendeu a cinta à espada. Agora, perguntaram os cavaleiros, qual será o nome desta espada? Como a chamaremos? Na verdade, respondeu a moça, ela é a Espada da Estranha Cinta. Sua bainha se

chama Eliminadora de Sangue, pois quem quer que tenha sangue nas mãos será capaz de ver a parte da bainha que foi feita com a madeira da árvore da vida. Em nome de Jesus Cristo, disseram eles então a Galahad, nós vos rogamos que ponhais à cinta esta espada que foi tão desejada no reino de Logres. Deixai, pois, respondeu o mancebo, que eu seja o primeiro a cingir tal espada para vos dar valor. Sabei, porém, que ela não me pertence mais do que a vós. Segurou a arma com os dedos por alguns instantes e, depois, a moça a prendeu à sua cintura. Agora, não me importa que eu morra, pois considero-me uma das donzelas mais bem-aventuradas do mundo, que armou o cavaleiro mais digno de todos. Donzela, retrucou Galahad, por tudo que fizestes, serei vosso cavaleiro por todos os dias de minha vida.

Deixaram então aquela nave e passaram à outra. De imediato, o vento os transportou velozmente pelo mar, embora não tivessem comida alguma. Aconteceu, porém, que, ao amanhecer, chegaram a um castelo que os homens chamavam de Carteloise e que ficava na fronteira da Escócia. Quando saíram do porto, a moça lhes disse: Senhores, chegaram a estas terras uns homens que, se soubessem que sois da corte do Rei Arthur, vos atacariam imediatamente. Donzela, respondeu Galahad, Aquele que nos tirou do penhasco há de nos livrar deles.

CAPÍTULO VIII

Como Galahad e seus companheiros chegaram a um castelo; como foram combatidos; como mataram seus adversários, e outras histórias.

Enquanto estavam se despedindo, aproximou-se um escudeiro que lhes perguntou quem eram. Os três responderam que eram da corte do Rei Arthur. É verdade o que dizeis?, exclamou o homem. Por minha fé, estais em maus lençóis. E voltou para a fortaleza do penhasco. Pouco depois, ouviu-se o som de um corno. Uma dama se dirigiu aos forasteiros e lhes perguntou de onde eram. Os três responderam à pergunta. Gentis senhores, disse a mulher, voltai daqui se puderdes, pelo amor de Deus, pois viestes ao encontro de vossa morte. Não, responderam eles. Não voltaremos atrás, pois Aquele a cujo serviço estamos há de nos ajudar. Nesse ínterim, chegou um tropel de cavaleiros bem armados que lhes ordenaram que se rendessem ou morreriam. Tal rendição, falaram, será maléfica para vós. Dizendo isso, esporearam suas montarias, e Sir Percival derrubou o que vinha mais à frente, apoderou-se de seu cavalo e montou. Galahad fez o mesmo. E Bors repetiu a façanha com outro deles, pois estavam sem cavalos naquele país, já que haviam abandonado os seus ao embarcarem no navio rumo a outras terras. Devidamente montados, atacaram seus adversários, e os homens do castelo fugiram para a fortaleza. Os três cavaleiros os seguiram, apearam-se, mataram-nos usando a espada e chegaram ao salão.

Quando viram a quantidade de gente que tinham matado, consideraram-se grandes pecadores. Em verdade, observou Bors, creio que, se Deus os amasse, não teríamos conseguido matá-los assim. Esses homens tanto fizeram contra Nosso Senhor que Ele não quis permitir que continuassem a reinar. Não digais isso, retrucou Galahad, pois, se agiram contra Deus, a vingança não é nossa, mas Daquele que tem poder para tanto.

Nesse instante, um bom homem que era capelão saiu de um aposento trazendo o corpo de Deus em um cálice. Ao ver os que ali jaziam mortos, ficou muito transtornado. Galahad retirou o elmo e se pôs de joelhos, no que foi seguido por seus companheiros. Então, o religioso perguntou como aqueles homens haviam morrido tão subitamente, e os três lhes contaram o que tinha acontecido. Na verdade, disse o bom homem, se pudésseis viver tanto quanto este mundo haverá de durar, não teríeis conseguido fazer caridade maior do que a que fizestes agora. Senhor, respondeu Galahad, muito me arrependo. Só espero que tenham sido batizados. Não, disse o capelão. Não tendes do que vos arrepender, pois não

haviam sido batizados. Vou vos contar tudo que sei sobre este castelo. Há apenas um ano, vivia aqui o senhor conde Hernox, que tinha três filhos, bons homens de armas, e uma filha, a dama mais bela que se poderia imaginar. Esses três cavaleiros amavam a irmã a tal extremo que ardiam de desejo e se deitaram com ela contra sua vontade. Como ela gritou, chamando pelo pai, eles a mataram, prenderam o próprio pai, atiraram-no a um calabouço e o deixaram à beira da morte de tão ferido. Um tio deles, porém, conseguiu salvá-lo. Tais cavaleiros cometeram então grande deslealdade: mataram clérigos e capelães, além de mandarem derrubar eremitérios para que não se pudesse realizar o serviço de Nosso Senhor. Nesse mesmo dia, o pai deles mandou me chamar para se confessar e receber o sacramento, mas jamais homem algum sofreu afronta tão grande quanto a que sofri naquele dia, por parte dos três irmãos. O conde, porém, me pediu que aguentasse, pois seus filhos não durariam muito, já que seriam destruídos por três servos de Nosso Senhor. Agora, chegou o seu fim. Por isso, sabei que Nosso Senhor não está zangado convosco pelo que fizestes. Em verdade, retrucou Galahad, se não aprouvesse a Nosso Senhor, jamais teríamos matado tantos homens em tão pouco tempo. Tiraram o conde Hernox da prisão e o puseram no meio do salão. Este logo reconheceu Galahad, embora nunca o tivesse visto antes, a não ser por revelação divina.

CAPÍTULO IX

Como os três cavaleiros, juntamente com a irmã de Percival, chegaram à mesma floresta; sobre um cervo e quatro leões, e outros assuntos.

O nobre então se pôs a chorar de emoção. Por muito tempo esperei vossa vinda, disse ele. Pelo amor de Deus, dai-me um abraço para que minha alma possa abandonar meu corpo nos braços de um homem tão bom quanto vós. Com todo prazer, respondeu o mancebo. Nesse momento, uma voz falou bem alto, de forma a que todos pudessem ouvi-la: Galahad, conseguiste bela vingança contra os inimigos de Deus. Agora, deves ir ao encontro do rei inválido o mais depressa possível, pois por ti ele receberá a saúde pela qual espera há tanto tempo. Em seguida, a alma do nobre abandonou seu corpo, e Galahad mandou que ele fosse sepultado com tudo que merecia.

Pouco depois, os três cavaleiros partiram e a irmã de Percival os acompanhou. Adentraram uma floresta desolada e viram à sua frente um cervo branco que conduzia quatro leões. Todos concordaram em segui-los para saber a que local se dirigiam. Cavalgaram atrás dos animais até que chegaram a um vale perto do qual havia uma ermida onde vivia um homem santo. Foi ali que entraram o cervo e os leões. Ao ver tal cena, os quatro rumaram para a capela. Ali dentro, viram o bom homem envergando o hábito de religioso e a armadura de Nosso Senhor, pois ele ia celebrar a missa do Espírito Santo. E a moça e os cavaleiros entraram na capela para assistir ao serviço. No momento da Consagração, os três viram o cervo se transformar em homem, o que os deixou assombrados. Esse homem se sentou em uma rica cadeira, junto ao altar. Em seguida, os quatro leões também se transformaram: um deles em homem, outro em leão, o terceiro em águia e o quarto em boi. Todos tomaram lugar onde o cervo já estava sentado e partiram através da janela de vidro sem que nada se quebrasse ou se estragasse. Ouviram então uma voz que dizia: Assim entrou o Filho de Deus no seio da donzela Maria, cuja virgindade não se perdeu nem sofreu dano algum. Quando ouviram essas palavras, os três caíram por terra, aturdidos e, então, fez-se uma imensa claridade.

Ao recobrarem os sentidos, aproximaram-se do santo homem e lhe rogaram que lhes explicasse a verdade. O que vistes?, perguntou ele. E os cavaleiros lhe disseram o que tinham visto. Ah, senhores, exclamou o religioso, sede bem-vindos! Agora sei que sois os bons cavaleiros que levarão a cabo o Santo Graal, pois sois aqueles a quem Nosso Senhor revelará grandes segredos. É justo que Nosso Senhor seja representado por um cervo, já que este animal, quando

envelhece, volta a ser jovem com a pele branca. Assim também Nosso Senhor volta da morte à vida, pois perdeu a carne terrena, que era mortal, e que havia tomado forma no seio da Santa Virgem Maria. Foi por este motivo que Nosso Senhor se apresentou como um cervo branco sem manchas. Quanto aos quatro que o acompanhavam, deve-se entender os quatro evangelistas que puseram por escrito parte dos feitos de Jesus Cristo, feitos estes realizados antes, quando era um homem terreno entre vós. Sabei que, anteriormente, cavaleiro algum podia conhecer a verdade, pois Nosso Senhor se manifestou inúmeras vezes aos homens bons e aos bons cavaleiros sob a aparência de um cervo, embora eu acredite que não voltareis a vê-lo. Os quatro então muito se alegraram e permaneceram ali por todo aquele dia. Na manhã seguinte, depois de assistirem à missa, partiram, encomendando o bom homem a Deus. Chegaram a um castelo, mas não se detiveram. Então, um cavaleiro armado veio ao seu encalço e disse: Senhores, escutai o que vou vos dizer.



CAPÍTULO X

Como eles depararam com um estranho costume, ao qual não se curvaram; e como enfrentaram e mataram inúmeros cavaleiros.

Esta mulher que levais convosco é donzela? Sim, senhor, respondeu a moça, sou donzela. O cavaleiro então segurou a rédea de seu cavalo, dizendo: Pela Santa Cruz, não escapareis até vos terdes submetido ao costume deste castelo. Soltai-a, ordenou Percival. Vossa atitude é insensata, pois uma donzela é livre aonde quer que vá. Nesse ínterim, saíram do castelo dez ou 12 cavaleiros armados e, junto com eles, mulheres que carregavam um vasilhame de prata. Esta donzela, disseram eles, deve se render ao costume deste lugar. Senhor, disse um dos cavaleiros, qualquer donzela que passe por aqui deve ceder esta vasilha cheia de sangue tirado de seu braço direito. Merece reprovação quem impôs tal costume, retrucou Galahad. Assim, pois, que Deus me proteja, mas vos garanto que esta dama não fará tal coisa enquanto eu viver. Valha-me Deus, disse Percival. Teriam antes que me matar. E a mim também, acrescentou Sir Bors. Por minha fé, retrucou o cavaleiro, então havereis de morrer, pois não poderíeis resistir a nós nem que fôsseis os melhores cavaleiros do mundo.

Então, todos esporearam seus cavalos, investindo uns contra os outros, e os três companheiros derrubaram os dez adversários. Depois, empunhando as espadas, derrotaram-nos e os mataram. Saíram então do castelo sessenta cavaleiros armados. Gentis senhores, disseram os três companheiros, tende piedade de vós mesmos e não nos enfrenteis. Não, gentis senhores, retrucaram os do castelo, nós é que vos aconselhamos a vos afastar, porque sois os melhores cavaleiros do mundo e, portanto, não façais mais nada, pois já fizestes o bastante. Podereis partir apesar de todo o dano que nos causastes, mas precisamos efetivamente manter o costume local. Na verdade, disse Galahad, estais falando em vão. Então quereis morrer?, perguntaram eles. Ainda não chegamos a esse ponto, respondeu o mancebo. Então, teve início o combate, e Galahad, usando a estranha cinta, sacou da espada e saiu ferindo a torto e a direito, matando todos que a ele resistissem, e realizando tamanhas maravilhas que, ao vê-lo, ninguém diria tratar-se de um homem terreno, mas sim de um monstro. Seus dois companheiros o ajudavam com destreza; prosseguiram, assim, por todo o dia, sem esmorecer, até que caiu a noite, obrigando-os a parar.

Um bom cavaleiro deles se aproximou e disse: Se quiserdes passar a noite aqui, sereis bem-vindos, e vos asseguramos, por nossa fé e como verdadeiros

cavaleiros que somos, que, pela manhã, haveremos de vos deixar tal como vos encontramos, sem nenhum ato de falsidade. E assim que conhecerdes nosso costume, atrevo-me a dizer que havereis de aceitá-lo. Pelo amor de Deus, disse a donzela, ide até lá e não hesiteis por mim. Pois vamos, respondeu Galahad. E entraram na capela. Quando se apearam, foram acolhidos com grande satisfação. Pouco depois, os três perguntaram qual era o tal costume do castelo e por que havia sido instituído. Pois nós vos explicaremos tudo, disseram os locais.

CAPÍTULO XI

Como a irmã de Sir Percival foi sangrada, tendo-lhe sido retirada uma vasilha cheia de sangue para curar uma dama, razão pela qual morreu; e como seu corpo foi posto em um navio.

Vive aqui uma senhora a que todos nós pertencemos, assim como este castelo e muitos outros. Acontece que, anos atrás, ela foi acometida de uma enfermidade e, depois de ficar muito tempo acamada, piorou a tal ponto que médico algum conseguiu achar remédio para seu mal. Por fim, um ancião disse que, se pudéssemos obter uma vasilha cheia de sangue de uma donzela virgem, pura em obras e vontade, e filha de rei, tal sangue poderia curá-la se nossa senhora fosse ungida com ele. Foi por tal motivo que adotamos este costume. Pois bem, disse a irmã de Sir Percival, vejo que esta dama vai morrer, gentis cavaleiros. Por certo, respondeu Galahad, e se perderes muito sangue, podereis morrer. Na verdade, disse a moça, se eu morrer para curá-la, serei digna de muita honra, bem como toda minha linhagem, e minha alma estará salva. Melhor um dano do que dois. Portanto, não haverá mais batalha, porque, amanhã, vós vos curvareis ao costume deste lugar. Houve, então, grande contentamento no castelo, mais do que antes, já que, se não fosse assim, pela manhã teria acontecido uma guerra mortal. E a donzela estava decidida, estivessem os três companheiros de acordo ou não.

Naquela noite, os visitantes receberam a melhor das acolhidas e, de manhã, depois de assistirem à missa, a irmã de Sir Percival pediu que fossem buscar a senhora enferma. Assim se fez, e ela estava muito mal. Quem me sangrará?, indagou então a donzela. Apareceu alguém que a sangrou e retirou tanto sangue que a vasilha ficou cheia. Em seguida, a moça ergueu a mão, fez o sinal da cruz e disse à dama: Senhora, vim morrer para vos curar. Pelo amor de Deus, rezai por mim. E caiu desmaiada. Mais que depressa, Galahad e seus dois companheiros correram para acudi-la, ergueram-na e lhe estancaram o sangramento. Ela, porém, já havia perdido tanto sangue que não tinha condições de viver. Quando recobrou os sentidos, disse: Percival, gentil irmão, morro pela saúde desta dama. Peço-vos, pois, que não me enterreis neste país. Depois que eu morrer, levai meu corpo até um barco do porto mais próximo e deixai que eu parta como a ventura quiser me levar. Quando chegardes à cidade de Sarras, para concluir a demanda do Santo Graal, havereis de me encontrar ao pé de uma torre. Sepultai-me ali, naquele lugar espiritual, pois uma coisa vos digo: ali será enterrado Galahad e também vós, irmão, naquele mesmo local.

Percival ouviu tal pedido e, aos prantos, concordou com ele. Ouviu-se então uma voz que dizia: Senhores e companheiros, amanhã, na hora de prima, os três haverão de se separar até que a ventura os leve ao encontro do rei inválido. Depois disso, a moça pediu a comunhão e, assim que recebeu seu Salvador, sua alma abandonou seu corpo. Nesse mesmo dia, tendo sido ungida, a dama ficou curada. Mais tarde, Sir Percival escreveu uma carta relatando toda a ajuda que sua irmã tinha lhes dado naquelas estranhas aventuras e a pôs em sua mão direita. Em seguida, deitou seu corpo em uma embarcação, cobrindo-o com seda negra. O vento começou a soprar e o barco foi se afastando da terra sob o olhar dos cavaleiros que o fitaram até o perderem de vista. Voltaram todos então ao castelo e, pouco depois, caiu uma súbita tempestade, com chuva, trovões e relâmpagos, como se a terra inteira estivesse se partindo. Com isso, metade do castelo desabou e passou a hora de vésperas sem que o temporal parasse.

Nesse momento, viram à sua frente um cavaleiro armado e muito ferido, tanto no corpo quanto na cabeça. Oh, Deus!, implorou ele. Socorrei-me nesta necessidade! Atrás dele vinham outro cavaleiro e um anão, que gritaram de longe: Detende-vos! Não podeis escapar! Então, o cavaleiro ferido ergueu as mãos para Deus pedindo-Lhe que não o deixasse morrer em tal tribulação. Na verdade, disse Galahad, vou socorrê-lo em nome Daquele que ele está invocando. Senhor, atalhou Bors, eu o farei. Não precisais enfrentá-lo, pois trata-se de um cavaleiro apenas. Pois que assim seja, retrucou o mancebo. Sir Bors pegou seu cavalo, encomendou-se a Deus e partiu para salvar o cavaleiro ferido. E, agora, voltemos aos dois companheiros.

CAPÍTULO XII

Como Sir Galahad e Percival encontraram no castelo muitas sepulturas de donzelas que haviam sangrado até a morte.

Diz a história que Galahad e Percival passaram a noite inteira em uma capela, orando para que Sir Bors se salvasse. Pela manhã, dirigiram-se ao castelo devidamente armados, para saber o que havia acontecido aos que estavam lá dentro. Quando entraram, não encontraram homem ou mulher que não houvesse sido morto por vingança de Nosso Senhor. Nesse instante, ouviram uma voz que dizia: Esta vingança é pelo sangramento de donzelas. Encontraram também, do outro lado da capela, um cemitério onde havia sessenta formosos sepulcros. O lugar era tão belo e tão prazeroso que lhes pareceu que não houvera ali tempestade alguma, pois ali jaziam os corpos de todas as boas donzelas martirizadas em benefício da senhora enferma. Havia ainda o nome de cada uma delas e sua ascendência: todas eram de sangue real e 12 delas eram filhas de reis. Os dois então partiram e entraram em uma floresta. Agora devemos nos separar, disse Percival. Roguemos portanto a Nosso Senhor para que possamos nos reunir em breve tempo. Retiraram os elmos, beijaram-se e choraram ao se despedir.

CAPÍTULO XIII

Como Sir Lancelote entrou no navio onde jazia o corpo da irmã de Sir Percival, e como se encontrou com Sir Galahad, seu filho.

Diz a história que, quando Lancelote chegou à beira do Mortaise, como anteriormente relatado, viu-se em grande perigo. Deitou-se para dormir e aceitou a aventura que Deus quis lhe enviar. Depois que pegou no sono, teve uma visão que lhe disse: Lancelote! Levanta, pega tua armadura e entra na primeira embarcação que encontrares. Ao ouvir tais palavras, ele se pôs de pé e viu uma grande claridade ao seu redor. Ergueu então a mão, persignou-se, pegou suas armas e se preparou para partir. Chegou por acaso a uma praia onde avistou uma barca que não tinha nem velas nem remos. Assim que subiu em tal embarcação, sentiu a maior doçura que já sentira na vida e tudo que pensou ou desejou foi satisfeito. Gentil e doce pai, Jesus Cristo, disse ele então, não sei que alegria é esta que supera todos os gozos terrenos que já experimentei. Com este sentimento, deitou-se a bordo do barco e dormiu até o amanhecer. Quando despertou, viu um formoso leito no qual jazia uma dama morta. Era a irmã de Sir Percival. Ao vê-la, logo percebeu que havia um papel em sua mão direita. Leu o texto que relatava todas as aventuras que ouvistes anteriormente e que dizia a que linhagem ela pertencia. Lancelote passou um mês ou mais com esta dama. Quereis saber de que ele viveu? Aquele que alimentou o povo de Israel com o maná no deserto também o alimentou, pois, a cada dia, quando ele dizia suas orações, sentia-se sustentado pela graça do Espírito Santo.

Certa noite, foi se deitar na praia, já que estava um tanto cansado daquela embarcação. Ouviu um cavalo que se aproximava e alguém que vinha montado nele. Mais de perto, pareceu-lhe que se tratava de um cavaleiro. Deixou que ele passasse e viu que ele se dirigia ao local onde estava a embarcação. Lá chegando, apeou-se, retirou a sela e o bridão do animal, afastou-o e subiu na barca. Nesse momento, Lancelote foi até lá e lhe disse: Sede bem-vindo. O outro respondeu, saudando-o também, e lhe perguntou: Qual é vosso nome? Pois meu coração sente forte inclinação para vós. Na verdade, respondeu ele, meu nome é Lancelote do Lago. Senhor, replicou o mancebo, sede bem-vindo, pois fostes o autor de minha vinda a este mundo. Ah!, exclamou Lancelote. Sois Galahad! Sim, respondeu o recém-chegado, pondo-se de joelhos e pedindo sua bênção. Em seguida, tirou o elmo e o beijou. Os dois muito se alegraram, pois não há palavras que possam descrever a felicidade que sentiram com aquele encontro e os propósitos

amistosos que trocaram, como era de se esperar, mas que não precisamos referir aqui. Contaram um ao outro as aventuras e maravilhas que lhes haviam acontecido durante todo o tempo decorrido desde que deixaram a corte.

Tão logo viu a dama morta na cama, Galahad a reconheceu e lhe fez inúmeros elogios, dizendo que ela fora a melhor donzela que já vivera e que sua morte era uma grande lástima. Mas, quando Lancelote ouviu o relato de como ele havia obtido aquela magnífica espada, quem a havia feito e todas as maravilhas anteriormente referidas, rogou a seu filho que lhe mostrasse a arma. Ele assim o fez e Lancelote beijou o pomo, a empunhadura e a bainha da espada. Na verdade, disse, jamais ouvi contar aventuras tão elevadas, tão maravilhosas e tão estranhas. Assim, pois, Sir Lancelote e Galahad moraram naquela embarcação por meio ano, servindo a Deus dia e noite, com todas as suas forças. Muitas vezes, chegavam a ilhas bem afastadas do mundo, onde viviam apenas animais selvagens. Nesses lugares, deparavam com muitas aventuras estranhas e perigosas que sempre levaram a cabo. No entanto, uma vez que tais aventuras se referem a feras e não à demanda do Santo Graal, a história não as menciona, pois tomaria muito tempo narrar todas essas aventuras que lhes sucederam.



CAPÍTULO XIV

Como um cavaleiro trouxe um cavalo para Sir Galahad e declarou que ele devia se separar de seu pai, Sir Lancelote.

Mais tarde, em uma segunda-feira, aconteceu-lhes de chegarem à orla de uma floresta, diante de uma cruz. Viram, então, um cavaleiro armado, todo de branco, com rica montaria e puxando, com a mão direita, um cavalo branco. Aproximou-se da embarcação, saudou os dois cavaleiros em nome do Alto Senhor, e disse: Sir Galahad, já passastes tempo demasiado com vosso pai. Deixai este barco, montai este cavalo e segui para onde a ventura vos leve na empreitada do Santo Graal. O jovem se dirigiu ao pai, beijou-o com ternura e lhe disse: Gentil e doce pai, não sei se voltarei a vos ver até encontrar o corpo de Jesus Cristo. Pedi ao Alto Pai, eu vos rogo, respondeu Lancelote, que Ele me mantenha a Seu serviço. Galahad pegou seu cavalo e todos ouviram uma voz que dizia: Cuidai de agir bem, pois um não verá o outro até o terrível dia do juízo. Agora, filho, disse Lancelote, já que devemos nos separar e não voltar a nos ver, rogo ao Alto Pai que nos proteja, a vós e a mim. Senhor, falou o mancebo, prece alguma seria mais proveitosa do que a vossa. Assim, pois, Galahad se embrenhou pela floresta.

Nesse momento, o vento começou a soprar e empurrou Lancelote pelo mar, por mais de um mês. Durante esse tempo, ele dormiu bem pouco, rezando e pedindo a Deus para ter alguma visão do Santo Graal. Certa noite, à meia-noite, aconteceu-lhe de chegar aos fundos de um rico e belo castelo onde havia uma poterna aberta, dando para o mar. Não havia ali nenhuma sentinela, a não ser dois leões guardando a entrada; e a luz do luar estava bem clara. Lancelote ouviu então uma voz que dizia: Deixa esta embarcação e entra no castelo, onde terás parte de teu desejo realizada. Mais que depressa, o cavaleiro correu para pegar suas armas, preparou-se, dirigiu-se àquela entrada e viu os leões. Sacou da espada, mas, de súbito, apareceu um anão que lhe desferiu um golpe tão doloroso no braço que a arma lhe caiu da mão. Então, ouviu uma voz lhe dizer: Oh, homem de pouca fé e falha crença! Por que te fias mais em tuas armas do que em teu Criador? Ele, em cujo serviço estás, te seria de muito mais valia do que qualquer armadura! Gentil Pai Jesus Cristo, disse ele, eu Vos agradeço por Vossa grande piedade em me censurar por meu erro. Agora posso ver que me considerais Vosso servidor. Pegou então a espada, voltou a embainhá-la, fez o sinal da cruz na testa e se aproximou dos leões, que pareceram querer atacá-lo. No entanto, Lancelote passou por eles sem dano algum, adentrou o castelo e dirigiu-se à fortaleza principal, onde

encontrou todos adormecidos. Entrou ali armado, pois não viu nenhuma porta ou entrada que não estivesse aberta. Por fim, chegou a um aposento cuja porta estava fechada. Levou a mão à maçaneta para abri-la, mas não conseguiu.

CAPÍTULO XV

Como Sir Lancelote ficou diante da porta da câmara onde estava o Santo Graal.

Muito se esforçou para abrir tal porta. Ouviu então uma voz que cantava com tanta doçura que não parecia ser de nenhuma criatura terrena, e teve a impressão que ela dizia: Honra e glória sejam dadas ao Pai dos Céus. Lancelote então se ajoelhou diante do aposento, pois compreendeu que ali dentro estava o Santo Graal. Gentil e doce pai Jesus Cristo, disse ele, se alguma vez fiz algo que foi de Vosso agrado, Senhor, por Vossa piedade, não me desprezeis por meus pecados em outros tempos cometidos, e mostrai-me algo do que venho buscando. Nesse instante, viu abrir-se a porta do aposento e sair dali uma claridade tão grande que todo o lugar ficou iluminado como se houvesse nele todas as tochas do mundo.

Lancelote se aproximou da porta com o intuito de entrar. No entanto, uma voz lhe disse: Afasta-te, Lancelote. Não entres, pois não deves fazê-lo. Se entrares, haverás de lamentá-lo. O cavaleiro então se afastou, muito pesaroso. Ergueu os olhos e viu, no meio do aposento, uma mesa de prata, o vaso sagrado coberto com brocado vermelho e, ao seu redor, muitos anjos, um dos quais segurava um círio ardente, e outro, uma cruz e os ornamentos de um altar. Diante do vaso sagrado, havia um santo homem vestido como um capelão. Aparentemente, estava no momento da consagração da missa. Lancelote teve a impressão de que, acima das mãos do capelão, havia três homens, dois dos quais punham o que parecia mais jovem entre as mãos do religioso. Este, então, o erguia para o alto, como se o mostrasse às pessoas. Diante disso, Lancelote se sentiu imensamente maravilhado, porque, a seu ver, o capelão estava tão sobrecarregado com aquela figura que parecia até que ia cair no chão. Como não via ali ninguém que pudesse ajudá-lo, correu até a porta e disse: Gentil Pai Jesus Cristo, não considereis um pecado eu ajudar este bom homem que tanto precisa de auxílio.

Entrou, pois, no aposento e se dirigiu à mesa de prata. Mas, quando chegou perto dela, sentiu um sopro que parecia misturado com fogo e que o atingiu com tanta força que ele sentiu que seu rosto ia se incendiar. Caiu no chão, sem forças para se levantar, porque estava tão enfurecido que perdera todo o vigor de seu corpo, além da audição e da visão. Sentiu então muitas mãos por todo o corpo. Elas o levantaram e tiraram daquele aposento sem contudo em nada aliviar seu torpor. E deixaram-no ali, como morto, diante dos olhos de todos.

Pela manhã, quando já era dia, a gente do lugar se levantou e encontrou Lancelote estendido diante da porta da câmara. Todos se perguntavam como teria entrado. Observaram-no, tocaram-lhe o pulso para ver se ainda havia nele um sopro de vida e viram que sim, embora ele não pudesse se levantar nem mover nenhum de seus membros. Resolveram então carregá-lo até um quarto e deitaram-no em uma cama, afastado de toda a gente. Ele permaneceu ali por quatro dias, alguns dizendo que estava vivo, outros afirmando que não. Em nome de Deus, declarou um ancião, em verdade vos digo que não está morto, mas sim tão cheio de vida quanto o mais forte de vós. Portanto, eu vos aconselho a cuidar bem dele até que Deus lhe mande vida outra vez.



CAPÍTULO XVI

Como Sir Lancelote passou 24 dias, bem como muitas noites, deitado como um cadáver, e diversas outras histórias.

Mantiveram Lancelote ali por 24 dias e outras tantas noites, jazendo sem se mover, como se estivesse morto. No vigésimo quinto dia, porém, depois do meio-dia, ele abriu os olhos e, quando viu gente ao seu redor, muito se lamentou. Por que me haveis despertado?, indagou. Estava muito mais sossegado do que agora. Ah, Jesus Cristo, quem teria a felicidade de poder ver claramente Vossas grandes maravilhas secretas em lugar onde nenhum pecador pode ficar? O que vistes?, perguntaram os que o cercavam. Vi maravilhas tão grandes que não existem palavras para relatá-las, e maiores do que qualquer coração possa conceber. E se meu filho não estivesse aqui diante de mim, teria visto muito mais.

Contaram-lhe então que ele havia passado ali 24 dias e noites, e o cavaleiro acreditou que fosse castigo pelos 24 anos que havia vivido como pecador; que Nosso Senhor o tivesse posto em estado de penitência por 24 dias e noites. Olhando à sua frente, viu o cilício que carregara por cerca de um ano e muito se lamentou por haver quebrado a promessa feita ao ermitão. Perguntaram-lhe então como se sentia. Na verdade, respondeu ele, estou são de corpo, graças a Nosso Senhor. Pelo amor de Deus, senhores, dizei-me onde estou. Disseram-lhe que estava no castelo de Carbonek.

Nesse ínterim, chegou uma dama trazendo uma túnica de fino linho. Ele, porém, não a vestiu, preferindo voltar a pôr o cilício. Senhor, disseram, agora a demanda do Santo Graal terminou para vós, pois não vereis o vaso sagrado mais do que já o vistes. Agradeço muito a Deus, respondeu Lancelote. Agradeço por Sua grande misericórdia em me permitir ver o que vi, pois isso me basta. Segundo creio, nenhum homem neste mundo viveu melhor do que eu para levar a cabo que o realizei. Ao dizer isso, pegou o cilício, vestiu-se com ele e, por cima, pôs uma camisa de linho e uma túnica escarlate nova. Vendo-o assim trajado, todos se maravilharam, percebendo que se tratava de Sir Lancelote, o bom cavaleiro. Oh, meu senhor Lancelote!, exclamaram todos. Sois vós? Em verdade, sim, respondeu ele.

Chegaram então aos ouvidos do Rei Pelles as notícias de que o cavaleiro que permanecera ali por tanto tempo como morto era Sir Lancelote. O monarca muito se alegrou e foi vê-lo. Quando o cavaleiro o viu chegando, foi ao seu encontro, e o rei demonstrou grande contentamento. Depois, contou-lhe que sua filha havia

morrido, o que deixou Lancelote muito pesaroso. Majestade, disse ele, lamento muito a morte de vossa filha, pois era uma dama muito formosa, saudável e jovem. E sei que deu à luz o melhor cavaleiro que existe hoje no mundo ou que já existiu desde que Deus nasceu. O monarca o manteve ali por mais quatro dias. Pela manhã, ele se despediu do Rei Pelles e de todos os presentes, além de lhes agradecer pelo trabalho que haviam tido.

Quando estavam sentados para comer no salão principal, o Santo Graal cobriu a mesa com todo tipo de viandas que se pudesse imaginar. Nesse momento, viram que todas as portas e janelas do aposento se fechavam sem que nenhuma mão de homem as tocasse, coisa que os deixou bem perturbados, sem saber o que fazer.

Aconteceu então que, de súbito, um cavaleiro apareceu diante da porta principal e gritou: Abri a porta! Eles, porém, não quiseram fazê-lo. Mas o recém-chegado não parava de gritar: Abri a porta! Por fim, aquilo os deixou tão irritados que o próprio rei se levantou e foi até uma janela do lado em que o cavaleiro estava gritando. Senhor cavaleiro, disse ele, não entrareis nesta ocasião porque está aqui o Santo Graal. Ide, portanto, para outro lugar, pois decerto não sois nenhum participante da demanda, mas sim um dos que serviram ao demônio e deixaram o serviço de Nosso Senhor. Aquelas palavras deixaram o cavaleiro furioso. Senhor cavaleiro, prosseguiu o rei, já que tendes tanta vontade de entrar, dizei-me de que país sois. Majestade, respondeu o outro, sou do reino de Logres. Chamo-me Hector de Maris e sou irmão de meu senhor Lancelote. Em nome de Deus!, exclamou o Rei Pelles. Arrependo-me do que vos disse, pois vosso irmão está aqui dentro. Ao ouvir que seu irmão, o homem que mais amava e temia no mundo, estava naquele local, Sir Hector exclamou: Oh, meu Deus! Agora dobrais minha dor e minha vergonha! O santo homem da colina estava certíssimo na explicação que nos deu, a Gawaine e a mim, quanto a nossos sonhos. Ao dizer isso, afastou-se o mais depressa que seu cavalo podia correr e deixou o castelo.

CAPÍTULO XVII

Como Sir Lancelote retornou a Logres, e outras aventuras com que deparou durante o trajeto.

Então, o Rei Pelles se aproximou de Lancelote e lhe deu notícias de seu irmão, o que o deixou pesaroso e sem saber o que fazer. Em seguida, saiu, pegou suas armas e disse que ia visitar o reino de Logres. Já faz 12 meses que não o vejo, acrescentou. Depois, encomendou o soberano a Deus e percorreu muitos reinos até que, finalmente, chegou a uma abadia branca onde lhe deram excelente acolhida por aquela noite. Quando amanheceu, o cavaleiro se levantou e assistiu à missa. Diante do altar, viu uma rica sepultura recém-construída. Observou-a com atenção e viu que, de seus lados, havia escritos em ouro que diziam: Aqui jaz o Rei Bagdemagus de Gore, morto pelo sobrinho do Rei Arthur. E nomeava Sir Gawaine. Não foi pouca a angústia que Lancelote sentiu, pois o amava mais que todos e, se houvesse sido qualquer outro em vez de Gawaine, ele não teria escapado da morte. Ah, Senhor Deus, disse consigo mesmo, a perda de tal homem causou grande dano à corte do Rei Arthur! Partiu então e se dirigiu à abadia onde Galahad enfrentara a aventura dos túmulos e conquistara o escudo branco com a cruz vermelha. Naquele local, foi bem acolhido para passar a noite.

Pela manhã, voltou a Camelot e encontrou o Rei Arthur e a rainha. No entanto, muitos cavaleiros da Távola Redonda haviam sido mortos, mais de metade deles. Três, porém, haviam regressado: Sir Hector, Gawaine e Leonel, além de muitos outros que não vale a pena mencionar. Toda a corte muito se alegrou ao vê-lo e o rei lhe pediu notícias de seu filho Galahad. Lancelote contou então ao monarca as aventuras que lhe tinham acontecido desde sua partida, mas também falou das aventuras de Galahad, Percival e Bors, das quais tomou conhecimento pela carta da donzela morta e pelo relato que lhe fizera Galahad. Quisera Deus que os três estivessem aqui, disse o rei. Isso jamais acontecerá, retrucou Lancelote, porque não voltareis a ver dois deles, embora um vá regressar.

Agora, deixamos esta história para falar de Galahad.

CAPÍTULO XVIII

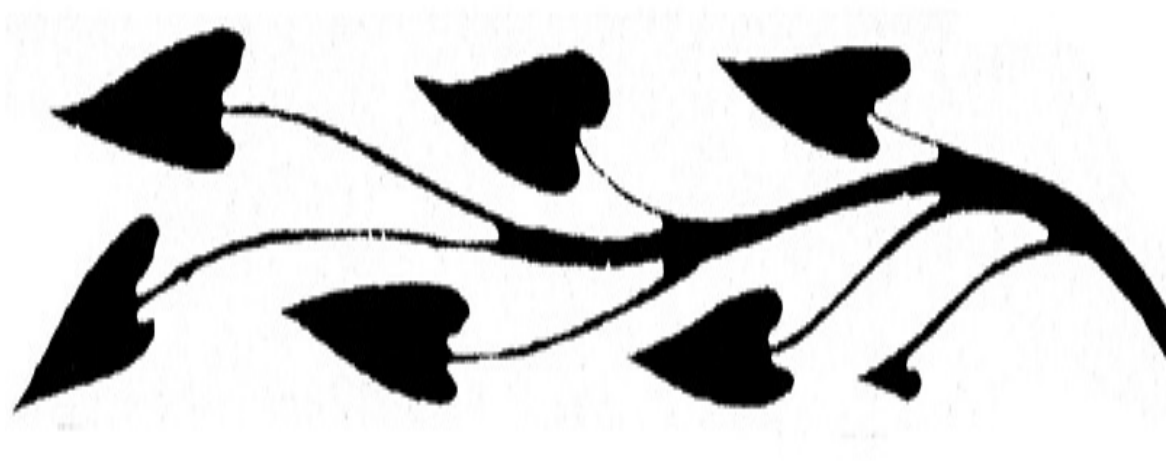
Como Galahad se apresentou perante o Rei Mordrains, e outras histórias e aventuras.

Agora diz a história que Galahad passou várias jornadas cavalgando em vão até que, finalmente, chegou a uma abadia onde estava o Rei Mordrains. Ao saber disso, resolveu parar para vê-lo. Pela manhã, depois de assistir à missa, o jovem foi procurar o monarca e, de imediato, este, que estava cego havia tanto tempo, voltou a ver. Aprumou-se então diante do cavaleiro e disse: Galahad, servo de Jesus Cristo, por cuja vinda esperei tanto. Abraçai-me agora e deixai que eu descanse em vosso peito, para que eu descanse em vossos braços, pois sois mais puro e virgem do que todos os cavaleiros, como a flor do lírio que representa a virgindade. E sois também a rosa que é a flor de todas as boas virtudes e tem a cor do fogo, pois o fogo do Espírito Santo está tão entranhado em vós que minha carne, que andava inteiramente morta de velhice, voltou a se fazer jovem. Ao ouvir tais palavras, Galahad o cerrou nos braços. Gentil Senhor Jesus Cristo, disse então o rei, agora sinto que minha vontade foi atendida. Peço-vos, neste ponto em que estou, que venhais e que me visiteis. Sem demora, Nosso Senhor escutou sua súplica e, ali mesmo, sua alma se separou do corpo.

Então, Galahad o sepultou na terra como correspondia a um rei e partiu, adentrando uma perigosa floresta. Lá, encontrou a fonte que fervia com grandes ondas, como relatou a narrativa anteriormente. Assim que o mancebo estendeu a mão em sua direção, aquilo tudo cessou de tal maneira que a água não mais ardeu e o calor se dissipou. Pois o que ardesse era sinal de luxúria, coisa muito comum naquela época, mas o calor não pôde resistir à sua pura virgindade e, naquele país, isso foi considerado um milagre. Por isso, aquele lugar passou a ser chamado fonte de Galahad.

Em seguida, entrou por ventura no país de Gore e na abadia onde estivera antes Lancelote. Ali encontrou a sepultura do Rei Bagdemagus, embora o primeiro a ser nela enterrado tenha sido o filho de José de Arimateia. Encontrou também o túmulo de Simeão, que Lancelote não havia visto. Depois, olhando para um jardim próximo à igreja, viu uma tumba que chamejava maravilhosamente. Perguntou então aos irmãos o que era aquilo. Senhor, responderam-lhe, trata-se de uma assombrosa aventura que não pode ser levada a cabo a não ser por alguém que supere, em generosidade e cavalaria, todos os homens da Távola Redonda. Gostaria que me levassem até ela, disse o jovem. De bom grado, responderam os

religiosos. E conduziram-no até uma cova, de onde se descia uma escada para chegar perto de tal sepultura. Então, as chamas começaram a fraquejar e o fogo se extinguiu, apesar de ter ardido por muitos dias. Nesse momento, ouviu-se uma voz que dizia: Muito tendes a agradecer a Nosso Senhor, que vos deu uma boa hora, permitindo que retireis as almas dos padecimentos terrenos e as leveis aos gozos do paraíso. Sou de vossa linhagem e habitei esse fogo por 354 invernos para purgar o pecado que cometi contra José de Arimateia. Galahad pegou então o corpo nos braços e o levou para a igreja. Naquela noite, dormiu na abadia. Pela manhã, prestou ao morto os serviços religiosos e o sepultou diante do altar-mor.



CAPÍTULO XIX

Como Sir Percival e Sir Bors encontraram Sir Galahad; como os três chegaram ao castelo de Carbonek, e outras histórias.

Partiu, encomendando os irmãos a Deus, e cavalgou durante cinco dias até chegar ao rei inválido. Seguiu Percival nesses cinco dias, perguntando-lhe onde havia estado, e este lhe contou como tinham sido levadas a cabo as aventuras de Logres. Certo dia, ao saírem de uma grande floresta, encontraram Sir Bors, que cavalgava sozinho. Não é necessário dizer como os três se alegraram. Este último os saudou e seus companheiros lhe renderam toda honra e boa ventura. Depois, contaram uns aos outros o que lhes havia ocorrido. Faz um ano e meio que não durmo dez noites que sejam em lugares onde vivem homens, disse Sir Bors, mas em florestas selvagens e em montanhas, embora Deus tenha sido sempre meu consolo.

Cavalgaram então por um bom tempo até chegarem ao castelo de Carbonek. Quando entraram, o Rei Pelles os reconheceu e houve muita alegria, pois ele bem sabia, por sua chegada, que eles haviam concluído a demanda do Santo Graal. Eliazar, filho do Rei Pelles, foi buscar a espada partida que havia traspassado a coxa de José. Bors pôs a mão sobre ela, para ver se era capaz de soldá-la novamente, mas não conseguiu. Em seguida, passou-a a Percival, que não teve melhor sorte que seu companheiro. Pegai esta arma, disse este a Galahad, pois se este feito houver de ser realizado por algum homem terreno, este homem sois vós. O mancebo pegou então os dois pedaços e juntou-os. Foi como se eles jamais houvessem estado separados, mas unidos como no princípio, quando aquela lâmina foi forjada. Quando os do castelo viram que a aventura da espada havia sido concluída, entregaram a arma a Bors, pois ela não poderia estar em melhores mãos, já que ele era bom cavaleiro e homem de mérito.

Logo começou a soprar um vento forte e assombroso que carregava consigo um calor tão intenso que muitos homens caíram de espanto. Ouviu-se então uma voz que dizia: Levantai-vos, aqueles que não deveis vos sentar à mesa de Jesus Cristo, pois agora vão ser alimentados os cavaleiros verdadeiros. E todos deixaram o aposento, à exceção do Rei Pelles e de Eliazar, seu filho, que eram homens santos, e uma donzela que era sua sobrinha. Apenas estes três e os três cavaleiros permaneceram naquele local. Viram então uns cavaleiros inteiramente armados que passaram pela porta da sala e, depois de retirarem os elmos e as armas, disseram a Galahad: Senhor, percorremos uma longa distância para estar convosco nesta mesa onde vai ser repartido o alimento sagrado. Sede bem-

vindos!, respondeu o mancebo. Mas de onde sois? Três deles responderam que eram da Gália, outros três, da Irlanda, e os três últimos, da Dinamarca. Quando já estavam sentados, saiu de um aposento um leito de madeira carregado por quatro damas e, sobre tal leito, jazia um bom homem enfermo, com uma coroa de ouro na cabeça. Puseram-no no meio do aposento e se foram. Então, o enfermo ergueu a cabeça e disse: Galahad, cavaleiro, sede bem-vindo, pois muito desejei vossa chegada, já que vivo nesta angústia há muito tempo. Agora, porém, confio em Deus que chegou a hora em que minhas penas serão aliviadas, de forma que deixarei este mundo como me foi prometido muito tempo atrás. Nesse momento, uma voz se fez ouvir: Há, entre vós, dois que não estão na demanda do Santo Graal e que, portanto, devem partir.

CAPÍTULO XX

Como Galahad e seus companheiros foram alimentados pelo Santo Graal; como Nosso Senhor apareceu para eles, e outras histórias.

Então, o Rei Pelles e seu filho se foram e, nesse momento, tiveram a impressão de que chegava um homem, acompanhado por quatro anjos do céu. Seus trajes se assemelhavam aos de um bispo, e ele tinha uma cruz na mão. Os quatro anjos o carregavam em uma cadeira e deixaram-no diante da mesa de prata sobre a qual estava o Santo Graal. Ao que parecia, tinha, no meio da testa, letras que diziam: Vede aqui José, primeiro bispo da cristandade, aquele a quem Nosso Senhor socorreu na cidade de Sarras, o lugar espiritual. Diante disso, os cavaleiros ficaram assombrados, pois tal bispo tinha morrido havia mais de trezentos anos. Oh, cavaleiros!, disse ele. Não vos espanteis, pois, em outros tempos, fui homem terreno! Ouviram então a porta da câmara se abrindo. De lá surgiram anjos, dois dos quais traziam velas de cera, o terceiro, uma toalha, e o quarto, uma lança que sangrava prodigiosamente, de tal forma que três gotas caíram em uma caixa que ele segurava na outra mão. Os que traziam velas puseram-nas sobre a mesa; o terceiro pôs a toalha sobre o vaso, e o quarto, a santa lança de pé sobre ele. Então, o bispo pareceu que ia começar a consagração da missa. Pegou um disco que se assemelhava a um pão e, no momento da elevação, surgiu uma figura como a de um menino que tinha o rosto vermelho e ardente como o fogo. Ele se meteu naquele pão e todos puderam ver que tal pão se constituía de um ser carnal. Em seguida, o bispo o pôs novamente no vaso sagrado e fez o que um sacerdote deve fazer na missa. Aproximou-se então de Galahad e o beijou, mandando que ele fizesse o mesmo com seus companheiros, ao que ele obedeceu sem pestanejar. Agora, servos de Jesus Cristo, disse, sereis alimentados diante desta mesa com manjares que cavaleiro algum jamais provou. Ao dizer isso, desapareceu. Todos se sentaram à mesa com grande temor e fizeram suas orações.

Quando olharam para o vaso sagrado, viram sair dali um homem que carregava todas as marcas da paixão de Jesus Cristo, marcas estas que sangravam em abundância. Cavaleiros meus, disse ele, servos meus, verdadeiros filhos meus que haveis saído da vida mortal e entrado na vida espiritual, já não me ocultarei diante de vós. Vereis parte de meus mistérios e minhas coisas ocultas. Agora, recebei o alimento que tanto haveis desejado. Ele próprio pegou o vaso sagrado e se aproximou de Galahad. O jovem se ajoelhou e recebeu seu Salvador. Em seguida, todos os seus companheiros também o receberam, e aquilo lhes pareceu

tão doce que seria praticamente impossível de descrever. Filho, disse ainda ele, dirigindo-se a Galahad: Sabes o que tenho entre as mãos? Não, respondeu o mancebo, a menos que Vós me digais. É o prato sagrado em que comi o cordeiro da Quinta-feira de Páscoa. Vistes agora o que mais desejavas ver, embora não o tenhas visto tão claramente quanto o verás na cidade de Sarras, o lugar espiritual. Portanto, deves partir e levar contigo este vaso sagrado, pois esta noite deves deixar o reino de Logres e não deves mais ser visto por aqui. Sabes por quê? Porque ele não foi servido e honrado como deveria pelos que vivem nesta terra, já que eles estão inclinados a viver mal. Portanto, eu os deserdarei de toda a honra que lhes concedi. Amanhã, ide os três até o mar onde encontrareis devidamente aparelhada vossa embarcação. Leva contigo a espada da Estranha Cinta e apenas Sir Percival e Sir Bors. Quero também que leveis o sangue desta lança para ungir com ele as pernas e o corpo inteiro do rei inválido, que recobrará, assim, a saúde. Senhor, perguntou Galahad, por que estes outros companheiros não devem vir conosco? O motivo é simples. Assim como separei meus apóstolos, mandando um para cá e outro para lá, assim também hei de vos separar. Dois de vós morrereis em meu serviço. Um, porém, voltará e trará as novas. Em seguida, deu-lhes sua bênção e se desvaneceu.

CAPÍTULO XXI

Como Galahad ungiu o rei inválido com o sangue da lança, e outras aventuras.

Sem mais tardar, Galahad se aproximou da lança que estava sobre a mesa, molhou os dedos no sangue e foi até onde estava o rei inválido para lhe ungir as pernas.

De imediato, este se vestiu, se levantou da cama como um homem são e agradeceu a Nosso Senhor por tê-lo curado. Mas não visava a retomar a vida no século, pois logo se retirou para um local religioso, de monges brancos, onde viveu como um homem muito santo. Naquela mesma noite, por volta da meia-noite, todos ali ouviram uma voz que lhes dizia: Filhos meus, e não meus enteados; amigos meus, e não meus homens de armas, deixai este lugar e ide para onde esperais fazer o melhor de acordo com o que vos ordenei. Graças Vos sejam dadas, Senhor, que Vos haveis dignado a convocar Vossos pecadores. Agora, poderemos mostrar que nossas penitências não foram em vão. Apressaram-se em pegar seus arneses e partir. No entanto, Galahad se dirigiu aos três cavaleiros da Gália, um dos quais, chamado Claudine, era filho do Rei Claudas, ao passo que os dois outros eram gentis-homens de alta linhagem. Se fordes à corte do Rei Arthur, pediu ele, saudeis meu senhor Sir Lancelote, meu pai, e todos os membros da Távola Redonda. E lhe rogou que, caso fossem até lá, não se esquecessem de fazê-lo.

Depois, partiu, acompanhado de Percival e Bors. Cavalgaram por três dias até chegarem à costa onde encontraram a embarcação a que a narrativa se referiu anteriormente. Depois de subirem a bordo, viram ali a mesa de prata que haviam deixado com o rei inválido e o Santo Graal, coberto com brocado vermelho. Muito se alegraram por ter tais objetos consigo e, entrando, lhes prestaram grande reverência. Galahad se ajoelhou e passou um bom tempo suplicando a Nosso Senhor que lhe permitisse deixar este mundo na hora que o pedisse. Tanto rezou que uma voz se fez ouvir, dizendo: Galahad, verás atendida tua súplica e, quando pedires a morte de teu corpo, ela virá. Então, encontrarás a vida da alma. Ao ouvir isso, Percival lhe rogou, em nome da amizade que os unia, que lhe dissesse por que pedia tal coisa. Pois vou vos dizer, respondeu o mancebo. Outro dia, quando vimos uma parte das aventuras do Santo Graal, experimentei tal gozo de coração que, creio eu, jamais ninguém experimentou no plano terreno. Portanto, sei que, depois que meu corpo estiver morto, minha alma sentirá grande alegria ao ver diariamente a Santíssima Trindade e a majestade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Passaram muito tempo naquela embarcação, e disseram a Galahad: Senhor, deveis vos deitar neste leito, pois assim reza a escritura. Ele assim o fez e dormiu durante muito tempo. Quando despertou, olhou diante de si e viu a cidade de Sarras. No momento em que iam desembarcar, avistaram a nave na qual Percival havia depositado o corpo da irmã. Na verdade, disse este, em nome de Deus, minha irmã cumpriu a promessa que fez. Retiraram então da embarcação a mesa de prata e concordaram que Percival e Bors deviam seguir na frente, e Galahad iria atrás. Dirigiram-se à cidade, em cujos portões viram um velho aleijado. Galahad o chamou e lhe pediu ajuda para carregar aquele peso. Na verdade, respondeu o ancião, faz dez anos que não consigo andar sem o auxílio de muletas. Não te preocupes com isso, disse o mancebo. Levanta e demonstra tua boa vontade. O velho, então, experimentou levantar-se e se viu tão sadio como jamais estivera antes. Assim, pois, correu até a mesa e a segurou por um dos lados, junto com Galahad. Logo começaram a circular pela cidade rumores de que um aleijado havia sido curado por um dos cavaleiros maravilhosos que estavam entrando ali. Pouco depois, os três companheiros retornaram à beira-mar e levaram a irmã de Sir Percival para o palácio, onde a sepultaram tão ricamente quanto merece uma filha de rei. Ao ver a comitiva, o rei da cidade, que se chamava Estorause, lhes perguntou de onde eram e o que traziam sobre aquela mesa de prata. Os três lhe disseram a verdade sobre o Santo Graal e o poder que Deus havia depositado naquele vaso. Então, o monarca, que era um tirano e descendia de pagãos, mandou prendê-los e encerrá-los em uma profunda masmorra.

CAPÍTULO XXII

Como foram alimentados pelo Santo Graal enquanto estavam na prisão, e como Galahad foi feito rei.

Assim que chegaram à prisão, Nosso Senhor lhes enviou o Santo Graal, por cuja graça viram-se sempre satisfeitos enquanto estiveram encarcerados. No fim do ano, aconteceu de aquele rei cair doente e sentir que ia morrer. Mandou chamar então os três cavaleiros, que se apresentaram à sua frente. O monarca lhes suplicou perdão por tudo que havia feito, e eles o perdoaram com a maior boa vontade. Logo depois, Estorause faleceu. Diante de sua morte, a cidade mergulhou em desânimo, sem saber quem poderia ser seu novo rei. Foi convocado um conselho e, nesse momento, todos ali ouviram uma voz que lhes mandou escolher para reinar o mais jovem dos três forasteiros. Pois ele cuidará bem de vós e de todos os vossos, disse ainda a voz. Assim, pois, com a concordância de toda a cidade sagrada, designaram Galahad como seu rei, caso contrário, mandariam matá-lo. Quando este foi ver as terras, mandou construir sobre a mesa de prata uma arca de ouro e pedras preciosas destinada a guardar o vaso sagrado. Diariamente, de madrugada, os três companheiros se postavam diante dele para fazer suas orações.

No fim daquele ano, no mesmo dia em que recebera a coroa de ouro, Galahad se levantou bem cedo e, juntamente com seus companheiros, foi até o palácio, onde viram o vaso sagrado. Diante dele, estava ajoelhado um homem que parecia ser um bispo. Ao seu redor, havia um grande grupo de anjos, como se ele fosse o próprio Jesus Cristo. Então, o homem se levantou e começou a celebrar uma missa em honra de Nossa Senhora. Chegada e passada a hora do sacramento, ele chamou Galahad e lhe disse: Vem, servo de Jesus Cristo, e verás o que tanto desejaste ver. Ele então começou a tremer convulsivamente quando a carne mortal pôde ver coisas espirituais. Ergueu as mãos para o céu, dizendo: Senhor, dou-Vos graças, pois vejo o que por muito tempo vem sendo meu desejo. Agora, bendito Senhor, não gostaria de continuar vivendo, se isso for de Vosso agrado, Senhor. Nesse momento, o bom homem segurou entre as mãos o corpo de Nosso Senhor e ofereceu-o a Galahad, que o recebeu feliz e humildemente. Sabes agora quem sou?, perguntou ele. Não, respondeu o jovem. Sou José de Arimateia. O Senhor me enviou para te fazer companhia. E sabes por que enviou a mim e a mais ninguém? Porque te assemelhas a mim em duas coisas: vistes as maravilhas do Santo Graal e és virgem puro como fui e sou.

Depois de ouvir essas palavras, Galahad se aproximou de Percival, beijou-o e o encomendou a Deus. Em seguida, aproximou-se de Sir Bors, beijou-o, encomendou-o a Deus e disse: Gentil senhor, saudai meu senhor e pai Lancelote, e, assim que o virdes, rogai-lhe que não se esqueça da mutabilidade deste mundo. Ajoelhou-se então diante da mesa, fez suas orações e sua alma partiu subitamente para ir ao encontro de Jesus Cristo. Uma grande multidão de anjos a conduziu até os céus, coisa que seus companheiros puderam ver com clareza. Eles viram também sair do céu uma mão, embora não vissem corpo algum. Ela se estendeu diretamente para o vaso sagrado, pegou-o, bem como a lança, e levou ambos os itens consigo. Desde esse dia, jamais apareceu homem tão audacioso a ponto de dizer que havia visto o Santo Graal.



CAPÍTULO XXIII

Sobre a tristeza que Percival e Bors sentiram quando da morte de Galahad; como morreu Percival, e outras histórias.

Quando Percival e Bors viram seu companheiro morto, lamentaram-se como dois homens jamais haviam feito antes. E, se não fossem eles dois bons homens, não teriam tardado a se deixar levar pelo desespero. O povo do país e os habitantes da cidade também ficaram muito pesarosos. Então, Galahad foi sepultado e, logo depois do enterro, Sir Percival se recolheu a um eremitério fora da cidade e assumiu o hábito de religioso. Bors esteve sempre a seu lado, embora nunca tenha deixado suas vestes seculares, pois seu propósito era retornar ao reino de Logres. Durante um ano e dois meses, Sir Percival levou uma vida muito santa naquela ermida, até que, por fim, deixou este mundo. Bors mandou enterrá-lo junto de sua irmã e de Galahad, em terra consagrada.

Ao se dar conta de que estava em um local tão remoto como eram as terras da Babilônia, abandonou Sarras, armou-se, dirigiu-se ao litoral e embarcou em uma nave. Graças à boa fortuna, chegou ao reino de Logres. Lá cavalgou velozmente até alcançar Camelot, onde estava o rei. Ali, na corte, ele foi recebido com grande satisfação, pois todos o julgavam morto depois de passar tanto tempo fora do país. Quando terminaram de comer, o rei mandou chamar grandes clérigos à sua presença para que se escrevesse a crônica das altas aventuras daqueles bons cavaleiros. Bors contou as aventuras do Santo Graal, tal como elas lhes haviam acontecido, tanto a ele quanto a seus três companheiros, que eram Lancelote, Percival e Galahad, além dele mesmo. Em seguida, Lancelote contou as que ele tinha presenciado. Tudo isso ficou registrado em grandes livros que foram guardados em arcas em Salisbury. Depois, Sir Bors se voltou para Sir Lancelote. Galahad, vosso filho, me encarregou de saudá-lo, disse ele, e, em seguida, saudar o Rei Arthur e toda a corte. O mesmo me pediu Sir Percival, pois enterrei a ambos com minhas próprias mãos na cidade de Sarras. Ademais, Sir Lancelote, Galahad vos roga que vos lembreis do quanto este mundo é mutável, como lhe prometestes fazer quando estivestes juntos por mais de meio ano. É verdade, respondeu Lancelote, e tenho fé em Deus de que seu rogo há de me ser de grande valia.

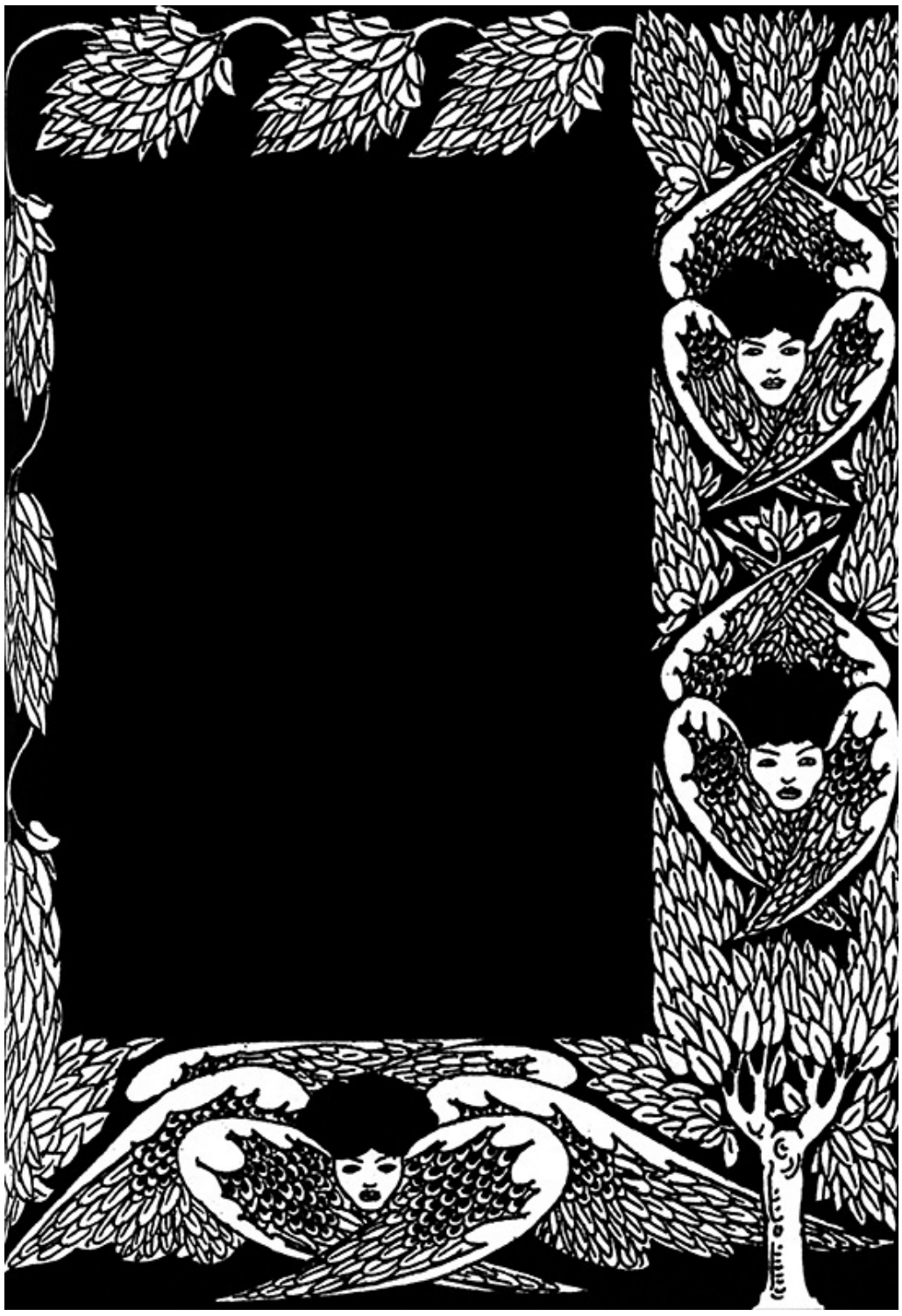
Gentil primo, acrescentou ele, tomando Sir Bors em seus braços, sois muito bem-vindo. Podeis me procurar para tudo que eu possa fazer por vós e pelos vossos, e encontrareis este pobre corpo pronto em todas as ocasiões, enquanto o

espírito nele habitar. Sabei, gentil primo Sir Bors, que vós e eu não haveremos de nos separar enquanto durarem nossas vidas. Como quiserdes, disse Sir Bors.

Assim termina a história do Santo Graal, que foi sumariamente passada do francês para o inglês e que constitui a crônica de uma das histórias mais verdadeiras e santas que existem neste mundo, como é o livro XVII. E segue-se a ele o décimo oitavo livro.

LIVRO XVIII





CAPÍTULO I

Sobre a alegria que o Rei Arthur e sua esposa sentiram com a conquista do Santo Graal, e como Lancelote voltou a sentir o velho amor que nutria pela rainha.



ssim, pois, quando a demanda do Santo Graal foi concluída e todos os cavaleiros que haviam sobrevivido voltaram a se reunir em torno da Távola Redonda, como menciona o livro do Santo Graal, houve grande alegria na corte. O Rei Arthur e a Rainha Guinevere muito se alegraram por aqueles que conseguiram regressar, em particular por Sir Lancelote e Sir Bors, pois ambos haviam levado tal demanda muito longe.

Então, segundo o livro, Sir Lancelote voltou a se encontrar com a rainha, esquecendo-se da promessa feita durante a demanda e da perfeição que procurou alcançar. Pois, como diz ainda o livro, se ele não estivesse, em sua mente e seus pensamentos secretos, tão ligado à rainha por dentro como parecia estar dedicado a Deus por fora, nenhum cavaleiro o teria sobrepujado nas aventuras do Santo Graal. Secretamente, porém, seus pensamentos sempre estiveram voltados para a rainha, e os dois se amaram mais ardentemente do que antes, inebriando-se tanto juntos que muitos na corte começaram a comentar tal fato, em especial Sir Agravaine, irmão de Sir Gawaine, que sempre fora um mexeriqueiro.

O Cavaleiro do Lago era muito requisitado por damas e donzelas, que o assediavam diariamente, suplicando-lhe que fosse seu campeão, e, em tais assuntos, ele tratava, dia após dia, de agradar a Nosso Senhor Jesus Cristo. Sempre que podia, afastava-se da companhia e do convívio com a Rainha Guinevere para evitar as calúnias e os boatos. Por esse motivo, a soberana acabou se enfurecendo com ele. Um dia, chamou-o a seus aposentos e lhe disse: Sir Lancelote, vejo e sinto diariamente que vosso amor começa a diminuir, pois não experimentais nenhuma satisfação em estar comigo, preferindo vos ausentar com frequência da corte. Agora, tendes muito mais querelas e questões a defender para damas e donzelas do que antes.

Ah, senhora, respondeu o cavaleiro, neste sentido, deveis me desculpar por diversas razões. A primeira delas é o fato de eu ter participado, faz pouco tempo, da demanda do Santo Graal, e agradeço a Deus por sua grande misericórdia que, sem o merecer, eu pudesse ver nessa jornada mais do que qualquer pecador jamais vira, e assim me foi dito. E, se no âmago dos meus pensamentos, eu não tivesse acalentado a ideia de voltar para vosso amor, como tenho, teria visto mistérios tão grandes como os que viu meu filho, Galahad, e também Percival e Sir Bors. Portanto, senhora, faz pouco que participei dessa demanda e sabei que não se pode esquecer tão depressa o alto serviço a que dediquei meus esforços diligentes. Ademais, senhora, sabei que muitos falam de nosso amor nesta corte, e andam nos observando, como fazem Sir Agravaine e Sir Mordred. E, senhora, eu vos garanto que temo mais por vós do que qualquer medo que possa ter por mim mesmo, já que eu poderia escapar e me livrar em caso de necessidade, ao passo que vós teríeis que suportar tudo o que viessem a dizer. Se cairdes em alguma desgraça por loucura obstinada, não haverá remédio nem auxílio a não ser por parte de mim e dos de meu sangue. Sabei, senhora, que nossa ousadia haverá de nos trazer grande afronta e calúnia, e não gostaria de vos ver desonrada. É por esse motivo que resolvi fazer mais por damas e donzelas do que jamais fiz antes, para que, vendo minha alegria e meu deleite, percebam que sinto prazer em lidar com elas.

CAPÍTULO II

Como a rainha ordenou que Sir Lancelote evitasse a corte, e a tristeza que isto causou ao cavaleiro.

Durante todo esse tempo, a rainha ficou calada, deixando que Sir Lancelote dissesse tudo que queria. Quando ele terminou, ela começou a chorar e passou alguns momentos soluçando, em prantos. Depois que se recobrou e conseguiu falar, disse: Lancelote, agora me dou conta de que sois um cavaleiro falso e mesquinho, um lascivo vulgar que ama e tem outras damas e que sente por mim desdém e menosprezo. Sabei, pois, prosseguiu ela, que agora enxergo vossa falsidade e, portanto, não voltarei a vos amar. Não ouseis aparecer novamente diante de meus olhos. Ordeno-vos que deixeis esta corte para não mais voltar. Minha companhia vos está proibida e não podereis mais me ver, sob pena de perderdes a cabeça. Diante disso, Sir Lancelote partiu, com imenso pesar, a tal ponto que mal podia se manter de pé de tanta tristeza.

Chamou então Sir Bors, Sir Hector de Maris e Sir Leonel para lhes contar que a rainha o tinha expulsado da corte e que havia decidido regressar a seu próprio país. Gentil senhor, disse Sir Bors de Ganis, eu vos aconselho a não deixar estas terras. Deveis lembrar da honra com que sois mencionado e que sois considerado o melhor cavaleiro do mundo. Ademais, tendes em mãos muitas questões importantes. Com sua impulsividade, é comum as mulheres fazerem coisas de que se arrependem mais tarde. Portanto, meu conselho é que pegueis vosso cavalo, procureis o bom eremita que vive perto de Windsor e que, em outros tempos, foi um bom cavaleiro chamado Sir Brastias, e espereis ali até que eu vos mande notícias melhores. Irmão, respondeu Sir Lancelote, sabeis que muito me desagrada abandonar este reino, mas a rainha me proibiu tão terminantemente de permanecer aqui que creio que ela jamais voltará a ser minha boa senhora como vinha sendo até hoje. Não digais isso, retrucou Sir Bors, pois várias vezes se aborreceu convosco antes e, depois, foi a primeira a se arrepender. Tendes razão, assentiu Sir Lancelote. Seguirei vosso conselho. Pegarei meu cavalo e meu arnês, irei à procura do ermitão Sir Brastias e ali descansarei até receber notícias vossas. Mas, gentil irmão, eu vos rogo que, se possível, trateis de recuperar para mim o amor de minha senhora, a Rainha Guinevere.

Então, o nobre cavaleiro partiu sem mais tardar, tão pesaroso que nenhuma criatura terrena, a não ser Sir Bors, soube o que tinha sido feito dele ou para onde tinha ido. Depois de sua partida, a rainha não mostrou nenhum sinal de lamentação

que alguém de seu sangue ou qualquer outra pessoa pudesse perceber. Sabei, porém, que, por dentro, como diz o livro, foi tomada pelo arrependimento, embora tenha mantido uma postura orgulhosa como se não sentisse nada, nem corresse qualquer perigo.

CAPÍTULO III

Como um cavaleiro foi envenenado em um jantar oferecido pela rainha e como Sir Mador a culpou por isto.

Certo dia, a rainha ofereceu, em Londres, um jantar reservado aos cavaleiros da Távola Redonda. O motivo era demonstrar que eles lhe haviam proporcionado grande alegria, assim como fizera Sir Lancelote. Para tal jantar, convidou apenas Sir Gawaine e seus irmãos, a saber, Sir Agravaine, Sir Gaheris, Sir Gareth e Sir Mordred. Também foram convidados Sir Bors de Ganis, Sir Blamore de Ganis, Sir Bleoberis de Ganis, Sir Galihud, Sir Galihodin, Sir Hector de Maris, Sir Leonel, Sir Palamedes, Sir Safere, seu irmão, Sir La Cote Mal Taillée, Sir Persant, Sir Ironside, Sir Brandiles, Sir Kay, o Senescal, Sir Mador de la Porte, Sir Patrise, um cavaleiro da Irlanda, Aliduke, Sir Astamore e Sir Pinel, o Selvagem, que era primo de Sir Lamorak de Gales, o bom cavaleiro que Sir Gawaine e seus irmãos haviam matado à traição. Esses 24 cavaleiros jantariam com a rainha em um salão privativo, onde se celebrou um festim com todo tipo de iguarias.

Sir Gawaine, porém, tinha um hábito que praticava diariamente no almoço e no jantar, pois gostava muito de frutas, especialmente de maçãs e de peras. Assim, pois, quem quer que o convidasse para comer sempre providenciava uma boa fruta para ele. Foi o que fez a rainha, com a intenção de o agradar: mandou que lhe trouxessem todo tipo de frutas. Como Sir Gawaine era um cavaleiro de temperamento muito acalorado, e Pinel lhe guardava rancor pela morte de seu parente, Sir Lamorak de Gales, por pura inveja e ódio, envenenou algumas maçãs para matá-lo. Tudo correu muito bem até o final da refeição, quando, por infortúnio, um bom cavaleiro chamado Patrise, primo de Sir Mador de la Porte, pegou uma das maçãs envenenadas. Depois de comê-la, seu corpo inchou a ponto de quase arrebentar e ele caiu subitamente morto entre os outros convivas.

Diante de tal cena, todos os cavaleiros se levantaram da mesa envergonhados e tão irados que pareciam até que iam perder o juízo. Ninguém sabia o que dizer, pois, já que a Rainha Guinevere havia oferecido aquele banquete, todos suspeitavam dela. Minha senhora e rainha, disse Gawaine, sabei que estas frutas foram aqui servidas para mim, já que todos que conhecem meu gosto sabem de minha preferência por esta fruta. Agora, posso ver que estive muito perto de morrer, razão pela qual, senhora, temo que incorrereis em vergonha. Ao ouvir isso, a soberana ficou calada e tão perturbada que não soube o que dizer. Isso não acabará assim, disse Sir Mador de la Porte, pois perdi aqui um nobre cavaleiro de

meu sangue. Portanto, hei de me vingar de tal afronta. E, ali mesmo, acusou abertamente a rainha pela morte de seu primo Sir Patrise. Todos os presentes ficaram calados e ninguém quis dizer uma só palavra contra ele, já que a desconfiança contra a rainha era geral, uma vez que fora ela quem mandara preparar tal refeição. Guinevere ficou tão transtornada que não teve outra reação senão chorar tão compulsivamente que caiu desmaiada. Ao ouvir o tumulto e a gritaria, o Rei Arthur acorreu à sala do banquete e, quando soube da desgraça, foi tomado por grande pesar.



CAPÍTULO IV

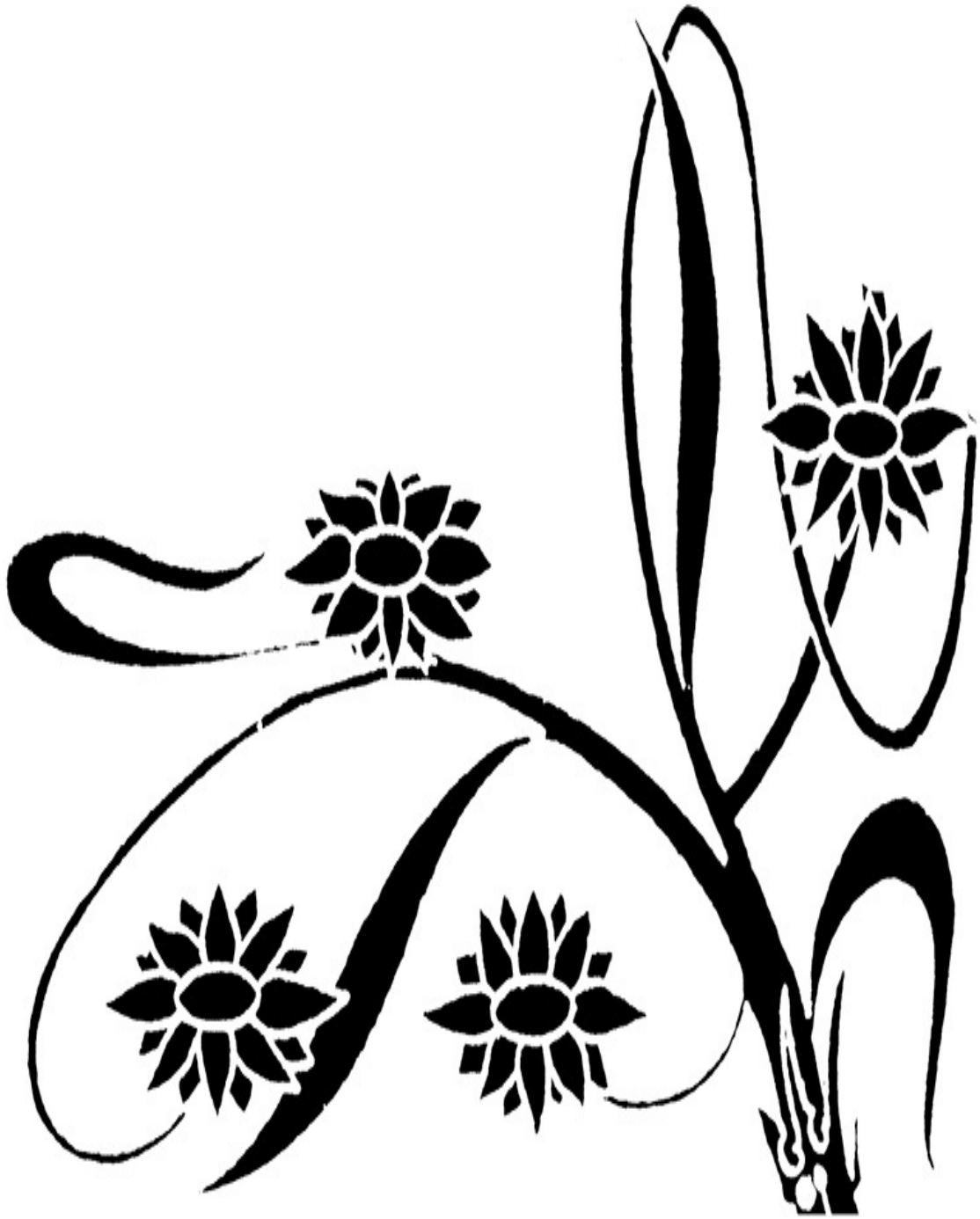
Como Sir Mador acusou a rainha de traição e, pela primeira vez, nenhum cavaleiro se ofereceu para lutar por ela.

Sir Mador se manteve de pé diante do monarca e acusou a rainha de traição, pois este era o costume da época: todo tipo de morte condenável era chamado de traição. Gentis senhores, disse o Rei Arthur, muito lamento esta desgraça, mas, em tais casos, não posso tomar partido, já que preciso ser um juiz justo. É grande o meu desgosto por não poder combater por minha esposa, pois, segundo creio, este ato não partiu dela. Portanto, suponho que não cairá em desonra, mas sim que algum bom cavaleiro arriscará a própria vida por minha rainha antes que ela seja queimada em uma querela injusta. Rogo-vos, pois, Sir Mador, que não sejais tão precipitado, porque é possível que ela não seja desprovida de amigos. Marcai, então, uma data para o combate e ela providenciará algum bom cavaleiro para vos enfrentar, o que seria grande vergonha para mim e para toda a minha corte.

Meu gracioso soberano, deveis desculpar-me, porque, embora ocupeis a dignidade de ser nosso rei, não passais de um cavaleiro como nós e haveis prestado o mesmo juramento à cavalaria que todos nós. Suplico-vos, pois, que não vos irriteis, já que, entre os 24 cavaleiros convidados a este banquete, não há nenhum que não suspeite seriamente da rainha. O que dizeis a este respeito, meus senhores? Um a um, todos responderam que não podiam desculpar a soberana, uma vez que, tendo ela organizado tal refeição, o ocorrido só podia ser obra sua ou de seus criados. Ai, exclamou a rainha, mandei fazer esse banquete com a melhor das intenções e não para causar algum mal. Que Deus todo-poderoso me ajude a provar que tenho razão, uma vez que jamais pretendi levar a cabo ação tão infame, e invoco Deus por testemunha.

Majestade, disse Sir Mador, como rei justo que sois, peço-vos que me conceda um dia para que eu possa ter justiça. Pois bem, respondeu o soberano, proponho o décimo quinto dia a contar de hoje, quando deveis estar pronto, armado e montado no prado próximo a Westminster. Se houver algum cavaleiro disposto a vos enfrentar, fazei ali o melhor que puderdes e que Deus faça prevalecer a razão. Caso não haja nenhum cavaleiro para combater nesse dia, que minha rainha seja queimada, pois ela lá estará pronta para receber sua condenação. Considero-me satisfeito, declarou Sir Mador. E cada cavaleiro se foi para onde quis.

Estando sós o rei e a rainha, ele lhe perguntou como aquilo havia acontecido. Valha-me Deus, respondeu ela, não sei como nem de que maneira. Onde está Sir Lancelote?, perguntou o monarca. Se estivesse aqui, não se recusaria a combater por vós. Senhor, respondeu a rainha, não sei onde ele está, mas seu irmão e seus parentes acreditam que não esteja neste reino. Pois muito lamento, disse o Rei Arthur, pois, se estivesse aqui, logo poria fim a tal contenda. Aconselho-vos então a ir procurar Sir Bors e lhe pedir que combata por vós, por amor a Sir Lancelote e, por minha fé, ele não se negará a fazê-lo. Pois bem vejo, acrescentou, que nenhum desses 24 cavaleiros que estavam convosco no banquete que oferecestes, onde morreu Sir Patrise, está disposto a combater por vós, nem pretende sair em vossa defesa, e grande calúnia circulará por esta corte. Ai, lamentou-se Guinevere, não posso fazer isso, mas, agora, sinto falta de Sir Lancelote, porque, se ele estivesse aqui, meu coração não tardaria a sossegar. Por que vos entristeceis?, perguntou o rei. Não podeis ter Sir Lancelote a vosso lado? Pois sabei que aquele que o tiver consigo poderá contar com o homem de mais mérito que existe no mundo. Ide agora, prosseguiu ele, e pedi a Sir Bors que combata por vós, por amor a Sir Lancelote.



CAPÍTULO V

Como a rainha pediu a Sir Bors que combatesse por ela, e como ele aceitou com uma condição; e como ele informou Sir Lancelote a esse respeito.

A rainha deixou seu esposo e mandou uma mensagem pedindo a Sir Bors que se apresentasse a seus aposentos. Quanto este chegou, ela lhe suplicou que a socorresse. Senhora, disse o cavaleiro, que quereis que eu faça? Por minha honra, não posso tomar partido em tal assunto, já que, como participei daquele banquete, temo que algum dos cavaleiros presentes passe a suspeitar de mim. Ademais, senhora, prosseguiu ele, agora sentis falta de Sir Lancelote, que jamais falhou para convosco na justiça ou na injustiça, como haveis podido comprovar sempre que estivestes em perigo. Expulsastes deste país o homem que honrava diariamente tanto a vós quanto a todos nós. Por isso, senhora, fico surpreso ao ver que ousais, sem vos envergonhar, pedir que eu faça algo por vós, especialmente depois de terdes banido de vosso país aquele por quem éramos apoiados e honrados. Ah, gentil cavaleiro, respondeu a soberana, ponho-me inteiramente sob vossa graça e pretendo reparar todo o erro que cometi, como me aconselhais. Ao dizer isso, caiu de joelhos e suplicou a Sir Bors que tivesse piedade dela. Caso contrário, terei uma morte vergonhosa por uma injúria que jamais cometi.

Nesse momento, chegou o Rei Arthur e encontrou a rainha ajoelhada diante de Sir Bors, que, então, a levantou e disse: Senhora, estais me causando grande desonra. Ah, gentil cavaleiro, interveio o monarca, tende piedade de minha rainha, cortês cavaleiro, pois agora tenho certeza de que ela está sendo injustamente difamada. Portanto, prometei-me que combatereis por ela. É o que vos peço pelo amor de Sir Lancelote. Majestade, respondeu Sir Bors, estais me pedindo a maior coisa que homem algum jamais pediu. Bem sabeis que, se eu aceitar combater pela rainha, deixarei furiosos muito de meus companheiros da Távola Redonda. No entanto, quero prometer a meu soberano que, por meu senhor Lancelote e por vós mesmo, serei o campeão da rainha no dia marcado, a menos que, por fortuna, algum cavaleiro melhor do que eu venha lutar por ela. É uma promessa que me fazeis?, perguntou o rei. Por vossa fé? Sim, senhor, respondeu Bors. Não falharei convosco nem com nossa rainha, a menos que apareça um cavaleiro melhor do que eu para fazê-lo. Então, o casal real muito se alegrou e se afastou, não sem demonstrar toda sua gratidão.

Um dia, Sir Bors partiu em segredo, procurou Sir Lancelote, que estava com Sir Brastias, o eremita, e lhe contou todo o ocorrido. Ah, Jesus, disse Sir

Lancelote, que boa fortuna trouxe esses acontecimentos. Eu vos rogo que vos prepareis para lutar, mas tratai de resistir o mais que puderdes, até me verdes chegar. Garanto-vos que Mador é um bravo cavaleiro quando está inflamado e, por isso, quanto mais puderdes contê-lo, mais impaciente ele ficará para combater. Senhor, respondeu Bors, deixai que eu me entenda com ele e não tenhais dúvida de que tudo correrá como desejais. Regressou então à corte e logo começaram a circular as notícias de que Sir Bors lutaria pela rainha. Muitos cavaleiros se enfureceram ao saber que ele havia assumido defender a soberana naquela querela, pois eram pouquíssimos os que não acreditavam na culpa de Guinevere, atribuindo-lhe aquela traição.

E Sir Bors respondeu assim a seus companheiros da Távola Redonda: Sabei, meus gentis senhores, que seria vergonha para todos nós permitir que a mais nobre rainha do mundo sofresse afronta pública, considerando-se que seu senhor e nosso soberano é o homem mais honrado do mundo e também o mais cristão, que sempre nos honrou a todos aonde quer que fosse. Muitos, porém, contestaram tal afirmação, dizendo: No que se refere a nosso mui nobre Rei Arthur, nós o amamos e honramos tanto quanto vós. Já a Rainha Guinevere não conta com nosso apoio, pois ela é uma destruidora de bons cavaleiros. Gentis senhores, retrucou Sir Bors, a mim me parece que não falais como deveríeis, pois, até agora, nunca na vida eu soube nem sequer ouvi dizer que a rainha fosse destruidora de nenhum bom cavaleiro. Pelo contrário, pelo que posso me lembrar, ela sempre foi defensora de bons cavaleiros. Sempre foi liberal e dadivosa com seus bens para com todos eles. Sempre foi a dama mais generosa que já vi com suas posses e suas boas graças. Portanto, seria vergonhoso para todos consentir que a esposa de nosso mui nobre rei sofra morte infame. Sabei que não pretendo permitir que isso aconteça, pois atrevo-me a dizer que a rainha não é culpada pela morte de Sir Patrise, já que nunca teve rancor com relação a ele nem a nenhum dos 24 cavaleiros presentes àquele banquete. Atrevo-me também a dizer que foi imbuída de amor, e não por qualquer maléfica maquinação, que nos convidou para tal refeição. Não tenho dúvida de que isso ficará provado mais adiante, pois, seja lá o que tenha ocorrido, houve traição entre nós. Podemos perfeitamente aceitar vossos motivos, disseram alguns. E uns concordaram com isso, mas outros, não.

CAPÍTULO VI

Como, no dia marcado, Sir Bors se preparou para combater pela rainha, e quando ia fazê-lo, outro cavaleiro o liberou do compromisso.

Logo passaram-se os dias até a véspera da data estabelecida para o combate e, então, a rainha mandou chamar Sir Bors para lhe perguntar se estava disposto a lutar por ela. Na verdade, Majestade, disse ele, mantenho a mesma disposição que vos prometi, ou seja, não falharei para convosco, a menos que, por fortuna, apareça um cavaleiro melhor do que eu para lutar por vós. Neste caso, senhora, eu estaria liberado de minha promessa. Quereis que eu transmita esta mensagem a meu senhor Arthur?, perguntou a soberana. Como quiserdes, Majestade. Assim, pois, a rainha procurou o rei e lhe relatou a resposta de Sir Bors. Não duvideis de Sir Bors, disse seu esposo, pois atualmente eu o considero um dos melhores cavaleiros do mundo e o homem de mais préstimo. O tempo transcorreu até a manhã. O rei, a rainha e todos os cavaleiros que ali estavam naquela ocasião dirigiram-se para o prado próximo a Westminster, onde teria lugar a batalha. Quando o monarca chegou com sua esposa, muitos cavaleiros da Távola Redonda a puseram sob a custódia do condestável e foi acesa uma grande fogueira em torno de uma estaca de ferro, pois, no caso de Sir Mador de la Porte sair vencedor, ela seria queimada naquele local. Este era o costume daqueles tempos: nem favor, nem amor, nem afinidade deveriam interferir no julgamento justo, e isso servia tanto para um rei quanto para um cavaleiro, tanto para uma rainha quanto para uma pobre dama.

Nesse meio tempo, chegou Sir Mador de la Porte e jurou perante o rei que a rainha cometera aquela traição para com o seu primo Sir Patrise, e jurou também que desafiaria, com a própria vida, em combate corpo a corpo, quem quer que viesse dizer o contrário.

Naquele momento, Sir Bors de Ganis se apresentou dizendo: a rainha é inocente e estou disposto a provar com as minhas próprias mãos que ela não tem culpa alguma nessa traição que a ela estão atribuindo. Preparai-vos, então, Sir Mador, e vamos provar quem tem razão: vós ou eu. Sir Mador, prosseguiu Sir Bors, bem sabeis que vos considero um bom cavaleiro. Nem por isso, porém, devo ter tanto medo de vós, pois confio em Deus que serei capaz de enfrentar a vossa fúria. Prometi a meu senhor Arthur e a minha senhora, a rainha, que daria tudo de mim lutando por ela nesta querela, a menos que surja um cavaleiro melhor do que eu e venha tomar o meu lugar.

É tudo que tendes a dizer?, perguntou Sir Mador. Ou saís agora mesmo para vos haver comigo ou calai-vos de uma vez por todas.

Tomai vosso cavalo, retrucou Sir Bors, e, suponho eu, não tardareis muito a ter vossa resposta.

Partiram ambos para as suas tendas e prepararam-se como julgavam melhor para subir nas suas montarias. Pouco depois, Sir Mador apareceu na liça trazendo o escudo no ombro e a espada na mão. Circulou pelo local gritando para Arthur: mandai vosso campeão se apresentar, se ele tiver coragem para tanto.

Envergonhado, Sir Bors montou em seu cavalo e apareceu na extremidade da liça. Viu então surgir de um bosque um cavaleiro inteiramente armado, montado num cavalo branco, portando um escudo desconhecido com armas estranhas. Cavalgando a toda, ele se aproximou de Sir Bors e lhe disse: Gentil cavaleiro, rogo-vos que não fiqueis aborrecido, pois aqui está um cavaleiro melhor do que vós e que deve assumir esta contenda. Peço-vos, pois, que vos retireis. Sabei que, no dia de hoje, tive uma grande jornada e este combate tinha que ser meu, como vos prometi da última vez em que nos falamos. E eu vos agradeço de todo coração por vossa boa disposição.

Sir Bors cavalgou então até onde estava o Rei Arthur e lhe contou que havia chegado um cavaleiro com a intenção de combater pela rainha. Quem é tal cavaleiro?, indagou o monarca. Não faço ideia, respondeu Sir Bors, mas ele combinou comigo que estaria aqui hoje. E, agora, meu senhor, estou liberado dessa incumbência.

CAPÍTULO VII

Como Sir Lancelote enfrentou Sir Mador pela rainha, e como derrotou seu adversário e inocentou a soberana.

Então, o rei chamou aquele cavaleiro e lhe perguntou se queria lutar pela rainha. Foi para isso que vim até aqui, Majestade, respondeu ele. Portanto, não me retenhais mais, porque não posso me demorar. Assim que este combate tiver terminado, preciso partir, pois muitas questões aguardam por mim em outros lugares. Sabei, meu senhor, acrescentou ele, que é uma desonra para todos os cavaleiros da Távola Redonda ver tão nobre dama e soberana tão cortês como é a Rainha Guinevere assim censurada e injuriada entre vós. Todos os cavaleiros se perguntavam quem seria aquele que viera assumir tal querela, já que ninguém o reconheceu, a não ser Sir Bors.

Vejamos com quem hei de lutar, disse Sir Mador de la Porte, dirigindo-se ao monarca. Então, os dois cavalgaram até as extremidades da liça e correram para se encontrar com todas as suas forças. A lança de Sir Mador se despedaçou, mas a do outro resistiu, e ele jogou o cavalo de seu adversário para trás, infligindo-lhe uma queda séria. No entanto, Sir Mador prontamente se desvencilhou do animal, ergueu o escudo, sacou da espada e mandou que o outro cavaleiro se apeasse para lutarem a pé. Este então apressou-se em desmontar, como homem valente que era. Ergueu o escudo, sacou da espada e os dois travaram uma batalha acirrada, trocando inúmeros golpes graves, atacando e se esquivando, dando talhos e estocadas com as espadas como se fossem dois javalis ferozes. Lutaram assim por cerca de uma hora, pois Sir Mador era um cavaleiro forte e com muita experiência em diversas batalhas. Finalmente, porém, o forasteiro o derrubou de bruços no chão e se aproximou para imobilizá-lo. Mas Sir Mador conseguiu se levantar de súbito e, ao fazê-lo, traspassou a parte mais carnuda da coxa de seu adversário, fazendo o sangue jorrar furiosamente. Sentindo-se assim ferido e vendo o sangue que escorria, ele o deixou se pôr de pé. Então, desfechou-lhe tamanho golpe na parte superior do elmo que o derrubou novamente no chão, e preparou-se para lhe arrancar o elmo. Então, Sir Mador rogou ao cavaleiro que poupasse sua vida, deu-se por vencido e liberou a rainha de sua querela. Não vos concederei a vida, disse o desconhecido, a menos que inocenteis a rainha definitivamente e que, sobre a sepultura de Sir Patrise, seja declarado que a Rainha Guinevere jamais teria participado de tal traição. Assim será, respondeu Sir Mador. Em alto e bom som, declaro nossa soberana inocentada para sempre.

Então, os cavaleiros encarregados da liça ergueram Sir Mador e o levaram para sua tenda, enquanto o vencedor se dirigiu ao palanque onde estava sentado o Rei Arthur. Nesse ínterim, a rainha tinha se aproximado de seu esposo e os dois se beijaram ardorosamente. Quando o monarca viu o cavaleiro que se aproximava, inclinou-se para lhe agradecer e a rainha fez o mesmo. Arthur lhe pediu que tirasse o elmo, descansasse e tomasse uma taça de vinho. Assim que ele retirou o elmo para beber, todos viram que se tratava de Sir Lancelote do Lago. Ao reconhecê-lo, o soberano pegou sua esposa pela mão, foi até ele e lhe disse: Senhor, muito obrigado pelo grande trabalho que haveis tido hoje por mim e por minha rainha. Meu senhor, respondeu Sir Lancelote, sabei que devo necessariamente estar sempre de vosso lado e do lado de minha soberana, a rainha, para combater em qualquer querela, pois sois o homem que me conferiu a alta ordem da cavalaria e, naquele dia, minha senhora, vossa rainha, me concedeu uma grande honra sem a qual eu teria sofrido séria afronta. Naquele mesmo dia em que me sagrastes cavaleiro, por precipitação minha, acabei perdendo minha espada. Minha soberana, vossa rainha, a encontrou, envolveu-a na barra de seu vestido e conseguiu me entregar minha arma no momento em que eu mais precisava dela. Se não fosse assim, eu teria sido envergonhado perante todos os cavaleiros. Portanto, meu senhor Arthur, naquela ocasião, eu lhe prometi que seria sempre seu cavaleiro, tivesse ela ou não razão. Muito vos agradeço por esta jornada, disse o monarca, e sabei que hei de vos recompensar por vossa bondade.

A rainha, que não parava de fitar Sir Lancelote, chorava com tanta ternura que já estava a ponto de cair por terra de tristeza ao ver que ele fizera por ela um ato de tamanha bondade, apesar de ela lhe ter demonstrado grande desamor. Nesse momento, aproximaram-se os cavaleiros de seu sangue, que o saudaram com grande alegria. Vieram também todos os cavaleiros da Távola Redonda que estavam presentes na ocasião e lhe deram as boas-vindas. Então, Sir Mador foi tratado pelos médicos e Sir Lancelote teve sua ferida curada. E houve grande alegria e satisfação na corte.

CAPÍTULO VIII

Como foi conhecida a verdade por intermédio da Donzela do Lago, e diversas outras histórias.

Nessa ocasião, chegou à corte a Donzela do Lago, que se casara com o bom cavaleiro Sir Pelleas, e que sempre prestava grandes favores ao Rei Arthur e a todos os seus cavaleiros com seus encantamentos e feitiçarias. Quando ela soube que a rainha havia sido acusada pela morte de Sir Patrise, declarou publicamente que ela não era culpada e revelou quem havia cometido tal crime, nomeando Sir Pinel. Disse ainda por que motivo ele fizera aquilo e tudo foi abertamente revelado. Com isso, a soberana foi definitivamente inocentada e o cavaleiro Pinel fugiu para seu país. Todos então ficaram sabendo que Sir Pinel havia envenenado as maçãs no banquete com o intuito de matar Sir Gawaine, já que este e seus irmãos haviam assassinado Sir Lamorak de Gales, que era seu primo. Sir Patrise foi enterrado na igreja de Westminster e, sobre sua sepultura, se escreveu: Aqui jaz Sir Patrise da Irlanda, morto por Sir Pinel, o Selvagem, que envenenou maçãs com a intenção de matar Sir Gawaine. Por infortúnio, Sir Patrise comeu uma dessas maçãs e teve morte súbita. Também se escreveu em tal lápide que Sir Mador de la Porte havia acusado a Rainha Guinevere do falecimento daquele cavaleiro e que Sir Lancelote havia lutado pela soberana, derrotando seu adversário. Tudo isso foi escrito sobre a sepultura de Sir Patrise visando a isentar a rainha de qualquer culpa. Por muito tempo, Sir Mador suplicava diariamente à rainha seu perdão. Por intermédio de Sir Lancelote, conseguiu enfim recuperar as boas graças da soberana e tudo lhe foi perdoado.

O tempo passou até que chegou o dia da Assunção de Nossa Senhora. Quinze dias antes desta festa, o rei mandara anunciar a realização de uma grande justa e de um torneio que aconteceriam em Camelot, que é hoje Winchester, declarando que ele próprio e o rei dos escoceses justariam contra todos que desejassem enfrentá-los. Ao tomar conhecimento de tal anúncio, muitos cavaleiros acudiram ao local marcado, entre eles o rei de Gales do Norte, o Rei Anguish da Irlanda, o Rei dos Cem Cavaleiros, Galahalt, o Alto Príncipe, o rei de Northumberland e muitos outros nobres duques e condes de diversos países. Quando se preparava para partir, o Rei Arthur quis levar consigo a rainha, mas, nessa ocasião, ela não quis acompanhá-lo, pois, segundo disse, estava enferma e não poderia cavalgar. Lamento muito, respondeu o monarca, pois faz sete anos que não vedes tão nobre companhia. Desde aquele domingo de Pentecostes, quando Galahad foi embora

desta corte. Na verdade, insistiu a rainha, deveis me desculpar, pois não posso ir assistir ao torneio, e também lamento que assim seja. Muitos imaginaram que a rainha desejava ficar por causa de Sir Lancelote do Lago, que tampouco quis acompanhar o rei, alegando que ainda não estava curado da ferida que Sir Mador lhe havia infligido. Tal recusa deixou o rei pesaroso e bem aborrecido. Assim, pois, ele partiu para Winchester com seus homens e, durante o trajeto, deteve-se em um vilarejo chamado Astolat, que hoje, em inglês, se chama Guildford, onde dormiu no castelo local.

Depois que ele partiu, a rainha chamou Lancelote e lhe disse: Sir Lancelote, mereceis severa reprovação por não acompanhar meu senhor. O que achais que vão imaginar e dizer vossos inimigos e os meus? Simplesmente: “Vede como Sir Lancelote sempre fica aqui quando o rei parte em viagem, e a rainha faz o mesmo, para terem seu prazer juntos.” É o que todos dirão, acrescentou ela. Não duvideis disso.

CAPÍTULO IX

Como Sir Lancelote cavalgou até Astolat e recebeu uma luva para usar em seu elmo a pedido de uma donzela.

Senhora, respondeu Sir Lancelote, aprovo vosso julgamento, pois vós vos tornastes uma pessoa sensata. Portanto, nesta ocasião, seguirei vosso conselho. Descansarei esta noite e amanhã, ao alvorecer, tomarei o caminho de Winchester. Sabei, porém, acrescentou ele, que estarei contra o rei e toda sua companhia nesta justa. Podeis fazer o que bem quiserdes, disse a soberana, mas, em minha opinião, não deveis enfrentar vosso rei e seus homens, pois desse grupo fazem parte muitos fortes cavaleiros de vosso sangue, como bem sabeis, e não preciso nem mesmo mencioná-los. Eu vos rogo que não vos zangueis comigo, senhora, disse Sir Lancelote, pois pretendo aceitar a aventura que Deus quiser me enviar.

Bem cedo, pela manhã, ele assistiu à missa, tomou seu desjejum, despediu-se da rainha e partiu. Cavalgou por muito tempo até chegar a Astolat, que é Guildford. Ao anoitecer, dirigiu-se à residência de um velho barão chamado Sir Bernard de Astolat e, assim que entrou ali, viu o Rei Arthur passeando por um jardim vizinho ao castelo, na propriedade em que estava hospedado, e o reconheceu perfeitamente. Ora, ora, disse o soberano aos cavaleiros que o acompanhavam no jardim vizinho ao castelo, acabo de ver um cavaleiro que jogará seu jogo nas justas de que vamos participar e, pelo que suponho, realizará maravilhas. De quem se trata?, perguntaram vários dos que ali estavam. Nós vos rogamos que nos digais. Por ora, nada sabereis por mim, respondeu o rei e, sorrindo, retirou-se para seus aposentos.

Quando Sir Lancelote já estava instalado e desarmado em seu quarto, o velho barão e eremita chegou, saudou-o com uma reverência e lhe deu as boas-vindas da melhor maneira possível. No entanto, ele não o reconheceu. Gentil senhor, disse Sir Lancelote, gostaria que me emprestásseis um escudo que não fosse muito conhecido, já que todos conhecem bem o meu. Senhor, respondeu o anfitrião, posso atender vosso pedido, pois tenho a impressão de que sois um dos mais cordiais cavaleiros do mundo e, portanto, digno de minha amizade. Sabei que tenho dois filhos recém-sagrados cavaleiros e o mais velho, Sir Tirre, foi ferido no mesmo dia em que recebeu a ordem. Como ele não pode cavalgar, usareis seu escudo, pois atrevo-me a dizer que ele só é conhecido nestas terras e em nenhum outro lugar. Meu filho mais novo se chama Lavaine e, se for de vosso agrado, ele vos acompanhará nesta justa. É um mancebo forte e hábil para sua idade e meu

coração me diz que deveis ser um nobre cavaleiro. Rogo-vos, portanto, que me digais vosso nome. Quanto a isso, disse Sir Lancelote, deveis me desculpar por enquanto. Se Deus me conceder a graça de me sair bem na justa, voltarei aqui e vos direi quem sou. Mesmo assim, peço-vos que permitis que eu leve comigo vosso filho Sir Lavaine e que eu possa usar o escudo de seu irmão. Assim será, disse Sir Bernard.

O velho barão tinha uma filha que, na época, era conhecida como a Formosa Donzela de Astolat. A moça, que se chamava Elaine le Blank, não tirava os olhos de Sir Lancelote e, como diz o livro, enamorou-se por ele de tal forma que jamais pôde deixar de amá-lo e acabou morrendo por este motivo. Ficou andando de um lado a outro do aposento e, sentindo um amor tão ardente, suplicou ao cavaleiro que levasse consigo uma prenda sua durante aquele torneio. Gentil donzela, disse Sir Lancelote, se eu aceitar vossa proposta, podereis dizer que faço mais por vosso amor do que jamais fiz por qualquer outra dama ou donzela. Lembrando-se, porém, de que participaria das justas disfarçado e, como nunca levara nenhuma prenda de donzela, decidiu que poderia levar uma desta vez, pois ninguém de seu sangue teria meios de reconhecê-lo através dela. Formosa donzela, disse ele então, concordo em levar uma prenda vossa em meu elmo. Dizei-me, pois, qual será ela. Senhor, disse a donzela, trata-se de uma de minhas luvas, vermelho-escarlate, rebordada com grandes pérolas. E foi buscá-la. O cavaleiro a pegou e disse: Jamais fiz isso antes por donzela alguma. Em seguida, pediu que a moça guardasse seu escudo e que ficasse com ele até seu regresso. Naquela noite, ele pôde descansar tranquilamente e divertir-se muito, pois a donzela Elaine esteve sempre por perto, sempre que assim lhe permitiram.



CAPÍTULO X

Como teve início o torneio em Winchester; que cavaleiros tomaram parte nas justas, e outros temas.

Certo dia, pela manhã, o Rei Arthur partiu com todos os seus homens, pois ele havia esperado três dias pela chagada de seus nobres cavaleiros. Depois que o monarca se foi, Sir Lancelote e Sir Lavaine se prepararam para partir também. Ambos portavam escudos brancos e o primeiro levava consigo a luva vermelha. Despediram-se de Sir Bernard, o velho barão, e de sua filha, a Formosa Donzela de Astolat, e cavalgaram por muito tempo até chegarem a Camelot, como, naquela época, era chamada a cidade de Winchester. Havia ali toda uma multidão de reis, duques, condes, barões e muitos nobres cavaleiros. Sir Lancelote, porém, por intermédio de Sir Lavaine, foi se hospedar com um rico burguês e, com isso, ninguém naquela cidade sabia quem eram eles. Descansaram até o dia da Assunção de Nossa Senhora, quando deviam acontecer as grandes festividades. Soaram então as trombetas chamando para o campo e o Rei Arthur se sentou em um palanque para observar quem se saía melhor. Mas, como diz o livro francês, não permitiu que Sir Gawaine se separasse dele, pois esse cavaleiro nunca vencia quando Sir Lancelote participava de um torneio e, muitas vezes, Sir Gawaine era criticado nas ocasiões em que o Cavaleiro do Lago ia às justas disfarçado.

Nesta ocasião, alguns dos monarcas, como o Rei Anguish, da Irlanda, e o rei dos escoceses haviam decidido combater ao lado do Rei Arthur. No outro grupo estavam o rei de Gales do Norte, o Rei dos Cem Cavaleiros, o rei de Northumberland e Sir Galahalt, o Alto Príncipe. Mas esses três soberanos e o duque eram fracos demais para enfrentar as hostes do Rei Arthur, que contavam com os mais nobres cavaleiros do mundo. Os dois grupos se separaram e cada homem se preparou para dar o melhor de si.

Sir Lancelote também se aprontou e pôs a luva vermelha na cabeça, prendendo-a bem firme. Discretamente, Sir Lancelote e Sir Lavaine deixaram Winchester, dirigiram-se a um pequeno bosque bem cerrado que ficava atrás dos adversários do Rei Arthur e esperaram ali, sem se mover, até que os dois grupos começassem a se enfrentar. Então, entraram na liça o rei dos escoceses e o da Irlanda, pelo Rei Arthur, e, pelo grupo oposto, o rei de Northumberland. O Rei dos Cem Cavaleiros derrubou o Rei Anguish, da Irlanda. Nesse momento, Sir Palamedes, que fazia parte do grupo de Arthur, investiu contra Sir Galahalt, e os dois se derrubaram mutuamente. Em seguida, cada companhia ajudou seus

senhores a montar novamente e assim teve início uma série de combates acirrados de ambas as partes. Depois, entraram Sir Brandiles, Sir Sagramore, o Desejoso, Sir Dodinas, o Selvagem, Sir Kay, o Senescal, Sir Griflet le Fise de Dieu, Sir Mordred, Sir Meliot de Logres, Sir Ozanna le Cure Hardy, Sir Safere, Sir Epinogris e Sir Galleron de Galway, todos estes 15 cavaleiros da Távola Redonda. Muitos outros os acompanharam, e os reis de Northumberland e de Gales do Norte acabaram por recuar. Ao ver isso, enquanto permanecia naquele pequeno bosque cerrado, Sir Lancelote disse a Sir Lavaine: Vede ali uma companhia de bons cavaleiros e como eles se mantêm juntos, como javalis acossados por cães. É verdade, respondeu o outro.

CAPÍTULO XI

Como Sir Lancelote e Sir Lavaine entraram na liça para enfrentar os homens da corte do Rei Arthur, e como Lancelote foi ferido.

Pois, se puderdes me dar alguma ajuda, disse Sir Lancelote, vereis esta companhia que agora está acuando os homens de nosso grupo recuar tão depressa quanto até este momento avançaram. Não hesiteis, senhor, respondeu o jovem cavaleiro, pois farei tudo que puder. Então, os dois se dirigiram ao ponto em que havia mais homens e, ali, Sir Lancelote derrubou Sir Brandiles, Sir Sagramore, Sir Dodinas, Sir Kay e Sir Griflet, e tudo com uma única lança. Depois, derrubou também Sir Lucanere, o Mordomo, e Sir Bedevere. Em seguida, pegou outra lança e derrubou Sir Agravaine, Sir Gaheris, Sir Mordred e Sir Meliot de Logres, enquanto Sir Lavaine derrubava Ozanna le Cure Hardy. Sacando então da espada, Sir Lancelote começou a golpear a torto e a direito e, com grande força, derrubou Sir Safere, Sir Epinogris e Sir Galleron. Com isso, os cavaleiros da Távola Redonda se retraíram e trataram de pegar seus cavalos da melhor maneira possível. Oh, Jesus! Misericórdia!, exclamou Sir Gawaine. Quem é esse cavaleiro que realiza façanhas tão impressionantes nesta liça? Eu sei quem é ele, disse o Rei Arthur, mas, por enquanto, nada direi a este respeito. Majestade, prosseguiu Sir Gawaine, pelo jeito como cavalga e pelas derrotas que inflige a todos, diria que se trata de Sir Lancelote. Por outro lado, não parece ser ele por causa da luva vermelha que leva no elmo, já que, pelo que sei, Sir Lancelote jamais levou nenhuma prenda de dama ou de donzela em qualquer justa de que tenha participado. Não vos importeis com isso, retrucou o monarca. Antes de partir, sua identidade será conhecida e ele terá realizado muito mais feitos.

Com tudo aquilo, a hoste que lutava contra o Rei Arthur se sentiu reconfortada, e todos os que antes estavam sendo seriamente acossados se mantiveram unidos. Então, Sir Bors, Sir Hector de Maris e Sir Leonel convocaram os de seu sangue, como Sir Blamore de Ganis, Sir Bleoberis, Sir Aliduke, Sir Galihud, Sir Galihodin e Sir Bellangere le Beuse. Estes nove cavaleiros da linhagem de Sir Lancelote realizaram uma investida poderosa, já que eram todos nobres guerreiros e, sentindo-se despeitados, decidiram envergonhar o valoroso cavaleiro Sir Lancelote, bem como Sir Lavaine, pois não os conheciam. Em sua investida, derrubaram bravamente inúmeros cavaleiros de Gales do Norte e de Northumberland. Ao vê-los fazer aquilo, o Cavaleiro do Lago empunhou uma lança, mas Sir Bors, Sir Hector e Sir Leonel investiram contra ele, de uma só vez,

e o feriram com suas lanças. Com a força do golpe, derrubaram seu cavalo por terra e, por infortúnio, Sir Bors atravessou seu escudo e seu flanco. A lança se partiu e a ponta de ferro ficou dentro de seu torso.

Quando Sir Lavaine viu seu senhor estendido no chão, correu em direção ao rei dos escoceses e o derrubou de sua montaria. Usando toda a sua força, apoderou-se do animal, levou-o para Sir Lancelote e o ajudou a montar, apesar de todos os adversários que os cercavam. Nesse momento, o cavaleiro empunhou uma lança e investiu contra Sir Bors, derrubando homem e cavalo no chão. Fez o mesmo com Sir Hector e Sir Leonel, enquanto Sir Lavaine derrubava Sir Blamore de Ganis. Sacou então da espada, pois sentia-se tão ferido que julgou que fosse morrer. Desferiu, porém, um golpe tão forte no elmo de Sir Bleoberis que o deixou estirado no chão, sem sentidos. O mesmo aconteceu com Sir Aliduke e Sir Galihud. E Sir Lavaine derrubou Sir Bellangere, que era filho de Alisander, o Órfão. Este conseguiu ajudar Sir Bors a montar novamente e, junto de Sir Hector e Sir Leonel, acertaram com a espada o elmo de Sir Lancelote. Ao sentir tais golpes e seu ferimento, que era bem grave, o Cavaleiro do Lago decidiu fazer o máximo que pudesse enquanto conseguisse resistir. Então, desferiu tamanho golpe em Sir Bors que este baixou muito a cabeça. Sir Lancelote lhe arrancou o elmo e poderia tê-lo matado, mas limitou-se a atirá-lo ao chão. Igual destino tiveram Sir Hector e Sir Leonel, e, como diz o livro, ele poderia tê-los matado. No entanto, quando viu seus rostos, o coração o impediu de fazê-lo e ele os deixou caídos ali. Em seguida, investiu contra o grupo mais cerrado e realizou feitos de armas tão magníficos que homem algum jamais vira ou ousou relatar. Sir Lavaine, o bom cavaleiro, esteve o tempo todo a seu lado. Usando a espada, Sir Lancelote derrubou e atingiu, como menciona o livro francês, mais de trinta cavaleiros que, em sua maioria, eram da Távola Redonda. E Sir Lavaine saiu-se muito bem naquele dia, pois derrubou dez cavaleiros da Távola Redonda.

CAPÍTULO XII

Como Sir Lancelote e Sir Lavaine deixaram a liça, e o perigo que o primeiro estava correndo.

Misericórdia, Jesus!, exclamou Sir Gawaine, dirigindo-se ao monarca. Pergunto-me quem será aquele cavaleiro com a luva vermelha. Senhor, respondeu o Rei Arthur, sabereis quem é antes que ele se vá. Então, ordenou o toque anunciando pousada e os arautos concederam o galardão ao tal cavaleiro do escudo branco que trazia no elmo a luva vermelha. Nesse momento, o Rei dos Cem Cavaleiros, os reis de Gales do Norte e de Northumberland e Sir Galahalt, o Alto Príncipe, aproximaram-se de Sir Lancelote e lhe disseram: Gentil cavaleiro, que Deus vos abençoe, pois muito fizestes por nós no dia de hoje. Por isso, rogamos-vos que nos acompanheis a fim de receber a honra e o galardão que muito dignamente haveis merecido. Meus gentis senhores, respondeu o cavaleiro, sabei que, se mereci esta graça, paguei por ela um preço muito elevado, o que muito me pesa, porque posso não escapar com vida. Portanto, peço vossa permissão para seguir para onde desejar, pois estou seriamente ferido. Não quero honra alguma, já que prefiro descansar a ser senhor do mundo inteiro. Ao dizer isso, gemeu em sofrimento e partiu a todo galope até chegar à orla de um bosque.

Quando viu que já estava a cerca de uma milha do campo, e teve certeza de que não seria visto, disse em voz alta: Oh, gentil cavaleiro Sir Lavaine, ajudai-me a retirar este pedaço de lança de meu flanco, pois ele está tão dolorosamente fincado em meu corpo que vai decerto me matar! Oh, meu senhor, disse o jovem, bem que eu queria fazer o que me pedis, mas tenho muito medo de que, retirando este pedaço de lança, havereis de correr o risco de morrer. Eu vos suplico, insistiu Sir Lancelote. Se me amais, arrancai este ferro de mim! Desmontou então, no que foi seguido por Sir Lavaine, e, logo em seguida, o jovem cavaleiro arrancou o pedaço da lança que ficara preso em seu flanco, fazendo o Cavaleiro do Lago soltar um grito e um gemido terrível. De imediato, muito sangue jorrou do ferimento, quase um quartilho, e Sir Lancelote caiu sentado, desmaiado, com uma palidez mortal. Ai!, exclamou Sir Lavaine. O que farei agora?

Nesse momento, Sir Lancelote recobrou os sentidos, mas ficou estirado ali por quase meia hora, como se estivesse morto. Por fim, ergueu os olhos e disse: Oh, Lavaine, ajudai-me a montar porque, perto daqui, a duas milhas de distância, vive um gentil ermitão que, em outros tempos, foi um nobre cavaleiro e senhor de muitas posses. Por sua grande bondade, abraçou voluntariamente a pobreza,

renunciando a inúmeras terras. Ele se chama Sir Baudwin de Bretanha e é um bom médico e um hábil cirurgião. Tratai, pois, de me ajudar a levantar para poder ir até lá, porque meu coração me diz que não hei de morrer pela mão de meu primo-irmão! Então, com grande esforço, Sir Lavaine o ajudou a montar em seu cavalo e, juntos, galoparam a toda velocidade, sem que Sir Lancelote parasse de sangrar, deixando um rastro no chão. Por fortuna, chegaram à ermida. Esta ficava protegida por um bosque, tendo, do outro lado, um profundo barranco e, mais abaixo, um belo rio. Sem mais tardar, Sir Lavaine bateu à porta com a haste da lança, gritando em tom de urgência: Deixai-nos entrar, por Jesus!

Acudiu um formoso mancebo, que lhes perguntou o que desejavam. Gentil filho, disse Sir Lavaine, vá pedir a teu senhor, o eremita, que, em nome de Deus, deixe entrar aqui um cavaleiro que está gravemente ferido. Diz-lhe que, hoje, eu o vi realizar mais feitos de armas do que jamais ouvi dizer que homem algum houvesse realizado. O mancebo se afastou rapidamente e voltou trazendo o ermitão, que era um homem boníssimo. Assim que o viu, Sir Lavaine lhe suplicou, por Deus, que o socorresse. Quem é esse cavaleiro?, perguntou o eremita. É da casa do Rei Arthur ou não? Não sei quem ele é, respondeu o jovem, nem como se chama. Sei, porém, que hoje o vi realizar proezas assombrosas. De que lado estava?, indagou o bom homem. Senhor, respondeu Sir Lavaine, no dia de hoje combateu contra o Rei Arthur e levou o galardão, vencendo todos os cavaleiros da Távola Redonda. Se eu o tivesse visto em minha época, disse o ermitão, haveria de amá-lo menos por ir contra meu senhor, o Rei Arthur, pois, em outros tempos, fui membro da Távola Redonda. Mas, agora, agradeço a Deus por ter outra concepção. Mas onde está ele? Deixai que eu o veja. Então, Sir Lavaine levou o bom homem até onde estava Sir Lancelote.

CAPÍTULO XIII

Como Lancelote foi trazido a um eremitério para que lhe curassem os ferimentos, e outras histórias.

Quando o ermitão o viu, debruçado sobre o arção de sua sela, sangrando sem parar, teve a impressão de que o conhecia, mas não conseguiu se lembrar, porque o cavaleiro estava muito pálido, de tanto sangue que havia perdido. Quem sois?, perguntou ele. E onde nascestes? Meu gentil senhor, respondeu Sir Lancelote, sou estrangeiro. Um cavaleiro aventureiro que se esforça, em muitos reinos, para obter honra. Então, observando melhor, o bom homem o reconheceu por uma cicatriz que ele tinha no rosto. Ai, meu senhor, exclamou o eremita. Por que ocultais vosso nome? Na verdade, devia vos ter reconhecido imediatamente, pois sois o mais nobre cavaleiro do mundo. Bem sei que sois Sir Lancelote. Senhor, retrucou este, já que me conheceis, ajudai-me se for possível, pelo amor de Deus, pois queria deixar de sentir esta dor tão forte, para morrer ou para viver. Não tendes o que temer, disse o bom homem. Vivereis e logo estareis curado. Chamou então dois de seus criados, que o ajudaram a levar para dentro da ermida, onde logo trataram de o desarmar e de deitá-lo em uma cama. De imediato, o ermitão estancou o sangramento e lhe deu de beber um bom vinho, fazendo com que ele se sentisse refrescado e recuperasse suas forças. Nessa época, não existiam eremitas como os de hoje, pois só se retiravam para ermidas aqueles que um dia haviam sido homens de mérito e proeza e que mantinham uma grande casa onde acolhiam aqueles que se encontravam em situação de sofrimento.

Agora, voltemos ao Rei Arthur, deixando Sir Lancelote nesse eremitério. Quando os reis de ambos os grupos se reuniram e iam celebrar o grande banquete, o Rei Arthur perguntou ao rei de Gales do Norte e a seus homens onde estava o cavaleiro que trazia a luva vermelha no elmo. Chamai-o à minha presença, disse, para receber seus louvores, sua honra e o galardão a que tem direito. Então, Sir Galahalt, o Alto Príncipe, e o Rei dos Cem Cavaleiros responderam: Cremos que tal cavaleiro tenha saído daqui muito ferido e talvez não volteis a vê-lo, nem nós tampouco, o que é o caso mais lamentável de que temos notícia. Ai, exclamou o monarca. Como assim? O ferimento é tão grave? Qual é seu nome? Na verdade, responderam eles, não sabemos como se chama, nem de onde veio ou para onde foi. Que pena!, retrucou o rei. Para mim, essas são as piores notícias que recebo em sete anos, pois, nem por todas as terras que possuo, gostaria de saber que esse nobre cavaleiro morreu. Vós o conheceis?, indagaram os presentes. Se o conheço

ou não, respondeu Arthur, é algo que não sabereis por mim, a menos que Jesus todo-poderoso me envie boas notícias dele. Amém!, disseram todos. Por minha fé, observou Sir Gawaine, se ele estiver tão gravemente ferido, será uma grande lástima para toda esta terra, porque trata-se de um dos mais valorosos cavaleiros que já vi empunhando lança ou espada em uma liça. Se puder ser encontrado, eu o farei, pois tenho certeza de que não está longe desta cidade. Pois trazei-o, disse o Rei Arthur, se puderdes encontrá-lo. A menos que esteja tão mal que não tenha condições de se mover. Que Deus nos livre, retrucou Sir Gawaine. Mas hei de saber quem ele é, se conseguir encontrá-lo.

Levando consigo um escudeiro e uma liteira, cavalgou por toda a vizinhança de Camelot, em um raio de seis ou sete milhas, mas regressou sem ter conseguido notícia alguma do tal cavaleiro. Dois dias depois, o Rei Arthur e toda sua companhia voltaram para Londres. Durante a viagem, aconteceu que Sir Gawaine foi até Astolat para se hospedar em casa de Sir Bernard, onde Sir Lancelote havia se hospedado anteriormente. Estando em seu quarto para descansar, seu anfitrião, o velho barão, e sua filha Elaine apareceram para acolhê-lo e lhe perguntar que notícias trazia e quem havia sido o vencedor do torneio de Winchester. Valha-me Deus!, exclamou Sir Gawaine. Havia dois cavaleiros portando escudos brancos. Um deles, porém, levava uma luva vermelha no elmo e, na verdade, foi um dos melhores cavaleiros que vi justar naquela liça, pois atrevo-me a dizer que ele derrubou quarenta cavaleiros da Távola Redonda, e seu companheiro também se saiu muito bem e honrosamente. Louvado seja Deus, disse a Formosa Donzela de Astolat, por tal cavaleiro ter se saído tão bem, pois é o primeiro homem que amei no mundo e, em verdade, será o último. Dizei-me, gentil donzela, indagou Sir Gawaine, esse bom cavaleiro é vosso amor? Por certo, senhor, respondeu ela. Então, sabeis como se chama? Na verdade, não, disse a jovem. Não sei seu nome, nem de onde vem, mas posso dizer-vos que o amo e juro, a vós e a Deus, que assim é e será. Como o conhecestes?, perguntou Sir Gawaine.



CAPÍTULO XIV

Como Sir Gawaine se hospedou com o Senhor de Astolat e ali ficou sabendo que o cavaleiro que levava no elmo a luva vermelha era Sir Lancelote.

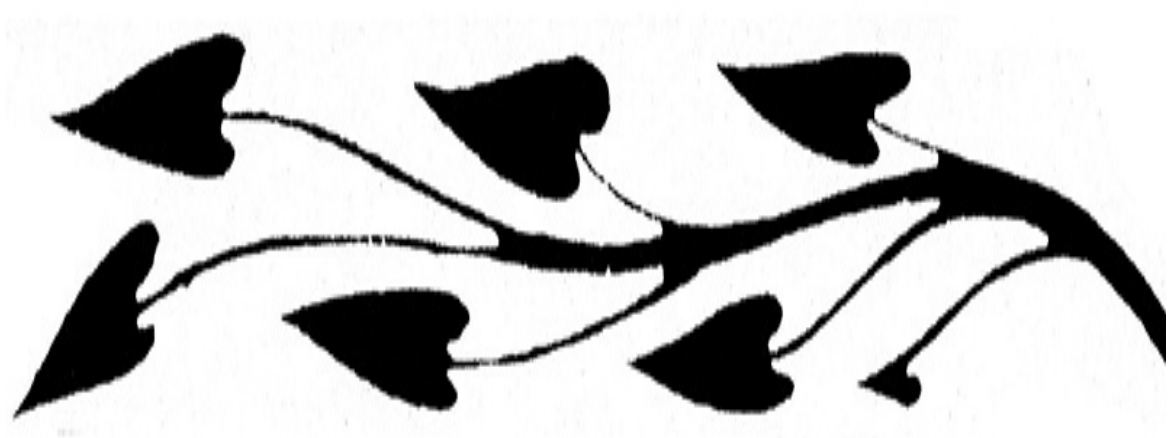
Então, a jovem lhe contou tudo que já ouvistes anteriormente, dizendo-lhe como seu pai pediu ao Cavaleiro do Lago que aceitasse seu filho a seu serviço e lhe cedeu o escudo de Sir Tirre, seu irmão. E ele deixou aqui comigo seu próprio escudo, acrescentou. Por que motivo fez isso?, questionou Sir Gawaine. Porque o dele era bem conhecido entre muitos nobres cavaleiros, respondeu a moça. Ah, gentil donzela, disse Sir Gawaine, permiti que eu veja tal escudo. Sir, respondeu ela, ele está em meu quarto, protegido por uma capa. Se quiserdes vir comigo, podereis vê-lo. Não, atalhou Sir Bernard, recusando a proposta da filha. Vamos mandar alguém buscá-lo.

Assim que o trouxeram, Sir Gawaine retirou a capa que o cobria e, ao vê-lo, logo soube que ele pertencia a Sir Lancelote, pois trazia as armas do cavaleiro. Ah, Jesus de Misericórdia, exclamou, agora meu coração está mais pesaroso do que nunca. Por quê?, perguntou Elaine. Porque tenho bons motivos para tanto, respondeu o cavaleiro. Aquele que possui este escudo é o homem que amais? Exatamente, disse ela. Ele é meu amor. Quisera Deus que eu fosse o seu. Valha-me Deus, gentil donzela, prosseguiu Sir Gawaine. Vosso coração soube escolher, pois aquele que amais é o mais valoroso cavaleiro e o homem mais honrado do mundo. Sempre acreditei nisso, disse a jovem, pois nunca, até agora, amei nenhum cavaleiro que tenha vindo a estas terras. Queira Deus que possais desfrutar um do outro, respondeu Sir Gawaine. Esta, porém, é uma grande aventura, pois, na verdade, podeis considerar que tendes gentil graça, uma vez que faz 24 anos que conheço esse nobre cavaleiro e jamais, até o dia de hoje, nem eu e, ouso dizer, nem nenhum outro companheiro vimos ou ouvimos dizer que ele houvesse portado uma prenda de qualquer dama ou donzela em justas ou torneios. Portanto, gentil donzela, deveis estar muito obrigada a ele. No entanto, temo que não volteis a vê-lo neste mundo, e esta é a maior lástima já acontecida a qualquer cavaleiro terreno. Ai!, exclamou ela. Como assim? Ele morreu? Não posso afirmar tal coisa, mas sabei que, segundo todos os indícios, ele se encontra gravemente ferido e, pelo que se viu, é mais provável que esteja morto do que vivo. Trata-se do nobre cavaleiro Sir Lancelote, que reconheço por este escudo. Ai!, disse a Formosa Donzela de Astolat. Como é possível? Quem o feriu? Na verdade, respondeu Sir Gawaine, foi o homem que mais o ama neste mundo. E atrevo-me a afirmar que, se

esse cavaleiro que o golpeou soubesse que estava ferindo Sir Lancelote, esta seria a maior tristeza que seu coração passaria a abrigar.

Gentil pai, disse então Elaine, rogo-vos que me deis permissão para sair cavalgando à sua procura, ou sei que perderei o juízo, pois não pararei até conseguir encontrá-lo, bem como a meu irmão, Sir Lavaine. Podeis fazer como quiserdes, respondeu o barão, pois muito lamento que esse nobre cavaleiro esteja ferido. Sem mais tardar, a donzela se preparou e partiu antes mesmo de Sir Gawaine, mergulhada em grande sofrimento.

Pela manhã, Sir Gawaine foi ao encontro do Rei Arthur e lhe contou como havia encontrado o escudo de Sir Lancelote, guardado pela Formosa Donzela de Astolat. Eu já sabia disso, afirmou o monarca, e foi por este motivo que não permiti que participásseis da grande justa, pois o vi chegar já bem tarde, ao anoitecer, para se hospedar em Astolat. Surpreende-me, porém, que tenha querido portar uma prenda de uma donzela, pois, até hoje, nunca soube ou ouvi dizer que levasse consigo prenda alguma de mulher terrena. Por minha fé, Majestade, disse Sir Gawaine, a Formosa Donzela de Astolat o ama intensamente. Não sei o que isso significa, mas ela saiu a cavalo para procurar por ele. Assim, pois, o rei e todo o seu séquito partiram para Londres. Lá chegando, Sir Gawaine revelou a toda a corte que fora Sir Lancelote o vencedor daquela justa.



CAPÍTULO XV

Sobre a angústia que sentiu Sir Bors ao saber que havia ferido Lancelote; e sobre a fúria que a rainha sentiu ao saber que ele levara tal luva consigo.

Ao ouvir isso, Sir Bors ficou extremamente angustiado, e todos os seus parentes também. Quando, porém, a Rainha Guinevere soube que Sir Lancelote levara no elmo a luva vermelha da Formosa Donzela de Astolat, quase enlouqueceu de tanta raiva. Mandou chamar Sir Bors de Ganis o mais depressa possível e, assim que este chegou, ela lhe disse: Ah, Bors! Soubestes como Sir Lancelote me traiu com tanta falsidade? Ai, Majestade, respondeu o cavaleiro, meu maior medo é que ele tenha traído a si mesmo e a todos nós. Pouco me importa que ele tenha se destruído, disse ela, pois trata-se de um cavaleiro falso e traidor. Senhora, insistiu Sir Bors, rogo-vos que não digais tal coisa, pois bem sabeis que não posso ouvir palavras assim a respeito dele. Como assim, Sir Bors?, exclamou a rainha. Não devo chamá-lo de traidor mesmo sabendo que, na grande justa de Winchester, levou no elmo a luva vermelha? Lamento muito que isso tenha acontecido, Majestade, retrucou o cavaleiro, mas atrevo-me a dizer que não o fez com más intenções, e sim para que ninguém de sua família o reconhecesse, pois nenhum de nós jamais o vira portar sinal ou prenda de dama ou de donzela. Maldito seja!, bradou a rainha. Apesar de todo seu orgulho e soberba, demonstrastes ser melhor do que ele. Não, senhora. Não deveis dizer isso, pois ele nos venceu a mim e a meus companheiros, e poderia nos ter matado a todos se quisesse. Maldito seja!, repetiu Guinevere. Ouvi Sir Gawaine dizer perante meu senhor Arthur que era assombroso ver o grande amor que existe entre ele e a Formosa Donzela de Astolat. Majestade, atalhou Sir Bors, não posso impedir Sir Gawaine de dizer o que ele bem entender. Com relação a meu senhor Lancelote, ouso afirmar, porém, que ele não ama nenhuma dama ou donzela, mas sim que todas o amam muito. Portanto, senhora, podeis dizer o que quiserdes, mas sabei que hei de sair à sua procura e encontrá-lo onde quer que ele esteja, se Deus me mandar boas notícias dele. E, neste ponto, nós os deixamos para voltar a Sir Lancelote, que continuava correndo grande perigo.

Quando a formosa Elaine chegou a Winchester, procurou por toda parte e, por sorte, Sir Lavaine fora até lá para se distrair e tratar de seu cavalo. Assim que o viu, a moça o reconheceu e gritou, chamando-o. Ao ouvir sua voz, o irmão correu ao seu encontro e Elaine lhe perguntou: Como está meu senhor Lancelote? Quem vos disse que seu nome é Lancelote?, indagou o rapaz. Então, ela lhe contou como

Sir Gawaine o tinha reconhecido graças ao escudo, e os dois saíram cavalgando juntos em direção ao eremitério.

Lá chegando, a jovem logo se apeou e Sir Lavaine a levou até onde estava Sir Lancelote. Ao vê-lo deitado, tão enfermo e pálido, Elaine não pôde falar; simplesmente caiu no chão, sem sentidos, e ficou ali por um bom tempo. Quando conseguiu se recobrar, gemeu e disse: Ai, meu senhor Lancelote! Por que estais neste estado? E voltou a desmaiar. Então, o Cavaleiro do Lago pediu a Sir Lavaine que a levantasse e a levasse para junto dele. No momento em que a jovem voltou a si, ele a beijou e disse: Formosa donzela, por que estais agindo assim? Estais me deixando aflito. Portanto, não gostaria mais de ver tal atitude. Se viestes me confortar, sois muito bem-vinda e, com a graça de Deus, logo estarei curado desta pequena ferida que tenho. Mas não sei, acrescentou ele, quem vos disse meu nome. A formosa donzela então lhe contou tudo, como Sir Gawaine se tinha hospedado em casa de seu pai. Foi lá, disse ela, vendo vosso escudo, que ele descobriu quem éreis. Ai, exclamou o cavaleiro, muito lamento que meu nome tenha sido revelado, pois estou certo de que isso provocará muita ira. Mentalmente, deduziu que Sir Gawaine contaria à Rainha Guinevere que ele havia portado a luva vermelha e a quem ela pertencia, coisa que, bem sabia, deixaria a soberana enfurecida.

Já a donzela Elaine jamais se afastava de Sir Lancelote, velando a seu lado dia e noite. Como diz o livro francês, jamais houve mulher mais bondosa com um homem. Então, Sir Lancelote pediu a Sir Lavaine que enviasse espiões até Winchester para ver se Sir Bors apareceria por ali, e lhe disse como poderiam identificá-lo: graças a uma cicatriz que ele tinha na testa. Estou seguro, acrescentou, que ele virá procurar por mim, pois é exatamente o bom cavaleiro que me feriu.

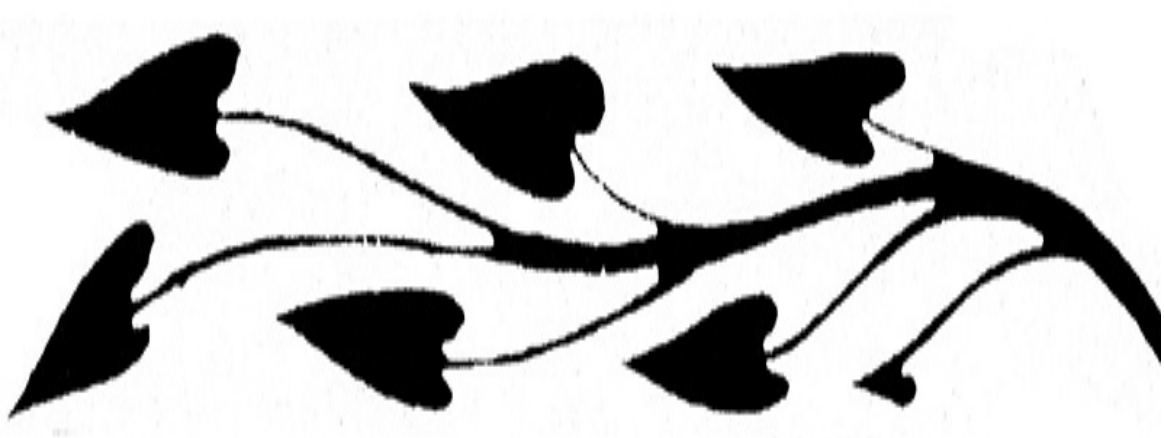
CAPÍTULO XVI

Como Sir Bors foi procurar por Lancelote e o encontrou no eremitério, e como ambos se lamentaram pelo ocorrido.

Voltemos agora a Sir Bors de Ganis, que partiu para Winchester à procura de seu primo Lancelote. Quando lá chegou, havia homens à espreita para encontrá-lo, a mando de Sir Lavaine, e este não tardou a ser avisado de sua presença na cidade. Então, ele próprio foi até lá, encontrou Sir Bors, disse-lhe quem era, com quem estava e como se chamava. Gentil cavaleiro, disse-lhe Sir Bors, eu vos rogo que me leveis à presença de meu senhor Lancelote. Pegai vosso cavalo, senhor, respondeu Sir Lavaine, e podereis vê-lo em uma hora. Partiram, pois, e chegaram à ermida.

Ao ver Sir Lancelote em seu leito, pálido e descorado, logo perdeu a compostura e, por bondade e piedade, não pôde dizer uma palavra, limitando-se a chorar ternamente por um bom tempo. Assim que conseguiu falar, disse: Oh, meu senhor Lancelote, que Deus vos bendiga e vos envie pronta recuperação. Muito me pesam minha desventura e minha desdita, pois agora posso me considerar um homem desditoso. Temo que Deus esteja imensamente desgostoso comigo para permitir que eu sofra a vergonha de vos ter ferido, vós que sois o guia e a honra de todos nós. É por isso que me considero infeliz. Ai, como é possível que um cavaleiro cativo como eu tenha poder para ferir infortunadamente o mais nobre cavaleiro do mundo? Quando investi contra vós, vergonhosamente usei demasiada força, ao passo que vós, podendo matar-me, me salvastes! E não fui só eu, pois todos os de vosso sangue vos atacamos furiosamente. Assombra-me ver que meu coração ou meu sangue tenham me servido e, por isso, meu senhor Lancelote, venho pedir vossa misericórdia. Gentil primo, respondeu o Cavaleiro do Lago, sede muito bem-vindo. Sabei que dizeis tudo isso para me comprazer, mas é em vão, porque fui eu que procurei o que aconteceu. Por orgulho, quis vencer todos vós e, por esse orgulho, quase morri. Foi tudo por culpa minha, já que podia vos ter avisado que estava lá e, nesse caso, não teria recebido ferida alguma. Como diz o velho refrão, é dura a batalha em que parentes e amigos se enfrentam uns aos outros, pois aí não pode haver compaixão, apenas guerra mortal. Portanto, gentil primo, deixemos esta conversa e que seja bem-vindo o que Deus nos envia. Deixemos, pois, este assunto e falemos de coisas alegres, pois o que está feito não pode ser desfeito, e procuremos remédio para que eu possa me curar o quanto antes.

Nesse momento, Sir Bors se debruçou sobre o leito e contou a Sir Lancelote como a rainha estava furiosa com ele por levar a luva vermelha na justa principal. Também lhe contou como Sir Gawaine o tinha identificado. Por vosso escudo, disse, que deixastes com a Formosa Donzela de Astolat. Então, a rainha está enfurecida, disse Sir Lancelote. Muito lamento que seja assim, pois não mereço raiva alguma, já que fiz tudo o que fiz porque não queria ser reconhecido. Foi exatamente o que disse tentando vos desculpar, observou Sir Bors, mas foi tudo em vão, já que ela me disse muito mais coisas do que estou vos dizendo agora. Esta jovem tão atarefada ao redor de vosso leito é aquela a quem chamam de Formosa Donzela de Astolat? Sim, é ela, respondeu Sir Lancelote. E não consigo dissuadi-la de ficar velando por mim. Por que motivo deveríeis fazê-lo?, indagou Sir Bors. Trata-se de donzela muito formosa, bem-apessoada e bem-educada. Quisera Deus que pudésseis amá-la. Mas, nestes assuntos, não posso nem ouso vos dar conselhos. Vejo, porém, pela dedicação que demonstra para convosco, que ela vos ama de todo coração. O que muito lamento, retrucou o Cavaleiro do Lago. Senhor, disse Sir Bors, ela não é a primeira que desperdiça tantos esforços convosco, e esta é a maior lástima. Prosseguiram conversando de muitas outras coisas e, ao cabo de três ou quatro dias, Sir Lancelote havia se recuperado e recobrado as forças.



CAPÍTULO XVII

Como Sir Lancelote se armou para ver se tinha condições de portar armas, e como seus ferimentos voltaram a se abrir.

Em dado momento, Sir Bors contou a seu companheiro que havia sido anunciada a realização de um torneio no dia de Todos os Santos, perto de Winchester, entre o Rei Arthur e o soberano de Gales do Norte. Verdade?, perguntou Sir Lancelote. Ficai então um pouco mais aqui comigo, até que eu esteja inteiramente curado, pois já me sinto recuperado e forte. Bendito seja Deus!, exclamou Sir Bors. Assim, pois, os dois passaram um mês juntos naquela ermida e, dia e noite, a donzela Elaine se desdobrava em esforços para cuidar do Cavaleiro do Lago. Na verdade, jamais houve filha ou esposa tão solícita quanto ela para com seu pai ou marido, o que deixava Sir Bors muito satisfeito.

Certo dia, a pedido de Sir Lancelote, Sir Bors e Sir Lavaine mandaram que o ermitão fosse ao bosque colher diversas ervas, e o cavaleiro solicitou então à gentil Elaine que as usasse para lhe preparar um banho. Nesse ínterim, ele tratou de envergar todas as peças de uma armadura para ver se aquilo o machucaria ou não. Montou e esporeou seu cavalo, que estava bem descansado, já que fazia um mês que não realizava atividade alguma. Então, Sir Lancelote enristou a lança e o corcel disparou a galope ao sentir as esporas, levando, sobre si, o mais nobre cavaleiro do mundo. Este continuou a forçar o animal, manteve com firmeza a lança em riste e se esforçou tanto para acompanhar o ritmo do cavalo que o fundo de seu ferimento se rompeu, de dentro para fora. O sangue logo começou a jorrar com tamanha intensidade que Sir Lancelote se sentiu fraquejar, a tal ponto que nem conseguia mais se manter sobre o cavalo. Ah, Sir Bors, Sir Lavaine, gritou ele, ajudai-me, pois chegou o meu fim! E caiu de costas no chão, como um cadáver. Aflitos, os dois cavaleiros correram ao seu encontro e, por fortuna, a donzela Elaine ouviu seus lamentos e também veio em seu socorro. Quando o viu armado e caído ali, pôs-se a chorar e a gemer como se tivesse enlouquecido. Então, beijou-o e fez o que pôde para despertá-lo. Em seguida, censurou seu irmão e Sir Bors, chamando-os de falsos e traidores por terem-no tirado da cama. Sempre chorando, disse-lhes que os acusaria por sua morte.

Nesse instante, chegou o ermitão, Sir Baudwin de Bretanha, que, ao ver Sir Lancelote naquele estado, pouco falou, mas ficou extremamente irritado. Vamos levá-lo para dentro, disse. Juntos, carregaram-no para o eremitério, desarmaram-no e o puseram deitado na cama. Seu ferimento não parava de sangrar em

abundância, embora ele não movesse um único membro do corpo. Então, o cavaleiro eremita lhe pôs algo no nariz e um pouco de água na boca. Sir Lancelote não tardou a recobrar os sentidos, e o ermitão conseguiu estancar seu sangramento. Senhor, disse o cavaleiro, julguei que já estivesse forte o bastante. Ademais, Sir Bors me contou que, no dia de Todos os Santos, haverá uma grande justa entre o Rei Arthur e o rei de Gales do Norte. Assim, pois, decidi ver se poderia participar ou não de tal competição. Ah, Sir Lancelote, respondeu o velho cavaleiro, vosso coração e vosso valor não se apagarão até o último de vossos dias, mas, por enquanto, obedecereis a meu conselho. Deixai que Sir Bors se vá e faça o melhor possível nesse torneio. E, pela graça de Deus, acrescentou, dirigindo-se agora a Sir Bors, quando tudo estiver terminado, voltai para cá e encontrareis Sir Lancelote tão sadio quanto vós, contanto que ele se disponha a se guiar por mim.

CAPÍTULO XVIII

Como Sir Bors regressou trazendo notícias de Sir Lancelote; sobre o torneio e quem levou o prêmio.

Sir Bors se preparou para deixar Sir Lancelote. Gentil primo, disse-lhe este, recomendai-me a todos a quem deveis fazê-lo. Rogo-vos que vos esforceis nessas justas a fim de serdes o melhor, por amor a mim. Aguardarei aqui, à mercê de Deus, até que estejais de volta. Partiu então Sir Bors e, ao chegar à corte do Rei Arthur, contou onde havia deixado seu primo. Muito lamento, respondeu o soberano, mas, sendo para salvar sua vida, todos podemos dar graças a Deus. Em seguida, o cavaleiro contou à rainha o perigo que correra Sir Lancelote tentando voltar a montar. E fez tudo isso, Majestade, disse ele, por amor a vós, porque queria participar desse torneio. Maldito seja esse cavaleiro infiel, declarou ela. Sabei que lamento muito que sua vida seja salva. Há de salvar-se, retrucou Sir Bors, e, à exceção de Vossa Majestade, nós, que somos de seu sangue, ajudaremos a abreviar a vida de quem quer que deseje o contrário. Mas, senhora, muitas vezes vos haveis enfurecido com meu senhor Lancelote, embora, sempre que isto aconteceu, tenhais acabado admitindo que ele é um verdadeiro cavaleiro, acrescentou ele. E, ao dizer isso, foi-se embora.

Então, cada cavaleiro da Távola Redonda que ali estava na ocasião se preparou para participar da justa de Todos os Santos, e para o local do torneio também se dirigiram muitos cavaleiros de diversos países. Quando faltava pouco para o dia da festa, chegaram o rei de Gales do Norte, o Rei dos Cem Cavaleiros e Sir Galahalt, o Alto Príncipe de Surluse. Chegaram também o Rei Anguish da Irlanda e o soberano dos escoceses. E estes três monarcas juntaram-se à companhia do Rei Arthur. Nesse dia, Sir Gawaine realizou grandes feitos de armas e foi o primeiro a começar. Segundo a contagem dos arautos, ele derrubou vinte cavaleiros. Ao mesmo tempo, Sir Bors de Ganis entrou na liça e derrubou o mesmo número de adversários. O galardão foi portanto atribuído a ambos, pois foram os primeiros a combater e os que por mais tempo resistiram. Como diz o livro, Sir Gareth também realizou grandes façanhas, derrotando trinta cavaleiros, mas, depois de tais proezas, não permaneceu em campo, preferindo retirar-se. Por isso, perdeu o prêmio do dia. Outro que realizou formidáveis proezas foi Sir Palamedes, derrubando vinte cavaleiros. No entanto, partiu subitamente, e todos ficaram pensando que ele e Sir Gareth haviam seguido juntos atrás de algum tipo de aventura.

Terminado o torneio, Sir Bors voltou para junto de Sir Lancelote e foi encontrá-lo passeando a pé. Os dois se saudaram com grande alegria, e Sir Bors contou ao primo tudo o que acabastes de ouvir. Muito me espanta que Sir Gareth, havendo realizado tais façanhas, não tenha querido ficar até o fim, observou Sir Lancelote. Todos ficamos surpresos, disse Sir Bors, pois, tirando vós mesmo, Sir Tristão ou Sir Lamorak de Gales, jamais vi nenhum outro cavaleiro derrubar tantos em tão pouco tempo como ele fez naquele dia. Depois, porém, foi-se embora e não sabemos para onde. Por minha fé, disse Sir Lancelote. Ele é um homem poderoso e de boa linhagem. Com mais experiência, diria até que é um adversário à altura para qualquer cavaleiro vivo. Ademais, é gentil, cortês, verdadeiro, generoso, modesto e amável. Não há nele nenhum sentimento nefasto. É franco, leal e verdadeiro.

Então, os dois primos decidiram deixar o ermitão. Certa manhã, pegaram seus cavalos, levando consigo Elaine le Blank. Ao chegarem a Astolat, receberam a melhor pousada e foram bem acolhidos por Sir Bernard, o velho barão, e Sir Tirre, seu filho. Na manhã seguinte, quando Sir Lancelote estava para partir, a formosa Elaine apareceu, acompanhada de seu pai e de seus dois irmãos.

CAPÍTULO XIX

Sobre o grande sofrimento da Formosa Donzela de Astolat quando Lancelote teve que partir, e como ela morreu por amor a ele.

Meu senhor Lancelote, vejo agora que quereis partir! Mas, cortês cavaleiro, tende piedade de mim e não permitais que eu morra por amor a vós. O que gostaríeis que eu fizesse?, indagou Sir Lancelote. Gostaria de vos ter como esposo, respondeu Elaine. Gentil donzela, muito vos agradeço por isso, disse o cavaleiro, mas, na verdade, jamais pensei em ser um homem casado. Quereis então ser meu amante, gentil cavaleiro?, perguntou ela. Que Jesus nos livre de tal coisa, exclamou Sir Lancelote, pois, neste caso, eu estaria retribuindo da pior forma possível a grande bondade que vosso pai e vosso irmão demonstraram para comigo. Ai!, lamentou-se a jovem. Então hei de morrer por amor a vós. Não façais tal coisa, retrucou Sir Lancelote, pois sabei, gentil donzela, que poderia ter me casado se assim o desejasse, mas jamais pretendi fazê-lo. No entanto, já que me amais como dizeis, quero vos mostrar, por vossa boa vontade e gentileza, alguma bondade, e será esta: no dia em que decidais entregar vosso coração a algum bom cavaleiro que deseje se casar convosco, eu vos destinarei mil libras por ano, para vós e para vossos herdeiros. Dar-vos-ei tudo isso, gentil senhora, por vossa delicadeza, e sempre, enquanto viver, serei vosso fiel cavaleiro. Não quero nada disso, retrucou a moça, pois, a não ser que aceiteis vos casar comigo ou, pelo menos, ser meu amante, sabei, Sir Lancelote, que meus bons dias estarão terminados. Formosa donzela, disse ele, deveis me desculpar por recusar ambas as coisas.

Então, ela exalou um gemido agudo e caiu desmaiada. Em seguida, as mulheres a levaram para seus aposentos, onde ela ficou se lamuriando imensamente. Nesse momento, Sir Lancelote decidiu partir e perguntou a Sir Lavaine quais eram seus planos. O que posso fazer senão vos seguir, respondeu o jovem, a menos que me afasteis de vós ou me mandeis embora. Então, Sir Bernard se aproximou e disse: Pelo que vejo, minha filha Elaine morrerá por vós. Nada posso fazer neste sentido, retrucou Sir Lancelote, embora muito o lamente, pois vos confirmo que minha oferta é sincera, e saber que ela me ama dessa forma me deixa muito pesaroso. Jamais aticei tal sentimento, e tomo vosso filho por testemunha de que nem antes nem nunca a ela demonstrei arrebatamento ou fiz belas promessas. Quanto a mim, atrevo-me a fazer tudo o que deve um cavaleiro para provar que ela é uma donzela intocada por mim, seja de fato, seja por desejo.

Muito lamento sua dor, pois vossa filha é uma jovem muito formosa, boa, amável e instruída. Pai, disse Sir Lavaine, ouso afirmar que minha irmã é uma donzela intocada por Sir Lancelote. Apenas aconteceu com ela o que aconteceu comigo, pois, desde a primeira vez que vi meu senhor Lancelote, não consegui nem quero me afastar dele se puder segui-lo.

Então, Sir Lancelote se despediu e os dois partiram rumo a Winchester. Quando o Rei Arthur soube que o Cavaleiro do Lago havia chegado são e salvo, recebeu-o com grande satisfação, o mesmo acontecendo com Sir Gawaine e os demais cavaleiros da Távola Redonda, à exceção de Sir Agravaine e de Sir Mordred. A Rainha Guinevere também estava muito irritada com Sir Lancelote e não quis falar com ele em hipótese alguma, preferindo evitá-lo. Já o cavaleiro tentou por todos os meios falar com a rainha, mas em vão.

Falemos agora da Formosa Donzela de Astolat. Ela estava mergulhada em tão profundo sofrimento que, dia e noite, não dormia, não comia, nem bebia, queixando-se sem parar de Sir Lancelote. Passados dez dias nesse estado, a moça estava tão enfraquecida que precisou deixar este mundo. Então, confessou-se e recebeu seu Criador. Mas continuava com suas queixas. No entanto, seu pai espiritual lhe pediu que abandonasse tais pensamentos. Por que devo deixá-los?, questionou ela. Acaso não sou mulher terrena? Enquanto houver algum alento em meu corpo, poderei me lamentar, pois em nada ofendo minha fé apesar de amar um homem terreno. Deus é testemunha de que jamais amei ou amarei alguém como amo Sir Lancelote do Lago. E, já que Ele consente que eu morra por amor a tão nobre cavaleiro, suplico ao Alto Pai do Céu que tenha piedade de minha alma e que as inúmeras penas que venho sofrendo possam aliviar parte de meus pecados. Doce Senhor Jesus, acrescentou ela, eu Vos tomo por testemunha de que nunca infringi Vossas leis, mas quanto a amar o nobre cavaleiro Sir Lancelote, além de qualquer medida e independentemente de mim mesma, meu bom Senhor, foi algo a que não pude resistir e, por este motivo, encontro a morte.

Chamou então seu pai, Sir Bernard, e seu irmão, Sir Tirre, e pediu acaloradamente a permissão do primeiro para que o segundo escrevesse uma carta ditada por ela, pedido que seu pai lhe concedeu. Escrita a tal carta, palavra por palavra de acordo com o que ela havia ditado, a jovem pediu que eles a velassem até sua morte. Enquanto meu corpo ainda estiver quente, acrescentou, mandai que esta carta seja posta em minha mão direita e que ela seja bem presa ao papel até que eu esfrie. Deitai-me em um formoso leito usando os meus mais ricos trajes e mandai que o leito e todas as minhas vestes sejam levadas comigo em uma carreta ao lugar mais próximo ao Tâmisa. Ali, ponham-me em uma embarcação com um único homem de vossa confiança que me transporte, e que a embarcação seja inteiramente coberta de brocado negro. Que tudo seja feito assim, pai, eu vos suplico. Sir Bernard concordou prontamente que tudo fosse feito de acordo com

suas disposições. Em seguida, pai e filho muito se lamentaram, porque a moça morreu. Depois de morta, foi levada, juntamente com a cama, pelo caminho mais curto até o rio. Lá, o cadáver, acompanhado por um homem, foi levado para uma embarcação conduzida por ele até Westminster, onde ficou remando por um bom tempo, de um lado para outro, sem que ninguém o visse.

CAPÍTULO XX

Como o cadáver da Formosa Donzela de Astolat chegou até o Rei Arthur; sobre seu sepultamento, e como Sir Lancelote ofereceu o dinheiro da missa.

Casualmente, o Rei Arthur e a Rainha Guinevere estavam conversando junto a uma janela e, olhando para o Tâmisa, viram aquela embarcação negra e se perguntaram o que poderia ser aquilo. O monarca chamou então Sir Kay e lhe mostrou o que haviam visto. Decerto alguma notícia, senhor, observou o senescal. Ide até lá, disse o rei, e levai convosco Sir Brandiles e Agravaine. E vinde me dizer do que se trata assim que descobrirdes. Partiram os três cavaleiros, aproximaram-se da embarcação e, ao entrarem, encontraram ali o mais formoso cadáver deitado em um rico leito. Na outra ponta, havia um pobre homem que não quis dizer nada. Então, eles voltaram à presença do rei e lhe contaram o que havia lá. Pois quero ver esse formoso cadáver, disse o monarca. Assim, pegando a rainha pela mão, dirigiu-se ao barco. Mandou que este fosse bem amarrado e subiram a bordo, acompanhados de alguns cavaleiros. O que viram foi a mais linda mulher deitada em uma bela cama, coberta até a cintura com muitas vestimentas luxuosas, todas feitas em tecido de ouro. A jovem jazia ali como se sorrisse. De repente, a rainha percebeu uma carta em sua mão direita e a mostrou a seu esposo, que a pegou, dizendo: Agora tenho certeza de que esta carta nos dirá quem ela era e por que veio até aqui. O casal real saiu da embarcação, mandando que alguns homens ficassem ali de guarda. Ao chegarem a seus aposentos, o rei mandou chamar muitos cavaleiros e disse que queria saber exatamente o que estava escrito naquela carta. Abriu-a e pediu a um clérigo que a lesse. Este era o propósito da carta: “Mui nobre cavaleiro Sir Lancelote, agora a morte nos transformou em antagonistas por vosso amor. Eu, aquela a quem chamavam a Formosa Donzela de Astolat, vos amei e, portanto, expresso minhas queixas a todas as damas. Rogai, porém, por minha alma. Concedei-me ao menos o sepultamento e oferecei o dinheiro de minha missa. Esta é minha última súplica. E, invocando Deus por testemunha, a donzela pura morreu. Rogai por minha alma, Sir Lancelote, sendo um cavaleiro ímpar como sois.” Isso era tudo o que continha tal carta. Depois que ela foi lida, o rei, a rainha e todos os cavaleiros choraram de dó por aqueles lamentos tão sofridos. Convocaram então Sir Lancelote.

Quando este chegou, o monarca mandou que repetissem a leitura da carta e, depois de ouvi-la, palavra por palavra, o cavaleiro disse: Meu senhor Arthur, sabei que muito me pesa a morte desta formosa donzela. Deus sabe que não fui o

causador de seu falecimento por vontade própria, e, neste sentido, invoco seu irmão, Sir Lavaine, que aqui está, por testemunha. Não pretendo dizer, prosseguiu ele, que não se tratasse de uma jovem formosa e boa, e eu lhe devia muitíssimo, mas ela me amava desmesuradamente. Podíeis ter lhe mostrado alguma generosidade e gentileza, disse a rainha, que lhe houvesse salvado a vida. Majestade, retrucou o Cavaleiro do Lago, ela não queria outra resposta que não fosse tornar-se minha esposa ou minha amante, e nada disso eu quis lhe conceder. No entanto, pelo amor que ela demonstrava, eu lhe ofereci mil libras por ano, para ela mesma e para seus herdeiros, se viesse a se casar com o cavaleiro que melhor pudesse conquistar seu coração. Pois, senhora, não quero ser obrigado a amar, já que o amor deve nascer do coração e não por qualquer forma de imposição. Isso é verdade, observou o rei. E o amor de muitos cavaleiros é livre em si mesmo e nunca estará vinculado ao que quer que seja, pois ali onde o amor é amarrado ele próprio consegue se desatar. Será honra vossa, acrescentou, dirigindo-se a Sir Lancelote, zelar para que ela seja enterrada dignamente. Majestade, respondeu o cavaleiro, isso há de ser feito da melhor maneira que me for possível. Muitos cavaleiros vieram contemplar a formosa donzela e, pela manhã, ela foi sepultada com toda pompa. Sir Lancelote ofereceu o dinheiro de sua missa, no que foi seguido por todos os cavaleiros da Távola Redonda ali presentes na ocasião. Então, a rainha mandou chamá-lo e lhe pediu desculpas por ter se enfurecido com ele sem motivo. Não é a primeira vez que isso acontece, senhora. Mas devo sempre me curvar diante de vós e não me importo com toda a aflição que devo suportar. Passaram todo aquele inverno acorrendo a todo tipo de caçadas e falcoarias e a muitas justas e torneios que reuniam inúmeros grandes senhores. Aonde quer que fossem, Sir Lavaine sempre angariava muita honra, de forma que vários cavaleiros da Távola Redonda a ele se referiam em termos nobres.

CAPÍTULO XXI

Sobre as grandes justas realizadas por ocasião do Natal; sobre um grande torneio organizado pelo Rei Arthur; e sobre Sir Lancelote.

O tempo transcorreu assim até o Natal e, a cada dia, faziam-se justas por um diamante: aquele que melhor justasse ganharia essa gema. Sir Lancelote, porém, não queria justar, a menos que fosse anunciado um grande torneio. Mas Sir Lavaine combateu muito bem nesse Natal e foi o mais elogiado, pois poucos se saíram tão bem quanto ele. Por este motivo, os diversos cavaleiros acharam que o jovem devia passar a integrar a companhia da Távola Redonda no próximo banquete de Pentecostes. Passado o Natal, o Rei Arthur mandou chamar inúmeros cavaleiros e todos concordaram em formar um grupo para a realização de um grande torneio. O rei de Gales do Norte disse a Arthur que desejava ter entre seus homens o Rei Anguish da Irlanda, o Rei dos Cem Cavaleiros, o rei de Northumberland e Sir Galahalt, o Alto Príncipe. Esses quatro monarcas e este poderoso duque formariam a companhia adversária à do Rei Arthur com os cavaleiros da Távola Redonda. Foi então anunciado que as justas aconteceriam perto de Westminster, na festa da Candelária, notícia que agradou a muitos cavaleiros, que começaram a se preparar para dela participar com a melhor das disposições.

Então, a Rainha Guinevere mandou chamar Sir Lancelote e lhe disse: Eu vos aconselho a não mais participar de qualquer justa ou torneio, a não ser que vossos parentes possam vos reconhecer. E, nas justas a serem realizadas em breve, portareis uma luva de ouro que me pertence. Rogo-vos que vos esforceis por mim, a fim de que todos vos louvem os méritos. Peço-vos, porém, se quereis ter meu amor, que aviseis aos de vosso sangue que, naquele dia, estareis portando uma luva de ouro sobre o elmo. Assim o farei, senhora, respondeu Sir Lancelote. E, juntos, tiveram grande prazer. Na ocasião propícia, comunicou a Sir Bors que ia partir levando consigo apenas Sir Lavaine. Ia visitar o bom ermitão cujo nome era Brasias e que vivia na floresta de Windsor. Ali pretendia repousar e ter todo o descanso que pudesse, pois desejava estar bem disposto no dia da justa.

Então, os dois cavaleiros se foram tão discretamente que não houve criatura capaz de dizer o que havia sido feito de Sir Lancelote, à exceção dos nobres homens de sua família. Ao chegar à ermida, bem sabeis que recebeu ótima acolhida e o Cavaleiro do Lago ia diariamente a uma fonte que ficava ali perto. Nesse local, deitava-se, ficava observando a fonte correr e gorgolejar, e às vezes até adormecia. Nessa época, havia uma dama que morava nessa floresta. Era uma

grande caçadora e costumava sair para caçar todos os dias, levando sempre um arco consigo. Nunca se fazia acompanhar por homens, mas apenas por mulheres, todas caçadoras capazes de matar um cervo em perseguição ou acuando-o. O grupo inteiro levava arcos e flechas, cornos e facas de caça e vários bons cachorros para rastrear e abater. Acontece que esta dama havia posto sua cadela no encalço de uma corça estéril que fugiu saltando por cima de troncos e cercas. Acompanhada de suas caçadoras, a dama seguia sua presa quando percebeu, pelo ladrar do animal, que a cadela havia encontrado a corça junto de algum riacho. Mas, na verdade, ela encontrara a fonte onde Sir Lancelote estava deitado, dormindo. Lá chegando, por estar encalorado, o animal procurou se refrescar e passou ali um bom tempo. Em seguida, surgiu a cadela que se pôs a rondar o local, pois havia perdido o rastro da corça. Nesse momento, aproximou-se a dama, que sabia, pelos latidos da cadela, que sua presa estava bebendo água na tal fonte. Rumou para lá, avistou o animal, pôs uma grossa flecha em seu arco e disparou. A flecha, porém, passou por cima da corça e, por infortúnio, foi se cravar nas nádegas de Sir Lancelote, penetrando até além das farpas. Sentindo-se assim ferido, o cavaleiro se ergueu de um salto, enfurecido, e viu a dama que o tinha atingido. Ao perceber que era uma mulher, disse-lhe: Senhora ou donzela, o que quer que sejais, em má hora portais um arco! O diabo fez de vós uma caçadora.



CAPÍTULO XXII

Como, tendo sido ferido, Lancelote dirigiu-se ao eremitério, e outras histórias.

Piedade, gentil senhor, disse a mulher. Sou uma dama que costuma caçar nesta floresta e Deus sabe que não vos vi. Acontece que havia uma corça estéril bebendo água desta fonte e julguei estar mirando corretamente, mas minha mão foi desviada. Ai!, exclamou o cavaleiro. Sabei que me haveis causado grande dano. A caçadora se foi e Sir Lancelote arrancou a flecha como pôde, deixando porém a ponta cravada em sua nádega. Enfraquecido, dirigiu-se ao eremitério e, a cada passo que dava, o sangramento se fazia mais intenso. Quando Sir Lavaine e o eremita o viram assim ferido, podeis imaginar que muito se lamentaram, embora o jovem não soubesse como nem por quem tal ferimento lhe havia sido infligido. Ao saberem das circunstâncias, ficaram ambos aborrecidíssimos. Então, com grande dificuldade, o bom homem conseguiu extrair a ponta da flecha do corpo de Sir Lancelote, aumentando com isso o sangramento. Era uma ferida muito dolorosa e desditosa, já que ficava em um local que não lhe permitia sentar-se em cadeira alguma. Misericórdia, Jesus!, exclamou o cavaleiro. Posso dizer que sou o mais infeliz dos homens vivos, pois, quando mais desejo angariar honra, sempre me acontece alguma desventura. Que Jesus me ajude agora, e, apesar de ninguém assim o desejar, a não ser Deus, estarei na liça na festa da Candelária, participando da justa, custe o que custar. Tudo que se podia fazer para curá-lo foi feito e, quando chegou o dia, Sir Lancelote teve a ideia de ir, juntamente com Sir Lavaine e seus cavalos, trajado como se eles fossem sarracenos. Então, partiram e se aproximaram do local do torneio. O rei de Gales do Norte trazia cem cavaleiros; o rei de Northumberland, igual número de bons cavaleiros; o Rei Anguish, da Irlanda, veio acompanhado de outros cem bons cavaleiros preparados para justar; Sir Galahalt, o Alto Príncipe, trouxe consigo cem bons cavaleiros, e o Rei dos Cem Cavaleiros veio com outros tantos, todos eles cavaleiros experientes. Nesse momento, chegou o grupo do Rei Arthur, formado pelo rei dos escoceses, com cem cavaleiros; o rei Uriens de Gore, com igual número; o Rei Howel, da Bretanha, com outros cem; Chaleins de Clarance, com mais cem homens, e o próprio Rei Arthur entrou em campo acompanhado de duzentos homens, em sua maioria cavaleiros da Távola Redonda, nobres homens de armas experimentados. No palanque, ao lado da rainha, estavam sentados velhos cavaleiros encarregados de julgar quem se sairia melhor.

CAPÍTULO XXIII

Sobre o desempenho de Sir Lancelote naquelas justas, e o que aconteceu com outros homens.

Assim, pois, rumaram para a liça, onde o rei de Gales do Norte enfrentou o soberano dos escoceses, que foi por ele derrubado. O monarca da Irlanda derrubou o Rei Uriens; o rei de Northumberland derrubou o Rei Howel, da Bretanha, e Sir Galahalt, o Alto Príncipe, derrubou Chaleins de Clarance. Então, enfurecido, o Rei Arthur investiu contra o Rei dos Cem Cavaleiros e o derrubou, fazendo o mesmo com outros três cavaleiros, sempre com a mesma lança. Quando sua lança enfim se partiu, o monarca conseguiu se sair muito bem. Em seguida, foi a vez de Sir Gawaine e Sir Gaheris, Sir Agravaine e Sir Mordred, e cada um deles derrubou um cavaleiro, ao passo que Sir Gawaine derrubou quatro. Começou então um combate acirrado, pois, a essa altura, entraram na liça os cavaleiros da linhagem de Sir Lancelote. Junto com eles, vieram Sir Gareth, Sir Palamedes e muito membros da Távola Redonda. Todos eles começaram a acossar os quatro reis e o poderoso duque com tamanho vigor que logo esse grupo foi desbaratado. No entanto, o duque Galahalt, o Alto Príncipe, era um nobre cavaleiro e, lançando mão de suas habilidades com as armas, deixou os cavaleiros da Távola Redonda em grandes apuros.

Tendo visto toda essa cena, Sir Lancelote entrou na liça, acompanhado de Sir Lavaine, com o ímpeto de um trovão. Assim que Sir Bors e os cavaleiros de seu sangue viram Sir Lancelote, o primeiro alertou a todos, dizendo: Eu vos previno que eviteis aquele que leva a luva de ouro na cabeça, pois é o próprio Sir Lancelote do Lago. Em um gesto de bondade, Sir Bors advertiu também Sir Gareth. Muito me agrada poder reconhecê-lo, disse este. Mas quem é o outro que cavalga com ele usando os mesmos trajes?, indagaram todos. É o gentil e bom cavaleiro Sir Lavaine, respondeu Sir Bors. Sir Lancelote investiu contra Sir Gawaine e, usando sua força, derrubou homem e cavalo por terra. Fez o mesmo com Sir Agravaine, Sir Gaheris e ainda Sir Mordred, tudo com uma única lança. Por seu turno, Sir Lavaine enfrentou Sir Palamedes e o encontro entre os dois foi tão forte e tão feroz que ambos caíram no chão juntamente com suas montarias. Voltaram a montar e, nesse ínterim, Sir Lancelote investiu contra Sir Palamedes, atirando-o ao chão. Sem se deter, pegando novas lanças o mais depressa que conseguia, Sir Lancelote derrubou trinta cavaleiros, em sua maioria membros da Távola

Redonda. Em todas essas situações, os membros de sua família recuavam e iam enfrentar adversários nos locais em que o Cavaleiro do Lago não estava.

Ao ver Sir Lancelote realizar tamanhas proezas, o Rei Arthur ficou enfurecido. Chamou então Sir Gawaine, Sir Mordred, Sir Kay, Sir Griflet, Sir Lucanere, o Mordomo, Sir Bedevere, Sir Palamedes e Sir Safere, seu irmão. Ele próprio se preparou e, acompanhado desses nove cavaleiros, partiu para investir contra Sir Lancelote e Sir Lavaine. Sir Bors e Sir Gareth viram todos esses preparativos. Agora estou com medo, disse o primeiro, de que meu senhor Lancelote seja atacado com toda força. Por minha fé, retrucou Sir Gareth, hei de cavalgar a seu lado para ajudá-lo, aconteça o que acontecer, pois foi ele que me sagrou cavaleiro. Não vos aconselho a fazê-lo, atalhou Sir Bors, a menos que useis um disfarce. Pois disfarçado havereis de me ver, disse Sir Gareth. Nesse momento, viu um cavaleiro galês que estava descansando depois de ter sido gravemente ferido por Sir Gawaine. Sir Gareth se aproximou e lhe rogou, por sua honra de cavaleiro, que trocasse de escudo com ele. De bom grado, respondeu o galês. Sir Gareth se apossou então de tal escudo que, segundo relata o livro, era verde, com a figura de uma donzela, e tratou de ir em auxílio de Sir Lancelote o mais depressa possível.

Preparai-vos, cavaleiro, disse ele, pois aí vem o Rei Arthur com nove homens para tirar satisfações convosco. Já eu venho vos fazer companhia, em nome do velho amor que me haveis demonstrado. Muito obrigado, respondeu Sir Lancelote. Senhor, prosseguiu Sir Gareth, enfrentai Sir Gawaine enquanto enfrento Sir Palamedes, e deixai que Sir Lavaine se entenda com o nobre Rei Arthur. Depois de os termos vencido, tratemos de nos manter os três bem juntos. Chegou então o Rei Arthur com seus nove cavaleiros, e Sir Lancelote investiu contra Sir Gawaine, desfechando-lhe tamanho golpe que o arção de sua sela se quebrou e ele caiu por terra. Foi a vez de Sir Gareth lutar com o bom cavaleiro Sir Palamedes, e seu golpe foi tão poderoso que o sarraceno rolou pelo chão juntamente com seu cavalo. Em seguida, o Rei Arthur investiu contra Sir Lavaine, e tanto os homens quanto os animais caíram e ficaram estendidos ali por um bom tempo. Sir Lancelote derrubou Sir Agravaine, Sir Gaheris e Sir Mordred; Sir Gareth derrubou Sir Kay, Sir Safere e Sir Griflet, e, depois de montar novamente, Sir Lavaine derrubou Sir Lucanere, o Mordomo, e Sir Bedevere. Nesse momento, travou-se um combate acirrado entre bons cavaleiros.

Sir Lancelote atacava a torto e a direito, arrancando e retirando elmos, de tal forma que, naquela ocasião, não houve ninguém que pudesse lhe acertar um golpe com a lança ou com a espada. Sir Gareth realizava tais façanhas com as armas que todos se perguntavam quem seria aquele cavaleiro com o escudo verde, pois, naquele dia, ele venceu e derrotou mais de trinta adversários. Como diz o livro francês, ao ver Sir Gareth realizar tais feitos, Sir Lancelote também se perguntou

quem ele poderia ser. Sir Lavaine derrubou e venceu vinte cavaleiros, mas o Cavaleiro do Lago continuava sem saber que se tratava de Sir Gareth e, se Sir Tristão de Liones ou Sir Lamorak de Gales não estivessem mortos, pensaria tratar-se de um dos dois. Enquanto, de um lado, combatiam Sir Lancelote, Sir Gareth e Sir Lavaine, do outro lutavam Sir Bors, Sir Hector de Maris, Sir Leonel, Sir Bleoberis, Sir Galihud, Sir Galihodin, Sir Pelleas e outros homens do sangue do Rei Ban. Com isso, deixaram o Rei dos Cem Cavaleiros e o monarca de Northumberland em grande apuro.



CAPÍTULO XXIV

Como o Rei Arthur ficou assombrado com as justas realizadas na liça e como saiu a cavalo e encontrou Sir Lancelote.

Assim, pois, esse torneio se estendeu por um longo tempo, até o anoitecer, já que os cavaleiros da Távola Redonda estavam constantemente auxiliando o Rei Arthur. Este, porém, estava extremamente aborrecido por ver que ele próprio e sua companhia não conseguiam vencer naquele dia. Pergunto-me o que Sir Bors de Ganis e todos os demais parentes de sangue de Sir Lancelote andaram fazendo. Por que não passaram o dia inteiro ao vosso lado? Algum motivo deve haver, disse-lhe Sir Gawaine. Por minha fé, observou Sir Kay, Sir Bors passou o tempo todo na parte direita da liça, onde ele e os homens de sua família conquistaram mais honra do que nós. Pode ser, respondeu Sir Gawaine, mas creio que haja algo de estranho por aqui. Por minha vida, aquele cavaleiro portando a luva de ouro é o próprio Sir Lancelote; posso perceber por sua maneira de cavalgar e por seus grandes golpes. Já o outro cavaleiro trajando as mesmas cores é o jovem Sir Lavaine. Sei também que o cavaleiro com o escudo verde é meu irmão, Sir Gareth, que está disfarçado, pois jamais alguém o fará ir contra Sir Lancelote, aquele que o investiu na ordem. Por minha fé, disse o Rei Arthur, acredito no que dizeis, sobrinho. Dizei-me, pois, o que me aconselhais agora. Majestade, respondeu Sir Gawaine, eis o que vos aconselho: mandai soar o toque de pousada, pois, se for mesmo Sir Lancelote do Lago junto com meu irmão, Sir Gareth, e contando com a ajuda desse bom cavaleiro mancebo, Sir Lavaine, podeis ter certeza de que não vale a pena insistir em enfrentá-los. A menos que dez ou 12 de nós ataquemos cada um deles, o que não seria honra alguma, mas sim vergonha. Tendes razão, disse o monarca. Seria uma vergonha, sendo tantos como somos, continuar atacando-os, pois sabei, acrescentou o Rei Arthur, que são três bons cavaleiros, especialmente aquele que traz no elmo a luva de ouro.

Soaram então as trombetas, anunciando o fim dos combates. Mas, logo em seguida, o Rei Arthur enviou mensagem aos quatro reis e ao poderoso duque, ordenando-lhes que não deixassem partir o cavaleiro com a luva de ouro, para que o monarca pudesse falar com ele. Apeou-se então o Rei Arthur, desarmou-se, montou uma pequena égua e partiu em busca de Sir Lancelote, pois havia posto um vigia em seu encalço. Foi encontrá-lo em companhia dos quatro reis e do duque, e o soberano os convidou para cear com ele, convite que todos aceitaram de bom grado. Quando estavam todos desarmados, o Rei Arthur reconheceu Sir Lancelote,

Sir Lavaine e Sir Gareth. Ah, senhor Lancelote, disse ele então, no dia de hoje destes muito trabalho a mim mesmo e a meus cavaleiros.

Juntos, dirigiram-se aos aposentos do monarca, onde houve um grande banquete e muita alegria, e o galardão foi concedido ao Cavaleiro do Lago. Os arautos relataram que ele havia derrubado cinquenta cavaleiros, Sir Gareth fizera o mesmo com 35 homens e Sir Lavaine, com 24. Então, Sir Lancelote contou ao rei e à rainha como a dama caçadora o havia ferido com uma flecha nas nádegas na floresta de Windsor, acrescentando que o ferimento tinha seis polegadas de profundidade e outro tanto de largura. Arthur ainda censurou Sir Gareth por ter deixado sua companhia e se bandeado para o lado de Sir Lancelote. Majestade, retrucou Sir Gareth, ele me sagrou cavaleiro e, quando o vi passando por situação tão difícil, julguei que era meu dever ajudá-lo, pois vi as proezas que realizava tendo muitos nobres cavaleiros contra si. Quando soube que se tratava de Sir Lancelote, fiquei envergonhado ao ver tantos cavaleiros investindo contra ele sozinho. Em verdade, retrucou o Rei Arthur, tendes razão, e agistes com nobreza para vossa grande honra. Sabei que eu vos amarei e terei mais fé em vós durante todos os dias de minha vida, pois a característica de um cavaleiro digno, acrescentou ele, é auxiliar outro cavaleiro digno quando ele estiver correndo grande perigo, já que sempre desagrada a um homem digno ver outro homem digno envergonhado. Aquele que não tem dignidade e age com covardia jamais dará mostras de gentileza ou de qualquer forma de bondade quando vir um homem em perigo, pois, nesse caso, um covarde nunca há de mostrar nenhuma misericórdia, ao passo que o homem bom sempre fará com os outros o que gostaria que fizessem consigo. Realizaram-se então grandes festas para reis e duques. Houve alegria, risadas e diversões, tudo com grandes demonstrações de nobreza, e aquele que se mostrou cortês, verdadeiro e leal para com seu amigo foi louvado nessa ocasião.

CAPÍTULO XXV

Como o verdadeiro amor é comparado ao verão.

Passaram-se, assim, a festa da Candelária e a Páscoa. Em seguida, chegou o mês de maio, quando todos os corações vigorosos começam a florescer e a frutificar, pois, assim como as plantas e as árvores frutificam e florescem em maio, assim também o coração vigoroso, que ama de alguma forma, desabrocha e floresce em atos amorosos. Esse alegre mês de maio, mais do que qualquer outro, traz alento para todos os amantes, levando-os a se esforçar em algum sentido e por diversas causas. Nessa ocasião, as plantas e as árvores renovam o homem e a mulher, e, do mesmo modo, os amantes voltam a se lembrar de antigas doçuras, de antigas delicadezas e de muitos atos afáveis esquecidos por displicência. Pois, assim como o desvanecimento do inverno apaga e desfigura o verde verão, assim também age o amor inconstante no homem e na mulher, porque, em muitas pessoas, a constância inexiste. Vemos, diariamente, como, por um pequeno sopro desse desvanecimento do inverno, logo apagamos e afastamos o verdadeiro amor, tão valioso, por pouca coisa ou por nada. Isso não é sabedoria nem constância, mas sim fraqueza de natureza e grande desonra para quem quer que tenha semelhante atitude. Portanto, assim como o mês de maio germina e floresce em muitos jardins, do mesmo modo também ele faz florescer o coração de cada homem de mérito neste mundo, primeiro para Deus, depois para a felicidade daqueles a quem prometeu sua fé, pois nunca houve homem nem mulher de mérito que não amasse alguém mais que a todos os outros; a honra em armas jamais pode ser menosprezada, mas, em primeiro lugar, vem a honra a Deus e, em segundo, vossa dama, e, a esse amor, chamo de amor virtuoso.

Hoje em dia, porém, os homens não podem amar por sete noites seguidas, pois devem alcançar todos os seus desejos. Tal amor não tem condições de durar, pois, mal se encontram juntos e ardentes, o calor esfria. É assim que o amor se apresenta nos dias de hoje: logo se inflama e logo esfria. Isso não é constância. Mas o amor de outrora era diferente: os homens e as mulheres podiam amar-se por sete anos sem que houvesse entre eles nenhum prazer voluptuoso. Esse era o amor verdadeiro e sincero, e sabei que o amor nos tempos do Rei Arthur era dessa mesma natureza. É por esta razão que comparo o amor de hoje ao verão e ao inverno, pois um deles é quente e o outro, frio, exatamente como acontece com o amor em nossos dias. Assim, pois, todos vós que amais deveis lembrar do mês de

maio, como fez a Rainha Guinevere, que menciono apenas brevemente: enquanto viveu, foi amante verdadeira e, por isso, teve um bom fim.

Explicit liber Octodecimus.

Segue-se aqui o livro XIX.

LIVRO XIX





CAPÍTULO I

Como a Rainha Guinevere saiu para cavalgar, no primeiro dia de maio, acompanhada por alguns cavaleiros da Távola Redonda, todos eles trajando verde.



o mês de maio, aconteceu de a Rainha Guinevere chamar seus cavaleiros da Távola Redonda para lhes anunciar que, na manhã seguinte, cavalgaria pelos bosques e campos nos arredores de Westminster. Desde já, digo-vos que nenhum de vós irá comigo a menos que esteja com excelente montaria e todo vestido de verde, seja de seda ou outro tecido qualquer. Estarei acompanhada de dez damas e cada cavaleiro levará uma delas na garupa do cavalo. Além disso, cada um de vós levará um escudeiro e dois criados, e quero todos em boas montarias. Animados, todos se prepararam para o dia seguinte. Eram estes os cavaleiros: Sir Kay, o Senescal, Sir Agravaine, Sir Brandiles, Sir Sagramore, o Desejoso, Sir Dodinas, o Selvagem, Sir Ozanna le Cure Hardy, Sir Ladinas da Floresta Selvagem, Sir Persant da Índia, Sir Ironside, chamado de Cavaleiro das Terras Vermelhas e Sir Pelleas, o Enamorado. Esses dez cavaleiros se aprontaram com o maior cuidado para ir cavalgar com sua rainha. Pela manhã, pegaram seus cavalos e, celebrando o primeiro dia de maio, saíram a passeio pelos bosques e campos, com grande alegria e regozijo. A rainha tencionava estar novamente em companhia do Rei Arthur o mais tardar às dez horas e, portanto, até lá podiam cavalgar como lhes aprouvesse.

Havia um cavaleiro chamado Meliagaunt, filho do Rei Bagdemagus, que, naquela época, possuía um castelo que lhe fora dado pelo Rei Arthur e ficava a sete milhas de Westminster. Fazia anos e anos que tal cavaleiro amava a Rainha Guinevere e, segundo o livro, tencionava raptá-la, mas sempre hesitava em fazê-lo por causa de Sir Lancelote, já que não queria se envolver com a soberana quando o Cavaleiro do Lago estivesse em sua companhia ou perto dela. Naquele tempo, era costume que a rainha jamais saísse para cavalgar sem um numeroso séquito de homens de armas que fossem bons cavaleiros e, em sua maioria, mancebos que desejavam adquirir algum mérito. E nunca, em nenhuma batalha, torneio ou justa,

esses homens portavam sinal de suas próprias armas, levando simples escudos brancos, razão pela qual eram conhecidos como os Cavaleiros da Rainha. Quando algum deles chegava a alcançar grande mérito por seus nobres feitos, no primeiro banquete de Pentecostes, se alguém houvesse morrido ou sido morto, ele era eleito para ocupar o lugar do morto, razão pela qual os homens de mais mérito eram chamados de Cavaleiros da Rainha. Desse grupo fizeram parte, antes de se tornarem célebres por seu valor, Sir Lancelote e todos os demais.

Mas o tal cavaleiro, Sir Meliagaunt, havia observado todos os movimentos e as intenções da soberana, percebendo que Sir Lancelote não estava com ela e que ela não levava consigo nenhum homem de armas, mas apenas dez nobres cavaleiros, todos vestidos de verde para celebrar o primeiro dia de maio. Então, fazendo-se acompanhar de vinte homens de armas e cem arqueiros, preparou-se para atacar a rainha e seu séquito, julgando que aquela seria uma boa oportunidade para prendê-la.

CAPÍTULO II

Como Sir Meliagaunt capturou a rainha e seus cavaleiros, que ficaram muito feridos durante a luta.

Depois de cavalgarem pelos campos, a rainha e seus cavaleiros adornaram-se com plantas, musgo e flores. Nesse momento, Sir Meliagaunt saiu do bosque, com oito vintenas de homens bem armados, preparados para travar uma batalha que os levasse à captura de todos os adversários. Deram então voz de prisão à soberana e a todos os de seu séquito, declarando que era o que aconteceria, quisessem eles ou não. Cavaleiro traidor!, exclamou a Rainha Guinevere. O que pretendeis com isso? Granjear vergonha? Lembrai-vos que sois filho de rei e cavaleiro da Távola Redonda, e que estais prestes a desonrar o nobre soberano que vos sagrou cavaleiro. Lembrai-vos que estais afrontando toda a cavalaria e a vós mesmo, mas sabei que jamais me desonrareis, pois prefiro cortar o pescoço a permitir que isso aconteça. Pois que seja, retrucou Meliagaunt. Bem sabeis, senhora, que faz muitos anos que vos amo e jamais pude tê-la em ocasião tão favorável quanto esta. Portanto, hei de vos levar comigo. Então, os dez nobres cavaleiros disseram a uma só voz: Sir Meliagaunt, sabei que estais prestes a vos desonrar, além de pôr em risco a vida de todos nós que estamos desarmados. Tendes grande vantagem sobre nós, pois, ao que parece, estamos cercados. Preferimos, porém, deixar nossas vidas a permitir que afronteis a rainha e todos nós, pois, se fizéssemos outra coisa, estaríamos nos sujeitando à injúria para sempre. Fazei o melhor que puderdes para proteger a rainha, retrucou Sir Meliagaunt. Assim, pois, os dez cavaleiros da Távola Redonda sacaram das espadas e seu atacante ordenou que seus homens investissem contra eles usando lanças. Com todas as suas forças, o pequeno grupo conseguiu aparar os golpes, impedindo que qualquer uma das lanças lhes causasse algum dano. Então, teve início o combate com espadas, e Sir Kay, Sir Sagramore, Sir Agravaine, Sir Dodinas, Sir Ladinas e Sir Ozanna logo foram derrubados por terra com ferimentos horríveis. No entanto, Sir Brandiles, Sir Persant, Sir Ironside e Sir Pelleas resistiram por bastante tempo e saíram do confronto seriamente feridos. Antes, porém, de serem derrotados, esses dez cavaleiros mataram quarenta dos melhores e mais ousados adversários.



Como a Rainha Guinevere saiu para cavalgar no primeiro dia do mês de maio.

Quando a rainha viu seus homens tão seriamente feridos e percebeu que haveriam necessariamente de acabar morrendo, gritou para Sir Meliagaunt: Não mateis meus nobres cavaleiros. Irei convosco com a condição de que lhes poupeis a vida e não permitais que vossos homens continuem a feri-los. Que eles sejam levados comigo aonde quer que desejeis levar-me. Pois antes matar-me do que ir convosco, a não ser que estes meus nobres cavaleiros possam estar em minha presença! Senhora, respondeu Meliagaunt, por vós serão levados a meu castelo, contanto que vos deixeis conduzir e cavalgueis comigo. Então, a soberana pediu aos quatro cavaleiros que parassem de lutar, dizendo-lhes que eles não haveriam de se separar dela. Majestade, disse Sir Pelleas, faremos o que desejardes, mas a mim não me importa viver ou morrer. Pois, como diz o livro francês, este cavaleiro desferiu ali tamanhos golpes que nenhuma armadura pôde a eles resistir.

CAPÍTULO III

Como Sir Lancelote recebeu a notícia da captura da rainha, e como Sir Meliagaunt armou uma emboscada para ele.

Então, por ordem da rainha, a batalha cessou. Os cavaleiros feridos foram acomodados sobre seus cavalos, alguns sentados, outros deitados, e dava até pena vê-los. Em seguida, Sir Meliagaunt mandou que a soberana, seus cavaleiros e todo o seu séquito não se afastassem em hipótese alguma de sua companhia, pois tinha muito medo de que a notícia do ocorrido chegasse ao conhecimento de Sir Lancelote do Lago. Ao perceber isso, a rainha chamou em segredo um de seus camareiros que era muito veloz a cavalo e lhe disse: Presta atenção e, quando vires uma oportunidade, parte e leva este anel a Sir Lancelote do Lago. Roga-lhe que, se me ama e se quer ter alguma felicidade comigo, procure me resgatar. E não poupa teu cavalo, nem por água nem por terra. Assim que percebeu uma ocasião propícia, o mancebo esporeou seu cavalo e partiu o mais depressa possível. Ao vê-lo fugir, Sir Meliagaunt entendeu que fora uma ordem da rainha, a fim de que Sir Lancelote fosse avisado. Então, os que tinham as melhores montarias dispararam em seu encalço, mas o jovem desapareceu subitamente. Senhora, disse Sir Meliagaunt, pretendeis trair-me, mas cuidarei para que o Cavaleiro do Lago não vos alcance tão rapidamente. Sem mais tardar, dirigiram-se todos para o castelo e, durante o trajeto, Sir Meliagaunt armou uma emboscada com os melhores arqueiros que existiam em suas terras. Eram uns trinta homens encarregados de cercar Sir Lancelote e aos quais ele deu uma ordem expressa: Se avistardes neste caminho um cavaleiro com tal aparência montado em um cavalo branco, matai o animal seja como for. No entanto, por nada no mundo traveis com ele combate corpo a corpo, pois é muito difícil vencê-lo.

Feito isso, seguiram e chegaram ao castelo, mas a rainha não quis de forma alguma que qualquer de seus dez cavaleiros e de suas damas se afastassem. Exigiu, portanto, que permanecessem sempre em sua presença, pois, como diz o livro, Sir Meliagaunt não se atrevia a cometer nenhuma crueldade por medo de Sir Lancelote, tanto mais que acreditava que ele já havia sido avisado do ocorrido. Enquanto isso, depois de se afastar do grupo de Sir Meliagaunt, o jovem camareiro não tardou a chegar a Westminster e, mais que depressa, foi procurar Sir Lancelote. Entregou-lhe o anel da rainha e lhe transmitiu sua mensagem. Ai, exclamou o cavaleiro, agora estarei em vergonha para sempre, a menos que seja capaz de salvar essa nobre dama da desonra! Às pressas, pediu sua armadura

enquanto o menino lhe contava como os dez cavaleiros haviam lutado magnificamente; como Sir Pelleas, Sir Ironside, Sir Brandiles e Sir Persant da Índia se haviam destacado pelo vigor, especialmente o primeiro deles, a quem nenhum adversário conseguiu resistir; como todos lutaram até jazerem caídos por terra, momento em que a soberana concordou em partir com Sir Meliagaunt para salvar a vida de seus homens. Ai, lamentou-se Sir Lancelote, como é possível essa mui nobre dama ter destino assim tão abjeto? Antes estar com ela nessa ocasião, e bem armado, a possuir a França inteira! Depois de armado e já a cavalo, pediu ao camareiro da rainha que fosse avisar a Sir Lavaine por que estava partindo tão subitamente. E roga-lhe que, se me ama, apresse-se a ir atrás de mim e não se detenha até chegar ao castelo onde está Sir Meliagaunt, pois, ali, acrescentou Sir Lancelote, saberá se estou vivo, se consegui salvar a rainha e os dez homens aprisionados à traição, o que hei de fazer à custa da cabeça daquele cavaleiro e de todos os que se puserem a seu lado.

CAPÍTULO IV

Como o cavalo de Sir Lancelote foi morto, e como ele seguiu viagem em uma carroça para salvar a rainha.

Feito isso, partiu o mais depressa que pôde e, como diz o livro, entrou no rio na altura da Ponte de Westminster e fez seu cavalo nadar pelo Tâmisa rumo a Lambeth. Pouco mais tarde, chegou ao local onde os dez nobres cavaleiros haviam lutado contra Sir Meliagaunt. Dali, seguiu o rastro do grupo até que chegou a um bosque onde havia uma trilha estreita. Foi neste ponto do trajeto que os trinta arqueiros lhe ordenaram que retornasse e parasse de seguir aquele rastro. Que poder tendes sobre este lugar para obrigar um cavaleiro da Távola Redonda a abandonar o caminho que estou trilhando?, questionou Sir Lancelote. Ou deixais esta trilha ou tereis de seguir a pé, pois vosso cavalo será morto. De pouca destreza precisareis para matar minha montaria, retrucou o cavaleiro. Quanto a mim, depois de perder meu animal, pouco hei de me importar com tais ameaças, mesmo que houvesse mais quinhentos de vós. Os arqueiros dispararam então contra o cavalo de Sir Lancelote, ferindo-o com inúmeras flechas. Mais que depressa, o cavaleiro deixou seu animal para seguir a pé, mas havia ali tantos fossos e arbustos que ele não pôde enfrentar nenhum daqueles homens. Ai, que vergonha um cavaleiro ser traído por outro cavaleiro!, exclamou Sir Lancelote. Mas, como diz um velho provérbio, um homem bom jamais corre perigo, a não ser quando está nas mãos de um covarde. Então, continuou andando por algum tempo, apesar do estorvo causado pela armadura, o escudo, a lança e tudo o mais que levava consigo. Sabei que estava irritadíssimo, mas não queria deixar nenhum de seus pertences, já que temia muito alguma traição por parte de Sir Meliagaunt.

A certa altura, por fortuna, passou por ele uma carroça que ia em busca de lenha. Diz-me, carroceiro, perguntou Sir Lancelote, o que devo dar-te para me deixares subir em tua carroça e me levares a um castelo que fica a duas milhas daqui? Não subireis em minha carroça, respondeu o homem, porque me mandaram ir buscar lenha para meu senhor, Sir Meliagaunt. É justamente com ele que desejo falar. Mas comigo não vireis, insistiu o carroceiro. Então, Sir Lancelote saltou sobre ele e, com um tremendo golpe, deixou-o morto, estendido no chão. Diante disso, acreditando que teria idêntico destino, o outro carroceiro que o acompanhava gritou: Gentil senhor! Poupai minha vida e vos levarei aonde desejardes. Pois leva-me nesta carroça até a porta do castelo de Sir Meliagaunt. Subi, senhor, respondeu o homem, e logo, logo estareis lá. Partiram a todo galope,

seguidos pelo cavalo de Sir Lancelote, que tinha mais de quarenta flechas largas e cruéis cravadas no corpo.

Já fazia mais de uma hora e meia que a Rainha Guinevere e suas damas estavam esperando junto às janelas quando viram um cavaleiro armado que vinha de pé sobre uma carroça. Vede, Majestade, disse uma das damas, lá está uma carroça com um cavaleiro belamente armado. Ao que parece, vão levá-lo para a forca. Onde?, perguntou a soberana. Nesse momento, porém, percebeu, pelo escudo, que era Sir Lancelote do Lago, e viu também seu cavalo seguindo a tal carroça, pisando nas próprias tripas com as patas. Ah!, exclamou a rainha. Agora entendo a frase que diz que é feliz aquele que tem um amigo fiel! Ah, mui nobre cavaleiro, acrescentou ela, posso ver a situação difícil em que vos encontrais de pé nessa carroça! Censurou então a dama que dissera achar que levavam Sir Lancelote para a forca. Terríveis palavras, as que proferistes, disse Guinevere, e péssimos pensamentos tivestes ao julgar que o mais nobre cavaleiro do mundo pudesse ser conduzido a uma morte tão injuriosa. Que Jesus o proteja e o guarde de qualquer fim desventurado! Nesse ínterim, Sir Lancelote chegara à porta do castelo, onde desceu da carroça e gritou, aos brados, fazendo suas palavras ressoarem por toda a construção: Onde estais, falso traidor Meliagaunt, cavaleiro da Távola Redonda? Vinde aqui, cavaleiro traidor, vós e todos os vossos homens, pois aqui está Lancelote do Lago, pronto para lutar convosco! Fez com que o porteiro escancarasse os portões e lhe desferiu tamanho golpe com a luva que lhe partiu o pescoço em dois.

CAPÍTULO V

Como Sir Meliagaunt pediu perdão à rainha; como ela apaziguou Sir Lancelote, e outras histórias.

Quando ouviu que Sir Lancelote estava ali, Sir Meliagaunt correu até a rainha, fincou um joelho no chão e disse: Piedade, senhora, pois me entrego inteiramente à vossa mercê. Por que tal reação agora?, questionou a soberana. Eu bem sabia que algum bom cavaleiro haveria de me vingar, mesmo que meu senhor Arthur não tivesse conhecimento de vossas ações. Majestade, insistiu Sir Meliagaunt, todo esse erro será reparado por mim, da forma como determinardes, e me entrego inteiramente à vossa mercê. O que quereis que eu faça?, indagou Guinevere. Quero apenas que tomeis esta questão em vossas mãos, respondeu Meliagaunt, e diteis as atitudes que meu senhor Lancelote haverá de tomar. Até amanhã, vós e ele tereis a melhor acolhida que eu vos possa oferecer neste pobre castelo e, então, todos vós podereis regressar a Westminster. Ponho meu corpo e tudo quanto possuo sob vosso domínio. Sobre um aspecto, tendes razão, retrucou a rainha. Melhor a paz do que a guerra, e quanto menos rumor houver, mais minha honra será preservada.

Então, acompanhada de suas damas, a soberana desceu até o pátio interior, onde estava Sir Lancelote, aguardando o confronto, enfurecido e gritando sem parar: Vinde aqui, cavaleiro traidor! Ao vê-lo, a rainha se aproximou e lhe disse: Sir Lancelote, por que estais tão transtornado? Ah, senhora, retrucou ele, como podeis fazer-me tal pergunta? Parece-me que deveríeis estar mais enfurecida do que eu, uma vez que são vossos o dano e a desonra. Pois sabei, Majestade, que o prejuízo por mim sofrido com a morte do filho de uma égua é bem pequeno, mas, para mim, o despeito é injúria maior do que qualquer dano. Tendes decerto razão, afirmou a soberana, e vos agradeço imensamente. Contudo, deveis vir comigo em paz, pois esta questão foi entregue em minhas mãos e todo o mal causado há de ser reparado, já que o cavaleiro está muito arrependido da desventura que lhe aconteceu. Majestade, disse Sir Lancelote, já que haveis entrado em um acordo, não posso ir contra o que fizestes, embora Sir Meliagaunt tenha agido de forma extremamente vergonhosa e covarde para comigo. Ah, senhora, se eu soubesse que estabeleceríeis um acordo em tão pouco tempo, não teria me apressado tanto em vir até aqui! Por que dizeis isso?, perguntou a rainha. Acaso vos arrependeis de vossas boas ações? Sabei que o acordo entre nós não se deveu a nenhum favor ou amor que eu tenha por ele, mas foi feito com o intuito de calar qualquer rumor vergonhoso. Bem sabeis, senhora, disse Sir Lancelote, que jamais me agradaram

ou divertiram a calúnia e os boatos, e não existe rei, rainha ou cavaleiro vivo, à exceção de meu soberano Arthur e de vós mesma, senhora, capaz de me impedir de deixar o coração de Sir Meliagaunt inteiramente frio antes que eu me vá daqui. Bem sei disso, respondeu Guinevere. No entanto, o que mais quereis? Toda esta questão será resolvida como o desejardes. Majestade, disse o cavaleiro, se a solução vos agrada, não tenho nada a dizer, pois, de minha parte, logo sereis satisfeita.

A rainha então pegou sua mão nua, já que ele havia retirado a luva, e o conduziu a seu quarto, onde mandou que ele se desarmasse. Sir Lancelote lhe perguntou então onde estavam os dez cavaleiros que haviam recebido ferimentos graves. Guinevere o levou até eles e todos se mostraram muito felizes com sua chegada. O Cavaleiro do Lago muito lamentou o estado em que estavam, ficou extremamente penalizado e lhes contou como Sir Meliagaunt havia armado uma emboscada traidora e covarde, posicionando arqueiros para matar seu cavalo, e como acabou subindo em uma carroça. Todos se compadeceram dele e gostariam de se vingar; aplacaram, porém, a própria fúria em consideração à sua rainha. Depois disso, como diz o livro francês, Sir Lancelote foi chamado de Cavaleiro da Carroça por muito tempo. Realizou muitas façanhas e encontrou grandes aventuras, mas deixemos as histórias do Cavaleiro da Carroça e voltemos à que estamos narrando.

Depois de ter sido muito bem acolhido pela soberana, Sir Lancelote prometeu ir procurá-la à noite por uma janela que dava para um jardim. Tal janela tinha grades de ferro, e o cavaleiro se comprometeu a ir vê-la por ali quando todos já estivessem dormindo. Nesse momento, Sir Lavaine chegou às portas do castelo, gritando: Onde está meu senhor Lancelote do Lago? Mandaram-no chamar e, quando o jovem viu o cavaleiro, disse-lhe: Senhor, vi o apuro pelo qual passastes, pois encontrei vosso cavalo morto cravado de flechas. Rogo-vos que faleis de outras coisas, respondeu Sir Lancelote, e deixeis de lado esta questão. Em outra ocasião, haveremos de resolver este assunto da melhor maneira possível.

CAPÍTULO VI

Como Sir Lancelote veio ao encontro da rainha naquela noite e como Sir Meliagaunt a acusou de traição.

Os cavaleiros que estavam feridos foram então tratados e lhes aplicaram suaves bálsamos em seus ferimentos. Assim passou o tempo até a hora da ceia, e foram oferecidas à rainha e a todo seu séquito todos os festejos que se poderiam preparar. Depois disso, os presentes se recolheram a seus aposentos, mas a soberana recusou-se terminantemente a permitir que os cavaleiros feridos dela se afastassem. Então, eles foram deitados em alcovas que davam para seu quarto, sobre colchões e almofadas, para que ela pudesse ver com os próprios olhos que nada lhes faltaria. Quando Sir Lancelote chegou ao quarto a ele destinado, chamou Sir Lavaine e lhe disse que, naquela noite, ia falar com sua dama, a Rainha Guinevere. Senhor, respondeu o jovem, deixai-me ir convosco, pois tenho muito medo de alguma traição por parte de Sir Meliagaunt. Não, disse o Cavaleiro do Lago. Eu vos agradeço, mas não levarei ninguém comigo. Então, empunhou a espada e, discretamente, dirigiu-se ao local onde antes vira uma escada. Levando-a debaixo do braço, foi para o jardim e a pôs sob a janela onde a rainha já estava pronta para encontrá-lo. Um e outro queixaram-se de várias coisas e Sir Lancelote desejou poder estar junto dela. Bem sabeis, disse a soberana, que, tanto quanto vós, gostaria que pudésseis estar aqui ao meu lado. De coração, senhora, queríeis que eu estivesse convosco?, perguntou ele. Na verdade, sim, respondeu Guinevere. Pois, por vosso amor, porei minha força à prova, disse Sir Lancelote. Agarrou as barras de ferro, puxando-as com tanta força que conseguiu arrancá-las da parede de pedra. No entanto, uma daquelas barras cortou a carne de sua mão, chegando até o osso, mas ele logo pulou para dentro do quarto da rainha. Não façais barulho algum, disse ela, pois aqui perto estão meus cavaleiros feridos. Para abreviar esta história, sem se importar com a mão ferida, Sir Lancelote deitou-se com a rainha e a possuiu a seu bel-prazer até o alvorecer do dia seguinte. Sabei, porém, que não dormiu, mantendo-se sempre em vigília. Quando viu que era hora e que não podia ficar ali por mais tempo, despediu-se, saiu pela janela, recolocou a grade da melhor maneira possível e seguiu para seu próprio quarto. Lá chegando, contou a Sir Lavaine como tinha se ferido. Este, então, lavou sua mão e, depois de estancar o sangue, lhe pôs uma luva para que ninguém percebesse nada. Já a rainha não teve pressa em se levantar, permanecendo na cama até as nove horas.

Nesse momento, Sir Meliagaunt apareceu em seu quarto, onde achou suas damas vestidas e já prontas. Jesus de misericórdia!, exclamou ele. Estais enferma, para dormir assim por tanto tempo? Em seguida, abriu a cortina para poder vê-la e notou que o lençol e o travesseiro estavam inteiramente manchados com o sangue da mão ferida de Sir Lancelote. Ao ver aquele sangue, Sir Meliagaunt deduziu que a soberana havia traído o rei e que algum de seus cavaleiros feridos dormira com ela aquela noite. Ah, senhora!, disse ele. Vejo que fostes falsa e traidora para com meu senhor Arthur. Agora entendo que não foi em vão que quisestes manter estes cavaleiros feridos perto de vosso quarto e, por isso, hei de vos acusar de traição perante meu soberano, o Rei Arthur. Agora que vos surpreendi em um ato vergonhoso, senhora, posso provar que todos, ou pelo menos alguns deles, são falsos, pois um cavaleiro ferido se deitou convosco esta noite. Não é verdade, retrucou a rainha, e posso invocar todos eles como testemunhas. Quando ouviram as palavras de Sir Meliagaunt, os dez cavaleiros declararam a uma só voz: É falso o que dizeis e erroneamente a nós atribuís tal ação. Qualquer um de nós poderá vos provar isso. Escolheis o que quiserdes assim que estivermos curados de nossos ferimentos. Nada disso fareis, disse Sir Meliagaunt. Não quero saber de vossas palavras altivas, pois podeis ver com vossos próprios olhos que a rainha passou esta noite com um cavaleiro ferido. Ao verem o sangue, todos se sentiram envergonhados. Sabei que Sir Meliagaunt muito se alegrou por ter um trunfo para lidar com a rainha, porque acreditava que, com isso, poderia ocultar sua própria traição. Nesse momento, chegou Sir Lancelote e encontrou todos ali em grande alvoroço.

CAPÍTULO VII

Como Sir Lancelote respondeu pela rainha enfrentando Sir Meliagaunt; e como Sir Lancelote caiu em uma armadilha.

Que alvoroço é este?, perguntou. Então Sir Meliagaunt lhe contou o que havia descoberto e lhe mostrou o leito da soberana. Na verdade, retrucou Sir Lancelote, vós vos portastes de forma inadequada e nada cavalheiresca ao tocar no leito da rainha estando ela deitada com as cortinas cerradas. Atrevo-me a dizer que nem mesmo meu senhor Arthur teria descerrado as cortinas, estando sua esposa deitada, a menos que lhe houvesse aprazido se pôr a seu lado na cama. Portanto, haveis cometido uma ação indigna e vergonhosa para vós mesmo. Não sei o que pretendeis, disse Sir Meliagaunt, mas estou convencido de que um de seus cavaleiros feridos deitou-se com ela esta noite, e, por isso, quero provar com minhas próprias mãos que nossa rainha é traidora de meu senhor Arthur.

Cuidado com o que estais fazendo, retrucou Sir Lancelote, pois, se dizeis isto e quereis prová-lo, haveis de assumir tal querela. Meu senhor Lancelote, disse Sir Meliagaunt, eu é que vos aconselho a ter cuidado com o que estais fazendo, pois, embora sejais tão bom cavaleiro, e bem sabeis que sois considerado o melhor do mundo, deveríeis ser aconselhado a não combater por uma querela injustificada porque Deus sempre dá um golpe em toda batalha. Sem dúvida, há que temer a Deus, respondeu Sir Lancelote, mas digo-vos claramente que não, que nenhum desses dez cavaleiros feridos se deitou esta noite com minha senhora a Rainha Guinevere, e pretendo provar com minhas próprias mãos que não estais dizendo a verdade. Tomai!, disse Sir Meliagaunt. Aqui está minha luva para provar que ela traiu meu senhor, o Rei Arthur, e que dormiu esta noite com um dos cavaleiros feridos. E eu recebo vossa luva, disse Sir Lancelote. Assim, pois, foram marcados com suas insígnias e entregues aos dez cavaleiros. Quando haveremos de nos enfrentar?, perguntou Sir Lancelote. Dentro de oito dias, respondeu Sir Meliagaunt, no prado vizinho a Westminster. Que assim seja, disse o Cavaleiro do Lago. No entanto, acrescentou o primeiro, já que devemos lutar, eu vos rogo, como nobre cavaleiro que sois, que não cometais nenhum ato maléfico ou traiçoeiro nesse meio-tempo, nem ninguém agindo em vosso nome. Valha-me Deus!, exclamou Sir Lancelote. Bem sabeis que eu jamais faria coisa semelhante. Todos os cavaleiros que me conhecem são testemunhas de que nunca agi de forma traiçoeira nem apreciei a companhia de alguém que agisse assim. Então, vamos comer, disse Sir

Meliagaunt, e, depois, podeis partir para Westminster com a rainha. De bom grado o faremos, retrucou Sir Lancelote.

Gostaríeis de visitar as passagens deste castelo?, indagou então Sir Meliagaunt. Gostaria muito, respondeu o cavaleiro. Juntos, foram de aposento em aposento, já que Sir Lancelote não temia perigo algum. Aliás, não há nada que um homem de mérito e proeza tema menos do que os perigos, pois supõe que todos os homens sejam como ele. No entanto, aquele que age de forma traiçoeira muitas vezes põe o verdadeiro homem em situações de grande perigo. Assim, pois, sem recear perigo algum, seguiu andando com Sir Meliagaunt, mas pisou em uma armadilha cujo alçapão se moveu, fazendo-o cair de uma altura de mais de dez braças em um subterrâneo recoberto de palha. Então, Sir Meliagaunt se afastou, agindo como se não soubesse onde ele estava.

Quando deram por sua falta, todos se perguntaram onde ele teria ido, e tanto a rainha quanto muitos dos presentes imaginaram que o cavaleiro teria partido subitamente, como costumava fazer. Acontece que Sir Meliagaunt havia se apressado em esconder o cavalo de Sir Lavaine para que todos acreditassem em tal coisa. Passou-se o tempo e, depois da refeição, Sir Lavaine não descansou até ter arrumado liteiras para que os cavaleiros feridos pudessem ser transportados. Então, a rainha e todos eles, além de suas damas, donzelas e outros acompanhantes partiram rumo a Westminster. Lá chegando, contaram ao Rei Arthur que Meliagaunt havia acusado sua esposa de alta traição e que Sir Lancelote havia recebido sua luva. Dentro de oito dias, os dois se enfrentarão diante de vós, acrescentaram. Por minha fé, observou o monarca, temo que Sir Meliagaunt tenha assumido um grande desafio. Mas onde está Sir Lancelote?, perguntou. Não sabemos onde ele está, Majestade, disseram todos, mas acreditamos que tenha ido em busca de alguma aventura, como tantas vezes acontece, pois ele pegou o cavalo de Sir Lavaine. Que seja, retrucou o rei. Ele há de ser encontrado. A não ser que tenha sido aprisionado à traição.

CAPÍTULO VIII

Como Sir Lancelote foi libertado da prisão por uma dama e, montando um cavalo branco, tratou de recuperar o tempo perdido.

Deixemos Sir Lancelote sofrendo muito naquele subterrâneo com o chão coberto de palha. Todo dia, uma dama ia lhe levar comida e bebida, mas também deixava claro que gostaria de se deitar com ele. Invariavelmente, porém, o nobre cavaleiro lhe dizia não. Sir Lancelote, disse ela, não estais sendo sensato, pois nunca podereis sair desta prisão a não ser com minha ajuda. Ademais, vossa dama, a Rainha Guinevere, será queimada por vossa culpa se não estiverdes lá no dia da batalha. Que Deus me livre de vê-la queimada por minha culpa, retrucou ele. Se acaso eu não aparecer, o rei, a rainha e todos os homens de mérito saberão que estou morto, enfermo ou encarcerado. Quem me conhece sabe que só uma situação crítica me impediria de estar lá no dia marcado, e sei que algum bom cavaleiro, ou de meu sangue, ou que me ame, assumirá tal querela por mim. Portanto, sabei que não me assustais e que, mesmo que não houvesse mais nenhuma mulher além de vós nesta terra, não aceitaria me envolver convosco. Então, estareis definitivamente envergonhado e destruído, retrucou a dama. Quanto à vergonha do mundo, que Jesus me proteja! Quanto a meu infortúnio, que seja bem-vindo o que Deus me enviar!

No dia acertado para o combate, a dama voltou a procurá-lo. Sir Lancelote, disse ela, creio que tendes o coração demasiado duro, pois, se quisestes beijar-me uma única vez, eu vos libertaria, traria vossa armadura e o melhor cavalo que houver no estábulo de Sir Meliagaunt. Posso vos beijar sem em nada afetar minha honra, retrucou o cavaleiro. Sabei que, se eu julgasse haver alguma desonra em vos beijar, não o faria. Então, Sir Lancelote a beijou e ela o levou até onde estava sua armadura. Quando ele já estava armado, a dama o conduziu a um estábulo onde havia 12 bons corcéis e mandou que ele escolhesse o melhor. O cavaleiro viu um corcel branco, que foi o que mais lhe agradou. Mandou então que os guardadores o selassem com a melhor sela de guerra que houvesse por ali, e tudo foi feito de acordo com seu pedido. Depois de empunhar a lança e pôr a espada à cinta, Sir Lancelote encomendou a dama a Deus e disse: Senhora, por esta boa ação, podeis contar com meus serviços se alguma vez eu puder vos ajudar.

CAPÍTULO IX

Como Sir Lancelote chegou no exato instante em que Sir Meliagaunt se instalava na liça e vestia seus trajes de combate.

Deixemos agora Sir Lancelote galopando o mais velozmente que podia e falemos da Rainha Guinevere, que foi levada para uma fogueira onde seria queimada, pois Sir Meliagaunt tinha certeza, ao menos era o que achava, de que Sir Lancelote não participaria daquele combate. Assim, pois, não parava de gritar para o Rei Arthur, dizendo-lhe que lhe fizesse justiça ou que trouxesse o Cavaleiro do Lago. Com isso, o rei e toda a corte sentiam-se transtornados e envergonhados ao pensar que a rainha tivesse que ser queimada por conta da ausência de Sir Lancelote. Meu senhor Arthur, disse Sir Lavaine, compreendeis que Sir Lancelote não está bem, pois, se estivesse vivo, a não ser que se encontrasse enfermo ou encarcerado, decerto estaria aqui. Jamais o vistes desamparar a parte pela qual deveria lutar. Por isso, meu senhor Rei Arthur, eu vos suplico que me deis permissão para combater no dia de hoje, por meu amo e senhor, e salvar minha senhora a rainha. Muito obrigado, gentil Sir Lavaine, respondeu o monarca, pois atrevo-me a dizer que tudo que Sir Meliagaunt atribui à minha esposa, a rainha, é injusto, uma vez que falei com os dez cavaleiros feridos e não há um único deles que, se estivesse com saúde e em condições de lutar, não desejasse provar sobre o corpo de Sir Meliagaunt que é falso o que ele diz de minha rainha. É o que farei, disse Sir Lavaine, em defesa de meu senhor Lancelote, se me concedeis vossa permissão. Tendes minha permissão, disse o Rei Arthur. Fazei o melhor que puderdes, pois ouso afirmar que Sir Lancelote foi vítima de alguma traição.

Então, o jovem cavaleiro se armou, montou e dirigiu-se à extremidade da liça para assumir aquele combate. Mas, quando os arautos iam gritar “Lesses les aler”, chegou Sir Lancelote cavalgando com toda a força de seu cavalo. Ao ver isso, Arthur gritou: Eia! Esperai! Sir Lancelote foi chamado à presença do rei, ainda a cavalo, e contou, diante de todos, como Sir Meliagaunt o tinha tratado do princípio ao fim. Quando o rei, a rainha e todos os senhores tomaram conhecimento da traição daquele cavaleiro, tiveram vergonha dele e, então, a Rainha Guinevere foi trazida para se sentar junto a seu esposo, cheia de confiança em seu campeão. Como nada mais havia a dizer, os dois adversários se prepararam para a batalha, empunharam suas lanças e correram ao encontro um do outro com o estrondo de um trovão. Sir Lancelote derrubou Sir Meliagaunt pela garupa do cavalo e, em seguida, apeou-se, ergueu o escudo e empunhou a espada. O outro cavaleiro fez o

mesmo e os dois trocaram grandes golpes. Por fim, Sir Lancelote desferiu tamanho golpe sobre o elmo de seu adversário que este caiu de lado no chão. Mui nobre cavaleiro, Sir Lancelote do Lago, suplicou ele então, poupai minha vida, pois a vós me rendo e vos peço, como cavaleiro e membro da Távola Redonda que sois, que não me mateis. Dou-me por vencido e, quer eu viva ou morra, entrego-me nas mãos do rei e nas vossas.

Diante disso, Sir Lancelote não soube o que fazer, pois, mais que qualquer bem terrestre, o que queria era se vingar de Sir Meliagaunt. Assim, pois, ergueu os olhos para a Rainha Guinevere, buscando ver ali algum sinal ou gesto indicando-lhe o que ela queria que fosse feito. Então, ela moveu a cabeça como se dissesse: "Matai-o." Por aquele gesto, Sir Lancelote teve certeza de que a rainha queria a morte de seu adversário, no entanto, mandou que ele se levantasse, para evitar a vergonha, e seguisse lutando até onde pudesse. Não, retrucou Sir Meliagaunt. Não me levantarei até me considerardes vencido e rendido.

Pois vou vos fazer uma generosa proposta, disse o Cavaleiro do Lago, qual seja: desarmarei a cabeça e, na medida do possível, o quarto esquerdo de meu corpo. Além disso, farei com que amarrem minha mão esquerda para trás, de tal forma que eu não possa usá-la. E lutarei convosco nessas condições. Ao ouvir isso, Sir Meliagaunt se pôs de pé e disse, em voz alta: Meu senhor Arthur, escutai a proposta que meu adversário acaba de me fazer, pois desejo aceitá-la. Mandai que ele seja desarmado e amarrado segundo sua própria sugestão. O que dissestes?, perguntou o Rei Arthur a Sir Lancelote. Quereis manter vossa proposta? Sim, Majestade. Nunca volto atrás da palavra dada.

Então, os cavaleiros da liça o desarmaram, começando pela cabeça. Em seguida, foi a vez do braço e do lado esquerdo, e depois amarraram esse braço ao ombro, sem escudo, sem nada. Isso feito, puseram-nos novamente juntos. Sabei que muitas damas e muitos cavaleiros ficaram assombrados ao ver que Sir Lancelote queria se arriscar a esse ponto. Sir Meliagaunt ergueu bem alto a espada e seu adversário lhe mostrou a cabeça e o flanco esquerdo desguarnecidos. Quando o primeiro julgou que ia lhe acertar a cabeça nua, o Cavaleiro do Lago recuou ligeiramente a perna e o flanco esquerdos e aparou o golpe com a mão direita que segurava a espada, conseguindo evitá-lo com grande destreza. Usando então toda sua força, desferiu tal golpe sobre o elmo de Sir Meliagaunt que lhe cortou a cabeça ao meio. Nessa hora, já não havia mais nada a ser feito, a não ser retirá-lo da liça. Por instância dos cavaleiros da Távola Redonda, o monarca permitiu que ele fosse enterrado e que, em seu sepulcro, fosse mencionado quem ele era, quem o tinha matado e por que motivo havia sido morto. Depois disso, o rei e a rainha ficaram ainda mais afeiçoados a Sir Lancelote do Lago, que foi mais estimado do que jamais fora antes.



CAPÍTULO X

Como Sir Urre chegou à corte do Rei Arthur para se tratar de seus ferimentos e como o Rei Arthur começou a se interessar por ele.

Naquela época, como diz o livro francês, havia, nas terras da Hungria, um bom cavaleiro chamado Sir Urre, um aventureiro que queria estar em qualquer lugar onde ouvira dizer que se realizavam feitos louváveis. Acontece que, na Espanha, havia um filho de conde chamado Alphegus. Em um grande torneio celebrado naquele país, esse cavaleiro da Hungria e Sir Alphegus se enfrentaram por pura inveja. Os dois investiram um contra o outro com a maior ferocidade e, por fortuna, Sir Urre matou seu adversário, o filho do conde de Espanha. Antes disso, porém, o cavaleiro que morreu conseguira infligir a Sir Urre sete grandes ferimentos: três na cabeça e quatro no corpo e na mão esquerda. Ademais, a mãe de Sir Alphegus era uma grande feiticeira, e esta, por ressentimento pela morte do filho, usou suas artes sutis para fazer com que Sir Urre jamais sarasse. Às vezes, suas feridas supuravam; outras vezes, sangravam, e só seriam curadas pelas mãos do melhor cavaleiro do mundo, foi o que ela declarou. E, pelo que se soubesse, ele jamais sararia de tais ferimentos.

Então, a mãe de Sir Urre mandou construir uma liteira e a ela atrelar dois palafréns. E, levando consigo a irmã do cavaleiro, uma donzela muito formosa chamada Felelolie, além de um pajem para cuidar dos animais, viajou com o filho por inúmeros países. Segundo o livro francês, o pequeno grupo passou sete anos viajando por todas as terras da cristandade sem, contudo, encontrar nenhum cavaleiro que pudesse aliviar o sofrimento de Sir Urre. Por fortuna, acabaram chegando à Escócia e aos confins da Inglaterra nas proximidades do banquete de Pentecostes, onde encontraram a corte do Rei Arthur, que, naquela ocasião, estava instalada em Carlisle. Assim que ali chegaram, a mulher tratou de divulgar a notícia de que viera àquelas terras para que seu filho fosse curado.

Então, o soberano mandou chamá-la e lhe perguntou por que havia trazido o cavaleiro ferido para seu reino. Meu mui nobre rei, disse a dama, sabei que eu o trouxe até aqui para que seja curado de seus ferimentos, já que nos últimos sete anos não conseguimos cumprir tal missão. Em seguida, contou ao monarca onde o jovem tinha sido ferido e por quem, acrescentando que a mãe do cavaleiro morto, movida pela soberba, revelara o encantamento que lançara sobre seu filho para que ele jamais se curasse, a menos que fosse pelas mãos do melhor cavaleiro do mundo. Percorri todas as terras da cristandade, exceto esta, prosseguiu a dama,

procurando quem o fizesse e, se não conseguir meu intento neste país, hei de desistir, o que é uma lástima, pois meu filho era um bom cavaleiro de grande nobreza. Como ele se chama?, perguntou Arthur. Meu bom e gracioso senhor, respondeu a mulher, seu nome é Sir Urre do Monte. Em boa hora viestes a esta terra, disse o soberano, e sede muito bem-vinda. Sabei que aqui ele haverá de ser curado, se tal deve ser feito por um cristão. Para incentivar todos os homens de mérito, eu mesmo experimentarei tocar vosso filho, no que serei seguido por todos os reis, duques e condes que estejam aqui presentes nesta ocasião, pois vou mandar que assim o façam e sei que me obedecerão e agirão de acordo com minhas ordens. Sabei, disse ainda o Rei Arthur, dirigindo-se à irmã de Sir Urre, que desejo ser o primeiro a tocá-lo e curá-lo, se for possível, não por julgar-me digno de fazê-lo em função de meus próprios feitos, mas sim para incentivar outros homens de mérito a seguir meu exemplo. Ordenou então que todos os reis, duques, condes e também os nobres cavaleiros da Távola Redonda presentes na ocasião acudissem ao prado de Carlisle. Apenas 110 desses cavaleiros ali se encontravam, pois quarenta deles estavam ausentes, e devemos começar pelo Rei Arthur, já que a cortesia determina que se comece por aquele que era o homem batizado mais valoroso na época.

CAPÍTULO XI

Como o Rei Arthur tocou Sir Urre e, depois dele, muitos outros cavaleiros da Távola Redonda repetiram seu gesto.

Ao observar Sir Urre, o Rei Arthur julgou que ele seria um homem muito garboso depois de curado. Então, mandou que baixassem a liteira e a deitassem no chão, onde havia uma almofada de ouro para que ele pudesse se ajoelhar. Gentil cavaleiro, disse o nobre Arthur, muito lamento vos ver neste estado e, para incentivar todos os nobres cavaleiros, eu vos rogo que me permitais tocar suavemente vossos ferimentos. Mui nobre rei cristão, respondeu Sir Urre, fazei como quiserdes, pois estou à mercê de Deus e às vossas ordens. Assim sendo, o monarca o tocou suavemente e algumas de suas feridas voltaram a sangrar. Em seguida, foi a vez do Rei Clarance de Northumberland, mas em vão. Depois, Sir Barant le Apres, conhecido como o Rei dos Cem Cavaleiros, também fracassou, o mesmo acontecendo com o Rei Uriens, da terra de Gore; o Rei Anguish, da Irlanda; o Rei Nentres, de Garloth; o Rei Carados, da Escócia; o duque Galahalt, o Alto Príncipe; Constantino, filho de Sir Carados, da Cornualha; o duque Chaleins de Clarance; o conde de Ulbause; o conde Lambaille e o conde Aristause.

Vieram então Sir Gawaine com seus três filhos, Sir Gingalin, Sir Florence e Sir Lovel, os dois últimos concebidos no ventre da irmã de Sir Brandiles, e todos fracassaram. Em seguida, aproximaram-se Sir Agravaine, Sir Gaheris, Sir Mordred e o bom cavaleiro Sir Gareth, que, de todos os irmãos, era o mais digno da Ordem. E também os cavaleiros da linhagem de Sir Lancelote, embora ele próprio não estivesse na corte nessa ocasião, pois se encontrava envolvido com suas aventuras: Sir Leonel, Sir Hector de Maris, Sir Bors de Ganis, Sir Blamore de Ganis, Sir Bleoberis de Ganis, Sir Gahalantine, Sir Galihodin, Sir Menaduke, Sir Villiars le Valiant, Sir Hebes le Renoumes. Todos eles eram parentes de Sir Lancelote e nenhum conseguiu curar o ferido. Depois deles, vieram Sir Sagramore, o Desejoso, Sir Dodinas, o Selvagem, Sir Dinadan, Sir Bruin le Noire, que Sir Kay havia denominado La Cote Mal Taillée, Sir Kay, o Senescal, Sir Kay de Stranges, Sir Meliot de Logres, Sir Petipase de Winchelsea, Sir Galleron de Galway, Sir Melion da Montanha, Sir Cardok, Sir Uwaine, o Bastardo, e Sir Ozanna le Cure Hardy.

Em seguida, foi a vez de Sir Astamor, Sir Gromere, filho de Grummor, Sir Crosselm e Sir Servause le Breuse, considerado um cavaleiro muito forte, pois, como diz o livro, a principal Dama do Lago ofereceu um banquete a ele e a Sir

Lancelote e, depois de os ter acolhido em diversas ocasiões, lhes rogou que lhe concedessem um dom, com o que ambos concordaram. Então, ela pediu que Sir Servause jamais enfrentasse Sir Lancelote do Lago, e também que este último jamais combatesse o primeiro, coisa que ambos prometeram. Como diz o livro francês, Sir Servause nunca teve coragem ou vontade de enfrentar homem algum, preferindo lutar contra gigantes, dragões e bestas selvagens. Passemos, então, àqueles que estavam presentes aos festejos e que, por ordem do rei, tentaram curar Sir Urre. E, ao pedir tal coisa, o monarca tencionava saber quem, dentre eles, era o cavaleiro mais nobre. Vieram então Sir Aglovale, Sir Durnore, Sir Tor, concebido no ventre da mulher de Aries, o vaqueiro, embora isso tenha ocorrido antes que Aries a desposasse. Todos estes haviam sido gerados pelo Rei Pellinore: primeiro, Sir Tor, e, depois, Sir Aglovale, Sir Durnore, Sir Lamorak, o mais nobre cavaleiro que existiu nos tempos do Rei Arthur, e Sir Percival que, à exceção de Sir Galahad, não tinha rival em termos de façanhas santas. No entanto, ambos morreram ao longo da demanda do Santo Graal. Vieram então Sir Griflet le Fise de Dieu; Sir Lucanere, o Mordomo; Sir Bedevere, seu irmão; Sir Brandiles; Sir Constantino, filho de Sir Cador, da Cornualha, que foi rei depois da época de Arthur; Sir Clegis, Sir Sadok, Sir Dinas, o Senescal da Cornualha; Sir Fergus; Sir Driant; Sir Lambegus; Sir Clarrus de Cleremont; Sir Cloddrus; Sir Hectimere; Sir Edward de Carnavon; Sir Dinas; Sir Priamas, que foi batizado pelo nobre cavaleiro Sir Tristão, e estes três últimos eram irmãos; Sir Helin, o Branco, que era filho de Sir Bors, gerado no ventre da filha do Rei Brandegoris; Sir Brian de Listinoise; Sir Gautere, Sir Reynold e Sir Gillemere, os três irmãos que Sir Lancelote havia vencido em uma ponte usando as armas de Kay; Sir Guyart le Petite; Sir Bellangere le Beuse, filho do bom cavaleiro Alisander, o Órfão, que foi morto à traição pelo Rei Marcos. Este rei traidor também matou o nobre cavaleiro Sir Tristão com uma espada afiada quando este tocava harpa diante de sua dama, a Bela Isolda, morte que foi chorada por todos os cavaleiros que viveram na época do Rei Arthur. Jamais houve mortes tão pranteadas quanto as de Sir Tristão e Sir Lamorak, pois os dois foram mortos de forma traiçoeira: Sir Tristão pelo Rei Marcos e Sir Lamorak por Sir Gawaine e seus irmãos. O referido Sir Bellengere vingou a morte de seu pai Alisander e a de Sir Tristão matando o Rei Marcos, e a Bela Isolda morreu de dor sobre a cruz de seu amado, o que causou grande compadecimento. Todos os que estavam ao lado do Rei Marcos e consentiram no assassinato de Sir Tristão foram mortos, como Sir Andred e muitos outros.

Em seguida, vieram Sir Hebes; Sir Morganor; Sir Sentraile; Sir Suppinabilis; Sir Bellengere le Orgulous, que foi derrotado pelo bom cavaleiro Sir Lamorak em batalha em campo aberto; Sir Neroveus e Sir Plenorius, dois bons cavaleiros que foram vencidos por Sir Lancelote; Sir Darras; Sir Harry le Fise Lake. Sir Erminide, irmão do Rei Hermaunce, em defesa do qual Sir Palamedes lutou contra

dois irmãos na Cidade Vermelha; Sir Selises da Torre Dolorosa; Sir Edward de Orkney; Sir Ironside, denominado o nobre Cavaleiro das Terras Vermelhas, que foi vencido por Sir Gareth por amor de Lady Liones; Sir Arrok de Grevaunt; Sir Degrane Saunce Velany, que lutou com o gigante do fogo negro; Sir Epinogris, filho do rei de Northumberland; Sir Pelleas, que amava Lady Ettard e teria morrido por seu amor se não fosse pela intervenção de uma das Damas do Lago, chamada Nimue, que se casou com ele, e, depois de salvo da morte, Sir Pelleas se tornou um cavaleiro muito nobre; e Sir Lamiel de Cardiff, um grande amante. Vieram ainda Sir Plaine de Fors; Sir Melleaus de Lile; Sir Bohart le Cure Hardy, que era filho do Rei Arthur; Sir Mador de la Porte; Sir Colgrevance; Sir Hervise da Floresta Selvagem; Sir Marrok, o bom cavaleiro que foi traído pela esposa que, por sete anos, o transformou em lobisomem; Sir Persant; Sir Pertilope, seu irmão, conhecido como o Cavaleiro Verde; e Sir Perimones, irmão dos primeiros, conhecido como o Cavaleiro Vermelho, ambos derrotados por Sir Gareth quando este era chamado Beaumains. Por determinação do Rei Arthur, estes 110 cavaleiros tocaram as feridas de Sir Urre.

CAPÍTULO XII

Como Sir Lancelote recebeu ordens de Arthur para que cuidasse daquelas feridas e como logo o cavaleiro estava completamente recuperado; como todos agradeceram a Deus.

Tende piedade, Jesus!, exclamou Arthur. Onde está Sir Lancelote do Lago justamente nesta ocasião? Enquanto falavam de muitas coisas, viram Sir Lancelote, que se aproximava cavalgando, e foram avisar o monarca. Calados, todos, disse o rei. Que ninguém diga nada até que ele chegue junto de nós. Quando Sir Lancelote viu o Rei Arthur, apeou-se, aproximou-se e o saudou, saudando também a todos os presentes. Assim que a donzela, irmã de Sir Urre, o viu, correu para perto da liteira onde jazia o ferido e lhe disse: Irmão, acaba de chegar um cavaleiro para o qual meu coração sente forte inclinação. Gentil irmã, respondeu Sir Urre, o meu também se ilumina ao vê-lo. Decerto tenho esperanças de me curar agora, pois meu coração sente mais inclinação para ele do que para qualquer outro que tenha me tocado.

Deveis fazer o mesmo que todos nós fizemos, disse Arthur ao Cavaleiro do Lago, e lhe contou o que haviam feito, mostrando-lhe todos que o haviam tocado. Que Jesus me livre, exclamou Sir Lancelote, vendo que tantos reis e cavaleiros tentaram e fracassaram, de presumir que eu possa realizar o que todos vós, meus senhores, não conseguiram. Não tendes escolha, atalhou o monarca, pois ordeno-vos que façais o mesmo que todos nós fizemos. Meu mui renomado senhor, disse Sir Lancelote, bem sabeis que não me atreverei a desobedecer a uma ordem vossa, e se me atrevesse ou pudesse, sabei que não assumiria a responsabilidade de tocar este cavaleiro ferido com o intuito de sobrepujar todos os demais. Que Jesus me livre de tal vergonha. Estais entendendo errado, retrucou o Rei Arthur. Não deveis fazer tal coisa por presunção, mas para nos fazer companhia. Tanto mais que sois membro da Távola Redonda e sabei que, se não conseguirdes curá-lo, ouso dizer que não haverá cavaleiro no mundo capaz de fazê-lo. Por isso, rogo-vos que façais o que fizemos.

A maioria dos reis e cavaleiros ali presentes rogou igualmente a Sir Lancelote que tocasse o ferido. Então, Sir Urre sentou-se com dificuldade e suplicou a Sir Lancelote: Cortês cavaleiro, por Deus, tocai meus ferimentos, pois acredito que, desde que chegastes, eles não mais me afligem. Ah, meu gentil senhor, disse o Cavaleiro do Lago, quisera Jesus que eu vos pudesse ajudar. Muito me envergonharia ser rechaçado, pois jamais fui capaz de realizar, por mérito, feito tão elevado. Ao dizer isso, ajoelhou-se junto ao cavaleiro ferido e

acrescentou: Meu senhor Arthur, devo obedecer a uma ordem vossa que contraria muito meu coração. Em seguida, ergueu as mãos, olhou para o oriente e, bem baixinho, disse de si para si: Santíssimos Pai, Filho e Espírito Santo, suplico a Vossa Misericórdia que sejam preservadas minha modesta honestidade e minha honra, e que me concedeis, Santíssima Trindade, poder para curar este cavaleiro enfermo por Vossas grandes virtude e graça, meu bom Senhor, e não por mim mesmo. Pediu então que Sir Urre lhe deixasse ver sua cabeça e, ajoelhando-se com devoção, tocou as três feridas que sangravam um pouco. De imediato, elas sararam inteiramente, parecendo que estavam curadas havia sete anos. Assim também tocou as outras três feridas de seu corpo, que também sararam, e, por fim, tocou a que o cavaleiro tinha na mão, e esta igualmente se curou de imediato.

Diante disso, o Rei Arthur, juntamente com todos os reis e cavaleiros que ali estavam, ajoelharam-se e deram graças e louvores a Deus e a Sua Santa Mãe. Já Sir Lancelote chorou como um menino que houvesse apanhado. Então, o Rei Arthur mandou que capelães e clérigos se vestissem da maneira mais piedosa e levassem Sir Urre para dentro da cidade de Carlisle, com cânticos e louvores a Deus. Feito isso, o monarca ordenou que preparassem o cavaleiro com os mais ricos trajes que se pudesse imaginar e, então, houve muito poucos cavaleiros mais bem compostos em toda a corte, pois ele era muito bem feito de corpo e muito forte. Quando Arthur lhe perguntou como se sentia, Sir Urre respondeu: Meu bom senhor, jamais me senti mais saudável. Quereis justar? Pegar em armas?, perguntou o monarca. Majestade, disse Urre, se eu tivesse tudo que é necessário para uma justa, não tardaria a estar pronto.

CAPÍTULO XIII

Como aconteceu um confronto entre uma centena de cavaleiros contra outra centena, e outras histórias.

Então, Arthur formou um grupo de cem cavaleiros que deveriam enfrentar outros cem e, pela manhã, eles justaram por um diamante. No entanto, nenhum dos cavaleiros mais perigosos participou dessa disputa. Para abreviar a narrativa, Sir Urre e Sir Lavaine foram os melhores do dia, uma vez que ninguém, a não ser eles dois, conseguiu derrotar e derrubar trinta adversários. Por esse motivo, com a concordância de todos os reis e senhores presentes, Sir Urre e Sir Lavaine foram feitos membros da Távola Redonda. Como este último se apaixonou pela donzela Felelolie, irmã de Sir Urre, eles se casaram em meio a grandes festividades, e o monarca concedeu a cada um desses dois cavaleiros uma baronia de terras. Desde então, Sir Urre jamais quis se separar de Sir Lancelote, e estava sempre em companhia do Cavaleiro do Lago e de Sir Lavaine. Em toda corte, eram considerados bons cavaleiros, ávidos por armas, e ambos realizaram muitos nobres feitos, pois não queriam descansar, preferindo estar sempre em busca de aventuras.

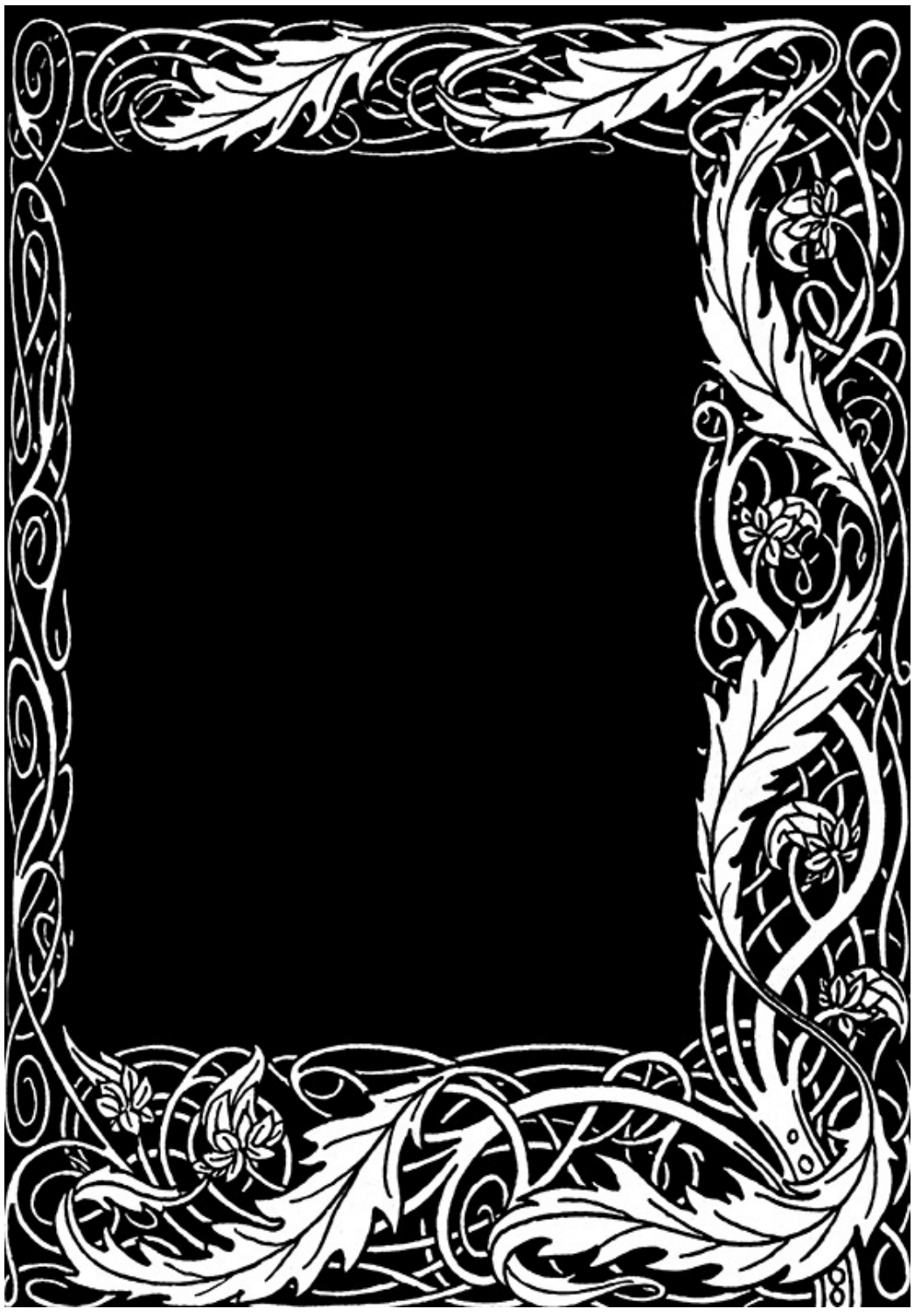
Assim viveram eles nessa corte por muito tempo, com grande nobreza e satisfação. Toda noite, porém, Sir Agravaine, irmão de Sir Gawaine, aguardava pela Rainha Guinevere e por Sir Lancelote do Lago, tencionando envergonhá-los e expô-los a críticas. Aqui, deixo este conto, pulando grandes livros sobre Sir Lancelote do Lago e as grandes aventuras que ele levou a cabo quando era chamado de Cavaleiro da Carroça. Isso porque, como diz o livro francês, por despeito, cavaleiros e damas a ele se referiam como “o cavaleiro que andou de carroça”, como um condenado rumo à forca. Para demonstrar seu descaso por todos que assim o chamavam, ele se fez transportar por uma carroça por 12 meses e, depois da morte de Sir Meliagaunt, na querela da rainha, passou 12 meses sem montar a cavalo. Mas, como diz o livro francês, durante esse tempo, enfrentou mais de quarenta combates. E, já que não me detive no relato dos feitos do Cavaleiro da Carroça, deixo a história de Sir Lancelote e passo à da morte do Rei Arthur, que foi causada por Sir Agravaine.

Explicit liber XIX.

Segue-se aqui a mui lamentável história da morte do Rei Arthur, que compõe o vigésimo livro.

LIVRO XX





CAPÍTULO I

Como Sir Agravaine e Sir Mordred pressionaram Sir Gawaine para revelar o amor entre Sir Lancelote e a Rainha Guinevere.



m maio, quando todos os corações vigorosos florescem e vicejam, em uma estação que é encantadora e agradável de se ver, assim também o homem e a mulher gozam e desfrutam da chegada do verão com suas flores frescas, pois o inverno, com seus ventos ríspidos e suas borrascas, faz com que o homem e a mulher saudáveis se recolham e permaneçam sentados junto ao fogo. Nesta época, no mês de maio, sobrevieram grandes fúria e desdita que só se extinguiram quando foi destruída e morta a flor da cavalaria do mundo inteiro. Tudo isso se deveu a dois malfadados cavaleiros chamados Sir Agravaine e Sir Mordred, irmãos de Sir Gawaine, pois, em segredo, ambos odiavam a Rainha Guinevere e Sir Lancelote do Lago. Por essa razão, andavam a espioná-lo dia e noite.

Por infortúnio, estando Sir Gawaine e seus irmãos nos aposentos do Rei Arthur, Sir Agravaine, sem consultar quem quer que fosse, declarou em alto e bom som, para que todos pudessem ouvi-lo: Muito me espanta que não vos envergonheis por ver e saber que Sir Lancelote se deita dia e noite com a rainha, pois todos sabemos que é o que acontece. Também me espanta que tal fato seja vergonhosamente permitido por todos nós e que consintamos que um nobre monarca como é o Rei Arthur sofra semelhante afronta.

Irmão Sir Agravaine, disse Sir Gawaine, eu vos rogo encarecidamente que não levanteis mais tais questões diante de mim, pois sabeis que não concordo com vossa atitude. Valha-me Deus, disseram Sir Gaheris e Sir Gareth, não queremos saber de vossas intrigas, irmão Agravaine. Mas eu quero, retrucou Sir Mordred. Acredito, disse Sir Gawaine, pois estais sempre pronto para qualquer desdita, irmão Sir Mordred. Gostaria, porém, que esquecêsseis tal assunto e não insistísseis tanto, porque não sei a que tudo isso pode nos levar. Aconteça o que acontecer, hei de revelar tal fato ao rei, afirmou Sir Agravaine. Pois eu vos aconselho a não fazer isso, advertiu Sir Gawaine. Se porventura houver guerra e disputas entre Sir Lancelote e nós, sabei, irmão, que muitos reis e grandes

senhores estarão com ele. Deveis vos lembrar também, irmão Sir Agravaine, prosseguiu Gawaine, das inúmeras vezes em que Sir Lancelote salvou o rei e a rainha, e o melhor de nós precisaria ter um coração de pedra para não admitir que ele é melhor do que todos nós, como já o provou em tantas ocasiões. No que me diz respeito, acrescentou ele ainda, jamais estarei contra Sir Lancelote pelo que ele fez um dia, quando me resgatou das mãos do Rei Carados da Torre Dolorosa, matando-o e salvando minha vida. Assim também ele vos salvou de forma semelhante, a vós e a outros 62 cavaleiros, irmãos Agravaine e Mordred, das mãos de Sir Turquin. Creio, irmão, que tais ações gentis e bondosas deveriam ser levadas em conta. Podeis fazer como quiserdes, disse Sir Agravaine. Eu, porém, não ocultarei mais tal fato de nosso soberano. Nesse momento, chegou o Rei Arthur. Agora, irmãos, deixai de falatórios, disse Sir Gawaine. De forma alguma, retrucaram Sir Agravaine e Sir Mordred. Então, insistis?, indagou Sir Gawaine. Pois, então, que Deus os proteja, porque não quero saber de vossas decisões nem participar de vossos atos. Eu tampouco, disseram Sir Gareth e Sir Gaheris, pois jamais falaremos mal desse homem. Foi Sir Lancelote quem me sagrou cavaleiro, acrescentou Sir Gareth, e, portanto, jamais devo falar mal dele. Com essas palavras, o três deixaram o aposento muito pesarosos. Ai, exclamaram Sir Gawaine e Sir Gareth, doravante a discórdia haverá de imperar por todo este reino, e a nobre companhia da Távola Redonda acabará por se dispersar. E se foram.

CAPÍTULO II

Como Sir Agravaine revelou a existência de tal amor ao Rei Arthur, e como este lhe deu permissão para capturar o Cavaleiro do Lago.

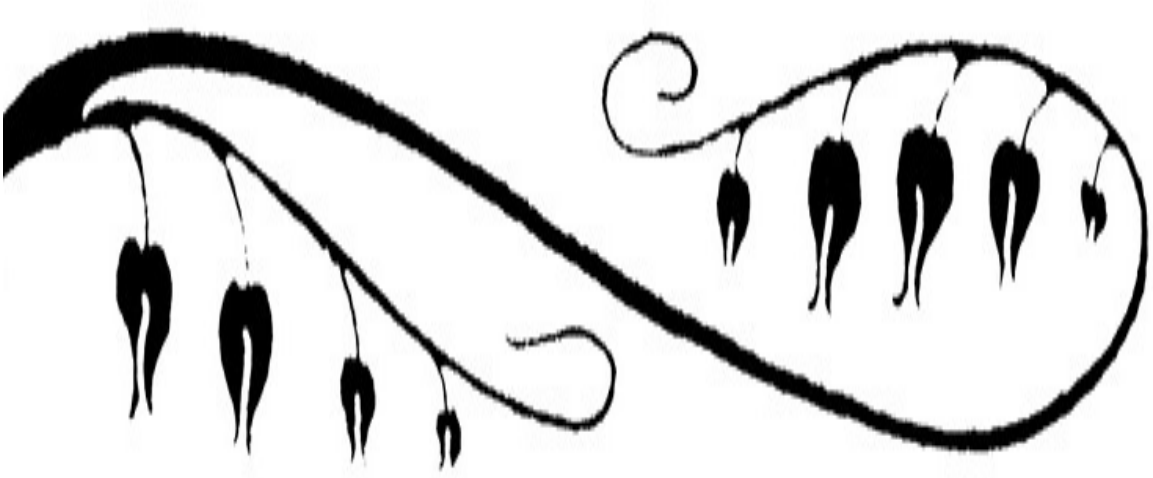
Então, o monarca lhes perguntou por que estavam discutindo. Majestade, respondeu Sir Agravaine, hei de vos dizer o que não posso calar por mais tempo. Acabamos de revelar, meu irmão Sir Mordred e eu, a nossos irmãos Sir Gawaine, Sir Gareth e Sir Gaheris, que todos sabemos que Sir Lancelote se deita com vossa rainha, e faz tempo que isso vem acontecendo. Por sermos filhos de vossa irmã, não podemos permitir que isso continue assim, e sabemos que estais acima de Sir Lancelote. Sois o rei que o sagrou cavaleiro e, portanto, provaremos que ele trai vossa pessoa.

Se assim for, retrucou o soberano, sabei que ele não terá privilégio algum, embora eu não pretenda tratar de tal assunto antes de ter provas do que me dizeis, pois Sir Lancelote é um cavaleiro audacioso e ninguém ignora que é o melhor de todos nós. Portanto, a menos que seja apanhado em flagrante, há de enfrentar quem quer que faça circular tais rumores, e não conheço nenhum cavaleiro capaz de vencê-lo. Assim, pois, se for verdade o que dizeis, gostaria de vê-lo apanhado em flagrante. Na verdade, como diz o livro francês, o rei estava indignado com a ideia de que surgisse algum rumor sobre Sir Lancelote e sua rainha. Tinha lá suas suspeitas, mas preferia ignorá-las, uma vez que Sir Lancelote havia feito muito por ele e pela soberana, e tantas vezes que Arthur o amava muitíssimo. Majestade, propôs Sir Agravaine, saí para caçar pela manhã e vereis que Sir Lancelote não desejará ir convosco. Quando estiver anoitecendo, mandai uma mensagem para a rainha dizendo que passareis aquela noite fora e pedi que vos enviem vossos cozinheiros. Então, sob pena de nossa vida, nós dois haveremos de pegá-lo com a rainha e trazê-lo vivo ou morto. Tendes minha permissão, disse o monarca, mas eu vos aconselho a levar convosco alguns homens de confiança. Meu irmão Sir Mordred e eu convocaremos 12 cavaleiros da Távola Redonda para nos acompanhar, respondeu Sir Agravaine. Tende cuidado, acrescentou o Rei Arthur, pois vos garanto que havereis de encontrá-lo pronto para tudo. Deixai isso por nossa conta, disseram os dois irmãos.

Pela manhã, o Rei Arthur saiu para caçar e enviou mensagem à rainha dizendo-lhe que passaria aquela noite fora. Então, Sir Agravaine e Sir Mordred reuniram 12 cavaleiros e se esconderam em um dos quartos do castelo de Carlisle. Foram estes os homens por eles convocados: Sir Colgrevance, Sir Mador de la

Porte, Sir Gingaline, Sir Meliot de Logres, Sir Petipase de Winchelsea, Sir Galleron de Galway, Sir Meliot da Montanha, Sir Astamore, Sir Gromore Somir Joure, Sir Curselaine, Sir Florence e Sir Lovel. Os 12 cavaleiros estavam dispostos a acompanhar Sir Mordred e Sir Agravaine. Todos eles eram da Escócia, parentes de Sir Gawaine e partidários de seus irmãos.

Quando anoiteceu, Sir Lancelote disse a Sir Bors que ia ver a rainha. Senhor, respondeu Sir Bors, meu conselho é que não façais isso esta noite. Por quê?, indagou o Cavaleiro do Lago. Tenho medo de Sir Agravaine, que anda a vos espionar diariamente, para fazer injúria a vós e a todos nós. De todas as vezes que fostes vos encontrar com a rainha, meu coração jamais me disse, tanto quanto agora, que não deveríeis fazê-lo. Desconfio que o rei tenha resolvido passar a noite fora, afastado da rainha, por ter deixado alguns homens de vigia e, portanto, temo imensamente alguma traição. Nada tendes a temer, retrucou Sir Lancelote, pois vou e volto sem demora. Senhor, insistiu Sir Bors, muito lamento por isso, pois tenho muito medo de que vossa saída esta noite possa lançar desgraça sobre todos nós. Gentil sobrinho, disse o Cavaleiro do Lago, muito me surpreende que digais isso quando a rainha mandou me chamar. Não serei assim tão covarde e quero que saibais que desejo vê-la. Pois que Deus vos proteja, disse Sir Bors, e vos traga de volta são e salvo uma vez mais.



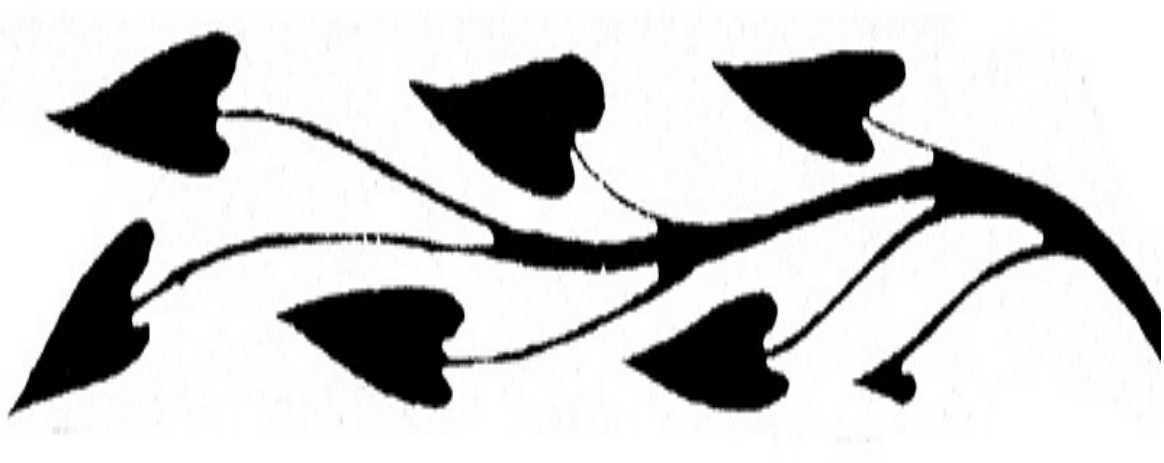
CAPÍTULO III

Como Sir Lancelote foi visto na alcova da rainha, e como Sir Agravaine e Sir Mordred apareceram acompanhados de 12 cavaleiros para matá-lo.

Assim, pois, Sir Lancelote partiu. Pôs a espada debaixo do braço e, envolto em sua capa, este nobre cavaleiro estava rumando para um grande perigo. Tão logo chegou aos aposentos da rainha, foi conduzido a seu quarto. Ali, como diz o livro francês, Guinevere e Sir Lancelote ficaram juntos. Estiveram na cama e experimentaram outros tipos de prazer aos quais não quero fazer referência, pois o amor, naquela época, não era como é hoje em dia. No entanto, enquanto estavam juntos, chegaram Sir Agravaine e Sir Mordred, acompanhados de 12 cavaleiros da Távola Redonda. Cavaleiro traidor, Sir Lancelote do Lago, disseram eles aos brados, agora fostes apanhado. Gritavam assim para que toda a corte pudesse ouvi-los, e os 14 estavam inteiramente armados, como se fossem entrar em um combate. Ai!, exclamou a Rainha Guinevere. Agora estamos ambos arruinados. Senhora, disse Sir Lancelote. Tendes em vosso quarto alguma armadura que eu possa usar para proteger meu pobre corpo? Com ela, logo porei fim a esta maldade, com a graça de Deus. Na verdade, respondeu a soberana, não tenho armadura, escudo, espada nem lança alguma. Por isso, temo imensamente que nosso grande amor tenha chegado a um fim desventurado, pois, pelo barulho que fazem, percebo que eles são muito numerosos e que estão fortemente armados. Com toda certeza, haverão de vos matar e, depois, serei queimada na fogueira. No entanto, se pudésseis escapar desses homens, tenho certeza de que me salvaríeis de qualquer perigo em que eu me encontrasse. Ai, exclamou Sir Lancelote, jamais em toda minha vida vi-me em semelhante dificuldade, e temo que acabe tendo morte vergonhosa por não possuir uma armadura.

Nesse ínterim, Sir Agravaine e Sir Mordred não paravam de gritar: Cavaleiro traidor! Deixai o quarto da rainha, pois bem sabeis que estais cercado e não tendes como escapar! Oh, Jesus, tende piedade!, disse Sir Lancelote. Não posso suportar os gritos e todo esse ruído vergonhoso. Mil vezes morrer agora mesmo a ter que aguentar este sofrimento. Então, tomou a rainha nos braços, beijou-a e disse: Mui nobre e cristã soberana, já que fostes sempre minha boa dama e eu, vosso pobre e fiel cavaleiro por todo o tempo em que pude sê-lo, jamais deixando de defender vossa causa, fosse ela justa ou não, desde o dia em que o Rei Arthur me sagrou cavaleiro, eu vos suplico que rezeis por minha alma se eu morrer aqui, pois bem certo estou de que Sir Bors, meu sobrinho, e o restante de meus parentes,

juntamente com Sir Lavaine e Sir Urre, não deixarão de nos salvar do fogo. Portanto, minha senhora, consolai-vos. Aconteça o que acontecer comigo, recorrei a Sir Bors, meu sobrinho, e a Sir Urre, pois eles farão o melhor que puderem ou que esteja a seu alcance para que vivais como rainha em minhas terras. Não, Sir Lancelote, retrucou a soberana. Bem sabeis que não sobreviverei a vós. Se morreres, aceitarei minha própria morte por Jesus Cristo tão humildemente como jamais o fez nenhuma rainha cristã. Pois bem, senhora, disse Sir Lancelote, já que chegou o dia em que nosso amor deve terminar, sabei que venderei minha vida pelo preço mais alto que puder, e mil vezes mais lamento esta situação por vós do que por mim. Mais do que ser senhor de toda a cristandade, desejaria agora estar vestido com uma armadura forte para que os homens pudessem falar de minhas façanhas antes de morrer. Na verdade, falou a rainha, preferia, se esta fosse a vontade de Deus, que prendessem e matassem a mim, e vos deixassem escapar. Isso nunca!, exclamou Sir Lancelote. Que Deus me livre de tamanha vergonha. Mas, Jesus, sede meu escudo e minha armadura!



CAPÍTULO IV

Como Sir Lancelote matou Sir Colgrevance, armou-se com seu arnês e, depois, matou Sir Agravaine e 12 dos seus companheiros.

Sem mais tardar, Sir Lancelote envolveu bem o braço com sua capa e a prendeu com cuidado. Nesse ínterim, os que estavam lá fora haviam trazido uma grande escultura do salão e a usavam para derrubar a porta. Gentis senhores, disse Sir Lancelote, cessai com essa gritaria e essas tentativas. Vou abrir a porta e podereis fazer comigo o que quiserdes. Vinde, pois, disseram todos, porque de nada vos vale lutar contra nós todos. Portanto, deixai-nos entrar e pouparemos vossa vida até que vos apresenteis perante o Rei Arthur. Depois de destrancar o ferrolho, Lancelote manteve a porta entreaberta, segurando-a com a mão esquerda, para que só pudesse entrar ali um homem de cada vez. Quem entrou primeiro foi um bom cavaleiro, grande e corpulento, que se chamava Colgrevance de Gore. Usando a espada, ele desferiu um poderoso golpe em Sir Lancelote. Este, porém, esquivou-se e reagiu com tamanha pancada sobre o elmo de seu adversário que ele caiu morto, de bruços diante da porta. Em seguida, usando sua força, o Cavaleiro do Lago puxou o morto para dentro do quarto e, com a ajuda da rainha e de suas damas, logo vestiu a armadura de Sir Colgrevance.

Mas Sir Agravaine e Sir Mordred não paravam de gritar: Cavaleiro traidor! Saí do quarto da rainha! Parai com essa gritaria, retrucou Sir Lancelote, pois podeis ter certeza, Sir Agravaine, que não me prendereis esta noite. Portanto, se quereis seguir meu conselho, deixai a porta deste quarto e cessai com estes gritos e estas calúnias, pois eu vos prometo, pela honra da cavalaria, que se vos afastardes e não fizerdes mais todo esse alarido, amanhã hei de me apresentar ao monarca, na presença de todos vós. Veremos, assim, quem de vós, ou todos juntos, vai me acusar de traição. Ali eu vos responderei como deve fazer um cavaleiro que veio ao encontro da rainha sem nenhuma má intenção, o que haverei de esclarecer e provar sobre vossos corpos com minhas próprias mãos. Maldito sejais, traidor!, exclamaram Sir Agravaine e Sir Mordred. Queirais ou não, nós vos deteremos e vos mataremos se assim o desejarmos, pois deveis saber que temos permissão do Rei Arthur para vos poupar a vida ou vos matar. Ah, senhores, disse Sir Lancelote. Não tendes nenhuma misericórdia? Então, defendei-vos.

Ao dizer isso, escancarou a porta do quarto e, com a postura imponente de um cavaleiro, saiu para onde todos estavam. Com o primeiro golpe, matou Sir Agravaine e, pouco depois, jaziam frios no chão 12 de seus companheiros, já que

nenhum deles conseguiu resistir a uma única investida do Cavaleiro do Lago. Ele ainda feriu Sir Mordred, que, no entanto, fugiu com todas as suas forças. Em seguida, Sir Lancelote voltou à presença da rainha e lhe disse: Senhora, sabei agora que todo o nosso sincero amor chegou ao fim, pois, doravante, o Rei Arthur será meu eterno inimigo. Portanto, senhora, se quiserdes vir comigo, sabei que haverei de vos salvar de todo tipo de aventura perigosa. Não é o melhor a fazer, respondeu a soberana. A mim me parece que, agora que já causastes tantos danos, mais vale parar por aqui. Se amanhã virdes que me condenam à morte, aí sim podereis salvar-me como vos aprouver. De muito bom grado, disse Sir Lancelote, pois não deveis duvidar de que, enquanto eu estiver vivo, haverei de vos salvar. Então, ele a beijou e cada um deles deu ao outro um anel. Feito isso, Sir Lancelote deixou a rainha e regressou ao local onde estava hospedado.

CAPÍTULO V

Como Sir Lancelote procurou Sir Bors e lhe contou o que havia feito, em que aventura tinha se envolvido e como conseguira escapar.

Ao vê-lo de volta, Sir Bors se alegrou como nunca fizera antes. Jesus de misericórdia!, exclamou Sir Lancelote. Por que estais assim armado? O que significa isso? Senhor, respondeu o outro, depois que saístes, todos nós, não só vossos parentes, mas também quem vos quer bem, ficamos tão aflitos que alguns pularam da cama inteiramente despidos e outros, em sonho, empunharam uma espada desembainhada. Acreditávamos que estava acontecendo uma grande contenda por perto e, então, achamos que tivésseis sido capturado por alguma traição. Foi por isso que decidimos estar prontos para ir em vosso auxílio, fosse qual fosse a necessidade em que vos encontrásseis.

Meu gentil sobrinho, disse-lhe Sir Lancelote, todos vós deveis saber que, esta noite, eu me vi na pior situação de toda minha vida, embora tenha conseguido escapar. E lhes contou de que maneira tudo aconteceu, como acabastes de ouvir. Portanto, companheiros, acrescentou ele, eu vos rogo que estejais preparados para qualquer dificuldade em que me encontre, porque, a partir de hoje, a guerra chegou para todos nós. Bem-vindo seja tudo que Deus nos enviar, respondeu Sir Bors. Tivemos muitas alegrias convosco e conquistamos muito mérito. Assim sendo, haveremos de vos acompanhar no infortúnio como fizemos nos momentos afortunados. Por isso, disseram todos (pois havia ali muitos bons cavaleiros), não tendes razão para vos inquietar, já que, sob o céu, não existe pelotão de cavaleiros que não possamos enfrentar em pé de igualdade. Não vos deixeis abater em hipótese alguma, pois haveremos de reunir aqueles que amamos e aqueles que nos amam, e o que desejardes será feito. Sabei, Sir Lancelote, que nos sentiremos ditosos em aceitar o infortúnio. Muito obrigado por vosso ânimo elevado, disse o Cavaleiro do Lago, pois, em meu grande sofrimento, meu gentil sobrinho, vossas palavras são um grande consolo e vos agradeço por isso. No entanto, há algo que gostaria que fizésseis o mais depressa possível, antes mesmo do amanhecer: procurai, entre os que estão aqui hospedados com o rei, quem está do meu lado e quem não está, porque, agora, gostaria de saber quais são meus amigos e quais são meus inimigos. Vou me encarregar de fazê-lo, senhor, disse Sir Bors, e, antes das sete horas, sabereis quem declarou estar de vosso lado.

Então, Sir Bors chamou Sir Leonel; Sir Hector de Maris; Sir Blamore de Ganis; Sir Bleoberis de Ganis; Sir Gahalantine; Sir Galihodin; Sir Galihud; Sir

Menaduke; Sir Villiers, o Valente; Sir Hebes le Renoumes; Sir Lavaine; Sir Urre da Hungria; Sir Nerovens e Sir Plenorius. Os dois últimos foram sagrados cavaleiros por Sir Lancelote e um deles foi por ele vencido em uma ponte; assim, pois, jamais se poriam contra ele. Também foram chamados Harry le Fise du Lake; Sir Selises da Torre Dolorosa; Sir Melias de Lile e Sir Bellangere le Beuse, filho de Sir Alisander, o Órfão, e de Alice, a Bela Peregrina, que era parente do Cavaleiro do Lago. Foram ainda convocados a unir-se a ele Sir Palamedes e Sir Safere, seu irmão, e também Sir Clegis; Sir Sadok, Sir Dinas e Sir Clarius de Cleremont. Juntaram-se esses 22 cavaleiros e, depois de armados e montados, prometeram a Sir Lancelote fazer o que ele desejasse. Uniram-se ainda a eles homens de Gales do Norte e da Cornualha, em honra de Sir Lamorak e de Sir Tristão, compondo-se assim um grupo de oitenta cavaleiros.

Meus senhores, disse-lhes Sir Lancelote, sabei que, desde que vim para este país, sempre tive, na medida das minhas possibilidades, a melhor das disposições para com meu senhor o Rei Arthur e minha senhora a Rainha Guinevere. Esta noite, como minha senhora mandou me chamar para falar com ela, suponho que por traição e por uma conjuração, embora não culpe absolutamente sua pessoa, estive muito perto de morrer. Jesus, porém, quis que eu escapasse da vilania e da traição de todos eles. E, então, o nobre cavaleiro Sir Lancelote relatou a todos o perigo que correu no quarto da rainha e como conseguiu escapar. Sabei, pois, acrescentou ele, meus gentis senhores, que estou certo de que a guerra contra mim e contra os meus é agora inevitável e, como matei esta noite Sir Agravaine, irmão de Sir Gawaine, e pelo menos 12 de seus companheiros, estou certo de que tal guerra será mortal, pois tais cavaleiros haviam sido enviados pelo Rei Arthur com ordens para me capturar. Estando assim enfurecido e inflamado, o rei condenará a rainha à fogueira, e não posso consentir que ela seja queimada por minha causa, pois, se eu puder ser ouvido, admitido e aceito, lutarei pela rainha e provarei que ela é uma dama fiel a seu senhor. Temo, porém, que, exaltado como está, o rei não queira me aceitar como tal.



CAPÍTULO VI

Sobre as sugestões e os conselhos propostos a Sir Lancelote por seus amigos para salvar a rainha.

Meu senhor Lancelote, declarou Sir Bors, meu conselho é que aceiteis a desdita com alegria, com paciência e dando graças a Deus por ela. E, já que as coisas aconteceram assim, eu vos aconselho a vos proteger, pois, se o fizerdes, não haverá tropa de cavaleiros cristãos que vos possa fazer mal algum. Também gostaria de vos sugerir, meu senhor Lancelote, que, como cavaleiro, salveis minha senhora, a Rainha Guinevere, que deve estar sofrendo, uma vez que corre perigo por vós, pois se agísseis de outra forma, o mundo inteiro diria coisas vergonhosas a vosso respeito até o fim dos tempos. Havendo sido surpreendido com ela, tenhais agido bem ou mal, agora é vosso dever estar ao seu lado para que ela não morra nem tenha morte desafortunada, pois, se assim fosse, a vergonha seria vossa. Que Jesus me livre de tal injúria, retrucou o Cavaleiro do Lago, e proteja minha senhora a rainha de qualquer malefício, de morte vergonhosa e de ser por mim destruída. Assim sendo, meus gentis senhores parentes e amigos, o que posso fazer? Ao que todos responderam: Faremos o que quiserdes. Eu vos pergunto, prosseguiu Sir Lancelote, se, mal aconselhado, meu senhor Arthur, no estado de espírito em que se encontra, enviasse minha senhora para ser queimada na fogueira amanhã mesmo, qual seria a melhor atitude a tomar? Senhor, disseram todos a uma só voz, a nós nos parece que a salveis como cavaleiro, ainda mais porque, se ela for queimada, o será por vós. E é de se supor que, se conseguissem vos capturar, teríeis o mesmo destino ou outro ainda mais vergonhoso. Portanto, senhor, nossa opinião é que, já que a haveis salvado muitas vezes da morte por querelas alheias, vossa honra exige que a salveis deste perigo em que ela se encontra por vossa causa.

Depois de alguns instantes calado, Sir Lancelote disse: Meus gentis senhores, sabei que eu não gostaria de fazer nada que fosse desonroso para vós ou para as pessoas do meu sangue; e sabei também que não queria que minha senhora a rainha tivesse morte vergonhosa. Mas, se vosso conselho é que eu vá em seu socorro, terei que causar muitos danos antes de conseguir salvá-la, e pode ser que eu dê cabo de alguns de meus melhores amigos, o que lamentaria imensamente. Pode ser também que tenha que ferir gente que, preferindo se pôr contra mim a desobedecer a meu senhor o Rei Arthur, venha me enfrentar. E, se conseguir resgatá-la, onde poderei mantê-la a salvo? Esta é a menor de nossas preocupações, respondeu Sir

Bors. O que fez o nobre cavaleiro Sir Tristão graças a vossa boa disposição? Não manteve consigo a Bela Isolda por cerca de três anos na Guarda Alegre? E se o fez, foi com o auxílio de todos os vossos. Esse lugar vos pertence; por isso, podeis fazer o mesmo se quiserdes e levar para lá a rainha o mais depressa possível, se por acaso o rei a condenar à morte na fogueira. Na Guarda Alegre, podereis mantê-la a salvo por tempo suficiente até que a fúria do rei tenha se abrandado e, então, podereis trazê-la de volta com grande honra. Quem sabe até ele não vos será grato por tê-la devolvido e haja amor e gratidão onde, de outra forma, só haverá inimizade?

É algo bem difícil de fazer, retrucou Sir Lancelote, pois posso me guiar pela experiência de Sir Tristão. Quando, por meio de tratados, ele tirou a Bela Isolda da Guarda Alegre e a levou de volta ao Rei Marcos, sabemos o que aconteceu a seguir: aquele falso traidor o matou de maneira vergonhosa enquanto ele tocava harpa diante de sua senhora a Bela Isolda, cravando-lhe uma lâmina afiada pelas costas e atingindo seu coração. Angustia-me falar de sua morte, pois não se pode encontrar no mundo todo outro cavaleiro como ele. Tudo isso é verdade, assentiu Sir Bors, mas há algo que dá ânimo a vós e a todos nós: sabeis que não se pode comparar o Rei Arthur ao Rei Marcos, pois nunca aconteceu de alguém conseguir provar que nosso soberano fosse desleal a suas promessas. Para abreviar este relato, sabei que todos concordaram que, para o bem ou para o mal, se, pela manhã, a rainha fosse levada para a fogueira, eles não tardariam a ir em seu socorro. E, por sugestão de Sir Lancelote, esconderam-se em um bosque, o mais perto possível de Carlisle, e ficaram ali à espera, aguardando para ver qual seria a atitude do monarca.



CAPÍTULO VII

Como Sir Mordred cavalgou a toda para ir ao encontro do rei e lhe relatar o confronto e a morte de Sir Agravaine e dos outros cavaleiros.

Voltemos agora a Sir Mordred. Assim que escapou do nobre cavaleiro Sir Lancelote, montou em seu cavalo e, gravemente ferido e machucado como estava, todo coberto de sangue, foi procurar o Rei Arthur e lhe contou tudo que havia acontecido e que todos haviam morrido, a não ser ele próprio. Jesus de misericórdia!, exclamou o monarca. Como é possível? Vós o surpreendestes no quarto da rainha? Valha-me Deus, sim!, respondeu Sir Mordred. Nós o encontramos ali, desarmado. Ele matou Sir Colgrevance e vestiu sua armadura. E relatou ao rei todo o ocorrido, do princípio ao fim. Jesus de misericórdia!, repetiu Arthur. É um magnífico cavaleiro em suas proezas. Ai, como lamento que Sir Lancelote esteja contra mim! Agora não tenho dúvida de que a nobre companhia da Távola Redonda se desfez definitivamente, pois muitos cavaleiros valorosos vão estar a seu lado. As coisas aconteceram de tal maneira que, em nome de minha honra, não posso fazer outra coisa a não ser permitir que a rainha seja condenada à morte. Então, nesse estado de espírito, declarou solenemente que a rainha devia ser condenada à morte. Naquela época, a lei determinava que, fosse quem fosse, de qualquer estado ou grau, alguém que fosse julgado culpado de traição seria irremediavelmente morto, e a conduta de tal pessoa ou o fato de ela ser surpreendida em flagrante era motivo para sua inevitável condenação. No caso da Rainha Guinevere, o fato de Sir Mordred ter conseguido escapar gravemente ferido e de 13 cavaleiros da Távola Redonda terem morrido eram provas suficientes para que o Rei Arthur mandasse a esposa para a fogueira.

Meu senhor Arthur, disse então Sir Gawaine, eu vos aconselharia a não agir com excessiva pressa, mas sim que estabelecêsseis um prazo para a condenação de minha senhora a rainha, por diversas razões. A primeira delas é que, embora Sir Lancelote tenha sido encontrado no quarto da rainha, ele pode ter ido até lá sem nenhum mau intento. Pois bem sabeis, Majestade, que nossa soberana é muito ligada a Sir Lancelote, mais do que a qualquer outro cavaleiro, porque, em inúmeras ocasiões, ele lhe salvou a vida e lutou por ela quando toda a corte se havia recusado a fazê-lo. Talvez ela o tenha mandado chamar por bondade, e não por algum motivo escuso, para recompensá-lo pelas boas façanhas por ele realizadas em tempos passados. Talvez ela o tenha chamado com a intenção de que ele fosse ao encontro de sua boa graça de forma privada e secreta, julgando que,

para ela, era melhor que assim fosse, temendo possíveis calúnias e tentando evitá-las. Sabeis que, muitas vezes, fazemos certas coisas achando tratar-se do melhor e tudo se revela justamente o contrário. Ouso dizer, Majestade, que minha senhora vossa rainha é boa e fiel. E, quanto a Sir Lancelote, ouso dizer que ele haverá de enfrentar qualquer cavaleiro vivo que pretenda agir contra ela com vilania ou causar-lhe afronta, e agirá da mesma forma quando se tratar de minha senhora a Rainha Guinevere.

É bem verdade, respondeu o Rei Arthur, mas não quero seguir este caminho com Sir Lancelote, pois ele se fia tanto nas próprias mãos e no próprio poder que não tem medo de ninguém. Portanto, nunca mais lutará por minha rainha, e ela será julgada segundo a lei. Ademais, se eu conseguir capturar Sir Lancelote, sabei que ele receberá uma morte vergonhosa. Que Jesus me livre de presenciar tal fato, disse Sir Gawaine. Por que dizeis isso?, indagou o soberano. Na realidade, não tendes motivo algum para amar Sir Lancelote, uma vez que, ontem à noite, ele matou vosso irmão Sir Agravaine, um ótimo cavaleiro, e quase matou vosso outro irmão, Sir Mordred, além de 13 nobres cavaleiros. E lembrai-vos também, Sir Gawaine, que ele matou dois de vossos filhos, Sir Florence e Sir Lovel. Meu senhor, disse Sir Gawaine, não me esqueci de nada disso, e essas mortes me causam grande pesar. No entanto, eu os alertei dizendo a meus irmãos e a meus filhos o que acabaria por acontecer. Eles, porém, preferiram não seguir meu conselho e, portanto, nada quero ter a ver com o que houve, nem vingarei suas mortes, pois eu lhes avisei que não se pode enfrentar Sir Lancelote. Embora lamente a morte de meus irmãos e de meus filhos, eles foram os causadores de seu próprio fim, já que muitas vezes preveni meu irmão Sir Agravaine, alertando-o para os perigos que agora efetivamente aconteceram.



CAPÍTULO VIII

Como Sir Lancelote e seus parentes salvaram a rainha da fogueira, e como ele matou inúmeros cavaleiros.

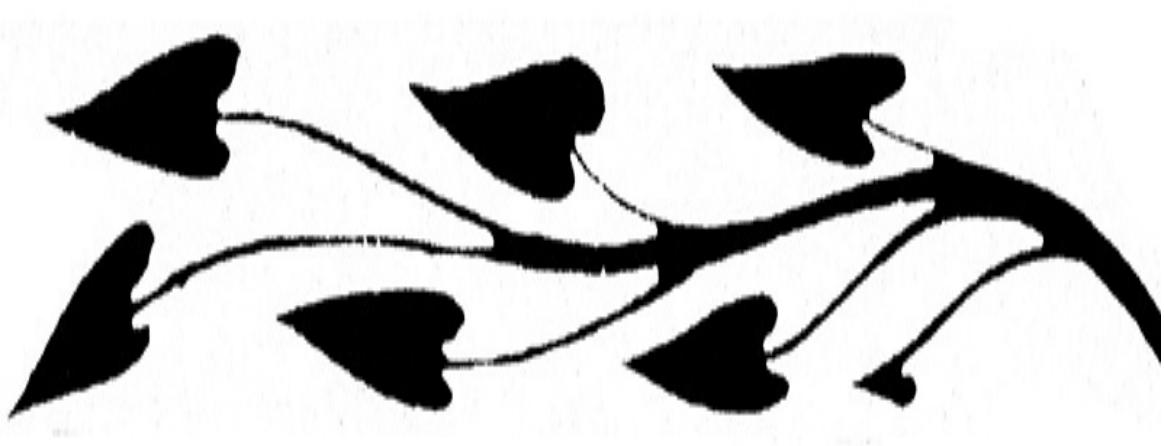
Querido sobrinho, disse então o nobre Rei Arthur a Sir Gawaine, eu vos peço que vos prepareis com vossa melhor armadura, juntamente com vossos irmãos Sir Gaheris e Sir Gareth, para conduzir minha rainha à fogueira, onde ela será julgada e receberá a morte. Não, meu mui nobre senhor, retrucou Sir Gawaine, jamais farei tal coisa, pois sabei que não estarei no lugar onde tão nobre rainha como é minha Lady Guinevere há de ter um fim tão vergonhoso. Sabei que meu coração não resistirá à visão de sua morte, e nunca se poderá dizer que concordei convosco no que se refere a tal condenação.

Então o monarca lhe perguntou: Permiti que vossos irmãos Sir Gaheris e Sir Gareth ali estejam? Majestade, respondeu Sir Gawaine, posso vos adiantar que eles não querem estar ali presentes, em função das muitas aventuras que deverão ocorrer em tal situação. No entanto, são muito jovens e não sabem vos dizer não. Nesse momento, os dois mancebos se manifestaram dizendo: Senhor, podeis nos mandar fazer tal coisa, mas sabei que será contra nossa vontade. Se precisarmos estar presentes obedecendo a vossas ordens expressas, tereis que nos desculpar por estarmos ali em paz e não portarmos nenhum aparato de guerra. Em nome de Deus, retrucou o monarca, ide vos preparar, pois logo há de se realizar o julgamento. Ai, exclamou Sir Gawaine, como lamento ter vivido o bastante para ver chegar um dia tão desventurado! Virou-se, aos prantos, e foi se encerrar em seu quarto. Então, a rainha foi retirada de Carlisle e despojada de todos os seus trajes, ficando apenas com a saia. Em seguida, conduziram-na até seu pai espiritual para que confessasse seus pecados. Houve choro, gemidos e retorcer de mãos por parte de muitos senhores e damas, mas poucos foram aqueles que se dispuseram a envergar uma armadura para apoiar a morte da soberana.

Alguém ficou encarregado de avisar Sir Lancelote para que ele soubesse da hora em que Guinevere receberia a morte e, assim que viu a rainha naquelas condições e já tendo confessado, correu para fazê-lo. A reação foi imediata, com esporear e grande tropel de cavalos, e o grupo não tardou a chegar ao local da fogueira. Todos os que pretenderam enfrentá-los foram mortos, e ninguém conseguiu resistir a Sir Lancelote. Assim, pois, quem portava armas e procurou lhe fazer frente caiu ali mesmo, o que aconteceu com muitos valorosos cavaleiros. Morreram Sir Belliance le Orgulous, Sir Segwarides, Sir Griflet, Sir Brandiles,

Sir Aglovale e Sir Tor. Morreram também Sir Gauter, Sir Gillimer, irmãos de Sir Reynold, além de Sir Damas, Sir Priamos, Sir Kay, o Estrangeiro, Sir Driant, Sir Lambegus, Sir Herminde, Sir Pertilope, Sir Perimones e os dois irmãos que eram conhecidos como Cavaleiro Verde e Cavaleiro Vermelho. No calor daquele confronto, em que golpeava a torto e a direito, Sir Lancelote acabou matando Sir Gaheris e Sir Gareth, o nobre cavaleiro, pois ambos estavam desarmados e desprevenidos. Como diz o livro francês, o Cavaleiro do Lago geriu os dois irmãos no alto do crânio, matando-os ali mesmo no campo. Na verdade, porém, Sir Lancelote não os viu e seus corpos foram encontrados no ponto em que havia mais homens caídos.

Depois de fazer isso, tendo matado ou posto em fuga todos os que a ele tentaram resistir, foi direto aonde estava a Rainha Guinevere e mandou que a cobrissem com uma túnica e um manto. Em seguida, ajudou-a a montar na garupa de seu cavalo e lhe pediu que não desanimasse. Sabei que a rainha se alegrou por escapar da morte e deu graças a Deus e a Sir Lancelote. Juntos, segundo o livro francês, os dois rumaram para a Guarda Alegre, onde Sir Lancelote a manteve a salvo como devia fazer um nobre cavaleiro. Muitos grandes senhores e alguns reis lhe enviaram inúmeros de seus homens, e vários cavaleiros valorosos foram ter com ele. Quando se divulgou publicamente que o Rei Arthur e Sir Lancelote haviam se tornado adversários, muitos cavaleiros se alegraram e muitos outros sentiram imenso pesar.

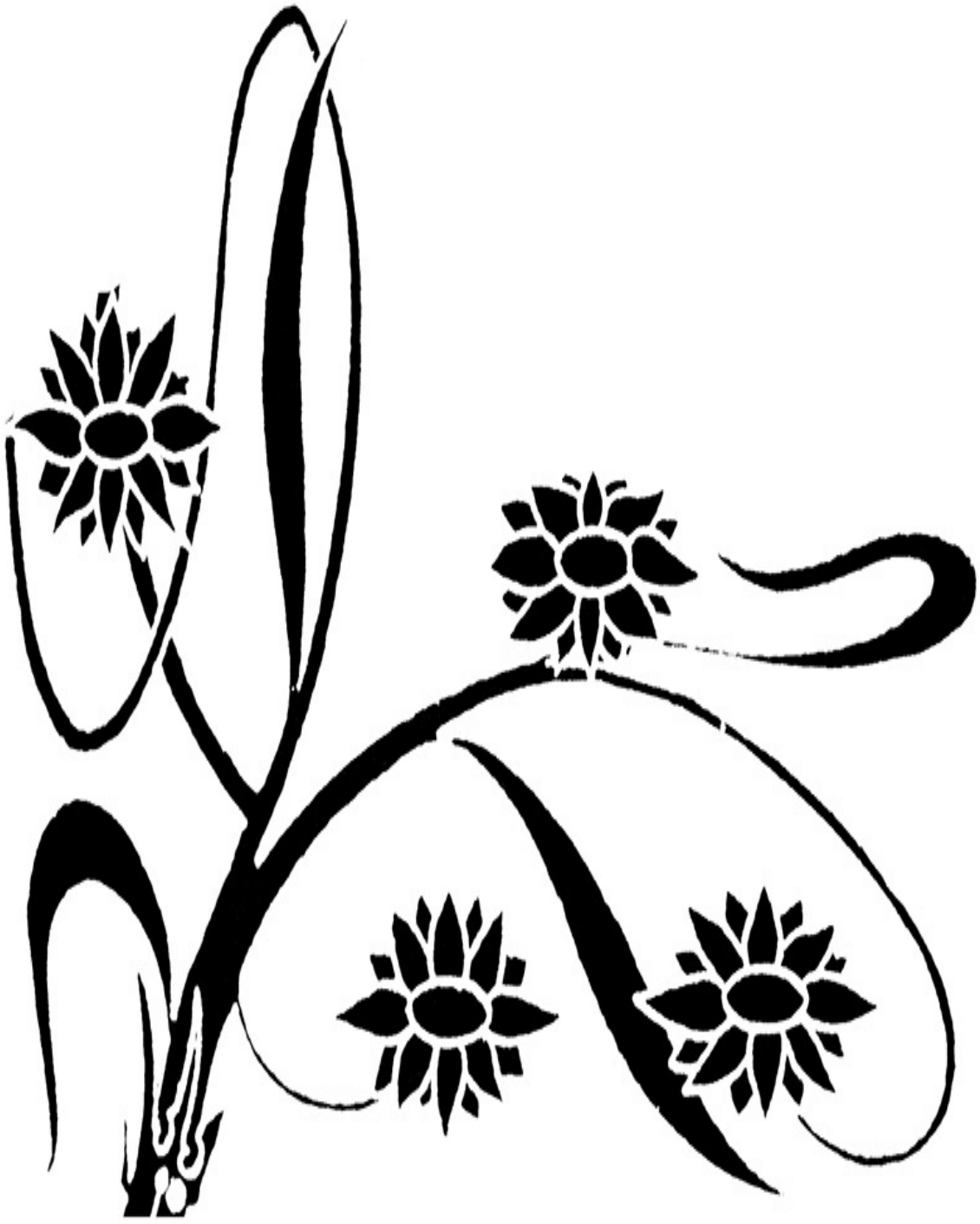


CAPÍTULO IX

Sobre a dor e a tristeza do Rei Arthur pela morte de seus sobrinhos e de outros bons cavaleiros, e também pela rainha, sua esposa.

Voltemos mais uma vez a Arthur. Quando lhe contaram como e de que maneira a rainha havia sido retirada do fogueira; quando tomou conhecimento da morte de seus valorosos cavaleiros e, em particular, a de Sir Gaheris e Sir Gareth, sentiu tamanha dor que caiu desfalecido. Quando voltou a si, disse: Ai, quem dera nunca houvesse portado esta coroa sobre a cabeça! Pois, agora, perdi o mais belo grupo de nobres cavaleiros que jamais rei algum conseguiu reunir em toda a cristandade! Ai, como lamento que meus homens tenham sido mortos e retirados de mim. Nestes últimos dias, perdi quarenta cavaleiros e também a nobre companhia de Sir Lancelote e daqueles de sua linhagem, já que nunca mais conseguirei reuni-los com honra. Ai, como lamento ter sido obrigado a começar esta guerra! Agora, gentis companheiros, acrescentou o monarca, eu vos recomendo que ninguém fale a Sir Gawaine sobre a morte de seus dois irmãos, porque tenho certeza de que, quando ele souber que Sir Gareth foi morto, perderá o juízo. Jesus de misericórdia! Por que ele matou Sir Gareth e Sir Gaheris? Pois ouso dizer que o primeiro deles amava Sir Lancelote acima de todos os homens terrenos. Isso é verdade, disseram alguns cavaleiros, mas eles morreram no calor do combate, quando Sir Lancelote investiu contra um grande grupo de adversários. Como os dois estavam desarmados, Sir Lancelote os feriu sem saber a quem estava atingindo, e, por desventura, ambos morreram. A morte destes dois causará a guerra mais mortal que já se viu, disse Arthur. Garanto que, se Sir Gawaine tiver notícia da morte de Sir Gareth, ele não me dará um minuto de descanso até darmos cabo de Sir Lancelote e dos de seu sangue, ou que ele nos destrua. Por isso, disse ainda o rei, sabei que meu coração nunca esteve tão pesaroso quanto neste momento e que lamento muito mais a perda de meus bons cavaleiros do que a de minha formosa rainha, pois é possível encontrar inúmeras rainhas, mas tal fraternidade de bons cavaleiros jamais voltará a ser reunida em lugar algum. Atrevo-me a dizer que nunca houve um rei cristão que tivesse reunido tal grupo… Ai, como lamento que Sir Lancelote e eu nos encontremos agora em uma disputa assim! Ah, Agravaine, Agravaine, que Jesus perdoe vossa alma, pois foi o rancor que vós e vosso irmão Sir Mordred nutris contra Sir Lancelote o responsável por todo esse sofrimento! Proferindo semelhantes lamentações, o monarca chorava e perdia os sentidos.

Então, alguém foi procurar Sir Gawaine e lhe contou como Sir Lancelote havia levado a rainha consigo e que 24 cavaleiros tinham morrido. Oh, Jesus! Protegei meus irmãos!, exclamou o cavaleiro. Eu bem sabia que Sir Lancelote viria resgatá-la ou morreria tentando. E, verdade seja dita, ele não seria um homem de mérito se não tivesse salvado a rainha no dia de hoje, tanto mais que ela seria queimada por sua causa. Nesse sentido, não fez senão o que qualquer verdadeiro cavaleiro faria. Eu mesmo teria agido assim se me visse em semelhante situação. Mas onde estão meus irmãos? Inquieta-me não ter notícia deles. Na verdade, respondeu o homem que o tinha ido procurar, Sir Gareth e Sir Gaheris morreram. Ah, não, meu Jesus!, exclamou Sir Gawaine. Por nada no mundo queria que eles morressem, em especial meu bom irmão Sir Gareth. Infelizmente, ele está morto, senhor, disse o tal homem. Quem o matou?, perguntou Sir Gawaine. Foi Sir Lancelote que os matou a ambos, senhor. Não posso crer que ele tenha matado meu irmão, disse o cavaleiro, pois ouso dizer que Sir Gareth o amava mais do que a mim, a todos os seus irmãos e ao próprio rei. Também ouso dizer que Sir Lancelote gostaria muito de ter meu irmão a seu lado, contra o rei e todos nós. Portanto, não posso crer que ele o tenha matado. Senhor, insistiu seu interlocutor, ao que se diz, foi ele que o matou.



CAPÍTULO X

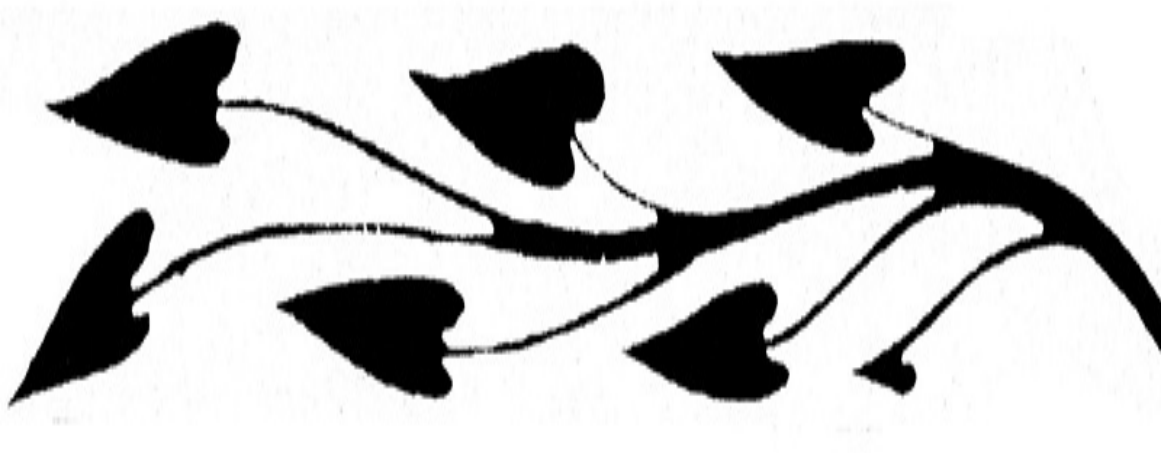
Como o Rei Arthur, a pedido de Sir Gawaine, decidiu entrar em guerra contra Sir Lancelote e sitiou seu castelo, denominado Guarda Alegre.

Ai, lamentou-se Sir Gawaine, agora perdi minha alegria. E caiu sem sentidos, ficando ali no chão por um bom tempo como se estivesse morto. Ao voltar a si, chorou desconsoladamente e muito se lamentou. Depois, correu ao encontro do monarca, sempre chorando e soluçando. Oh, Rei Arthur, meu tio, disse ele, meu bom irmão Sir Gareth foi morto, assim como meu irmão Sir Gaheris, ambos cavaleiros valorosos! Então, o rei também chorou e ambos caíram desfalecidos. Quando se recobraram, Sir Gawaine disse: Majestade, quero ir ver meu irmão Sir Gareth. Não podeis fazê-lo, respondeu o monarca, pois mandei que o sepultassem, como também o fiz com Sir Gaheris, pois sabia que vosso sofrimento seria imenso e que ver Sir Gareth aumentaria ainda mais vosso tormento. Ai, meu senhor!, exclamou Sir Gawaine. Rogo-vos que me digais como meu irmão foi morto. Na verdade, só posso vos dizer o que me disseram, disse o rei: que Sir Lancelote o matou e também a Sir Gaheris. Ai!, lamentou-se o cavaleiro. Mas nenhum dos dois portava armas! Não sei o que aconteceu, comentou Arthur, mas dizem que Sir Lancelote os matou em um ponto em que inúmeros cavaleiros lutavam e que não os reconheceu. Portanto, pensemos em uma forma de vingar sua morte.

Meu rei, meu senhor e meu tio, declarou Sir Gawaine, vou vos fazer uma promessa que hei de manter por minha honra de cavaleiro: deste dia em diante, jamais deixarei de procurar Sir Lancelote até que um de nós mate o outro. Peço-vos, portanto, meu senhor e rei, que vos prepareis para a guerra, pois sabei que hei de me vingar de Sir Lancelote. Por isso, se desejais manter meus serviços e meu amor, encorajai tal disposição e convocai vossos amigos. Pois prometo a Deus, pela morte de meu irmão Sir Gareth, que hei de procurar Sir Lancelote por todos os reinos dos sete reis e vou matá-lo, ou ele a mim. Não será necessário procurar assim tão longe, disse o rei, porque, pelo que me disseram, Sir Lancelote estará nos esperando, a mim e a vós, na Guarda Alegre, e ouso dizer que muita gente a ele se aliou. Não tenho dúvidas a este respeito, retrucou Sir Gawaine, mas, meu senhor, convocai vossos amigos e convocarei os meus. Assim se fará, disse o monarca, e creio que serei forte o bastante para retirá-lo da mais forte das torres de seu castelo.

Então, Arthur enviou cartas e mensagens aos quatro cantos da Inglaterra, convocando todos os seus cavaleiros. Assim, chegaram inúmeros cavaleiros,

duques e condes, formando-se uma grande hoste. Quando todos estavam reunidos, o soberano lhes contou como Sir Lancelote havia raptado sua rainha e, em seguida, todos se prepararam para cercar o castelo da Guarda Alegre, onde ele se encontrava. Ao tomar conhecimento disso, Sir Lancelote se muniu de vários bons cavaleiros, pois muitos haviam se unido a ele, uns por ele mesmo, outros pela rainha. Assim, ambas as partes se viram bem abastecidas e guarnecidas de todo tipo de coisas necessárias a uma guerra. No entanto, o exército do Rei Arthur era tão forte que o Cavaleiro do Lago não quis esperar por eles no campo, já que não tinha intenção de travar uma batalha contra o monarca. Por isso, preferiu recolher-se em seu castelo devidamente preparado com todo tipo de alimentos e de tantos homens valorosos quanto se podiam reunir no vilarejo e na fortificação. Então, chegou o Rei Arthur, acompanhado por Sir Gawaine e uma hoste descomunal que cercou todo o local, tanto o vilarejo quanto o castelo, e ali se travou uma guerra acirrada por ambas as partes. No entanto, por muito tempo, Sir Lancelote não quis sair da Guarda Alegre, nem a cavalo, nem a pé. Tampouco quis que dali saísse nenhum de seus bons cavaleiros até que se passassem 15 semanas.



CAPÍTULO XI

Sobre a troca de palavras entre o Rei Arthur e Sir Lancelote, e como o monarca o censurou.

Certo dia, na época da colheita, Sir Lancelote apareceu no topo da muralha e, em voz alta, dirigiu-se ao Rei Arthur e a Sir Gawaine. Meus senhores, disse ele, bem sabeis que é inútil manter este cerco, pois aqui não ganhareis honra alguma, mas sim inimigos e desonra. Se eu resolvesse sair com meus bons cavaleiros, muito em breve esta guerra teria fim. Saí, se vos atreveis a tanto, retrucou o soberano, e prometo lutar convosco bem no meio do campo. Que Deus me livre e guarde de lutar contra o mui nobre rei que me sagrou cavaleiro, disse Sir Lancelote. Malditas sejam vossas belas palavras!, exclamou Arthur, pois bem sabeis, e podeis ter certeza, que sou vosso inimigo mortal e hei de sê-lo até o dia de minha morte. Matastes meus bons cavaleiros e muitos homens valorosos de meu sangue que nunca poderei reaver. Ademais, deitastes com minha rainha durante muitos invernos e, como traidor que sois, vós a levastes de mim à força.

Meu mui nobre senhor e rei, disse Sir Lancelote, podeis dizer o que quiserdes, pois sabeis que não quero vos enfrentar. Quando dizeis que matei vossos bons cavaleiros, sei que é verdade, coisa que muito lamento, mas vi-me forçado a lutar com eles para salvar minha vida, caso contrário, teria permitido que me matassem. Quanto a minha senhora a Rainha Guinevere, à exceção de vossa pessoa e alteza, não existe cavaleiro sob este céu que se atreva a afirmar que alguma vez fui traidor para convosco. Se quiserdes continuar dizendo que possuí minha senhora vossa rainha durante anos e invernos, posso perfeitamente responder a isto e prová-lo enfrentando qualquer pessoa, a não ser vós mesmo e Sir Gawaine, que a Rainha Guinevere é fiel a vossa pessoa como nenhuma outra sobre a terra o é a seu senhor, e hei de comprová-lo com minhas próprias mãos. No entanto, ela houve por bem me ter em sua graça e estimar-me mais do que a qualquer outro cavaleiro e, no que me foi possível, mereci esse amor, pois, inúmeras vezes, Majestade, consentistes que ela fosse queimada e destruída quando tínheis os ânimos exaltados, e precisei lutar por ela levando seus adversários a confessar sua falsidade e reparando a honra de vossa rainha. Em tais ocasiões, meu senhor Arthur, vós me amastes, me agradecestes por salvá-la da fogueira e prometestes ser sempre meu bom soberano. Agora, porém, creio que me dais deplorável recompensa por meus bons serviços. Além disso, Majestade, julgo que teria perdido boa parte de minha honra de cavaleiro se houvesse permitido

que minha senhora, vossa rainha, fosse queimada na fogueira, tanto mais que isto ocorreria por minha causa. Já que tantas vezes combati por vossa rainha em querelas que não eram minhas, pareceu-me que, com mais razão, devia combater por ela em uma querela justa. Portanto, meu bom e gracioso senhor, recebei vossa rainha em vossa boa graça, pois ela é fiel, verdadeira e boa.

Maldito sejais, cavaleiro falso e covarde!, bradou Sir Gawaine. Sabei que meu senhor e tio, o Rei Arthur, haverá de capturar tanto vós quanto sua rainha a despeito da atitude que assumis. E matará a ambos se assim o desejar. Pode ser, retrucou Sir Lancelote, mas sabei, Sir Gawaine, que se eu quisesse sair deste castelo, teríeis mais dificuldade em capturar a mim e à rainha do que já tivestes nas mais acirradas batalhas. Malditas sejam vossas palavras de soberba!, exclamou o cavaleiro. Quanto a minha senhora, a rainha, jamais pronunciarei palavra injuriosa contra ela. Vós, porém, falso e covarde cavaleiro, que motivo tínheis para matar meu bom irmão Sir Gareth, que vos amava mais do que a toda nossa família? Ai, vós o sagrastes cavaleiro com vossas próprias mãos! Por que matastes aquele que tanto vos amava? De nada valerá desculpar-me, respondeu Sir Lancelote, mas, por Jesus e pela fé que devo à alta ordem da cavalaria, digo-vos que com idêntica disposição teria matado, naquela ocasião, meu sobrinho Sir Bors de Ganis. Mas como lamento ter sido tão desafortunado e não ter visto Sir Gareth e Sir Gaheris!

Estais mentindo, covarde, disse Sir Gawaine. Vós o matastes por rancor contra mim e, portanto, sabei que hei de travar batalha convosco enquanto viver. Lamento muito que assim seja, respondeu Sir Lancelote, pois percebo que não há meios de entrar em qualquer acordo convosco, Sir Gawaine, já que estais em tão sombria disposição. Se não fosse assim, não duvido de que obteria a boa graça de meu senhor Arthur. Tampouco duvido disso, cavaleiro falso e covarde, disse Sir Gawaine, já que por tanto tempo conseguistes enganar a mim e a todos nós, e destruístes muitos de nossos bons cavaleiros. Podeis dizer o que quiserdes, retrucou Sir Lancelote. Nunca, porém, se poderá dizer a meu respeito, e demonstrá-lo sem sombra de dúvidas, que eu tenha matado à traição nenhum bom cavaleiro como já fizestes, meu senhor Gawaine. Jamais agi sem que fosse em defesa própria, nas ocasiões em que me vi forçado a matar para salvar minha vida. Ah, falso cavaleiro!, exclamou Sir Gawaine, se estais falando de Sir Lamorak, bem sabeis que não o matei. Não o matastes sozinho, disse Sir Lancelote, pois seria quase impossível fazê-lo, uma vez que ele era um dos melhores cavaleiros cristãos de sua idade, e sua morte foi uma grande lástima.

CAPÍTULO XII

Como os primos e outros parentes de Sir Lancelote o instigaram a enfrentar aquela batalha, e como se prepararam para fazê-lo.

Pois bem, disse Sir Gawaine, já que me censurais pela morte de Sir Lamorak, sabei que não vos deixarei em paz até me ver em tal vantagem que não podereis escapar de minhas mãos. Não duvido absolutamente que, se conseguirdes me capturar, pouca misericórdia hei de encontrar em vós, retrucou Sir Lancelote. Mas, como diz o livro francês, o nobre Rei Arthur decidiu acolher sua rainha novamente e entrar em acordo com o Cavaleiro do Lago. No entanto, Sir Gawaine se recusou terminantemente a aceitar tal decisão. Então, fez com que muitos homens insultassem Sir Lancelote e, juntos, todos o chamaram de cavaleiro falso e covarde.

Quando Sir Bors de Ganis, Sir Hector de Maris e Sir Leonel ouviram aquele clamor, chamaram Sir Palamedes, seu irmão Sir Safere e Sir Lavaine, além de muitos outros de sua família, e foram ao encontro de Sir Lancelote. Meu senhor, disseram eles, sabei que desprezamos profundamente as censuras que ouvimos Sir Gawaine vos fazer. Por isso, nós vos rogamos encarecidamente que, se quereis ter nossos serviços, não nos conserveis por mais tempo dentro destes muros. Sabeis perfeitamente que desejamos ir a campo para enfrentá-los, mas vos portais feito um homem amedrontado e vosso belo discurso de nada haverá de servir. Sir Gawaine não permitirá que façais as pazes com o Rei Arthur e, portanto, lutai por vossa vida e vosso direito, se vos atreveis a fazê-lo. Ai, lamentou-se Sir Lancelote, sou contrário à ideia de sair deste castelo para travar batalha com eles.

Então, em voz alta, disse ao Rei Arthur e a Sir Gawaine: Meus senhores, eu vos peço e suplico, uma vez que estou sendo instado e conjurado a entrar em campo, que nenhum dos dois, nem meu senhor Arthur, nem vós, Sir Gawaine, faça o mesmo. O que faremos então?, perguntou o cavaleiro. Não é dever do rei lutar convosco? E é meu dever fazê-lo, Sir Lancelote, pela morte de meu irmão Sir Gareth. Então, não me resta alternativa a não ser lutar, declarou o Cavaleiro do Lago. Mas sabei, meu senhor Arthur e Sir Gawaine, que havereis de lamentar quando eu vos enfrentar.

Assim, pois, os dois grupos se afastaram e cada um deles se preparou para os combates que seriam travados pela manhã, com grande aparato de ambas as partes. Então, Sir Gawaine determinou que muitos cavaleiros ficassem à espreita para derrubar Sir Lancelote e matá-lo. Pela manhã, na hora tércia, o Rei Arthur já

estava em campo, devidamente preparado, com três grandes hostes. Nesse momento, o grupo de Sir Lancelote saiu por três portões, todos muito bem guarnecidos. Sir Leonel ia na linha de frente, Sir Lancelote, no centro, e Sir Bors saiu pelo terceiro portão. Seguiram assim, de forma ordenada e regrada, como mui nobres cavaleiros que eram, e Sir Lancelote não parava de recomendar a todos os seus homens que poupassem o Rei Arthur e Sir Gawaine de qualquer maneira.



CAPÍTULO XIII

Como Sir Gawaine enfrentou e derrubou Sir Leonel, e como Sir Lancelote ajudou o Rei Arthur a montar novamente.

Em dado momento, Sir Gawaine se afastou do exército real, adiantou-se e se ofereceu para justar. Sir Leonel, que era um bravo cavaleiro, logo se dispôs a enfrentá-lo. Então, Sir Gawaine lhe traspassou o corpo, atirando-o no chão como morto, e Sir Hector de Maris, com ajuda de um companheiro, o levou para o castelo. Esse foi o início de um grande combate que deixou muitos mortos. Sir Lancelote estava sempre fazendo o possível para salvar homens da hoste do rei, pois Sir Palamedes, Sir Bors e Sir Safere, que eram cavaleiros mortais, derrubavam inúmeros adversários. O mesmo acontecia com Sir Blamore de Ganis, Sir Bleoberis de Ganis e Sir Bellangere le Beuse: estes seis cavaleiros iam causando muitos estragos. Enquanto isso, o Rei Arthur seguia investindo contra Sir Lancelote para matá-lo, mas o Cavaleiro do Lago limitava-se a aparar tais golpes, sem desejar revidá-los. Sir Bors, porém, foi ao encontro do monarca, derrubou-o com a lança, apeou-se, sacou da espada e perguntou a Sir Lancelote: Posso pôr um fim a esta guerra? O que significava matar Arthur. Não vos atreveis a tocá-lo mais, respondeu seu tio, sob pena de perderdes a cabeça, pois não quero ver morto nem injuriado o mui nobre rei que me sagrou cavaleiro. Ao dizer isso, desmontou, levantou o soberano e o ajudou a montar novamente. Meu senhor Arthur, disse-lhe então, pelo amor de Deus, cessai estes combates, pois não ganharíeis honra alguma se eu deixasse de me conter. Estou sempre poupando Vossa Majestade, e nem vós nem nenhum de vossos homens faz o mesmo com relação a mim, meu senhor. Lembrai-vos de que muito fiz, em diversos lugares, e, agora, esta é a paga que recebo.

Já montado, o Rei Arthur fitou Sir Lancelote e as lágrimas lhe escorriam dos olhos, pois ele pensava na grande cortesia que havia naquele cavaleiro, mais do que em qualquer outro homem. Em seguida, sem conseguir fitá-lo mais, o monarca seguiu seu caminho dizendo: Ai, como lamento que esta guerra tenha começado! Nesse momento, ambos os exércitos recuaram para descansar, enterrar seus mortos e cuidar de seus feridos. Assim passaram toda a noite até o amanhecer, quando, na hora tércia, retomaram os preparativos para os combates.

Sir Bors assumiu a dianteira; por seu turno, Sir Gawaine surgiu, feroz feito um javali, empunhando uma grossa lança. Assim que o viu, Sir Bors decidiu vingar seu irmão Sir Leonel do mal que Sir Gawaine lhe tinha causado na véspera. Ao

reconhecer-se, os dois enristaram suas lanças e, usando toda sua força, bem como a de seus cavalos, investiram um contra o outro, traspassaram-se mutuamente e caíram por terra. Então, seguiram-se muitos combates e houve grande mortandade de ambos os lados. Sir Lancelote tratou de resgatar Sir Bors e o mandou para o castelo. Nem ele nem Sir Gawaine morreram desses ferimentos, pois foram inteiramente curados. Nesse momento, Sir Lavaine e Sir Urre pediram a Sir Lancelote que se empenhasse mais na luta, como eles faziam. Pois vemos que estais poupando gente e evitando confrontos, o que muito nos prejudica. Portanto, nós vos rogamos que não poupeis vossos inimigos como eles não vos têm poupado. Ai, lamentou-se o cavaleiro, não tenho nenhuma disposição para lutar contra meu senhor, o Rei Arthur, pois parece-me algo que não devo fazer. Meu senhor, disse Sir Palamedes, embora estejais poupando a todos hoje, eles nunca vos agradecerão por isso, e, se conseguirem obter alguma vantagem sobre vós, sereis um homem morto. Então, Sir Lancelote compreendeu que eles diziam a verdade e passou a se empenhar mais do que antes, tanto mais que seu sobrinho Sir Bors havia sido gravemente ferido. Pouco depois, por volta da hora de vésperas, Sir Lancelote e seu exército estavam em posição mais vantajosa, pois seus cavalos andavam com sangue acima dos cascos de tantos mortos que havia ali. Compadecido, ele conteve seus homens, permitindo que a hoste de Arthur recuasse. Em seguida, seu próprio exército voltou ao castelo e ambos os grupos enterraram seus mortos e trataram de seus feridos.

Ao verem Sir Gawaine ferido, os homens do Rei Arthur se mostraram menos arrogantes do que antes. Os rumores desta grande guerra se espalharam por toda a cristandade até que, por fim, chegaram aos ouvidos do Papa. Levando em consideração a grande bondade do Rei Arthur e de Sir Lancelote, que eram tidos como os mais nobres cavaleiros do mundo, o pontífice mandou chamar um nobre clérigo que estava ali presente naquela ocasião e que, segundo o livro francês, era o bispo de Rochester. Entregou-lhe bulas chumbadas para o monarca da Inglaterra determinando que, sob pena de interdição de todo o seu reino, ele acolhesse novamente a Rainha Guinevere e restabelecesse a paz com Sir Lancelote.

CAPÍTULO XIV

Como o Papa enviou bulas para restabelecer a paz, e como Sir Lancelote levou a rainha à presença do Rei Arthur.

Assim, pois, quando aquele bispo chegou a Carlisle, mostrou as bulas ao monarca, e este, ao lê-las, não soube o que fazer. Desejava muito fazer as pazes com Sir Lancelote, mas Sir Gawaine se recusou a permitir que isso acontecesse. Quanto a receber a rainha, ele concordou sem hesitação. Mas Sir Gawaine não quis deixar em hipótese alguma que o rei estabelecesse a paz com o Cavaleiro do Lago, embora tenha aceitado a volta da rainha. Então, o bispo recebeu do soberano seu selo real e sua garantia, como rei verdadeiro e ungido, de que Sir Lancelote chegaria e partiria a salvo e que nem o rei nem qualquer outra pessoa traria à baila alguma coisa feita no passado diante da rainha. O bispo se foi, levando consigo todas essas garantias por escrito para mostrá-las a Sir Lancelote.

Ao chegar à Guarda Alegre, mostrou ao cavaleiro o que o Papa havia escrito para Arthur e para ele, e lhe falou dos perigos que corria mantendo consigo a soberana. Nunca pretendi reter aqui a rainha de meu senhor Arthur, retrucou Sir Lancelote, mas, já que ela ia morrer por minha causa, julguei que era meu dever salvar sua vida e afastá-la daquele perigo até que a situação fosse mais propícia. Agora, agradeço a Deus que o Papa tenha imposto a paz, pois Deus sabe que hei de me sentir mil vezes mais satisfeito por devolvê-la do que fiquei ao tirá-la de lá. Mas farei isso com uma condição: quero ter a certeza de poder ir e voltar a salvo, e de que a rainha terá a mesma liberdade que tinha antes e que nunca, por qualquer motivo que se tenha imaginado anteriormente, venha a correr perigo algum a partir de hoje. Caso contrário, atrevo-me a afirmar que hei de protegê-la da mais forte tormenta que jamais lhe tenha sobrevindo. Quanto a isso, nada tendes a temer, disse o bispo. Sabei que todos devem obediência ao Papa e não seria honroso, nem para Sua Santidade nem para minha pobre honestidade, saber que vós ou a rainha estais padecendo, correndo qualquer perigo e sofrendo qualquer afronta. Mostrou então a Sir Lancelote todos os escritos que trazia, tanto os do Papa quanto os do Rei Arthur. Tais garantias me bastam, disse o Cavaleiro do Lago, pois não hesito em confiar no escrito e no selo de meu senhor, que jamais faltou com suas promessas. Portanto, acrescentou ele, ide à presença do rei, recomendai-me a sua boa graça e transmita-lhe a notícia de que, daqui a oito dias, com a graça de Deus, eu mesmo levarei até ele minha senhora, a Rainha Guinevere. Dizei ainda a meu mui venerado soberano que darei o mais completo depoimento em favor da rainha

e que não haverei de excetuar quem quer que seja, por qualquer temor ou medo, a não ser o próprio rei e meu senhor Sir Gawaine, e isto mais por amor ao rei do que por ele próprio.

O bispo partiu, foi ao encontro de Arthur, que estava em Carlisle, e lhe transmitiu a resposta que Sir Lancelote lhe dera. Ao ouvir isso, brotaram lágrimas nos olhos do monarca. Para cumprir o prometido, Sir Lancelote convocou cem cavaleiros, todos vestidos de veludo verde, montados em cavalos cobertos com mantas que lhes chegavam aos calcanhares, e cada um deles portava na mão um ramo de oliveira em sinal de paz. A rainha levava consigo 24 damas que a acompanhavam da mesma maneira. Atrás de Sir Lancelote, iam dois corcéis; montado em cada um deles, um gentil-homem mancebo. Todos trajavam veludo verde, com correntes de ouro na cintura, e os animais estavam cobertos por mantas do mesmo tecido que lhes batiam nos calcanhares e que tinham mil prendedores com gemas e pérolas engastadas em ouro. Já a rainha e Sir Lancelote estavam vestidos de branco com fios de ouro, e, como relata o livro francês, o grupo cavalgou levando Guinevere da Guarda Alegre até Carlisle. Sir Lancelote percorreu toda a cidade e também o castelo, para que todos pudessem vê-lo, e sabei que houve ali muitos olhos que choraram. Então, o cavaleiro se apeou, pegou a rainha e a levou à presença do Rei Arthur, que estava em seu trono, tendo Sir Gawaine sentado à sua frente juntamente com vários outros grandes senhores. Ao ver o monarca e Sir Gawaine, o Cavaleiro do Lago pegou a soberana pelo braço e se ajoelhou, no que foi acompanhado pela rainha. Sabei que, nessa hora, muitos cavaleiros audaciosos choraram ternamente, como se estivessem vendo à sua frente toda a sua linhagem. O rei permaneceu calado, sem dizer uma só palavra, e, quando Sir Lancelote viu a expressão de seu rosto, levantou-se, ajudou a rainha a fazer o mesmo e falou, como verdadeiro cavaleiro que era.

CAPÍTULO XV

Sobre a entrega da rainha ao rei por Sir Lancelote, e em que termos Sir Gawaine se dirigiu a ele.

Meu mui venerado soberano, deveis compreender que, por determinação do Papa e vossa, trago à vossa presença minha senhora, a rainha, como me foi solicitado. Se houver algum cavaleiro, seja ele de que nível for, à exceção de Vossa Majestade, que quiser ou se atrever a dizer que ela não é honesta e pura para convosco, eu mesmo, Sir Lancelote do Lago, provarei sobre o corpo de tal pessoa que ela é fiel a vós. No entanto, haveis dado ouvidos a falsários, o que provocou um confronto entre nós dois. Mas houve um tempo, meu senhor Arthur, em que muito me favorecestes nas ocasiões em que eu lutava por minha senhora, vossa rainha, e bem sabeis, meu nobilíssimo rei, que ela já sofreu grandes injustiças antes de agora. Portanto, como vos agradou tantas vezes que eu lutasse por ela, a mim me parece, meu senhor, que eu tinha ainda mais motivos para salvá-la da fogueira quando ela ia ser queimada por minha causa. Aqueles que vos contaram aquelas histórias eram mentirosos, o que foi demonstrado por sua derrota, pois, se o poder de Deus não estivesse comigo, eu decerto não conseguiria fazer frente a 14 cavaleiros, armados e preparados de antemão, uma vez que eu estava desarmado e fui apanhado de surpresa. Não sei por que motivo fui chamado por minha senhora vossa rainha, no entanto, mal passei pela porta de seu quarto, Sir Agravaine e Sir Mordred começaram a me chamar de cavaleiro covarde e traidor. E fizeram-no com toda razão, atalhou Sir Gawaine. Meu senhor Gawaine, retrucou Sir Lancelote, nesta querela, ficou provado que eles não tinham razão. Bem, bem, Sir Lancelote, interveio o monarca, não vos dei motivo para fazer o que fizestes comigo, pois sempre honrei a vós mesmo e aos vossos mais do que a qualquer outro de meus cavaleiros.

Meu bom senhor, disse o Cavaleiro do Lago, não vos irriteis. Lembrai-vos que eu mesmo e os meus com frequência vos prestamos melhores serviços do que qualquer outro de vossos cavaleiros, em muitas e diversas ocasiões. Quando vos vistes em grande perigo, muitas vezes vos salvei e, na medida de minhas possibilidades, sempre me alegrou poder vos agradar, como também a meu senhor Gawaine. Em justas, torneios ou batalhas, a cavalo ou a pé, muitas vezes vos salvei, bem como a Sir Gawaine e a tantos outros de vossos cavaleiros, em várias e diversas ocasiões. Agora, porém, desejo me vangloriar fazendo saber a todos que jamais encontrei nenhum tipo de cavaleiro diante de quem eu não tenha saído

vencedor tendo dado meu melhor, graças a Deus, embora tenha sido igualado por bons cavaleiros como Sir Tristão e Sir Lamorak, por quem sempre tive grande respeito em consideração a quem eles eram. Deus é testemunha de que jamais me aborreci ou me entristeci diante de um bom cavaleiro que vi esforçar-se por obter mérito, e sempre me alegrei por encontrar algum cavaleiro capaz de resistir a mim, fosse a pé ou a cavalo. Sir Carados da Torre Dolorosa foi um cavaleiro muito valoroso e homem bastante forte, como bem sabeis, meu senhor Sir Gawaine. Podia ter sido chamado de nobre cavaleiro quando, usando a força, vos arrancou da sela e vos amarrou à sua frente, atravessado no arção de sua própria sela. Mas eu vos salvei, Sir Gawaine, e o matei diante de vossos olhos. Também encontrei seu irmão, Sir Turquin, levando da mesma forma Sir Gaheris, vosso irmão, amarrado à sua frente, e, naquela ocasião, salvei vosso irmão e matei o tal Turquin, além de libertar de suas masmorras 64 cavaleiros de meu senhor Arthur. Agora, ouso dizer que jamais enfrentei cavaleiros tão fortes e tão bons em combate como foram Sir Carados e Sir Turquin, pois precisei dar tudo de mim para lutar com eles. Portanto, acrescentou Sir Lancelote, dirigindo-se a Sir Gawaine, a mim me parece que deveríeis vos lembrar disso, pois, se eu conseguisse angariar vossa boa vontade, tenho fé em Deus que obteria a boa graça de meu senhor Arthur.

CAPÍTULO XVI

Sobre o entrevero bem acalorado entre Sir Gawaine e Sir Lancelote.

O rei pode fazer o que quiser, disse Sir Gawaine, mas sabei, Lancelote, que vós e eu jamais faremos as pazes enquanto vivermos, pois matastes meus três irmãos e dois deles de forma traiçoeira e infeliz, já que eles não portavam armas contra vós e não quiseram fazê-lo. Quisera Deus que eles estivessem armados, retrucou Sir Lancelote, pois agora estariam vivos. Garanto-vos, Sir Gawaine, que não amei nenhum de meus parentes como amava Sir Gareth, e, enquanto eu viver, chorarei sua morte não apenas pelo grande temor que tenho de vós, mas por inúmeros outros motivos que tanta angústia me causam. Um deles é que fui eu que o sagrei cavaleiro; em segundo lugar, porque sei perfeitamente que ele me amava mais do que a qualquer outro cavaleiro; em terceiro lugar, porque ele era muito nobre, honesto, cortês, gentil e tinha ótima índole; e, finalmente, porque, assim que me falaram da morte de Sir Gareth, soube que nunca mais teria vosso amor, mas que, pelo contrário, haveria uma eterna guerra entre nós dois, e soube também que faríeis com que meu nobre senhor Arthur se tornasse para sempre meu inimigo mortal. Que Jesus me ajude!, acrescentou ele, não matei nem Sir Gareth nem Sir Gaheris por vontade própria, mas, para meu infortúnio, os dois estavam desarmados naquele dia desventurado. Portanto, eis a proposta que vos faço, prosseguiu Sir Lancelote, se isso puder comprazer à boa graça do rei e também a vós, meu senhor Gawaine: começarei por Sandwich e, descalço e vestido apenas com uma túnica, sairei caminhando. A cada dez milhas, mandarei erguer um local religioso, da ordem que escolherdes, com um convento inteiro onde se possa cantar e rezar, dia e noite, especialmente por Sir Gareth e Sir Gaheris. De Sandwich, virei até Carlisle, e cada um desses locais receberá o suficiente para se manter. Farei isso enquanto possuir bens na cristandade e vos prometo que nenhum desses conventos deixará de ser protegido e abastecido com tudo que um local santo deve ter. Creio que isso é mais leal, mais santo e melhor para suas almas do que qualquer guerra que vós, meu mui nobre rei, ou vós, Sir Gawaine, possais travar contra mim, já que este último caso não haverá de vos trazer benefício algum.

Ao ouvir isso, todos os cavaleiros e damas ali presentes choraram como se houvessem perdido o juízo, e as lágrimas rolavam pela face do monarca. Sir Lancelote, disse Sir Gawaine, ouvi perfeitamente vosso discurso e vossas grandes ofertas. Sabei, porém, que, embora permitindo que o rei faça o que lhe aprouver,

jamais vos perdoarei pela morte de meus irmãos, especialmente a de Sir Gareth. Se meu tio, o Rei Arthur, quiser restabelecer a paz convosco, perderá meus serviços, pois bem sei que sois falso para com ele e para comigo. Senhor, respondeu Lancelote, não há ninguém neste mundo que possa resolver tal impasse e, se vós, Sir Gawaine, quereis me imputar algo assim tão grave, havereis de me perdoar, mas terei necessariamente que responder a isso. Não, disse Sir Gawaine, não podemos fazê-lo por ora, já que o Papa ordenou que meu tio, o rei, recebesse a rainha de volta e fizesse as pazes convosco, Sir Lancelote. Por este motivo, voltareis a salvo como viestes. Mas não devereis estar nesta terra daqui a 15 dias, pois este é o prazo que estabeleço, como meu tio e eu concordamos antes de vossa vinda. Caso contrário, bem sabeis que vossa viagem até aqui vos teria custado caro. Se não fosse pela ordem do Papa, eu mesmo haveria de vos enfrentar corpo a corpo para provar que fostes falso para com meu tio, o Rei Arthur, e para comigo, coisa que ainda provarei sobre vosso corpo onde quer que vos encontreis depois de terdes partido deste lugar.

CAPÍTULO XVII

Como Sir Lancelote se despediu do rei e deixou o castelo da Guarda Alegre, dirigindo-se para além-mar, e que cavaleiros o seguiram.

Ao ouvir isso, Sir Lancelote suspirou e, com as lágrimas lhe rolando pelo rosto, disse: Ai, mui nobre reino cristão que amei mais do que a qualquer outro. Aqui conquistei grande parte de minha honra e, agora, devo partir desta maneira! Em verdade, muito lamento ter vindo a este reino para ser assim vergonhosamente desterrado sem o merecer e sem motivo. Mas a fortuna é tão mutável e a roda gira tanto que nada permanece constante, o que pode ser comprovado por inúmeras velhas crônicas como as do nobre Heitor, de Troilo, de Alexandre, o poderoso conquistador, e de tantos outros: quanto mais elevada era sua realeza, maior a queda que tiveram. O mesmo acontece comigo, prosseguiu Sir Lancelote, pois, neste reino, tive honra; por mim e meus companheiros da Távola Redonda, mais plena foi a honra angariada por mim e pelos de meu sangue do que por outro qualquer. Sabei, pois, Sir Gawaine, que posso viver em minhas terras tão bem quanto qualquer dos cavaleiros aqui presentes, e se vós, mui venerado rei, quiserdes vir a minhas terras com Sir Gawaine para guerrear, hei de resistir como puder. Quanto a vós, meu senhor Gawaine, se fordes até lá, rogo-vos que não me acuseis de perfídia ou traição, pois, se o fizerdes, haverei de vos responder. Fazei o melhor que puderdes, retrucou Sir Gawaine, mas tratai de ir embora o mais depressa possível, sabendo que logo haveremos de ir ao vosso encalço e, por vossa cabeça, destruiremos o castelo mais forte que possuirdes. Não será necessário, disse Sir Lancelote, porque, se eu estivesse tão orgulhosamente determinado quanto estais, sabei que vos enfrentaria em campo aberto. Basta de tantos discursos!, exclamou Sir Gawaine. Entregai a rainha e deixai esta corte imediatamente! Bem, disse Sir Lancelote, se houvesse imaginado semelhante desfecho, teria pensado duas vezes antes de vir até aqui, pois, se a rainha me fosse tão cara quanto afirmais, teria me atrevido a protegê-la dos melhores cavaleiros da terra.

Voltando-se então para Guinevere, diante do rei e de todos, disse: Senhora, agora devo separar-me de vós e desta nobre companhia para sempre, e, já que é assim, suplico-vos que rogueis por mim e faleis bem de mim. Se porventura vierdes a vos encontrar em perigo por alguma falsa língua, minha senhora, não tardeis a me enviar uma mensagem, pois, se as mãos de um cavaleiro haverão de vos salvar, estas serão as minhas. Ao dizer isso, beijou a rainha e acrescentou, em

alto e bom som: Agora, vejamos quem neste lugar ousa dizer que a rainha não é fiel a meu senhor Arthur. Vejamos quem deseja falar e se atreve a fazê-lo. Em seguida, levou a soberana até o rei, pediu licença e se foi. E não houve rei, duque, conde, barão ou cavaleiro, nem dama ou donzela que não chorasse como alguém que tivesse perdido o juízo, a não ser Sir Gawaine. Quando o nobre Sir Lancelote pegou seu cavalo para deixar Carlisle, houve pranto e soluços de pura lamentação por sua partida. Ele rumou para a Guarda Alegre, que, depois disso, denominou Guarda Dolorosa.

Assim, Sir Lancelote deixou a corte para sempre e, quando chegou a seu castelo, chamou sua companhia, perguntando-lhes o que pretendiam fazer. Em uníssono, todos disseram que fariam o que ele quisesse. Meus gentis companheiros, disse o Cavaleiro do Lago, devo deixar este nobilíssimo reino e muito me aflige ter que partir agora, porque devo fazê-lo sem qualquer honra: homem algum jamais foi desterrado de um reino com honra. É isso que lamento, pois temo que, terminados meus dias, os homens escrevam que fui banido destas terras. Não fosse assim, meus gentis senhores, podeis ter certeza de que, se não temêssemos a vergonha, minha senhora a Rainha Guinevere e eu nunca teríamos nos separado.

Então, muitos cavaleiros valorosos, como Sir Palamedes, Sir Safere, seu irmão, Sir Bellangere le Beuse, Sir Urre, Sir Lavaine e muitos outros se manifestaram. Senhor, se estiverdes disposto a permanecer nesta terra, jamais vos abandonaremos, e se decidirdes ir embora deste lugar, nenhum dos bons cavaleiros que aqui estão haverá de vos deixar, por diversos motivos. Em primeiro lugar porque todos nós, que somos de vosso sangue, nunca seremos bem recebidos na corte. E, já que participamos de vossa dor e vosso sofrimento neste reino, sabei que, mesmo assim, é de nosso agrado ir convosco para outros países e, lá, permanecer a vosso lado. Meus gentis senhores, disse Sir Lancelote, compreendo perfeitamente, e vos agradeço na medida de minhas possibilidades. Sabei que dividirei todos os meus bens entre vós, da seguinte maneira: minha renda e minhas terras serão divididas convosco e eu mesmo ficarei com igual parte, pois, desde que tenha o suficiente para me manter, não pedirei nada de especial. Tenho fé em Deus de que serei capaz de vos sustentar com minhas terras como cavaleiro algum jamais foi sustentado. Então, todos os presentes falaram a uma só voz: Que a vergonha recaia sobre quem vos quiser deixar. Todos sabemos que, neste reino, não haverá mais sossego e sim perpétuas lutas e contendas, agora que a companhia da Távola Redonda está desfeita, pois era ela que dava apoio ao Rei Arthur. Graças a sua nobreza, o monarca e todo seu reino viviam em paz e sossego e, em boa parte, acrescentaram eles, isso se devia a vosso valor.

CAPÍTULO XVIII

Como Sir Lancelote cruzou o mar e como fez dos cavaleiros que o seguiram grandes senhores.

Em verdade, disse Sir Lancelote, agradeço a todos por vossas amáveis palavras. No entanto, sei que não era o único responsável pela estabilidade deste reino, mas, na medida de minhas possibilidades, cumpri meu dever e bem certo estou de ter conhecido, durante a vida, muitas rebeliões que por mim foram apaziguadas. Creio que, dentro em breve, ouviremos falar delas, o que lamento muitíssimo, pois tenho medo de que Sir Mordred queira promover a discórdia, uma vez que é bastante invejoso e dado a criar problemas. Todos concordaram em acompanhar Sir Lancelote e, para abreviar esta narrativa, trataram dos preparativos e pagaram a todos que assim o pedissem. Partiram com o Cavaleiro do Lago cerca de cem cavaleiros que prometeram jamais deixá-lo, fosse na alegria, fosse na desdita.

Embarcaram em Cardiff e rumaram para Benwick, que alguns chamam de Bayonne, outros de Beaune, a região de onde vem o vinho de Beaune. Mas, para dizer a verdade, Sir Lancelote e seus sobrinhos eram senhores de toda a França e de todas as terras a ela pertencentes: ele e seus parentes tinham direito a tudo isso por nobre proeza do Cavaleiro do Lago. Lá chegando, Sir Lancelote tratou de abastecer, apetrechar e guarnecer todas as suas nobres vilas e todos os seus castelos, e o povo inteiro desses lugares lhe rendeu obediência. Já estabelecido em todos esses países, não tardou a convocar um parlamento que coroou Sir Leonel rei da França. Sir Bors foi coroado rei de todas as terras do Rei Claudas, e Sir Hector de Maris, seu irmão mais novo, foi coroado rei de Benwick e de toda a Guienne, que era a própria terra de Sir Lancelote. E fez de Sir Hector príncipe de todas elas.

Assim foram divididas suas posses e distribuídas entre seus nobres cavaleiros, a começar pelos que eram de seu sangue, a saber: Sir Blamore tornou-se duque do Limousin, na Guienne; Sir Bleoberis tornou-se duque de Poitiers; Sir Gahalantine, duque de Querne; Sir Galihodin, duque de Saintonge; Sir Galihud, conde do Périgord; Sir Menaduke, conde de Roerge; Sir Villiars le Valiant, conde de Béarn; Sir Hebes le Renoumes tornou-se conde de Comminges; Sir Lavaine, conde de Armagnac; Sir Urre, conde de Estrake; Sir Nerovens, conde de Pardiak; Sir Plenorius, conde de Foix; Sir Selises da Torre Dolorosa, conde de Masauke; Sir Melias de Lile, conde de Tursauk; Sir Bellangere le Beuse, conde de Landes; Sir Palamedes, duque de Provence; Sir Safere, duque de Languedoc; Sir Clegis

recebeu o condado de Agen; Sir Sadok, o de Surlat; Sir Dinas, o Senescal, tornou-se duque de Anjou, e, Sir Clarrus, duque da Normandia. Assim Sir Lancelote recompensou seus nobres cavaleiros e tantos outros que, para nomeá-los a todos, seria necessário nos estendermos em demasia.

CAPÍTULO XIX

Como o Rei Arthur e Sir Gawaine armaram um grande exército para cruzar o mar e travar uma guerra contra Sir Lancelote.

Deixemos Sir Lancelote em suas terras, junto com seus nobres cavaleiros, e voltemos ao Rei Arthur e a Sir Gawaine, que armaram uma grande hoste, contando com sessenta mil homens, e prepararam todos os apetrechos de navegação para cruzar o mar, embarcando em Cardiff. Nesse local, o Rei Arthur nomeou Sir Mordred governador-mor de toda a Inglaterra, pondo inclusive a Rainha Guinevere sob suas ordens, pois, sendo Sir Mordred filho do monarca, este lhe deu o governo de suas terras e de sua esposa. Depois, atravessou o mar e desembarcou nas terras de Sir Lancelote. Para vingar Sir Gawaine, seu exército queimou e destruiu tudo que pôde invadir.

Chegaram então aos ouvidos de Sir Lancelote as notícias de que o Rei Arthur e Sir Gawaine haviam desembarcado em suas terras, causando muita destruição e muito estrago. Nesse momento, Sir Bors lhe disse: Meu senhor Lancelote, é uma vergonha permitirmos que eles assolem nossas terras, pois sabeis que, se o fizerdes, não terão nenhuma misericórdia caso consigam vos prender. E Sir Leonel, que era sensato e sábio, acrescentou: Meu senhor Lancelote, quero vos dar um conselho. Guardemos nossas cidades fortemente muradas até que eles sintam fome e frio. Só então, descansados, cairemos sobre eles e poderemos destroçá-los como ovelhas em campo aberto. E que sirvam de exemplo para todos os estrangeiros, que haverão de saber o que acontece com quem desembarca em nossas terras.

Em seguida, foi a vez do Rei Bagdemagus, que disse: Senhor, vossa cortesia trará desonra para todos nós e foi ela que provocou a angústia que vivemos agora, pois, se eles assolam nossas terras dessa maneira, pelo andar da carruagem, haverão de nos deixar à míngua enquanto continuamos escondidos em nossas tocas. Senhor, disse então Sir Galihud, há aqui, dentro destes muros, cavaleiros que descendem de sangue real e não se curvarão por muito tempo. Permiti, pois, que, como cavaleiros que somos, enfrentemos o inimigo em campo e haveremos de matá-los, de tal forma que eles maldirão a hora em que vieram para este país. Falaram em seguida os sete irmãos de Gales do Norte, que eram sete nobres cavaleiros: Por Cristo, Sir Lancelote, deixai-nos sair com Sir Galihud, pois jamais nos acostumaremos a ficar escondidos em castelos ou nobres vilas.

Por fim, Sir Lancelote, que era senhor e governador de todos eles, se manifestou. Meus gentis senhores, disse ele, sabei que sou contra a ideia de sair com meus cavaleiros para derramar sangue cristão. Embora saiba que minhas terras estão muito desprovidas para poderem sustentar por algum tempo uma hoste, em função das poderosas guerras que, em outros tempos, o Rei Claudas travou neste país contra meu pai, o Rei Ban, e meu tio, o Rei Bors, por ora protegeremos nossas fortes muralhas e enviarei um mensageiro ao Rei Arthur no intuito de selarmos um tratado, pois é melhor que haja paz do que guerras contínuas.

Assim, pois, Sir Lancelote enviou uma donzela, acompanhada por um anão, levando uma mensagem onde pedia ao Rei Arthur que parasse de travar combates em suas terras. A moça partiu montando um palafrém enquanto o anão corria ao seu lado. Ao chegar à tenda do monarca, apeou-se e foi recebida por um gentil cavaleiro, Sir Lucanere, o Mordomo. Gentil donzela, disse ele, vindes da parte de Sir Lancelote do Lago? Sim, senhor, respondeu ela. Venho para falar com meu senhor o rei. Ai, lamentou-se Sir Lucanere, bem que meu senhor Arthur gostaria de amar Sir Lancelote, mas Sir Gawaine não permite que assim seja. Rogo a Deus, acrescentou Sir Lucanere, que tenhas êxito em vossa missão, pois todos os que aqui estamos, acompanhando o rei, gostaríamos que Sir Lancelote se saísse melhor do que qualquer outro cavaleiro vivo. Em seguida, levou a donzela à presença do rei, que estava sentado ao lado de Sir Gawaine, para que ele ouvisse o que a jovem tinha a dizer. Depois que ela transmitiu a mensagem que trazia, os olhos do monarca se encheram de lágrimas e todos os senhores logo se dispuseram a lhe sugerir que aceitasse o acordo com o Cavaleiro do Lago. Todos, exceto Sir Gawaine, que disse: Meu senhor e tio, o que pretendeis fazer? Quereis regressar, agora que fizestes toda esta jornada até aqui? O mundo inteiro dirá coisas malévolas a vosso respeito. Não, retrucou Arthur. Bem sabeis, Sir Gawaine, que seguirei vossos conselhos. No entanto, creio que não é correto rechaçar estas ofertas sinceras, pois, uma vez que cheguei até aqui depois de longa viagem, quero que respondeis a esta donzela, pois, por piedade, não posso fazê-lo sendo tão generosas suas propostas.

CAPÍTULO XX

Que mensagem Sir Gawaine enviou a Sir Lancelote; como o Rei Arthur sitiou Benwick, e outras histórias.

Donzela, declarou então Sir Gawaine, dizei a Sir Lancelote que é trabalho vão suplicar agora paz a meu tio. Dizei-lhe ainda que, se queria fazer algum esforço pela paz, deveria tê-lo feito antes, pois agora é demasiado tarde. Dizei-lhe também que eu, Sir Gawaine, estou lhe enviando esta mensagem: prometo, pela fé que devo a Deus e à cavalaria, que não hei de deixá-lo até matá-lo ou ser por ele morto. A jovem partiu chorando, e ali também vários olhos derramaram lágrimas. Sir Lucanere a conduziu até seu palafrém e ela voltou ao local onde se encontravam Sir Lancelote e todos os seus cavaleiros. Quando o Cavaleiro do Lago ouviu tal mensagem, as lágrimas lhe rolaram pela face. Então, seus nobres cavaleiros se aproximaram e disseram: Sir Lancelote, por que vos entristeceis assim? Lembrai-vos de quem sois e de quem somos, e desafiemos o inimigo em campo aberto, como nobres cavaleiros. Isso é algo que se pode fazer com facilidade, retrucou Sir Lancelote. Nunca, porém, fui tão avesso a lutar e, portanto, eu vos rogo, gentis senhores, se me amais, que vos porteis segundo meu desejo, porque sempre fugirei desse nobre rei que me sagrou cavaleiro. Assim, pois, quando eu não puder continuar a fazer isso, precisarei defender-me, e isso será mais honroso para mim e para todos nós do que nos comparamos a esse nobre monarca a quem todos já servimos. Então, todos os presentes se abstiveram de dizer o que quer que fosse e passaram aquela noite descansando.

Bem cedo, pela manhã, ao alvorecer, quando alguns cavaleiros chegaram às muralhas, viram que a cidade de Benwick estava inteiramente cercada. Ademais, os homens já começavam a erguer as escadas. De imediato, trataram de resistir aos de fora e, com muita força, derrubaram-nos daqueles muros. Nesse momento, fortemente armado e montado em um corcel possante, Sir Gawaine se adiantou, aproximou-se do portão principal e, lança em punho, gritou: Onde estais, Sir Lancelote? Não há aí nenhum cavaleiro orgulhoso que se atreva a quebrar uma lança comigo? Diante disso, Sir Bors se preparou, saiu da cidade e os dois se enfrentaram. Nessa ocasião, Sir Gawaine o derrubou do cavalo e quase o matou. No entanto, Sir Bors foi resgatado e levado de volta para o interior das muralhas. Saiu então Sir Leonel, irmão de Sir Bors, com o intuito de vingá-lo. Os dois enristaram suas lanças, correram ao encontro um do outro e se chocaram ferozmente. Entretanto, Sir Gawaine teve tanta sorte que derrubou seu adversário,

ferindo-o com gravidade. Em seguida, Sir Leonel foi resgatado e levado de volta para o interior das muralhas. Sir Gawaine continuou a aparecer todos os dias, sempre derrubando um cavaleiro atrás do outro.

E assim passou-se meio ano, com muita mortandade de ambas as partes. Certo dia, Sir Gawaine se apresentou diante dos portões, inteiramente armado, montado em um nobre cavalo e trazendo na mão uma grossa lança. Onde estais agora, Sir Lancelote, falso traidor?, gritou ele bem alto. Por que vos escondeis em buracos e atrás de muros como um covarde? Mostrai-vos, cavaleiro falso e traidor, pois aqui hei de vingar, sobre vosso corpo, a morte de meus três irmãos! Sir Lancelote ouviu todo o discurso, palavra por palavra. Então, seus parentes e seus cavaleiros se aproximaram e lhe disseram a uma só voz: Meu senhor, agora deveis vos defender como um cavaleiro ou sereis desonrado para sempre. Acabastes de ser acusado de traição, portanto, é hora de tomardes uma atitude, pois já haveis dormido e permitido que essas coisas acontecessem por um largo tempo. Valha-me Deus!, exclamou ele. Muito me pesam as palavras de Sir Gawaine, já que, agora, elas me impõem um grande encargo. Por isso, bem sabeis que preciso me defender sob pena de ser taxado de covarde.

Mandou então que selassem seu cavalo, pediu que lhe trouxessem suas armas e que levassem tudo para o portão da torre. Em seguida, em altos brados, falou, dirigindo-se ao monarca: Meu senhor Arthur, nobre rei que me sagrastes cavaleiro, sabei que muito lamento vos ter assim me perseguindo. Sempre aceitei o que vinha de vós, pois, se fosse vingativo, poderia ter vos enfrentado em campo aberto e deixado ali bem mansos vossos mais ousados cavaleiros. Agora, suportei vossa presença por meio ano e aceitei que vós mesmo e Sir Gawaine fizessem o que bem entendessem. Mas não posso suportar tal situação por mais tempo, uma vez que preciso necessariamente me defender depois que Sir Gawaine me acusou de traição. Embora me oponha a lutar com qualquer um de vosso sangue, não posso mais evitar fazê-lo, já que fui levado a isso como um animal encurralado.

Sir Lancelote, retrucou Sir Gawaine, se vos atreveis a combater, deixai de falar tanto, saí e aliviemos nossos corações. Então, o Cavaleiro do Lago se armou rapidamente, montou seu cavalo e os dois adversários empunharam grossas lanças. O exército de fora manteve-se quieto e afastado enquanto saía da cidade um grande número de nobres cavaleiros. Eram tantos que, quando viu tal quantidade de homens e de cavaleiros, o Rei Arthur ficou assombrado e disse consigo mesmo: Ai, como lamento que Sir Lancelote esteja contra mim, pois agora percebo que ele vinha me poupando! Diante do castelo, ficou acertado que ninguém ficaria perto dos contendores nem se comunicaria com eles até que um dos dois fosse morto ou se rendesse.



CAPÍTULO XXI

Como Sir Gawaine e Sir Lancelote se enfrentaram, e como o primeiro foi derrotado e ferido.

Sir Gawaine e Sir Lancelote tomaram uma distância considerável um do outro e correram para se encontrar com toda a velocidade que suas montarias conseguiam correr. No encontro, atingiram-se mutuamente no meio do escudo, mas ambos os cavaleiros eram tão fortes e suas lanças, tão grossas, que os cavalos não conseguiram resistir ao golpe e caíram por terra. Então, os adversários se desvencilharam dos animais e ergueram o escudo à sua frente. Investiram um contra o outro, acertando-se em vários lugares do corpo e fazendo com que o sangue jorrasse por muitos pontos. Acontece que Sir Gawaine tinha um dom que lhe havia sido concedido por um homem santo: a cada dia do ano, da hora tércia até o meio-dia em ponto, sua força se tornava três vezes maior do que a habitual, o que o levava a ganhar muita honra. Por isso, o Rei Arthur ordenou que todos os combates que se realizassem em sua presença, fosse qual fosse a querela, começassem na hora tércia. Fazia isso por amor a seu sobrinho e, assim, havia sempre grande possibilidade de que o grupo do qual fizesse parte Sir Gawaine saísse vencedor da batalha enquanto sua força resistisse por três horas. Havia, porém, poucos cavaleiros vivos naquele tempo, à exceção do Rei Arthur, que tivessem conhecimento desta vantagem que Sir Gawaine levava sobre seus adversários.

Assim, pois, Sir Lancelote lutou com Sir Gawaine e, percebendo que o poder deste último aumentava cada vez mais, ficou surpreso e temeu ser envergonhado. Como diz o livro francês, ao sentir que as forças de Sir Gawaine duplicavam, Sir Lancelote acreditou que ali estava um demônio e não um homem terreno. Por esse motivo, tratou de se conter, se esquivar, se proteger com o escudo e, assim, conseguiu preservar suas forças e seu fôlego por três horas. Durante todo esse tempo, seu adversário lhe infligia severos golpes e inúmeras estocadas, de tal forma que todos os que observavam Sir Lancelote se perguntavam como ele podia resistir. Muito poucos, porém se davam conta do trabalho que ele estava tendo para sustentar aquele combate. Depois do meio-dia, Sir Gawaine viu-se apenas com sua própria força e, assim que Sir Lancelote percebeu que ele decaía, aproximou-se e lhe disse: Meu senhor Gawaine, sinto agora que vosso vigor se extinguiu. Chegou, portanto, minha hora, pois suportei ferimentos sérios e dolorosos no dia de hoje.

Então, redobrou seus golpes e acertou a parte superior do elmo de seu adversário com tamanha força que ele caiu de lado. Nesse momento, Sir Lancelote se afastou. Por que recuais?, perguntou Sir Gawaine. Voltai aqui, cavaleiro falso e traidor, e matai-me, pois, se me deixardes assim, tão logo me veja curado voltarei para vos enfrentar novamente. E haverei de resistir, com a graça de Deus. Mas sabei, Sir Gawaine, que jamais golpeio um cavaleiro caído. Ao dizer isso, Sir Lancelote retirou-se para a cidade. Sir Gawaine foi levado para a tenda do Rei Arthur, onde foi examinado por médicos que lhe aplicaram suaves unguentos. Agora, podeis ter um bom dia, senhor meu rei, pois sabei que não ganhareis honra alguma diante destes muros e que, se eu fizesse sair meus cavaleiros, muitos homens morreriam. Portanto, meu senhor Arthur, lembrai-vos de vossa velha cortesia e, aconteça comigo o que acontecer, que Jesus seja vosso guia aonde quer que fordes.

CAPÍTULO XXII

Sobre a tristeza que o Rei Arthur sentiu por aquela guerra, e sobre outra batalha em que Sir Gawaine voltou a levar a pior.

Ai, lamentou-se o monarca, gostaria que esta guerra jamais tivesse começado, pois, em todos os lugares, Sir Lancelote sempre poupa a mim e aos de minha linhagem, coisa que meu sobrinho Sir Gawaine pôde comprovar no dia de hoje. Tamanha era sua angústia pelo estado de Sir Gawaine, que estava seriamente ferido, e pela guerra entre ele e Sir Lancelote, que o Rei Arthur caiu enfermo. No entanto, os homens de seu exército mantiveram o cerco com poucas batalhas, ao passo que os de dentro cuidaram de proteger suas muralhas e de as defenderem quando necessário. Sir Gawaine passou três semanas deitado em sua tenda, recebendo todo tipo de artes médicas que alguém pudesse ter. Assim que pôde andar e cavalgar, armou-se inteiramente, montou um corcel, empunhou uma lança e se postou diante do portão principal de Benwick. Onde estais, Lancelote?, bradou ele. Saí, cavaleiro falso, traidor e covarde, pois aqui está Sir Gawaine, que há de provar o que diz sobre vosso corpo! Ao ouvir tais palavras, Sir Lancelote retrucou: Sir Gawaine, lamento muito ouvir vossa fala descortês e ver que não quereis parar com tais acusações. Sabei, Sir Gawaine, que conheço vossa força e sei do que sois capaz, e sabei ainda que não podeis me ferir com seriedade. Descei, cavaleiro traidor, insistiu ele, e demonstrai o contrário com vossas mãos, pois, por infortúnio, acabei ferido por elas em nosso último confronto. Contudo, aqui estou hoje para reparar tal fato, e pretendo vos deixar tão estendido no chão quanto me deixastes. Que Jesus me livre e guarde de estar a vossa mercê como estivestes à minha, disse Sir Lancelote, pois, nesse caso, meus dias chegariam ao fim. No entanto, Sir Gawaine, não julgueis que haverei de me demorar. Já que me acusais de traição de forma nada digna de um cavaleiro, sabei que pretendo vos dar muito trabalho. Ao dizer isso, armou-se inteiramente, montou seu cavalo, empunhou uma grossa lança e saiu portão afora. Ambas as hostes se uniram, tanto a de fora quanto a de dentro, e todos ficaram a postos varonilmente, pois tinham recebido ordens para permanecer caladas, apenas vendo e contemplando a batalha que se travaria entre aqueles dois nobres cavaleiros. Então, eles enristaram as lanças e se encontraram com o estrondo de um trovão. Sir Gawaine quebrou sua lança até a empunhadura, partindo-a em cem pedaços contra o corpo de Sir Lancelote. Já este o atingiu com mais força, de tal forma que seu cavalo empinou e caiu por terra, levando consigo seu cavaleiro. Mais que depressa, Sir Gawaine se

desvencilhou do animal, ergueu o escudo, sacou da espada e disse: Desmontai, cavaleiro traidor, pois se esse filho de uma égua falhou comigo, sabei que um filho de rei e de rainha não haverá de falhar convosco.

Então, Sir Lancelote se apeou, ergueu o escudo à sua frente e sacou da espada. Os dois investiram um contra o outro com todo ímpeto e trocaram tantos golpes graves que os homens de ambos os exércitos ficaram extremamente assombrados. No entanto, ao sentir que a força de seu adversário aumentava prodigiosamente, o Cavaleiro do Lago conteve seu ímpeto e seu brio e tratou de se proteger ao máximo de toda aquela potência. Coberto pelo escudo, aparava golpes e se esquivava para cá e para lá, tentando impedir os ataques e atenuar o ânimo de Sir Gawaine. Por seu turno, este usava toda sua força e todo seu poder para destruir Sir Lancelote, pois, como diz o livro francês, à medida que sua força aumentava, cresciam também seu brio e sua má disposição. Assim, durante três horas, ele infligiu muitos danos a seu adversário, que teve muito trabalho para se defender.

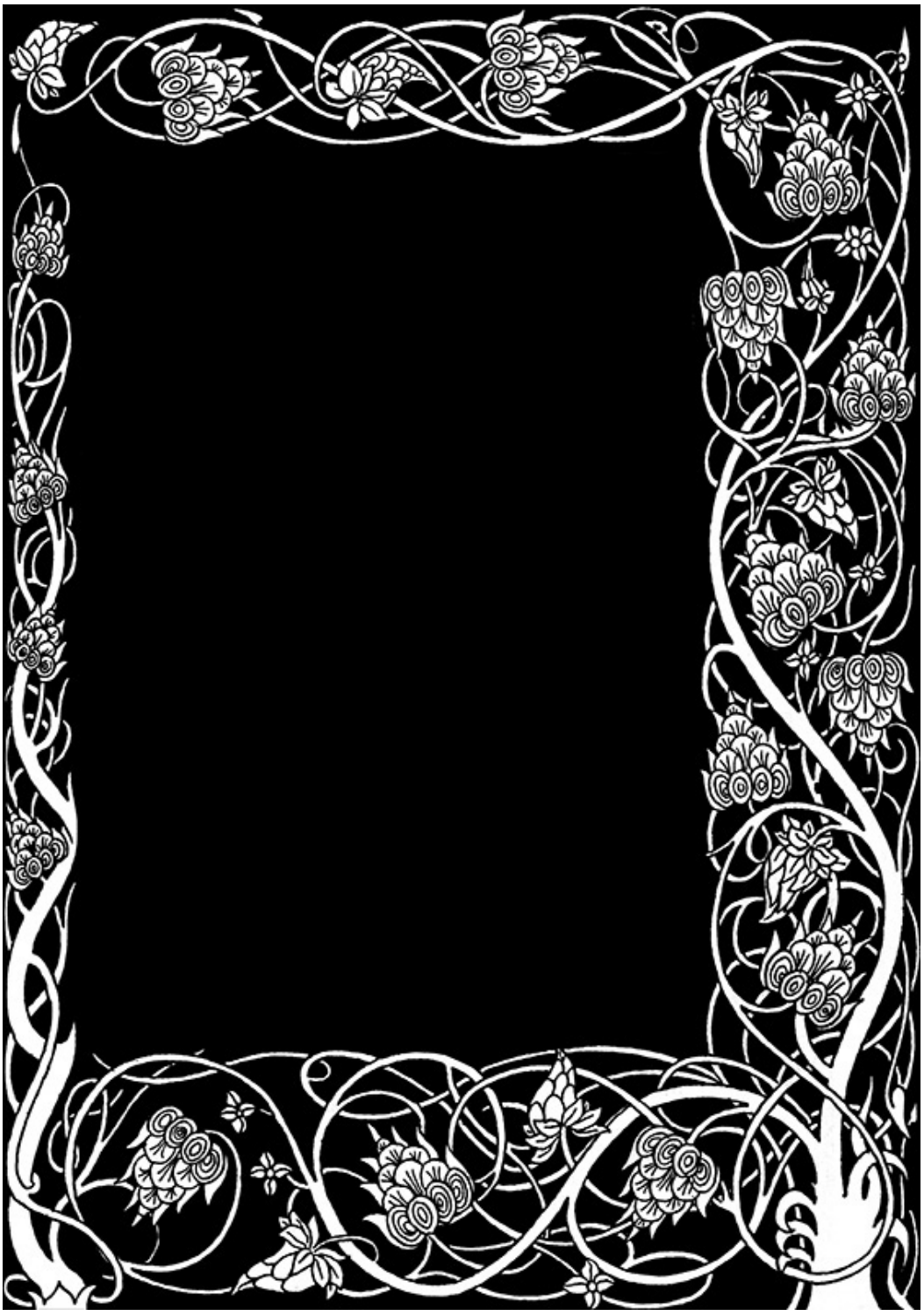
Passadas as três horas, Sir Lancelote sentiu que Sir Gawaine voltara a ter apenas sua própria força e, então, lhe disse: Pela segunda vez, pude ver que sois um cavaleiro muito perigoso e um homem dotado de prodigioso poder. Realizastes muitas façanhas maravilhosas em vossos dias, uma vez que, com vossa força crescente, haveis enganado muitos cavaleiros nobres e valentes. Agora que percebo que vossos poderosos feitos chegaram ao fim, sabei que devo realizar os meus. Então, investiu sobre ele e redobrou seus golpes. Sir Gawaine se defendeu intensamente, mas seu adversário o atingiu com tanta força por cima do ferimento anterior que ele caiu por terra, sem sentidos. Tão logo se recobrou, caído como estava, começou a dar estocadas vacilantes, tentando atingir Sir Lancelote. Cavaleiro traidor, dizia ele, bem sabeis que ainda não me matastes. Vinde e levai este combate até o fim. Não quero fazer mais do que já fiz, retrucou Sir Lancelote. Quando vos levantardes, haverei de lutar convosco por todo o tempo em que vos mantiverdes de pé. Já quanto a investir contra um homem ferido que não consegue se reerguer, peço a Deus que me livre de tamanha vergonha. Deu então meia-volta e saiu andando em direção à cidade, enquanto Sir Gawaine continuava a chamá-lo de cavaleiro traidor. Podeis ter certeza, Sir Lancelote, que, quando estiver recuperado, voltarei a vos enfrentar, pois não vos deixarei em paz até que um de nós tenha morrido. O cerco a Benwick durou quase um mês e, durante esse tempo, Sir Gawaine permaneceu enfermo. Quando se recuperou e se preparava para voltar a lutar contra Sir Lancelote em três dias, chegaram ao Rei Arthur notícias da Inglaterra que fizeram com que o monarca e todo seu exército abandonassem aquele lugar.

Segue-se aqui o livro XXI.



LIVRO XXI





CAPÍTULO I

Como Sir Mordred decidiu tornar-se rei da Inglaterra e se casar com a rainha, esposa de seu tio.

endo governador de toda a Inglaterra, Sir Mordred mandou que se escrevessem cartas que teriam sido enviadas de além-mar, dizendo que o Rei Arthur havia morrido em uma luta contra Sir Lancelote. Diante de tal fato, Sir Mordred convocou um parlamento composto por todos os nobres para ser designado rei e foi então coroado em Canterbury, onde se celebraram festejos durante 15 dias. Em seguida, ele se dirigiu a Winchester, pegou a Rainha Guinevere e declarou que se casaria com aquela que era esposa de seu tio e pai. Preparou-se para a festa e marcou a data em que os dois deveriam se casar, o que deixou Guinevere extremamente pesarosa. No entanto, a soberana não se atreveu a abrir seu coração, preferindo mostrar-se conciliadora, e concordou com os desígnios de Mordred. Pediu-lhe então permissão para ir a Londres para comprar tudo que era necessário para um casamento e, graças a suas palavras delicadas, Sir Mordred confiou plenamente no que ela dizia e lhe deu permissão para fazer tal viagem. Ao chegar a Londres, porém, ela se apossou da Torre de Londres e, às pressas, tratou de abastecê-la com todo tipo de víveres, guarnecê-la com muitos homens e assim a manteve.

Quando Sir Mordred descobriu que havia sido enganado, ficou furiosíssimo. E, para abreviar o relato, para lá se dirigiu, sitiou a Torre de Londres, fez inúmeros grandes ataques à construção, usando contra ela poderosos armamentos e disparando grandes balas. No entanto, toda sua força não conseguiu prevalecer, pois nem com discursos corteses nem com ameaças a Rainha Guinevere aceitou voltar para junto dele.

Chegou então o bispo de Canterbury, que era um nobre clérigo e um santo homem. Senhor, o que pretendeis fazer?, perguntou ele a Sir Mordred. Quereis primeiro desagradar a Deus e, depois, granjear afronta para vós mesmo e para toda a cavalaria? O Rei Arthur não é vosso tio, nada menos que irmão de vossa mãe, e ele próprio não vos gerou no ventre de sua irmã? Portanto, como podeis

desposar a mulher de vosso pai? Abandonai tal intento, senhor, acrescentou o clérigo, ou haverei de vos excomungar com o livro, o sino e a vela. Podeis fazer o que quiserdes, retrucou Sir Mordred, pois não hesitarei em vos desafiar. Senhor, prosseguiu o bispo, sabei que não temerei fazer o que devo fazer. Ademais, estais fazendo circular a notícia de que meu senhor Arthur está morto, o que não é verdade. Portanto, o que fazeis trará muito prejuízo a esta terra. Calai-vos, falso cura!, bradou Sir Mordred. Se continuardes a me irritar, mandarei que vos cortem a cabeça! O clérigo então se foi e o excomungou da forma mais ostensiva possível. Diante disso, Sir Mordred saiu à sua procura para matá-lo. Contudo, o bispo conseguiu fugir, levando parte de seus bens, e foi se refugiar nas proximidades de Glastonbury. Nesse local, tornou-se cura ermitão e viveu na pobreza e sempre em santas orações, pois percebia que uma guerra mortal estava a caminho.

Nesse ínterim, usando cartas e mensageiros, modos corteses e também ameaçadores, Sir Mordred tudo fez para que a Rainha Guinevere saísse da Torre de Londres. No entanto, tais expedientes foram em vão, pois ela sempre respondeu, publicamente ou em particular, que preferia tirar a própria vida a se casar com ele. Chegaram então as notícias de que o Rei Arthur havia levantado o cerco a Sir Lancelote e estava voltando com um grande exército para se vingar de Sir Mordred. Ao tomar conhecimento de tal fato, este mandou escrever cartas para todos os barões desta terra, conseguindo, com isso, reunir muita gente, pois, na época, o que se dizia era que, com o Rei Arthur, não se teria outra vida a não ser em guerras e disputas, ao passo que, com Sir Mordred, tudo era alegria e contentamento. Assim, pois, Sir Arthur vinha sendo difamado e caluniado, e muitos daqueles que o monarca tirara da miséria e a quem tinha dado terras não diziam sequer uma palavra elogiosa a seu respeito. Vede, pois, ingleses, quanta iniquidade havia aí? Aquele que foi o melhor rei e cavaleiro do mundo; aquele que mais amava a companhia de nobres cavaleiros, todos por ele sustentados, via-se agora vítima do descontentamento de seu povo. Vede quais eram os velhos usos e costumes, e também se diz que a gente desta terra ainda não perdeu ou esqueceu tais usos e costumes. Ai, este é o maior defeito que nós, os ingleses, possuímos: nada nos satisfaz, nem mesmo por um curto espaço de tempo. Pois assim se portava o povo naquela época: todos estavam mais satisfeitos agora, com Sir Mordred, do que antes, com o Rei Arthur. Com isso, muitos se aliaram a esse cavaleiro, dizendo que estariam a seu lado para o bem ou para o mal. Então, acompanhado de uma grande hoste, Sir Mordred rumou para Dover. Pelo que ouvira dizer, era lá que o Rei Arthur deveria desembarcar, e ele pretendia usurpar as terras de seu próprio pai, com o apoio da maior parte dos ingleses, esses grandes entusiastas do que é novo.

CAPÍTULO II

Como, depois de ter notícias do que estava ocorrendo, o Rei Arthur regressou e chegou a Dover, onde Sir Mordred foi a seu encontro para impedi-lo de desembarcar; e sobre a morte de Sir Gawaine.

Quando o Rei Arthur chegou a Dover com uma grande esquadra de navios, galeras e carracas, Sir Mordred já estava ali com seu exército, a postos, aguardando o momento do desembarque para impedir que seu próprio pai pisasse na terra sobre a qual reinava. Houve grandes confrontos entre embarcações grandes e pequenas repletas de nobres homens de armas. Grande foi a mortandade de gentis cavaleiros, e muitos ousados barões caíram de ambas as partes. O Rei Arthur, porém, era tão bravo que não haveria cavaleiro capaz de impedi-lo de desembarcar. E, assim, apesar da presença de Sir Mordred e de toda sua força, o monarca desembarcou, seguido por seus homens implacáveis, e conseguiram desbaratar o exército de seu sobrinho, que acabou fugindo com toda sua gente. Terminada essa batalha, o Rei Arthur mandou que se enterrassem seus mortos e, então, encontraram o nobre Sir Gawaine jazendo, semimorto, em uma grande embarcação. Assim que soube que seu sobrinho estava tão mal, foi ao seu encontro. Em meio a grandes lamentações, tomou Sir Gawaine nos braços e, por três vezes, perdeu os sentidos. Quando voltou a si, disse: Ai, Sir Gawaine, filho de minha irmã! Aqui jazeis agora, vós, o homem que eu mais amava neste mundo. Perdi minha alegria e, neste momento, meu sobrinho Gawaine, quero abrir meu coração: em vós e em Sir Lancelote encontrei minha maior felicidade e depositei toda minha confiança, mas, agora que perdi a ambos, toda felicidade terrena de mim se afastou. Meu tio, Rei Arthur, respondeu Sir Gawaine, sabeis que chegou o dia de minha morte e tudo aconteceu por minhas próprias ansiedade e teimosia. Fui atingido no local da velha ferida que me infligiu Sir Lancelote e sinto que este ferimento vai me matar. Se ele estivesse convosco como eu estava, esta guerra desafortunada jamais teria começado. Tudo isso aconteceu por minha causa, pois Sir Lancelote e os de seu sangue, graças a sua habilidade, mantinham todos os vossos inimigos perniciosos em condições de submissão e de perigo. Agora, sentireis falta do Cavaleiro do Lago! Infelizmente, não quis fazer as pazes com ele e por isso rogo-vos, gentil tio, que me arranjeis papel, pena e tinta para que eu possa lhe escrever uma mensagem com minha própria mão.

Depois que lhe trouxeram papel e tinta, Sir Gawaine, que acabara de se confessar, ergueu um pouco o corpo com a ajuda do Rei Arthur e eis o que ele escreveu, como diz o livro francês: A Sir Lancelote, flor de todos os nobres

cavaleiros que jamais vi ou conheci na vida. Eu, Sir Gawaine, filho do Rei Lot de Orkney; filho da irmã do nobre Rei Arthur, vos envio minhas saudações e vos digo que, no décimo dia do mês de maio, fui atingido sobre a velha ferida que me infligistes diante da cidade de Benwick, e que, por esta mesma ferida, chegou o dia de minha morte. Quero que todos saibam que eu, Sir Gawaine, cavaleiro da Távola Redonda, procurei esta morte e não porque a merecêsseis, mas porque eu mesmo fui ao seu encontro. Por isso, rogo-vos, Sir Lancelote, que volteis a este reino, visiteis minha sepultura e digais uma prece por minha alma. Neste dia em que escrevo esta mensagem, fui mortalmente atingido no local da ferida que recebi de vossas mãos, Sir Lancelote, pois não poderia morrer em mãos de homem mais nobre. Ademais, Sir Lancelote, em nome de todo amor que sempre houve entre nós, não tardeis a atravessar o mar o mais depressa possível a fim de poderes, juntamente com vossos homens, salvar este nobre rei que vos sagrou cavaleiro, meu senhor Arthur, que se encontra em severo atrito com um falso traidor, meu meio-irmão Sir Mordred. Ele se fez coroar rei e quer desposar minha senhora a Rainha Guinevere, coisa que já teria feito se ela não se houvesse encerrado na Torre de Londres. Neste décimo dia de maio, meu senhor Arthur e eu desembarcamos para atacá-los em Dover e conseguimos pôr em fuga esse falso traidor, mas, por infortúnio, fui atingido sobre o golpe que me havíeis dado. Na data em que esta carta é escrita, duas horas e meia antes de minha morte, faço isso com minha própria mão e a subscrevo com parte do sangue que corre em meu coração. Eu vos peço, a vós que sois o mais famoso cavaleiro do mundo, que visiteis minha tumba. Então, Sir Gawaine chorou e também chorou o Rei Arthur. Ambos perderam os sentidos e, quando voltaram a si, o monarca fez com que seu sobrinho recebesse seu Salvador. Depois disso, Sir Gawaine rogou ao rei que mandasse buscar Sir Lancelote e que o estimasse acima de qualquer outro cavaleiro.

Ao meio-dia, Sir Gawaine entregou seu espírito. O rei mandou que ele fosse enterrado em uma capela no interior do castelo de Dover. Ali, todos podem ver sua caveira, em que se percebe a mesma ferida que Sir Lancelote lhe infligiu em combate. Disseram então ao soberano que Sir Mordred havia instalado um novo acampamento no planalto de Barham. Pela manhã, Arthur para lá se dirigiu, e travou-se uma batalha acirrada em que morreu muita gente de ambas as partes. Finalmente, porém, as tropas do Rei Arthur levaram a melhor, e Sir Mordred e seus homens fugiram para Canterbury.

CAPÍTULO III

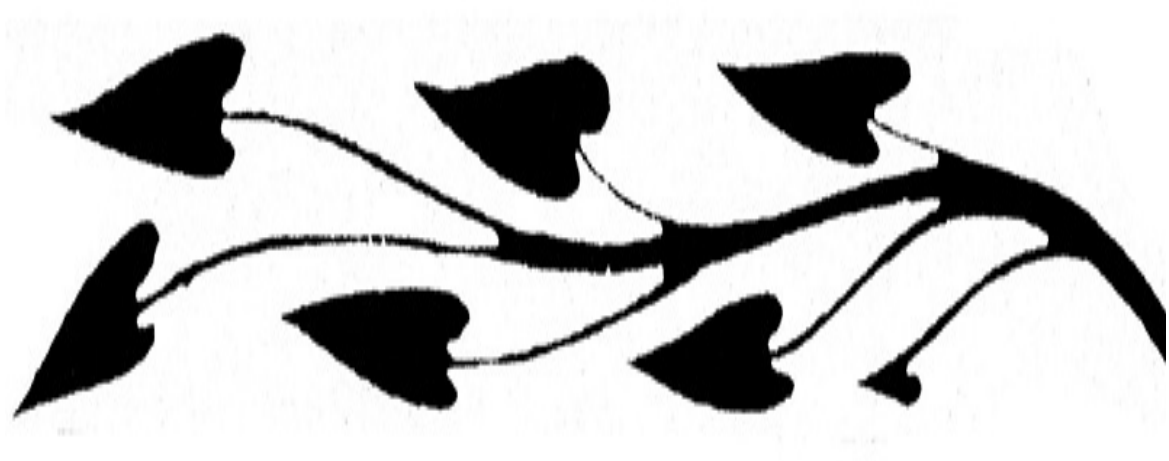
Como, mais tarde, o espírito de Sir Gawaine apareceu para o Rei Arthur e o alertou a não combater naquele dia.

O monarca mandou então buscar seus cavaleiros mortos em todas as vilas e os sepultou, enquanto os que estavam feridos foram tratados com suaves bálsamos. E muita gente se alegrou ao ver o Rei Arthur, dizendo que a guerra que Sir Mordred travava contra ele era injusta. Em seguida, o Rei Arthur seguiu pela costa oeste até Salisbury, acompanhado de seu exército. Nesse local, estabeleceram a data em que o soberano e Sir Mordred deveriam se enfrentar em uma planície vizinha, não longe do litoral. Era a segunda-feira depois do domingo da Santíssima Trindade, e o Rei Arthur ficou feliz por ter a oportunidade de se vingar de seu adversário. Este, porém, conseguiu arrebanhar muita gente nos arredores de Londres, de Kent, de Southsex e de Surrey, de Estsex, de Southfolk e de Northfolk, localidades em que a maioria dos habitantes o apoiava. Inúmeros nobres cavaleiros se uniram a ambas as partes, mas aqueles que amavam Sir Lancelote aliaram-se a Sir Mordred.

Na noite do domingo da Santíssima Trindade, o Rei Arthur teve um sonho maravilhoso: tinha a impressão de estar sentado em uma cadeira sobre um palanque, trajado com as mais ricas vestimentas de ouro que se poderiam criar, mas essa cadeira estava presa a uma roda, e o monarca imaginou que, sob seus pés, a uma grande distância, havia águas profundas, assombrosas e escuras nas quais se encontravam todos os tipos de serpentes, vermes e bestas selvagens imundas e terríveis. De súbito, a roda dava meia-volta, fazendo-o cair entre as serpentes. Cada uma dessas bestas o agarrava por um membro e, então, ainda deitado e adormecido, ele gritou por socorro. Sem mais tardar, acudiram cavaleiros, escudeiros e criados que o despertaram, mas o monarca estava tão atordoado que nem sabia onde se encontrava, e logo mergulhou em outro sonho, sem estar de todo desperto nem adormecido. Teve então a nítida impressão de que Sir Gawaine se aproximava, acompanhado por várias damas formosas. Ao vê-lo, o Rei Arthur lhe disse: Sede bem-vindo, filho de minha irmã. Eu vos julgava morto e, agora que vos vejo vivo, fico muito grato a Jesus todo-poderoso. Oh, gentil sobrinho, filho de minha irmã! Quem são essas damas que vos acompanham? Senhor, respondeu Sir Gawaine, todas elas são damas por quem lutei quando estava vivo. Combati em seu nome em querelas justas e, por isso, Deus deu permissão para vos prevenir de vossa morte, pois, se lutares amanhã contra Sir Mordred, como ficou acertado, podeis ter certeza de que morrereis, assim como a

maioria de vossa gente, combatendo em ambos os lados. Pelas grandes graça e bondade de Jesus todo-poderoso para convosco, e por piedade de vós e de muitos homens bons que hão de morrer nesse confronto, Deus me enviou à vossa presença, por graça especial, para vos alertar: não luteis amanhã em hipótese alguma. Tratai de ganhar um mês e fazei generosas ofertas para que o combate de amanhã seja adiado. Porque, daqui a um mês, chegará aqui Sir Lancelote com todos seus nobres cavaleiros. Ele vos salvará com toda honra e matará Sir Mordred, bem como os que a ele se aliaram. Em seguida, Sir Gawaine e todas as damas desapareceram.

O monarca logo tratou de chamar seus cavaleiros, escudeiros e criados, instando-os a trazer imediatamente seus nobres senhores e sábios bispos. Quando estes chegaram, Arthur lhes contou a visão que tivera e o que lhe dissera Sir Gawaine, avisando-o que, se lutasse naquela manhã, haveria de morrer. Mandou então Sir Lucanere, o Mordomo, e seu irmão, Sir Bedevere, juntamente com dois bispos, determinando que, fosse por que meios fosse, conseguissem um tratado com Sir Mordred adiando o combate por um mês. E não deveis regatear, acrescentou, mas sim oferecer-lhe a quantidade de terras e de bens que julgardes melhor. Os quatro partiram e foram ao encontro de Sir Mordred, que contava com uma terrível hoste de cem mil homens. Ali, depois de muito tempo parlamentando com o inimigo, conseguiram finalmente que ele concordasse com o adiamento em troca de tomar posse da Cornualha e de Kent, enquanto Arthur ainda fosse vivo, e de toda a Inglaterra depois de sua morte.



CAPÍTULO IV

Como, pela presença desafortunada de uma víbora, teve início a batalha em que Mordred foi morto e Arthur, mortalmente ferido.

Ficou então acordado que o Rei Arthur e Sir Mordred deveriam se encontrar entre ambos os exércitos, cada um deles acompanhado por 14 pessoas, e os quatro mensageiros trataram de levar tal mensagem ao monarca. Muito me alegra que tenhamos conseguido isso, disse ele, e se dirigiu para o campo. Antes, porém, alertou todos os seus homens para procurar alguma espada desembainhada. Atacai e matai esse traidor, Sir Mordred, ordenou, pois não confio nele absolutamente. O mesmo fez seu adversário, dizendo a seu exército: Se virdes alguma espada desembainhada, atacai ferozmente e matai quem se puser à vossa frente, pois não confio absolutamente neste tratado sabendo, como sei, que meu pai quer se vingar de mim. Reuniram-se, pois, como combinado, puseram-se de acordo e tomaram do vinho que havia sido trazido. Nesse momento, saiu uma víbora de uma pequena touceira de capim e picou o pé de um cavaleiro. Ao sentir tal picada, ele olhou para o chão, viu a serpente e, sem pensar no que poderia desencadear, sacou da espada para matá-la. Quando os dois exércitos viram aquela espada desembainhada, começaram a fazer soarem cornetas, trompas e cornos e, soltando gritos terríveis, um deles arremeteu contra o outro. O Rei Arthur pegou seu cavalo e exclamou: Ai, que dia desaventurado! E voltou para junto de seus homens enquanto Sir Mordred fazia o mesmo. Jamais se viu batalha tão dolorosa em terras cristãs, pois tudo ali foram corridas, ataques, cortes, estocadas, gritos e muitos golpes mortais. Mas o Rei Arthur seguia cavalgando pelo campo, portando-se com nobreza, como deve fazer um rei valoroso, sem esmorecer. Por seu turno, Sir Mordred deu seu melhor naquele dia e correu grande perigo. Lutaram assim o dia inteiro, sem cessar, até que os nobres cavaleiros ficaram estendidos no chão frio, e continuaram lutando até o anoitecer, deixando a planície coberta por mais de cem mil cadáveres. Vendo sua gente morta daquela maneira, Arthur ficou extremamente enfurecido.

Quando olhou ao redor, percebeu que, de toda a sua hoste e de todos os seus bons cavaleiros, apenas uns poucos permaneciam vivos, um dos quais era Sir Lucanere, o Mordomo, e o outro, seu irmão Sir Bedevere, mas ambos estavam bastante feridos. Jesus de misericórdia!, exclamou o monarca. O que foi feito de meus nobres cavaleiros? Ai, como lamento ter vivido para ver dia tão doloroso e, agora, chegou o meu fim. Quisera Deus que eu soubesse onde está Sir Mordred,

esse traidor que causou todo este mal. Então, descobriu onde ele se encontrava, apoiado na própria espada, junto a uma grande pilha de cadáveres. Dai-me minha lança, disse Arthur, dirigindo-se a Sir Lucanere, pois acabo de ver o traidor que causou todo este sofrimento. Deixai-o, Majestade, advertiu Sir Lucanere, pois ele é um infeliz, e, se conseguirdes sobreviver a esse dia desafortunado, podereis vos vingar dele. Lembrai-vos, senhor, do sonho que tivestes ontem à noite e do que vos disse o espírito de Sir Gawaine, apesar de Deus, com Sua grande bondade, vos ter preservado até agora. Portanto, pelo amor de Deus, meu senhor, deixai-o onde está, porque, com a graça de Deus, haveis ganhado o campo, já que nós três estamos aqui, vivos, ao passo que, do lado de Sir Mordred, ninguém sobreviveu. Se o deixais estar, este maldito dia de destino chegará ao fim. Que venha a morte ou a vida, retrucou Arthur. Agora que o vejo ali, sozinho, ele não haverá de me escapar, pois jamais conseguirei tê-lo assim, em situação tão vantajosa. Que Deus vos proteja!, disse Sir Bedevere.

O monarca segurou a lança com ambas as mãos e correu em direção a Sir Mordred, gritando: Traidor! Chegou a hora de tua morte! Assim que ouviu tais gritos, Sir Mordred correu ao encontro de Arthur com a espada desembainhada na mão. E, ali, o rei atingiu o filho com a lança, por baixo do escudo, atravessando-lhe o corpo por mais de uma braça. Quando sentiu que havia recebido sua ferida mortal, Sir Mordred usou toda sua força e se enfiou ainda mais naquela lança, chegando até sua empunhadura. Conseguiu então ferir seu pai Arthur, erguendo a espada com ambas as mãos e desfechando-lhe um golpe em um dos lados da cabeça, fazendo com que a lâmina cortasse o elmete e entrasse até o crânio. Em seguida, caiu por terra, morto, e o nobre Arthur também caiu, desfalecido e, por várias vezes, perdeu e recobrou os sentidos. Sir Lucanere, o Mordomo, e Sir Bedevere o ergueram seguidas vezes e, com muito esforço, conseguiram levá-lo até uma pequena ermida não longe da praia. Lá chegando, o monarca se sentiu sossegado. De repente, ouviram gritos vindos do campo. Ide ver do que se trata, Lucanere, e vinde me dizer o que significa esse alarido. Embora estivesse ferido em várias partes do corpo, Sir Lucanere obedeceu e, chegando à planície, pôde ver e ouvir, à luz da lua, que ladrões e saqueadores ali estavam para roubar broches, pedras, vários bons anéis e muitas ricas joias de inúmeros nobres cavaleiros. Ademais, davam cabo daqueles que ainda não estavam mortos para se apoderar de seus arneses e de suas riquezas. Assim que viu tal cena, Sir Lucanere voltou para junto do monarca o mais depressa possível e lhe contou o que havia visto e ouvido. Portanto, disse ele, creio que seja melhor que vos transportemos a alguma vila. Gostaria muito que assim fosse, disse o rei.

CAPÍTULO V

Como o Rei Arthur ordenou que sua espada Excalibur fosse lançada às águas e como ele foi levado por algumas damas em uma barca.

Mas não consigo me manter de pé, pois muito me pesa a cabeça… Ah, Sir Lancelote, exclamou o Rei Arthur, como senti vossa falta no dia de hoje! Quem dera nunca tivesse me posto contra vós, pois, agora, recebo a morte contra a qual Sir Gawaine me preveniu em meu sonho! Então, Sir Lucanere segurou o monarca por um lado e Sir Bedevere, pelo outro, mas, quando o ergueram, ele perdeu os sentidos. No esforço para levantar o soberano, Sir Lucanere também desmaiou, pois parte de seus intestinos lhe saiu do corpo e, logo depois, o coração do nobre cavaleiro arrebentou. Ao recobrar os sentidos, Arthur viu que Sir Lucanere jazia a seu lado, espumando pela boca e com parte dos intestinos a seus pés. Ai, lamentou-se ele, que cena dolorosa! Ver este nobre duque morrer desta maneira e por mim, pois queria me ajudar, quando precisava mais de ajuda do que eu! Ai, acrescentou Arthur, não se queixou porque estava empenhado em me auxiliar! Agora, Jesus, tende piedade de sua alma! E Sir Bedevere chorou a morte do irmão. Nada de choro ou de lamentações, disse o rei, pois tudo isto não terá serventia alguma. Sabei que, se eu sobrevivesse, a morte de Sir Lucanere me causaria perpétuo sofrimento, mas a chegada de minha hora me incita à pressa. Portanto, acrescentou Arthur, dirigindo-se a Sir Bedevere, pegai Excalibur, minha boa espada, e ide até a orla. Lá chegando, rogo-vos que a lanceis na água e, depois, voltai para me dizer o que vistes. Vossa ordem será cumprida, meu senhor, respondeu Bedevere, e logo, logo voltarei trazendo notícias.



Partiu então o cavaleiro e, no caminho, mirando a nobre espada cujos pomo e punho eram de pedras preciosas, disse consigo mesmo: Se eu atirar esta rica espada na água, nada de bom poderá ocorrer, apenas dano e prejuízo. Assim sendo, resolveu escondê-la ao pé de uma árvore. Voltou para junto do rei o mais depressa que pôde e lhe disse que estivera à beira da água e que nela havia atirado a espada. E o que vistes ali?, perguntou o soberano. Nada, senhor, respondeu o cavaleiro. A não ser ondas e ventos. Então, não estais dizendo a verdade, retrucou Arthur. Portanto, voltai lá mais uma vez e cumpri minha ordem, como caro e amado que sois para mim. Não hesiteis, simplesmente atirai Excalibur na água. Voltou então Sir Bedevere, pegou a espada nas mãos e, julgando que jogá-la na água seria um ato vergonhoso e um pecado, mais uma vez a escondeu e disse ao monarca que havia feito o que ele determinara. E o que vistes?, indagou Arthur. Nada, senhor, respondeu Sir Bedevere, a não ser o ir e vir das ondas. Ah, mentiroso traidor!, exclamou o rei. Traístes-me pela segunda vez. Quem poderia imaginar que vós, que fostes por mim tão amado e querido, e sois chamado de nobre cavaleiro, poderíeis me trair pela riqueza de uma espada? Voltai agora mesmo já que toda essa demora põe minha vida em grande risco, pois o frio já se apodera de meu corpo. Caso não façais o que vos peço, se alguma vez puder vos encontrar, hei de vos matar com minhas próprias mãos, já que, pela riqueza de minha espada, gostaríeis de me ver morto.

Diante disso, Sir Bedevere partiu, foi até onde estava Excalibur, prendeu a cinta ao redor do punho e a atirou na água, o mais longe que conseguiu. Nesse instante, saíram da água um braço e uma mão que a apanharam, a sacudiram e a brandiram três vezes, para, depois, desparecer levando a espada consigo. Então, Sir Bedevere retornou à presença do monarca e lhe contou o que havia visto. Ai, disse Arthur, ajudai-me a ir embora daqui, pois temo que já tenha demorado por demasiado tempo. O cavaleiro pôs o rei em suas costas e o levou até aquela praia. Lá chegando, viram junto à orla uma pequena barca e, dentro dela, muitas formosas damas, entre as quais havia uma rainha, e todas usavam capuzes negros. Ao ver o Rei Arthur, elas se puseram a chorar e a se lamentar. Agora, botai-me dentro desta barca, disse ele. Bedevere obedeceu, com todo cuidado, e três rainhas o receberam com grandes gemidos. Sentaram-no, e o rei deitou a cabeça no colo de uma delas. Ah, querido irmão, disse então essa rainha, por que tardastes tanto a vir ao meu encontro? Ai, agora esta ferida que tendes na cabeça já se esfriou muito! E, remando, afastaram-se da terra enquanto Sir Bedevere ficou ali, vendo-as se distanciar. Ah, meu senhor Arthur, gritou ele, o que será de mim agora que partis e me deixais sozinho entre meus inimigos? Não esmoreceis, respondeu o rei, e fazei o melhor que puderdes, pois não me resta ninguém em quem me fiar. Vou ao vale de Avilion para que minha grave ferida seja tratada e, se nunca mais ouvirdes falar de mim, rezai por minha alma. No entanto, as rainhas e as damas não cessavam de

chorar e de se lamentar, de tal forma que dava pena ouvi-las. Assim que perdeu de vista aquela barca, Sir Bedevere tomou o caminho da floresta, chorando e gemendo. Seguiu assim durante a noite inteira até que, pela manhã, descobriu, entre duas áridas colinas, uma capela e uma ermida.

CAPÍTULO VI

Como, pela manhã, Sir Bedevere o encontrou morto em um eremitério e como este passou a residir nesse local com o eremita.

Sir Bedevere se alegou e para lá se dirigiu. Ao chegar à capela, viu um eremita de quatro no chão, junto a uma sepultura recém-cavada. Quando o bom homem o viu, logo o reconheceu, pois pouco antes fora bispo de Canterburry, aquele que Sir Mordred obrigara a fugir. Senhor, perguntou Bedevere, que homem é este que está aqui enterrado e pelo qual rezais com tanto fervor? Gentil filho, respondeu o ermitão, não sei ao certo. São apenas conjecturas. Mas esta noite, à meia-noite, chegaram aqui várias damas trazendo um cadáver e me pediram que o enterrasse. Fizeram uma oferta de cem círios e me deram cem besantes. Ai!, exclamou Sir Bedevere. É meu senhor, o Rei Arthur, que está aqui enterrado nesta capela. Então, caiu desmaiado e, quando voltou a si, rogou ao eremita que lhe permitisse ficar ali com ele, vivendo de jejuns e de orações. Pois não irei embora por vontade própria, acrescentou o cavaleiro, porque durante todos os dias de minha vida quero rezar aqui por meu senhor Arthur. Sede bem-vindo, respondeu o bom homem, pois eu vos conheço mais do que imaginais. Sois o ousado Sir Bedevere, e o mui nobre duque, Sir Lucanere, o Mordomo, era vosso irmão. Então, o cavaleiro contou ao ermitão tudo o que ouvistes anteriormente e permaneceu naquele local, junto com aquele que havia sido bispo de Canterbury, usando pobres trajes, servindo ao eremita com toda humildade e levando uma vida dedicada a jejuns e orações.

Sobre Arthur, não encontrei mais nada em livros autorizados, nem li relato algum que assegurasse sua morte. Tudo que se sabe é que foi levado em uma embarcação onde havia três rainhas, uma das quais era sua irmã, a Fada Morgana; a outra, a rainha de Gales do Norte, e a terceira, a rainha das Terras Desoladas. Estava também ali Nimue, a principal Dama do Lago, que havia desposado o bom cavaleiro Sir Pelleas. Esta muito fizera pelo Rei Arthur, pois jamais consentiu que seu esposo estivesse em qualquer local onde sua vida pudesse correr perigo e ele viveu a seu lado em grande paz, até o fim de seus dias. Nada mais pude encontrar acerca da morte do Rei Arthur, a não ser o fato de essas damas o terem levado para ser enterrado e de ter sido sepultado naquele local, segundo o testemunho do eremita que, em outros tempos, foi bispo de Canterbury. No entanto, tal ermitão não sabia ao certo se aquele era efetivamente o corpo do Rei Arthur, mas, apesar

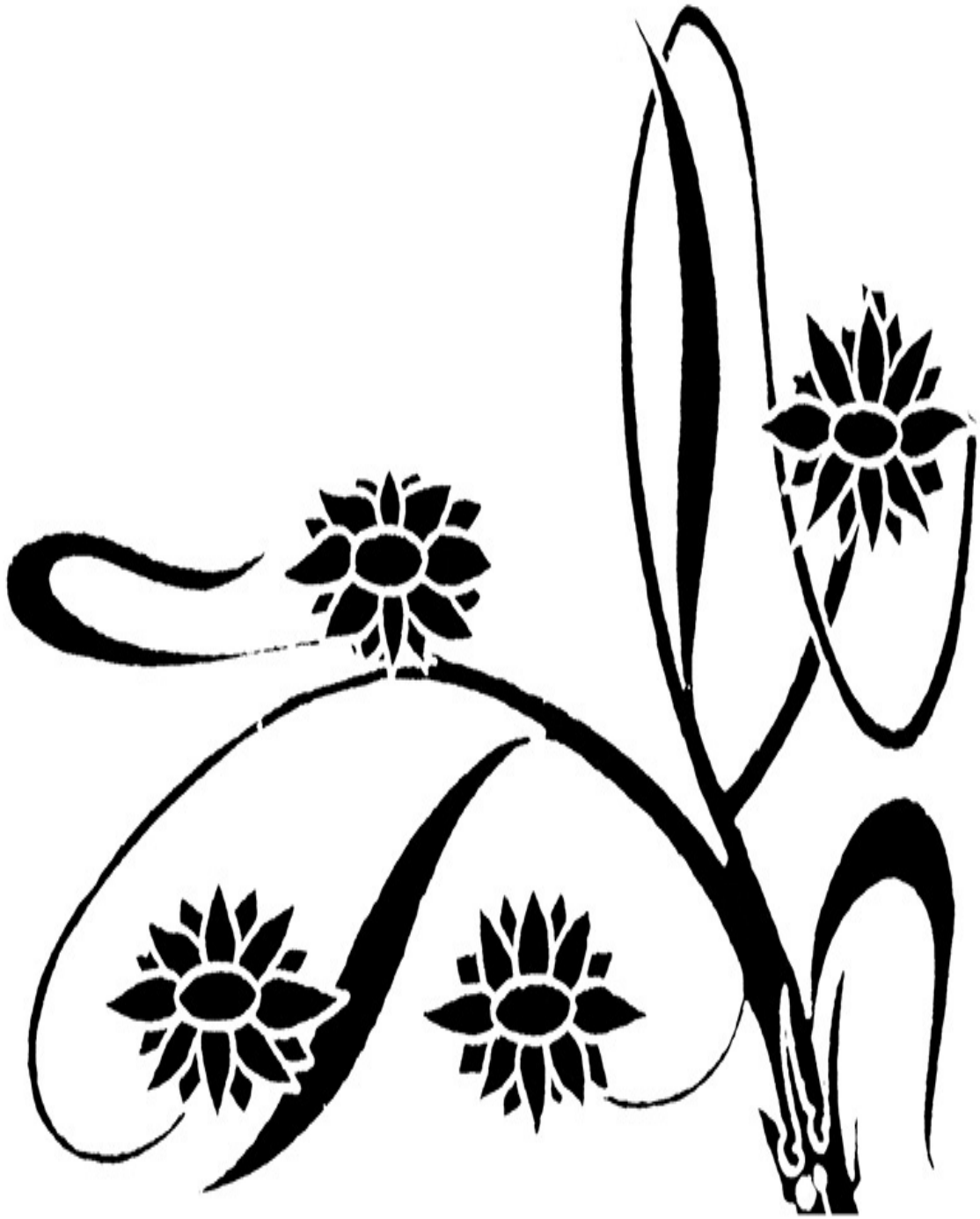
disso, Sir Bedevere, cavaleiro da Távola Redonda, mandou que assim se escrevesse.



CAPÍTULO VII

Sobre a opinião de alguns homens acerca da morte do Rei Arthur, e como a Rainha Guinevere se tornou freira em Almesbury.

Em muitas partes da Inglaterra, há quem diga que o Rei Arthur não morreu, mas, por vontade de Nosso Senhor Jesus, foi para outro lugar de onde voltará e conquistará a santa cruz. Eu não diria que assim será; prefiro dizer que, aqui, neste mundo, mudou de vida. Muitos, porém, dizem que em sua sepultura está escrito este verso: HIC JACET ARTHURUS, REX QUONDAM, REXQUE FUTURUS. Neste ponto, deixo Sir Bedevere com o eremita que, por essa época, vivia em uma capela perto de Glastonbury, onde ficava sua ermida. E os dois viveram entregues a suas orações, seus jejuns e em grande abstinência. Quando a Rainha Guinevere soube que o Rei Arthur tinha morrido, e também todos os nobres cavaleiros, Sir Mordred e todos os demais, saiu discretamente, acompanhada por cinco damas, e se dirigiu a Almesbury. Ali tornou-se freira, vestiu roupas brancas e pretas, assumiu grandes penitências, como jamais fizera nenhuma dama pecadora neste mundo, e não houve quem a pudesse alegrar. Levou uma vida dedicada ao jejum, à oração e às obras de caridade, e todos se assombravam ao ver como havia mudado, tomando o caminho da virtude. Deixemos agora a Rainha Guinevere em Almesbury, freira de hábito branco e preto, onde chegou a ser abadessa e superiora, como seria de se esperar. Deixemo-la, pois, e falemos de Sir Lancelote do Lago.



CAPÍTULO VIII

Como, ao ter notícias da morte do Rei Arthur e de Sir Gawaine, além de outras questões, Sir Lancelote regressou à Inglaterra.

Ao receber, em seu país, a notícia de que Sir Mordred se havia coroado rei da Inglaterra e estava em guerra contra o Rei Arthur, seu próprio pai, tentando impedir que ele desembarcasse em suas terras, e também havia sitiado a Torre de Londres porque a rainha não queria desposá-lo, Sir Lancelote ficou extremamente enfurecido e disse a seus parentes: Ai, esse duplo traidor, Sir Mordred! Como lamento que ele tenha escapado de minhas mãos, pois muita injúria vem fazendo a meu senhor Arthur. Pela sofrida carta que me enviou Sir Gawaine, que Deus tenha piedade de sua alma, sinto que meu senhor Arthur está enfrentando grandes dificuldades. Ai, que tristeza viver para saber que o mui nobre rei que me sagrou cavaleiro está sendo sobrepujado por um súdito em seu próprio reino. Quanto a esta sofrida carta que Sir Gawaine me enviou antes de morrer, rogando-me que visite sua sepultura, sabei que nada jamais apagará suas dolorosas palavras de meu coração, pois ele foi um cavaleiro valoroso como jamais houve outro. Maldita a hora em que nasci para ter a desventura de matar, antes de Sir Gawaine, Sir Gaheris, o bom cavaleiro, e meu amigo Sir Gareth, aquele nobre cavaleiro. Ai, posso dizer que sou desafortunado, acrescentou Sir Lancelote, por ter feito isso de forma tão infeliz, e talvez jamais consiga matar Sir Mordred, esse traidor!

Deixai de queixas, disse Sir Bors, e vingai primeiro a morte de Sir Gawaine. E justo será que visiteis seu sepulcro. Depois, tratai de vingar meu senhor Arthur e minha senhora, a Rainha Guinevere. Eu vos agradeço por isso, respondeu o Cavaleiro do Lago, pois sempre desejais minha honra.

Então, todos se prepararam o mais depressa que puderam, com navios e galeras, para que Sir Lancelote e seu exército partissem para a Inglaterra. Cruzaram o mar até Dover, onde ele desembarcou com sete reis e uma quantidade assustadora de homens de armas. Lá chegando, perguntou à gente da terra o que tinha acontecido com o Rei Arthur. Contaram-lhe então como ele havia sido morto e que Sir Mordred e mais cem mil homens haviam morrido naquele dia. Contaram-lhe ainda como Sir Mordred enfrentou o monarca naquele mesmo local, no momento de seu desembarque, e que foi ali que caiu o bom Sir Gawaine. Disseram-lhe também que, pela manhã, Sir Mordred lutou contra o rei na planície de Barham e foi vencido pelo soberano. Ai, exclamou Sir Lancelote, estas são as mais dolorosas notícias que já recebi. Agora, gentis senhores, mostrai-me a

sepultura de Sir Gawaine. Então, alguns habitantes da cidade o levaram ao castelo de Dover e lhe mostraram o local da tumba. Ali, Sir Lancelote se ajoelhou, chorou e rezou fervorosamente pela alma de Sir Gawaine. Naquela noite, fez uma homenagem ao cavaleiro morto e todos os que a ela compareceram puderam dispor de carne, peixe, vinho e cerveja, e cada homem e cada mulher, fossem eles quem fossem, recebeu 12 pence. Trajando luto, Sir Lancelote distribuiu esse dinheiro com as próprias mãos. O cavaleiro não parava de chorar e pediu a todos que rezassem pela alma de Sir Gawaine. Pela manhã, todos os clérigos e capelães que existiam no país foram até lá para celebrar a missa de réquiem, e o primeiro a fazer uma oferta foi Sir Lancelote, com a quantia de cem libras. Depois dele, os sete reis ofereceram quarenta libras cada um e os mil cavaleiros presentes ofereceram uma libra cada. A cerimônia das oferendas se estendeu da manhã até a noite, e Sir Lancelote passou duas noites sobre a sepultura de Sir Gawaine, em pranto e orações. No terceiro dia, chamou reis, duques, condes, barões e cavaleiros e lhes disse: Meus gentis senhores, agradeço a todos por terem vindo comigo a este país, no entanto, chegamos tarde demais, o que lamentarei pelo resto da vida. Contra a morte, porém, ninguém pode se rebelar, mas, já que é assim, quero ir à procura de minha senhora a Rainha Guinevere, pois, pelo que ouvi dizer, ela passou por grandes sofrimentos e muita angústia. Soube também que ela fugiu em direção ao poente, portanto, esperai todos por mim aqui e, se eu não estiver de volta em 15 dias, pegai vossas embarcações e vossos homens e regressai a vosso país, pois vou fazer exatamente o que vos disse.



CAPÍTULO IX

Como Sir Lancelote saiu à procura da Rainha Guinevere e como a encontrou em Almesbury.

Então, Sir Bors de Ganis se aproximou e disse: Meu senhor Lancelote, o que pretendeis fazer? Cavalgar por este reino? Sabei que, agora, aqui encontrareis poucos amigos. Seja como for, retrucou o Cavaleiro do Lago, esperai por mim aqui, pois quero fazer essa jornada e nenhum homem ou mancebo haverá de vir comigo. De nada valeu insistir: ele partiu rumo ao poente e passou sete ou oito dias à procura da Rainha Guinevere. Por fim, chegou a um convento de freiras onde ela o viu quando ele entrava no claustro. Ao vê-lo, a rainha desmaiou três vezes, e todas as damas e donzelas tiveram muita dificuldade em mantê-la de pé. Quando conseguiu falar, ela chamou aquelas damas e donzelas e lhe disse: Estais surpresas com o estado em que me encontro, gentis senhoras? Na verdade, isto se deve à visão daquele cavaleiro que ali está. Portanto, rogo-vos que o tragais à minha presença.

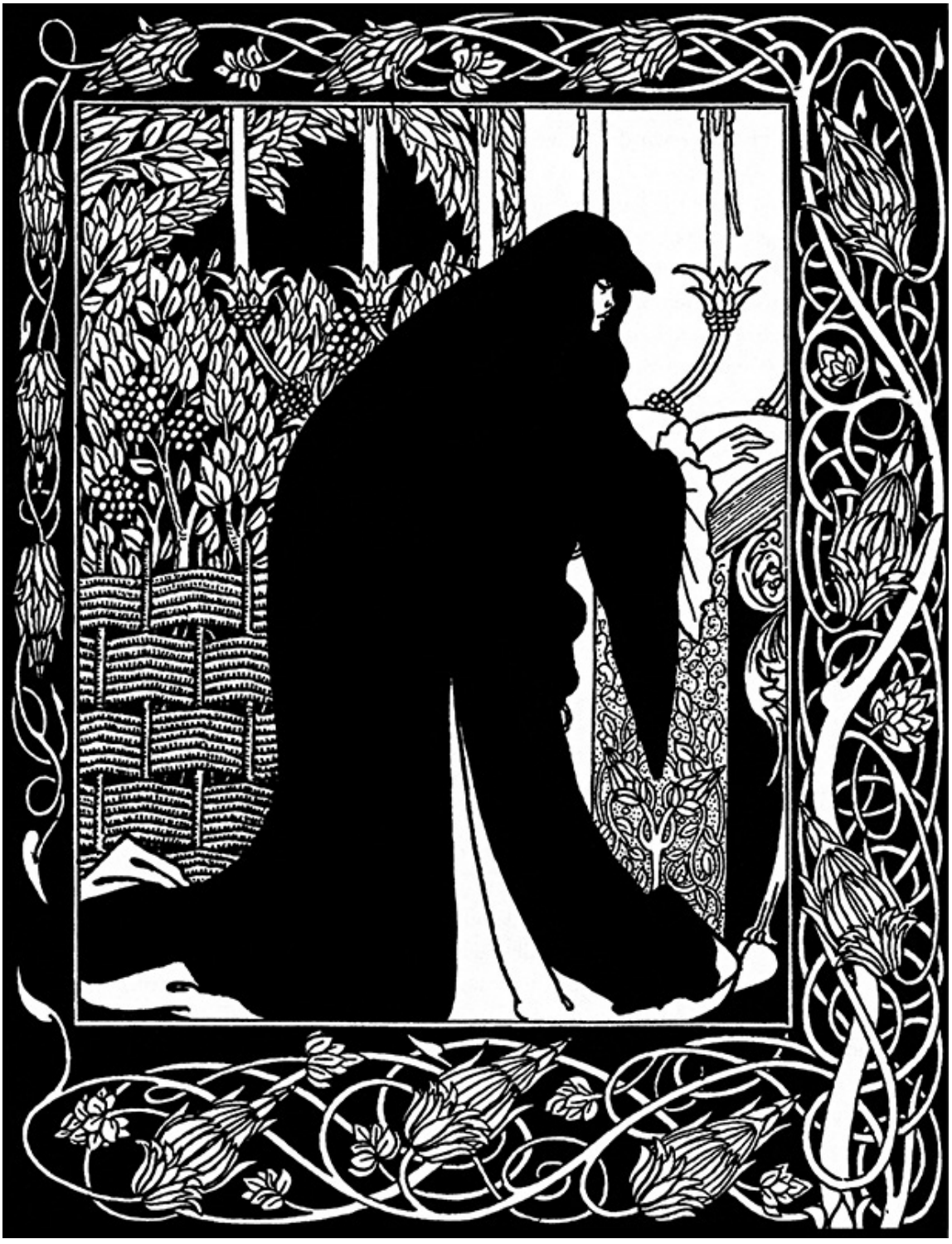
Quando Sir Lancelote estava à sua frente, Guinevere acrescentou, dirigindo-se a todas as senhoras presentes: Foi por este homem e por mim que esta guerra aconteceu e, nela, morreram os mais nobres cavaleiros do mundo, pois, pelo amor que existiu entre nós dois, meu mui nobre senhor foi morto. Sabei, Sir Lancelote, que fiz os votos para obter a salvação de minha alma e tenho fé que, pela graça de Deus, depois de minha morte poderei ter uma visão do bendito rosto de Cristo e, no dia do juízo final, hei de me sentar à sua direita, pois há no céu santas tão pecadoras quanto eu mesma fui. Portanto, Sir Lancelote, peço-vos e suplico vivamente, por todo o amor que tivemos um pelo outro, que não volteis a olhar meu rosto; ordeno-vos, em nome de Deus, que renuncieis a minha companhia e regresseis a vosso reino para protegê-lo de toda guerra e de todo dano. Assim como vos amei, assim também meu coração não precisa mais vos ver, já que, por vós e por mim, foi destruída a flor dos reis e dos cavaleiros. Retornai pois a vosso reino, Sir Lancelote. Lá chegando, tomai esposa e vivei com ela uma vida de alegria e de satisfação. Do fundo do coração, eu vos peço que rezeis por mim a Nosso Senhor, para que os erros de minha vida possam ser reparados. Doce senhora, disse o cavaleiro, quereis que eu volte a meu país e lá me case com uma dama? Não, senhora, bem sabeis que jamais farei tal coisa, pois nunca quebrarei as promessas que vos fiz. Portanto, hei de seguir o mesmo destino que escolhestes, para agradar a Jesus e também porque, por vós, quero me entregar especialmente à

oração. Se é o que desejais, respondeu a rainha, mantende vossa promessa mas creio que voltareis ao mundo outra vez. Podeis dizer o que quiserdes, minha senhora, retrucou Sir Lancelote, no entanto, sabei que jamais faltei com minha promessa, e que Deus me guarde, mas devo abandonar o mundo como fizestes. Ao longo da demanda do Santo Graal, eu teria abandonado as vaidades do mundo se não fosse por vosso amor, e se, naquela ocasião, eu tivesse agido de coração, vontade e pensamento, teria sobrepujado todos os cavaleiros que participavam dessa demanda, a não ser meu filho, Sir Galahad. Portanto, senhora, já que vos haveis entregado à perfeição, o mesmo devo fazer necessariamente, pois Deus é testemunha de que convosco tive toda minha alegria terrena e, se vos tivesse encontrado disposta a fazê-lo, haveria de vos ter ao meu lado em meu próprio reino.

CAPÍTULO X

Como Sir Lancelote se dirigiu ao eremitério onde se encontrava o arcebispo de Canterbury, e como ele próprio tomou o hábito religioso.

No entanto, prosseguiu Sir Lancelote, já que esta é vossa disposição, eu vos asseguro que desejo me consagrar à penitência e rezar enquanto durar minha vida se puder encontrar algum eremita, de hábito cinza ou branco, que aceite me receber. Portanto, senhora, rogo-vos que me beijeis agora para nunca mais. Não, retrucou a rainha, isso é algo que não farei, e abstende-vos de tais atitudes. Assim, pois, os dois se separaram, mas jamais existiu homem de coração tão duro que não tivesse chorado ao ver o sofrimento por que ambos passaram: lamentaram-se como se houvessem sido feridos com lanças e, por diversas vezes, perderam os sentidos. Diante disso, as damas levaram a rainha para seu quarto.



Depois de se recobrar, Sir Lancelote pegou seu cavalo e passou todo aquele dia e aquela noite cavalgando por uma floresta, sempre chorando. Por fim, avistou uma ermida e uma capela situadas entre dois penhascos. Logo a seguir, ouviu os sons de um pequeno sino chamando para a missa. Dirigiu-se então para lá, apeou-se, amarrou o cavalo na entrada e assistiu ao ofício. Quem celebrava era o bispo de Canterbury. Tanto o religioso quanto Sir Bedevere reconheceram o Cavaleiro do Lago e foram falar com ele terminada a missa. Mas, depois que Sir Bedevere lhe contou tudo que havia acontecido, seu coração quase se partiu de tanto sofrimento. Ai, quem pode fiar-se neste mundo!, exclamou ele, abrindo os braços. Pôs então um joelho no chão e pediu ao bispo que o confessasse e lhe desse a absolvição. Em seguida, lhe suplicou que o aceitasse como seu irmão. Aceito, de muito bom grado, respondeu o bom homem. Entregou então um hábito a Sir Lancelote, que ali serviu a Deus, noite e dia, com orações e jejuns.

Nesse ínterim, seu grande exército esperava por ele em Dover, até que Sir Leonel, fazendo-se acompanhar por 15 senhores, foi a Londres para procurá-lo e foi morto naquela cidade, juntamente com muitos dos que o acompanhavam. Então, Sir Bors de Ganis mandou que a grande hoste voltasse para casa, ao passo que ele próprio, juntamente com Sir Hector de Maris, Sir Blamore, Sir Bleoberis e outros tantos da linhagem de Sir Lancelote, empenharam-se a cavalgar por toda a Inglaterra no intuito de procurá-lo. Depois de muito viajar, Sir Bors chegou por fortuna ao mesmo eremitério onde se encontrava Sir Lancelote. Ao ouvir soar um pequeno sino chamando para a missa, ele se apeou e assistiu ao ofício. Terminada a missa, o bispo, Sir Lancelote e Sir Bedevere se aproximaram e, quando Sir Bors viu Sir Lancelote usando aquelas vestes, rogou ao bispo que lhe permitisse portá-las também. Tendo recebido o hábito, ele passou a viver naquele local, dedicado a rezas e jejuns. Ao cabo de meio ano, ali chegaram Sir Galihud, Sir Galihodin, Sir Blamore, Sir Bleoberis, Sir Villiars, Sir Clarrus e Sir Gahalantine, e estes sete cavaleiros pararam naquela ermida. Quando viram Sir Lancelote dedicado a tamanha perfeição, não tiveram nenhum desejo de partir e acabaram tomando o mesmo hábito que ele.

Viveram assim, em grande penitência, por seis anos, quando Sir Lancelote recebeu do bispo as vestes de capelão e 12 meses depois passou a celebrar missas. Não havia nenhum daqueles cavaleiros que não lesse livros sagrados, ajudasse na celebração das missas, fizesse soar os sinos e realizasse humildemente todo tipo de serviços. Seus cavalos tomaram o rumo que bem entenderam, pois eles já não davam importância alguma às riquezas mundanas. Isso porque, ao verem Sir Lancelote suportar tal penitência, entre jejuns e orações, deixaram de se importar com as penas que aguentavam, uma vez que o mais nobre cavaleiro do mundo se dedicava a tal ponto à abstinência que já havia emagrecido muito. Certa noite, Sir Lancelote teve uma visão que lhe recomendou que, para remissão de

seus pecados, não tardasse a seguir para Almesbury. Lá chegando, disse-lhe a visão, encontrarás a Rainha Guinevere morta. Leva portanto teus companheiros contigo, arranja liteiras puxadas por cavalos e traz seu cadáver para ser sepultado junto a seu esposo, o nobre Rei Arthur. E tal visão lhe apareceu três vezes em uma única noite.

CAPÍTULO XI

Como Sir Lancelote foi com seus sete companheiros até Almesbury e lá encontrou a Rainha Guinevere morta, trazendo então seu corpo para Glastonbury.

Então, Sir Lancelote se levantou antes do amanhecer e contou ao ermitão o que havia acontecido. Pois bem, preparai-vos, respondeu o bom homem. Não desobedeceis à visão que tivestes. Assim, pois, chamou seus sete companheiros e o grupo percorreu a pé a distância de Glastonbury a Almesbury, que é de pouco mais de trinta milhas. Alcançaram seu destino em dois dias, pois estavam magros e fracos para caminhar e, quando chegaram ao convento, a Rainha Guinevere havia morrido meia hora antes. As damas contaram a Sir Lancelote que, antes de expirar, a rainha lhes dissera que ele era capelão havia cerca de 12 meses. Ele está vindo para cá, disse ela, o mais depressa que pode, para levar meu cadáver, que será enterrado junto ao de meu senhor, o Rei Arthur. Suplico a Deus todo-poderoso, acrescentou ela, que eu não volte a ver Sir Lancelote com meus olhos terrenos. Então, o cavaleiro fitou seu rosto, mas não chorou, limitando-se a suspirar. Ele próprio realizou toda a observância do serviço: à noite, o responsório, e, pela manhã, a missa. Mandaram vir liteiras puxadas por cavalos e, nelas, cem tochas que permaneceram acesas ao redor do cadáver da rainha. Sir Lancelote e seus sete companheiros seguiram a pé, cantando, lendo muitas santas orações e embalsamando o corpo com incenso. Assim foi o trajeto que fizeram a pé de Almesbury a Glastonbury.

Quando chegaram à capela e ao eremitério, foi rezado um responsório com muita devoção. Pela manhã, o ermitão que fora outrora bispo de Canterbury celebrou a missa de réquiem também com muita devoção. Sir Lancelote foi o primeiro a fazer oferendas, no que foi seguido por seus sete companheiros. Feito isso, o corpo de Guinevere foi envolto, da cabeça aos pés, por trinta vezes, em um tecido encerado de Raines; em seguida, foi posto em uma lâmina de chumbo e, finalmente, em um ataúde de mármore. Quando a depositaram na terra, Sir Lancelote perdeu os sentidos e ficou deitado ali um bom tempo, sem se mover. O eremita então se aproximou, ajudou-o a se recobrar, e lhe disse: Mereceis reprovação, pois desagradais a Deus com tais demonstrações de sofrimento. Na verdade, retrucou ele, confio que não estarei desagradando a Deus, porque Ele conhece minha intenção. Meu sofrimento não foi, nem é, motivado por qualquer sentimento pecaminoso, mas é algo que não pode ter fim, pois quando me lembro da beleza e da nobreza que havia nela e em seu rei, e ver agora os cadáveres de

ambos lado a lado, na verdade, meu coração não conseguiu sustentar meu corpo aflito. Quando me lembro ainda que, por minha culpa, por meu orgulho e minha soberba, esses dois, que não tinham rivais entre todos os cristãos que já existiram, desceram tão baixo; sabei que, quando me lembrei disso, de sua bondade e de meu desamor, meu coração fraquejou tanto que não consegui me manter de pé. Isso é o que relata o livro francês.



CAPÍTULO XII

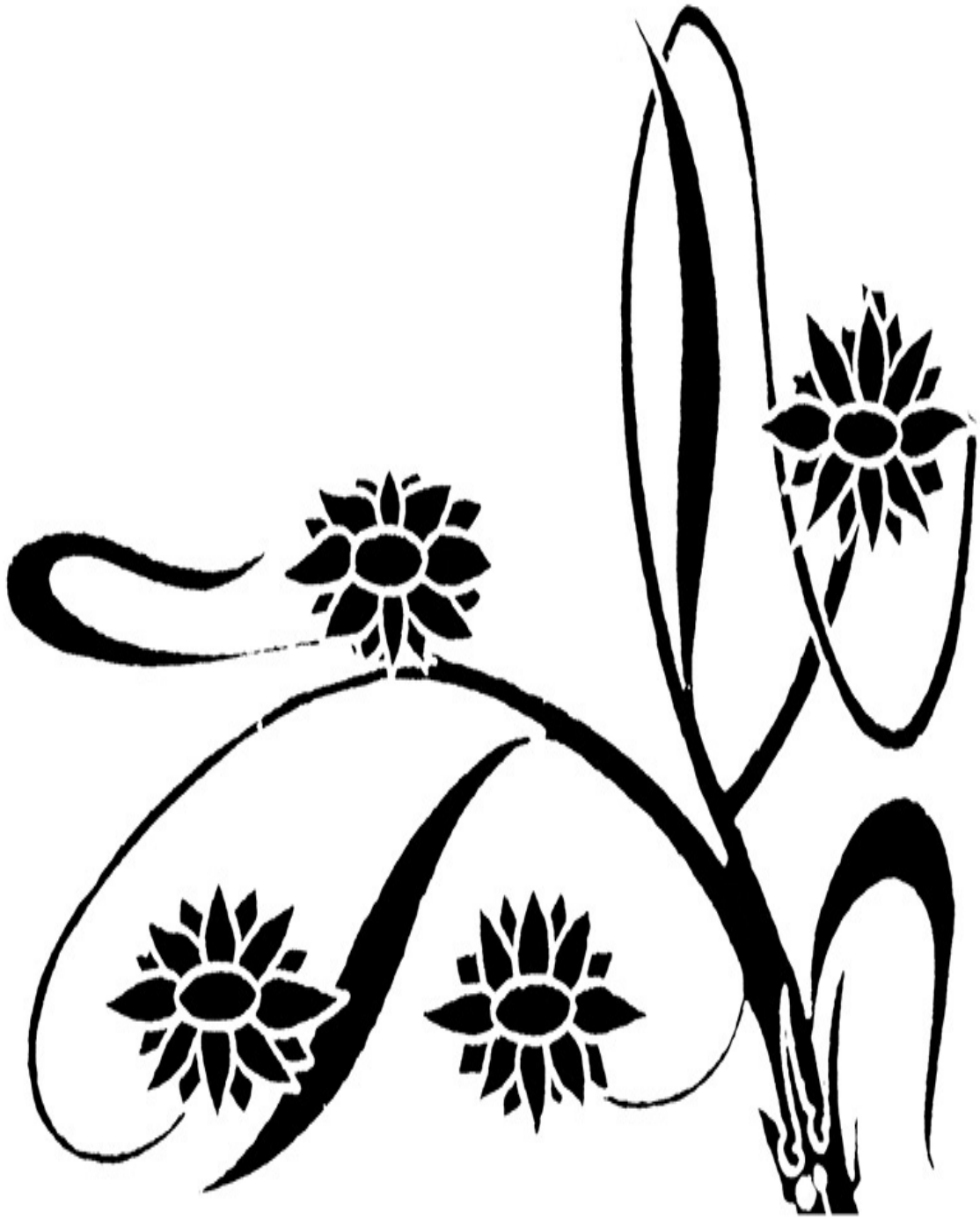
Como Sir Lancelote acabou por adoecer e, depois de morto, teve o corpo transportado para ser sepultado no castelo da Guarda Alegre.

A partir desse dia, Sir Lancelote passou a beber e comer muito pouco, até que morreu, pois foi emagrecendo cada vez mais e acabou secando, se consumindo. Nem o bispo nem nenhum de seus companheiros conseguia fazê-lo comer, e bebia tão pouco que encolheu um côvado de sua estatura. Quase não se podia reconhecê-lo. E rezava constantemente, dia e noite, embora às vezes adormecesse, mas tinha um sono inquieto. Estava sempre estirado de bruços sobre a sepultura do Rei Arthur e da Rainha Guinevere, e o bispo, Sir Bors e seus companheiros não tinham meios de consolá-lo. Seis semanas mais tarde, Sir Lancelote caiu doente, ficando prostrado na cama. Mandou então chamar o bispo que era eremita e todos seus leais companheiros e disse, com um fio de voz: Senhor bispo, rogo-vos que me deis todos os ritos que convêm a um cristão. Não tendes necessidade disso, responderam todos. É apenas vosso sangue que está pesado e amanhã já estareis recuperado, pela graça de Deus. Meus gentis senhores, disse Sir Lancelote, bem sabeis que meu atribulado corpo anseia por estar na terra. Estou mais consciente do que nunca, portanto, administrai os ritos. Depois de se confessar e de receber a extrema-unção, com tudo o mais que deve receber um cristão, pediu ao bispo que desse permissão para que seus companheiros levassem seu corpo para a Guarda Alegre. Uns dizem que ele estava em Alnwick, outros, que estava em Bamborough. Embora muito me arrependa agora, disse Sir Lancelote, em outros tempos prometi que seria enterrado na Guarda Alegre e, para não quebrar tal promessa, eu vos rogo que me leveis até lá. Seus companheiros choravam e se retorciam as mãos.

A certa altura da noite, foram para suas camas, pois todos dormiam em um mesmo quarto. Depois da meia-noite, mas antes do amanhecer, o bispo que era eremita, ainda dormindo em sua cama, começou a rir alto e chegou a acordar todos os outros. Aproximaram-se dele e lhe perguntaram o que estava acontecendo. Valha-me Jesus!, exclamou o religioso. Por que me despertastes? Nunca na vida me senti tão feliz e tão à vontade. Como assim?, perguntou Sir Bors. Na verdade, comigo estava Sir Lancelote acompanhado por tantos anjos como jamais vi nenhum grupo de homens em um dia. Eles subiam ao céu com Sir Lancelote e as portas do céu se abriam à sua frente. Isso não passa de fingimento como acontece nos sonhos, retrucou Sir Bors, pois tenho certeza de que Sir Lancelote está bem e nada está acontecendo com ele. Pode ser, disse o bispo. Ide até ele e sabereis a

verdade. Quando Sir Bors e seus companheiros foram até o leito de Sir Lancelote, encontraram-no morto, com um semblante que parecia sorrir e, ao seu redor, sentia-se o mais doce odor que jamais haviam sentido antes.

Todos então se puseram a chorar, a retorcer as mãos, lamentando-se como homem algum fizera antes. Pela manhã, o bispo celebrou sua missa de réquiem e, depois, os nove cavaleiros puseram o corpo na mesma liteira puxada por cavalos em que a Rainha Guinevere havia sido transportada antes de ser enterrada. Todos juntos, acompanhados do bispo, partiram levando Sir Lancelote até a Guarda Alegre, com cem tochas sempre ardendo ao seu redor. Quinze dias depois, chegaram à Guarda Alegre, onde depositaram o cadáver no coro da capela, cantaram, leram muitos salmos e orações sobre ele. Haviam deixado seu rosto descoberto para que todos pudessem vê-lo, já que este era o costume da época: os homens de mérito deviam jazer com o rosto descoberto até o momento de serem enterrados. Enquanto prosseguiam com o serviço, chegou Sir Hector de Maris, que vinha procurando seu irmão, Sir Lancelote, por toda Inglaterra, Escócia e Gales havia sete anos.



CAPÍTULO XIII

Como Sir Hector encontrou o irmão, Sir Lancelote, morto; como Constantino subiu ao trono, sucedendo ao Rei Arthur, e o fim deste livro.

Ao ouvir aquelas vozes e ver aquelas luzes no coro da capela da Guarda Alegre, Sir Hector se apeou, afastou seu cavalo e entrou no local. Viu ali homens cantando e chorando, e todos o reconheceram, embora ele não tenha reconhecido ninguém. Então, Sir Bors foi em sua direção e lhe disse que o morto que jazia ali era seu irmão, Sir Lancelote. Sir Hector atirou longe o escudo, a espada e o elmo, e, quando viu o rosto de seu irmão, caiu desvanecido. Não existem palavras que possam descrever os dolorosos lamentos que proferiu por Sir Lancelote quando recobrou os sentidos. Ah, Lancelote!, exclamou ele, fostes o maior de todos os cavaleiros cristãos e, agora, ouso dizer, Sir Lancelote, aqui onde jazeis, que jamais fostes igualado pela mão de nenhum cavaleiro terreno. Fostes o cavaleiro mais cortês que já portou um escudo. Fostes o amigo mais leal para com sua amada que já montou a cavalo. Fostes o mais fiel amante entre os pecadores que já amaram uma mulher. Fostes o homem mais gentil que já feriu com a espada. Fostes a mais garbosa pessoa que já entrou em um grupo cerrado de cavaleiros. Fostes o homem mais modesto e gentil que já comeu em um salão entre damas. Fostes o cavaleiro mais feroz contra um inimigo mortal que já enristou uma lança.

Então, houve ali muito choro e muita dor. Mantiveram assim o cadáver de Sir Lancelote por 15 dias e, depois, enterraram-no com grande devoção. Então, postos em sossego, acompanharam o bispo de Canterbury até seu eremitério, onde permaneceram por mais de um mês. Nessa época, Constantino, filho de Sir Cador da Cornualha, foi escolhido para ser rei da Inglaterra. Tratava-se de um mui nobre cavaleiro que governou honrosamente este reino. O novo rei mandou chamar o bispo de Canterbury, pois lhe haviam dito onde ele se encontrava, e este deixou a ermida e foi restabelecido em seu bispado. Já Sir Bedevere permaneceu no eremitério, levando uma vida de eremita até o fim de seus dias. Então, Sir Bors de Ganis, Sir Hector de Maris, Sir Gahalantine, Sir Galihud, Sir Galihodin, Sir Blamore, Sir Bleoberis, Sir Villiars le Valiant e Sir Clarrus de Clermont regressaram todos a seus países. Embora o Rei Constantino tenha querido mantê-los consigo, nenhum deles quis permanecer neste reino e viveram todos em seus países como homens santos. Alguns livros ingleses dizem que eles não deixaram a Inglaterra depois da morte de Sir Lancelote, mas isso não passa de parcialidade de seus autores, pois o livro francês, que é autorizado, relata que Sir Bors, Sir

Hector, Sir Blamore e Sir Bleoberis foram para a Terra Santa, onde Jesus padeceu suplício e morte, e pacificaram suas terras. Na verdade, diz o livro que, antes de deixar este mundo, Sir Lancelote mandou que assim fizessem, e estes quatro cavaleiros enfrentaram muitas batalhas contra os turcos e os infiéis. Lá morreram, em uma Sexta-feira Santa, por amor a Deus.

Aqui termina o livro inteiro do Rei Arthur e de seus nobres cavaleiros da Távola Redonda, que, todos juntos, foram em número de 140. E aqui se encerra a morte de Arthur. Rogo-vos a todos, gentis-homens e damas, lerem este livro de Arthur e de seus cavaleiros do princípio ao fim, que rogueis por mim enquanto estou vivo, para que Deus me envie boa liberação, e, depois de minha morte, rogo a todos vós que rezeis por minha alma. Este livro foi concluído no nono ano do reinado do Rei Eduardo IV, por Sir Thomas Malory, cavaleiro, com a ajuda de Jesus por Seu grande poder, sendo ele servo de Jesus dia e noite.

Assim termina este nobre e alegre livro intitulado *A morte de Arthur*. No entanto, ele trata do nascimento, da vida e das proezas do referido rei, de seus valorosos cavaleiros da Távola Redonda, de suas maravilhosas empreitadas e aventuras, da demanda do Santo Graal e, finalmente, da dolorosa morte e partida deste mundo de todos eles. Este livro foi passado para o inglês por Sir Thomas Malory, cavaleiro, como já se disse antes, e por mim dividido em 21 livros, capitulado, impresso e concluído na abadia de Westminster no último dia de julho do ano de Nosso Senhor de MCCCCLXXXV.

Caxton me fieri fecit.

